UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

BRAGA

Igreja e Império na *Cronografia* de Teófanes Confessor
A interpretação da História no tempo da crise iconoclasta
(com uma versão portuguesa em Apêndice)

Tese de Doutoramento apresentada à
Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de doutor em
Estudos da Religião

André Emanuel Vieira Antunes

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

ABRIL 2022

CATÓLICA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
BRAGA

Igreja e Império na *Cronografia* de Teófanes Confessor
A interpretação da História no tempo da crise iconoclasta
(com uma versão portuguesa em Apêndice)

Tese de Doutoramento apresentada à
Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de doutor em
Estudos da Religião

André Emanuel Vieira Antunes

Sob a Orientação do
Prof. Doutor **José Carlos de Miranda**

Sob a Coorientação do
Prof. Doutor **Manuel Gonçalves Sumares Júnior**

Resumo

A presente dissertação propõe-se abordar a *Cronografia* de Teófanes Confessor, obra essencial para se estudar os séculos VIII e IX do Oriente Cristão. O principal foco de análise prende-se com as relações entre Império e Igreja durante a Querela das Imagens. Pretende-se estudar como o Iconoclasmo simultaneamente influenciava e era influenciado pelas relações entre a esfera imperial, a hierarquia eclesiástica, o mundo monástico e a religiosidade popular da época. Para o efeito, procede-se, na primeira parte, a uma análise histórica do período iconoclasta (*cc*. 730-843), estudando-se os principais personagens envolvidos e as problemáticas próprias do Império Romano Oriental. Na segunda parte, debruçamo-nos sobre a causação teológica e cultural do Iconoclasmo propriamente dito, procurando descortinar fatores internos e externos para explicar o seu aparecimento agudo nesta altura. A teologia cristológica, as mutações no Califado e as perspetivas escatológicas serão as principais ferramentas para estudarmos o fenómeno. Por fim, na terceira parte da tese, estudam-se os problemas filológicos próprios da *Cronografia* de Teófanes, antes de passarmos para uma análise da obra em si. Apresentamos ainda, em anexo, uma tradução nossa da *Cronografia.*

Abstract

The following Phd dissertation aims at studying Theophanes the Confessor´s *Chronography*, an essencial work for the study of the VIII and IX Eastern Christian centuries. The main goal of analysis focuses in the relations between Empire and Church during the Controversy over Images. One intends on studying how Iconoclasm simultaneously influenced and was influenced by the relations between the imperial sphere, the ecclesiastical hierarchy, the monastic milieu and the popular religious beliefs of the time. For such a purpose, it is pursued, in the first part, an historical analysis of the iconoclastic period (*cc*. 730-843) by studying the main actors involved and the issues typical of the Eastern Roman Empire. In the second part, we devot ourselves to the theological and cultural causation of Iconoclasm proper, trying to distinguish internal an external factors in order to explain its acute appearance in this time. The main tools for the study of the phenomenon are the theological christology, the changes on the Caliphate and eschatological expectations. Lastly, in the third part of the thesis, philological problems typical of Theophanes´ *Chronography* are accessed before proceeding to an analysis of the work itself. We also submit, as an appendix, a translation of the *Chronography*.

Índice

Introdução 11
1) Objetivos da presente dissertação 11
2) São Téofanes Confessor – resenha biográfica 15
A evolução das relações entre Igreja e Estado ao longo do período Iconoclasta 21
1) Leão III e o início da Querela 21
1.1) A Questão da Porta de Bronze 21
1.2) O início político do iconoclasmo: o édito imperial de 726 31
1.3) As revoltas no tempo de Leão III e a não cooperação papal 41
1.4) As origens geográficas do iconoclasmo 45
2) o reinado de Constantino V e o agudizar das perseguições 50
2.1) A consolidação do poder e o Concílio de Hiéria 50
2.2) As perseguições monásticas e as origens da resistência iconófila 56
2.3) A submissão do espiritual ao temporal 63
2.4) A reação ocidental 66
3) O fim do primeiro iconoclasmo 72
3.1) Leão IV e Irene 72
3.2) O Segundo Concílio de Niceia 79
3.3) A receção carolíngia: os *Libri Carolini* 83
3.4) Monaquismo ocidental, monaquismo oriental e problemáticas em torno do conceito de iconoclasmo 87
4) O interregno iconódulo 91
4.1) Atritos entre mãe e filho: a Questão Adúltera 91
4.2) As consequências da Querela Adúltera: o Sínodo de Constantinopla 95
4.3) A questão dos exilados búlgaros e o extremar de posições 100
5) O segundo iconoclasmo 104
5.1) Leão V e o regresso das políticas iconoclastas 104
5.2) A ascensão de Miguel II e a revolta de Tomás o Eslavo 110
5.3) O Ocidente latino e o segundo iconoclasmo 113
5.4) Teófilo e a arquitetura iconoclasta 117
5.5) Teófilo: o último imperador iconoclasta 121
5.5) O Triunfo da Ortodoxia 123
A teologia iconoclasta e a problemática da sua origem e desenvolvimento 131
1) Teologia iconoclasta 131

1.1) Dois problemas de investigação 131
1.2) Imprecisões doutrinais 133
1.3) Entre o símbolo e o signo 138
1.4) A doutrina eucarística dos iconoclastas 148
1.5) A Hipóstase de Cristo e a sua representação 154
1.6) A teoria ética iconoclasta 157
1.7) O Segundo Concílio iconoclasta e a viragem aristotélica 164
1.8) Iconoclasmo e arianismo 169
2) Iconoclasmo: influência islâmica? 173
2.1) A hipótese das influências semitas 173
2.2) Cristão, judeus, muçulmanos e judeo-cristãos 174
2.3) Influência interna ou externa? 181
2.4) O iconoclasmo islâmico e a dinastia omíada 184
2.5) A influência persa e a dinastia abássida 194
3) Iconoclasmo: influência helenística? 200
3.1) O modelo da ascensão e queda das imagens 200
3.2) O imperador: monarca absoluto ou republicano? 205
3.3) A imagem eusebiana do imperador 212
4) Iconoclasmo e escatologia 220
4.1) A escatologia enquanto ferramenta de investigação 220
4.2) Entre a *virga* de Moisés e o trono celeste 223
4.3) O império: perene ou condenado? 228
4.4) A Lenda do Último imperador Romano 231
4.5) O último imperador Romano e o Islão 235
4.6) Uma escatologia iconoclasta? 240
Uma leitura da *Cronografia* de Teófanes à luz da relação entre Império e Igreja 247
1) O género cronográfico-cronístico 247
1.1) Particularidades do género cronográfico-cronístico 247
1.2) Adão: pessoa histórica ou símbolo? 250
1.3) O fim do mundo e o sétimo milénio 255
1.4) Escatologia no Oriente e no Ocidente 259
1.5) A relação entre a Seleta Cronográfica e a Cronografia 266
2) A *Seleta Cronográfica* de Jorge Sincelo 272
2.1) Quem foi Jorge Sincelo? 272
2.2) A Seleta Cronográfica: fontes 278

2.3) A *Seleta Cronográfica*: o prefácio 283
2.4) A serpente falante, os Gigantes, o Dilúvio e o primeiro império 288
2.5) Desde Abraão até ao império Romano 295
3) A *Cronografia* de Teófanes 301
3.1) Uma narrativa iconográfica 301
3.2) A macro-estrutura da obra e as suas fontes 306
3.3) O reinado de Constantino I 315
3.4) Perseguição sob os Arianos 321
3.5) A Igreja em convulsão: entre Nestorianismo e Monofisimo 324
3.6) Justiniano I: o imperador socorrista 331
3.7) A guerra sacra 336
3.8) O Sexto Concílio Ecuménico e a função cristã do imperador 344
Conclusão 355
Bibliografia 365

Introdução

1) Objetivos da presente dissertação

A *Cronografia* de São Teófanes é o documento primário principal para a historiografia dos séculos VIII e IX do chamado império bizantino, assim como de parte significativa das regiões do próximo e médio Oriente. No dizer de Cyril Mango e Roger Scott,

> "The Chronicle that goes under the name of Theophanes Confessor (d. 818) is a major source for the history not only of the East Roman or Byzantine Empire, but also for that of the Near East after the Arab conquest. That is not to say that its value is uniform for the entire period it covers, namely from AD 284/5 to 813. Roughly its first half in terms of pages of text, from AD 284/5 to 602, is based on sources that are, by and large, available to us in one form or another, although occasionally Theophanes does yield items of information that cannot be found elsewhere. From AD 602 to 813, however, Theophanes is for us a primary source in the sense that the writings he utilized have been almost entirely lost." MANGO & SCOTT 1997 V

É a última parte da obra, portanto, que nos transmite a informação a que temos acesso para os séculos em questão, constituindo-se como um dos poucos textos que nos permitem conhecer um período que é muitas vezes designado por "Idade das Trevas Bizantina"[1], acompanhado por uma fraca representação de fontes historiográficas. Por outro lado, estes séculos – sétimo, oitavo e nono – passaram por diversas transformações e mutações, que vieram a estruturar e a operar a transição para o que por vezes se designa por Período Médio da Idade Bizantina, no qual as características antigas e tardo-antigas da civilização do

[1] Expressão comummente usada na delimitação histórica do Império Romano Oriental. O Período das Trevas, assim, corresponderia à transição do Período Inicial para o Período Médio: *cf.* por exemplo, MANGO 1980 9-18, assim como MONTEIRO 2016 26.

Período Inicial teriam dado lugar a uma sociedade mais propriamente medieval. Trata-se, por isso, de uma época crucial, que faz com que a *Cronografia* de Teófanes seja um precioso material para a sua análise e compreensão.

No plano religioso, e mais concretamente para os séculos VIII e IX, assistimos ao desenrolar da denominada Querela das Imagens ou Iconoclasta, que atinge de tal forma as preocupações da época, que a controvérsia muitas vezes acaba por designar o próprio período. Foi a altura dos imperadores iconómacos, que perseguiam as imagens santas e definiam que o seu culto correspondia à idolatria. Altura essa que viu também a realização do Sétimo Concílio Ecuménico, em 787, a ascensão política dos Francos a Ocidente e, a Leste, o eventual estabelecimento do califado abássida. Todo um conjunto de fatores políticos, militares e económicos, assim, agiam sobre a área geográfica que outrora havia sido a civilização mediterrânica, estabelecendo-a em coordenadas novas e duradouras.

A presente tese de Doutoramento propõe-se abordar este período, tendo como objetivo principal uma análise à *Cronografia* de São Teófanes, focada na forma como, nela, se dispõem as relações entre Império e Igreja. De facto, as diversas transformações deram palco a violentas alterações na perceção religiosa e na forma como a mesma devia reger o culto dos fiéis, ao mesmo tempo que atestam várias tentativas para se estabelecerem governos e monarcas sólidos numa realidade cada vez mais pautada por guerras constantes. Como tal, importa ver em que medida é que poderá haver uma correlação, ou mesmo relação, entre as duas esferas: isto é, determinar se a Querela das Imagens é um reflexo das mutações seculares que ocorriam, se é uma sua consequência, ou mesmo se as novas tensões políticas não serão um produto de determinada forma de encarar o mundo, postas em relevo pelos acontecimentos coevos.

Surgiram-nos assim, quando nos propusemos indagar esta temática, diversas questões, a saber: a) como será que Teófanes vê e representa a relação entre Império e Igreja?; b) como é sentido o Iconoclasmo enquanto heresia que dilacerava o Império Romano?; c) como é representada a ascensão islâmica nesta altura, assim como o consolidamento da monarquia franca? Associada a estas

perguntas, levantámos também a premissa de que d) as transformações em questão poderão estar associadas as conceções escatológicas, que relacionem a chegada do Final dos Tempos de acordo com as tensões que se viviam, e que se projetavam num futuro simultaneamente próximo e distante. O nosso objetivo, como tal, é o de determinar como operava, sob a pena de Teófanes, a relação entre o poder político e a Igreja, procurando saber em que medida é que o iconoclasmo influenciaria essa relação. Pretende-se averiguar se o movimento não se prendia tão somente com assuntos teológicos, mas também, na sua aplicação histórica, com a forma como aquilo que é de César poderia estar a imiscuir-se com aquilo que é de Deus.

Propusemo-nos indagar o tema a dois níveis: por um lado, estudando estes séculos e procurando determinar se o iconoclasmo, de facto, teve um papel-chave na relação entre Império e Igreja[2]; por outro lado, conhecendo, pela leitura e análise da *Cronografia* de Teófanes, a forma como ele próprio percecionaria o assunto, isto é, como é que ele próprio deixaria perpassar, na obra, as relações a estudar. Considerámos que esta dupla faceta do nosso trabalho era necessária, na medida em que pensámos que uma mera análise do texto nos privaria do necessário contacto com a realidade empírica e histórica que lhe esteve subjacente, e sobre a qual foi modelado; além disso, uma mera análise histórica do período

[2] Fazer uma oposição entre Império e Igreja poderá remeter para a ideia segundo a qual se aborda, aqui, uma oposição entre duas esferas bem distintas e independentes, à maneira do que atualmente se define como a divisão entre "mundo secular" e "mundo religioso e espiritual". A mesma potencialidade anacrónica poderá surgir se se quiser ler estes dois campos na senda do que hoje se entende por uma dicotomia (ou mesmo confronto) entre Estado e Igreja, ou entre "esfera civil" e "esfera religiosa". Em boa verdade, e como é sabido, na sociedade romana oriental, como em todas as sociedades cristãs e cristianizadas, não existia uma oposição entre o que seria uma esfera laica e uma esfera religioso-eclesiástica, antes um *continuum* que ia desde a hierarquia da Igreja até ao cidadão comum, passando pelos grupos de orientação *stricto sensu* religiosa (*scil*. os monges e ascetas) e o poder político. Ao longo da presente dissertação poderá encontrar-se o que poderá parecer uma dicotomia entre a dimensão "secular" e a dimensão "espiritual" da sociedade bizantina. Mas isso ocorre tão somente por razões metodológicas, porquanto se pretende ver como um determinado elemento da sociedade (o imperial) se pretendia colocar de uma forma própria dentro da estrutura social e comunitária da época. Isso poderá criar a ilusão de que entendemos a História do período como uma "luta" entre duas entidades bem definidas, uma que tivesse uma cosmovisão propriamente cristã e uma outra que fosse laica, à maneira moderna. Tal não é a nossa intenção: mas consideramos, também, que isto vai ao encontro de um problema metodológico concreto, quando analisamos as relações entre os diversos setores das sociedades da época. Por fim, pedimos vénia ao leitor para considerar expressões como "secular" ou "laico" como remetendo para o *saeculum* ou αἰών civis ou políticos, e não para as suas conotações hodiernas.

alienar-nos-ia da experiência de quem passou pela mesma, firmando-se mais como uma tentativa teórica do que como uma indagação da mentalidade da época.

O resultado final das nossas indagações fez dispor a presente tese em três partes, cada uma dedicada a um objetivo distintivo: na primeira parte procurámos, nós próprios, historiar o período em questão, focando-nos nos acontecimentos do Império Bizantino, com epicentro em Constantinopla. Iniciámos a análise com o ano de 717, o do segundo cerco árabe à cidade imperial, que irá consolidar no poder Leão III, o iniciador do iconoclasmo, sendo que concluímos no ano de 843, quando se dá (vinte e cinco anos após a morte de Teófanes), o Triunfo da Ortodoxia e a saída de cena da heresia iconómaca (pelo menos no plano oficial). A nossa abordagem cinge-se sobretudo às relações políticas e de poder entre os diferentes monarcas e as autoridades eclesiásticas e religiosas, ainda que não tenhamos descurado completamente a dimensão social e económica. Demos ainda alguma atenção aos desenvolvimentos ocidentais, que hão de culminar com a coroação de Carlos Magno, e que também não foram imunues a esta controvérsia.

Na segunda parte da tese, focámo-nos não tanto nos acontecimentos históricos coevos quanto na mentalidade e cultura que os enformou, tendo por fito determinar quais foram as origens para o surgimento do iconoclasmo nas condições específicas em que surgiu. Tivemos, para o efeito, que abordar o problema por dois prismas: um interno, que procurou enquadrar a Querela das Imagens no seio das diversas controvérsias e polémicas religiosas que afetaram o Cristianismo desde os seus primeiros séculos; e um outro externo, pelo qual nos esforçámos por enquadrar possíveis influências externas (mormente islâmicas) que permitisssem explicar a intensidade com que a aversão às imagens se instituiu no império Romano Oriental. Como tal, pudemos preparar o pano de fundo cultural, epocal e mental sobre o qual a escrita da *Cronografia* vai ocorrer.

Por fim, a última parte da tese vai dedicar-se ao texto cronográfico propriamente dito. Para o efeito, foi necessário explanar diversas questões de ordem filológica, que devem acompanhar a abordagem do seu conteúdo. Estas vão desde questões de género literário – como sendo a determinação dos limites e

objetivos do estilo cronográfico – até questões de autoria – como sendo a relação umbilical que a *Cronografia* tem com a *Seleta Cronográfica* de Jorge Sincelo, amigo íntimo de Teófanes Confessor. Fornecemos também um enquadramento para as fontes textuais utilizadas, assim como da forma como as mesmas foram apropriadas pelo nosso autor. Após isto tudo, enfim, iniciámos a análise da narrativa contida na obra, cujo acabamento se estenderá até à Conclusão da presente tese.

Entregámos também, como anexo, uma tradução nossa da *Cronografia* de São Teófanes, para a qual remeteremos sempre que a ela nos referirmos. A tradução requer ainda um ulterior polimento, que as nossas contingências de trabalho e de tempo não permitiram concretizar. Como tal, tomámos a liberdade de apresentar a nossa versão para consulta interna, sendo que considerámos que o principal núcleo informativo da obra – a apresentação de um texto legível em português que corresponda ao que Teófanes nos deixou – está acessível. Além disso, uma vez que o objetivo desta tese se prende com o estudo literário e cultural que deu azo à *Cronografia*, e não com a sua tradução, considerámos que o presente anexo se enquadra com os objetivos académicos a que se propõe.

Antes de anvançarmos, ainda, com as nossas considerações, achamos pertinente incluir aqui uma pequena biografia de São Teófanes.

2) São Téofanes Confessor – resenha biográfica

São dois os principais documentos que nos dão informações sobre a vida de São Teófanes: um panegírico escrito por Teodoro Estudita, recitado aquando da transladação das relíquias do confessor para o mosteiro de São Procópio (em 822)[3] e uma *Vita*[4] escrita, muito provavelmente, antes de 829, por Metódio, antes de o

[3] *Vide* o texto grego original, assim como sua tradução para francês, em EFTHYMIADIS 1993.
[4] *Vide* METÓDIO, *Vita Sancti Theophanis Confessoris*.

mesmo se tornar patriarca de Constantinopla. Os restantes textos sobre Teófanes estão dependentes destes dois primeiros ou não têm valor histórico[5].

Não sabemos ao certo onde e quando nasceu Teófanes, ainda que se possa conjeturar que o tenha feito por volta do ano de 759, talvez na ilha de Quios, na Grécia[6]. Isaac era o seu nome de nascimento. O pai, também Isaac, terá nascido em Constantinopla e terá depois sido eleito governador do *thema* do mar Egeu, fruto de boas relações que terá tido com o imperador Constantino V. A origem nobre, assim, terá inclinado o jovem, desde cedo, para uma carreira militar, para a qual se terá preparado, não obstante a morte precoce do pai, quando Teófanes era ainda um rapaz com cerca de três anos de idade.

A formação militar terá feito de Teófanes, no início da sua juventude, um homem forte e atlético, que gostava de caçar e cavalgar. Então, por pressão de sua mãe, que se chamava Teódota, Teófanes casa aos dezanove anos, ainda que, segundo se dizia, marido e mulher tenham vivido separados desde o dia do casamento. Terão estado nesta condição durante dois anos, após os quais ambos terão feito votos monásticos, entre 780 e 781, quando ele tinha cerca de vinte anos[7].

A altura da consagração monástica de Teófanes ocorre por volta da ascensão ao poder de Irene, e da sua consequente política ortodoxa e de proteção da vida monástica. Anteriormente, com os reinados de Constantino V e Leão IV, o monaquismo, como procuraremos demonstrar (*vide* parte 1, 2.2) constituia-se muitas vezes como um obstáculo e entrave às políticas iconoclastas. Podemos assim conjeturar que terão sido estas forças que terão compelido Teófanes, numa primeira fase, para uma vida secular. Por isso ele adquire, ainda antes da morte de Constantino V, o título de *strator* e, com a subida de Leão IV ao trono, torna-se comandante da fortaleza de Cízico, que terá restaurado a expensas próprias.

[5] Sobre os mesmos, *vide* YANNOPOULOS 2010 225-226.

[6] *Cf.* YANNOPOULOS 2010 226-230.

[7] Existe uma discrepância de datas entre os dados fornecidos por Teodoro Estudita e Metódio. EFTHYMIADIS 1993 264 considera que os números dados por Teodoro são números redondos, sendo os dados por Metódio cronologicamente mais exatos. Assim, Teófanes torna-se monge após a morte do imperador Leão III (775-780) e antes de completar vinte anos. TREADGOLD 2013 64, por seu turno, considera que o texto de Teodoro é mais viável no que concerne às datas que apresenta.

O interregno iconódulo, portanto, vai permitir ao esposo intensificar os seus propósitos ascéticos. Teófanes entra num mosteiro, numa ilha denominada Calónimo, no mar de Mármara. A sua mulher, por sua vez, torna-se monja na ilha de Príncipo, perto de Constantinopla. Passado algum tempo, e tendo falecido o seu superior, ele fica à cabeça do mosteiro, com cerca de vinte e sete anos de idade. Em seguida, porém, afasta-se para um local perto da montanha de Sigriana, junto à costa da Bitínia, onde cria um eremitério, chamado Megas Agros. Aí se dedica, entre outros trabalhos práticos, à produção manual de livros. Terá sido desta experiência que Teófanes terá recebido alguma formação livresca, ainda que o autor seja considerado, muitas vezes, como pouco dado a trabalhos de grande erudição.

Como poderemos ver na terceira parte da presente dissertação (*vide* parte 3, 1.5), este juízo reflecte-se também nas questões de autoria e de apreciação literária da obra que nos deixou. De qualquer forma, é o único passo da sua vida que deixa transparecer algum contacto com as letras, sendo que nada nos é dito acerca da sua formação intelectual antes dos votos monásticos. Convém notar ainda que a sua *Cronografia* não é referida em nenhum dos documentos biográficos a que temos acesso, possivelmente porque estes últimos têm um fito essencialmente hagiográfico. Eles pretendem pôr a nu a santidade do nosso autor, e não uma erudição que, de resto, poderia ser considerada um atributo mundano.

Sabemos ainda que Teófanes se correspondia, por intermédio de cartas, com uma "irmã" (de nome Megalo), a quem muitas vezes exortava para se manter na vida, fé e disciplina monásticas[8]. Conjetura-se, porém, se esta irmã não seria uma irmã em Cristo, sendo que, conforme a tradição, se poderia tratar da sua esposa[9]. Por outro lado, São Teófanes, após a subida de Irene ao trono, terá participado no Segundo Concílio de Niceia, ainda que o seu nome não apareça registado nas Atas oficiais[10].

[8] *Vide* EFTHYMIADIS 1993 276.

[9] Veja-se MANGO & SCOTT 1997 XLV , n. 14 para este problema. Megalo era filha de Leão Patrício, que era próximo do imperador Leão IV. De acordo com a *Vita* de Metódio, Teófanes fica prometido em casamento a Megalo quando ele tinha dez anos e ela oito. O casamento ocorreu por insistência da mãe de Teófanes.

[10] TREADGOLD 2013 65, n. 111 conjetura que a juventude de Teófanes poderá ter criado reticências quanto à sua participação no Concílio, uma vez que ele terá sido eleito hegúmeno antes da idade canónica de trinta

Aquando da Querela Adúltera (*vide* parte 1, 4.1) Teófanes tomou a posição contrária à de Teodoro Estudita, que era partidário daqueles que consideravam as segundas bodas de Constantino VI como inválidas. O posterior envolvimento de Teófanes na luta contra o iconoclasmo fará com que Teodoro o venha a reconsiderar na sua postura ortodoxa, como que o desculpando, por assim dizer, no panegírico que lhe escreveu[11]. Parece que ambos se conheciam pessoalmente, talvez na sequência do combate contra a heresia.

Por volta do ano 808, terá entrado no mosteiro um outro monge, talvez de origem siríaca, cerca de quinze anos mais velho do que o hegúmeno de Megas Agros, com um projeto literário de escrever uma cronografia desde o dia da Criação até ao seus próprios anos. Era este monge Jorge Sincelo, que escreveu o documento que hoje intitulamos *Seleta Cronográfica*. Ainda que não sejam claros os motivos, ou mesmo o local, pelos quais estas duas personalidades terão entrado em contacto entre si, podemos conjeturar que Jorge terá sido exilado pelo imperador Nicéforo, após uma conspiração, e que o anterior *syncellus* terá ficado cerca de três anos no mosteiro fundado por Teófanes.

Durante este tempo, os dois monges terão ficado amigos íntimos, ao ponto de Jorge solicitar a Teófanes, quando se apercebe de que estava para falecer, que este completasse o seu projeto literário e que, pegando no material que ele já escrevera e nos apontamentos e notas que fizera, Teófanes concluísse a cronografia, escrevendo e detalhando os diversos eventos desde o reinado de Diocleciano até aos seus próprios dias. É da completude desta promessa que surge o documento que atualmente designamos por *Cronografia*, e que constitui um dos principais problemas filológicos quando pretendemos estudar a obra, sua autoria, fontes e propósitos, como veremos (*vide* parte 3).

Sabemos, também, que Teófanes padecia de uma doenças de rins, que se foi agravando com o passar do tempo, até lhe causar diversos problemas de locomoção. Crê-se que o período do agudizar desta enfermidade coincide, *grosso modo*, com a altura em que Sincelo lhe terá fornecido o material para concluir o seu

---

anos, talvez sem ter sido ordenado sacerdote. "An alternative would be to suppose that Theophanes actually did not attend the council and became an abbot in 789 or later."

[11] *Vide* EFTHYMIADIS 1993 276.

projeto cronográfico. Tal condição, associada ao facto de muito em breve Teófanes se tornar vítima da perseguição iconoclasta que começara a recrudescer, com a ascensão de Leão V ao trono, volta a complicar os problemas em torno da autoria da *Cronografia*, porquanto o futuro confessor, prostrado por uma doença galopante, submetido a interrogatório e prisões, pouco tempo teria para se dedicar a um trabalho aturado, como aquele que seria exigido de uma revisão cronográfica[12].

Foram as perseguições iconoclastas, de resto, uma causa direta para o seu título de Confessor, e uma causa indireta para uma morte antecipada. Assim, nos inícios de 816, Leão V ordena que o hegúmeno de Megas Agros seja preso na sequência da comemoração do nascimento de São João Batista, e que fosse trazido para Constantinopla: foi transportado de liteira, impedido como estava de se deslocar de mote próprio. Uma vez na capital, Teófanes foi interrogado pelo quase lendário João Gramático (*vide* parte 1, 5.1), que o tentou convencer, debalde, a aceitar a causa iconómaca. Após isso, Teófanes foi feito prisioneiro no palácio de Eleutério, na mesma cidade, onde ficou durante dois anos. Por fim foi exilado, em fevereiro de 818, para a ilha da Samotrácia, onde falece no dia 12 de março, com cinquenta e nove anos[13].

Depois da morte de São Teófanes, as suas relíquias foram transportadas para Hiéria, no templo de São Procópio, onde permaneceram um ano, sendo que se relata haverem operado milagres. Posteriormente, o corpo do santo regressou ao mosteiro que ele fundara, a Megas Agros, no ano de 822.

[12] Nas palavras de TREADGOLD 2013 66, "Theophanes must have worked rapidly, completing most of his task within the single year of 814, before Leo V held a council that banned icons in April 815."

[13] Com sessenta anos, de acordo com Teodoro Estudita: *cf*. EFTHYMIADIS 1993 282. Mas este número poderá estar arredondado.

A evolução das relações entre Igreja e Estado ao longo do período Iconoclasta

1) Leão III e o início da Querela

1.1) A Questão da Porta de Bronze

Quando, a 25 de março de 717, Leão III foi coroado imperador pelo patriarca Germano, na basílica de Hagia Sophia, o império Romano do Oriente estava a passar por uma das situações mais críticas da sua história. Herdando o trono no seio de uma crise política – somente nos três anos anteriores houvera a deposição e nomeação de três outros imperadores, Filípico Bardanes, Anastácio II e Teodósio III, numa instabilidade criada pela morte de Justiniano II, em 711 – Leão III tinha que fazer frente a uma poderosa armada árabe, a qual pretendia atacar diretamente Constantinopla e destruir a capital[14]. A própria existência do império Romano estava em risco, à semelhança do que ocorrera durante o primeiro cerco árabe, em 667[15], ou, no século anterior, durante o cerco ávaro e persa, em 626.

E, à semelhança do que acontecera antes, as forças romanas, fazendo uso das poderosas muralhas constantinopolitanas, pela localização da cidade no mar de Mármara, por um inverno rigoroso e, segundo os relatos, pelo fogo líquido[16], conseguiram expulsar o inimigo – assim, no dia 15 de agosto de 718, dia da Dormição da Virgem, o califa Omar deu ordem para se levantar o cerco. Esta vitória pôs um ponto final às tentativas muçulmanas de conquistarem Constantinopla num só golpe. Os exércitos árabes não mais tentarão, após a

[14] Para o quadro geral dos acontecimentos: TREADGOLD 1997 346-350.

[15] Considerava-se, tradicionalmente, que o primeiro cerco de Constantinopla tinha durado oito anos, de 674 a 678. A fonte para esta datação é Teófanes o Confessor. Porém JANKOWIAK 2013, após uma análise às diversas fontes, conclui que houve um erro no processo de compilação do cronógrafo. Coloca por isso o cerco no ano de 667. Seguimos esta cronologia.

[16] JANKOWIAK 2013 317-318, porém, relativiza o uso do fogo grego para o primeiro cerco de Constantinopla. Para o seu uso em geral, *cf*. LUTTWAK 2009 323-326. Para a capacidade naval do império neste período, *vide* NISA 2016.

vitória de Leão III, invadir e destruir num só golpe o Império Romano: o teatro de guerra focar-se-á nas fronteiras da Síria e da Anatólia, numa guerra de fronteiras, de atritos e de pilhagens que acabará por definir as atividades bélicas entre o Império e o Califado durante séculos. A estabilização das fronteiras, bem como os altos e baixos da guerra de pilhagens e escaramuças, causarão ainda muitas dores de cabeça e sangue derramado ao império bizantino: e só em 740 é que se terá obtido uma primeira grande vitória nessa frente[17].

Alguns anos mais tarde, quiçá entre os anos 723-726[18], deu-se um episódio que, segundo uma certa linha historiográfica atual, se reveste de contornos lendários, ao ponto mesmo de se pôr em causa que tenha ocorrido.[19] Leão III terá ordenado que uma imagem *teândrica*, isto é, uma imagem de Jesus Cristo, fosse removida da Porta de Bronze. A Porta de Bronze era justamente o local de entrada no palácio imperial, o sítio por onde se saía, por assim dizer, do espaço público da cidade de Constantinopla para se entrar no espaço privado do soberano. Se, segundo uma lenda, este ícone havia sido colocado lá pelo próprio Constantino I, André Grabar propõe que tenha sido o imperador Maurício (582-602) a fazê-lo[20]. Ora Leão III terá então ordenado que esse ícone fosse removido e que lá se colocasse um sinal da Cruz.

A população de Constantinopla, perante o que sucedia, ter-se-á revoltado e amotinado contra os agentes imperiais que estavam a levar a cabo o processo, chegando inclusivamente a matar os funcionários. Duas fontes narram-nos este episódio, cada um de forma distinta. Um desses autores é Teófanes o Confessor, o

[17] *Cf*. BRUBAKER & HALDON 2011 73-76 *et passim*.
[18] GRABAR 1998 185-186.
[19] *Cf*. BRUBAKER & HALDON 2011 128-135; AUZÉPY 2007 145-178. Ao longo das páginas seguintes procuraremos demarcar-nos desta linha de leitura.
[20] GRABAR 1998 184-185 atribui o feito a Maurício, em virtude do que aparece em Jorge Codino (*vide* JORGE CODINO, *De signis Constantinopolis* 529-531), um autor muito posterior. Já BRUBAKER & HALDON 2011, assim como AUZÉPY 2007, propõem que não tenha existido uma imagem de Cristo na Porta de Bronze antes de esta ter lá sido colocada pela imperatriz Irene: "On the basis of this evidence, it has been concluded that there is absolutely no reliable evidence for any icon of Christ on the Chalke gate before the time of Eirene, who erected one for political-religious propaganda reasons and claimed to be restoring the situation before the iconoclast emperors. The image put up by Eirene in the last years of the eight century, however, replaced an earlier, iconoclast image of the cross; its erection was commemorated in another, earlier set of epigrams, also attributed to Theodore of Stoudion, and dated c. 797-802." BRUBAKER & HALDON 2011 131 As evidências alegadas, todavia, não nos parecem suficientes, por motivos que serão expostos. Assim, as abordagens tradicionais de Grabar e Ostrogorsky parecem-nos preferíveis.

autor que aqui estudamos; a outra fonte é a *Vida de Estêvão o Jovem,* de Estêvão Diácono. Dada a importância do evento, se não pelas reticências mostradas por certos historiadores, pelo menos em virtude das diferentes tensões que põe a nu, consideramos pertinente expor cada uma destas narrativas. Assim, narra Teófanes:

> "Por seu turno, as multidões estavam muito conturbadas [λυπούμενοι] por toda a cidade imperial, por causa dos seus vãos ensinamentos, sendo que se preparavam para ir ter com ele. Também mataram alguns homens imperiais [βασιλικοὺς ἀνθρώπους], que estavam a retirar o ícone do Senhor que estava em cima da Grande Porta de Bronze, ao ponto de muitos deles terem sido castigados, por causa da sua piedade [εὐσεβείας], com a mutilação de membros e com bastonadas e exílios e penas, sobretudo aqueles que se destacavam pela nobreza e pelo discurso: de tal forma que as escolas [παιδευτήρια] foram extintas, assim como a pia educação, que vigorara desde Constantino o Grande, que está entre os santos, até agora. Para esta, assim, como para muitas outras coisas belas, Leão, o que pensava como os Sarracenos, foi um destruidor" A.M. 6218

A nossa segunda fonte, por seu turno, narra de tal forma o episódio:

> "Nestas coisas o tirano, tendo apoderado autoritariamente da heresia, tenta de imediato extrair e entregar ao fogo – coisa que fez – a santa e senhorial imagem de Cristo, o Nosso Deus, a que foi colocada em cima das portas imperiais, que, por causa da representação [καραχτῆρα] é chamada de Bronze Santo. Por seu turno, nessa mesma remoção, umas veneráveis mulheres, fortalecidas por um zelo divino, tendo avançado em força, e tendo-se agarrado à escada e atirado para o chão o *spatário* [funcionário imperial] que ia a destruí-la, e tendo caído sobre ele, entregaram-no à morte" *Vita Sancti Stephani Junioris, monachi et martyris* 1085

Este evento, e independentemente dos contornos das duas narrativas, é considerado, não raras vezes, o ato inaugural do iconoclasmo no império bizantino, ocorrido três ou quatro anos antes de um édito imperial de Leão III, em 730, que o terá oficializado como doutrina imperial[21].

A remoção do ícone de Cristo da Porta de Bronze suscitou, como ambas a passagens indicam, uma subversão de algumas pessoas, responsáveis, na versão de Teófanes, por matarem alguns funcionários imperiais; na versão do Diácono Estêvão, um único *spatário*; na primeira versão a revolta é feita por algumas pessoas destacadas pela sua nobreza; na segunda o protagonismo recai sobre um grupo de mulheres. E, diz uma fonte posterior, que a líder destas mulheres chamar-se-ia Maria, tendo sido mais tarde executada pelo seu feito em conjunto com as suas colaboradoras[22].

Perante as discrepâncias em torno das duas versões, e tendo-se confrontado com outras tradições textuais, Marie-France Auzépy vai levantar a hipótese, que aqui não seguimos, segundo a qual este evento, na realidade, nunca aconteceu. Defende a autora que a destruição do ícone da Porta de Bronze não poderia ter ocorrido simplesmente porque esse mesmo ícone não existe lá nessa época: "la destruction de l´icône du Christ de la Chalcé par León III n´a jamais eu lieu, pour l´excellente raison que cette icône n´existait pas." (AUZÉPY 2007 177)[23].

---

[21] A *Vita* de Santo Estevão, por outro lado, coloca nesta data a remoção do ícone da porta de Bronze (*cf. Vita Sancti Stephani Junioris, monachi et martyris* 1084-1085). Mas trata-se de um texto, bem entendido, escrito cerca de quarenta anos após os eventos que narra, pelo que será natural encontrar-se algumas imprecisões: *cf*. HUXLEY 1977.

[22] *Cf. De sanctis martyribus constantinopolitanis* 434-447. De notar ainda que uma outra fonte, uma carta do papa Gregório II ao patriarca de Constantinopla, fala da destruição de um ícone de Cristo e de uma consequente revolta feminina: a imagem em questão, todavia, não se encontrava na Porta de Bronze, mas sim na igreja de Chalcoprateia: *cf*. AUZÉPY 2007 149. Além disso, uma outra fonte indica que a heroína em questão se chamaria Teodósia: *cf*. KAZHDAN & TALBOT 1991 392. Poderá assim haver uma posterior fusão de fontes na narrativa póstuma que chegou até nós.

[23] A autora admite que o ícone possa de facto ter existido à época de Leão III, perante o facto de a imperatriz Irene ter feito uma inscrição na Porta de Bronze onde se dizia: "Ἦν καθεῖλε πάλαι Λέων ὁ δεσπόζων ἐνταῦθα ἀνεστήλωσεν Εἰρήνη". "Il n´y a pas lieu de mettre en cause l´authenticité de cette inscription mais ou peut noter son ambiguité. Le sens est-il: Irène rétablit ici l´icône que Léon a détruite partout, ou bien: l´icône que Léon a jadis détruite ici-même, Irène la rétablit?" (AUZÉPY 2007 148). Para nós, porém, o sentido da inscrição parece-nos ser claro: "Irene restaurou aqui aquela que outrora Leão, enquanto governava, havia destruído." A mesma autora vai desenvolver a hipótese de que, aquando a ordem para fazer esta inscrição, a população de Constantinopla já não teria a memória cultural para compreender que estariam perante uma adulteração dos eventos: *ibidem* 167-169 *et passim*.

Para a autora, após a primeira fase do iconoclasmo, aquando o governo de Irene, procedeu-se a uma adulteração da História. Haveria uma necessidade de reescrever os acontecimentos para, por um lado, se cimentar a oposição aos iconoclastas, estigmatizando-os como perseguidores; por outro, suprir algumas lacunas de uma Igreja que havia colaborado com o regime iconoclasta. Teria sido assim levado a cabo todo um trabalho de mistura de fontes e de criação de lendas para se criar um mito fundador com este episódio[24].

Esta leitura é secundada por Brubaker e Haldon, que afirmam:

> "Minor diferences between the two versions make this clear. For Theophanes, an aristocratic monk, the group who protestes against the removal of the image (and were, accordingly, attacked by imperial soldiers) were men ´prominent by birth and culture"; Stephen´s protagonists were instead defenceless women. We are not dealing with simple reportage, but with construction of opposition, designed to make the same point to diverse audiences by casting diferente groups in the role of innocent victims." (BRUBAKER & HALDON 2011 129)

As narrativas seriam produto de uma propaganda iconódula, que pretenderia projetar no passado recente tensões forjadas. O objetivo seria o de se desacreditar a política iconoclasta com textos de caráter propagandístico[25].

A postura desta linha interpretativa parece-nos excessiva – achamos preferível a narrativa tradicional e considerar que este episódio ocorreu efetivamente. Cremos que os autores falham, na sua análise, por considerarem, à luz de uma leitura "modernista", que os textos e as interpelações posteriores a um determinado dado histórico só poderão ser motivados por uma deturpação radical da verdade transmitida por esses mesmos eventos. Quando, nos séculos VII-IX, Teófanes o Confessor e Estêvão o Diácono narram os eventos ocorridos na Porta de Bronze (entre outros), fazem-no certamente, como os autores atestam, dentro

[24] *Cf*. AUZÉPY 2007 168-178.
[25] *Cf*. BRUBAKER & HALDON 2011 128-130.

de um quadro interpretativo que estava já havia muito tempo marcado pelas disputas políticas e teológicas cujo epicentro eram os ícones e o seu culto, no seio da sociedade cristã.

Contudo, a projeção de argumentos para o passado não pretende desvirtuar a realidade, mas antes achar-lhe, por assim dizer, a verdadeira essência. Os factos ocorridos eram interpretados à luz dessa evolução, mas isso não significa que seja necessário "descontruir" uma suposta verdade ou falsidade que recaia sobre os próprios textos. Antes, é a própria narrativa enquanto tal que preservará um sentido histórico concreto. Assim, as diferenças narrativas revelam como diferentes pessoas e/ou grupos se relacionam com uma mesma fonte histórica, verosímil. Supor, por outro lado, que toda a criação textual se baseia numa invenção desacredita as fontes não enquanto fontes históricas, mas enquanto fontes textuais elas mesmas[26].

Assim, se analisarmos as diferentes dimensões que o episódio acarreta, veremos que as simbologias que põe em jogo, lidas posteriormente, quando a Querela das Imagens já estava bem desenvolvida, operam no contexto de um quadro histórico concreto. É que o episódio é significativo porquanto põe em destaque, por um lado, o tipo de sensibilidade religiosa envolvida e, por outro, a forma como esta se incorporou no mundo institucional da época. O acontecimento é significativo porquanto acarreta, em germe, muito do que será desenvolvido mais tarde.

Quando Leão III ordena que o ícone de Cristo fosse removido da Porta de Bronze, faz suscitar um levantamento popular que culminou com a morte dos funcionários encarregados de destruir o ícone. A população revoltosa, que Estêvão Diácono identifica como feminina, assume assim uma atitude que se poderá

[26] Por exemplo, Marie-France Auzépy desvaloriza a narração de Teófanes o Confessor por considerar que as fontes por ele usadas para os anos em questão não são de carácter histórico, mas sim hagiográfico: AUZÉPY 2007 154-156. Ignora assim que as fontes hagiográficas também podem conter muitos elementos históricos, enquanto tais. Atente-se ainda nas palavras de KITZINGER 1954 96: "Even a story written for defensive purposes may be woven around a nucleus of reality, or, granted that its plot may be pure invention, it presumably reflects actual conditions at least in its circumstantial detail. The chief interest these stories have for us at the moment lies precisely in the information they impart, almost incidentally, about every-day practices and beliefs concerning images."

considerar política[27]. Pois o imperador bizantino, antes de iniciar um ataque aberto às imagens sacras (e seu culto), mostra-se preocupado em revelar como o seu espaço privado obedece a uma postura política e religiosa concreta. O imperador age primeiro enquanto sujeito privado e só mais tarde é que avança para uma afirmação pública da sua conduta.

A reação popular, por seu turno, revela uma clara consciência dos vínculos entre a esfera privada do imperador e a esfera pública do culto oficial: revela, enfim, que o culto privado do imperador, quase por definição, se alastraria naturalmente para o resto da estrutura institucional do império. O soberano, retirando a imagem da entrada da Porta de Bronze, retirava também a indicação de quem era o seu *Dominus*, o seu Senhor[28]. O espaço simbólico da porta, enquanto lugar de relação entre o mundo privado e o mundo social estava, portanto, minado aos olhos da população. O local onde a imagem santa estava exposta, para além da dimensão de fé propriamente dita, indica também como, à época, as diferentes relações de poder se organizavam em função do sagrado. O imperador, independentemente do seu poder militar e/ou régio, estava forçado a relacionar-se com a população que o cercava de uma forma que oscilava em função da imagem do ícone de Cristo.

Por isso é que, no âmbito da sociedade bizantina da época, colocar em questão a figura do ícone de Cristo, Sua representação e veneração, estava relacionado com a questão do poder imperial e com a forma como este se relacionava com os romanos orientais. Como se verá mais tarde, a teologia

[27] Marie-France Auzépy considera que é a dimensão política de uma oposição da nobreza às políticas imperiais que vê narrativamente apropriada para a construção do mito da Porta de Bronze: *cf*. AUZÉPY 2007 165-167. Mas o episódio demonstra justamente, como procuraremos demonstrar, que há uma intercorrelação entre a política secular e religiosa de Leão III. Para as manifestações "políticas" das revoltas em Constantinopla, *cf*. KALDELLIS 2015 89-163: voltaremos a este tópico na segunda parte da presente tese.

[28] *Cf*. GRABAR 1988 184, n. 36: o autor indica como o mundo antigo recorria a este processo para indicar ao mundo o Senhor da Casa. O mesmo é notado por KITZINGER 1954 94. Este último autor também aborda o milagre, narrado por Teófanes, segundo o qual o ícone da Porte de Bronze teria sido consequência de uma relevação ao (então futuro) imperador Maurício: *ibidem* 102 n. 3, onde também se lê "If this reasoning is sound it would prove, incidentally, that the famous Christ image of the Chalke was in existence about the year A.D. 600. As Mr. Mango points out, this image actually came to be known as the "Guarantor" (ἀντιφωνητὴς), and seems to have the archetype of later icons bearing that epithet." Será talvez significativo ainda notar como a palavra grega ἀντιφωνητὴς também se relaciona, lexicalmente, com a voz (φωνή): coisa que remeterá para a relação entre voz e imagem (a abordar na segunda parte da presente tese).

bizantina deste período, respondendo às perseguições iconoclastas, está sensível a esta temática. Afirmar a impossibilidade de se representar Cristo e de venerar a sua imagem, implicava, por conseguinte, uma remoção da Pessoa de Cristo enquanto verdadeiro e legítimo regulador das relações humanas. Na ausência do Filho de Deus, só restaria, para O substituir, a figura central do imperador. Por isso os iconódulos deste período acusarão diretamente o imperador de se querer colocar no local de Deus[29].

Que esta perceção ocorra algumas décadas após o facto em si não significa, no nosso entender, que se deverá negar a existência do facto enquanto tal. Antes pelo contrário, a forma como a tradição posterior vai enfatizar o sucedido corresponderá à evolução do sentido histórico do império e da Igreja. Uma "invenção" da história não poderia ocorrer porquanto toda uma corrente interpretativa ortodoxa vai-se alimentar dele, procurando entender o significado prático e concreto da postura política imperial.

Esta quebra nas relações será sentida pelos escritores ortodoxos, que vão acusar o iconoclasmo de procurar substituir o imperador celeste pelo imperador terreno. E, como a teologia iconódula vai indicar, o culto ao ícone é necessário para se revelar a verdadeira fonte do poder divino[30]. Ora, se o poder imperial impede a revelação da imagem de Deus pela força do seu próprio poder secular, então isso significa, na lógica ortodoxa, uma submissão do poder espiritual ao poder secular.

Que nesses primeiros tempos do iconoclasmo estas questões não estivessem completamente afloradas na mentalidade dos defensores da imagem será uma

[29] A própria Marie-France Auzépy dá conta disso: "Dans ces conditions, détruire l´image du Christ tout en gardant l´image de l´empereur c´était rompre de manière spectaculaire le lien entre l´empereur terrestre et l´empereur céleste. Même si l´image du Christ est remplacée par une croix, l´analogie est rompue: sur cette terre, ne reste que l´empereur; le Christ, désormais invisible ici-bas, est cantonné dans les cieux; entre eux, aucune analogie, aucune relation du type modele/image ne sont possibles. Si l´épisode de la Chalcé, probablement controuvé, est si facilemente accepté, c´est qu´il traduit, sur le mode du récit et avec tous les attraits de celui-ci, la rupture du lien analogique entre le Christ et l´empereur, que Léon III opéra en refusant que le Christ soit répresenté." (AUZÉPY 2007 80). Somente acrescentaríamos que, para nós, a rutura desse vínculo analógico entre Cristo e o imperador, assim como a aceitação do episódio das gerações posteriores, apontarão mais para a verossimilhança histórica do episódio, do que para a sua mera invenção.

[30] Para além das posturas propriamente teológicas que abordaremos, veja-se a seguinte adaptção ao *hic et nunc* dos séculos em que estamos: "As for the extreme proliferation of religious images itself, together with the massive amount of attention which is given to them in the literature of the seventh century onwards, this can be read in its Byzantine context as part of the replacement for the lost horizons of Classical Antiquity, and indeed as part of an urge to assert a new authority." CAMERON 1992 4

possibilidade, não obstante uma tese, que parece desacreditada, segundo a qual já haveria um círculo de iconoclastas que tentavam implementar as suas ideias.[31] Mas que diversas tensões, tanto religiosas como políticas, estivessem desde logo centradas no ponto nevrálgico e simbólico da Porta de Bronze – local-chave para se compreender, à época, a relação entre o império e a fonte de autoridade do mundo cristão – parece-nos ser um ponto patente. De resto, as agitações e turbulências por que Constantinopla tantas vezes passou ao longo da sua vida somente concorrem para a verosimilhança do evento[32]. As interpretações à luz do que mais tarde ocorrerá são póstumas em relação à exata orientação política e eclesiástica dos eventos[33], mas assentarão num filão histórico concreto e verosímil. Por isso, segundo cremos, o episódio da Porta de Bronze, e não obstante algumas leituras modernas, deverá ser considerado como histórico[34].

Seja como for, o sucedido, seja na forma interpretativa em que chegou até nós, seja pelas suas implicações, indica desde já como o iconoclasmo, em última análise, colocaria a figura imperial no centro de uma teocracia, na qual o governante desempenharia as funções de sacerdote. Isto, por sua vez, coloca-nos perante diversas problemáticas históricas, políticas e religiosas relativas à mundividência do império Romano do Oriente. Elas serão analisadas na segunda parte da presente tese. Por agora, será necessário ver como as linhas históricas que enformaram as relações entre Estado e Igreja evoluíram ao longo dos cerca de 150 anos de iconoclasmo.

Mas veja-se, ainda em torno do ícone da Porta de Bronze, a forma como o imperador Leão III o substituiu. Após retirar a imagem, lá fez colocar o sinal da Cruz, que os iconoclastas veneravam[35]. Ao lado dessa Cruz foi também colocada a seguinte inscrição:

---

[31] Desenvolvido na segunda parte da tese: *vide infra* parte 2, 2.2.

[32] O próprio período que estudamos é sintomático disso mesmo, porquanto Leão III, como referimos, pôs fim a toda uma série de crises políticas.

[33] Tanto Teófanes o Confessor como Estêvão Diácono escrevem após o Segundo Concílio de Niceia, em 787. Este foi o evento que instituiu, segundo Auzépy, uma propaganda iconódula que terá sido responsável por reescrever o passado recente do império à luz da nova posição teológica: *cf*. AUZÉPY 2007 91-103.

[34] Veja-se ainda o tratamento mais antigo da mesma questão por ANASTOS 1968 17.

[35] Leslie Brubaker et John Haldon, por conjeturarem, na senda de Auzépy, que o ícone de Cristo não fora lá posto antes do reinado de Irene, consideram que a inscrição da Cruz por parte de Leão III foi a primeira

"O imperador, não tolerando que Cristo fosse circunscrito [γράγεσθαι]
Numa imagem sem voz e desprovida de respiração,
Em matéria terrestre, pisada pelas Sagradas [Escrituras],
Leão, em conjunto com o filho, o Novo Constantino,
Inscreve o três vezes feliz sinal [τύπον] da Cruz
Glória dos fiéis, nas portas do palácio."[36]

Atente-se como a Cruz é entendida como um τύπος, no que parece ser um claro afastamento das normas definidas, em 692, pelo Concílio Quinisexto, segundo o qual as representações simbólicas deveriam ser preteridas em função das representações do Senhor em Pessoa[37]. Também aqui parece haver uma iniciativa imperial que pretende regular ou tomar partido em assuntos que estão sob a alçada da Igreja, designadamente a autoridade para determinar o que é ou não correto em assuntos de fé, doutrina e culto. Para mais, a substituição da Imagem pela Cruz parece revelar como, para a política imperial, o mundo espiritual poderia ser aludido, mas não revelado. É a consequência, em termos

representação cristológica deste tipo a ser lá colocada: "We would argue, in consequence, that while Leo certainly put up a cross, with accompanying representations of prophets, apostles and appropriate scriptural texts, there is no clear evidence that he took down an image of Christ from the Chalke gate. His actions may have involved removing a portrayal of Christ, but neither the textual nor the visual evidence offers confirmation of any such action." BRUBAKER & HALDON 2011 135

[36] " Ἄφωνον εἶδος, καὶ πνοῆς ἐξηρμένον/Χριστὸν γράφεσθαι μὴ φέρων ὁ δεσπότης,/ Ὕλῃ γεηρᾷ, ταῖς γραφαῖς πατουμένῃ,/ Λέων σὺν υἱῷ τῷ νέῳ Κωνταντίνῳ, /Σταυροῦ χαράττει τὸν τρισόλβιον τύπον, /Καύχημα πιστῶν, ἐν πύλαις ἀνακτόρων." TEODORO ESTUDITA, *Refutatio et subversio impiorum poematum* 437. Existem cinco poemas iconoclastas refutados diretamente por Teodoro Estudita, sendo que outros quatro foram adicionados ao texto sem o seu comentário, presumivelmente adicionados por um editor posterior: *cf*. GERO 1973 113-126, que considera plausível datar-se estes textos do primeiro período iconoclasta. No que concerne ao que aqui traduzimos, Stephen Gero (*ibidem* 114 n. 7) levanta dúvidas de que seja relativo à Porta de Bronze. Mais indica (*ibidem* 114 n. 6) que o plural para portas (πύλαις) remete para que o sinal da Cruz tenha sido colocado em vários locais. Mas não nos parece que o termo não se possa reportar a uma só entidade, como de resto acontece para ἀνακόρων, como o mesmo autor atesta. Por fim, há ainda a hipótese (*ibid.* 115 n.9) de os imperadores referidos terem sido Leão V e seu filho, rebatizado Constantino. O poema, assim, seria do tempo do segundo iconoclasmo.

[37] As implicações do Concílio Quinisexto, e em particular o seu cânone 82, foram desde há muito notadas pela academia, designadamente na forma como determinou o relacionamento com as imagens. O Concílio deixou claro que existia uma diferença de relação entre os τύποι e as εἰκόνες, sendo que se deve dar a primazia a estas últimas na veneração de Deus, porquanto os τύποι apelam a uma realidade ainda não realizada. Para um comentário a este mesmo cânone *vide infra* nota 324.

práticos e aos olhos ortodoxos, da aplicação de um princípio de zelo, o de se querer afastar e abolir uma suposta idolatria do seio da comunidade cristã.

A Cruz, enquanto símbolo dos mistérios espirituais de Jesus, demonstrava aos fiéis algo que não estava diretamente acessível e, o que era mais importante, que necessitaria de mediadores para ser cultuado. Já com o Ícone, Jesus Cristo está não só presente, como revelado, e é enquanto Deus Revelado que deve regular as relações entre seres humanos. Por outras palavras, a negação da imagem de Cristo implica a existência de um vicário de Deus, alguém que funcione em substituição de Deus que se torna ausente.

No contexto do iconoclasmo bizantino, esse vicário parece assumir a forma do imperador. O controlo estatal da religião, portanto, teria como finalidade sociológica a afirmação do governante como o verdadeiro mediador entre o povo fiel e os mistérios sagrados. O iconoclasmo estaria assim associado à afirmação de um imperador com as funções de psicopompo. Um dos objetivos desta tese será o de averiguar a legitimidade desta interpretação[38]. Por ora, pudemos já ver como muitos destes germes já se encontram presentes na questão da Porta de Bronze.

1.2) O início político do iconoclasmo: o édito imperial de 726

Quando o imperador Leão III parecia ter a sua autoridade política consolidada, ocorreu, em 726, um violento terramoto no mar Egeu (nas ilhas de Thera e Therésia), causando muitos estragos e fazendo com que os bizantinos o tentassem compreender como manifestação da vontade divina. E, ao que parece, o imperador e seus conselheiros interpretaram esse acontecimento como um castigo infligido aos Romanos[39]. Eles haviam caído – supunham – no pecado da idolatria,

[38] A tese segundo a qual o iconoclasmo representa uma crise nas relações entre Estado e Igreja não é propriamente nova entre os bizantinistas. Assim Cameron, enumerando as diferentes explicações que o meio académico costuma dar para este fenómeno, indica: "Alternatively, it has been interpreted as a social movement, or as a matter of the assertion of imperial authority, whether over and against an overly independent Church, represented particularly by the monks, or, in political terms, after decades of danger and insecurity." CAMERON, 1995 18. Esta tese, assim, situar-se-á nestas linhas interpretativas, procurando ver como a *Cronografia* de Teófanes o Confessor poderá trazer algumas luzes para o debate.

[39] Para Auzépy, os desastres naturais terão sido a causa principal que motivaram Leão III a agir oficialmente de forma iconoclasta, associado à perceção das vitórias islâmicas. A mesma autora relativiza, no entanto, uma direta influência do judaísmo e do islamismo. *Cf*. AUZÉPY 2007 25-26.

pois que os Romanos teriam introduzido inovações na doutrina e na Tradição, passando a adorar imagens feitas de matéria morta.

E, segundo uma historiografia posterior, também o avanço das forças islâmicas, cuja religião era adversa a todo o tipo de representação sacra, aliado aos antigos ataques dos Judeus contra a veneração cristã da Cruz, teriam como que apoiado os iconoclastas na sua crença de que Deus castigaria desta forma as transgressões ao Culto. Era necessário, portanto, acabar com a veneração às imagens santas, isto é, aos ícones[40].

Deixando para mais tarde a questão da influência islâmica no iconoclasmo bizantino[41], diga-se, por ora, que a associação do povo vetero-testamentário ao povo Romano, na sociedade da época, era já um fenómeno longo: desde o século VII, com o imperador Heráclio, e no contexto das guerras contra a Pérsia Zoroastra, o império Romano ia-se vendo, paulatinamente, como um novo Israel, cuja missão era a de defender e propagar a fé em Cristo[42]. Tal associação prolongou-se até aos tempos dos avanços militares árabes, sendo que tal é patente na narrativa de Teófanes o Confessor, onde os ataques ao império se confundem com ataques contra o Cristianismo[43].

Mas patente era também essa correlação para Leão III, o qual, no ano de 741[44], publicou uma reformulação do direito romano, as *Eklogae*, nas quais a dimensão vetero-testamentária é manifesta. Assim, no seu prefácio, o imperador

[40] Tudo isto levanta a questão das origens doutrinais e teológicas do iconoclasmo propriamente dito. Reservamos a segunda parte desta tese para essa questão.

[41] De passagem podemos afirmar que a hipótese de uma correlação direta entre Islamismo e iconoclasmo bizantino é hoje afastada por grande parte do meio académico: "Byzantine iconoclasm, with its isolation of the holy portrait, was ideologically distinct from the Islamic prohibition of images of all living creatures. Whatever the connection between the two that later iconophile authors forced (in order to brand the icon-haters as Saracen-lovers), there is no contemporary evidence for Islamic influence on Byzantine iconoclasm." BRUBAKER & HALDON 2011 115. Os mesmo argumentos em BROWN 1973 1-3, assim como em GRABAR 1998 134 *et passim*. De resto, quando este último autor estuda como terá sido a arte monumental do período iconoclasta romano, recorre, por falta de vestígios, ao mundo islâmico, não por este ter influenciado aquele, mas antes por aquele ter influenciado este: *cf*. *ibidem* 206-263.

[42] "The influence of the Old Testament upon the public image of the Byzantine empire had grown steadily since the reign of Heraclius: the Byzantines were the ´true Israel´". BROWN 1973 24.

[43] Por exemplo, para o *annus mundi* 6304 (ano 811 ou 812 depois de Cristo), quando Teófanes deseja indicar que o general muçulmano Thabit bin Nasr fez uma incursão contra o império bizantino, afirma simplesmente que "Thebith militou contra os cristãos [κατὰ Χριστιανῶν]."

[44] TREADGOLD 350, por seu turno, prefere colocar a data desta publicação no ano de 726, aquando o ano do terramoto no mar Egeu.

recorre aos argumentos usados pelos reis de Israel para afirmar a sua autoridade divina para governar. Da mesma forma, quando sanciona acerca das multas e castigos a serem infligidos a infratores, afasta-se da tradição jurídica romana *stricto sensu*, para se abeirar da lógica do castigo pela mutilação, presente nos livros da Antiga Aliança[45]. Esta relação aproxima-se de tal maneira de uma continuidade direta entre os dois Testamentos, que parece reduzir, desde já, o salto ontológico que a Ortodoxia crê existir entre os dois corpos de textos.

Seja como for, a atitude parece remontar a processos e deliberações de Leão III anteriores ao terramoto de 726. Uma prova disso poderá ser a emissão de um édito, em 722, que forçava a conversão dos Judeus[46]. Isto parece advir de uma necessidade de homogeneizar a sociedade da época, tornando-a plenamente cristã[47]. Perante as dificuldades do império e as problemáticas de fé, dogmáticas e/ou disciplinares, a necessidade de alterar os costumes e as práticas cultuais estaria associada à urgência em aplacar a ira de Deus, perante os desvios do povo eleito[48].

---

[45] *Cf*. "The post-Justinianic law was presented, by Leo III in the preface to his *Ecloga*, as no more than an elaborate implementation of the law of Moses. This evolution gave the Byzantine clergy what they sorely needed in a time of crisis." BROWN 1973 24. Mas também BRUBAKER & HALDON 2011 78: "Substantial changes were introduced to the traditional legislation, in particular with regard to marriage and family, and the system and nature of punishment. For whereas the Justinianic code is characterised by capital punishment and fines, the hallmark of the Ekloge is its emphasis on corporal mutilation, following an Old Testament pattern." GERO 1973 55-58 refere também a primazia dada à figura do imperador no seu prefácio. Para um breve elenco das referências biblícas presentes neste documento: *cf*. TREADGOLD 1997 939 n. 8.

[46] Já AUZÉPY 2007 9 propõe que a medida tenha surgido perante as necessidades demográficas da época, mormente para se engrossar as fileiras dos exércitos. Estende isso também para as posteriores perseguições a monges.

[47] Para AUZÉPY 2007 274-279 esta atitude de Leão III poderá estar relacionada com uma política mais abrangente: pois que os imperadores, desejando aliciar a população judaica, teriam aproximado, no que pudessem, a sociedade cristã aos modelos pré-cristãos. BRUBAKER & HALDON 2011 116 n. 148, todavia, afastam esta hipótese: "while possible, has no substantive support in the evidence".

[48] BROWN 1973 procura salientar como os ícones, de certa forma, foram as vítimas do fim do mundo tardo-antigo: as invasões árabes e as alterações na tessitura da sociedade cristã terão transformado as imagens santas em bodes expiatórios. Isto estaria ao serviço de uma re-centralização do poder imperial, acompanhando a queda das liberdades das instituições locais. *Cf*. *ibidem* 26: "Icons suffered, in part, because they were the symbols of a style of political life that was out of date. The Byzantine empire could no longer afford the luxury of remaining a ´commenwealth´of cities." CAMERON 1992 34 *et passim* vai na mesma senda, ainda que reforçando como a questão da autoridade afeta os ícones eles mesmos: "In contrast, the realism claimed for religious images by contemporaries in early Byzantium has to do with authority." Ainda que concordemos com muitas das linhas interpretativas seguidas por esta leitura, procuraremos pôr em cheque o argumento segundo o qual o iconoclasmo é redutível a uma reação à instabilidade dos tempos.

E, cerca de quatro anos após a remoção da imagem de Cristo da Porta de Bronze, em 730, o imperador reúne um *silention* – uma reunião palaciana extraordinária para a resolução de assuntos de Estado – tendo convocado para ela o patriarca Germano. Este último terá sido forçado ou constrangido a repudiar, de uma forma oficial, o culto dos ícones: coisa que, pelo contrário, fez com que Germano se demitisse do cargo. Um evento considerado por alguns, como já referimos, como o começo formal do iconoclasmo, no momento em que o próprio patriarca é demitido (ou forçado a demitir-se) quando não se coaduna com a doutrina do soberano temporal[49].

É neste período, então, e com este imperador e esta nova dinastia – chamada por vezes a dos Isauros[50] - que se inicia, de acordo com a historiografia tradicional, a nova heresia. Ainda que parte da historiografia moderna procure desacreditar a militância iconoclasta deste imperador, relativizando ou mesmo desmentindo certos feitos que lhe são atribuídos, parece-nos, porém, que a narrativa tradicional, herdada justamente da *Cronografia* de Teófanes e d *Breviarium* do patriarca Nicéforo, continua a fazer sentido, dentro dos quadros gerais do que foi e daquilo em que consistiu o iconoclasmo. Dedicamo-nos agora a explorar estas duas linhas historiográficas e a fundamentar a nossa postura.

Assim, e de acordo com a leitura tradicional, em 726, Leão III, na sequência do terramoto desse mesmo ano, emite um édito que proibia o uso de ícones e a sua veneração. Segundo Teófanes, esse ato suscitou diversas reações por todo o império e territórios por ele influenciados. O exército grego – ou melhor, o *thema Helladicon* – revolta-se e suscita uma guerra civil, ainda que momentânea; o papa, em Roma, rejeita as ordens do império para retirar os ícones e movimenta um

[49] Seja como for, as crónicas orientais concordam com a data de 726 para o começo do iconoclasmo oficial de Leão III: *Cf*. GERO 1973 94-95. O que aconteceu em 730, com a remoção do patriarca Germano, deverá ser antes encarado, na nossa opinião, como a consequência da gradual apropriação dos setores da Igreja que resistiam à implementação da nova doutrina.

[50] A atribuição de uma origem isaura a Leão III parece ser errónea, porquanto ele terá sido, de acordo com GERO 1973 5-31, sírio. A sua ascendência isaura é narrada na *Cronografia* de Teófanes (A.M. 6209), mas a mesma não é indicada na tradução latina feita por Anastácio Bibliotecário. Este último autor utilizou um manuscrito grego anterior àquele a que atualmente temos acesso, pelo que lhe devemos dar precedência. Stephen Gero, assim, conjetura que a atribuição isaura tenha surgido por influência de um cronista posterior, de Harmotoulo, que por sua vez terá retirado a informação de um pseudo-Damasceno (JOÃO DAMASCENO, *Epistola ad Theophilum imperatorem*). Nesta última obra, enfim, terá havido uma confusão entre os nomes de Leão e de Leôncio. Convém ainda referir que o nome inicial de Leão terá sido de Conon.

sínodo local, em dezembro de 731, para aprovar e legitimar o uso das imagens. A população de Constantinopla, por outro lado, insurge-se contra as manifestações heréticas do imperador, que põe em movimento um conjunto de retaliações.

É uma concatenação dos eventos, bem entendido, que tende a descrever as atitudes imperiais como sendo um tanto arbitrárias, despertando resistências por parte de bispos, militares, e do povo em geral. Trata-se de uma forma de ver a realidade que não está isenta do cunho propriamente iconódulo das fontes que nos legaram essas mesmas narrativas – mormente Teófanes o Confessor e o patriarca Nicéforo, sem contar com os relatos hagiográficos e as obras polémicas[51]. Mas uma perspetiva ortodoxa não significa uma perspetiva adulteradora, que se substitua à própria natureza de eventos históricos a desconstruir.

Pois uma certa historiografia moderna – designadamente por parte de Marie-France Auzépy, Leslie Brubaker e John Haldon – estima que foi no reinado do filho de Leão III, Constantino V, que o iconoclasmo se afirmou enquanto política e "ideologia"[52], propagando-se de uma forma sistemática por toda a sociedade bizantina. As opiniões e formas de ver de Teófanes, enquanto expressões de uma corrente iconódula que tenderia a deturpar e a diabolizar o adversário, teriam colocado nos anais de Leão III atividades de uma insistência e virulência que não teriam sido típicas do seu reinado.

E assim, de acordo com os mesmos autores, não há provas suficientemente claras para se dizer, por exemplo, que o édito de 726 tenha de facto sido emitido[53]. As revoltas e tensões da sociedade, incluindo a recusa papal em colaborar, teriam sido causadas por motivos de ordem administrativa, sendo que os fatores

[51] Esta leitura, que aqui apelidamos de tradicional, está presente em OSTROGORSKY 1968 156-165; TREADGOLD 1997 346-356 e em GRABAR 1998

[52] Para o conceito de ideologia em questão: *cf*. HALDON 1986 145 n. 16.

[53] BRUBAKER & HALDON 2011 80 "The political repercussion of Leo´s purported support for iconoclasm remain at issue. There is no evidence of an oficial edict issued by the emperor prohibiting the use of icons (although the written undertaking to which the church establishment may have had to subscribe may have been taken as such in the later iconophile tradition). The new patriarch seems to have issued a declaration of faith in which he presented the cross as the true symbol of Christ´s passion and the salvation of humanity." Os autores afirmam que as fontes históricas que reportam uma oposição do *thema* heládico, assim como revoltas em Itália, não podem ser diretamente associadas ao iconoclasmo enquanto tal. Daí partem para a suposição de que essa associação é meramente textual e ideológica. Os textos em questão são a *Cronografia* de Teófanes, o *Breviarium* do patriarca Nicéforo e o *Liber Pontificalis*, na secção que contém a *Vita* de Gregório II.

teológicos e cultuais seriam um pretexto colateral para enformar esses mesmos efeitos. Deste modo, as exigências bélicas, associadas a uma maior fiscalização dos exércitos e a uma tributação das zonas ocidentais do império, terão suscitado vários problemas para garantir a lealdade destas forças, afastadas da fronteira de guerra a Oriente[54]. Da mesma forma, o papado teria reagido a uma intromissão do imperador nas áreas da sua jurisdição episcopal. E mais tarde, quando todos estes feitos foram mais tarde relembrados à luz das tensões entre iconódulos e iconoclastas, em finais do século VIII, teriam sido reinterpretados à luz do debate sobre as imagens sacras.

Ora, como já dissemos, seguimos aqui a leitura "tradicional", isto é, a que aceita os relatos de Teófanes como expressando factos históricos concretos – o que não significa que essa forma de expor não obedeça a uma forma literária concreta, típica da tradição cronográfica cristã. É que os dados que nos chegam do período em questão, sendo como são bastante magros e indiretos[55], não nos parecem autorizar, todavia, uma leitura assente em ausências documentais, por se tratar de uma altura que se caracteriza justamente pela fraca documentação. Numa situação destas, sustentamos, a ausência de referências documentais não poderá provar a ausência de um dado feito.

Mas mesmo assim, se se considerarem os argumentos tecidos por Brubaker e Haldon, assentes na distorção dos factos, não nos parecem grande sustentação. Para o período relativo ao reinado de Leão III, são três as cartas, escritas pelo

[54] *Cf*. "In fact, the Helladic rebels do not seem to have been inspired by iconophile sentiment, contrary to the views of many modern commentators, and the connection is one that was made only in later iconophile accounts of the period; while the conflict of interest in fiscal matters between the papacy and the empire seems likewise to have little to do with any imperial iconoclast views. The refusal of pope Gregory to pay certain taxes, or tax-increases, is almost certainly to be associated with the imposition of pollor head-tax on the population of the papal patrimonial estates, effected following a recently revised censos for the regions concerned." BRUBAKER & HALDON 2011 81. Os autores, de resto, associam a instabilidade das províncias ocidentais nos primeiros anos do reinado de Leão III à instabilidade política que o império já vivia antes da sua coroação (*ibidem* n. 42).

[55] As fontes documentais do período iconoclasta, e excluindo-se as fontes provenientes do Califado, são: a *Cronografia* de Téofanes o Confessor; o *Breviarium* do patriarca Nicéforo; um texto anónimo referido como *Scriptor Incertus de Leone Armeno*; a *Crónica* de Jorge o Monge e seus continuadores; as *Atas* do II Concílio de Niceia; as *Eklogae* de Leão III; o chamado *Nomos Géôrgikos*; a uma lista de presenças intitulada *Taktikon Uspenskij*; o *corpus* epistolar de Teodoro Estudita e de Inácio de Niceia; as diversas *Vitae* da época; por fim, a literatura polémica anti-iconoclasta (*cf*. AUZÉPY 2007 1). A estes textos devemos ainda acrescentar o *Liber Pontificalis*, oriundo dos arquivos romanos, sem contar com as diversas obras em armeno, siríaco ou árabe provenientes do Próximo e Médio Oriente.

patriarca de Constantinopla, Germano, que chegaram até nós, assim como as *Iussones* (Προστάγματα) que terão sido enviadas por Leão III a Roma para serem assinadas pelo papa Gregório. As cartas, tal como chegaram até nós, parecem ter sofrido alterações de conteúdo até terem sido reproduzidas nas *Atas* do Sétimo Concílio Ecuménico, em 787[56].

Para os autores, se se excluírem essas extrapolações, oriundas, como afirmam, de propaganda ortodoxa, teremos que não haverá provas de que o édito de Leão III, ordenando a perseguição dos ícones, tenha sido promulgado. Da mesma forma, o concílio realizado em Roma, em 731, não terá sido motivado pelos problemas teológico-litúrgicos relativos à questão das imagens, antes infletido sobre questões de ordem local[57]. A questão, portanto, não teria sido central, porquanto a aliança formal com o império ainda se manteria.

Dada a magreza das evidências e do suporte textual, os argumentos em torno da desacreditação da existência de um édito imperial não nos parecem ser consistentes, ou melhor dizendo, apoiam-se em considerações hipotéticas. A ideia defendida pelos autores, de que as histórias narradas por Teófanes e Nicéforo se baseiam em tradições posteriores criadas pela fação iconódula (quando o debate em torno das imagens já estava desenvolvido em Bizâncio) deverá ser, no nosso entender, redefinida.

Não se trata, bem entendido, de que a descrição dos feitos por Teófanes e o patriarca Nicéforo seja isenta, no sentido moderno que procura obter uma verdade "exata", ou "positiva". Bem pelo contrário, as narrativas presentes são bastantes

[56] Para a reconstrução dos factos de acordo com os autores, *cf.* BRUBAKER & HALDON 2011. Leão III teria considerado, após o terramoto de 726, que a veneração aos ícones era a causa da ira divina; o patriarca Germano, por essa altura, começara a receber notícias de alguns bispos em torno de dúvidas associadas ao culto dos ícones; em 730 o imperador terá pedido o apoio do patriarca de Constantinopla e de Roma para a sua nova política; em 731 o papa estaria talvez a preparar um Concílio em Roma, onde a questão do culto das imagens seria acessória; passado algum tempo, uma dissidência não especificada entre o patriarca Germano e Leão III levou a que o primeiro abdicasse, sendo que a tradição posterior apontou o iconoclasmo como causa. Em todo este processo nunca teria havido a promulgação de um édito imperial a promover uma doutrina iconoclasta.

[57] "According to the later tradition employed by the papacy in 769, therefore, it was only at the Roman synod of 731 that a general condemnation of the new tendency coupled with the threat of excommunication for those who promoted it was pronounced, the arguments supposedly being founded upon a collection of scriptural and patristic texts established by Gregory. But the decision of the synod is preserved only briefly in the dubious section of the *Life* of Gregory III, and partial sumaries of the arguments adduced were repeated in Hadrian I´s letter to Charlemagne recounting the decisions of the Roman Council of 769." BRUBAKER & HALDON 2011 126-127. Voltamos a esta questão na próxima secção, 1.3.

parciais, a favor da ortodoxia iconódula, e os próprios autores seriam, quiçá, os primeiros a atestá-lo. Tão somente, o conceito de realidade objetiva, tal como a historiografia o entende atualmente, difere do conceito de realidade objetiva que os autores, à época, procuravam expor.

Talvez se deva aqui citar as palavras de Averil Cameron, a propósito do problema da representação realista nos ícones bizantinos:

> "However, the reason why this should be a problem lies more with ourselves and with the way in which we frame the question than with the icons. Contemporaries did not doubt that they were true representations of actual reality, a conviction which explains the accusations of idolatry from Iconoclasts and Muslims alike. To us, Byzantine religious art usually appears anything but realistic. Nor, on the whole, do modern historians share the contemporary beliefs either in the religious entities themselves (or at any rate, not in these objectified forms) or in the notion that language, verbal or artistic, represents objective reality." (CAMERON, 1995 33)

O que aqui é dito para a descrição realista nos ícones será também legítimo para a representação escrita, sobretudo se se tiver em conta como palavra e imagem se equivalem no mundo ortodoxo[58]. Transportar os conceitos de adulteração e de "distorções ideológicas" não nos parece ser apropriado. Além disso, negar a autenticidade dos fatos narrados com base na argumentação ideológica das partes envolvidas não é compatível com uma análise filológica dos textos[59].

[58] Isto vai de em encontro ao valor literário que se poderá atribuir à cronística da época. Um assunto que abordaremos se forma mais detalhada na terceira parte da presente tese.

[59] Atente-se nas palavras de Marie-France Auzépy: "Pour ce qui est du sentiment d´insatisfaction que procure à l´historien la période connue sous le nom d´iconoclasme, la raison en est connue, c´est la situation très particulière de cette période vis-à-vis des sources. L´histoire en a été récrite a posteriori par les iconodoules qui ont établi une vulgate que ne vient troubler aucune voix dissonante. L´Église a en effet été efficace dans la *damnatio memoriae* infligée aux empereurs isauriens initiateurs du premier iconoclasme, puisque presque aucune des oeuvres écrites par eux ou en leur honneur n´a subsisté, alors que l´on a des preuves de leur existence. (…) d´autre part, tout essai de reconstitution de l´histoire de la période comprend

Não se trata aqui, em virtude das poucas provas documentais, de provar o que aconteceu, mas sim de apresentar argumentos à base da verosimilhança histórica: como tal, a análise tradicional de autores como OSTROGORSKY 1968, GERO 1973, TREADGOLD 1997 e GRABAR 1998 parece-nos verosímil e sustentável. Procurar demonstrar, por outro lado, que o que é descrito por duas fontes (ainda que partilhem, elas mesmas, de algumas fontes idênticas[60]) não é verdadeiro em função de tradições adulteradoras, parece ser inverosímil e, sobretudo, contrário aos próprios processos descritivos de que a literatura em questão faz uso.

Com estas preocupações filológicas, Leslie Brubaker e John Haldon parecem reagir ao elevado número de interpolações e alterações na transmissão de textos, que afetam em particular este período. As próprias autoridades da época não eram alheias à questão – ao ponto de, durante o Segundo Concílio de Niceia, se afirmar, repetidamente, a necessidade de atestar a veracidade das fontes patrísticas consultadas e citadas, dado o número de adulterações.[61] Todavia, e como os próprios autores afirmam, o afã de alterar documentos, na época, obedecia às necessidades de explicitar um dado argumento de forma a que a sua "natureza" se tornasse mais acessível à forma de pensar do seu tempo:

> "Despite the reactions of John of Damascus and Nikephoros, many interpolations were more or less innocent attempts to edit an old text so that it made sense in the world that the editor addressed. Interpolations of this sort inevitably promoted a particular point of view, but were not

une part de déduction non prouvée qui la rend *ipso facto* aléatoire." (AUZÉPY 2007 263) Em confronto com as palavras da autora, não negamos aqui que as fontes, tal como chegaram até nós, são unilaterais, mas desvirtuá-las perante o objetivo de "socorrer" um lado que se tem por traído correrá o risco de anular o valor histórico do que chegou até nós, sem se ter iluminado devidamente aquilo que se pretenderia resgatar. O objetivo da autora parece ser justamente esse: "La nécessité inconsciente, car despuis l´enfance je déteste l´injustice. Or, pour des raisons qui sont longuement développées dans ce livre, les iconoclastes avaient été victimes d´une criante injustice historique." (*ibidem* V).

[60] Dedicamo-nos à abordagem das fontes históricas destes autores na terceira parte da presente tese.

[61] CAMERON 1992 16 "The concern for codification intensified in inverse proportion as access to the old knowledge receded, and is vividly illustrated in the lengthy strings of authorities cited by both sides in the proceedings of the Sixth and Seventh Ecumenical Councils. Such a technologizing of religious authority inevitably gave rise to fakes and bogus citations, and laborious measures were taken at the Sixth Council in 680-1 to check authenticity — an interesting reflection on the morality of seventh century churchmen."

> necessarily (or even normally) attempts deliberately to distort the meaning of the earlier text. Rather, many interpolations simply elaborated an account in order to make it relevant and comprehensible to a new audience. We should not, in other words, rush to condemn the interpolators, who were (usually) only trying to make sense of the past or, in the case of hagiographic texts and miracle collections, who simply wanted the virtues of ´their´ saint to remain important for an audience that had new requirements for expressing sanctity." BRUBAKER & HALDON 2011 52-53.

Deste modo, aquilo que a modernidade entende muitas vezes como adulteração ou mutilação não corresponderia, necessariamente, ao que os homens do período tardo-antigo entendiam por mentira ou falsidade. Excetuando os casos em que houvesse uma mudança direta e propositada do sentido textual, muita da modificação histórica que cerca a narração de certos feitos, ou a exposição de certos argumentos teológicos, pretendia pôr a nu um sentido que se considerava implícito, e que importava salientar para os efeitos concretos da situação a que foram chamados.

Sem dúvida que os limites deste uso são ténues e ambíguos, trazendo a questão da legitimidade filológica para tal procedimento: mas, na altura, a mesma tinha uma finalidade que era interna à própria tessitura dos textos que eram tratados. Assim sendo, as fontes que desembocaram em Teófanes e em Nicéforo, ainda que não muito claras para as conceções modernas, expressam, de uma forma verosímil, linhas interpretativas e de narração contínuas e que estarão associadas a uma cadeia de narrar e viver os processos históricos. Esses, por sua vez, deverão ser traçados até aos próprios factos.

Em contrapartida, recorrer somente a um método de análise textual para determinar o que é ou não positivo será contrário à orgânica dos textos, por sua vez incluídos numa transmissão concreta, que remonta aos próprios eventos. Foi isto que motivou, como vimos, a nossa postura em relação ao episódio da Porta de Bronze. Além disso, convém notar que uma hipercrítica textual que pretenda

retirar o "cunho ideológico" dos textos históricos corre o risco de incutir nos mesmos textos tendências ideológicas modernas.

1.3) As revoltas no tempo de Leão III e a não cooperação papal

A postura de Leslie Brubaker e John Haldon em relação ao édito iconoclasta de 726 estende-se à revolta to *thema* heládico, ocorrida pela mesma altura. Como vem da mesma altura, como vimos, a não cooperação de Roma. Os autores preferem explicar estes fenómenos recorrendo a critérios de ordem política e administrativa, focando as alterações tributárias impostas sobre as regiões mais ocidentais do império (ou sob a sua influência) para fazer face aos custos da frente de guerra.

A revolta do *tema* heládico, em particular, atribuída à política imperial por uma fonte posterior a esses mesmos eventos, a Teófanes, seria uma extrapolação, ou então uma interpretação póstuma, da revolta de um exército que teria motivos sociais e políticos concretos contra Leão III, não relacionados com políticas religiosas[62]. Esta perspetiva, na nossa opinião, tem o seu fundamento na realidade da época, sobretudo se tivermos em conta como o coroamento do imperador ocorreu no quadro de uma grande instabilidade política: em cerca de seis anos, três imperadores seguiram-se no trono de Constantinopla, pelo que Leão, quando se lhes segue, herda também as problemáticas inerentes à época.

Nada poderia garantir, aos olhos das pessoas que experimentaram esses mesmos eventos, que o novo soberano fosse capaz de sustentar o cetro por muito mais tempo do que os seus antecedentes imediatos. A isto se junta, por outro lado, a forma como as revoltas civis e militares se constituíam, no império bizantino, quase como uma expressão do desacordo civil para com determinado

[62] *Cf*. *supra*, nota 41: BRUBAKER & HALDON 2011 81. Os autores opõe-se assim à postura clássica de OSTROGORSKY 1968 162-163. *Vide* ainda ANASTOS 1957 28-29, onde se descrevem episódios ilustrativos da postura ríspida de Leão III contra os iconódulos de Roma. AUZÉPY 2007 28-30, por seu turno, constata que as confiscações eclesiásticas no lado Ocidental do império, assim como a criação de novos episcopados, tanto no Ocidente como no Oriente, são feitas de acordo com as linhas de organização militar. Também MANGO 1977a 6 considera que a revolta heládica não tenha surgido por causa do iconoclasmo, mas sim na sequência do regime instável das revoltas anteriores. O mesmo para AHRWEILER 1977 23.

imperador[63]. As vicissitudes do cerco árabe, a vitória bizantina e a relativa estabilização das fronteiras a Este, por seu turno, determinam o sucesso deste imperador e o fim da crise de sucessão[64].

Todavia, será de notar que, à época, os factos de ordem social e militar eram marca, não raras vezes, de uma expressão teológica concreta, ao ponto de se manifestarem nas políticas levadas a cabo desde o epicentro de Constantinopla. Isto é, fazer uma separação entre uma esfera meramente teológico-religiosa, por um lado, e uma esfera social, por outro, com vista a reduzir o iconoclasmo a um elemento interno à hierarquia da Igreja, e as políticas imperiais a motivações de ordem sociológica, será, diríamos, artificial. A perceção que os romanos orientais tinham do seu governo, das relações com os povos não cristãos e, em última análise, com o divino, alimentava-se, em simultâneo, de razões de ordem social e teológica.

Assim, durante o período de instabilidade que referimos, as tomadas de posse eram seguidas de atitudes muito concretas no âmbito da política religiosa: quando Filípico Bardanes toma o poder, em 711, ordena que a imagem relativa ao sexto Concílio Ecuménico fosse retirada e que os nomes dos patriarcas aí anatematizados fossem reabilitados. E logo quando, em 713, o seu breve reinado termina e Anastácio II se lhe segue, ordena a restauração da Ortodoxia e que as referidas imagens do Concílio Ecuménico fossem repostas[65]. Mesmo num período conturbado – ou quiçá, mais prementemente por se tratar de um período conturbado – as subidas e descidas de imperadores eram acompanhadas de posições bem concretas, que infletiam na relação da sociedade com a Igreja. Essa mesma relação, de forma significativa, era feita por imagens.

O iconoclasmo, enquanto tal, nasce de uma ambiência tanto teológica como social. Não se trata aqui de afirmar, como mais à frente será problematizado, que o

[63] É essa, pelo menos, a teoria de KALDELLIS 2015.

[64] De notar que Leão III, após a vitória no cerco de Constantinopla, teve que se deparar com uma insurreição militar que procurava colocar no poder Anastácio II, o imperador anterior. Saiu, no entanto, gorada: *cf.* TREADGOLD 1997 349. Além disso, durante o cerco árabe a Constantinopla, houve uma usurpação por parte de Sérgio, comandante da Sicília. A mesma, porém, parece ter ocorrido perante as incertezas do desfecho militar a oriente. A chegada das notícias da vitória de Leão foi suficiente para acabar com a subversão: HALDON 1986 187.

[65] TREADGOLD 1997 342-343; BRUBAKER & HALDON 2011 70.

avanço das formas islâmicas e a perda de inúmeros territórios imperiais tenha alimentado a ideia de que os romanos, enquanto povo escolhido por Deus, estavam a ser castigados por uma suposta idolatria, estando o império a ser conquistado por uma religião manifestamente adversa a representações religiosas. Mas as manifestações políticas e as revoltas sociais não podem ser dissociadas da orientação eclesiástica. Para além dos outros fatores que não "teológicos" que tenham motivado a revolta heládica – insubordinação local, resposta à política tributária ou vontade de eleger um outro imperador – tudo isso deverá ver a política não como um fator externo que tenha afetado o comportamento histórico desses indivíduos, mas como um fator *interno* a esses mesmos comportamentos[66].

Algo de semelhante poderá ser dito em relação à não cooperação papal. Como vimos, Brubaker e Haldon relativizam a relação entre o sínodo romano de 731 e a política dita iconoclasta que Leão III teria promulgado[67]. Ainda que boatos e rumores tivessem chegado a Roma sobre o comportamento e as crenças do imperador, o papado estaria motivado, nas suas reações para com Constantinopla, com assuntos de ordem administrativa, sobretudo com a passagem para a tutela do soberano temporal de regiões eclesiásticas sob o domínio de Roma.

A única fonte relativa ao que se terá passado neste concílio apresenta diversos problemas filológicos para se determinar com exatidão que o papa tenha sido diretamente hostil ao édito de 726[68]. Por isso, afirmam os autores que a

[66] Por outras palavras, a relação que a autoridade tinha com o divino não se manifesta como um fator entre outros, que rivaliza com elementos de ordem social, como parecem entender Brubaker e Haldon. Eles pretendem estudar o iconoclasmo como um fenómeno completamente social ("a fully ´social´ phenomenon" BRUBAKER & HALDON 2011 4). Em vez disso, sustentamos que a relação antropológica com o religioso é conjunta com manifestações de ordem social. O próprio iconoclasmo, pela maneira como determina, como procuraremos demonstrar, a autoridade específica do imperador, será um exemplo marcante disso mesmo.

[67] BRUBAKER & HALDON 2011 127: "In respect of public politics, it is clear that the papacy continued to follow a fairly cautions position and a friendly attitude towards the emperor. That the papacy had a formal position in Constantinopolitan policy with regard to images at this time, in consequence, seems on the basis of this virtually non-existent evidential basis most unlikely."

[68] A obra em questão é o *Liber Pontificalis*, na medida em que os autores não consideram como viáveis as narrativas presentes na *Cronografia* de Teófanes Confessor, nem no *Breviarium* do patriarca Nicéforo. Mas TREADGOLD 2012 34 considera o seu uso legítimo: "The lost Greek source of the chronicles of Nicephorus and Theophanes from 721 to 769 left traces in several other texts. (…) Because all of these works agree with each other on the main points of Byzantine internal history, they seem to have transmitted their source without serious distortions. Consequently, when we discuss the reliability of Nicephorus and Theophanes for the history of the first period of Iconoclasm, we really mean the reliability of their common source." De notar ainda que o episódio da Porta de Bronze, que aparece em Teófanes, não aparece em Nicéforo, sendo

profissão de fé apresentada ao papa pelo imperador (ato costumeiro à época para com os patriarcas), poderia ter sido mais tarde interpretada como uma prova de que tivesse existido um édito iconoclasta[69].

Uma vez mais, aqui, somos da opinião de que a atitude por parte do papado continua a ser associável, se não a um édito imperial iconoclasta enquanto tal, pelo menos a uma postura política que o será. A postura tradicional, segundo a qual Roma combateu as ideias de Constantinopla afixando os ícones dos Concílios Ecuménicos[70], parece-nos ser também verosímil. Já foi visto como mesmo entre imperadores que governaram pouco tempo houve a preocupação de afirmar a respetiva crença doutrinal pela afixação ou extração de imagens dos Concílios Ecuménicos: quanto mais tal forma de demarcação não seria importante na ótica de um imperador que se há de demarcar contra o culto dessas mesmas imagens[71]?

Além disso, os motivos de ordem jurídica e/ou administrativa poderão, tal como no caso da revolta do *thema* heládico, ser considerados em conjunto com a política imperial. Não se trata, bem entendido, de uma negação desses fatores, antes de afirmar que eles não precisam de se expressar, à época, de uma forma independente. Antes pelo contrário, políticas concretas dos imperadores eram associadas, tanto pelos seus adversários, como pelos seus apoiantes, à postura para com a Igreja e afirmação da fé. Determinadas evoluções num destes termos levavam, por implicação, a evoluções no outro termo.

Em suma, se na questão da Porta de Bronze e do édito de 726 se levantou a questão da historicidade dos eventos, aqui, por outro lado, levanta-se a questão de se associar determinados eventos (revolta de um exército e postura papal) a um

---

esse um dos argumentos que Marie-France-Auzépy tece para o considerar como fictício: AUZÉPY 2007 150-151.

[69] BRUBAKER & HALDON 2011 84-85.

[70] *Cf*. GRABAR 1998 77-78.

[71] Recorrendo aos selos e à numismática, BRUBAKER & HALDON 2011 144-150 salientam como as primeiras representações sob a alçada deste imperador correspondem ao repertório iconográfico comum dos imperadores anteriores, com imagens da Theotokos e de Cristo. Porém, é de notar que a evolução da cunhagem da moeda por parte de Leão III afeta já um progressivo afastamento da exposição de imagens religiosas, rumo a uma imagética que centraliza a figura do imperador. Assim, se desde o reinado de Justiniano começa a surgir um modelo que coloca o imperador num dos lados da moeda e Cristo no seu lado oposto, figurando-se o imperador como um *servus Christi* (*cf*. GRABAR 1998 93 *et passim*) – agora, a um imperador de um dos lados da moeda corresponde, no anverso, a imagem do seu filho e herdeiro – *cf*. BRUBAKER & HALDON 2011 146-151.

determinado elemento (o iconoclasmo). A nossa posição, como se viu, vai pela historicidade e pela verossimilhança dos acontecimentos narrados na *Cronografia* de Teófanes o Confessor e no *Breviarium* do patriarca Nicéforo. Seguimos, deste modo, Warren Treadgold, quando ele afirma, após uma análise das fontes históricas do período:

> "Despite the opinion of some recent scholars that Nicephorus and Theophanes were late and unreliable sources, any reasonably objective analysis of what remains of their common source from 721 to 781 will conclude that it was both early and relatively accurate. Obviously the author was hostile to Iconoclasm, criticized iconoclasts, and repeated some dubious rumors about their private lives. For any of their public actions, however, he should be a reliable source. After all, in 781, just six years after the death of Constantine V, the continuer could scarcely have hoped to deceive readers who were older than he was about acts that many of them had witnessed themselves." TREADGOLD 2012 38

Regressaremos, em lugar oportuno, às fontes históricas que estes autores usaram para os seus escritos. Por enquanto, na nossa análise histórica, precisamos de nos focar sobre as origens sociais do iconoclasmo.

1.4) As origens geográficas do iconoclasmo

As considerações até agora tecidas levam-nos às origens de Leão III e à forma como o mesmo estaria associado a populações que seriam, pela localização geográfica, adversas aos ícones. Antes de ser coroado, o imperador era um general, um *strategos* (στρατήγος) do *thema* da Anatólia, que, colocado na fronteira entre o império e os árabes, conhecera já de primeira mão a zona de guerra por que os bizantinos passavam, tendo-se deparado com forças islâmicas em contexto militar.

É justamente por este meio, o militar, que ele será levado ao poder: pois os exércitos constituíam-se, perante o desmoronar da organização municipal romana, e na sequência de progressivas reformas administrativas que fixavam os soldados a determinada região, como veículos para se expressarem certas tensões sociais. Não raras vezes de forma violenta, por via de revoltas e do que atualmente se poderá classificar de guerras civis, as pretensões e/ou aspirações de camadas da população romana que não estavam vinculadas aos quadros centralizados da capital podiam adquirir alguma representação, na medida em que se dependia da sua pujança e valor militar para a salvaguarda física e financeira do império[72].

Os *themata* orientais, de onde Leão III era oriundo, eram os mais importantes, na altura, para travar o constante avanço árabe, sobretudo os *themata* dos Armeníacos e dos Anatólicos[73]. Mais tarde, Teófanes referir-se-á ao imperador como a um sujeito *sarrakenofron* (σαρακηνόφρων)[74], isto é, que pensa como os Sarracenos. Também a historiografia posterior entenderá isto como uma marca de despeito, sendo ao mesmo tempo sinal de uma suposta influência islâmica no iconoclasmo bizantino[75]. Esta designação, porém, parece dever mais a uma retórica que visa denegrir um adversário, associando-o a uma corrente estrangeira:

[72] Sobre estas alterações, veja-se BRUBAKER & HALDON 2011 26-32, mas também 627-642. Já para KALDELLIS 2015 118-164 estas manifestações dos exércitos faziam parte do dinamismo interno da sociedade política coeva, que deste modo fazia representar perante o trono de Constantinopla os interesses e aspirações de outras grupos e localidades do império. Mas veja-se também GRABAR 1998 136.

[73] Os *themata* eram uma organização militar tipicamente bizantina, cuja formação e vigor se consolidaram ao longo do chamado Período Bizantino Médio, que inclui os séculos VIII e IX. Consistia numa relativa autonomização e sedentarização da população militar, que cultivava a terra e que era responsável pela defesa de uma determinada província. Esta organização, reformando a instituição militar tal como herdada das reformas de Diocleciano e Constantino I, vai agilizar a militarização de todo o território imperial, que não só das fronteiras, ao mesmo tempo que libertar Constantinopla de muitos dos fardos económicos para equipar e alimentar os soldados. Não se deve, contudo, confundir esta instituição com o sistema feudal, que é tipicamente ocidental. Nos *themata*, as altas chefias militares obedeciam diretamente ao governo de Constantinopla, envolvendo-se, não raras vezes, na sua política. Existe algum debate no que concerne às suas origens, bem como ao período de tempo que levou até à sua implementação (se foi um fenómeno gradual ou atribuível a um único imperador). OSTROGORSKY 1968 92-100 coloca a sua formação na senda da invasão persa, aquando da tomada de poder por Heráclio. Assenta, para isso, na entrada de Teófanes para o *annus mundi* 6113 (620/621 d.C), uma referência que, para muitos, é anacrónica. BRUBAKER & HALDON 2011 734-771 avançam para uma formação muito mais tardia, para os finais do século VIII e inícios do IX, iniciando com o imperador Nicéforo e consolidando-se com a imperatriz Irene. Já TREADGOLD 1997 314-322 faz remontar a instituição a Constante II, no século VII. Para uma descrição dos principais *themata*: AUZÉPY 2007 12-13. Mas atente-se ainda em GONÇALVES *et alii* 2016.

[74] *Cf*. A.M. 6218.

[75] "More significant still is the indication of Leo´s friendly attitude towards the Muslims revealed by his nickname of ´Saracen-minded´ (σαρακηνόφρων) which is contemporaries gave him." OSTROGORSKY 1968 161

assim, nas *Atas* do Concílio iconoclasta de Hiéria (antes de Teófanes, portanto), nada mais nada menos do que São João Damasceno, o incansável defensor das imagens, será apelidado pelos seus adversários como *sarrakenofron*[76].

Ora, ao contrário do que uma certa leitura sugerirá, que vê no iconoclasmo uma rutura com o culto dos ícones, este movimento, pelo contrário, era mais premente justamente naquelas zonas em que já se olhava com desconfiança para as imagens[77]. As províncias mais orientais do império, e independentemente da sua proximidade da cultura e poder islâmicos, estavam já, do ponto de vista histórico, associadas a certos distanciamentos dogmáticos de Constantinopla e Roma, sendo que o monofisismo – que poderá ter tido uma influência concreta no iconoclasmo enquanto tal[78] - e uma espiritualidade gnóstica[79] – como atesta o caso dos Paulicianos – marcavam desde já a mundividência das regiões da Ásia Menor. Estas províncias estão ainda próximo da Arménia, um país que também manifestou uma certa oposição às imagens, sem qualquer relação com o Islão[80].

Será então desta área, à qual Leão III estava militar e politicamente ligado, que terá advindo o movimento que chamamos de iconoclasmo. É de notar, a esse nível, que a revolta do *thema* heládico, que já referimos, surgiu das províncias ocidentais do império, de uma região, por tradição, mais iconófila. Assim, e de acordo com esta linha historiográfica, a tomada do poder por parte de Leão significou uma alteração da política religiosa por influência militar: estes soldados, que estavam na linha da frente contra os árabes e que viam a sua própria atividade como a defesa do novo Israel cristão, terão querido impor a sua posição em questões internas à própria Igreja. Não se trata somente, aqui, de um padrão que está de acordo com as várias crises teológicas e doutrinais por que o império

[76] *Cf*. BRUBAKER & HALDON 2011 196 sobretudo a n. 177. Além disso, e como veremos, outras passagens da *Cronografia* de Teófanes associam um pensamento estranho à tradição da Igreja a povos ou etnias não cristianizados.

[77] GRABAR 1998 139-140.

[78] Um tópico que será abordado na segunda parte da presente tese.

[79] *Cf*. GRABAR 1998 139: "Les Pauliciens qui, avec violence, rejetaient tant de dogmes et usages de l´Église, sont foncièrement hostiles au signe de la croix et refusent d´admettre les icônes." Os Paulicianos, assim, eram ainda mais agressivos do que os iconoclastas, porquanto negavam também o sinal da Cruz.

[80] *Cf*. GRABAR 1998 138-139. Em torno da relação da Igreja Arménia com o iconoclasmo, *cf*. DER NERSESSIAN 1944-1945.

passou[81]: agora, a própria organização militar, mais localizada, potenciava uma simbiose entre general e soldados que podia dar vazão a aspirações locais.

Terá havido assim, nesta linha, como que um choque entre uma mundividência iconoclasta, oriental – direta ou indiretamente herdeira de tendências mais espiritualistas, que a Igreja, na sua história, tinha vindo a refutar – e uma mundividência iconófila, ocidental e constantinopolitana, a qual havia, desde o reinado do imperador Justiniano I, assistido ao processo que às vezes é designado por "ascensão das imagens"[82].

A linha de John Haldon e Leslie Brubaker, da qual nos temos vindo a distanciar, não considera como evidente ou provado que haja uma distinção geográfica acentuada entre as diferentes províncias do império[83]. O iconoclasmo não seria um fenómeno geográfico, mas social, e a forma como Leão III se apoiou sobre os *themata* orientais estaria antes associada às exigências bélicas e aos esforços de reorganização central da administração[84]. Para esta tese, os autores negam também a existência do referido processo histórico pelo qual o uso de ícones e da sua veneração teria ocorrido progressivamente: pelo contrário, afirmam que este culto se constituiu como uma novidade no espectro religioso do mundo tardo-antigo, e que o iconoclasmo reagia acertadamente quando via nos

[81] As várias questões que agitaram a Igreja, como o Monofisismo, o Monotelitismo ou o Nestorianismo, longe de serem somente questões teológicas debatidas por alguns eruditos, tinham, em boa verdade, implicações profundas na forma como a sociedade romana da época se organizava. Ademais, uma vez que a política imperial se deveria relacionar com uma dada profissão de Fé, os exércitos, em particular, eram sensíveis à forma como a religião do imperador coincidia ou não com a sua. Um dos exemplos mais particulares, e quiçá mais estranhos, está narrado em Teófanes, quando um exército exige ao imperador Constantino IV que houvesse três imperadores, em virtude de haver três Pessoas da Trindade (*cf*. A.M. 6161). Sobre isso, *vide* nota 748.

[82] O conceito remonta a KITZINGER 1954. A ideia da "ascensão dos ícones" neste período encontra-se também em BROWN 1973, CAMERON 1992 e GRABAR 1998. Estudaremos a sua implicação em tempo oportuno (segunda parte da tese).

[83] Os autores vão assim na senda de AUZÉPY 2007 268: "En ce qui concerne la theórie de l´Orient aniconique, avancée par les historiens modernes, elle ne résiste pas réellement à l´examen: si, d´après les lettres du patriarche Germain lues à Nicée II, l´iconoclasme commence en effet en Asie Mineure, s´il est bien accueilli à l´extérieur de l´empire par les jacobites de Syrie, cela ne signifie pas que ces débuts ni cet accueil soient dus à une tradition aniconique locale (…)". Bem entendido, não entendemos aqui que as províncias orientais fossem homogeamente anicónicas e/ou iconoclastas, nem que as províncias ocidentais fossem homogeneamente iconódulas. Trata-se, pelo contrário, de afirmar a existência de tendências que, entrando em sintonia com o mecanismo militar da época, puderam encontrar uma forma idiossincrática de se expressar.

[84] *Cf*. BRUBAKER & HALDON 2011 89-105. Mas é justamente por causa da regionalização das forças armadas (de que os autores fazem menção na mesma obra) que achamos ser verossímil uma infiltração de ideias religiosas nessas mesmas zonas do império.

ícones uma inovação na Tradição. O culto a imagens sagradas existiria antes disso, afirmam, mas não de uma forma muito expandida[85].

Como temos procurado salientar, a referida postura "tradicional", isto é, que considera haver um culto das imagens anterior ao iconoclasmo, e que esse mesmo culto se vai relacionar de uma forma mais ou menos direta com o poder imperial e com a afirmação do Cristianismo como a religião oficial, será a mais correta. Esta perspetiva mais recente, de autores como Brubaker, Haldon e Auzépy, parecem, aqui e ali, como que reabilitar os argumentos dos próprios iconoclastas[86], na tentativa de quererem compreender as tensões da Igreja à luz de conceitos como o de "ideologia" e "construção de mitos sobre o adversário"[87].

A análise que iremos propor da *Cronografia* de Teófanes o Confessor, por seu turno, vai permitir aclarar a nossa posição dentro desta mesma problemática: procuraremos demonstrar como o surgimento do iconoclasmo se enquadra na realidade histórica percebida enquanto tal pelo monaquismo ortodoxo do século IX. Procuraremos ainda demonstrar que a crise iconoclasta, tal como vivida e experienciada pelos próprios monges, não é isenta de uma postura concreta no

[85] BRUBAKER & HALDON 2011 62-63: "It is during the last decades of the seventh century that holy portraits seem to have been absorbed into the cult of saints, and to have become widely recognised as mediators between humanity and the divinity. But while the balance of the evidence suggests that the holy portrait assumed this responsability by the end of the seventh century, the theology and codification of its roles surfaced only during the debates between iconoclasts and iconophiles during the eighth century. What we might legitimately call a cult of images did not lead to iconoclasm; it was generated by the discourse of the debate about iconoclasm itself. In this context, the iconoclasts of 754 were right when they condemned image veneration as an innovation that ran counter to the venerable traditions of the church: holy portraits were not new, but their magnified role was an ongoing contemporary development and their veneration was a recent phenomenon."

[86] Assim dito, curiosa mas sintomaticamente, na recensão à obra de Auzépy: "The iconoclastic era (730–843) is one of conviction, passion, ideology, and «faith propaganda.» As an «iconoclast» Auzépy could not have remained unaffected." MERGIALI-SAHAS & SAHAS 2008 776.

[87] Assim, por exemplo, e em torno do Segundo Concílio de Niceia, Brubaker e Haldon referem, a propósito da oposição monástica: "But it is important to emphasise that the ideology of monastic opposition was a product of the period after 787 and later. (…) But it is the construction of a myth or legend of opposition which was of such importance in the ninth century; and it can in any case by no means be treated as a unified social, political or ideological bloc: as we will see, many monastic communities supported or went along with imperial iconoclasm." (BRUBAKER & HALDON 2011 198-199). Deste modo, os autores recorrem aos conceitos de ideologia política para abordarem as políticas imperiais (por oposição a uma crença religiosa concreta) e à construção de narrativas para desacreditarem as fontes iconódulas que chegaram até nós (classificando-as como estando, na sua raiz, deturpadas e não sendo verosímeis). Daqui partem para uma análise dos dados empíricos da arquelogia para concluírem pela ausência de provas para muitos dos processos históricos em questão. Não nos parece conveniente, todavia, que se usem os conceitos de "ideologia" e de "construção de narrativas" a uma sociedade pré-moderna como era a sociedade bizantina. Seguimos a posição geral de TREADGOLD 1997 e 2012. Além disso, os argumentos de ordem empírica nem sempre fornecem informações para explicar os fenómenos que se pretende descrever.

que concerne à relação entre estado e Igreja. Os contornos dessa mesma orientação, todavia, devem ser tidos em conta com base nas linhas textuais e interpretativas da própria *Cronografia*. Por enquanto, neste capítulo, continuaremos uma narração do período em questão, com o objetivo de deixar a nu os principais intervenientes históricos e as problemáticas por eles vividas.

2) o reinado de Constantino V e o agudizar das perseguições

2.1) A consolidação do poder e o Concílio de Hiéria

Com a morte de Leão III, a 18 de junho de 741, sucede-lhe o seu filho Constantino V. Sendo este, do ponto de vista doutrinal, iconoclasta como o pai, vai fomentar e perseguir de uma forma mais violenta e sistemática os iconódulos, em especial os centros monásticos. Isto será diretamente indicado por Teófanes: além disso, se se seguir o seu perfil político e a aplicação concreta das suas políticas, poderemos traçar uma evolução consistente do seu iconoclasmo.

No começo do seu reino, todavia, Constantino teve que se deparar com uma usurpação por parte de Artabasdo, o seu cunhado, que tinha o título de *kouropalates.* A revolta durou de 741 a 743.[88] Ainda que os motivos de Artabasdo não tenham sido suscitados por razões de foro religioso, ele deverá ter-se aproveitado da questão para obter dividendos políticos: assim o patriarca Anastácio terá aproveitado a ocasião de instabilidade política para restaurar temporariamente o culto de ícones[89].

Artabasdo fora um associado próximo de Leão III e, ainda que isso não determine *a priori* o seu iconoclasmo, a revolta parece ser sintomática de uma sociedade onde ainda não se havia estabelecido o princípio da hereditariedade como base para a sucessão imperial. Afinal, fora na sequência de uma grande

[88] *Cf*. BRUBAKER & HALDON 2011 157 n. 9, para a datação com base em Teófanes e no patriarca Nicéforo. A cronologia desta revolta, porém, é um pouco problemática, dado que os dois escritores bizantinos não concordam entre si. Veja-se ainda MANGO 1997 579 n.10.

[89] Para OSTROGORSKY 1968 165, Artabasdo era um iconódulo, sendo que a sua revolta ocorre contra o iconoclasmo. O imperador Anastácio chega mesmo a coroá-lo. É depois colocado num burro e parodiado por Constantino V, antes de o cegar. No que concerne ao dissídio religioso como causa legítima para provocar uma guerra civil, os argumentos de TREADGOLD 2012 parecem-nos convincentes.

convulsão política que Leão havia sido declarado imperador[90]. A forma como isto se relaciona com a política iconoclasta ou iconófila dos pretendentes ao torno revela, de resto, como a questão das imagens está associada à relação com o poder imperial. O próprio Teófanes parece ter vinculado, de forma direta, este rebelde à causa ortodoxa, ainda que não tenha uma visão nada favorável em relação ao patriarca Anastácio[91].

Assim, e tendo em conta que Artabasdo era o comandante do *thema* militar do Opsíquio, um dos mais importantes e o maior em termos de extensão, esta usurpação poderá indicar que estamos perante duas formas de interpretar o legado político de Leão III: ou o estabelecimento de uma dinastia, ou um expressar das mais prementes necessidades militares do império. O resultado foi uma violenta guerra civil, que não resultou em perdas de território para os Árabes porquanto os mesmos também passavam por crises interna. A vitória final de Constantino V, para além disso, deixou-o desconfiado e suspeitoso em relação a possíveis revoltas e golpes de estado[92].

No plano secular, Constantino V revelou-se um governante enérgico, empenhado em reformas militares e políticas. Para impedir insurreições, não só fez várias alterações à estrutura dos *themata*, dividindo o poderoso *thema* do Opsíquio, como ainda criou um novo tipo de unidade militar: o *tagma*. Os *tagmata* estavam diretamente dependentes do imperador, dele recebendo os seus salários[93]. O seu uso permitia ainda que forças de ataque fossem rapidamente mobilizadas além-fronteiras para os mais diversos efeitos tático-estratégicos[94]. Estas alterações permitiram a Constantino impor uma influência bizantina sobre o planalto da Trácia, ocupado por Eslavos. Permitiu-lhe igualmente tomar a ofensiva contra os Árabes, na fronteira leste. Tais avanços só puderam ser

[90] *Cf*. TREADGOLD 1997 356.
[91] *Cf*. A.M. 6233.
[92] Para os eventos da guerra civil, *cf*. TREADGOLD 1997 356-358.
[93] HALDON 1986 161: os soldados estavam afeitos ao império e à fé cristã, não a um imperador em particular. O autor apresenta os *tagmata* de Constantino V como exceções a esta regra.
[94] *Cf*. TREADGOLD 1997 358-359; BRUBAKER & HALDON 2011 160-161; mas também MCCORMICK 2008 353-354.

abandonados com a chegada da peste, que atingiu com particular veemência a capital em 747.

No plano religioso, por seu turno, o vigor de Constantino V foi fervoroso. Quiçá tomando a peste como um sinal divino[95], promoveu uma série de debates entre iconoclastas e iconófilos, sendo que ele próprio terá composto orações e tratados teológicos (em número de treze) para defender a causa iconoclasta. Estes debates terão ocorrido pelas diversas cidades do império, sendo que no final um representante imperial imporia a versão oficial[96].

O objetivo ulterior desta atividade seria o de levar a cabo um plano que poderá ter já sido esboçado por seu pai, mas nunca posto em prática: reunir um concílio que promulgasse o iconoclasmo. Isto ocorreu em 754, em Hiéria (atual Fenerbahçe), uma cidade nos subúrbios de Constantinopla. Presidido por Teodósio, arcebispo de Éfeso, este concílio, que durou seis meses, declarou como herético o culto dos ícones, anatematizando com particular vigor o antigo patriarca Germano e São João Damasceno. No final foi eleito Constantino de Silaion como novo patriarca de Constantinopla, porquanto Anastácio havia falecido pouco antes.

Em torno deste Concílio, será importante notar as palavras do historiador Warren Treadgold:

> "It was a curious gathering, held without a patriarch of Constantinople or representatives from the pope and the orthodox eastern patriarchs, none of whom had accepted Iconoclasm. Although the emperor wanted the council to be considered ecumenical, no earlier ecumenical council had been so naked an instrument of imperial authority." TREADGOLD 1997 361

[95] *Cf*. BRUBAKER & HALDON 2011 182-183 *et passim*.
[96] *Cf*. *idem* 176-189; OSTROGORSKY 1968 171; para a argumentação teológica de Constantino, com base nos excertos que sobreviveram, *cf*. GERO 1975 4-12. Os mesmos serão abordados com maior pormenor na segunda parte da presente tese.

O Concílio parece atestar como o conceito de catolicismo da Igreja deveria estar, para Constantino V, estritamente relacionado com o poder imperial. Por outras palavras, a definição da universalidade da Igreja parece como que coincidir com a legitimidade do poder imperial. O iconoclasmo está associado, e ao serviço, do imperador: há uma relação entre a asserção do poder imperial e esta nova doutrina.

Uma manifestação concreta deste processo poderá encontrar-se na forma como o espaço público, no Milião, foi colocado ao serviço da doutrina oficial (GRABAR 1998 73-77). Local de confluência dos pontos nevrálgicos do império, centro das vias que partiam para as diversas províncias e regiões sob a influência cultural da capital, as representações no Milião, melhor do que qualquer outras, deixavam a nu a política oficial do imperador, a forma como se encarava (ou se devia encarar) a hierarquia do poder e a sua relação com o sagrado. Os súbditos do império, assim, encontravam nestas representações, quer as aceitassem, quer as rejeitassem, a forma como o Estado se pretendia afirmar.

Ora, foi justamente deste espaço que, segundo os iconófilos, o imperador Constantino V retirou os ícones dos Concílios Ecuménicos, colocando aí, em sua vez, uma representação do seu auriga de hipódromo favorito. Para GRABAR 1998 74-75, o feito é surpreendente, na medida em que não havia, nestes ícones, representações de Cristo ou de santos, mas sim dos Concílios Ecuménicos. Todavia, e como o mesmo autor salienta (*ibidem* 219-222), havia, em Constantinopla, inúmeras representações de aurigas vencedores pela cidade, sendo algo de comum na sua vida "desportiva". O que é de notar, bem entendido, é que tal representação tenha sido deslocada do espaço simbólico do jogo para o espaço simbólico do Milião, epicentro da expressão do poder imperial.

Esta relação, por seu turno, ganhará um outro relevo se se considerar como o hipódromo, com as suas aclamações e sendo um espaço de confronto entre as diferentes classes da sociedade bizantina, se constituía como uma expressão da organização popular e imperial. O hipódromo, com as suas corridas, as suas fações e com todo um registo cerimonioso que atestava a harmonia (ou desarmonia) civil e hierárquica, tinha no seu topo a figura do soberano temporal, que se assumia,

propriamente, como *Dominus*. A corrida de cavalos, para a sociedade da época, funcionava como uma espécie de microcosmos onde a sociedade romana se definia e pretendia ver refletida a sua relação com as instituições, mormente com as instituições imperiais. A isto se juntavam várias crenças populares e supersticiosas, que a Igreja sempre se esforçou por combater, que viam na corrida dos cavalos diversos presságios para o estado do império[97].

A ordem resultante das corridas de cavalos, quando não se transformava em tumultos e revoltas públicas – como a própria cronografia de Teófanes atesta diversas vezes – expressaria assim uma concórdia pública e cívica que o poder imperial almejaria obter. A vitória no hipódromo seria um resultado disso mesmo: não por acaso a representação do auriga vencedor assemelhava-se à representação de uma aclamação imperial[98]. Por esse motivo, quando Constantino V substitui as representações do Milião por representações dos jogos de corridas, está a substituir as imagens sacras, relativas à História da Igreja, e a incutir-lhes um sentido concreto.

É que os ícones dos Concílios ecuménicos, se não representavam (pelo menos diretamente) Cristo, a Mãe-de-Deus ou os santos, são, eles próprios, testemunhos de uma manifestação da Terceira Pessoa da Trindade: os ícones dos Concílios, como salienta Grabar, não indicam somente um feito histórico com validade jurídica, normativa e canónica, mas sim uma manifestação do Espírito Santo, análoga ao Pentecostes:

> "Il a dû en être de même, pour les canons des conciles, qui bien sûr étaient inspirés par la grâce divine, mais cette grâce – comme à la Pentecôte – avait touché des personnes determineés, des individus (les mêmes qui signèrent les Actes), qui ont dû recevoir, chacun, individuellement, leur flammèche de l´«énergie» divine. C´est en conformité avec ce principe que l´Église célèbre non pas le Ier Concile

[97] A esse nível, DAGRON 2003 135-143 aborda como, desde a Roma pagã, não era incomum situar-se mausoléus imperais perto dos hipódromos, como que a significar que as corridas, com a sua significação alegórica de ciclos de nascimento e de morte, penetravam, por assim dizer, a sacralidade do imperador.

[98] GRABAR 1998 219-222 analisa uma dessas estátuas constantinopolitanas, salientando a relação entre a aclamação imperial e a representação do auriga vencedor.

> oecuménique, mais les 392 Pères de ce concilie initial. Cette Conception individualiste de la responsabilité personnelle s´inspire à la fois de notions juridiques romaines et d´idées chrétiennes." GRABAR 1998 80

É natural, deste modo, que os iconoclastas olhassem com desconfiança para estes ícones, dando-lhes o mesmo tratamento que às restantes representações sacras, porquanto o Espírito Santo não se representa na sua Pessoa mas sim nas suas manifestações históricas[99]. Ora, é nessas mesmas manifestações históricas que o imperador bizantino, o mesmo que assume a *persona* do sujeito aclamado nas cerimónias públicas e que é aclamado no hipódromo como fator de coesão e prosperidade do império – é esse mesmo imperador que não raras vezes aparece nos ícones com o papel de presidente.

A presidência, em tal contexto, indica a capacidade para convocar e moderar as sessões dos Concílios, mas não para legislar sobre alguma matéria sacra, muito menos para ver a sua própria figura aclamada. O poder "legífero", em boa verdade, não existe aqui, porquanto provém das línguas de fogo que tocam os Padres da Igreja, as quais falam pelo Espírito Santo que assim se manifesta historicamente.

Por isso, a substituição, no Milião, dos ícones dos Concílios Ecuménicos deixa ver uma opção concreta por parte dos iconoclastas: a negação da manifestação *histórica* do Espírito Santo na Igreja e a afirmação do imperador *histórico* como centro da concórdia e da harmoniza civilizacional. Ao esquema vertical que os ícones testemunham, afirmando a obra histórica do progresso do Reino de Deus, coloca-se o esquema horizontal do imperador enquanto garante de estabilidade. O império e o imperador deixam de ser um elemento que é tocado pelas línguas de fogo para serem uma finalidade em si mesma, em cujo bom funcionamento se depositam as esperanças e a prosperidade do Estado e seus súbditos.

Esta interpretação, cujos contornos e implicações aprofundaremos com maior cuidado, parece-nos mais viável do que a de Brubaker e Haldon, para os

[99] USPENSKY 2013 163.

quais não será verosímil que esta substituição da representação tenha sequer ocorrido[100]. Para eles, a narrativa é marca de uma propaganda iconófila posterior, que pretenderá diabolizar Constantino V. Para além de problemas de ordem textual[101], sustentam que seria contraproducente, para os iconoclastas, atentar contra uma tradição com a qual eles próprios se queriam identificar – a dos Concílios Ecuménicos. Porém, o que estava em causa nas representações não era uma aceitação da tradição conciliar enquanto tal, mas sim do *sentido* da mesma. Os ícones dos Concílios Ecuménicos, ainda que representem o imperador, retiram-lhe qualquer centralidade: o senhor do poder temporal está entre os bispos, não sobre os bispos[102]. Daqui que a narração tradicional dos acontecimentos nos parece mais adequada[103].

2.2) As perseguições monásticas e as origens da resistência iconófila

Constantino V vai retomar com vigor as campanhas militares para a estabilização das fronteiras do império, após a recobra da peste. Destaca-se, a esse nível, toda uma série de investidas contra os Búlgaros, que começam em 759, com uma vitória romana, e que se desenrolarão, por vários ciclos, durante o resto do seu reinado. Estas iniciativas, ainda que com diversos reveses militares, saldaram-se positivas para o império e a sua progressiva reafirmação[104] .

Porém, o descontentamento para com a política iconoclasta do imperador, agora sancionada por um concílio alegadamente ecuménico, não desapareceu entre os Romanos Orientais ou, pelo menos, entre o seu setor ortodoxo, e em especial no mundo monástico. Assim, por volta de 761, o monge André Calibete é

[100] BRUBAKER & HALDON 2011 210.

[101] A fonte para esta informação é a *Vita* de Santo Estêvão, muitas vezes considerada de pouco valor historiográfico: *Vita Sancti Stephani Junioris, monachi et martyris* 1172.

[102] Atente-se, a esse nível, a um ícone do Segundo Concílio de Niceia, reproduzido em TREADGOLD 1997 420. Aí se representam os diferentes bispos julgando um iconoclasta. No centro do ícone está uma cruz, à esquerda da qual se encontra o patriarca Tarásio e à direita da qual se encontra o imperador Constantino VI. Terá sido este tipo de imagética que estava em causa algumas décadas antes: colocar o imperador ao mesmo nível dos bispos implica, na leitura simbólica dos ícones, afirmar a dimensão periférica e delegada do seu poder.

[103] Na historiografia atual, Treadgold mantém a mesma postura: TREADGOLD 1997 401.

[104] Assim, entre 759 e 775 o imperador inicia nove expedições militares contra os Búlgaros: *Cf*. TREADGOLD 1997 362-363; BRUBAKER & HALDON 2011 163-168.

executado por ter reprovado Constantino em público e por a ele se referir como a um segundo Valente e um segundo Juliano. Ele foi, tanto quanto se sabe, a primeira vítima das perseguições do imperador. Dele só temos a parca informação que nos é dada por Teófanes[105].

E, alguns anos mais tarde, em 765, o *basileus* fica alarmado com a popularidade e autoridade, entre alguns dos seus oficiais, de Estêvão, um eremita do Monte Auxêncio, que se tornara como que o líder moral da causa iconófila. Receoso de um eventual golpe de estado, Constantino ordena a sua prisão e faz com que uma multidão linche o santo. Como consequência disto, Constantino vai iniciar uma perseguição cerrada a monges e aos partidários, no Estado, da causa iconófila, aparentemente associando-os não só a um ataque contra a doutrina religiosa oficial, como ao próprio governante.

Este passo é importante, seja para a evolução do iconoclasmo em si, seja na forma como, ainda hoje, o movimento e a sua manifestação são interpretados. É que Brubacker e Haldon, assentando-se na correlação entre um golpe de estado e a causa iconódula, interpretam o motivo religioso como um mero pretexto. Para os autores, a luta a favor das imagens esconde um ambiente de intrigas políticas envolvendo diversos mosteiros. Sustentam, na senda do que já temos indicado, que há uma narrativa posterior, forjada aquando do II Concílio de Niceia, que seria usada para legitimar uma nova narrativa ideológica. Assim:

> "Thus it seems that monastic opposition to iconoclasm hardly existed until the issue was raised by the empress Eirene and perhaps more importantly by Tarasios. There was no such opposition to Constantine V – both Stephen the Younger and the monk Andreas were arrested and executed for reasons largely political (even if the later assertion that images were implicated has some truth to it). In 786-7, monastic opposition to iconoclasm was a largely opportunistic attempt on the part of certain monastic leaders, led by Sabas of Stoudion, to obtain a tactical advantage." BRUBAKER & HALDON 2011 657

[105] *Cf*. A.M. 6253.

A *Vita* de Santo Estêvão o Jovem, cuja morte iniciou toda uma série de perseguições, teria servido para se criar uma imagética comportamental, assim como um modelo de heroicidade, para os monges iconófilos. (*op. cit.* 400)[106]. Esta *vita* estava em circulação por volta de 820, mais ou menos pela altura em que São Teófanes estava ativo, pelo que ele próprio partilharia de uma narrativa semelhante.

Tal linha de interpretação, que vê o motivo religioso como um produto sociológico, e não propriamente como um motor do processo histórico, não nos parece ser, uma vez mais, pertinente para historiar o período abordado, sendo que a esse título partilhamos da postura de TREADGOLD 2012. Por um lado, ao separar-se a dimensão política e a dimensão religiosa dos acontecimentos em análise, tendemos a negligenciar o facto de que muitas vezes, e neste caso de uma forma aguda, tais dimensões eram a face de uma mesma moeda. Para efeitos da mentalidade coeva, que os ataques de Estêvão o Jovem tenham tido repercussões políticas, e que tenham sido motivos políticos a mover estes intervenientes históricos, tanto na oposição como no seio do poder, são duas conclusões naturais e evidentes.

Além disso, e como a nossa narrativa pretende fazer aflorar, os eventos do iconoclasmo vieram pôr a nu as diversas problemáticas na relação entre império e Igreja, não de acordo com a relação moderna de estado laico, mas enquanto relação e deferência de poderes[107]. Paulatinamente, o que parece estar em causa, -

[106] Os autores baseiam-se em AUZÉPY 2007 119-144, que assenta em critérios semelhantes para analisar a *Vita* de Santo Estêvão o Jovem.

[107] A representação clássica da relação entre estado e Igreja, na sociedade bizantina, poderá ser sumariada pelas palavras de John Elsner: "Byzantium was a social and political configuration founded on the inter-relationship of church and state, in which the emperor was Christ´s representative on earth. Unlike in the Latin west, Byzantine orthodoxy never saw a split of church and state – rather, every event had simultaneously ´political´ and ´religious´import. All the terms one uses (such as ´political´ and ´religious´) are deceptive because they are defined by modern experience." ELSNER 1988 472. Ainda que o conceito do imperador enquanto representante de Cristo na terra deva, a nosso ver, ser questionado, como pretenderemos explorar melhor ao longo desta dissertação, a atenção sobre a correlação ingénita e mesclada do político e do religioso parece-nos ser correta. O mesmo também em CAMERON 1983 80: "Probably the hardest problem confronting the modern Byzantinist is to understand, with the full degree of seriousness which it deserves, the centrality of religion in the Byzantine world-order, too see how it functioned, and to avoid an anachronistic separation between ´purely religious´ elements in a given situation and ´underlying´ or even ´real´ social or economic factors."

e a teologia que se vai desenvolvendo neste período vai dar conta disso – é uma Igreja que está, para os iconoclastas, dependente do imperador. Isto, por seu turno, enquadra-nos numa problemática muito mais vasta, a saber, a relação entre esfera secular e espiritual na sociedade romana oriental, e ainda a forma como os dois poderes se relacionam mantendo uma certa independência.

Mas Haldon e Brubaker, desfasando a motivação religiosa de Estêvão e seus partidários da sua motivação política, dão à causa iconófila uma narrativa a ser "desconstruída", descurando que para aqueles sujeitos históricos a causa que viviam era política *porque* era religiosa. E, em vez de levantarem o problema da relação das esferas secular e religiosa, que aqui nos parece estar em causa, recorrem a interpretações anacrónicas. Mais uma vez, não nos parece fazer sentido ver o iconoclasmo como uma mera "ideologia", a aplicação da qual deve ser decifrada nos textos que chegaram até nós [108].

Esta tendência ocorre de forma a relativizar factos históricos de importância capital, e mesmo a saltar factos que nos parecem gritantes. Assim, não só os autores procuram apresentar como mito o processo de destruição de ícones[109] como chegam mesmo a classificar de "breve" uma perseguição de sete anos: "The persecution of monks – with the exception of an isolated case in 761/2 – appears to have been a relatively short-lived phenomenon: it begins in 765 and ends about 772." (Haldon et Brubaker, 235).

Por isso, as perseguições iniciadas por Constantino V, após a morte de Santo Estêvão o Jovem, deverão ser encaradas como verdadeiras perseguições, simultaneamente políticas e religiosas. Em contrapartida, também a reação contra este iconoclasmo é política e religiosa. O martírio do santo foi como que o culminar de toda uma série de tensões que se vinham vindo a acumular desde o tempo de Leão III. Essas tensões haviam-se infiltrado nas relações sociais e políticas mais estreitas.

[108] Os autores recorrem frequentemente ao conceito de «ideologia» para explicar o iconoclasmo: *e.g.:* "In the process a canon of anti-iconoclast ideology and literary motifs was constructed which has affected views of the period down to the present day." BRUBAKER & HALDON 2011 790.
[109] BRUBAKER & HALDON 2011 199-211.

De resto, convêm salientar aqui que esta oposição não era "popular", como uma certa leitura datada queria fazer ao ver neste período um choque entre o poder institucionalizado e um povo crente, cuja única voz seria a dos monges[110]. Os ortodoxos, defensores das imagens, encontravam-se muitas vezes nos quadros do Estado bizantino, aumentando a desconfiança já inerente ao carácter de Constantino V. E o caso da princesa Irene, que abordaremos em breve, será um caso ilustrativo de como a questão era intrassocial.

Inclusivamente, no plano das rápidas transformações e mutações económicas, sociais e demográficas da época – com o estabelecimento dos *themata*, o aliviar da carga fiscal direta sobre muitas províncias, o decréscimo substancial do tamanho das cidades e a quase total militarização, tanto dos pequenos como dos grandes centros[111] – estes quadros iconófilos parecem provir das camadas da sociedade cujas alterações na tessitura social estaria a sofrer alterações menos trágicas. Isto terá permitido preservar algumas características da sociedade tardo-antiga, dando crédito à tese de Peter Brown, segundo a qual o culto dos ícones seria uma marca da *commenwealth* românica (BROWN 1973 18). Assim, o gradual surgimento de novas famílias provinciais com poder e influência – um processo que acompanha todo o período em análise – embaterá com a preservação de traços religiosos herdados do passado, e que são ameaçados[112]. Por outras palavras, a

[110] Esta passagem de RUNCIMAN 1977 74-75 é sintomática desta perspetiva, que pode ser traçada até autores como Edward Gibbon: "Constantine seems to have hoped that his subjects would all accept a doctrine backed by a Council of the Church. Official classes naturally supported it, and it was popular in the army and in the Eastern provinces from which most of the soldiers came. But in the European provinces and in Western Anatolia the bulk of the population continued to be devoted to images. Even in the capital, in spite of the presence of the Emperor and his troops and his police, imageworship could not be stamped out. The Emperor had his supporters there, as the lynching of Saint Stephen the Younger was to show. But the opposition had the support of the monasteries. The Emperor was able to control the bishops. He could not exercise the same control over abbots and monks. The monks became the leaders of the people."

[111] Para uma análise destas alterações, que marcaram a passagem para o chamado Período Bizantino Médio, *cf*. em especial TREADGOLD 1997 371-413; BRUBAKER & HALDON 2011 453-572 e AUZÉPY 2007 1-34.

[112] Assim Brubaker e Haldon salientam como figuras importantes na defesa do culto dos ícones, como os patriarcas Germano ou Tarásio, assim como São Teodoro Estudita, são representantes da antiga nobreza senatorial constantinopolitana, que naturalmente se oporiam ao surgimento de novas classes aristocráticas rurais, sobre as quais estavam a recair novos poderes e influências: BRUBAKER & HALDON 2011 2011 602-607. Isto também já havia sido salientado por AHRWEILER 1962 23-24 *et passim*, que defende a existência de duas tendências na sociedade bizantina: uma conservadora, associada aos imperadores iconódulos; uma outra reformadora, associada aos imperadores iconoclastas.

crise aguda da sociedade antiga fez com que também se pusesse em causa os seus padrões e práticas religiosas.

Mas a crise, mais do que se caracterizar pela procura de um bode expiatório interno – os próprios iconoclastas estavam preocupados em tentar demonstrar que o culto dos ícones é que era contrário à tradição – opera a um nível, digamos, funcional.

É que, com a queda do antigo sistema urbano e os cortes significativos ao aparato burocrático (situáveis nas reformas de Diocleciano), o elemento que passou a ser "funcional" para a sobrevivência do império do Oriente foi o exército – ou, melhor dizendo, todo um conjunto de forças armadas, desde os exércitos propriamente ditos às diversas unidades regionais[113]. Foi uma alteração necessária para continuar a luta e impor de novo, de forma paulatina, o poder Romano sobre os territórios do próximo Oriente. Esse corpo militar era agora alimentado menos pelo poder central do que pela agricultura local – ao ponto de se ter chegado a falar, ainda que de forma despropositada, de um feudalismo bizantino[114] – não já por um robusto, grande e quase omnipresente sistema de tributação direta.

Daí que os proponentes do iconoclasmo, por motivos de ordem sociológica, surgissem dos meios em que, a uma nova forma de viver, se associaria uma nova doutrina religiosa (ainda que os próprios não a percecionassem como nova). Por seu turno, os defensores das imagens sacras como que mantinham a sua postura e fé de acordo com um anterior modelo de viver, que não se confundirá, necessariamente, com uma anterioridade histórica.

Pois, se uma leitura materialista dos fenómenos históricos pretender ver no iconoclasmo um produto de novas condições sociais, para as quais os iconódulos fariam parte de uma estrutura "retrógrada" a ser eliminada, a vitória final do culto dos ícones, porém, não será acompanhada pela restauração do mundo tardo-antigo. Por outras palavras, o mundo espiritual que vencerá esta querela não fará impor a tessitura socio-económico de onde terá surgido. Por isso, a nosso ver, as

[113] Esta quebra é situável a partir do século VI. Os exércitos, progressivamente mais regionalizados, e perante a falência da autonomia da pólis, vão servir como contrabalança a uma centralidade imperial. *Cf*. HALDON 1986 171-172.

[114] Para o debate em torno da existência de um feudalismo bizantino: *cf*. SODDU 2008. Veja-se ainda AUZÉPY 2007 14-16.

motivações de ordem religiosa vão para além das de ordem material, podendo inclusivamente moldá-las. A anterioridade a que tanto iconódulos como iconoclastas apelavam para legitimar a sua ação ultrapassa as barreiras da constituição económica e social de um determinado período de tempo da história cristã, constituindo-se antes como uma asserção *stricto sensu* religiosa[115].

Assim, e retornando ao reinado de Constantino V, o martírio de Santo Estêvão foi um motor que libertou diversas tensões acumuladas na sociedade bizantina. Elas davam a entender, agora que Constantino seguia de forma muito mais aberta a política do seu pai, como o iconoclasmo não era a crise passageira de uma só personalidade e que, não tendo podido manifestar-se na sequência da guerra civil contra Artabasdo, eclodia agora de uma forma sistemática e brutal: discordar do imperador e atacar a religião oficial tornaram-se sinónimos.

E assim, em junho de 766, regressando a Constantinopla após uma incursão militar contra os Búlgaros, e alguns dias após ter ordenado que alguns monges fossem parodiados durante os jogos no Hipódromo[116], o *basileus* descobre uma intriga palaciana para o depor, feita por admiradores do martirizado Santo Estêvão. A conspiração engloba diversos e importantes membros da administração, sendo que entre eles se encontrava o próprio patriarca Constantino, que foi aprisionado[117]. E assim se iniciou uma perseguição.

---

[115] Atente-se nas palavras de GWYN 2007 250-251: "What is visible throughout the writings both of Iconophiles like Nikephorus and Photius and of earlier fathers like Athanasius is thus the ongoing construction of a particular conception of Christian tradition, a process that has continued to the present day. This orthodox conception of the Christian past has exerted far more influence upon subsequent Christian history than the reality of either the fourth-century controversies or Iconoclasm. Contrary to the convictions of the Byzantines themselves, tradition is not and cannot be static, for it is only through the ongoing renewal and reinterpretation of tradition that the past can remain relevant to later generations." Importará aqui denotar que o conceito de tradição cristã a que o autor se refere poderá não coicindir com o conceito de tradição cristã que era invocado e discutido nas questões patrísticas. O conceito moderno de tradição cinge-se aos chamados factos empíricos e/ou objetivos, isto é, direta ou indiretamente emanados do mundo material e cultural. O conceito de tradição dos Padres da Igreja, porém, prende-se com uma realidade espiritual que, sendo uma manifestação histórica e empírica, tem um sentido que a ultrapassa. Veja-se, para isso, as deliberações em torno do conceito de Tradição em OUSPENSKY & LOSSKY 1982 15-16 *et passim*.

[116] *Cf*. A.M. 6257. Os métodos de derisão pública, não raras vezes acompanhados por gestos violentos (cuspir na cara, bastonadas e mesmo chicoteadas) parecem ter sido um método posto em voga pelos iconoclastas, sobretudo por Constantino V, para denegrir a imagem pública dos monges. Este processo terá atingido tal veemência que poderá explicar, em contrapartida, a violência da retaliação iconófila, ao fazer submeter os escritos iconoclastas a uma *damnatio memoriae*: AUZÉPY 2007 279.

[117] *Cf*. TREADGOLD 1997 364, para a lista das pessoas históricas que estavam implicadas na conspiração.

O soberano nomeou diversas personalidades que lhe eram leais e correligionárias na fé, entre as quais se destacava Miguel Lacanódraco, nomeado para *strategos* do *thema* da Trácia. Este, um zeloso e ardente iconoclasta, perseguiu os ícones e os iconódulos com tal veemência na sua zona de jurisdição, que estima-se que, pelo ano de 772, tenha eliminado, na íntegra, o monaquismo – porquanto sinónimo de resistência ao imperador – por todo o território, forçando todos os monges a casar com monjas e cegando os resistentes – um extremo que o próprio Constantino V não seguiu[118].

De qualquer forma, as confiscações a mosteiros, assim como a redistribuição das suas propriedades por forças leais ao imperador (mormente a soldados), foram marcas da atuação do soberano. O próprio parece ter então, por esta altura, encarado o iconoclasmo numa forma ainda mais extrema, quiçá contemplada pelo seu pai, mas que nem no Concílio de Hiéria havia sido promulgada: a negação e destruição de relíquias e do culto aos santos[119].

2.3) A submissão do espiritual ao temporal

Talvez o exemplo mais marcante da forma como iconoclasmo de Constantino V representava uma submissão do poder espiritual à tutela imperial se encontre no tratamento dado ao patriarca. Tendo este sido implicado na conspiração de 766, foi preso e eventualmente deposto. No ano seguinte, como narra Teófanes[120], ele foi arrastado perante as autoridades estatais e açoitado com violência. Depois, tendo-lhe sido cortados a barba e o cabelo, colocaram-no de costas em cima de um burro, para ser caluniado, cuspido e humilhado em público, no Hipódromo. Após isto foi uma vez mais preso, para dias mais tarde vir a ser decapitado. Nunca na história da Igreja, após a conversão de Constantino I, havia

[118] TREADGOLD 1997 365; OSTROGORSKY 1968 174-175. Uma vez mais, uma das fontes mais importantes para a identificação de algumas personagens perseguidas e martirizadas é a *Vida* de Santo Estêvão, sendo que existem alguns problemas em torno de possíveis anacronismos e/ou imprecisões: *cf*. HUXLEY 1977 104-107.

[119] Para a problematização deste contexto, *vide infra* parte 2, 1.2. A exposição das linhas gerais em OSTROGORSKY *op. cit*.

[120] *Cf*. A.M. 6259.

um patriarca sido tratado desta forma por um imperador romano, independentemente das oposições teológicas que houvesse entre ambos.

Que isto tenha ocorrido, nestas condições, às mãos de um imperador iconoclasta, e ademais sobre um patriarca que havia sido nomeado para satisfazer o projeto que culminara no Concílio de Hiéria, põe a nu, a nosso ver, como a expressão teológica do iconoclasmo anda a par com a submissão do poder espiritual ao estatal[121]. Já não se trata de supor uma reciprocidade entre orientação política e espiritual, mas sim de uma submissão[122].

É de notar, todavia, como o patriarca que o substitui, Nicetas, havia sido eleito, um pouco antes da morte do patriarca Constantino, para o cargo de *archon* dos mosteiros[123]. Competia a este novo líder iconoclasta supervisionar as instituições religiosas no território bizantino, coisa que nos deixa antever que o ataque das novas políticas contra os mosteiros não parece ter-se constituído como um ataque ao monaquismo enquanto tal. Do ponto de vista teológico, o iconoclasmo não se opunha ao monaquismo, tendo já havido manifestações

[121] De acordo com Warrend Treadgold, o Iconoclasmo introduziu a mais violenta de todas as perseguições. Assim, a propósito de Constantino V e do que aconteceu com o martírio de Santo Estêvão: "Although he presumably intended to intimidate iconophiles, he seems rather to have provoked them. By 765 their activities spurred him to begin a persecution, which led in turn to a broad-based iconophile plot the next year. At this the emperor sharpened his persecution and extended it to monks in general, until the religious controversy with the least theological substance had paradoxically become the bitterest and bloodiest." (TREADGOLD 1997 388).

[122] *Cf*.: "Although each party doubtless believed that God was on its side, the dispute developed more and more into a struggle over how much control emperors should have over the Church in particular and society in general. The reason was not simply that the emperors had imposed Iconoclasm on a mostly unwilling church and society. By denying pictorial representations of Christ and his saints a place in Christian worship, iconoclast doctrine tended to assign God and the saints a restricted role in the world. Moreover, especially because the iconoclast emperors made conspicuous use of portraits of themselves, Iconoclasm gave emperors wider authority than bishops, who represented Christ, or monks, who imitated Christ and aspired to be saints. ¶ These natural if not quite inevitable implications of iconoclast theology, at first imperfectly grasped by each side, became evident in the reign of Constantine V. Under him opposition to Iconoclasm increasingly became opposition to Constantine, and loyalty to him came to require Iconoclasm." TREADGOLD 1977 388. A própria AUZÉPY 2007 144, que noutras alturas procura reabilitar os iconoclastas, afirma: "Surtout, par opposition avec les hérésies trinitaires ou christologiques, l´iconoclasme n´a pas été seulement un débat théorique: hérésie «impériale», il demande une adhésion publique; théoriquement tout sujet de l´empire, pratiquement tout citoyen de la capitale, par l´abandon de pratiques dévotes et l´adoption de comportements profanes, doit, en choisissant l´iconoclasme, transformer concrètement sa façon de vivre. L´originalité de la crise du VIII^{e} siécle tient dans cette relation étroite entre dogme et pratique sociale. Vu sous cet angle, l´iconoclasme est un hérésie totalitaire."

[123] BRUBAKER & HALDON 2011 239.

iconoclastas de raiz monástica[124]. Houve até mosteiros iconoclastas, que aparentemente funcionaram como locais de confinamento e reeducação de iconófilos recalcitrantes[125].

O que o monaquismo representava, porém, era um conjunto de instituições que não estavam diretamente dependentes do poder imperial, pelo que a capacidade para controlar estes centros por via de decretos ou leis era muito reduzida, mormente em comparação com o mundo laico e mesmo com o mundo eclesiástico. Se o imperador exige a submissão à doutrina oficial, os mosteiros eram o local mais difícil de aceder por meios que não fossem os da coação. Daqui que os mosteiros, cuja iconodulia, sobretudo na região de Constantinopla e nas áreas de administração dos *themata* ocidentais, era manifesta, se tenham apresentado como um refúgio para a causa ortodoxa. Isto implicou que o iconoclasmo se tornasse, na sua manifestação bizantina, num movimento antimonástico, no sentido em que o monge se tornara sinónimo de iconódulo[126].

Mas mesmo assim, ainda que a iconomaquia bizantina, enquanto tal, não fosse por natureza antimonástica, não parece ter sido adepta da vida contemplativa. As próprias premissas teológicas em que se desenvolveu parecem apontar para isso, como procuraremos mostrar na segunda parte da presente tese. Estando o acesso ao sagrado circunscrito aos sacramentos litúrgicos, a vida contemplativa perde os seus fundamentos como uma forma de acesso ao divino. Para um iconoclasta, a santidade parecia apoiar-se mais sobre uma ação social do que sobre um contacto íntimo e místico com Deus.

Seja como for, os mosteiros na área de influência de Constantinopla, submetidos a perseguições, vão também migrar para outras regiões, sobretudo para a região do Quersoneso, para a Crimeia, para o sul de Itália, para Creta, para

[124] A Arménia conheceu, pelos inícios do século VII, um movimento monástico iconoclasta GRABAR 1984 138-139; DER NERSESSIAN 1944-1945 71-74. Também o Concílio de Hiéria louva diretamente a vida monástica: BRUBAKER & HALDON 2011 244-245. De resto, o próprio patriarca Anastácio havia sido monge.

[125] As evidências para isto, porém, são mais evidentes para o período do segundo iconoclasmo (*cf*. BRUBAKER & HALDON 2011 237), como procuraremos aprofundar.

[126] A esse título concordamos com Brubaker e Haldon, ainda que coloquemos o quadro geral de uma outra forma: "What does seem clear is that a monastic defence of images and rejection of imperial iconoclasm was not, contrary to what the later caricatures of his reign and personality maintained, the key stimulus." (BRUBAKER & HALDON 2011 240). O mesmo também em OSTROGORSKY 1968 174 n.2.

a parte ocidental do Peloponeso ou para o sudeste da Ásia Menor[127]. Ainda que uma certa leitura atual (BRUBAKER & HALDON 2011 234-236 *et passim*; AUZÉPY 2007 200-206) relativize estas migrações, apontando para deformações posteriores da parte da narrativa ortodoxa, a leitura tradicional (OSTROGORSKY 1968 174-175), escudada nas informações transmitidas pelos textos, não nos parece ser despicienda. O elemento monástico, como dito, era o ponto nevrálgico por excelência para uma oposição estatal, porquanto a sua própria existência, não raras vezes, se construía por oposição ao mesmo: isto é, por oposição ao século[128].

2.4) A reação ocidental

Importa agora ver como se manifestou, no Ocidente, a receção ao iconoclasmo. É sabido, como já tivemos ocasião de demonstrar relativamente ao reinado de Leão III, que o papado sempre se mostrou oposto à doutrina iconómaca. Por esta altura, todavia, a receção a esta heresia vai a par com particulares e delicados desenvolvimentos políticos, tanto no plano militar, como no plano administrativo.

Roma, após a reconquista da Itália pelo imperador Justiniano I e o ulterior estabelecimento do reino Lombardo (a partir do século VI), estava, em conjunto com a região do exarcado de Ravena, militarmente dependente de Constantinopla, sendo um centro nevrálgico da cultura romana, cristã e helenística[129] na região

[127] Estas informações provêm da *Vida* de Santo Estêvão o Jovem. Existem, porém, alguns problemas em torno de possíveis anacronismos na identificação destes lugares: *cf*. HUXLEY 1977 99-104.

[128] Assim, por exemplo, aquando das conquistas árabes das províncias orientais do império não terá havido uma migração significativa (pelo menos imediatamente) das populações cristãs para território romano, porquanto o Cristianismo, não obstante as oposições de impostos, era tolerado. Mas já se verifica uma migração não despicienda de monges para o território romano. *Cf.*: "De même, le mouvement de population de l'Asie Mineure vers les provinces occidentales de l'empire, provoqué par des invasions arabes, ne semble pas avoir été considérable; bien que les exemples ne manquent pas, ils concernent surtout des moines dispersés après la destruction de leurs couvents, rien ne permet de parler d'une émigration systématique de populations micrasiatiques menacées par les Arabes." AHRWEILER 1962 16

[129] "Around 725, the church of Rome was nearing the last generation of its 'Byzantine period'. The papal bureaucracy, the lay elite and monasteries all show signs of Greek predominance, as some befuddled Anglo-Saxons learned in 704 when the papal advisers they were meeting began joking and discussing the matter among themselves in Greek. The city produced Greek literature, including the Life of Martin I and Miracles of St Anastasius, while surviving fragments suggest that Greek inscriptions were not uncommon." MCCORMICK 2008 361-362. Note-se ainda que, nos séculos VIII e IX, o Monte de São-Sabas, em Roma, torna-se o mosteiro mais importante da cidade. Este foi fundado por monges da Grande Larva, que fugiam

central de Itália. Os dois poderes, o ducado de Roma e o exarcado de Ravena, colaboravam para que os ducados de Espoleto e de Benevento, no Sul, se afastassem do poder lombardo (DELOGU 2008 296).

Todavia, entre Roma e o representante imperial surgiam não raras disputas, e acres, no que concerne ao domínio eclesiástico: já em 666 o imperador Constante II havia concedido independência eclesiástica a Ravena, suscitando forte oposição ao primado que Roma outorgava para si. Se Constantino IV, no século VII, vai tomar uma posição favorável a Roma (BROWN 2008 320-321), no período que abordamos vão continuar as tensões existentes,[130] as quais só serão agravados aquando da confiscação de propriedades feitas por Leão III, na Sicília e na Calábria. Ocorre ainda a transferência para Constantinopla da jurisdição do Ilírico e do sul de Itália, como tivemos oportunidade de referir supra[131].

O reinado de Constantino V, por outro lado, e o endurecer das políticas de centralização iconoclastas, vão dificultar significativamente a posição de Roma. Este soberano, com os seus envolvimentos militares na Trácia e nas regiões orientais do império, demonstrou ser o imperador com menos interesse e dedicação às pretensões imperiais na península itálica (OSTROGORSKY 1968 169), ao mesmo tempo que o Reino Lombardo se havia constituído, no reinado de Liutprando, como uma ameaça significativa.

Liutprando, durante o reinado de Leão III, havia consolidado o seu controlo sobre os ducados de Espoleto e Benevento (DELOGU 2008 297-298). O seu sucessor, Astolfo, vai até conquistar Ravenna, assim como as províncias que lhe estavam adjacentes, em 750, autointitulando-se "rei dos Romanos" (*ibidem*). Assim, a ausência de reforços militares do oriente e o fortalecimento dos Lombardos pareciam isolar cada mais a situação romana – e, por extensão, a Itália bizantina.

Mas, de forma paradoxal, esta conjetura irá fortalecer o poder papal. É que Constantino V, perante a impossibilidade de agir diretamente nos assuntos

---

da Palestina ao avanço árabe. Era um mosteiro iconódulo, onde havia muita literatura em grego. Daí terão surgido algumas referências bibliográficas que mais tarde serão apresentadas no Concílio de Niceia II: *cf*. AUZÉPY 2007 211-216. Veja-se ainda LLEWELLYN 1977.

[130] Para os diversos eventos em questão, assim como a relação de forças em Itália, *cf*. especialmente BROWN 2008 333-338, onde se tornam patentes os diversos atritos entre o papado e Ravena.

[131] *Cf*. ANASTOS 1957: 28-29 *et passim*.

ocidentais, delega toda a proteção imperial, que havia sido dada ao ducado de Roma, à região do Exarcado e da Pentápole[132]. Daí que o papa Estêvão II se sentisse com autoridade para pedir ajuda a povos vizinhos dos Lombardos: os quais, neste caso, eram os Francos de Pepino, que haviam liquidado a dinastia Merovíngia (em 751). Deste modo, em 754, o papa, na sua célebre viagem, passa os Alpes para convencer Pepino a intervir militarmente no Reino Lombardo, outorgando-lhe o título de *patricius Romanorum*.

Como observa MCCORMICK 2008 364, esta ação, longe de ser um ato revolucionário que acabou por introduzir a parte ocidental da Europa no que futuramente será a sua experiência carolíngia, engloba-se numa tática típica da política externa bizantina, que tinha por objetivo enfraquecer um determinado adversário através de uma aliança com um vizinho da região geográfica oposta[133]. Porém, o facto de isto ter ocorrido nesta geografia particular, afastada dos centros militares do Oriente, fez com que o papado se tivesse que dedicar, de uma forma mais premente do que o habitual, a questões temporais. Isto, associado às querelas administrativas, por um lado, e às questões doutrinais e teológicas, por outro, formou em torno do papado um particular ponto nevrálgico, tanto para a ação no âmbito temporal, como no âmbito espiritual[134].

É que a lealdade do papado para com o império, perante anteriores problemas doutrinas, não foi posta em causa. Assim:

> "Thus in 713 Constantine I intervened to quell a murderous riot against an official who had accepted an appointment in the name of Emperor Philippicus (711—13), whose orthodoxy the pope himself had challenged. Gregory II is supposed to have quashed an Italian plan to

[132] "In fact, however, this radical and revolutionary undertaking had the consequence — which was also revolutionary — of extending the pope's politico-religious protection, which he already exercised over the Roman duchy, to include the populations of the Exarchate and the Pentapolis as well, thus making the pope both the victim and the opponent of every action undertaken by the king to confirm his dominion over the lands which had previously belonged to the empire." DELOGU 2008 299.

[133] Em torno desta e doutras estratégias bizantinas, *vide* LUTTWAK 2009 145-170.

[134] Assim, McCormick atesta como, entre 724 e 755, um conjunto de três fatores se aglomerou para criar esta situação particular: os impostos sobre o território papal, as pressões dos Lombardos e a pirataria árabe e, por fim, o iconoclasmo. *Cf.*: MCCORMICK 2008 363. "Around 725, the church of Rome was nearing the last generation of its 'Byzantine period'. *idem* 361.

> elect a rival emperor to oppose Leo Ill's iconoclasm and attack Constantinople, despite purported Byzantine plots on his life. Pope Zacharias intervened twice with the Lombard kings to protect Ravenna. Despite recognition of the usurper Artavasdos (741—3), he even obtained the imperial estates of Ninfa and Norma in Campania from Constantine V." MCCORMICK 2008 363-364

Com o Iconoclasmo, portanto, a relação oficial do papado com Constantinopla manteve-se. Mas o papa estava como que colocado na situação difícil e delicada de ser simultaneamente líder espiritual e temporal: enquanto arcebispo de Roma e *primus inter pares* entre os ortodoxos, era-lhe necessário acusar e opor-se aos desvios da fé, quando eles provinham do poder central constantinopolitano; enquanto detentor *de facto* do poder temporal numa parte negligenciada do império, incumbia-lhe o dever de proteger esse mesmo império. Daí que o próprio ato de outorgar a Pepino o título de *patricius Romanorum* seja paradoxal e, por assim dizer, o ponto onde confluem diferentes tensões históricas: é um título romano (e romanizador), outorgado por um líder espiritual numa altura em o poder secular oficial se mostrava simultaneamente incapaz e oposto à doutrina romana.

Seja como for, Pepino III, a pedido papal, atravessa os Alpes no ano de 754 e derrota em batalha os Lombardos, forçando-os a restituir os domínios papais e a tornar-se um vassalo franco. Quando o rei lombardo não cumpre os termos e cerca Roma, Pepino regressa e de novo derrota os Lombardos. Agora o Franco não só obrigava este reino à subordinação, como recusava mesmo a entrega de terras ao imperador bizantino.[135] Institui-se em seguida uma complexa rede de relações e de alianças, em Itália, em torno de um triângulo cujos vértices estavam em Roma, Constantinopla e no Reino Franco[136].

É que este último, longe de ser, durante o século VIII, um mero instrumento político ao serviço de Roma, ou de ser um poder que usasse o papado consoante

[135] *Cf*. DELOGU 2008 300.

[136] Para uma abordagem da questão *Cf*. BRUBAKER & HALDON 2011 168-176; mas também MCCORMICK 2008 364-366 *et passim* e GHOR 2015 76-84.

os seus interesses, apresentava-se ora favorável à mitra romana, ora suscetível de ser influenciado pela diplomacia de Constantinopla. Não raras vezes o Papa sentiu-se pressionado perante uma possível aliança entre Francos e Bizantinos. Significativa dessas tensões será uma embaixada bizantina à corte de Pepino, em maio de 757, em que Constantino V presenteia o rei franco com um órgão. Ora, "more than simply symbolising superior technology, a Byzantine organ was a strictly secular instrument used chiefly in ceremonies glorifying the emperor. Its ostentatious presentation to the usurper king at the assembly of his unruly magnates suggests that Byzantium curried royal favour by supplying the means to magnify a nascent monarchy." (MCCORMICK 2008 365).

Por outras palavras, Constantino, perante a afirmação e consolidação do poder carolíngio, pretendia sobrepor-se ao poder papal incitando, no Ocidente, a criação de um poder estatal dependente de Constantinopla, nas linhas em que Constantino V e a sua linha política o entendiam. O papa, naturalmente, sentia as pressões e dificuldades inerentes a tal processo, e temeria que as perseguições que se efetuavam a Oriente se estendessem a Ocidente, e que os ortodoxos dessa parte da Cristandade tivessem que passar por semelhantes dificuldades.

Daí que o papa Adriano se tenha apressado a montar, em território Franco, um concílio episcopal, fornecendo aos Francos as ferramentas e os meios para o debate. Este ocorreu a 767, em Gentilly e, ainda que as suas atas não tenham chegado até nós, sabe-se que terá rejeitado o iconoclasmo[137]. E é significativo que este concílio tenha ocorrido justamente no mesmo ano em que, em Constantinopla, o patriarca que havia assinado o Concílio de Hiéria é humilhado em público e, por fim, morto. Dois anos mais tarde, em 769, reúne-se um outro concílio, o de Latrão,

[137] Com este Concílio temos também a última menção das relações formais entre Constantino V e os carolíngios. AUZÉPY 2007 308 associa o agudizar das políticas internas de Constantino V ao falhanço externo das negociações com os Francos. É bastante curiosa a forma como este debate é referido nos *Annales Laurissenses*: "Tunc habuit domnus Pippinis rex in supradicta villa synodum magnum inter Romanos et Graecos de sancta Trinitate vel de sanctorum imaginibus". O sínodo que ocorre assim entre «Romanos e Gregos», isto é, entre representantes papais e/ou carolíngios e os bizantinos versou sobre a Trindade e/ou («vel») as imagens santas. Se se quiser atribuir a esta palavra, «vel», o seu significado clássico, temos então que, na mente do escritor, as questões em torno da Trindade e as questões em torno das imagens eram equivalentes. Isto remete-nos para a estrita relação entre o culto dos ícones e as questões cristológicas, como veremos na segunda parte da presente tese. Mas poderá também aludir, quiçá, à questão do *filioque*, que começa a ser debatida por este período.

após a chegada de uma carta sinodal dos patriarcas orientais. Este mesmo concílio, então, reitera, na sua quarta sessão, a condenação do Iconoclasmo, na sequência do promulgado em Gentilly em 767, e em 732, em Roma[138].

E quando, em 775, Constantino V morre, já Carlos Magno se havia tornado o líder indisputado dos Francos, invadido a Lombardia e reclamado para si o título de rei dos Lombardos. Enquanto estes acontecimentos se desenrolavam, o imperador bizantino tinha continuado a sua política de gradual anexação de fronteiras. Pelo final do seu reinado, não obstante as perseguições e a instauração de um quase regime de terror entre os seus súbditos, o império bizantino, no seu território central da Ásia Menor, tinha-se consolidado. Isto ocorreu à custa de uma profunda militarização de toda a sua geografia – sujeita como estava a ataques e pilhagens sazonais – contra a sempre presente ameaça árabe. A Oeste, também os Búlgaros, pagãos, sofriam um gradual processo de retraimento perante a afirmação dos exércitos romanos.

Por isso o reinado de Constantino, para os Romanos Orientais da época, deverá ter ocorrido sob o signo do paradoxo: por um lado, com a repressão e inflexão da religiosidade de muitos cargos políticos, religiosos e populares perante as orientações de uma centralidade imperial; por outro, após uma trágica, profunda e dolorosa redução do império, que mudou radicalmente a sua tessitura interna a todos os níveis, do militar ao político, do institucional ao social[139], e tendo passado por um momento especialmente agudo com o cerco de 718, pôde enfim o império reestabelecer-se com sólidas finanças e um exército reorganizado, e começar, lentamente, a tomar a dianteira.

Este soberano tanto é cognomeado de Cuprónimo (*Kupronymos* – o Nome de Esterco[140]) como é revestido em tons de lenda, como tendo matado um dragão

[138] BRUBAKER & HALDON 2011 172-173 referem que é só com as atas deste Concílio que temos uma primeira oposição formal e oficial de Roma contra o Iconoclasmo de Constantinopla. Os autores usam este facto para falarem de um plano da mitificação das anteriores oposições papais. Não concordamos, como *alias*, com esta posição.

[139] Veja-se o quadro geral em TREADGOLD 1997 371-413.

[140] O episódio que deu origem a este nome, considerado por alguns como lendário, é narrado em Teófanes, A.M. 6211. Quando Constantino, ainda um bebé, estava a ser batizado pelo patriarca Germano, terá defecado na pia batismal, coisa que terá sido interpretada como um portento.

durante a reconstrução do aqueduto de Valente[141]. E mesmo quando, passadas três décadas e meia após a sua morte, Constantinopla de novo dava sinais de ser tomada pelos Búlgaros, alguns soldados, antevendo e como que preparando uma segunda política iconoclasta, rezavam perante o seu túmulo para que regressasse e os libertasse da ameaça bárbara[142] – um episódio, como analisaremos mais à frente, significativo do que terá sido uma teologia iconoclasta.

3) O fim do primeiro iconoclasmo

3.1) Leão IV e Irene

Leão IV segue a seu pai como imperador em Constantinopla. Uma vez que ele não era o único descendente do falecido soberano, que havia contraído três casamentos, tanto o início como o fim do seu reinado parecem ter sido marcados pela existência de conspirações que o teriam procurado depor[143]. Daí que, um ano após a morte de Constantino V, já Leão havia coroado o seu filho, o futuro Constantino VI, com apenas cinco anos, com um juramento de lealdade por parte do exército, como forma de garantir uma sucessão dinástica. Todavia, os períodos de instabilidade política que haviam caracterizado a usurpação do seu avô pareciam estar terminados, sendo que agora a legitimidade imperial orbitava em torna da dinastia fundada por Leão III.

O reinado do novo *basileus*, de qualquer forma, foi curto, tendo durado cinco anos. Neste período, ele, ainda que tenha preservado a política e doutrinas religiosas de seu pai, parece ter mitigado a agressividade na sua aplicação, procurando mostrar-se mais flexível para com os iconódulos e abandonando o

[141] Efetivamente, parece ter havido uma lenda segundo a qual Constantino V se teria defrontado com um dragão, matando-o, durante a reconstrução do aqueduto de Valente. Esta lenda não aparece em Teófanes, mas a reconstrução do aqueduto é-lhe aí atribuída (ainda que se diga que havia sido construído por Valentiniano). É de notar que o aqueduto havia sido danificado pelos Ávaros em 626 (*cf*. TREADGOLD 1997 365), pelo que a sua reconstrução é indicativa de uma certa estabilidade militar, política e material. Em relação à lenda do dragão, AUZÉPY 2007 317-328 considera tratar-se de um vestígio do que terá sido uma propaganda política iconoclasta, que terá procurado associar a imagem imperial à de S. Teodoro de Amásia, um popular santo militar, matador de dragões. A referência a esta lenda encontra-se no *Gesta episcoporum Neapolitanorum*.

[142] A.M. 6305

[143] *Cf*. BRUBAKER & HALDON 2011 248-249.

anterior radicalismo[144]. Terá assim amenizado as posturas iconoclastas mais agressivas, nomeadamente as relativas ao culto à Virgem e às relíquias[145].

E foi no seu último ano, em 780, que Leão VI terá sido ainda mais simpatético para com os iconódulos, ao nomear, após a morte do patriarca Nicetas, Paulo de Chipre para o patriarcado: uma figura que, tendo subscrito a doutrina oficial e o Concílio de Hiéria, apresentava-se não obstante como relativamente benévolo para com os ortodoxos. Que isto não significava, contudo, uma alteração da política oficial, e das convicções do imperador e seus correligionários, torna-se patente com o que havia de suceder duas semanas após esta nomeação.

É que o imperador Leão terá descoberto que a sua própria mulher, a imperatriz Irene, introduzira ícones nos seus aposentos, venerando-os. Assim, ordenou que os funcionários imperiais responsáveis por esse "tráfico" fossem chicoteados e parodiados pela rua principal de Constantinopla. Quanto à sua mulher, teve uma profunda desavença com ela[146].

Porém, passado o verão, Leão VI morre, sem ter tido oportunidade, aparentemente, de se reconciliar com a mulher. E, perante a menoridade de Constantino VI, foi Irene quem tomou, daí em diante, as rédeas do poder. A

---

[144] *Ibidem*.

[145] TREADGOLD 1997 369: "Even though he kept the decrees of the iconoclast council of Hieria in force, he abandoned Constantine´s later measures agaisnt both monasticism and the invocation of the Virgin and saints." Esta postura não é seguida por Brubaker et Haldon, para os quais a oposição iconoclasta à Virgem e ao culto dos santos foi uma invenção posterior. *Cf*. BRUBAKER & HALDON 2011 137-138. Para a nossa discussão sobre o assunto, *vide infra* parte 2, 1.2.

[146] Estes acontecimentos são relativos ao período da Quaresma do ano de 780, sendo que o envolvimento de Irene não é narrado por Teófanes. No *annus mundi* 6272 refere somente que cinco altos funcionários da corte imperial foram presos e martirizados por terem venerado imagens. Um deles, Teófanes, morre dos castigos, tornando-se um Confessor da Fé. A relação com a imperatriz Irene aparece em crónicas posteriores, o *Compendium Historiarum* de Jorge Cedreno e a obra designada por *Pseudo-Simião* (por editar), sendo que Leão IV encontra dois ícones numa almofada (προσκεφάλαιον) da sua mulher, trazidos pelos referidos altos-cargos. Irene terá negado a sua participação, levando às desavenças com o seu marido. TREADGOLD 1984a, após uma análise e comparação das fontes, coloca a hipótese de haver uma fonte comum aos três cronógrafos, que seria um relato hagiográfico de Teófanes, o que sucumbiu mortalmente (*ibidem* 75-76). Uma possibilidade para que a participação de Irene não seja referida por Teófanes (o Cronógrafo) poderá residir numa tentativa de não descrever Irene em cores negativas, pois que, no relato de Cedreno, Leão IV acusa Irene de ter quebrado o juramento iconoclasta que havia feito ao imperador Constantino V. O medo do perjúrio, de resto, parece ter sido um instrumento tácito para consolidar as militâncias iconoclastas: AUZÉPY 2007 21-22. Por fim, e uma vez que Leão morrerá passados poucos meses, Treadgold (*op. cit.*) considera como pertinente a hipótese segundo a qual Irene terá sido ativa num possível assassínio do *basileus*.

narrativa tradicional (OSTROGORSKY 1968; TREADGOLD 1997) faz de Irene uma pia ortodoxa, que sempre havia cultuado em privado as imagens e que, uma vez no poder, pôde iniciar uma intermissão ortodoxa, pondo fim à primeira fase do iconoclasmo. BRUBAKER & HALDON 2011 252-276, no entanto, fazem dela uma mulher mais astuta e cínica, que apoiou o movimento iconódulo e possibilitou toda uma série de acontecimentos que culminaram no II Concílio de Niceia. Tudo teria acontecido por motivos políticos, a fim de suavizar o antagonismo para com as comunidades cristãs fora de Constantinopla e, em especial, para facilitar um diálogo diplomático entre Francos e Bizantinos.

Os autores procuram desconstruir uma narrativa iconódula póstuma mas alimentada em parte de Irene. Para eles, a maioria dos agentes históricos deste período "were fairly indiferent to the major issue which the ninth-century historiography and legends which purported to account for the developments of the previous century claimed was the focus of popular opposition" (*ibidem* 261), sendo que nem mesmo o iconoclasmo se apresentava largamente espalhado pela sociedade bizantina. (*ibidem* 262). Irene faria assim parte desta maioria de pessoas indiferentes para com a temática do culto aos ícones, fazendo uso dela para efeitos políticos e ideológicos. Constantino V – afirmam – de modo algum elegeria uma ardente iconódula para mulher do seu filho[147].

Esta interpretação dos dados não nos parece ser conveniente. Tal linha de leitura, empenhada em desconstruir os textos de acordo com uma suposta ideologia que adulterasse a veracidade dos acontecimentos, reduz as aspirações religiosas concretas a meros expedientes políticos, coisa que por si só não poderia marcar a perceção e a mundividência bizantina deste período (e de todo o mundo ortodoxo daí em diante) da forma tão profunda e intensa com que o fez.

[147] *Cf.*: "Indeed, there is every reason to think that she also belonged to the rather indifferent majority for, as has been pointed out, it is unlikely that Constantine V (assuming that he was indeed personally involved, which is by no means certain) would seek out a wife for his son from a family with iconophile sentiments, nor that she would have been able to present herself as an acceptable iconoclast for so long, had she actually been – as the later tradition has it – a fervent supporter of images. It may even have been the case that the issue of images was so unimportant in private life that whoever did select Eirene paid only minimal attention to her attitude in this regard, or simply assumed that, because she was a young woman, she would do as she was told." (BRUBAKER & HALDON 2011 263).

Que nem o iconoclasmo nem a ortodoxia sejam movimentos populares no sentido romântico da palavra, como uma certa narrativa o pretenderia fazer[148], parece ser evidente: certamente que a religiosidade popular se articulava de várias formas com os ensinamentos e diretivas das diversas instituições de carácter religioso, desde o mundo monástico até ao mundo episcopal, sem descurar um mundo secular letrado (recorde-se como Leão IV encontrou altos funcionários palacianos a venerar imagens sacras). Mas estes anos, como temos vindo a analisar, com as suas drásticas mudanças sociais, como que colocaram a sociedade em luta consigo mesma. O facto de que os mosteiros fossem o único local de refúgio para dissidentes do governo – e mesmo que os mosteiros fossem considerados, eles próprios, em potência, inimigos do estado – é sintomático de uma sociedade que catalisa as suas tensões nesse ponto de fuga, como num bode expiatório.

A perspetiva de Brubaker e Haldon parece-nos incorrer no que, de acordo com Kaldellis, será uma bifurcação, nos estudos bizantinos, entre a *praxis* da realidade política da sociedade coeva e o discurso teológico que acompanharia a legitimação imperial. As implicações mais profundas deste tópico serão abordadas mais à frente[149]: por agora importará salientar as palavras deste autor:

> "Yet our scholarship has its own bifurcated modal logic. When it is defining the *essential* parameters of Byzantine thought it sticks closely to ´the vocabulary of Christianity´, but when it is trying to explain how the politics worked, it often implies that the Byzantines were acting on the basis of secular assumptions." KALDELLIS 2015 187

E mais à frente, após ter apresentado como exemplo desta dicotomia, justamente, a obra *Byzantium in the Iconoclast Era*, de Brubaker e Haldon, afirma:

[148] A ideia da oposição entre uma religiosidade popular e uma religiosidade institucional atinge, significativamente, a própria forma de historiar a relação da arte com a Igreja. Assim, como identifica Charles Murray, remonta pelo menos ao século XIX uma explicação que remete esta cisão para uma divergência de culto entre um mundo laico, originário de um meio pagão, e um mundo religioso, oriundo de uma espiritualidade semítica. *Cf*. MURRAY 1997 303-305, em relação à arte figurativa primitiva.

[149] *vide infra* parte 2, 3.2.

> "The field has it both ways: it plays up its anthropological credentials by making the Byzantines seem religiously alien to allegedly ´modern´ mentalities, all the while assuming that those mentalities were in play as a matter of course (…)" KALDELLIS 2015 188

O tratamento dado a Irene, à sua alegada hipocrisia e a um discurso iconódulo que forjaria uma realidade para fins ideológicos é, a nosso ver, um paradigma desta situação realçada por Kaldellis. Pois, tendo-se os autores confrontado com o carácter prático das políticas iconoclastas, por um lado, e a representação dos mesmos factos da época com uma lente iconódula, terão sido levados a negar um deles como "falso" ou a "desconstruí-lo", para salvaguardarem a legitimidade do outro polo[150]. Parece haver uma discrepância entre a política oficial e a ideia, que perpassa nas fontes, de que altos quadros da sociedade bizantina, durante as décadas do iconoclasmo, se mantiveram secretamente na fé ortodoxa. Uma dimensão implicaria, portanto, a negação da outra[151].

Mas, como o próprio Kaldellis atesta, os dois níveis de representação ou de relação com a realidade não se excluem mutuamente, antes coabitavam na sociedade bizantina[152]. Se os imperadores desta dinastia, começando com Leão III,

[150] HALDON 186 173-178 incorre, a nosso ver, em processo semelhante, ao abordar o julgamento de São Máximo e São Martinho à luz da controvérsia monotelista. Aqui ele parece-nos indicar claramente como não é possível separar a esfera ideológica da teológica.

[151] *E.g.*: "It is also notable that, even in a source so vehemently anti-iconoclast as the *Life* of Stephen the Younger, the monastery of Dios, and several others, appear to have been unscathed on the mid-760s, being reported as damaged, sold or destroyed subsequently only during the persecution of 767, in association, therefore, with the political opposition to Constantine." (BRUBAKER & HALDON 2011 242) Aqui, justamente, um dado que entra em choque com uma reinterpretação da realidade à luz das fontes iconódulas é vista pelos autores como um falhanço dessa mesma construção da realidade. Mas que nem todas as informações das fontes se enquadrem numa apologética não significa que essas fontes apresentam uma realidade deturpada. Uma sociedade pré-industrial e pré-moderna como era a sociedade bizantina não entenderia os conceitos de "perseguição" e "repressão" como eles foram praticados nos tempos modernos. Nem a oposição política pretendia uma atomização do indivíduo, e sua anulação enquanto sujeito político, nem haveria meios tecnológicos para homogeneizar os mais diversos grupos socias. Além disso, será necessário analisar o processo historiográfico próprio (*i.d.* hagiográfico) das fontes a que temos acesso. Procuraremos abordar essa questão na terceira parte desta tese.

[152] Afirma o autor, em torno da relação entre a sociedade civil e um imperador que se quer representado como eleito por Deus: "Nor will I be suggesting that we place the ideology of the republic at the former end and the imperial idea at the latter. It seems more likely that the Byzantines´ thinking operated

atingindo um pico com as perseguições de Constantino V e um relativo afrouxamento com Leão IV, se opunham de forma sistemática, como procurámos aqui expor, ao culto das imagens, e agiam em função disso, tal não significa que a oposição a esta linha só se tenha concretizado na esfera mais distante dos mosteiros.

Toda uma série de esferas sociais complementavam-se umas às outras, e a coesão social que os imperadores procuravam estabelecer exigia, para todos os efeitos, o controlo de uma administração herdeira da sociedade tardo-antiga. Esta sociedade estava, como vimos, em crise, mas continuava a ser a única alternativa para a manutenção de uma burocracia capaz e que impedisse a transformação do império numa série de estados feudais[153]. As relações entre a população, o imperador e o divino operavam síncrona e simultaneamente. Por isso nada impede que as fontes sejam verídicas quando afirmam que Irene era uma sincera iconódula, que cultuava ícones sem o conhecimento do marido e que isso, por si só, constituiu um elemento político que há de caracterizar o reinado desta imperatriz[154].

De resto, o desenrolar dos acontecimentos parece ser significativo do que poderá quiçá ser entendido como uma participação do mundo leigo na esfera religiosa. A esse nível, o facto de Irene ser uma mulher no poder leva-nos a tecer algumas considerações, porquanto o gineceu, à época, poderá ter sido um local relativamente seguro para a veneração das imagens. As mulheres, conquanto excluídas da vida pública ativa, poderão ter tido, no espaço doméstico despolitizado, uma oportunidade de perseverar[155], chegando mesmo, como está

---

simultaneously along different axes that did not always intersect, and so they were able to maintain conflicting modalitites of thought, each operating in different contexts even when they were theoretically opposed." (KALDELLIS 2015 170) E mais à frente abordará um conceito análogo no âmbito das relações entre Estado e Igreja, ainda que o não aprofunde: *cf*. *ibidem* 191-196 *et passim*.

[153] HALDON 1986 148-149; 161-167 indica como os processos de sacralização da sociedade, pela proliferação de imagens e rituais que sacralizavam determinados espaços e pessoas, opera desde o século VI, como uma reação das elites constantinopolitanas. As transformações da imagética imperial vão acoplá-lo à imagética angélica, para compensar a sua progressiva falta de eficiência. Para o autor, é com os séculos VIII e IX que se verifica uma homogeneização das práticas sociais, ao nível simbólico-discursivo.

[154] No que concerne às fontes históricas propriamente ditas, os argumentos de TREADGOLD 1984a parecem-nos convincentes.

[155] Já tivemos a oportunidade de referir como um conjunto de mulheres se poderá ter oposto à remoção da imagem de Cristo da Porta de Bronze. MANGO 1977a 4 afirma mesmo que "the role of women in the

atestado para o posterior período iconoclasta, a ajudar e assistir aos iconódulos perseguidos e aprisionados.

Assim, já foi levantada a hipótese de que a espiritualidade feminina estaria muito ligada ao culto dos ícones, como contrapartida de uma ausência de protagonismo político[156]. As evidências para a segunda fase do iconoclasmo, mormente através da correspondência de São Teodoro Estudita, parecem atestar que um grupo significativo de mulheres agia em prol da causa ortodoxa: "It is significant that a number of Theodore's female iconophile correspondents courageously maintained or adopted orthodox views even when their husbands or other male relatives were iconoclasts"[157].

Tudo isto nos parece legitimar, portanto, a leitura clássica dos eventos: Irene, uma iconódula devota e sincera, chegou ao poder perante a menoridade de seu filho, após a morte de Leão IV, em 780[158]. O desenrolar dos acontecimentos, por outro lado, continua a atestar uma curiosa participação da esfera leiga nos assuntos da Igreja. Pois será um leigo, Tarásio, quem vai substituir o patriarca Paulo. Tendo-se este afastado para um mosteiro em 783, e tendo sido questionado por legados de Irene sobre o motivo do seu comportamento, o mesmo confessa o seu arrependimento por ter subscrito o Concílio de Hiéria e as políticas

---

Iconophile movement was certainly considerable". AUZÉPY 2007 170-171, perante este passo, legitima uma iconodulia feminina por oposição a uma repressão masculina: "Cette émeute peut faire allusion à une réelle pratique des femmes entre 730 et 787: il paraît vraisemblable que l´icône domestique ait été, dans la maison, un interlocuteur auquel les femmes, ténues à l´écart de la vie publique, étaint attachés, et que l´iconodoulie ait pu être pour elles une manifestation de résistance, cachée mais résolue, au monde des hommes." O uso destas categorias explicativas não nos parece ser pertinente nesta situação: quando muito, será mais legítimo falar, *e contrario*, de um iconoclasmo militante oriundo de um estrato tipicamente masculino: o exército. Para esta questão, veja-se as notas seguintes.

[156] *Cf.* KAZHDAN &TALBOT 1991 391.

[157] *ibidem* 399. É significativo que o estatuto jurídico da mulher tenha sofrido alterações neste período, precisamente com a *Écloga* do primeiro imperador iconoclasta. Leão III retirou algumas prerrogativas cívicas que eram atribuídas à mulher no direito justinianeu (como sendo, por exemplo, a possibilidade de testemunhar em atos jurídicos). Após o iconoclasmo, esta perspetiva foi coabitando com uma reposição do direito clássico: para esta evolução, *cf*. BEAUCAMP 1977. No que concerne ao nosso estudo, convirá notar que a situação jurídica da mulher poderá tê-la protegido, de forma algo paradoxal, contra perseguições imperiais: "Cette limitation de leur rôle correspond en même temps à une protection, dans la mesure où une femme peut échapper, dans certaines conditions strictement définies, aux conséquences des obligations qu'elle a contractées pour un tiers; à cette protection spécifique s'ajoute une indulgence pour leur ignorance du droit, comme pour les mineurs, avec qui la situation de la femme présente certaines similitudes." (*ibidem* 175).

[158] As antipatias ou choques para com o marido, na sequência do episódio da descoberta da devoção privada de Irene, levam alguns pensar que ela se terá envolvido no assassínio de Leão IV: *vide supra* nota 146.

iconoclastas, afirmando que deseja abdicar do cargo em função de Tarásio, à data um leigo, e apelando à necessidade de se realizar um concílio ecuménico para se resolver o cisma por que a Igreja passava[159]. Foi a porta de entrada para o sétimo Concílio Ecuménico.

3.2) O Segundo Concílio de Niceia

A eleição de Tarásio, assim, que vai ocorrer a 784, surge como não canónica, chegando mesmo a motivar protestos por parte do papa Adriano, ainda que este aprovasse a sua ortodoxia[160]. Isto é, no nosso entender, sintomático: tendo a hierarquia eclesiástica sido dominada e "disciplinada" por praticamente seis décadas de iconoclasmo oficial, e tendo a oposição monástica sido antagonizada e, não raras vezes, perseguida, a situação da Igreja na esfera de influência de Constantinopla parece ter estado de tal maneira afetada que os estímulos para a sua reparação tiveram que sair do mundo laico. De qualquer forma, a nomeação de Tarásio, não obstante algumas resistências, parece ter sido popularmente aplaudida[161].

Pela mesma altura, porém, *circiter* 783, dois monges que hão de desempenhar um papel central na relação entre o Estado e a Igreja, Platão e seu sobrinho Teodoro, descendentes de importantes famílias da administração

[159] *Cf*. A.M. 6276. Para MARJANOVIĆ 2015 a forma como esta narrativa é apresentada, tanto aqui como no *Breviarium* de Nicéforo e na *Vita* de Inácio o Diácono, tem como objetivo apresentar uma ideia de sucessão patriarcal legítima, que coloque o futuro patriarca Tarásio, então um leigo, na tradição apostólica. Parece-nos que a ideia de sucessão patriarcal, a ser literariamente induzida, não serviria muito aos próprios iconódulos: mais conveniente seria, se assim fosse, apresentar os patriarcas hereges como adversários, com os quais não seria necessário chegar a consensos. O Concílio Ecuménico, para ser legítimo, precisava, como precisou, do consenso de todos os patriarcas do orbe, não de uma sucessão patriarcal "ideologicamente" suportada. Todavia, Marjanović aponta corretamente, na nossa opinião, para o facto de as passagens em questão enfatizarem a necessidade (mas também a possibilidade) do arrenpendimento como forma de se regressar à comunhão com a Igreja. Assim, como o próprio autor demonsta, Tarásio opor-se-á à postura mais rija e intransigente dos monges de Sacúdio, durante o Segundo Concílio de Niceia. Sobre esta questão, veja-se *infra*.

[160] Este protesto aparece numa carta sinódica escrita à imperatriz Irene, na qual Adriano também questiona o título de Patriarca Ecuménico que Tarásio tomou para si: o texto só existe na tradução para latim de Anastácio Bibliotecário. *Cf*. ainda NEIL 2000 537-540 para o tratamento das fontes.

[161] BRUBAKER & HALDON 2011 264-265.

burocrática, fundam o mosteiro de Sacúdio, na Bitínia[162]. E é também por este tempo que se afirma o monge Sabas, líder (hegúmeno) de Estúdio: este cenóbio, cujas fundações remontam ao século V e havia visto os seus monges expulsos em 765 por Costantino V, começava agora a receber alguns dos seus antigos moradores, afirmando-se uma vez mais no seio do mundo cultural de Constantinopla[163].

Será com estas condições que Irene procurará promover um Concílio Ecuménico, para resolver a questão do Iconoclasmo e sanar o cisma que dividia a cidade imperial das restantes sedes patriarcais. Que pelo menos um setor significativo da Nova Roma não aceitava esta orientação torna-se patente com o que aconteceu em agosto de 786, altura para a qual fora convocado o Concílio. Assim, no dia da primeira sessão, vários soldados, alguns bispos iconoclastas e pessoas do mundo laico irrompem na Igreja dos Santos Apóstolos, causando distúrbios e impedindo a prossecução dos trabalhos[164].

É de notar que Irene, com o seu filho e imperador nominal, Constantino VI, não se encontravam (propositadamente) na capital, deixando transparecer a ideia da não interferência do poder estatal nos assuntos da Igreja. Isto será surpreendente, se tivermos em conta que esta reunião, que se vai concretizar no ano seguinte, sem ser interrompida, será o único Concílio Ecuménico que não será presidido por um imperador romano (*vulgo* bizantino)[165]. Tal deixa patente, no nosso entender, como os assuntos em debate estavam associados, como que por natureza, às possíveis interferências das duas esferas de autoridade.

Irene começa então a reorganizar, com celeridade, uma futura localização para o Concílio, ao ponto de os legados papais, que haviam saído da cidade, estarem ainda na Sicília quando novas cartas os chamaram com uma nova

[162] Os mosteiros e ermitérios da Bitínia funcionavam como um centro espiritual de pelo menos parte da nobreza da época: *cf*. AUZÉPY 2007 48-49.
[163] Para uma breve história do mosteiro, veja-se STAMBOLOV 2015 196-197.
[164] *Vide* BRUBAKER & HALDON 2011 269-270 para uma descrição mais pormenorizada dos acontecimentos.
[165] "The Seventh ecumenical council at Nicaea in 787 was specific for one thing, namely, that was the first ecumenical council of the Church which was not presided upon by the byzantine emperor." MARJANOVIĆ 2015 49.

convocatória. Tendo a imperatriz dominado os principais focos de oposição[166], reuniu-se o Concílio em Niceia. Ocorre enfim o Sétimo Concílio Ecuménico[167].

Das setes sessões que o constituíram, não nos interessa abordar, nesta parte da presente dissertação, os argumentos de ordem teológica, contidos sobretudo nas últimas quartas sessões, mas sim as três primeiras, que põem a nu algumas das relações que aqui estudamos[168].

Pois é nos três primeiros encontros que aflora uma oposição entre duas fações: por um lado, os chamados Moderados, liderados pelo patriarca Tarásio; por outro, os Radicais ou Zelotas, cujos representantes eram oriundos do mundo monástico: Sudas Estudita, Platão de Sacúdio e Teoctisto de Symboloi[169]. As consequências desta divisão vão prolongar-se para além da questão iconoclasta estritamente definida, e os seus efeitos colaterais serão também importantes, como veremos.

A questão que os dividia punha em causa a história recente do império, mormente o destino de toda uma administração clerical e episcopal que havia compactuado e, em certos casos, sido cúmplice, da doutrina iconoclasta dos imperadores anteriores. Uns, por um lado, pretendiam extrair uma confissão e um arrependimento daqueles que haviam colaborado com a heresia: Tarásio, oriundo do mundo laico, e por isso mesmo talvez simpatético para com uma esfera da

---

[166] *Cf*. BRUBAKER & HALDON 2011 270-271.

[167] Para a lista de presença dos seus bispos, assim como para a problemática da sua fixação, *vide* DARROUZÈS 1975.

[168] Para um resumo das sessões do Concílio, *cf*. BRUBAKER & HALDON 2011 272-276. É de notar ainda que, para AUZÉPY 2007 38, assim como outros, as *Atas* do Concílio de Niceia II são surpreendentes na medida em que não insistem nas explicações teológicas para os ícones. No seu *Horos*, por exemplo, há um mero apelo à tradição, e o argumento cristológico é transposto, de forma amalgamada, para os ícones dos santos. Mas isto, no nosso entender, pode reverter a favor da posição ortodoxa. Não havia necessidade de explicitar argumentos teológicos na medida em que era "somente" necessário reintroduzir a Igreja no culto das imagens. Um excesso de teologia *more scholastico* poderia surgir, pelo contrário, como uma fabricação ou um sofisma. Por outro lado, ao abordar as intervenções dos bispos em Niceia II, a autora acha estranho como estas se apoiem mais nas crenças de intercessão dos santos e suas relíquias, sendo que as suas imagens aparecem como concomitantes a este elenco: "En lieu et place d´une défense et illustration de l´icône, nous trouvons la défense et illustration de l´efficace des saints." (*ibidem*) Mas isto poderá salientar, em contrapartida, como havia várias tendências entre os iconoclastas, sendo que algumas poderiam ir mesmo contra as relíquias e até, quiçá, a intercessão dos santos: voltaremos a esta questão na segunda parte da presente tese.

[169] *Cf*. STAMBOLOV *op. cit.* Porém, BRUBAKER & HALDON 2011 278-279 colocam Platão de *Sacúdio* na fação dos Moderados, com base em *Sancta Synodus Nicaena Secunda* a 1031.

sociedade dominada por uma política autoritária forte e eficaz, terá liderado esta posição.

Uma outra ala, chefiada pelos monges, mas também pelos representantes de Roma e dos patriarcados orientais, apoiada nos escritos de Santo Atanásio[170], exigia que os bispos que haviam compactuado fossem expulsos da dignidade com que estavam investidos, quiçá cientes da propensão para um regresso ao iconoclasmo (como retrospetivamente podemos constatar que houve) por parte de um quadro cujas carreiras dependeriam da orientação estatal.

Podemos considerar que existiram três tipos de reações monásticas ao espírito conciliador protagonizado pelo recente patriarca: o primeiro pura e simplesmente recusou-se a comparecer ao Concílio. Organizar-se-ia em torno da figura de um certo hegúmeno João, de quem pouco se sabe mas que parece ter tido reputação, porquanto levou Tarásio a escrever-lhe uma carta a pedir que marcasse presença. Um segundo grupo, orbitando em torno de Sabas de Estúdio, compareceu no Concílio, mas mostrou-se intransigente para com os *lapsi* e para com casos de simonia[171]. Por fim, um terceiro grupo, liderado por Platão de Sacúdio, seguia as linhas do patriarca[172].

É curioso que esta participação monástica não se prenda em concreto às questões em torno das imagens, que eram defendidas por todos os principais intervenientes e protagonistas. Os motivos de atrito e mesmo de rutura prendem-se, antes de mais, com um *corpus* episcopal demasiado comprometido com o mundo secular ou, melhor dizendo, com a dinastia inaugurada por Leão III. Por outro lado, o facto de os monges terem estado presentes em número tão significativo, apesar de terem um poder essencialmente honorífico[173], revela como

[170] Designadamente a sua carta a Rufiniano (*cf. Epistola ad Rufinianum*). BRUBAKER & HALDON *op. cit.*, assim como AUZÉPY 2007 50-51 *et passim*, no entanto, preferem explicar estas divergências sobretudo em termos de oposições pessoais, porquanto Sabas teria sido um candidato ao patriarcado, cuja eleição teria sido frustrada pela de Tarásio.

[171] A questão da simonia não está diretamente registada nas Atas do Segundo Concílio de Niceia, pois, segundo Marie-France Auzépy, esse registo teria que ser apagado. Ela conjetura que tal debate terá ocorrido após a sétima sessão. O cânone 5 é dirigido contra os simoníacos, mas o monge Sabas tê-lo-á achado insuficiente, porquanto rompe comunhão com Tarásio após o Concílio: *cf*. AUZÉPY 2007 55-56.

[172] BRUBAKER & HALDON 2011 278-279; AUZÉPY 2007 56.

[173] O concílio destacou-se por ter acolhido diversos monges: estiveram presentes, nas suas sessões, 365 bispos e 132 monges, sendo este último número surpreendente para um grupo que não podia participar

a sociedade e a Igreja, de certa forma, reconhecia a importância do exemplo, não raras vezes martirizado, de quem não compactuou. O Concílio, deste modo, não pôs em cheque tão somente a questão teológica do culto das imagens (um dado adquirido para Tarásio, Irene, e os três grupos monásticos elencados), mas sobretudo a forma como a Igreja se devia comportar perante um poder extrâneo (imperial) à autoridade apostólica.

Seja como for, no final, Tarásio conseguiu convencer a ala radical de Sabas de Estúdio: o culto das imagens foi aprovado e subscrito por todos, inaugurando-se assim um período de "Interregno", tendo a iconoclastia oficial sido deposta. As estruturas governamentais que haviam secundado a perseguição dos ortodoxos, porém, haviam-se como que preservado, ainda que nominalmente iconódulas.

3.3) A receção carolíngia: os *Libri Carolini*

A receção do Segundo Concílio de Niceia no Ocidente, por outro lado, vai afetar de uma forma particular as relações triangulares entre Constantinopla, o papado e aquele que, em menos de duas décadas, havia de ser coroado imperador do Ocidente. Carlos Magno, de facto, punha em marcha, com o apoio papal, a formação de um bloco civilizacional que irá destacar o ocidente do oriente mediterrânico[174]. Os desenvolvimentos da crise iconoclasta vão atingir a Europa Ocidental em pleno estado de maturação, vindo a configurar, como procuraremos demonstrar, alguns traços da sua fisionomia.

Em relação a Roma, por seu turno, a receção do Concílio foi mista: os legados papais subscreveram as formulações dogmáticas e doutrinais em torno do culto dos ícones. O próprio papa Adriano havia escrito uma carta, por solicitação de Irene, expondo os dogmas da Fé, que foi lida no Concílio. Por outro lado, porém, o mesmo concílio esteve silente para com os protestos papais noutros assuntos[175].

---

ativamente nos debates: *cf*. AUZÉPY 2017 46-47 *et passim*. A autora, todavia, levanta a hipótese de ter sido no Concílio de Hiéria onde primeiro se verificou a presença monástica.

[174] PIRENNE 1922 é a abordagem clássica do fenómeno, ainda que datada.

[175] Se se considerar a disposição das listas dos bispos das províncias ocidentais, durante o Concílio de Niceia, não é clara uma inclusão das mesmas sob a hierarquia de Constantinopla, sendo que o estado de disposição

É que a eleição do leigo Tarásio para patriarca de Constantinopla, não obstante o precedente que o Ocidente tinha na figura de Santo Ambrósio[176], levantou por parte de Adriano muitas dúvidas quanto à legitimidade da sua eleição. E, se a ortodoxia e capacidade de governação de Tarásio funcionaram como um lenitivo para com esta postura papal, o mesmo não poderá ser dito para com a sua outra exigência: que os territórios que haviam sido retirados da jurisdição de Roma por Leão III, e anexados ao patriarcado de Constantinopla, fossem restaurados, e que a primazia papal fosse reconhecida para assuntos de fé[177].

No plano temporal, quando os legados papais regressavam a Roma (ou quando dela partiam), ocorria em Itália uma ofensiva bizantina contra os Francos [178]. Ainda que os primeiros tenham sido derrotados, será natural que as *Atas* do Concílio Ecuménico, chegadas de um ponto da terra que Carlos Magno, à medida que ia consolidando o seu poder, se havia acostumado a ver como herege, suscitassem oposição por parte do poder nascente. O papado – terão pensavam os Francos – partilharia da mesma posição.

A reação carolíngia ao segundo Concílio de Niceia, por isso, é complexa, mas deixa ver como o vínculo com Roma, ainda que firme politicamente, não o era culturalmente. Referimo-nos, em concreto, ao ambiente que levará à formulação

---

do episcopado é muito mais fluido. É possível que isto se deva a uma influência da carta de Adriano I a Irene. De resto, só em inícios do século X é que as fontes procuram patentear uma inclusão taxativa das províncias ocidentais sob o patriarcado de Constantinopla. De notar ainda que, à época, as províncias episcopais ocidentais, *i.e.*, sob o domínio, pelo menos potencial, do papa, incluíam a Itália do sul, a Dalmácia, a Macedónia, a Grécia e Creta. *Cf*. DARROUZÈS 1975 22-26. Veja-se ainda ANASTOS 1957 23-25.

[176] Esta questão, assim como o posterior desenrolar da Querela Adúltera, serão porventura a razão que levam a aparecer, na *Cronografia* de Teófanes, o episódio da eleição de Santo Ambrósio. A História da Igreja no Ocidente praticamente não aparece na *Cronografia*, indiciando, com forte probabilidade, um desconhecimento da mesma. Mas o "resgate" deste episódio (*cf*. A.M. 5866), contrastando com o resto, deverá dar a entender como ela era conhecido nos círculos de Constantinopla, no âmbito das intricadas relações diplomáticas entre a Antiga e a Nova Roma.

[177] Na preparação das *Atas* do Concílio, onde se inclui uma tradução em grego da carta de Adriano, estas passagens "politicamente inconvenientes" do papa foram retiradas. Ainda que uma comparação das *Atas* Latinas e Gregas tenha sugerido que estas interpolações tenham ocorrido na senda das polémicas em torno do patriarca Fócio, que vai ocorrer no século seguinte, parece ter sido claro que as alterações ocorreram no âmbito do próprio Concílio. *Cf.* FREEMAN 1985 81 nota 62. Mas BRUBAKER & HALDON 2011 273, nota 106 ainda remetem a adulteração para o período de Fócio. Relativamente à primazia papal, que não parece ter sido defendida em termos não estritamente jurídicos, veja-se: NOBLE 2008 580-585.

[178] MCCORMICK 2008 367.

dos chamados *Libri Carolini*, cuja feitura, presidida por Teodolfo de Orleães[179], levava à rejeição do culto dos ícones, ainda que não à sua remoção das igrejas[180]. As particularidades destes desenvolvimentos atestam, mais uma vez, como a questão das imagens se relacionava com o poder estatal.

Assim, tendo uma versão latina das *Atas* do Concílio de Niceia chegado à corte de Carlos Magno, por uma via que não a papal, estas terão causado escândalo entre os teólogos do futuro imperador. Havia vários erros de tradução e de má interpretação, sendo que um deles se revelará fulcral: a não distinção entre a veneração (προσκύνεσις) devida às representações do sagrado e a adoração (λατρεία) devida somente a Deus[181]. Sendo ambas traduzidas como *adoratio*, cedo os monges carolíngios se terão apressado a classificar como idólatras os Padres de Niceia. Terão começado, então, a compilar um tratado teológico – que será o mais desenvolvido do discurso teológico desta época carolíngia[182] – para combater a "heresia" do oriente.

Carlos Magno, com isto, teria pretensões de promover um Concílio Ecuménico que surgisse a par com a afirmação do império que estava a construir. Toda uma lógica que promovia a autoridade conciliar franca sobre o princípio ecuménico usado em Constantinopla começa a surgir como uma reação ao Concílio de 787[183]. Ter-se-á então começado a preparar e a discutir uma refutação teológica que viria a enformar os *Libri Carolini*. Aí se objeta como o culto das

[179] Houve um certo debate académico em torno da autoria da obra, sendo que a opinião se dividia entre Teodolfo de Orleães e Alcuíno. Hoje a questão aparenta estar resolvida a favor do bispo visigodo: *cf.* GHOR 2015 99-101.

[180] Perante a complexa transmissão de fontes e de interpretações que acompanham o ambiente em que os *Libri Carolini* foram escritos, seguimos aqui a cronologia estabelecida por FREEMAN 1985 105-106. O resto do artigo acompanha e estuda detalhadamente as diferentes datas envolvidas. Veja-se ainda GHOR 2015 87-98.

[181] AUZÉPY 2007 296, por seu turno, relativiza estes erros de tradução.

[182] "In 793 the ideas formulated in the *Capitulare* were fully expounded in the *Libri Carolini*, the most substantial piece of theological writing of the early Carolingian period (…)" GANZ 2008 773. A datação da autora, porém, não é a mesma que estamos aqui a seguir. Convém ainda notar que, em 794, ocorre um concílio em Frankfurt onde não só estas ideias são expostas, como ainda se traz à colação, pela primeira vez sob as vestes de controvérsia, a questão do *Filioque*: WARE 2002 68-69 *et passim*.

[183] "This emphasis on conciliar thought was to develop after 787 when the Byzantine church challenged the concept of an ecumenical council. As Ratramus noted when defining the Eucharist, Paul had affirmed the importance of uniformity in what we know and what we say. This was the Carolingian ideal." GANZ 2008 761. Em torno dos *Libri Carolini* como um instrumento para um putativo concílio universal franco, *cf*. FREEMAN 1985 87-92.

imagens, aclamado em Constantinopla, era uma heresia por sancionar a adoração das imagens, caindo assim na acusação de idolatria feita pelos iconoclastas.

Por outro lado, e procurando afirmar a posição franca como um meio termo entre as fações em disputa a Oriente, a perspetiva ocidental também não pretendia que os ícones fossem removidos das igrejas ou destruídos, como no tempo dos imperadores Leão III e Constantino V. Os ícones – e os *Libri* apoiavam-se em particular em duas cartas de São Gregório Magno – serviam sobretudo para ilustrar e educar os analfabetos, instruindo-os em questões de fé. É nessa qualidade que deveriam ser preservados nas igrejas e locais de culto[184].

Durante a preparação do documento, então, reúne-se uma compilação sumária dos principais tópicos a serem abordados, a *Capitulare adversus synodum*, para ser remetida ao papa, para a sua aprovação[185]. Ao que parece, os Francos consideravam que o apoio papal nesta matéria seria evidente, estando já garantido. O próprio envio da capitular parece ter sido um assunto secundário da legação enviada a Roma, pois na mesma ia Félix de Urgel, em 792, para ser julgado por causa de um assunto, aos olhos da política carolíngia, muito mais premente: a questão do adopcionismo que surgia nas regiões da Espanha e na tradição moçarábica. Este tópico punha em cheque, de uma forma mais premente, a solidez política e eclesiástica do Ocidente, sendo que a questão relativa ao culto das imagens seria, no que concerne às relações papais, pacífica[186].

A capitular não chegou até nós, mas sim a resposta do papa Adriano, na forma de carta[187]. Manifestamente, o papado não apoiava as premissas teológicas francas, sendo adepto da doutrina do Concílio de Niceia. Expondo e clarificando o que se passara a Oriente, e sendo claro que o mesmo papa e a Tradição da Igreja o

[184] São Gregório Magno, assim, prescreve a Sereno, bispo de Marsellha, que as imagens não devem ser quebradas, mas preservadas para instrução geral (*ut hi qui litteras nesciunt saltem in parietibus videndo legant, quae legere in codicibus non* valeant): *cf.* GREGÓRIO MAGNO *Registrum Epistolarum* IX 209. A admonição ao mesmo Sereno repete-se em *ibidem* XI 10: *Et quidem quia eas adorari vetuisses omnino laudavimus, fregisse vero reprehendimus.*

[185] Para um confronto entre esta e os *Libri Carolini*, *vide* GHOR 2015 101-107 *et passim*.

[186] Para a questão do adopcionismo – uma heresia que defendia que Cristo era somente o filho adotivo de Deus, numa espécie de retorno ao Nestorianismo – *cf*. GANZ 2008 762-766. CRONE 1980 70 fala também dos adopcionistas da Hispânia como uma resposta ao islamismo. Para a reconstituição dos eventos em torno da legação a Roma, *vide* FREEMAN 1985 71-75.

[187] *Vide* ADRIANO, *Epistola ad Carolum adversus capitulare*.

apoiavam, esta carta terá causado um profundo choque no ambiente cultural carolíngio, cuja espiritualidade parecia estar a desenvolver-se num sentido diferente, rumo à formação de uma igreja "nacional". Como consequências imediatas, porém, a carta de Adriano refreou o ímpeto dos *Libri Carolini*, que, apesar de alguma reduzida circulação, nunca foram publicados[188].

3.4) Monaquismo ocidental, monaquismo oriental e problemáticas em torno do conceito de iconoclasmo

As implicações deste acontecimento alastrar-se-ão até à segunda fase do Iconoclasmo, como veremos. Por enquanto, convém abordar, ainda em relação ao império do ocidente, a vida monástica e a sua relação com o poder secular. É que, ao contrário do que a experiência das últimas épocas havia comprovado no território bizantino, no ocidente, a relação entre o mundo monástico e a corte imperial construía-se numa simbiose que classificaríamos como estrutural.

O monaquismo carolíngio dependia do poder militar, que por sua vez se apoiava nos monges para a estabilidade institucional e económica. Porque o poder dos Francos se havia consolidado à custa do território episcopal, que havia controlado significativas porções do território merovíngio, a ascensão dos Pepinos havia-se construído, também, com a construção de mosteiros, diretamente dependentes do poder régio[189]. Por outro lado, os campos que estavam sob a supervisão do mosteiro permitiam o financiamento das ações militares carolíngias[190]. Por fim, era esperado dos mesmos que rezassem e intercedessem pelo Estado, sendo como que responsáveis pela intercessão junto de Deus[191]. Do ponto de vista organizacional, procurava-se uniformizar as regras monásticas por

[188] *Cf*. FREEMAN 1985 81-87.
[189] JONG 2008 625-629 *et passim.* Veja-se, por exemplo: "Like other lay lords, therefore, Pippin II and his descendants founded their own monasteries (*Eigenklöster*) over which they retained complete control. As they grew more powerful, their patronage became more sought after; hence, lesser lords would strengthen their bond with the rising power by placing their own monastic foundation under the protection (*tuitio*) of the mayor of the palace." *Ibidem* 626.
[190] *Ibidem* 634.
[191] *Ibidem* 648-650 *et passim*.

todo o império: tentativa nem sempre bem conseguida, dada a eventual feudalização da região[192].

Esta organização parece-nos ser importante, na medida em que permite ver como a reação ao iconoclasmo, ou, de uma forma geral, à questão das imagens santas, ocorria, tal como em Bizâncio, tendo os mosteiros como base importante de desenvolvimento. Mas, em comparação com Bizâncio, Carlos Magno e o seu legado tinham uma relação diametralmente oposta com o *corpus* religioso. Enquanto, no império do Oriente, o mundo monástico vivia em *oposição* ao mundo secular, no império do Ocidente esse mesmo mundo monástico vivia em *sintonia* com o poder militar.

Por outro lado, e concomitantemente a isto, enquanto, a Oeste de Roma, a organização jurídica (i.e., das regras monásticas) como que procurava sistematizar-se numa ordenação universal – em conformidade com as exigências estatais – a Este de Roma, por seu turno, os mosteiros preservavam uma elevada autonomia. Havendo uma primazia das ordens instituídas por São Basílio de Cesareia, a imposição de um costume monástico, assim como a influência de determinado ascetismo, dever-se-ão mais ao carisma e preservação de tradições tardo-antigas[193].

Isto traz para o debate uma questão importante: em que medida é que a relação com o culto às imagens se relacionou com a afirmação de um poder estatal? Será que a rejeição do Concílio de Niceia, no ambiente cultural franco, se poderá explicar tão somente com base nas grosseiras traduções e nos descuidos de tratamento textual que fizeram chegar à Germânia a versão Latina das suas *Atas*? Além disso, de que forma se poderá caracterizar esta espiritualidade do monaquismo ocidental, se, não aceitando o culto dos ícones, também não se caracteriza a si própria como iconoclasta?

Será que poderemos assumir a existência de um espectro alargado de opositores às imagens, desde aqueles que se opunham a mera representação até aqueles que toleravam a sua presença como mero artifício? Pois, como veremos,

[192] Esta uniformização pretendia centrar-se em torno da Regra de São Bento. Foi uma reforma intensamente debatida nos Concílios de Aachen, em 816 e 817. *Cf*. *ibidem* 629-634.
[193] Veja-se, para uma introdução ao monaquismo bizantino, TALBOT 1987; RUNCIMAN 1977 110-118.

ser iconoclasta, em Bizâncio, não significava necessariamente ser oposto às representações religiosas, mas sobretudo ao seu culto. Por outras palavras, dilatando a definição de iconomaquia, será legítimo classificar o ocidente carolíngio como iconoclasta[194]? Por outro lado, será legítimo identificar uma relação entre esta doutrina e o predomínio do Estado sobre o mundo monástico?

Dedicar-nos-emos a aprofundar esta questão na segunda parte da presente tese. Por enquanto, porém, será importante deixar algumas noções, com base na etimologia, do que se entende por "iconoclasmo". O termo, que a historiografia moderna utiliza para caracterizar este período, surge, nas fontes, com uma surpreendente raridade. Em toda a longa *Cronografia* de Teófanes o Confessor, que costuma ser introduzida e classificada como um apologia e defesa da causa iconódula, a palavra "iconoclastas" aparece somente uma vez, e fá-lo numa concatenação de heresias que afetam a corte imperial[195]. O próprio S. Teodoro Estudita, sobre o qual nos debruçaremos a seguir, não via o Concílio Ecuménico como uma afirmação *stricto sensu* anti-iconoclasta, na medida em que as duas posições em confronto não eram duas ideologias, tal como a modernidade as entende e as lê[196].

O que estava em questão, e em debate feroz, não era uma parte da fé ou da doutrina, mas sim toda a Ortodoxia enquanto tal. Daí que, nos escritos ortodoxos, se fale dos ícones não como uma fação política a seguir, ainda que, na sua contextualização, o mesmo implicasse a politização de alguns setores da sociedade. Ou, pelo menos, a interpretação de setores da Igreja – o do mundo monástico em particular – era essa. A esse nível, a leitura da oposição entre

[194] Para AUZÉPY 2007 311-315 nos *Libri Carolini* a dinastia isaura (*i.e.* de Leão III) acaba por surgir, apesar de tudo, com uma luz mais favorável do que os promotores de Niceia II. A autora avança mesmo com a hipótese segundo a qual Carlos Magno se veria como sucessor de Constantino V.

[195] *Cf*. A.M. 6304: "E os que se demitiam de acusar as más opiniões de muitos, as heresias que se excediam e combatiam contra Deus, dos Paulicianos, dos Atínganos, dos Iconoclastas [Εἰκονοκλαστῶν] e dos Tetraditas."

[196] *Cf.*: "Ecclesiastical history remembers that council as the one which established the Orthodox dogma of images. For Theodore, however, that was only one of its actions and not necessarily its major one, since the dogma of images in his opinion was as old as the Incarnation itself (…)". HENRY 1969 498. Em torno da designação de "iconoclasmo", BRUBAKER ET HALDON 2011 2 identificam corretamente como o uso da mesma é anacrónico, mas a sua substituição por "iconomaquia" simplesmente remete, uma vez mais, para um tratamento do fenómeno como mera ideologia, que ora era oficialmente defendida, ora repudiada.

iconoclastas e iconódulos como a de dois partidos diferentes, albergando diferentes ideologias, parece-nos reducionista.

Os iconoclastas, assim, não terão sido um setor "injustiçado" da sociedade que a posteridade silenciou pela vitória ortodoxa, como uma leitura atual da academia defende. É que, se se consultar o que chegou até nós da posição desta heresia – mormente os fragmentos citados em 787, em Niceia - teremos que a grande preocupação deste período era a de se atestar que a Tradição da Igreja ora suportava o uso das imagens santas (para os iconódulos) ora que não o suportava (para os seus adversários). A questão aplicava-se com a questão de receber e transmitir a Tradição e, acima de tudo, de se relacionar com ela[197].

Mas a Tradição da Igreja não se confundia (como ainda não se confunde) com um mero conceito histórico de tradições – isto é, de meros costumes e preceitos a serem mecanicamente replicados no presente. Antes pelo contrário, na leitura eclesiástica e cristológica da História – e era essa que estava em disputa, mais do que meras implicações políticas – a Tradição é ao mesmo tempo histórica, presente desde o dia do Pentecoste, mas também a-histórica, na medida em que é continuamente recebida, como no dia do Pentecostes, mediante o Espírito Santo[198]. Ainda que a historiografia moderna, com os seus próprios métodos exegéticos, procure desconstruir as coordenadas dos textos que chegaram até nós, os mesmos não foram, porém, construídos e escritos com essa mentalidade, pelo que não deverão ser lidos como tal.

Um bom exemplo disso mesmo serão os relatos dos milagres, que para os historiadores hodiernos serão úteis na medida em que fornecem paradigmas de comportamento social, psicológico e cultural, mas que, à luz de quem os narra,

[197] A esse nível, a estranheza que BRUBAKER ET HALDON 2011 e AUZÉPY 2007 manifestam em relação à raridade dos argumentos teológicos presentes nas *Atas* do Segundo Concílio de Niceia atestará a favor de uma leitura "pan-ortodoxa" do mesmo Concílio: isto é, o que estava em causa não era um determinado setor da Fé, mas sim toda ela.

[198] Atente-se nas palavras de um atual teológo ortodoxo, Vladimir Lossky: "If it is necessary to distinguish what is transmitted (the oral and written traditions) and the unique mode according to which this transmission is received in the Holy Spirit (Tradition as the principle of Christian knowledge), it will none the less be impossible to separate these two points; hence the ambivalence of the term ´tradition´, which designates simultaneously the horizontal line and the vertical line of the Truth possessed by the Church." OUSPENSKY & LOSSKY 16. Ainda que a historiografia atual não preste muita atenção a esta forma de encarar a História, ela faz parte dos agentes que viveram esse período e, sobretudo, de autores como Teófanes Confessor.

têm uma função maior e muito concreta: atestam a presença do divino para se discernir da presença ou não da Tradição numa determinada questão. Os milagres envolvendo relíquias ou santos não se limitarão somente a ser propagandísticos de uma determinada fação, mas acima de tudo introduzem um *sentido* que remete para a forma como a Tradição deve ser reiterada pela prática cristã – coisa que, no caso dos ícones, tem uma dimensão prática muito específica (a sua veneração, que não adoração)[199].

A questão do culto das imagens santas, assim, quando surgiu na sociedade carolíngia, envolvia todo um conjunto de coordenadas religiosas e espirituais que começavam a estar em confronto com a espiritualidade oriental. A relação entre poder temporal e poder monástico, como forma de controlar o mundo espiritual, aparece-nos, deste modo, associada ao culto aos ícones. Procuraremos ver mais à frente se isso implica ou não uma relação teológica entre as duas dimensões. Por enquanto, porém, será necessário ter em conta como essa mesma relação evoluiu em Bizâncio, após o Concílio de Niceia.

4) O interregno iconódulo

4.1) Atritos entre mãe e filho: a Questão Adúltera

Como vimos, ficou patente, desde o II Concílio de Niceia, uma oposição entre os Rigoristas e os Moderados, entre aqueles que pretendiam excluir da Igreja (ou pelo menos dos altos cargos) quem havia compactuado, às vezes diretamente, com as políticas iconoclastas, e aqueles que apelavam à importância da penitência para que largos setores da sociedade fossem reintegrados. E, como vimos, o último grupo, sob a liderança do patriarca Tarásio, tomou a melhor, impedindo, pelo menos por enquanto, uma imediata fracturação da Igreja do Oriente.

O que depois acontece será, a nosso ver, sintomático. Constantino VI, o filho menor de Irene e imperador nominal, havia-se casado com Maria de Âmnia, em 788, após negociações falhadas para o casar com Rotrude, filha de Carlos Magno.

[199] A quarta e quinta sessões do Concílio de 787 foram dedicadas à exposição de textos patrísticos e hagiográficos para se comprovar a validade e legitimidade do culto às imagens.

O imperador, porém, era relegado para segundo plano perante a experiência e atividade de sua mãe que, todavia, sofria diversos reveses militares nas fronteiras do império (entre os quais se encontra, como vimos, a derrota perante os Francos). Deste modo, em 790, Constantino VI lidera uma conspiração contra o eunuco Estaurácio, conselheiro de sua mãe: saiu gorado, sendo que os seus promotores foram castigados e Constantino VI confinado aos seus aposentos[200].

Irene, então, exige do exército um voto de lealdade, em como este não permitiria a Constantino tomar o poder enquanto que ela fosse via. Quando esta informação, porém, chegou ao *thema* armeníaco, os soldados não reconheceram uma precedência de Irene sobre Constantino: paradoxalmente, este exército depôs o seu general Nicéforo e elegeu para o cargo Aleixo Mosele, o armeno que havia sido enviado pela própria Irene para exigir o juramento. Proclamaram então Constantino VI como único imperador e marcharam sobre Constantinopla, com o apoio de outros *themata* da Ásia Menor, que, entretanto, haviam seguido o mesmo exemplo. Perante a pressão, Irene cede e liberta Constantino, que na altura tinha dezanove anos de idade.

Constantino VI voltará a associar a sua mãe ao poder em 792, vendo-se também envolvido numa série de conspirações que acabaram por fazer com que se voltasse contra Aleixo Mosele e o *thema* armeníaco que o havia preferido. Isto ocorria ao mesmo tempo que os Bizantinos sofriam pesadas derrotas militares, num governo geralmente caracterizado como pouco competente. Mas focar-nos-emos, para os objetivos da presente tese, na sua atitude de 795, porquanto a mesma vai marcar de forma significativa o embate do imperador com o mundo monástico e, em particular, com São Teodoro Estudita.

Nesse ano, o *basileus* repudia a sua mulher Maria, e casa-se, contra a lei canónica, com a sua amante, Teódota. Um acontecimento, ao que parece, incitado pela sua própria mãe[201], a fim de suscitar descontentamento para com o filho que

[200] Para as linhas gerais desta narrativa e dos episódios que lhe seguem, *vide* TREADGOLD 1997 421-422; BRUBAKER ET HALDON 286-287.

[201] Assim narrado por Teófanes em A.M. 6287-6288. *Cf*. "The fact that Theophanes says Irene suggested a change of wives to her son in order to arouse public opinion may be good evidence that the people were in fact disgusted, although we have no way of knowing for sure what the average Byzantine's attitude was." HENRY 1969 496.

ela desejava submeter. Para procurar um divórcio legal, Constantino terá apresentado ao patriarca Tarásio um frasco de veneno com o qual a sua mulher o quereria assassinar. O patriarca rejeitou perentoriamente, mesmo quando o imperador terá ameaçado renovar as políticas iconoclastas dos seus predecessores[202].

Constantino VI, então, encontra e faz uso de um sacerdote, José, que ministrava na igreja de Hagia Sophia e era abade do mosteiro de Catara, nos subúrbios de Constantinopla. É aí que o casamento ilegal é celebrado, com a anuência displicente de Tarásio, que procurou evitar celebrar a Eucaristia com José, mas que continuou a comungar com Constantino.

Por outro lado, e para consolidar o casamento aos olhos da sociedade bizantina, o recasado imperador enviou vários emissários ao mosteiro de Sacúdio, a Platão e a seu sobrinho Teodoro, seja pela importância crescente daquele centro monástico, e da influência destes dois personagens, seja porque Teódota era, ela própria, familiar dos monges[203]. Estes, porém, não somente vão recusar as contínuas propostas e presentes feitas pelo novo casal, como vão chegar mesmo ao ponto de não comparecerem para cumprimentar o imperador quando ele próprio fez uma estadia nas redondezas do mosteiro. Virão a constituir-se, mormente Teodoro, ferozes e irrevogáveis opositores da atitude imperial.

É então que o soberano, enfurecido, manda, em fevereiro de 797, alguns militares a Sacúdio, que prendem Platão e o enviam para Constantinopla. Por outro lado, Teodoro e três outros líderes do mosteiro foram espancados, sendo que no final onze monges, entre os quais o próprio Teodoro, são exilados para Tessalónica, enquanto eram aclamados como heróis pelas populações das províncias por que passavam[204].

---

[202] Aqui a fonte já não é Teófanes, mas sim o hagiógrafo de Tarásio: INÁCIO DIÁCONO, *Vita Tarasii. Cf*. para este passo, HENRY 1969 500 nota 2.

[203] HENRY 1969 500-501.

[204] No dizer de Patrick Henry, este feito foi singular: "The monks were not in any sense unanimous in their disapproval of the emperor's marital irregularities, but opposition came from influential quarters, and Constantine made the grave error of sanctifying his adversaries by beating them and sending them into exile. At a stroke he transformed opposition from petulance into heroism, and made possible a quantum jump in the sense of unity and cohesiveness in the monastic establishment, which had been slowly reconstituting itself since the Second Nicene Council. The monks did not suddenly present a united front;

Tudo isto de pouco valeu a Constantino VI e à afirmação do seu poder imperial, pois em agosto desse mesmo ano de 797 a sua própria mãe ordenou que ele fosse cegado no quarto onde o havia dado à luz. Conservou, assim, todo o poder para si. Constantino terá morrido na sequência dos ferimentos causados[205]. A imperatriz, após isto, põe fim ao exílio dos monges de Sacúdio, com gestos formais de desculpa[206].

Foi também nessa altura que ela convidou Platão e Teodoro para se instalarem no mosteiro de Estúdio, em Constantinopla. Será aqui, e como líder deste mosteiro, que Teodoro exercerá uma grande influência espiritual e religiosa sobre o mundo cultural bizantino e, sobretudo, sobre a esfera monástica. O mosteiro, que sob a liderança enérgica de Teodoro poderá ter ficado repleto com até mil monges[207], liderou, por esta altura, uma importante transformação intelectual, que assistiu à passagem da letra maiúscula para a letra minúscula. A própria formação e disciplina monástica que ele incutia incentivava a leitura e a escrita de obras[208].

Quanto a Irene, ela governará ainda durante cinco anos, no seio de um reinado turbulento, com diversas derrotas militares, golpes militares falhados e políticas de apaziguamento e de isenção de impostos que dificultaram a situação financeira do império. No seio destas contendas, o papa Leão III coroa Carlos Magno como imperador Romano, enfraquecendo o prestígio político de Irene[209]. Nas relações diplomáticas que se seguiram, a imperatriz terá então considerado

---

they never had and they never would. But Constantine made them more aware of their common interests." (HENRY 1969 496)

[205] TREADGOLD 1997 422-423; HENRY 1969 496.

[206] Para uma abordagem geral da dimensão política inerente ao exílio no império bizantino: MALEON 2010. Para este episódio em particular: STAMBOLOV 2015 195-196.

[207] "Theodore's reputation and energy were such that within a very few years Studios was thriving with at least 700 monks, and maybe as many as 1,000. It was for this institution that Theodore undertook the revision and streamlining of St. Basil's monastic principles and rules, with a success that led to his being hailed in his lifetime as 'another Basil', and to the Rule of Studios eventually becoming the basis for the monasticism of Mt. Athos and Russia." HENRY 1969 504.

[208] BRUBAKER ET HALDON 2011 317. Sobre a importância de Teodoro Estudita, *cf*. ainda RUNCIMAN 1977, 121.

[209] "Although the Frankish ruler had recognized Irene as sovereign of the Roman Empire in a treaty just two years before, the pope argued that a woman was ineligible to be emperor, so that Charlemagne was simply filling a vacancy. Charlemagne had no intention of deposing Irene, but reports of his coronation further weakened her authority at Constantinople, which she tried to restore by distributing more donatives and abolishing trade duties in the capital" TREADGOLD 1997 423-424.

uma hipótese surpreendente: a de se casar, ela própria, com Carlos Magno, unindo assim, uma vez mais, Oriente e Ocidente. Mas, pouco após a chegada dos embaixadores, a outubro de 802, uma revolta depõe Irene e os planos são todos abortados.

A questão do casamento ilegal de Constantino VI – também conhecida como a Querela Adúltera – pareceria, deste modo, ser circunstancial e de curta duração. Seria somente um problema causado pela imaturidade e impetuosidade de um jovem imperador que nunca teria sabido governar o império. O consequente regresso dos monges e o reconhecimento formal da sua causa poriam um fim à questão. Mas os acontecimentos subsequentes demonstram, todavia, que isso não foi assim.

4.2) As consequências da Querela Adúltera: o Sínodo de Constantinopla

O *logothetes* Nicéforo foi o homem que os conspiradores elegeram em lugar de Irene: um homem versado tanto no aparato militar como administrativo. Conseguiu manter, apesar de ter sido vítima de uma outra revolta (que saiu gorada), um significativo grau de respeitabilidade. Do ponto de vista eclesiástico, por outro lado, teve que se confrontar com a morte do patriarca Tarásio em 806. Para a sua sucessão, e após as diversas consultas com vários membros da Igreja, o novo soberano elege para o patriarcado um outro Nicéforo, oriundo, tal como Tarásio o havia sido, da esfera secular e burocrata. Teodoro e Platão reprovaram o feito, ainda que estivessem satisfeitos com a ortodoxia do recém-eleito, tendo insistido previamente em que as ordenações irregulares deveriam ser evitadas[210].

O que aconteceu no ano seguinte, porém, levantou a oposição frontal e perentória de Teodoro. José de Catara, o mesmo sacerdote que havia celebrado as núpcias ilegais de Constantino VI e que, depois disso, havia sido expulso da comunhão, havia também servido ao imperador Nicéforo, ajudando-o a suprimir

[210] HENRY 1969 506; STAMBOLOV 2015 197-199. Por outro lado, BRUBAKER ET HALDON 2011 653-657 preferem explicar esta oposição de Teodoro por uma ambição pessoal do próprio, que quereria ter sido patriarca. A explicação, que aqui não seguimos, apoia-se na hipótese de que a adesão ou rejeição ao iconoclasmo se apoia no grau de adesão às elites do poder em Constantinopla, e ao monaquismo como uma forma alternativa de fazer oposição política.

uma revolta. Grato, então, pelo seu auxílio, o soberano acede em ajudá-lo[211]. E, por ele instigado, o patriarca homónimo, poucos meses após a sua nomeação, convoca um sínodo de quinze bispos para restituir José à comunhão, assim como ao sacerdócio.

Durante quase dois anos, o protesto dos monges estuditas foi silencioso, afastando-se eles da comunhão com o círculo de Nicéforo e criando desculpas para não comparecerem nas formalidades oficiais. Já nos inícios de 808, o monge e irmão de Teodoro (também José), que entretanto havia sido nomeado arcebispo de Tessalónica e regressara a Constantinopla para uma visita, permanece no mosteiro de Estúdio. Quando diversas cerimónias exigiriam a sua presença na corte, em virtude do seu cargo, José (irmão de Teodoro) permanece no mosteiro para evitar comungar: a oposição já não podia ser silenciosa, surgindo como oposição ao próprio imperador.

Por que motivo era este assunto tão importante no contexto político e eclesiástico que estudamos? Poderiam os monges de Estúdio ter sido coniventes com um "erro momentâneo", que a Economia da Salvação, com o passar do tempo, haveria de corrigir? Será que a nulidade da readmissão de José de Catara, aos olhos de Teodoro, da maioria dos seus monges e de outros ortodoxos, poderia simplesmente desaparecer com o passar do tempo? Estamos em crer que, à luz da postura anterior de Teodoro – a saber, a exigência de uma eleição sem suspeição de irregularidades – assim como das consequências políticas do Segundo Concílio de Niceia, a postura dos monges era coerente e, em boa verdade, em continuidade com o que havia acontecido durante o período anterior, oficialmente iconoclasta.

É que o que estava em causa, na prática, era a possibilidade, e a sua consagração pelo exemplo da precedência, de uma disposição de um sacramento – neste caso, um casamento – por um imperador, que assim manobrava a seu critério um poder que pertence somente à Igreja. As irregularidades implicavam, na prática, uma submissão do espiritual ao temporal. Daqui se vê, no nosso entender, como as políticas de conciliação dos quadros iconoclastas, feitas pelo patriarca Tarásio em 787 para salvaguardar a unidade da Igreja e da sociedade

[211] *Cf*. HENRY 1969 506 nota 2.

bizantinas, deixavam latente um dos conflitos que havia deflagrado de forma aberta no reinado de Constantino V.

Por outras palavras, abordando a questão iconoclasta na sua dimensão doutrinária mais explícita – o culto aos ícones – um outro aspeto dele emergente, a questão dos *lapsi*, devidamente identificado por um partido monástico presente em Niceia[212], foi silenciado. O que nos remete, uma vez mais, para uma questão a ser abordada na segunda parte da tese: estará o iconoclasmo, enquanto tal, diretamente (teologicamente) associado ao que aqui caracterizamos como submissão da esfera espiritual à secular?

Atente-se no que aconteceu em seguida. Irritado com o comportamento dos monges, o imperador Nicéforo recusou ser saudado por José (o bispo) quando partia da cidade, para uma expedição militar contra os Búlgaros. Quando regressou, ordenou que se reunisse um Concílio. Este vai ocorrer em janeiro de 809, em Constantinopla. Quatro monges Estuditas, que haviam sido presos – Teodoro, Platão, José e um certo Calógero – e que haviam recusado de forma terminante as tentativas de reconciliação, foram levados para o Concílio. Ocorreram então debates intensos, nos quais Teodoro comparou a sua própria situação à de São João Batista, quando ele acusara Herodes, em público, de cometer adultério com Herodíade. Após isso, os quatro monges foram afastados das discussões[213].

A reconstrução dos cânones emitidos por este sínodo oscila em torno de três pontos: a confirmação da restauração de José de Catara; a deposição do arcebispo José de Tessalónica; uma declaração de anátema para quem não aceitasse as "economias" dos santos [214]. Será neste último ponto que culmina o centro nevrálgico da problemática. Trata-se de um ponto que se prende com a necessidade de se ver um exercício de "Economia" nas segundas núpcias de Constantino VI – há muito saído, repita-se, da cena política. Alegadamente, o

[212] *vide* supra nota 171.
[213] *Cf*. HENRY 1969 509-510. Entenda-se, na senda de 1 Cor. 4 1-2 no sentido de "disposições pastorais e disciplinares".
[214] Seguimos a reconstrução proposta por HENRY 1969 509-518.

falecido Tarásio, agora honrado como santo, havia consentido a ação do padre José, pelo que negar a legitimidade da economia por ele realizada seria anátema.

Já Teodoro e o seu círculo, que de resto nunca acreditaram que São Tarásio tivesse pactuado, de forma explícita, com o segundo casamento, alegavam que o Sínodo incorria no sofisma de classificar transgressões aos cânones como Economia[215]. O que, assim, parece ficar patente é que o que se havia classificado, no círculo imperial, como "Economia", corresponderia a uma ferramenta política de que o imperador poderia fazer uso para aplicar a diferentes sacramentos. Na prática, chefe da Igreja, tornar-se-ia o imperador, e a Igreja de Cristo seria como que "nacionalizada"[216]. Posto nesta perspetiva, o episódio poderá ter algumas semelhanças com o longínquo caso de Henrique VIII…

Por isso, o período que se segue ao Segundo Concílio de Niceia revela, a alguns níveis, uma continuidade sociológica face ao primeiro período iconoclasta, designadamente ao nível da relação entre o poder imperial, a hierarquia eclesiástica e o mundo monástico. Estando o primeiro e o último termos desta tríade em choque, o termo mediano apresenta-se como um tanto flexível. Esta situação é oposta ao que se estava a desenvolver no ocidente carolíngio, com uma simbiose entre mosteiro e aula régia, que como que exclui a dimensão eclesiástica.

Terminado o sínodo de Constantinopla, o imperador dirige-se ao mosteiro de Estúdio, numa última tentativa para conquistar os monges. Assim, presente no meio deles, disse-lhes que seria clemente para todos os que de novo comungassem com o patriarca. Se o quisessem seguir, deveriam passar para o seu lado direito; caso contrário, deveriam passar para o seu lado esquerdo. Isto parece ter sido uma espécie de imitação consciente do Juízo Final, coisa que (se a não considerarmos como uma estilização posterior) muito poderá dizer sobre a forma como o imperador se queria ver na situação de juiz e de vicário[217]. É também sintomática do tipo de sentimentos e suscetibilidades que levantava: todos os monges

[215] A correspondência epistolar de São Teodoro revela esta postura. *Cf*. HENRY 1969 515-516.
[216] van de VORST 1913 440 di-lo explicitamente: "C´était reconnaître la légitimité du mariage d´autant qu´il fut statué que l´empereur n´était pas soumis, comme les autres fidèles, aux canons de l´Église." Que tal tenha sido efetivamente um cânone decorrente do concílio não é consensual: *cf*. HENRY *op. cit.*
[217] *Cf*. HENRY 1969 518.

passaram para o lado esquerdo do imperador, submetendo-se a exílios, prisões e maus tratos.

E assim, uma vez mais, Teodoro Estudita foi exilado. Um exílio que também não durou muito tempo, pois passados dois anos o imperador Nicéforo morre em batalha contra os Búlgaros, deixando o império numa situação delicada. Os conflitos com este povo haviam começado a ser mais frequentes à medida que os romanos orientais iam reconquistando vários territórios nos Balcãs. Nicéforo promoveu, com base na criação de *themata*, de deslocações de populações, anexações e reformas fiscais, uma progressiva romanização da região. Planeou então uma grande ofensiva sobre o território Búlgaro[218].

Mas este imenso contingente bélico, que consumiu uma grande parte do poder de armas bizantinas, foi cercado na Cordilheira dos Balcãs. A maioria do exército sucumbiu, e com ele o próprio imperador: e após isso Crum, o líder dos Búlgaros, sempre que dava banquetes, trazia consigo a caveira do soberano romano caído em combate, por onde bebia. O filho de Nicéforo, Estaurácio, foi eleito imperador pelo exército: mas ele próprio havia sido mortalmente ferido em combate, pelo que morre passado um mês. Entretanto já Miguel Rangabê, seu cunhado, havia subido ao trono[219].

Uma vez no poder, Miguel I termina o exílio de Teodoro Estudita, que regressa a Constantinopla. Já José de Catara, agora sem qualquer tipo de simpatias políticas, é de novo excomungado. Terminara enfim a Questão Adúltera: mas avizinhavam-se dias piores, tanto para o império como para a Igreja. Pois Crum, após a sua esmagadora vitória, inicia uma campanha de expansão sobre o território bizantino, capturando as terras na Trácia que haviam sido tomadas no tempo de Irene e de Nicéforo. É então que o líder dos Búlgaros oferece um tratado de paz aos Bizantinos.

[218] TREADGOLD 1997 427-429; para uma abordagem da geopolítica que levava ao choque do império com os Búlgaros: MARINOW 2014.
[219] TREADGOLD 1997 429; OSTROGORSKY 1968 196-197. Para a descrição da campanha militar em território búlgaro, *vide* GONÇALVES *et alii* 2016 221-228.

4.3) A questão dos exilados búlgaros e o extremar de posições

Mas estas condições de paz, que na realidade revestiam as cores de um ultimato, vieram trazer a discórdia para as elites romanas. Crum exige, entre as suas condições, que alguns refugiados Búlgaros, que haviam fugido para o império, fossem repatriados, em troca da libertação de outros Romanos que estavam em território búlgaro. Teófanes, que é a fonte principal para o passo, não deixa explícito que estes refugiados se tivessem convertido ao cristianismo, mas a historiografia moderna parece ser unânime em afirmar que a questão havia surgido por os mesmos serem cristãos[220].

A questão, porém, abre a narração do último ano que será relatado por Teófanes. É justamente nas turbulências causadas pela investida búlgara que o Confessor, quiçá por razões internas, quiçá por razões externas, depõe a pena. Assim, após ter relatado as condições gerais, narra:

> "Já no dia um do mês de novembro, o imperador, oprimido, tendo chamado o patriarca, decidiu acerca da paz: os metropolitas estavam também presentes, os de Niceia e de Cúzico, estando também presentes os que o aconselhavam, como Teodoro, o líder dos de Estúdio. O patriarca e os metropolitas, por um lado, em conjunto com o imperador, abraçaram a paz; os maus conselheiros, por outro, em conjunto com Teodoro, o líder dos de Estúdio, rejeitaram-na, dizendo: «não se deve abraçar a paz perante a destruição de um comando divino. Efetivamente, o Senhor disse «não expulsarei aquele que vier ter comigo», não sabendo, nem sobre o que diziam, nem sobre as coisas que asseguravam." A.M. 6305

[220] *Cf*. BRUBAKER & HALDON 2011 362, assim como TREADGOLD 1997 431. Este último, estranhamente, não vê uma oposição entre o patriarca Nicéforo e Teodoro Estudita. Já OSTROGORSKY 1968 199-200 não foca a atenção na questão dos refugiados, mas mantém a oposição entre as duas figuras. Que os refugiados pudessem de facto ter sido cristãos – ou uma parte deles – poderá ser inferido de A.M. 6305: "E, para além disso, [os termos de paz exigiam] que os fugitivos de cada um dos lados regressassem para cada parte, mesmo se tivessem feito insídias contra os seus soberanos […]".

A cisão, então, alastrara-se às altas esferas da sociedade bizantina, sendo que as divergências que haviam oposto Teodoro Estudita e o patriarca Nicéforo, durante a Questão Adúltera, mais uma vez voltam a operar. Teófanes toma partido pelo patriarca: assim, e se se considerar que os búlgaros em questão (na altura ainda pagãos) se haviam convertido, a oposição parece colocar em cheque a relação entre os interesses do estado (cristão) e de um cristianismo que vai para além das esferas do poder romano.

Aparentemente, os "maus conselheiros" a que se refere Teófanes alegariam que os refugiados em território romano deveriam receber direito de asilo; se os mesmos tiverem sido, de facto, cristãos, alegariam ainda que isso obedecia aos interesses da Fé. Por outro lado, os defensores da paz alegavam que, se se não cedesse às condições, colocar-se-ia em perigo a saúde e salvação dos Romanos que estavam cativos do outro lado, introduzindo ainda o povo Romano (que, por sua vez, se confundia com o povo cristão) numa guerra desvantajosa.

Também não havia sido esta a primeira vez que, no reinado do recém-coroado imperador Miguel I, o patriarca e o celebrado monge se haviam colocado em lados opostos. Pois já antes Nicéforo havia instigado o soberano a perseguir e a condenar à morte algumas seitas heréticas, designadamente os Paulicianos e os Atínganos[221]. Teodoro Estudita havia-se insurgido, reclamando pela crueldade e injustiça da decisão, pois que retirava aos hereges a possibilidade de se arrependerem. Também aqui Teófanes, relatando o caso, coloca-se do lado do patriarca[222].

---

[221] As perseguições aos Paulicianos, hereges gnósticos muitas vezes associados aos Maniqueus, foram particularmente cruéis e diretas, levando a uma migração de muitos deles para as fronteiras a leste do império, onde criam um proto-estado que se opõe militarmente aos exércitos imperiais. Só foram dominados no reinado de Basílio I, na segunda metade do século IX. *Cf*. ALEXANDER 1977 252-253; TREADGOLD 1997 457-458. Para os Atínganos, que eram muitas vezes associados aos Paulicianos, *vide* STARR 1936. BRUBAKER & HALDON 2011 364, por seu turno, alegam que estas perseguições a heresias poderão antes ter encoberto perseguições políticas a anteriores promotores da administração do imperador Nicéforo. AUZÉPY 2007 32 considera que eles eram sucessores dos Montanistas, convertidos à força por Leão III.

[222] *Cf*. Teófanes, *Cronografia* A.M. 6304, para os argumentos usados pelo próprio Teófanes. Atente-se também nas palavras de ALEXANDER 1977 256 "Against the cruel fanaticism of men like Macarius and Theophilus, Theodore cited biblical and patristic evidence and concluded that while it was permissible for emperors to wage war against Scythians (i.e., Bulgars) and Arabs because they were slaughtering Christians, heretics under the control of the Byzantine emperor (οἱ ὑπὸ χεῖρα αἱρετικοί), as was still the case with the Paulicians under Michael I, when Theodore's letter was written, should be taught but not punished." Mas

Estes dois casos põem em evidência dois polos opostos, que estavam latentes na sociedade bizantina e que, inicialmente circunscritos ao âmbito da política e administração internas, na senda da Questão Adúltera, deflagram e eclodem com a morte violenta de Nicéforo, as perdas avassaladoras de território e a ameaça de uma nova incursão búlgara. Nos extremos opostos desses dois elementos temos dois ferventes iconódulos, mas que interpretaram a realidade em questão de uma forma diametralmente oposta.

Por um lado, Teodoro, com um certo "idealismo" cristão, parece ter querido uma instrumentalização do império em função dos ideais apostólicos. Assim, os hereges, à época lidos como potenciais inimigos do estado e sua religião[223], deviam ter a possibilidade de se arrependerem dos seus pecados. E aqueles que se haviam refugiado no seio do império, tendo-se talvez mesmo tornado cristãos, deveriam beneficiar da caridade cristã. Por outro lado, o patriarca Nicéforo, com a responsabilidade pastoral de guiar um povo convertido, precisava de se opor às heresias, que já muito sangue haviam feito correr durantes as perseguições iconoclastas, mas também de proteger esse mesmo povo contra as ameaças externas (aqui não só estrangeiras como também pagãs), inclinando-se a apoiar uma postura "nacional"[224].

O imperador Miguel I, se no início foi favorável ao patriarca, é mais tarde persuadido a seguir a posição inversa. Os cativos não são libertados, e iniciam-se os preparativos para um confronto. Além disso, outras forças e tensões político-sociais estavam a desenvolver-se, com contornos pungentes. Pois, enquanto estes preparativos e deliberações ocorriam na capital, um grupo de iconoclastas irrompeu pelo mausoléu imperial, onde estava o sepulcro de Constantino V: iniciaram então uma série de rezas e de aclamações para que o imperador defunto regressasse e libertasse o império da ameaça pagã. Espalhou-se um boato pela

---

também: *ibid.* 239: "Theophanes' account is valuable because it gives details on a memorable debate over the question whether there were limitations to the punitive power of state and church."

[223] Para uma abordagem geral das perseguições, seus métodos e justificações neste período, *vide* ALEXANDER 1977. O mesmo em MALEON 2010 365 *et passim.*

[224] O termo "nacional", aplicado ao império bizantino, será por muitos considerado anacrónico e mesmo contrário à natureza do império. Todavia, tomamos aqui de empréstimo o termo de KALDELLIS 2007 74-82. Noutro local discutiremos as implicações do seu uso.

cidade, de como o antigo soberano havia regressado, montado a cavalo, e já galopava para atacar os inimigos. É um episódio sintomático da impressão paradoxal que Constantino V, com o seu reinado musculado, havia deixado sobre os bizantinos: para uns um tirano, para outros, um salvador.

Poderemos imaginar que, para muitos, estas duas facetas não se separavam muito facilmente uma da outra. Seja como for, indiciam que havia ainda um forte sentimento iconoclasta pelo império, ou pelo menos na sua capital, e que o mesmo estava associado a uma estabilidade do estado. Ou, e talvez assim fosse percecionado, a doutrina iconoclasta, pela forma como era associada a vitórias militares, era entendida como tendo favor divino. De facto, foi com esse pretexto que, mesmo antes do agudizar da situação, o período iconómaco era recordado pelos descontentes do regime, como nos narra Teófanes:

> "E os que se demitiam de acusar as más opiniões de muitos homens, as heresias crescentes dos que combatiam contra Deus, dos Paulicianos, dos Atínganos, dos Iconoclastas, dos Tetraditas (abstenho-me de falar dos adultérios e das prostituições, das licenciosidades e dos perjuros, do ódio aos irmãos e das avarezas) e dos restantes que transgrediam as leis, movimentavam as línguas contra os divinos e augustos ícones e contra o hábito monástico, alegrando-se com Constantino, o abominável a Deus e três vezes desgraçado, por ter saído superior contra os Búlgaros por causa, como aqueles desgraçados diziam impiamente, da piedade que ele tinha." A.M. 6304

Deste modo, antes mesmo do peculiar episódio em torno do túmulo de Constantino V – um episódio muito revelador, como procuraremos demonstrar, da mentalidade iconoclasta – já se montavam conspirações contra Miguel I para se coroarem os filhos de Constantino V, não obstante terem eles sido cegados. O perigo externo não se fazia acompanhar por nenhuma união bizantina, antes por uma forte instabilidade e descontentamento na parte dos setores iconoclastas,

assim como por uma dissensão entre os próprios ortodoxos, que se haviam dividido paulatinamente desde o período da Questão Adúltera.

Por fim, Miguel I reúne um grande exército e parte para defrontar os Búlgaros, no mês de junho de 813. Uma série de prolações em avançar sobre um exército búlgaro menos numeroso, associado a uma frustração geral e a uma série de revoltas em Constantinopla, fez com que, aquando do ataque, a 22 de junho, uma ala significativa do exército, o *thema* dos Anatólicos, liderados por Leão o Armeno, começasse a bater a retirada. Ainda hoje não é claro se esta retirada se deve a uma traição ou a uma necessidade em face do retraimento mostrado pelo imperador[225].

Miguel I, de qualquer forma, fugiu para Constantinopla enquanto os militares aclamarão Leão, o Armeno, como imperador. Quando este enfim aceitou o título, marchou sobre Constantinopla: Miguel I abdicou e Leão V foi coroado. Será ele quem vai reintroduzir o iconoclasmo, e é pouco após a sua coroação que Teófanes termina a sua *Cronografia*, quando Crum chega às portas da própria cidade imperial, saqueia os territórios adjacentes e toma a cidade de Adrianópolis.

5) O segundo iconoclasmo

5.1) Leão V e o regresso das políticas iconoclastas

Deste modo, quando Leão V, o Armeno, é eleito imperador, teve que se deparar, de imediato, com a ameaça búlgara. Tendo tentado, em vão, assassinar Crum enquanto este cercava Constantinopla, exasperou o Khan, levando-o a pilhar as periferias e a tomar Adrianópolis, de onde terá levado, sem resistência por parte do monarca, cerca de quarenta mil cativos de guerra[226]. O intrépido búlgaro vai depois planear um ataque direto a Constantinopla em 814, após ter saqueado Arcadiópolis, mas padece de uma hemorragia cerebral que o mata, levando a uma relativa pacificação da ameaça pagã[227].

[225] *Cf*. BRUBAkER & HALDON 2011 364; TREADGOLD 1997 431.
[226] *Cf*. TREADGOLD 1997 431-432.
[227] Ocorre assim um pacto de paz entre os dois povos, que TREADGOLD 1984b coloca no ano de 816.

No plano doutrinal, por seu turno, Leão já começara a perturbar as consciências eclesiásticas, ao não ter assinado um credo enviado pelo patriarca que asseguraria a sua iconodulia[228]. Também já havia renomeado o seu filho Simbácio como Constantino, aquando da sua coroação: parecia assim que se renovava, explicitamente, a dinastia de Leão III e de seu filho Constantino V. O *basileus* dava indícios de partilhar da opinião, que teria eco em determinados setores da sociedade (mormente militares), segundo a qual as pesadas derrotas do império se deviam à heresia do culto aos ícones. Numa relação de causa-efeito, seria necessário abolir de novo esta prática para que a Nova Roma vencesse os seus inimigos.

E será deste modo que, no dia 4 de julho de 814, dia de Pentecostes, Leão V cria uma comissão palaciana para indagar em torno da ortodoxia relativa aos ícones. E é aqui, também, que surge para a história uma figura, meio enigmática, que se tornará o líder intelectual do segundo movimento iconoclasta: João o Gramático[229]. Na altura ainda um jovem, este armeno (ou de descendência armena) é eleito, por Leão V, abade (hegúmeno) do mosteiro dos santos Sérgio e Baco. Tendo sido, na sua mocidade, um pintor de ícones, desenvolveu-se, todavia, como um obstinado e claro iconoclasta, vindo a romper com a doutrina daqueles que o terão iniciado na vida religiosa[230].

Aquando do comité criado por Leão V, João ter-se-á, desde já, insinuado como líder intelectual, revelando uma grande erudição que atesta, por seu turno, a evolução das instituições educativas da época. O seu conhecimento do aristotelismo, em particular, assim como a sua capacidade argumentativa e dialética, afirmaram-no, para os iconófilos, como um poderoso opositor. Inclusivamente, uma certa veia historiográfica moderna classifica este comité, e as atividades de investigação e indagação de manuscritos em torno dos mosteiros de Constantinopla e arredores, como um propulsor do chamado "humanismo

[228] TREADGOLD 1997 431.
[229] O seu nome de família, atestando a sua origem armena, era Morocharzamios. Para as origens desta família, *Cf*. SMITH 2010 24-27.
[230] SMITH 2010 25-27.

bizantino". Seria esta, enfim, a "força cultural" que terá impelido um renascimento literário no século IX, e não, como já aqui afirmámos, a atividade dos Estuditas[231].

De qualquer forma, o grupo criou, de forma um tanto apressada, um conjunto de citações e excertos dos Padres da Igreja contra o culto aos ícones. Este florilégio foi apresentado ao patriarca Nicéforo, que até à altura terá ficado silencioso perante a questão. Mas quando os documentos lhe são apresentados, Nicéforo revela simplesmente que as passagens em questão eram relativas aos ídolos dos pagãos, não aos ícones cristãos[232].

Será importante notar aqui, porém, que, do ponto de vista oficial, Leão V não se apresentava como iconoclasta. Ao que parece, perante as acusações de que as derrotas do império se deviam aos ícones, seria prudente – dizia ele – remover os ícones que estavam colocados nas partes inferiores das igrejas: impedindo, por implicação, a *proskynesis* e o culto enquanto tal. A resposta perentória de Nicéforo, por seu turno, associada à apreensão por o imperador se estar a imiscuir em assuntos que não lhe diziam respeito, levou a uma gradual crispação de posições.

O comité instaurado por Leão volta então a reunir-se, no próprio palácio imperial, e desta vez liderado por António, bispo de Silaion. O grupo vai aprofundar as suas posições, tendo encontrado, no processo, as *Atas* do Concílio Iconoclasta de Hiéria, de 754. Foi com base neste achado, e nas posições que aí se encontravam, que se pretendia fazer frente ao patriarca e ao culto dos ícones[233]. Entretanto, alguns soldados imperiais, seja obedecendo a ordens, seja por moto próprio, começaram a atirar pedras e lama contra o ícone de Cristo na Porta de Bronze – o mesmo que havia sido restituído por Irene. Foi quando Leão, alegadamente para preservar a imagem, ordena que a mesma seja retirada[234].

Então, no dia 24 de dezembro de 814, alguns líderes da Igreja refugiam-se no palácio patriarcal, onde os documentos que a comissão imperial produzira

[231] SMITH 2010 108-110. Não querendo descurar contributos significativos surgidos na sequência deste comité, não consideramos, porém, que se deva descartar o contributo dos Estuditas, mormente se tivermos em conta a longevidade das suas atividades, por oposição a um caráter mais imediato e breve, pautado também pelas urgências políticas incutidas por Leão V, deste comité. Veja-se ainda ANAGNOSTOPOULOS 2013 785 n. 75.

[232] BRUBAKER & HALDON 2011 368-369, *apud Scriptor Incertus* 1025-1029.

[233] SMITH 2010 37-38.

[234] BRUBAkER & HALDON 2011 370; TREADGOLD 1997 432.

foram lidos e refutados: foram depois para a Igreja de Santa Sofia, para rezarem. No dia seguinte, o imperador pede aos membros eclesiásticos para entrarem em conversações com os membros da sua própria comissão, para que entrassem em acordo. No processo, o próprio Leão, para tentar provar que não era iconoclasta e para demonstrar uma vontade de compromisso, terá beijado uma imagem que trazia em torno do pescoço, venerando ainda uma vestimenta no altar durante as celebrações[235].

Mas, perante as iteradas resistências do patriarca Nicéforo e dos ortodoxos em se submeterem a "negociações"[236], o extremar de posições que se seguiu leva Nicéforo a abdicar em 815 – após uma nova tentativa imperial que o queria compelir a discutir o assunto perante um grupo de bispos. Nicéforo é assim exilado. Para seu substituto o imperador vai escolher Teódoto Melisseno, que havia feito parte do grupo inicial de indagação de manuscritos. Nesse mesmo ano, este novo patriarca vai convocar um novo concílio, que se vai reunir na igreja de Santa Sophia: foi o segundo concílio iconoclasta, o que vai resolver uma certa tensão anterior e declarar as posições do imperador e dos homens letrados ao seu serviço como oficialmente iconoclastas.

Este segundo concílio vai apoiar-se nas *Atas* do Concílio de Hiéria para validar e ratificar as suas decisões. Porém, porventura como marca do anterior espírito "de compromisso", os ícones já não são referidos como sendo ídolos[237]. Aparentemente, não se queria com isto alienar uma parte do episcopado, que se

---

[235] *Scriptor Incertus de Leone Armeno* 1032.

[236] Um exemplo do que se poderá entender por este espírito conciliador, percecionado pelo lado ortodoxo como sendo sofista, encontrar-se-á no caso de São Nicetas de Medikion, tal como aparece na sua *Vita*. Quando o santo, em conjunto com vários monges, foi debalde constrangido e ameaçado para comungar com os iconoclastas, foi enfim remetido para uma prisão, onde continuou a ser fustigado. Após uma série de castigos às mãos de João o Gramático, um grupo de monges reuniu-se com São Nicetas, tendo-o convencido a tomar a comunhão: um momento de fraqueza de que o santo mais tarde se arrependerá. O curioso, neste caso, é que o patriarca iconoclasta, Teódoto, no momento eucarístico, e ainda de acordo com a *Vita*, terá pronunciado a frase: "Anátema para aqueles que não adoram a imagem de Cristo." ("*Anathema eis, qui Christi imaginem non adorant*" TEOSTERICO, Vita Nicetae Medicii 264). Isto, pronunciado por um patriarca iconoclasta, remeterá para os sofismas e encruzilhadas concetuais que norteariam a perseguição e a vontade conciliadora oficial. Pois a imagem de Cristo a que o patriarca alude, se a um tempo parece estabelecer uma concórdia entre as duas fações, por outro lado tem o objetivo de relativizar e, em última análise, reduzir ao absurdo, a oposição iconódula. Mas o conceito de "imagem" que o patriarca usa está impregnado, muito provavelmente, com a teologia iconómaca: ela referir-se-á a uma imagem meramente espiritual ou ao pão eucarístico. *Vide* também os comentários de ALEXANDER 1977 245-246.

[237] *Vide infra* nota 348.

poderia opor de uma forma mais frontal à política renascida. Ou, então, ter-se-á pretendido evitar os excessos políticos do passado, não se desejando quebrar com parte significativa do aparato social e administrativo da sociedade constantinopolitana.

Neste ponto, a leitura tradicional deste passo histórico faz com que, apesar da forma mais leve com que os ícones são apresentados, eles tenham, uma vez mais, sido destruídos e perseguidos pelas entidades oficiais[238]. Já Brubaker e Haldon, assentes na tese de Paul Alexander – segundo a qual este Concílio se distinguiu significativamente, em termos teológicos, do primeiro, de 754 – sustentam que isto se traduziu numa postura diferente em relação à forma como os devotos se relacionariam com os ícones nas igrejas, negando, uma vez mais, que tenha havido destruição sistemática de imagens sacras[239].

A tese de Paul Alexander assenta numa descontinuidade entre o primeiro e segundo iconoclasmos, procurando quebrar a ideia de que o segundo teria sido somente um reflexo pálido do primeiro, condenado a esgotar-se a si próprio. Para este autor, o comité criado pelo imperador, e a sua ênfase em indagar por manuscritos, indicam uma atividade literária e teológica próprias. O descobrimento das *Atas*, portanto, teria sido posterior ao desenvolvimento, por parte dos membros do comité, de um conjunto já próprio de teorias iconoclastas[240].

Analisaremos as implicações teológicas da tese de Alexander, e de sua eventual refutação, na segunda parte desta tese. Por agora, porém, interessa-nos salientar o contexto político em que este Concílio operou. Pois,

---

[238] "It [o Concílio de 815] stated that it did not regard the icons as idols, but all the same it ordered their destruction. This was characteristic of Leo V´s synod: it was in fact entirely commited to the fundamentals of the old iconoclasm, but it made some concessions in formulating its doctrinal position. The *acta* of the council of 754 provided its only source of inspiration and it repeated these old views, but at the same time watered them down and glided over the essentials in vague, meaningless phrases." OSTROGORSKY 1968 202. A mesma afirmação de que os ícones foram igualmente destruídos, *e.g*., em TREADGOLD 1997 432: "Destruction of icons began."

[239] BRUBAKER & HALDON 2011 372-373 *et passim*, e, em especial, 372: "In a final session, the meeting drew up a decree proscribing the veneration of holy images. But there was no order issued regarding the destruction of icons, nor was the veneration of images referred to explicitly as idolatry." As referências à destruição dos ícones são atribuídas pelos autores a uma "most unreliable and rabidly iconophile propaganda, of later date".

[240] ALEXANDER 1953 43-45 *et passim*. Porém, Brubaker e Haldon, quando invocam a autoridade de Alexander, não fazem menção direta às críticas feitas à sua tese por Milton Anastos, que põe em causa a validade dos seus pressupostos e da sua tese: *cf*. ANASTOS 1954.

independentemente da motivação e crenças dos iconoclastas, parece ter havido uma tentativa de reconciliar, e mesmo de converter, os iconódulos. Assim, neste período, atribuem a João o Gramático uma série de interrogatórios e de torturas feitas a diversos monges. Muitos opositores da doutrina iconoclasta terão sido presos no mosteiro de São Sérgio e São Baco, onde o erudito iconoclasta entraria em conversações e diálogo para a conversão à causa política. O mosteiro ter-se-á tornado, assim, um centro de reeducação para recalcitrantes[241].

A lista de membros que terão sido submetidas às mãos e exposições dialéticas de João o Gramático – e que adquiriu contornos lendários[242] – fez, por um lado, com que este personagem se transformasse como que num símbolo comum do próprio iconoclasmo – e da sua oposição. À sua sabedoria livresca começam então a associar-se conhecimentos de artes helénicas proibidas: ele mesmo teria sido um feiticeiro, possuindo nas catacumbas do palácio imperial um laboratório onde se dedicaria a atividades malditas[243]. Por outro lado, esta atividade serviu para unir aqueles que dantes se haviam dividido: e Teodoro Estudita, que cedo conheceu o exílio pela sua oposição, vai tomar armas com o patriarca que dantes havia criticado, no tempo da Questão Adúltera.

De qualquer forma, a perseguição e o ataque àqueles que se opunham frontalmente ao iconoclasmo já não parece passar, como nos tempos de Constantino V, por uma resposta igualmente frontal de perseguição. Agora, pelo contrário, a lógica parece assentar mais na tentativa de se conquistar "por dentro" o adversário, formulando a questão de tal forma a incutir um afastamento do culto aos ícones – e não terão sido poucos os que terão cedido à tentação[244].

Os iconoclastas, tendo, por assim dizer, aprendido que uma oposição direta daria somente força ao lado ortodoxo, iniciam uma política de conciliação e,

---

[241] *Cf*. SMITH 2010 41.

[242] *Ibidem* 64.

[243] Isto fez com que uma certa leitura moderna tenha como que romantizado a figura de João o Gramático, ora como um homem místico, ora mesmo como um percursor do espírito científico: *cf*. SMITH 2010 90-116.

[244] Neste período, o grande resistente e organizador da ortodoxia foi São Teodoro Estudita, de novo exilado (e em cujo exílio irá morrer). Ele organizará uma verdadeira rede de resistência subterrânea, que cedo se poderá classificar como Igreja em exílio: *cf*. ALEXANDER 1977 246-252. Teodoro Estudita foi assim a voz, o consolo e ânimo de muitos ortodoxos. Não seguimos a posição de BRUBAKER & HALDON 2011 371-372, que consideram esta resistência como vestigial.

alegadamente, de compromisso. Esta é feita através de uma tentativa de transpor para o plano privado o culto aos ícones – pois que, ao ser-se retirado dos lugares de culto, condena-se o seu uso no espaço comunitário. A experiência religiosa iconódula fica assim relegada para um espaço doméstico, domesticável. A sua presença seria tolerada, mas não em público[245].

Isto implicará, por seu turno, a criação de um vazio nesse mesmo espaço público, a ser preenchido pela figura do imperador. A este nível, não interessa tanto que os iconoclastas tenham positivamente perseguido e destruído imagens, como a narrativa tradicional a apresenta – e que temos uma tendência a preferir – mas sim que lhes tenham privado um lugar no espaço comunitário e, portanto, um elemento chave de permeio entre a sociedade bizantina e o divino. Os ritos entre o povo de Deus e o sagrado só parecem aceitar, de acordo com esta lógica, um mediador: o imperador. Daqui que os iconófilos desta altura reiterem que Leão V se estava a imiscuir em assuntos que não eram da sua competência.

O ato de se remeter o culto dos ícones para a esfera privada corresponde, do ponto de vista funcional, à sua destruição, pois que o ícone, enquanto tal, adquire a sua função plena no plano litúrgico. Ora, a liturgia, onde participa coletivamente o povo de Deus, não se poderá remeter somente ao plano privado, mas exige a participação pública da comunidade cristã, desde os membros ordenados até aos leigos, passando pelos religiosos[246].

5.2) A ascensão de Miguel II e a revolta de Tomás o Eslavo

No plano militar, Leão V vai conseguir uma vitória significativa sobre o exército búlgaro, forçando o novo Khan, Omurtag, a concordar com um tratado de paz. O imperador aproveitou também as dissensões internas do califado árabe

[245] "Public confessional unity was everything. Indeed, it might be said that it was not really iconoclasm that the emperors wished to impose: in several cases the sources indicate that it was the maintenance of a single communion of faithful that the iconoclasts wanted, rather than the imposition of a strictly iconoclast policy. While the veneration of sacred images was not tolerated in prominente public places, people were permitted effectively to do whatever they wished in private, as long as they recognised the legitimacy of the iconoclast patriarchate." BRUBAkER & HALDON 2011 380

[246] Para o período iconoclasta como implicando uma radical transformação na forma de se percecionar a liturgia, *cf*. ELSNER 1988.

para pilhar e devastar a costa egípcia. Pelo ano de 818, porém, surgem pela primeira vez os Rus, que saqueiam o norte da Anatólia[247]. Mas, no que concerne ao plano temporal, pareceria que a graça divina, e a governação de Leão V, estariam a ter bons resultados.

Entretanto, diversas intrigas palacianas estavam a conjurar-se contra o Armeno: em 820 ele já havia encontrado e frustrado uma conspiração para o depor. Pelo final do mesmo ano, ainda, uma nova intriga é descoberta, tendo à cabeça Miguel o Amório, que cumpria a função de *doméstico* dos *Excubitores.* Ele é preso pelo imperador, para ser queimado vivo após o Natal. Mas, durante esse período, Miguel consegue reunir em torno de si novos conspiradores. Eles, no dia de Natal, de manhã, matam o imperador Leão V na igreja e castram os seus filhos. Em seguida libertaram Miguel e aclamaram-no imperador[248].

Este golpe palaciano não foi motivado por questões religiosas, porquanto Miguel II Amório vai continuar, ainda que de uma forma mais leve, a política iconoclasta anterior. Mas incutiu uma divisão no exército, sobretudo na Ásia Menor. O *thema* anatólico vai proclamar Tomás, o Eslavo, como imperador e vingador de Leão V, com o apoio de outros *themata*. Inicia-se assim, em 821, uma sangrenta guerra civil.

Tomás Eslavo não abraçou explicitamente a causa iconófila. A sua revolta atraiu, não obstante, membros de diversos quadrantes sociais e políticos que estavam descontentes com a situação do império. Entre estes, destacam-se muitos Paulicianos, hereges gnósticos – também eles iconoclastas – que, como vimos, haviam sido perseguidos por Leão e por Nicéforo. O seu estandarte terá também congregado diversas etnias (armenos e sírios), dentro e fora dos limites imperiais, chegando mesmo a ter o apoio de Bagdade, que permitiu que Tomás, tomando o nome de Constantino, fosse coroado pelo patriarca de Antioquia[249].

[247] É neste ano, também, que Teófanes o Confessor morre.
[248] TREADGOLD 1997 433.
[249] *Cf*. BRUBAkER & HALDON 2011 387; TREADGOLD 1997 433-435. BARNARD 1977 81 *et passim*, porém, diz que que não há evidência que os Paulicianos tenham participado na revolta de Tomás o Eslavo. O autor, de uma forma geral, traça paralelismos e áreas de influência entre o Iconoclasmo bizantino e o Paulicianismo, sem confundir os dois movimentos.

Já os ortodoxos, pesassem embora algumas tentativas de aliciamento por parte de Tomás[250], ficaram pelo lado de Miguel II, seja pela esperança de que ele depusesse o iconoclasmo do seu antecessor, seja porque temeriam um governante apoiado pelos Paulicianos. Ele mesmo, em Constantinopla, não querendo comprometer as suas próprias fileiras, tomou várias medidas benévolas para com os iconódulos, terminando o exílio de muitos bispos e parando as perseguições: chegou mesmo a propor a Nicéforo a restituição do patriarcado, na condição de este ignorar a questão dos ícones – coisa que Nicéforo não fez. Daqui que, no dealbar do seu reino, o iconoclasmo de Miguel II, ainda que nominal, não tenha sido, por motivos sociais e políticos, aplicado com grande vigor.

A guerra civil alastrou-se por cerca de quatro anos. Tomás Eslavo, tendo reunido um exército considerável, marcha sobre a capital, sendo aclamado por diversos *themata* à medida que avança. O cerco começa no outono de 821, por terra e mar. Os ataques às muralhas saíram gorados, mas o exército manteve o cerco, sendo que nem um dos aclamados imperadores conseguia entrar em Constantinopla, nem o outro sair dela.

Foi então que Miguel II terá persuadido o Khan búlgaro Omurtag a atacar Tomás, na primavera de 823. O Khan, à medida que ia pilhando o território, obrigou ao levantamento do cerco. Os desenvolvimentos subsequentes levam as forças de Tomás a ficarem desmoralizadas, Miguel a reunir o seu exército e, por fim, os dois exércitos a entrar em combate. Tomás é derrotado: foge para Arcadiópolis, onde é capturado e morto. Os últimos resistentes da revolta são dominados no ano seguinte.

[250] Tomás terá feito uso de um rumor segundo o qual ele seria, na realidade, Constantino VI, o filho de Irene: muitos bizantinos pensavam que ele ainda estaria vivo por essa altura: TREADGOLD 1997 435. Mas a relação de Tomás com os iconófilos não é muito clara, sobretudo se se tiver em conta que uma parte significativa dos seus apoiantes constituía uma massa heterogénea de revoltosos. *Cf.*: "It has been suggested that the support and encouragement he clearly received from much of the provincial rural population in both Asia Minor and Greece, and in particular from the provincial forces, both maritime and land troops, reflected the unpopularity of imperial fiscal pressure, and that Thomas probably allowed both iconophiles and those who preferred the iconoclasm of the synod of 815 to believe he would favour their cause." BRUBAKER & HALDON 2011 388. Assim, a interpretação que estes dois autores fazem do uso político das crenças religiosas como instrumentos propagandísticos parece aplicar-se ao caso de Tomás, ainda que consideremos que fazer o mesmo para outros contextos seja abusivo.

Apesar do sucesso de Miguel II em consolidar o seu poder, a guerra civil desgastou profundamente as energias e a robustez interna do império: de tal forma que, em 826, uma nova revolta irrompe na Sicília. Os insurgentes apelam para um emirado árabe do norte de África – Cairuão (al-Qayrawm) – que por sua vez invade a ilha e cerca Siracusa. Quando a frota romana parte para prestar auxílio aos sicilianos, já corsários árabes invadiam Creta. Assim duas importantes ilhas, tanto do ponto de vista estratégico como económico, que exigiam, para a sua defesa, uma ativa e eficaz estratégia de policiamento e intervenção militar, foram as duas consequências políticas e militares mais graves advindas da guerra civil em que mergulhara o império.

Daí que o reinado de Miguel II, ainda que fosse, como vimos, oficialmente iconoclasta, tenha sido mais leve nas suas perseguições[251]. O império, no estado em que se encontrava, não se podia dar a mais perturbações internas. Para o futuro do iconoclasmo, porém, o imperador teve um ato importante: confiou o seu filho e futuro sucessor do império, Teófilo, à tutela de João o Gramático. Ele terá, a partir de então, um ascendente sobre o pensamento e a doutrina do então jovem Teófilo, que há de marcar o recrudescimento da iconomaquia[252].

5.3) O Ocidente latino e o segundo iconoclasmo

Antes disso, outros desenvolvimentos serão significativos da evolução desta heresia, mormente na sua relação com o Ocidente latino. Pois de facto, quando Miguel II estava a terminar de consolidar o seu poder perante os revoltosos, em 824, escreve uma carta a Luís o Pio, filho de Carlos Magno e imperador do sacro império romano-germano. Esta carta, aparentemente escrita perante a fuga de alguns monges iconódulos para Itália, apresenta-se como uma apologia do Concílio de 815. É um documento interessante, na medida em que é dos poucos escritos que nos revelam, ainda que de uma forma deturpada, para

[251] De acordo com uma certa efabulação, o imperador Miguel era Atíngano, ou de influência atíngana: *cf*. STARR 95-96.
[252] SMITH 2010 42-44.

servir a fins políticos e diplomáticos, a forma como o culto das imagens era percecionado pelos iconoclastas[253].

Para além da crítica comum de que os ortodoxos colocavam velas perante imagens e as honravam com incenso, a carta põe a nu alguns excessos de zelo, como sendo o de comungar com o pão da Eucaristia colocado sobre uma imagem, de assumir uma imagem como padrinho de votos monástico[254], ou mesmo raspar pedaços das imagens e colocá-los no vinho da Eucaristia[255]. Após isso a carta afirma:

> "Por causa disso, os imperadores ortodoxos e os doutíssimos sacerdotes estatuíram que se reunisse um concílio para se inquirir sobre estas coisas. Aqueles que, pela inspiração do Espírito Santo, compareceram no mesmo [o Concílio de 815], proibiram, numa decisão comum, que tais coisas ocorressem em qualquer lugar. Fizeram com que as imagens fossem retiradas dos lugares mais baixos [*de humilioribus locis*] e permitiram que aquelas que estavam nos lugares superiores [*in sublimioribus locis*] ficassem nos seus lugares, para que a própria pintura fosse tida como Escritura [e] para que não fossem adoradas [*adorarentur*] pelas mais infirmes e indoutos. Mas proibiram que lhes acendessem lucernas ou que as honrassem com incenso. Da mesma forma, também nós assim sentimos e sustentamos, expulsando da Igreja de Cristo aqueles que se dedicam às invenção maléficas deste tipo." *Concilium Parisiense* 479

Ora, como com propriedade afirma Ann Freeman, "It did not escape Louis and his advisors that the attitude and policy toward images described in the last lines of this passage were exactly those recommended a generation earlier by Charlemagne and the LC. [*Libri Carolini*]" FREEMAN 1985 101. Pois, de facto, com

[253] Uma tradução para inglês da parte que aqui focamos pode ser encontrada em FREEMAN 1985 100.
[254] Tratar-se-á da prática de associar um recém batizado a um determinado santo protetor. GRABAR 1998 121-123 analisa uma representação da época que parece remeter justamente para esse costume.
[255] O próprio USPENSKY 2013 105-112 fala em alguns excessos no culto aos ícones deste período.

o apelo a que as imagens deveriam ser retiradas das posições menos elevadas das igrejas, e com a referência a uma dimensão meramente pedagógica das pinturas, parece que atingimos, pelo menos na sua exposição mais simples, uma grande semelhança entre o segundo iconoclasmo bizantino e a postura em relação aos ícones desenvolvidas pelos carolíngios.

Deste modo, Miguel II, talvez sabendo de antemão das predisposições da corte franca, joga aqui uma carta dentro da triangulação que supra indentificámos: procurando um aliado natural nos carolíngios, ele procuraria também opô-los ao papado iconófilo. Coisa que parece indicar que os *Libri Carolini*, ainda que não tenham recebido uma publicação e confirmação oficial, sejam o produto, não obstante, de uma mentalidade para com a veneração dos ícones que se pautava por uma grande suspeita, quando não mesmo de oposição. De tal forma que Luís o Pio terá ficado ansioso por apoiar a conduta bizantina[256].

A relação umbilical entre o império carolíngio e o papado, todavia, não se poderia dissolver de uma forma simples. Desde o tempo de Adriano I que Roma se ia dilacerando em guerras e conflitos internos, que opunham famílias e fações políticas do seio da Cúria Romana[257]. O imperador carolíngio, perante esta posição, chegou mesmo a ter que se imiscuir nesses assuntos para promover uma estabilização da situação. Mesmo assim, Luís envia ao papa Eugénio dois bispos, para se informar da melhor conduta a tomar a respeito das imagens.

Por fim, em 825, reúne-se um Concílio em Paris. Surge depois um documento oficial a representar a posição de Luís o Pio, onde se afirma *ipsis verbis* que o papa Adriano, ainda que estivesse certo em criticar os primeiros iconoclastas pela destruição de imagens, estava todavia errado – segundo afirma o documento – por sancionar o seu culto (que, ao olhos carolíngios, se confunde com adoração):

---

[256] *Cf*. FREEMAN 1985 100-103 *et passim*. Atente-se também nos comentários de RUNCIMAN 1977 88 *et passim*.

[257] "In 824 Louis' father, Lothar, had intervened authoritatively in Rome to put an end to the violent internal conflicts which were involving the papacy. He had compelled Pope Eugenius IV (8 24—7) to sign an agreement whereby both the election of the popes and their political and administrative activities were placed under imperial control, which was to be exercised by a permanent representative, living in Rome." DELOGU 2008 311.

> "Mas para que nos fosse manifesto, com maior clareza, por que motivo vossa piedade [o rei Luís e seu filho Lotário], que flagra ardentissimamente em relação ao amor de Deus e da sua santa Igreja, teria sido em primeiro lugar acesa para inquirir sobre isto, considerámos que era necessário conhecer o início desta coisa e, por isso, em primeiro lugar, fizemos com que fosse lida perante nós a carta do Senhor [*domni*] papa Adriano, que outrora ele endereçara para as regiões transmarinas ao imperador Constantino e a Irene sua mãe, em defesa da ereção de imagens [*pro imaginibus erigendis*], perante o pedido deles. E, tanto quanto ficou patente à nossa pequenez, tal como ele [o papa Adriana] repreendeu justamente aqueles que se anteciparam em quebrar e abolir completamente as imagens naquelas partes, assim se compreende que agiu indiscretamente ao ordenar que elas fossem supersticiosamente adoradas [*adorare*]." *Concilium Parisiense* 481

O mesmo texto, logo a seguir, descreve a inicial reação de Carlos Magno perante a leitura das *Atas* do II Concílio de Niceia, louvando a sua atitude de repreensão.

Por isto, ficará patente uma certa igualdade, ou pelo menos semelhança, entre o segundo iconoclasmo bizantino e o que poderemos classificar, talvez, de iconoclasmo carolíngio. Pois que a grande questão em torno das imagens, como procuraremos deixar paulatinamente claro mais à frente, não oscila em torno da presença física dos ícones no imaginário da população ou da produção artísticas. O iconoclasmo nada tem com a representação artística enquanto tal. O problema para este movimento residirá, isso sim, na sua relação com o culto, e na forma como este, de uma forma inextrincável, se relaciona com a vivência religiosa e espiritual. Que isso tinha, na época que estudamos, implicações profundas na própria forma de se percecionar o mundo ficará patente pela onda de descontentamento que perserverou na mundividência ocidental, desde a primeira

onda de choque que levou à produção dos *Libri Carolini* até ao Concílio de 825 – um período de cerca de trinta anos[258].

5.4) Teófilo e a arquitetura iconoclasta

Quando, em 829, Miguel II morre de uma doença renal, já o anterior patriarca iconófilo, Nicéforo, havia também morrido (em 828) e antes dele Teodoro Estudita (em 826), cuja rede de monges, espalhada pelo império, continuava a fazer oposição ao iconoclasmo. Entretanto, Creta havia sido perdida, enquanto que a Sicília estava quase toda recuperada. E Teófilo, que será, para todos os efeitos, o último imperador iconoclasta, recebe o trono quando tinha dezasseis anos.

Este novo soberano distinguir-se-á de outros imperadores bizantinos pelo seu gosto e inclinação pela erudição, coisa que provavelmente lhe fora incutida pelo seu precetor João o Gramático. Com ele veio também uma boa dose de iconoclasmo, assim como uma reputação de homem justo, ou que se debatia pela justiça dos seus súbditos[259]. A sua imagem, para a posteridade, oscila entre dois polos: de um lado um homem letrado e bem inclinado na governação do seu reino; no lado oposto um convicto iconoclasta (não obstante o que aconteceu no seu leito de morte, como veremos)[260]. Destarcar-se-á também pelo seu gosto na construção de palácios e outros grandes edifícios.

Entretanto, João o Gramático é promovido, pouco após a subida ao trono do seu pupilo, para a posição de *syncellus* da Grande Igreja, o que na prática correspondia a fazer dele o próximo patriarca de Constantinopla[261]. O erudito

---

[258] "Here at last, thirty years after the event, we are hearing what must have been said at court after the arrival of Hadrian's reply, and probably also behind the scenes at Frankfurt, when the Council assembled there. In their resume of events up to this point, the bishops have described all the moves made at Rome, Constantinople, and the Carolingian court." FREEMAN 1985 102.

[259] Um dos exemplos mais marcantes dos seus primeiros tempos de governação será o destino dos assassinos de Leão V: "As soon as he became sole ruler, Theophilus astonished his courtiers by executing Leo V´s surviving assassins, who had put his own father on the throne. While asserting that the murder of any emperor deserved death, Theophilus seems also to have had a genuine regard for Leo, who had been his godfather and fellow iconoclast, and a more successful soldier than Michael II." TREADGOLD 1997 437.

[260] Para a exposição da difusão destas duas imagens, potencialmente antagónicas, nas fontes, *cf*. MARKOPOULOS 1998 39-42 *et passim*.

[261] *Cf*. SMITH 2010 44; para uma discussão mais detalhada em torno da possível data, *cf*. BRUBAkER & HALDON 2011 393, nota 98.

prelado vai ainda realizar uma viagem, que se tornará marcante, a Bagdade, algures entre 829 e 831. Carregado de esplêndidos presentes, João tinha, como objetivo oficial, uma missão diplomática para com o califado árabe e, como missão clandestina, convencer um certo general rebelde a retornar para as fileiras Romanas. Tendo sido bem-sucedido em ambos os fitos, ao regressar trouxe ainda prisioneiros resgatados, presentes do califado e – tema sobre o qual nos debruçaremos agora – planos para novas construções monumentais, ao estilo árabe[262].

É que a arquitetura árabe vai influenciar os gostos do imperador Teófilo, ao ponto de muitas vezes se criar uma espécie de ambiente de rivalidade entre os dois poderios militares e económicos, numa demonstração de poder e aparato régio. Poderemos quiçá falar, aqui, nesta categoria específica da arquitetura, de uma influência árabe sobre Bizâncio – e de uma possível relação desta com o iconoclasmo[263]. Para além disso, é para o reinado deste imperador que temos informação textual concreta para averiguar acerca da "mentalidade espacial" dos iconoclastas, isto é, para vermos como, na ausência de ícones, que caracterizam de forma tão marcante o espaço litúrgico, religioso e cultural da Ortodoxia, os iconómacos se organizavam[264].

O iconoclasmo, muito mais do que promover a supressão da arte pictórica e a sua propagação, favorecia-a, mas num sentido diametralmente oposto do da arte sacra ortodoxa. Assim, os ortodoxos vão acusar Teófilo de remover os ícones das igrejas e de os substituir por imagens de pássaros e outros animais[265], coisa que irá

---

[262] Para a descrição do acontecimento: SMITH 2010 44-46.

[263] Esta relação não é direta nem linear. Como afirma GRABAR 1998 230, "on serait donc en droit d´admettre que l´art de palais, sous les iconoclastes, devait ressembler assez à celui des résidences omeyyades, non pas parce qu´il l´imitait, mais parce que les créateurs de l´art des résidences omeyyades avaient puisé abondamment aux sources byzantines, plus ou moins contemporaines, et qu´ils trouvaient principalement en Syrie, mais peut-être aussi à l´intérieur de l´Empire diminué depuis les conquêtes musulmanes, et jusqu´à Constantinople. En principe, c´est le byzantin qui aurait dû expliquer l´omeyyade." Desde modo, a viagem de João o Gramático circunscreve-se num quadro geral de propagação e de trocas culturais.

[264] Os estudos arqueológicos julgavam ter encontrado as ruínas do palácio de Bryas, que as fontes identificam como tendo sido construído, à maneira oriental, por Teófilo (a referência textual é *Theophanes Continuatus* 98-99) Todavia, RICCI 1998 vem pôr em causa esta identificação, alegando influências mais ocidentais para essa construção. Os registos do período em análise, portanto, são eminentemente textuais, sendo que seguiremos, aqui, a análise comparativa utilizada por André Grabar.

[265] *Theophanes Continuatus* 99-100.

afetar de igual forma os lugares públicos. Trata-se, em boa verdade, da substituição do sentido que se dá à arte: os ícones, que manifestam o sagrado no profano, ou, melhor dizendo, que revelam o sagrado na matéria mesma, constituindo como que a habitação de um mundo espiritual supra-sensível, são retirados e substituídos por representações propriamente principescas.

Todavia, estas representações principescas têm um sentido concreto, que se tornará mais patente se se considerar a evolução da arte coeva, mormente nos lugares islâmicos. Pois também os muçulmanos faziam uma distinção clara entre arte imperial, onde se podia representar seres vivos, e arte das mesquitas, onde essa representação não é possível (GRABAR 1998 227-228).

A distinção entre as esferas sacra e profana aparece, aos olhos da arqueologia moderna, como muito mais nítida nos contextos muçulmanos do que nos contextos cristãos[266]. Nestes últimos, a existência de estruturas cívicas, sociais, políticas e militares que eram prévias à conversão ao Cristianismo fez com que se adicionasse um terceiro termo à equação. Isto é, o mundo tardo-antigo herdara uma distinção entre arte privada e arte principesca à qual se vem adicionar, agora, a arte religiosa cristã. Acaba por ser no mundo islâmico, bem entendido, que a distinção entre mundo religioso e mundo profano se torna mais operacional, coisa que se manifesta na respetiva arte pictórica. Essa falta de um termo médio faz com que seja no plano principesco, palacial, que se vão encontrar representações de seres vivos, porquanto nas mesquitas somente se representa a vegetação e elementos paisagísticos.

Seria um erro, todavia, pensar que o iconoclasmo bizantino, influenciado na sua medula pelo islamismo, teria imitado a religião rival na decoração das igrejas e dos ambientes palacianos. Uma "islamização" da arte bizantina não faria sentido, na medida em que esta implicaria um afastamento total das duas esferas, as ditas profanas e sacras, para planos independentes e paralelos. Isso não ocorreu na medida em que, em vez de se extremarem essas duas esferas, parece ocorrer uma

[266] "Théoriquement aussi, je pense, la séparation du profane et du sacre est plus nette, dans l´oeuvre artistique des musulmans: côté profane, ils n´ont pas connu d´art monarchique tel qu´il était dans les grands empire paien, Perse et Rome, où il constituait un domaine intermédiaire entre le religieux et le profane." GRABAR 1998 228. Para os dados arqueológicos relativos a práticas iconoclastas, *cf*. BARANOV 2006 p. 165. n.1.

fusão de ambas. Entre a vida privada do imperador, as instituições socio-políticas e a Igreja, parecerá antes haver uma fusão das três num *continuum*, a favor das instituições imperiais[267].

Efetivamente, se se considerar a evolução da arte islâmica em ambiente palaciano, veremos um progresso rumo ao destaque para elementos cada vez mais intimistas: como demonstra GRABAR 1998 229-230, a representação secular, no mundo muçulmano, cedo evoluiu para a representação do príncipe em ambiente privado: se esta mesma tendência se verifica no império cristão, ocorre de uma forma muito mais lenta, e isso porque o príncipe/imperador cristão representado aparecerá, sobretudo, nas suas dimensões sociais e cívicas. O soberano, uma vez representado, não poderá comparecer num espaço privado, como que refugiado do desenrolar do mundo exterior, mas antes apresenta-se como figura institucional. Não mais poderia o imperador ser pintado na sua esfera privada, quanto não podia, como vimos acima, retirar o ícone de Cristo do seu domicílio sem causar uma insurgência da população.

Ademais, e seguindo os dados que nos chegam, vemos que, se os iconoclastas rejeitavam, nas igrejas, os ícones, não rejeitavam, todavia, as representações de aves e animais, e até de algumas pessoas. Isto faz com que a arte sacra iconoclasta se aproxime da arte principesca muçulmana. "Ce qui fait que, pour imaginer une décoration iconoclaste d´église, on ait à citer des analogies musulmanes du côté des ouevres palatines des Omeyyades." (GRABAR 1998 233). Mais do que uma semelhança entre o iconoclasmo bizantino e o islâmico, deveremos, assim, falar de uma inversão de posturas: o espaço sacro cristão relacionar-se-ia com o espaço profano islâmico[268]. Não é a arte, em si, que é o

[267] A esse nível, podemos ver o iconoclasmo como um movimento interno às pulsações internas da sociedade bizantina, e não tanto como uma influência islâmica. De resto, como sustenta GRABAR 1998, terá sido a arte islâmica a ser influenciada pela arte pictórica bizantina do período iconoclasta, e não o contrário, como referimos anteriormente.

[268] "Considérées dans leur ensemble, les comparaisons auxquelles nous avons procédé, entre art omeyyade et art iconoclaste byzantin, nous ont rendu des services notables. Elles font apparaître l´analogie de ces deux expériences contemporaines, qui l´une et l´autre restreignent le domaine de l´art des sanctuaires, mais l´une et l´autre également pratiquent un art du palais auquel ne se rapportent pas les interdictions qui concernent l´art des églises et des mosquées. Les mêmes comparaisons nous montrent cependant les limites de cette parenté, et cette discrimination fait mieux comprendre les intentions d´ordre religieux qui

problema para a iconoclastia bizantina, antes a sua proveniência. Se se determinar esta proveniência, ficará legitimada uma propagação artística a todas as esferas da sociedade.

Deste modo, ao contrário do que se poderá pensar, os iconómacos não fizeram tábua rasa das representações nas suas igrejas, ainda que tenham abdicado da representação e culto a imagens sacras. E a forma como isso ocorre, a par do que acontece com a decoração dos espaços público-privados da esfera secular, revela o sentido da profanação e "secularização" progressivas que a iconoclastia pretenderia para a sociedade bizantina. E é com o último imperador iconoclasta que se dá um investimento no aparato imperial e monárquico, num culto ao esplendor régio que deveria impressionar Bagdade[269].

5.5) Teófilo: o último imperador iconoclasta

Quer o programa monumental de Teófilo tenha ou não influenciado as suas políticas iconoclastas de uma forma mais ou menos direta, é sabido, porém, que este imperador vai incrementar as perseguições a ortodoxos que haviam sido um tanto relaxadas pelo seu pai. Sabe-se que, em 833, ele vai ordenar uma perseguição geral a dissidentes religiosos, sendo que esta já foi associada ao facto de no ano anterior o *basileus* ter sofrido uma derrota militar contra os Árabes, que haviam invadido a Capadócia, levando a que depois se começasse a construir uma fortaleza na parte bizantina da cordilheira do Tauro[270]. Assim, a afirmação político-militar do império relaciona-se com a doutrina religiosa de uma forma utilitária: os fracassos de um implicam uma correção no polo oposto.

Os ortodoxos passaram, pois, a ser perseguidos de uma forma mais veemente, sendo que os monges, uma vez mais, eram os principais alvos destas perseguições. Aqueles que os protegessem ou acolhessem como refugiados veriam

---

se cachent derrière chacune de ces expériences artistiques contemporaines, poursuivies dans deux champs ennemis, mais qui s´observaient." GRABAR 1998 233

[269] GRABAR 1998 236-237 indica que esta renovação poderá ter sido a introdutora dos autómatos na corte imperial, figuras mecanizadas de animais que contribuindo para um certo esplendor régio. Estes autómatos continuariam a ser utilizados pelos imperadores bizantinos.

[270] BRUBAKER & HALDON 2011 394-395; TREADGOLD 1997 438-439.

as suas propriedades confiscadas. Entre as vítimas desta perseguição destacam-se os chamados irmãos *Graptoi*, assim designados pela pena em que incorreram. Trata-se de Teófanes e Teodoro, monges palestinos que se opunham terminantemente à causa imperial: como castigo eles viram cravadas em suas testas versos que os identificariam como iconódulos[271]. Outras pessoas célebres que sofreram foram o futuro patriarca Metódio e o *spatharius* Sérgio, pai do também futuro patriarca Fócio. O iconógrafo, Lázaro, um dos mais conceituados do período, foi também perseguido e torturado[272].

Em 837, João o Gramático é enfim eleito como patriarca de Constantinopla[273]. Entretanto, a instabilidade militar na Sicília continuava, sendo que, a Este, Teófilo obtém uma vitória militar e toma as cidades de Sozópetra e Arsamósata: regressa a Constantinopla celebrando um triunfo[274]. Isto terá contributo para a crença na retitude do iconoclasmo, porquanto o sucedido, alimentado pela expectativa da retaliação árabe, terá levado o imperador e o patriarca a intensificarem a perseguição aos cultores de ícones.

Mas a resposta do califado foi brutal: no ano seguinte Mu´tasim lidera uma invasão com o objetivo de capturar Amório, uma cidade no interior da Ásia Menor, muito para além da região do Tauro que os Bizantinos se haviam esforçado por tornar a região fronteiriça do império. Ocorre uma batalha intensa, na qual os Romanos saem derrotados e o próprio imperador quase se vê cercado e capturado. Teófilo, então, parte para Constantinopla para dissipar as notícias de que havia sido morto: já os árabes saqueiam Ancira e cercam Amório, que é capturada, queimada e vê a sua população massacrada. Após isso, Mu´tasim recebe notícias de instabilidade civil no seu califado, sendo forçado a regressar ao seu império[275].

---

[271] AUZÉPY 2007 248-254 considera que o caso destes santos sofreu uma readaptação para servirem à agenda iconódula. A autora também relativiza o ataque árabe à Laura, mosteiro palestiniano de onde eles emigraram. De notar ainda que o mosteiro de Chora, em Constantinopla, seria o centro de um monacato lauriota, na capital do império.

[272] *Cf*. SMITH 2010 48-49.

[273] Esta data, porém, não é consensual entre historiadores: *cf*. SMITH 2010 47, nota 100.

[274] *vide* BARANOV 2006 166-168 em torno da representação imperial do triunfo.

[275] TREADGOLD 1997 441.

O saque de Amório constituiu-se como um duro e brutal golpe para os Bizantinos. O acontecimento, ainda que não tenha sido levado até às suas últimas consequências pelos inimigos do império, abalou de forma significativa a confiança iconoclasta de proteção divina[276]. O próprio imperador terá ficado gravemente perturbado com o choque da derrota, ao ponto de se ter refugiado na astrologia, alquimias e em profecias para conhecer o futuro, não mais voltando a ter a confiança de outrora[277]. Entre os conselheiros do imperador encontravam-se, paradoxalmente, o monge Metódio, férreo opositor do iconoclasmo e futuro patriarca, que fora até torturado pelo soberano, e cujos poderes proféticos o aterrorizariam[278].

5.5) O Triunfo da Ortodoxia

Quatro anos após a derrota em Amório, em janeiro de 842, e com a relativa pacificação da situação externa e interna do império – pois que ao saque daquela cidade correspondeu também uma revolta que procurou colocar o seu cunhado Teófobo como imperador – Teófilo morre. De acordo com a narrativa das fontes bizantinas mais próximas, o soberano, nas suas horas finais, ter-se-á arrependido

[276] *Ibidem:* "Even though the Arabs failed to exploit their sack of Amorium, and other emperors had suffered worse defeats, this campaign permanently refuted the argument that strict Iconoclasm insured military success." Já BRUBAKER & HALDON 2011 407-408 são mais céticos, atribuindo o sucedido, uma vez mais, a exageros da tradição posterior: "Just as importantly the historical record on the Byzantine side is a reflection if iconophile values, so that Theophilos´ failures – perhaps most importantly the sack of Amorion – are presented as far greater catastrophes in strategic terms than they may actually have been." Mas, a esse nível, talvez será importante recordar que a mesma tradição posterior não menospreza o caráter de justiça de Teófilo, como os mesmo autores – *ibidem* 404 – atestam. Veja-se ainda SMITH 2010 49-51, que segue a nossa interpretação.

[277] É neste contexto que surge a estória, com contornos lendários, que envolve Leão o Filósofo, uma das figuras do renascimento intelectual e cultural da época. Segundo a lenda, o califa Mu´tasim capturara um dos discípulos deste mestre em geometria e astrologia: profundamente admirado com os seus conhecimentos, terá convidado Leão para ensinar em Bagdade. Como consequência, e no quadro da rivalidade cultural entre os dois potentados, Teófilo terá oferecido grandes privilégios ao sábio, colocando-o à cabeça de uma universidade *avant la lettre* em Constantinopla. Seja como for, Leão o Filósofo, que era também primo de João o Gramático, foi eleito como arcebispo de Tessalónica. Para a sua figura: *cf*. WILSON 2013 79-84; GUTAS 1998 180-186 considera que se trata de uma anedota fantasiosa, ainda que indique uma influência intelectual do movimento de tradução árabe nos círculos bizantinos. De acordo com uma certa tradição, o gosto pela astrologia também teria sido introduzido em Constantinopla por um certo Estêvão, após uma estadia em Bagdade: *cf*. GUTAS 180-181.

[278] A libertação de Metódio após a sua tortura, e consequente estadia nas cercanias do palácio imperial, poderá ficar a dever-se à sua família de origem e às relações desta: *cf*. BRUBAKER & HALDON 2011 397-398.

da sua conduta iconoclasta, renunciando às suas faltas perante a sua mulher, a imperatriz Teodora. Ainda que tal possa relacionar-se com os seus últimos anos de vida, dedicados a uma vida mais introspetiva, a historiografia moderna parece ser unânime em afirmar que este último iconoclasta no poder não se arrependeu, e que Teodora labutou para salvar a imagem do seu marido à medida que reinstaurava a ortodoxia[279].

É que Teodora, se por um lado era uma devota iconódula com a oportunidade de restaurar o culto às imagens – pois, como outrora Irene, era agora regente do império, em nome de um filho que não tinha idade para governar sozinho – a imperatriz dependeria de argumentos dinásticos para assegurar as suas pretensões ao trono e para salvaguardar o jovem Miguel contra usurpadores. A isto acrescentar-se-á um amor esponsal, que não quereria ver o nome do marido anatematizado da comunhão dos fiéis[280]. Coisa que terá levado a um paradoxal desenvolvimento, aquando da festa do Triunfo da Ortodoxia: aí se anatematizou um grande número de iconoclastas, à exceção do seu principal e nominal executor.

Esta conjetura explicaria, assim, por que motivo Teodora terá demorado algum tempo em agir para reinstalar o culto, demorando mais de um ano para depor o patriarca João o Gramático[281] e reunir uma assembleia que aclamasse o Segundo Concílio de Niceia. Segundo Grabar, seria necessário negociar a memória de Teófilo com os membros da Igreja:

> "Mais malgré ses sympathies pour les défenseurs des icônes, elle [Théodora] n´en décréta pas le rétablissement avant d´avoir obtenu du patriarche Méthode et de l´Église que le nom de son époux Theóphile ne soit effacé sur la liste des iconoclastes destinés à être anathématisés. L´opération a été difficile, les pourparlers très longs, et la résistance du

[279] Para um tratamento das fontes que abordam a perceção de Teófilo na literatura bizantina, e do papel que Teodora terá tido na sua elaboração, *vide* MARKOPOULOS 1998.
[280] *Cf*. SMITH 2010 55-56.
[281] João o Gramático, deste modo, apesar de ter vivido sem perturbação até ao final dos seus dias num mosteiro, após a sua deposição, terá acarretado, qual bode expiatório, com as culpas de toda a perseguição iconoclasta, ou assim uma certa tradição o representa: *cf*. a forma como é descrito com atributos demoníacos: SMITH 2010 78-79 *et passim.*

clergé iconodoule apparemment assez grand. Il a fallu, pour réussir, faire intervenir des rêves et des récits de miracles. Tout porte même à croire que Théodora n´accorda sa signature à l´acte de rétablissement du culte des images que contre une promesse formelle de ne pas charger la mémoire de Théophile." GRABAR 1998 268-269.

Por outro lado, se se quiser atribuir alguma verosimilhança aos relatos e rumores do arrependimento de Teófilo, face a uma questão que acarretava tantas fissuras internas na sociedade bizantina – ao ponto de chegar a opor marido e mulher – poder-se-á talvez circunscrever este episódio à problemática que havia em torno dos *lapsi*: a necessidade de integrar aqueles que, pelo menos oficialmente, se monstravam arrependidos, era uma questão que já havia, nos tempos de Nicéforo e Teodoro, antagonizado dois grandes vultos da Igreja[282].

Teodora, enfim, deu o passo decisivo, e a assembleia reuniu-se. No primeiro Domingo da Quaresma do ano de 843, uma procissão, dirigida à Grande Igreja (Hagia Sophia), vai aclamar a restauração dos ícones e o fim do iconoclasmo, após, como visto, lentas e delicadas preparações políticas[283]. Este dia, como é sabido, vai ser inaugural para uma importante tradição da Igreja Ortodoxa que, até hoje, recorre à memória deste evento para celebrar a derrota da última grande controvérsia cristológica que dilacerou a Igreja. A consciência da importância deste evento, por outro lado, parece ter existido nos seus próprios atores

[282] Além disso, e como refere DVORNIK 1953 73, não se deverá descurar, na relativa lentidão dos preparativos da primeira sessão do Triunfo da Ortodoxia, que a oposição iconoclasta poderia ser ainda muito forte, havendo inclusivamente o risco de haver uma usurpação que colocasse no poder um novo herege: "Theodora and her councilors might have feared that a public anathematization of the memory of the late Emperor Theophilus, who was worshipped by the iconoclasts and was in great esteem also among the orthodox, would exasperate his followers, who were still numerous and could endanger the position of the Empress. We know that there was a party of intransigent monks who insisted on the anathematization of Theophilus' memory". A posição de André Grabar, assim, poderá estar demasiado depende da ideia de que o segundo iconoclasmo teria poucos ou nenhuns aderentes, para além do estrito círculo em torno de Teófilo e João o Gramático.

[283] Tal como o haviam feito para caracterizar a ação de Irene, BRUBAKER & HALDON 2011 448-452 vêm nas ações de Teodora mais uma opção marcada pelo oportunismo político do que por sinceras convições religiosas. Pelos mesmos motivos que salientámos para o reinado de Irene, achamos esta explicação redutora.

históricos, que já na seguinte geração viam na data a derrota efetiva de todas as heresias[284].

Ainda que, ao longo dos anos, a festa do Domingo da Ortodoxia tenha sofrido diversas alterações formais e litúrgicas, uma das suas formas, escritas pelo ano de 950 no *Livro das Cerimónias*, indica-nos como, cem anos após o evento, ele era celebrado[285]. A passagem é sugestiva, porquanto indica, a nosso ver, um certo espírito que enformou o estabelecimento desta festa, ou a sua perceção pela Igreja. É que nesta celebração, o imperador e o seu séquito vão de encontro ao patriarca, juntando-se a sua à procissão clerical[286]. Após isso, os grupos dirigem-se para a Igreja de Santa Sofia, sendo que, para as restantes celebrações, não mais haverá uma separação dos dois grupos.

Com a festa do Domingo da Ortodoxia, porém, e excecionalmente, o imperador vai ao encontro do patriarca num local mais afastado do que o habitual, reunindo-se com ele perto do nártex da igreja, virado para a esquerda (GRABAR 1998 270). E depois, mais uma vez de forma contrária ao que se verifica para outras tradições, o séquito imperial afasta-se do clerical e entra no nártex da Igreja de Santa Sofia. Passado algum tempo, o patriarca regressa e vai ter com o imperador, sendo que a partir de aí as celebrações ocorrem como de costume.

Analisando este passo, GRABAR 1998 270-271 explica estas particularidades como marcas da cerimónia original de 843: as alterações no itinerário, assim, resumem aquelas que haviam sido feitas pelo recém-eleito patriarca Metódio, após uma noite de vigília, e pela imperatriz Teodora; por outro lado, a separação que ocorre dos dois grupos após o seu primeiro encontro, nas proximidades da igreja, dever-se-á ao facto histórico de, à época, o cargo de imperador ser desempenhado por uma mulher, que não poderia – argumenta Grabar – entrar no altar para comungar. O autor, assim, afasta a tese segundo a

[284] "Le triomphe final sur les iconoclastes était donc présenté aux Byzantins du Ixe siècle comme un événement d´une très grande portée, plus général certainement que la répression de toutes les autres hérésies, dans le passé. Il avait à être célébre avec éclat, et il le fut, une première fois à Sainte-Sophie, le 11 mars 843, le jour de la restauration officielle des icônes." GRABAR 1998 267-268.

[285] CONSTANTINO VII, *De cerimoniis aulae byzantinae* 16 156-160.

[286] Para a importância das procissões enquanto marcas de uma cristianização simbólica do espaço, *cf*. BRUBAKER & HALDON 2011 616-624.

qual este afastamento representaria uma ritualização do poder imperial que se penitenciaria perante a esfera espiritual.

Porém, independentemente da relação entre a forma como a celebração foi perpetuada e os acontecimentos do primeiro Domingo da Ortodoxia, parece-nos sintomático que estes comportamentos excecionais entre imperador e patriarca não tenham sido alterados *justamente* para esta festa. Afinal de contas, uma vez que a Tradição da Igreja não se confunde com a preservação mecânica de uma determinada fórmula histórica, assim também a estrutura do Domingo da Ortodoxia poderia ter sido redefinida nestes pontos – como o foi noutros – de acordo com as exigências litúrgicas. Que o não tenha sido revelará, no nosso entender, como uma certa memória de Igreja sente a necessidade de preservar de determinada forma um dado acontecimento.

A este nível, ainda que se possa fazer remontar a condições históricas precisas a primeira celebração, a perpetuação destes traços remonta como que a uma tensão entre o lado espiritual e o secular, a mesma que temos vindo a analisar. Os pudores em torno da independência da Igreja em função da orientação doutrinal do imperador ficarão, por assim dizer, petrificados nesta celebração, sendo vestígios de que o período iconoclasta foi marcado por fortes tensões que puseram em causa, não raro de uma forma violenta, a relação entre estado e Igreja[287].

O iconoclasmo, de qualquer forma, não mais voltou a dominar as altas esferas do poder em Constantinopla, apesar de, como salienta DVORNIK 1953, o

[287] Um dos textos que atesta melhor a separação dos dois poderes em contexto bizantino surge com o texto intitulado *Epanagogê* (ou *Eisagogê*), muito provavelmente da autoria do patriarca Fócio. Ainda que este documento jurídico nunca tenha sido oficial, indica uma clara distinção entre o poder espiritual e o imperial, deixando claro que a soberania, em Constantinopla, não podia assentar num cesaro-papismo, mas sim numa diarquia, com dois poderes complementares e autónomos. É sintomático, no nosso entender, que este texto, e esta conceção, tenham surgido justamente após o conflito iconoclasta, e quando Fócio se esforçava por erradicar os últimos vestígios desta heresia. *Cf*. RUNCIMAN 1977 93-94; LADNER 1940 132. Além disso, e como indica AUZÉPY 2007 34, agora é o patriarca que é descrito como sendo uma imagem de Cristo: "Le nouvel équilibre des forces entre Église et pouvoir impérial – cependant toujours inégal puisque l´ empereur nommait le patriarche – est exprimé dans l´Eisagôgè, vraisemblablement rédigée par le patriarche Photius (877-886), dans laquelle le patriarche est qualifié ´d´image du Christ´ tandis que l´empereur est seulement défini comme étant «l´autorité légitime»". Por outro lado, e ainda em torno do papel do patriarca Fócio, MANGO 1977 e KARLIN-HAYTER 1977 relativizam a perseverança da heresia iconómaca na segunda metade do século IX.

perigo de mais um retorno estivesse patente ainda durante muito tempo. Em boa verdade, as tensões que acima analisámos em torno de uma postura mais ou menos rígida para com os cristãos que haviam compactuado, direta ou indiretamente, com os iconoclastas, voltarão a impor-se no seio da sociedade bizantina. As mesmas questões vão-se alastrar nos debates que vão opor o patriarca Inácio, defensor dos radicais, ao patriarca Fócio, que vai defender os moderados. Problemáticas que até irão implicar o papado, com o chamado cisma fociano[288]. Assim, ainda que os objetivos da presente tese não lhe permitam estender-se a essa linha de pesquisa, podemos constatar que as consequências do iconoclasmo se vão alastrar para além do término oficial da sua existência.

No que concerne ao nosso escopo de investigação, esta primeira parte procurou demonstrar como, na manifestação histórica do Iconoclasmo, a relação entre Estado e Igreja foi um eixo fulcral da Querela, sendo que, à luz histórica, ela poderá ser interpretada como uma batalha pelo controlo das práticas e atitudes doutrinais na sua relação com o poder estatal. Estava em causa o centro de onde emanaria a legitimidade religiosa e, em última análise, coerciva.

Isto, por seu turno, levanta uma nova questão: será que o Iconoclasmo se relaciona com esta luta entre Igreja e Estado de uma forma acidental, ou será que a mesma é uma implicação dos próprios princípios espirituais e teológicos iconoclastas? Por outras palavras: será que o que aconteceu, com as disputas que se procurou aqui trazer à luz, teve a Questão das Imagens como pretexto, ou será que é consequência do próprio Iconoclasmo em si mesmo o ter havido uma imposição do secular sobre o espiritual[289]? Para o efeito, teremos que analisar as

[288] *Cf*., para uma análise sucinta da questão, e suas implicações nas relações entre Oriente e Ocidente, WARE 2002 71-76 *et passim*.

[289] Cremos que é decorrente da nossa exposição que o iconoclasmo implicou, do ponto de vista histórico pelo menos, uma submissão do espiritual ao secular. Dos autores que vão na mesma senda salientamos LADNER 1940 140: "Now, in the iconoclastic controversy, the government of the Byzantine emperors passed beyond the earlier stages of caesaropapism and approched the stern regions of omnipotence of the State. More recent experiences may help us to understand how in such periods every expression of human life can come within the grasp of a supreme will, and all the more when these expressions are so important in the life of a people as the images were for the great majority of the eastern Christians. Secondary, but typical points which I shall enumerate briefly, confirm, I think, the thesis that iconoclasm was but an outgrowth and indeed the climax of the caesaropapistic theory and practise of the State, as represented by some of the most successful Byzantine emperors." GERO 1977 247, por seu turno, é de posição diametralmente oposta: "Constantine was seemingly goaded into adopting his radical stance by perceiving

premissas teológicas tanto dos iconófilos como dos iconoclastas e ver como o pensamento religioso evoluiu nesta época. Isso ocupará a segunda parte da presente tese. Somente depois poderemos avançar para um estudo da obra de Teófanes o Confessor e sua inclusão nestas problemáticas maiores.

what he deemed to be an insidious and baneful influence of the monastic element even in his own entourage; the involvement of monks (or ex-monks), such as Stephen and the patriarch Constantine, in plots to dethrone him was probably a potent factor. But there is no evidence that he was governed by any considerations which were more far-sighted than his personal likes or dislikes, such as the need to arrest a population decline or to replenish the imperial treasury for the benefit of the army. There is no proof that the anti-monastic campaign was, any more than iconoclasm, a conscious attempt to deprive the Church of its freedom and to impose the power of the 'State' on all facets of human life."

A teologia iconoclasta e a problemática da sua origem e desenvolvimento

1) Teologia iconoclasta

1.1) Dois problemas de investigação

Abordar a teologia dos iconoclastas dos séculos VIII e IX levanta uma série de problemas que se relacionam quer com a natureza dos argumentos teológicos em si, quer com a influência e proveniência dos mesmos. À exceção de alguns excertos do Concílio de Hiéria, preservados na sua refutação das Atas do Segundo Concílio de Niceia, o nosso acesso ao material teológico produzido pelos iconoclastas é fragmentário, sendo que não podemos acompanhar na íntegra os raciocínios de um Constantino V ou de um João Gramático[290]. Estudos filológicos permitirão reconstituir, como indicaremos em breve, o perfil de certas ideias e o encadeamento de certas tendências de pensamento, mas haverá sempre falhas na reconstrução do que seria, se o houve, um núcleo central da teologia dos iconoclastas.

Por outro lado, a proveniência das ideias iconómacas ocupa uma parte não despiciente da especulação académica. De onde terão surgido as ideias desta heresia? Por que motivo se implementaram de uma forma tão específica e incisiva no período em questão? Uma das hipóteses mais recorrentes remete para a influência islâmica, tanto no pensamento iconoclasta como na pressão político-militar exercida pelo Califado sobre o império. Constantinopla, de facto, assistira pelo menos a um poderoso cerco por parte dos exércitos da nova fé, que derrubou o império Persa, que privou a cidade imperial das suas províncias mais férteis e que era uma sistemática ameaça à segurança e à própria existência do legado de Constantino. Deste modo – avança a explicação – o antigo império Romano,

[290] Veja-se PARRY 2013 36-37 para um elenco da literatura iconoclasta que chegou até nós. Esta resume-se à correspondência entre Leão III e o califa Omar II; às πεύσεις de Constantino V; ao ὅρος (definição) do Concílio de 754; a algumas referências ao Concílio de 815 e ainda a alguns versos e referências esporádicas.

durante séculos preso à ideia de que o seu povo havia sido eleito por Deus, que o protegeria contra todo o tipo de adversários, encontrava um sério desafio com o Islão. Como justificar um avanço tão rápido e gritante das armas maometanas a não ser por uma deficiência do povo eleito para com o seu Deus?

A proibição islâmica da arte sacra, assim, teria alertado alguns Cristãos de que Deus estaria descontente com o seu império terrestre, por terem os seus súbditos caído no erro da idolatria, tal como os Judeus os acusavam havia muito tempo[291]. O iconoclasmo, portanto, teria sido diretamente influenciado pelo avanço maometano, procurando aplacar um Deus colérico. Atualmente, os bizantinistas têm vindo a descartar e a refutar esta hipótese, apelando a critérios internos à própria sociedade bizantina, herdeira de várias tradições – cristã, helenística e romana – nem sempre congruentes entre si. Isto implica, como veremos, tanto uma análise social da sociedade romana oriental, que passou por um momento de crise na forma como se relacionava com o divino, como das influências das anteriores controvérsias cristológicas, sendo o iconoclasmo como que uma conflagração e, ao mesmo tempo, um vestígio, de heresias como o Monofisismo, o Nestorianismo e o Origenismo. Este último quadro explicativo, deste modo, enquadrará a problemática iconoclasta no âmbito mais alargado do Helenismo e da sua complexa relação com a sociedade e cultura bizantinas.

Para aprofundarmos a questão que deixámos pendente no final da primeira secção desta dissertação – designadamente, em que medida é que o Iconoclasmo, enquanto tal, fomentará uma oposição entre Estado e Igreja – cremos que será útil atentar com algum pormenor nos traços gerais dos dois conjuntos de respostas referidos – o da influência islâmica e o da influência helenística. Antes disso, porém, será necessário determinarmos os pontos principais do que poderemos designar, à luz da informação e investigação atuais, como sendo a "teologia iconoclasta".

[291] A oposição judaica ao culto da Cruz e das Imagens, enquanto forma de idolatria, começara a itensificar-se a partir do século VI, podendo-se associar à invasão Persa e consequente retirada ao Cristianismo de uma proteção institucional. Mas corresponde também ao proliferar desse mesmo culto por entre os Cristãos. Para a forma como esse ataque continuava a ocorrer no século IX (sob o domínio árabe): *cf*. GRIFFITH 1985 59-62. Atente-se também nos comentários feitos por GRABAR 1998 140-142.

1.2) Imprecisões doutrinais

Que falar de uma teologia iconoclasta é, a um tempo, erróneo, atesta-o a forma como esta doutrina é inicialmente apresentada. Assim, quando Teófanes o Confessor revela as crenças de Leão III, afirma:

> "Efetivamente, o ímpio não somente estava em erro [ἐσφάλλετο] no que concerne ao culto relativo [σχετικήν… προσκύνησιν[292]] dos augustos ícones, como também em relação às preces de interceção da Completamente Santa Mãe de Deus e de todos os santos. O desgraçado até abominava as relíquias deles, tal como os professores Árabes dele." A.M. 6218

Dir-se-ia, quando se lê esta passagem, que o iconoclasmo bizantino não só consideraria o culto dos ícones como idolatria, como também proibiria o culto dos santos e das relíquias. Esta aversão pelas relíquias e pelo culto dos santos voltará a surgir na pena de Teófanes para denunciar, de uma forma geral, as crenças heréticas destes governantes[293].

Todavia, se se consultarem os vestígios que chegam até nós das Atas do Concílio de Hiéria (preservadas na refutação dos mesmos em 787, em Niceia), encontramos, entre outros, alguns anátemas feitos pelos iconoclastas que parecem contradizer o que nos diz Teófanes. Dada a importância dos mesmos, tomamos a liberdade de apresentar quatro deles, em tradução nossa[294]:

---

[292] *Cf*. as nossas notas na tradução em anexo, para o conceito teológico em torno da veneração relativa.

[293] Assim, por exemplo, na descrição do autor para o *annus mundi* 6258, em relação às políticas de Constantino V. Além disso, de acordo com Constantino de Tios, que escreve no final do século VIII (CONSTANTINO DE TIOS, *De reliquiis Euphemiae*), o imperador Leão III removeu as relíquias de Santa Eufémia do altar da igreja onde estavam, para mais tarde atirar as mesmas ao mar quando viu que as suas irmãs e filhas lhes continuavam a prestar devoção. BRUBAKER et HALDON 2001 138 dizem que o desfecho final desta estória é lendário, mas ele poderá, no nosso entender, ser indício da adesão das mulheres ao culto privado das imagens. Já WORTLEY 2003 161 considera, remetendo para um anterior artigo seu (ao qual não tivemos acesso), que não tenha havido uma oposição às relíquias por parte desta heresia, conquanto que "there is no reliable evidence that any of them were ever attacked or their efficacy called in question by the iconoclasts."

[294] A seriação dos exertos é nossa, servindo para referência interna da tese. Apresentaremos mais anátemas do Concílio iconómaque nas secções *infra*.

a) “Se alguém não concordar que a sempre Virgem Maria é legitima e verdadeiramente Mãe de Deus [θεοτόκον], acima de toda a criação visível e invisível, e não pedir as intercessões [πρεσβείας] dela com uma fé pura, uma vez que tem liberdade para com o nosso Deus, nascido dela, anátema!” *Sancta Synodus Nicaena Secunda* b 345

b) “Se alguém se dedicar a levantar as figurações [ἰδέας] de todos os santos em imagens sem alma nem voz [ἐν εἰκόσιν ἀψύχοις καὶ ἀναύδοις] a partir de cores gerais [ἐξ ὁλικῶν χρωμάτων], que não trazem nenhuma vantagem – é, de facto, uma noção vã e uma descoberta do artifício diabólico – e em vez não desenhar em si mesmo [ἐν ἑαυτῷ ἀναζωγραφεῖ] as suas virtudes, através das coisas que se revelam deles em escritos, como se fossem imagens animadas [οἷον τινας ἐμψύχους εἰκόνας], nem se levantar para um zelo semelhante ao deles a partir disso, tal como disseram os nossos Padres, inspirados por Deus, anátema!” *ibidem* 345

c) “Se alguém não confessar que todos os santos, desde o [começo do] século até agora, antes da Lei, na Lei e na Graça, agradaram a Deus, são veneráveis perante Ele, tanto em espírito como em corpo [ψυχῇ τε καὶ σώματι], e não pedir as preces deles [προσευχάς], em virtude de eles terem liberdade para intercederem [πρεσβεύειν] pelo mundo, de acordo com a tradição eclesiástica, anátema!” *ibidem* 348

d) “Se alguém não confessar na Ressurreição dos mortos, no Julgamento e na retribuição de acordo com o mérito de cada um através das justas medidas de Deus, e que não existe um fim do castigo ou do Reino dos Céus, o qual é o regozigo de Deus – de facto, o Reino dos

Céus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e graça no Espírito Santo, de acordo com o santo Apóstolo[295] – anátema!" *ibidem* 349

Uma vez que estes excertos estão preservados na sua refutação[296], não haverá aqui o problema de eventuais adulterações ou extrapolações que comprometessem a autenticidade do documento original: se os bispos iconódulos, ao refutarem o Iconoclasmo em 787, encontrassem disposições dos seus adversários contra os santos e as relíquias, certamente que as apontariam no Concílio em questão.

Assim sendo, os iconoclastas defendiam explicitamente o culto dos santos, ainda que não através do culto dos ícones. A forma como o faziam, como veremos, será particular, mas por enquanto só nos importa referir que eles o defendiam explicitamente. Já com a questão das relíquias, por outro lado, não encontrámos uma referência direta ao seu culto, ainda que se possa supor uma breve alusão a isto na crença (*vide* último artigo traduzido *supra*) da Ressurreição geral da carne. Mas, mesmo nesse caso, o julgamento final de cada pessoa parece brotar de uma conceção mais espiritual do que concretamente física da Ressurreição, como abordaremos. Ficamos com a impressão de que a questão, na mentalidade iconoclasta, não ficara estabelecida de uma forma contundente[297].

Além disso, que os iconoclastas parecem ter tido alguma dificuldade em aceitar as relíquias dos santos como sendo, elas próprias, santas, fica latente na relutância ou mesmo recusa em colocar as ditas relíquias nos altares das igrejas, com medo de os contaminar[298]. Isto será mais pertinente quanto considerarmos a relação ontológica entre ícone e relíquia.

---

[295] Rm. 14 17.

[296] Para outros anátemas iconoclastas preservados nas Atas do Concílio de 787, com tradução inglesa, *vide* ANASTOS 1955 185-186.

[297] AUZÉPY 2007 38, ao abordar os atos de contrição dos bispos *lapsi* durante o Segundo Concílio de Niceia, acha estranho como esses mesmos atos de contrição se apoiem mais nas crenças de intercessão dos santos e suas relíquias, sendo que as imagens dos santos são como que concomitantes a este elenco. *Cf*. a nossa citação *supra* nota 168.

[298] Sobre esta questão, atente-se sobretudo em AUZÉPY 2007 341-352. A autora estuda o ritual de consagração de uma igreja que parece datar do período em questão, atestando que as relíquias dos santos deviam estar afastadas do altar por forma a manter a pureza do mesmo. Este texto, designado de *Euchologion Barberini*, dá a entender que as relíquias, para os iconoclastas, não seriam verdeiramente

De qualquer forma, há um contraste entre o que diz Teófanes e o que terá sido a teologia iconoclasta oficial. Perante isto, alguns autores, entre os quais BRUBAKER & HALDON 2011[299] e AUZÉPY 2007[300], optam por desconsiderar o testemunho de Teófanes – e das restantes narrativas iconódulas – como estando a distorcer a realidade. As fontes ortodoxas estariam minadas por uma leitura parcial da realidade:

> "The cult of the saints was accepted without criticism by both sides (although the later iconophile claimed that the iconoclasts did not recognize the intercessional power of the saints, because they did not accept the intercessional quality of their relics)." BRUBAKER & HALDON 2011 137

Há, deste modo, uma correlação entre a desconfiança iconoclasta para com as relíquias, por um lado, e o culto dos santos, por outro: sendo que a perceção do primeiro ponto pelos ortodoxos os terá levado a concluir que os seus adversários se implicavam no segundo. Mas se esta interpretação nos parece pertinente a um primeiro nível de análise, será redutor limitar tudo à "perceção discursiva" por parte de fontes como Teófanes. Esta correlação terá, a nosso ver, fundos epistémicos mais sólidos.

De facto, em que medida é que podemos considerar que o culto dos santos era partilhado em comum entre os dois campos, quando o *medium* pelo qual os

---

"puras". Todavia, se aceitarmos que os argumentos presentes na carta de Leão III ao califa Omar II são autênticos, encontraremos aí uma defesa explícita das relíquias e do seu culto: JEFFERY 1944 320-321. Para este texto, *videte infra*.

[299] *cf.*: *ibidem* 39, em torno do supra-citado *annus mundi* 6218 de Teófanes: "At best, this is an overstatement: the benefits of intercession were in fact affirmed by the iconoclastic Council of 754, and, in its many recitals of the wrongs of the anti-image faction, the iconophile coucil of 787 never accused them of relic destruction."

[300] "Les adversaires des Isauriens disent en effet que ces derniers ont détruit les reliques *parce qui´ils* ne reconnaissaient pas la capacité d´intercession (*presbeia*) des saints. Cette causalité forcée a des effets pervers à deux niveaux: d´une part, et c´est la raison pour laquelle elle fut formulée, elle a pour effet de faire glisser, dans le cadre de la polémique, l´hostilité réelle ou supposée des Isauriens envers les reliques à une hostilité vraie envers les saints, ce qui fait d´eux des *misagioi*; mais d´autre part, elle induit aussi une ambiguïté dans le raisonnement des chercheurs modernes qui, constatant que les Isauriens, au concile de Hiéreia, ont sans ambiguïté reconnu la *presbeia* des saints, en concluent que les Isauriens n´ont pas été véritablement hostiles au reliques." *ibidem* 348-349. Itálicos originais.

ortodoxos fazem o seu culto havia sido eliminado por inteiro da equação pelos iconoclastas? Uma vez que o culto das imagens está teologicamente relacionado com o próprio arquétipo a que as imagens se referem, não se pode, aos olhos ortodoxos, adulterar um sem que haja implicações no culto do outro.

Quando Teófanes afirma que os iconoclastas não acreditavam no culto dos santos, isto, para ele, seria uma consequência natural do facto de eles não fazerem uso de imagens. Mas, simultaneamente, o próprio facto de se retirar os ícones do culto indica-nos que aquilo que os iconoclastas classificam de santo e de santidade não é o mesmo que os seus opositores classificavam como tal[301]. Não se trata de afirmar que temos uma mesma premissa independente das formas que se usem para a expressar – uma icónica, outra anicónica: tratar-se-á, isso sim, de duas premissas de santidade e sacralidade distintas cuja expressão é distinta – uma *exige* ícones, outra recusa-os.

Isto torna-se patente, a nosso ver, na questão das relíquias. Para o iconódulo, a santidade tanto emana da pessoa histórica que viveu, como da sua imagem, como da sua relíquia. As três entidades são como que a consequência natural de uma mesma existência histórica (no caso particular de um santo) que viveu, que teve um corpo cujos restos chegam até nós e cujo perfil pode ser representado. Já para o iconoclasta somente um destes elementos deverá ser honrado – a sua memória histórica, como iremos ver – coisa que entra em choque com o estatuto que deve ser dado à relíquia. Mas se a relíquia não pode ser

[301] Uma outra acusação que é atribuída aos iconoclastas, na *Cronografia* de Teófanes, é a recusa em designar e honrar Maria, mãe de Jesus, como Mãe de Deus, Θεοτόκος (*e.g.*: A.M. 6255; 6258 e 6259). Uma questão, como se sabe, que remete para os inícios de Nestorianismo. BARANOV 2011 924-927 parte das conceções de formação dos fetos da Antiguidade para explicar porque motivo os iconoclastas não davam o título de Mãe-de-Deus à Virgem Maria. Maria teria dado somente o corpo para alimentar o corpo de Cristo, pelo que os iconómacos considerariam que a introdução da alma de Cristo no mundo era posterior à sua conceção física. Estariam em consonância com a doutrina segundo a qual a introdução da alma no corpo era posterior à gestação – coisa que, do ponto de vista teológico, conduzia ao Apolinarismo. De acordo com a embriologia tardo-antiga, a semente paterna daria à criança as propriedades do pai e o corpo da mãe alimentaria o corpo da criança. O autor argumenta que, para os iconoclastas, a Encarnação de Cristo não se cunhou, por assim dizer, na carne alimentada pelo corpo de Maria, que teria sido somente um instrumento para a encarnação da alma de Jesus. Isto está em harmonia com a tese que Baranov defende, em torno da teoria das duas καταστάσεις do Corpo de Cristo, como iremos abordar infra. GERO 1973 108-111, por sua vez, afirma que, no início, havia um partido iconómaco mais moderado, que só rejeitava o culto das imagens de santos, admitindo o culto das imagens de Cristo e da Θεοτόκος. Ele coloca a hipótese de Teófanes, quando acusa Leão III de atacar o culto à Θεοτόκος, estar transferir para o pai a postura que será mais tarde a do filho.

cultuada por ser um objeto inanimado, então, em última análise, surgirá o problema teológico de justificar a Ressurreição Final.

Assim, no nosso entender, os anátemas do Concílio de Hiéria revelam mais as tentativas da teologia iconoclasta do que propriamente uma doutrina completamente definida e dogmaticamente estabelecida. Os pontos que analisámos dão-nos conta de tensões existentes no que concerne à relação humana com a santidade – não só em relação ao uso de ícones, como também à conceção de vida espiritual[302]. Isto implicará, por seu turno, que não podemos abordar o iconoclasmo como uma doutrina teológica estruturada, pois que ele mesmo parecia viver com uma série de problemas que não resolveu[303]. E, a este nível, a afirmação de Teófanes, segundo a qual Leão III era adverso ao culto das relíquias e à intercessão dos santos, revela ansiedades concretas por parte dos iconoclastas – que o imperador poderia muito bem partilhar.

1.3) Entre o símbolo e o signo

Existem, porém, alguns elementos iconoclastas que podem ser identificados desde os inícios do movimento, aquando da chegada ao trono de Leão. Se o mais destacado deles consiste na forma como os iconoclastas igualavam o culto das imagens à idolatria, haverá um facto mais particular do seu sistema de crenças, designadamente no culto prestado ao sinal da Cruz. Pois a Cruz, para eles, não estava ao mesmo nível que as Imagens ou retratos, sendo necessário honrá-la[304].

---

[302] Para as referências à palavra εικών na Sagrada Escritura, que ora tem conotações positivas, ora negativas: *cf*. WORTLEY 164-174. O autor aborda também algumas referências bíblicas e patrísticas que se referem às relíquias. Mas veja-se também LADNER 1953.

[303] BARANOV 2007 542-543, por sua vez, afirma que os iconoclastas tinham uma base argumentativa e teológica bem estabelecida, desde as primeiras fases do movimento. Os imperadores ter-se-iam apropriado desta tendência anicónica para a transformarem no Iconoclasmo propriamente dito. No nosso entender, ainda que os comentários do autor sejam pertinentes, e que as suas indagações em torno da teologia iconoclasta sejam úteis, essa mesma doutrina, dependente como está de traços origenistas e nestorianos, nunca chegou a ser completamente percecionada como tal por muitos dos agentes históricos a favor do iconoclasmo. Se assim fosse, não haveria um foco tão obsessivo num único ponto da prática religiosa, o das imagens, sendo que as proibições e regulamentações ao culto se estenderiam a outros elementos do mesmo culto de uma forma muito mais taxativa, como sendo as relíquias.

[304] O culto à Cruz tinha também importância política, correspondendo a uma afirmação do poder romano sobre outros estados ou outras religiões. Este significado é atestável para Constantino I, assim como para Heráclio (e Tibério II) na sua luta contra os Persas: *cf*. GRABAR 1998 32-35. É natural que este uso volte a

Ainda que haja dúvidas sobre se os primeiros anos do reinado deste imperador fossem já iconómacos[305], uma carta que o mesmo escreve ao Califa Omar II, entre 717 e 720, vem-nos dar uma luz mais clara sobre a veneração que se prestava à Cruz[306]. Leão III, respondendo às acusações de idolatria que o seu homólogo muçulmano imputava ao Cristianismo (scil. "Why do they adore the bones of apostles and prophets, and also pictures and the cross, which anciently served, according to the law, as an instrument of torture?"[307]) refere:

> "We honor the Cross because of the sufferings of that Word of God incarnate borne thereon, as we have learned from a commandment given by God to Moses, and from the predictions of the Prophets. […] As for pictures, we do not give them a like respect, not having received in Holy Scripture any commandment whatsoever in regard to this. Nevertheless, finding in the Old Testament that divine command which authorized Moses to have executed in the Tabernacle the figures of the Cherubim, and, animated by a sincere attachment for the disciples of the Lord who burned with love for the Savior Himself, we have always felt a desire to conserve their images, which have come down to us from their times as their living representations. Their presence charms us, and we glorify God who has saved us by the intermediary of His Only-Begotten Son, who appeared in the world in a similar figure, and

surgir na oposição ao Califado. Mas a veneração que os iconoclastas lhe atribuíam, porém, não poderá ser explicada somente por motivos políticos: *cf*. BARANOV 2006 168.

[305] *Cf*. VASILIEV 1956 25, n. 5. Existe um selo imperial dos inícios do reinado de Leão III onde aparece uma imagem da *Theotokos*. Isto tanto poderá significar que, no início, Leão III não era um iconoclata professo como indicar que, chegado ao trono, ele estava somente a seguir tacitamente uma prática precedente.

[306] Análise e discussão da mesma em MEYENDORFF 1964 125-127. Existem duas versões para esta carta, uma em latim (*vide* LEÃO III *Epistola ad Omarum Saracenorum regem*) e outra armena (presente na *História Armena* do historiador Ghevond e traduzida para inglês em JEFFERY 1944 281-330). A edição latina atribui a autoria da carta a Leão VI, não III. A comparação do armeno com o latim, no entanto, permite ver que se trata do mesmo material: *cf*. JEFFERY 1944 273-276 *et passim*, que conclui pela plausibilidade de uma fonte comum aos dois textos, que seria grega e teria sido composta durante o reinado de Leão III, ou pouco após. Subsistem, porém, algumas dúvidas em relação à autenticidade desta epístola: *cf*. GRIFFITH 1985 64 n.69. GERO 1973 43-47 é também da opinião que a carta em latim é falsa, ainda que ache verossímil que tenha havido uma correspondência entre o imperador e o califa. Pelo menos, não é possível comprovar que os argumentos nela utilizados não tenham sofrido ulteriores interpolações.

[307] *apud* JEFFERY 1944 322 278. O autor apresenta uma tradução da versão armena.

we glorify the saints. But as for the wood and the colors, we do not give them any reverence." *apud* JEFFERY 1944 322

Numa altura em que a distinção teológica entre adoração e culto não estava ainda definida com clareza, Leão III parece incutir às imagens uma dimensão meramente decorativa ou ilustrativa – mesmo quando recorre às Escrituras para as justificar – ao passo que outorga um verdadeiro sentimento de piedade ao culto do símbolo da Cruz. E, concomitantemente, quando promoveu a destruição e/ou remoção de imagens, no seu lugar costumavam ser colocadas cruzes[308].

Por que motivo dariam os iconoclastas tanto ênfase à acusação de que o culto das imagens era idólatra, quando os mesmos, como os próprios iconódulos os acusavam[309], cultuavam um sinal que poderá ser classificado como uma imagem? Por outra palavras, em que medida é que o Sinal da Cruz não deverá ser considerado um ícone?

A resposta a esta questão parece estar presente na exegese dos capítulos 13-15 do *Livro da Sabedoria*, onde se faz uma denúncia e crítica da idolatria. Assim, no capítulo 13, o autor bíblico põe a nu a loucura daqueles que prestam culto a elementos naturais ou a representações feitas por homens e, no capítulo seguinte, acusa igualmente o culto de imagens de seres humanos. Mas de 14.1 a 14.7 a Escritura refere-se à madeira pela qual um navegador consegue atravessar o mar profundo, abrindo um caminho para a salvação. Da mesma forma, o versículo 14.6 salienta como foi o madeiro que salvou Noé do Dilúvio. "Bendito seja, pois, o madeiro pelo qual se opera a justiça!"[310], diz o versículo seguinte. A leitura cristológica destas passagens, assim, parece ser evidente: a idolatria mata, mas a

[308] Para os vestígios arqueológicos chegados até nós, *cf*. GRABAR 1998 215-219 *et passim*. Sabe-se que Leão III colocou uma Cruz a substituir a imagem de Cristo da Porta de Bronze. Além disso, as marcas deste culto estão muito bem preservadas na numismática da época. Para esta questão, veja-se também BRUBAKER & HALDON 2011 146-148 que, indo na mesma senda de Grabar, salientam como as alterações numismáticas de Leão III tendem a exaltar o poder imperial.

[309] Assim parecerá querer induzir a obra anónima *Nouthesia gerontos*, no entender de BRUBAKER & HALDON 2011 142-143.

[310] "Εὐλόγηται γὰρ ξύλον, δι᾽ οὗ γίνεται δικαιοσύνη" Sb. 14.7.

Cruz de Cristo é a via para a salvação. E os primeiros iconoclastas pareciam fazer justamente uso destas passagens[311].

Há, na perspetiva desta heresia, uma distinção ontológica entre o culto da Cruz e o culto dos Ícones. Em que consistirá? Se considerarmos as palavras de Leão III ao emir Omar II, acima referidas, temos que a justificação para a Cruz foi o facto de o Deus Encarnado ter sofrido através da mesma, e de ter sido por esta via que se abriu aos seus seguidores a possibilidade de serem também salvos. A Cruz transforma-se num instrumento, num meio pelo qual a piedade cristã acha uma forma de se constituir. Já quanto à "madeira pintada" o imperador não lhe dá uma importância para além da decorativa.

Mas o que a controvérsia vai revelar é que, para aqueles que hão de ser os grandes opositores de Leão e de seu filho, essa mesma madeira pintada tem uma importância que vai para além da decorativa[312]. Os esforços teológicos de São João Damasceno demonstrarão exatamente isso. Os ícones, dizem os ortodoxos, não podem ter uma dimensão somente pedagógica ou ilustrativa. Em contrapartida, é só a Cruz, no dizer dos seus adversários, que possui essa particularidade, na medida em que vincula o cultuado e aquele que presta culto no mesmo sofrimento redentor por que passou Cristo. Perante isto, o iconódulo retorquirá que também a imagem vincula o cultuado àquele que presta culto, não havendo necessidade de fazer uma distinção entre ícone e cruz, pois que ambas são imagens ou representações[313].

Não tendo nós acesso a nenhuma explicação iconoclasta para esta distinção, não poderemos saber como é que eles responderiam a esta acusação por parte dos iconódulos. Podemos, de qualquer forma, apresentar uma explicação conjetural que se enquadrará no *modus vivendi* que as suas ações parecem indicar. Assim, a distinção entre Cruz e imagem aproximar-se-á da distinção que hoje se faz entre «signo» e «símbolo», isto é, entre um sinal que remete para uma coisa

[311] *Cf*. BRUBAKER & HALDON 2011 142: a fonte histórica é uma carta de Tomás de Claudiópolis.

[312] Para a posição ortodoxa, *vide* USPENSKY 2013 125-158 *et passim*; USPENSKY & LOSSKY 1982 23-49; FLORENSKY 2018

[313] As fontes históricas que Teófanes usa referem-se muitas vezes aos iconoclastas como repletos de ἀπαιδευσία, de ignorância ou falta de formação (*e.g.* A.M. 6215), talvez por causa disto mesmo.

maior, no caso do signo, e uma representação que é uma significação autossuficiente, no caso do símbolo[314].

Os iconoclastas aprovariam o uso de um único "signo" – e como veremos mais tarde, de um único símbolo – ao passo que rejeitariam como idólatra todo o tipo de símbolo. Por outro lado, para explicitarmos melhor a temática em apreço, e tendo em conta a polissemia das palavras, parece-nos mais adequado, neste contexto, abandonar esta oposição «signo/símbolo» (uma palavra latina oposta a uma palavra grega) e substituí-la pela oposição «símbolo/ícone» (duas palavras gregas). É que a significação destas mesmas palavras é, ela própria, explicativa da problemática.

Assim, tanto os iconoclastas como os iconódulos prestavam culto à Cruz porquanto entendiam que esta é um *symbolon.* A união à mesma ocorre de forma análoga à forma como se uniam ao Símbolo Niceno-Constantinopolitano ou ao Símbolo dos Apóstolos. O *symbolon*, no seu sentido etimológico de algo que faz a união com uma realidade superior (*σύν,* "em conjunto com" *βόλον*), une o cultuador à realidade superior da sua fé. Não é propriamente uma imagem ou um ícone na medida em que não existe por si só no plano ontológico: precisa de algo que dê um sentido sígnico ao seu significado. Por isso, o *symbolon* da Cruz requer uma *função* maior dentro da qual o cultuador e o sinal cultuado, quais peças de algo maior, se unem a uma transcendência. Sublinhamos a palavra *função* na medida em que esta *função/ funcionar*, em grego, poderá ser expressa por λειτουργεῖν, i.d., cumpre-se uma *função* num determinado serviço, público ou religioso. Por outras palavras, cumpre-se uma liturgia.

A Cruz, deste modo, tem a sua função no quadro geral de uma *liturgia*: e é justamente uma luta pelo espaço litúrgico que vamos encontrar nesta época. Está em causa como nos relacionarmos com o divino, como salientou Peter Brown[315]. Mas, mais do que isso, como sustenta John Elsner:

[314] Pensamos nas linhas geralmente definidas por Paul Ricoeur: *vide* RICOUER 2000.

[315] BROWN 1973. Neste artigo o autor remonta aos argumentos traçados no seu influente texto "The Rise and Function of the Holy Man in Late Antiquity" (BROWN 1971), onde procura salientar as influências sociais e psicológicas que a ascensão do ascetismo causou na sociedade mediterrânea cristã. Para o autor, os *holy men* eram como que pontos de foco onde o homem comum encontrava um intermediário entre o mundo e Deus. Em relação à crise iconoclasta, o autor liga-a a uma oposição entre vida monástica e clerical,

> "The crisis of Iconoclasm can therefore be seen not simply as a debate on the location of the holy, as Peter Brown has argued, but as a dispute about how God is to be worshipped. The fundamental issue centered upon the question of what material objects are sufficiently holy to approach God in worship, and sufficiently holy to offer back to God (their Creator) by means of worship. (ELSNER 1988 480)

A Cruz acha o seu lugar no sistema de crenças iconoclasta na medida em que ela tem um elemento litúrgico: e tentar-se-á, como veremos, reduzir todo o culto à Eucaristia. Os iconódulos, por seu turno, de forma alguma rejeitarão o culto à Cruz, mas terão um conceito de liturgia muito mais lato e descentralizado[316].

Cumpre agora saber o que é que é, a este nível, um "ícone", por oposição ao que definimos como *symbolon*. Isto é, ele não remete para uma entidade superior que não venha a ser compreendida de uma forma epistémica concreta. O culto à imagem não é semelhante ao culto da Cruz na medida em que aquilo a que o Ícone nos liga *já está revelado* no próprio ícone. A realidade superior, mas misteriosa, a que o *symbolon* une o crente já está revelada enquanto tal no ícone. O ícone é assim *εἴκων*, e neste étimo encontramos a raiz grega -ιδ, presente tanto no verbo ὁρῶ – ver – como no verbo οἶδα – saber -, como no verbo ἰδέα – ideia. Na imagem é *visível* aquilo que se sabe, e que corresponde a uma entidade concreta – passível de ser circunscrita.

Por este motivo, se a Cruz tem uma função mistérica – anabática – unindo o crente aos mistérios da Eucaristia, dos sacramentos e, de uma forma geral, da fé, a Imagem, por seu turno, tem uma função catabática – pois que revela na terra, de

---

fazendo ao mesmo tempo dos ícones os herdeiros da sociedade tardo-antiga que estava em crise com o avanço islâmico. (*cf.* o passo a que antes aludimos: "Icons suffered, in part, because they were the symbols of a style of political life that was out of date. The Byzantine empire could no longer afford the luxury of remaining a ´commenwealth´of cities." BROWN 1973 26). Para uma crítica ao modelo dos *holy men*: TREADGOLD 1994. Para um relativizar da oposição entre mundo clerical e monacal: HENRY 1976 16-20; HALDON 1986 153-154.

[316] Um sinal evidente disso é o culto das imagens em ambiente doméstico, *cf*. KITZINGER 1954 98 *et passim*.

uma forma visível, a realidade divina e superior, passível de ser olhada, contemplada e compreendida (ainda que não completamente) por olhos pecadores. Essa dimensão catabática só é possível na medida em que a Encarnação foi possível. O nascimento de Jesus Cristo tornou possível essa catabase e é na comunhão com Ele que se torna também possível representar e cultuar os santos.

A revelação da imagem, por seu turno, exige do contemplador uma ação que o impele ao culto e pelo qual ele progride espiritualmente pela contemplação[317]. O ícone que já estava visível não era completamente compreendido, mas, ao meditar e rezar sobre ele tal como se medita e reza sobre a Sagrada Escritura, os sistemas simbólicos e sígnicos que já estavam contidos na imagem (tal como na Escritura) revelam a sua significação, atestando o progresso místico do crente, que deste modo progride no conhecimento de Deus.

Temos aqui, pois, a existência de dois sistemas de viver os mistérios divinos, que não obstante se complementam: o chamado sistema apofático (ou positivo) e o chamado catafático (ou negativo). A influência desta síntese sobre o pensamento bizantino é notória, levando o cunho de Pseudo-Dionísio, que vai influenciar diretamente São João Damasceno[318]. O divino, para fazermos uso de um paradoxo, surge escondendo-se. Surge por já estar revelado na imagem, mas, ao mesmo tempo, exige um processo ativo por parte do contemplador para que os mistérios revelados se tornem visíveis não só aos olhos do corpo, mas também, por assim dizer, aos olhos do coração.

Naturalmente – dirão os ortodoxos, com São João Damasceno à cabeça – a natureza (φύσις) do representado, do protótipo, não se confunde com a sua representação, sua implantação (θέσις) na representação. Imagem e protótipo são entidades distintas. Mas antes do nascimento de Cristo uma representação do divino não tinha o seu protótipo para o qual pudesse remeter as linhas da sua

[317] "The material object and the contemplating mind are actively related to each other, each helping the other to move upward in the scale of being. The veneration of icons is a process, not a procedure. And the material object participates in divinity through *grace* – God has *chosen* to come to man through it." HENRY 1976 27.

[318] *Cf*. BRUBAKER & HALDON 2011 42-44. Para exemplos das frequentes citações de Pseudo-Dionísio que S. João Damasceno usa: *ibidem* 43 n. 157. Veja-se ainda CARDOSO 2013 para uma abordagem teológica aos três discursos do santo em defesa das imagens.

representação. Antes de Cristo não havia representações do divino, mas uma prefiguração, uma sombra do que viria. O Antigo Testamento não é, pois, uma representação por palavras da realidade, mas a representação de uma representação – é um τύπος, uma construção verbal de algo que ainda não se consumou – ao passo que o Novo Testamento é uma representação por palavras de Deus. É uma representação verbal de Cristo[319].

Com o *symbolon*, assim, temos a participação de uma realidade que não está acessível, ao passo que com o *eikon* temos a participação de uma realidade que *já está presente*.[320] Esta, uma vez que remete para uma realidade visível, constitui-se internamente enquanto mimese do original. Os ortodoxos prestam honra às imagens e, pela mimese entre representado e representação, a honra prestada à imagem transfere-se para o protótipo[321]. A primeira fase da defesa das imagens será justamente a defesa desta mimese, pelo que, em retrospetiva, podemos considerar que a mesma constituía um problema para os iconoclastas[322].

Ora, quebrar a progressão espiritual que assenta na visibilidade da Encarnação e substituí-la tão somente pela invisibilidade da qual só os signos são manifestação só poderá implicar, aos olhos ortodoxos, uma negação da Encarnação de Deus enquanto facto literal – coisa que jamais poderia ser tolerada

---

[319] Para o encadeamento patrístico destas ideias: LADNER 1953 19, assim como CARDOSO 2013 23-45. Através de uma comparação feita por São João Crisóstomo, em JOÃO CRISÓSTOMO *Homiliae XXXIV in Epistolam ad Hebraeos* 130, o Antigo Testamento é visto como uma representação que traça somente os limites exteriores, as bordas, de um dado objeto; o Novo Testamento, por seu turno, vem pintar e concluir a representação, constituindo-se esta como uma imagem propriamente dita. São João Damasceno desenvolve diretamente estas ideias em *Pro sacris imaginibus orationes tres.*

[320] Atente-se nas relevantes palavras de Patrick Henry: "All time subsequent to the birth of Christ was time *sub specie incarnationis*, and just as Christ appeared to his disciples with all the attributes of humanity, and was perceived to be divine through the eyes of faith, so now he is discernible in the same way. Once the Word became flesh he did not subsequently become non-flesh. The heart of the Iconodule argument against the Iconoclast Christological dilemma is the insistence that the paradox of the incarnation cannot be relegated to a period of thirty-three years several centuries ago. The Iconoclast wanted the world to be intelligible in its own terms once again. The Iconodule claimed that even logic itself had been irreversibly altered by the divine *oikonomia*." (HENRY 1976 23)

[321] "Διότι ἡ τῆς εἰκόνος τιμὴ ἐπὶ τὸ πρωτότυπον διαβαίνει", *i.e*. "Pois a honra prestada à imagem transfere-se para o protótipo". Os iconódulos vão citar e repetir várias vezes, ao longo da controvérsia, esta frase de São Basílio Magno (*in* BASÍLIO MAGNO *Liber de Spiritu Sancto* 149). Ainda que na passagem em questão São Basílio se esteja a referir às relações das pessoas da Trindade, o seu decalque para a questão do culto as imagens é pertinente: *cf*. LADNER 1940 143-144. *Vide* ainda AUZÉPY 2007 85-87, que também aborda a relação entre imagem e cultuador (*ibidem* 39-41).

[322] Veja-se ANAGNOSTOPOULOS 2013 767-771 para a forma como os primeiros passos na defesa das imagens se prenderam com o seu caráter mimético.

no seio da Igreja. Daí que uma questão que a olhos despercebidos poderia parecer secundária, limitada à questão da organização do Culto, revela-se, em vez disso, nuclear para os problemas básicos da Cristologia. E indica, no processo, como a organização do Culto não é uma questão secundária. O que está em causa é a forma como o progresso espiritual e a vida cristã em geral são feitos em função da factualidade da Encarnação.

O período em questão, deste modo, opera uma transformação na forma como o foco da teologia ortodoxa se vira para a necessidade em revelar a relação entre culto e Cristologia. Se outrora a questão da veneração dos ícones era vista como uma questão disciplinar[323], e não propriamente teológica, a crise iconoclasta vem chamar à atenção para o facto de que a maneira de prestar culto está diretamente associada à epistemologia do divino. Se o Concílio Quinissexto de 692 abordou a questão, fê-lo na ótica das questões disciplinares, às quais todo o Concílio deu particular atenção[324]. Foi o período do Iconoclasmo, mais tarde, o responsável por explicitar no plano doutrinal o que antes era do plano disciplinar.

[323] Atente-se no exemplo da Igreja da Arménia, antes do eclodir desta controvérisa: "Matters of doctrine may also have played a part in the opposition to images in Armenia. But asked in so many words why they would not accept the image of God Incarnate, the Armenian iconoclasts replied that images were foreign to the Commandments and that the worship of images was not prescribed in Holy Scripture. They thus took their explicit stand on disciplinary rather than theological grounds" KITZINGER 1954 133. Para estas primeiras manisfestações iconómacas, *cf*. DER NERSESSIAN 1944-1945 79-84: a autora aborda a literatura contra as acusações dos Judeus, em grande circulação e desenvolvimento no século VII, como também liga a literatura anti-iconoclasta à literatura anti-judaica, antes dos subsequentes desenvolvimentos cristológicos. A partir do século V começaram a estabelecer-se cadeias de argumentos e contra-argumentos desta literatura. Mas atente-se, uma vez mais, no que diz Kitzinger: "It was only in the course of the Iconoclastic controversy of the eighth century that the opposition to images was based firmly on doctrinal arguments." KITZINGER 1954 133. *Vide* também GRABAR 1988 135-141.

[324] A primeira vez em que é feita uma distinção clara entre signo e imagem (ou entre *symbolon* e *eikon*) foi no célebre cânone 82 do chamado Concílio Quinissexto, ou de Trullo, no tempo de Justiniano II, em 692. Neste concílio, dedicado em grande parte a questões disciplinares e à organização do Culto, a representação icónica de Cristo é preferida à sua representação meramente simbólica. Nesta última, Cristo era muitas vezes pintado como um cordeiro para o qual São João Batista apontava. Dada a importância deste passo, passamos o cânone na sua totalidade: "Nalgumas representações [γράφαις] dos veneráveis ícones [τῶν σεπτῶν εἰκόνων] descreve-se [ἐγχαράττεται] um cordeiro a ser indicado pelo dedo do Percursor, que é recebido como uma figura [τύπον] de graça, prenunciando-nos o verdadeiro Cordeiro, Cristo Deus nosso Senhor, através da Lei. Então, tendo nós abraçado os antigos sinais e sombras [τοὺς οὖν παλαιοὺς τύπους καὶ τὰς σκιάς] como símbolos e esboços da Verdade [ὡς τῆς ἀληθείας σύμβολα τε καὶ προχαράγματα] entregues à Igreja, preferimos honrar a Graça e a Verdade, tendo-a recebido como completude da Lei. Para, pois, que o que está completo seja descrito [ὑπογράφηται] às vistas de todos também nas tinturas [κἂν ταῖς χρωματουργίαις], decretamos que, a partir de agora, também nas imagens [καὶ ἐν ταῖς εἰκόσι] o carácter [χαρακτῆρα] do Cordeiro Cristo, que tira o pecado do mundo, que é o nosso Deus, deve ser exposto na forma humana [κατὰ τὸν ἀνθρώπινον] em vez do antigo cordeiro, apreendendo [κατανοοῦντες] através dela a grandeza da humildade do Deus-Verbo, e estando assim direcionados para a

Por fim, esta tendência para o culto do *symbolon*, em oposição ao culto da *eikon*, tal como salientámos, parece remeter para uma influência origeniana, tal como pela primeira vez salientou George Florovsky, no seu célebre artigo «Origen, Eusebius and the Iconoclastic Controversy»[325]. Ainda que as atitudes dos primeiros iconoclastas – sobretudo os que estavam associados à ambiência militar de Leão III – se limitassem, de uma forma algo direta, tão somente a associar os ícones à idolatria, outros setores da sociedade, por seu turno, poderão ter sido persuadidos por correntes de pensamento que há já séculos acompanhavam certas questões religiosas. Isto poderá explicar o apoio de alguns bispos às futuras atividades de Constantino V.

De facto, como salienta Florovsky, a referência a um mundo de sinais, que remetem para uma realidade que nunca se concretiza, faz lembrar Orígenes:

> "The historical was, as it were, dissolved into the symbolic. Now, a symbol is no more than a sign, pointing to a beyond, be it eternity or ´the age to come´, or both at once. The whole system of symbols was something provisional, to be ultimately done away. One had to penetrate behind the screen of symbols. This was the major exegetical principle or postulate of Origen. The exegetical method of Origen, by whatever name we may label it, was meant precisely for that ultimate purpose – to transcend history, to go beyond the veil of events, beyond the ´letter´ which would inevitably kill even under the New

recordação [μνήμην] da [Sua] atividade [πολιτείας] na Carne, assim como do sofrimento Dele e da salvífica morte, e ainda da Redenção que daí se gerou para o mundo" *Concilium Trullanum* 978-980. A forma como se representa o sagrado está relacionada, de uma forma direta, com o sagrado propriamente dito e com a nossa perceção do mesmo: "La última parte del canon 82 indica en qué consiste el simbolismo del arte sagrado: este simbolismo no debe hallarse en el tema iconográfico, *en lo* que se representa, sino en *cómo* se representa, en los medios de representación." USPENSKI 2013 99. Da mesma forma, o cânone 100 do mesmo Concílio alerta para representações com a finalidade de incitar a prazeres sensuais e físicos, constituindo como que uma condenação oficial da arte helenística (*ibidem* 101-102). Para a inclusão genérica do Concílio Quinissexto na história da relação entre Cristianismo e arte: *cf*. KITZINGER 1954 120-121. GRUNEBAUM 1962 4 afirma que este Concílio levou a uma intensificação do culto da Cruz, na medida em que a representação de Cristo como cordeiro foi sendo preterida. Isso explica, para ele, o ataque muçulmano às cruzes no Egito, feito nos finais do século VII. *Vide* ainda GRABAR 1998 48-49.

[325] FLOROSVKY 1950. As considerações do autor são apoiadas por BARANOV 2001; *idem* 2011 930.

Dispensation of Grace, no less than *sub umbraculo legis*." FLOROSVKY 1950 87.

Mas outras heresias, como veremos em seguida, poderão também ser associadas aos inimigos das imagens santas.

1.4) A doutrina eucarística dos iconoclastas

Se o ícone, para os ortodoxos, é uma representação da divindade manifestada e que interpela o homem de fé a aprofundar a sua visão, num caminho espiritual, como é que, por seu turno, os iconoclastas encarariam a relação entre a Encarnação e as práticas devocionais?

Não havendo uma resposta contundente para as primeiras fases do iconoclasmo, quando ele começou a ser estabelecido no tempo de Leão III, podemos, todavia, reconstituir para o reinado de seu filho algumas características importantes. Constantino V, de facto, não vai somente promover a realização de um Concílio Iconoclasta como vai mesmo, ele próprio, tomar posições teológicas nas suas Πεύσεις, onde procurava expor e convencer as suas posições perante a população que governava[326].

Fica manifesto, nestes documentos, como o elemento mimético dos ícones, para os iconoclastas, era insuportável. Para eles, supor a possibilidade de cultuar ícones implicaria que as imagens, elas próprias, seriam consubstanciais (ὁμοούσιος) ao elemento representado – implicando, assim, que a madeira, as tintas e todos os materiais eram cultuados enquanto tais[327]. E é isto que a primeira πεύσις do imperador afirma – designadamente que o original e a sua imagem participam, por definição, de uma mesma οὐσία, de uma mesma substância. Como

[326] As Πεύσεις de Constantino V, podendo ser traduzidas de forma livre por «decretos para convencer a população», aparentam ter sido escritas antes do Concílio iconoclasta de Hiéria, na sequência de um surto de peste que atingiu Constantinopla em 748: *cf*. BRUBAKER et HALDON 2011 180-183 *et passim.* Atualmente temos acesso a fragmentos destes textos, dado que foram citados na obra *Antirrhetici* do patriarca Nicéforo: *cf*. GERO 1975 5 nota 4.

[327] *Cf*. ANAGNOSTOPOLOS 2013 771.

tal, qualquer representação do divino incorreria no erro de o conspurcar aquando da sua materialização.

Com isto Constantino ter-se-á afastado da fase inicial do Iconoclasmo – que se limitava a identificar o ícone com um ídolo[328] – para lhe incutir uma teologia que, no dizer de Ostrogorsky, estaria impregnada de conceções monofisitas, por sua vez inspiradas em conceções orientais ocultistas[329]. Pois se uma determinada imagem é consubstancial ao seu protótipo, seria impossível dividir o material e o espiritual (ou o humano e o divino) de um determinado ser. Estas tendências monofisitas seriam mais tarde amenizadas durante o Concílio de Hiéria.

Mas onde então se manifesta, para os iconómacos, o divino? A segunda πεύσις vai responder a essa questão: se toda a imagem partilha da substância da sua representação, então só poderia haver uma única imagem legítima de Cristo – é ela a Eucaristia. É ela – diz Constantino e, presumivelmente, parte significativa dos iconoclastas – que, sendo um τύπος do corpo de Cristo, poderá também ser classificada como uma imagem do Filho de Deus:

> "[Cristo] ordenou aos seus santos alunos e apóstolos que entregassem, através da obra pela qual foi amado [δι᾽οὗ ἠράσθη πράγματος[330]], um τύπον como corpo de si, para que através de uma santa evocação [τῆς ἱερατικῆς ἀναγωγῆς], ainda que ocorra por participação e implantação [ἐκ μετοχῆς καὶ θέσει ἱερατικῆς ἀναγωγῆς], o pudéssemos tomar, legítima e verdadeiramente, como corpo Dele." *Apud* NICÉFORO, *Antirrhetici tres adversus Constantinum Copronymum* 333

[328] GERO 1973 103-112 considera que as justificações do primeiro iconoclasmo não assentam em elaborações teológicas, mas sim nos mandamentos do Antigo Testamento e na personalidade centralizadora de Leão III.

[329] OSTROGORSKY 1968 171-172. Por outro lado, BROCK 1977 defende que o Monofismo Severiano não era iconoclasta. Para possíveis evidências arqueológicas, *vide* MUNDELL 1977.

[330] Expressão algo obscura: a versão latina da edição Migne verte por *ut de opere praecipuo amoris sui* (*cf.* NICÉFORO, *Antirrhetici tres adversus Constantinum Copronymum* 334).

Depois, noutros três fragmentos, continua:

> "E para que naturalmente nos referíssemos a ele como a um ícone do seu Corpo [ὡκ εἰκόνα τοῦ σώματος αὐτοῦ ἱερατικῆς ἀναγωγῆς], visto que proveio Dele. Temo-lo [ao τύπος] na forma dele." *ibidem* 336

> "E então? É uma imagem do corpo Dele também o pão que tomamos, transformando a Carne Dele como num τύπος do Corpo Daquele." *ibidem* 337

> "Não é todo o pão que é corpo Dele, da mesma forma que nem todo o vinho é sangue Dele, a não ser aquele que foi trazido através da santa consumação [διὰ τῆς ἱερατικῆς τελετῆς], daquilo que foi feito por mãos humanas para aquilo que não foi feito por mãos humanas."[331] *Ibidem* 337

É, portanto, a consagração sacerdotal que confere ao pão e ao vinho, que antes não eram imagem Dele, esse mesmo estatuto, comunicando-lhes a substância divina. Mais tarde, o Concílio de Hiéria vai defender explicitamente esta tese, declarando o Corpo de Cristo como a verdadeira imagem divina[332]. Deste modo, para os iconoclastas, a Eucaristia é a única verdadeira representação de Cristo, na medida em que participa da mesma substância. Já a resposta iconódula a esta postura será direta: a Eucaristia não é uma imagem de Cristo na medida em que ela é o próprio Cristo, não uma representação[333].

A forma como a Eucaristia é reduzida a uma imagem, por outro lado, parece sugeriu uma certa incapacidade, ou resistência, à aceitação da Encarnação

[331] Os fragmentos das πεύσεις estão coligidos em OSTROGORSKY 1929: *vide* CONSTANTINO V *Fragmenta*.
[332] Sendo refutado, mais tarde, pelo Concílio de 787: *cf. Sancta Synodus Nicaena Secunda* b 262-264. Veja-se uma paráfrase e comentário em GERO 1975 5-7.
[333] *Cf*. GERO 1975, para a resposta presente nas Atas do II Concílio de Niceia. A linguagem dos iconoclastas, porém, não é muito clara: "Rather than ´oriental-magical conceptions,' it is this biblical-patristic usage (restricted, to be sure, in its proper application to the eternal relation of the Father to the Son) which is the source of Constantine's concept of the homo-ousios image. The Council of 754 does not reiterate, however, this homo-ousios definition of an image; while explicitly condemning, like Constantine, the identification of anthropomorphic images of Christ as ´Christ´ by means of a title, the horos does not offer an alternate precise definition of εἰκών." *ibidem* 10

na sua plenitude. É certo que, do ponto de visto teórico, se aceita o estabelecido pela Escritura e Tradição, segundo as quais o Deus único encarnou num Filho unigénito. Porém, compreendê-lo e aceitá-lo de uma forma que não simbólica na Comunhão parece transtornar a um nível mais profundo uma certa sensibilidade iconoclasta. O próprio carácter não mimético do que Constantino caracteriza como imagem parece remeter para uma relação entre o mundo visível e o invisível que é indireta, ou mesmo arbitrária[334].

Daí que a polémica do tempo se volva rapidamente para a chamada questão da "circunscribilidade" (περιγραφή), isto é, sobre como se poderá ou não circunscrever o divino no nosso mundo. Para os iconómacos, a circunscrição reduz-se a um local muito específico – ao altar da igreja – e a um tempo muito específico – ao momento da consagração. Já para os seus adversários, o divino como que extravasa os limites da celebração litúrgica, podendo alojar-se em lugares público, abençoados pela presença da imagem, como em espaços privados, num local específico e acariciado do lar doméstico[335].

Para Vladimir Baranov, esta doutrina eucarística revela uma notória influência do nestoriano Teodoro de Mopsuéstia, patente no sistema litúrgico da época, que incluía vários elementos da escola antioquena[336]. A ideia segundo a qual o pão e o vinho consagrados são a única imagem legítima de Cristo supõe a tese das duas καταστάσεις de Cristo, ou seja, que existem dois estados do corpo de Cristo, um corruptível, corpóreo, e outro, aquele em que Cristo está agora graças à Ressurreição, que é meramente espiritual, caracterizado por uma corporeidade "espiritual"[337].

---

[334] Esta dificuldade em aceitar na sua plenitude a Encarnação enquanto feito empírico é bem atestada por HENRY 1976 23-25 *et passim*.

[335] LADNER 1940 145. Para exemplos de ícones usados em contexto privado: KITZINGER 1954 95-98 *et passim*.

[336] BARANOV 2010 41. O autor propõe uma explicação para o que os iconoclastas entenderiam por imagem eucarística, coisa que GERO 1975 10-12 salienta como difícil de explicar de acordo com a tradição patrística, ainda que este mesmo autor delibere em torno de uma possível influência de Pseudo-Dionísio sobre tal conceção: *ibidem* 15 n. 48.

[337] BARANOV 2010 42; BARANOV 2006 169-172. Num outro artigo – *cf*. BARANOV 2011 920-923 – este autor defende que o *Horos* de Hiéria vai contra o Concílio de Calcedónia, ao dizer que só a carne assumida por Cristo é igual à nossa, não referindo que o corpo e a alma sejam iguais às nossas. O Concílio de Calcedónia, por seu turno, havia explicitado que Jesus havia assumido a Humanidade toda ela, alma racional e corpo. Ainda num outro artigo (*cf*. BARANOV 2006), Baranov, ao analisar a *Vita Tarasii*, escrita

Ora, isto parece chocar com a doutrina ortodoxa num ponto importante: por um lado, a "imagem" eucarística assim criada, por mediação sacerdotal, só é uma imagem física, concreta, do corpo de Jesus na medida em que participaria do corpo *ressuscitado* de Cristo. Esta crença assentará na ideia de que, por Cristo ter passado por paredes e aparecer sem ser imediatamente reconhecido, não pode ser circunscrito (e, portanto, representado) como antes da sua morte[338]. Deste modo, a acusação de que a veneração dos ícones pretendia debalde representar o irrepresentável incorre na suposição de que as imagens santas só poderiam atrever-se a tentar representar o corpo após a sua Ressurreição, não antes.

Tal postura indica que Cristo só seria divino, ou seria divino de uma forma mais completa, após a Ressurreição. Por isso, o Seu corpo anterior não seria propriamente divino, ou não seria tão divino. Representá-lo no seu estado "corpóreo" seria a representação de uma natureza que seria perecível. Isto parece supor que antes da Ressurreição a natureza de Cristo (οὐσία) era diferente, o que ajudará a explicar, em contrapartida, como durante – e sobretudo após – esta querela os iconódulos vão-nos deixar muitos ícones de Cristo crucificado, como que ocupando um espaço pelo qual batalharam durante muito tempo[339]. Honrar imagens de Jesus morto na Cruz implica a fé de que o seu corpo, mesmo morto, continua a ser desprovido de pecado, incorruptível.

---

por Inácio o Diácono, um arrependido iconoclasta, demonstra a crença iconoclasta em dois estádios do Corpo de Cristo: antes e depois da Ressurreição. O Corpo seria παχύς antes da Ressurreição (material, denso, espesso), tendo sido purificado e imaterial após a mesma. Os Apóstolos e as pessoas que viram o Corpo Ressuscitado tê-lo-iam feito por milagre, não porque o mesmo Corpo fosse representável, como diziam os iconódulos. Por fim, BARANOV 2011 salienta que há uma influência platónica no pensamento iconoclasta, que atribuiu uma dimensão demiúrgica à alma de Cristo, que governaria o mundo material. A alma-mediadora utilizaria o corpo como instrumento, não se confundindo, na sua essência, com o corpo. Como tal, na Encarnação, Cristo teria só "emprestado" o corpo da Humanidade para a governar com a sua alma, que não seria proveniente da Humanidade. Isto torna-se explícito na doutrina eucarística iconoclasta: a Eucaristia é um corpo não antropomórfico porque ela é somente um instrumento pelo qual o Espírito age, não se confundindo com ela.

[338] BARANOV 2010 43. Teodoro Estudita refuta esta tese num dos seus *Antirrheticus*: "Se, pois, considerares que Cristo não estava circunscrito [περιγεγράφθαι] por estar fora da materialidade [παχύτητος] após a Ressurreição, concordarás também que ele não foi visto pelo Apóstolos. Porém, se foi visto, estava circunscrito [περιγέγραπται]." TEODORO ESTUDITA, *Antirrhetici tres adversus Iconomachos* 384.

[339] Veja-se GRABAR 1998 299 *et passim*, onde se atesta como as imagens de Cristo Crucificado a que temos acesso começam a aparecer no século IX. De notar como, nestas representações, o Crucificado é muitas vezes representado com os olhos fechados (indicando que está morto) e com um crânio em baixo da Cruz – o crânio de Adão, que serve para aludir à morte do homem na sua antiga condição de pecado, porquanto foi redimido por Jesus.

Ao honrarmos o corpo morto de Jesus honramos também a representação de uma relíquia, que ressuscitará passados três dias – e, no ato de honrar o corpo morto, a fé fortifica-se porquanto *vê* que, ainda que a humanidade de Cristo tenha morrido, não morreu a sua divindade, com a qual está relacionada no seu íntimo. Coisa que, consequentemente, remete para um vínculo primitivo entre relíquia e imagem. A imagem é cultuada na medida em que há a possibilidade da relíquia.

Por seu turno, as relíquias dos santos, sendo aquilo que ficou para traz (*reliquiae*, do latim *relinquere*, abandonar, com significado idêntico no termo grego λείψανον, de λείπω) serão, não obstante, reintegradas aquando da Ressurreição Final, já aludida na Ressurreição de Jesus, pelo que a matéria, o corpo, conhecerá uma purificação. Mas a οὐσία do corpo que ressuscitará é a mesma οὐσία do corpo que ainda não ressuscitou. O material, estando ontologicamente ligado ao espírito, abre a possibilidade para que, no próprio material, se tracem as gravuras que remetem justamente para esse vínculo ontológico. Assim, a possibilidade da relíquia *exige* a possibilidade da imagem[340].

A aversão iconoclasta às relíquias – que referimos – está deste modo relacionada com a sua prescrição para não se cultuarem imagens. Que a fúria destes homens se tivesse voltado para estas e não tanto para aquelas revelará tensões e paradoxos interiores que eles não teriam resolvido na sua plenitude. De facto, ao apregoar-se, como dito na Definição do Concílio de Hiéria, que haverá uma Ressurreição geral e final, parece haver pelo menos uma tendência para se interpretar isto num sentido espiritualizado, onde não é clara qual a relação entre

[340] A íntima relação entre relíquia e imagem já foi estudada, tanto nas suas dimensões conceptuais como históricas. Para esta última, veja-se GRABAR 1998 13-14, onde o autor defende que as relíquias e o seu culto estão na base do posterior desenvolvimento dos ícones, graças aos reliquiários que iam sendo decorados, até ao momento em que, pelo século V, o rosto representado e a relíquia se tornam independentes. O autor desenvolve esta sua teoria de uma forma mais detalhada na obra *Martyrium. Recherches sur le culte des reliques et l´art chrétien antique* (1936), ainda hoje considerada clássica, mas à qual não tivemos acesso. Para a teorização desta relação, veja-se FLORENSKI 2018 51-62 e 197-203, onde se desenvolve uma interessante correspondência entre rosto e máscara. Já KITZINGER 1954 117-118, ainda que reconhecendo, com Grabar, influências históricas, afasta-se de uma relação ontológica entre imagem e relíquia. A esse nível, é importante recordar o culto das imagens ἀχειροποίηται – imagens feitas sem mãos humanas, às quais se atribui um surgimento miraculoso – que ocupam um espaço intersticial entre ícones e relíquias. Existem três destas relíquias-ícones atestadas para o século VI, entre as quais o *mandylion* de Edessa, que continha a representação de Jesus por consequência de um contacto direto. BRUBAKER & HALDON 2011 35-36; 56-57 sustentam que estas foram as primeiras imagens a serem cultuadas *per se*. *Vide* também AUZÉPY 2007 41; *ibidem* 108-110.

corpo e espírito, já que nem sequer o que é corporal não pode ser representado. Quanto aos ícones, quais bodes expiatórios, são como que as vítimas destes conflitos interiores.

1.5) A Hipóstase de Cristo e a sua representação

A referida relação cultual a ter com a imagem do corpo morto de Cristo, por outro lado, remete-nos para um outro conceito importante, que vai surgir ao longo desta luta. Ele foi expressamente definido tanto por João Damasceno como por Teodoro Estudita: a natureza do que é representado é a hipóstase de Cristo[341]. É que os iconoclastas, na sua condenação ao culto, assim formulam, nas Atas do Concílio de 754, a impossibilidade de representar Jesus (e os santos, por consequência):

> e) "Se alguém tentar desenhar numa imagem [ἐν εἰκόνι πειρᾶται γράφειν] a indivisa união, de acordo com a Hipóstase [τὴν ἀδιαίρετον καθ᾽ὑπόστασιν ἕνωσιν], da natureza do Verbo-Deus e da [sua] Carne, isto é, a unidade resultante de ambos [ἐξ ἀμφοῖν ἕν], sem confusão e indivisível, chamando-lhe Cristo – o nome de Cristo, porém, revela Deus e um homem – para que a partir daí produza monstruosamente [τερατευόμενος] uma mistura das duas naturezas[342], anátema!" *Sancta Synodus Nicaena Secunda* b 340

> f) "Se alguém tentar formar, através de cores materiais [δι᾽ὑλικῶν χρωμάτων], o Deus-Verbo que existe na forma de Deus [τὸν ἐν μορφῇ Θεοῦ ὑπάρχοντι], que recebeu a forma de servo na sua própria Hipóstase [ἐν τῇ ἰδίᾳ ὑποστάσει], e que foi gerado [γενόμενον] em tudo semelhante a

[341] *Vide, e.g.*, JOÃO DAMASCENO, *Pro sacris imaginibus orationes tres* 1246; TEODORO ESTUDITA, *Antirrhetici tres adversus Iconomachos*; 341-344; 392; *idem Epistolae* 501. *Cf*. Ladner 1940 144.

[342] ὡς ἐκ τούτου σύγχυσιν τῶν δύο φύσεων τερατευόμενος: o uso da conjunção ὡς, associada ao particípio médio τερατευόμενος, não indica tanto a crença iconoclasta de que se produziria um portento monstruoso, quanto a intenção do icónografo (aos olhos deles) em realizar tal feito. Não é portanto líquido que os adversários das imagens acreditassem nos poderes animistas dos objetos.

> nós exceto no pecado, como se fosse um mero homem, e tentar separá-Lo da inseparável e imutável divindade, para que daí introduzida uma quarta unidade [τέρτραδα] sobre a santa e vivífica Trindade, anátema!" *ibidem* 344

No primeiro destes cânones temos a condenação da representação da hipóstase divina como implicando um monofisismo. No segundo, por seu turno, entende-se que a mesma representaria uma cedência ao nestorianismo. Portanto, para os bispos do Concílio de Hiéria, as duas heresias que tanto tempo se digladiaram entre si como o extremo uma das outras encontram agora uma espécie de união – uma convergência de opostos – na prática de cultuar os ícones. Pois, se se considera que a imagem de Cristo participa da sua substância – diziam eles – então ou a própria divindade se funde com a materialidade corporal do representado, ou então considera-se que se representa só uma dimensão humana, que existiria de uma forma independente da dimensão divina[343].

Os iconódulos vão ripostar e acusar os seus adversários de monofisitas e nestorianos (ou como tendo sido influenciados por estas correntes). Nessa refutação, salientam como na imagem não se representa a οὐσία da divindade: fazê-lo implicaria a aceitação de que o espiritual se confunde com a matéria numa só entidade. A aversão às imagens assenta na aversão à possibilidade da consubstancialidade entre representação e representado. Isto, por sua vez, faz lembrar uma crença animista no poder das imagens, aludindo talvez a uma certa tendência iconoclasta para as ciências ocultas, como atestado nos mitos em torno da figura do patriarca João o Gramático[344].

---

[343] Para Ostrogorsky, esta refutação é ingénua: *cf*. OSTROGORSKY 1968 173. Se assim se tratar, poderemos quiçá considerar que os bispos iconoclastas reproduziam contra os seus adversários as acusações que eram feitas contra eles. Já LADNER 1940 148-149, desenvolvendo brevemente o que seriam as acusações de Monofisismo e de Nestorianismo contra os iconódulos, conclui: "But nevertheless the iconoclast charges may be explained to some extent by the fact that the image worshippers insisted that Christ in his humanity and divinity is really, although not materially, identical with his image."

[344] O estatuto das ciências ocultas em Bizâncio é um tópico sobre o qual há ainda poucos estudos (*cf*. MAVROUDI 2006 39-59 *et passim*). Seja como for, a relação entre as autoridades e as ciências ocultas, como a astrologia, podiam ser ambíguas. A proibição destas práticas poderia servir fins políticos, na medida em que privaria a aclamação de imperadores adversários. Mas também podiam servir, em períodos politicamente mais instáveis, como uma forma de autorizar determinado candidato ao trono: *ibidem* 68-74.

Por outro lado, em relação à estranha acusação de introdução de um quarto elemento na Trindade (*cf. supra* f), os iconómaquos parecem inclinar-se para uma separação entre a autossuficiência da Trindade e a prática cultual. É como se o Deus trino existisse num mundo desprovido do contacto humano, pelo que a tentativa de materializar a sua relação com o mesmo criaria uma nova entidade. Mas o ícone é justamente um intermediário que introduz o crente nas misteriosas relações trinitárias. Tal como o cânone iconográfico ortodoxo deixa explícito, não há nenhum ícone do Pai, e só há um ícone indireto do Espírito Santo, através das suas manifestações históricas. O ícone por excelência é o ícone do Filho: pois só a Segunda Pessoa da Trindade encarnou[345].

O culto à Imagem do Filho abre uma via para o Pai, através da graça do Espírito Santo. Deste modo, os ícones introduzem-nos no seio da Economia da Santíssima Trindade, pelo que é descabido falar de um quarto elemento. O anátema lançado parece derivar mais de uma incapacidade em aceitar que a relação entre imagens – a imagem do homem restaurada pelo batismo e a Imagem de Cristo – continua a operar a santificação do homem e a sua aproximação aos mistérios de Deus, por via da fé.

Portanto, o que se venera não é Imagem da οὐσία de Cristo, mas antes a hipóstase – a sua Pessoa – que une sem misturar a sua dimensão humana com a divina. Por isso (e para retomarmos o fio condutor da imagem de Cristo morto), mesmo quando se venera a imagem de Cristo da Cruz não se venera – como diriam os iconoclastas – um corpo corruptível, mas um corpo que continua misteriosamente ligado, pela Pessoa, à natureza divina. Quanto à substância divina propriamente dita – ela ultrapassa os limites da cognoscibilidade humana, ainda que não deixe de operar por meio da relação trinitária[346].

---

[345] USPENSKY 2013 132 " "(...) los iconoclastas quisieron situar su argumentación bajo el ámbito del dogma de Calcedonia. Pero el vicio de su razonamiento – que los defensores de las imágenes no tardaron en revelar – consistía precisamente en que no entendían la base del dogma de Dios-hombre. El dogma de Calcedonia requiere, ante todo, distinguir muy claramente entre la naturaleza, por una parte, y la persona (hipóstasis), por otra." *Ibidem*: "Al representar a nuestro Señor, no representamos ni su divinidad ni su humanidad, sino a su persona, en la que une de forma inconcebible sus dos naturalezas sin confusión ni división (según los términos del dogma de Calcedonia)."

[346] Estas divergências doutrinais vão manifestar-se também na organização arquitetónica. A forma como os iconoclastas vão criticar e afastar-se da arte sacra possibilita, como vimos na primeira parte da presente

1.6) A teoria ética iconoclasta

Os opositores das imagens vão também desenvolver uma ética própria, relacionada com a teoria eucarística. Ela caracteriza-se por um afastamento da vida contemplativa, pelo menos nas formas defendidas pelos ortodoxos. De acordo com Paul Alexander, esta conceção será desenvolvida durante o segundo iconoclasmo, vindo a ser explicitada no Concílio de Santa Sofia em 815. Assim, perante as fragilidades do modelo eucarístico que havia sido proposto antes, vai-se determinar que "the true image of Christ is no longer the Eucharist but Man endowed with the Christian virtues" (ALEXANDER 1953 44). Concomitantemente, diversas passagens do Concílio pretenderiam demonstrar que Cristo não poderá ser percecionado através dos sentidos.

Esta ideia, porém, é refutada por Milton Anastos, que comprova que essa mesma teoria já está patente na Definição do primeiro Concílio Iconoclasta, em 754[347]. O segundo Concílio Iconoclasta, ainda que tenha abdicado da sua acusação primitiva, deixando de classificar os ícones como ídolos[348], repete, não obstante, os

---

dissertação, um proliferar da arte secular, que se expande inclusivamente para o interior das igrejas, ornadas com motivos vegetais, animais e humanos (*vide e.g*. AGNOUSTOPOLOUS 2013 771-772). BARANOV 2006 173-174 associa esta decoração à oposição entre as duas καταστάσεις que o mesmo identifica, como visto, a uma influência antioquena e a uma consequente teoria de dois estados corpóreos. Deste modo, o sinal da Cruz na ábside das Igrejas, em frente ao altar, remete para o corpo irrepresentável da Eucarisita-Imagem. Já a nave da igreja representaria a realidade sensível, corpórea. Após o iconoclasmo, por outro lado, na organização arquitetónica da igreja bizantina, aprimorada durante o patriarcado de Fócio (*cf*. USPENSKY 2013 2015-2017 *et passim*) é a imagem antropomórfica de Cristo que passa a estar na ábside (antes do iconoclasmo era frequente encontrar-se Cristo na cúpula, com a Mãe de Deus na ábside). A nave, agora, apresenta as criaturas do mundo, mas não de uma forma naturalística: elas surgem transfiguradas, por assim dizer ascendendo perante o altar. E, naturalmente, o iconostásio está repleto com ícones da vida de Cristo e dos santos.

[347] ANASTOS 1954b 159: "As a result of this examination we must conclude that the florilegium of the Council of 815 does not advance beyond the iconoclastic theology of the earlier period. Thus the florilegium of 815, which had been unknown until its fortunate discovery and publication by Alexander, fully justifies the conclusion of previous scholars that its authors made no original contributions, and merely re-used materials or repeated arguments current among the iconoclasts of 754. The most that can be said is that the iconoclasts of 815 added 12 (or 28) patristic references to the florilegium of 754, none of which, however, can be regarded as constituting an innovation or substantial addition to the iconoclastic armory." Esta posição é seguida por SMITH 2010 37, n. 83. Já BRUBAKER & HALDON 2011 373 seguem as linhas gerais de Alexander.

[348] Como dito num dos excertos chegados até nós: "Aceitando nós encarecidamente o legítimo Sínodo que se reuniu nas Blaquernas no templo da Imaculada Virgem, no tempo dos imperadores de outrora, Constantino [V] e Leão [IV], como tendo sido fortalecido por dogmas patrísticos [ὡς ἐκ πατρικῶν δογμάτων], e guardando as coisas desprovidas de inovação que estavam nela contidas, decretamos que a feitura de ícones [τὴν τῶν εἰκόνων ποίησιν] não é louvável e é inútil [ἀπροσκύνητόν τε καὶ ἄχρηστον], ainda

principais argumentos teológicos dos seus predecessores. O conceito ético, assim, estava já presente no Concílio presidido por Constantino V:

> g) "Se alguém se esforçar por compreender [κατανοῆσαι] o divino carácter [χαρακτῆρα] do Deus-Verbo de acordo com a Encarnação através de cores materiais [δι᾽ὑλικῶν χρωμάτων], e não O adorar [προσκυνῇ[349]] a partir de todo o coração com olhos mentais [ὄμμασι νοεροῖς], a Ele que se senta acima do brilho do Sol, à direita do Pai, nas alturas, sobre um trono de glória, anátema!" *Sancta Synodus Nicaena Secunda* b 336

A contemplação divina, portanto, remete para os «olhos da mente» (ὄμμασι νοεροῖς), para uma concetualização racionalizada da divindade que implica um agir ético (*vide supra* 1.2, b). O objetivo da prática cristã, deste modo, não residirá no culto mais sim na ação virtuosa, imitada dos santos. Tal imitação surge do ouvido e não da visão.

Como interpretar esta posição? Tratar-se-á de um despojamento da atividade contemplativa enquanto tal, a favor de uma ação "racional" que seja socialmente ativa? Esta parece ser uma linha de leitura moderna, patente em Haldon e Brubaker e Auzépy[350]. Para estes autores, a doutrina decorrerá de uma ideologia que fará uso de argumentos teológicos para alertar para questões de

---

que nos poupemos de dizer que eles são ídolos [εἴδωλα δὲ ταύτας εἰπεῖν φεισάμενοι]: existe, de facto, uma diferença de um para outro mal."*Fragmenta decreti Concilii Iconomachi sub Leone V Armeno* 60.

[349] Atente-se na subtileza da palavra em questão. O verbo que os iconoclastas usaram para «adorar», προσκυνεῖν, é aquele que os iconódulos usam para «venerar».

[350] *Cf*. "The *Horos* of 754 praises monks and holy men as ´living images´whose deeds and lifestyle were to be imitated, an attitude which must have reflected the iconoclast position, and is reflected in iconoclast hagiography, which was in some ways more pragmatic and socially engaged than non-iconoclast hagiographical writing. Attacks in the wordly possessions of those monasteries which, it was felt, did not live up to those standards – books, vestments, land, buildings – and upon the dress and lifestyle of the monks and nuns concerned may well have been connected with the view that many members of this community were not fulfilling their spiritual obligations in respect of the wider community (…)" BRUBAKER & HALDON 2011 244. Marie-France Auzépy fala da função que seria exigida do imperador: "L´empereur qui n´est plus une ´image de Dieu´, mais un homme responsable de ses actes, est du fait même ´un homme de notre temps´. La rupture de l´analogie entre le monde terrestre et le monde céleste a en effect des conséquences sur la façon dont le temps est conçu: les hommes ne vivent pas dans un temps divin, reflet de l´éternité, dont la liturgie rend compte par analogie, mais dans leur temps, le temps fini et décompté, c´est-à-dire dans l´histoire." AUZÉPY 2007 83.

"intervenção social", com base no modelo moral e caritativo cristão[351]. Porém, ainda que o conceito de uma virtude "racionalizada" possa ser trazido para a colação, como veremos, ele deverá ser incluído numa tradição própria. Tal como aparecem, estes modelos são, no nosso entender, anacrónicos, remetendo para as contemporâneas ideologias e "lutas discursivas" ao serviço de atritos sociais…

Numa outra perspetiva, Vladimir Baranov identifica – a nosso ver com propriedade – várias correntes tardo-antigas que se identificarão com a "imitação virtuosa pela mente". Remetendo, em última análise, para uma influência origeniana, que perdurou ao longo dos séculos apesar da sua condenação oficial (*cf*. BARANOV 2013 48), este conceito pode ser encontrado em autores como Cirilo de Alexandria,[352] tendo depois sido "purgado" por S. Máximo Confessor e utilizado por S. João Damasceno (*ibidem* 48-54). Do que aqui se trata é de uma forma contemplativa assente na dimensão noética, que descura uma aproximação de Deus de forma sensitiva. Ora, isto vai de encontro à conceção antioquena da liturgia iconoclasta que identificámos.

Por outro lado – e como salienta Baranov – o apego a esta forma de concetualizar a relação entre homem e Deus remete para duas tradições teofânicas, ambas provenientes do ascetismo dos Padres do Deserto[353]. Uma delas é representada pela experiência mística de Santo Antão que, após o seu célebre ordálio, aquando foi afetado e fustigado por diversos demónios, vê uma grande claridade na sua cela e ouve uma voz que lhe vem acudir[354]. Aqui, a forma sensitiva de nos relacionarmos com o divino é feita pela audição, sendo que a visão está associada à luminosidade desprovida de formas. E, consequentemente, a forma de representar esta experiência mística é anicónica (o que não quer dizer iconoclasta).

---

[351] Marie-France Auzépy estuda diversas *vitae* de santos que terão sido inicialmente textos hagiográficos iconoclastas. A autora dá conta de algumas características que seriam típicas de uma mentalidade iconómaca: predomínio, no texto, das referências vetero-testamentárias; envolvimento do santo no exército; a ausência de milagres, ou a sua relação com o corpo social, que não individual; uma oposição à vida contemplativa, a favor da vida prática. *Cf.* AUZÉPY 2007 329-340. Veja-se ainda SEVCENKO 1977 para um escrutínio das *vitae* escritas neste período que poderão ter proveniência, ou pelo menos influência, iconoclasta.

[352] CIRILO DE ALEXANDRIA, *In Ioannis Evangelium* 73 367-386. *Cf*. BARANOV 2013 56.

[353] BARANOV 2013 32-39.

[354] ATANÁSIO DE ALEXANDRIA, *Vita Sancti Antonii* 859.

A outra representação remonta a um outro contemporâneo de São Antão, designadamente a São Pacómio. Este, no seu progresso místico, tem também um encontro teofânico, mas que se materializa de uma forma diferente (ou, para fazermos um jogo de palavras, tem um encontro que, ele próprio, se materializa). É que São Pacómio, rezando um dia na igreja, *vê* uma figura antropomórfica como que pintada junto a uma parede, cercada por dois anjos. Quando o santo insiste para poder contemplar a face de Deus na íntegra, um raio de luz acomete-o tão profundamente que ele estava prestes a ser aniquilado. Só quando exclamou pela interceção de Jesus Cristo pôde São Pacómio regressar ao seu estado anterior[355].

Temos aqui duas formas de aceder a Deus. Por um lado, uma luz que desce do Céu para trazer paz e claridade a um monge lasso que já muito batalhou. É acompanhada por uma voz que não tem corpo ou forma, vinda, segundo parece, de Deus-Pai. Por outro lado, temos a contemplação de um ser antropomórfico, sentado num trono e honrado por anjos[356]. Esta já não parece implicar um movimento descendente, mas sim ascendente (patente no esforço volitivo de São Pacómio para se aproximar do trono que contempla). Tal aproximação ascendente apela a uma representação antropomórfica na medida em que indica Deus-Filho como via de deificação do homem, graças à reposição da sua imagem e semelhança com Deus.

Retornamos, assim, à distinção entre teologia apofática e catafática. Aqui, como ali, vemos que estas duas formas teológicas se complementam uma à outra. A forma ascendente de contemplação, possível pela Encarnação, e que aqui está presente na representação antropomórfica de Deus (em Jesus Cristo) complementa-se com a revelação luminosa, associada à dimensão inefável e impercetível do mesmo Deus. Tanto um como outro elemento de representação encontram o seu correspondente nas teofanias vetero-testamentárias: elas remetem ora para Deus enquanto entidade ouvida, como Moisés perante a Sarça Ardente (Ex. 3-4), ora para prefigurações proféticas da Encarnação que haveria de

[355] Na impossibilidade de compulsarmos o texto original, remetemos para uma sua tradução: *The Life of Saint Pachomius and his disciples* 94-97. *Vide* BARONOV 2013 35, n. 24 para outras teofanias de São Pacómio.

[356] Trata-se de uma referêncai a Ezequiel – Ez. 1:26, que assim prefigura a glória majestosa de Cristo.

acontecer, como em Ezequiel (Ez. 1:26) ou no misterioso visitante da tenda de Jacob (Gn. 32 31)[357].

Os iconoclastas vão-se agarrar a uma destas tradições – a anicónica e luminosa – para proibirem a segunda. Mas não se trata, para eles, de uma mera preferência entre dois sistemas legítimos, antes da exclusão de um. Isto implica, por seu turno, não só uma negação do argumento icónico (visível) de Deus, como também as implicações, dinâmicas e dialéticas entre a teologia positiva e negativa. Tendo o ouvido, por assim dizer, declarado guerra ao olho contemplativo, a escala da progressão mística fica quebrada. Já na tradição icónica, as duas formas sensitivas de contacto com o divino são legítimas e, como vimos, complementares[358].

A circunscrição à relação anicónica com Deus torna-se iconoclasta justamente porque se alia às tendências origenianas, monofisitas e nestorianas que foram sendo debatidas, por vezes com violência, ao longo dos séculos no interior da Igreja. Será a incrustação da teofania anicónica com as correntes heréticas – as mesmas que procuram "espiritualizar" a Encarnação – que dá origem à noção dos olhos «virtuosos da mente»[359].

---

[357] *Cf*. BARANOV 2013 50-53. São João Damasceno defende que as figuras pré-Encarnação são igualmente legítimas para serem cultuadas, ainda que não da mesma forma: *vide* JOÃO DAMASCENO, *Pro sacris imaginibus orationes tres* 1353-1355. Para os argumentos de Teodoro Estudita, segundo o qual os profetas tiveram que ver as pré-figurações antes de as escreverem: *vide* TEODORO ESTUDITA, *Antirrhetici tres adversus Iconomachos* 392. Há ainda um curioso apocalipse judaico, o chamado *Apocalipse de Abraão,* datável dos primeiros séculos cristãos, que prefere também uma relação auditiva com o divino. O texto estrutura-se na senda de outros apocalipses judaicos, que culminam sempre com um encontro com a representação antropomórfica de Deus, em concordância com a visão do profeta Ezequiel. O *Apocalipse de Abraão*, em contrapartida, tem um interesse deliberado em afastar-se deste encontro com a figura antropomórfica de Deus: *cf*. ORLOV 2008. Se se considerar que isto é um desenvolvimento paralelo do misticismo judaico, teremos quiçá aqui um possível ponto de contacto com a teologia iconoclasta, entroncando na questão da influência semítica, que abordaremos *infra.*

[358] Atente-se, a esse nível, que a dimensão luminosa está também presente nos ícones ortodoxos, designadamente através do fundo dourado, que não representa, em boa verdade, nenhuma cor em concreto, mas que remete para uma luminosidade de onde as figuras eternas sobresaem. Essas figuras, no dizer de Pável Florenski, são uma manifestação ontológica concreta: FLORENSKI 2018 150: "El arte de los iconos busca mantener el oro a una debida distancia de los colores y, gracias a la plena manifestación de su brillo metálico, acentuar la incompatibilidad de oro y color hasta convencernos definitivamente. Un icono bien hecho alcanza este objetivo; en su oro no queda ni rastro de turbiedad, materialidad o suciedad. Este oro es una *luz* pura y límpida que de ningún modo puede considerarse como una más en medio de toda la serie de colores que en nuestra percepción reflejan la luz: se considera que colores y oro pertenecen visualmente a esferas diferentes de la existencia."

[359] Há ainda a possibilidade de uma relação com o monotelismo. O imperador Constantino V é visto com bons olhos nalgumas fontes cristãs siríacas, pois considerava-se que ele se opunha ao que se descreve

Isto concretiza-se numa atividade humana que se quer voltada para as dimensões da *praxis* e que negligencia a dimensão *theologica*. Remetemos aqui para a distinção entre os dois graus da vida monástica e contemplativa: o primeiro, do domínio ético propriamente dito, constituiu o monge enquanto pessoa virtuosa, com domínio sobre as paixões humanas e uma conduta moral cristã condizente; o segundo corresponde a uma adesão do monge ao corpo místico de Deus, que é experienciado de uma forma concreta, já não através de sinais. O θέλος - o objetivo - da vida monástica é este segundo elemento; o primeiro existe na medida em que permite atingir o segundo[360].

Daí que uma leitura moderna encontre aqui categorias algo semelhantes às da "realização social" do homem: algo que, não obstante, não se deverá aplicar à teologia iconoclasta enquanto tal, porquanto ela provém de um conjunto de tradições, como vimos, datáveis. A realização ética dos iconoclastas – e, por extensão, de um monaquismo iconoclasta – remete mais para uma impossibilidade de progresso espiritual, porquanto o crente fica "condenado" a ter que ser um sujeito ético, à semelhança de um sábio estoico, para o qual o progresso moral é um fim em si mesmo.

Por isso o iconoclasmo representa um ataque tão violento contra o monaquismo, mesmo contando com que alberga no seu seio monges e mosteiros. Porque reduzidos a uma dimensão *prática*, a finalidade monástica esgota-se no exercício das virtudes, sem ascender rumo à divindade que é a verdadeira fonte e legitimadora dessas virtudes[361]. Remetidos à sua aplicação e consumação terrenas,

---

como a heresia de S. Máximo Confessor. Estas fontes siríacas parecem ser de inclinação monotelita: *cf.* AUZÉPY 234-235.

[360] Autores como Evágrio do Ponto, por seu turno, vão propor um terceiro nível (*cf*. EVRÁGIO DO PONTO, *Sententiae ad fratres*), que remete para a consumação do conhecimento de Deus, que não somente a sua contemplação. Este último patamar, tido como irrepresentável, é afastado pelo pensamento teológico de S. Máximo Confessor: *vide* BARANOV 2013 27-30.

[361] Por isso é que, quando se aborda a oposição iconoclasta à vida monástica, isto não significa *stricto sensu* um ataque ao monaquismo, porquanto, como atenta GERO 1977 244-245, e nós próprios procurámos expor na primeira parte desta dissertação, houve também mosteiros e monges iconoclastas. Mas do que se trata aqui, bem entendido, não é da existência ou não de monges correligiários desta heresia, mas sim do tipo de ascetismo e de contemplação que se aborda e que se impede. A vida monástica, tal como Constantino V e outros a veriam, deveria estar reduzida à dimensão *prática*. Stephen Gero, nesse mesmo artigo, circunscreve as perseguições ao reinado de Constantino V, remetendo as causas deste ataque para as idiossincrasias da sua personalidade (*ibidem* 246). Mas, se assim for, as diversas tendências do monaquismo reduzem-se a uma só tipologia, se não mesmo a um "estrato social". Pelo contrário, se

as virtudes adquirem um estatuto social, tendo limites igualmente sociais. Mas a transcendência que vai dar sentido a isso esvai-se.

Uma suposta ideologia de "intervenção social" poderá antes implicar uma confusão, por parte dos iconómacos, entre *theologia* e *oikonomia*, como observou Patrick Henry[362]. Estando o primeiro destes termos remetido para a contemplação e conhecimento de Deus enquanto tal, o segundo remete para a sua aplicação, não raras vezes paradoxal, na vida quotidiana de cada um e da Igreja. Quando se nega um estatuto ontológico próprio à *theologia* enquanto atividade humana – as teofanias que os monges desejam alcançar – o nosso conhecimento de Deus limita-se à *oikonomia*, à forma como a presença transcendente e ubíqua de Deus se adapta às realidades humanas individuais e corriqueiras.

Deste modo, o contacto com a transcendência é julgado e visto em função da sua imanência, bloqueando o seu objetivo último de ascender, de forma transfigurada, para o Criador. A questão é tanto mais premente quando considerarmos como Teodoro Estudita se opôs justamente à *oikonomia* que o imperador queria realizar, na senda da Questão Adúltera. Se a *oikonomia* se torna autorreferencial, a sua aplicação remete para um sistema de valores imanente que o justifique: coisa que, levada ao extremo, está a um passo de criar uma religião cívica.

considerarmos que o ataque iconoclasta se focava num aspeto específico (mas essencial para a Ortodoxia) do ascetismo – a experiência contemplativa – poderemos entender como pôde o mesmo infiltrar-se com tanta força e tanta veemência na tessitura da sociedade bizantina em geral.

[362] Assim, em torno da oposição feita por Teodoro Estudita: "First was an insistence that the distinction between *theologia* and *oikonomia* be kept clear. ´Theology´ is a much broader term for us than it was for Theodore. When he uses it, he means talk about God as he is in himself, what we would specify as trinitarian theology. The term *oikonomia* covers all the matters involved specifically in the incarnation, or incarnational theology. Our usage of the term ´Christology´ is close to what Theodore means by *oikonomia* when he employs it as a contrast to *theologia*. He insists that the Iconoclasts, by trying to couch the debate about icons in terms of *theologia*, are trying to score points by changing the game. The rules must be observed, and the Iconoclasts know that the rules of *theologia* are much more favorable to their cause than are those of *oikonomia*." HENRY 1976 22. Veja-se as páginas seguintes para um desenvolvimento desta linha de pensamento.

1.7) O Segundo Concílio iconoclasta e a viragem aristotélica

Independentemente da forma como a conceção ética do iconoclasmo já estava determinada e implicada, como pretendemos demonstrar, na doutrina eucarística desta mesma heresia, o período que se seguiu à restauração de medidas iconómacas, aquando do reinado de Leão V, acompanhou também uma sensível evolução do discurso teológico em torno das imagens. Esta viragem concretiza-se por um ligeiro afastamento da linguagem platónica, tal como estabelecida por São João Damasceno, para uma linguagem aristotélica.

Se dantes se enfatizava mais a semelhança – a *mimesis* - do ícone para com o seu protótipo, passa-se agora a enfatizar a dissemelhança entre os dois para legitimar a relação ontológica entre ambos. A um tempo isto poderá ser interpretado como uma reação ao segundo Concílio Iconoclasta, de 815, que se absteve de classificar os ícones como ídolos[363]. Perante esta conquista conceptual do território adversário, importa agora ver como a dissemelhança entre representado e representante possibilita o culto do veículo da representação.

A outro tempo, o interesse em Aristóteles marca um recrudescer do pensamento em torno do Estagirita, motivado seja pelo interesse pelo filósofo no mundo islâmico[364], seja pelo gradual ressurgimento das instituições e estabelecimentos de transmissão de conhecimento em Constantinopla, como vimos na primeira parte desta tese[365].

Assim, ainda que São João Damasceno, na sua *Dialética*, tenha revelado já um conhecimento e uso das categorias aristotélicas, não fez uso delas nas suas

[363] *Vide supra* nota 348.

[364] Para uma possível influência islâmica nas letras bizantinas: *cf*. GUTAS 1998 185-186 *et passim*. As implicações deste modelo serão abordadas mais à frente.

[365] Convém notar, por outro lado, que o conhecimento de Aristóteles, nomeadamente das suas categorias, nunca esteve completamente ausente do ambiente bizantino do século VII, ainda que de uma forma abreviada: *cf*. ROUCHÉ 1974. Além disso, como ANAGNOSTOPOLOS 2013 781 indica, os argumentos com base em Aristóteles já estavam implícitos nos debates do século VIII, ainda que não ocupassem um lugar central. BARANOV 2007 550-552 vai mais longe, ao dizer que o pensamento do Estagirita é mais útil para se compreender o pensamento iconódulo do que Platão, na medida em que as imagens da teoria platónica operam a um nível supra-sensível, ao passo que o conceito de representação aristotélico opera, pela memória, no plano imanente. Baranov salienta como S. João Damasceno trabalha com estas noções aristotélicas.

célebres orações em defesa dos ícones[366]. O modelo que ele utilizou, como vimos, recorre mais a autores como o Pseudo-Dionísio do que a uma lógica racionalizada.

Seja como for, o autor deixa aí presente algumas linhas que serão utilizadas pelo patriarca Nicéforo e por Teodoro Estudita, durante o século IX, mas também por um árabe cristão em terras islâmicas: o polemista e defensor das imagens Teodoro Abucara (Abu Quarrah)[367]. Estas assentam na categoria da relação, que estabelece um vínculo definitivo entre dois termos: tal como o conceito de «pai» implica, por definição, o conceito de «filho», assim também uma determinada entidade implica, por definição, a possibilidade da sua imagem. Quer essa imagem seja fisicamente representada ou não, ela, todavia, já existe[368].

A questão, a este nível, prende-se com a definição de homónimo: imagem e protótipo não partilham a mesma substância, a mesma οὐσία, mas partilham o mesmo nome. O nome é o verdadeiro responsável por unir as duas entidades: na representação de uma determinada entidade, mesmo que se "falhe" na precisão descritiva da representação, o que está em causa é relação onomástica entre ambos. Com isto, os iconódulos defendem agora que não é necessário haver uma consubstancialidade entre representado e representante para que haja um vínculo entre ambos. "It can be seen from this that iconoclasts and iconophiles were working with different definitions of an image" (PARRY 2013 45).

Os iconoclastas, portanto, mesmo admitindo que os ícones não seriam ídolos por definição, afirmavam que a sua veneração era incorreta, porquanto a representação não podia ser portadora da graça que lhe transmitisse uma semelhança (ou mesmo consubstancialidade) com o referente. Para eles, um ícone é portador de um falso nome – ψευδώνυμος[369]. Já os iconódulos, remetendo para a categoria aristotélica da relação, afirmam que o ícone é homónimo - ὁμώνυμος -

[366] ANAGNOSTOPOLOS 2013 767-768; PARRY 2013 38-39.

[367] Sobre a forma como o pensamento deste cristão árabe evoluiu de forma análaga à do pensamento bizantino *cf*: ANAGNOSTOPOLOS 2013 777-778. Todavia, GRIFFITH 1985 57-58 coloca a atividade de Teodoro Abucara em torno de uma Edessa isolada dos desenvolvimentos do Império Bizantino.

[368] Esses argumentos podem ser encontrados em TEODORO ESTUDITA, *Antirrhetici tres adversus Iconomachos* 429, como em NICÉFORO, *Antirrhetici tres adversus Constantinum Copronymum* 277-278. Eles ecoam a passagem de ARISTÓTELES, *Cathegoriae* 6-8.

[369] Esta conclusão assenta, em parte, nas considerações que Paul Alexander faz em torno da Definição do Segundo Concílio Iconoclasta e da sua refutação pelo patriarca Nicéforo: *cf*. ALEXANDER 1953 44-47 *et passim*.

para com o seu protótipo: ademais, é essa homonímia que permite que o vínculo entre entidade e imagem se mantenha *apesar* da diferença de substância entre ambos. É a associação do nome à representação que constitui o ícone propriamente dito[370].

O que será curioso nesta mudança – sem nunca nos esquecermos de que os anteriores argumentos iconófilos trazidos por João Damasceno nunca foram abandonados – é que agora a ênfase deixa de se fazer para com a imagem enquanto *mimese*, mas sim enquanto *símbolo*. Isto é, enquanto antes se enfatizava que o ícone era, de alguma maneira, idêntico ao original – e vimos que o era não pela substância, mas sim pela hipóstase representada – desta vez enfatiza-se justamente que o ícone não é idêntico ao original, ainda que preserve uma relação categórica com o mesmo[371].

O importante, nesta fase, é salientar como as imperfeições ou nuances técnicas de um determinado ícone não afetam a relação de identidade básica entre protótipo e representação. Deste modo, "Iconophiles could refute the Iconoclast claim that icons were the mere work of painters by suggesting that neither the artist nor the observer could alter the symbolic, representational relationship of the icon and its prototype" (ANAGNOSTOPOLOS 2013 781).

Mas esta nova abordagem – do ícone enquanto símbolo – subentende o anterior debate para o estabelecer – na linguagem que usámos acima – enquanto εἴκων, não enquanto σύμβολον. A leitura simbólica do ícone implica uma realidade que pode não ser tão fielmente reproduzida em virtude de eventuais defeitos da matéria ou inépcias do iconógrafo, mas que, de qualquer forma, é uma

[370] A associação de um determinado ícone a um nome é essencial na arte de criar ícones. No que concerne à terminologia aristotélica propriamente dita, o termo-chave que remete para esta noção é a definição de homónimos como entidades que partilham somente o nome da substância – λόγος τῆς οὐσίας – tal como aparece in ARISTÓTELES, *Cathegoriae* 1. Esta definição é salientada pelos autores da segunda fase do iconoclasmo, mas não sob a pena de S. João Damasceno: *cf*. PARRY 2013 39-43; 47.

[371] Esta evolução é analisada por ANAGNOSTOPOLOS 2013 774-781. De notar ainda que a categoria dos relativos (assim como da comparticipação, de uma forma geral, entre representado e representante) havia também sido usada pelos neoplatónicos para se defenderem dos ataques cristãos, segundo os quais eles adoravam estátuas *cf*. PARRY 2013 46-49. Os ortodoxos parecem, pois, usar argumentos semelhantes para defenderem os ícones. Mas tal é feito, naturalmente, de acordo com a centralidade da mensagem cristã: "De pareilles idées ne sont probablement pas étrangères à certaines influences de la pensée antique sur la nature matérielle pénétrée et transformée par le divin, dans les images des dieux et ailleurs. Mais ces idées s´inspirent surtout de la doctrine chrétienne sur la nature de l´homme, que l´oeuvre de l´Incarnation a rendue à l´immortalité et qui, de ce fait, s´est retrouvée semblable à Dieu." GRABAR 1998 321.

realidade passível de ser contemplada enquanto tal[372]. Por outras palavras, mesmo quando a mimese não é eficaz de uma forma "descritiva"[373], o vínculo onomástico entre representado e representante mantém-se.

O culto para com o representado transporta-se para o original. E, como argumenta o patriarca Nicéforo, existe também uma correlação de causa entre o original e o ícone[374]. Se tal noção, para uma leitura moderna, poderá ser demasiado reducionista da lógica Aristotélica, que não estabelece necessariamente relações de causa entre homónimos[375], convirá notar que é uma argumentação, como estamos a ver, que assenta numa aceitação prévia da participação mimética entre as duas entidades.

A categoria da relação, por outro lado, põe a nu uma característica essencial da arte icónica: é que o representado *antecede* aquele que representa, isto é, é anterior ao iconógrafo. A tarefa deste último, como tal, consiste em efetivar uma relação que lhe é muito anterior. O ícone não é uma criação do artista, muito menos uma sua "expressão individual", como certas categorias da arte moderna o definiriam; nem do ponto de vista ontológico o ícone é uma criação das mãos do artista. O pintor de imagens santas, pelo contrário, é "somente" um instrumento pelo qual a imagem, que existe em potência pelo mero facto de ter havido Encarnação, se transforma em realidade visível ao comum dos crentes. Estará ao

[372] Coisa que talvez possa explicar uma certa indecisão que havia até ao Segundo Concílio de Niceia, em torno de exato estatuto que se deveria outorgar às imagens: "Se le planteó también al concilio la cuestión seguinte: Como convenía venerar los íconos? Y las opiniones se dividieron: unos, como el patriarca de Constantinopla san Tarasio, consideraban que los iconos debían ser venerados como los vasos sarados; otros [...] estimaban que los iconos tenían el mismo significado que la cruz y que, en consequência, se les debía igual veneración. El concilio dio la razón a estos últimos." USPENSKY 2013 140. *Vide Sancta Synodus Nicaena Secunda* b 40, para a posição do patriarca Tarásio, e *idem* 132, para a posição do Concílio, que elenca o culto da Cruz ao mesmo nível que o culto dos ícones. O que parecerá uma mera subtileza de definição poderá corresponder à necessidade de se estabelecer em que medida a participação no protótipo não implica uma identificação com o protótipo – e foi justamente esse um dos pontos-chaves, como vimos, da doutrina eucarística iconoclasta.

[373] Esta dimensão descritiva nada tem que ver com o que será uma representação naturalista do protótipo, mas sim com o grau de entrega, maior ou menor, da matéria e do iconógrafo às exigências cultuais: "Ni la técnica de los iconos ni los materiales empleados en ella pueden ser fortuitos en relación con el Culto, llegados como por casualidad a la Iglesia en el transcurso de su historia; y no pueden ser fácilmente sustituibles – y menos com éxito – com otros procedimientos y otros materiales. En general tanto la técnica como los materiales están vinculados sustancialmente a la intención artística y de ningún modo pueden considerarse convencionales y arbitrarios, es decir, no pueden utilizarse en la obra por causas ajenas a su misma sustancia artística." USPENSKY 2013 119-120. Veja-se ainda FLORENSKI 2018 91 *et passim.*

[374] *Vide supra* nota 368.

[375] *Cf*. BRUBAKER et HALDON 375

mesmo nível, portanto, que um escriba que tivesse, antes do advento da impressa, que copiar fielmente as palavras da Sagrada Escritura. Que o instrumento-homem possa, ele próprio, ser santificado deve-se mais à santidade do que é representado, que se comunica àquele que pinta, do que à natureza propriamente dita do artista[376].

Isto foi um ponto chave do Segundo Concílio de Niceia: a autoria das imagens sagradas não está dependente das inclinações individuais do iconógrafo. A Igreja é a verdadeira autora das imagens, sendo que os pintores lhe fornecem somente o material para as materializar:

> A feitura [ποίησις] dos ícones [não] é uma descoberta [ἐφεύρεσις] dos pintores, mas uma sanção admitida e uma tradição da Igreja Católica. Também aquilo que pertence à antiguidade é venerável, de acordo com o Santo Basílio[377]. A própria antiguidade das coisas testemunha-o, assim como os ensinamentos dos nossos Padres portadores do Espírito [πνευματοφόρων πατέρων ἡμῶν], pois, vendo-as nos veneráveis templos, aceitaram-nas. E eles, tendo edificado veneráveis templos, [aí] as inscreveram [ἐστηλογράφησαν], nos quais faziam as suas preces agradáveis a Deus e sacrifícios sem sangue ao Senhor Deus de todas as coisas. Portanto, é deles [dos Padres que transportam o Espírito] o desígnio e a tradição, não do pintor. Somente a técnica é do pintor, a disposição é, manifestamente, dos santos Padres, que edificaram [as igrejas]." *Sancta Synodus Nicaena Secunda* b 252

[376] Atente-se nas significativas palavras de Pável Florenski: "Un icono se convierte propiamente en un icono sólo cuando la Iglesia há reconocido la conformidad de la imagen pintada con el Arquetipo espiritual que ha de ser representado; dicho con otras palabras: cuando la Iglesia há dado un nombre a la imagen. El derecho de dar el nombre, es decir, de afirmar la autoidentidad de la persona representada en el icono, pertenece *en exclusiva a la Iglesia*." FLORENSKY 2018 110. As páginas seguintes desenvolvem o conceito. *Cf*. ainda USPENSKY 2013 143 *et passim*.

[377] BASÍLIO MAGNO, *Liber de Spiritu Sancto* 200: "Δυσωπητικὰ γὰρ πως τὰ παλαιὰ τῶν δογμάτων, οἱονεὶ πολιᾷ τινι τῇ ἀρχαιότητι τὸ αἰδέσιμον ἔχοντα." "São, pois, de certo modo reverendos os dogmas antigos, como se tivessem venerabilidade através de uma certa velhice e antiguidade."

A Igreja reage, assim, às acusações dos iconoclastas que remetiam o ícone para as meras mãos do artista[378]. O cânone iconográfico, que vai sendo estabelecido com maior clareza a partir daqui, terá como função revelar as mensagens da Igreja. Esta revelação não se limita ao domínio instrutivo, como o pretendiam os carolíngios, mas interpelam à contemplação pelo olhar, da mesma forma que ouvir a recitação da Escritura não pretende meramente "instruir" os ouvintes, mas provocá-los a uma transformação interior. A liberdade do artista ocorre não na medida em que ele tem uma interioridade genial a ser expressa, mas sim na medida em que o próprio, enquanto crente, também se envolve no ato místico de aprofundamento espiritual[379].

A este nível, a relação aristotélica entre homónimos revela-se pertinente. A Igreja, sendo o corpo místico de Cristo na Terra, pode ser representada: já os ícones, remetendo para algo que lhes pré-existe (como ao próprio iconógrafo), só representam algo na medida em que partilham o nome dessa entidade: compete a essa mesma entidade partilhar ou não o nome do que se representa. Tal permissão "de direitos de autor" é uma consequência factual, por um lado, da Encarnação e, por outro, do Pentecostes, que certifica que o Autor continua a agir.

Em última análise, negar a possibilidade de venerar ícones implica uma impossibilidade em se reconhecer a Igreja como ativa, *concreta* e *empiricamente*, no curso da sua existência.

1.8) Iconoclasmo e arianismo

Com a análise precedente abordámos os principais tópicos do que poderemos designar, não obstante a carência de textos primários, de teologia iconoclasta. Esta, assente numa aversão generalizada à matéria enquanto

[378] *Cf*. GRABAR 1998 380-383. O autor põe em questão a real capacidade institucional e jurídica da Igreja no império bizantino para levar a cabo o que entende ser um controlo da atividade artística, ainda que suponha que esta conceção, não existindo no Ocidente da mesma forma, tenha levado a uma evolução distinta da arte. Porém, mais do que um controlo jurídico ou material da hierarquia sobre os artistas, a postura remete para a Tradição enquanto verdadeira legitimadora da atividade artística – a mesma Tradição que legitima outros costumes e práticas ortodoxas sem um constante escrutínio jurídico.

[379] *Cf*. FLORENSKY 2018 108-118 para as necessidades e responsabilidades espirituais do iconógrafo, tendo como pano de fundo o contexto da Igreja Russa.

possibilidade de divinização – desde a aversão ao culto das relíquias até à conceção da Eucaristia como uma imagem – parece carregar traços de diferentes correntes heréticas. O iconoclasmo, a um tempo, surge como origeniano, com a sua proclividade para as manifestações que não saem do plano do simbólico; a um segundo tempo, remete para conceções nestorianas, segundo as quais a natureza humana de Cristo, antes da Ressurreição, não seria tão divina como depois da mesma; a um último tempo remete para conceções monofisitas, porquanto a repugnância para com a matéria cultuada parece indicar a suposição de que matéria e espírito funcionariam ao mesmo nível, misturados.

E, para finalizar, poderíamos ainda acrescentar um último "traço herético" a esta doutrina, pelo menos na forma como foi percecionada pelos ortodoxos: o ariano. A fonte desta associação encontra-se numa das principais autoridades que o Concílio de Hiéria invocou para defender a sua Definição: Eusébio de Cesareia[380]. Em causa está a famosa carta que Eusébio terá escrito a Constância, irmã de Constantino, quando esta lhe pedira que lhe enviasse um retrato de Jesus. Ao longo de mesma sobressaem, concomitantemente, os tópicos argumentativos que temos vindo a associar à iconomaquia. Por isso, e dada a importância que Eusébio terá para a conceção imperialista bizantina (como veremos), consideramos oportuno citar aqui o seu introito[381]:

> "Visto que escreveste acerca de uma tal imagem como se ela fosse de Cristo, desejando que a imagem fosse por nós para ti enviada, que imagem é esta, e que características tem, que tu dizes ser uma imagem de Cristo? Não sei de onde foste impelida para ordenares que a imagem de Cristo fosse desenhada [διαγράψαι]. Que tipo de imagem de Cristo é que procuras? Será que é a verdadeira e imutável [ἀληθῆ καὶ ἀμετάλλακτον], e que carrega as características Dele de acordo com a natureza – ou será aquela que tomou por nossa causa, cercada com a

[380] Para uma eventual influência de Eusébio na doutrina eucarística iconoclasta: *cf*. GERO 1975 15-18. De notar ainda que esta carta "If genuine , it is in fact the earliest extant sustained theological argument against Christian religious art proper." GERO 1981 461

[381] *Vide ibidem* 1981 461-462 para as fontes filológicas desta carta.

constituição [σχῆμα] da forma de escravo?" EUSÉBIO DE CESAREIA, *Epistolae* 1545

O resto da carta desenvolve uma oposição destas duas dimensões, uma natureza imutável e transcendente, que os nossos sentidos não conseguem penetrar, e uma outra humana e corruptível, que aparentemente não é digna de ser representada. O texto deixa até subentender que a procura que Constância faz da imagem de Cristo[382] é idólatra, desenvolvendo, ao longo das suas linhas, várias reflexões que aludem a uma vida contemplativa mental. Assim, ainda que a linguagem de Eusébio não seja clara para determinarmos se ele se estava a limitar a referir-se às duas naturezas de Cristo, tal como defendidas no primeiro Concílio de Niceia, as conclusões a que chega fazem lembrar os raciocínios iconoclastas.

A primeira referência à carta ocorre no século IX, no seio da crise que estudamos. A data tardia faz com que Charles Murray tenha dúvidas acerca da sua autenticidade: o documento teria sido atribuído a Eusébio pelos iconoclastas para dar peso à suas teses[383]. Ainda que tal prática tenha sido frequente à época, na qual os dois lados da contenda estavam ansiosos para adicionar nomes de autoridades patrísticas às suas defesas, haverá todavia razões, como sustenta Stephen Gero, para que se considere a autoria desta carta verdadeira[384].

Um dos argumentos de Gero assenta precisamente no facto de a autoria não ter sido negada pelos ortodoxos, que teriam trazido a questão se a tivessem percecionado como tal. Por outro lado, o que os ortodoxos fizeram foi identificar Eusébio de Cesareia como Ariano[385]. O Patriarca Nicéforo vai até escrever um dos seus *Antirrheticus* para desmascarar as tendências arianas dos iconoclastas. Isto

[382] *Cf*. mais à frente, na mesma carta: "Para que ela [a mulher que dizia ter uma imagem de São Paulo e de Cristo] nem os restantes se escandalizassem, retive-a [à imagem de Cristo] junto a mim, depois de lha ter tirado, não pensando que seria bom que estas coisas passassem para outros, para que não parecêssemos, à maneira de idólatras [δίκην εἰδωλολατρούντων], estar a fazer circular [περιφέρειν] o nosso Deus numa imagem." EUSÉBIO DE CESAREIA, *Epistolae* 1548

[383] *Cf*. MURRAY 1997 327-328 *et passim*.

[384] *Cf*. GERO 1981, o autor conclui o artigo defendendo que a carta é da autoria de Eusébio, ou de alguém muito próximo da sua ambiência cultural.

[385] Tal vai ocorrer após o Concílio de Hiéria e o uso apologético da carta pelos iconoclastas: GWYNN 2007 233. Eusébio de Cesareia é também identificado como Ariano nas Atas do Segundo Concílio de Niceia: *cf*. *Sancta Synodus Nicaena Secunda* b 313-316.

levar-nos-ia a vincular um outro filão herético à corrente iconómaca, que se uniria, como sustenta Florovsky, a Orígenes e à correspondente escola alexandrina[386]. E, de facto, a associação ao Arianismo *via* Eusébio vai corresponder a uma certa visão que os ortodoxos vão desenvolver dos seus adversários[387].

Não há, porém, vínculos teológicos explícitos entre estas duas correntes – não encontrámos, na nossa análise, uma referência concreta que pudesse subentender que Jesus Cristo fosse encarado como uma criatura. A importância do Arianismo para a questão é operativa a um outro nível, mais textual e retórico, que ficará patente quando voltarmos a analisar Eusébio à luz da teoria política bizantina. Será também útil para compreendermos a relação entre Estado e Igreja a que esta tese se dedica.

Por enquanto, importa salientar como a relação que é feita para com Ário, por parte dos Ortodoxos, corresponde, por assim dizer, a um último expurgar de diversas tendências que se haviam infiltrado no pensamento cristão ao longo dos séculos. Pois o Arianismo, ao contrário de certas correntes monofisitas, nestorianas e gnósticas, pôde ser mais facilmente separado da tessitura da Igreja Romana do Oriente[388]. Definir o Iconoclasmo como análogo ao Arianismo define-o, do ponto de vista retórico, como algo *per se* exterior à Ortodoxia.

[386] *Cf*. FLOROVSKY 1950 86-87. Stephen Gero, por outro lado, relativiza a influência origeniana: "Though the letter cannot, I think, be regarded as the missing link between a *specifically* Origenistic Hellenization of Christianity and eighth-century iconoclasm, it clearly stands in the tradition of austere Alexandrian intellectualism and elitism, so to speak, to which Clement as well as Origen belonged—and a tradition to which mature Byzantine iconoclastic theology is, in an indirect way, deeply indebted." GERO 1981 470.

[387] Isto está bem patente na pena de Fócio, que compara o comportamento dos iconoclastas ao dos arianos, ainda que não deixe patente eventuais vínculos teológicos entre as respetivas teologias: *cf*. GWYN 2007 245-251.

[388] O Arianismo, segundo Warren Treadgold, não havia prosperado durante muito tempo no interior do império Romano do Oriente, tendo-se antes desenvolvido nos reinos bárbaros: TREADGOLD 1997 72. De acordo com este autor, é com o Monofisismo que se introduz uma verdadeira querela no seio da Igreja e da Cristandade: *ibidem* 122-123. Uma querela, bem entendido, que abalou o interior do Império Bizantino durante séculos, durando mesmo até à chegada do Islão.

2) Iconoclasmo: influência islâmica?

2.1) A hipótese das influências semitas

Estando definidos os vetores principais do Iconoclasmo enquanto prática interna, podemos agora avançar o nosso estudo para o plano civilizacional, cultural e epocal de onde o mesmo brotou, para que ulteriormente possamos averiguar se o mesmo implica, por definição, uma supremacia estatal sobre os assuntos da Igreja. Para o efeito, será necessário enquadrarmos esta querela no pano de fundo geral de duas correntes concretas: por um lado a do Islamismo, tido em certa literatura como a influência primitiva sobre o iconoclasmo enquanto tal; por outro o Helenismo, tido como fator integrante do império bizantino. A este último fator será necessário associar um terceiro elemento – a Romanidade – que não se confunde com aquele mas que levantará problemas próprios. Nesta seção, todavia, focar-nos-emos na questão islâmica.

A ideia ou suposição de que o Islão havia exercido influência no iconoclasmo bizantino encontra-se no próprio Teófanes Confessor (ainda que não seja a referência mais antiga, como veremos em breve). O cronógrafo, ao descrever o reinado de Leão III e as suas políticas de perseguição a imagens, classifica o imperador como σαρακηνόφρων, sarakenófrôn – isto é, como um sujeito que pensa como um Sarraceno[389]. Para Ostrogorsky, isto estaria associado a uma influência semítica (tanto judaica como muçulmana) sobre o pensamento do então jovem imperador, e como tal identificada pelos seus opositores[390].

[389] *Cf.* A.M. 6218.

[390] "The hostile attitude of Leo III was attributed by his opponents to Jewish and Muslim influences. It is true that Leo III persecuted the Jews and forced baptism upon them, but this does not exclude the possibility that he was influenced by the Mosaic teaching with its strict repudiation of image-whorship. In the same way, his struggle with Islam does not preclude a possible susceptibility to Muslim culture. The persecution of the Jews under Leo III, one of the relatively rare persecutions in Byzantine history, should be regarded rather as evidence of an increase Jewish influence at the time. From the seventh century a good deal of Byzantine theological polemic was concerned with Jewish attacks upon Christianiy. More significant still is the indication of Leo´s friendly attitude towards the Muslims revealed by his nickname of ´Saracen-minded´ (σαρακηνόφρων) which his contemporaries gave him. The Arabs, who for some years had ranged through Asia Minor, brought not only the sword, but also their their own civilization and their peculiarly Muslim abhorrence of any pictorial representation of the human countenance." OSTROGORSKY 1968 161. Note-se ainda que o cânone VIII do Concílio de 787 indica ser preferível que os Judeus preservassem a sua fé, em vez de se tornarem cristãos nominais, como as conversões forçadas de Leão III (e antes dele de Heráclio)

Porém, um certo consenso académico posterior a Ostrogorsky vai relativizar ou mesmo negar a influência islâmica e/ou judaica na formulação do pensamento iconoclasta romano[391]. As explicações para o fenómeno passam a ser procuradas dentro das complexidades e tradições inerentes à própria sociedade bizantina da época, a qual fez face a diversas transformações de acordo com os seus próprios fundamentos cristãos, romanos e helenísticos. A secção precedente procurou expor os desenvolvimentos que dão conta disso mesmo. Pelo menos do ponto de vista teológico, o iconoclasmo parece estar demasiado envolvido com os seus antecedentes heréticos, e demasiado colado aos debates cristológicos de épocas anteriores, para que possa ser explicado por um fator meramente exógeno.

E, no que concerne ao epíteto de σαρακηνόφρων, convirá notar que a associação de ideias tidas como erradas a uma proveniência exótica fazia parte do registo polemista da época. De facto, nesta contenda, a primeira acusação de influência islâmica chega-nos da parte do lado iconoclasta, nas Definições do Concílio de Hiéria. Aí, nos anátemas finais, um violento ataque é dirigido a São João Damasceno, classificado como σαρακηνόφρων, talvez por viver em terras ocupadas pelo Islão[392].

2.2) Cristão, judeus, muçulmanos e judeo-cristãos

Seja como for, uma autora mais recente, Patricia Crone, propõe a reabilitação da tese da influência islâmica, indicando que a religião em nome da

---

queriam fazer. Isto parece implicar que esses Judeus, convertidos à força, acabariam por introduzir conceções judaizantes no Cristianismo. Encontramos alguns paralelos desta crítica na Cronografia de Teófanes: *vide anno mundi* 6214. *Cf*. STARR 1933 503.

[391] Veja-se, *e.g.* as considerações em ANASTOS 1955 188: "At the very least, it would appear, Arab influence here has been greatly exaggerated." As considerações arqueológicas de GRABAR 1998 66-101 são importantes nesse sentido. Para um elenco de literatura, veja-se BROWN 1973 1-2. Posição semelhante em BRUBAKER et HALDON 2011 115 *et passim*.

[392] "Vós haveis dissolvido o espírito [φρόνημα] de Germano, de Jorge e de Mansur [i.d. de São João Damasceno], os de má-fé [κακοδόξων]. Anátema a Germano, o vacilante e cultuador de madeira! Anátema a Jorge, que pensa como ele, falsificador dos ensinamentos dos Padres! Anátema a Mansur, o de mau nome [κακωνύμῳ, i.d. por ser um nome árabe] e que pensa como os Sarracenos [σαῤῥακηνόφρονι]! Anátema a Mansur, adorador de imagens [εἰκονολάτρῃ] e escritor de coisas falsas! Anátema a Mansur, que insulta Cristo e insidia o Reino! Anátema a Mansur, professor da impiedade e intérprete errado da Divina Escritura! A Trindade depôs estes três." *Sancta Synodus Nicaena Secunda* b 355. Tal como é salientado por ANASTOS 1955 188, a violência do anátema sobre São João Damasceno dá conta do peso e importância dos seus ensinamentos já durante esta fase precoce da querela.

qual tantos territórios bizantinos haviam sido ocupados tornara epidémico aquilo que antes havia sido endémico[393]. A ameaça islâmica terá sido a primeira grande ameaça para os romanos orientais, tanto do ponto de vista militar como religioso e cultural: isto terá levado, segundo a autora, a uma quebra no processo de Helenização do Cristianismo, rumo a um de judaização, no sentido em que o Islão teria trazido para a questão doutrinária a eminência de um monoteísmo sem as nuances da Trindade.

A proibição islâmica de veneração de imagens, muito semelhante à sua homóloga mosaica, teria sido o motor desta transferência[394]. Ela, associada aos ataques que, no mundo islâmico, eram infligidos às cruzes cristãs (mormente as que estavam associadas ao édito de Iázide II, uma questão que em breve analisaremos), terá deixado as suas marcas no teor "semita" da Écloga de Leão III, com o seu relativo afastamento do direito justiniano e uma imitação de costumes orientais[395]. Consequentemente, o objetivo do iconoclasmo bizantino seria o de transformar o império romano num califado cristão, onde o imperador seria também o sumo-sacerdote[396].

Quaisquer que sejam as implicações desta premissa, que abordaremos, importa de momento salientar qual o veículo concreto pelo qual, segundo Crone, o iconoclasmo se propagou pelas terras romanas. Este foi, para ela, um grupo de minorias religiosas judaico-cristãs que teriam sobrevivido em diversas partes do oriente, mormente na Frígia e na Síria. A chegada do Islão terá impelido estas

[393] CRONE 1980 59: "But it is considerably simpler to assume that it was the role of Islam to make epidemic what had hitherto been merely endemic – particularly as the search for alternative causes has only led to an alarming accumulation of unsatisfactory theories."
[394] *Ibidem* 60-67.
[395] A autora propõe também uma influência islâmica para o surgimento do Adopcionismo em Espanha, que por sua vez se relacionaria com um iconoclasmo ocidental: *ibidem* 70. Para a Écloga de Leão III: *ibidem* 71-73, mas também OSTROGORSKY 1968 159.
[396] São significativas estas palavras da autora: "But note that in the domain of political authority the Iconoclasts opted, not for a Solomonic restoration in the style of the contemporary Franks, but for a Byzantine caliphate: Leo III´s assertion that he was both high-priest and emperor, Leo V´s order that the bishops must regard him as the highest ecclesiastical authority, Leo III´s and Constantine V´s appeal to the laity over the heads of the clergy, and Constantine V´s uncanonical election of a Patriarch all recall the Islamic imanate, not the Jewish monarchy" CRONE 1980 72, n.66.

correntes para o primeiro plano de uma guerra que era tanto religiosa quanto genericamente cultural[397].

Crone procura corroborar a sua tese fazendo uso de vários relatos, existentes no mundo árabe, segundo os quais o Cristianismo, tal como era praticado pelos Ortodoxos, Nestorianos e Melquitas, seria uma corrupção do ensinamento originário de Jesus. Destes relatos, o mais completo que chegou até nós foi escrito pela pena de ´Abd al-Jabbar, que escreveu pelos finais do século X. O autor árabe, na sua obra *Tathbit*, narra como alguns dos primeiros discípulos cristãos, na sua contenda com os Judeus, terão pedido proteção aos Romanos, começando a ceder a alguns costumes pagãos. Mais, São Paulo e Constantino terão consumado o que é representado como um desvirtuamento da mensagem inicial[398]. Para al-Jabbar, assim, não foram os Romanos que foram cristianizados, mas sim os Cristãos que foram romanizados[399].

Ora, para Crone, a fonte para este relato é judaico-cristã, um descendente póstumo das contendas registadas nos *Atos dos Apóstolos*, em torno da aplicação das leis mosaicas aos novos convertidos (Act. 15). Assenta, para isso, na tese de Shlomo Pines, que identifica a narrativa de al-Jabbar com a de uma comunidade judaico-cristã que remonta ao século IV-V[400]. Ainda que Crone não aceite uma origem tão remota[401], considera que as críticas a este modelo apresentadas por Stern são rebuscadas. Este último autor, mesmo admitindo que o relato possa ter

[397] "On the Arab side there is a tenth century attestation of Christians, apparently in the Jazira, who rejected the divinity of Jesus, accepting him only as a good man and more specifically as a good Jew – a point which distinguishes them from the many other Christians in Iraq, Egypt, Armenia and Spain who, on exposure to the Muslims, denied that Jesus was other than a man or at the most a spiritual or adopted son of God. Conversely, there were also Jews, primarily Karaites, who accepted Jesus as a good and learned man of their own. And there is other evidence of Jewish-Christian contamination." *Ibidem* 74-75.

[398] A tradução para inglês das partes mais relevantes, assim como o seu comentário, está presente em STERN 1968. Este curioso texto, não obstante as suas imprecisões históricas e manifestas cedências ao ponto de vista islâmico (dentro do qual e para o qual, de resto, foi composto), apresenta uma curiosa passagem relativa ao iconoclasmo cristão. Assim diz o parágrafo trinta e quatro do relato: "On top of their star worship the Romans used to venerate statues in their temples. This custom survived among them even after they agreed to venerate the cross and followed this custom; they depicted the Messiah, his mother, and his disciples instead of these statues. They abandoned them gradually in the course of many years." *apud* STERN 1968 147. Assim se regista, em finais do século X (mesmo após o Triunfo da Ortodoxia) uma Cristandade que se debatia em torno do culto dos ícones.

[399] Para outras fontes com o mesmo teor: *cf*. CRONE 1980 75-76.

[400] PINES 1968. Para o autor, o texto que ´Abd al-Jabbar terá utilizado, para a passagem em apreço, seria de origem síria. Propõe ainda que ´Abd al-Jabbar se tenha baseado numa única obra judaico-cristã.

[401] *Ibidem*.

origem num relato judaico-cristão, afirma que tal possibilidade não é verosímil, remetendo as fontes de al-Jabbar para textos de origem judaica e pagã (oriundas da cidade de Carras – actual Harram). A perspetiva que o islamismo tem de Jesus Cristo, por seu turno, enformaria o teor da narrativa, ao serviço de uma apologética islâmica[402].

Patricia Crone vem reabilitar as linhas gerais da argumentação de Pines e sustentar que houve uma ambiência judaico-cristã que terá sido o veículo entre o monoteísmo islâmico e o cristão, um veículo que, em última análise se cristalizou na questão do culto das imagens. Para firmar a sua tese, a autora remete para um grupo religioso concreto, os Atínganos, como elemento catalisador. Este grupo religioso, sobre o qual pouco se sabe – ao ponto de chegar mesmo a ser identificado com uma etnia, a dos ciganos – parece estar simultaneamente associado ao judaísmo e a certas práticas mágicas pagãs[403]. O grupo, então, saído de uma mescla de comunidades perseguidas por Constantinopla – os judaico-cristãos e os pagãos de Carras – explicaria as idiossincrasias de uma figura em particular: Beser[404].

Esta curiosa personagem – cujo nome original terá sido Bisr – é apresentada por Teófanes, o Confessor, como sendo a causa primeira da introdução do iconoclasmo no seio do império bizantino. Citemos o nosso autor mais longamente:

> "Neste ano, um certo Judeu, oriundo de Laodiceia, na Fenícia Marítima, um feiticeiro, foi ter com Iázide e anunciou-lhe que tomaria o controlo

[402] STERN 1968 177-183 *et passim*. A obra judaica em que o relato de al-Jabbar se basearia seria o *Toledoth Yeshu*; por outro lado, certos dados como a lenda segundo a qual Constantino teria contraído lepra, que Helena sua mãe seria natural de Carras e certas prescrições religiosas parecem apontar para uma certa mundividência pagã que veria o Cristianismo e a sua ascensão com maus olhos.

[403] Para uma aborgadem do pouco que se sabe em torno deste grupo, *cf*. STARR 1936. Teófanes o Confessor é a primeira fonte que nos fala deles, associando-os aos Paulicianos – relação que sempre os acompanhará a partir daí (aparecem nos *anni mundi* 6303 e 6304). Como Starr salienta, a principal questão prende-se com o facto de termos acesso a descrições das práticas deste grupo, mas não das suas doutrinas (*ibidem* 97). Existe ainda o mito segundo o qual o imperador Miguel I teria sido *Athinganos* (*ib.* 95-96). O autor, porém, relativiza a influência judaica sobre este grupo (*ib.* 104-105). Para AUZÉPY 2007 32 os *Athinganoi* (*i.e.*, "os intocáveis") eram sucessores dos Montanistas, convertidos à força por Leão III.

[404] CRONE 1980 76-80. A autora remete também para a aversão que os Atínganos tinham pelo conceito da ressurreição.

sobre o poder dos Árabes durante quarenta anos, se destruísse as cultuadas e augustas imagens [τιμωμένας σεπτὰς εἰκόνας] que estavam nas igrejas dos Cristãos, em todo o seu domínio. O estúpido Iázide acreditou nele e sancionou uma lei universal [δόγμα καθολικὸν] contra as santas imagens. Mas, por graça do Nosso Senhor Jesus Cristo, e por obra da intercessão da não corrupta mãe Dele e de todos os santos, Iázide morreu nesse mesmo ano, sendo que a lei satânica dele [τοῦ σατανικοῦ αὐτοῦ δόγματος] não chegou à maioria das pessoas.

Porém, o imperador Leão, ao partilhar desta aguda e ímpia fé errada [κακοδοξίας], transformou-se para nós na causa de muitos males. Ele encontrou um certo sujeito de nome Beser como correligionário desta falta de uma educação [τῆς ἀπαιδευσίας], que fora cristão e cativo na Síria e que havia apostasiado da fé em Cristo e sido embutido com os dogmas dos Árabes. Fora libertado da servidão deles havia pouco tempo, tendo chegado ao país dos Romanos. Em virtude da força do corpo e da comunhão da fé errada [κακοδοξίας], foi honrado pelo mesmo Leão. Este tornou-se o camarada do grande mal do outro. Também conspirava com ele, de forma má, o bispo de Nacólia, que fervia completamente em toda a impuridade e era alimentado pela falta de uma educação." A.M. 6215

Uma história semelhante está presente nas Atas do Segundo Concílio de Niceia, no testemunho que o presbítero João, representante dos bispos da Anatólia, faz acerca das origens do iconoclasmo[405]. Aí se narra como um certo Judeu, cognominado de "o de quarenta cúbitos" (Τεσσαρακοντάπηχυς), sendo mago, terá instigado Iázide II a perseguir as imagens nos seus domínios em troca de um reinado longo. De acordo com fontes árabes, a alcunha ter-lhe-á chegado

[405] *Vide Sancta Synodus Nicaena Secunda* b 197-200. Para a tradução inglesa das partes principais deste relato: *cf*. VASILIEV 1956 28-30.

por alegadamente ter profetizado que Iázide governaria quarenta anos, em vez de quarenta semanas: além disso, este judeu seria o pai de Beser[406].

Por outro lado, e ao contrário do que contam Teófanes e o presbítero João, uma crónica muito posterior do patriarca Miguel o Siro narra que o Judeu "Quarenta Cúbitos" não teria sido morto pelo descendente de Iázide, mas que teria fugido para junto dos cristãos, não sem ter também as suas relações e influências com os Judeus e os pagãos de Carras…[407] Fazendo então nossas as palavras de Crone: "If we put the various testimonia together, what they suggest is, first, that the man was historical and, second, that he was very hard to classify." (CRONE 1980 77)[408]. A autora pretende resolver o labirinto da sua identidade classificando-o como um Atíngano.

---

[406] *Cf*. CRONE 1980 77; mas também VASILIEV 1956 28, n. 12, para quem o Judeu e Beser seriam uma e a mesma pessoa. De resto, o Norte da Mesopotâmia, a Palestina e a Arménia terão sido os locais mais afetados pelo édito de Iázide II. Não há grande evidência para o Egito (*cf*. SAHNER 2017 23-24). Mas convém notar que os vestígios arqueológicos são inconsistentes: ora há destruição de imagens, ora reconstrução, o que remete para uma possível influência do Édito de Iázide, mas também para atitudes ambivalentes de cristãos em relação às imagens (*cf*. *ibidem* 38-42). Sobre isso, *vide* também BRUBAKER & HALDON 2011 114-115.

[407] Parte do problema brota de uma obra intitulada *Adversus Constantinum Caballinum*, erroneamente atribuída a S. João Damasceno, e que é um escrito polémico contra os imperadores iconoclastas, com tons anti-judaicos. O texto existe atualmente em duas versões, a longa (*Adversus Constantinum Caballinum* b) e a breve (*Adversus Constantinum Caballinum* a), sendo que a primeira é uma extensão e adaptação da segunda. O *Adversus Constantinum Caballinum* é a primeira narrativa que chega até nós em que se fala da influência de um Judeu sobre o pensamento e ação de Leão III. Aqui já se encontra o elemento básico de um feitiçeiro Hebreu que prediz que Leão III teria um grande reinado se destruísse as imagens sacras. GERO 1973 62-69 atribui a versão longa do *Adversus Constantinum Caballinum* ao presbítero João, estendendo a autoria ainda a uma expansão do *De haeresibus* de S. João Damasceno. Há ainda uma terceira narrativa, que mantém a ideia da influência judaica, no terceiro *Antirrheticus* do patriarca Nicéforo. Já AUZÉPY 2007 65-73, após uma análise da tradição manuscrita, considera que a versão curta do *Adversus Constantinum Caballinum* terá sido uma carta sinódica de João de Jerusalém, *syncellus* do patriarca de Antioquia, que compareceu no Concílio de Niceia II. Terá sido escrita em 730, sendo que depois poderá ter sido alterada, na sua atual versão breve, num mosteiro grego em Roma, durante as preparações do Concílio de Latrão de 769. A autora não descarta a hipótese, porém, de ter sido escrita pelo patriarca João de Jerusalém, sofrendo entretanto interpolações. Quanto à versão longa, a autora coloca a sua escrita algures entre 775, ano da morte de Constantino V, e 787, ano do Segundo Concílio de Niceia. A seguinte referência à estória é a de Teófanes Confessor, que introduz pela primeira vez a figura de Beser. A relação textual entre a fonte de Teófanes e a das narrativas anteriores é complexa. O encontro de Leão III com um judeu-feitiçeiro parece vir de uma fonte diferente daquela que fala de Iázide II. A versão final da estória/lenda aparece no *ad Theophilum* (*cf*. JOÃO DAMASCENO, *Epistola ad Theophilum imperatorem* 356-358), um texto do segundo período iconoclasta com muitos anacronismos. É aqui, enfim, que o Judeu que aconselha Iázide II foge para a Isaúria, onde se encontra com Leão III. Neste texto, o Quarenta-Cúbitos é dividido em duas outras figuras. As fontes orientais, por sua vez, são muito parcas na narração dos episódios, não estabelecendo nenhuma relação entre a Palestina de Iázide e a Síria de Leão III. Tudo isto leva GERO 1973 70-84 a afastar a hipótese de uma influência direta entre o édito de Iázide II e o iconoclasmo de Leão III.

[408] A historicidade desta personagem é corroborada por VASILIEV 1956 31. Já SAHNER 2017 11-12 relativiza os contornos desta narrativa, remetendo parte dela para o plano do lendário e fabuloso. O mesmo autor

Teria sido a partir daqui que o iconoclasmo se teria infiltrado nos mais altos níveis da hierarquia da Igreja, designadamente através de Constantino, bispo de Nacólia (tanto de acordo com Teófanes como com o presbítero João). É a este bispo que o então patriarca Germano se dirige, em reprovação, por ter começado a agir contra os ícones. Um outro bispo que terá iniciado a política iconómaca foi Tomás de Claudiópolis, que também terá recebido uma carta reprobatória por parte do patriarca[409]. Isto levou Ostrogorsky a formular a hipótese segundo a qual o começo da controvérsia se deveu a um círculo de bispos da região da Anátolia, que teriam visto as suas ideias promovidas e defendidas por Leão III[410]. A proveniência ajudaria a explicar, por seu turno, a geografia que a heresia tomou dentro do império bizantino (e que abordámos na primeira parte da presente tese), com as províncias ocidentais sendo pró-veneração de imagens e as províncias orientais sendo anti-veneração.

As zonas mais orientais do império romano estariam mais suscetíveis de serem influenciadas pelos movimentos de um judeo-cristianismo – de acordo com a tese de Crone – que por sua vez estavam a ser impulsionados pela presença militar e cultural do Islão. Quer se pretenda afastar esta tese por assentar em

---

(*ibidem* 24-25) fala de uma associação global dos Judeus, na retórica cristã, aos esforços anti-cristãos dos muçulmanos. O caso do "Quarenta Cúbitos" circunscrever-se-ia a este *topos*. STARR 1933, por sua vez, defende que as diferentes lendas em torno do "Quarenta Cúbitos" têm uma só origem, na pessoa de Beser. O relato de Teófanes seria, assim, historicamente mais verosímil. O facto de se falar na existência de um Judeu nas outras narrativas seria explicado pela associação dos inimigos da Cristandade ao Judaísmo.

[409] Ambas as cartas estão preservadas nas Atas do II Concílio de Niceia: in *Sancta Synodus Nicaena Secunda* b 105-128. Existem, porém, algumas dúvidas quanto à sua plena autenticidade, pois poderão ter sofrido interpolações na forma como estão aí registadas. Para uma análise das cartas e destes problemas textuais *cf*. BRUBAKER et HALDON 2011 89-105. Seja como for, o teor dos textos leva Ladner a inclinar-se para uma influência semita: "The patriarch Germanus does not expressly state in this letter that Thomas of Claudiopolis´ iconoclasm was stimulated by the Jewish and Islamic example, but the fact that he mentions that factor in so close a connection with Thomas´ heretical views and actions, makes it nevertheless probable that such was his opinion." LADNER 1940 129. O autor acrescenta ainda um terceiro bispo a este círculo: Teodósio de Éfeso. Para problemas em torno da proveniência destas personagens: *ibidem*, n. 15-16. Por sua vez, CRESWELL 1946 164-165 afasta a influência islâmica, mas aceita a influência judaica na formação do iconoclasmo cristão. Por fim, GERO 1973 85-93 compara as três cartas e *De synodis et haeresibus*, do mesmo patriarca Germano, para defender que havia bispos iconoclastas na Ásia Menor, sendo Tomás de Claudiópolis a sua figura mais proeminente. O mesmo autor acha, porém, que os escritos de Germano – os únicos testemunhos dessa atividade – são exagerados. A necessidade de passar as culpas para os bispos da Anatólia teria surgido de necessidades políticas, designadamente a de afastar a origem da heresia da dinastia reinante.

[410] *Apud ibidem* 103. Os autores, no entanto, rejeitam a tese de Ostrogorsky.

especulações[411], quer seja aceite como tal, ela põe em evidência um facto não despiciendo: que, de todas as heresias que afetam/afetaram o Cristianismo, o iconoclasmo surgiu somente após a ascensão islâmica, e justamente quando a nova religião colocava diversos desafios à própria subsistência do império.

2.3) Influência interna ou externa?

Ainda que seja difícil encontrar um fio condutor entre o Islão e o iconoclasmo bizantino, sobretudo se se considerar as subtilezas dogmáticas e especulativas que vão enformar a discussão, será talvez excessivamente perentório remeter a querela das imagens tão-somente para um problema orgânico ao Cristianismo[412].

Um exemplo desta ambiguidade poderá encontrar-se em São João Damasceno: nas suas célebres orações a favor do culto das imagens, o autor não faz nenhuma identificação explícita ao Judaísmo ou Islamismo como fonte do iconoclasmo imperial[413]; mas, por outro lado, na sua obra *De haeresibus* é o mesmo S. João Damasceno que classifica os muçulmanos não como pertencentes a uma outra religião, mas sim como hereges[414]. Por outras palavras, ainda que os membros da religião nascente fossem vistos como hereges e, portanto, afastados do núcleo da Ortodoxia enquanto tal, eles não estariam por completo fora do que poderíamos classificar como o domínio do pensamento e das suas influências.

[411] Para uma crítica a esta tese: *cf*. GRIFFITH 1985 72-73. Aí se diz que Crone "had sketched an account of the socio-historical growth of Christianity, based on a highly idiosyncratic analysis of almost Hegelian proportions, according to which the history of Jews, Christians, and Muslims is seen to have progressed in a neat two-step waltz, based on a challenge/response model of sociological theorizing." Sidney H. Griffith alude também, na sua resposta, ao relato de ´Al-Jabbar: os elementos de um alegado judeo-cristianismo, para ele, dever-se-ão mais à pena de um muçulmano que pretenderia escrever uma história do Cristianismo que se opusesse a uma apologia muçulmana de Cristo, tal como STERN 1968 faz na sua crítica a PINES 1968. Críticas semelhantes em GRIFFITH 1988: a relação cripto-cristã deverá ser entendida no contexto literário polemicista cristão.

[412] Atente-se, a esse nível, nas conclusões de André Grabar: GRABAR 1998 153-154. O autor admite que a influência do Islão terá sido provável, ainda que não do tipo causa-efeito.

[413] CRESWELL 1946 162. Isto também remete, como veremos em breve, para a questão da formação gradual do iconoclasmo islâmico.

[414] Para a perceção bizantina do islamismo primitivo, e em especial na perspetiva de São João Damasceno: MEYENDORFF 1964.

Tal como uma heresia captura um dado elemento da Fé e o afasta do conjunto holístico em que dantes se encontrava, assim o islamismo poderá ter funcionado – mormente sob os fortes condicionalismos político-militares de então – como uma força centrífuga para determinados elementos do culto. Que a força centrípeta exercita pela Igreja para contrair esse movimento se deva aos seus métodos internos de debate não contradiz que forças externas tenham puxado a roda num determinado sentido. As tentações para um desvio judaizante, de resto, sempre acompanharam a história da Igreja.

Tiramos com isto duas conclusões: por um lado, que o Islamismo e a sua eventual influência na formulação do iconoclasmo terá exercido essa mesma influência de uma forma circunstancial. Isto é: mesmo se se considerar que influenciou o Cristianismo de uma forma concreta ("apanhando-o", por assim dizer, numa zona mais vulnerável do espetro: a da tendência semita), só o fez na medida em que o mesmo Cristianismo já estava vulnerável ou inclinado para tal. Os problemas e contendas no seio da Igreja faziam-na, de certa forma, suscetível a esta provação.

Por outro lado, concluímos que as duas posições – a da influência maometana e a das tensões internas da Igreja – não são, na realidade, incompatíveis. Em boa verdade, cremos que é possível que exitam dois sistemas que operem em simultâneo[415]. As circunstâncias históricas e epocais, culturais e civilizacionais, que afetavam o império bizantino nos séculos VIII e IX – em particular, para o tópico em análise, a sua vivência religiosa – vão operar em conjunto com a Igreja, afetando-a na forma com que estava mais suscetível de ser contactada. Mas a Igreja, bem entendido, não vai "responder" às ditas circunstâncias históricas como se fora um mero reagente no quadro geral do progresso histórico. A reação será antes uma afirmação de si própria num ambiente novo, ainda que muitas vezes hostil.

Nesse sentido, o fio condutor que encontrámos entre as polémicas origenistas, monofisitas, nestorianas e, por fim, iconoclastas, não exclui que, ao

[415] Assim GRUNEBAUM 1962 5-10 prefere falar de influências inter-civilizacionais, assentes num fundo monoteísta comum.

longo de todos os séculos do seu desenvolvimento histórico, essas mesmas polémicas terão ocorrido concomitantemente às alterações e mutações culturais, mentais, institucionais e materiais. No caso do iconoclasmo poderemos até dizer que se deram alterações bruscas e intensas ao que havia sido a preservação de uma mentalidade e instituição tardo-antigas. Mas isto está longe de significar uma cedência aos condicionalismos históricos. Antes pelo contrário, a Igreja opera através deles, em última análise através de um testemunho (*martyrion*).

Há, deste modo, uma tensão histórica que opera em três pontos: o mundo exterior (o século), a heresia e a Igreja. À medida que o século se transforma, o mundo deseja transportar a Igreja para a sua transformação. Fá-lo mediante certos elementos que, aparentemente, são comuns ao século e à Igreja, e que são extremados e exacerbados – isto é, esses elementos são as heresias, deturpações contumazes da fé que arrastam a Igreja para as mutações temporais. A resposta dela, então, fará com que se afirme uma vez mais perante as novas condições, mas de acordo com uma linha que está em comum com a sua linha pastoral, exercida desde o dia de Pentecostes.

Através desta primeira análise das relações culturais entre o mundo romano oriental e a civilização islâmica, poderemos apontar para uma possível influência do pensamento semita, que terá enformado a primeira fase da querela. Ela coincidirá com a simples associação, feita por Leão III, do ícone a um ídolo. Ainda que seja difícil determinar como esta influência se tenha dado ao certo – se por influência islâmica, se por influência judaica ou se por influência judaico-cristã – poderemos afirmar, com uma certa probabilidade, que ela existiu, assente numa ambiência cultural que tende a negar a natureza divina de Cristo.

Mas, se isto é dito em torno de um possível vínculo entre estas doutrinas orientais e a doutrina iconoclasta bizantina *stricto sensu*, convirá também analisar o mesmo problema a um nível macroscópico. Pois uma análise sociológica da cultura islâmica, que passou também por mutações e desenvolvimentos particulares nos séculos em questão, poderá dar algumas luzes acerca das suas relações com o mundo cristão. Com isso abordaremos o iconoclasmo muçulmano, uma questão cuja formulação levanta os seus próprios problemas. A ele nos

dedicaremos agora, porquanto nos permitirá traçar um quadro comparativo para com as relações entre Estado e Igreja no Império Bizantino. A questão das imagens no Islão permitir-nos-á vislumbrar a forma como o Califa se pretendia apresentar como figura tutelar da sua religião.

2.4) O iconoclasmo islâmico e a dinastia omíada

Ao contrário do que uma certa perceção genérica poderá supor, os primeiros anos da fé islâmica não o foram explicitamente iconoclastas (conquanto se distinga entre aniconismo e iconomaquia). No Corão não há nenhuma referência direta ao que poderíamos classificar como iconoclasmo muçulmano[416]. Uma célebre censura aos iconógrafos, por seu turno, encontrar-se-á no dito tradicional (*hadith*) atribuído a Maomé:

> "Allah's Apostle said, "The painters (i.e. owners) of these pictures will be punished on the Day of Resurrection. It will be said to them, 'Put life in what you have created (i.e. painted).'" The Prophet added, "The angels do not enter a house where there are pictures." BUKHARI, *The Hadith* 658 [417]

Encontramos aqui uma censura clara aos pintores de imagens por estes incutirem o sopro vital (em árabe *ruh*) nos objetos que criam ou moldam, assumindo para si uma posição semelhante à do Criador. Isto parece semelhante à correlação que os iconoclastas bizantinos não raras vezes faziam entre matéria representada e ser representado, supondo que a οὐσία do ícone se confundiria com a pessoa a que remeteria (um traço, como vimos, que poderá remeter para

[416] CRESWELL 1946 159-166. Posição corroborada por SAHNER 2017 47-49. Veja-se ainda GRABAR 1959 56, n. 122.

[417] O nosso desconhecimento da língua árabe impede-nos de consultar o texto original, pelo que apelamos à benevolência do leitor ao remetermos para uma tradução inglesa. A proibição do uso de imagens, por outro lado, é bastante frequente entre os *hadiths*, sendo que a sua datação levanta problemas: *cf.* REENEN 1990.

influências monofisitas). Nesta aceção, o iconógrafo é criticado por se comportar como um demiurgo, com um estatuto ontológico equiparável ao de um mágico[418].

A fixação deste dito deverá datar dos finais do século VIII, sendo que é a partir daí que se poderá falar de uma proliferação iconoclasta islâmica[419]. Na origem, ainda que os muçulmanos não se inclinassem para o culto de imagens santas, não parece ter havido um claro antagonismo em relação às mesmas[420]. O problema do surgimento do iconoclasmo muçulmano, assim, merece um tratamento próprio.

De onde surgiu? A explicação da questão leva-nos a uma outra: a da islamização do espaço público, levada a cabo pelo califado omíada e finalizado pelo seu sucessor, o califado abássida[421]. Pois a rápida proliferação das armas islâmicas levou ao alastramento da nova religião por regiões com culturas heterogéneas e exógenas face aos primitivos constituintes árabes. As necessidades de adaptação a novos elementos culturais, linguísticos, administrativos e civilizacionais, tanto persas como cristãos (para nos referirmos à parte mais ocidental das conquistas muçulmanas) depressa afetaram a política pública dos novos senhores de parte considerável do globo.

Ora, a grande maioria da população conquistada em territórios bizantinos era cristã e, sobretudo nos primeiros tempos, via a ocupação islâmica como uma força estrangeira que eventualmente seria expulsa. Por seu turno, muitas das instituições e tradições islâmicas estavam ainda a ser sistematizadas e impostas. O

---

[418] Para crenças mágicas em torno do fazedor de imagens na sociedade islâmica, *cf*. CRESWELL 165. Para o conceito da criação da imagem enquanto prerrogativa divina, *cf*. WORTLEY 2003 164, que remete para o uso da palavra nos primeiros versículos do Livro do Génesis: "Clearly when it is used in this way the word icon refers to a unique act of creation and the exclusive prerogative of the Deity: the projection of the Divine likeness into creation. In this sense only God can make an icon, and that once only." Coisa que alude, por sua vez, para a necessidade de se considerar a Igreja como a verdadeira autora do ícone, e não o iconógrafo.

[419] Para o problema em torno do surgimento e aplicação deste *hadith*, *cf*. SAHNER 2017 51-53. Esta e outras tradições semelhantes poderão remontar até finais do século VII ou ao século VIII, pelos tempos de lázide II e seu édito iconoclasta. O autor relata também outros *hadith* de teor iconofóbico: num deles Maomé descreve como os ícones são típicos dos cristãos, que os fazem representar nas campas dos seus defuntos (sendo que estes serão, no seu entender, as piores pessoas no dia da Ressurreição).

[420] *Cf*. CRESWELL 1946 160-162. O autor relata inclusivamente um antiga história muçulmana segundo a qual Maomé, após ter entrado vitorioso em Meca, ordenou que os ícones que lá se encontravam fossem destruídos, mas que ele próprio impediu a destruição de uma imagem onde estava representada Maria com Jesus ao colo – quiçá com a tipologia icónica designada por Hodegétria.

[421] Como salientado, *e.g.* por SAHNER 2017 49-50.

próprio foco de poder dividia também os seguidores de Maomé entre dois grupos, aqueles que haveriam de ser os xiitas e os sunitas.

De facto, cerca de trinta anos após a morte de Maomé iniciar-se-á a primeira guerra civil árabe (*fitna*), que vai opor aqueles que acreditam que o poder sobre a comunidade muçulmana deriva dos companheiros do fundador da religião (sunitas), àqueles que procuram derivar o poder dos familiares do próprio Maomé – mormente de Ali, genro daquele (xiitas). Esta guerra, iniciada em 656, só vai terminar em 661, aquando do assassínio de Ali e da entronização do primeiro califa omíada, Moáuia I.

Com o califado omíada vai assistir-se a um aprofundamento da posição do califa enquanto centro temporal do poder islâmico. Com a sua nova capital sediada em Damasco, os novos líderes muçulmanos vão constituir uma dinastia com traços monárquicos. Para a construção destes mesmos traços não raras vezes podemos encontrar influências persas e bizantinas[422], mas o que por agora importa atentar é que, dentro do islamismo, isto implicou a afirmação do califa enquanto líder espiritual e religioso da comunidade de crentes (*ummah*). Isto não obstante a polissemia que o étimo árabe *khulaf* contém[423].

A esse nível, é também curioso notar a forma como as fontes bizantinas expressam em grego a palavra para «califa». O presbítero João, nas Atas do Segundo Concílio de Niceia, refere-se a ele como Σύμβολος (*apud* CRESWELL 164), remetendo quiçá para a sua função de agregador da comunidade islâmica. Já em Teófanes Confessor encontramos a expressão πρωτοσύμβουλος[424] que parece remeter para algo como "o primeiro dos congregadores" ou "o primeiro dos representantes da comunidade de fiéis". Porém, noutras passagens Teófanes

[422] GRABAR 1998 85-87; GRABAR 1959 56-60; estes homónimos autores referem-se às dimensões arquitetónicas da Cúpula da Rocha, em Jerusalém. Para uma abordagem mais lata: *cf*. GIBB 1958 224-225 *et passim*. Haverá até registos de que os califas pediriam ajuda material e humana aos cristãos para a construção de edifícios. Também as trocas comerciais funcionariam como um natural ponto de contacto entre as duas civilizações. Para provas da existência das mesmas: *ibidem* 230-231.

[423] Para uma abordagem dessa etimologia, *cf*. AL-QADI 1988. Segundo o autor, os primeiros exegetas corânicos não se dedicaram a especificar o seu significado, sendo que comentadores posteriores, do século VIII e IX, optaram pelo sentido de "sucessor e substituto (de Deus)" (*ibidem* 406-407). Deste modo, a especificação segundo o qual o califa é o sucessor da autoridade profética do Islão é datável aos eventos que culminaram com a vitória omíada durante a primeira *fitna*.

[424] *e.g.* para os *anni mundi* 6170 e 6190.

recorre ao verbo ἀμερεύω, que poderá significar algo nas linhas de "ser/exercer as funções de emir"[425]. Não se trata, bem entendido, de uma palavra arcaizante, isto é, que remete para o léxico clássico (como é costume noutros autores bizantinos). Ela remete para o árabe *amīr*, a designar um príncipe ou aristocrata.

Por outras palavras, com a ascensão omíada temos não só a fixação do califa como centro temporal do Islão, como ainda uma perceção, por parte dos cristãos do império, de que o seu líder tanto poderia ser referido usando um vocabulário mais secular (emir), ora com uma expressão que remete para o califa como o congregador e unificador religioso. Parece que estamos a assistir à formação do mesmo cesaro-papismo islâmico que muitas vezes é aplicado à própria sociedade bizantina (um problema que em breve também abordaremos).

E, na afirmação de um poder secular, o califa deparava-se, nos territórios conquistados, com modelos que poderia imitar e adaptar à sua própria conceção de ordem, mas que também podiam ser percecionados como obstáculos e rivais. O império cristão, com a sua resistência tenaz, funcionaria, ao mesmo tempo, como fonte de atração e repulsa para a aristocracia recentemente estabelecida em Damasco[426]. Os desenvolvimentos da sociedade omíada, então, vão debruçar-se em torno da apropriação dos elementos burocráticos e administrativos herdados dos romanos[427].

Mais uma vez, aqui, esta apropriação é ambivalente: por um lado, os quadros da administração e a arte de administrar recorriam às populações cristãs

[425] Esta designação ocorre em A.M. 6216, aplicando-se justamente a Iázide II e a seu sucessor. Note-se que, após a morte de Maomé, os seguidores da nova religião eram liderados por um *amīr al-muʾminīn*, (o nosso "Miramolim) ou comandante dos fiéis, uma designação que parece ter um cunho eminentemente escatológico, para a implementação na terra do Reino de Deus (*cf*. SHOEMAKER 2014 529-530). DAGRON 51-52 fala ainda da dualidade entre poder hereditário (*malik*) e poder sacro (*khalifa*) no Islão (mas com o objetivo de atestar essa mesma dualidade em Constantinopla). Com as dinastias omíada e abássida ter-se-á dado uma fusão entre os conceitos de *malik* e de *khalifa*.

[426] A corte omíada, não obstante, vai preservar uma certa itinerância: SAHNER 2017 36-37.

[427] Tal como explicitado por GIBB 1958 223: "The public policy of the Umayyads, then, remains the same as that of their predecessors. Byzantium is the enemy, and that is all there is to it. In reality, however, the Umayyad relations with Byzantium were by no means confined to simple national or religious hostility, but were governed by more ambivalent attitudes of both attraction and opposition."

dos territórios conquistados; por outro, era necessário submeter essa mesma administração a um quadro cultural de ascendência islâmica[428].

Um dos acontecimentos mais notórios nesta tensão entre os dois impérios será o da emissão de moeda pelo quinto califa omíada, Abd Al Malique ('Abd al-Malik). Para indignação de Justiniano II, este califa vai outorgar-se o direito de cunhar moeda em ouro – feito inaudito para as populações ditas bárbaras que se apropriavam das províncias romanas, mas sobre as quais Constantinopla exercia uma clara influência diplomática e, ocasionalmente, de suserania. Estamos perante um centro de poder que se quer afirmar também como fonte de autoridade (coisa ligada, como é natural, à dimensão religiosa).

E é na numismática que a questão das imagens surge de uma forma algo inusitada, muito antes de Leão III e do seu famoso édito. É que não só Justiniano II, pela primeira vez na história do império, vai emitir moedas com a representação antropomórfica de Cristo, como ainda Al Malique vai-se representar a si próprio na cunhagem islâmica. Como sustenta André Grabar, esta primeira emissão de moedas em solo árabe funciona como um compromisso entre as tradições persas e bizantinas[429]. Mais tarde, sob o mesmo califa, emitir-se-á a primeira moeda "completamente" árabe, o *dirhem*, onde não haverá imagens, mas sim profissões de fé.

Quanto à representação de Cristo nas moedas emitidas por Justiniano II – que vem substituir a tradicional representação da Cruz – podemos notar aqui uma influência do Concílio Quinissexto e da sua insistência na representação de Cristo em forma humana, e não tanto através de símbolos (*videte* supra 1.3). Mas também, como o mesmo André Grabar nota, ocorre, nesta cunhagem, uma mutação particular: se no verso da moeda Cristo é definido como *Rex Regnantium* («Rei dos

[428] De notar que a tradição jurídica islâmica estava ainda em desenvolvimento, pelo que era necessário fazer uso das tradições disponíveis. Além disso, deve-se ter sempre em conta que o grosso da população, nos primeiros anos após as conquistas, continuava a ser cristão. Os próprios imperadores em Constantinopla considerariam os árabes como invasores bárbaros que se teriam apropriado provisoriamente de parte do território romano (*cf*. GIBB 1958 231-232).

[429] GRABAR 1988 88-92. O autor remete para moedas que representavam, no verso, o busto tradicional do Xá da Pérsia e, no reverso, Al Malique. Num outro tipo de moedas, temos de novo o verso tradicional persa seguido do reverso com uma lança e inscrições onde se leem "líder dos crentes" e "califa de Alá". Assim se começava a ensaiar uma autonomização institucional de caráter islâmico.

que Reinam»), já o busto do imperador, no reverso, é referido com o título – novo – de *servus Christi* («servo de Cristo»).[430]

Temos, lado a lado e ao serviço de uma retórica diplomática, duas perspetivas: de uma parte, a representação icónica do Filho de Deus seguido do seu servidor (o imperador humano); de outra, o califa/representante de Alá que se expressa de uma forma (tendencialmente) anicónica. Parecem desde já sobressair não só duas conceções religiosas como também duas conceções *políticas*. Há um confronto entre uma religião encarnada, icónica, e uma religião anicónica; temos um líder temporal que se afirma como escravo *versus* um outro líder temporal que se afirma como descendente de Maomé e mesmo como representante da nova fé. Tudo isto, algo sintomaticamente, antes do surgimento do iconoclasmo bizantino.

É esta *visibilidade* dos sinais cristãos que vai influenciar a forma como o iconoclasmo islâmico se vai desenvolver. Este orienta-se, portanto, não só na afirmação do Islão como verdadeira fé, mas também na tentativa política de se criar um substituto e descendente físico para o império cristão[431]. Coisa que implica, por consequência, que o iconoclasmo muçulmano não é, em boa verdade, ingénito às tradições islâmicas *stricto sensu*. Ele surge mais como reação às restantes "religiões do Livro" e a outros fatores de ordem social e política do que propriamente de uma contenda interna ao islamismo *per se*[432]. Coisa diametralmente oposta ocorre no lado cristão, que precisou de recorrer a um

[430] *Cf*. GRABAR 1988 92-94.

[431] GIBB 1958 232 "The Umayyad Caliphate, however, in its attitude to the Empire, was much more than a provincial succession-state. The two facets of its policy, the military assault and the administrative adaptation, point clearly to the real ambition of the first century Caliphs, which was nothing less than to establish their own imperial dynasty at Constantinople. Seen in this light, their administrative imitations and adaptations take on a different character; they are not merely the tribute paid by raw and parvenu princes to the achievements of their predecessors, but an almost deliberate effort to learn the ropes and fit themselves to assume the imperial destiny."

[432] Para o islamismo, bem entendido, a aversão ou simples negligência para com as imagens é um dado adquirido, pelo que as tradições anti-icónicas dos *hadith* não são constantes nem sistemáticas. Podemos fazer assim nossas as palavras de Christian Sahner, escritas a propóstio do édito de Iázide II: "When it comes to understanding the iconoclastic edict (as well as the corpus of traditions connected to the *Bilderverbot*), it is essential to differentiate between two distinct phenomena: iconophobia and iconoclasm. The early Muslims were iconophobic – in the sense that they largely avoided the representation of living beings in art – and many eighth-century traditions express this disapproval or aversion very clearly. At the same time, early Muslims were not often iconoclastic – in the sense that they rarely destroyed images of living beings in their own art or in the art of others. Aside from the edict of Yazīd and the early attacks against crosses and icons mentioned above, it is hard to identify many certifiable episodes of iconoclasm at this early date." SAHNER 2017 51-52.

Concílio Ecuménico e a todo um desenvolvimento da linguagem teológica para albergar o fenómeno.

De qualquer forma, é possível traçar, nos seus contornos mais gerais, uma evolução da antipatia para com os sinais cristãos. Um dos primeiros marcos desta atitude corresponde a um dos projetos monumentais maometanos de maior envergadura: a construção da Cúpula da Rocha em Jerusalém. Edificada por volta do ano 691, pelo califa Al-Malique, ela não prescindiu, no seu interior, de diversos elementos arquitetónicos e decorativos herdados das tradições persas e (sobretudo) cristãs. Em particular, a sua estrutura parece associar-se aos *martyria* cristãos, comemorando um feito associado à vida de Abraão[433].

A cúpula, com todo o seu esplendor, servia ao mesmo tempo como uma marca de poder sobre os conquistados e como uma forma de consolidar as infraestruturas herdadas do império romano. Além disso, nas suas inscrições e exortações, encontram-se várias referências a Jesus Cristo (e a sua mãe) – sendo que se não alude a outros profetas pré-corânicos. Tal parece circunscrever-se ao objetivo geral da islamização da população autóctone: o de competir com a magnificência artística e monumental do império a oeste, oferecendo uma alternativa civilizacional e religiosa[434].

Pela mesma altura, no Egito, há indícios de uma perseguição mais ou menos generalizada contra as Cruzes dos cristãos, levada a cabo pelo seu governador, ´Abd al-Aziz (que era também irmão do califa)[435]. Já o sucessor de Al-Malique, o califa Al-Ualide I, fará uma reforma administrativa pela qual a língua oficial deixa de ser o grego para passar a ser o árabe – um facto que não passou despercebido à pena de Teófanes[436]. Estas reformas, por seu turno, vão continuar

[433] *Cf*. GRABAR 1959 34-39 *et passim*. Há indícios de que a construção do monumento possa remontar até ao ano 669. As lendas associadas a Abraão – provavelmente de origem judaica – vinculam o local ao túmulo do Patriarca, ou então ao local onde ele esteve prestes a sacrificar Isaac.

[434] *Op. cit.* 52-62. A representação ornamental da Cúpula, com jóias e outros artefactos que remetem para o aparato imperial, dá lugar às inscrições e profissões de fé, que operam como substitutos da imagem. Veja-se ainda GRIFFITH 1985 62-63. Da mesma forma, GRABAR 1998 80-81 salienta como as alterações na representação icónica nos lugares dominados pelo Islão ocorrem por essas mesmas representações icónicas estarem dependentes do imperador enquanto presidente e "líder" dos Concílios Ecuménicos.

[435] *Vide* GRIFFITH 1985 63-64.

[436] *Cf*. A.M. 6199. Foi feita uma exceção para os numerais gregos.

pelos califados de Omar II e Iázide II, sendo este quem, enfim, vai emitir o célebre édito iconoclasta, que terá influenciado o seu homólogo cristão, Leão III.

Porém, como temos vindo a salientar, este édito não deve ser interpretado nem como uma manifestação "direta" da religiosidade islâmica, nem como um traço significativo da cultura posterior. Em boa verdade, é possível associar o evento, na senda do que vimos, a exercícios de ordem administrativa, rumo à sistematização de um *corpus* jurídico (os *dhimmi*) que fosse propriamente islâmico[437]. É que esta atitude de Iázide II é associável a outros decretos, que pretendiam minar ou limitar as manifestações de vida cristã – eles iam desde a matança coletiva de animais considerados impuros (porcos), até à proibição de se exibir vestuário cristão[438]. Tudo isto poderá ainda estar ligado a uma certa tensão ou ansiedade apocalíptica no mundo islâmico, por se estar a concluir o centenário da Hégira[439].

O decorrer do tempo fará com que pelo menos algumas destas leis e proibições sejam esquecidas e canceladas, sendo a anulação do édito de Iázide II, e o consequente esquecimento do mesmo na tradição historiográfica muçulmana (que não cristã), uma prova disso mesmo. O que importa aqui verificar é, sobretudo, que o califado estava a desenvolver-se e a adaptar-se para assumir para si mesmo um conceito de império que rivalizasse e submetesse o do romano[440].

Esta emulação imperial, porém, vai encontrar um obstáculo: as muralhas de Constantinopla. Uma fonte, de facto, sugere que uma das pessoas que executou o édito de Iázide II foi, justamente, Al Malique, o mesmo que havia reunido a

---

[437] *Cf*. "We need not take sides in this debate to see that individual elements of later *dhimmī* regulations probably began as rather unsystematic, ad hoc legal experiments in the Umayyad period. In this respect, if the Christian sources are trustworthy, the reigns of ʿUmar II and Yazīd II were crucial years of legal innovation for what would come later. But it is not only successful laws that concern us here, but also unsuccessful ones. For just as there were certain legal experiments under the Umayyads that gave rise to *dhimmī* regulations in the ninth century, so it seems there were other experiments that failed to pass into the consensus of later Muslim jurists." SAHNER 2017 32.

[438] Para o elenco e análise destas medidas, ocorridas nas duas primeiras décadas do século VIII, *cf*. SAHNER 2017 27-34.

[439] *ibidem* 34-35. Isto terá sido também um dos fatores que terá levado Omar II a cercar Constantinopla.

[440] É de notar ainda o que diz CRESWELL 1946 165. Para o autor, o iconoclasmo islâmico é produto das conversões judaicas ao islamismo. Os novos prosélitos, com os seus conhecimentos das leis mosaicas, teriam a capacidade para dar força à tradição iconofóbica islâmica, transformando-a num vetor iconoclasta. O Judaísmo, em confronto com o Cristianismo, desenvolvia-se enquanto fé iconoclasta desde o século VI: GRABAR 1988 140-142.

gigantesca força que vai tentar, debalde, tomar a Nova Roma[441]. A conquista da cidade, ademais, tinha conotações escatológicas próprias para os muçulmanos[442]. E o próprio Iázide é aludido em dois textos apocalípticos que chegaram até nós, um cristão e outro muçulmano: neles o califa é designado como aquele "que destroi as coisas feitas à mão", ou como "o que elimina objetos dourados"[443]. Por isso, poderemos concluir que, de uma forma algo oblíqua, a conquista de Constantinopla, o final dos tempos e o iconoclasmo estão associados. Ainda que não possamos estabelecer uma relação exata e precisa entre estes termos, vemos que eles se associam a Bizâncio, à sua civilização e às religiões do Livro.

As tensões e ansiedades muçulmanas, de qualquer forma, não se vão cristalizar no sentido em que pareciam estar a fazê-lo: pois Constantinopla, defendida pelo seu recente imperador Leão III, vai resistir com sucesso. A expansão islâmica, enfim, após quase um século de ininterruptos sucessos e avanços, encontra o seu primeiro grande obstáculo e a sua primeira grande derrota. Derrota que como tal foi percecionada:

> "But after the catastrophe (or victory) of 718, there follows a sudden and complete reversal. The whole policy of the Umayyad Caliphs swings decisively away from the Byzantine tradition and becomes oriented in the true sense, i.e. towards the East. This change, which has not as yet been fully appreciated by students of Arab history, is clearly marked in the reign of the caliph Hisham (725-743), a brother of the caliphs al-Walid and Sulaiman who mounted the last, and fatal, assault on Constantinople, but the first signs can be seen immediately after its failure, in the reforming Islamizing policies of their cousin, the pious caliph 'Omar II." (GIBB 1958 232)

[441] A fonte é o escritor árabe Al-Tabari: *cf*. SAHNER 2017 23-24.
[442] Um *hadith* refere-se justamente a esta captura: "Verily you shall conquer Constantinople. What a commander this will be, and what an army this will be!" (*apud* JANKOWIAK 2013 237). Não conseguimos identificar um texto original para o *hadith* em questão, pelo que me remetemos para o referido artigo.
[443] Os textos em questão são *Kitāb al-fitan* (de Naim ibn Hammad) e a chamada *Décima quarta Visão de Daniel*. Para o original árabe das expressões que aqui usamos: SAHNER 2017 34-35.

O projeto de expansão e consumação escatológica falha e o califado, como veremos em breve, vai procurar estruturar-se numa outra direção. Primeiro, contudo, convém salientar algo curioso para o estudo das relações entre bizantinos e muçulmanos: é que, se os iconoclastas cristãos, com Leão III, estariam empenhados em contruir um "califado cristão" (como propõe Patricia Crone), temos que, por seu turno, os árabes parecem ter estado, até este ponto, a querer estruturar um "império islâmico" (no sentido de herdeiro de Roma).

Tal paradoxo chama a atenção, no nosso entender, para o facto de os critérios de "império", "califado" e, sobretudo, de "cesaro-papismo" nem sempre serem usados de uma forma clara[444]. A um tempo parece que os dois primeiros termos só se distinguem na medida em que um dos dois é considerado uma sociedade teocrática, onde o sumo príncipe exerce também as funções de sumo sacerdote; mas, a outro tempo, aplica-se a ambas as civilizações o estatuto de teocráticas, porquanto tanto o califa como o imperador são vistos, por uma certa tradição académica, como forças divinamente ordenadas. Por agora, basta-nos apontar este problema: que será aprofundado mais à frente.

Mas há ainda um segundo ponto que esta análise ressalva: é que, mau grado a tese que associa o surgimento do iconoclasmo bizantino às vitórias islâmicas, tidas como favorecidas por Deus por serem mais pias na devoção dada a um Deus que não aceitaria a veneração de imagens, vemos agora que esse mesmo iconoclasmo surge *após* a primeira derrota significativa das forças iconófobas. Em contrapartida, se olharmos para o período em que a ascensão islâmica começou a afirmar-se como um perigo endógeno – isto é, quando, pelos tempos de Justiniano II, os califas começam a emitir moedas e a passar para árabe os procedimentos administrativos – é justamente aí que se parece firmar, de uma forma oficial (com o concílio de Trullo ou Quinisexto), o culto às imagens.

Daí que a relação entre Cristianismo e Islamismo, no âmbito das eventuais influências culturais em apreço, vai muito para lá de uma simples causa-efeito.

[444] Entendendo-se como «cesaropapismo» uma sociedade onde o imperador detém o poder, anexando a esfera religiosa. Já na «teocracia» teríamos uma sociedade onde é o sacercote quem detém o poder. Em boa verdade, a cunhagem destes termos remete para eventos ocidentais – o surgimento do Protestantismo, a teorização do poder papal e a forma como o legado bizantino era encarado. *Cf.* DAGRON 2003 282-295, para a história e evolução destes conceitos.

Todo um complexo de relações e de teias, desde a teologia (com a titubeação em apelidar o Islamismo de religião em vez de heresia), às perspetivas de fim de mundo, passando pelas vitórias militares e pelas estratégias geopolíticas de então, correlaciona o islamismo e o que aconteceu em Constantinopla após o fim do cerco árabe, mas não como um mero produto cultural, cuja "infra-estrutura" fosse passível de ser identificada.

Este tópico, por sua vez, aponta já para a nossa próxima temática de investigação – saber em que medida é que o estatuto imperial romano se poderá relacionar, *per se*, com o culto das imagens. Antes disso, porém, será necessário abordar as ulteriores transformações nas sociedades islâmicas, seja porque elas vão operar durante o segundo período iconoclasta cristão, seja porque elas nos permitem dar algumas luzes sobre um possível estatuto "cesaro-papista" dessas mesmas sociedades. Coisa que também nos ajudará a explicar a ambiência intelectual da primeira metade do século IX. Quanto à relação da nova religião com os ícones, concluímos aqui, portanto, que não existe um vínculo histórico entre o iconoclasmo e a profissão de fé muçulmana. Quando aquele surgiu o outro estava a passar por transformações particulares.

2.5) A influência persa e a dinastia abássida

Seja pelo eventual abrandamento da progressão da conquista sobre os territórios bizantinos, seja por tensões internas, seja pela necessidade de organizar um vastíssimo território conquistado em pouco tempo, o califado vai sofrer alterações na sua tessitura, ao mais alto nível. Elas surgem com a revolução abássida (750-751), a qual, pouco após a terceira guerra civil (ou *fitna*)[445], vai derrubar uma já muito enfraquecida corte omíada. Esta nova dinastia, ao tomar o califado, vai iniciar também uma revolução cultural, operando o que podemos classificar como uma mudança de paradigma de império.

A mudança já estava inscrita, por assim dizer, no código genético da nova família dinástica, porquanto a sua capital havia sido Marve, um antigo "centro" da

[445] Já a segunda *fitna* terá ocorrido pouco antes, entre 683 e 692.

religião zoroastra[446]. E, tal como os omíadas se haviam apoiado com frequência nas infraestruturas romanas, assim também a antiga civilização persa forneceu várias referências culturais à medida que o processo de islamização se ia consolidando nas províncias mais orientais:

> "It is now becoming increasingly apparent that the way in which the early ´Abbasid caliphs tried to legitimize the rule of their dynasty in the eyes of all the factions in their empire was by expanding their imperial ideology to include the concerns of the ´Persian´ contingent. This was done by promulgating the view that the ´Abbasid dynasty, in addition to being the descendants of the Prophet and hence satisfying the demands of both Sunni and Shi´i Muslims, was at the same time the successor of the ancient imperial dynasties in ´Iraq and Iran, from the Babylonians through the Sasanians, their immediate predecessors. In this way they were able to incorporate Sasanian culture, which was still the dominant culture of large masses of the population east of ´Iraq, into mainstream ´Abbasid culture. Al-Mansur was the architect of this policy." (GUTAS 1998 29)

Al-Mansur (ou Almançor) foi o segundo califa desta nova dinastia. A cultura de ascendência zoroastra, por sua vez, em virtude de assentar em princípios universalistas, apresentava-se como uma alternativa ao já desgastado modelo fornecido pelos códigos de imperialidade cristã. Além disso, uma necessidade de distanciamento dos rivais omíadas impelia Almançor a fundar o califado noutros termos.

Estes, por seu turno, promoviam uma conceção cósmica que transcenderia todos os tempos e eras e que colocaria os califas no plano da "nova ordem mundial"[447]. Além disso, a adaptação destes elementos ao Islão fornecia a Almançor a oportunidade de lidar e de suprimir diversos focos de revoltas persas

[446] GUTAS 1998 49-50.

[447] Trata-se de um conceito que, na origem, remetia todo o conhecimento humano para a Avestá, uma escritura sagrada zoroastra.

que haviam deflagrado[448]. Tal adaptação permitiu a resolução de diversas tensões que haviam minado o poder omíada, designadamente a distinção entre muçulmanos árabes e muçulmanos não árabes[449].

Porque a nova orientação político-religiosa destruía a distinção entre estes dois tipos de muçulmanos, ela permitiu ao Islão tornar-se mais prosélito, criando uma «Commonwealth» muçulmana, cujos direitos não caíam somente sobre os Árabes[450]. E, do ponto de vista geopolítico, o processo foi cimentado pela transferência da capital de Damasco para a recém-construída Bagdade. A nova cidade seria não só o centro do novo califado, como também o corolário de uma nova era, chegada, por ordenação divina, com a nova fé[451]. Assim se dá a liquidação das marcas do tribalismo árabe que haviam perdurado com a governação omíada e que não se conseguiram circunscrever aos elementos civilizacionais do ocidente.

A revolução vai levar a um claro isolamento das comunidades cristãs no mundo islâmico: consequência e causa da contínua guerra com Constantinopla, visto que, como já salientámos, os cristãos em solo islâmico não raras vezes se viam, como também eram vistos, como aliados naturais daquela cidade. Mas a perda de um ascendente cultural traduz-se também na perda de intercâmbios culturais: assim, os Melquitas ortodoxos, por inícios do século IX, estavam tão isolados que nem sabiam indicar o nome do patriarca de Constantinopla[452]. Sintoma que poderá estar patente nos legados dos patriarcados orientais, que terão tido dificuldades em se fazer representar durante o Segundo Concílio de Niceia. Esta constatação permite-nos ainda datar uma possível influência islâmica

[448] GUTAS 1998 49.
[449] SAHNER 2017 36.
[450] GUTAS 1998 61-63.
[451] Assim, o próprio Al-Mansur atribuiu a si próprio o título de Messias (GUTAS 1998 51-2). *Ibidem,* para o simbolismo urbanístico de Bagdade.
[452] *Cf*. GRIFFITH 1985 71-73. Este autor revela, com base no seu estudo de Teodoro Abucara (Abu Quarrah), como a situação no mundo islâmico, por esta altura, não poderá ter influenciado o iconoclasmo bizantino. A obra deste autor cristão, de facto, revela uma necessidade de defesa dos ícones contra a pressão oficial muçulmana, mas nunca faz referências diretas ao que se passava em Constantinopla. Contudo, isto não implica que não possa ter havido uma influência prévia, antes da revolução abássida e das importantes mutações daí decorrentes. As críticas de Griffith à tese de Patricia Crone, assim, deverão ser submetidas a um enquadramento histórico mais preciso. *Cf*. ainda SOURDEL 1966 4-11 *et passim* para uma revisão da literatura polémica muçulmana contra os cristãos.

e/ou semita no iconoclasmo cristão *antes* da revolta abássida (pelo menos na sua génese).

Numa outra perspetiva, a revolução iniciou aquilo que é comumente designado como o movimento de tradução árabe. Tendo começado com a tradução de obras de astronomia, o movimento depressa cresceu e atingiu extraordinárias proporções, traduzindo e comentando, de forma insistente e sistemática durante cerca de dois séculos em meio, as obras da antiguidade, mormente de Medicina e de Filosofia (com grande desinteresse pela literatura profana)[453].

As coordenadas do "helenismo islâmico", como por vezes é denominado, são indícios tanto de um serviço à nova ideologia imperial (sem se querer negar uma autonomia no plano intelectual e em certas esferas sociais), como de um afastamento de um certo conceito civilizacional mediterrânico[454]. Pois a fixação na tradução das obras clássicas e a negligência para com a literatura formal (poesia, retórica, etc.) afastam este movimento dos valores literários antigos e tardo-antigos do mundo ocidental.

Por fim, que a revolução abássida tenha procurado estabelecer, de uma forma mais categórica, o primado do califa sobre assuntos religiosos ficará patente na chamada *mihna*, uma instituição criada por Almamune (ou al-Ma'mun) e que pretendia impor aos muçulmanos a doutrina do carácter criado do Al-Corão. Coisa que vai, a longo prazo, antagonizar os valores e posições da sociedade

[453] "A century and a half of Graeco-Arabic scholarship has amply documented that from about the middle of the eighth century to the end of the tenth century, almost *all* non-literary and non-historical secular Greek books that were available throughout the Eastern Byzantine Empire and the Near East were translate into Arabic." GUTAS 1998 1

[454] "It is interesting to note that in promoting such an ideology al-Ma´mun was not really introducing a completely new direction but merely re-orienting the ideological attitudes espoused by the ´Abbasid ruling house since his great-grandfather al-Mansur. The latter had appropriated Zoroastrian imperial ideology which also portrayed the ´Abbasid caliphate as the heir to the ancient empires and the promoter, indeed, of the very same Greek sciences. The only difference is that the Iranian ideology viewed those sciences as originally Iranian and Sasanian empire as the vehicle of their transmission, whereas al-Ma´mun´s re-orientation concentrates on ancient Greece and Byzantium. This shift removes from the picture the Iranians insofar as their territorial conquest was complete and ideological and religious cooptation nearly so, and functions to localize attention to the Byzantines and the Christians who are now presented both as the new enemy of and foil to Muslims, and as examples to be avoided of religious irrationality and obscurantism." GUTAS 1998 94.

abássida, por um lado, e os elementos tradicionalistas, por outro[455]. Para a nossa discussão, importa tão somente salientar como a nova ordem assenta num califa muito mais cesaro-papista – uma evolução que já havíamos começado a observar aquando da tomada do poder pelos omíadas, mas que parece ter atingido um outro nível (ou uma consumação) com os abássidas.

Terão estas transformações influenciado Bizâncio? Elas ocorrem por volta da ascensão de João o Gramático e da indagação de textos que vai culminar na descoberta e defesa das Atas do Concílio de Hiéria, com a virada das especulações filosófico-teológicas para uma terminologia mais aristotélica; isto é, ocorre por volta do chamado segundo período iconoclasta. Dmitri Gutas, no seu estudo sobre o movimento de tradução árabe, propõe que o mesmo movimento determinou o chamado "primeiro renascimento bizantino"[456]. Leitura que, por sua vez, se opõe a um ressurgimento interno da sociedade bizantina, tal como defendido por Paul Lemerle na sua obra *Le premier humanisme byzantin*[457].

Deste modo, o problema com que nos havíamos deparado – saber se a iconomaquia teve ou não uma dimensão semita ingénita – regressa, quando passamos para uma fase em que o movimento já estava estabelecido nos seus pontos maiores[458]. Mas, se antes se tratou de ver uma possível influência ao nível doutrinário, temos agora uma possível correlação no plano social e institucional. As influências deverão ser procuradas tendo em conta que há duas tradições a desenvolver-se de uma maneira paralela e independente, já sem o grau de intersecção e correlação que encontrámos para o período omíada.

As estórias que se contam em torno de Leão o Filósofo, a forma como ele terá impressionado o califa Almotácime (al-Mu´tasim), levando, em contrapartida,

---

[455] *Cf*. GUTAS 1998 161.

[456] "Provisionally, however, there are sufficient grounds to conclude that the Graeco-Arabic translation movement was causally and directly related to the ´first Byzantine humanism´ and also, through the Arabic scientific tradition in the Islamic world which fostered it, to the renewal of the ancient sciences in Byzantium after the horrors of the ´dark age´". GUTAS 1998 186. Mas também: "The Byzantines were quite aware of the scientific and translation movement in Baghdad and it is obvious that it influenced the ninth-century renaissance in significant ways." *ibidem* 178.

[457] *Cf*. LEMERLE 1971

[458] Como vimos, a hipótese de ALEXANDER 1953, segundo a qual o segundo período iconoclasta desenvolveu a chamada "teoria ética das imagens", foi deposta por ANASTOS 1954b. O final do século VIII e inícios do século IX, deste modo, implementaram uma doutrina cujos vetores essenciais, ainda que nem sempre de uma forma sistemática, já estavam estabelecidos.

a que o imperador bizantino, Teófilo, lhe oferecesse uma "cátedra" em Constantinopla, seriam um indício de uma influência cultural sobre os romanos[459]. É curioso, a esse nível, ver o tipo de saber específico que poderá ter sido transportado para Bizâncio pelo movimento intelectual árabe (ou melhor dizendo, feito em língua árabe). Encontramos, assim, um tal Estevão o Filósofo, um astrólogo que estudara em Bagdade e que, uma vez em Constantinopla, escreve que havia aí resgatado uma ciência que estava perdida entre os Romanos[460].

Ainda que as evidências e registos sejam muito parcos, isto poderá ser indicativo de uma propensão, na corte dos iconoclastas do segundo período, para certas atividades e ciências que nunca foram muito bem recebidas no seio da Igreja. As lendas e eventuais exageros em torno da figura de João o Gramático, segundo as quais ele seria mago, poderão indicar uma certa tendência da corte constantinopolitana, em rivalidade com Bagdade, para áreas que tendiam a ressaltar a eleição divina do monarca. Além disso, o uso deste tipo de saberes aliava-se, no lado islâmico, à chamada astrologia política[461].

Em contrapartida, temos em Teodoro Estudita e na sua reforma monástica um outro renascimento literário. Daqui pode-se formular a hipótese segundo a qual os centros monásticos teriam uma formação propriamente monacal, assente num estudo dos autores patrísticos e espirituais que contrastaria com a educação "cortês" dos círculos iconoclastas. Trata-se, porém, de uma mera conjetura, que não prevê a interpenetração de influências dentro da própria sociedade bizantina.

Importa concluir, após esta análise da sociedade bizantina à luz das transformações ocorridas no mundo islâmico, que a possibilidade de influência sobre o iconoclasmo cristão se desenvolve de acordo com o seguinte arco: da questão de uma influência ingénita, promovida por uma certa ambiguidade para com certas correntes heréticas e enformada pela vontade de emulação do império romano pelo califado omíada, passa-se, após o clímax do cerco de Constantinopla em 718, para uma influência mais macroestrutural, que vai procurar estabelecer

[459] *Cf*. nota 277.
[460] *Cf*. GUTAS 1998 180.
[461] GUTAS 1998 45-52. Mas veja-se ainda os comentários de MAVROUDI 2006 89-91, que apontam para uma peregrinação de saberes das ciências ocultas por entre o mundo mediterrânico de então.

um monarca/califa eleito por Deus que se opõe, "pelo lado de fora", ao seu rival na terra.

Assim, de forma algo paradoxal, recupera-se em novos termos aquilo que havia sido a antiga rivalidade entre Roma e a Pérsia Zoroasta dos Partos. O iconoclasmo bizantino, ainda que nem sempre de uma forma clara, vai ocupar um lugar neste desenvolvimento, que também envolve outras dimensões, de ordem cultural e civilizacional. Mas será agora necessário averiguar, enfim, em que medida é que a iconomaquia, enquanto doutrina, se poderá relacionar com o vínculo entre Estado e Igreja, adentro da sociedade romana oriental.

3) Iconoclasmo: influência helenística?

3.1) O modelo da ascensão e queda das imagens

À questão de uma eventual influência helenística, ou romano-helenística, no conflito iconoclasta prende-se, por implicação, uma outra, que já levou diferentes académicos a propor teses diametralmente opostas: saber, em primeiro lugar, em que medida é que a proliferação do uso das imagens se deve às estruturas culturais romanas, aquando da conversão oficial do império ao Cristianismo, e saber se o próprio culto das imagens é devido ou não a uma influência secular.

Uma certa perspetiva, saída do historicismo do século XIX, havia considerado que o uso de ícones havia sido repudiado pelos primeiros cristãos, que seguiriam o preceito judaico da não adoração de imagens. À medida que o número de cristãos ia aumentando, uma certa necessidade em "compactuar" com os elementos seculares levaria a uma progressiva inclusão das imagens na liturgia cristã. Esta adesão, que acabaria por adquirir uma permissibilidade geral nos tempos de Constantino I, teria acompanhado a tessitura social da Igreja: por um lado, as elites episcopais, cultas e seguidoras de um espírito "semita", tenderiam a ser opostas a este culto; já as massas populares, analfabetas, que percecionariam o mundo de uma forma "animista", teriam uma vocação genuína para o uso e culto

destes materiais. A veneração aos ícones, assim, seria uma condescendência dos bispos para se acomodar um número crescente de conversões[462].

Era a esse estrato popular que se recorria, pois, para se explicar as representações presentes nas grutas dos primeiros cristãos, que se oporiam ao silêncio dos autores patrísticos em torno da mesma temática. Citavam-se até alguns excertos dos Padres da Igreja para se comprovar uma antipatia para com o uso de representações. Porém, muitos autores, hoje, explicam que o uso de imagens nas grutas dos primeiros cristãos cumpria um claro uso litúrgico[463] – os martírios contemporâneos, por exemplo, não eram aí representados – e que o silêncio da maioria dos textos remete para o facto de que essas imagens e textos cumpriam funções sociais e discursivas distintas, aplicadas a referentes distintos. Quanto aos excertos que criticavam as imagens, Charles Murray demonstra que a contextualização dos mesmos desmente essa pretensão iconoclasta[464].

Por seu turno, Ernst Kitzinger, num célebre artigo, desenvolveu uma influente teoria segundo a qual as tensões da Igreja em relação ao culto das imagens foram constantes e inerentes ao seu desenvolvimento histórico:

> "An undercurrent of at least potential iconoclasm does in fact run through the entire history of the Church in the intervening centuries. Instead of assuming a simple alternation of anti-iconic and pro-iconic periods, it is necessary to think more in terms of a continuing conflict, which finally erupted in an explosion of well-nigh world-historical import." KITZINGER 1954 85

A tensão interna, não obstante, estaria adormecida em determinados períodos históricos, onde se verificaria a prevalência do vetor icónico sobre o vetor

[462] Para uma indagação em torno das origens desta linha de leitura, cujas influências se prolongam até aos nossos dias, *cf*. MURRAY 1997 304-305. A autora propõe que a ideia possa remontar até Ernest Renan.
[463] Para uma análise da arte cristã dos primeiros tempos: *cf*. USPENSKY 2013 63-80.
[464] MURRAY 1997 319-342. Citamos a conclusão da autora: "In conclusion, therefore, if the foregoing analysis of the literary evidence is correct, it seems a reasonable assessment of the case to say that there is very little indication indeed that the Fathers of the early Church were in any way opposed to art" *ibidem* 342.

anicónico: estes seriam o reinado de Constantino I, por um lado, e os séculos que vão desde Justiniano I até Leão III[465]. No processo, contudo, as vozes iconoclastas sempre estariam presentes, atingindo eventualmente o lugar central com a querela dos séculos VIII e IX. Este modelo explicativo, o chamado modelo da "ascensão e queda das imagens", é por sua vez criticado por autores como Charles Murray, que afirmam a presença de imagens como parte oficial da prática cristã desde os primórdios[466], mas também por Leslie Brubaker e John Haldon, que remetem a questão para o mero plano ideológico e político[467].

Poderemos talvez classificar a teoria de Kitzinger como demasiado hegeliana, porquanto promove uma conceção histórica que avança de acordo com sínteses e antíteses, orbitando em torno de uma tensão interna que se projeta em períodos de "estabilização". Numa perspetiva mais cristológica, por outro lado, poderemos considerar que as correntes iconoclastas, enquanto tendência herética, sempre estiveram presentes, pelo menos em potência, ao longo da vida da Igreja, ainda que se não deva ver isso como uma constante dialética histórica. Se o fosse, o iconoclasmo não teria adquirido propriedades tão específicas, e historicamente circunscritas, como as que teve ao longo dos século VIII e IX.

Por outro lado, aquilo para que a tese de Kitzinger chamada a atenção prende-se com a relação do culto das imagens ao culto imperial. Pois, se se tiver em conta, como as fontes parecem indicar, um aumento da proliferação dos ícones no período a partir do reinado de Justiniano I, conhecido como é pela sua arquitetura monumental, temos que se levanta o problema da promoção imperial das imagens sagradas. Uma promoção à qual se associava, bem entendido, o culto do próprio imperador:

> "The portraits of the rulers were hardly affected by the official Christian aversion to any form of idolatry. Their continued veneration was freely admitted as early as the fourth century. It is true that, as a rule, sacrifices were no longer offered to them, but in every other

[465] Postura semelhante é também defendida por GRABAR 1998 12-65.
[466] MURRAY 1997 306: a autora circunscreve a perspetiva de Kitzinger à da historiografia precedente.
[467] BRUBAKER et HALDON 2011 50-68.

> respect they continued to enjoy a prominent and important role in the *culte imperial*. They were carried in solemn procession and received acclamations and *proskynesis*. Candles and incense figure in this cult long before such paraphernalia can be found in use in connection with religious images." KITZINGER 1954 122

O autor considera que esta importância do culto imperial "owed at least as much to secular developments involving the Byzantine court as it did to theological considerations" (*ibidem* 121). Ainda que Peter Brown se venha a demarcar desta tese, apoiando-se sobretudo nos modelos de sobrevivência da sociedade tardo-antiga e salientando como o culto imperial não gozava da mesma aura de sacralidade que o dos santos e ascetas cristãos[468], não deixa de ser notório que seja sobre Justiniano I que recaia o ónus de ter iniciado este processo histórico.

De facto, é com Justiniano I que encontrámos um exacerbar do culto imperial, sentido não raras vezes pelos próprios romanos como despótico[469]. Ainda que ele não possa explicar todos os setores do culto das imagens, parece-nos que chegamos aqui a um encruzilhar de duas tradições bem distintas, sendo que cada uma precede a outra na sua devida esfera. Assim, o culto imperial, como afirma Kitzinger, precede o culto das imagens na medida em que a divinização do imperador era algo bem anterior à conversão de Constantino. Mas, no que concerne ao culto dos ícones, este é anterior à conversão daquele imperador[470].

Por isso, mesmo que a relação entre imagens e poder central não esgote a problemática de todos os contextos sociais do culto das imagens, ele exige uma indagação em torno do estatuto do imperador bizantino dentro da sociedade

---

[468] *Vide supra* nota 315.

[469] Recorde-se, por exemplo, a *Anecdota* ou *História Secreta* de Procópio, assim como os incidentes da revolta *Nike*. *Vide* ainda MONTEIRO 2016 31-44 *et passim* para a eleição de Justiniano e a forma como ele desejaria outorgar para si uma dimensão sacra, associada a perspetivas escatológicas.

[470] Não concordamos, portanto, com os autores que remetem para uma "invenção" posterior do culto das imagens, que se distinga de uma origem mais "espiritual" do Cristianismo. Essas leituras, curiosamente, tornam-se muito parecidas com o relato que acima indicámos de ´Abd al-Jabbar: leituras que veem o Cristianismo "do lado de fora", sujeito aos preconceitos ideológicos (hegelianos, positivistas, marxistas, etc). A interpretação de BRUBAKER & HALDON 2011 50-68 será quiçá a mais recente desta série. Por seu turno, os argumentos de MURRAY 1997 e USPENSKY 2013 parecem-nos ser academicamente congruentes, sem abdicarem de uma perspetiva cristã com a qual, tal como nós, se identificam.

bizantina e/ou tardo-antiga. Ela será tanto mais importante quanto permitirá fazer uma leitura mais precisa dos comportamentos dos imperadores após Leão III (sobretudo com o seu filho, Constantino V). Afinal, quando os βασιλεῖς decretavam as suas medidas iconofóbicas, fá-lo-iam na medida em que as imagens constituiriam um obstáculo à sua própria representação? Será que o facto de medidas eclesiásticas terem tido proveniência (pelo menos a coação) imperial é específico de uma visão especificamente iconoclasta?

É que Kitzinger sustenta que, a partir do século VI, se dá uma gradual apropriação da imagética cristã pelo aparato da corte constantinopolitana, que vai atingir um clímax com Justiniano II, aquando da ordem de inclusão de um busto de Cristo nas próprias moedas[471]. Vimos como esta atitude se enquadra na rivalidade para com os pares islâmicos. Mas será que, no plano interno, um certo abdicar da pose majestosa de um Justiniano II, rumo a um pietismo cristão, atestará uma cedência dos déspotas aos santos e à imagem de Cristo[472]?

Tal tendência teria atingido um fim abrupto com a reasserção da primazia do potentado estatal, surgido com a querela que estudamos. Porém, ainda que o iconoclasmo revelasse a tendência despótica de Leão III e seus descendentes familiares e políticos, ele representaria, segundo Kitzinger (que perfilha autores como André Grabar e Gerhart Ladner), e de acordo com a teoria da dialética do modelo da "ascensão e queda das imagens", o mero regresso de uma dimensão autoritária que sempre havia feito parte do Dominato[473].

A aversão e intolerância aos ícones, portanto, seria uma expressão de um princípio de domínio imperial, surgido quando os modelos de afirmação

[471] *Cf*. KITZINGER 1954 125-128 *et passim*. Kitzinger desenvolve as explicações já liminarmente fornecidas por GRABAR 1998 12-65

[472] *Ibidem* 125 "It was in this period that the Byzantine rulers and local authorities began to make public and official use in civic and military contexts of the protective and salutary properties of religious images which private devotion had ascribed to them for some time."

[473] *Cf*. KITZINGER 1954 128: "Though the emperors of that era did not cease to consider themselves as vicegerents of Christ, and carried out their policies in that capacity, they did emphasize with new vigor the absolute power of the monarch on earth, witness the various manifestations of absolutism in the imperial iconography of that period. The thesis outlined in the foregoing pages is a logical complement to that of Prof. Grabar, and, indeed, its almost indispensable presupposition. If re-assertion of the absoluteness of the monarch's authority on earth did figure as a central issue in Iconoclasm it could do so only because the emperors of the preceding era had promoted the worship of religious images as a means of emphasizing their own subordination to a transcendental power."

anteriores se demonstraram, por algurma razão, inoperativos. Ele teria sido a manifestação de uma tensão que sempre havia acompanhado o império: consequentemente, as razões de ordem teológica que enformam a adesão ou oposição às imagens seriam despiciendas. Nesta leitura, quer vista sob uma ótica hegeliana, quer sob uma ótica mais sociológica, o iconoclasmo surge como uma vestimenta que o estado quis usar[474].

3.2) O imperador: monarca absoluto ou republicano?

É necessário, por isso, passar o campo de investigação para a revisão e eventual confutação de uma das caracterizações e definições mais sistemáticas quando se aborda a sociedade bizantina: a divinização do imperador e o regime teocrático e/ou cesaro-papista do Império Romano Oriental. Trata-se de uma posição tomada desde os tempos de Edward Gibbon, que descreve o Império Bizantino como decadente desde a sua constituição, submetido a déspotas orientais divinizados[475]. Ela chega até bizantinistas destacados e modernos como Cyril Mango[476]. No processo houve até quem escrevesse a história do império com base na ideia da teocracia do imperador – sendo que, curiosamente, a luta contra o

[474] Para autores como Steven Runciman, por seu turno, a influência estatal passa a outro nível com Leão III: "Leo III had issued his decree against Iconoclasm on his own authority as Emperor, considering himself to be Pontifex, a priest-king, as he told the Pope. He had been more high-handed than even Justinian I; he had used a lay assembly through which to promulgate a religious law, and he had re-arranged ecclesiastical provinces without any reference to a Council." (RUNCIMAN 1977 72).

[475] O historiador aborda a Querela das Imagens no capítulo quarenta e nove da sua famosa obra: GIBBON 1952 195-203 *et* passim 2 vol. "For Edward Gibbon, the reign of Justinian was followed by eight centuries of decline, which he compressed into a rapid survey on the grounds that the ´patient reader´ would find a detailed narrative intolerable. […] Gibbon´s influence has been profound indeed, but negativity has also been shown toward Byzantium by more recent Byzantine scholars, including several recent holders of established chairs in the subject in British universities." CAMERON 2014 10.

[476] "[Para os bizantinos] Tal como o universo é regido, monarquicamente, por Deus, também a humanidade é governada pelo imperador romano. A encarnação de Cristo, como já realçámos, foi providencialmente regulada para coincidir com a construção do Império Romano, que colocou um fim nas divergências e guerras, isto é, na desordem causada pela partilha do poder entre vários Estados autónomos (*polyarchia*)" (MANGO 1980 250) O autor remete para EUSÉBIO DE CESAREIA, *Praeparatio evangelica* 36-37 *et passim*, coisa, como em breve veremos, sintomática. Por enquanto, porém, compare-se esta citação com o que o mesmo Cyril Mango escreve no mesmo livro: "Por mais estranho que pareça, o Estado bizantino nunca desenvolveu uma teoria de sucessão imperial" *ibidem* 44. Há um contraste entre a idealização que muitas vezes se faz da sociedade bizantina e os próprios dados da sua história, que não raro a contradizem. Esta constatação não pretende atacar Mango em particular, cujos trabalhos na área são de resto imprescindíveis, antes denota uma linha de pensamento sistemática nos Estudos Bizantinos. Podemos encontrar a mesma ideia, entre nós, em MONTEIRO 2016 136-158.

iconoclasmo é apresentada como o único verdadeiro obstáculo que se apresentou a essa hegemonia[477].

Uma certa linha atual da investigação académica reconhece a necessidade de se reverem estes conceitos, oriundos como são de uma tradição histórica que havia relegado para segundo plano os bizantinos. A progressiva descoberta do papel central do império para a história europeia vai pondo em causa esta imagem orientalista de Bizâncio. Acontece, todavia, que, mesmo quando se constata que a nossa perspetiva histórica sobre esta civilização está, em última análise, dependente de preconceitos iluministas, vemos, não raras vezes, que o seu papel é muito difícil de classificar em termos de categorias históricas[478].

A esse nível, já Ostrogorski havia dado um passo ao considerar Bizâncio como uma fusão entre três correntes: a romana, a grega e a hebraico-cristã. Teria sido a síntese destes três elementos que constituiria a "essência" do que era o império Bizantino:

> "Roman political concepts, Greek culture and the Christian faith were the main elements which determined Byzantine development. Without all three the Byzantine way of life would have been inconceivable. It was the integration of Hellenistic culture and the Christian religion within the Roman imperial framework that gave rise to that historical phenomenon which we know as the Byzantine Empire." (OSTROGORSKY 1968 27)

[477] Referimo-nos à obra de Steven Runciman, *The Byzantine Theocracy*. *Cf*. "Wherever monarchy has been established the monarch was always in the beginning either an emanation of God or a descendant of God, or at least His High Priest, the man appointed by God to look after the people. But the Empire which we call for convenience Byzantine maintained a larger conception. It saw itself as a universal Empire. Ideally it should embrace all the peoples of the earth, who, ideally, should all be members of the one true Christian Church, its own Orthodox Church. Just as man was made in God's image, so man's kingdom on earth was made in the image of the Kingdom of Heaven. Just as God ruled in Heaven, so an Emperor, made in His image, should rule on earth and carry out His commandments." (RUNCIMAN 1977 1). O título do autor para o capítulo em torno do período iconoclasta (*ibidem* 51-76) é também sintomático das conceções que aqui discutimos: "The battle over images: The challenge of popular belief".

[478] "We think we know what Byzantium was […] It is consigned to the twin spheres of exoticism and the east, and above all to the realms of ossification and pointless bureaucracy. One looks in vain for civil society in Bizantium, let alone democracy or the hallmarks of western liberalism." (CAMERON 2014 1). Nesta mesma obra, a autora faz uma análise pungente destas problemáticas, indo desde a noção de império até ao estatuto da Ortodoxia.

Esta tese ganhou grande popularidade e difusão, ainda que obscurecendo, da tríade, o papel da dimensão Romana[479]. A "queda" do elemento romano, na senda da leitura de Ostrogorsky e da *doxa* em torno da história bizantina, deve-se ao período do Dominato, instituído por Diocleciano para pôr fim aos tumultos da anarquia militar. Como consequência, "the Emperor was no longer a civil magistrate, but an absolute ruler, and his power was derived not so much from earthly authorities as from the will of God"[480]. Ter-se-á operado, assim, uma liquidação da jurisprudência romana clássica a favor de um regime teocrático.

Além disso, o imperador de Constantinopla, desprovido, nesta interpretação historiográfica, do aparato legal romano, estendia a sua própria força e poder sobre a Igreja e o mundo espiritual, ainda que o mundo eclesiástico e monástico oferecesse por vezes uma oposição às suas pretensões[481]. Um poderoso código de cerimónia imperial desenvolve-se na cidade por forma a aclamar e a salvaguardar a sacralidade do imperador, tido como eleito por Deus para governar o seu único Reino[482]. Deste modo, em Bizâncio, haveria o primado do

[479] *Cf*. KALDELLIS 2015 x-xi; veja-se ainda CAMERON 2014 40, que fala de uma "agenda eslávica": "The book has a Slavist agenda, especially in relation to the so-called ´dark ages´ of the seventh to ninth centuries, and asserts a misguided though persistent doctrine of Byzantine feudalism."

[480] *Ibidem* 30. O autor tem consciência, porém, e refere-o logo de seguida, de que havia muitas outras forças políticas que se opunham a uma completa soberania do poder imperial. Mas apresenta-as como progressivamente enfraquecidas.

[481] *Ibidem* 30: "But in the middle ages the church established itself of necessity in Byzantium, as elsewhere, as a force to be reckoned with, and it was here imperial authority received its most severe setback." Mas logo na página seguinte: "But an understanding of this kind tended to bring the Church under the direct protection of the powerful Empire, and so the preponderance of the imperial over the ecclesiastical authority always remained characteristic and, as it were, the normal relationship in Byzantium."

[482] DAGRON 2003 é a referência clássica para esta linha de leitura. O autor (*ibidem* 59-69) aborda diferentes cerimónias de coroação, consoante os reinados e as circunstâncias. A primeira tipologia de coroação imperial é herdada de imperadores que foram primeiro legitimados pelo exército e que só depois de uma revolta/guerra civil se estabeleceram; numa segunda tipologia, os imperadores são diretamente aclamados pela população civil. Há, assim, dois tipos de coroação: um tem a sua origem no exército que aclama o imperador enquanto o eleva num escudo; após isso, o novo monarca vai penetrando nas muralhas da cidade, pelos seus vários portões, transformando, no processo, o seu poder efetivo em poder legitimado. Dagron fala numa harmonização ou numa domesticação do espírito agressor/rebelde. Diz também que, à medida que se dá o ingresso na cidade, ele vai depondo o estatuto de *deus praesens* para reconhecer a supremacia do Deus verdadeiro. Tal processo representará um equilíbrio entre o poder militar e a legitimidade institucional. No segundo modo de coroação, onde o elemento "militar" está deposto, o centro da cerimónia passa para o Hipódromo. O futuro imperador entra e sai do palácio imperial e comunica com os representantes da república romana através do *kathisma* do Hipódromo. Este modelo, ainda que mais civil, contém também elementos disruptivos, que contendem entre si para colocarem a pessoa favorecida no cargo em questão. Há duas coisas a notar na análise de Dagron: o caráter um tanto facultativo do

elemento helenístico, moldado mais tarde por elementos romanos, sassânidas e árabes, mas que passara a constituir a "essência" do Império Romano do Oriente. Para se analisar o papel do imperador, portanto, é necessário analisar também qual terá sido o papel do Helenismo na sua constituição[483].

Consideramos que esta leitura, ainda que procure entroncar diferentes tradições no que seja a tessitura interna daqueles a que se chama, por convenção, de Bizantinos, reincide, não obstante, na tipologia teocrática para cuja revisão chamámos a atenção.

Por seu turno, uma tese diametralmente oposta é lançada e defendida por Anthony Kaldellis, sobretudo na sua obra intitulada *The Byzantine Republic.* Para ele, é o elemento *romano* quem constitui o primado cívico e civil dos romanos orientais. O Helenismo, enquanto tal, ora se remetia para uma série de construtos literários cultivados e usufruídos por uma pequena parte da população letrada (e com finalidades próprias)[484], ora estava cingido, quando fazia a apologia do monarca divinizado, aos elementos mais imediatos da corte, que necessitavam de

---

patriarca que, apesar de ter maior presença do que no modelo de coroação anterior, é mais um elemento da *politeia* do que o verdadeiro legitimador da dignidade imperial (não será o caso na cerimónia de coroação de Carlos Magno). Por outro lado, atente-se que se trata do modelo de coroação que acompanhou a eleição de imperadores como Anastásio e Justiniano I, que tiveram, nos seus reinados, que enfrentar fortes revoltas e oposições populares. E é a esse nível que a análise de Dagron, na nossa opinião, tem algumas falhas: a abundância de elementos disruptivos ao longo destes processos pode revelar não tanto a centralidade sacerdotal do monarca quanto a instabilidade da sua posição, como defendido por KALDELLIS 2015 165-198. Para uma abordagem que assenta mais na perceção social e subjetiva do poder celeste do imperador, *vide* HALDON 1986.

[483] O conceito de Helenismo, por sua vez, é também difícil de definir. Entendemo-lo, aqui, como uma conjunto de características civilizacionais de expressão linguística grega (ou de influência grega), modelados literariamente na Grécia Clássica mas definidos, na sua dimensão institucional, pelas civilizações surgidas após as conquistas de Alexandre Magno. Estas manifestações, por sua vez, afetaram de forma profunda a Romanização da parte Oriental do Império (assim como parte da cultura ocidental), sobrevivendo pelo milénio bizantino. Para uma análise geral da problemática: *cf*. KALDELLIS 2007 13-41. A postura clássica poderá ser sumarizada nas palavras de ANASTOS 1975 207: "Despite all the evidence to the contrary, they always professed to believe that the Byzantine emperor had been chosen and crowned by God to rule over the whole of the inhabited world. This unwavering commitment to both political and metaphysical absolutism is one of the chief characteristics of the ´Byzantine mind´ and probably helps to explain why Byzantium never experienced any great cultural, political, scientific, or theological revolutions. For some twelve centuries the Byzantines were the principal custodians of the heritage of ancient Greece. But for them this never proved to be the liberating force that the Renaissance in the West found it to be."

[484] Tal como defendido e desenvolvido pelo mesmo autor numa outra obra, *Hellenism in Byzantium*. *Cf*: KALDELLIS 2007 189-316. O Helenismo enquanto processo literário, e não enquanto processo identitário, é classificado por este autor por Terceira Sofística. Por outro lado, a associação entre Helenismo e Império Bizantino só começa, de acordo com o Kaldellis, por reação às pressões vindas da Europa Ocidental: e mesmo assim de uma forma incipiente (*cf*. *ibidem* 317-388).

se apoiar numa retórica salvífica para salvaguardar os interesses da dinastia reinante.

Para o autor, a Romanização do lado oriental do Império, durante o período da Segunda Sofística e da Antiguidade Tardia, não foi um processo tão somente formal, cumprindo antes uma verdadeira aculturação pela qual os elementos constitutivos das anteriores sociedades helénicas e/ou helenizadas foram reformulados com uma identidade propriamente *romana*. Uma identidade, bem entendido, que não assenta em critérios étnicos, mas na associação mais ou menos direta ao corpo institucional da sociedade[485].

É a república – uma república monárquica – que caracteriza, na perspetiva de Kaldellis, a sociedade bizantina. O monarca, por muito que se acautelasse nas dinâmicas majestáticas da corte imperial, deveria o seu poder e estatuto a um equilíbrio de forças entre o exército, as organizações populares e o conceito de sucessão hereditária – este último nunca vinculativo, ao contrário do que viria a acontecer nas monarquias de ascendência germânica. E, de facto, a ideia de um "imperador divino" não parece coadunar-se muito bem com várias passagens dos anais bizantinos, como poderemos ver na *Cronografia* do próprio Teófanes o Confessor.

Um Justiniano II, cujo nariz é cortado pela população; o violentíssimo tumulto do reinado de Justiniano I conhecido como a revolta *Nika* (532); a forma como o exército se revolta, destrona e mata o imperador Maurício e toda a sua descendência varonil (602); a firme oposição da nobreza constantinopolitana e do patriarca quando, nos inícios do século VII, Heráclio queria passar a capital do império para Cartago; a oposição monástica durante o iconoclasmo: tudo isto, entre outros exemplos, parece pôr em cheque a ideia de um monarca supremo que

[485] Veja-se a argumentação do autor em KALDELLIS 2007 42-119. "In short, the transition to Greek in Byzantium was not an abrupt change, representing a ´civilizational´ change, but emerged gradually from a long period during which the empire as a whole (as opposed to its individual subjects) was basically bilingual. Romania had a long time in which to adjust to its Greek setting, over seven hundred years in fact." (*ibidem* 70) Para o confronto entre um identidade helénica e romana, *vide* RAPP 2008, assim como MELLOR 2008.

era venerado como vicário de Deus na Terra, perante o qual os súbditos ofereceriam uma obediência passiva[486].

Por outro lado, uma vez que tal organização republicana não se baseava numa constituição escrita – afirma Kaldellis – as diversas forças sociais estavam sempre em tensão entre si para a obtenção de um consenso público sobre quem deveria ser o monarca – e em que condições. Isto levaria a um ambiente propício para a guerra civil, onde diferentes candidatos, apoiados pelas respetivas fações que os representariam, se digladiavam entre si para aclamarem um dado candidato ao trono. Este traço, herdado do período romano da anarquia militar, explica a grande frequência de guerras civis e revoltas populares que, presentes ao longo dos muitos séculos do Império Bizantino, nunca parecem destruir uma estrutura administrativa sólida, nem destronar uma coesão identitária propriamente *romana*[487].

A esse nível, a administração do tempo de Justiniano I, em contraste com uma certa imagem áurea que lhe é associada, deverá ser considerada como o exacerbar do elemento monárquico, em detrimento dos restantes constituintes políticos. A violência exercida durante os protestos de *Nika*, o ressentimento da população e a forma como as expansões militares eram vistas como desnecessárias, porquanto não relacionadas com o corpo da *politeia*, implicariam que esta aura monárquica, tendencialmente teocrática, seria, na realidade, atípica em Bizâncio[488]. Noutros contextos, o lado romano do imperador sobrepor-se-ia ao seu lado helenístico. Já a retórica e cerimónia da corte, por seu turno, pretenderiam encorpar a tradição tardo-antiga para dar coesão a uma monarquia frágil[489].

---

[486] Estes e outros exemplos são desenvolvidos em KALDELLIS 2015 118-125.

[487] *ibidem* 125-138.

[488] Atente-se nas palavras de Kaldellis, em torno da revolta de *Nika*: "It should be noted that most or all of the senate eventually joined the uprising but had not orchestrated it, and the rival emperors proclaimed by the crowd, first Probos who fled (the chant had chanted Πρόβον βασιλέα τῇ Ῥωμανίᾳ), then Hypatios (also a nephew of Anastasios) were unwilling, though Hypatios warmed to it. It was the people, on their own initiative, who proclaimed him emperor in the hippodrome, which indicates that they believed that they had the right to do this. […] At any rate, this was the only insurrection of the people in Byzantine history that failed." KALDELLIS 2015 121.

[489] KALDELLIS 2015 175 "It [a ideia imperial] was a mode of rhetorical damage control that emerged during the third century and was retained thereafter in part because Byzantine politics was essentially a state of perpetual potential revolution, especially when it became more republican after the emperors settled in Constantinople" Para o desenvolvimento geral da ideia: *ibidem* 173-184. Para um comentário mais

Além disso, de acordo com esta tese, que tende a ver o Império Bizantino como um proto-estado-nação, a religião – e a Igreja Ortodoxa em particular – seria um elemento essencial, mas não imprescindível[490]. Coisa que, por outro lado, faz com que o autor se distancie da tese segundo a qual o elemento cristão seria o fator crucial na construção de uma *koine* ortodoxa: aquilo que o estudo clássico de Dmitri Obolensky havia classificado como a Commonwealth Bizantina[491].

Por tudo isto, constatamos que o papel exato do imperador na sociedade bizantina não é tão fácil de precisar como a tradição ocidental o terá feito. Um intrincado de relações, tradições e influências, expandidos por vários séculos e percecionado por diversas culturas, entronca numa relação difícil de discernir entre elementos romanos, helenísticos e cristãos. Se, por um lado, não é operacional misturar ou sintetizar estas três "essências", por outro, isolar cada um dos seus constituintes deixa por explicar muitos aspetos vitais da civilização.

Se se quiser sobrevalorizar o lado "helenístico", de acordo com autores como Runciman, ficam por explicar muitos comportamentos que descartam o monarca de Constantinopla; também a divinização do imperador, enquanto tal, levanta sérios problemas a uma sociedade cristianizada. Por seu turno, se se quiser privilegiar uma aura "ortodoxa", deparamo-nos com todo um cerimonial imperial que parece colocar o soberano como vicário de Cristo (como veremos). Por fim, mesmo se se quiser elevar o lado "republicano-romano", como o faz Kaldellis, corremos o risco de transportar categorias modernas para a compreensão de uma

---

prudente à mesma: "[…] Anthony Kaldellis himself puts forward the view that Hellenic identity is discursively constructed; similarly, ´Hellenism and Christianity´ was a constructed opposition, constantly negotiated and variously represented. […] But texts are not innocent, especially in matters of identity. Byzantine discourse was powerfully perscriptive, creating identity and proscribing difference. […] Naturally we also see it in political and public discourse, and a rhetorical analysis of Byzantine imperial pronouncements, for example, would be one of the best ways of countering the positivist readings that prevail even now in Byzantine scholarship." CAMERON 2014 60.

[490] "Kaldellis, a Greek himself, explicitly distances himself from modern Greek and Greek-American scholarship on Byzantium, with what he calls its ´casual equation of Greeks and Byzantines´, by constructing the Byzantines as ´Romans´ in a way that might have surprised them had they heard it." CAMERON 2014 55. Estamos perante o complexo identitário não só dos bizantinos, mas também dos próprios gregos modernos (e, por extensão, de boa parte da civilização ocidental). Para uma abordagem destas complexas relações na atual Grécia *vide* LIVANIOS 2008. Ainda em torno da religião, veja-se o mesmo autor – KALDELLIS 2014 – para o que poderá ser considerado como um certo ceticismo religioso entre os bizantinos.

[491] OBOLENSKY 1971. Veja-se ainda as deliberações de CAMERON 2014 87-111.

sociedade pré-industrial. É um problema complexíssimo para o qual a presente tese não pode oferecer uma resposta.

Porém, dada a importância da figura do imperador para as relações entre Estado e Igreja, torna-se necessário indagar sobre a formulação concreta do que se tem por teocracia/cesaro-papismo bizantino.

3.3) A imagem eusebiana do imperador

A chave para se compreender o lado helenístico do imperador bizantino encontra-se naquele que iniciou a chamada "ideia imperial cristã": Eusébio de Cesareia. Ele foi o primeiro historiador cristão que teve que se deparar com a questão de haver, na pessoa de Constantino I, um imperador convertido à fé em Cristo. Até aí, o império Romano e o culto pagão ao seu déspota sempre foram opostos à Igreja e à Cristandade – apesar de os primeiros cristãos, bem entendido, não cultivarem uma total oposição aos poderes seculares, escudados nas palavras de São Pedro (I Ped. 2, 12-18) e de São Paulo (Rom. 13, 1-7).

Para todos os efeitos, o império não só deixou de perseguir os cristãos como, a partir do mesmo Constantino – e excetuando-se o breve reinado de Juliano – será sempre cristão. Como então colocar, no seio da Igreja, um senhor temporal? Eusébio de Cesareia, deparado com esta questão, resolve-se pela imagem helenística do imperador:

> "According to Eusebius the triumph of history had now come, when the Roman Emperor had accepted the Christian message. He was now the wise king who was the imitation of God, ruling a realm which could now become the imitation of Heaven. Eusebius simply adopted the doctrines of Diotogenes, Ecphantus and Plutarch, with suitable modifications. The king is not God among men but the Viceroy of God. He is not the logos incarnate but is in a special relation with the logos. He has been specially appointed and is continually inspired by God, the

friend of God, the interpreter of the Word of God." (RUNCIMAN 1977 22)

Isto, ainda que coloque o imperador em oposição ao primado da lei romana e à Igreja de Cristo (*ibidem* 23-24), vai ser considerado por boa parte da Bizantiologia como a génese da ideia imperial bizantina. Uma ideia que se vai aplicar de forma uniforme para todo o seu período histórico[492]. Aqui nasce, deste modo, o imperador romano "helenístico", assente nas conceções de poder que já haviam sido desenvolvidas no período clássico, com Aureliano e Diocleciano[493].

Ainda que a verdadeira influência da ideia tenha sido algo limitada em Bizâncio, não atingindo o peso que normalmente a ela se atribui[494] – e veremos em breve alguns motivos para isso – importa agora precisar o que significava este mesmo conceito, tal como aparece na pena de Eusébio e, depois, ver em que medida e em que contextos terá sido aplicado com maior efeito.

Com Eusébio, de facto, opera-se uma fusão, na pessoa de Constantino I, entre Reino dos Céus e Reino temporal. Para ele, o império é uma natural consequência da Humanidade feita à imagem de Deus, sendo que o seu arquétipo original é o Reino dos Céus[495]. A chegada de Cristo dá uma configuração final a esta imagem, que dantes só sido uma pálida figura com o Reino de Israel:

---

[492] *E.g.*: "Byzantine imperial theory rests on assumptions similar to those of Eusebius" (CRANZ 1952 47). Assim, RUNCIMAN 1977 23-30 considera que os Padres Capadócios – Basílio de Cesareia, Gregório de Nissa e Gregório de Nazianzo – partilhavam da imagem eusebiana do poder imperial, em contraposição com a postura de Atanásio de Alexandria.

[493] KALDELLIS 2015 176-177. Para Gilbert Dagron, contudo, a influência helenística na conceção monárquica bizantina é inválida, sendo que devemos antes procurar uma relação com o Antigo Testamento. Mas essa relação, diz o autor, nunca se podia expressar abertamente, dada uma tensão entre a abrogação da Lei Antiga e o Novo Testamento: *vide* DAGRON 2003 3-4.

[494] *Cf*. "Eusebios was the bishop of Kaisareia in Palestine who lived through the Great Persecution of Diocletian and Constantine´s conversion to Christianity. He was the first Christian writer we have who tried to make sense of those events and explain in Christian terms what it might mean to have a Christian emperor. […] As a result, he is treated in the field as if he were the author of a kind of ´Byzantine Constitution´. Almost every scholar who wants to illustrate what the Byzantines thought about politics or the emperor trots out some quotations from Eusebios" (KALDELLIS 2015 167). E mais à frente, de um forma contundente: "Byzantines who read his works closely would have questioned their orthodoxy, and in fact it does seem that Eusebios´s Constantinian writings were not popular in Byzantium, which was skeptical of them. All told, there are many reasons to stop treating Eusebios as the Founding Father of Byzantine thought." (*ibidem* 177).

[495] CRANZ 1952 51-53.

> "The coming of Christ inaugurates the second and last stage in human history, for He told all men not only of the divine monarchy but also of the Son and of His kingdom of heaven. The whole kingdom of God, which the natural reason knew only in part and which the Jews knew only in obscure prophecy, was now revealed. In consequence, images of the full heavenly reality appeared on earth: the Christian Empire (kingdom) of Constantine and the Christian ecclesia or church." (CRANZ 1952 53)

Eusébio parece confundir dois conceitos: o de Igreja e o de Império. Para ele, uma vez que a prefiguração do Reino dos Céus já é possível em virtude da Encarnação de Cristo, o imperador transforma-se, ele próprio, no mediador entre a terra e o céu. Sintomaticamente, ele é visto muitas vezes como uma imagem de Cristo, como o diz na famosa *Vita Constantini*: "Alguém poderia supor que o império de Cristo [Χριστοῦ βασιλείας] podia ser imaginado como uma imagem [εἰκόνα], e que ela seria um sonho e não uma coisa real."[496] A Igreja é também vista como uma imagem do Reino dos Céus: "O mesmo seria o Reino dos Céus [βασιλεία οὐρανῶν] anunciado aos que receberam o Evangelho: a Igreja ter-se-á tornado um ícone [εἰκὼν] dele sobre a terra."[497]

Tanto o império como a Igreja, portanto, são imagens do Reino dos Céus. Ainda que Eusébio reconheça, de forma algo vaga, que a sua verdadeira consumação só ocorrerá com a segunda vinda de Cristo (CRANZ 1952 51), ele parece fazer com que estas duas realidades se venham a fundir na pessoa do imperador, tido como a verdadeira imagem de Cristo e, assim, o verdadeiro

[496] Χριστοῦ βασιλείας ἔδοξεν ἄν τις φαντασιοῦσθαι εἰκόνα, ὄναρ τ᾽εἶναι ἀλλ᾽οὐχ ὕπαρ τὸ γινόμενον (in EUSÉBIO DE CESAREIA, *Vita Constantini* 1074). A frase é dita no contexto da celebração das *vicennalia* de Constantino, quando o autocrata recebe nos respetivos festejos diversos dignitários eclesiásticos. Atente-se ainda numa alusão homérica na última parte da citação – *Od.* 19, 547; 20, 90: vestígio da formação helenística do autor.

[497] "Ἡ αὐτὴ δ᾽ἄν εἴη ἡ καταγγελλομένη τοῖς τὸ Ἐυαγγέλιον παραδεχομένοις βασιλεία οὐρανῶν. Εἰκὼν δ᾽ἐκείνης ἡ ἐπὶ γῆς γένοιτ᾽ ἄν Ἐκκλησία. EUSÉBIO DE CESAREIA, *Commentaria in Psalmos* 625. A frase surge de um comentário a Sl. 2 6.

mediador entre o Céu e a Terra[498]. É notório, a esse nível, que Eusébio venha a classificar a Igreja como uma *imagem* de Cristo, e não como o próprio Cristo: tal distinção é um tanto semelhante àquela que encontrámos para os iconoclastas de finais do século VIII, segundo os quais o Corpo Eucarístico de Jesus é somente uma imagem, não o próprio Corpo.

Formulamos com isto a hipótese segundo a qual o iconoclasmo bizantino poderá associar-se, de uma forma mais ou menos livre, ao conceito eusebiano de imperador cristão: face à necessidade de assegurar um só mediador entre o Céu e a Terra, seria necessário cortar outras pontes de mediação entre os crentes e o sagrado. Os ícones santos, cujo culto se propagava muitas vezes para fora da área da jurisdição imperial, seriam o alvo mais evidente de tal intenção. E, em contrapartida, a relativa ambiguidade dos iconoclastas para com o culto das relíquias traduz uma ambiguidade em relação à Segunda Vinda de Cristo: pois se o império, na linguagem de Eusébio, já está consolidado, qual a função a dar àquele evento final?

Surge, pois, o problema da escatologia no seio da doutrina iconoclasta, assunto que em breve abordaremos. Por agora, no entanto, será necessário precisar as implicações desta hipótese. É que com a triunfo da Cristandade, com Constantino, ocorre também uma propagação e difusão de representações de carácter religioso (que poderão ser mais ou menos ortodoxas; mais ou menos heréticas), mas que podem, em potência, entrar em choque com o culto imperial. A

[498] Nesta formulação, o espaço social e cultural do mosteiro está, em potência, em choque com o poder central: "At the time when Constantine the Great startled the Christians by becoming one of them, Bishop Eusebius of Caesarea quickly adapted Hellenistic notions of kingship to the new situation, and Christians began to believe that the empire was the earthly mimesis of the kingdom of heaven. The most serious and persistent challenger for this title was the monastery." HENRY 1976 28. Coisa que põe em evidência a relação paradoxal entre o poder central e o mundo espiritual ascético, bem patente no reinado de Justiniano: "In the area of ecclesiology, the Iconoclastic controversy was a reopening of the question that had been answered too abruptly, and hence only provisionally, in the wake of Constantine's conversion. The astonishing growth of monasticism in the fourth century is clear testimony to the depth and extent of the feeling that the Christian ideal must have some expression other than the empire. The background for the monachomachy of the Iconoclasts is not only the emergence to prominence of an independent locus of power, but also, ironically, the monumental effort of Justinian to include the monks within the Byzantine theocracy. He praised them to the skies, crediting them with more value to society than any other group – and proceeded to regulate them as though they were a department of state. The monks, by resisting the Iconoclasts, were, belatedly (by a matter of at least two centuries), challenging the ideology formulated by Eusebius and translated into law by Justinian." *Ibidem* 31. GERO 1977 243, n. 8, por seu turno, considera que a ideia de Henry acerca da sacralização do espaço monástico é gratuita.

imagética eusebiana, com as suas formulações não muito bem definidas e sujeitas às necessidades circunstanciais do autor[499], oferece uma primeira resposta a esta situação, propondo uma fusão entre o cargo de imperador terreno e de imperador celeste (ficando a Igreja num débil ínterim).

Com o decorrer dos séculos, a majestade do imperador terreno e do imperador celeste pareceriam entrar em competição uma com a outra, se não fosse a deferência da primeira para com a segunda. Assim o vimos nas representações que culminaram com as moedas únicas de Justiniano II, nas quais o monarca, tornado *servus Christi*, se apresenta como submetido ao *Rex Regnantium* que é Cristo (*cf. supra* 188-189). Mas se considerarmos o início deste processo histórico – e se seguirmos o modelo da "ascensão e queda" de Kitzinger, pesem embora as suas limitações – esta atitude, no seu germe, continha em si já uma contradição. Ela residiria no reinado de Justiniano I.

Pois se há um período da história bizantina onde a figura helenística do imperador teocrático melhor se evidencia, esse será porventura o do megalómano Justiniano. Com as suas gigantes reformas jurídicas, as suas monumentais construções arquitetónicas, a supressão violenta de revoltas populares e a expansão compulsiva de território, este imperador outorgava para si uma autoridade que ultrapassava os limites que Kaldellis classificaria como "republicanos". E este imperador majestático, como demonstrou Milton Anastos, vai exercer o seu poder sobre a própria Igreja[500]. Ele, procurando astuciosamente resolver as querelas entre ortodoxos e monofisitas, acaba por dar continuidade ao

[499] CRANZ 1952 47-51. Eusébio não escreveu uma obra que se dedicasse especificamente a este problema, ainda que a *Vita Constantini* se possa aproximar disso. Vejam-se ainda os comentários de KALDELLIS 2015 177: "Eusebios in fact developed his imperial theology gradually: at first he too had attributed Constantine´s rise to the army, then to the army and God, then finally to just God, and in part this shift was a result of his attempt to ameliorate the ugly reality of what was in fact a military coup."

[500] "Moreover, he issued his dogmatic decrees whenever he chose, and did not concern himself about securing the signatures of bishops and patriarchs until his decree was drafted. Then, after it was officially promulgated, he set about to procure whatever ecclesiastical sanction he saw fit, which on the part of the clergy amounted to no more than the purely administrative act of announcing the Emperor´s theological decisions to the churches within their jurisdiction. In every instance, the priests, when asked to give their approbation to an imperial theological decree, were confronted with a *fait accompli*, and were powerless to resist, or to suggest changes." ANASTOS 1964 2

édito de Zenão, através da fórmula do *Teopaschite*[501]. Atitude, como se vê na pena de Teófanes, que não passou despercebida às autoridades eclesiásticas[502]. Justiniano apresenta-se mais do que um árbitro ou facilitador das disputas entre os bispos.

O caso deste reinado, por seu turno, pode ser visto como relativamente excecional no âmbito mais alargado da longa história do Império Romano do Oriente. Deixa claro, não obstante, que as contradições e imprecisões inerentes à imagem eusebiana do império cristão se transportam para a sua aplicação adentro das modalidades interpretativas a que foi submetida, desde uma afirmação direta da supremacia "teocrática" imperial – no reinado algo anómalo de Justiniano I – à gradual deferência de majestade para com o ícone de Cristo (e, por extensão, dos santos cristãos e eventos de caráter salvífico).

As flutuações na aplicação deste conceito têm duas origens: uma interna, porquanto a própria imagem eusebiana nunca foi especificada de uma forma clara; e outra externa, na medida em que a sociedade bizantina, se a quisermos decompor nos seus três elementos cristão, helenístico e romano, nunca se apoiou por completo num desses elementos só. O que poderá talvez afirmar-se, com base em tudo o que foi dito, é que há uma coincidência entre a aplicação histórica da ideia teocrática do imperador e o segundo período que Kitzinger indicou como de ascensão da proliferação dos ícones – de Justiniano I até Leão III, um período de três séculos! Neste longo intervalo, nem a imagem Césaro-papista se implementou na sua totalidade, nem, em contrapartida, se operou a sua dissolução ou superação[503].

---

[501] *Idem* 3-6.

[502] *Cf*. A.M. 6057.

[503] Deste modo, insistir na hegemonia do primado helenístico revela contradições que não são operantes no quadro geral da história bizantina. Veja-se, por exemplo, as conclusões de Runciman: "In fact the origins of the conception were pagan. It was Platonic thought, transmitted by such interpreters as the pagan Plotinus, the Jew Philo, and the Christian heretic Origen, which was combined with the Oriental tradition of Hellenistic monarchy and the pragmatic authority of the Roman Imperator, that formed the foundation on which Eusebius built up his theory of government. But the theory endured because the Byzantines, for all their piety, were practical. They knew that the Emperor, whatever he might symbolize, was a mere man. In spite of the coronation ceremony, he was not a priest. Indeed, as it was his business to lead armies into battle and sit in judgment in secular courts, he could not be a priest. His divine monarchy was limited. He must not pronounce on doctrine; the defeat of Iconoclasm made that clear. Doctrine was a matter only for a Council of all the bishops within the oecumene, on whom the Holy Spirit would descend as It descended

Por fim, e para concluirmos esta secção, é importante confrontar a imagem eusebiana do império Romano com a forma como os ortodoxos haviam desacreditado a carta do mesmo Eusébio a Constância, como sendo aquele ariano. Mesmo se se considerar que a carta é apócrifa – e não parece ser esse o caso[504] - é peculiar que o ataque a Eusébio, na pena dos iconódulos, seja feito pondo em causa a sua ortodoxia. Por extensão, assim, temos que o imperador helenístico é, pelo menos em potência, tido como anticristão ou herético.

E, de facto, as simpatias do bispo de Cesareia por Constantino parecem ter-se desenvolvido a par dos apoios que o mesmo fez do Concílio Ariano: "his writings about Constantine were a way by which he tried to prop up his subordinationist (non-Nicaean) theology. This entailed blurring distinctions between Jesus and Constantine as agents of God on earth." (KALDELLIS 2015 177). Daí que a identicação dos iconoclastas com os arianos não será tão fortuita como um olhar moderno poderá supor.

Os ortodoxos do século VIII parecem ter a noção das implicações arianas do pensamento de Eusébio: a forma como a sua carta foi desclassificada, no segundo Concílio de Niceia, como sendo herética, e não como tendo sido adulterada (como para outras passagens), revela bem que este escritor levantava questões trinitárias. Sendo ele um potencial ariano, a sua apologia de Constantino estaria a par de uma apologia do imperador enquanto *criatura*, na medida em que Cristo, para os arianos, era também *criatura*.

O próprio conteúdo da carta a Constância, não obstante a sua terminologia ambígua, poderá apelar para uma concessão imperial helenística. Pois, se a "verdadeira" imagem de Cristo não é passível de ser representada, e se a outra, na forma de um servo, é uma degeneração da primeira, então não há um referente a Cristo que seja legítimo. Ou, melhor dizendo, não havendo uma Encarnação do Filho que é Consubstancial ao Pai, somente os agentes do seu reino é que estão legitimados para o governar. Ora, se Cristo fora um vicário de Deus para a criação

---

on the disciples at Pentecost. Though he was above the Law, yet he must respect it as the guarantor of harmony" (RUNCIMAN 1977 162-163). Deste modo o autor, ainda que encontre sérios problemas históricos relativos à aplicação desta ideia, persiste em manter, ao longo de toda a obra (até ao seu título), que este era um princípio caracterizador da essência de Bizâncio.

[504] *Cf*. *supra* 171.

do novo Israel, Constantino seria – na idealização pouco sistematizada de Eusébio – um terceiro vicário de Deus na Terra.

A forma como os ortodoxos dos século VIII e IX classificavam Eusébio como ariano indica, para nós, que eles entendiam as implicações arianas do próprio iconoclasmo. Parece haver uma sincronia ou coincidência – dado que ainda não podemos provar uma causalidade – entre a representação majestosa do imperador divinizado, por um lado, e o culto às imagens, por outro. Um vínculo parece surgir entre ambos, que é o do arianismo.

Naturalmente, Ário e os seus correligiários nominais há muito que já haviam sido afastados do seio da Igreja. Os próprios iconoclastas, tendo reconhecido os anteriores concílios ecuménicos, estariam entre os primeiros a criticar o heresiarca. Do que se trata aqui, bem entendido, será mais de uma infiltração sociológica ou comportamental que tende a desenvolver-se, nalguns pontos concretos, de forma análoga ao Arianismo. O iconoclasmo revela um arianismo anacrónico na medida em que põe em causa princípios básicos da Economia da Trindade, tal como aquela outra heresia havia feito no século IV. Torna-se consequente que o desenvolvimento destas duas tendências encontre pontos comuns entre si, tal como notado pelo patriarca Fócio[505].

A indagação feita até aqui permitiu que se traçassem alguns paralelos entre o culto das imagens e o culto imperial. Vimos que ora parece haver uma tensão entre ambos, ora uma certa sintonia. O imperador cristão reconhece, pelo menos verbalmente, a supremacia de Cristo, mas nem sempre parece disposto a abdicar de um estatuto central, por muito mal definido que o mesmo esteja. O Reino de Cristo e o século dos homens parecem relacionar-se de uma forma cujos contornos são pouco percetíveis. Todavia, cremos poder chegar a uma conclusão mais ajustada se passarmos do campo do mundo presente para o do mundo futuro: os choques e dialéticas que fomos encontrando poderão ser perspetivados de uma forma mais adequada à luz da escatologia da época.

[505] *Cf*. *supra* nota 387.

4) Iconoclasmo e escatologia

4.1) A escatologia enquanto ferramenta de investigação

As relações entre a figura imperial bizantina e o iconoclasmo, como vimos, circunscrevem-se a várias problemáticas epocais, culturais e teológicas, sendo que nos é difícil, até agora, estabelecer uma relação de causa-efeito entre a proibição do culto às imagens e o culto ao imperador. Isto é, ainda que alguns dados nos permitam estabelecer alguns vínculos que promovam uma antinomia entre *basileus* e a imagem de Cristo, nas manifestações sociológicas, políticas e doutrinais, não encontrámos, até agora, algo que identifique de uma forma cabal e concreta o iconoclasmo como um fenómeno de imposição secular/estatal sobre a Igreja.

A escatologia, porém, permitir-nos-á, como é objetivo desta secção, propor uma nova linha de análise. As tensões apocalípticas vividas nos séculos VIII e IX, tanto no mundo cristão como no mundo islâmico, sofreram alguns desenvolvimentos, através dos quais escrutinaremos o papel com que as diferentes tradições encaravam o porvir imperial. A questão, por seu turno, está também no âmago da luta ortodoxa contra o iconoclasmo, porquanto permite perspetivar, de uma forma mais exata, as fontes de autoridade que estavam em disputa.

Atentemos ao que o patriarca Nicéforo, num dos seus *Antirrhetici*, afirma, quando acusa os iconoclastas de permitirem o culto à imagem do imperador, mas não à de Cristo:

> "A impiedade deles crescerá também sobretudo com isto: de facto, se algum dos que vivem em piedade, expuser, a título de exemplo, que, tal como está consumado desde há muito tempo o costume de se venerarem as imagens dos imperadores [τὰς βασιλέων εἰκόνας προσκυνεῖσθαι] pelos súbditos – argumento que os nossos sacerdotes e professores usaram várias vezes nos seus discursos, e que o costume universal e popular já conhece – e que assim também é necessário

> honrar [τιμᾶσθαι] a imagem do imperador dos imperadores e Deus de todas as coisas, e de uma forma muito mais grata e entusiasmada; então os desgraçados não suportam ouvir, mas tornam-se ásperos para com estas coisas e respondem: «isso é afim aos homens que são imperadores entre nós, assim como aos que calham de governar sobre a terra. Mas de modo algum isso deve ser adaptado a Cristo». Pedimos que seja dito por que motivo [isso é assim]: se o rejeitam por ser tirânico, parem os imperadores com a sua tirania […] Mas se O demitirem [a Cristo], como não pensando Ele em participar em nada das coisas daqui [da terra], coisa que é mais própria da loucura deles próprios, o que é que nós diremos?" NICÉFORO, *Antirrhetici tres adversus Constantinum Copronymum* 394

A questão está em saber quem é que é o verdadeiro imperador, se o dos homens, se o de todas as coisas[506]. Para Nicéforo, a resposta é imediata: Cristo. O imperador transitório e humano, ao assumir a função de verdadeiro imperador, está a transgredir o seu domínio. Ora, não estando Cristo presente no período cronológico em questão – vivendo a comunidade cristã na expectativa da Segunda Vinda – cria-se uma tensão para com a autoridade imperial, que tem o poder para agir, mas não tem a legitimidade, *stricto sensu*, para o fazer. O imperador, por assim dizer, governa um império alheio (ou parte de um império alheio).

Daí que uma parte da agitação da época se revolvesse em torno do uso da *oikonomia*, tal como esteve presente no caso da Questão Adúltera: pois o imperador, outorgando-se o direito de fazer uso dessa *oikonomia*, circunscreve-se a si próprio na imagem crística, sobrepondo-a à autoridade apostólica da Igreja. Diríamos que foi por isso que Teodoro Estudita levou a questão de forma tão frontal, pese embora o facto de não estar diretamente relacionada com os argumentos da Controvérsia das Imagens (*vide* parte 1 4.1-4.2).

[506] Para o símile entre culto imperial e culto à imagem de Cristo como elemento que reforça, para os iconódulos, a relação purpúrea entre César e Cristo: AUZÉPY 2007 77-89.

De qualquer forma, há aqui uma tensão, como dissemos, entre o poder efetivo do soberano temporal, por um lado, e o facto de esse mesmo poder, por outro lado, ser uma mera regência. Jesus Cristo é o verdadeiro imperador e é aquando do seu regresso que se assistirá a uma verdadeira atualização da fonte da autoridade. Em contrapartida, isto deixa para o imperador terreno um papel dúbio: será ele um elemento crístico, com a legitimidade para legislar sobre a própria Igreja, como o propõe a imagem eusebiana? Mas se, por outro lado, ele não tiver esse poder, qual é o seu papel no Reino de Deus? Como harmonizar a função de um imperador secular num Reino que aguarda o regresso do verdadeiro e único soberano? O período iconoclasta, portanto, põe a nu, de uma forma mais evidente, a problemática herdada desde os tempos de Constantino I, e que nunca fora resolvida na íntegra.

Ora, estas mesmas tensões, na mentalidade da época, encontrarão um ponto de fuga nas profecias apocalípticas, que conheceram uma grande difusão nesta altura, assim como mutações importantes. A forma como se encarava o porvir dos tempos – isto é, a expectativa perante o regresso do verdadeiro imperador de todos os homens e de todas as coisas – permitir-nos-á ver como algumas correntes cristãs encaravam o papel do soberano cristão secular.

É possível fazer isto analisando as narrativas escatológicas coevas. Com base na sua difusão e aceitação, veremos qual o papel do imperador romano dentro dessa mesma narrativa. Em contrapartida, isto também nos enquadrará com possíveis sentidos escatológicos presentes na *Cronografia* de Teófanes. Primeiro, todavia, será necessário voltar a colocar o imperador no seu trono, agora sem o pano de fundo de uma herança helenística, mas com o pano de fundo do Antigo Testamento.

Acreditamos que a literatura apocalíptica da época é a chave para resolvermos algumas das problemáticas que fomos salientando ou, pelo menos, para perspetivar de uma forma diversa a tensão entre Igreja e Estado a que assistimos nesta altura. Não encontraremos relações diretas com o iconoclasmo, mas explicaremos, enfim, que o Iconoclasmo e a primazia do imperador são dois

fenómenos provenientes de uma mesma causa. Uma causa que a Ortodoxia não poderia aceitar.

4.2) Entre a *virga* de Moisés e o trono celeste

Um local onde o comportamento do soberano sobressaía de forma particular é o ritual processional pelo qual, todos os domingos e em todas as principais cerimónias religiosas, o imperador se dirigia, com toda a solenidade, para participar na Divina Liturgia. A forma de conduzir a procissão está preservada no *Livro das Cerimónias* (*De caerimoniis aulae byzantinae*), escrito pelo imperador Constantino VII após a Querela das Imagens, no século X. Trata-se de uma obra de grande importância para a Bizantiologia, na medida em que compila e preserva todo um conjunto de tradições da corte constantinopolitana. Gilbert Dagron, por sua vez, faz uma análise da significação simbólica deste tipo de cerimónias (entre outras). O autor defende a tese de que o imperador humano tinha um estatuto *sacro* na cultura bizantina, ainda que tal estivesse latente, nunca patente. Apesar de não concordarmos com ele, os resultados da sua análise são importantes e úteis para a nossa investigação. Permitem-nos também transitar da questão da influência helenística do comportamento do imperador para uma influência vetero-testamentária e, por consequência, escatológica.

Assim, DAGRON 2003 84-95 descreve as procissões que o imperador realizava, nos principais dias litúrgicos, desde o palácio imperial até Santa Sofia, e de novo para o palácio imperial. Na sequência de longas preparações, ele devia realizar um pequeno périplo pelas divisões dos aposentos imperiais. Após isso, deveria haver uma espera formal por um legado da Grande Igreja (um *referendarius*), que lhe daria novas instruções. Somente depois é que era colocada sobre a cabeça do imperador uma coroa: o soberano, então, continuaria o seu périplo pelo palácio até chegar a uma outra divisão (o Grande *Consistorium*), onde se encontravam duas relíquias de elevadíssima importância: a Cruz de Constantino e a *virga* de Moisés. Munido das mesmas, o monarca revivia, por

assim dizer, a figura vetero-testamentário do líder bíblico, ao mesmo tempo que se constituía como herdeiro de Constantino I.

A procissão continuaria, sendo que havia, no processo, várias venerações de Cruzes, mas poucas de imagens (no palácio imperial só ocorria no Chrysotriklinos, um local atacado durante o período iconoclasta). Diversos representantes do exército e do povo (das fações do circo) iam aclamando o imperador à medida que ele ia passando, atualizando os votos de aclamação que haviam acompanhado a sua coroação. A transição do espaço simbólico da corte para o espaço público é feita através da Porta de Bronze, ao som de órgãos. Trata-se, com efeito, do mesmo local onde se deu o episódio que iniciou a Querela, com as convulsões que surgiram quando Leão III ordenou que a imagem de Cristo aí presente fosse retirada (*vide* parte 1, 1.1). O espaço simbólico em questão, portanto, já estava revestido com uma carga processional própria, pondo em cheque a forma como o soberano se apresentava ao público na sua peregrinação para se apresentar ao imperador celeste, na Igreja. Era na Porta de Bronze (ou aí perto) que muitas das representações populares se reuniam para receberem o imperador.

Por seu turno, aquando da entrada na Grande Igreja, pela chamada Porta Bela, os *praepositi* removiam a coroa antes de passarem para o nártex da Igreja. O soberano temporal, pois, abdicava do seu próprio estatuto (porquanto provisório) ao entrar em contacto com a verdadeira fonte de poder. Lá dentro, o patriarca esperava-o: então ambos prostravam-se três vezes perante as chamadas Portas Imperiais, para depois entrarem por elas e iniciarem a liturgia propriamente dita[507]. Somente com a conclusão desta última é que era dada de novo ao imperador a sua coroa, já fora do edifício da Igreja[508].

Mas durante a celebração ocorria algo que vai levar Gilbert Dagron a defender, na sua influente obra, a sacralidade do imperador bizantino. Trata-se da

[507] Nas Portas Imperiais havia um mosaico, de datação incerta, em que se representa um imperador completamente prostrado e arrependido, que Dagron associa a um *David redivivus* com roupagens bizantinas: DAGRON 2003 114-119; para uma reprodução da imagem, *ibid.* 102. O imperador prostra-se perante Cristo no seu trono, com a Virgem e o Arcanjo Miguel em medalhões. Conjetura-se que o imperador representado seja Leão VI, que entrou em confronto com a Igreja (de novo em torno da questão da validade de casamentos): *ibid.* 122-123.

[508] Para mapas e reconstituições esquemáticas do percurso das procissões, *vide* DAGRON 2003 85-90.

sua entrada no altar da Igreja, algo vedado aos leigos e reservado aos sacerdotes. Pois, após a entrada do patriarca no altar, o imperador, tendo-se prostrado três vezes, entrava também: aí beijava o pano do altar (onde estava uma representação de Cristo), venerava os vasos litúrgicos e os objetos presentes sobre a mesa e colocava lá presentes. Havia, em seguida, uma breve procissão para um espaço atrás do altar, onde o monarca incensava uma Cruz com incenso dado pelo patriarca. Só depois é que ele se deslocava para uma outra divisão, onde assistia ao resto da liturgia[509].

Este momento fulcral constitui para Dagron, como dissemos, uma das provas contundentes da sacralidade imperial. É-o também para um canonista bizantino do século XII, Teodoro Balsamão[510], coisa que leva Dagron a concluir que o período final do império acompanhou a consciencialização de uma condição que sempre havia sido ingénita à forma de se pensar o império, mas que, qual tabu, nunca fora proclamada: "At the end of a long evolution, the Byzantine coronation had become a consecration and the leader of the Church was asked not only to provide the support of his prayers and the solemnity of his Church, but to administer a sacrament." DAGRON 2004 276.

Convém notar, de qualquer forma, que o estatuto sagrado que o autor denota não é herdado da tradição helenística propriamente dita, mas antes da tradição judaico-cristã. A dualidade de espaços, entre a Grande Igreja e os aposentos imperiais, acompanham a dualidade existente entre o Novo e o Antigo Testamentos. O imperador bizantino era sacerdote – sustenta Dagron – na senda

[509] Aparentemente, dantes o imperador ficava no santuário durante mais tempo. O confronto entre S. Ambrósio e o imperador Teodósio terá corrigido esse excesso: isso era conhecido, em Bizâncio, através da *História Eclesiástica* de Teodoreto (in TEODORETO DE CIRRO, *Historia ecclesiastica* 1233). *Cf*. DAGRON 2003 111-112. De notar ainda que a divisão onde o imperador assistia à liturgia, o *metatorion*, era uma espécie de zona de acomodação, onde ele poderia acompanhar o serviço religioso em sede própria. Para Dagron, este é um espaço de contacto entre o mundo imperial e o mundo religioso, algo análogo ao *kathisma*, que era um espaço de contacto entre o imperador e a população no Hipódromo: *ibidem* 96-97.

[510] Para Balsamão (e para um outro comentador coevo, Demétrio Comatiano) a unção do imperador era também um dado que revelava a sua sacralidade. Mas este ritual é tardio em Bizâncio, introduzido por influência latina, talvez após a Quarta Cruzada: DAGRON 2003 267-276. Seja como for, NICOL 1976 40-41 *et passim* afasta esta hipótese, tal como proposta por Ostrogorsky. Para ele, a inovação do século XIII não consiste no ato em si, mas sim no material usado para o fazer (mirra em vez do tradicional óleo): *ibidem* 49-50. É importante ainda notar que os argumentos dos canonistas bizantinos a favor da sacralidade do imperador, ou do carater sacramental da sua nomeação, foram criticados pelos seus próprios contemporrâneos.

de Moisés e de David. O facto de o Reino de Deus se ter atualizado no povo cristão fez, por seu turno, que o monarca cristão atualizasse nesta terra as coordenadas régias do antigo povo bíblico. Assim, a entrada do imperador no altar, em Santa Sofia, seria modelada com base em Moisés e Araão (Lv. 9: 23). Mas, se no Antigo Testamento Moisés delegava a Aarão a possibilidade de entrar no santuário, com o Novo Testamento é a Igreja a outorgar ao imperador a possibilidade de ingresso:

> "The roles, of course, are reversed; Aaron and his sons were initiated by Moses into the service of the Lord, whereas the emperor was received into the holy of holies by the patriarch and his clergy. But it was as leader of the people and God´s elect that the sovereign, like Moses, had the right to enter the sanctuary and act as a priest or even, as Constantine Porphyrogenitus several times put it in a revealing slip of pen, ´to celebrate the liturgy' […]" DAGRON 2003 110

O líder secular, deste modo, munido do cajado de Moisés, conduziria simbolicamente o seu povo, por entre aclamações, para a casa de Deus[511]. Aí ele deporia a sua coroa e participaria nos mistérios divinos. Ele seria um *David redivivus*, como já o fora Constantino I: e todas as ações erradas por ele cometidas poderiam ser revertidas perante arrependimento, no seguimento do exemplo do próprio David[512]. Gilbert Dagron identifica ainda uma personagem bíblica, Melquisedeque (Gn. 14: 18-20), como uma figura imperial: Melquisedeque deixa

[511] A associação entre Moisés e o imperador Leão III está muito vincada num conjunto de textos armenos, que GERO 1973 36-37 *et passim* classifica mesmo como «hagiografia iconoclasta», cujos vestígios teriam sido perservados na Arménia, afastada do foco da resistência iconódula. A lenda em questão é relativa ao cerco de Constantinopla: «it presents Leo during the siege of 717 as a veritable Moses *redivivus*, who causes the infidels to drown by the power of the Cross.» De acordo com a lenda, o próprio imperador, após ter feito jejum, parte para o mar e atinge-o com a Cruz, causando a tempestade que a frota muçulmana irá sofrer. Um excerto da crónica principal onde se encontra esta narração (na obra *História Universal* de Estêvão de Taron) está traduzido em GERO 1973 134-136: o cajado de Moisés é aí explicitamente referido como sendo um arquétipo da Cruz de Cristo.

[512] Para o autor, existe um paradoxo na imitação imperial de David arrependido. Assim, se, ao se arrepender, os imperadores afirmam a superioridade da Igreja, nesse mesmo ato são purificados e vêm a sua legitimidade de imperadores cristãos certificada: *Cf*. DAGRON 2003 123-124

de ser uma prefiguração mística da Encarnação de Jesus para passar a ser um modelo de soberania temporal[513].

O problema desta interpretação – aparte considerações em torno de um caráter demasiado hermético destas ações, que não teriam tanto impacto na sociedade bizantina quanto uma reconstrução moderna poderá fazer supor[514] – é que, de acordo com a tese, vive-se na atualização de um reino que fora somente prefiguração e sombra daquele que chegou com a Encarnação[515]. A deposição da coroa aquando da entrada no recinto da Igreja é sintomática: o imperador reconhece a sua transitoriedade em função do verdadeiro e eterno imperador de todas as coisas. Com isso, não se atualiza tanto, como parece supor Dagron, a tensão entre o mundo do Antigo Testamento e o do Novo Testamento, mas sim

[513] Para esta problemática, *ibidem* 173-181. Existe uma representação bizantina de Melquisedeque na qualidade de imperador, com as vestimentas imperiais bizantinas, e na qualidade de sacerdote, com as mãos a rezar, na posição de *pietas* (*ib.* 180). Mas existem outras representações (ib. 179-181) que colocam esta figura bíblica, a um lado, como sacerdote, e David, como rei, do outro, sendo que Cristo está no centro, como verdadeiro rei e sacerdote.

[514] Atente-se na análise de KALDELLIS 2015 188-189: "No book exemplifies these challenges better than G. Dagron´s otherwise brilliant *Emperor and Priest*, which many regard as the last word on the position of the emperor. […] His exposition is superb, but it has to be put in perspective. Few Byzantines, perhaps only a handful can be shown to have been concerned with this issue, […] While he knows that there was a ´vast´ Roman side to the emperor, he does not deal with it. His book has nothing to say about what emperors did for most of the time or how they were evaluated by their subjects. As a result of this occlusion he can conclude that the emperos, being nothing if they were not the providential mediators between people and God, could be resisted *solely* regarding the sacerdotal aspects of their office; presumably, they were *politically* beyond reach."

[515] Dagron, na nossa opinião, não lê corretamente a relação entre a Igreja e o Estado no momento da coroação (*cf*. DAGRON 2003 80-83). O autor destaca, com precisão, como a coroação do imperador por parte do patriarca funcionava como uma bênção, que não era uma parte intrínseca do processo de eleição. Ainda que a partir da segunda metade do século V o patriarca pareça estar mais presente no processo, não deixa de ser um elemento acessório, não eletivo. Isto é concomitante com o processo que procura associar o dia da coroação, o mais possível, a um dia da Igreja, um dia de celebração litúrgica ou, se possível, aquando de um grande festival religioso. A dependência exterior para com o calendário da Igreja revela que a cerimónia de aclamação/coroação não era, *per se*, uma consagração religiosa, mas uma consagração laica que se aproximava, tanto quanto possível, do calendário e da liturgia da Igreja, para ser assim abençoada e receber alguma legitimação exterior. Mas o ato em si não era sacro. Coisa que se torna patente, como também destaca o autor, no facto de que, quando a Igreja entrava nestas cerimónias, parece dar mais importância ao ritual que *retira* a coroa da cabeça do imperador do que àquele que a coloca. Pretender-se-ia indicar como a coroa do imperador meramente humano não era perene, e que passaria como passam as coisas humanas. A coroa era um mero penhor, tendo que regressar ao seu legítimo Senhor aquando do Seu regresso, no Dia do Julgamento. Ora, Dagron, perante esta dessacralização, conclui que isto confirma que o imperador dos Romanos já era divino e sacerdotal *antes* da cerimónia. O ritual não precisaria de grande formalismo na medida em que expressaria somente uma coisa que já estava confirmada, ora à nascença do imperador, ora aquando da sua tomada de poder. Mas uma outra interpretação parece-nos ser muito mais legítima: a de que o imperador, no processo, *nunca* foi sacro. O facto de a coroação não ser um sacramento revela que o imperador humano não tinha qualquer legitimidade sacra, como a teria o patriarca, que era, esse sim, um verdadeiro sacerdote.

entre o mundo presente, onde o Reino de Deus já é visível, e o Reino futuro que há de vir no final dos tempos. Por outras palavras, o ritual processional rumo à Grande Igreja levanta problemáticas escatológicas e, em particular, o papel que o monarca romano teria no desfecho dos últimos dias.

4.3) O império: perene ou condenado?

Deste modo, podemos destacar, na esteira de Milton Anastos, duas tradições apocalípticas que relacionam o fim dos tempos e a Segunda Vinda de Cristo com o fim do próprio império Romano. Estas duas leituras, herdadas dos primeiros séculos da Patrística, articulam-se com a profecia de Daniel em torno do sonho de Nabucodonosor (Dan. 2:31-35). A famosa sequência dos impérios que haveriam de anteceder o império final e messiânico levantava a expectativa de identificar o império Romano com um desses patamares.

Perante isto, temos uma tradição que afirma:

> "Christian writers like Iranaeus, Tertulian, Origen, Hippolytus, Eusebius, Aphraates, John Chrysostom, Jerome, Sulpicius Severus, and Theodoretus believed Daniel had understood the vision of Nabuchodonosor to refer to the empires of Babylonia, Persia, Greece, and Rome, and had prophesied that the last of these (stated by them to be the Roman Empire) would be destroyed and would be succeeded by the Last Judgment and the inception of the heavenly kingdom, ushered in by Christ in his Second Coming. The four beasts in the vision of Daniel 7 were explained in very similar terms." (ANASTOS 1954a 19-21)

O império Romano, portanto, estaria condenado a ser aniquilado para poder dar lugar ao império messiânico da Segunda Vinda. Seria inevitável, por isso mesmo, considerar o domínio temporal do imperador, assim como o próprio título de imperador, como perecível e, em última análise, desprovido de uma

verdadeira autoridade celestial. Nesta leitura o imperador romano/bizantino não poderia alegar uma ascendência crística.

O mesmo Anastos remete-nos, ainda, para uma segunda tradição, decorrente das indicações dadas por Teodoreto de Ciro:

> "But, Theodoretus notes, another school of commentators, whom he does not name, had a different theory, and saw in the last of the kingdoms a reference to the Greek empire of Alexander the Great and his successors – Macedonians, Ptolemies, Seleucids, and Antigonids. In designating the fourth kingdom as the Roman Empire, Theodoretus argues that verses 44 and 45 of the second chapter of Daniel […] presaged the Second Advent of Christ, the end of mortal existence, and the coming of the kingdom of heaven. Since nothing human is everlasting, he says, and no kingdom of men endures forever, the eternal kingdom predicted by Daniel could not have been an earthly one." (ANASTOS 1954a 21)

Por outras palavras, de acordo com esta linha interpretativa, que este autor vai identificar como decorrente da escola antioquena de Efrém o Siro (que, por sua vez, terá retirado alguns elementos de Porfírio)[516], a consumação última do império romano nunca chegaria verdadeiramente a ocorrer. O último reino messiânico é um reino místico sem uma direta consumação histórica – pelo menos não nos termos sequenciais que a primeira escola lhe havia dado.

Neste sentido, o império terreno e duradoiro é já o império Romano, cuja permanência no tempo deveria ser eterna. Compreende-se como tal conceção se coaduna com a visão eusebiana do poder imperial, tal como a descrevemos na secção anterior[517] (mas não com a conceção de Dagron, como veremos em breve). Ela, no entender de Anastos, vai exercer uma profunda influência na conceção política bizantina, por oposição ao que se passava no Império Romano do

[516] ANASTOS 1954a 21. Para a passagem de Teodoreto em que ele refere esta segunda escola exegética, *vide* TEODORETO DE CIRRO, *Explanatio in Danielem* 1305-1307.
[517] ANASTOS 1954a 29-34 desenvolve a conceção eusebiana da imagem imperial.

Ocidente e seus descendendes, onde o império Romano é entendido como já destruído e onde se prepara o porvir de um novo reino messiânico[518].

Assim, os monges Ambrósio Autperto e Alcuíno, em finais do século VIII, vão interpretar o quarto império como sendo o romano, sem, porém, associarem o quinto à Segunda Vinda de Cristo. Esta leitura ocidental mistura as duas leituras escatológicas anteriores para as adaptar à formação do império carolíngio, cuja ascensão era então patente[519]. Com isso, os carolíngios mantêm os traços gerais do conceito eusebiano de soberania, ao mesmo tempo que transportam as coordenadas desse devir histórico para um novo contexto sociopolítico.

O exemplo ocidental é importante na medida em que permite ver, não obstante as diferenças, uma linha de continuidade na conceção do poder secular carolíngio. Isto é tanto mais importante quanto, como procurámos explorar na parte primeira desta tese, o regime carolíngio vai desenvolver alguns traços iconoclastas. A uma estrutura imperial homóloga, portanto, poderá corresponder uma doutrina teológica, no que ao culto das imagens diz respeito, semelhante.

A leitura de Anastos, pertinente como é e importante para o presente estudo, cai, a nosso ver, no erro de atribuir uma importância excessiva à segunda leitura apocalíptica. Nesse sentido, ele segue as leituras contemporâneas da teocracia bizantina, não problematizando como a existência de tal interpretação concorre, e até entra em conflito, com a primeira: esta nunca deixara de estar presente nos círculos intelectuais bizantinos[520].

---

[518] *Ibidem* 24-29

[519] "There can be no doubt that the conviction that the old Roman Empire had somehow come to an end was an important factor in the development of Carolingian political theory" *ibidem* 27. E mais à frente: "Autpertus wrote his treatise on the Apocalypse considerably before the fateful coronation of Charlemagne on Christmas Day in the year 800, which Charlemagne and his contemporaries regarded as marking the *renovatio imperii*. This belief in the renewal of the Roman Empire at the beginning of the ninth century can be seen in many Carolingian works, including royal documents, a letter of Frechulf of Lisieux (*ca.* 829), and de *De gestis Karoli Imperatoris*, attributed to Notker Balbulus (d. 912). In the last-named text, the shattered image of Nabuchodonosor´s dream in the second chapter of Daniel is viewed as a symbol of the end of the Roman Empire, which was succeeded by a new régime inaugurated by Charlemagne." *Ibidem* 28.

[520] *E.g:* "The connection between the terrestrial empire and its emperor on the one hand and the heavenly kingdom of God on the other was felt to be so close and intimate that the emperor was regarded as sharing his throne with Christ, and as reigning jointly with God. Similarly, in close conformity with ancient pagan practice, the emperor´s person, his possessions and palace, the proceedings of his government, and the royal officers were normally designated as holy, sacred, or divine (ἅγιος, ἱερός, θεῖος, etc)." ANASTOS 1954a 32.

Seja como for, para problematizarmos a receção e aplicação do conceito da imagem teocrática do imperador, mormente numa possível relação com a querela das Imagens, é necessário dar conta de algumas mutações na tradição apocalíptica, que ocorreram com o período em questão. Este conjunto de leituras escatológicas, o mais das vezes afastadas do campo da literatura canónica, vai apresentar, porém, uma extraordinária perseverança ao longo vários séculos. Elas vão introduzir temas literários que se vão propagar por vários meios e culturas, desde a língua síria à latina.

4.4) A Lenda do Último imperador Romano

Os períodos de maior instabilidade social, militar e política são propensos, como sustenta Paul Alexander, ao desenvolvimento e à disseminação de determinadas tradições proféticas. As grandes transformações da sociedade romana oriental dos séculos VII, VIII e IX encontram-se nestas mesmas condições, pelo que, de forma correspondente, surgem desenvolvimentos na forma de se profetizar o fim dos tempos e, com eles, do próprio império Romano[521].

As tradições escatológicas cristãs, ou de inspiração cristã, por seu turno, obedecem a uma estrutura literária concreta, cujos tropos se mantêm ao longo de várias tradições manuscritas e linguísticas, passando por vários contextos culturais. Como o mesmo Paul Alexander demonstra, essa estrutura literária assenta, em primeiro lugar, numa descrição da história do mundo conhecido, que pode ser mais ou menos abreviada, para depois apresentar, de uma forma profética, elementos históricos contemporâneos ao autor que a concebeu. É o tropo literário da profecia *ex eventu*, que transmite a ilusão de um acontecimento

[521] Em boa verdade, podemos datar algumas mutações escatológicas no império bizantino já desde o século V, com o reinado de Justiniano (*cf*. SHOEMAKER 2014 536-537: "The reign of Justinian was especially marked by concern for the approaching end of the world, and eschatological apprehensions appear in a variety of different literary genres, ranging from historiography to philosophy, as well as in the liturgy and iconography". Por enquanto, porém, vamo-nos focar no contexto mais imediato, que deu azo e acompanhou a ascensão islâmica e o período iconoclasta.

posterior ao da narração. Por fim, os textos seguem uma narração escatológica *stricto sensu*, onde se descreve o fim do mundo[522].

Os meados do século sétimo verão surgir uma tipologia apocalíptica que se vai inserir neste esquema geral[523]. As suas origens podem ser traçadas até um texto siríaco, escrito por um cristão sírio que vivera na Mesopotâmia, sendo que a autoria da obra é atribuída a São Metódio[524]. O texto foi traduzido para grego pouco tempo após a sua composição, popularizando-se no império bizantino e no Ocidente Latino[525]. Para compreendermos a importância das inovações narrativas do texto de Pseudo-Metódio – mormente para a questão iconoclasta – será necessário descrever sumariamente dois filões literários nele contidos.

Deste modo, existem dois *topoi* apocalípticos presentes na obra em questão: o ataque de Gog e Magog, por um lado; e o mito do último imperador Romano. De acordo com uma estrutura mais antiga, o final dos tempos ocorreria aquando de uma invasão de povos bárbaros e iníquos, que trariam desolação para o império Romano. Estes povos teriam sido presos no Norte por Alexandre o Grande, que os teria expulso do Oriente ao confrontar-se com os seus costumes

[522] ALEXANDER 1985, com a sua obra *The Byzantine Apocalyptic Tradition* proporciona-nos o estudo clássico destas tradições. De notar, porém, que se trata de uma publicação póstuma.

[523] É também esta a posição de SHOEMAKER 2014 542-544; *idem* 2015 228-230; que segue Paul Alexander e que se afasta de outros autores que colocam a sua composição pelos finais do mesmo século. A pessoa que escreveu o Apocalipse de Pseudo-Metódio tê-lo-á escrito em resposta ao Califa Abd Al Malique, que reinou entre 685-705. Este califa enfatizou publicamente a fé islâmica e sua função estatal, aumentando os impostos sobre a comunidade cristã. A composição terá sido feita por volta de 690 d.C. De notar ainda que o período conheceu a produção, no Norte da Mesopotâmia, de vários outras profecias, ainda que não tão influentes: BONURA 2016 53-54.

[524] A literatura siríaca servia, à época, como um importante centro de disseminação cultural, servindo de modelo tanto para o ocidente cristão como para o oriente muçulmano. As lendas em torno de Alexandre Magno e Gog e Magog, por exemplo, tiveram grandes desenvolvimentos na região. A dimensão apocalíptica é forte nesta literatura (recorde-se, para o efeito, que o *Apocalipse* de S. João não era considerado um texto canónico da *Peshitta*, a Bíblia siríaca). Para as fontes siríacas do século VII, *cf*. BROCK 1976. Para a transmissão da sua literatua além-fronteiras: TAKAHASHI 2014.

[525] "[…] it was, for reasons that will become clear in the second part of this book, translated into Greek soon after its composition, and in its Greek form it became the basis of the most important branch of the Byzantine apocalyptic tradition. The Greek translation was copied frequently and adapted to historical events as they developed." ALEXANDER 1985 13. Para uma tradução inglesa do texto siríaco, *vide ibidem* 36-51. *Vide* também BONURA 2016 58-60. Ainda acerca da popularidade desta obra em Bizâncio e no Ocidente: *cf.* SHOEMAKER 2015 230-231.

impuros[526]. Com a invasão, o imperador Romano – que seria o último – reuniria um exército e derrotaria Gog e Magog.

Após estes acontecimentos, o imperador Romano marcharia para Jerusalém e ali depositaria a Cruz, entregando-a a Deus-Pai e, com isso, morrendo. O evento faria com que, em seguida, se manifestasse o Anticristo (ou, noutras tradições manuscritas, que se revelasse de forma cabal, porquanto já haveria surgido e operado aquando da invasão de Gog e Magog). Surgiriam depois Enoque e Elias para lutarem contra o Anticristo, sendo por ele derrotados. Tal ação seria o prelúdio para a Segunda Vinda de Cristo, que por fim derrotaria o inimigo e consumaria o fim dos tempos[527].

Existe um debate em torno da origem destas narrativas. É um esquema que está também presente na versão latina da profecia da Sibila Tiburtina, cuja redação poderá ser traçada até ao século IV. Discute-se se estas linhas apocalípticas foram herdadas da Antiguidade Tardia e trabalhadas pelo Pseudo-Metódio, ou se, em contrapartida, foi o autor sírio do século VII quem as criou, e a cuja popularidade se devem as interpolações de uma posterior redação da Sibila Tiburtina[528]. Seja como for, é de notar que a descrição encerra em si a crença num império que perdurará até ao final dos tempos, sendo que o último imperador Romano, revestido com cores quase messiânicas na luta contra os exércitos do Norte, está já relacionado com a Cruz e com os sinais que antecedem a Segunda Vinda de Cristo.

---

[526] As origens deste mito encontram-se nas estórias lendárias atribuídas a Alexandre Magno, que circulavam em diversos meios do mundo antigo. Elas ter-se-ão fundido com a profecia de Ezequiel (Ez. 37-39) acerca da invasão de nações aliadas a Gog e Magog: *cf*. ALEXANDER 1985 188-189.

[527] Para uma análise literária, manuscrita e filológica destes tropos, *videte* ALEXANDER 1985 151-225.

[528] Assim SHOEMAKER 2014 544-545; *idem* 2015 231-240, defende que a Lenda do Último Imperador Romano é anterior ao Apocalipse de São Metódio, estando já presente na Sibila Tiburtina. *Vide* a discussão mais detalhada em *ibidem* 545, n. 86. Por sua vez, BONURA 2016 defende a tese contrária. Para ele, o mito da Quebra dos Portões do Norte e da invasão de Gog e Magog vem do Pseudo-Metódio, não antes. Vem desta obra a combinação escatológica de Gog e Magog (associados às estepes do norte) com a tradição do seu enclausuramento por Alexandre (*ibid.* 78-82). Por outro lado, situa claramente a formação do tropo do último imperador Romano após a ascensão do Islão: "The emergence of a Last Emperor tradition makes much better sense as a product of Christian concerns after the rise of Islam, when it really did seem that the faith needed a military deliverer to fight the forces of Islam, the first true existential threat to Christian domination. It was the Apocalypse of Pseudo-Methodius that provided the first major Christian apocalyptic response to that threat." *Ibidem* 99.

Mesmo se se considerar que estes tópicos lhe são muito anteriores, o Pseudo-Metódio vai adaptá-los à sua realidade[529]. Assim, após ter feito uma descrição da História humana, repleta de erros e de desvios à narrativa bíblica – coisa que vai levar ao encurtamento e simplificação desta parte nas tradições manuscritas gregas – o autor do apocalipse procura provar como o poder romano descende, indiretamente, de Alexandre Magno.

De acordo com a narrativa, Alexandre o Grande, após conquistar a Pérsia, encontra no Oriente os Povos Impuros, aprisiona-os e fecha-os a Norte com um portão mágico de bronze. Após a sua morte, Bizas, o fundador lendário de uma cidade denominada Bizâncio, casa com Cusheth (aqui, mãe de Alexandre) e apropria-se do seu território. Da união nasce uma princesa chamada, também ela, Bizância, e que é dada em casamento a um certo Armilo ou Armalaos, apresentado como rei de Roma. Como dote, ele entrega-lhe o império Romano[530].

Toda esta estória, lendária, estranha e sem propriedade histórica tem, não obstante, um objetivo concreto: o de apresentar o império bizantino como herdeiro da princesa Cusheth. Isto é importante, na lógica interna do texto, porquanto a dinastia assim forjada estaria destinada a reinar para toda a eternidade, com base numa profecia de Daniel presente em Sl. 68 (67): 32[531]. Atente-se no que diz Paul Alexander:

> "This analysis of the Syriac text should have brought out that Pseudo-Methodius composed his apocalypse for a polemical purpose. In a pivotal part of his work, where he made the transition from ´historical´ narrative to eschatological prophecy, he relied heavily on Psalm 68:31. In keeping with the narrative, he interpreted this verse to mean that it would be a Byzantine emperor, as the descendant of the

[529] *Vide* SHOEMAKER 2015 228, da mudança drástica da perceção escatológica perante a chegada do Islão, mesmo se se considerar que a lenda do Último Imperador Romano já existia e que era prévia ao Pseudo-Metódio.
[530] *apud* ALEXANDER 1985 40-44 *et passim*.
[531] Presente, bem-entendido, na versão siríaca do mesmo salmo. Para uma comentário à passagem e a outras traduções: *cf*. ALEXANDER 1985 19, n. 19.

Ethiopian princess Cusheth, who would hand over his empire to God […]" (ALEXANDER 1985 22)

O Pseudo-Metódio afastava-se de uma outra tradição, a que o próprio faz alusão, que identificava este último reino, que entregaria o seu império a Deus, com a própria Etiópia[532]. O que está em causa, bem entendido, é a necessidade de justificar uma perseverança do império Romano até ao final dos tempos. Perenidade essa que está intimamente ligada à Cruz:

"As long as this kingdom which possesses an abiding place of refuge is the center, the Son of Perdition will not be revealed, for that something which is in the center is the priesthood and the kingship and the Holy Cross. And this kingship of the Christians overpowers all kingdoms of the earth, and by it all leaders and all authority will be paralyzed and come to nought and all its people will be left destitute, and by it they will be conquered and through it they will come to nought." (*apud* ALEXANDER 1985 43)

Haverá alguma relação entre o papel escatológico da Cruz, aqui demonstrado, com o apego que os iconoclastas lhe demonstravam? Em que níveis opera, neste passo, a relação entre Cruz e império (e, por extensão, imperador)?

4.5) O último imperador Romano e o Islão

Deixemos, por enquanto, esta hipótese em aberto: por ora, importa salientar como a apologia da invencibilidade das armas bizantinas (referidas como "gregas" no texto siríaco e traduzidas para "romanas" no texto grego) está em confronto com a realidade, bem distinta, dos tempos em que o apocalipse do Pseudo-Metódio terá sido escrito. Eles coincidem, justamente, com o avanço militar

[532] "However, many brethren of the clergy supposed that the blessed David spoke his word concerning the kingdom of the Cushites. And those who thought so erred." *apud* ALEXANDER 1985 42. Trata-se de uma passagem circunscrita aos tópicos da literatura siríaca: *cf.* SHOEMAKER 2015 236-238.

islâmico no Médio Oriente, mas ocorrem antes do processo de islamização dos territórios conquistados. O texto revela, portanto, as ansiedades locais da época e da região em que foram escritas.

E por isso mesmo os muçulmanos (referidos como Ismaelitas) têm um papel escatológico importante e único nesta profecia[533]. Se considerarmos que os tropos do Último Imperador e da invasão de Gog e Magog lhe eram anteriores, vemos agora o surgimento de uma nova linha narrativa, inaugurada por este texto, e que vai perpassar por várias gerações manuscritas[534]. Dantes, Gog e Magog eram derrotados pelo último imperador Romano, numa batalha final, sendo que depois o imperador entregaria, em Jerusalém, o império a Deus (através da Cruz); agora, porém, a batalha final do imperador Romano é contra os invasores árabes. Os Povos do Norte invadiram também o império, trazendo grandes calamidades: mas eles agora não são destruídos pelo soberano temporal, como na Sibila Tiburtina, mas sim por um arcanjo[535]. Somente depois é que se revelará o Anticristo, que se sentará no templo de Jerusalém.

Terá havido, portanto, uma reinterpretação e reapropriação de toda uma tradição escatológica anterior para albergar os Ismaelitas, apresentando-os como os verdadeiros inimigos do império. São apresentados, pelo menos, como aqueles contra os quais a ação humana se deverá deparar, porquanto a invasão das gentes lideradas por Gog e Magog será resolvida por direta intercessão divina. As devastações dos muçulmanos sob território romano são apresentadas como uma necessidade, mas que implicará uma reconquista por parte do imperador romano. Tais interpretações acompanham o que, em finais do século VI e inícios do século VII, eram as expectativas de uma efetiva reconquista cristã/romana do território da Síria[536]. Por fim, mesmo se considerarmos que todos os mitos envolvidos foram

[533] Esta importância é tão grande, no corpo de texto, que é até retrospetivamente transportada para a parte do texto tida como histórica: pois os Ismalelitas aparecem a invadir o Ocidente e Roma mesmo antes de Moisés! *Apud* ALEXANDER 1985 30-39.

[534] *Cf*. ALEXANDER 1985 52-147, onde se faz a análise de diversos desses textos.

[535] *Apud* ALEXANDER 1985 47-49 *et passim*.

[536] Estas expectativas eram igualmente sentidas pelo lado islâmico, alimentando, por seu turno, a escatologia muçulmana segundo a qual haveria uma grande retaliação cristã. Havia ansiedades em relação a uma possível reconquista da Síria pelos bizantinos: *cf*. BASHEAR 1991 198-204. Isto permite mitigar um pouco a tese da expansão inexorável durante as primeiras conquistas da nova religião, permitindo ver como

criados pelo Pseudo-Metódio, como sustenta BONURA 2016, vemos que a importância apocalíptica dada ao avanço muçulmano foi parte integrante da sua formação.

O tema do Último Imperador Romano, por seu turno, é identificado por Paul Alexander como advindo do messianismo judaico. A introdução da Cruz na narrativa corresponderá a uma inovação cristã, sem abandonar, contudo, uma continuação com algumas escolas rabínicas[537]. Por isso, este tipo de textos parece denotar uma associação do próprio imperador à figura messiânica, como se Cristo não tivesse concluído já essa função. Devemos ainda notar que o período em questão assistiu também a uma grande especulação escatológica nos círculos judaicos[538].

A este nível, a figura messiânica do último imperador romano, que salvaria os Romanos do período mais negro, perante as invasões ismaelitas, distancia-se, ao mesmo tempo, da figura eusebiana de Constantino I. Neste temos uma pessoa crística que parecer substituir-se à Igreja; ali temos uma figura redentora que antecede a Segunda Vinda.

Podemos, assim, retornar à simbologia processional do monarca quando ele entrava no recinto de Santa Sofia. Como sustenta Gilbert Dagron, a deposição da coroa secular mimetiza a deposição final da Cruz que o imperador fará, em Jerusalém:

---

o lado bizantino, durante esse período, oferecia sérias resistências, e mesmo contra-ofensivas, ao avanço árabe. Sempre houve, assim, um medo/expectativa de retaliações romanas durante os finais do século VI, que aconteciam frequentemente e que haviam motivado os ataques diretos a Constantinopla.

[537] "Thus the hypothesis, put forward above, that the Byzantine expectation of a Last Roman Emperor is a survival of the Jewish hope for a national liberator, a Messiah, is now confirmed by a detailed comparision of these beliefs. The point made here is not merely that certain features of the Byzantine belief in a Last Roman Emperor are borrowings from Jewish Messianism. The surprising conclusion is that *all* [*sic*] the constituent elements of the Byzantine legend of the Last Roman Emperor are derived from this source […]" ALEXANDER 1985 181.

[538] Aquando da guerra de Heráclio contra os Persas, houve várias expectativas escatológicas entre os judeus, que esperariam pela reconstrução do templo. Os apocalipses judaicos dessa época falam de um grande e terrível imperador romano que seria poderosíssimo mas que, no final, seria derrotado. Para SHOEMAKER 2014 550-553 trata-se da versão judaica, e invertida, da Lenda do Último Imperador Romano. Para ele, isto é um argumento para que a lenda anteceda o Pseudo-Metódio. *Cf*. *ibidem* 553-556 para diversos textos escatológicos judeus que dariam ênfase às conquistas islâmicas e que, não raras vezes, apresentam semelhanças com as linhas narrativas aqui expostas.

> "When, behind the portiere in the vestibule, the emperor laid down his crown so as not to usurp a kingship which, within the church, was no longer his, his act prefigured that of the last emperor of Byzantium, who, the apocalypses said, would depart for Jerusalem to lay his crown on the reconstituted cross of Golgotha and return his power to Christ with the Second Coming in mind." DAGRON 2003 104

Todos os domingos, o βασιλεύς reencenava e dramatizava os eventos finais, preparando-se para depor por uma última vez a coroa perante a Cruz no Gólgota.

Por outro lado, se seguirmos a hipótese segundo a qual o tropo literário do último imperador romano é muito mais antigo do que o tropo da invasão islamita, a influência judaica é, na realidade, muito anterior ao começo do iconoclasmo propriamente dito, com Leão III. Coisa que poderá ainda dar algum relevo à tese de Patricia Crone, se considerarmos que sempre houve um substrato judaico-cristão que, por alguma razão, pôde manifestar-se nos inícios do século VIII, de forma iconómaca[539].

No lado islâmico, por seu turno, assistimos, como também referimos, a uma certa expectativa escatológica. Ela vai coincidir, nalguns pontos, com as correntes que temos visto. Pois a conclusão do primeiro século da Hégira verá a formação de uma série de tradições e relatos proféticos que falam de uma grande e dolorosa guerra (*malhama*) entre as duas religiões. Ela surgiria após o falhanço de uma aliança e/ou tréguas entre as duas potências, que estaria para surgir com a derrota de um inimigo não nomeado para lá das muralhas de Constantinopla[540].

[539] "It is not difficult to surmise that the notion of a Messianic age survived in some of the Jewish circles converted to Christianity, the ´Jewish Christians´, especially in the shape of a period preparatory to the Second Coming and the Last Judgment. In fact, it has been noted that St. Paul´s view, expressed in I Cor. 15: 23ff., presupposes the concept of the Messiah´s rule on earth." ALEXANDER 1985 183. Isto levanta ainda a hipótese de uma possível influência milenarista sobre este tipo de concepções.

[540] BASHEAR 1991 174-178. É ainda útil referir que a tradição escatológica islâmica não se cinge a este período histórico, estando presente no início da própria religião. SHOEMAKER 2014 dá conta de como a apologia de um império terrestre anda a par, desde as origens do islamismo, com uma tradição apocalíptica. O autor esforça-se por provar, na senda de Fred McGraw Donner, que não havia uma contradição entre estas duas esferas, antes uma reciprocidade. Para eles, a crença de que a criação de um império geográfico andava a par com uma iminência apocalíptica (que seria a justificação da dita necessidade imperial) está moldada em elementos imperiais tardo-antigos e romanos. Também o império cristão se veria a si mesmo como perene, alicerçando-se em tradições proféticas como aquelas que vimos

Este pacto seria quebrado, de acordo com a profecia, porque a vitória contra os bárbaros seria atribuída à Cruz pelos cristãos, e a Deus pelos Muçulmanos (ou, noutras tradições, pela recusa em partilhar despojos de guerra). Então os Muçulmanos quebrariam uma Cruz, iniciando uma retaliação cristã que massacraria uma multidão de maometanos e iniciaria uma gigantesca invasão bizantina[541]. Nela, e ainda de acordo com algumas tradições orais islâmicas, os cristãos iriam conquistar Jerusalém. Os Romanos expulsariam os muçulmanos da Síria para a Península Arábica, forçando-os a uma vida nómada. Os Bizantinos só não conquistariam Damasco, sendo que o rio Jordão seria a nova fronteira. Isto seria ainda acompanhado por uma apostasia de muitos muçulmanos para o Cristianismo[542]. A referência à capital do Califado revela, por fim, que estas previsões e especulações se situavam no âmbito da dinastia omíada (e seus antecessores). O eventual triunfo dos abássidas e a deslocação do foco de interesse para o Oriente vai levar ao gradual abandono de tais narrativas[543].

De qualquer forma, convém notar que, de acordo com estas profecias, os árabes retornariam do deserto arábico e reconquistariam todo o território, impondo um terceiro e final cerco a Constantinopla[544]. Apareceria então o *dajjal* – uma figura islâmica que corresponde, *mutatis mutandis*, ao Anticristo – e, com ele, a eventual consumação dos tempos[545].

Não obstante sérias discrepâncias nos quadros apocalípticos destas tradições, a sua comparação traz à luz algumas características interessantes. Na narração cristã do Pseudo-Metódio, tal como nos relatos orais islâmicos, profetiza-se uma expulsão dos muçulmanos de Jerusalém após uma grande batalha (a

---

na seção 4.2. Isso implicaria ainda que a lenda do Último Imperador Romano seria muito anterior ao Pseudo-Metódio. Estes últimos pontos são postos em causa por BONURA 2016 50-54 *et passim.*

[541] "It was very natural for the Caliph to raise an objection to Christian veneration of the Cross. In Muslim tradition as to the Last Day we find an account of how Jesus will return before the end and become a Muslim, and among the particular acts He will then perform is that of breaking all the crosses, the reason, of course, being that the cross is an offense to the Muslims. We have early attestation of Christians being reproved for their veneration of the Cross." JEFFERY 1944 321 n.72.

[542] BASHEAR 1991 184-188.

[543] Como também notado por Suliman Bashear: *ibidem* 206-207.

[544] Um terceiro cerco a Constantinopla é também profetizado na tradição escatológica cristã, designadamente no texto atribuído ao profeta Daniel e cujo *incipit* é Καὶ ἔσται. *Cf*. *Daniel καὶ ἔσται*, assim como ALEXANDER 1985 74-76. Esta descrição vai na senda dos eventos, internos e externos à geopolítica dos abássidas, que culminaram no saque a Amório.

[545] *Ibidem* 180-181 *et passim*.

vitória do último imperador Romano); e, tanto numa como noutra tradição, a cidade santa irá ser de novo atacada (pelo Anticristo na leitura cristã; pelos árabes na muçulmana).

Além disso, ambas as estruturas topológicas concordam que o lado religioso que defendem se tornará a superpotência antes do surgimento de um Ser do Mal que há de iniciar o fim dos tempos. Escatologicamente falando, as duas narrativas competem para serem o último e imperecível poder sobre a Terra. Por fim, há ainda uma premente associação dos Cristão à Cruz, mesmo na leitura islâmica. É a Cruz a causa da guerra final entre as duas religiões, pois é a quebra de uma Cruz por parte de um muçulmano que leva à invasão geral dos cristãos/romanos sobre os territórios de posse árabe. Ela deixa de ser somente um sinal, como acima havíamos referido, para se tornar um agente escatológico propriamente dito.

Haverá alguma relação entre esta Cruz e o culto que os iconoclastas cristãos lhes davam?

4.6) Uma escatologia iconoclasta?

Alguns indícios da tradição literária do Pseudo-Metódio poderão indicar uma correspondência entre crenças que acima indicámos como típica ou tendencialmente iconoclastas, por um lado, e o *topos* literário do último imperador Romano. No nosso entender, se se conseguir estabelecer um vínculo entre esta perspetiva escatológica e o iconoclasmo bizantino dos séculos VIII e IX, poderemos identificar que a sacralização do imperador, e consequente submissão da hierarquia da Igreja à esfera secular, são intrínsecas à própria natureza da iconomaquia.

Se assim for demonstrado, podemos concluir que foi esta heresia que forçou o imperador a afirmar-se como verdadeiro herdeiro de Cristo, consumando, numa leitura helenística, a figura eusebiana do império e, numa leitura vetero-testamentária, a posição de Dagron. Se assim for, a doutrina defendida no Concílio de Hiéria não terá sido uma mera apropriação ideológica, que obedecesse a

critérios de ordem sociológica, política e militar, ao serviço da dinastia fundada por Leão III. Pelo contrário, será da própria natureza teológica iconoclasta a afirmação do poder temporal como a verdadeira fonte do poder.

Isto porque a dimensão escatológica vem pôr a nu as diversas tensões com que a Igreja vivia (e vive) na sua presença na Terra. Sendo Jesus Cristo o *Logos* divino, o Seu regresso vai implicar, também, o regresso da criação ao seu Criador: por isso, a forma como esse reencontro era perspetivado indica, em contrapartida, como se considerava que se podia ter acesso ao mesmo *Logos*. As tradições proféticas em torno da invencibilidade do império Romano, que haveria de perdurar até ao final dos tempos, indicam como o império era encarado como o garante da Cristandade, e não tanto a Igreja, espalhada por toda a Terra.

Se se conseguir provar que o iconoclasmo perfilha esta posição, poderemos concluir que ele *precisa* do imperador – e do império - enquanto verdadeiro garante de estabilidade. É essa estabilidade que deve ser preservada até ao final dos tempos e devolvida ao Senhor, na Cruz. E, em contrapartida, as vias alternativas que promovam um outro acesso à divindade – vias que preparem de uma outra forma a Segunda Vinda – serão consideradas como contrárias à Economia da Salvação. Os ícones encontrar-se-ão nessa posição, pois são uma janela aberta para um misticismo que é independente da mediação monárquica. O culto aos ícones, que pode ser privado, não requer a simbologia processional do imperador. Ele assenta, como vimos, na dialética anabática e catabática do progresso espiritual.

Uma vez que o que estava em causa com as imagens sacras, para os iconoclastas, era mais o culto humano que lhes era rendido do que as imagens em si, e porque a preparação moral, teológica e mística do cristão deve orientar-se para o Regresso do verdadeiro imperador, constatamos que o culto dos ícones implica também uma relação com Cristo que não passa por nenhum outro intermediário que não seja a matéria mesma onde a sua hipóstase foi circunscrita. Por outras palavras, torna-se possível apelar a Cristo, à Mãe de Deus e a todos os santos, sem se passar pelo crivo de uma qualquer autoridade terrena. Ou, dizendo

de uma forma mais contundente, pode-se apelar diretamente ao verdadeiro imperador, que há de regressar, e não a um qualquer seu vicário[546].

Mas que indícios existirão para esta hipótese? Não há nenhuma explicitação, nos textos indicados, de uma doutrina iconómaca, pelo que temos que nos cingir a certas passagens e lê-las nas entrelinhas.

Deste modo, uma das profecias que herdaram a estrutura tipológica do Pseudo-Metódio atribui a reconquista da Palestina a um imperador cujo nome começaria com a letra lambda. O nome seria, diz a profecia, o de Leão, podendo-se referir tanto a Leão III, Leão IV, ou mesmo Leão V, os três, como sabemos, iconoclastas[547]. O texto onde isto é apresentado foi escrito em grego, provavelmente em Constantinopla, sendo referido pelo seu *incipit*: Καὶ ἔσται. Poderá ter sido composto, na sua forma atual, durante o reinado de Basílio I (finais do século IX). Mas incorpora em si diversos fragmentos de tradições anteriores.

O episódio encontra-se fundido, de forma inopinada para o leitor moderno, com elementos lendários em torno do *Nero redivivus*, o regresso de Nero que, no final dos tempos, surgiria para afligir os cristãos. Aqui, porém, os traços deste regresso são revistos com uma coloração positiva, associada ao último imperador Romano. E Paul Alexander, após o estudo da passagem, conclui:

> "I conclude, therefore, that the part of the apocalypse here under consideration (pp. 39.18 – 40.16 Vasiliev) was composed probably under the Byzantine emperor Leo III (717-741), certainly at the latest in the early ninth century, by an apocalyptist envisaging a series of miraculous victories over the Arabs patterned after earlier expectations of Nero returning from the East, which themselves were influenced by Jewish dreams of the Maccabean period concerning a

[546] O apelo ao santos é também possível, bem entendido, na medida em que eles já fazem parte do corpo místico de Cristo.

[547] ALEXANDER 1985 91. De notar, ainda, que existe uma crónica anónima, compilada em 854 (*Vat. greg. 2210*), que parece basear-se em material comum ao usado por Jorge Sincelo. A crónica termina com uma análise do poder islâmico e com uma profecia que incidiria sobre Leão V, que se insurgiria contra os muçulmanos: *cf.* SEVCENKO 1992 284-287.

> restoration of the Hebrew kingship and a great victory over the forces of the occupying Hellenistic power." ALEXANDER 1985 94

Será possível considerar que, no início desta Querela, havia uma relação entre Leão III e o tópico literário-profético do último imperador Romano? É prematuro dizer que a doutrina teológica contra as imagens exista por causa desta postura escatológica – recorde-se que outras tradições apocalípticas, anteriores e posteriores aos séculos em estudo, se associaram a imperadores que não eram iconoclastas[548]. No entanto, não podemos deixar de notar uma certa coincidência entre as mudanças drásticas do clima religioso bizantino e a sua associação a uma figura messiânica.

Recordemos que é na geração anterior que vão ocorrer as mutações literárias que acompanham a escrita do Apocalipse do Pseudo-Metódio. Ainda que não saibamos ao certo quando é que o texto foi traduzido e circulou em ambiência de língua grega, poderemos inferir que tal ocorreu aquando da instabilidade política causada pela morte de Justiniano II.

A versão grega do Pseudo-Metódio, de qualquer forma, terá surgido pouco tempo após a sua redação em siríaco[549]. E é aqui que vamos encontrar uma alteração que poderá talvez explicar a reunião de soldados perante o túmulo de Constantino V, na altura da eminência de uma invasão búlgara de Constantinopla[550]. É que a tradução, como nos atesta Paul Alexander, afasta-se da versão siríaca original num ponto específico, em torno de Sl. 78 (77): 65:

> "The most importante change the translator introduced was that he spoke of the Emperor resembling a dead person, while the Syriac original had characterized his enemies as being «like dead men». […]

[548] O testemunho ocular de Liutprando de Cremona, na sua obra *Relatio de legatione Constantinopolitana ad Nicephorum Phocam* dá testemunho disso mesmo: ele permite ver como, na segunda metade do século X, as visões apocalípticas enformavam as atividades militares do imperador – algo extensível, diríamos, ao reinado de Leão III: *cf*. ALEXANDER 1985 96-97.

[549] "Not long after it was composed, the Syriac text of Pseudo-Methodius was translated into Greek. The Greek text thus is part of that literary current that brought works of Oriental literature to the attention of readers speaking and reading Greek." ALEXANDER 1985 52

[550] *Vide* parte 1, 4.3.

> The net effect of the Greek translator´s changes was to enhance the aura of miracle that surrounded the Last Emperor: he seemed ´like one dead and utterly useless´, and yet he inflicted a decisive defeat on Rome´s secular enemy, the Arabs" (ALEXANDER 1985 153).

Deste modo, a receção da tradição apocalíptica iniciada em siríaco pelo Pseudo-Metódio foi recebida em língua grega (i.d. no ambiente cultural de Constantinopla) com uma associação a uma espécie de ressurreição ou reanimação de um dado imperador Romano. Este imperador é aquele que vai preencher o tropo escatológico do último imperador Romano.

Isto, em contrapartida, permite-nos levantar uma hipótese: estando esta crença espalhada em Bizâncio, poderá ter acontecido que alguns iconoclastas associavam o falecido Constantino V, com a sua reputação de grande estadista e militar, ao último imperador Romano? Terá havido uma crença em certos meios, iconoclastas ou próximos do iconoclasmo, que acreditariam numa espécie de reanimação do defunto soberano para libertar o império e, enfim, expulsar os inimigos de Cristo[551]?

Não podemos, no estado das nossa investigação, e dentro do panorama da presente dissertação, aprofundar mais este tema. Todavia, notamos que, se se quiser aceitar esta hipótese, teremos que os pudores e/ou antipatias de certos meios iconoclastas para com a doutrina da Ressurreição poderão encontrar aqui uma explicação escatológica. Pois, se assim for, os iconoclastas entenderiam que a Ressurreição se desenvolveria de uma forma um tanto específica, fazendo uso de um imperador "eleito" antes da reconquista de Jerusalém e da chegada do Anticristo.

---

[551] Atente-se nas palavras de SHOEMAKER 2015 235: "Nevertheless, *Apoc. Ps.-Meth.* adds considerable mystique and moment to the Last Emperor's appearance: not only will he go forth against the Arabs, but ´he will be awakened against them like «a man who shakes off his wine»—someone who had been considered by them as though dead.´ Here Ps.-Methodius associates the Last Emperor with the Lord by invoking Ps 78:65, which reads in the Peshitto, ´The Lord was aroused like a sleeper and like a man who shakes off his wine.´ This same reference also resounds in the Byzantine apocalyptic tradition, and as it passed into Greek through the translation of *Apoc. Ps.-Meth.*, misunderstandings of the Syriac original only ´served to intensify the aura of paradox and mystery created by the citation of the Psalm,´ as Alexander notes." Citando ALEXANDER 1985 167.

As correlações que fizemos entre o desenvolvimento escatológico dos séculos VIII e IX e o iconoclasmo, por fim, se não puderam explicitar taxativamente um vínculo entre supremacia imperial e os sinais que antecederão o Segundo Advento, permitem-nos, não obstante, estabelecer fortes vínculos entre esta doutrina e a função primordial do último imperador Romano. É certo que a persistência e desenvolvimento destas tradições se vão prolongar no tempo para além do século IX, muito após o Triunfo da Ortodoxia: muitos dos seus elementos adaptaram-se às novas realidades políticas, pelo que não podemos dizer que esta leitura do fim dos tempos é *per se* iconoclasta.

Mas, tendo em conta a ambiência cultural em que surgiram, pelo facto de terem surgido num período muito próximo do da Querela das Imagens (ou com mutações significativas nesse período) e de movimentarem tópicos e assuntos muito próximos uns dos outros, somos levados a crer que haverá, na sua génese, uma relação entre o que se considerava ser a missão de um último imperador eleito e o que foi a política de perseguição às imagens religiosas. A ambiência cultural da corte de Leão III e seu filho Constantino V mover-se-ia numa certa expectativa e ansiedade apocalípticas – fruto da instabilidade da época – que levariam ao desenvolvimento de verdadeiras teologias das supremacia imperial face à Igreja. A proibição do culto às imagens será, assim, uma expressão dessa conceção.

Em suma, somos inclinados, por tudo o que foi dito, a considerar que o iconoclasmo não foi meramente um pretexto político e institucional para a afirmação do poder central. A heresia não consistia num aspecto secundário que fosse necessário afirmar para que determinada ideologia colocasse no poder determinado grupo político-dinástico. No nosso entender, a proibição do culto das imagens e a autoridade imperial são a manifestação de uma mesma conceção teológico-imperial. Os polemistas ortodoxos da época, como o patriarca Nicéforo e Teodoro Estudita, estavam certos quando assim a identificavam.

A *Cronografia* de Teófanes o Confessor pode ser lida à luz destas problemáticas, dando algumas luzes sobre os seus desenvolvimentos. A isso nos dedicaremos na terceira parte desta tese.

Uma leitura da *Cronografia* de Teófanes à luz da relação entre Império e Igreja

1) O género cronográfico-cronístico

1.1) Particularidades do género cronográfico-cronístico

Uma análise literária da *Cronografia* de S. Teófanes implica, por motivos que veremos, uma análise da *Seleta Cronográfica* de Jorge Sincelo[552] e, por extensão, uma análise da relação entre os dois cronógrafos. Em boa verdade, é possível defender-se que estamos perante uma e a mesma obra, coligida por dois escritores em virtude de vicissitudes históricas e pessoais. A questão da autoria, por seu turno, surgirá também de uma forma aguda se tivermos em conta que o género cronográfico-cronístico, enquanto tal, oferece problemas próprios para esta categoria literária.

A esse nível, importa referir que os bizantinos cultivavam dois géneros para explicar o passado: o género historiográfico propriamente dito e o género cronográfico que, por sua vez, também se poderá subdividir no género cronístico[553]. A primeira tipologia traduz-se por uma forma de escrever a História moldada pelo exemplo dos autores clássicos, cujos paradigmas de leitura e imitação eram (entre outros) Heródoto, Tucídides e Plutarco. Trata-se de uma forma de historiar o passado, portanto, assente no legado literário helenístico, constituindo, pelo menos do ponto de vista formal, uma continuação do legado antigo e tardo-antigo durante o período bizantino. As obras deste género,

[552] Usa-se muitas vezes a palavra *Cronografia* tanto para a obra de Sincelo como para a de Teófanes. Doravante, e para facilitar as respetivas referências, usaremos a palavra *Cronografia* (Χρονογραφία) para nos reportarmos ao texto de Teófanes e *Seleta Cronográfica* (Ἐκλογὴ Χρονογραφίας) para o texto de Sincelo.

[553] TREADGOLD 2013 faz uma análise de todos os textos do período médio bizantino que abordam o passado. No entanto, CODOÑER 2016 227-233 critica a constante confusão terminológica entre os conceitos de historiografia e de crónica. Critica, a esse nível, o mesmo Treadgold, por este nivelar toda a produção histórica a uma dada categoria historiográfica, menosprezando as particularidades dos géneros literários. Mas Codoñer também alerta para a necessidade de não se considerarem as distinções entre história e cronografia como fixas no período bizantino médio (e posterior), havendo muitas zonas cinzentas e de interpenetração genológica.

exemplificadas nos *Discursos sobre as Guerras*, de Procópio, ou na *Alexíada* de Ana Comnena, abordam os mesmos tópicos e as mesmas construções estilísticas e retóricas, muitas vezes de elevada erudição, que as suas congéneres antigas[554].

O género cronográfico, por seu turno, acha a sua significação numa ambiência tardo-antiga e judaico-cristã. Com esta nova forma de encarar o porvir histórico, o escritor deixa de se focar no tempo que lhe é coevo para procurar descrever os acontecimentos de eras passadas de uma forma sequencial, até à sua geração. Idealmente, ele limitar-se-á a escrever os eventos sem uma tentativa de interpretar uma relação causal entre os mesmos, descrevendo determinado acontecimento na sua dimensão "fenomenológica" ou, se quisermos, "positiva". A procura de explicações de ordem psicológica, social, militar, política e/ou económica é preterida em função da determinação precisa de uma dada data, anterior aos processos de causação e, por consequência, anterior aos juízos subjetivos do próprio cronógrafo[555].

Tal característica, como um leitor moderno poderá adivinhar com facilidade, constituiu um dos maiores desafios e problemas inerentes a esta tipologia textual. Vai infletir, como veremos, na própria evolução do género, rumo ao desenvolvimento do subgénero cronístico. Por agora, é necessário considerar qual o objetivo ou propósito da cronografia, e por que motivo é que ela se afasta de forma tão marcada da historiografia clássica. Ou, até, por que motivo é que a ascensão deste género surge com o mundo tardo-antigo e encontra um solo particularmente fértil dentro de uma mundividência cristã.

---

[554] Para o conceito de imitação da Antiguidade na literatura bizantina, *vide* HUNGER 1969.

[555] Para uma abordagem inicial ao género cronográfico/cronístico, *vide* MANGO 1980 219-230. Na nossa opinião, porém, o autor trata o género como uma espécie de versão popular da História: "Quando os Bizantinos comuns queriam informar-se sobre o curso da história passada, era a este tipo de livro que recorriam. Como resultado, a crónica universal tinha uma grande circulação e, uma vez que estava direcionada para o leitor comum, expressava-se em linguagem simples. Com o passar do tempo, as crónicas eram acrescidas de acontecimentos recentes. Eram tratadas, de facto, não como obras literárias, mas como manuais ou alamanaques que precisavam de revisão periódica." *ibidem* 221. Ainda que o mesmo Mango acabe por reconhecer uma certa importância aos seus autores ("Pelos padrões modernos, a investigação histórica levada a cabo por Africano, Eusébio e pelos seus sucessores pode, de facto, parecer de bastante má qualidade, mas não se pode negar que constituiu um esforço muito considerável" *ib.* 230), tal perpectiva marca uma certa tradição académica, que olha estas obras como "sub-produtos" culturais. Cremos – e teremos oportunidade de o explorar *infra* – que o cultivo deste género não se destinaria somente a um público menos erudito, respondendo antes a preocupações pungentes mesmo entre as elites da época.

De facto, com a proliferação do Cristianismo, as preocupações em torno do sentido da História passam a ser distintas daquelas que haviam sido reveladas pelos autores clássicos. Já não é tanto uma nação, cidade ou mesmo império em particular que enforma as preocupações do cronógrafo, mas sim *toda* a História humana, cujo desenrolar alberga todos os povos. Uma interpretação literal do livro do *Génesis* fornecia um ponto inicial com a figura de Adão, ao passo que as expectativas escatológicas incutiam um fim a essa mesma narrativa. Os mitos pagãos do retorno cíclico das eras – como a crença da restauração de um *saeculum* saturniano com a ascensão de Augusto (patente na *Eneida*) – dão lugar a uma progressão linear que vai, pelo menos em potência, desde um início estabelecido até a um fim profetizado. A tarefa do cronógrafo, portanto, será a de localizar, neste percurso, a situação presente da Humanidade.

Como tal, não estamos aqui perante autores na mesma medida em que os historiadores clássicos e seus émulos pretendiam sê-lo. O cunho estilístico, aplicado à contemplação da condição humana, com seus defeitos e suas virtudes, não é uma necessidade: muito pelo contrário, o cronógrafo limitava-se, muitas vezes, a copiar o material que outros cronógrafos haviam deixado, procurando tão somente (num cenário ideal) acrescentar os acontecimentos dos anos que o cronógrafo anterior não pudera contabilizar ou computar. Por isso, o julgamento que muitas vezes impende sobre estes autores – o de que eles carecem de originalidade e se limitam a uma cópia mecânica de obras anteriores – não vai de encontro ao próprio propósito do género[556].

Um propósito que, de qualquer forma, acarreta diversas consequências, que por sua vez se desdobram em vários problemas. A *Cronografia* de Teófanes e a *Seleta Cronográfica* de Jorge Sincelo vão procurar enquadrá-los. Por enquanto, e

[556] Atente-se, por exemplo, nas palavras de CODOÑER 2016 236, quando compara o historiador Procópio com o cronista João Malalas: "The problem repeats itself time and again in the historiographical tradition. Chronicles are usually unpleasant to editors, in as far as they are open works to which later authors felt free to make additions and changes. Someone could argue that Prokopios also used written sources and this is certainly the case of the Secret History and, prominently, the book *On Buildings*, but also of the *History of the Wars*. The difference with Malalas is, however, that Prokopios took mainly data from the sources (for instance from laws or official texts) but did not copy their wording, as these sources contained no narratives, whereas Malalas, who built up his chronicle mostly from previous historical sources, respected their wording as he copied them as independent reports and did not think of integrating them into a wider narrative, as Prokopios did."

para melhor explorarmos essas mesmas dificuldades, devemos salientar como o desenvolvimento deste novo estilo literário muito deve à figura de Eusébio de Cesareia. Já começáramos a explorar, na segunda parte da presente tese, o caráter controverso desta figura na tradição bizantina. Ele vai regressar agora, permitindo elucidar diversos pontos que aqui investigamos. Pois, ainda que se tenham levantado algumas dúvidas em torno da origem do género – se ela deve ser atribuída às *Cronografias* de Júlio Africano ou à *Cronografia* de Eusébio[557] – temos que foi com este último, o de Cesareia, que a estrutura se estabeleceu com a devida propriedade e complexidade.

Muitas das problemáticas gerais a que Eusébio vai dar uma resposta vão encontrar um eco indireto nos tópicos que analisamos anteriormente. Elas também vão explicar, no nosso entender, a veemência com que Jorge Sincelo se vai distanciar das conceções históricas eusebianas – coisa que, em última análise, poderá estar relacionada com a forma como, nos séculos VIII e IX, tal legado enformaria a teologia e práticas iconoclastas.

1.2) Adão: pessoa histórica ou símbolo?

A necessidade de estabelecer uma cronologia universal para todos os acontecimentos, liberta das computações dos estados nacionais, implicou o desenvolvimento de um sub-género literário, o da computística[558]. Este subgénero

[557] *cf.* CROKE 1982. Houve um debate em torno da originalidade de Eusébio – se foi ele quem fundou a tradição historiográfica cristã ou se ele adotou e melhorou modelos anteriores (designadamente de Africano). A tese da originalidade parece ser a verdadeira: o bispo de Cesareia terá assim desencadeado uma revolução literária com a sua obra. JEFFREYS 1979, por sua vez, prefere ver a questão em termos de continuidade, não sem reconhecer a influência de Eusébio: "Julius Africanus had set the precedent of a history that combined all known areas of the world and which was written with a Christian bias. In this he was carrying further the example of the historians of the church, who had made a Christian viewpoint acceptable in the writing of history. Eusebius continued the process begun by Africanus, by producing his convenient chronological tables, which correlated events occuring in different regions in an easily understood form. Eusebius' influence is inestimable, in both the Greek tradition and in the West, through the work of Jerome." *ibidem* 215-216. Para os antecedentes de Eusébio em matéria de investigação cronográfica, *vide* também GRUMEL 1958 5-25 *et passim*.

[558] A questão remonta à escola alexandrina, tendo também sido cultivada pelos Judeus (*cf.* VARONA 2018 395-396). A computística (dita em inglês "chronology" ou "chronology writing") pode, às vezes, ser referida somente como "cronografia", supondo-se uma distinção para com o conceito de "crónica". Ela foi excluída do campo dos Estudos Bizantinos desde o seu começo (*ibidem* 390-392). A autora apresenta uma distinção técnica entre cronografia e crónica: "Chronological writing adopts different forms provided with their own

possuía, em boa verdade, uma dimensão científica, designadamente astronómica. Para se determinar, com propriedade, uma determinada data, era necessário estudar o estado do espaço sideral, com os seus diversos ciclos, a fim de se precisar o referido acontecimento.

O ponto nodal para se estabelecer determinado sistema de computação centrava-se num de dois acontecimentos crísticos que, segundo a Tradição, ocorreram no mesmo dia: a Encarnação e a Paixão[559]. Com base nisto, um considerável trabalho computístico procurava determinar quando Deus teria criado o mundo, estabelecendo, deste modo, o *annus mundi* (A.M.), que podemos encontra na *Cronografia* de Teófanes. Os cristãos orientais e os judeus começaram, mais ou menos pela mesma altura (cerca de 100-250 d.C.), a estabelecer uma *era mundi* universal, ainda que os cristãos ocidentais tenham feito duas grandes revisões no sistema de datação ao longo de seis séculos (250-850 d. C.), culminando no abandono da datação por A.M. a favor do atual d.C[560].

Analisaremos, no seu devido lugar, as mutações ocorridas a Ocidente. Por enquanto, devemos salientar que Júlio Africano e Hipólito de Roma vão colocar o nascimento de Cristo no *annus mundi* 5500, 500 anos antes da chegada do sétimo milénio e das implicações milenaristas que, à época, se atribuíam ao número[561]. Eusébio de Cesareia, por seu turno, vai-se demonstrar relutante, não só em relação

---

specific characteristics. From the viewpoint of historical genres they can be considered as chronicle subgenres, because chronology is the structuring element of the chronicle genre, contrary to the predominantly narrative structures of historiography." Por seu turno, JOHNSON 1962 125-126 enumera três grandes características da escrita cronística: a) ela aborda uma sequência cósmica, e não humana, de eventos; b) a causação dos eventos não é humana; c) dá-se um maior ênfase, por consequência, à sucessão e sequência de eventos.

[559] De tal forma que o primeiro dia teria coincidido com o dia da Ressurreição de Cristo: a um domingo, no dia vinte e cinco de março, que era o equinócio da primavera segundo o calendário Juliano. Para GRUMEL 1958 27-28, a data de vinte e cinco de março para a Paixão de Cristo não fora, na origem, proveniente de um raciocínio místico, mas uma consequência natural do método de cômputo que está primeiramente registado em Hipólito. É por consequência disto que surge a interpretação mística e, daí, a tradição de celebrar, no Ocidente, a vinte e cinco de março. Só mais tarde é que se passa o dia da Paixão para vinte e três e o da Ressurreição para vinte e cinco (alteração essa que já parece ter sido projetada pelo próprio Hipólito). De qualquer forma, ainda que os calendários universais venham a ser alterados, a datação da Paixão para o dia vinte e cinco, no Ocidente, e para o dia vinte e cinco a Ressurreição, no Oriente, vão-se manter, dado o seu valor místico e simbólico.

[560] *Cf*. LANDES 1988 137-139 *et passim*. Eusébio de Cesareia, por seu turno, diz que Jesus começou o seu ministério a 5228. Isto não deixou grandes sequelas no Oriente, mas sim a Ocidente, em virtude de S. Jerónimo ter usado este modelo.

[561] *Vide* ADLER & TUFFIN 2002 XLVII.

a esta data, como para com a própria forma de cômputo baseada nos *anni mundi*. Existem motivos de ordem filológica para a sua posição: a questão prendia-se com as datações provenientes de escritos não bíblicos, mormente das historiografias dos Babilónios, dos Fenícios, dos Egípcios e da datação por Olimpíadas, que faziam com que muitos eventos tivessem ocorrido em milénios muito anteriores àquele que seria o primeiro, de acordo com a datação judaico-cristã[562].

Mas a visão computística de Eusébio assenta também numa visão anti-milenarista do mundo, pelo menos na forma como Hipólito e Africano a manifestaram[563]. Coisa que, em contrapartida, poderá ser equiparada à forma como Eusébio entendia a realidade imperial romana. Em que medida, de facto, era ele anti-milenarista? Estaria interessado em afastar os cálculos que pretendiam determinar, à partida, o fim do mundo? Ou será que ele estaria inclinado a negar a segunda Vinda como uma realidade empírica? Se se considerar esta segunda hipótese, temos que está em consonância com a apologia de um império romano eterno, cujo imperador portaria também a imagem de Cristo. O desinteresse cronológico em relação ao primeiro *annus mundi*, desta forma, pode traduzir-se num desinteresse em relação ao *annus ultimus*, pois este último implicaria a transitoriedade do império terreno. Por outras palavras, a postura computística de um determinado autor anda a par com a importância atribuída ao reino imanente.

Ora, Eusébio, na sua *Cronografia*, fará meras alusões à datação por *annus mundi*, preferindo antes datar os eventos a partir de Abraão[564]. Para ele, a narrativa de Adão e Eva tinha um aspeto simbólico, representando uma realidade para lá do espaço e do tempo[565]. Isto permitiria harmonizar as cronologias que não eram

[562] Beroso, cuja obra está perdida, era o historiador da Babilónia disponível à época. O historiador do Egito, cuja obra está igualmente perdida, era Manetão.

[563] ADLER & TUFFIN 2002 XXXV. VARONA 2018 396: "From an eschatological point of view, Eusebius significantly opposed the approaches of his two most celebrated predecessors, Africanus and Hippolytus, who had incorporated millenarianism into the Greek chronicle tradition and according to whom Christ had been born in A.M. 5500 and the world would exist for six thousand years."

[564] A era *ab Abraha* "est observée dans la *Chronique* d´Eusèbe et c´est probablement lui qui en est l´auteur." GRUMEL 1958 222.

[565] ADLER & TUFFIN 2002 XXXIII-XXXIV. Atente-se ainda em *ibidem* XXXIII, n. 25, onde se diz que esta posição de Eusébio faz lembrar Orígenes. De resto, a relativização feita por Eusébio de uma datação com base num *annus mundi* não impediu que essa mesma datação, feita por Eusébio, influenciasse a cronografia posterior: "In their attempts to compute the age of the world, however, Christian chronologers found themselves at

judaico-cristãs no fluxo temporal, ao mesmo que aliviava tensões escatológicas. Ainda que isso, *per se*, não implique uma negação eusebiana da escatologia crística, liberta o cronógrafo de uma preocupação que era constitutiva de parte substancial desta área de erudição. Acreditava-se que a coincidência entre a criação do mundo e a Encarnação e/ou Ressurreição de Cristo prefigurava uma completude mística que voltaria a surgir aquando do final dos tempos. Quando um destes termos desaparece numa indefinição histórica, deixa de haver, na mentalidade da época, um ponto final. A Encarnação, pelo menos em potência, deixa de ser vista como um ponto fulcral na História da Humanidade, para passar a ser um ponto fulcral numa História menor, estabelecida *ab Abraha*.

Como nos diz Ihor Ševčenko:

> "Writers and readers of history around 800 had, like their predecessors of the fourth to seventh centuries, a different perspective. Byzantine historians were Christians; they believed in a big plan of history. To defend and expound this plan, they relied on a body of doctrinal writing and on commentaries on that body provided by the church fathers. They owed both their strength and their difficulties to this belief and to this reliance. Their strength – not unlike the strength of some ideologues of yesterday – came from knowing revealed truths and from being able to think of, and attempt to draw, a vast historical panorama that extended from the Creation through the Incarnation to the Day Without End. On the other hand, their difficulties, which we perceive more clearly than they did, came from two sources: from having to relate the flow of historical events to some immutable point, such as the Creation or the date of Christ's Passion, and from having to write history according to a set of data contained in the Old and New Testaments." SEVCENKO 1992 280.

---

distressing variance, though for the sake of concord, most agreed with Eusebius that the world came into existence in 5,526 B.C." JOHNSON 1962 131.

Eusébio de Cesareia vai operar dentro deste modelo: o desvio de uma datação centrada no *annus mundi* é associável, no nosso entender, à sua conceptualização do poder imperial. Enquanto Africano procurava resolver as discrepâncias da cronologia bíblica de acordo com um plano salvífico (milenarista), Eusébio aceita até escrutinar a cronologia da versão hebraica das Escrituras, coisa que entrava em choque, nalgumas tradições orientais, com a versão canónica da *Septuaginta*[566]. Este procedimento de comparação e análise filológica, se parecerá normal e até vantajoso na postura moderna, podia entrar em choque, na altura, com uma análise canónica das Escrituras.

Não se trata tanto, aqui, da submissão dos critérios de análise a um modelo científico, tal como o entendemos atualmente. Não é que Eusébio estivesse disposto, como um cientista moderno, a abandonar determinado paradigma explicativo em função de uma hipótese que assentasse melhor nos dados disponíveis (como a mentalidade atual tenderá a ver a situação). Trata-se antes de indicar como a sua abordagem, *a priori*, já estaria moldada de acordo com uma interpretação histórica que vinculasse a perenidade do mundo com o afastamento do dia da Parúsia. Ainda que se possa considerar que estas preocupações não escapavam a Eusébio[567], cremos que a forma como o mesmo opta por afastá-las do centro dos seus objetivos cronológicos denotam como essas mesmas preocupações se dirigiam para outros pontos. Ele não insistia tanto na contemplação de um mundo que se transformará e transmutará quanto na crença de uma eternidade na

[566] Veja-se, por exemplo, a seguinte comparação entre Eusébio e Sincelo: "There is probably no more pronounced difference in the chronographic approaches of Eusebios and Synkellos than in their respective views about the authority of tradition. Both in the introduction to his chronicle and elsewhere, Eusebios celebrates as one of his greatest accomplishments his refutation of his predecessors and his own non-traditional dating of Moses. Chief among Synkellos' criticisms is his charge that Eusebios' novel dating of Moses was a dangerous and arrogant betrayal of an enshrined Jewish and Christian tradition. While proud of his original solutions to long-standing and stubborn problems in Christian chronography, Synkellos saw his task as that of defending a time-honoured consensus, and drawing upon it to fill in chronological gaps." ADLER & TUFFIN 2002 LIII. Para a defesa, no período patrístico, da versão grega da *Septuaginta*, e do uso da versão hebraica por S. Jerónimo, *vide* MÜLLER 1989.

[567] Para LANDES 1988 150-151 a narração a partir de Abraão serviria para retirar ênfase a posturas milenaristas e/ou escatológicas. A tendência criada por Eusébio para acabar e/ou não referir uma computística milenarista andava a par com uma outra tentativa, que vai muito mais na senda do paradigma de Hipólito, que procurava afastar o dia da Parúsia – ao mesmo tempo que se acreditava nela – para uma outra geração. Entre esses autores encontram-se Lactâncio, Hilariano e Sulpício Severo. Abordaremos as implicações disto na próxima secção.

qual as manifestações divinas operam nesta terra à maneira, tão-somente, de símbolos[568].

Em suma, o facto de Eusébio considerar que Adão era uma figura simbólica, sem uma realidade histórica concreta, revela, à luz da mentalidade coeva, uma interpenetração de conceitos origenianos, que tenderiam a ver o mundo presente como uma manifestação de uma realidade que nunca chega a encarnar na sua totalidade. Em contrapartida, uma postura cristã ortodoxa via, na coincidência entre a criação do mundo e o Ministério de Cristo, uma prova ou uma consequência da verídica Encarnação de Deus no mundo. Tal como Adão fora o primeiro homem factual, assim também a Encarnação de Deus revisita, em coordenadas místicas, a Criação, para a corrigir. Na mentalidade religiosa da época, a factualidade empírica da Encarnação *implica* a factualidade do primeiro homem. Colocar entre parênteses esta relação, ou remetê-la para o plano simbólico, implicaria, por extensão, passar a própria Encarnação para o plano simbólico. Isto vai explicar, como veremos, a feroz oposição a Eusébio que encontraremos em Sincelo. Primeiro, todavia, importa abordar as implicações computísticas da Segunda Vinda.

1.3) O fim do mundo e o sétimo milénio

Se a criação do primeiro homem se completava, na leitura mística de parte significativa dos cronógrafos, com a coincidência cósmica do dia da Encarnação e/ou Ressurreição, e se a negação desta associação poderá ser problemática na compreensão que a época fazia do valor simbólico e redentor da pessoa de Cristo na história salvífica da Humanidade, deve-se constatar, por outro lado, que o cômputo do polo oposto – isto é, do último dia do último século – levantava sérios problemas para a vivência cristã da época. Afinal de contas, a tendência de

[568] A esse nível, parece haver uma certa inclinação para o que havia sido a negação da escatologia de acordo com o Gnosticismo: "Gnosticism represented an outright rejection of biblical eschatology. The metaphysical dualism which was the presupposition of the various Gnostic systems was inevitably pessimistic in regard to the physical world and thus to the historical process. Gnosticism did not look for the final intervention of God in the created world but for an escape of the spiritual element in humanity from the evils of material existence." DUNBAR 1983

Eusébio de Cesareia para afastar uma cronologia que assentasse nos *anni mundi* é, em parte, justificável pela aversão em se estabelecer um dia para a Segunda Vinda de Cristo e para o Juízo Final da Humanidade.

Determinar um começo *ex nihilo* do cosmo implicaria que seria possível, em última análise, determinar o seu fim télico, coisa que não só o bispo de Cesareia, mas toda a Igreja se mostrou relutante em fazer, apoiada na Escritura (Act 1:7; Mc 13:32.). O milenarismo, enquanto doutrina que procurava viver em função de uma Segunda Vinda eminente, que seria acompanhada por um reinado físico de Cristo, neste século, constituiu-se como problemático para os primeiros séculos do Cristianismo[569]. Os líderes eclesiásticos tiveram que desenvolver uma oposição a este tipo leitura, que podia causar pânico e ansiedades sociais, assim como distorções teológicas que pretenderiam colocar o Final dos Tempos dentro de categorias pré-estabelecidas. O fenómeno do Montanismo (século II d.C.) terá sido um dos expoentes destas manifestações, com todo o seu caráter subversivo e anti institucional[570].

Seja como for, ainda que o milenarismo tenha sido combatido e condenado enquanto tal durante o primeiro período patrístico, um tópico concreto que lhe estava associado perseverou na mundividência cronística: o da semana milenária. Este conceito, que parece ter surgido pela primeira vez na chamada *Epistola de Barnabé*, apoiava-se numa leitura do *Génesis* e de um salmo – "Mil anos, diante de Vós, são como o dia de ontem que já passou, ou como uma vigília da noite" Sl. 90 (89) 4 – para associar a sétima semana, isto é, o sétimo milénio, ao ano escatológico[571]. A ideia vai continuar pelos séculos cristãos:

[569] Para uma definição de milenarismo, *vide* LESÊTRE 1928.

[570] É com Hipólito de Roma que se dá importância ao intervalo entre a Segunda Vinda e a Encarnação, como espaço para se refletir a relação da Igreja com o mundo em redor. Assim, este autor patrístico reaje tanto ao Montanismo, que negava a necessidade da continuação da História, como ao Gnosticismo, que lhe negava um sentido: "Against this position both Montanism (and similar adventist movements) and Gnosticism threatened in their own ways to deny the significance of the interim. For the one (Montanism) there was no *place* for the continuation of history; for the other (Gnosticism) there was no *purpose* for the continuation of history. By contrast Hippolytus stresses the time before the end. The problematical delay of the eschaton is recognized to be not only an historical possibility, but indeed it is a necessity." DUNBAR 1983 318.

[571] *Cf*. LANDES 1988 141-144. Hipólito de Roma vai trabalhar e desenvolver este conceito, apoiando-se em passagens como o *Apocalipse de São João* (Ap. 17:10) e as profecia de Daniel, designadamente o sonho de

> "Alone among millenarian beliefs, the sabbatical millennium can be traced with a certain continuity, because it is the only one that churchmen continued to endorse despite strenuous theological opposition. We find its themes in the most unimpeachable patristic writings, and traces of it even in the New Testament canon. Indeed, for reasons we shall now consider, the paradox of the anti-judaizing 'Barnabas' preaching the millennial week and anti-millenarian Alexandria accepting his Epistle as canonical prefigure a much larger anomaly. For rather than move away from such a clearly dangerous position, the theologians of the next century propounded a teaching which made explicit precisely the most alarming implications of the sabbatical millennium, thus opening up a whole field of chronological activity." LANDES 1988 144.

Portanto, a ideia da semana escatológica achava um campo de desenvolvimento natural na computística e na interpretação mística que se fazia do transcorrer da História da Humanidade. Os sete dias em que Deus criou o mundo achariam o seu equivalente simbólico, ou com a passagem para o sétimo milénio, ou com a sua conclusão. Isto explica a tendência geral dos cronistas em querer datar a Criação a 5500 A.M., não obstante as diferenças de cálculo de diversos autores[572].

Esta leitura anagógica, enfim, limitava à partida a existência histórica da Humanidade (e do universo) a um período de somente mais 500 anos (ou, quanto

---

Nabucodonosor (Dan. 2:31-49); as quatro criaturas surgidas do mar (Dan. 7-8) e as Setenta Semanas (Dan. 9:24-27). *Cf*. DUNBAR 1983 320 *et passim*.

[572] "Os cristãos primitivos acreditavam, com a analogia dos Seis Dias da Criação, que o mundo duraria seis mil anos, pois estava escrito que mil anos eram como um dia na visão de Deus (Sl. 90,4). Se assim fosse, teria sido particularmente satisfatório se a Encarnação tivesse acontecido exactamente no ano 5500, o ponto central do sexto dia cósmico, ainda mais porque a combinação das dimensões da Arca da Aliança eram cinco côvados e meio (Êxodo 25,10). Todos os sistemas iniciais cristãos e bizantinos, excepto o de Eusébio, tentam chegar tão perto deste número quanto possível." MANGO 1980 222. De notar que, de acordo com uma computística assente nos textos em hebraico, o nascimento de Jesus teria ocorrido a 3776 A.M., um número significativamente afastado do valor deduzido a partir da *Septuaginta* (*cf*. LANDES 1988 172). Recorde-se, a esse nível, como Eusébio estava disposto a trabalhar com uma cronologia derivada da Escritura Hebraica.

muito, 1500 anos). Criaria, para quem nela acreditasse, uma constante tensão apocalíptica. Isso talvez explique, por seu turno, o combate a este tipo de ideias num Santo Agostinho ou num Paulo Orósio (no século IV e V, perigosamente perto do virar do sétimo milénio), ao dissociarem os acontecimentos seculares dos acontecimentos escatológicos[573]. Este último autor, por exemplo, na sua obra *Historiae Adversus Paganos* – uma espécie de compêndio à *Civitas Dei* – não teria tido somente o propósito de defender a Cristandade contra os pagãos que culpavam a nova fé pelas desgraças do mundo. Ao revelar que o orbe melhorara com a chegada do Cristianismo, ele teria também como objetivo afastar e combater certas tendências apocalípticas milenaristas[574].

Podemos ver, deste modo, como a postura para com a expectativa escatológica podia moldar a perceção e a relação com o poder secular (imperial). É que a deferência para com uma autoridade terrena dependerá, também, da crença que se atribui à sua estabilidade e perenidade. Isto será importante quando quisermos conjeturar em torno de uma possível relação entre o cálculo cronístico presente na *Cronografia* de Teófanes e as tensões escatológicas que teriam ou não acompanhado a Querela das Imagens *via* a Lenda do Último Imperador Romano. Mas importa também salientar como esta perceção influenciava a própria prática cristã.

De facto, a associação cosmológica entre o dia da Criação, o dia da Ressurreição e o dia da Segunda Vinda coagulavam, por assim dizer, numa das festas mais importantes – quiçá a mais importante – do calendário cristão: o dia de Páscoa. Todos os anos, aquando das celebrações litúrgicas, os rituais impeliam os cristãos a participar misticamente de um mistério que os envolvia com a Carne Ressuscitada, unindo o crente num plano transcendente, que o ligava ao começo e ao fim da própria existência. O veículo para tal era, atente-se, a Liturgia: a mesma liturgia, como vimos, cujos pressupostos estavam a ser postos em causa pelo Iconoclasmo e pela forma como a mediação entre o sagrado e o profano operavam.

[573] S. Agostinho, todavia, não adota o posicionamento anti-milenarista de Eusébio de Cesareia. Ele mesmo, ao dizer que a Encarnação iniciara a Sexta Era, dá continuidade a este tipo de pensamento apocalíptico. *Cf*. LANDES 1988 157-159.

[574] *ibidem* 160. Note-se que Orósio usa o sistema cronológico de Eusébio.

Poderá haver, então, no nosso entender, um vínculo não despiciendo entre determinado enquadramento cronístico e certos elementos-chave da Controvérsia das Imagens, que importará verificar.

Para analisarmos melhor esta temática, é ainda útil ver como as tensões escatológicas, e sua relação com o género cronográfico, evoluirão no Oriente e no Ocidente.

1.4) Escatologia no Oriente e no Ocidente

A computística que colocava a Encarnação de Cristo no *annus mundi* 5500 deparava-se com a chegada do fatídico sétimo milénio no quinto século d.C. Seria um tanto natural que a apologia de uma Segunda Vinda eminente fosse mais gritante e premente nesta altura. Para Richard Landes, havia, nos primeiros séculos do Cristianismo, uma estratégia que consistia em colocar a Parúsia neste século, com o objetivo de a afastar das gerações coevas, que não a sentiriam como algo próximo. Em simultâneo, não se abandonava a crença da Segunda Vinda, nem da semana escatológica[575].

Coincidentemente, então, os séculos IV, V e VI deram palco a várias manifestações apocalípticas: diferentes formas de cômputo vão mesmo esticar o começo do sexto milénio até ao século VII, acompanhando os reinados de Justiniano I e de Heráclio[576]. Uma sensibilidade, portanto, que foi acompanhando não só a expansão militar do primeiro imperador, como a luta visceral do segundo pela manutenção do império contra as investidas persas. Para este último caso, há

[575] Assim, Hipólito, ao procurar rejeitar a iminência de uma Revelação e, ao mesmo tempo, que o livro do *Apocalipse* não seria canónico, acaba por ser o primeiro a desenvolver um milenarismo não apocalíptico, ao indicar que o Segundo Advento só viria 500 anos após a Ressurreição (não no tempo do mártir, portanto): *cf.* LANDES 1988 144-149. Isto, porém, era uma espada de dois gumes: "But the gospels had forbidden such activity for good cause: with the passage of the centuries, Hippolytus' strategy could only produce results exactly inverse to its original intent. That is to say that, over the centuries, this chronology would shift from non-apocalyptic to apocalyptic, from delaying technique to countdown; and the Church would eventually find itself officially endorsing a teaching which could not be more socially and institutionally disruptive." *Ibidem* 148. Recorde-se ainda que o próprio Hipólito concordava em que este tipo de estudos e previsões eram indiscretos, e que ele agia no meio de uma grande crise de expectativas apocalípticas, que avassalavam a Igreja perseguida.

[576] LANDES 1988 163-164 dá conta de três escritos e/ou narrativas apocalípticas bizantinas, escritas por volta do século V. Veja-se ainda SHOEMAKER 2014 535-537.

até um episódio bastante peculiar – que será tratado de uma forma também peculiar, como veremos, pelo próprio Teófanes – aquando da reposição da Vera Cruz em Jerusalém, numa encenação que faz lembrar o *topos* literário da entrega da Cruz pelo Último Imperador Romano[577].

É aqui que o contexto cultural siríaco volta a ser importante. Pois, quando na parte grega do Império do Oriente a escrita cronística de grande escala parecia ter caído em desuso, a literatura siríaca continuou a praticá-la, sendo conjeturável que manteve o debate em torno do conceito místico da semana milenar. De facto, é desde a *Cronografia* de João Malalas e o chamado *Chronicon Paschal*, no século VI e inícios do VII, que este género literário parece estar extinto em Constantinopla, acompanhando um pouco aquela que às vezes é chamada de "Era das Trevas" bizantina. Será somente com Jorge Sincelo e Teófanes que vemos surgir, como de súbito, esta forma de computar e narrar[578]. É, em contrapartida, na literatura siríaca que este tratamento se vai prolongar[579], de tal forma que somos forçados a conjeturar – como o faremos *infra* – acerca de uma relação entre este e o *continuum* literário que constitui as obras de Sincelo e Teófanes.

Antes de avançarmos os argumentos biográficos e filológicos, devemos notar que o ambiente literário de onde surgiram os escritos de Teófanes e de Sincelo vai estar muito próximo do epicentro das transformações que deram

[577] *Cf*. BONURA 2016 52; SHOEMAKER 2014 537-538. A verossimilhança desta hipótese, porém, dependerá da relação entre a Lenda do Último Imperador Romano e a *Sibila Tiburtina*. Se se considerar que o mito é posterior ao surgimento do islamismo, como pretende Bonura (*vide supra* nota 528), estes vínculos poderão não ser significativos.

[578] O súbito aparecimento de duas cronografias, em estado desenvolvido, na Constantinopla dos séculos VIII e IX é notado por vários académicos: *vide* os comentários de MANGO & SCOTT 1997 LIII-LV, mas também de VARONA 2018 408 *et passim* que, não obstante, identifica ainda mais uma fonte cronológica para este período: o *chronicon* do chamado Jorge Monge (*cf*. JORGE MONGE, *Chronicon*). Sobre o período "negro" para os escritos históricos em Bizâncio, *vide* também MANGO 1988/1989 364-367; TREADGOLD 2013 1-8; KALDELLIS 2012 205-210 *et passim*.

[579] Para um elenco de cronografias siríacas, *cf*. BROCK 1976 18-26. Destaca-se, desta lista, a obra de Jacob de Emessa, cuja *Cronografia*, escrita na senda de Eusébio, vai até ao ano 692. Mas há mais: "It is enough to recall Jacob of Edessa (d. 708), his younger contemporary John of Litarba, and the several other names down to Theophilos of Edessa (d. 785) which are mentioned by Dionysios of Tel-Mahre […] The Chronicle of pseudo-Dionysios of 775, though a somewhat provincial offshoot, is also a work of considerable scope, falling within the same genre." MANGO & SCOTT 1997 LIV-LV. De notar que os cronógrafos Eusébio, Panodoro e Aniano têm fraca representação manuscrita na Constantinopla do século IX, ao contrário do que acontece com as traduções destes autores para siríaco: *cf.* ADLER & TUFFIN 2002 LXVIII-LXIX. É também sintomático que a *Cronografia* de Eusébio só tenha chegado até nós numa tradução armena e numa edição de S. Jerónimo, não havendo nenhum exemplar em grego. Veja-se ainda BROCK 1976.

origem à tessitura do *Apocalipse de S. Metódio*. Como tal, consideramos que devemos mitigar as conclusões de Landes acerca da incorporação do sexto milénio nas cronografias de Bizâncio. O autor, pretendendo estudar os desenvolvimentos coevos a ocidente, afirma:

> "Things were different in Byzantium. There, due to an early and vigorous campaign against millenarianism which even succeeded in excluding Revelations from many editions of the New Testament throughout this period, Eastern ecclesiastics evidently felt secure enough to openly confront the coming of the year 6000. They retained AM I into its 7th millennium; and their historical works from that new millennium apparently convey an impression of equanimity." LANDES 1988 163[580]

Bem entendido, tal afirmação é cõngrua com o próprio material a que temos acesso: a *Cronografia* de Teófanes será mesmo um dos exemplos mais claros onde a entrada no ano 6000 é vista de uma forma, diríamos, pacífica. O que poderá estar aqui em causa, no nosso entender, é a forma como esta computação cronística poderá ser vista como uma *reação* a interpretações apocalípticas mais radicais. Uma cronografia que procurasse desvalorizar, ou mesmo sonegar, o ano milenar,

[580] O autor não está isolado nesta asserção, apoiando-se noutros autores com a mesma posição. Ele também não deixa de salientar, por outro lado, que a incorporação do sexto milénio não foi totalmente pacífica: "Again, such conclusions may be premature. No chronographer directly acknowledged the year 6000; and the fact that by the end of the 6th millennium at least three variants of AM I existed, could as soon indicate a desire to cast doubt on any specific date for the fateful year as an indifferent ignorance of precisely when it fell. A closer look at John Malalas' erratic use of several calculations of AM in his World Chronicle (mid-6th c.) and the prodigies he reported in the reign of the emperor Anastasius, during whose rule (491-526 CE) the year 6000 occurred, may reveal some of the difficulty 6th century historians had in digesting the advent of the seventh millennium." LANDES 1988 163. Acerca de Malalas, porém, é de salientar a proposta de TREADGOLD 2007, segundo o qual a verdadeira fonte da sua obra é Eustácio de Epifânia. Este autor, que terá estado ativo na primeira metade do século VI e estaria associado a Antioquia, colocava a Encarnação 6000 anos após a Criação. Assim, o sétimo milénio teria começado com a própria Encarnação (*ib.* 726-728 *et passim*). Note-se ainda que o começo do século VII assistiu a um debate em torno do cômputo cronológico a Oriente, ainda por estudar (*cf.* VARONA 2018 407: "The historical context of this controversy and its chronographical dimension remains to be studied."), que levou S. Máximo Confessor a defender o uso da chamada era alexandrina (*ibidem* 406-408). O debate parece ter envolvido o *Chonicon Paschale* e a *Crónica* de João de Antioquia (que poderá estar a recorrer, também segundo TREADGOLD 2007, a Eustácio).

estaria em consonância com a versão oficial das autoridades eclesiásticas, ao mesmo tempo que comprovaria a falsidade de certas profecias. Como tal, há também a possibilidade – a explorar – de esta escrita cronística ser uma forma de combate a interpretações históricas de influência milenarista ou afim[581]. De resto, o esforço literário envolvido na escrita dos textos de Sincelo e Teófanes, concorda, como veremos, com uma proveniência literária oriunda da Síria, onde Eusébio de Cesareia e os seus descendentes nunca deixaram de ser estudados.

Tal reação – a incorporação do sexto milénio – não se verificará a Ocidente, sendo que é a este complexo civilizacional a que Landes sobretudo se dedica. Para ele, são as tensões apocalípticas que vão determinar, em ambiente latino, a transferência de um sistema de datação *annus mundi* para o sistema *annus Domini*, usado até hoje. A oficialização ocorre num concílio franco, em 742 (durante o chamado *Concilium Germanicum*), sendo que se baseava num cálculo computístico de Beda[582]. As razões desta mudança prendem-se com o facto de a datação *annus mundi* nunca ter ficado cronologicamente bem fixada (pelo menos em comparação com os modelos orientais), de tal forma que havia uma grande imprecisão em torno da datação do ano 6000 da criação.

Richard Landes salienta como a tática dilatória que encontráramos em Hipólito se vai propagando no Ocidente Latino. A pluralidade de datas possíveis para a chegada do sexto milénio fez com que, ao contrário do processo de incorporação oriental, surgisse uma contínua dilação da Hora Final, que seria mais tarde deferida de acordo com um outro cálculo, quando a previsão precedente tivesse saído gorada. A influência de Eusébio de Cesareia e de outros autores

[581] Convirá ainda notar que, mesmo se se considerasse, à época, que o sétimo milénio havia já chegado, a sua conclusão apocalíptica poderia ser transportada para o advento do ano 7000. O último ano descrito na *Cronografia* é 6305, pelo que ainda faltariam muitos séculos para o desfecho final, de acordo com esta interpretação. Em Bizâncio, e sobretudo na Rússia, havia a crença de que o mundo duraria 7000 anos, ao lado da crença de que duraria 6000: *vide* STRÉMOOUKHOFF 1953 88-89, onde o autor identifica uma posterior tradição de Pseudo-Metódio, que vai identificar os libertadores de Constantinopla como sendo os Russos. É interessante notar como, quando o cômputo do ano universal chega, por fim, ao início do oitavo milénio, já Constantinopla perigava na sua própria existência, levando ao surgimento de argumentos cronológico-proféticos para o papel de Moscovo enquanto terceira Roma. Mas mesmo esta perspetiva teve fortes oposições eclesiásticas: *ib.* 91-100 *et passim*.

[582] *Vide* LANDES 1988 178-179 *et passim*.

(como Beda, que colocava a Encarnação em A.M. 3952), que aceitavam uma computística assente na Escritura Hebraica, permitia estes desenvolvimentos.

O que é curioso, no desenvolvimento ocidental, é o contexto e a altura em que a datação A.D. foi por fim aplicada: no século oitavo, quando, a Oriente, flagrava a questão iconoclasta (no ano anterior ao concílio de 742 Leão III tinha morrido e Constantino V governava Constantinopla). De acordo com o sistema cronográfico promulgado (designado por A.M. II por LANDES 1988), a Encarnação teria ocorrido por volta do *annus mundi* 5200, pelo que o sétimo milénio chegaria por volta do período do estabelecimento do império carolíngio. Como sustenta Landes:

> "To portray the shift from universal history to contemporary annal as self-explanatory or as the natural interest of an active age in its own period misses a point. Carolingians avoided, rather than merely neglected, universal history because of its inescapable association with a now apocalyptic AM II. Indeed, alongside the new historiography we find the familiar theological denunciation both of the sabbatical millennium and of any attempts to calculate the End." (LANDES 1988 180)

Há até a possibilidade, dependendo dos cálculos, de a coroação de Carlos Magno ter ocorrido no próprio ano de transição do milénio[583]. A nova forma de contar o tempo cumpria, deste modo, duas funções: por um lado, afastaria da perceção geral a iminência de uma entrada numa era apocalíptica, enquadrando-se, a esse nível, na estratégia dilatória anterior[584]; por outro lado, colocava o novo

[583] De acordo com a datação AM II, o ano 6000 poderia ocorrer algures entre 799 e 806, dependendo da computação. Isto corresponde mais ou menos ao período da coroação de Carlos Magno e, no Oriente, à controvérsia Adúltera. A coincidência com a coroação não parece ter passado despercebida à época: *cf.* LANDES 1988 196-197.

[584] O próprio contexto carolíngio dependeria de uma estratégia de afastamento do ano milenarista, à semelhança do modelo de Hipólito. "Just as Hippolytus' chronology found favor in its 5700s, so those of Eusebius and Bede succeeded, not only in the final century of the 6th millennium of their predecessor, but also three to four centuries before the millennium – now only implicit – in their own calculations. Jerome could have redone Eusebius' chronology according to the Masoretic text in the 4th century CE; but

império no epicentro de uma nova era, que seria uma espécie de renovação universal nas pessoas dos novos suseranos[585].

Uma carta de Alcuíno a Carlos Magno exortava este último a aceitar a coroa imperial na justa medida em que o trono, a Este, tinha sido usurpado por uma mulher (argumento recorrente entre os carolíngios, presente também nos *Libri Carolini*), ao mesmo tempo que a sede em Roma estava vacante (com a fuga do papa Leão III de Roma)[586]. Irene de novo subira ao trono em 797 (após o provável assassínio do seu filho, Constantino VI), três anos antes do novo milénio. Isto significaria o fim do quarto império preconizado pelo profeta Daniel e a chegada do Anticristo[587].

O novo império deveria ser estável, pelo que uma computação que obliterasse a anterior expectativa escatológica serviria os interesses de uma monarquia que estava para se declarar como rival de Bizâncio. Como consequência, a apologia eusebiana de uma monarquia eterna regressa, por assim dizer, como de uma ferida traumática. Os constantes esforços da Igreja ocidental para combater o milenarismo (ou a sua semana milenar), sem negar o realismo escatológico judaico-cristão, terminaria com a assunção de um novo império, que dispensaria de uma nova escatologia.

Numa outra perspetiva, podemos também ver como o período posterior vai ser muito recetivo às lendas emanadas de Pseudo-Metódio, porquanto punham em jogo a função do imperador (neste caso, latino) no seio do plano Salvífico Mundial. Ficamos até com a ideia de uma possível coincidência com os

---

postponing the year 6000 by 1500 years was unimaginable to a culture steeped in notions of a sabbatical millennium. So he did not; Bede did only when Jerome's AM had reached its limits. And the fact that the adoption of Bede's *hebraica veritas* led primarily to the abandonment of universal chronicles and AM dating in general suggests that a 1200 year postponement was no more acceptable." LANDES 1988 183.

[585] A este nível, a cronografia ocidental não teria sido tão estéril quanto uma recensão posterior o entenderá: "The general barrenness of chronico-historical writing during the Middle Ages in the Western Empire has been widely deplored during the nineteenth and twentieth centuries." JOHNSON 1962 131. O mesmo autor põe em contraste esta esterilidade com uma vitalidade da cronografia bizantina (*ibidem* 132).

[586] Assim escreve Alcuíno sobre o governo de Irene: "*quam impie gubernator imperii illius depositus sit, non ab alienis, sed a propriis et concivibus, ubique fama narrante crebrescit.*" E mais à frente, em relação à sé vacante de Roma: "*Nonne Romana in sede, ubi religio maximae pietatis quondam claruerat, ibi extrema impietatis exempla emerserunt?*" ALCUÍNO, *Epistolae* 302. Para a passagem dos *Libri Carolini* onde se defende que uma mulher não pode presidir a um Concílio, *vide Libri Carolini sive Caroli Magni capitulare de imaginibus*, 127-129.

[587] *Cf*. LANDES 1988 201-202.

desenvolvimentos paralelos que ocorriam na Síria. Tanto a Este como a Oeste de Constantinopla a influência de Eusébio de Cesareia fazia-se sentir e, com ele, a velha necessidade de integrar a Parúsia num sistema imperial que se queria duradouro e salvífico.

A incorporação do sexto milénio em obras cronográficas como as de Sincelo e Teófanes ia a par, portanto, com uma outra tendência, que leria o fatídico ano A.M. 6000 como um final que, de alguma forma, se relacionaria com o Império Romano ou, de uma forma mais lata, com o poder secular. Tal transporta-nos, curiosamente, para as tensões entre Igreja e Estado tal como percecionadas por Hipólito: "[…] within the eschatological system of Hippolytus there was an unresolved tension between the negative views of the state which arose from his apocalyptic sources and the (potentially) positive view of the church's relationship to the empire which derived from his theory of a necessary interim." DUNBAR 1983 322.

Sempre houve, pelo menos em potência, uma tensão na relação entre Estado e Igreja, que se propagou para lá da conversão de Constantino I. Se, nos primeiros séculos, o intervalo entre a Encarnação e a Segunda Vinda deveriam servir como um período de confronto com o século, seja para espalhar o Evangelho, seja para se sofrer um martírio pela Fé, a ulterior conversão de Constantino deixou adormecida uma questão cujo fervilhar será mais difícil de apagar. O imperador cristão poderia ser aceite com base na premissa de que se estaria ainda à espera do verdadeiro imperador. Porém, quando o cômputo cronológico, com a simbologia mística que lhe estava associada, começa a claudicar ou – para se usar uma expressão idiomática – quando deu todas as suas cartas, o Estado enquanto mediador das relações entre o sacro e o profano volta a insinuar-se.

Se associarmos tudo isto à forma como o iconoclasmo bizantino procurou, na senda do que expusemos na primeira parte desta tese, apropriar-se da esfera eclesiástica, e se considerarmos como a teologia iconoclasta poderá requerer, como salientámos na segunda parte, uma divindade mais rarefeita que pode fazer uso de um monarca humano que lhe seja vicário, poderemos então concluir que as especificidades do género cronográfico permitem enquadrar a evolução destas

crenças. As conceções escatológicas inerentes ao esqueleto de uma determinada cronografia indicam a postura de um determinado cronista – ou, mais exatamente, da tradição literária em que ele se insere – face à relação a ter perante o final dos tempos e o poder imperial.

E é nesta encruzilhada de tradições, impérios, teologias e cronografias que vão sobressair as especificidades das obras de Sincelo e Teófanes. Mas precisamos de ver, primeiro, em que medida as poderemos considerar como um único *corpus*.

1.5) A relação entre a Seleta Cronográfica e a Cronografia

O conceito de autoria, como já referimos, não é muito fixo no que diz respeito à escrita de cronografias. A cópia fiel dos conteúdos de uma determinada crónica/cronografia, adaptada à respetiva atualização computística, era vista como uma necessidade, que preservava determinada informação e a colocava em determinado ano universal. A questão torna-se ainda mais delicada com Teófanes. De facto, como o mesmo afirma logo no Prefácio, ele nunca tivera pretensões de escrever a obra, sendo que só o fez por insistência do seu amigo, Jorge Sincelo:

> "Depois de o fim da vida o ter tomado [a Jorge Sincelo] e de não ter conseguido levar até ao fim o seu objetivo, mas, como acima dissemos, ter coligido até ao tempo de Diocleciano, ele abandonou esta vida e migrou para o Senhor na fé ortodoxa, tendo-nos deixado, como a um amigo genuíno, o livro que coligira, e forneceu-nos os materiais que ficaram de parte, destituídos de ordem, para os preenchermos. Nós, não desconhecendo a nossa própria ignorância e a estreiteza do discurso, declinámos fazer isso, visto tratar-se de uma empresa acima das nossas capacidades. Ele, todavia, ordenando-nos com insistência para que não hesitássemos e não deixássemos o trabalho incompleto, forçou-nos a ir à obra. Por causa disso, tendo sido forçados, por obediência a ele, e levando mãos àquilo que estava sobre nós, caímos sobre um trabalho que não nos calhara em sorte." (do Prefácio)

É verdade que, numa primeira leitura, esta passagem poderá ser confundida com um *locus communis*, que visasse reverenciar a memória e trabalho do falecido amigo ao mesmo tempo que captasse a benevolência do leitor ao enaltecer a matéria a tratar[588]. Porém, a vida e perfil que se pode reconstruir de Teófanes leva os académicos a acreditar nas suas palavras no seu sentido mais direto[589].

O monge confessor, nascido de uma família nobre, parece ter estado mais interessado, na sua juventude, no exercício de atividades físicas e militares do que propriamente num estudo meticuloso e detalhado, como aquele que era exigido de um cronógrafo. A própria *Vita* de Teófanes indica que ele aprendera a ler, e a familiarizar-se com a literatura, quando já era monge e fora incumbido do dever de copiar manuscritos[590]. Não parece que estamos ao nível de uma erudição como aquela que seria exigida no mosteiro de *Studium*, liderado por Teodoro Estudita.

Por isso, Cyrill Mango vai propor que a *Cronografia* seja, na realidade, da autoria de Sincelo. Este último teria iniciado a obra, escrevendo até ao reinado do imperador Diocleciano – constituindo a chamada *Seleta Cronográfica* – dando depois a Teófanes um conjunto de materiais a serem usados para a conclusão do labor (como o próprio afirma: *cf.*: "e forneceu-nos os materiais que ficaram de parte, destituídos de ordem, para os preenchermos")[591]. Esta suposição, de qualquer forma, vai ao encontro do que Teófanes nos diz, logo a seguir, no seu Prefácio:

---

[588] Em relação ao Prefácio da *Cronografia,* RONCONI 2015 147 conjetura que o início da obra tenha sido uma interpolação posterior ao manuscrito *Parisinus* (sobre o qual, *vide infra* 3.2). Isto teria ocorrido porque o redator deste texto teria querido unir num só longo documento a *Seleta* de Jorge e a *Cronografia* de Teófanes. Porém, e como salienta CONSENTINO 2015 341, "Si cette hypothèse est correcte, elle me semble renforcer et non réfuter le contenu historique de la préface." Por seu turno, KAZHDAN 1999 219 vê neste Prefácio o *topos* literário do *locus humilitatis*.

[589] *Vide* a nossa resenha biográfica de São Teófanes, na Introdução da presente tese.

[590] *Cf*. nota anterior.

[591] Cyril Mango avança com esta tese no seu influente artigo "Who Wrote the Chronicle of Theophanes?", ao qual não tivemos acesso. Os pressupostos essenciais do mesmo, todavia, estão presentes em MANGO & SCOTT 1997 LII-LXIII. A investigação atual, ainda que aceite os pressupostos avançados por Mango, oscila entre atribuir todo o material da *Cronografia* a Sincelo e em admitir uma apropriação livre e independente por parte de Teófanes. Para um exemplo deste último, veja-se JANKOWIAK 2015 71-72, que valoriza a capacidade de reconciliação de datas do monge de Megas Agros; para uma valorização de Teófanes enquanto autor literário: *vide* KAZHDAN 1999 205-234. Postura essa criticada por TREADGOLD 2013 XII.

"Efetivamente, também nós, tendo consultado e pesquisado vários livros de acordo com o que nos foi possível, e tendo pesquisado esta cronografia, desde Diocleciano até ao reinado de Miguel e Teofilecto, o filho dele, escrevemos, com a precisão que nos foi possível, os reinados, os patriarcas e os feitos deles nos seus devidos anos, nada acrescentando de nós próprios, mas recolhendo dos antigos historiadores e escritores, colocámos nos devidos lugares os feitos de cada tempo, organizando-os sem confusão […]"

Não é claro, de acordo com a tese de Mango, se este labor se deve a uma investigação de moto próprio de Teófanes ou a uma consulta de fontes, por orientação prévia de Sincelo. Além do mais, não é claro o que Teófanes quer significar ao dizer que nada acrescentou de próprio: indicará que se limitou a executar as instruções do seu amigo, ou será que nada alterou das fontes que encontrou, pretendendo indicar, deste modo, a sua fidelidade ao dever de cronógrafo[592]?

Vários outros indícios apontam para uma dependência nuclear para com o trabalho de Sincelo: pelo prefácio da *Selecta Cronográfica* podemos constatar que Jorge Sincelo estava vivo por volta do ano 808[593], pelo que a sua morte ocorreu após essa data, talvez passados poucos anos. Por seu turno, sabemos que Teófanes faleceu a 814, tendo contraído uma doença de rins algures entre 809/810, que o terá prostrado para um labor do tipo da erudição cronística. Como tal, a *Cronografia* teria que ser escrita num período de pouco mais de sete anos (muito possivelmente menos). De tal forma que, "under the circumstances the composition of the Chronicle in the years 810-14 becomes something of a miracle" MANGO & SCOTT 1997 LXI-LXII.

[592] Sobre isto, diz-nos TREADGOLD 2013 39: "If taken literally, this last claim implies that Theophanes copied from someone else – whether George or another written source – even the final, contemporary portion of the *Chronography*, which ends with Michael I´s abdication in August 813. This must have been less than two years before the *Chronography* was completed, because the text shows no awareness of Leo V´s restoration of Iconoclasm in spring 815."

[593] MANGO & SCOTT 1997 LXI; JANKOWIAK 2015 61, n.3.

Há até a possibilidade, se seguirmos a datação de TREADGOLD 2013 66, de Jorge ter falecido em 813, o que implicaria que a *Cronografia* teria sido escrita num único ano! Um feito que seria, sem dúvida, impressionante para um homem que se viu envolvido na Querela das Imagens e que, por fim, foi preso e interrogado, mesmo se tivermos em conta que uma parte substantiva do trabalho poderia ter sido outorgada a um escriba anónimo ou a uma equipa de monges. Como tal, surge como cada vez mais verossímil a hipótese de o trabalho cronológico, na sua dimensão de consulta de fontes, cálculo computístico, aferição e comparação de textos e escrita/cópia de uma versão final ter sido obra de Sincelo.

Há ainda três passagens do corpo de texto da *Cronografia* que parecem indicar uma autoria alheia. Assim, na descrição dos eventos do *annus mundi* 6255 (763/764 d. C.), descreve-se um grupo de icebergues que colidiram contra as muralhas de Constantinopla: aparece então uma voz discursiva na primeira pessoa, que diz que subiu a esses mesmos icebergues e que brincou em cima deles com os seus amigos. A implicação seria que este sujeito narrativo seria uma criança por essa altura – Teófanes teria os seus quatro anos de idade. MANGO & SCOTT 1997 LVIII-LIX traduzem a passagem seguinte (εἶχον δὲ καὶ ζῶα ἄγριά τε καὶ ἥμερα τεθνεῶτα) como significando que este "eu" tinha consigo animais selvagens que, no decurso da brincadeira, faleceram com o frio. Para eles, "It is hard to believe that Theophanes, who was 4 years old at the time and the only child of a rich widowed mother, would have been allowed such hazardous play or that he kept wild animals for his amusement at such a tender age." *Ibidem* LVIII. A pessoa a falar, portanto, seria Sincelo. Quanto a nós, fazemos uma leitura diferente da passagem em questão, mormente do verbo εἶχον, que consideramos ser uma terceira pessoa do plural[594], pelo que não a vemos como problemática.

Já outras o serão. No *annus mundi* 6258 narra-se a transladação das relíquias de Santa Eufémia para Constantinopla, altura em que o sujeito narrativo irrompe, uma vez mais, para dizer que ele próprio, ao lado dos imperadores e do patriarca Tarásio, beijou e venerou as referidas relíquias. Ainda que não seja impossível que

[594] *Vide* a nota de rodapé que fizemos para este passo da *Cronografia*, na tradução anexa à presente tese. TREADGOLD 2013 22, n. 90 faz a mesma leitura.

um monge não residente na cidade imperial se tivesse deslocado à mesma por ocasião solene desta celebração, parece ser mais plausível que um dignitário com o cargo de *syncellus*, como o era Jorge, estivesse perto de tamanhas figuras das esferas secular e religiosa[595]. A não ser, extrapolamos nós, que Teófanes não pretenda inferir que estivesse ao lado dos dignatários, mas somente que eles também estariam na cerimónia. Seja como for, é plausível que seja a voz do seu amigo que esteja aqui em questão.

Uma terceira passagem é também alusiva a esta possibilidade: no *annus mundi* 6303, quando o imperador Nicéforo I estava prestes a partir para uma expedição contra os Búlgaros, narra-se um dito acerbo do imperador a um certo patrício, Teodósio Salibaras, após o qual surge a pessoa discursiva: "Estas coisas, Deus o sabe, eu próprio, o que escrevo, ouvi da viva voz de Teodósio." O exército então parte e é derrotado, sendo Teodósio morto em batalha. Como tal, é altamente improvável que este patrício se tivesse deslocado a Megas Agros, um mosteiro longe de Constantinopla, para contar o que se passara a Teófanes, antes de regressar para o exército e ir na sua fatídica expedição[596].

De uma forma geral, concordamos com estas identificações. A ocasional irrupção da primeira pessoa do singular surge também, como veremos, na *Seleta Cronográfica*, pelo que a atribuição ao *syncellus* de uma fonte primária, depois usada por Teófanes, é plausível. A vida do monge confessor, as suas próprias palavras no prefácio da *Cronografia* e estes indícios textuais dão vida a esta possibilidade. Há ainda importantes argumentos de ordem filológica – a existência de fontes cronográficas oriundas da Síria, uma região que Teófanes não poderia ter conhecido em primeira mão, como em breve abordaremos.

Por enquanto, cumpre salientar como a *Seleta Cronográfica* e a *Cronografia*, se não são, no estado atual de que dispomos delas, uma única obra, constituem um *continuum* cuja arquitetura inicial é devida a Sincelo[597]. Não é claro em que medida

[595] *Vide* MANGO & SCOTT 1997 LIX.

[596] *Cf. ibidem* LIX-LX para o confronto com outras fontes. Os autores refutam a hipótese de que Teodósio teria, na realidade, sobrevivido à batalha e teria tido a oportunidade de fazer a narração a Teófanes.

[597] A investigação académica não costumava, até data mais recente, estudar Sincelo e Teófanes em conjunto, de tal forma que TREADGOLD 2013 56, n. 79, a propósito da sua proposta para a origem da *Fonte Oriental* da *Cronografia* (sobre a qual, *vide infra* 3.2, i), afirma: "That this suggestion seems never to have

Teófanes contribuiu e/ou alterou o plano base do seu amigo, voluntária ou involuntariamente. Existem claras diferenças de estilo entre os dois textos, como veremos, mas o esqueleto cronológico – e as coordenadas teológico-históricas em que opera – são semelhantes ou, até, idênticas. O resultado final é significativo:

> "The combined chronicles of Synkellos and Theophanes fill about 1,200 printed pages and represent the most ambitious effort of Byzantine historiography with a view to offering a systematic account of the human past. Indeed, with regard to Theophanes, the most striking characteristic of his Chronicle is that it embraces not only the annals of the Roman/Byzantine Empire, but also those of the Christian East under Muslim domination." MANGO & SCOTT 1997 LII[598]

Porém, nem Sincelo nem Teófanes puderam deixar uma obra revista, limada e sistematizada. As repetições de passagens, as confusões de datas e outras incongruências vão surgindo (sobretudo na *Seleta*), fruto da vida destes homens, do tempo em que viveram e da enormidade da empresa.

Por tudo isto, um estudo da *Cronografia* de Teófanes implica também uma análise, nas suas coordenadas essenciais, da obra de Sincelo. Poderemos, no final, analisar a narração do período iconoclasta sob o fundo de uma estrutura cronológica mais vasta e profunda.

---

been made before reflects the sharp distinction between modern scholars who have worked on George Syncellus and those who have worked on ´Theophanes´, the primary exception being Cyrill Mango (who even so has dealt chiefly with ´Theophanes´)."

[598] O mesmo sentido em "Aside from the monumental work of Eusebius of Caesarea – who is only barely a Byzantine author – Synkellos' chronological undertaking was on a scale and of a precision never attempted in the history of Byzantine scholarship." SEVCENKO 1992 281

2) A *Seleta Cronográfica* de Jorge Sincelo

2.1) Quem foi Jorge Sincelo?

Ao contrário do que sucede com Teófanes, em relação ao qual temos acessos a dois relatos hagiográficos e outras referências análogas, é pouca a informação que temos sobre Jorge Sincelo. Nem sequer sabemos ao certo onde nasceu. Pela pena do seu continuador, sabemos que ele exercia a função que lhe ficou a título de sobrenome: era um *syncellus*. Era também, diz-nos Teófanes, um *abbas*: uma palavra que, à época, não significava necessariamente um hegúmeno. De qualquer forma, o cargo de *syncellus* correspondia a alguém muito próximo do patriarca, a quem servia como secretário, nomeado pelo imperador, sendo que, não raras vezes, sucedia àquele no trono episcopal[599]. Como tal, podemos inferir que Jorge era uma pessoa de estatuto, que poderá até ter sido candidato a patriarca: a sua erudição, de resto, revela essa possibilidade como legítima.

Existe uma brevíssima biografia de Jorge Sincelo escrita por Anastásio Bibliotecário, o secretário papal que traduziu para latim parte da *Cronografia* de Teófanes (uma tradução importante do ponto de vista filológico, como indicado *infra*). Nela, refere-se que o *syncellus* que fora amigo de Teófanes havia sido perseguido e martirizado pelos iconoclastas, tendo depois o seu nome sido aclamado nas *Atas* do Sétimo Concílio Ecuménico. Nestas há, de facto, uma referência a um Jorge, mas é evidente que se trata de uma pessoa homónima (o bispo de Salamis, no Chipre): é até provável que Sincelo tenha participado no Segundo Concílio de Niceia, mas não poderia ter pretendido escrever uma cronologia até ao ano 808 se tivesse sido martirizado muito antes. Anastásio, portanto, enganou-se[600].

O resto da informação relativa a este cronógrafo está contida nas breves referências escritas na primeira pessoa no seu próprio texto. Já vimos como parecem existir vestígios disso também na obra de Teófanes, mas elas agora terão um valor diferente. Assim, no prefácio da *Seleta*, que em breve estudaremos com

[599] TREADGOLD 2013 39; MANGO & SCOTT 1997 XLIII-XLIV.
[600] TREADGOLD 2015 10-11.

maior precisão, o autor afirma que deseja terminar a sua *Cronologia* no *annus mundi* 6300, com um ataque dos Ismaelitas e dos Idumeus (*videlicet* Muçulmanos) "contra Cristo e a nossa raça/povo" (κατὰ Χριστοῦ καὶ τοῦ γένους ἡμῶν). Uma vez que nas entradas para os anos 6301 e 6305, em Teófanes, se fala de uma perseguição aos Cristãos da Síria, autores como TREADGOLD 2013 40 e MANGO & SCOTT 1997 deduzem que Jorge seria, muito provavelmente, sírio e/ou palestiniano[601].

Quanto a nós, não consideramos que esta alusão possa, *per se*, ser um indicativo da sua origem nacional. Como já temos assinalado, a referência ao "nosso povo" não remete tanto para uma etnia como para a religião cristã. Tal como alhures em Teófanes, a referência ao "nosso povo" parece ser indicativa de um sentido de comunidade que é consequente ao da religião. A época, ao associar os romanos aos descendentes diretos do povo eleito do Antigo Testamento, contribuía para esse tipo de associações: e os sírios, mesmo sob o jugo islâmico, não se deixariam de associar ao imperador Romano (vimos as nuances deste progresso na sua parte da presente dissertação).

Porém, mesmo com esta ressalva, há vários indícios que apontam para uma relação estreita entre Sincelo e a zona geográfica da Síria. Pois ele diz-nos que estivera na Palestina, onde viu diversos monumentos da Antiguidade judaica com os seus próprios olhos. Afirma ter visto a sepultura de Abraão e Sara (JORGE SINCELO, *Chronographiae* 189); o monumento relativo ao enterro de ídolos feitos por Jacob (*ibidem* 202; narrado em Gn. 34 30); entre outras referências. Numa delas, a propósito do túmulo de Raquel, afirma:

> "Raquel morreu ao dar à luz Benjamim, e foi sepultada entre Belém e Jerusalém, no Hipódromo. Era o ano 21 de Levi, o *annus mundi* 3575. Eu mesmo vi, muitas vezes, o túmulo [λάρνακα] dela, estendido ao longo do chão, enquanto passava por lá rumo a Belém e à chamada *Lavra*

[601] "This passage indicates not only that Synkellos had every intention of continuing his narrative to the year 808 when he was writing those words, but that he attached particular importance to expounding the misdeeds of the Arab Muslims ´against us´. To an emigre from Palestine such feelings would have been perfectly natural. If our argument is accepted, it may further be deduced that Synkellos was still alive in 813." MANGO & SCOTT 1997 LXI

Antiga de São Caritão [τὴν παλαιὰν λεγομένην λαύραν τοῦ ὁσίου Χαρίτωνος]" (JORGE SINCELO, *Chronographiae* 189 200-201)

Daqui se pode concluir que Sincelo havia sido um monge no mosteiro de São Caritão:

> "This passage appears to show that George, whom we already know to have been a monk, had been a member of the community at St. Chariton, because a traveler from Jerusalem would only have passed through Bethlehem and crossed the Judaean Hills to that isolated monastery if that was his destination. Although as a rule monks remained in their monasteries most of the time, the monks of St. Chariton must often have needed to consult with the orthodox Melkite patriarchate at Jerusalem, which had jurisdiction over their community. The most natural explanation of George's frequently traveling this route is that he acted as an envoy from his monastery to the patriarchate." TREADGOLD 2015 12

O facto de o mosteiro de S. Caritão, que não era o mais importante na região, ser citado em primeiro lugar na *Cronografia* de Teófanes (num lugar cuja autoria, portanto, seria a de Sincelo), parece corroborar que havia uma familiaridade com este local em particular[602]. Como tal, e tendo ainda em conta que as partes finais da *Cronografia* são ricas no que concerne às comunidades cristãs do Médio Oriente do período em questão – e uma vez que Teófanes não se parece ter deslocado para muito longe dos mosteiros em que esteve e de Constantinopla – podemos inferir que Sincelo foi alguém que viajou de forma considerável pela Palestina, onde também teve formação monástica. Deduz-se que também teve a oportunidade de se formar nas escolas computísticas siríacas, que,

[602] *Cf*. TREADGOLD 2015 12; o mesmo em *idem* 2013 40-41. Conjetura-se que, como resultado das perseguições em 812 e/ou 813, teria havido vários refugiados cristãos que teriam chegado a Constantinopla. Eles ter-se-iam encontrado com Sincelo e tê-lo-iam informado acerca destes acontecimentos.

como vimos, nunca deixaram de ser cultivadas. Deste modo, mesmo que não tenha sido sírio de nação, terá dominado a língua e sido formado na sua literatura[603].

Através de uma análise das fontes da *Cronografia* (*vide infra* 3.2), parece que Jorge deixou de estar na Síria/Palestina por volta do ano 780[604]. Presume-se que tenha partido para Constantinopla, talvez com uma missão diplomática, a fim de procurar auxílio, junto de Irene, para os cristãos iconófilos da Palestina. Uma vez na cidade imperial, é possível que tenha recebido o ministério de diácono e que tenha assistido, nessa qualidade, ao Segundo Concílio de Niceia (TREADGOLD 2015 19). Conjetura-se até que ele possa ter sido o representante dos patriarcados orientais, que leu uma carta anónima no mesmo Concílio, dando conta da impossibilidade do envio de legados de Alexandria e Antioquia e conferindo essa dignidade a dois anteriores *syncelli* (João e Tomás). Se assim for, o próprio Jorge teria sido o representante do patriarcado de Jerusalém (*ibidem* 16-19)[605]. Ainda que tudo isto seja hipotético, explicaria por que motivo um siro-palestiniano, recentemente chegado a Constantinopla, estaria em condições para aceder, mais tarde, ao cargo de *syncellus*.

Quer tenha agido ou não nesta capacidade, o que é certo é que, algures no seu percurso, ele foi nomeado *syncellus* do patriarca Tarásio pelo imperador Constantino VI, continuando a agir nesta qualidade com a acessão do patriarca seguinte, Nicéforo. A adesão a este último poderá explicar o tratamento que é dado a Teodoro na *Cronografia*: o hegúmeno de Estúdio, como vimos na primeira

[603] Vejam-se as considerações de HUXLEY 1981 215-216, que também concorda com a origem (e formação) palestiniana de Sincelo.

[604] TREADGOLD 2013 43-44.

[605] A representação dos patriarcados orientais durante o Segundo Concílio de Niceia é uma questão que tem levantado várias dúvidas aos investigadores modernos. A conquista muçulmana e as divergências internas da própria comunidade cristã parecem ter impedido uma comunicação regular e saudável com os patriarcados ocidentais (Roma e Constantinopla). A carta anónima, presente no Concílio, dá conta dessa dificuldade: como não se terá conseguido a presença de legados efetivos, ter-se-ão escolhido pessoas que já seriam residentes em Constantinopla. *Cf*. AUZÉPY 2007 230-231, onde a autora sugere que a adesão da Palestina ao Concílio de 787 só ocorre no século XI. Isto foi notado, à época, pelos carolíngios: "Ainsi, le concile de Nicée II cumulait les difficultés, qui furent d´ailleurs soigneusement relevées par les Occidentaux dans les *Libri Carolini*: l´oecuménicité qu´il revendiquait, et qui lui était indispensable pour l´emporter en hiérarchie sur le concile de Hiéreia, était douteuse […]." *Ibidem* 94. Mas o próprio S. Teodoro Estudita (*cf*. TEODORO ESTUDITA, *Epistolae* 1042-1046) levantava dúvidas quanto à dimensão ecuménica do Concílio, justamente por causa disto.

parte, opôs-se ao patriarca durante a Questão Adúltera e a crise dos refugiados búlgaros. Ora, o texto de Teófanes toma partido a favor de Nicéforo, colocando Teodoro como o líder dos "maus conselheiros" do imperador. Uma vez que Teodoro vai escrever um elogio fúnebre ao hegúmeno de Megas Agros, parece ser improvável que tenha havido uma verdadeira inimizade entre os dois, pelo que a autoria daqueles excertos da *Cronografia* poderá ser de Sincelo[606].

As páginas finais da obra poderão dar-nos também outros indícios da biografia do monge sírio: trata-se da forma como se descreve Nicéforo I, um imperador que, de resto, nunca demonstrou atitudes contrárias ao Segundo Concílio Ecuménico. A sua descrição é-lhe muito desfavorável, ao ponto de o vocabulário utilizado se aproximar, por vezes, do usado para grandes opositores da Igreja, como Juliano Apóstata ou Constantino V (sem haver razões doutrinárias para tal). Uma vez que há provas textuais de que este imperador fora bem recebido pelos ortodoxos[607], formula-se que há uma causa pessoal subjacente à escrita desta passagem em particular.

O ano de 808 é apresentado como a possível causa. Nicéforo I descobre uma conspiração contra si, a favor do patrício Arsaber, que foi acompanhada de diversos castigos:

> "No mês de fevereiro, tendo muitos dos que estavam no poder meditado uma revolta contra ele, elegeram Arsaber, o questor e patrício, um homem pio e muito sábio. Então o ardiloso Nicéforo, ao saber disto, chicoteou-o e tonsurou-o, fazendo dele um monge. Exilou-o para a Bitínia, sendo que atacou os outros com açoites, exílios e

[606] Por outro lado, também é certo que, com o deflagrar da segunda fase do iconoclasmo, os anteriores adversários, que se extremaram ao longo da Questão Adúltera, se voltarão a unir, e mesmo a admirar-se mutuamente, na luta contra a doutrina iconómaca. Seja como for, é verossímil que a autoria da passagem seja da pena de Jorge Syncello: *cf*. TREADGOLD 2013 47.

[607] "Rather more puzzling is the chronicler´s pathological hatred of the emperor Nikephoros. In the case of Theophanes no reason for it can be discerned other than the emperor´s fiscal policy, which was disadvantageous to monasteries. What is also odd is that Methodios in his Life of Theophanes (c. 41) lavishes fulsome praise on that very emperor – a tacteless tribute if Theophanes was known to have held Nikephoros in such deep detestation." MANGO & SCOTT 1997 LVIII. As páginas da *Cronografia* são também muito ásperas para com a política fiscal e de impostos de Nicéforo I. De resto, CONSENTINO 2015 337-339 aborda as medidas económicas sobre o exército exercidas por este imperador, levantando a hipótese de terem perdurado e influenciado os carolíngios.

> confiscações, não somente os que governavam no século, mas também os santos bispos, os monges e [os clérigos] da Grande Igreja – o *syncellus*, o *sacellarius* e o *chartofyllax*, homens louváveis e dignos de reverência." (A.M. 6300)

Não é forçoso que o *syncellus* referido tenha sido o nosso Jorge, porquanto se poderá tratar de um seu sucessor ou de uma outra pessoa que exercesse o mesmo cargo[608]. Mas "even if the *synkellos* who was so punished was not George, but his successor, the emperor´s retribution fell on George´s friends and colleagues in the patriarchal clergy" MANGO & SCOTT 1997 LVIII. Um motivo desconhecido terá, assim, motivado o cronógrafo a participar num golpe contra o imperador, na sequência do qual ele poderá ter sido fisicamente castigado e exilado.

É esse exílio que faz, na reconstrução de TREADGOLD 2015, com que ele fosse para Megas Agros e que aí, enfim, conhecesse e travasse amizade com o hegúmeno de lá, Teófanes. Teria aí vivido três anos, até julho de 811, data da morte do imperador Nicéforo e de uma putativa amnistia. Nesse ínterim Jorge teria tido tempo para se dedicar a um *otium litterarium* e começar a compor uma cronografia, cuja estrutura poderá já ter sido pensada desde os tempos em que estivera na Palestina. Com um regresso a Constantinopla, ele poderia, entretanto, consultar de novo as suas bibliotecas e adquirir mais informação para o seu projeto. Isto até cerca de 813, quando se apercebeu de que estava a morrer e pediu ao seu amigo para terminar a obra.

Terá sido esta, portanto, a vida de Jorge Sincelo, tal como pode ser escrutinada pelas parcas informações que chegaram até nós e por reconstruções verosímeis, mas não certas[609]. O seu perfil dá-nos conta de um homem bem envolvido nas questões e querelas do seu tempo, com formação tanto em literatura grega como siríaca, com acesso a pessoas de elevado estatuto em Constantinopla e que muito viajou. Se associarmos isto ao *continuum* que constitui a *Seleta*

[608] Podia haver até dois *syncelli* em Constantinopla. O texto grego, porém, explicita, pelo uso do artigo, que se trata *do* syncello: τόν τε σύγκελλον.
[609] Para uma reconstrução da sua vida: TREADGOLD 2015 25-26.

Cronográfica e a *Cronografia*, conseguimos explicar como um trabalho tão grande, para o contexto literário coevo, se pôde formar. Por outro lado, explicita como informação relativa ao Médio Oriente, que na época se estava a afastar, mais e mais, do epicentro de decisões em Constantinopla, aparece com um lugar de destaque em obras do século IX bizantino. Legitima, enfim, uma leitura deste mesmo *continuum* que se insira numa panorâmica mais vasta entre Bizâncio, Bagdade e a persistência do legado cristiano-helenístico ao longo da bacia oriental do Mar Mediterrâneo.

As vicissitudes históricas não permitiram que a ambição literária de Sincelo se consumasse, pelo que agora nos é forçoso analisar separadamente dois blocos textuais, a *Seleta Cronográfica* e a *Cronografia.* Mas o estudo da primeira só enriquecerá o da segunda.

2.2) A Seleta Cronográfica: fontes

A *Seleta Cronográfica* de Sincelo padece, como vimos, de ser uma obra inacabada. Esta incompletude não se cinge ao número de anos que o seu autor pretendia cronografar, mas à própria estrutura que chegou até nós. Não existe um prefácio bem delimitado; os materiais estão desorganizados; há diversas repetições e contradições de datas em diferentes locais; não raras vezes, até, Sincelo põe em evidência diferentes formas de computar uma dada data sem concluir por nenhuma. Seria injusto, porém, atribuir isto a uma incompetência do cronógrafo[610]. Diríamos antes que a grandeza do trabalho, associada aos deveres da vida prática e a uma morte não esperada, foram os fatores para o estado atual do texto.

Com esta ressalva, podemos indagar quais foram as fontes literárias que o autor usou. Ele não parece ter tido acesso ao texto grego original da *Cronografia* de

[610] Concordamos, a esse nível, com TREADGOLD 2013 51-52: "The untidiness of the *Selection* has sometimes been taken as proof of George´s incompetence as a scholar, thinker, or writer. Yet many individual parts of the work show that George was well educated and intelligent, and support Theophanes´ statement that he was ´an eloquent an extremely learned man´." Além disso, "If not in terms of formal genre, given its state as a scholarly tract of technical knowledge and difficult reading, Syncellus' work left a clear imprint in later Byzantine chronological writing, which incorporated his computations." VARONA 2018 416.

Eusébio de Cesareia, mas a (pelos menos) duas ulteriores adaptações da mesma (TREADGOLD 2013 59). As suas fontes principais – pelas quais poderá ter tido acesso a Eusébio – parecem ter sido, para além da *Septuaginta*, as obras (hoje perdidas) de Panodoro e Aniano, dois cronógrafos do século V que procuraram melhorar o texto do bispo de Cesareia[611]. Terão existido outras fontes, entre as quais Beroso, Manetão e Africano, que poderão ter sido consultadas no original ou através de comentadores (*ibidem*).

Há dúvidas, no entanto, quanto ao acesso que Jorge teve mesmo às suas duas fontes principais. ADLER & TUFFIN 2002 LXVIII levantam a possibilidade da mediação de excertos e/ou coletâneas siríacas, ao passo que TREADGOLD 2003 54-57 *et passim* defende que Aniano foi consultado com recurso a uma fonte oriental, nomeadamente a primeira parte da obra de Teófilo de Edessa, uma outra cronografia perdida. Esta última será importante também para o estudo da *Cronografia* de Teófanes, porquanto parece ser dela que emana a maior parte das informações sobre as regiões orientais durante o século VII. O futuro *syncellus* teria transportado esta obra para Constantinopla e trabalhado a partir dela[612].

É também possível que outras fontes tenham sido consultadas em siríaco, ou em traduções gregas de textos siríacos, ainda que às vezes parece ser claro que foram consultados textos no grego original, i.e., não traduzido. O facto de Jorge ter passado muitos anos em Constantinopla ter-lhe-á dado acesso a diferentes textos e bibliotecas. Daí que "George can also include accurate quotations of surviving Greek texts by Josephus, Eusebius (his *History of the Church*), John Chrysostom, Gregory of Nyssa, Gregory of Nazianzus, Agathias, and Maximus Confessor, and of course the Septuagint an New Testament." TREADGOLD 2013 57. Por isso,

[611] *Cf*. ADLER & TUFFIN 2002 XXXV-XXXVI. Por sua vez, TREADGOLD 2013 52 n.59 alerta que "no satisfactory overall discussion of Annianus or Panodorus appears to exist […]". O texto de Syncello é a única fonte que temos para a obra de Panodoro. Note-se ainda que, já no século IV, um bispo de Tarso, Diodoro, se propôs corrigir os erros de Eusébio. Por fim, é através dos cômputos de Panodoro e de Aniano, recolhidos da *Seleta*, que se pode reconstruir as coordenadas principais da chamada era alexandrina (sobre a qual, *vide infra* 2.3): *cf.* GRUMEL 1958 85-97, que salienta como o cômputo de Aniano respeita mais a cronologia mística cristã do que o cômputo de Panodoro.

[612] "Evidently George arrived in Constantinople from the East soon after 781 with a Greek translation of Theophilus´ entire chronicle and its continuation up to his own time. This text George kept with him throughout his career at the patriarchate and took with him into exile in 808, when he made it the armature for his own *Selection of Chronography*." TREADGOLD 2013 56.

afere-se que o resultado final terá sido uma curiosa mescla entre a literatura grega e a literatura siríaca, moldadas por origens comuns (a erudição cristã do mundo tardo-antigo) que persistiram não obstante o desfasamento linguístico e político de então[613]. No dizer de HUXLEY 1981 217: "George can be seen as a link between the Hellenism of the Orient and Byzantium. He stands at the threshold of ninth-century Byzantine humanism."

De resto, o grande adversário literário da *Seleta Cronográfica* é Eusébio, com quem o autor se deveria debater, mesmo não tendo consultado o seu texto original. As duas versões a que ele teve acesso, quer tenham ou não sido encontradas em glosas ou citações de outros cronógrafos, brotavam do cânone deste género literário. Por outro lado, dada a influência do seu congénere do século IV, boa parte do que hoje classificaríamos de bibliografia secundária teria que lidar com aquela figura ímpar da cronografia cristã. E, a esse nível, o seu contacto com Eusébio é feroz. Veja-se o que ele diz a propósito da perseguição aos cristãos levada a cabo pelo imperador Décio:

> "Tendo também muitos sido aperfeiçoados em nome de Cristo nesta perseguição, os nomes dos quais somente Deus, por Quem testemunharam [μαρτυρηθεὶς ὑπ᾽αὐτῶν], conhece, Orígenes, enaltecido por discursos instruídos e mitos pagãos [μύθοις Ἑλληνικοῖς], foi distanciado de tamanha coroa. Nem isto [aconteceu] por causa de uma divina bondade, mas por causa da sua opinião [γνώμην] arrogante e autossuficiente. Mas estas coisas não parecem ser assim a Eusébio de Cesareia, que se esforça por demonstrar, no sexto livro da sua *História*

[613] A esse nível, devemos notar que a época conheceu um considerável fluxo de obras em língua siríaca para Constantinopla. *Vide* BINGGELI 2018 267-269 para um elenco de obras hagiográficas em grego, de origem palestiniana. Também o mosteiro de Estúdio esteve empenhado numa reforma monástica e litúrgica, na qual a posição da liturgia palestiniana foi fundamental: *ibidem* 272. Atente-se no que diz RONCONI 2015 137: "Les centres de copie actifs, aussi bien dans la capitale que dans ses périphéries, étaient plus nombreux que les sources de l'époque ne le laissent croire, et le milieu stoudite lui-même, pendant ces années critiques, s'étendait bien au-delà du monastère Saint-Jean-Baptiste, comprenant un large réseau de fondations allant de la Bithynie à la Cappadoce et aux îles égéennes : un réseau qui, entretenant des contacts avec la Palestine et l'Occident, favorisa une forte mobilité de moines, de copistes, de livres et de modèles graphiques." Atente-se ainda no que diz AUZÉPY 216-220, que estuda a criação de narrativas que ligavam os mosteiros bizantinos a uma Palestina iconódula.

Eclesiástica, que ele [Orígenes] é maior do que todos os santos e mestres." JORGE SINCELO, *Chronographiae* 684-685

E, já antes, havia declarado:

"Orígenes, o fraco de espírito [ματαιόφρων], vangloriando-se com dogmas pagãos em Alexandria, formulou novas ideias [ἐνεωτέριζε]. Eusébio de Pânfilo, em virtude de concordar com ele, divinizando-o, que seja tido na mesma categoria que ele [σὺν αὐτῷ λογισθείη]." JORGE SINCELO, *Chronographiae* 670

Outros exemplos poderiam multiplicar esta constatação de afastamento, e mesmo repúdio, para com o bispo de Cesareia. Mas isto, mais do que denotar uma antipatia pessoal, revela o escopo geral da sua escrita cronográfica:

"Apart from a few inconsistencies of detail— attributable to its likely unfinished state, its considerable length and complexity, as well as to its transmission—his chronography as a whole is conceived as a polemic against Eusebius and also can be seen as an effort to distinguish Africanus' chronographical tradition from Eusebius', traditions which Syncellus had good reason to regard as undesirably intertwined." VARONA 2018 415

Recordemos que o Concílio de Hiéria apresentava a carta de Eusébio a Constância como uma prova cabal da ilicutitude do culto aos ícones, e como os ortodoxos vão reagir contra o mesmo Eusébio, acusando-o de ariano (*vide supra* parte 2, 1.8). Aqui Sincelo, ao associar o pai da cronografia cristã ao origenismo, está a par das controvérsias polémicas do seu tempo. Quando ele se propôs escrever, saberia de antemão que teria que se deparar com uma figura controversa, cuja autoridade era citada pelos adversários iconoclastas.

Como tal, o tom polemista presente nestas passagens não provém, no nosso entender, de uma mera oposição privada ou erudita para com o bispo de Cesareia, mas sim de toda a mundividência teológica e cronográfica que ele representa[614]. A imagem eusebiana do imperador, que destacámos como uma possível influência helenística na idealização do imperador terreno como imagem de Deus, circunscrever-se-á a esta problemática. Sincelo, ao classificar Eusébio como origenista, parece ter consciência das implicações a-escatológicas do seu sistema de datação, que por sua vez se alimentavam da conceção helenística do monarca. Por outras palavras, cremos que a macro-estrutura destas obras é relacionável com a valoração dada ao imperador.

Em contrapartida, o registo polémico poderá ser considerado como um eco das disputas cristológicas, durante a Querela de Imagens. Atribuir ou não autoridade a Eusébio significaria seguir ou não os preceitos enumerados na sua carta a Constância e, como tal, uma adesão mais ou menos explícita à doutrina iconoclasta. A esse nível, é relativamente indiferente se se considerava o bispo como ariano ou origenista, na medida em que isso implicaria, em ambos os casos, um enquadramento da Divindade para lá do tempo, deixando os imperadores humanos, em potência, como os únicos legítimos vicários de autoridade[615].

Uma outra forma com que Sincelo se destaca do seu antagonista é no papel que atribui à *Septuaginta*. Como vimos, havia um debate em torno das obras historico-cronográficas da Babilónia e do Egito, escritas, respetivamente, por Beroso e Manetão, às quais Eusébio admitia um valor histórico concreto. Elas datavam a atividade humana – e de reinos em particular – para muito antes do Dilúvio, contrariando uma cronologia assente na leitura linear e literal dos relatos

[614] "Synkellos' antipathy towards him must have had something to do with his contempt for Eusebios' Origenism; the last part of his chronicle is full of attacks on Eusebios for his embrace of the 'ravings' of the 'ungodly Origen'. But his critique of specific components of Eusebios' chronicle arises from disagreements far more fundamental than that. Essential elements of Eusebios' chronicle – among them his dating of Moses and Christ's birth, and his questionable loyalty to the chronology of the Septuagint – were in Synkellos' view dangerous departures from accepted tradition." ADLER & TUFFIN 2002 XXXVI

[615] Repare-se ainda, tal como VARONA 2018 o faz na citação que colocamos no corpo de texto, que Syncello também se opõe a Júlio Africano, ainda que não lhe tenha dado tanta atenção (por ventura por este autor ter tido fraca representação manuscrita, *cf*. ADLER & TUFFIN 2002 XXXV-XXXVI). A esse nível, ele concordará com as críticas que Eusébio lhe faz, mormente no que concerne à determinação de um apocalíptico sexto milénio. Desta forma, o nosso cronógrafo procura atacar Eusébio sem ceder às tentações milenaristas de Africano.

do Antigo Testamento. Ora, Sincelo vai ser um apologista convicto de que a *Septuaginta* é a fonte primária por excelência, e que os antiquarianos de outras civilizações deviam ser considerados falsos, se estivessem em discordância com o relato bíblico[616].

Há, portanto, uma preferência indiscutível do texto grego da Sagrada Escritura em relação às restantes línguas[617], que vai acompanhar boa parte das problemáticas de datação ao longo da *Seleta Cronográfica*.

2.3) A *Seleta Cronográfica*: o prefácio

Ainda que Sincelo não nos tenha deixado um prefácio bem estruturado para a sua obra, o material, tal como o temos agora, deixa transparecer vários componentes programáticos do monge palestinano. Assim, o texto começa:

> "No início, Deu criou o Céu e a Terra. É o início de toda a movimentação temporal da criação visível sujeita ao tempo, no qual a Terra e o Céu, por Deus-Pai, foram trazidos [παρήχθη] através do Filho Unigénito e do Espírito Santo da Santa e vivífica consubstancial Trindade, desde o não ser até à existência [ἐκ μὴ ὄντων εἰς τὸ εἶναι], graças a uma incomensurável bondade. É o santo dia, o primeiro criado, do primeiro mês chamado de Nissan, de acordo com os Hebreus e as divinamente inspiradas Escrituras, no dia vinte e cinco do mês Romano de Março, e no dia vinte e nove do sétimo mês egípcio. Isto é concordante com todos os nossos santos Padres e mestres e à Santa Católica e Apostólica Igreja. Nele [neste dia] também Gabriel profetizou [προεφθέγξατο] a saudação e o *Ave* à Santa Virgem, acerca da divina conceção. Nele também o Unigénito Filho do Pai, após a sua inefável Encarnação dela [da Virgem], tendo completado toda a Economia,

[616] Syncello é acompanhado, neste julgamento, por Panodoro e Aniano: *cf.* ADLER & TUFFIN 2002 XXXV-XXXVI.

[617] Jorge chega até a fazer uso de uma argumentação aristotélica para defender a superioridade da *Septuaginta* (*cf*. JORGE SYNCELLO, *Chronographiae* 176-177), marca da importância do pensamento do Estagirita na formação literária da época (*vide supra* parte 2, 1.7). *Vide* ADLER & TUFFIN 2002 XLIX.

ressuscitou dos mortos, começando o ano 5534 desde a fundação do Universo neste mesmo dia da vivificante Ressurreição." JORGE SINCELO, *Chronographiae* 2

É notório que a abertura do cômputo cronológico não se inicia com uma glosa dos primeiros versículos do *Génesis*, mas antes com todo um conjunto de afirmações que, na nossa leitura, pretendem deixar fixos, quais barreiras cosmológicas, os dogmas cristológicos que foram sendo explicitados ao longo dos primeiros séculos da era cristã. Assim, logo no início se deixa claro que, antes do tempo, já o Pai existia, assim como o seu filho Unigénito (refutação do arianismo) e o Espírito Santo (refutação do macedonianismo), sendo que a Trindade é anterior ao próprio tempo. Depois, com a explicitação de que nesse dia o arcanjo Gabriel profetizou a Encarnação, e que, portanto, se tratava de uma revisitação simbólica do dia da Criação, pretende-se aludir à Virgem Maria como Mãe de Deus/Θεοτόκος (refutação do Nestorianismo); por fim, é também nesse dia que Jesus ressuscitou dos mortos, revigorando o mundo (refutação do Gnosticismo).

A equivalência dos dias destes eventos salvíficos (Criação; Anunciação; Ressurreição) permite estabalecer, como já referimos, uma simbologia anagógica, que faz com que a revisitação simbólica do dia da Criação acompanhe a ulterior reforma do mundo ou, dito por outras palavras, permite ver que a Criação foi a prefiguração da Ressurreição[618]. Sincelo deixa explícito, deste modo, que as balizas cronográficas correspondem também a balizas teológico-místicas e que a narração dos eventos vai obedecer a um plano salvífico[619].

Qual será o sentido da História, então, após a Ressurreição? E qual a sua relação com o próprio tempo de Sincelo? Como vimos, o dia do Juízo Final, para autores como Hipólito de Roma, deveria também coincidir com o dia da Criação, pelo que é de supor que estoutro cronógrafo do século IX também seria permeável a esta interpretação. A esse nível, há um índicio nas mesmas páginas introdutórias

[618] Nas linhas seguintes Syncello vai desenvolver, justamente, essa argumentação.
[619] Em consonância, de resto, com a calendarização alexandrina, que Syncello segue.

da sua *Seleta Cronográfica*. Após diversas considerações e comparações, o autor vai explicitar os seus propósitos:

> "Ocupar-me-ei em fazer uma certa sinopse, preocupando-me, em tudo, com as combinações [de cronologias] e com a verdade, assim como com a sequência da concordância das coisas: refiro-me às diferenças dos imperadores [βασιλέων] e ao número de sacerdotes, de profetas e de apóstolos, de mártires e de mestres, assim como aqueles destacados entre os Gregos ou outros povos [παρ᾽Ἕλλησιν ἢ ἄλλοις ἔθνεσιν] pela sabedoria ou por uma outra técnica qualquer, ou destreza bélica, assim como por uma depravidade manifesta [ἐπὶ μοχθηρίᾳ προδήλῳ]; tudo o que eu for capaz de coligir dos referidos historiadores. Para além destas coisas, vou delimitar, de acordo com a minha possibilidade, aquela aliança abominável a Deus [διαθήκην θεοβδέλυκτον] contra Cristo e o nosso povo [κατὰ Χριστοῦ καὶ τοῦ γένους ἡμῶν], de que dispuseram os tabernáculos dos Idumeus [σκηνώματα τῶν Ἰδουμαίων][620] assim como os Ismaelitas, perseguindo o povo que vive de acordo com o Espírito [τὸν κατὰ τὸ πνεῦμα λαὸν], que, por juízos divinos [θείοις κρίμασι], também preparam aquela Apostasia dos últimos dias, que foi profetizada pelo beato Paulo[621]. [Isto] até ao ano que vigora agora, o sexto milésimo e trecentésimo desde a criação do universo." JORGE SINCELO, *Chronographiae* 10

É com base nas última frase desta passagem que se conjetura, como referimos, que Sincelo seria palestiniano. Expressámos *supra* as nossas reservas em relação ao argumento: o que importa, agora, é constatar que Jorge começou a escrever a *Selecta Cronográfica*, ou pelo menos, a sua grande introdução, por volta do *annus mundi* 6300, ou seja, por volta de 807/808 da nossa era.

[620] Sl. 83 (82) 7
[621] 2 Tes. 2. 3-12

Seja como for, os conteúdos da passagem são reveladores a dois níveis. A um primeiro tempo, é curioso ver como, no elenco das sequências a combinar entre si, o autor estabelece uma espécie de gradação, começando com os imperadores e terminando com homens destacadas por feitos nefastos. Os grandes senhores temporais são elencados antes dos sacerdotes e dos santos, sendo que após estes últimos vêm os homens ilustres pelo saber terreno. Trata-se de uma marca característica deste género literário, explicável, a um tempo, pela relativa acessibilidade de uma datação por anos régios ou monárquicos, que facilitaria as comparações entre as diferentes fontes e calendários. Todavia, é também um sinal, a nosso ver, de um perigo latente a este tipo de análises históricas, dependentes como estavam da sequência de imperadores como se de axiomas para a História – e do seu desenrolar divinamente disposto – se tratasse[622]. Não é claro se Sincelo teria consciência disto, ou se se limita a seguir uma *praxis* comum da tradição em que se insere.

Por outro lado, a passagem é reveladora do sentido apocalíptico dado aos "tabernáculos dos Idumeus" e dos Ismaelistas. Temos aqui uma referência explícita aos muçulmanos como marca da chegada dos últimos dias. Encontramo-los com uma função providencial, não muito diferente daquela que encontraramos na tradição de Pseudo-Metódio. Além disso, os últimos dias a que se alude estão bem datados no ano 6300 após a criação do universo, isto é, quando o sétimo milénio tinha começado havia já três séculos. Tal explicitação elimina, *per se*, a crença na sétima semana milenária que alimentou outras exegeses apocalípticas, sem negar, todavia, a factualidade da eminência do Fim.

Sincelo (e a tradição em que se baseia) estabelece a sua sequência de tempos, por assim dizer, no seio de uma tensão: aceita as significações místicas propostas por autores como Hipólito de Roma, deixando ver como os principais acontecimentos salvíficos se estruturam através do retorno simbólico de uma mesma data; mas não se baseia nesta numerologia simbólica para daí inferir acerca

[622] É de notar que, antes do chamado calendário bizantino (sobre o qual, *vide* os últimos parágrafos desta secção), as eras universais eram introduzidas e oficializadas por iniciativa imperial. A era alexandrina, usada por Syncello e Teófanes (*vide infra*), estava já, como tal, predisposta a dar importância aos anos régios como forma de organização do tempo. A era bizantina, por seu turno, começa a surgir pela iniciativa privada de computitas, até que se generalizar pelo final do século X: *cf.* GRUMEL 1958 111-128.

de acontecimentos futuros: não se cede à tentação de alongar indefinidamente o *annus mundi* 6000 para que este coincida com o regresso do verdadeiro Imperador da Humanidade e do Universo. Não existe aqui nem uma perceção milenarista do tempo, nem a negação da temporalidade. Voltaremos a analisar isto com maior pormenor quando analisarmos a *Cronografia*.

Cumpre ainda deixar uma última nota antes de avançarmos para uma análise da *Seleta Cronográfica*, em torno do método computístico usado por Jorge (e seguido depois pelo seu amigo). Das duas principais formas de calcular os *anni mundi*, os chamados calendário alexandrino e o calendário bizantino (ou romano)[623], Sincelo vai escolher o primeiro, que colocava a Criação 5500 anos antes da Encarnação (com a Ressureição a dar-se no dia 25 de março do ano 5534, no começo de um novo ano)[624]. Esta era a datação mais usada na Palestina cristã, assentando no simbolismo de Júlio Africano e Hipólito de Roma.

Já o calendário romano-bizantino colocava a Criação 5509 anos antes de Cristo, quebrando, por assim dizer, a "leveza" dos números redondos. Trata-se de um sistema que fazia coincidir o início do ano, a 1 de setembro, com o início de um ciclo de uma dada indicção. A indicção, por sua vez, era o sistema mais popular e divulgado entre a população (os dois outros sistemas eram eruditos, com uso sobretudo escolástico), consistindo num conjunto de 15 anos que se ia sistematicamente repetindo. Talvez tenha sido por causa da popularidade do sistema da indicção que o calendário romano-bizantino vai vencer na posterior tradição cronística bizantina[625].

---

[623] GRUMEL 1958 71-84, no entanto, vai defender a existência de um outro calendário, anterior a estes dois, que ele define como era protobizantina e que estaria concluído por volta de 350. Já a era alexandrina havia sido criada pelos inícios do século V (*ib.* 35-40), fomentando, em contrapartida, a criação de um calendário constantinopolitano. O imperador Constante, ariano, terá fomentado esse desenvolvimento contra a Alexandrina ortodoxa (*ib.* 41-48). O ciclo, porém, vai ainda sofrer várias alterações até que se constitua a era romano-bizantina propriamente dita.

[624] Este calendário bizantino vai ser defendido, no seio da crise monotelista, por S. Máximo Confessor, (MÁXIMO CONFESSOR, *Computus ecclesiasticus*), aparentemente como reação ao cômputo de João de Antioquia (que seria originário, de acordo com TREADGOLD 2007 737-740, de um cômputo de Eustácio de Epifânia, que por sua vez colocaria a Encarnação no ano 6000). Deste modo, é preciso estarmos atentos, também, para a relação desta forma de cronografar – e de computar, por consequência, o dia de Páscoa – com os debates cristológicos da época.

[625] *Cf.* MANGO & SCOTT 1997 LXIV. O surgimento do ciclo da indicção é atribuído ao imperador Diocleciano, sendo que tinha, na altura, a duração de cinco anos. A sua primeira aplicação ocorre no Egito. É com Constantino I, segundo o *Chronicon Paschale*, que se passa para um período de 15 anos. A datação de atos

2.4) A serpente falante, os Gigantes, o Dilúvio e o primeiro império

O texto de Sincelo avança com uma constante mistura de citações, comentários, narrativas e citações de outros cronógrafos, aos quais se adicionam frequentes repetições e até contradições. Como já vimos, isto deve ser atribuído ao caráter inconcluído do seu trabalho: de qualquer forma, podemos acompanhar alguns traços gerais da obra, reveladores da sua cosmovisão.

Assim, e em provável consonância com Panodoro e Aniano, Sincelo data a transgressão de Adão e Eva no sétimo ano da Criação, com a sua expulsão a ocorrer no oitavo ano: mais uma revisitação da numerologia em torno do número sete. Adão vivera no Paraíso o equivalente a uma «semana de dias» [ἑβδομάδα ἡμερῶν] de trezentos e sessenta e cinco dias (JORGE SINCELO, *Chronographiae* 14)[626]. Em seguida, desenvolve um interessante raciocínio para refutar aqueles que diziam que, antes da expulsão do primeiro casal, todos os seres vivos tinham a capacidade para conversar/raciocinar:

> "[Flávio] Josefo[627] e o *Pequeno Génesis* [ἡ λεπτὴ Γένεσις, *i.e.*, o *Livro dos Jubileus*][628] dizem que os animais selvagens, os animais de quatro patas e os animais rastejantes eram capazes de falar a mesma língua [ὁμόφωνα] que os protoplastas antes da Trangressão. Por causa disso – dizem – é que a serpente falou com uma voz humana a Eva: coisa que parece ser impossível. De facto, toda a natureza lógica [λογικὴ φύσης *sic*] existe conforme a Imagem de Deus [κατ᾽εἰκόνα θεοῦ ἐστι], e aqueles seres não existem conforme a Imagem de Deus. Concordamos em que a serpende falou a Eva, sendo que se originou uma boca à serpente

públicos com recurso à indicção é obrigatória a partir de Justiniano I. *Cf.* GRUMEL 1958 192. Para o estudo das particularidades da indicção bizantina: *vide ibidem* 193-203. Assim, no início, a indicção bizantina iniciava-se após o dia um de setembro, até que se fixou no dia vinte e três. Mais tarde, pelo século V, o início passou para o dia um de setembro, ainda que a datação anterior se preservasse no calendário eclesiástico. O dia um de setembro era ainda o começo do ano civil bizantino.

[626] Estas informações provêm do *Livro dos Jubileus* (Jub. 3 17; 32), que Syncello usa como autoridade: *vide* ADLER & TUFFIN 2002 11 n. 2 para mais detalhes.

[627] FLÁVIO JOSEFO, *Antiquitates Iudaicae* 5 *et passim*.

[628] Jub. 3 28

através da mente [στόμα γενόμενον τῷ νοὶ τῷ ὄφει].” JORGE SINCELO, *Chronographiae* 14

A passagem é peculiar na medida em que circunscreve a capacidade racional tão somente àqueles que existem à imagem e semelhança de Deus. A “boca mental” que é atribuída ao Tentador não está em concordância com a imagem de Deus. E, logo a seguir, o autor vai explicitar que a serpente, após isto, conversou também “em ídolos desprovidos de alma [ἐν ἀψύχοις εἰδώλοις] aos idólatras que foram por ela iludidos de várias maneiras” (*ibidem* 14). A imagem e o ídolo estão em planos ontológicos diferentes: pelo primeiro o Homem pode aceder à sua verdadeira natureza; pela segunda, afasta-se da mesma.

Não é impossível que estejamos perante uma repercurssão dos debates teológicos do primeiro período iconoclasta. Recordemos que a acusação principal dos iconómacos incidia na identificação de imagem com o ídolo. Em contrapartida, os ortodoxos sustentam que a Encarnação irá permitir ao cristão cultuar a imagem sem resvalar para a idolatria. Aqui, porém, Sincelo estabelece uma analogia semelhante para o período da Criação: a imagem é aquilo que separa os homens dos animais irracionais e que, como tal, é típico do Homem anterior à queda; já o ídolo é aquilo que aproxima o mesmo Homem de uma “língua mental”, não consentânea à natureza das coisas e enganadora[629].

Depois, ao avançar com a narrativa, o nosso cronógrafo recorre a um outro livro apócrifo, o *Livro de Enoch*, para falar do nascimento da raça dos Gigantes (JORGE SINCELO, *Chronographiae* 23-24; referido também em Gn 6, 4), explicando que as transgressões que os originaram perduraram até ao Grande Dilúvio. Este acontecimento bíblico, por sua vez, é de elevada importância cronológica para

[629] Os “olhos da mente” fazem-nos lembrar a contemplação noética, seguida por algumas linhas não ortodoxas. Vimos como o iconoclasmo terá tido uma posição semelhante: *vide supra* parte 2, 1.6. Deste modo, talvez Syncello se esteja a opor a este tipo de conceção, que despreza a contemplação física, associando-a à serpente.

Jorge Sincelo, de tal forma que só o vai abandonar passado cerca de um quarto da sua obra[630].

A questão parece estar relacionada com as cronografias de Beroso e Manetão, com a narração de acontecimentos que teriam ocorrido 480 000 anos antes, muito para lá dos cálculos computísticos assentes na *Septuaginta*. Esta discrepância gritante fez com que, desde os primórdios do género cronográfico, autores como Júlio Africano desacreditassem por completo as cronologias pagãs como meras invenções, ao passo que outros, como Eusébio de Cesareia, procuravam encontrar formas de harmonizar as diferentes tradições[631].

Panodoro e Aniano, opondo-se a Eusébio, vão tentar solucionar o problema das discrepâncias e propor que os sistemas de computar o tempo, em Manetão e Beroso, não eram os mesmos que os utilizados pelos exegetas Judeus e Cristãos. Seria possível contar alguns anos destes cronógrafos como se fossem dias. Como resultado, poder-se-ia encurtar os milénios das civilizações anteriores e colocá-los na senda da cronologia bíblica[632]. O problema era que, de acordo com esta datação, os império da Babilónia e do Egito teriam existido antes do *annus mundi* 2242, data segundo a qual ocorrera o Grande Dilúvio. Ora, era inaceitável para Sincelo que o começo das monarquia se tivesse dado *após* este evento cataclísmico:

> "E é necessário que aqueles que prestam corretamente atenção às Divinas Escrituras não aceitem nenhuma História Egípcia ou Caldaica que relate [acontecimentos] anteriores ao Cataclismo, mesmo se elas, tendo roubado das Escrituras Sagradas algumas coisas acerca do Cataclismo e do cofre [λάρνακος], isto é, da Arca, se tenham apropriado

[630] Retiramos a expressão de TREADGOLD 2013 60: "Since George becomes bogged down in the problems raised by Babylonian and Egyptian records, Enoch and other aprocrypha, and Methuselah´s age, he has written more than a quarter of his *Selection* before he puts the Flood behind him."

[631] "But no amount of chronographic sleight-of-hand could conceal the hard truth about Egyptian recorded history. As with the histories of the Babylonians and Phoenicians, its seemingly endless chronology of kings was, in Africanus' words, mere boastfulness, a 'joke' entirely inconsistent with the 'less pretentious (ἀτυφότερον)' chronology of Moses and other writers of the Bible. Eusebios, unwilling to abandon these sources as corroborating historical witnesses, was less peremptory in his judgement, proposing a few possible ways to harmonize these sources with biblical chronology." ADLER & TUFFIN 2002 XXXVIII. *Vide* também HUXLEY 1981 211 *et passim*.

[632] *Cf*. *ibidem*.

> delas, por causa do qual as pessoas mais simples, prestando atenção aos restantes disparates, são facilmente afetadas: refiro-me acerca das miríades de anos, elencadas através de sares, neros e sosos [σάρων καὶ νήρων καὶ σώσσων]" JORGE SINCELO, *Chronographiae* 28

E, mais à frente, o autor vai repreender os cronógrafos cristãos que procuram harmonizar a Sagrada Escritura com as cronografias pagãs:

> "Os que escreveram Histórias cristãs sabendo todas estas coisas, e muitas outras repletas de tagarelices, e que são incongruentes com as nossas Divinas Escrituras, aceitaram – para minha surpresa – submeter por completo coisas indignas de toda a memória a uma exposição canónica [κανονικῇ στοιχειώσει]. Por reverência a estes homens, considero que não é necessário dizer os seus nomes." *Ibidem* 29

A crónica falta de revisão da *Seleta* fará com que o mesmo Sincelo, noutro sítio, quebre o seu voto e indique que os autores referidos são, justamente, Panodoro e Aniano[633].

Por que motivo estaria Sincelo tão absorvido com esta questão, empenhado em provar que o Dilúvio é anterior ao surgimento das grandes monarquias caldaicas e egípcias, ao ponto de nem concordar com as suas principais autoridades deste género cronográfico? A resposta, a nosso ver, prende-se com a significação mística dada ao grande cataclismo, de acordo com a exegese cristã primitiva, acoplada a uma consideração em torno da natureza dos impérios terrestres.

[633] *Cf*. pp. 61-66. Para além disso, que o lugar do Dilúvio era de elevada importância no pensamento cronográfico do amigo íntimo de Teófanes fica também patente na questão da datação da vida do patriarca Matusalém. O autor fornece duas explicações, contraditórias entre si, para a relação do patriarca com a inundação bíblica: num determinado lugar, propõe que ele tenha falecido com ela (*cf*. JORGE SYNCELLO, *Chronographiae* 35); num outro, que tenha sobrevivido, por milagre (*ibidem* 213-214). Para as problemáticas em torno destas passagens, *vide* ADLER & TUFFIN 2002 27, n.5; 30, n. 3; 163, n.3. *Vide* também HUXLEY 1981 210.

O grande Dilúvio é interpretado por vários Padres da Igreja, do ponto de vista simbólico, como um anti-tipo do batismo. As águas que inundaram o mundo e aboliram e destruíram os homens pecadores aludiam às futuras águas batismais, que haveriam de libertar o homem do pecado original. Da mesma forma, a Arca de Noé, navegando sobre as ondas destrutivas, é um anti-tipo da própria Igreja, que preservera a sua peregrinação neste mundo, afetado também pelo pecado original[634]. Sincelo, e parte significativa dos seus contemporrâneos, ao aceitarem este sentido anagógico da passagem do livro do *Génesis*, não negavam a sua leitura literal. Como tal, a desolação deste evento correspondia, também, à dissolução de um mundo corrupto. Certo é que, depois do mesmo, ele continuou a ser suscetível à corrupção, mas esta teria que ser de um tipo diferente.

A grande transgressão da Humanidade pré-diluviana foi o contacto entre seres angélicos (ἐγρήγοροι, literalmente "os acordados/os que vigiam") com mulheres, das quais se teriam originado três raças, as dos Gigantes, dos Elioud e dos Nefilim. Sincelo segue a narrativa do *Livro de Enoch* (1 En. 6-9), que cita (JORGE SINCELO, *Chronographiae* 19 *et passim*)[635]. Estas raças teriam, em seguida, ensinado aos homens artes ilícitas como a magia e a astrologia, não sem também os aterrorizarem e devorarem, tendo a sua tirania terminado somente com o Dilúvio. O evento não se limita, como tal, a destruir a maior parte dos seres vivos, mas também altera, por assim dizer, a topologia e a tipologia do próprio universo, de tal forma que as ditas raças lendárias, associadas a um contacto mais próximo com criaturas angélicas (ou, neste caso, demoníacas), deixaram de existir. A Humanidade passa a entrar numa nova fase da sua existência[636].

Trata-se de uma forma diferente da existência humana que implicava, para o cronógrafo, uma forma bem distinta de se exercer o poder:

---

[634] Para uma abordagem das passagens do Novo Testamento e dos primeiros autores patrísticos, nas quais o Dilúvio surge com uma marca apocalíptica, *vide* WILSON 2014. Para a sua importância no género cronográfico: JOHNSON 1962 129-130.

[635] O mesmo Syncello também diz que os ἐγρήγοροι eram, na realidade, filhos de Seth, o terceiro descendente de Adão (*cf.* JORGE SYNCELLO, *Chronographiae* 19, mas também na passagem que citamos). Não fica claro se considera estes seres como angélicos, humanos, ou uma qualquer mistura mítica de ambos.

[636] A conceção do Dilúvio como a saída de um período quase a-histórico existe também nas restantes versões deste evento noutros povos: *cf*. ADLER & TUFFIN 2002 XXXIII, n. 23.

> "Estando assim as coisas em relação aos vigias [ἐγρηγόρων] de Seth, é necessário saber que, na Inspirada Escritura, nada se diz acerca de impérios [περὶ βασιλείας] antes do Cataclismo. Efetivamente, é claro que os antepassados [προπάτορες] do género [humano] – Adão, Seth e Enos e os mais destacados entre eles – tomavam a iniciativa sobre as multidões [ἐξῆρχον τῶν πολλῶν] até à completa usurpação dos Gigantes, que acreditamos que foram tiranos [τυραννεῖν] sobre os homens mais fracos, que não eram iguais a eles, até ao Cataclismo, no tempo de Noé. A Terra foi destruída por causa deles [dos Gigantes]." JORGE SINCELO, *Chronographiae* 24-25

Diz-se, portanto, que não havia nenhum império, sendo que o termo usado – βασιλεία – é aquele que se aplica para se descrever o "império dos Romanos" ou o "império dos Persas". O poder exercido pelos antepassados, expresso pelo verbo ἐξάρχειν, aparenta significar, no contexto, algo exercido mais pela autoridade do que pela força. Em contrapartida, os Gigantes exerciam uma τυραννία, palavra que, se em grego clássico não tinha um sentido pejorativo, possuia-o no grego e no quotidiano bizantinos, fruto da tradição institucional romana[637].

É como se a organização humana assente num rei/imperador não fosse possível neste primeiro período. Foi necessário um evento apocalíptico para que a Humanidade se pudesse reorganizar e, eventualmente, estabelecer civilizações fundadas em líderes oficializados. Ou, numa outra leitura, esta organização teve que ser excogitada para fazer face à anterior experiência traumática com os Gigantes.

Seja como for, há algo de perturbador, na sequência da catalogação dos anos, no próprio conceito de monarquia. A fundação das cidades é datada, por

[637] O uso desta palavra, e seus derivados, é também abundante na *Cronografia* de Teófanes, com um claro sentido pejorativo.

Sincelo, no *annus mundi* 2849[638], sendo que o primeiro império surge somente a 2776:

> "No *annus mundi* 2776, os Caldeus foram os primeiros a aclamarem para si próprios imperadores [βασιλεῖς], dos quais o primeiro foi Enéquio, que entre nós é chamado Nembrod" JORGE SINCELO, *Chronographiae* 169

Veja-se o que diz Sincelo sobre este primeiro soberano, quando confrontado, uma vez mais, com as cronologias pagãs:

> "Eles [os pagãos dos antigos impérios], de facto, acreditavam nos antepassados [προγενεστέρους] como sendo deuses ou semi-deuses e, relatando o erro aos que vieram após eles, escreveram que em verdade eles tinham reinado durante anos incontáveis, pensando que o universo era eterno, em oposição às Inspiradas Escrituras. […] Por causa disso, fomos convencidos pelas Sagradas Escrituras que estas coisas são falsas e que não se formou nenhum império sobre a Terra até ao de Nimrod, o imitador dos Gigantes [γιγαντομιμήτου] por causa da Torre [de Babel] e da apostasia de uma tirania [ἀποστατικῆς τυραννίδος], como foi demonstrado em cima." JORGE SINCELO, *Chronographiae* 148

Temos aqui, por um lado, a tese de Evémero, que atribui o surgimento do politeísmo a atores humanos concretos[639]; por outro, o regresso simbólico dos Gigantes. A Torre de Babel e a formação da primeira βασιλεία correspondem a uma condição danosa das relações entre homens e Deus. O primeiro imperador

[638] "No *annus mundi* 2849, [os homens], espalhados, começaram a fundar cidades." JORGE SYNCELLO, *Chronographiae* 168.

[639] Se supusermos, como o faz TREADGOLD 2007, que a obra perdida de Eustácio de Epifámia, reapropriada pela de João de Antioquia, foi uma fonte indireta de Teófanes, então também podemos supor que o foi para Syncello. A tese evemeriana estava presente nestas obras, pelo que sabemos das reconstruções filológicas (*ib.* 741).

humano não podia ter surgido antes do Dilúvio porque a sua dimensão tirânica radical manifestar-se-ia, naquela altura mítica, de uma outra forma.

Por isso, o conceito de império e a sua relação com o futuro império romano cristianizado está já, nas suas origens, minado por uma prática idolátrica inicial. Retornamos à distinção entre ícone/imagem e ídolo, agora para identificar este último com os impérios humanos. Certo é que a palavra βασιλεύς encontrará, também em Sincelo, um sentido positivo, mormente quando é aplicada a Saul, David e seus herdeiros[640]. Mas, mesmo assim, podemos ver como, através da perspetiva cronográfica de Sincelo, os reinos/impérios tinham que ter um lugar preciso no esquema geral da evolução do Universo. Na nossa opinião, as energias e o esforço de que o autor fez uso para comprovar a datação pós-diluviana de Nimrod, que são até usadas para fazer contraposição a outros cronógrafos cristãos cuja autoridade, de resto, respeita, demonstram que estamos perante uma conceção, na sua origem, problemática, e que precisava de um enquadramento temporal que o justificasse.

2.5) Desde Abraão até ao império Romano

Após o nascimento de Abraão, que Sincelo data no *annus mundi* 3312, a datação dos eventos segue de perto a cronologia de Aniano, pelo menos até ao Êxodo. A partir daqui, voltarão a surgir alguns desfasamentos e debates em torno da datação de específicas datas, com inclusões de listas de reis pagãos e feitos não relacionados com a História Bíblica[641]. Entretanto, com o surgimento do primeiro Patriarca vêm também algumas alusões e prefigurações da futura Encarnação. A forma como elas são expostas são também, a nosso ver, significativas.

Assim, Melquisedeque é referido como "o primeiro arquisacerdote e o primeiro imperador de Salem" [ὁ πρῶτος ἀρχιερεὺς καὶ πρῶτος βασιλεὺς Σαλὴμ], que é um anti-tipo de Cristo. Jorge segue a narrativa de Gn. 14 18-20 para aludir ao pão e ao vinho, usados por este sacerdote-rei, como indícios da futura Carne e do

[640] O verbo βασιλεύειν e o nome βασιλεύς são usados para se descrever os reinados de Saúl e David: *cf*. JORGE SYNCELLO, *Chronographiae* 332.
[641] *Cf*. ADLER & TUFFIN 2002 LXVII.

futuro Vinho eucarísticos (JORGE SINCELO, *Chronographiae* 184)[642]. Pela primeira vez, então, aparece uma associação positiva entre os conceitos de sacerdócio e de reino, lidos não em função de um antepassado divinizado, como faziam os pagãos, mas sim em função de uma realidade prenunciada.

Mas mais interessante será talvez a forma como se narra a morte e o testamento de Jacob, filho de Isaac:

> "Jacob, na altura da sua morte, prefigurando [προτυπῶν] o sinal vivificante da Cruz [τὸ ζωοποιὸν τοῦ σταυροῦ σημεῖον], abençoou os filhos de Israel com o sinal da Cruz [σταυροειδῶς], tendo colocado as mãos de uma forma cruzada, a direita sobre Efraim e a esquerda sobre Manassés[643] […].
> Rúben, o primeiro filho de Jacob, uma vez que se unira à concubina de seu pai, foi excluído dos direitos de primogenitura, assim como do sacerdócio e do império [καὶ ἱερωσύνης καὶ βασιλείας]. E os filhos de José receberam os direitos de primogenitura, por causa da castidade do pai. O império [βασιλεία] foi dado a Judá […] O sacerdócio [ἱερωσύνη] foi dado a Levi[644]." JORGE SINCELO, *Chronographiae* 206-207

A união entre sacerdócio e poder, misticamente representada em Melquisedeque, parece, aqui, dividir-se: o sacerdócio e o poder régio não mais fazem parte da mesma herança. E é sintomático, a nosso ver, que isso ocorra com a prefiguração da morte de Jesus pela Cruz, aquando do falecimento de Jacob. É como se se estivesse a falar da futura separação de poderes, entre o que é de Deus e o que é de César. Deste modo, a história dos Patriarcas antes de Moisés contém já, na sua interpretação anagógica, uma marca que distingue o poder exercido pelas civilizações pagãs, por um lado, e a obediência ao Deus de Jacob, por outro.

[642] A este nível, recorde-se como a figura de Melquisedeque poderia associar-se, de forma tentadora, ao monarca temporal bizantino: *vide supra* 226-227.
[643] Gn. 48 13-14
[644] Gn. 49

Esta separação de poderes, por assim dizer, está patente na forma como é narrada a posterior História do Povo Eleito. Assim ocorre quando se narra como, no Egito, a mãe adotiva de Moisés, então criança, o levara ao Faraó, para ser por ele coroado. O soberano retira o diadema de si para o colocar sobre a cabeça do menino, mas este retira a coroa e pisa-a (JORGE SINCELO, *Chronographiae* 228)[645]. A fidelidade para com o Deus de Abraão, que este episódio pretende demonstar, implica uma não cedência à idolatria, bem atualizada nas monarquias então existentes.

A descrição do Êxodo destaca-se do resto do corpo de texto da *Seleta*, na medida em que se constitui como uma grande narrativa, em detrimento da mera exposição sequencial de *anni mundi* ou de confrontos com outras autoridades cronográficas. Será uma espécie de prelúdio da transformação do sub-género computístico no sub-género cronístico[646]. Seja como for, o autor vai continuar o seu processo de confronto de textos e debate de datas, seguindo a *Septuaginta* como fio condutor, mas sem descurar eventos como a guerra de Troia ou a fundação de Roma[647].

Enfim, quando Sincelo atinge a Encarnação, já estamos quase no final da sua obra. O acontecimento, como é natural, é de singular importância no plano

[645] A estória é retirada de Flávio Josefo: FLÁVIO JOSEFO, *Antiquitates Iudaicae* 65.

[646] Convém notar que, na tradição cronográfica, havia um debate em torno da datação da vida de Moisés. Júlio Africano é representante de uma tradição mais antiga, segundo a qual Moisés teria sido contemporâneo da cheia de Ogyges e dos reinos de Ínaquo e Phoronoreus. Esta datação servia os interesses apologéticos cristãos e judaicos, que faziam com que Moisés tivesse vivido muito antes da história narrada pelos gregos pagãos, provando a superioridade (porque mais antiga) da tradição judaica. Africano, porém, não chega a esta conclusão para satisfazer uma agenda apologética, mas na sequência do seu próprio cômputo. Eusébio, por seu turno, faz com que Moisés tenha vivido mais tarde, no reino de Cecrops, muito após o reino de Ínaquo. Ainda que ele procurasse manter a anterior apologia cristã, dizendo que mesmo assim Moisés vivera muito depois dos eventos da história pagã, "Syncellus, an ardent opponent of Eusebius, would later point out that by his own reckoning, Moses was not older than the most ancient heroes of the Greek past" ADLER 2006 153.

[647] Da datação que Syncello faz dos feitos seculares, quiçá a de mais interesse será a relativa ao imperador persa Dário. Após indicar a sua invasão à Grécia, o cronógrafo diz: "Algumas pessoas pensam que as coisas profetizadas pelo grande Ezequiel [Ez. 38-39], relativas a Gog e Magog, foram concretizadas no tempo dele" JORGE SYNCELLO, *Chronographiae* 597. Se recordarmos como a lenda do Último Imperador Romano movimentava, para fins escatológicos, a invasão dos povos do norte, liderados por Gog e Magog, talvez possamos estar perante uma tentativa de fazer do acontecimento uma coisa pretérita, sobre a qual, portanto, não haveria necessidade de especulação.

cronográfico do autor[648]: agora se concretiza, na própria Carne, a união dos princípios régio e sacerdotal que havia sido prefigurada com Melquisedeque. Sincelo tem plena consciência disso:

> "Somente dois dos Evangelistas historiaram o nascimento de acordo com a carne, do nosso Senhor, Deus e Salvador Jesus Cristo: Mateus [historiou] a ascendência imperial [τὸ βασιλικὸν], desde David, passando por Salomão; Lucas [historiou] a ascendência sacerdotal [τὸ ἱερατικὸν] do mesmo David, passando por Natan, filho dele[649]. Somente João, o filho do Trovão, estabeleceu teologicamente [ἐθεολόγησε] a sua geração fora do tempo pelo Pai." JORGE SINCELO, *Chronographiae* 604

Jesus Cristo é o verdadeiro sacerdote e o verdadeiro imperador. Após os eventos que culminaram no Pentecostes, o lado sacerdotal manteve-se com a constituição da Igreja; o lado imperial ficou de regressar[650]. O reino de César, por

[648] A descrição do nascimento de Jesus Cristo é acompanhada de epítetos que dão conta do acontecimento especial: "No dia seguinte, vinte e cinco [de Dezembro], nasceu o nosso Senhor e Deus Jesus Cristo, o filho unigénito de Deus." JORGE SYNCELLO, *Chronographiae* 597. Os epítetos voltarão a surgir, de uma forma mais profusa, aquando da narração da Paixão: "Neste mesmo ano 5533 desde a criação do mundo, quando Ele tinha trinta e três anos de vida de acordo com a Carne do nosso Salvador [κατὰ τὰ σάρκα τοῦ σωτῆρος ἡμῶν], décimo primeiro período, no ano 213 da décima primeira revolução do ciclo de 532 anos, durante o décimo nono ano do imperador Tibério, o nosso Senhor e Deus, Jesus Cristo, o que é unigénito por natureza [ὁ φύσει μονογενὴς], o consubstancial ao Pai que não foi gerado [ὁ ὁμοούσιος τοῦ ἀγεννήτου πατρὸς], Filho que existia antes dos séculos [υἱὸς προαιώνιος] e coeterno ao Espírito consubstancial [συναΐδιος τῷ ὁμοουσίῳ πνεύματι], O que é um da Trindade não criada e criadora de tudo [ὁ εἷς τῆς ἀκτίστου καὶ παντουργοῦ τριάδος], após o nascimento miraculoso e inexplicável de uma Virgem, e do batismo realizado no Jordão por João, e após os inúmeros sinais e ensinamentos e revelações dos mistérios do Reino dos Céus que é Dele, tendo cumprido toda a Economia [οἰκονομίαν], avançou de livre vontade para a Paixão redentora [ἐπὶ τὸ σωτήριον πάθος], […]" JORGE SYNCELLO, *Chronographiae* 606-607. É um tratamento único, justificado por razões óbvias. Pode ser a marca inicial e fundacional para uma nova forma de estilizar a realidade, cujas implicações abordaremos melhor quando estudarmos o texto da *Cronografia* (vide infra 3.1). Como tal, de forma alguma concordamos com KAZHDAN 1999 207, quando ele afirma que "even the dramatic scene of Christ's execution and resurrection (p. 388.22-389.14) is described in language virtually bereft of epithets." As passagens a que ele remete, de resto, são outras que não aquela que aqui traduzimos.

[649] A ideia segundo a qual a ascendência sacerdotal de Jesus provém de Natan era já conhecida de Júlio Africano (que a rejeita) e de vários autores patrísticos: *cf*. ADLER & TUFFIN 2002 461, n. 1.

[650] DAGRON 2003 315-317 sustenta que, no início, as duas ascendências genealógicas de Jesus, a da casa de Judá e a da casa de David, foram desenvolvidas por exegetas cristãos, numa posição crítica para com os Judeus, com o objetivo de se indicar a natureza sacerdotal e imperial de Cristo. Segundo o autor, este desenvolvimento apologético decorre até ao século VII: até ao começo do iconoclasmo, portanto. De resto, o testemunho mais antigo desta leitura é de Júlio Africano, no século III.

seu turno, mantém a sua dimensão idólatra, que cedo se vai mostrar antitética e perseguidora dos discípulos e mártires da nova religião.

Com isto, o cronógrafo passará a datar e a combinar as listas dos bispos (de Roma, Alexandria, Antioquia e Jerusalém) com as dos imperadores Romanos. No plano histórico, estes filões vão representar a reatulização do conflito entre o poder idolátrico e divinizado dos imperadores com o χαρίσμα da tradição cristã perseguida. Trata-se do regresso da tensão que víramos entre o ídolo e a imagem.

É de atentar ainda num traço peculiar do género cronográfico pós-eusebiano. Pois se, para autores como Júlio Africano, há um relativo desinteresse pela computação após a Ressurreição (não obstante possíveis interpretações escatológicas da profecia das setentas semanas de Daniel, por exemplo[651]), em virtude de se viver num período considerado apocalíptico[652], temos que, após Constantino I, os cronógrafos vão continuar o seu labor mesmo quando já não havia perseguições abertas que justificassem o sentimento de um fim iminente.

E, a esse nível, é notório que, após a Ressurreição, a escrita de Sincelo muda como que bruscamente, de uma análise cronológica das datas dos acontecimentos e personagens históricas, em constante diálogo com outros cronógrafos, para um registo muito mais polémico, mormente contra o Origenismo de Eusébio. ADLER & TUFFIN 2002 XLVII-XLVIII associam a transição a uma quebra nas expectativas messiânicas causadas pela conversão de Constantino I. Os autores afirmam mesmo que:

> "Following the pattern sanctified by tradition, Byzantine chroniclers still begin their narratives from creation. By reiterating the 6000-year millennialist scheme first formulated by Africanus, some chroniclers

[651] Para Africano, porém, o culminar das setenta semanas da profecia de Daniel (Dan. 9 24-27) deveria corresponder antes ao ministério e à Ressurreição de Cristo. Já para Eusébio ele corresponderia às linhas sacerdotais judaicas após o exílio da Babilónia: *cf.* ADLER 2006 148-150. Eusébio não é um crítico expresso do milenarismo de Africano, apesar de o próprio ter sido um feroz opositor dos cronógrafos milenaristas. Isso dever-se-á ao facto de Africano prolongar a Segunda Vinda para cerca de dois séculos e meio após a sua própria geração, não insistindo numa iminência apocalíptica que quisesse fazer coincidir o fim do mundo com as perseguições a cristãos que lhe eram coevas (*ibi*. 154-155). A receção da sua obra no século quarto, portanto, prova o seu desapego a assuntos posteriores à Encarnação.

[652] *Vide* ADLER & TUFFIN 2002 XLVII.

> even managed to retain some faint future expectation. But their treatment of these matters grows increasingly mechanical, as if they were no longer certain of the value and meaning of what they were doing. The great sense of divine purpose implied by telling the story of humanity from its very origins quite often trails off into an annalistic account of Byzantine imperial history and ecclesiastical politics. Synkellos' treatment of history after Christ's birth and Resurrection reflects the same narrowing of horizons." ADLER & TUFFIN 2002 XLVII

A conversão do primeiro soberano cristão, assim, incutiria uma espécie de união da história eclesiástica com a do império. Porém, o texto que nos ficou sob a pena de Sincelo nunca atingiu esse momento-chave da História da Cristandade, nem poderemos saber ao certo qual seria a estrutura final de todo o seu projeto, caso tivesse tempo para o concluir. Por aquilo que vimos na nossa análise ao prefácio da *Seleta*, porém, encontrámos uma dimensão escatológica, cujo desenvolvimento não pode ser devidamente apreciado pelo atual estado do texto. Além disso, vimos também como o período pós-constantiniano não assistiu ao fim da especulação escatológica, com a questão da datação do sexto milénio.

Tal como a *Seleta* termina, existe um oposição clara entre o mundo cristão, portador da imagem de Cristo, e o mundo pagão, com a sua idolatria ao imperador divinizado. Teremos que nos adentrar na obra de Teófanes para procurar possíveis resoluções para estas tensões[653]. É que, a nosso ver, e em face de tudo o que dissemos sobre a natureza do género cronográfico e sua relação com uma cosmovisão salvífica, será redutor considerar que o género, após Constantino, ficou estéril e adquiriu uma mera função documental.

[653] Dado o escopo da presente tese, a nossa leitura da *Cronografia* focar-se-á na História da Igreja e sua relação com o "Estado" através da figura do imperador. Como tal, não nos concentraremos tanto em dimensões como a história militar ou política, salvo quando elas se entrecruzarem com o nosso tema.

3) A *Cronografia* de Teófanes

3.1) Uma narrativa iconográfica

Pese embora que a *Seleta Cronográfica* e a *Cronografia* deveriam ter sido configuradas como uma única obra, e que um fundo estrutural comum ainda seja determinável, não é possível analisar o que chegou até nós, em todas as suas dimensões, como um só corpo. Por muito mecânico que o trabalho copista de Teófanes tenha sido, é natural que tenha havido um tratamento idiossincrático do material que estava à sua disposição e/ou que teve ainda de consultar. Uma das marcas mais evidentes disso é a quase total ausência, no corpo da *Cronografia*, das comparações e discussões com outros cronógrafos sobre as datas de determinados eventos. Excetuando uma referência polémica à datação do batismo de Constantino I, as entradas do monge confessor destinam-se a narrar os acontecimentos para cada ano.

De facto, o elemento narrativo, na *Cronografia*, é muito mais preponderante do que na *Seleta*, ou mesmo do que nas anteriores obras do género. O elenco sequencial de anos, reis e eventos vai cedendo lugar, com Teófanes, a um texto mais contínuo, que une pessoas e datas em pequenas narrativas. Em Sincelo, encontráramos uma atitude semelhante circunscrita à narração do Êxodo. Com o seu continuador, vêmo-la uniformemente distribuída. Muitas vezes, até, acontecimentos que se desenvolveram e prolongaram durante vários anos estão reunidos sob uma única entrada anual, para que não se perca determinado fio condutor ou uma moralidade a transmitir. Por isso, podemos falar, aqui, de uma mudança das características literárias: de um dimensão mais cronográfica (ou computística) passamos para uma dimensão mais cronística[654].

[654] MANGO & SCOTT 1997 LII-LIII vêem a *Cronografia* como o último escrito da tradição inaugurada por Eusébio de Cesareia. A partir daqui, o elemento narrativo das cronografias bizantinas vai ganhar preponderância. A tradição computística, assente numa estrutura cronológica rígida e universal, vai migrar para um outro sub-género literário, bem representado no *Breviarium* do patriarca Nicéforo. "The Eusebian vision of a universal history, both sacred and secular, flowing in parallel columns over a horizontal grid of years was thus abandoned. From the ninth century onwards the Byzantines were interested only in their own affairs, which they saw no need to place in a wider contemporary context." *ibidem* LIII. A obra de Teófanes é, desde modo, *sui generis*, na medida em que é herdeira da cosmovisão tardo-antiga

Não se trata, bem entendido, de um desenvolvimento rumo a uma historiografia em moldes clássicos. O processo narrativo de Teófanes parece sair da necessidade de acomodar o (presumivelmente) extenso material herdado e em estabelecê-lo de maneira organizada. Ainda que ele não tenha tido contacto com nenhuma escola cronográfica em particular (das que, como vimos, floresciam na Palestina), viu-se compelido a fazer concordar diversos e variados acontecimentos a uma longa sequência de anos. Pela consulta de algumas das suas fontes primárias a que hoje temos acesso (sobre as quais, *vide infra*), percebemos que uma parte significativa do esforço de Téofanes consistia na adaptação e paráfrase dos autores que ia consultando[655]. O resultado traduz-se por um contínuo textual que, se se mantém coeso e uniforme ao longo de toda a obra, preserva, ao nível micro-textual, as marcas estilísticas e idiossincráticas da sua fonte. O uso de vocabulário específico em determinado lugar, em confronto com outor mais prosaico, dão conta disso mesmo[656].

Na adaptação do material, é possível encontrar um certo *horror vacui* que procura deslocar feitos dos *anni mundi* mais bem datados para preencher os anos sobre os quais se tem menos informações. Assim, MANGO & SCOTT 1997 XCI-XCIII, através de uma comparação com João Malalas, para os reinados de Justino I e Justiniano I, concluem que havia um processo de seleção e transferência de

---

mediterrânica ao mesmo tempo que a transporta para as coordenadas de uma mundividência medieval. As palavras de MANGO 1988/1989 367 são algo sintomáticas: "The Chronicle of Theophanes is so familiar to students of the early Middle Ages, enjoyed such a wide diffusion, and exerted so much influence on later compilations both in Greek and Latin that we tend to regard it as the typical Byzantine chronicle. Nothing could be further from the truth. It is a highly unusual work that reflects the preoccupations of a particular milieu at a particular time".

[655] A esse nível, o julgamento de TREADGOLD 2013 77 é pungente: "An unwilling historian and reluctant author who was an expert only at copying texts, Theophanes made no pretense of having an historical method or literary style of his own. He altered his sources almost exclusively by abridging, paraphrasing, combining, or rearranging them to fit his annual entries. His few historical or literary ideas were simple and banal. His principles of organization were that events belonged in annual entries and that the entries should make sense but need not be self-contained. He saw history as a struggle between good orthodox Christians on the one hand and evil pagans and heretics on the other. He seems never to have tried to address problems of motivation, causation, or theology, though sometimes he copied more sophisticated writers who concerned themselves with such matters."

[656] Por exemplo, no material que depende de Jorge Pisídio, as construções poéticas são comuns. Da mesma forma, podemos determinar mais ou menos a proveniência não erudita das fontes quando Teófanes recorre com maior abundância a uma datação por indicção, porquanto uma fonte clássica não conteria referências a este sistema: *cf.* MANGO & SCOTT 1997 LXV. Para o uso dos resumos e paráfrases: *cf. ibidem* XCI-XCII.

eventos, que procuraria "completar espaços" de anos com pouca documentação no texto consultado. Mas aqui, uma vez mais, surge a possibilidade de se tratar de uma herança de Sincelo[657].

Entre as infelizes consequências deste método para a datação correta de eventos, há uma que afeta a forma como podemos indagar acerca da perceção da História por parte de Teófanes e/ou Sincelo. Perante determinados acontecimentos, torna-se difícil perceber se algumas datas foram dispostas de modo a darem a entender uma dada leitura do passado, ou se estamos perante um mero processo de distribuição e composição a larga escala. Um dos exemplos mais prementes será o do reinado de Justiniano I, que é apresentado como herege somente depois de o esplendor das suas reconquistas ter cessado. Será que Teófanes/Sincelo estariam a tentar ver as conquistas terrenas como uma manifestação da ortodoxia do imperador, e o posterior desvio teológico como causa do fim do sucesso militar? Ou será uma mera coincidência, fruto do confronto e distribuição das diferentes fontes[658]?

Para expormos a nossa posição, cremos que é importante analisar de que outras formas Teófanes costuma alterar os seus textos originais. Deste modo, em confronto com Teodoro Leitor, dizem Cyril Mango e Roger Scott:

> "Here there is the added problem of dealing with a fragmentary abridgement which makes certainty in interpretation virtually impossible. But although Theophanes frequently reproduces verbatim the text of the abridged Theodore, a consistent feature is the addition of

[657] *ibidem* XCIII, n. 123: "This evidence of an author striving desperately to establish a chronology from intractable material is also evident in Theophanes´ treatment of the Gothic and Vandal invasions and is more in keeping with our knowledge of George Syncellos than of Theophanes." Porém, o problema poderá ser encarado de uma outra forma, para este caso em particular, se considerarmos, como o faz TREADGOLD 2007, que Malalas não é uma fonte de Teófanes, mas sim João de Antioquia (*vide infra* 3.2, e). Seja como for, voltaremos a ver *infra*, aquando do tratamento do reinado de Heráclio, em que medida o nosso autor fez uso do método destacado por Mango e Scott.

[658] MANGO & SCOTT 1997 CIV "Justinian´s reign is seen in terms of military success as long as his orthodoxy lasted. His lapse into heresy is then post-dated to his last year and made responsible for his death, ´with God acting in time´. The question is whether the effect we discern is the result of chance or deliberate selection.". Mas convém também notar que este processo de redistribuição de material histórico não é incomum noutras obras cronográficas: "The author of the ´Paschal Chronicle´ generally avoids covering the events of several years in a single entry, often by arbitrarily distributing the material he found in his sources among different entries; […]" TREADGOLD 2011 616.

a word or two which colour the original. Thus at AM 5860 Theophanes, in the course of a half-page of narrative on Valens, adds ´illegally´, ´illegal´, ´impious´, and ´unholy´ to Theodore´s neutral account." MANGO & SCOTT 1997 XCIV

O uso destas expressões, e dos seus antónimos para pessoas santas e de virtude, é, de facto, ubíquo na *Cronografia*. Ele determina, a nosso ver, o sentido e o teor das alterações que Teófanes e/ou Sincelo fazem às suas fontes. É que elas estão, quase inevitavelmente, fundidas numa uma perceção religiosa. No exemplo citado, as adições funcionam como epítetos que procuram caracterizar o desvio ariano do imperador Valente[659]. De forma inversa, as descrições dos santos, ou de eventos miraculosos, são acompanhadas, o mais das vezes, de adjetivos – bastante diversificados e compósitos, fruto da natural propensão da língua grega para um vocabulário rico – que procuram expressar a presença da santidade nessas pessoas.

No nosso entender, isto obedece a um propósito estilístico que, se bem que poderia ser caracterizado como hagiográfico, o preferimos apelidar de "iconográfico". Iconográfico porque estes epítetos não se limitarão a revelar um mundo dividido, de forma simplista, entre os ortodoxos e os pagãos/heréticos. Eles revelam antes como determinada(s) pessoa(s) ou acontecimento histórico foi agraciado de forma particular pelo Espírito Santo, de forma a manifestar-se e a florir, por assim dizer, nos registos históricos.

Não consideramos que esta forma de escrever implique que Teófanes tenha tido uma peculiar intuição teológica, ou um sentido histórico que pretendesse expor. Por um lado, o uso de epítetos é uma marca da literatura posterior ao

[659] Isso também explica, no nosso entender, a forma como a morte de grandes adversários da Igreja é descrita em termos um tanto grotescos, como acontece com o caso de Ário: "E, mais rápida que uma palavra, a divina justiça atacou Ário, nos lugares dignos das águas túrpidas da sua língua, pois cortou-lhe a vida, neste tempo e no que há de vir, fazendo-lhe sair as vísceras na latrina, pela mesma hora em que estava prestes a subir, indignamente, para os santuários." A.M. 5827. O mesmo com a morte de Nestório: "Já a justiça divina tomou o ímpio e blasfemo Nestório no exílio: com a putrefação de todos os seus membros, sobretudo da língua nefasta, caiu e foi tomado pela morte, antecipando para um outro sítio o seu chamamento de regresso do Oásis." A.M. 5925. É como se se pretendesse trazer para os olhos do leitor a imagem da falsidade das correspondentes doutrinas. Veja-se ainda um outro exemplo em A.M. 5854, com a morte de dois militares apóstatas.

Segundo Concílio de Niceia, que assistiu ao proliferar da himnografia e da caracterização hagiográfica em áreas que não são, *stricto sensu*, hagiográficas[660]. Por outro, não é impossível que esse tipo de caracterizações se deva à pena de Sincelo: os manuscritos fornecidos ao monge de Megas Agros poderiam ter sido compilados e parafraseados pelo próprio. Por fim, e numa terceira hipótese, podemos considerar que se trata de uma expressão genuína da forma de encarar a experiência religiosa à época, tão marcada como foi pela questão dos ícones.

De facto, o uso constante de adjetivos deste tipo remete, no nosso entender, para a Querela das Imagens. A apresentação de um dado agente histórico não tem tanto o fito de perscrutar motivações políticas, pessoais ou psicológicas quanto o de *revelar* a imagem dessa mesma pessoa em função de toda a História da Salvação. Tal como o ícone *revela* uma determinada pessoa, cuja existência empírica e santa é por ele atestada, assim também o adjetivo-epíteto indica como essa mesma pessoa incorporou e aceitou em si a graça de Deus (ou a rejeitou, no caso dos danados). A esse nível, a forma sistemática de se usar estas palavras não brotará tanto, como uma leitura moderna poderá supor, de uma leitura simplista da História, que elogia os "bons" e vitupera os "maus", mas sim da necessidade de indicar como a Economia da Salvação continua a operar, coagulando-se ora naqueles que a aceitam, ora naqueles que a recusam. Por outras palavras, a construção da História enquanto hagiografia implica que ela adquira, também, as propriedades dos ícones[661].

Isto é uma consequência da Encarnação, que possibilitou o acesso ao divino neste mundo. E é aqui que poderemos ligar a *Cronografia* à *Seleta*. Antes do

[660] Tal como foi salientado, com propriedade, por Marie-France Auzépy. Na nossa opinião, porém, a autora é demasiado rápida a remeter estas construções literárias para o domínio da propaganda, sem apreciar as suas implicações literárias: "Un dernier mot sur les formes de la propagande. Une particularité des textes écrits après 787 est la prolifération des adjectifs épithètes. L´exemple le plus frappant est le syntagme figé ´les saintes et vénérables icônes´, systématique après Nicée II. La qualification, portée par l´épithète, a la même valeur sémantique que le performatif: les icônes ne peuvent être que saintes et vénérables. L´épithète est aussi utile d´un point de vue politique: qualifié tout au long des récits qui le concernent de *paranomos basileus* ou d´*asébès basileus* […]." AUZÉPY 2007 102. Em contrapartida, a mesma autora salienta que as *Vitae* (identificadas como) iconoclastas fazem pouco uso do epíteto de louvor: o que interessa, na sua estrutura frásica, é mais o verbo do que o adjetivo (*ib.* 330).

[661] Recorde-se, a esse nível, a relação ontológica que existe entre ícone e nome (*supra* parte 2, 1.7). Os nomes de pessoas e eventos santos, como tal, podem também aparecer na tessitura de uma obra, carregando o seu potencial icónico.

nascimento de Cristo, o uso de epítetos não seria possível de igual forma, porquanto mesmo personagens especialmente agraciadas por Deus, como Abraão, Moisés ou o profeta Daniel, não puderam contemplar a imagem encarnada de Deus. Também não puderam, como tal, participar da deificação do Homem na mesma medida que um Santo Antão ou um São Basílio. E atente-se como, no texto da *Seleta*, é precisamente com a Encarnação que nos deparamos com o proliferar desta estilização[662]. Jesus, em suma, traz a possibilidade do nome-ícone e a sua inscrição no decurso da história humana.

Deste modo – e retornando à questão em torno das alterações feitas às fontes originais – somos inclinados a afirmar que a disposição errónea de determinadas datas, como a da relação entre a ortodoxia de Justiniano I e os seus feitos militares, não fazem parte de um esforço consciente em introduzir uma "agenda ortodoxa". A agenda ortodoxa, em boa verdade, já está lá, bem presente e visível, com a estilização iconográfica: se Teófanes/Sincelo entendessem que Justiniano fora herege, tê-lo-iam caracterizado como tal. A relação entre os sucessos temporais do império e a Ortodoxia terá que ser procurada de outra forma.

3.2) A macro-estrutura da obra e as suas fontes

A tradição manuscrita da *Cronografia*[663] também nos permite encontrar uma outra característica distintiva da obra de Teófanes. Como dissemos, todos os

[662] *Vide supra* nota anterior. KAZHDAN 1999 207 também salienta, sobre Syncello, que "the style of presentation is concise and plain, avoiding epithets and other figures of speech", ainda que não concordemos com os argumentos linguísticos utilizados para sustentar que o cronógrafo não estava muito entusiasmado com o debate em torno das imagens (*ib.* 206-207).

[663] São três os manuscritos mais antigos da Cronografia: o *Vat. gr. 155* (designado por *Vaticanus*); o *Oxon. Christ Church Wake 5* (designado por *Wake*) e o *Paris. gr. 1710* (chamado *Parisinus*). Para um elenco dos restantes manuscritos: *vide* MANGO & SCOTT 1997 XCV-XCVI. Estes autores consideram que os códigos *Vaticanus* e *Wake* são gémeos, indicando "something like mass production, which one may be tempted to localize in the monastery of Megas Agros" (*ib*. XCVIII). Quanto ao *Parisinus*, consideram-no mais antigo, ainda que a edição de De Boor (que é a que também utilizamos) o coloque no século X (DE BOOR 1883 VI). Mais tarde, o russo Boris L. Fontkitch atribuiu o *Parisinus*, num artigo escrito em russo, ao ano 830, concluindo que este seria um dos exemplares mais antigos que continha a letra do mosteiro estudita (*apud* RONCONI 2015 122-123). A datação de Fontkitch foi criticada, mas não a tese da proveniência estudita. Por fim, Yannopoulos propõe que o *Vaticanus* e o *Wake* sejam duas cópias, realizadas em momentos diferentes, de um manuscrito inicial, que não teria sido copiado mas preservado no mosteiro de Estúdio, enquanto o

eventos estão associados a um dado *annus mundi* que, em teoria, descreveria os acontecimentos desse ano, mas que, na prática, chega a incluir feitos desenvolvidos durante vários anos. No entanto, e ao contrário do que a tradução em anexo apresenta, a divisão por *anni mundi* não parece ter sido a divisão incutida pelo próprio Teófanes, mas sim a divisão por rubricas, que indicavam, para cada ano: 1) o imperador romano reinante e o ano do seu reinado; 2) o imperador persa reinante e o ano do seu reinado – com o fim deste império, este lugar passa a ser ocupado pelo Califa; 3) o ano de exercício de funções dos bispos de Roma, Constantinopla, Jerusalém, Alexandria e Antioquia, por esta ordem[664]. São raros os casos em que o *annus mundi* – seguido da indicação do ano da Encarnação, obtido pela subtração de 5500 – é colocado no corpo de texto. Somente uma edição manuscrita posterior é que encabeça cada uma das rubricas pelo *annus mundi* correspondente[665].

---

iconoclasmo se mantinha como doutrina oficial (*apud ib*.). Mas, para RONCONI 2015 131-133, o *Vaticanus* e o *Wake* nem têm um meio século de diferença entre eles, como diz Yannopoulos, nem provêm de uma produção "em massa", como dizem Mango e Scott. Para ele, há marcas de uma preparação de manuscritos para fins mais elitistas, propondo que estes dois textos tenham sido preparados num dos mosteiros em que Teófanes viveu, o mosteiro de Polichnion ou de Megas Agros. De resto, ainda que admita que o *Parisinus* possa ser um manuscrito estudita, não descarta outras hipóteses, como a proveniência de um mosteiro na Bitínia (*ib*. 134-138). Por fim, há ainda a considerar a tradução latina de Anastásio Bibliotecário, que teve acesso a um manuscrito antigo. A tradução de Anastásio encontra-se na *Chronographia tripartita*, que é uma coleção de três autores bizantinos. A sua escrita foi encorajada por João Diácono, sendo que a dedicação da obra a este é datável entre 871 e 874. A primeira parte da *Chronographia tripartita* recorre ao texto do patriarca Nicéforo (para além de outros autores incógnitos); a segunda parte recorre à *Selecta* de Syncello; a terceira é composta por excertos da *Cronografia*: *cf.* NEIL 2015 149-150. A utilidade da tradução de Anastásio prende-se com a narração dos anos a partir de 565, altura a partir da qual a tradução é completa e bastante literal (desde A.M. 6122 até A.M. 6134). Para a tradição manuscrita da tradução de Anastásio: *vide* NEIL 2015 155-157.

[664] Conjetura-se que o facto de o patriarcado de Jerusalém aparecer em terceiro lugar se deva à mão de Syncello, ou então que a fabricação destas listas episcopais tenha sido retirada ou adaptada de uma listagem palestiano-siríaca. *Cf.* MANGO & SCOTT 1997 LXXV, que trabalham uma hipótese levantada por De Boor. Mas JANKOWIAK 2015 55, n. 11 alerta que a ordem é diferente na *Selecta* de Jorge, onde o patriarcado de Jerusalém aparece em último lugar. Para a análise de cada uma das entradas da rúbrica, *vide* MANGO & SCOTT 1997 LXIV-LXXIV.

[665] *Vide* JANKOWIAK 2015 54 *et passim* para a presença dos *anni mundi* a um nível paratextual, nos principais manuscritos. Convém também notar que nem o *Parisinus*, nem a tradução de Anastásio Bibliotecário contêm as rubricas no seu corpo de texto. O autor (*ib.* 56-60), após um confronto com os fragmentos de uma tradução eslava, conclui que o protótipo do manuscrito da *Cronografia* teria já as rubricas (tanto externas como abreviadas), mas que a introdução de cada rubrica era feita pelo ano do reino do imperador em questão. Para o autor, o ano régio ("regnal year") era a primeira entrada e fator de datação da Cronografia. CODOÑER 2015 173-175 conjetura que tanto as tabelas cronológicas da *Seleta*/*Cronografia*, quanto as do *Breviarium* de Nicéforo tinham a sua origem em Syncello, que teria fornecido algum material a Nicéforo para consulta. O autor levanta a hipótese de uma putativa inimizade entre Syncello e Nicéforo, na sequência de um empréstimo de alegados materiais, após o qual Nicéforo ter

No corpo de texto as rubricas podem ser apresentadas ora por extenso, ora de uma forma abreviada. Um exemplo da primeira forma, presente na entrada para o *annus mundi* 6029, dispõe-se assim:

- Justiniano, imperador dos Romanos, trinta e oito anos, décimo ano;
- Cósroes, imperador dos Persas, quarenta e oito anos, décimo segundo ano;
- Agápeto, bispo de Roma, dois anos, segundo ano;
- Ântimo, bispo de Constantinopla, um ano, primeiro ano;
- João, bispo de Jerusalém, onze anos, terceiro ano;
- Timóteo, bispo de Alexandria, dezassete anos, décimo sétimo ano;
- Efraim, bispo de Antioquia, dezoito anos, décimo ano

A forma abreviada, de que é exemplo o *annus mundi* 6034, limita-se a introduzir os números na mesma sequência:

15; 17; 4; 5; 8; 2; 15

Correspondendo os números aos anos de funções de Justiniano, Cósroes, Vigílio, Menas, João, Paulo e Efraim, respetivamente. Outras entradas combinam alguns elementos de forma extensa e breve mas, de uma forma geral, não parece existir um padrão entre o uso de uma destas duas formas (ainda que haja uma certa tendência para se usar a forma longa aquando da acessão de um novo imperador)[666].

Trata-se de uma estrutura fixa que acompanha a obra, talvez herdada de Sincelo[667], e que funciona como um eixo cardinal sobre o qual se vão desenrolando

sido eleito patriarca e não o próprio Syncello, e na sequência de Nicéforo querer ter tido "protagonismo" literário. Isso explicaria que as tabelas cronográficas preparadas por Syncello tenham sido transmitidas num círculo paralelo sob o nome do patriarca Nicéforo, antes da completa fixação das rubricas da *Cronografia*, tal como as encontramos no *Wake* e no *Vaticanus*. Ele sugere ainda que estas duas edições ocorreram por instigação da então concubina do imperador Leão VI, Zoe, para promover a sua própria família, da qual Teófanes, remotamente, faria parte. (*ib.* 164-169).

[666] *Cf*. MANGO & SCOTT 1997 LXIII-LXIV. JANKOWIAK 2015 55-56.

[667] Através do prefácio de Teófanes, JANKOWIAK 2015 60-61 deduz que o sistema de rubricas tinha sido previsto e trabalhado por Syncello, dado que Teófanes diz que o seu amigo havia catalogado os bispos de

os muitos anos que ocupam este texto cronográfico. O problema é que, com este sistema, Teófanes viu-se com a ingrata tarefa de conciliar com o calendário alexandrino, em desuso, toda uma série de acontecimentos e feitos que estavam contidos em fontes expressas em indicções, consulados, anos régios, o calendário selêucida e a Hégira. Como ele não terá sido um metodólogo consumado, nem tinha pretensões de o ser, acontece que se verifica, não raras vezes, um desfasamento entre a entrada anual e os factos narrados[668]. Porém, o efeito é proveitoso para uma análise filológica:

> "In the event, his approach was less than methodical and, fortunately, he often left in the text various dates which at times are not in accord with the AM. In all such cases the presumption must be that the date in the text has been borrowed from the source and is more likely to be

Constantinopla (cuja fundação nunca chega a ser narrada na *Seleta Cronográfica*) assim como os bispos heréticos (sendo que na dita *Seleta* somente um é referido, Paulo de Samósata). MANGO & SCOTT 1997 LXXIV-LXXV fazem remontar as listas patriarcais a que Syncello/Teófanes teriam tido acesso a Jacob de Edessa. DEBIÉ 2015 377 *et passim*, por seu turno, considera que esta é uma marca da originalidade de Teófanes: "Theophanes' chronicle thus shows a degree of innovation in its form and content, which suggests that he knew Eusebius' chronicle either from a copy coming from George himself or indirectly through his chronicle. Greek manuscripts of Eusebius' chronicle, however very few, were nevertheless still in circulation at that time. Theophanes created a whole new model of history writing, differing also from the chronicle of Syncellus. Some of his innovations have parallels in the Syriac tradition (abandonment of the canon of dates, introduction of Sassanian chronology) and yet his ´chronography´ is different from any other. In spite of common developments, Theophanes created something very different from both the Syriac chronicles and Syncellus'". No polo oposto, encontramos TREADGOLD 2011 620 que considera que "Trajan's chronological data must have encouraged Theophanes to compose his chronicle in annual entries." Sobre esta putativa fonte, *vide infra* h.

[668] A historiografia moderna, ao estudar a *Cronografia* de Teófanes, costuma oscilar entre a formulação de fontes perdidas, para este período, e uma certa desconfiança no que concerne à capacidade do próprio Teófanes. Como diz DEBIÉ 2015 365: "These two elements — a void in the historiographical tradition during the ´Dark Centuries´ on the one hand, and a deficiency of Theophanes as an ´author´ on the other hand — have been the interpretative positions from which unfurled all the tentative *Quellenforschung* for the Oriental material in the chronicle." Este último ponto, porém, pode ser refutado, como de resto o próprio Muriel Debié o faz. Veja-se JANKOWIAK 2015 70-72 para um estudo da discrepância entre os A.M. e os conteúdos da entrada na parte final da obra, e sobre a forma como isso nos permite indagar sobre as fontes compulsadas. Para mais pormenores sobre os erros de datação de Teófanes, *vide* ainda TREAGOLD 2013 75-76. Por fim, e no que concerne à valorização literária de Teófanes, destaca-se KAZHDAN 1999 234 *et passim*, para quem o nosso cronógrafo era um autor no verdadeiro sentido do termo. Segundo ele, Teófanes deparara-se com o problema da monotonia, da repetição sistemática de eventos, por oposição a um sentido histórico bem determinado, como em Syncello. Ele teria resolvido esse problema através de um recurso literário – o episódio – que quebraria a monotonia narrativa e adornaria as passagens com um sentido micro-textual. Isso era feito com base num uso livre do formato das entradas anuais.

correct than the AM, the latter being simply the result of Theophanes´ own calculation." MANGO & SCOTT 1997 LXV

Como resultado, quando há um desfasamento entre o esqueleto e o corpo de texto, ele pode ser estudado para determinar – ou alimentar a conjetura sobre – uma fonte perdida utilizada pelo monge confessor. Pois se algumas destas obras chegaram até nós, como as *Guerras Vândalas* de Procópio, muitas outras se perderam, sendo a *Cronografia* um exemplar – e, às vezes, o único exemplar – que regista a sua escrita. Daí que uma porção significativa do labor filológico se dedique a precisar, por confrontos e comparações, quais eram as fontes de Teófanes.

Ainda que muito deste material original permaneça por identificar, existem algumas conclusões e certezas entre a atual comunidade científica. Há também algumas discussões e incertezas perante putativos autores. Passaremos a analisar, com a brevidade possível, estas fontes, na medida em que nos ajudarão a analisar o sentido do texto original e a indagar qual terá sido o seu papel na arquitetura geral da *Cronografia*. Elas são obtidas seja por especulação académica, seja pelo confronto com obras que sobreviveram. Tal elenco também nos ajudará a compreender qual seria o material à disposição de Sincelo/Teófanes e para que fins terá sido compulsado.

Optámos por expor o material em blocos, de forma a que corresponda, *grosso modo*, a diferentes períodos históricos[669]:

a) Para sete anos, dispostos entre 293 e 339 (A.M. 5785 – 5831), Teófanes recorre ao *Breviarium* de Eutrópio.

b) para o reinado de Constantino até ao ano 518, a principal obra consultada parece ter sido uma *História da Igreja* que, por sua vez, seria uma compilação de

[669] Fizemos uso, sobretudo, do cuidadoso e trabalhado elenco presente em MANGO & SCOTT 1997 LXXII-XCI, que identificam vinte fontes (rejeitando as hipóteses em torno do Patrício Trajano e do "Grande Cronógrafo"). Os autores reconhecem, todavia, que "the enumeration is neither exhaustive nor certain" (*ib.* LXXXVIII). Consultámos também as conclusões de TREADGOLD 2013 68-74 *et passim*, que chega a identificar catorze fontes.

duas obras (que hoje sobrevivem em fragmentos) de Teodoro Leitor: a *Historia Tripartita* e a *Historia ecclesiastica*. A *Cronografia* é a principal fonte para se reconstruir estas crónicas. O hipotético dossiê incluiria também outros materiais, como a *Historia Ecclesiastica* de Gelásio de Cesareia e uma cronografia assente em Eusébio e na sua continuação por S. Jerónimo.

Estima-se que o seu autor teria acesso a uma outra fonte para o período do primeiro Constantino, sobre a qual autores como Alexandre Monge (com a sua *Invenção da Santa Cruz*) e a chamada *Guidi Vita Constantini* teriam trabalhado. Este texto poderá ter origens orientais e um cunho ariano, o que ajudará a explicar o registo polémico em torno de certas passagens da vida do primeiro imperador converso, como veremos.

c) Entre AM 5786 e 6009 há ainda um incógnita crónica que se centra em Alexandria, mas que também fornece elementos de outros locais do império. Por confronto com os chamados *Excerpta Barbari*, há até a possibilidade de que esta fonte relatasse assuntos do Império do Ocidente[670].

d) Uma vez que Teófanes não parece ter usado diretamente o *Chronicon Paschale*, as equivalências para com esta última obra podem ser explicadas por uma fonte comum, que seria uma História ariana, entre AM 5815 e 5870. Não é claro, porém, que tal texto tenha sido a obra ariana que relatámos em b). Além disso, há a possibilidade de este texto hipotético ter sido usado na literatura siríaca (estando presente numa crónica siríaca intitulada *Chronicon ad annum 724*), pelo que poderá ter sido usado pelo nosso autor por via oriental.

e) Para o período dos imperadores Justiniano, Justino II, Tibério e Maurício, podemos conjeturar que a *Cronografia* recorre à obra de Eustácio de Epifânia, por intermédio da *Crónica* de João de Antioquia (que sobrevive em fragmentos e

[670] TREADGOLD 2013 69 conjetura que estamos perante uma continuação alexandrina do também alexandrino Panodoro. Jorge Syncello teria tido acesso a essa versão, que incorporaria o trabalho cronográfico de Panodoro, e tê-la-ia fornecido a Teófanes. Treadgold chega mesmo a propor a identificação deste autor com um tal Andronico.

começava com a Criação)[671] e a Procópio, designadamente às *Guerras Pérsicas* e às *Guerras Vândalas* (o uso desta última cinge-se ao *annus mundi* 6026). Há também material proveniente de Teofilacto Simocata.

f) A obra poética de Jorge Pisídio, mormente a sua *Expedição Pérsica*, cobre a guerra de Heráclio contra a Pérsia. Mas existe material poético deste autor presente na *Cronografia* e que não está identificado. A narração da guerra inclui uma outra fonte de um outro autor, também por identificar. Além disso, até ao ano 641 (AM 6134) poderá ter havido uma fonte que registava anúncios formais da corte[672].

g) Para a controvérsia monotelista, entre A.M. 6121 e 6150, narrando-se o martírio de S. Máximo Confessor e do papa Martinho, Teófanes terá feito uso de uma obra que incorpava a *Vita Maximi* e um discurso de Anastásio Sinaíta (Anastásio Sinaíta, *Sermo III in ´Secundum imaginem")*[673].

h) O iconoclasmo estará abrangido por uma anónima crónica de Constantinopla, que também teria sido compulsada pelo patriarca Nicéforo, no seu *Breviarium*. Em separado, parece ter ainda havido uma biografia ou relato do reinado de Leão III. Além disso, tanto o monge quanto o patriarca terão recorrido a uma outra crónica anónima de Constantinopla, desta vez com tendências iconófilas[674]. Este hipotético texto é denominado *Crónica de Justiniano II* por FORREST 2015, que propõe que o

[671] Fazemos uso, aqui, das conjeturas de TREADGOLD 2007, que supõe que Teófanes não terá consultado a obra de João Malalas em paralelo com a de João de Antioquia, como MANGO & SCOTT 1997 LXXXI supõem. Os académicos modernos sempre hesitaram em precisar se o texto de João de Antioquia dependeria do de Malalas ou vice-versa. Para TREADGOLD 2007 734-739, isto pode ser resolvido se se considerar que tanto João de Antioquia como João Malalas copiaram uma terceira fonte: Eustácio de Epifânia. João de Antioquia terá feito uma cópia mais literal, ao passo que Malalas teria recorria mais a plágios e/ou perífrases da obra. Com base na tradição manuscrita, Treadgold opõe-se ainda ao consenso académico segundo o qual João Malalas teria sido um autor popular no Império Bizantino, ao contrário de autores, tidos como elitistas, como Procópio (*ib.* 709-715).

[672] Para TREADGOLD 2011 608-611, a fonte dos "anúncios de corte" é, até 628, proveniente de uma história perdida das guerras Pérsicas de Heráclio (*vide supra f*). Porém, propõe que entre 629 e 668 a fonte seja a *Crónica* de Trajano (*vide infra* h).

[673] Porém, TREADGOLD 2011 602-606 põe em dúvida que tenha existido um dossiê anti-monotelista, na medida em que considera a possibilidade da sua origem na *Crónica* de Trajano (*vide infra* h). Deste modo, conjectura que o material relativo aos anos 629 a 668 se encontrasse nesta obra perdida.

[674] TREADGOLD 2013 73-74 levanta ainda a hipótese de um relato hagiográfico de um serviçal imperial (também chamado Teófanes) que terá sido martirizado por Constantino V.

seu autor seja Trajano o Patrício (que teria escrito nos inícios do reinado de Leão III), sobre o qual há uma breve menção na *Suda*[675]. A obra terá fornecido material desde o ano 668 até cerca de 720, estimando-se ter sido seguida por uma outra crónica, que a continuava até 781[676]. Há ainda materiais não identificados, para este período, relativos a acontecimentos ocidentais, assim como informações de origem arquivística.

i) Mas, de todas as fontes da *Cronografia*, a chamada "Fonte Oriental" é aquela que mais tem feito correr tinta entre os atuais académicos. O interesse é justificado na medida em que "Theophanes is unique among Byzantine chroniclers in his direct use of a foreign source, which makes up a major part of his narrative for the seventh and eighth centuries" MANGO et SCOTT 1997 LXXXII. A primeira influência certa desta fonte ocorre no AM 6099, com a invasão persa. Sabemos que tem uma fonte em comum com obras siríacas, mormente com a *Crónica* de Miguel o Siro, a anónima crónica de 1234[677] e Agápio de Hierápolis, o que levou à ideia, volvida em *doxa*, de que a *Crónica* perdida de Teófilo de Emessa – um melquita que se dedicou a várias áreas do saber, desde a astrologia até a uma tradução para

[675] *Suda* 582 vol. 4. *Vide* os comentários de MANGO & SCOTT 1997 LXXXVIII-XC, que admitem, em nota de rodapé, uma atribuição deste autor a esta crónica (*ib.* n. 117). FORREST 2015 426-441 propõe uma reconstrução desta *Crónica de Justiniano II*, através de paralelos entre Teófanes, o patriarca Nicéforo e a *Crónica* de Jorge o Monge, que terão compulsado este texto e o terão apropriado de uma forma distinta. De notar que, de acordo com Stephanie Forrest (*ib.* 419-420), as apropriações feitas por Nicéforo e Jorge são muito mais próximas entre si do que em relação à feita por Teófanes, o que sugere que Teófanes terá misturado esta fonte com informações dadas para o mesmo período pela *Fonte Oriental* (*vide infra* i). A autora conclui ainda (*ib.* 439-440) que a *Crónica de Justiniano II* não estaria organizada por entradas anuais, como se pensava, mas que era uma contínua narração de eventos, focados essencialmente em questões políticas e com uma acentuada aversão a Justiniano II. Teófanes terá pegado nesta informação e tê-la-á dividido em diversas entradas. Por sua vez, TREADGOLD 2013 9-10; 15-17 defende que a obra de Trajano teria sido uma continuação do *Chronicon Paschale* (o que implicaria que tivesse entradas por rubricas anuais), sendo que Teófanes a teria usado pelo menos a partir do material referente ao ano 629. Treadgold avança ainda com uma reconstrução da vida deste obscuro personagem (*ib.* 10-12). O autor já havia defendido as mesmas posições em TREDGOLD 2011, sendo que atribui a este cronista dois outros excertos da *Suda* (*ib.* 611-614).

[676] *cf.* TREADGOLD 2013 17-26. A obra em questão denota uma clara oposição a Constantino V e ao iconoclasmo sem, no entanto, obliterar as suas vitórias militares. A autoria deste continuador de Trajano é hipoteticamente atribuída ao (então) futuro patriarca Tarásio, antes de ele subir à cátedra de Constantinopla.

[677] *Vide Anonymi auctoris chronicon ad annum 1234 pertinens*

siríaco dos poemas homéricos[678] – seria a fonte para a nossa *Cronografia*[679]. Ainda que a "Fonte Oriental" se propage para lá de 785, ano da sua morte, conjetura-se que um seu continuador a terá atualização até à sua eventual tradução para grego.

Porém, há ainda a possibilidade de a influência deste sub-texto começar já na descrição do AM 5812, entrando em possível confronto com o substrato hipotético descrito em d). A partir daqui, há claras divergências entre a comunidade académica, entre considerar-se que a *Crónica* de Teófilo começaria desde a Criação e fora traduzida para grego por Jorge Sincelo – sendo uma das fontes primárias para todo o *continuum* entre a *Seleta* e a *Cronografia*[680] – até considerar-se que o autor siríaco não teria escrito um trabalho cronográfico de grande fôlego, mas que se teria cingido a eventos contemporrâneos[681]. Não obstante estas posições extremadas, uma putativa resolução do problema explicaria a questão do grau de dependência da estrutura geral da *Cronografia* em relação a modelos orientais, porquanto é esta fonte que fornece dados que os historiadores e cronógrafos bizantinos não fornecem.

[678] *vide* DEBIÉ 2015 367 para elementos biográficos de Teófilo. A autora limita a influência de Teófilo sobre Teófanes, ao mesmo tempo que defende a originalidade do monge de Megas Agros.

[679] HOYLAND 2015 apresenta passagens de Teófanes que estão em concordância com Agápio, pondo-as em contraste com o aparente uso da mesma *Fonte Oriental* por Dionísio de Tel Mahre, nos seus perdidos *Anais*.

[680] Tal como defendido por TREADGOLD 2013 56 (citado *supra*, nota 597). E, mais à frente, "We have also seen that another of Theophanes´ sources appears to be the Greek translation and continuation of the Syriac chronicle of Theophilus of Edessa, which contributed passages in Theophanes that are paralleled in surviving Eastern chronicles." (*ib.* 68).

[681] Assim, para HILKENS 2015, os grandes paralelos entre Teófanes e a tradição siríaca posterior não se devem tanto, na origem, a uma dependência de Teófanes para com fontes siríacas, mas sim a uma dependência das fontes siríacas posteriores para com o próprio Teófanes. Isto aplica-se a dependências textuais para o período anterior à *Fonte Oriental* e/ou Teófilo de Edessa. Hilkens recorre a várias comparações a crónicas siríacas posteriores, assim como a conjeturas sobre possíveis influências e dependências textuais. Por sua vez, JANKOWIAK 2015, ao estudar as discrepâncias cronológicas na última seção da *Cronografia*, que consistem num desfasamento entre o A.M. e as datas da indicção, conclui que os erros se devem ao uso de uma fonte que se organizaria por anos régios. Esta seria a famosa *Fonte Oriental*, para a qual Jankowiak aceita a autoria de Teófilo de Edessa. Como tal, Teófanes teria começado a usar a *Fonte Oriental* algures a partir do reinado de Heráclio, provavelmente a partir do A.M. 6122. O dito desfasamento termina com a acessão de Justiniano II (685), com um eclipse, que é igualmente registado nas fontes orientais. Por fim, DEBIÉ 2015 377-379 avança com a hipótese de que houvesse duas fontes diferentes, uma para o período 641-685, outra para o período 685-717. A fonte para o primeiro período teria sido escrita em siríaco; a segunda, em grego. O autor chama a atenção (*id.* 369 *et passim*) para a interpenetração de tradições, salientando como cada cronógrafo trabalharia com um relativo grau de autonomia, consultando diversas fontes e incorporando-as de acordo com a sua visão da História. Põe assim em cheque a dependência da *Fonte Oriental* para com Teófilo de Edessa.

Estando assim o aparato filológico estabelecido[682], podemos, enfim, avançar para uma análise da *Cronografia* de S. Teófanes. As balizas textuais que vimos, associadas à macro-estrutura do texto e a uma eventual relação "ontológica" para com a *Seleta* de Jorge Sincelo, permitem-nos agora discorrer sobre a tessitura da narração e avaliar acerca da forma como se vislumbram os diferentes tópicos que nos têm ocupado até aqui, como sendo a relação entre Estado e Igreja e a consciência de uma iminência escatológica.

3.3) O reinado de Constantino I

Quando Teófanes pega na pena onde Sincelo a deixara, começa a estabelecer a sequência dos acontecimentos a partir do reinado de Diocleciano. Inicia com uma pequena genealogia do imperador, de onde brotará o futuro Constantino I. Seguem algumas rubricas de *anni mundi* sem qualquer tipo de narração, para as quais, presume-se, Teófanes não encontrou nenhuma informação. Este tipo de entradas, sem conteúdo, vai ocorrer sobretudo nas primeiras páginas da *Cronografia*, sendo que, a partir daí, praticamente nenhum *annus mundi* vai carecer de, pelo menos, alguma descrição sumária.

Seja como for, a sequência dos eventos começa por se reportar a um tempo em que havia uma clara oposição entre um Império perseguidor (pagão) e uma Igreja mártir e perseguida. Diocleciano aparece como um consumado idólatra, porquanto se diz que, "regozijado pelo bom sucesso dos assuntos, Diocleciano exigiu ser venerado [προσκυνεῖσθαι] pelos senadores, e não, como de acordo com a fórmula anterior, ser saudado [προσαγορεύεσθαι]. Adornou também as vestimentas e os botins imperiais com ouro, pérolas e pedras preciosas" (A.M.

[682] Convém fazer ainda uma breve menção a uma última putativa fonte: trata-se de fragmentos de um texto citado num manuscrito do século X, que elenca uma série de catástrofes naturais entre 477 e 750 e que, num outro excerto, aborda a profecia da deposição do imperador Maurício. O manuscrito em questão atribui a autoria destas passagens a um certo "Grande Cronógrafo", havendo quem considere que este autor seria uma fonte comum para Teófanes e o patriarca Nicéforo (*cf.* WHITBY 1982-1983). Todavia, MANGO & SCOTT 1997 XC-XCI defendem que Teófanes é que foi a fonte para o "Grande Teófanes", e não o inverso. Já TREADGOLD 2013 31-35 (que prefere interpretar as abreviaturas do manuscrito como significando a obra, *Grande Cronografia*, e não o autor) sustenta que estamos perante uma fonte viável, que terá sido escrita por volta de 787 e que poderá ter até começado com a Criação, mas que terá sido deposta pelos trabalhos mais avançados de Syncello e Teófanes. Veja-se ainda KAZHDAN 1999 214-215.

5793). O verbo usado para "venerar" refere-se, na terminologia posterior ao Segundo Concílio de Niceia, ao culto dos ícones, mas parece tratar-se, aqui, de uma marca do *Breviário* de Eutrópio[683]. A proveniência remonta não tanto a uma questão religiosa quanto a uma questão política (ainda que, à época, as duas estivessem interligadas): estamos perante um *locus communis* de certa historiografia romana, que sentia rancor pela tomada de poder da República pelos imperadores, tidos como tiranos[684]. Uma oposição, de qualquer forma, que também se manisfesta no relato das perseguições cristãs, indicado sobretudo no A.M. 5787.

Mas o reinado deste último perseguidor pagão passa, nas páginas do cronógrafo, com relativa rapidez, porquanto se aproxima um dos momentos mais importantes para a História da Cristandade: a batalha da Ponte Mílvia. Nele vamos encontrar o famoso milagre da aparição da Cruz, que para sempre estará vinculado aos soberanos do Império Romano do Oriente:

> "Neste ano Constantino, o beatíssimo, insurgiu-se para dissolver os tiranos. Maxêncio, o ímpio, criando uma ponte, através de navios, sobre o rio que corre em Roma, avançou contra o grande Constantino. O grande Constantino, por seu turno, temia as feitiçarias de Maxêncio, que cortava recém-nascidos em injustas divinações. Estando ele em grande agonia, apareceu-lhe à hora sexta do dia a venerável Cruz envolta em luz, tendo como epígrafe: ´Com isto vence´. Aparecendo-lhe o Senhor numa visão noturna diz-lhe: ´Utiliza o que te foi revelado, e

[683] EUTRÓPIO, *Breviarium* 64: o verbo latino utilizado é *adorari*: é possível que a tradução com que Teófanes se deparara usasse já o verbo προσκύνεσθαι.

[684] Os textos históricos bizantinos não são isentos deste sentimento, mau grado a alegada omnipresença do imperador na sociedade romana oriental. Vários textos cronográficos demonstram interesse no passado republicano do império, chegando também a classificar os imperadores como usurpadores: *"*Like his near contemporaries Zosimus and John the Lydian, Eustathius considered the rule of the Roman kings to have been 'tyranny' and 'slavery', and thought the Roman Republic represented 'freedom'. Malalas may have passed over most of this part in alarm at its implied criticism of the empire. Eustathius considered it no accident that Caesar and Nero were related to the dynasty of 'tyrants' descended from Aeneas, or that the Brutus who helped to assassinate Caesar was a descendant of the Brutus who had helped depose Tarquin the Proud and served as one of the first consuls." TREADGOLD 2007 741. Também Syncello dedica algumas páginas às origens de Roma, apresentando várias versões para a sua fundação: *cf*. JORGE SYNCELLO, *Chronographiae* 361-367.

vence!´. Criando então uma cruz dourada, que existe até agora, ordena que ela seja levada para a guerra. E tendo-se dado o recontro, os soldados de Maxêncio saíram derrotados, dos quais a maioria foi morta. Maxêncio, ao fugir com os restantes, tendo a ponte, por força divina, sido quebrada, atira-se para o rio, como outrora todo o exército do Faraó, ao ponto de o rio se encher com cavalos, em conjunto com os cavaleiros afogados." (A.M. 5802)

A passagem em questão é uma adaptação do mesmo relato presente em Alexandre o Monge, que por sua vez segue a narração de Eusébio[685]. Ela revela-nos, como que em embrião, alguns dos tópicos que estarão em jogo no século VIII e IX: temos, por um lado, a vinculação direta de Constantino à Cruz como forma de comunicação com o divino; por outro lado, a quebra da Ponte Mílvia ocorre por milagre (θείᾳ δυνάμει) e é comparada ao afogamento dos exércitos do Faraó, subentendendo-se que Constantino é um novo Moisés. Isto diz-nos muito sobre a influência de Eusébio de Cesareia mesmo sobre autores que aceitam com dificuldade a sua autoridade.

À paz física da Igreja, porém, seguiu-se a perturbação da heresia, pois Ário "criou um cisma [σχίσμα], colaborando com ele o Inimigo, que não suportava olhar para a paz da Igreja. Ocorreu também um sismo em Alexandria, turbulentíssimo, ao ponto de muitas casas caírem e de muitas pessoas serem mortas" (A.M. 5812). A referência à catástrofe natural pode ser uma colagem de Teófanes à fonte primeira, a *Vita Constantini* (*vide supra* 2.2. b)[686], pela qual o nosso autor alude ao terramoto como a uma consequência do florescimento do

[685] ALEXANDRE MONGE, *De venerandae Crucis inventione* 4053-4056. É de salientar que, para além da *vita* de Constantino I, escrita por Eusébio, surgiram várias outras *vitae* deste imperador no século IX (ou um pouco antes) que se afastavam significativamente do modelo da biografia do século IV: KAZHDAN 1999 129-135. "The *vitae* of Constantine emphasize the role of the Cross in warfare, but they are surprisingly unconcerned with icons" (*ib.* 134), o que poderá indicar uma origem iconoclasta (ou afim), dada a propensão desta heresia, como vimos, para o culto da Cruz. Poderá também explicar, por outro lado, por que motivo Teófanes/Syncello não terão usado esses textos como referências (ainda que delas possam ter retirado alguns elementos, como as referências em torno do batismo pelo papa Silvestre: *ib*. 227). Para o desenvolvimento do género biográfico em Bizâncio, neste período: *vide* ALEXANDER 1940.

[686] MANGO & SCOTT 1997 29, n. 1 conjeturam que a fonte para a catástrofe natural tenha sido a fonte alexandrina: *vide supra* 2.2 c.

Arianismo. Como veremos melhor, no entanto, mais do que uma mera associação da catástrofe à debilidade física do império dos homens, estamos perante uma marca apocalíptica[687].

O tom polémico contra o Arianismo, por sua vez, vai dominar o resto da narrativa em torno de Constantino I. Em causa está a necessidade de fazer ganhar o primeiro soberano cristão à causa ortodoxa. Tal é feito, naturalmente, com a descrição do Primeiro Concílio de Niceia. Aqui se denotam, também, algumas características, ou representações, do que deveria ser o comportamento do monarca perante a hierarquia eclesiástica. De facto, se por um lado se diz:

> "Estando presente com eles o muito louvado imperador Constantino, colaborador em tudo com Deus, ordenou que outros [bispos] fossem eleitos em vez daqueles, pondo a circular uma exposição da fé que agora é recitada por toda a igreja dos ortodoxos." A.M. 5816

Mais à frente, sob a mesma entrada, se dirá:

> "Atirou ao fogo os livretos que alguns haviam escritos uns contra os outros, certificando por juramento que, se eventualmente visse algum bispo a cometer adultério, de imediato o taparia com o seu manto purpúreo. Tendo feito várias ofertas a todas as igrejas, e ordenando aos governantes dos povos que honrassem os sacerdotes, reenviou a todos alegres." A.M. 5816[688]

A um primeiro olhar despercebido, assim, Constantino ora se apresenta numa posição de destaque sobre a Igreja, com o poder de fazer eleger e destronar

[687] No A.M. 5826 temos um exemplo de uma outra dessas marcas, aquando da celebração dos trinta anos de reinado de Constantino, quando "apareceu um astro em Antioquia durante o dia, no céu, em direção a Oriente, fumegando bastante, como se viesse de uma fornalha, desde a terceira até à quinta hora." As notícias deste género são muito frequentes ao longo da *Cronografia*.

[688] Para esta passagem em particular, a fonte é Teodoro Leitor (*vide supra* 2.2. b). Atente-se no comentário de MANGO & SCOTT 1997 40: "The statement is the more surprising in that Constantine´s legislation on sexual misdemeanours was particularly harsh."

bispos, ora se apresenta com tamanha deferência para com os mesmos que promete não se intrometer na vida religiosa, nem mesmo perante um hipótetico flagrante caso de imoralidade. Há uma tensão, por assim dizer, entre o poder efetivo do imperador e a sua submissão voluntária ao Cristinianismo. Atentaremos na evolução disto ao longo da narrativa de Teófanes, para explorarmos as suas implicações.

Entretanto, é de ressaltar que a *Cronografia* expõe uma outra polémica, em torno do batismo do primeiro imperador cristão. A questão prendia-se com saber quem teria sido o bispo a introduzir Constantino nos mistérios da vida cristã: se o papa de Roma, Silvestre, se o ariano Eusébio de Nicomédia:

> "Neste ano, segundo dizem alguns, Constantino o Grande foi batizado em Roma por Silvestre, em Roma, em conjunto com o seu filho Crispo, […]. Por outro lado, aqueles que estão no Oriente afirmam que ele foi batizado, na hora da morte, em Nicomédia, por Eusébio de Nicomédia, um ariano: aí também calhou de ele falecer. Ele diferia o batismo, segundo dizem, na esperança de ser batizado no rio Jordão.
> A mim parece-me ser mais verdadeiro que ele tenha sido batizado em Roma por Silvestre, e que os decretos a Milcíades que carregam o nome dele são forjados pelos arianos. Eles desejam adquirir para si alguma fama com isto, ou então querem denegrir o piíssimo imperador, revelando-o como alguém por batizar, coisa que não faz sentido e é falsa." (A.M. 5814)

O tom polémico, surgido da comparação de diferentes fontes, é muito raro em Teófanes, sendo, no entanto, muito típico da escrita da *Seleta*[689]. Há indícios,

[689] "However, five scholarly digressions in the earliest part of the text look very much as if he had copied them from notes left to him by George, since they closely resemble George´s historical comments in his *Selection*. These passages discuss the date of Constantine´s baptism (twice), the date of Eusebius of Nicomedia´s appointment as bishop of Constantinople, the orthodoxy of Eusebius of Caesarea, and the orthodoxy of the Cyril of Jerusalem." TREADGOLD 2013 76. A outra entrada onde Teófanes aborda de novo o batismo de Constantino é o A.M. 5828. Essa repetição faz lembrar, uma vez mais, o método de Syncello. Além disso, a passagem em que se aborda a fé de Eusébio de Cesareia põe em dúvida, de novo, a sua ortodoxia (ainda que não de uma forma tão peremptória como na *Seleta*): "Por outro lado, Eusébio de

por outro lado, de que esta questão poderia estar a ser agitada na Constantinopla do século IX: uma fonte cronológica ariana terá fornecido informações sobre o batismo de Constantino na cidade que fundou (versão, de resto, que é também seguida pelos atuais historiadores), o que terá levado os cronógrafos ortodoxos a uma polémica para o circunscreverem na esfera niceana[690].

Tal é significativo por duas razões: por um lado, faz lembrar como os iconoclastas foram associados ao Arianismo (*vide* parte 2, 1.8), pelo que podemos subentender que havia linhas de interpretação e/ou leitura do passado histórico que, por serem arianas, poderiam ser consideradas, em potência, também iconoclastas. Por isso, se tentarmos seguir esta linha de progresso histórico, poderemos encontrar algo que corresponderia, na visão de Sincelo/Teófanes, a um "pensamento histórico" iconoclasta. Por outro lado, é surpreendente como os ortodoxos não estavam dispostos a abdicar do estatuto de Ortodoxia do primeiro imperador: num certo sentido, seria mais fácil colocá-lo "fora" da Igreja, porquanto esse era o local habitual dos imperadores até à data (e, como veremos, também após Constantino).

Por fim, a descoberta da Cruz em Jerusalém, e os milagres que a acompanharam, está também associada ao vencedor da Ponte Mílvia[691], que encerra, deste modo, um périplo iniciado com a visão ocorrida aquando daquela batalha: desde a contemplação por sonhos até uma contemplação física da Cruz Redentora. Deste modo, o instrumento da Salvação que, de acordo com a futura Lenda do Último Imperador Romano, será carregado pelo autocrata da Nova Roma antes da chegada dos Últimos dias, está já preludiado, nas suas coordenadas básicas, na história de vida de Constantino I. O afã com que se refuta

---

Pânfilo, no primeiro tratado contra Marcelo, assim como no terceiro, acusa veementemente os que ousam dizer que o Filho de Deus é uma criatura, citando-o Sócrates ao defender Eusébio, procurando com entusiasmo mostrar que ele não pensava como os Arianos. A verdade das coisas, todavia, revela que ele era inconstante no que concerne ao assunto, mudando de opinião consoante os tempos." (A.M. 5829). A fonte aqui é Teodoro Leitor (TEODORO LEITOR, *Historia Tripartita & Historia Ecclesiastica*, 36). A passagem tem ecos de SOZÓMENO, *Historia Ecclesiastica* 1036-1038. Mas Teófanes parece estar a trabalhar também, aqui, com uma fonte oriental: *vide supra* 3.2. b).

[690] "The precise nature of this link and its possible connection with Iconoclasm and a ninth-century preoccupation with Arianism are not clear, but there are grounds for suspecting the existence of an Arian version of Constantine´s Life, which Theophanes is at pains to reject." MANGO & SCOTT 1997 LXXVIII

[691] Mais precisamente no *annus mundi* 5817. A fonte para este passo é Alexandre Monge: ALEXANDRE MONGE, *De venerandae Crucis inventione* 4061-4064.

a sua relação com o Arianismo traz, por seu turno, estes tópicos para a Ortodoxia trinitária, ao mesmo tempo que nega as consequências de uma leitura ariana da História. A esse nível, e como veremos já a seguir, a vida do primeiro imperador cristão é única na forma como se relaciona com a Igreja, na perspetiva de Teófanes.

3.4) Perseguição sob os Arianos

Ainda que com Constantino I se tenha dado um florescimento da Cristandade[692], poderemos dizer que, sob a pena de Teófanes, essa mesma prosperidade vai ser relativamente curta: logo a seguir, o Arianismo vai passar a ser a religião oficial. Certo é que estamos ainda perante uma forma da religião cristã: a questão, todavia, prende-se com a fé correta, que é a verdadeira portadora do Pneuma da Igreja e que, portanto, dá um testemunho (μαρτύριον) da presença desse mesmo Pneuma. Por isso, as controvérsias teológicas, longe de serem debates académicos, põem em causa a própria manisfestação do Espírito e da vivência cristã.

Como tal, após a conversão de Constante ao Arianismo (A.M. 5830), seguem-se diversos sismos que vão afetar várias regiões do Oriente (A.M. 5833; 5934; 5835; 5836; 5837; 5840), como também fenómenos astronómicos (A.M. 5838; 5839). Há ainda uma grande batalha com o imperador Persa, em Nísibis (A.M. 5841), onde Constâncio, não obstante o seu Arianismo, é visto como protegido por Deus[693]: coisa que parece contrariar a ideia segundo a qual Teófanes alteraria de propósito as ordens dos eventos para se acomodar melhor a uma agenda ortodoxa.

Seja como for, os distúrbios causados pela disputa doutrinária serão grandes e sintomáticos:

---

[692] Veja-se o A.M. 5816, onde se narra que vários povos vieram ter com Constantino para serem batizados: "E agora, na altura em que Constantino era vencedor, a maior parte dos gentios, iluminada, corria para Cristo."

[693] *Cf.* "Sapor, o novo Faraó, oprimido por todos os lados, foi vencido pelas ondas do medo. Ele, fixando os olhos na parte da muralha que havia caído, vê um anjo em riste no cimo da muralha, brilhantemente adornado e agarrando pela mão o imperador Constâncio." A.M. 5841. O *Chronicon Paschale* (*cf*. *Chronicon Paschale* 536-539), que terá feito uso da mesma fonte, incide mais sobre a intervenção divina. *Vide* ainda MANGO & SCOTT 1997 66, n. 2.

> "Estando Eusébio morto, o povo colocou Paulo no trono de Constantinopla; já os Arianos, por sua vez, nomearam Macedónio, ao ponto de daí se originar uma guerra civil [ἐμφύλιον γενέσθαι πόλεμον]. Quando disto soube Constâncio, que estava em Antioquia, ordenou ao general Hermógenes, que havia sido enviado para a Trácia, que fizesse um desvio no seu trajeto e que expulsasse Paulo da igreja. Estando Hermógenes a tentar cumprir isto, o povo incendiou a sua casa, matou o próprio Hermógenes e lançou-o ao mar." (A.M. 5849)

As descrições deste tipo serão uma constante ao longo da controvérsia e da sua narração pelo nosso autor. O objetivo, na senda da sua fonte[694], é o de demonstrar como as perturbações da Igreja continuam, mesmo apesar da conversão oficial ao Cristianismo. A anterior oposição entre o império e os cristãos, cujas fricções levavam ao martírio, evoluiu a agora para uma fricção entre diversas visões da Cristandade, das quais somente uma corresponde à manisfestação pneumática da Igreja.

Isto vai ser particularmente evidente, após o reinado de Juliano o Apóstata – que é um breve retorno ao período anterior ao de Constantino I (A.M. 5853-5855) – aquando do tempo do imperador Valente. Dele se diz:

> "Neste ano, o celerado Valente deu uma amnistia aos gentios, permitindo que eles realizassem sacrifícios e festivais. Da mesma forma, também recebeu e honrou os Judeus, perseguindo [διώκων] somente de forma terrível os ortodoxos, que eram da Igreja Apostólica.[695]" (A.M. 5863)

[694] TEODORO LEITOR, *Historia Tripartita & Historia Ecclesiastica*, 63-75 *et passim.*

[695] Mas veja-se o comentário de MANGO & SCOTT 1997 92, n. 1: "In fact Valens cracked down on paganism in 371-2, with executions, confiscations, and a prohibition of blood sacrifices, his aim being to prevent divination." A fonte de Teófanes é TEODORO LEITOR, *Historia Tripartita & Historia Ecclesiastica* 67. O adjetivo "celerado" (μιαρὸς) foi adicionado por Teófanes.

Uma das afirmações mais impressionantes do autor será mesmo aquela que diz que "aconteceram mais coisas aos ortodoxos sob os ímpios Valente e Eudóxio do que na perseguição gentia" (A.M. 5861). Por isso, parece que estamos, do ponto de vista retórico, não só perante uma continuação do período das perseguições, como também uma sua intensificação[696].

Os ortodoxos vão, por fim, vencer, passando os Arianos a ser os perseguidos ("Já Graciano e Valentiniano, através de uma lei, chamaram os bispos que estavam no exílio, e perseguiram, por outro lado, os Arianos, com a ajuda de Dâmaso, papa de Roma." A.M. 5871), num processo que vai culminar com a realização do Segundo Concílio Ecuménico (A.M. 5876) e consolidar a Ortodoxia[697]. Mas os problemas no seio da Igreja, já preludiados no próprio Segundo Concílio Ecuménico[698], não vão parar, voltando a aparecer com as polémicas em torno da eleição de São João Crisóstomo (A.M. 5892, 5896), que vão levar à sua morte no exílio (A.M. 5898).

Não obstante, a relação entre o Estado e Igreja Católico-Ortodoxa parece estar fixa e estabelecida:

> "Neste ano, o pio Teodósio, por imitação da beata Pulquéria, enviou muito dinheiro ao arcebispo de Jerusalém, para ser distribuído aos que tinham necessidade dele, assim como uma cruz dourada, com pedras preciosas, para ser colocada no Santo Calvário. Já o arcebispo, para retribuir a oferta, envia as relíquias da mão direita do primeiro mártir Estevão, através de Passarião, que está entre os santos. Quando este chegou a Calcedónia, a beata Pulquéria contempla num sonho, nessa mesma noite, o santo Estêvão a dizer-lhe: ´Vê! A tua prece foi atendida e o teu pedido realizou-se: vim para Calcedónia´. Ela, levantando-se e

[696] Veja-se exemplos de abusos, perseguições e ataques aos ortodoxos nos *anni mundi* 5860, 5864 e 5866. Mas o mesmo sentido é transversal ao longo das várias rubricas.

[697] Os *anni mundi* 5882 e 5883, por seu turno, também dão conta de medidas para a eliminação da anterior religião pagã.

[698] "Flaviano de Antioquia foi então eleito como bispo, quando Paulino ainda estava vivo, ainda que tivessem sido feitos juramentos, segundo os quais Flaviano nunca aceitaria a eleição para bispo. E assim, mais uma vez, uma perturbação possuiu a igreja de Antioquia, sendo que uns obedeciam a Paulino, outros a Flaviano." A.M. 5876.

agarrando o irmão dela saiu, para se encontrar com as santas relíquias. Após as ter levado para o palácio funda um edifício glorioso para o santo primeiro mártir, onde depositou as santas relíquias." (A.M. 5920)

Vemos aqui, uma vez mais, a aplicação do tema literário que relaciona o imperador Romano com Jerusalém através da Cruz: neste caso, o soberano envia uma cruz dourada para o monte Calvário e, em contrapartida, o bispo de Jerusalém envia a relíquia de um santo. É como se se estivessem a teatralizar as relações entre os dois poderes através de um código de comunicação que procura estabelecer um equilíbrio de poderes, entre a cidade terrena e a espiritual. Note-se como o imperador Teodósio oferece um *símbolo*, ao passo que o arcebispo oferece uma *relíquia*, isto é, algo cuja santidade é manifesta e não dependente de uma realidade ulterior.

No plano religioso, portanto, o *basileus* de Constantinopla recebe uma manifestação física da Graça Divina, ao passo que retribuiu com um favor simbólico. E, de resto, a própria cidade imperial vai transformar-se, ao longo dos séculos, num centro e repositório de relíquias, que ora forneciam um acesso direto ao divino, ora permitiam a intercessão dos santos em benefício da própria cidade[699]. A citação da *Cronografia* revela, por seu turno, as dinâmicas envolvidas nesta "captação", que parecem pôr em evidência um diálogo para com a Igreja.

3.5) A Igreja em convulsão: entre Nestorianismo e Monofisimo

Porém, uma nova crise cristológica estava prestes a abalar a Igreja, desta vez sob a pessoa de Nestório:

"Neste ano, tendo falecido Sisínio, bispo de Constantinopla, Nestório, que era Germano de nação, recebe o episcopado. Assim que sobe ao trono, logo veio também a sua fé errada: ele revelava um pensamento

[699] Para as relíquias em Constantinopla ao longo dos séculos da História do Império Romano do Oriente, *vide* BAYNES 1949.

> distorcido nos dogmas. Deu um discurso sobre a fé ao seu sincelo, ordenando-lhe que anunciasse isto à igreja: ´Que ninguém chame a Maria mãe de Deus [θεοτόκον]: Maria, de facto, era um ser humano, e é impossível que Deus nasça de um ser humano.´ O primeiro a atacar isto foi um certo Eusébio, escolástico da basílica de Constantinopla. Foi então que muitos dos Bizantinos ficaram perturbados." (A.M. 5923)

Um acontecimento que não vai passar sem um registo prodigioso: "Neste mesmo ano, também ocorreu o temível milagre dos sete santos meninos, em Éfeso, que se levantaram após cento e oitenta e quatro anos." (A.M. 5923). Sobre este portento, dizem-nos MANGO & SCOTT 1997 138, n.8, que "they were said to have been walled up in a cave when taking refuge during the Decian persecution, and now awoke as proof of the resurrection of the dead." Assim, o ano em que esta nova disputa vai aparecer é acompanhado de um evento apocalíptico, sendo que poderemos dizer, por justaposição de acontecimentos, que o próprio surgimento da heresia *é* um acontecimento apocalíptico, e que o portento que lhe está associado é uma sua manifestação. Vimos algo semelhante com a ascensão do Arianismo e continuaremos a vê-lo ao longo das páginas da *Cronografia*. Desta maneira, a revelação do espírito nocivo dos últimos dias não se centra num único momento calamitoso e universal, mas vai-se manifestando progressivamente.

No plano narrativo, de qualquer forma, as discórdias em questão vão levar ao Terceiro Concílio Ecuménico, em Éfeso (A.M. 5925), não sem uma descrição das turbulências e agitações que o acompanharam e que fez opôr Nestório a Cirilo. É também no seio destas controvérsias que vai ocorrer, no meio de severos terramotos, o milagre do Hino Triságio (A.M. 5930), que vai salvar a cidade imperial e dar à Cristandade uma prece, com uma ordem para "que se lhe não acrescentasse mais nada" (*ib.*, parafraseado), pese embora que depois venha a sofrer adições à conta das mesmas querelas doutrinárias.

A instabilidade da Igreja de Antioquia é também descrita (A.M. 5940), levando à convocação de um segundo "pirático e ilegal Concílio de Éfeso" (A.M. 5941), que acabou por introduzir uma nova heresia cristológica, a do Monofisismo.

Mas agora torna-se patente como o braço secular, se por um lado podia ser um poderoso aliado na propagação e defesa da Ortodoxia, poderia também tornar-se perigoso para a mesma:

> "No dia seguinte, os bispos foram coagidos a assinar pela força dos soldados e das espadas. Domno, por seu turno, bispo dos Antioquenos, tendo assinado por coação, e vindo depois a si mesmo, opôs-se a Dióscoro e aos governantes, gritando contra as coisas realizadas. Chamou ao Concílio de ímpio e procurou retirar a sua assinatura." (A.M. 5941)

O sucedido é explicado pelas fragilidades do imperador Teodósio, que "era instável, levado por todo o vento, ao ponto de assinar várias vezes cartas sem as ter lido" (*ib.*), e não por um perigo inerente ao próprio poder do soberano. Todavia, a narrativa deixa patente como, desde Constantino I, a Igreja sempre pôde encontrar soberanos que usavam a sua capacidade de coação para empossar a heresia. Há um problema latente, por isso, com o próprio exercício do poder imperial.

Para efeitos práticos, certamente, bastava que o imperador fosse ortodoxo para que a situação, a nível oficial, melhorasse: coisa que ocorre com a subida ao trono de Marciano (A.M. 5942), que vai convocar o Concílio de Calcedónia, o Quarto Concílio Ecuménico (A.M. 5944)[700]. Mas os problemas internos da Igreja passam agora a ter uma localização geográfica e, se o Nestorianismo passou a localizar-se sobretudo na região da Antioquia, o Monofisismo fica ligado a Alexandria, foco de várias perturbações e instabilidades civis (*cf.* A.M. 5945), não sem assassínios, roubos e perseguições.

É neste estado de coisas que entra em cena Timóteo Éluro (ὁ Αἴλουρος, literalmente "o Gato/Felino"), que vai causar grandes estragos no Egito:

[700] A associação da tranquilidade do império à Ortodoxia do imperador é manifesta: "Os Romanos do Oriente, sendo Marciano o imperador, usufruíam então de uma paz completa, assim como de justiça e alegria. Estes anos foram, de facto, áureos, graças à bondade do imperador, sendo que a tranquilidade havia jorrado sobre todas as coisas." A.M. 5946. Marciano, porém, só governou quatro anos, pelo que não poderia estar ao mesmo nível de um Constantino I, que governou trinta e dois anos.

> "Uma girafa, um búfalo e outros animais selvagens vieram então para Alexandria. Com eles também Timóteo, o chamado Éluro, perturbou a cidade. Comprou uma multidão de homens desordeiros e apoderou-se tiranicamente do trono de Alexandria. […] Cresceu daqui todo o tipo de escândalos em Alexandria. […] O precursor do Anticristo [ὁ δὲ τοῦ Ἀντιχρίστου πρόδρομος] não tinha respeito nem pelo dia santo nem pelos lugares santos: enviou alguém e mata o inocente arcebispo, assim como outros seis que estavam com ele. Arrastaram com cordas os seus restos mortais e expulsaram-no do santo batistério." (A.M. 5950)

Mais uma vez, os fenómenos tidos como admiráveis ou a-naturais estão vinculados a uma perturbação das coisas humanas[701]. A ferocidade de Timóteo é tal que ele adquire um título particularmente nefasto: percursor do Anticristo, em clara oposição ao papel que fora o de São João Batista[702]. É óbvio, na pena de Teófanes, que o papel exercido pelos monofisitas do século V não levou ao aparecimento do Anticristo, tal como ele ainda não havia aparecido séculos depois, quando o mesmo Teófanes escreve. O título põe em evidência, no entanto, como o mistério da Iniquidade opera na História, nas suas graduais manifestações contra o testemunho da Igreja. Contra isso, o testemunho de Fé continua a ter que ser feito pelo martírio[703].

Assim, é na senda destas controvérsias que o Hino do Triságio será apropriado pela causa monofisita, mais concretamente por Pedro Cnafeu, que "Anatematizou os que não dissessem que Deus tinha sido crucificado e dividiu o povo de Antioquia ao acrescentar ´que foi crucificado por nossa causa´ ao hino

---

[701] De notar como a frase imediatamente anterior à citação relata um terramoto em Antioquia: "Neste mesmo ano, ocorrendo um sismo assustador em Antioquia, quase toda a cidade caiu." A.M. 5950.

[702] Ὁ Πρόδρομος, o Percursor, é precisamente um título honorífico dado a São João Batista. Veja-se ainda como, no A.M. 5967, o monofisita Cnafeu, "tendo reunido um número desordeiro de alexandrinos que viviam em Bizâncio, saiu do palácio para a igreja a cantar litanias enquanto que era transportado por um burro. Porém, chegado ao chamado Octágono, caiu e partiu o pé, regressando muito envergonhado." Assim o heresiarca é percecionado como um anti-tipo da entrada de Jesus em Jerusalém, preconizando o advento do Anticristo.

[703] Teodoro Leitor é a fonte para estas passagens de Teófanes: *cf*. TEODORO LEITOR, *Historia Tripartita & Historia Ecclesiastica* 103-114 *et passim*.

Triságio. Isto começou a ser dito pelos Teopasquitas desde então até aos dias de hoje" (A.M. 5956). A adição era usada pelos monofisitas para indicar que também a natureza divina de Cristo havia morrido na Cruz, porquanto estivesse mesclada com a sua natureza humana[704]. O acrescento funcionará como uma fórmula para mobilizar e afastar as diferentes fações cristãs, originando muitos tumultos[705].

É interessante, a esse nível, ver como este mote monofisita vai ser desenvolvido:

> "Pedro Cnafeu, ao entrar em Antioquia, realizou muitas coisas más, anátemas contra o Concílio, expulsões de bispos irrepreensíveis, substituições e ordenações injustas e coisas semelhantes a estas. Antes ele havia acrescentado ao Triságio: ´ó Cristo imperador que por nós foste crucificado´. E agora Pedro, ao regressar de novo, retirou o ´ó Cristo imperador [Χριστὲ βασιλεῦ]´". (A.M. 5982)

A indignação de Teófanes – ou, com mais propriedade, da sua fonte[706] – parece prender-se com o facto de que o próprio Cnafeu teria começado por fazer uma adição que pudesse ser interpretada como ortodoxa. Na medida em que foi Cristo, o imperador humano, que morreu, a sua natureza divina permanece imaculada. Porém, com a posterior alteração retira-se a Cristo o estatuto de βασιλεύς, relegando o cargo, pelo menos em potência, para o soberano de Constantinopla[707]. E logo a seguir surge a primeira notícia acerca de um iconoclasta, associado ao monofisismo: "Xenaias, o escravo de Satanás, ensinou que não se devia aceitar a imagem do Senhor e dos santos […] Pedro Cnafeu nomeou-o bispo de Jerusalém, tendo-lhe mudado o nome para Filóxeno." (A.M.

[704] *Vide* MANGO & SCOTT 1997 177, n. 5.
[705] "Pedro o Cnafeu obteve o trono e partiu para anátemas e tumultos. Foi quando se deram assassinatos e rapinas por causa da adição ao hino do Triságio." (A.M. 5967).
[706] *Scilicet* TEODORO LEITOR, *Historia Tripartita & Historia Ecclesiastica* 118.
[707] Veja-se o comentário de MANGO & SCOTT 1997 207, n. 6: "At Chalcedon the orthodox had used the wording ´Holy God, holy and mighty, holy and immortal, have mercy on us´, to show their approval of Dioskoros´ condemnation. To this Peter had supposedly added ´Christ the King who wast crucified for us´ which was still orthodox in that it refers the passion to the person of Christ alone. The deletion of ´Christ the King´ suggested that Christ as God and one of the Trinity had suffered on the cross, a sense which was unacceptable to Chalcedonists, with their stress on Christ´s two natures."

5982). Começamos a ver, portanto, um filão que vincula a Controvérsia das Imagens às anteriores querelas doutrinárias[708].

Como vão reagir os imperadores perante estas convulsões religiosas, que vão acompanhar a queda do Império Romano do Ocidente, as invasões hunas e tantos outros acontecimentos? A solução encontrada por Zenão, o controverso documento conhecido por Henótico, aparentava unir e dissolver os antagonismos entre a Alexandria monofisita e Constantinopla e Roma ortodoxas: mas, na prática, cedia aos argumentos monofisitas, ignorando o Concílio da Calcedónia[709]. Com ele, os soberanos temporais, ansiosos por resolver os problemas internos, mesmo à custa da precisão doutrinária, acabavam por fazer pressão sob a hierarquia eclesiástica para que, de forma gradual, se aceitasse uma fórmula de compromisso:

> "Já Zenão, por sugestão de Acácio, coagiu os bispos ocidentais para que eles assinassem o Henótico e comungassem com Pedro Mongo. Tratou dos apocrisiários de Félix de Roma, incitando-os com dinheiro, e convenceu-os a comungar com Acácio, para além do que lhes era lícito." (A.M. 5980)

Uma atitude que se vai repetir[710], refletindo um esforço imperial para controlar a Igreja e impedir que ela se divida em diversas seitas, mas à custa de uma unidade dogmática que fosse proveniente das suas próprias tradições. Aqui,

---

[708] *Vide* TEODORO LEITOR, *Historia Tripartita & Historia Ecclesiastica* 124. Antes deste episódio, a referência mais precoce aos ícones, na *Cronografia*, ocorre a A.M. 5955: " Neste mesmo ano, apodreceu a mão a um certo pintor que ousara pintar o Salvador à semelhança de Zeus: Genádio [patriarca de Constantinopla] curou-o pela prece, após confissão do outro. Dizem alguns dos historiadores que o cabelo encaracolado e curto é o mais apropriado para se representar o Salvador." A fonte é para a passagem não é clara, mas o que se segue vem de TEODORO LEITOR, *Historia Tripartita & Historia Ecclesiastica*, 111. Outas estórias envolvendo imagens e/ou representações aparecem em A.M. 5991 e 5999.

[709] *Cf*. MANGO & SCOTT 1997 200, n. 7. O Henótico é introduzido na *Cronografia* no A.M. 5976: "Foi também então que Zenão publicou o Henótico e enviou-o para todo o lado, ditado, como dizem alguns, por Acácio, bispo de Constantinopla."

[710] *Vide* A.M. 5982; 5988; 5991; 5993; 6004. É notória, em todas estas passagens, a iniciativa imperial, com o fito de resolver as divergências internas da Igreja. Às vezes é também patente uma coação, como no A.M. 6001: "Neste ano, o imperador Anastásio forçou [ἠνάγκασε] Flaviano, o bispo de Antioquia, a assinar o Henótico de Zenão […]."

o Henótico, secular e imperial, opõe-se aos Concílios Ecuménicos, pneumáticos ou espirituais.

Os anos vão passando e as disputas e tensões vão continuando: no entanto, quando se atinge o A.M. 6000 nada se diz sobre o advento do sexto milénio. Ele entra nos anais da *Cronografia* de Teófanes sem qualquer tipo de alusão apocalíptica: não há terramotos, presságios, manifestações sobre-humanas: tão somente se referem algumas atividades de construção do imperador Anastásio. Deste modo, as anteriores manifestações de uma iminência final, que foram sendo descritas, passam pelo sexto milénio sem qualquer tipo de alusão milenarista, ainda que as fontes usadas possam ter marcas disso mesmo[711]. Como tal, encontramos um sentido escatológico na estrutura da *Cronografia* que vai na mesma linha de conta da do prefácio da *Seleta* de Sincelo: não se cede a um esquema simplista da História, que deve terminar num dado ano previamente calculado, nem se nega uma temporalidade que já deixa vestígios do seu término.

O sexto milénio vai, portanto, continuar com as perturbações que afligiam a Igreja. Será somente com a morte do imperador Anastásio (A.M. 6010) que o favorecimento implícito do Monofisismo vai terminar, com a subida ao trono do ortodoxo Justino. Ele vai governar somente nove anos, dando depois lugar ao célebre Justiniano I (A.M. 6020).

[711] O ano em que se regista a morte do imperador Zenão pode indiciar que as fontes primárias da *Cronografia* assentavam numa interpretação escatológica: "Este ano, em que Zenão morreu e Anastásio governou como imperador, é o 5999 desde Adão, de acordo com os Romanos; de acordo, todavia, com o preciso e mais fidedigno cálculo dos Alexandrinos, é o 5983; 207 anos desde o governo de Diocleciano; 483 anos desde a Divina Incarnação, na décima quarta indicção. Anastásio foi coroado na já referida décima quarta indicção, no mês de abril, dia catorze, na Grande Quinta-feira da Páscoa, no *kathisma* do hipódromo." (A.M. 5983) Este tipo de recensões cronológicas é muito raro no texto de Teófanes, pelo que talvez possamos pressupor que se trata de algum material copiado de Syncello. MANGO & SCOTT 1997 209, n.10 consideram ser improvável que, com esta passagem, o nosso autor pretenda fazer algum comentário em particular. Discordamos desta perspetiva, na medida em que, como dissemos, se trata de uma forma de estabelecer o tempo muito rara em Teófanes, o que leva a crer que haveria algo, aqui, que deveria ser transmitido. Alerta-se explicitamente para o facto de o sexto milénio já ter chegado, de acordo com a computação romano-bizantina (que era, recorde-se, a mais comum no período em questão (*cf. supra* 287), mas inferindo-se que esse mesmo milénio já tinha passado mesmo de acordo com a datação alexandrina. Chamando-se a atenção para o facto de o ano 6000 já ter transcorrido há muito tempo, expõe-se também que as doutrinas milenaristas já foram desmentidas. Se este fosse o objetivo de Teófanes, talvez o tivesse explicitado com as suas próprias palavras: por outro lado, a nota de erudição e a exposição dos cálculos computísticos no corpo de texto remetem mais para a mão de um Jorge Syncello.

3.6) Justiniano I: o imperador socorrista

Por volta dos inícios do reinado de Justiniano I, a narração de Teófanes sofre algumas mutações, na medida em que o interesse nas controvérsias religiosas e seus impactos sobre a estabilidade social da época, ainda que presente, cede perante uma maior atenção à história militar e política. Isto dever-se-á a uma mudança na fonte usada: quando antes se recorria a uma hipotética glosa em torno de Teodoro Leitor (*vide supra* 3.2, b), passa-se agora para autores que teriam trabalhado, na origem, o perdido *Epítome Cronográfico* de Eustácio de Epifânia e a sua continuação por João de Antioquia[712].

A alteração explica, por sua vez, o tom mais "nacionalista" que a *Cronografia* passa a ter, com o seu maior ênfase sobre os desafios bélicos que vão opor Constantinopla a uma diversidade de povos. Regista também uma gradual transformação da sociedade romana oriental rumo ao que KALDELLIS 2007 chega mesmo a definir como o primeiro Estado-Nação do Ocidente. O império romano passa a ser perspetivado mais como uma unidade, que deve lidar com ameaças externas, do que como um dado adquirido, no qual as controvérsias cristológicas se desenvolviam[713].

A esse nível, o Cristianismo começa a sofrer, também ele, um processo de "nacionalização", na medida em que fornece um sentido espiritual coletivo a uma dada civilização. Coisa que implica que se começa a operar, aqui, a identificação do povo romano com o povo bíblico, agora batizado e submetido à Nova Aliança, tal como procurámos destacar nas primeiras duas partes da presente tese. Deste modo, as paráfrases para com as fontes de Sincelo/Teófanes preservam as mutações ocorridas durante o transcorrer da Antiguidade Tardia.

Como consequência, podemos pressentir que a pressão imperial sobre as autoridades da Igreja, para influenciar e até mesmo coagir uma definição

[712] Seguimos aqui o tratamento das fontes dado por TREADGOLD 2007: *vide supra* 3.2 e), assim como a correspondente nota.

[713] Na reconstrução que TREADGOLD 2007 740-741 faz do *Epítome Cronográfico*, de Eustácio de Epifânia, é dada uma importância central à História do Império Romano, ainda que não se tenha descurado a História da Igreja. O autor salienta ainda que Eustácio, tal como outros autores seus contemporrâneos, tinha um grande apreço pela República Romana, considerando os imperadores como tiranos.

dogmática, seria progressivamente maior. A dependência de uma Ortodoxia bem definida, e que pudesse abranger todos os cidadãos do império, cairia nos interesses do palácio imperial. O Henótico de Zenão, como vimos, pode ser encarado como uma primeira tentativa para criar uma união de fações opostas sob um mesmo tecto[714].

Como é vista, agora, a relação entre o soberano temporal e Igreja? Para nós, a descrição do terramoto que começa no *annus mundi* 6018 será paradigmática:

> "No dia vinte do mês de maio da mesma indicção, à sétima hora, sendo Olíbrio cônsul em Roma, a Grande Antioquia, na Síria, sofreu uma calamidade inexplicável por ira divina [ὑπὸ θεομηνίας]. A ira de Deus [ἡ ὀργὴ τοῦ θεοῦ] chegou sobre ela de tal forma, que quase toda a cidade caiu e tornou-se um túmulo para os seus habitantes. E ainda um fogo, vindo da terra, consumiu algumas pessoas que haviam sido sepultadas vivas. E um outro fogo, vindo do ar, como cinza, caiu e consumiu tudo o que encontrava, como se fosse um relâmpago. E a terra abanou durante um ano." A.M. 6018[715]

Esta descrição é antecedida por um outro terramoto que afetou a mesma cidade. E já pelo A.M 6017 se narrara uma grande inundação que afetara a cidade de Edessa. Víramos que tais manifestações cósmicas estavam associadas ao florescimento de heresias, sendo que o desequílibrio cósmico como que acompanhava as convulsões teológicas, sendo um seu espelho. Aqui, porém, mesmo tendo em conta que as ditas convulsões não pararam, passaram para segundo plano, sendo que o imperador, ortodoxo e identificado como piíssimo (εὐσεβέστατος *vide infra*) apoiava a doutrina reta, aos olhos de Teófanes.

---

[714] Dir-se-ia que os germes de uma influência do Império sobre a Igreja poderiam já ser antevistos no reinado de Constantino I, aquando da questão ariana. Vimos, porém, como a ação paradoxal do primeiro imperador cristão se afasta deste modelo: todas as questões doutrinárias devem advir de concílios eclesiásticos, e não de decretos imperiais (*vide supra* 3.3). Será o prolongar e o acerbar das controvérsias ao longo de séculos, associado à "nacionalização" do Cristianismo, que terá impelido uma gradual apropriação secular das instituições religiosas.

[715] TREADGOLD 2007 728 *et passim* conjetura que Eustácio de Epifânia tenha morrido neste terramoto.

Começamos a ver, deste modo, um relativo desfasamento entre a doutrina oficial e as manifestações da ira divina. Por outras palavras, não é a Fé correta que vai impedir que catástrofes premonitórias aconteçam, da mesma forma que essas mesmas catástrofes não implicam que se faça uma revisão da teologia oficial. Façamos uma prolepse e vejamos ainda como foram incidentes naturais – um terramoto e uma errupção vulcânica – que terão motivado Leão III a oficializar o iconoclasmo. À luz disso, podemos ver como, ao longo do reinado de Justino – e sobretudo de Justiniano I – as catástrofes naturais (às quais podemos associar os tumultos sociais) se sucedem com uma frequência impressionante.

De facto, é notória a forma como as convulsões de todo o tipo fustigaram o império do primeiro Justiniano: desde a famosa revolta de *Nika* (A.M. 6024), exposta longamente[716], até à peste (A.M. 6034; 6051), passando por vários sismos (A.M. 6028; 6034; 6040; 6045), todo um conjunto de calamidades afetam um imperador que, até pouco antes de falecer, era encarado como ortodoxo. Trata-se de um βασιλεύς, de resto, que ordenara que um hino ortodoxo fosse cantado nas igrejas (A.M. 6028) e que incutira uma perseguição aos gentios e aos hereges (A.M. 6022), a qual, ainda que não seja explicitamente louvada, também não é explicitamente reprovada[717].

Por isso, cremos estar perante mais um argumento para refutarmos a hipótese que vimos *supra* 3.1, segundo a qual alguns elementos da vida de Justiniano teriam sido alterados por forma a fazer coincidir os anos das suas vitórias militares com a sua ortodoxia[718]. É que, se houvesse um interesse claro do

[716] O relato fornecido por Teófanes da revolta é extenso, incluindo um longo diálogo de fonte incerta. *Vide* MANGO & SCOTT 1997 281, n. 7, cujas conclusões, não obstante, surgem à revelia do proposto por TREADGOLD 2007.

[717] *Cf.* "Neste ano, durante a oitava indicção, o imperador incutiu uma grande perseguição contra os gentios e toda a heresia, e confiscou as propriedades deles." A.M. 6022. Note-se como não está presente, na passagem, nenhum dos epítetos pelos quais Teófanes/Syncello classifica determinada pessoa ou obra como boa ou má. Por outro lado, se tivermos em conta a postura que é patente em A.M. 6304, em torno da questão da perseguição aos Paulicianos e Athínganos, que opôs o patriarca Nicéforo a Teodoro Estudita, encontraremos uma clara preferência do sujeito narrativo pela perseguição oficial às heresias. Mesmo assim sendo, há ainda a possibilidade de estarmos perante uma mera transcrição de uma dada fonte, sem termos, com isso, a opinião de Teófanes.

[718] O resvalar de Justiniano para a heterodoxia (para o aftardocetismo) é brevemente narrado no mesmo ano da sua morte: "Neste mesmo ano, Justiniano, o imperador, incutiu o dogma acerca do corruptível e do incorruptível, e enviou para todas as partes um édito contrário à piedade. Mas Deus antecipou-se, e ele morreu no mês de novembro, dia catorze da seguinte indicção décima quarta, após ter reinado trinta e oito

editor/redator da *Cronografia* em associar a fé do imperador ao seu sucesso, ele teria que infletir, com particular atenção, sobre os eventos catastróficos. São estes que carregam, numa leitura mística e escatológica da História, uma relação de sincronismo ou assincronismo com a piedade divina[719]. Os sucessos militares, ainda que sejam um fator de destaque, não são o fator mais importante.

É certo que as campanhas bélicas levadas a cabo durante este reinado vão ocupar uma porção significativa da pena do autor – com um particular destaque para o A.M. 6027, de longe a entrada mais longa de todo o texto, e que é um sumário das *Guerras Vândalas* de Procópio – mas o elemento sobrenatural, aí, não é explicitado. Não se desenvolve nem uma apologia do império ortodoxo, que fosse vitorioso por ser ortodoxo, nem se chama a atenção para políticas heréticas que incorressem na ira divina por serem heréticas.

Podemos conjeturar que isto não é proveniente de um conceito de causação histórico que tenha sido desenvolvido por Teófanes, muitas vezes descrito como pouco capaz[720]. Até o podemos afastar das intenções do mais letrado Sincelo, ou de uma qualquer fonte primária que fosse aversa a Justiniano, atribuindo o resultado tão-somente a uma cópia algo negligente dos materiais que estavam à disposição do copista, no momento da composição. Dada a natureza do texto, trata-se de uma possibilidade a considerar: porém, encontramos várias passagens em que há um uso explícito e consciente das fontes compulsadas, uso que se coagula no estilo que definimos como "iconográfico".

Os nossos autores do século IX sabiam explicitar, de uma forma consciente, as atitudes e/ou pessoas que considerassem como santas ou nocivas à Cristandade, de forma que o imperador Justino será caracterizado como "piíssimo" pelo socorro que fornece às suas populações, da mesma forma que Timóteo Éluro é denominado "percursor do Anticristo" pela sua promoção do

---

anos, sete meses e treze dias" (A.M. 6057). MANGO & SCOTT 1997 354, n. 3 afirmam que "Justinian´s death should be placed under A.M. 6058 (14th ind.). Theophanes has not only reversed the order of events for this year, but telescoped Justinian´s lapse into heresy with his death, and underlined the causal connection with the reference to God´s action." Quanto a nós, consideramos que a alteração de um único *annus mundi* pouco ou nada afeta a estrutura cronológica global em que a *Cronografia* assenta.

[719] Atente-se nos desastres naturais como marcas do aproximar do final dos tempos em Mt. 24 7; Lc. 21 11.

[720] *vide supra* nota 655.

Monofisimo. Em contrapartida, a estranha ausência de epítetos que caracterizam os anos de Justiniano I pode ser apreciada pelo tratamento estilístico que *não* incutiu. Que não haja um julgamento bem definido para os feitos operados durante estes anos implica, a nosso ver, que eles movimentavam suposições e conceitos que não estavam resolvidos na íntegra na mente que compilou a *Cronografia*.

Retornamos, assim, à nossa anterior pergunta: qual é a relação entre soberano temporal e Igreja, nestas condições? E com isso voltamos ao sismo que afligiu Antioquia no A.M. 6018, e que se prolongou pelo ano seguinte:

> "Já o piíssimo [εὐσεβέστατος] imperador Justino, ao saber estas coisas, sofreu grandemente da alma, ao ponto de ter retirado o diadema da sua cabeça e a púrpura e ter feito lamentações, em saco, durante muitos dias. […] O imperador logo enviou Carino, o *comes*, tendo-lhe dado cinco centenários para as escavações, caso pudesse salvar algumas pessoas, e para salvar as coisas que tinham sucumbido a piratas e ladrões. E de novo enviou, após este, o patrício Focas, filho de Cratero, e o patrício Astério, o que fora prefeito, homens sábios, tendo-lhes dado uma grande quantia de dinheiro para a restauração da cidade." A.M. 6019

Encontramos um imperador que se contrista e se penitencia, procurando, em seguida, socorrer às necessidades materiais daqueles que padeceram o infortúnio. O soberano humilha-se perante Deus nem entende que, com a sua posição, é um Seu vicário. Não é por estes factos terem ocorrido que se considera que os parâmetros da Fé devam ser alterados, antes deve-se sofrer com paciência, tal como Job.

Ainda que não seja descrito como tão pio, o comportamento de Justiniano, perante as catástrofes a que assistiu, irá no mesmo sentido. Ele, após o sismo de 6028, "forneceu muitas coisas para que se escavasse e se os ajudasse [as vítimas], e deu prendas ao que os procuravam". Também, quando ocorre um colapso na

construção da Grande Igreja em Constantinopla, ele é designado de εὐσεβέστατος, na medida em que "ergueu outras colunas e sustentou a abóboda: e assim foi fundada, mais alta vinte pés na restauração do que na primeira fundação" (A.M. 6051). Deste modo, a antiga virtude clássica da liberalidade é cristianizada, por forma a honrar a Deus nas construções e a socorrer aos desfavorecidos, perante os infortúnios[721].

3.7) A guerra sacra

Os conflitos entre o império Romano Oriental e outros povos circundantes vão continuar na narração de Teófanes, com especial atenção para a frente Leste e as guerras com o império Sassânida. O conflito com esta outra potência mundial, que tinha a sua própria religião e a sua própria ideologia de supremacia, vai intensificar a associação entre o povo romano e o Cristianismo. Tal surge de uma forma muito concreta no campo de batalha, e com recurso aos ícones.

Assim, durante a batalha de Solacão, no *annus mundi* 6078, os magos, definidos como "curadores de demónios" [οἱ τῶν δαιμόνων θεραπευταί] profetizam ao general persa Cardarigano "que a vitória seria dada aos Persas pelos deuses", perante a incursão de Filípico, general romano (A.M. 6078). O comportamento deste último, por seu turno, é notório:

> "Então Filípico, de madrugada, colocou os Romanos em ordem de batalha, em três linhas, e passou a avançar para a batalha. Ele carregava a imagem teândrica [τὴν θεανδρικὴν μορφήν], que os Romanos creem ser feitas sem mãos humanas [ἀχειροποίητον], e percorria as linhas de batalha enquanto outorgava ao exército parte da energia divina [θείας δυνάμεως]. Quando ficou hirto atrás da linha de combate, e enquanto segurava aquela arma, com muitas lágrimas começou a propiciar a divindade [τὸ θεῖον]: e assim ele tomou as ordens celestiais como

[721] É também sob este monarca que se realiza o Quinto Concílio Ecuménico (A.M. 6045).

aliadas [τὰς οὐρανίους τραξιαρχίας συμμάχους προσελάβετο]." A.M. 6078

A passagem é importante a vários níveis. A um tempo, identifica o ícone de Cristo – neste caso, um ἀχειροποίητον[722] – como uma arma de combate, que é usada em contexto de batalha como outrora o *vexillum* e depois o *labarum*[723]. A imagem está, portanto, numa continuidade com o que fora a Cruz de Constantino na Ponte Mílvia, funcionando como um agregador militar e político. A outro tempo, a imagem funciona como um intercessor, por assim dizer, de energias divinas, como um instrumento pelo qual Deus pode interceder pelos seus fiéis.

É também de notar como o ícone exerce estas funções enquanto coisa material: não se trata de um símbolo, como um estandarte, nem de um mote de ordem. É uma materialidade, decorrente da relação ontológica, como vimos, entre a imagem e a relíquia[724]: em última análise, atesta a cristianização da sociedade bizantina, na medida em que radica a ajuda divina em elementos materiais, por sua vez possíveis perante a materialidade da Encarnação.

Por fim, o passo também é sintomático das mutações ocorridas nas relações entre Constantinopla cristã e Ctesifonte zoroastra: de um lado, os magos com os seus demónios, de outro, os cristãos com as suas imagens. A rivalidade transforma-se numa guerra sacra, pelo que o processo de "nacionalização" do

[722] Para este tipo de ícones, *cf*. *supra* nota 340.

[723] KALDELLIS 2013 aborda o uso militar do ícone da Virgem, desde o século IX até ao final do império. A narrativa básica é modelada pela experiência do cerco ávaro de 626, onde se encontra a primeira referência ao uso militar da imagem da Theotokos. Para o autor, este evento primário foi como tal registado na medida em que o imperador Heráclio, que tinha partido na sua expedição pérsica, não estava presente na cidade. Se tivesse estado presente, teria sido ele a obter os louros da vitória. Na evolução deste tema, todavia, Kaldellis aponta para uma associação do imperador ao ícone da Virgem no campo de batalha, rumo a uma semelhança cada vez maior com as funções que eram outrora atribuídas à deusa Atenas. Há, para ele, um paradoxo inerente ao uso millitar da imagem desta santa, que é por natureza pacífica, mas que vence este mundo ao trazer uma lógica diferente de encarar e percecionar a vitória e a salvação. Com o passar do tempo, sustenta, uma lógica mundana acabaria por fazer com que o ícone fosse usado como se fosse um talismã. Kaldellis não aborda diretamente a imagem da Virgem utilizada por Heráclio contra Focas, ainda que conjeture (*ib.* n. 2) que se possa tratar tão-somente de um registo poético. Na nossa opinião, esta análise carece de uma comparação com o recurso a outros ícones em contexto militar. Podemos encontrar, na narrativa de Teófanes, a imagem de Cristo a ser empunhada pelo próprio Heráclio, como veremos *infra*, pelo que, já desde o século VII, encontramos um vínculo entre o soberano temporal e o poder intercessório dos ícones em contexto de batalha. Numa outra linha de leitura, poder-se-á ainda fazer uma comparação com a Cruz, o *labarum*, enquanto instrumento bélico.

[724] Sobre esta relação, *vide supra* 153-154.

Cristianismo opera uma "espiritualização" da nação. A identificação dos Romanos orientais com o povo eleito é tal que as guerras onde os primeiros estão envolvidos se vertem em guerras religiosas. E esta mudança no registo da *Cronografia* é acompanhada, uma vez mais, por uma mudança de fonte[725].

Como consequência, a narração das controvérsias religiosas passa para segundo plano, na medida em que é o corpo mistificado da "nação" cristã que passa a estar em jogo: o que explica, também, o gradual interesse na História política e militar. Os acontecimentos dramáticos de finais do século VI e inícios do século VII, com a morte trágica do imperador Maurício e sua família perante o usurpador Focas, e toda a sequência de eventos que daí se vai desenrolar, vão pôr em ação, de uma forma mais veemente, esta mistura de identificação coletiva e religiosa.

Após um pacto com a Pérsia (A.M. 6081), "enquanto que uma paz profunda imperava no Oriente, a guerra Ávara veio como ondas para a Europa" (A.M. 6082). O conflito com o Grão-cã dos Ávaros vai ocupar parte significativa da narração da *Cronografia* (A.M. 6083-6094), cujos atritos e exasperações, não sem uma dose de vaticinações (A.M. 6094), vão culminar na revolta de Focas, na sua tirania, numa ulterior invasão geral e na grande investida do imperador persa Cósroes (A.M. 6095-6101). A situação era de tal maneira dramática que o nosso autor, num comentário tido como "Theophanes´ characteristic judgement"[726], afirma:

> "Desde essa altura infortúnios e portentos de todo o tipo não cessaram de ocorrer sobre o império dos Romanos. Efetivamente, Cósroes, o imperador dos Persas, dissolveu a paz e os Ávaros destruíram a Trácia. Ambos [ἄμφω] os exércitos dos Romanos foram destruídos, de tal forma que, quando Heráclio foi imperador e fez uma contagem do exército,

[725] Trata-se de Teofilacto Simócata: *cf*. TEOFILACTO SIMÓCATA, *Historiae* 67-72 *et passim*. KOTŁOWSKA & RÓŻYCKI 2015 fazem um confronto entre o texto de Teófanes e o de Teofilacto, salientando como o monge do século IX se apropria da sua fonte para fazer ressaltar a ação e virtude militar de Filípico, e não tanto a ação divina. Os autores falam também do tratamento anacrónico, feito pelo nosso autor, do termo *tagma*, assim como de erros na leitura de nomes próprios.

[726] MANGO & SCOTT 1997 418, n. 63.

> ele não encontrou, de toda a multidão que havia sido recenseada no tempo da tirania feita a Maurício por Focas, mais do que dois homens. De tal forma os que haviam estabelecido o imperador foram mortos pelo mesmo." A.M. 6094[727]

E, de facto, inicia-se aqui um período de perturbações e guerras prolongadas, primeiro com a longa e desgastante guerra pérsica, que pôs em cheque a própria sobrevivência do império, depois, após um breve período de descanso, com o súbito e flagrante ataque das forças islâmicas, cujo aparecimento volta a pôr em cheque a sobrevivência do império.

Os sinais do desastre atingem proporções quase cósmicas quando, no A.M. 6106, os Persas "capturaram Zacarias, o patriarca de Jerusalém, assim como a Valiosa e Vivificante Cruz, e conduziram-na para a Pérsia, em conjunto com muitos cativos." Enfim, o símbolo da Salvação, que também havia socorrido a Constantino I e que passara a enformar a consciência religiosa do novo povo bíblico, havia sido capturado pelo inimigo, no seio de diversas atrocidades e instabilidades. Um teor apocalíptico, poderemos supor, acompanhará tal ato premonitório.

Por isso, Heráclio surge revestido com cores algo messiânicas, liderando os romanos para a salvação na sua hora mais negra. Quando chega a Constantinopla para depor Focas, ele trazia "embarcações fortificadas que tinham nos seus mastros reliquiários e imagens da Mãe de Deus, como diz Jorge Pisídio" (A.M. 6102)[728]. Os ícones servem para expor a fé na intercessão dos santos, ao mesmo tempo que procuram definir e unir o corpo místico da nação contra a usurpação de um tirano e, depois, a invasão do inimigo. A fonte que Teófanes incorpora é

[727] Este último argumento é repetido no A.M. 6103. SIROTENKO 2018 229-230, em confronto com o texto de Teofilacto Simócata, afirma que enumeração do censo de Heráclio é colocada nos inícios do reinado do imperador de propósito, com o fito de demitir Heráclio das responsabilidades das derrotas militares do início do seu reinado. Esta posição brota da tese geral da autora, segundo a qual Teófanes mutilou e dispôs do seu material para criar uma "new, ideologically correct history" (*ib.* 226). Não concordamos com esta posição, sendo que desenvolvemos argumentos para isso *infra* nota 740.

[728] JORGE PISÍDIO, *Heraclias* 1317-1318 Jorge Pisídio faz de Focas um sujeito averso ao ícones da Mãe de Deus. Diz que Heráclio lhe opôs (ἀντιτάξας) a "forma terrível da Imaculada Virgem" (τὸ φρικτὸν εἶδος τῆς ἀχράντου Παρθένου). Uma vez que não está explícito que Focas, no seu reinado, fosse iconoclasta ou que renegasse o estatuto de Mãe-de-Deus, de Maria, talvez se trate somente de propaganda.

poética e talvez seja essa precisamente a razão do propósito apologético que subjaz ao período das guerras Pérsicas de Heráclio, com as suas tinturas épico-bíblicas.

É com ele que vamos encontrar, de uma forma mais evidente, a associação com a figura mosaica. Vimos, na segunda parte da presente tese, como o soberano de Constantinopla mimetizava o grande líder do Antigo Testamento, através dos rituais processionais entre o palácio e a Grande Igreja. Aqui, por seu turno, encontramos a sua aplicação histórica, de tal forma que nos poderemos questionar se os feitos de Heráclio são a *causa* da imagética mosaica do imperador Romano, se uma *consequência* da mesma[729].

O *basileus*-general, quando iniciou a sua arrojada campanha no território inimigo, é visto a segurar "nas suas mãos a imagem teândrica, que não foi feita por mãos humanas, mas tal como a trouxe o Verbo que faz e constrói tudo sem desenho, da forma que Ele fora concebido sem semente" (A.M. 6113). Depois, são várias as ocasiões nas quais revela a sua devoção a Deus e à Sua intercessão, assim como à Mãe-de-Deus[730]. A dada altura, até, após se ter visto impedido de atravessar um dado rio, Heráclio, "depois de percorrer ao largo, encontrou um vau: e ultrapassou-o, de forma paradoxal [παραδόξως], no mês de março, e chegou

[729] Talvez se encontrem vestígios da formação destes rituais antes do reinado de Heráclio. Veja-se o começo da entrada para o A.M. 6093: "Neste ano, no mês de março, dia vinte e seis, indicção quarta, no dia da Santa Páscoa, a Augusta Sofia, mulher de Justino, em conjunto com Constantina, mulher de Maurício, após terem construído uma bela coroa, conduziram-na ao imperador. O imperador, depois de a ter contemplado, afastou-se para a igreja, entregou-a a Deus e pendurou-a em cima do santo altar, através de uma tripla corrente de pedras preciosas e de ouro. As mulheres, quando souberam isto, ficaram profundamente entristecidas. Constantina fez a celebração em luta com o imperador." A deposição votiva da coroa no altar faz lembrar a extração da coroa imperial, aquando da entrada processional do imperador na Grande Igreja: *vide* parte 2, 4.2. Sobre esta passagem, MANGO & SCOTT 1997 408 dizem que "there is no evidence for the source of this passage, but its tone and the proximity of other passages suggest it may be from Joh. Ant. [João de Antioquia]".

[730] *Vide*, *e.g.* todo o discurso exortativo do A.M. 6115, onde o imperador exorta a que, pela luta, "tomemos a coroa dos mártires". Depois, no A.M. 6117, os Persas "foram derrotados pela força de Deus e pela colaboração e intercessão da imaculada e virgem Mãe de Deus". Também no A.M. 6118 "o imperador avançou à frente de todos e caiu sobre o comandante dos Persas e, com a força de Deus e a ajuda da Mãe de Deus, abateu-o". Os exemplos deste tipo são constantes ao longo destas entradas, indicando o registo poético de Jorge Pisídio. Este poeta, de resto, compara Heráclio a Moisés de uma forma explícita – assim, quando se descreve a saída do imperador de Constantinopla para avançar sobre a Pérsia, logo após o dia de Páscoa, descreve-se Heráclio como εἰκονίζων Μωσέα (JORGE PISÍDIO, *Expeditio Persica* 1207). O particípio presente, com a palavra εἰκών na sua raiz, poderá ser traduzido por "imitando/agindo à imagem de" Moisés. Um uso, diríamos, significativo e que, de resto, não foi copiado por Teófanes. Sobre esta passagem, *vide* os comentários de SIROTENKO 2018 232 *et passim*.

à Samósata" (A.M. 6116). A palavra παραδόξως é empregue por Teófanes, ao longo da sua obra, para indicar como Deus opera misteriosamente no mundo[731]. Aqui, por seu turno, faz-se uma analogia com a abertura do Mar Vermelho feita por Deus, estabelecendo o imperador como um novo Moisés[732].

A vitória Romana será esmagadora e, após mais de vinte e cinco anos de guerra, todo o território ocupado pelos Persas é devolvido; as condições de paz são efetuadas de acordo com a vontade do soberano e, enfim, a Cruz de Cristo é devolvida a Jerusalém:

> "O imperador, assim, venceu os Persas numa guerra de seis anos [referência à campanha pérsica], sendo que no sétimo ano fez a paz com grande alegria e regressou a Constantinopla. Completou, desta forma, uma certa visão mística [μυστικήν τινα θεωρίαν]. Efetivamente, após Deus ter criado toda a criação em seis dias, chamou ao sétimo dia o dia do descanso." A.M. 6119

Completa-se, portanto, um ciclo, e a "visão mística" enforma-se com recurso ao número sete e à sua simbologia. Uma simbologia que, como vimos, tem particular significado para certa determinada leitura escatológica. A conclusão deste período inauguraria uma época aúrea, na qual o império Romano se reafirmaria como uma potência mundial, tendo vencido uma guerra longa e profunda com o seu arqui-rival[733]. Como tal, a mística de uma era nova e próspera,

[731] A palavra é usada, por exemplo, no A.M. 5788, para indicar como o então jovem Constantino I foi salvo de um atentado por parte de Diocleciano; no A.M. 6083, para o salvamento inesperado do navio do imperador Maurício; em 6085, para uma vitória militar. Destaca-se o uso desta palavra para o A.M. 6273, para se referir a ascensão de Irene ao poder.

[732] A passagem das obras de Jorge Pisídio que cobriam este evento não chegaram até nós, pelo que só podemos conjeturar se o uso da palavra παραδόξως faz parte do processo de paráfrase e adaptação de Teófanes, ou se já estava no texto original. Quanto a nós, estamos inclinados para a primeira opção, em virtude do iterato uso da palavra em toda a *Cronografia*. Mas veja-se ainda JORGE PISÍDIO, *Fragmenta* 1737-1740; 1745-1749.

[733] É com esta vitória que, em 629, um imperador romano assume, pela primeira vez, o título oficial de βασιλεύς, cujo uso, antes disso, era meramente popular. O título completo era πιστὸς ἐν Χριστῷ βασιλεύς (*cf.* SHAHID 1972 296), coisa que nos aproxima do que será a cunhagem oficial de Justiniano II (*vide supra* parte 2 2.4). Irfan Shahid afasta a hipótese segundo a qual a assunção deste título se tenha devido à vitória militar de Heráclio sobre a Pérsia, mas também se afasta da explicação que vê no acontecimento uma mera cedências às práticas populares (*ib.* 296-300 *et passim*). Para o autor, a transição acompanha a queda do

predestinada e secundada por Deus, acha na pessoa do imperador o seu instrumento e garante divino.

De resto, é também dentro deste percurso simbolico-místico que Heráclio vai restaurar a Cruz em Jerusalém:

> "Quando o imperador entrou em Jerusalém, restaurou o patriarca Zacarias[734] e a venerável e vivificante Cruz no seu lugar e, após ter dado muitas graças a Deus, expulsou os Hebreus da santa cidade, ordenando que eles não deveriam ter autoridade para se aproximarem até três milhas da santa cidade." A.M. 6120

O sentido processional é muito parecido com aquele que iremos encontrar, mais tarde, na Lenda do Último Imperador Romano. Note-se como o soberano temporal não se limita a enviar a Cruz: ele próprio avança, em solenidade, para a restaurar[735]. Antes disso mesmo, na mesma rubrica, narrara-se o encontro com um certo Judeu, sendo que fora o imperador a adverti-lo, a convencê-lo e a batizá-lo[736]. Além disso, a restauração da Cruz pelas mãos de Heráclio alude à restauração do

título de αὐτοκράτωρ, cujo teor seria muito mais belicista, para um termo mais civil (*ib.* 307). Tudo isso como um ato escatológico: "Heraclius might very well have thought he was opening the last phase of the millennium as a *praeparatio* for the Second Coming. The assumption of the *basileia* in 629 may be related to these hopes; the title *basileus* was most appropriate for reflecting an imperial image which was conceived by contemporaries as messianic or even a self-image which had in fact become messianic." *Ib.* 308. Para a distinção entre a *basileia* e a *autokratia*, *vide* DAGRON 2003 79-80. Shahid propõe ainda que a oficialização se possa dever, pelo menos em parte, a uma ascendência armena de Heráclito. Essa ascendência teria sido arsácida (*i.d*. iraniana), pelo que o título de *basileus* representaria uma espécie de cristianização do conceito monárquico iraniano-armeno: SHAHID 1972 310-312 *et passim*.

[734] Trata-se de um erro, pois o patriarca Zacarias havia falecido na Pérsia, em exílio. *Cf.* MANGO & SCOTT 1997 459, n.2.

[735] Por isso, não concordamos com as palavras de SHAHID 1972 303: "Whether Heraclius assumed the *basileia* as conceived by Eusebius or the much simpler version as conceived by the inspired writers of the relevant books of the Bible is a matter of detail." Os dois conceitos infletem em práticas distintas, na medida em que põem o imperador em cheque perante diferentes formar de encarar o porvir dos tempos, como vimos.

[736] "Neste ano, o imperador afastou-se da cidade imperial com a chegada da primavera e viajou para Jerusalém, trazendo a venerável e vivificante Cruz, para dar graças a Deus. Quando ele estava a chegar a Tiberíades, os Cristãos acusaram uma certa pessoa, de nome Benjamim, de lhes ter feito mal. Efetivamente, era muito rico e havia recebido o imperador e o exército dele. O imperador, porém, condenou-o dizendo: ´Por que motivo fazes mal aos Cristãos?´. O outro respondeu: ´Por serem inimigos da minha fé´. De facto, ele era judeu. O imperador advertiu-o, convenceu-o e batizou-o na casa de Eustácio o Neapolitano, que era um cristão que também recebera o imperador" A.M. 6120. Ainda que se subentenda que Heráclio tenha ordenado o batismo, e que não tenha sido ele próprio a administrar o sacramento, o uso verbal quase sugere ser ele mesmo o ministro.

império pelos seus feitos militares, de tal maneira que ele transforma-se no portador da salvação, tanto terrena como material, do povo romano.

Em todas estas passagens, a presença carismática da Igreja está ausente, porquanto é através do imperador, e do seu valor bélico, que a intercessão ocorre. É o imperador quem carrega os ícones, é ele quem apela a Deus nos seus discursos; é ele, enfim, que passa as águas rumo ao inimigo e à vitória. Como tal, temos boas razões para acreditarmos que a cristianização da figura do soberano temporal, que até agora se construira com recurso à imagem eusebiana – e que definimos mais como helenística do que cristã –, sofre aqui uma mutação mais aguda, abdicando mais claramente dos traços tardo-antigos e sendo reinterpretada em contexto bíblico (vetero-testamentário). A questão está em saber qual é o sentido dessa cristianização, isto é, se é um sentido católico-ortodoxo, se um sentido herético.

Do ponto de vista filológico, a passagem do A.M 6119 para 6120 é também importante, na medida em que parece marcar a transição para uma nova fonte: ainda que os fragmentos de Jorge Pisídio nos permitam supor que o tratamento do primeiro dos *annus mundi* recorreu, pelo menos em parte, a este poeta de corte[737], não temos acesso direto à fonte que começa a partir do AM 6120. TREADGOLD 2011 614 conjetura que seja com a devolução da Santa Cruz a Jerusalém que começa a *Crónica* de Trajano[738]. Se assim for, podemos localizar o episódio, com suas leituras escatológicas, na fonte que terá acompanhado parte significativa do último troço da *Cronografia*, a par com a *Fonte Oriental*. Por enquanto, importa reter que, a partir daqui, o registo heróico associado a Heráclio vai cessar, porquanto se entra numa nova disputa doutrinária, com a questão do monotelismo[739].

[737] Fragmentos referidos por MANGO & SCOTT 1997 458, que não conseguimos identificar.

[738] *Vide supra* 3.2 h). Além disso, os comentários de TREADGOLD 2012 25-26 são importantes para se desfazer a leitura de autores como HALDON & BRUBAKER 2011 e AUZÉPY 2007, pois eles assentam na contemporaneidade do continuador de Trajano aos eventos que são narrados. Teófanes e os seus contemporrâneos, portanto, não estariam a transmitir informação inventada ou fortemente deturpada.

[739] A fonte que Treadgold isola como sendo de Trajano Patrício tem uma forte tendência anti-monotelista, pelo que a leitura escatológica positiva que havia sido feita por Jorge Pisídio (Heráclio como restaurador de uma nova era) pode passar agora para uma leitura escatológica negativa (Heráclio entrega a Cruz de Cristo e inicia uma nova era de conflitos doutrinais).

De facto, quase logo após os seus sucessos, o imperador incorre em *hybris* e reincendeia os debates teológicos, que haviam ficado um tanto adormecidos desde as controvérsias geradas pelo Henótico. E agora, tal como outrora Zenão, assim também Heráclio tentará usar as suas prerrogativas seculares para promover e incutir uma aliança tácita entre as partes dissidentes[740]. É como se tivesse havido uma fusão entre o império e o Cristianismo, que, não obstante, não teve em conta os elementos heteróclitos que enformavam as partes. Agora que, após um longo processo de identificação, se atinge uma relativa estabilidade, esses elementos dissonantes voltam a surgir. Eles vão coabitar, nos séculos seguintes, com o advento do Islão.

3.8) O Sexto Concílio Ecuménico e a função cristã do imperador

A fonte consultada por Teófanes, que poderá ter sido, como vimos, a *Crónica* de Trajano Patrício, liga o surgimento do Islão à controvérsia monotelista. De facto, após ter narrado as perseguições ao papa São Martinho e a São Máximo Confessor, assim como a outros bispos, realizadas pelo imperador Constante II, afirma-se:

[740] *Vide* A.M. 6121 para a narração do começo da heresia e como Heráclio procurou encontrar um compromisso entre as partes. Para SIROTENKO 2018, há uma adulteração do tecido narrativo da *Cronografia*, para que o surgimento do Islão se dê logo após o desvio herético de Heráclio: "The emergence of Islam should, however, be dated somewhat earlier, to the 610s or early 620s. But Theophanes' artificial construction of the sequence of events is presented in such a way that it serves as an illustration of immediate divine punishment of the emperor and the empire for abandoning the true faith." (*ib.* 238). A autora descreve a sequência de derrotas militares de Heráclio como se viessem de um relato sem emoção, em contraste com a anterior narrativa das vitórias, o que se traduziria por um afastamento emocional na matéria tratada. Porém, acreditamos que é muito mais credível considerar-se que estamos, tão-somente, perante uma mudança de fonte: Teófanes simplesmente deixara de consultar as obras de Jorge Pisídio. Estamos perante, em última análise, com a questão da adulteração dos textos originais por parte do nosso cronógrafo, tal como vimos *supra* 3.1. Entendemos que o resultado final é, antes, uma consequência do processo de paráfrases usado por Teófanes, que teria dificuldade em harmonizar diversos eventos coevos, dispersos em diferentes autores originais, e em submetê-los à estrutura rígida das entradas por *anni mundi*. Salientámos como a posição do autor se revela por outros métodos, mormente com o uso de epítetos. Não concordamos, por isso, com Sirotenko, quando diz que "it is difficult not to accept that the placing of his accounts of Monoenergism and the rise of Islam is quite deliberate" (*ib.* 226). De resto, como a própria autora afirma (*ib*. 236-237), a parte da *Cronografia* que incide sobre o lapso em heresia de Heráclio parece ter correlações textuais com posteriores crónicas siríacas, o que indica a existência de uma outra fonte: não seria de esperar que um poeta panegírico e de corte como Jorge Pisídio se demorasse a descrever as derrotas militares de Heráclio, pelo que as informações a isso relativas teriam que ser compulsadas noutras obras, cujos interesses literários seriam distintos. A posterior redistribuição das narrativas, produto do acima mencionado *horror vacui*, levaria à separação de eventos em entradas diferentes.

"Enquanto a Igreja estava a ser assim perturbada por imperadores e por ímpios sacerdotes, surgiu o agrestíssimo Amalec, desbaratando-nos a nós, o povo de Cristo. E dá-se a primeira terrível calamidade do exército Romano: refiro-me àquela carnificina que ocorreu ao longo de Gabita e Jarmuque e Datesmos. Após esta dá-se a perda da Palestina, de Cesareia e de Jerusalém. Depois a destruição egípcia e a tomada das regiões mediterrâneas e das ilhas, assim como a captura de toda a România. E ainda a total destruição, na Fenícia, do exército e da frota Romanos, e a desertificação de todos os povos cristãos e lugares, que não parou até o perseguidor da Igreja [ὁ τῆς ἐκκλησίας διώκτης, i.d. o imperador Constante II] ter sido morto, de forma rude, na Sicília." A.M. 6121

Com este breve resumo do que será narrado nos *anni mundi* seguintes, é notória uma correlação entre as derrotas militares romano-cristãs e a heresia de Constante II. É um dos exemplos textuais mais evidentes que pretendem implicar uma relação íntima entre a estabilidade e a prosperidade do império, por um lado, e a sua fé oficial, por outro. E, por certo, expressa um sentimento que não seria pouco comum à época. Todavia, importa ter em conta como esta leitura anda a par com uma outra, que é consequente, diríamos, de uma dimensão escatológica inerente ao género cronográfico e à perceção cristã do mundo.

Com efeito, o surgimento do Monotelismo não se limita a ser acompanhado de um castigo divino, que poderia ser, em última análise, corretor. Quando Maomé aparece em cena, logo em A.M. 6122, ele é apresentado como "o líder e pseudoprofeta dos Sarracenos [ὁ τῶν Σαρακηνῶν ἀρχηγὸς καὶ ψευδοπροφήτης]", isto é, com um título apocalíptico, que o coloca, ao nível macroscópico da obra, a par com os grandes heresiarcas, como um Timóteo Éluro, cognominado "percursor do Anticristo" (*vide supra* 3.5)[741]. O alastrar da nova religião pela força

[741] De resto, já São João Damasceno havia associado também os muçulmanos à chegada do Anticristo: *cf.* NEIL 2015 152.

de armas, por sua vez, é apresentado através de coordenadas escatológicas que já havíamos identificado nas anteriores controvérsias religiosas:

> "Neste mesmo ano ocorreu um grande sismo na Palestina. E apareceu um sinal, virado para o sul, o chamado *dokites*, prenunciando a conquista dos Árabes. Permaneceu durante trinta dias, movendo-se do sul para o norte. Tinha a forma de uma espada." A.M. 6124[742]

Prenunciando o gradual aparecimento do Anticristo, as conquistas muçulmanas são acompanhadas de manifestações cósmicas que são, em simultâneo, a sua causa e a sua consequência, na medida em que são sinais da evolução da História da Humanidade, tal como misticamente estabelecida[743].

É importante notar que, nestas últimas passagens, que se focam mais no islamismo do que no monotelismo, estamos perante, com grande probabilidade, a famosa *Fonte Oriental*[744]. Como tal, Teófanes combina duas perspetivas diferentes num único sentido textual: por um lado há uma linha narrativa que se foca nos assuntos romanos, nos quais a heresia é vista como um problema interno, cuja expressão máxima é o desagrado de Deus; por outro lado, uma outra linha narrativa vincula o aparecimento da nova religião ao nível cósmico e à escatologia cristã. É como se as duas dimensões que encontrámos para o estabelecimento do

[742] Premonições semelhantes vão aparecer no A.M. 6164, quando, a propósito de uma poderosa armada árabe, "apareceu um arco-íris no céu, no mês de Março, *Dystros*, [quinto mês do antigo calendário lunar macedónico e helenista, correspondente a Fevereiro-Março] e toda a carne [πᾶσα σάρξ] se arrepiou, ao ponto de todos dizerem que era o fim do mundo e da Igreja [συντέλεια]". A passagem tem paralelos textuais com obras siríacas posteriores: *cf.* MANGO & SCOTT 1997 493.

[743] Note-se ainda como um dos focos de atrito entre as duas religiões é a Cruz: "Neste ano, Omar começou a construir o templo em Jerusalém. A sua estrutura, porém, não ficava firme, mas caía. Os Judeus então disseram-lhe a ele, quando ele quis saber a causa: ´O edifício não ficará firme até retirardes a Cruz que está por cima do templo do Monte das Oliveiras.´ A Cruz foi retirada de lá por causa deste conselho: e assim a edificação deles ficou firme. Este foi o motivo pelo qual os que odeiam a Cristo abateram muitas cruzes" A.M. 6135. É uma passagem com paralelos em fontes siríacas posteriores (*cf.* MANGO & SCOTT 1997 476), pelo que deverá ser identificada com a *Fonte Oriental*. De resto, recordemos como tanto as expectativas escatológicas cristãs como as islâmicas davam grande importância à Cruz (*vide supra* 238-239).

[744] Para o A.M. 6122, *vide* MANGO & SCOTT 1997 465, que identificam equivalentes textuais na posterior e anónima crónica de 1234 (*Anonymi auctoris chronicon ad annum 1234 pertinens*). Os autores concluem que "This passage is certainly of eastern origin, but its source is unknown." Poderá tratar-se da obra de Teófilo de Emessa: *vide* 3.2, i). O mesmo para a passagem que citámos do A.M. 6124, com equivalências textuais em obras siríacas posteriores: *ibidem* 467.

iconoclasmo, na segunda parte desta tese (uma interna, outra externa)[745], estivessem plasmasdas nas duas principais fontes de que Teófanes/Sincelo terá feito uso.

Talvez por causa desta dupla fonte (a que se devem juntar outras, algumas hipotéticas) a narrativa adquire, para as últimas partes da *Cronografia*, uma feição distinta das anteriores: ou, melhor dizendo, ela mescla duas formas diferentes de encarar o decurso histórico. Elas são, por um lado, aquilo que poderemos denominar "narrativa martirológica", e que se apresenta como uma continuação das perseguições cristãs levadas a cabo antes de Constantino I (e depois, brevemente, por Juliano o Apóstata). As querelas doutrinárias afetam a Igreja no seu tutano, levando ora a perseguições abertas, como no caso do ariano Valente, ora a tumultos e desordens que levam o imperador, por sua vez, a tentar estabelecer um equilíbrio, ou uma supremacia, entre as partes, como vimos para o caso do Henótico de Zenão.

Ao longo desta narrativa, o testemunho da fé cristã, estilizado com os epítetos de santidade para os ortodoxos e com os epítetos reprobatórios (mas também escatológicos) para com os hereges, tem o objetivo de fazer ressaltar, a traços claros, como a Igreja continua as suas tribulações, derramando não raras vezes sangue em nome da Fé correta. Por outras palavras, um *continuum* de testemunhos, perseguições e santificações, expressos em linguagem iconográfica, põe a nu como a era dos mártires não se reduz a um determinado ponto da História da Igreja, mas é quase uma sua condição necessária até à consumação do Reino dos Céus com a Segunda Vinda. Caso contrário, corre-se o risco de identificar o Reino de Deus com a Cidade terrestre.

A esta narrativa martirológica opõe-se uma outra, que já deixara a sua impressão digital com Constantino I, mas que só se vai começar a desenvolver com Justiniano I e a consumar-se com Heráclio: trata-se da "nacionalização do Cristianismo". Desta vez, o meio secular, que tantas vezes é opressor da manifestação da Igreja, torna-se o seu maior aliado, promovendo uma correlação entre a Românía, o país dos Romanos, como sendo o país dos Cristãos. Com isso, o

[745] *Vide* parte 2, 2.3.

império não só deve proteger a Fé Cristã, como os perigos em que a Nova Roma incorre são também os perigos por que a religião passa. A guerra pela pátria passa a associar-se à guerra por Cristo, e os imperadores começam a apresentar-se como *servi Christi*. Tal conceção parece ter-se operado pela transformação dos ideiais régios helenísticos nos ideiais régios vetero-testamentários, potenciando a imagem mosaica do imperador.

Ora, a partir do Monotelismo e do surgimento do Islão, e até ao período iconoclasta, as narrativas martirológica e mosaica vão fundir-se: a partir de agora haverá sempre uma guerra aberta com um inimigo que põe em causa a própria existência do império – e, por extensão, do Cristianismo enquanto organização livre – ao mesmo tempo que dentro desse mesmo Cristianismo existem problemas pungentes que põem em causa a sua estabilidade dogmática. A Igreja, como tal, passa a ser perseguida tanto por dentro como por fora. O testemunho – μαρτύριον – ocorre tanto em relação aos inimigos da Fé, como em relação aos seus desvirtuadores. É certo que estes dois pontos de atrito sempre acompanharam a História da Igreja, mas é aqui que eles atingem proporções novas, agindo em simultâneo com particular violência. O tratamento textual de Teófanes é a síntese dessas diferentes tradições.

Resta fazer uma pergunta: qual é o papel do imperador neste contexto? Ou, melhor dizendo, qual é o papel que é valorizado como sendo o de um bom e pio imperador ortodoxo, ao longo das páginas da *Cronografia*? No nosso entender, a passagem fulcral para entender esta reiterada pergunta encontra-se na descrição que Teófanes nos fornece do Sexto Concílio Ecuménico. Após algumas vitórias militares contra os Árabes, na sequência do primeiro cerco de Constantinopla[746],

[746] *Vide* A.M. 6169, onde os Árabes "muito se amedrontaram, inferindo que o império dos Romanos era guardado por Deus" e os líderes de todos os povos "enviaram presentes ao imperador através de embaixadores, pedindo-lhe para lhes confirmarem a benevolência de paz para com eles". O primeiro cerco árabe de Constantinopla, narrado no A.M. 6165, e cujas especificidades históricas já explicitámos (*vide supra* nota 15) pode apresentar algumas características interessantes para a nossa leitura. É que ele é apresentado como tendo durado sete anos, à revelia dos acontecimentos históricos. Tendo em conta o valor simbólico do número sete na cronografia cristã, e como o mesmo número já apareceu aquando da conclusão da guerra pérsica de Heráclio, não poderá dar-se o caso de haver, na fonte copiada por Teófanes, um eco apocalíptico? Se a fonte em questão tiver sido a de Trajano Patrício, distinta da *Fonte Oriental*, então podemos supor a existência de uma leitura apocalíptica dos acontecimentos que (em potência) entrava em choque com a leitura presente na *Fonte Oriental*. *Vide* a nota seguinte.

estando Constantino IV acossado pelas investidas dos Búlgaros[747] e compelido a fazer paz, diz-se dele:

> "Estando deste modo coagido, o imperador fez paz com eles, concordando em dar-lhes um tributo anual, para vergonha dos Romanos, e por causa da multidão dos [nossos] pecados. Efetivamente, era espantoso ouvir, tanto aos que eram de longe como aos que eram de perto, que aquele [Constantino IV] que havia colocado todos como súbditos a si, aqueles do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, havia sido derrotado por tal povo abominável e recente. Mas ele acreditava que isto havia acontecido aos Cristãos por providência de Deus e fez a paz pensando de uma forma evangélica [εὐαγγελικῶς]. E até ao fim dos dias ele esteve despojado de todos os inimigos, tendo como preocupação bem enérgica a união das santas igrejas de Deus, por todo o lado divididas […]. O próprio cristianíssimo imperador, movido para anular as crenças erradas deles, reuniu um Concílio Ecuménico, de duzentos e oitenta e nove bispos, em Constantinopla." A.M. 6171

No nosso entender, a passagem é notória porquanto a ação que é louvada ocorre a despeito da derrota militar e da cedência às exigências dos Búlgaros. Isto contradiz a imagem do imperador ortodoxo como sendo aquele que, ajudado por Deus, propaga os limites do império e subjuga povos exteriores. Aqui, antes pelo contrário, e não obstante as anteriores vitórias militares do próprio Constantino IV, o império Romano é derrotado por uma etnia considerada ignóbil. Em

[747] A passagem surge após uma descrição etnográfica dos Búlgaros, no mesmo A.M. 6171. FORREST 2015 442 fala, em relação a esta passagem (mas também em relação ao primeiro cerco de Constantinopla) de um eco de Heródoto, que seria um vestígio da lenta recuperação do registo etnográfico da historiografia bizantina. A nossa leitura, por seu turno, encontra também vestígios apocalítpicos: é que os Búlgaros são apresentados, de uma forma algo insólita, como um povo impuro e imundo, que estava em guerra com o imperador Constantino IV. Isto faz lembrar um dos *topoi* da lenda do Último Imperador Romano, sendo que os Búlgaros estariam associados à invasão de Gog e Magog (*vide* parte 2, 4.4). Se assim for, temos um indício de que a *Crónica de Justiniano II* (tal como denominada por Forrest), escrita por Trajano Patrício, lidava com uma estrutura narrativa influenciada por Pseudo-Metódio.

contrapartida, a verdadeira forma de agir evangelicamente (εὐαγγελικῶς) consiste em resolver as chagas da Igreja e pôr um fim oficial ao monotelismo.

Por outras palavras, se o imperador, na sua dimensão mosaica (ou, antes disso, "helenística") tem o dever de militar pelo império terreno, expandindo os seus limites na medida do possível, como no tempo de Justiniano I, temos que ele tem também o dever de proteger a Igreja dos seus perigos internos (heréticos). A esse nível, os limites físicos do seu domínio, assim como as glórias militares, passam para segundo plano: as humilhações do povo romano cristianizado ocorrem até "por providência de Deus" (προνοίας θεοῦ), sendo que a narrativa martirológica, com os seus elementos escatológicos, incorpora bem este conceito. Ela alerta para o facto de que a prosperidade da cidade mundana é não só temporária, como sujeita a uma temporalidade.

Por outro lado, a representação que aqui é feita de Constantino IV não faz dele um bispo, que tivesse poderes eclesiásticos sobre o pleroma da Igreja[748]. Antes pelo contrário, ele agora aproxima-se de um título que será posteriormente outorgado ao monarca bizantino: o de ἐπιστεμονάρχης da Igreja. Certo é que transportar este epíteto para o século IX é anacrónico, pois só entre os século XI e XIII é que é aplicado ao imperador bizantino[749]. Contudo, achamos pertinente trazer à colação a definição avançada pelos juristas eclesiásticos dos séculos posteriores: ela vai permitar elucidar e reler, em jeito de conclusão, a leitura que fizemos, até aqui, da *Cronografia*.

---

[748] O reinado de Constantino IV dá azo a uma das entradas mais curiosas da *Cronografia*, que expõe algumas conceções de poder que à época circulavam. Assim, aquando do seu acesso ao trono, "Constantino foi imperador com os seus irmãos. […] Por seu turno, os que eram do *thema* oriental vieram a Chrisópolis, dizendo: ´Cremos na Trindade: coroemos três [imperadores]´. Constantino ficou perturbado, uma vez que somente ele é que havia sido coroado, sendo que os irmãos dele não possuíam qualquer tipo de dignidade." A.M. 6161. Queria-se, portanto, fazer uma correspondência entre as três pessoas da Trindade e três imperadores, coisa que parece supor, na ótica dos militares envolvidos, que a figura imperial teria uma espécie de correspondência com a divindade. É como se cada um dos irmãos fosse uma imagem de cada das pessoas da Trindade, em contradição, como vimos, com a teologia dos ícones, que prescreve somente a representação da pessoa do Filho. Recordemos ainda como foi pelo meio militar que, mais tarde, as ideias iconoclastas vieram a achar um porto firme. Seja como for, a passagem, sucinta, não deixa ver se a resposta de Constantino IV se apoiaria numa conceção da função sacerdotal do soberano. Quiçá seja a marca de uma tensão entre um conceito imperial "familiar", à maneira dos modelos herdados pela tetrarquia, e um conceito dinástico, que afirmaria os direitos da primogenitura, tal como DAGRON 2003 29-31 a identifica para a dinastia heracleiana. Veja-se ainda MANGO & SCOTT 1997 492, n.2, que alertam para o facto de esta passagem contradizer a informação a A.M. 6173.

[749] Para uma análise deste título e conceito: *vide* DAGRON 2003 252-255.

Assim, na origem, o ἐπιστεμονάρχης era um elemento de uma congregação monástica: "The *epistemonarches* was responsible for the external conduct of the monks, for their attendance and their punctuality at the offices; he applied the disciplinary rules without any involvement in formulating them and like the ecclesiarch, punished only formal derelictions of duty, without ever encroaching on the direction of the monastery" DAGRON 2003 252. Deste modo, estamos perante uma agente executivo, que exercia poder quando as normas do mosteiro eram infringidas. Mas ele não tem qualquer tipo de poder "legislativo", sendo somente um guardião da disciplina.

Ora, é justamente este título/ofício que será transporto para o imperador: ele, enquanto zeloso guardião da Igreja, deve proteger e agir contra a transgressão (mormente a heresia), mas ele, enquanto tal, não tem poder ou capacidade para falar em nome da Igreja, nem para decretar: tarefa que compete à hierarquia eclesiástica[750]. É nessa qualidade, então, que ele deveria presidir aos Concílios: ele é um membro da Igreja com uma função formal, que não legifera. Esta última compete somente a Cristo, que vive no seu corpo místico, a Igreja.

Como é fácil de supor e de comprovar, esta delimitação do soberano enquanto órgão formal da Igreja vai de encontro a várias ambiguidades e potenciais choques de interesses. Nem sempre é claro quando é que começa o domínio do "guardião" da Igreja e o domínio do "infrator". Quando Constantino I convoca o primeiro Concílio de Niceia, fá-lo ao serviço da Ortodoxia; quando Teodósio II convoca o Segundo Concílio de Éfeso, fá-lo contra a Ortodoxia; quando Zenão procura unir a Igreja por decreto imperial, fá-lo contra a Ortodoxa; enfim, Justiniano I ora parece promovê-la, ora obstar a ela. A natureza mesma do

[750] Para Dagron, o uso deste título é uma mera revisitação do título episcopal que quase se outorgara a Constantino I, e que esconderia uma dimensão sacerdotal do imperador: "[…] corresponded to an attempt at clarification comparable to that which had led in the time of Constantine the Great to the formulae ´universal bishop´ and ´bishop over the outside´, which it seemed to revive but in a muted way, with a rather lame substitute." DAGRON 2003 252. Para nós, porém, o uso deste novo termo é muito mais preciso, saído como saiu de séculos de perturbações dentro da Igreja e de atritos com diversos imperadores. Como fomos vendo, a relação entre Império e Igreja sempre fora problemática, por vários motivos: o título de ἐπιστεμονάρχης não se limita, no nosso entender, a reproduzir as coordenadas de um suposto sacerdócio imperial, que estaria ativo desde os tempos de Constantino I, mas é antes o produto de contínuas tensões, que culminaram numa distinção mais clara de funções. O título liberta-se assim dos vestígios monárquicos helenísticos.

poder imperial, com a sua capacidade coerciva, faz com que as relações entre as duas esferas, a laica e a espiritual, sejam problemáticas, quiçá mesmo por definição.

Porém, com a passagem citada do A.M. 6171 encontramos, no nosso entender, uma possível solução: é que o monarca, que se tinha vindo a desenvolver como uma figura messiânica – na linha da narrativa mosaica – passa a circunscrever-se à linha narrativa martirológica: o próprio império sofre as derrotas militares e dá azo a que o testemunho religioso ocorra. O choque entre as duas linha de leitura pode ser resolvido pela inclusão do "corpo místico da nação" na narrativa escatológica. Perante os sinais graduais que revelam o final dos tempos, o imperador não precisa tanto de sair vitorioso sobre os inimigos de Deus – como a narrativa do Último Imperador Romano quereria fazer – quanto salvaguardar a Igreja que aguarda com paciência a Segunda Vinda.

Importa ter em conta estes conceitos, e suas implicações, para fazermos uma leitura da narração do período iconoclasta. A *Cronografia*, após o reinado de Constantino IV, vai-se focar nos dois reinados de Justiniano II, com um julgamento muito negativo sobre a sua governação[751]. Este período vai assistir ao deteriorar da situação romana, a todo um conjunto de crises políticas em Constantinopla e à formação de uma poderosa armada que vai cercar a cidade imperial. Com isto, dá-se a ascensão de Leão e, com ele, o começo do iconoclasmo.

À luz do que vimos até agora, pudemos estudar as principais características literárias do género cronográfico, assim como ver as problemáticas autorais em torno do texto de Teófanes. Fizemos uma leitura da *Seleta Cronográfica* de Sincelo, vendo como ela poderá fazer parte da mesma macro-estrutura que a sua oficial continuação. Por fim, vimos os principais desenvolvimentos da ideia monárquica na *Cronografia* de Teófanes, salientando como ela incorpora diversos elementos e tradições até à ulterior síntese do sentido narrativo.

[751] Julgamento esse proveniente do próprio texto que Teófanes compulsou: *vide supra* h). A profunda antipatia desta fonte para com Justiniano II, de resto, vai explicar por que motivo não há qualquer tipo de menção ao Concílio Quinisexto: não edições manuscritas, ele só será referido num escólio do *Parisinus* (*cf.* CONSENTINO 2015 332). A ortodoxia defendida no Concílio não conviria ao retrato maléfico (e exagerado) que é feito do imperador.

Falta-nos, por fim, analisar a última parte desta obra, que vai desde o segundo cerco de Constantinopla, em 717, até à alvorada do segundo iconoclasmo, a mesma que vai vitimar o próprio Teófanes. Com isso, teremos que unir esta nossa análise à primeira e segunda partes, procurando unir as conclusões históricas, teológicas e filológicas numa só tese.

Conclusão

A presente tese de Doutoramento começou por uma indagação histórica ao período iconoclasta da História Bizantina, focando-se nos eventos principais que o caracterizaram. Foi dada particular atenção à forma como os diferentes imperadores de Constantinopla se relacionaram com as autoridades eclesiásticas, procurando estabelecer relações de poder e deferência entre as duas esferas. A esse nível, concluímos que, do ponto de vista institucional e político, a Querela das Imagens se constituiu como uma forma de submeter a Igreja à tutela do imperador[752]. Para efeitos práticos, a disposição oficial em relação aos ícones traduzia-se na forma como se deveria encarar o poder político.

Motivos de ordem diversa terão impelido Leão III a avançar com esta política, sendo que um fator de maior importância assentou, como vimos, nas mutações da sociedade romana oriental, que eclodiam desde o século VII. A erosão da vida do mundo tardo-antigo, o surgimento do Islão, o estabelecimento de potentados ocidentais e uma profunda militarização da sociedade terão incutido mudanças radicais e uma consciência de crise que precisava, em contrapartida, de um monarca forte e sólido, capaz de repelir as diferentes ameaças por que o império passava, fazendo com que o mesmo continuasse como o centro do mundo mediterrânico. O custo desta centralização, porém, estendeu-se até à Igreja.

Com a proibição do culto às imagens não somente se proibia o acesso a uma forma do Rito, mas também se substituía o mesmo, em certos lugares-chave do imaginário simbólico-arquitetónico, pela figura do *basileus*, que passaria a ser a figura tutelar e mediadora preferencial entre o cidadão e a estabilidade do império dos Cristãos. Como consequência, e ainda que o iconoclasmo não fosse, *per se*, antimonástico, os mosteiros tornaram-se naturais pontos de fuga e de resistência à

[752] Com isso, e como visto, afastámo-nos substantivamente de leituras como as de BRUBAKER & HALDON 2011 e de AUZÉPY 2007, que vêem as narrativas das perseguições como um produto literário da iconodulia posterior e reduzem o iconoclasmo ao plano da ideologia, sem grandes consequências para o plano histórico. As perspetivas clássicas de um OSTROGORSKY 1968 e, mais recentemente, de TREADGOLD 1997, parecem-nos mais convincentes.

nova política, seja porque estavam por natureza afastados das dependências estatais, seja porque promoviam uma espiritualidade desligada do século. Por causa disso, os ascetas foram as vítimas e os resistentes principais da heresia.

Por outro lado, assistimos também ao "transbordar" da esfera terrena para a esfera espiritual noutras dimensões das sociedades coevas. Assim, com a Questão do Casamento Adúltero, envolvendo as segundas bodas de Constantino VI, havia o perigo latente – ou, pelo menos, assim identificado por um Teodoro Estudita – de se outorgar as perrogativas sacramentais ao imperador. Além disso, a oeste, a formação do império carolíngio fez-se acompanhar de uma postura algo reticente em relação às imagens, sendo que os *Libri Carolini* aparentam ter sido compostos com o ulterior objetivo de apoiar uma Igreja franca dependente do novo soberano. Estes são dois exemplos significativos porque revelam uma certa tendência da época para a apropriação política da esfera eclesiástico-religiosa, mesmo tendo em conta que tanto Constantino VI como os Francos não eram, pelo menos nominalmente, iconoclastas.

Na segunda parte da tese focámo-nos sobretudo nos aspetos de ordem teológica e cultural que terão enformado a doutrina iconómaca. Com isso, ocupámo-nos do célebre e disputado problema das origens deste movimento, do seu surgimento específico – e das suas longas sequelas – ao longo dos séculos VIII e IX. As indagações em torno do que chegou até nós sobre o pensamento dos adversários dos ícones parecem indicar, por um lado, uma aversão a uma liturgia "corpórea" e, por outro, uma inclinação para um culto noético, espiritualizado. Não é possível discernir com clareza se o movimento sempre tivera estas propriedades, desde os primeiros anos do édito de Leão, ou se terá evoluído para as mesmas a partir de uma aversão mais primitiva às imagens, da crença de que o seu culto era idólatra. Também não é fácil discernir as diferentes ramificações do iconoclasmo, se ele se estendia igualmente para um repúdio ao culto dos santos e das relíquias, se este último é uma sua manifestação mais violenta ou se, por fim, ele não faria parte da heresia enquanto tal. Inclinámo-nos para a segunda opção, conquanto engloba o movimento nas suas múltiplas manifestações culturais, sociais e geográficas.

Por isso, também nos esforçámos por ver o iconoclasmo por dois prismas diferentes, mas complementares: ora de acordo com a evolução da História da Igreja, ora de acordo com as influências externas que se faziam sentir sobre o Oriente. Como tal, traçámos diversos vínculos entre o que terá sido uma teologia iconoclasta – com a sua doutrina eucarística específica, a sua disposição arquitetónica e o seu conceito de contemplação – e as anteriores controvérsias religiosas que afetaram a Cristandade. Encontrámos relações com o Monofisismo, o Origenismo, o Nestorianismo e com o Arianismo (este último muito presente na representação ortodoxa dos iconoclastas) que nos permitem atestar uma continuidade entre alguns conceitos das anteriores heresias e a doutrina iconómaca. Daí que talvez possamos dizer que o Iconoclasmo se constituiu como a coagulação ritualística do que as anteriores doutrinas preconizavam de uma forma mais teórica, mesmo se se considerar que o Iconoclasmo não é uma continuação sistémica das outras heresias.

Além disso, a aversão oficial às imagens foi acompanhada por transformações no mundo islâmico, que acompanharam a sua afirmação no Médio Oriente e o puseram em contacto com o legado das civilizações cujas terras ocupou, tanto persa como romana. Isso, ao mesmo tempo que colocava em novas coordenadas as premissas do califado e sua relação com a nova ordem mundial, implicou influências culturais e teológicas nas crenças e práticas das religiões monoteístas. A tese de Patricia Crone[753], segundo a qual uma comunidade judaico-cristã teria sido o elemento de permeio entre o iconoclasmo islâmico e o cristão, põe a nu possíveis fatores exógenos para o surgimento deste movimento em terras bizantinas. Deste modo, todo um conjunto de fatores internos como externos à Cristandade Oriental terá permitido o surgimento da Querela das Imagens nas condições, e na intensidade, em que surgiu.

Para avaliarmos a pertinência destas observações, considerámos que uma análise das crenças apocalípticas da época permitiriam ver como as tensões coevas se projetavam e resolveriam no futuro último da Humanidade. Vimos, assim, como as representações do Final dos Tempos se construíam em função das

[753] *vide* parte 2 2.2.

problemáticas que os homens dos séculos VI-IX viviam. A análise da Lenda do Último Imperador, a sua proveniência siríaca, o seu rápido alastramento, a sua possível correlação com a escatologia islâmica e, sobretudo, a forma como ela relacionava o imperador temporal como agente *sine qua non* da narrativa final, permitiram ver como o trono de Constantinopla era entendido como uma peça central, em função da qual, subentende-se, as práticas religiosas se deveriam fletir. Ainda que seja difícil encontrar provas contundentes entre esta crença e o iconoclasmo bizantino enquanto tal, consideramos que ambos brotam de uma mesma instabilidade, que precisa de relacionar o "Estado" com o sentido da História Cristã.

Por fim, todas estas considerações, tanto as de ordem histórica como as de ordem religioso-cultural, serviram como pano de fundo para um estudo literário da *Cronografia* de S. Teófanes. Aqui, porém, deparámo-nos com uma nova panóplia de problemas, desta vez de foro filológico. Pois, mesmo se se tiver em conta as características literárias do género cronográfico, o problema da autoria é peculiar para o caso de Teófanes, dada a relação umbilical do seu autor com Jorge Sincelo, que havia planeado primeiramente a escrita de uma obra desde Adão até aos seus próprios dias. Deste modo, se, a um tempo, devemos considerar a *Seleta Cronográfica* e a *Cronografia* como um todo, por outro, é patente que existem diferenças significativas nos dois textos, que atestam formas distintas de encarar o processo de escrita histórica.

Identificámos várias dimensões do pensamento cronográfico de Jorge Sincelo, vendo como elas procuram responder a diversas problemáticas do género literário em que se inserem. Encontrámo-lo no meio termo entre duas tradições: entre o milenarismo de um Hipólito de Roma e a oposição ao mesmo de um Eusébio de Cesareia. Isto é notório na forma como, por um lado, existe uma insistência na datação do mundo desde a Criação, enquanto momento empírico que possibilita uma revisitação mística aquando dos eventos da Encarnação e da Ressurreição. Coisa que não o impede, contudo, de entender o final dos tempos como um desenrolar gradual, cuja manifestação não deve ser *a priori* fixada pelo calendário das semanas milenárias.

Constatámos também uma peculiar caracterização do poder temporal como sendo, quase por natureza, corrupto, porquanto se manifestara, após o Dilúvio (e a despeito das cronologias babilónicas e egípcias), como um prática idolátrica. Somente com Jesus Cristo, com a sua linhagem sacerdotal e régia, é que se verifica uma atualização da verdadeira fonte de autoridade. Uma vez que somente com a Segunda Vinda se assistirá ao regresso da dimensão régia, o seguimento da História Cristã vincula-se à vivência espiritual da Igreja, que vive e sobrevive através do martírio contra um poder temporal opressor. O problema da conversão desse poder ao próprio Cristianismo não chega a ser abordado por Sincelo.

É Teófanes quem vai herdar a questão, na sua representação historiográfica. A esse nível, identificámos Teófanes como um autor que, na senda de uma certa tradição cronográfica, copia e parafraseia as fontes que consulta (ou que terá recebido de Sincelo), deixando transparecer muitas das características literárias dos autores anteriores, assim como as suas resoluções para alguns problemas históricos. Deste modo, à medida que avançamos na leitura da *Cronografia*, decalca-se uma evolução na forma de tratar a História que corresponderá, *grosso modo*, à evolução de uma parte da historiografia tardo-antiga. Desde o ênfase nas querelas doutrinárias até à narração das guerras com povos estrangeiros, o texto cronográfico de que dispomos marca as peculiaridades de diversos escritores, enformando, simultaneamente, a evolução textual da própria *Cronografia*.

Isto não impede, como procurámos expor, que Teófanes/Sincelo não tenha incutido um cunho próprio ou, melhor dizendo, uma certa postura interpretativa perante a História. Ainda que esta não esteja ao nível dos grandes processos narrativos e historiográficos de outras manifestações da escrita bizantina, identificámos o que designámos por "estilo iconográfico", que assenta, ao longo das várias páginas desta obra, na categorização de determinadas pessoas ou acontecimentos com epítetos, que procuram realçar o seu grau de adesão (no caso da santidade) ou de afastamento (no caso da heresia) da Economia da Salvação. Os diversos intervenientes históricos sobressaem de um pano de fundo monótono, simultaneamente em tensão com uma eminência apocalíptica que se vai revelando de forma paulatina.

Deste modo, pudemos definir duas linhas narrativas que, a um certo nível, se opõe uma à outra: por um lado, encontrámos uma progressiva "nacionalização" do Cristianismo, que implicou uma cristianização do império. Esta procura expor-se horizontalmente, isto é, afirmar o império como o verdadeiro sustentáculo e manifestação da vontade de Deus para com o seu povo eleito. Por outro lado, encontrámos uma outra linha, que designámos de "martirológica", e que põe em linha de conta a expectativa e a espera de um futuro iminente, para o qual a prosperidade deste mundo é provisória. Ela manifesta-se verticalmente, na medida que em procura relacionar-se com o mundo que há de vir, e não tanto com a glorificação do reinado presente. Vimos como, desde Contantino I, esta segunda linha foi dando lugar à primeira, atingindo um clímax com a forma de narrar as ações do imperador Heráclio.

Cumpre agora, para concluirmos, ver como a parte final da *Cronografia*, que é aquela que aborda o período do primeiro iconoclasmo, o interregno iconódulo e o recomeço da heresia com Leão V, aglutina todos estes conceitos e procura dar um sentido à crise religiosa por que o império Romano Oriental passou nos séculos VIII e IX.

Regressamos assim ao ano 717 e ao segundo cerco de Constantinopla, narrado no A.M. 6209, onde Leão III chega mesmo a ser designado por "pio"[754], traindo uma fonte que seria favorável ao imperador. A vitória militar romana, no entanto, é atribuída à Mãe de Deus[755]. Além disso, ainda antes do começo oficial do iconoclasmo, já o nascimento de Constantino V o vê como um percursor do AntiCristo[756]. Tratamento este que anda a par com as categorizações escatológicas

[754] Assim, para descrever os inícios do cerco de Constantinopla, diz-se: "O pio [εὐσεβὴς] imperador enviou de imediato os navios ígnios contra elas [as embarcações inimigas], desde o topo da cidade, e, com auxílio divino [τῇ θείᾳ συμμαχίᾳ], fez com que elas sucumbissem ao fogo." FORREST 2015 422-423 considera que este epíteto poderá indicar que a fonte de Teófanes, aqui, era a *Crónica de Justiniano II*. Ver ainda TREADGOLD 2013 12, que considera que se trata de uma passagem de Trajano Patrício.

[755] No mesmo A.M.: "Assim, com a colaboração de Deus, graças à intercessão da totalmente pura Mãe de Deus [τοῦ δε θεοῦ συνεργήσαντος διὰ τῶν πρεσβειῶν τῆς παναχράντου θεοτόκου], os inimigos foram submersos nesse mesmo lugar."

[756] *vide* A.M. 6211, onde Leão III, agora, é designado por ímpio: "Neste ano, nasceu ao ímpio imperador Leão [τῷ δυσσεβεῖ βασιλεῖ Λέοντι] o filho mais ímpio do que ele, Constantino, precursor do Anticristo."

que já encontrámos. Aqui, todavia, o epíteto é dado a um futuro soberano, coisa que nem ocorrera aquando da narração do reinado de Juliano.

Seja como for, no A.M. 6215 narra-se a estória do édito de Iázide II, do feiticeiro judeu e da sua relação com Beser e Leão III[757]. No A.M. 6217, Leão começa a falar contra a veneração dos ícones e, no A.M. 6218, narra-se a erupção vulcânica nas ilhas de Tera e Terásia, que levaram à intensificação da crença do imperador[758]. Enfim, no A.M. 6221 dá-se a deposição do patriarca Germano e a emissão do édito que vai promulgar a nova doutrina.

Com a acessão de Constantino V ao trono (A.M. 6233) e a consequente revolta de Artabado (A.M. 6233-6235), verifica-se, como seria de esperar, a sua caracterização bastante negativa e as denúncias das perseguições que começou. Todavia, é de notar como, apesar de tudo, existe espaço, na *Cronografia*, para a narração das suas vitórias militares (*e.g.* A.M. 6237[759]; 6262; 6264; 6265). O reinado deste monarca, particularmente violento contra os ortodoxos[760], não se faz corresponder por uma exterior humilhação do império terrestre. Isto é, os sucessos do imperador no plano militar são independentes do que ocorre na sua política religiosa. Aqueles não justificam estes, como quiçá os próprios iconoclastas pretenderiam ver.

O período corresponde, deste modo, a um regresso da primitiva condição de oposição entre Império e Igreja, tal como havia ocorrido antes de Constantino I. O carisma martirológico, de resto, sempre havia estado implícito aquando das anteriores controvérsias religiosas, chegando mesmo a eclodir, como no caso dos

[757] *vide* parte 2 2.2.

[758] No mesmo A.M. narra-se também a revolta do *thema* Heládico (*vide* parte 1 1.2).

[759] Ainda que Nicéforo diga que, no A.M. 6247, Constantino tenha retaliado com sucesso um ataque búlgaro, quando, de acordo com Teófanes, os Búlgaros regressaram sem oposição: *vide* MANGO & SCOTT 1997 594, n. 7. KAZHDAN 1999 229-230 procura explicar como Teófanes tentaria amenizar as vitórias militares de Constantino V, ainda que as reconhecesse. Não consideramos, todavia, que exista um esforço consciente para denegrir os sucessos do imperador no campo de batalha em função da sua heresia. Também a tese segundo a qual a *Cronografia* atestaria a ideia da decadência do império romano, causada pelos problemas religiosos (posição de KAZHDAN 1999), não deverá ser colocada, no nosso entender, nesses termos.

[760] Ao longo de todos estes eventos narram-se ainda diversas catástrofes naturais e portentos (A.M. 6232; 6235; 6236; 6238; 6241; 6255; 6258), marcas, como visto, do gradual aproximar do fim dos tempos. As perseguições a cristãos iconódulos por parte de Constantino V são descritas em entradas como as dos A.M. 6253; 6257 (martírio de S. Estêvão); 6259; 6262 e 6263 (ações de Miguel Lacanódraco).

imperadores Arianos, em perseguição (pelo menos assim narrada). Ele atinge particular virulência com o período iconoclasta, assomando-se às perseguições que também são levadas a cabo por parte dos muçulmanos[761].

O fim do primeiro iconoclasmo, porém, não implicou um regresso a uma pátria "sacralizada". Ainda que a ascensão de Irene tenha sido descrita como ocorrendo "de forma paradoxal e divina […] através de uma mulher e de uma criança órfã" (A.M. 6273), e que os acontecimentos que levaram à concretização do Sétimo Concílio Ecuménico (A.M. 6280) circunscrevam a imperatriz no campo dos ortodoxos, é notória a ausência de epítetos qualificativos como os que encontráramos para um Constantino I. A triste desavença entre mãe e filho, ocorrida porque "o Diabo pôs em movimento, por inveja para com a piedade dos imperadores, homens malvados e atirou a mãe contra o filho e o filho contra a mãe" (A.M. 6282) será um ponto nodal nesta caracterização[762].

Os ulteriores desenvolvimentos na relação entre Irene e Constantino VI, assim como o posterior reinado do imperador Nicéforo, as particularidades de cuja descrição já tivemos oportunidade de notar[763], vão ser ensombrados, no que toca à relação entre Império e Igreja, pela Querela Adúltera, que vai opor não só mundo espiritual ao temporal, como também o mundo espiritual a si mesmo, porquanto o patriarca Nicéforo e Teodoro Estudita vão ser adversários. A questão releva bem, no nosso entender, os interstícios e as zonas de atrito que havia, à época, entre as duas esferas. Em causa estava o grau de adesão do imperador à administração de um sacramento e, com isso, o seu grau de adesão aos próprios destinos da Igreja.

Isto é tanto mais sintomático, na nossa leitura, quanto se desenvolve *após* o primeiro iconoclasmo e a sua tendência para submeter a Igreja à tutela do monarca. É marca de como o espírito "estatal" associado àquela heresia não desaparece com o seu término oficial: e, inversamente, a primazia do monarca sobre assuntos eclesiásticos deixava suspenso um possível (e efetivo) regresso da

[761] As perseguições a cristãos feitas por muçulmanos são narradas, *e.g.* nos A.M. 6232; 6234; 6236 (relativo a acontecimentos anteriores); 6243.
[762] Também as derrotas militares de Irene (*e.g.* A.M. 6281; 6286; 6291) vão enfraquecer a credibilidade do seu reinado, ainda que, como visto, disso não dependesse a ortodoxia da doutrina oficial.
[763] *vide* parte 3 2.1.

iconomaquia. Daí que não haja uma resolução simples para o problema bizantino do monarca cristão: ele poderá sempre, em potência, reatulizar o papel do perseguidor. Teófanes, ou a fonte que ele copiou, vai optar por seguir a posição do patriarca Nicéforo, talvez dada a eminência de um ataque búlgaro[764]. Mas a *Cronografia*, na sua macro-escala, nunca chega a fazer uma apologia de um monarca mosaico[765].

Perante tudo o que foi dito, concluimos, assim, que a *Cronografia* de Teófanes:

a) atesta, no plano histórico, como o iconoclasmo se constituiu como uma ferramenta para a apropriação pelo monarca da esfera eclesiástica; o nosso cronógrafo, a esse nível, limita-se a dar voz a toda uma série de autores que compreenderam e viveram o fenómeno enquanto tal. Ainda que a narração das perseguições obedeça a processos literários hagiográficos, isso nada retira à legitimidade histórica dos mesmos.

b) deixa implícito que o monarca bizantino corria o risco de se tornar cesaro-papista, isto é, de se transformar num sacerdote monárquico que poderia, em última análise, administrar sacramentos; isto não significa, porém, que o monarca do Império Oriental fosse *de facto* tido como divino, sendo que, inversamente, a profunda reação ortodoxa, associada a toda uma panóplia de fatores civilizacionais e institucionais, agia contra essa tendência, não hesitando em combatê-la até às últimas consequências. O iconoclasmo, enquanto tal, é simultaneamente uma causa e um produto dessa tendência centralizadora.

c) As perseguições são vistas sempre perante dois fundos, um martirológico, um outro "nacionalizador". Ao contrário do que acontecera para a

[764] *vide* A.M. 6305.

[765] Referimo-nos à oposição que desenvolvemos entre a figura mosaica do imperador romano e uma figura que designámos por "eusebiana" (*vide* parte 2 3.3 e 4.3; parte 3 3.7). Além disso, para estas últimas partes da *Cronografia*, há a possibilidade de Teófanes ter recorrido a duas fontes, uma oriental, de tradição siríaca, que estivesse mais interessada na memória martirológica, e uma outra mais propriamente bizantina, quiçá de Trajano Patrício, para quem as vitórias ou derrotas do império poderiam ser um sintoma da ortodoxia do imperador reinante (*vide* parte 3, 3.7). O resultado final poderá ser uma mistura destas duas visões. Também HUXLEY 1980 189 fala da duplicidade das fontes, pro e anti Leão III, usadas por Teófanes para o cerco de Constantinopla.

narração de outras épocas, o período iconómaco traz de novo à colação um César perseguidor, ao mesmo tempo que vê um estrangeiro (o Islão) como perseguidor da pátria cristã. Tal constrói-se contra uma ansiedade escatológica, que no entanto não cede a milenarismos nem a crenças de uma Segunda Vinda Próxima. Muito pelo contrário, se a *Cronografia* se construísse nesse sentido poderia dar azo a leituras que colocariam o imperador romano, "sacralizado", no centro da narrativa, coisa que seria muito mais afim, como procurámos salientar, a uma mundividência iconoclasta do que ortodoxa. Com esta obra, assim, atestamos a gradual revelação da História da Igreja, que subentende um fim, mas que não está ansiosa por o encontrar. O Império Romano, vivendo de permeio nesta espera, constitui-se, em simultâneo, tanto como um signo de proteção, como de perseguição. Um signo, diríamos, que faz parte do próprio paradoxo da espera.

Gostaríamos de salientar, por fim, que a nossa análise da obra de Teófanes, focada como está nas relações entre Império e Igreja, não esgota todas as possibilidades de leitura, sendo que, como não poderia deixar de ser, existem diversas dimensões por explorar.

Bibliografia

Índice das Abreviações:
Acta Sanctorum: AS
Bibliotheca Hagiographica Graeca: BHG
Corpus Christianorum Series Latina: CCSL
Corpus Fontium Historiae Byzantinae: CFHB
Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium: CSCO
Corpus Scriptorum Historiae Byzantinae: CSHB
Monumenta Germaniae Historica: MGH
Patrologia Graeca: PG
Patrologia Latina: PL

Bibliografia primária:

Os nomes próprios dos autores foram vertidos, na medida do possível, para uma forma portuguesa, a fim de facilitar a sua consulta. Para obras anónimas ou de autor incerto, optámos pela referência direta ao título. Para maior comodidade de consulta, as obras de título grego são apresentadas na sua versão latina, exceto quando a sua especificidade exija o contrário.

ADRIANO, *Epistola ad Carolum adversus capitulare* in *Epistolae selectae pontificum Romanorum Carolo Magno et Ludowico pio regnantibus scriptae* MGH Epistolae 5 5-57.

ADRIANO, *Epistola ad Tarasium ab Anastasio Bibliothecario versa* in MANSI, J. D. (1766) *Sacrorum Conciliorum nova et amplissima collectio* 12 Florença: Expensis Antonii Zatta Veneti 1073-1076.

Adversus Constantinum Caballinum a BHG 1387e.

Adversus Constantinum Caballinum b BHG 1387f.

AGÁPIO DE HIERÁPOLIS, *Historia universal* Patrologia Orientalis 5 4; 7 4; 8 3; 11 1. [duas partes em quatro fascículos]

AGOSTINHO, *De civitate Dei* CCSL 47-48.

ALCUÍNO, *Epistolae* PL 100 135-514.

ALEXANDRE MONGE, *De venerandae Crucis inventione* PG 87 III 4015-4088.

ANASTÁCIO BIBLIOTECÁRIO, *Historia tripartita* PG 108 1187-1428.

ANASTÁCIO BIBLIOTECÁRIO, *Historia Tripartita*, in DE BOOR (1883) *Theophanis Chronographia* II Leipzig: Bibliotheca Teubneriana.

ANASTÁSIO SINAÍTA, *Sermo III in ´Secundum imaginem´* PG 1143-1150.

Annales Laurissenses, MGH Scriptores 1 112-218.

Anonymi auctoris chronicon ad annum 1234 pertinens CSCO Scriptores Syri 1.

ARISTÓTELES, *Cathegoriae* in BEKKERI, I. (1960) *Aristotelis opera* Berlim: Academia Regia Borussica 1-15.

ATANÁSIO DE ALEXANDRIA, *Epistola ad Rufinianum* PG 26 1179-1182.

ATANÁSIO DE ALEXANDRIA, *Vita Sancti Antonii* PG 26 823-976.

BARNABÉ, *Epistola catholica* PG 2 727-782.

BASÍLIO MAGNO, *Liber de Spiritu Sancto* PG 32 67-218.

BUKHARI, *The Hadith* Global Grey ebooks.

Chronicon ad annum 724 CSCO Scriptores Syri 3 4.

Chronicon Paschale CSHB 11-12.

CIRILO DE ALEXANDRIA, *In Ioannis Evangelium* PG 73-74.

Concilium Parisiense, MGH *Concilia aevi karolini* 2 473-551.

Concilium Trullanum, in MANSI, J. D. (1765) *Sacrorum Conciliorum nova et amplissima collectio* 11 Florença: Expensis Antonii Zatta Veneti 922-1006.

Concilium Universale Nicaenum Secundum in REIDINGER, R. & LAMBERZ, E. (1984-2013 [in fieri]) *Acta Conciliorum Oecumenicorum: Series secunda* Berlim: De Gruyter, 2 vol.

CONSTANTINO DE TIOS, *De reliquiis Euphemiae*, in HALKIN, F. (1956) *Euphémie de Chalcedoine* Subsidia Hagiographica Graeca 41 84-106.

CONSTANTINO V, *Fragmenta* in OSTROGORSKY, G. (1929) *Studien zur Geschichte des Byzantinischen Bilderstreites* Breslávia: M. and H. Marcus 8-11.

CONSTANTINO VII, *De caerimoniis aulae byzantinae* CSHB 16-17.

Daniel καὶ ἔσται, in SCHMOLDT, H. (1972) *Die Schrift ´Vom jungen Daniel´ und ´Daniels letzte Vision´. Herausgabe und Interpretation zweier apokalyptischer Texte* Tese de Doutoramento Hamburgo: 202-218.

Décima quarta Visão de Daniel, in BECKER, C. H. (1916) *Nachrichten von der Königlichen Gesellschaft der Wissenschaften zu Göttingen. Philologisch-historische Klasse* Göttingen: 7-57.

De sanctis martyribus constantinopolitanis AS Augusto 2 428-447.

DIÁCONO ESTÊVÃO, *Vita Sancti Stephani Junioris, monachi et martyris* PG 100 1067-1186.

Écloga, *in* BURGMAN, L. (1983) *Ecloga. Das Gesetzbuch Leons III. und Konstantinos´ V.* Frankfurt: Forschungen zur byzantinischen Rechtsgeschichte 10.

Eisagogê in ZEPOS, I. D. (1931) *Jus Graecoromanum* 8 vol.

ESTÊVÃO DE TARON, *História Universal*, in GREENWOOD, T. (2017) *The Universal History of Step'anos Tarōnec'i* Oxford University Press.

Euchologion Barberini, *in* PARENTI, S. & VELKOVSKA, E. (1995) *L´Eucologio Barberini gr. 336* Roma: Bibliotheca Ephemerides Liturgicae subsidia 80.

EUSÉBIO DE CESAREIA, *Chronicorum libri duo* PG 19 99-742.

EUSÉBIO DE CESAREIA, *Commentaria in Psalmos* PG 23 11-1396.

EUSÉBIO DE CESAREIA, *Epistolae* PG 20 1535-1550.

EUSÉBIO DE CESAREIA, *Historia ecclesiastica* PG 20 9-906.

EUSÉBIO DE CESAREIA, *Praeparatio evangelica* PG 21 21-1408.

EUSÉBIO DE CESAREIA, *Vita Constantini* PG 20 906-1232.

EUTRÓPIO, *Breviarium*, in SANTINI, C. (1992) *Eutropii Breviarium ab Vrbe condita*. Estugarda e Leipzig: Bibliotheca Teubneriana.

EVRÁGIO DO PONTO, *Sententiae ad fratres* PG 40 1277-1286.

FLÁVIO JOSEFO, *Antiquitates Iudaicae* in DINDORF, G. (1929) *Flavii Josephi opera omnia* Paris: Firmin-Didot.

Fragmenta decreti Concilii Iconomachi sub Leone V Armeno, in ALEXANDER, P. J. (1953), «The Iconoclastic Council of St. Sophia (815) and Its Definition (Horos)» *Dumbarton Oaks Papers* 7 58-66.

GELÁSIO DE CESAREIA, *Historia Ecclesiastica*, in HANSEN, G. C. (1971) *Theodoros Anagnostes Kirchengeschichte* Berlim: Akademie Verlag 158-159.

GERMANO, *De synodis et haeresibus* PG 98 39-88.

Gesta episcoporum Neapolitanorum, MGH *Scriptores rerum Langobardicarum et Italicarum saec. VI-IX* 328-466.

GRANDE CRONÓGRAFO, *Fragmenta* in WHITBY, L. M. (1982-1983), «The Great Chronographer and Theophanes» *Byzantine and Modern Greek Studies* 8 17-20.

GREGÓRIO DE NAZIANZO, *Orationes* PG 35 I.

GREGÓRIO DE NAZIANZO, *Orationes* PG 36 II.

GREGÓRIO II *Epistolae et canones* PL 89 495-534.

GREGÓRIO MAGNO, *Registrum epistolarum* CCSL 140.

Guidi Vita Constantini BHG 364.

INÁCIO DIÁCONO, *Vita Tarasii, in* EFTHYMIADIS, S. (1998), *The Life of the Patriarch Tarasios by Ignatios the Deacon* Aldershot: Birmingham Byzantine and Ottoman Monographs 4.

JOÃO CRISÓSTOMO, *Homiliae XXXIV in Epistolam ad Hebraeos* PG 63 9-236.

JOÃO DAMASCENO, *Adversus imperatorem Constantinum Cabalinum* PG 95 310-344.

JOÃO DAMASCENO, *De haeresibus liber* PG 94 677-780.

JOÃO DAMASCENO, *Dialectica* PG 94 517-678.

JOÃO DAMASCENO, *Epistola ad Theophilum imperatorem* PG 95 345-386.

JOÃO DAMASCENO, *Pro sacris imaginibus orationes tres* PG 94 1227-1420.

JOÃO DE ANTIOQUIA, *Fragmenta quae supersunt omnia*, in MARIEV S. (2008) Berlim: CFHB.

JOÃO DE ANTIOQUIA, *Fragmenta*, in ROBERTO, U. (2005), *Ioannis Antiocheni Fragmenta ex Historia Chronica* Berlim: Texte und Untersuchungen zur Geschichte der Altchristlichen Literatur 154.

JOÃO MALALAS, *Chronographia*, in THURN, H. (2000) Berlim: CFHB.

JORGE CEDRENO, *Compendium Historiarum* PG 121-122 23-1166 9-368.

JORGE CODINO, *De signis Constantinopolis* PG 157 475-544.

JORGE MONGE, *Chronicon* in DE BOOR, C. (1904) *Georgii Monachi Chronicon* Leipzig: Bibliotheca Teubneriana.

JORGE PISÍDIO, *Expeditio Persica* PG 92 1197-1260.

JORGE PISÍDIO, *Fragmenta* PG 92 1731-1754.

JORGE PISÍDIO, *Heraclias* PG 92 1298-1334.

JORGE SINCELO, *Chronographiae ab Adamo usque ad Diocletianum* CSHB 22.

JÚLIO AFRICANO, *Fragmenta Chronographiae* PG 10 63-94.

LEÃO III *Epistola ad Omarum Saracenorum regem* PG 107 315-324.

Liber pontificalis, in DUCHESNE, L. (1886), *Le Liber Pontificalis, Texte, introduction et commentaire* Paris: Bibliothèque des Écoles Françaises d´Athènes et de Rome II 3 (2 vol).

Libri Carolini sive Caroli Magni capitulare de imaginibus MGH Leges 3.

LIUTPRANDO DE CREMONA, *Relatio de Legatione Constantinopolitana,* in CHIESAM P. (1998) *Liudprandi Cremonensis Opera Omnia* Turnhout: Corpus Christianorum Continuatio Medievalis 185-218.

MÁXIMO CONFESSOR, *Computus ecclesiasticus* PG 19 1217-1280.

METÓDIO, *Vita Sancti Theophanis Confessoris* in LATYSEV, B. (1918) *Mémoires de l´Académie des Sciences de Russie* 8 São Petersburgo: 1-40.

MIGUEL O SIRO, *Crónica* in CHABOT. J.-B. (1963) *Chronique de Michel le Syrien, patriarche jacobite d'Antioche, 1166-1199* Paris: E. Leroux.

NAIM IBN HAMMAD, *Kitāb al-fitan* in MANSUR, M. (1997) *Kitāb al-fitan* Beirute: Dār al-Kutub al-ʿIlmīya.

NICÉFORO, *Antirrhetici tres adversus Constantinum Copronymum* PG 100 205-534.

NICÉFORO, *Breviarium Historicum* PG 100 863-994.

NICÉFORO, *Chronographia Brevis* PG 100 995-1060.

Nomos Georgikos, in ASHBURNER, W. (1910) *Journal of Hellenic Studies* 30 85-108.

Nouthesia gerontos, in MELIORANSKIY, B.M. (1901) *Georgiy Kipryanin i Ioann Ierusalimlyanin. Dva maloizvestnykh borca za pravoslavie v. VIII veke* São Petersburgo: *Zapiski istorikofilologičeskago fakulteta imperatorskago S. Peterburgskago Universiteta* 59 V-XXXIX.

PAULO ORÓSIO, *Historiarum libri septem* PL 31 665-1174.

PROCÓPIO DE CESAREIA, *Anecdota* Loeb Classical Library 290.

PROCÓPIO DE CESAREIA, *Bella* in DEWING, H. B. (1954) *History of the Wars* Loeb Classical Library (7 vol).

PSEUDO-METÓDIO, *Apocalypsis* CSCO Scriptores Syri 540/SS 220.

PSEUDO-SIMIÃO, *Annales* 45 603-760.

Sancta Synodus Nicaena Secunda a in MANSI, J. D. (1766) *Sacrorum Conciliorum nova et amplissima collectio* 12 Florença: Expensis Antonii Zatta Veneti 951-1154.

Sancta Synodus Nicaena Secunda b, in MANSI, J. D. (1767) *Sacrorum Conciliorum nova et amplissima collectio* 13 Florença: Expensis Antonii Zatta Veneti 1-820.

Scriptor Incertus de Leone Armeno PG 108 1009-1037.

Sibylla Tiburtina, in ALEXANDER, P. J. (1967) *The Oracle of Baalbek The Tiburtine Sibyl in Greek Dress* Washington D.C.: Dumbarton Oaks Studies 10.

SOZÓMENO, *Historia Ecclesiastica*, PG 67 843-1630.

Suda in ADLER, A. (1928-1938) *Suidae Lexicon* Leipzig: Bibliotheca Teubneriana, 5 vol.

Taktikon Uspenskij, in OIKONOMIDÈS, N. (1972) *Les listes de préséance byzantines des IXe et Xe siècles* Paris: Editions du Centre National de la Recherche Scientifiques 47-63.

TEODORETO DE CIRRO, *Explanatio in Danielem* PG 81 1255-1546.

TEODORETO DE CIRRO, *Historia ecclesiastica* PG 82 3 879-1282.

TEODORO ESTUDITA, *Antirrhetici tres adversus Iconomachos* PG 99 327-436.

TEODORO ESTUDITA, *Epistolae* PG 99 903-1680.

TEODORO ESTUDITA, *Refutatio et subversio impiorum poematum* PG 99 435-478.

TEODORO LEITOR, *Historia Tripartita* & *Historia Ecclesiastica*, in HANSEN, G. C. (1971) *Theodoros Anagnostes Kirchengeschichte* Berlim: Akademie Verlag.

TEÓFANES CONFESSOR a, *Chronographia* CSHB 43.

TEÓFANES CONFESSOR b, *Chronographia* PG 108 55-1010.

TEÓFANES CONFESSOR c, *Chronographia*, in DE BOOR (1883) *Theophanis Chronographia* I Leipzig: Bibliotheca Teubneriana.

TEOFILACTO SIMÓCATA, *Historiae* CSHB 46.

TEOSTERICO, *Vita Nicetae Medicii* AS Abril I 253-265.

The Life of Saint Pachomius and his disciples VEILLEX, A. (trad.) Cistercian Studies Series 45.

Theophanes Continuatus CSHB 45.

Theophanis Vita CSHB 43 XIII-XLII.

Vita Leonis Armeni PG 108 1010-1038.

Vita Maximi Confessoris PG 90 68-110.

Manuscritos:

Oxon. Christ Church Wake 5 Christ Church, Oxford University
Paris. gr. 1710 Bibliothèque nationale de France. Département des manuscrits
Vat. gr. 155 Biblioteca Apostolica Vaticana
Vat. greg. 2210 Biblioteca Apostolica Vaticana

Bibliografia secundária:

ADLER, W. & TUFFIN, P. (2002), «Introduction» in SYNCELLOS, G. *The Chronography of George Synkellos, A Byzantine Chronicle of Universal History from the Creation*, ADLER, W. & TUFFIN, P. (trad.) Oxford University Press XIX-LXXXVIII.

ADLER, W. (2006), «Eusebius' Critique of Africanus» in WALLRAFF, M. *Julius Africanus und die christliche Weltchronistik* Berlim, Nova York: Walter de Gruyter 147-157.

AHRWEILER, H. (1962), «L´Asie Mineure et les invasions arabes (VIIe-IXe siècles)» *Revue Historique* 227 1 1-32.

AHRWEILER, H. (1977), «The Geography of the Iconoclast World» in BRYER, A. & HERRIN, J. *Iconoclasm. Papers given at the Ninth Spring Symposium of Byzantine Studies* Birmingham: Center for Byzantine Studies 21-27.

ALEXANDER, P. J. (1940), «Secular Biography at Byzantium» *Speculum* 15 2 194-209.

ALEXANDER, P. J. (1952), «Hypatius of Ephesus: A Note on Image Worship in the Sixth Century» *The Harvard Theological Review* 45 3 177-184.

ALEXANDER, P. J. (1953), «The Iconoclastic Council of St. Sophia (815) and Its Definition (Horos)» *Dumbarton Oaks Papers* 7 37-66.

ALEXANDER, P. J. (1977), «Religious Persecution and Resistance in the Byzantine Empire of the Eighth and Ninth Centuries: Methods and Justifications» *Speculum* 52 2 238-264.

ALEXANDER, P. J. (1985) *The Byzantine Apocalyptic Tradition*. University of California Press, Berkeley and Los Angeles.

AL-QADI, W. (1988), «The Term "Khalīfa" in Early Exegetical Literature» *Die Welt des Islams* 1/4 392-411.

ANAGNOSTOPOLOS, T. (2013), «Aristotle and Byzantine Iconoclasm» Greek, Roman, and Byzantine Studies 53 763–790.

ANASTOS, M. (1954a), «Political Theory in the Lives of the Slavic Saints Constantine and Methodius» *Harvard Slavic Studies* 2 11-38.

ANASTOS, M. (1954b), «The Ethical Theory of Images Formulated by the Iconoclasts in 754 and 815» *Dumbarton Oaks Papers* 8 151-160.

ANASTOS, M. (1955), «The Argument for Iconoclasm as Presented by the Iconoclastic Council of 754» in WEITZMANN, K. (*ed.*) *Late Classical and Medieval Studies in Honor of Albert Mathias Friend, Jr.* Princeton University Press 177-188.

ANASTOS, M. (1957), «The Transfer of Illyricum, Calabria and Sicily to the Jurisdiction of the Patriarchate of Constantinople in 732-33» *Studi Bizantini e Neoellenici* 9 14-31.

ANASTOS, M. (1964), «Justinian´s despotic control over the Church as illustrated by his edicts on the Theopaschite formula and his letter to Pope John II in 533» *Zbornik Radova Vizantološkog Instituta* 8 1-11.

ANASTOS, M. (1968), «Leo III´s Edict against the Images in the Year 726-27 and Italo-Byzantine Relations between 726 and 730» *Byzantinische Forschungen* 3 5-41.

ANASTOS, M. (1975), «Vox populi voluntas Dei and the Election of the Byzantine Emperor» in NEUSNER J. (*ed.*), *Christianity, Judaism and Other Greco-Roman Cults: Studies for Morton Smith at Sixty* 2 Leiden, 181-207.

AUZÉPY, M. F. (2007), *L´histoire des iconoclastes* Association des Amis du Centre d´Histoire et Civilisation de Byzance, Paris.

BARANOV, V. (2001), «Origen and the Iconoclastic Controversy» in PERRONE, L. *Bibliotheca Ephemeridum Theologicarum Lovaniensium* 164 vol. 2 1043-1052.

BARANOV, V. (2006), «The Theological Background of Iconoclastic Church Programmes» *Studia Patristica* 40 165-175.

BARANOV, V. (2006), «The *Vita Tarasii* as a Source for Reconstruction of the Iconoclast Theology» *Scrinium* 2 89-97.

BARANOV, V. (2007), «The Second Commandment and ´True Worship´ in the Iconoclastic Controversy» *Congress Volume Ljubljana* 133 541-554.

BARANOV, V. (2010), «The Doctrine of the Icon-Eucharist for the Byzantine Iconoclasts» *Studia Patristica* 44 41-46.

BARANOV, V. (2011), «´Condensing and shaping the Flesh´ The Incarnation and the Instrumental Function of the Soul of Christ in the Iconoclastic Christology» *Bibliotheca Ephemeridum Theologicarum Lovaniensium* 244 919-932.

BARANOV, V. (2013), «Eucharistic exegesis as a key to diverging spiritualities: From Egypt to constantinople» *Scrinium: Revue de patrologie, d'hagiographie critique et d'histoire ecclésiastique* 9 1 26-69.

BARNARD, L. (1977), «The Paulicians and Iconoclasm» in BRYER, A. & HERRIN, J. *Iconoclasm. Papers given at the Ninth Spring Symposium of Byzantine Studies* Birmingham: Center for Byzantine Studies 75-84.

BARNARD, L. (1977), «The Theology of Images» in BRYER, A. & HERRIN, J. *Iconoclasm. Papers given at the Ninth Spring Symposium of Byzantine Studies* Birmingham: Center for Byzantine Studies 7-13.

BASHEAR, S. (1991), «Apocalyptic and Other Materials on Early Muslim-Byzantine Wars: a Review of Arabic Sources» *Journal of the Royal Asiatic Society* 1 2 173-207.

BAYNES, N. H. (1949) «The Supernaturals Defenders of Constantinople» *Analecta Bollandiana* 67 1 165-177.

BEAUCAMP, M. J. (1977), «La situation juridique de la femme à Byzance» *Cahiers de civilisation médiévale* 78-79 145-176.

BELTING, H. (1980/1981) «An Image and Its Function in the Liturgy: The Man of Sorrows in Byzantium» *Dumbarton Oaks Papers* 34/35 1-16.

BINGGELI, A. (2018), «La réception de l'hagiographie palestinienne à Byzance après les conquêtes arabes» *Studies in Byzantine History and Civilization* 13 265-283.

BONURA, C. (2016), «When did the Legend of the Last Emperor originate? A New Look at the Textual Relationship between the *Apocalypse of Pseudo-Methodius* and the *Tiburtine Sibyl*» *Viator* 47 3 47-100.

BROCK, S. (1977), «Iconoclasm and the Monophysites» in BRYER, A. & HERRIN, J. *Iconoclasm. Papers given at the Ninth Spring Symposium of Byzantine Studies* Birmingham: Center for Byzantine Studies 53-57.

BROCK, S. P. (1976), «Syriac Sources for Seventh-Century History» *Byzantine and Modern Greek Studies* 2 17-36.

BROWN, P. (1971), «The Rise and Function of the Holy Man in Late Antiquity», *The Journal of Roman Studies* 61 80-101.

BROWN, P. (1973), «A Dark-Age crisis: aspects of Iconoclastic controversy» *English Historical Review* 346 1-34.

BROWN, T. S. (2008), «Byzantine Italy, *c.* 680- *c.*876» in MCKITTERICK, R. (*ed.*) *The New Cambridge Medieval Edition Volume II c./700 – c.900,* Cambridge University Press 320-348.

BRUBAKER, L. & HALDON, J. (2011) *Byzantium in the Iconoclast Era c. 680-850*, Cambridge University Press.

CALOFONOS, G. T. (2010), «Dream narratives in historical writing. Making sense of history in Theophanes' *Chronographia*» in MACRIDES, R. *History as Literature in Byzantium* Farnham: Routledge 133-144.

CAMERON, A. (1983), «The History of the Image of Edessa: The Telling of a Story» *Harvard Ukrainian Studies* 7 80-94.

CAMERON, A. (1992), «The Language of Images: The rise of icons and Christian representation» *Studies in Church History* 28 1-42.

CAMERON, A. (2014), *Byzantine Matters*, Princeton University Press.

CARDOSO, I. M. L. C. A. (2013) *Encarnação e Imagem. Uma abordagem histórico-teológica a partir dos três discursos de São João Damasceno em defesa das Imagens Sagradas*, Tese de Doutoramento, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

CODOÑER, J. S. (2015), «Theophanes at the time of Leo VI» in JANKOWIAK, M. & MONTINARO, F. *Studies in Theophanes* Paris: Association des Amis du Centre d´Histoire et Civilisation de Byzance 159-176.

CODOÑER, J. S. (2016), «Dates or Narrative? Looking for Structures in Middle Byzantine Historiography (9th to 11th Century)» *Bibliotheca Byzantina* 4 227-255.

CONSENTINO, S. (2015), «La perception du domaine économique dans la Chronographie de Théophane» in JANKOWIAK, M. & MONTINARO, F. Studies in Theophanes Paris: Association des Amis du Centre d´Histoire et Civilisation de Byzance 327-352.

CORMACK, R. (1977), «Painting After Iconoclasm» in BRYER, A. & HERRIN, J. *Iconoclasm. Papers given at the Ninth Spring Symposium of Byzantine Studies* Birmingham: Center for Byzantine Studies 147-163.

CORMACK, R. (1977), «The Arts During the Age of Iconoclasm» in BRYER, A. & HERRIN, J. *Iconoclasm. Papers given at the Ninth Spring Symposium of Byzantine Studies* Birmingham: Center for Byzantine Studies 35-44.

CRANZ, E. (1952), «Kingdom and Polity in Eusebius of Caesarea» *The Harvard Theological Review* 45 1 47-66.

CRESWELL, K. A. C. (1946), «The Lawfulness of Painting in Early Islam» *Ars Islamica* 11/12 159-166.

CROKE, B. (1982), «The Originality of Eusebius' Chronicle» *The American Journal of Philology* 103 2 195-200.

CRONE, P. (1980), «Islam, Judeo-Christianity and Byzantine Iconoclasm» *Jerusalem Studies in Arabic and Islam* 2 59-95.

CUTLER, A. (1977), «The Byzantine Psalter: Before and After Iconoclasm» in BRYER, A. & HERRIN, J. *Iconoclasm. Papers given at the Ninth Spring Symposium of Byzantine Studies* Birmingham: Center for Byzantine Studies 93-102.

DAGRON, G. (2003), *Emperor and Priest, The Imperial Office in Byzantium*. Cambridge University Press.

DARROUZÈS, J. (1975), «Listes épiscopales du Concile de Nicée (787)» *Revue des Études Byzantines* 33 5-76.

DE BOOR, C. (1883), «Praefatio» in DE BOOR, C. (*ed.*) *Theophanis Chronographia* 1 Leipzig: Bibliotheca Teubneriana.

DEBIÉ, M. (2015), «Theophanes' "Oriental Source": What can we learn from Syriac Historiography?» in JANKOWIAK, M. & MONTINARO, F. *Studies in Theophanes* Paris: Association des Amis du Centre d´Histoire et Civilisation de Byzance 365-382.

DELOGU, P. (2008), «Lombard and Carolingian Italy» in MCKITTERICK, R. (*ed.*) *The New Cambridge Medieval Edition Volume II c./700 – c.900,* Cambridge University Press 290-319.

DER NERSESSIAN, S. (1944-1945), «Une apologie des images du septième siècle» *Byzantion* 17 58-87.

DER NERSESSIAN, S. (1973), *Os Arménios.* Lisboa: Editorial Verbo.

DUNBAR, D. (1983), «The Delay of the Parousia in Hippolytus» *Vigiliae Christianae* 37 4 313-327.

DVORNIK, F. (1953), «The Patriarch Photius and Iconoclasm» *Dumbarton Oaks Papers* 7 69-97.

EFTHYMIADIS, S. (1993), «Le panégyrique de S Théophane le confesseur par S Théodore Stoudite (BHG 1792b)" *Analecta Bollandiana* 111 259-90.

ELSNER, J. (1988), «Image and Iconoclasm in Byzantium» *Art History* 11 4 471-491.

EPSTEIN, A. W. (1977), «The ´Iconoclast´ Churches of Cappadocia» in BRYER, A. & HERRIN, J. *Iconoclasm. Papers given at the Ninth Spring Symposium of Byzantine Studies* Birmingham: Center for Byzantine Studies 103-111.

FLORENSKY, P. (2018) *El iconostasio, Una teoria de la Estetica* KUZNETSOVA, N. T. (trad.) Salamanca: Ediciones Sígueme.

FLOROVSKY, G. (1950), «Origen, Eusebius, and the Iconoclastic Controversy» *Church History* 19 2 77-96.

FORREST, S. (2015), «Theophanes´ Byzantine Source for the Late Seventh and Early Eighth Centuries *c.* AD 668-716» in JANKOWIAK, M. & MONTINARO, F. *Studies in Theophanes* Paris: Association des Amis du Centre d´Histoire et Civilisation de Byzance 417-444.

FREEDBERG, D. (1977), «The Structure of Byzantine and European Iconoclasm» in BRYER, A. & HERRIN, J. *Iconoclasm. Papers given at the Ninth Spring Symposium of Byzantine Studies* Birmingham: Center for Byzantine Studies 165-177.

FREEMAN, A. (1985), «Carolingian Orthodoxy and the Fate of the *Libri Carolini*» *Viator* 16 65-108.

GANZ, D. (2008), «Theology and the Organisation of Thought» in MCKITTERICK, R. (*ed.*) *The New Cambridge Medieval Edition Volume II c./700 – c.900,* Cambridge University Press 758-785.

GERO, S. (1973), *Byzantine iconoclasm during the reign of Leo III with particular attention to the oriental sources* Lovaina: Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium.

GERO, S. (1975) «The Eucharistic doctrine of the Byzantine Iconoclasts and its sources» *Byzantinische Zeitschrift* 4-22.

GERO, S. (1976), «The Resurgence of Byzantine Iconoclasm in the Ninth Century, according to a Syriac Source» *Speculum* 51 1-5.

GERO, S. (1977), «Byzantine Iconoclasm and Monachomachy» *The Journal of Ecclesiastical History* 28 3 241-248.

GERO, S. (1981), «The true image of Christ: Eusebius´ letter to Constantia reconsidered» *Journal of Theological Studies* 32 460-470.

GHOR, L. C. B. (2015), *Os* libri Carolini: *um estudo das relações entre Bizâncio, Roma e reino Franco a partir dos debates sobre as imagens*, Tese de Doutoramento, São Paulo: Universidade de São Paulo.

GIBB, H. A. R. (1958), «Arab-Byzantine relations under the Umayyad Caliphate» Dumbarton Oaks Papers 12 220-233.

GIBBON, E. (1952), *Decline and Fall of the Roman Empire*, William Benton (2 vol.).

GONÇALVES, G. *et alii* (2016), «*Témata* e *Tágmata*: Recuperar uma força perdida)» in MONTEIRO, J. G. *et alii O Sangue de Bizâncio. Ascensão e Queda do Império Romano do Oriente* Imprensa da Universidade de Coimbra 205-232.

GRABAR, A. (1998), *L´iconoclasm byzantin*. *Dossier archéologique*. Champs Flammarion.

GRABAR, O. (1959), «The Umayyad Dome of the Rock in Jerusalem» *Ars Orientalis* 3 33-62.

GRABAR, O. (1977), «Islam and Iconoclasm» in BRYER, A. & HERRIN, J. *Iconoclasm. Papers given at the Ninth Spring Symposium of Byzantine Studies* Birmingham: Center for Byzantine Studies 45-52.

GRIFFITH, S.H. (1985), «Theodore Abu Qurrah´s Arabic Tract on the Christian Practise of Venerating Images» *Journal of the American Oriental Society* 105 1 53-73.

GRIFFITH, S.H. (1988), «Jews and Muslims in Christian Syriac and Arabic Texts of the Ninth Century» *Jewish History* 3 1 65-94.

GRUMEL, V. (1958), *La chronologie*, Traité d´études byzantines I. Paris: Presses Universitaries de France.

GRUNEBAUM, G. E. (1962), «Byzantine Iconoclasm and the Influence of the Islamic Environment» *History of Religions* 2 1 1-10.

GUTAS, D. (1998), *Greek Thought, Arabic Culture: The Graeco-Arabic Translation Movement in Baghdad and Early ´Abbasid Society (2nd-4th/8th-10th centuries*), Londres e Nova Iorque: Routledge.

GWYNN, D. M. (2007), «From Iconoclasm to Arianism: The Construction of Christian Tradition in the Iconoclast Controversy» *Greek, Roman, and Byzantine Studies* 47 225-251.

HALDON, J. F. (1986), «Ideology and Social Chane in the Seventh Century: Military Discontent as a Barometer» *Klio* 68 139-190.

HENRY, P. (1969), «The Moechian Controversy and the Constantinopolitan Synod of January A.D. 809» *Journal of Theological Studies* 20 2 495-522.

HENRY, P. (1976), «What was the Iconoclast Controversy about?» *Church History* 45 1 16-31.

HERREN, M. W. (2017), «The Revelationes of Pseudo-Methodius in the Eighth Century» *Instrumenta Patristica et Mediaeualia* 72 409-418.

HERRIN, J. (1977), «The Context of Iconoclast Reform» in BRYER, A. & HERRIN, J. *Iconoclasm. Papers given at the Ninth Spring Symposium of Byzantine Studies* Birmingham: Center for Byzantine Studies 15-20.

HILKENS, A. (2015), «Before the eastern Source: Theophanes and the late Syriac Orthodox chronicles, 4th-6th centuries» in JANKOWIAK, M. & MONTINARO, F. Studies in Theophanes Paris: Association des Amis du Centre d´Histoire et Civilisation de Byzance 401-413.

HOYLAND, R. G. (2015), «Agapius, Theophilus and Muslim sources» in JANKOWIAK, M. & MONTINARO, F. Studies in Theophanes Paris: Association des Amis du Centre d´Histoire et Civilisation de Byzance 355-364.

HUNGER, H. (1969/1970), «On the Imitation (ΜΙΜΗΣΙΣ) of Antiquity in Byzantine Literature» *Dumbarton Oaks Papers* 23/24 15-38.

HUXLEY, G. (1977), «On the *Vita* of Stephen the Younger» *Greek, Roman and Byzantine Studies* 18 97-108.

HUXLEY, G. (1980), «Hagiography and the First Byzantine Iconoclasm» *Proceedings of the Royal Irish Academy. Section C: Archaeology, Celtic Studies, History, Linguistics, Literature* 80 187-196.

HUXLEY, G. (1981), «On the Erudition of George the Synkellos» *Proceedings of the Royal Irish Academy. Section C: Archaeology, Celtic Studies, History, Linguistics, Literature* 81 207-217.

JANKOWIAK, M. (2013), «The First Arab Siege of Constantinople» in ZUCKERMAN, C. (ed.) *Travaux et Mémoires 17; Constructing the seventh Century*, Association des Amis du Centre d'Histoire et Civilisation de Byzance 237-320.

JANKOWIAK, M. (2015), «Framing universal history: Syncellus' canon and Theophanes' rubrics» in JANKOWIAK, M. & MONTINARO, F. Studies in Theophanes Paris: Association des Amis du Centre d´Histoire et Civilisation de Byzance 53-72.

JEDIN, H. (1960), *Brève Histoire des Conciles*, Tournai: Desclée.

JEFFERY, A. (1944), «Ghevond's Text of the Correspondence between 'Umar II and Leo III» *The Harvard Theological Review* 37 4 269-332.

JEFFREYS, E. M. (1979), «The Attitudes of Byzantine Chroniclers towards Ancient History» *Byzantion* 49 199-238.

JOHNSON, J. (1962), «Chronological Writing: Its Concepts and Development» *History and Theory* 2 2 124-145.

JONES, A.H.M, (1959), «Were ancient heresies national or social movements in disguise?» *The Journal of Theological Studies* 10 2 280-298.

JONG, M. (2008), «Carolingian Monasticism: the power of prayer» in MCKITTERICK, R. (*ed.*) *The New Cambridge Medieval Edition Volume II c./700 – c.900,* Cambridge University Press 622-653.

KALDELLIS, A. (2007) *Hellenism in Byzantium. The Transformation of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition.* Cambridge University Press.

KALDELLIS, A. (2012), «Byzantine Historical Writing, 500-920» in FOOT, S. & ROBINSON, C. F. (*ed.*) *The Oxford History of Historical Writing. Volume 2: 400-1400* 201-217.

KALDELLIS, A. (2013), «The Military Use of the Icon of the Theotokos and its Moral Logic in the Historians of the Ninth-Twelfth centuries» *Estudios bizantinos* 1 56-75.

KALDELLIS, A. (2014), «The Hagiography of Doubt and Scepticism» in EFTHYMIADIS, S. (*ed.*) *The Ashgate Research Companion to Byzantine Hagiography. Volume II: Genres and Contexts* 453-477.

KALDELLIS, A. (2015), *The Byzantine Republic*, *People and Power in New Rome*, Harvard University Press.

KARLIN-HAYTER, P. (1977), «Gregory of Syracuse, Ignatios and Photios» in BRYER, A. & HERRIN, J. *Iconoclasm. Papers given at the Ninth Spring Symposium of Byzantine Studies* Birmingham: Center for Byzantine Studies 141-145.

KAZHDAN, A. & TALBOT, A. (1991) «Women and Iconoclasm» *Byzantinische Zeitschrift* 84/85 391-408.

KAZHDAN, A. (1999), *A History of Byzantine Literature (650 - 850)*. Atenas: The National Hellenic Research Foundation Institute for Byzantine Research.

KITZINGER, E (1954), «The Cult of Images in the Age before Iconoclasm» *Dumbarton Oaks Papers* 8 83-150.

KOTŁOWSKA, A. & RÓŻYCKI, Ł. (2015), «The Battle of Solachon of 586 in light of the works of Theophylact Simocatta and Theophanes» in JANKOWIAK, M. & MONTINARO, F. Studies in Theophanes Paris: Association des Amis du Centre d´Histoire et Civilisation de Byzance 315-326.

LADNER, G.B. (1940), «Origin and Significance of the Byzantine Iconoclastic Controversy» *Medieval Studies* 2 1 127-149.

LADNER, G.B. (1953), «The Concept of the Image in the Greek Fathers and the Byzantine Iconoclastic Controversy» *Dumbarton Oaks Papers* 7 1-34.

LANDES, R. (1988), «Lest the Millenium be fulfilled: apocalyptic expectations and the pattern of Western Chronography 100-800 CE» in VERBEKE, W., VERHELST, D. & WELKENHUYSEN, A. (ed.) *The Use and Abuse of Eschatology in the Middle Ages* Leuven University Press 137-211.

LEMERLE, P. (1971), *Le premier humanisme byzantin: Notes et remarques sur enseignement et culture à Byzance des origines au Xe siècle*. Paris: Presses Universitaires de France.

LESÊTRE, H. (1928), «Millénarisme» in VIGOUROUX, F. (ed.) *Dictionnaire de la Bible* 4 2 Paris: Librairie Letouzey & Ané 1090-1097.

LIVANIOS, D. (2008), «The Quest for Hellenism: Religion, Nationalism, and Collective Identities in Greece, 1453-1913» in ZACHARIA, K. (ed.) *Hellenisms, Culture, Identity, and Etnhicity from Antiquity to Modernity* 1 Ashgate Publishing 237-272.

LLEWELLYN, P. (1977), «The Roman Church on the Outbreak of Iconoclasm» in BRYER, A. & HERRIN, J. *Iconoclasm. Papers given at the Ninth Spring Symposium of Byzantine Studies* Birmingham: Center for Byzantine Studies 29-34.

LUTTWAK, E. N. (2009), *The Grand Strategy of the Byzantine Empire*. Harvard University Press.

MALEON, B.-P. (2010), «Some Notes on the Clerical Exile in the Byzantine Empire. Since the end of the Antique World to the Macedonian Ascension» *Classica et Christiana* 5 2 351-367.

MANGO, C. & SCOTT, R. (1997), «Introduction» *in* TEÓFANES *The Chronicle of Theophanes Confessor* MANGO, C. & SCOTT, R. (trad.) Oxford: Clarendon Press XLIII-C.

MANGO, C. (1977a), «Historical Introduction» in BRYER, A. & HERRIN, J. *Iconoclasm. Papers given at the Ninth Spring Symposium of Byzantine Studies* Birmingham: Center for Byzantine Studies 1-6.

MANGO, C. (1977b), «The Liquidation of Iconoclasm and the Patriarch Photios» in BRYER, A. & HERRIN, J. *Iconoclasm. Papers given at the Ninth Spring Symposium of Byzantine Studies* Birmingham: Center for Byzantine Studies 133-140.

MANGO, C. (1980), *Bizâncio, o Império da Nova Roma*. Lisboa: Edições Setenta.

MANGO, C. (1988/1989), «The Tradition of Byzantine Chronography» *Harvard Ukrainian Studies* 12/13 360-372.

MARINOW, K. (2014) «The Haemus Mountains and the Geopolitics of the First Bulgarian Empire: an Overview» *Zbornik radova Vizantološkog instituta* 51 17-32.

MARJANOVIĆ, D. (2015), «Seventh Ecumenical Council and Historical Representations of patriarchal succesions in literature of the late 8th and early 9th century Byzantium» *Belgrade Historical Review* 6 49-66.

MARKOPOULOS, A. (1998), «The rehabilitation of the emperor Theophilos», in BRUBAKER, L. Byzantium in the Ninth Century: Dead or Alive? 37-49.

MARROU, H.-I. (1979) *Decadência Romana, ou Antiguidade Tardia?* RUAS H. B. (trad.), Lisboa: Aster.

MAVROUDI, M. (2006), «Occult Science and Society in Byzantium: Considerations for Future Research» in MAGDALINO, P. & MAVROUDI, M. (*ed.*) *The Occult Sciences in Byzantium*, Geneva: La Pomme d'or S.A 39-95.

MCCORMICK, M. (2008), «Byzantium and the West, 700-900» in MCKITTERICK, R. (*ed.*) *The New Cambridge Medieval Edition Volume II c./700 – c.900,* Cambridge University Press 349-380.

MELLOR, R. (2008), «*Graecia Capta*: The Confrontation between Greek and Roman Identity» in ZACHARIA, K. (ed.) Hellenisms, Culture, Identity, and Etnhicity from Antiquity to Modernity 1 Ashgate Publishing 79-126.

MERGIALI-SAHAS, S. & SAHAS D. J. (2008), «L'histoire des iconoclastes (review)» *The Catholic Historical Review* 94 4 776-777.

MEYENDORFF, J. (1964), «Byzantine Views of Islam» *Dumbarton Oaks Papers* 18 113-132.

MOFFATT, A. (1977), «Schooling in the Iconoclast Centuries» in BRYER, A. & HERRIN, J. *Iconoclasm. Papers given at the Ninth Spring Symposium of Byzantine Studies* Birmingham: Center for Byzantine Studies 85-92.

MONTEIRO, J. G. (2016), «História Concisa do Império Bizantino (das Origens à queda de Constantinopla)» in MONTEIRO, J. G. & *alii O Sangue de Bizâncio. Ascensão e Queda do Império Romano do Oriente* Imprensa da Universidade de Coimbra 15-166.

MÜLLER, M. (1989), «*Graeca sive Hebraica veritas*? The defence of the Septuagint in the Early Church» *Scandinavian Journal of the Old Testament* 1 103-124.

MUNDELL, M. (1977), «Monophysite Church Decoration» in BRYER, A. & HERRIN, J. *Iconoclasm. Papers given at the Ninth Spring Symposium of Byzantine Studies* Birmingham: Center for Byzantine Studies 59-74.

MURRAY, C. (1997), «Art and Early Church» *Journal of Theological Studies* 28 303-345.

NEIL, B. (2000), «The Western reaction to the Council of Nicaea II» *Journal of Theological Studies* 51 2 533-552.

NEIL, B. (2015), «Theophanes Confessor on the Arab Conquest: the Latin Version by Anastasius Bibliothecarius» in JANKOWIAK, M. & MONTINARO, F. *Studies in Theophanes* Paris: Association des Amis du Centre d´Histoire et Civilisation de Byzance 149-158.

NICOL, D. M. (1976), «*Kaisersalbung*. The Unction of Emperors in Late Byzantine Coronation Ritual» *Byzantine and Modern Greek Studies* 2 37 – 52.

NISA, J. R. (2016), « O *drómōn* como elemento de afirmação do poder naval bizantino no Mediterrâneo (c. 875-1025)» in MONTEIRO, J. G. *et alii O Sangue de Bizâncio. Ascensão e Queda do Império Romano do Oriente* Imprensa da Universidade de Coimbra 445-450.

NOBLE, T. F. X. (2008), «The Papacy in the Eighth and Ninth centuries» in MCKITTERICK, R. (*ed.*) *The New Cambridge Medieval Edition Volume II c./700 – c.900,* Cambridge University Press 563-586.

OBOLENSKY, D. (1971), *The Byzantine Commonwealth: Eastern Europe, 500-1453* Nova Iorque: Praeger Publishers.

ORLOV, A. (2008), «Praxis of the Voice: The Divine Name Traditions in the Apocalypse of Abraham» *Journal of Biblical Literature* 127 1 53-70.

OSTROGORSKY, G. (1968), *History of the Bizantine State*. Oxford: Basil Blackwell.

PARRY, K. (2013), «Aristotle and the Icon: The use of the Categories by Byzantine iconophile writers» *Scientia Danica. Series H, Humanistica* 8 vol. 5 35-58.

PINES, S. (1968), «The Jewish Christians of the Early Centuries of Christianity according to a New Source» *Proceedings of The Israel Academy of Sciences and Humanities* 13 vol. 2 237-309.

PIRENNE, H. (1922), «Mahomet et Charlemagne» *Revue belge de philologie et d´histoire* 1 77-86.

RAPP, C. (2008), «Hellenic Identity, Romanitas, and Christianity in Bizantium» in ZACHARIA, K. (*ed.*) *Hellenisms, Culture, Identity, and Etnhicity from Antiquity to Modernity* 1 Ashgate Publishing 27-148.

REENEN, D. V. (1990), «The *Bilderverbot*, a new survey» *Der Islam* 67 1 27-77.

RICCI, A. (1998), «The road from Baghdad to Byzantium and the case of the Byras palace in Istambul» in BRUBAKER, L. *Byzantium in the Ninth Century: Dead or Alive?* 131-149.

RICOEUR, P. (2000), *Teoria da interpretação: o Discurso e o Excesso de Significação* Lisboa: Edições Setenta.

RONCONI, F. (2015), «La première circulation de la ´Chronique de Théophane´: Notes paléographiques et codicologiques» in JANKOWIAK, M. & MONTINARO, F. Studies in Theophanes Paris: Association des Amis du Centre d´Histoire et Civilisation de Byzance 121-147.

ROUCHÉ, M. (1974), «Byzantine Philosophical texts of the Seventh Century» *Jahrbuch der Österreichischen Byzantinistik* 23 61-76.

RUNCIMAN, S. (1977), *The Byzantine Theocracy* Cambridge University Press.

SAHNER, C. C. (2017), «The First Iconoclasm in Islam: A New History of the Edict of Yazīd II (AH 104/AD 723)» *Der Islam* 94 1 5-56.

SEVCENKO, I. (1977), «Hagiography of the Iconoclast Period» in BRYER, A. & HERRIN, J. *Iconoclasm. Papers given at the Ninth Spring Symposium of Byzantine Studies* Birmingham: Center for Byzantine Studies 113-131.

SEVCENKO, I. (1992), «The Search for the Past in Byzantium around the Year 800» *Dumbarton Oaks Papers* 46 279-293.

SHAHID, I. (1972), «The Iranian Factor in Byzantium during the Reign of Heraclius» *Dumbarton Oaks Papers* 26 293-320.

SHOEMAKER, S. (2014), «"The Reign of God Has Come": Eschatology and Empire in Late Antiquity and Early Islam» *Arabica* 61 514-558.

SHOEMAKER, S. (2015), «The Tiburtine Sibyl, the Last Emperor, and the Early Byzantine Apocalyptic Tradition» in BURKE, T. Forbidden Texts on the Western Frontier: The Christian Apocrypha in North American Perspectives. Proceedings from the 2013 York University Christian Apocrypha Symposium Cascade Books 218-244.

SIROTENKO, A. (2018), «Constructing Memory: The Chronicle of Theophanes on the Reign of Heraclius» in MESSIS, M. & *alii*, *Telling stories in Byzantium: Narratological Approaches and Byzantine Narration* Uppsala 223-242.

SMITH, J. D. (2010) *John Grammatikos: an Oblique History of a Damned Patriarch*, Dissertação de Mestrado, Sacramento: California State University.

SODDU, A. (2008) «Feudalesimo Bizantino: una questione aperta» *Sandalion* 31 281-291.

SOURDEL, D. (1966) «Un pamphlet musulman anonyme d´époque abbaside contre les chrétiens» *Revue des Études Islamiques* 1-33.

STAMBOLOV, A. (2015) «Monks vs. the State: the Stoudites and their relations with the State and Ecclesiastical Authorities in late eight- and early ninth-century Byzantium» *Annual of Medieval Studies at CEU* 193-205.

STARR, J. (1933), «An Iconodulic Legend and Its Historical Basis» *Speculum* 8 500-503.

STARR, J. (1936), «An Eastern Christian Sect: the Athinganoi» *Harvard Theological Review* 29 2 93-106.

STERN, S.M. (1968), «´Abd al-Jabbar´s Account of how Christ´s Religion was falsified by the Adoption of Roman Customs» *Journal of Theological Studies* 19 1 128-185.

STRÉMOOUKHOFF, D. (1953), «Moscow the Third Rome: Sources of the Doctrine» *Speculum* 28 1 84-101.

TAKAHASHI, H. (2014), «Syriac as a Vehicle for Transmission of Knowledge across Borders of Empires» *Horizons* 5 1 29-52.

TALBOT, A. M. (1987) «An Introduction to Byzantine Monasticism» *Illinois Classical Studies* 12 2 229-241.

TREADGOLD, W. (1984a), «An indirectly preserved source for the reign of Leo IV» *Jahrbuch der österreichischen Byzantinistik* 34 69-76.

TREADGOLD, W. (1984b), «The Bulgars´ Treaty with the Byzantines in 816» *Rivista di Studi Bizantini e Slavi* 4 213-220.

TREADGOLD, W. (1990), «Seven Byzantine Revolutions and Chronology of Theophanes» *Greek, Roman and Byzantine Studies 31* 203–227.

TREADGOLD, W. (1994), «Taking Sources on their Own Terms and on Ours: Peter Brown´s Late Antiquity» *Antiquité Tardive* 2 153-159.

TREADGOLD, W. (1997), *A History of the Byzantine State and Society*, Stanford: Stanford University Press.

TREADGOLD, W. (2007), «The Byzantine World Histories of John Malalas and Eustathius of Epiphania» *The International History Review* 29 709-745.

TREADGOLD, W. (2011), «Trajan the Patrician, Nicephorus, and Theophanes» *in* BUMAZHNOV, D. & *alii, Bibel, Byzanz und christlicher Orient: Festschrift für Stephen Gerö zum 65. Geburtstag*. Lovaina: 589-621.

TREADGOLD, W. (2012), «Opposition to Iconoclasm as Grounds for Civil War» in KODER, J. & STOURAITIS, I. (ed.) Byzantine War Ideology Between Roman Imperial Concept and Christian Religion Akten des Internationalen Symposiums (Wien, 19.–21. Mai 2011) Österreichische Akademia der Wissenschaft 33-39.

TREADGOLD, W. (2013), *The Middle Byzantine Historians*. Saint Louis University.

TREADGOLD, W. (2015), «The Life and wider significance of George Syncellus» in JANKOWIAK, M. & MONTINARO, F. *Studies in Theophanes* Paris: Association des Amis du Centre d´Histoire et Civilisation de Byzance 9-30.

USPENSKY, L. & LOSSKY, V. (1982), *The Meaning of Icons* Nova Iorque: St Vladimir´s Seminary Press.

USPENSKY, L. (2013), *Teología del Icono*. Salamanca: Ediciones Sígueme. van de VORST, C. (1913), «Les relations de S. Théodore Studite avec Rome» *Analecta Bollandiana* 32 439-447.

VARONA, P. (2018), «Chronology and History in Byzantium» *Greek, Roman, and Byzantine Studies* 58 389–422.

VASILIEV, A. (1956): «The Iconoclastic Edict of the Caliph Yazid II, A.D. 721» *Dumbarton Oaks Papers* 9 23-47.

WARE, K. (2002), *L´orthodoxie. L´Église des sept Conciles* Paris: Les Éditions du CERF.

WARE, T. (1993), *The Orthodox Church* Londres, Nova York: Penguin Adult.

WHITBY, L. M. (1982-1983), «The Great Chronographer and Theophanes» *Byzantine and Modern Greek Studies* 8 1-20.

WILSON, M. (2014), «Noah, the Ark, and the Flood in Early Christian Literature» *Scriptura* 113 1-12.

WILSON, N. G. (2013), *Scholars of Byzantium* Londres: Duckworth.

WORTLEY, J. (2003), «Icons and Relics: a Comparison» *Greek, Roman, and Byzantine Studies* 43 161-174.

YANNOPOULOS, P. A. (2010), "Le lieu et la date de naissance de Théophane le Confesseur» *Revue des Études Byzantines* 68 225-230.

Cronografia

De Teófanes Confessor

Tradução: André Antunes

Revisão: José Carlos Miranda

Nota à tradução

A presente tradução da *Cronografia* de Teófanes Confessor constitui-se como um anexo à tese de Doutoramento *Igreja e Império na Cronografia de Teófanes Confessor. A interpretação da História no tempo da crise iconoclasta*. Como tal, e porque o foco primário da tese não incide sobre a versão do texto, existem alguns aspetos de ordem filológica que não foram considerados, aqui, em toda a sua profundidade. De facto, Teófanes recorreu a diversas fontes de caráter histórico, das quais fez um uso abundante e, muitas vezes, parafrástico. Uma revisão atenta e mais pormenorizada implicará um confronto com as fontes utilizadas pelo autor, elucidando, aqui e ali, algumas construções utilizadas no texto grego. Acresce que, no processo de atribuição de datas, nomes e eventos, Teófanes nem sempre os cronografou no seu lugar devido. Existem acontecimentos que foram colocados em *anni mundi* errados, assim como pessoas a realizar os feitos de outros. Uma vez mais, será necessário um escrutínio mais atento para indicar, no corpo paratextual da tradução, as gralhas cometidas.

Do ponto de vista da organização da obra, optámos, por economia de tempo e de espaço, por não incluir, para cada *annus mundi*, as rubricas dos imperadores reinantes e dos patriarcas das sedes episcopais[1]. Considerámos que, para os efeitos académicos presentes, a inclusão destas rubricas seria desnecessária, aumentando exponencialmente o tamanho do anexo. Contentámo-nos em apresentar as ditas rubricas, a título de exemplo, para as primeiras entradas da *Cronografia*. Além disso, e pelos mesmos motivos, optámos por não fazer corresponder os *anni mundi* do texto ao calendário atualmente em voga, tal como o fazem algumas edições modernas. Uma futura revisão poderá incluir todos estes dados, para maior comodidade e consulta do leitor.

No que concerne à transcrição para português dos nomes próprios e dos topónimos e etnónimos, procurámos seguir o princípio da sua transliteração para a fonética portuguesa, quando não se tratava de um nome célebre para o qual já houvesse um equivalente português estabelecido. Assim, e a título de exemplo, Στούδιος foi transliterado para "Estúdio" e Ἄνθιμος para "Ântimo", mas Κροῦμμος foi traduzido para "Crum", tal como Χαγάνος foi vertido para "Grão-cã". Uma vez, porém, que os textos contêm a interpretação grega de vários nomes, títulos, famílias, localidades e cidades que provêm de línguas tão diversas como o armeno, o árabe, o persa e o sírio, nem sempre se conseguiu determinar qual seria a melhor transcrição para alguns termos, sendo que muitos se referem a pessoas e localidades não identificáveis. Para estes casos, limitámo-nos a adaptar os caracteres gregos a uma sonoridade portuguesa.

[1] Sobre as rúbricas, vide parte 3, 3.2 da presente tese

Preferindo pois, embora, acolher no texto formas eventualmente mais correntes, pareceu-nos útil referir em nota, a cada primeira ocorrência, as transliterações gregas adoptadas por Teófanes, por exemplo, no texto, Σκλάβος "Esclavo" (na ocorrência de Eslavo). Uma ulterior edição da tradução carecerá de um estudo prosopográfico para muitas das personalidades envolvidas.

Na tradução da fraseologia do grego, procurámos, sempre que possível, preservar a estrutura e a ordem da língua original, mesmo quando isso implicasse repetições de palavras e de conectores. Dedicámos particular atenção ao epíteto, porquanto ele se constitui, na nossa leitura, como um elemento-chave para a compreensão da mundividência que Teófanes incute às suas fontes. Isto é notório nos adjetivos e/ou locuções apositivas que caracterizam a santidade ou, em contrapartida, a heresia de uma determinada pessoa histórica. Em muitos destes casos, a polissemia ingénita à língua grega levou a que a sua tradução se estendesse por várias palavras: por isso, e para chamarmos a atenção para os ditos epítetos, tomámos a liberdade de apresentar, em nota de rodapé, a palavra grega em questão. Por outro lado, para certos cargos administrativo-militares, como *comes*, *sacellarius* ou *logothetes*, preferimos fazer uma transcrição dos mesmos cargos, preservando em itálico a sua estrutura latina ou, noutros casos, grega. Para outros cargos, como ´cubiculário´, fizemos uma adaptação à grafia portuguesa, em virtude de se adaptar bem à mesma.

A natureza da língua helénica, com o seu uso frequente de particípios e de um sistema aspetual que se constrói de forma própria, fez com que a tradução se tivesse que adaptar às características sintáticas e verbais da língua portuguesa de uma forma que nem sempre deixa transparecer, com a toda a pertinência e exatidão, as relações de sintonia, sincronidade e temporalidade que o original contém. Cremos, no entanto, que foi preservado o sentido semântico-textual, assim como as diversas relações de causa-efeito dos diferentes sintagmas. Por outro lado, optámos outras vezes – e quando possível, mesmo com algum sacrifício da *consecutivo temporum* do português – por transpor os tempos gregos para o seu equivalente mais próximo, como quando se usa um Presente histórico no meio de uma frase com verbos no Aoristo.

Fizemos uso da edição, academicamente reconhecida, de Karl de Boor[2], ainda que nos tenhamos socorrido, quando necessário, dos comentários de Cyrill Mango e Roger Scott[3], que também nos foram de grande auxílio, seja na leitura dos passos de interpretação e/ou decifração dúbia, seja nos aditamentos à edição de Boor. Consultámos também a edição da *Cronografia* do *Corpus Scriptorum Historiae Byzantinae*[4], sendo que considerámos, quando pertinente, as opções de tradução do seu editor, João Classeno.

Por fim, fazemos votos para que a presente tradução possa satisfazer não só os interesses imediatos da tese a que está associada, como permitir ao leitor

[2] *Vide* DE BOOR 1883
[3] *Vide* MANGO & SCOTT 1997
[4] *Vide* TEÓFANES CONFESSOR a, *Chronographia*.

de língua portuguesa aceder a este importante texto para a historiografia dos séculos VIII e IX da Cristandade Oriental.

Do tradutor,
André Antunes

Advertência prévia ao leitor

Esta é, por opção (o autor acaba de o deixar bem claro na Nota introdutória) uma versão "ruidosa". Quer isso dizer que nela se ouve pouco a língua de chegada, pelo excesso de presença subliminar da língua de partida; por exemplo, na ordem paratática, no abuso do pronome pessoal, no uso idiomático do artigo, em que o português é muitas vezes coberto pela, por vezes, ilusória correspondência com o artigo grego…

É uma opção legítima, independentemente de preferências pessoais, e costumamos defendê-la com o exemplo da Vulgata de S. Jerónimo, sobretudo nos Salmos, cujo latim soa tantas vezes estranho pelo ruído subjacente do hebraico e, por vezes, do grego da *Septuaginta*. Mas tal opção tem os limites impostos pela finalidade específica da versão, que vem a ser a de facultar o acesso ao leitor, na língua de chegada. Na revisão, cremos ter conseguido aproveitar a perpectiva privilegiada de quem, propositadamente, só leu o texto original depois de ler a sua versão – perspectiva obviamente vedada ao seu autor - de modo a identificar tão só os pontos em que é estritamente necessário intervir nesse sentido.

Na tradução de um romance, é uso agradecermos a ilusão de estar a ler um texto nascido em português. Com tal critério em mente, o leitor só teria aqui a perder. Mas, na tradução de um texto antigo, de um género literário tão peculiar, bem poderá pagar-se, em fluência e clareza, o acesso ao ritmo da língua original e à mente que ele transporta em si. Também isso faz parte do "acesso à fonte", a grande virtude hermenêutica que recomenda este ingente trabalho.

Do revisor,
José Carlos Miranda

De Teófanes, monge pecador, hegúmeno de Agros e Confessor

Cronografia de 528 anos

Começando desde o primeiro ano do reinado de Diocleciano até ao segundo ano de Miguel e Teofilacto, seu filho, isto é, desde o ano 5777 do Mundo até ao ano 6305, de acordo com os Alexandrinos, 6321, de acordo com os Romanos.

O beatíssimo *abbas* Jorge, que também se tornou sincelo de Tarásio, do santíssimo patriarca de Constantinopla, um homem digno de louvor e versado em muitos assuntos, tendo lido muitas cronografias e historiadores, e tendo-os examinado com precisão, escreveu com precisão[5] uma cronografia concisa desde Adão até Diocleciano, imperador dos Romanos e perseguidor dos Cristãos, colocando os tempos com grande escrutínio e, unindo, corrigindo e estabelecendo as suas incongruências como nenhum outro antes dele, recordando ainda as instituições[6] e tempos dos antigos imperadores de todos os povos, colocou com precisão[7], de acordo com o que lhe foi possível, os arcebispos das grandes e ecuménicas sedes – de Roma, digo, de Constantinopla, de Alexandria e ainda de Antioquia e Jerusalém – tanto os que pastoreavam a Igreja de forma ortodoxa, como os que, em heresia, governavam de forma predatória, assim como os seus anos.

Depois de o fim da vida o ter tomado e de não ter conseguido levar até ao fim o seu objetivo, mas, como acima dissemos, ter coligido até ao tempo de Diocleciano, ele abandonou esta vida e migrou para o Senhor na fé ortodoxa, tendo-nos deixado, como a um amigo genuíno, o livro que coligira, e forneceu-nos os materiais que ficaram de parte, destituídos de ordem, para os preenchermos[8]. Nós, não desconhecendo a nossa própria ignorância e a estreiteza do discurso, declinámos fazer isso, visto tratar-se de uma empresa acima das nossas capacidades. Ele, todavia, ordenando-nos com

[5] ἀκριβῶς. A repetição da palavra ocorre também no original.
[6] πολιτέιας
[7] ἀκριβῶς
[8] ἀφορμὰς παρέσχε τὰ ἐλλείποντα: assim se refere o autor ao material que Jorge Sincelo lhe deixara. A ideia de completude do trabalho fica subentendida pelo uso final do infinito aoristo, ἀναπληρῶσαι.

insistência para que não hesitássemos e não deixássemos o trabalho incompleto, forçou-nos a ir à obra. Por causa disso, tendo sido forçados, por obediência a ele, e levando mãos àquilo que estava sobre nós, caímos sobre um trabalho que não nos calhara em sorte.

Efetivamente, também nós, tendo consultado e pesquisado vários livros de acordo com o que nos foi possível, e tendo pesquisado esta cronografia, desde Diocleciano até ao reinado de Miguel e Teofilacto, o filho dele, escrevemos, com a precisão que nos foi possível[9], os reinados, os patriarcas e os feitos deles nos seus devidos anos, nada acrescentando de nós próprios, mas, recolhendo dos antigos historiadores e escritores, colocámos nos devidos lugares os feitos de cada tempo, organizando-os sem confusão: para que os leitores possam ver em qual ano, de qual imperador, tal feito tenha ocorrido, seja um feito bélico, eclesiástico, político, popular ou de outra categoria. De facto, o leitor dos feitos dos antigos colhe, segundo creio, um não pequeno fruto.

Se eventualmente alguém encontrar, neste nosso trabalho, alguma coisa de útil, que atribua a graça a Deus e reze por nós, ignorantes e pecadores, em virtude do Senhor. E se encontrar algo que esteja aquém, que o atribua à nossa ignorância e à preguiça do nosso baixo intelecto. E perdoar-nos-á em virtude do Senhor. "É de facto agradável ao Senhor aquilo que é feito de acordo com as possibilidades[10]".

[9] κατὰ τὸ δύνατον ἡμῖν. A repetição ocorre também no original.
[10] Frase de S. Gregório de Nazianzo: *in* GREGÓRIO DE NAZIANZO *Orationes* I 776; *idem* II 604.

Geneologia

Diocleciano e Maximiano Hercúleo foram imperadores em conjunto ao mesmo tempo[11].

Os seus filhos:

Maximiniano:

- Maxêncio, o que foi tirano em Roma;

- Teodora, com quem casou Constantino[12], o pai do Grande Constantino, que lhe nasceu de Helena, a sua primeira mulher;

- Fausta, mulher de Constantino o Grande.

Quando estes depuseram o império, os Césares que haviam sido formados sob eles foram ambos imperadores durante o mesmo tempo: Maximiano Galério, genro de Diocleciano através da filha Valéria, e Constâncio. Este último casou com Teodora, filha do Hercúleo, e gerou:

- Constâncio, pai de Galo e de Juliano, o Apóstata;
- Anabaliano;
- Constância, mulher de Licínio.

Constâncio gerou, por parte de Helena, a cara a Deus[13], Constantino, o Grande. Este gerou, por parte de Fausta, filha de Hercúleo:

- Crispo;

- Constâncio;

- Constantino;

- Constante;

- Helena, que foi mulher de Juliano o Apóstata.

[11] κοινῶς κατὰ ταὐτὸν: expressão pleonástica
[12] Κωσταντῖνος: na realidade foi com Constâncio
[13] θεοφιλοῦς

Cronografia

Desde Diocleciano até aos imperadores Miguel e Teofilacto

A.M. 5777

Ano 277 desde a Divina Encarnação
Diocleciano, imperador dos Romanos, primeiro ano
Vararanes, imperador dos Persas, décimo quinto ano
Gaio, vigésimo nono bispo de Roma, sétimo ano
Himeneu, vigésimo oitavo bispo de Jerusalém, décimo terceiro ano.
Teonas, décimo sexto bispo de Alexandria, décimo primeiro ano.
Tirano, décimo nono bispo de Antioquia, segundo ano.

A.M. 5778

Diocleciano, segundo ano
Vararanes, décimo sexto ano
Gaio, oitavo ano
Himeneu, décimo quarto ano
Teonas, décimo segundo ano
Tirano, terceiro ano

A.M. 5779

Diocleciano, terceiro ano
Vararanes, décimo sétimo ano
Gaio, nono ano
Himeneu, décimo quinto ano
Teonas, décimo terceiro ano
Tirano, quarto ano

A.M. 5780

Diocleciano, quarto ano
Vararanes, imperador dos Persas, primeiro ano
Gaio, décimo ano
Himeneu, décimo sexto ano

Teonas, décimo quarto ano
Tirano, quinto ano

Neste ano, Diocleciano designou Maximiano Hercúleo como parceiro do seu próprio reino, no quarto ano do seu reino.

A.M. 5781
Diocleciano, quinto ano
Narses, sétimo imperador dos Persas, primeiro ano
Gaio, décimo primeiro ano
Himeneu, décimo sétimo ano
Teonas, décimo quinto ano
Tirano, sexto ano

A.M. 5782
Diocleciano, sexto ano
Narses, segundo ano
Gaio, décimo segundo ano
Himeneu, décimo oitavo ano
Teonas, décimo sexto ano
Tirano, sétimo ano

Neste ano, Diocleciano e Maximiano Hercúleo destruíram até às fundações as cidades de Ho Busíris[14] e Coptos, cidades na Tebaida do Egito, que se haviam revoltado contra o poder romano.

A.M. 5783
Diocleciano, sétimo ano
Narses, terceiro ano
Gaio, décimo terceiro ano
Himeneu, décimo nono ano
Teonas, décimo sétimo ano
Tirano, oitavo ano

[14] Ὀβούσιριν: trata-se de Busíris. A primeira sílaba corresponde, na realidade, ao artigo grego.

A.M. 5784

Diocleciano, oitavo ano
Narses, quarto ano
Gaio, décimo quarto ano
Himeneu, vigésimo ano
Teonas, décimo oitavo ano
Tirano, nono ano

A.M. 5785

Diocleciano, nono ano
Narses, quinto ano
Gaio, décimo quinto ano
Himeneu, vigésimo primeiro ano
Teonas, décimo nono ano
Tirano, décimo ano

Neste ano, Diocleciano e Maximiano Hercúleo fizeram Césares Constâncio e Maximiano Galério. Diocleciano, por um lado, deu a sua própria filha em casamento a Galério; Hercúleo Maximiano, por outro, conduziu Teodora, sua filha, a Constâncio. Tendo já, cada um deles, uma mulher, divorciaram-se delas por respeito aos imperadores.

A.M. 5786

Diocleciano, décimo ano
Narses, sexto ano
Marcelino, bispo de Roma, dois anos
Himeneu, vigésimo segundo ano
Pedro o Mártir, bispo de Alexandria, onze anos
Tirano, décimo primeiro ano

Neste ano, Alexandria, em conjunto com o Egito, levada à revolta por Aquiles, não pôde resistir ao ataque romano. Muitos morreram com este ataque, sendo que os responsáveis pela revolta foram julgados.

A.M. 5787

Diocleciano, décimo primeiro ano
Narses, sétimo ano
Marcelino, segundo ano
Himeneu, vigésimo terceiro ano
Pedro, segundo ano
Tirano, décimo segundo ano

Neste ano, Diocleciano e Maximiano Hercúleo conduziram uma grande e horribilíssima perseguição contra os cristãos e fizeram miríades de mártires, excogitando torturas de todo o género e fazendo muitas coisas más. Sobre as quais ficará informado quem quer que consulte o oitavo livro da *História Eclesiástica*, de Eusébio Pânfilo.

A.M. 5788

Neste ano, tendo ocorrido uma revolta nas Gálias sob Amando e Eliano, Maximiano Hercúleo, avançando sobre eles, tomou-os pela força. Mas também Crasso se insurgiu e tomou conta da Britânia, e os cinco Gencianos, da África, e Aquiles, do Egito. Mas o prefeito Asclepiódoto dominou Crasso, após este ter dominado a Britânia por três anos.

Nas Gálias, por outro lado, uma repentina sorte, de forma paradoxal[15], recaiu sobre o César Constâncio: efetivamente, durante seis horas de um mesmo dia foi visto a ser derrotado e a ser aclamado como vencedor. Pois, tendo os Alamanos cercado o exército de Constâncio, perseguiram-no até às muralhas, sendo que ele, porém, acompanhava o exército fugitivo em último lugar. Depois de as portas estarem fechadas, e de ele não conseguir entrar na muralha, os inimigos lançaram mãos para o capturarem. Todavia, umas pessoas atiraram cordas das muralhas e puxaram-no para dentro. Uma vez no interior, e tendo encorajado o exército, saiu contra os Alamanos e obteve uma brilhante vitória, ao ponto de terem caído seis mil [inimigos].

[15] ἐκ παραδόξου: as palavras «paradoxo/paradoxal» surgem muitas vezes, ao longo da *Cronografia*, como marcas da ação divina.

Maximiano Hercúleo, por seu turno, dominou os cinco Gencianos em África. Diocleciano, em Alexandria, aniquilou Aquiles. Estava com ele Constantino, o filho de Constâncio, na altura justamente um jovem, distinguindo-se na guerra. Vendo-o Diocleciano, procurou, movido pela inveja, aniquilá-lo por meio de um dolo. Deus, todavia, salvou-o de uma forma paradoxal[16] e devolveu-o ao pai.

A.M. 5789

Neste ano, o general Vetério perseguiu, de forma moderada, os cristãos que estavam no exército, após o qual surgiu uma perseguição contra todos.

A.M. 5793

Neste ano, Maximiano Galério foi enviado por Diocleciano contra Narses, imperador dos Persas, que estava na altura a invadir e a pilhar a Síria. E encontrando-se com ele é derrotado na primeira batalha, junto a Calínico e Carras. Regressando da fuga, encontrou-se com Diocleciano, que se deslocava num carro. Este, não tendo recebido o César com a sua própria dignidade[17], consentiu que o outro corresse para mais longe e que antecedesse o carro.

Após estas coisas, tendo reunido uma grande força, de novo o César Maximiano Galério é enviado sobre Narses, tendo feito uso de boa fortuna e ousado e feito o que mais ninguém fizera. De facto, perseguiu Narses até ao interior da Pérsia, destruiu todo o exército e tomou todas as mulheres dele, assim como crianças e irmãs e tudo o que quer que ele houvesse trazido, tesouros de moedas e pessoas notáveis da Pérsia. Depois destas coisas, Diocleciano, que estava na Mesopotâmia, recebeu-o de forma dócil, honrando-o. E cada um, em privado, e todos, em público, guerreando contra muitos dos bárbaros, realizaram todas as coisas com sucesso.

Regozijado pelo bom sucesso dos assuntos, Diocleciano exigiu ser venerado[18] pelos senadores, e não, como de acordo com a

[16] παραδόξως

[17] μετὰ τοῦ ἰδίου σχήματος: isto é, Diocleciano rejeita prestar honras a Galério com as suas insígnias imperiais, humilhando-o publicamente.

[18] προσκυνεῖσθαι: trata-se do mesmo verbo que, a partir contexto teológico dos séculos VIII e IX, é usado pelos cristãos ortodoxos para se referirem à veneração das imagens sacras.

fórmula anterior, ser saudado. Adornou também as vestimentas e os botins imperiais com ouro, pérolas e pedras preciosas.

Por outro lado, estando Constantino, o filho de Constâncio, no oriente, na Palestina, e meditando sobre as coisas dos Cristãos, vendo-o Galério Maximiano a progredir através da capacidade da mente e da força do corpo, assim como pela sua boa educação, e adivinhando[19] que ele se tornaria árbitro da sua tirania e das suas crenças, procurou matá-lo através de um dolo. Compreendendo o engodo por uma antevisão divina[20], tal como David, [Constantino] encontra para si a salvação através da fuga: e refugia-se junto ao seu próprio pai, que dava muitas graças, juntamente com o próprio, a Cristo, que o salvara.

A.M. 5794

Neste ano, Galério Máximo, obedecendo ao feiticeiro Teotecno no que concerne a sacrificar aos demónios e consultar oráculos, e depois de Teotecno ter ido para a sua gruta, deu-lhe um oráculo, para que erguesse uma perseguição contra os cristãos. Inventou também as "Memórias do Salvador" e enviou-as, como um insulto, para todo o lado, e ordenou aos professores de Letras que as ensinassem às crianças, procurando fazer pouco do mistério em que cremos.

A.M. 5795

Neste ano foram emitidas ordens imperiais para que se destruíssem as igrejas dos Cristãos e para que se queimassem os livros sagrados, para que os sacerdotes e todos os cristãos fossem dados a torturas e forçados a sacrificar a ídolos. E esta foi a perseguição mais horrível de todas, criando um sem número de mártires.

A.M. 5796

Neste ano, Diocleciano e Maximiano Hercúleo depuseram, por loucura, o reinado, retomando uma vida privada. Diocleciano, por um lado, foi para Salona, na Dalmácia, vivendo uma vida privada

[19] μαντευσάμενος: o uso do verbo pode querer sugerir que Galério fizera uso de adivinhações.
[20] θείᾳ δὲ προμηθείᾳ

na sua cidade. Hercúleo Maximiano, por outro lado, foi viver para a Lacónia. Mas primeiro concluíram em Roma um triunfo, no qual foi exposto o grosso dos carros de Narses, assim como as suas mulheres e crianças. Após isto, tendo-se separado, viveram isoladamente, tendo estabelecido que Galério Maximiano deveria governar, em vez deles, na parte oriental [e], na parte ocidental, Constâncio.

Este, satisfeito com uma pequena parte do poder, tinha um caráter bastante gentil e bom, e nada o fazia preocupar-se com o tesouro público: queria, de facto, que os seus súbditos tivessem riquezas. E era de tal maneira temperado na aquisição de dinheiro, ao ponto de celebrar festas gerais e, honrando muitos dos amigos com convívios, ser muito amado pelos Gauleses, que o comparavam à avareza de Diocleciano e à crueldade de Maximiniano Hercúleo, dos quais haviam escapado graças a ele.

Ele faleceu na Britânia, tendo reinado onze anos e tendo elevado em seu lugar Constantino como imperador, o seu filho primogénito, quando ainda era vivo, na presença de todo o exército[21]; estavam também presentes os restantes filhos dele, que tinham o mesmo pai que Constantino – falo de Constâncio, de Anabaliano e de Dalmácio, nascidos de Teodora, filha de Hercúleo. Constantino, de facto, era filho de Helena, da primeira mulher de Constâncio. Já Constâncio, o pai deles, era neto do imperador Cláudio, ao passo que Galério era genro de Diocleciano através da filha Valéria.

Então Galério, indo para Itália, elegeu dois Césares: colocou Maximiano, o seu filho, a governar o Oriente e Severo a Itália. Já os militares elevaram, em Roma, Maxêncio, o filho de Maximiano Hercúleo, como imperador. Foi quando o Hercúleo, exaltado de novo para o desejo do império, procurou depor o seu próprio filho e, por outro lado, assassinar, por dolo, o genro Constâncio. Mas foi repelido pelos soldados da tentativa contra o seu filho; quanto ao assassínio do genro, foi denunciado pela filha Fausta, tendo sido morto ao praticar estas coisas más.

Eusébio de Cesareia diz que Diocleciano, padecendo de uma doença mental e depondo com Hercúleo o império, assumiu uma vida privada. Este abandonou a vida sendo estrangulado;

[21] λαοῦ: neste contexto a palavra também poderá ser traduzido por “povo”.

Diocleciano, por outro lado, definhou consumido por uma grande doença. Todavia, Gelásio de Cesareia, bispo da mesma cidade, diz que, tendo mudado de opinião e desejando reinar uma vez mais, foram assassinados por decisão geral do senado.

Estando eles retirados de cena, e tendo morrido Constâncio, meditador de coisas cristãs[22], Constantino Augusto recebeu o império, como dissemos, assim como Maximiano Galério.

A.M. 5797

Neste ano, Constantino, o mais santo e mais cristão dos Romanos[23], reinou[24] nas Gálias e na Britânia. Portanto, nesta mesma altura estes quatro reinavam com ele: Maximiano Galério com os dois Césares, Severo e Maximino, filho de Galério, e ainda Maxêncio, filho de Hercúleo, que em Roma fora elevado a imperador pelos soldados. Estes procuravam ultrapassar-se uns aos outros na perseguição aos Cristãos.

O tirano Maxêncio, governando Roma ilegalmente, praticou coisas bastante terríveis: adultérios de mulheres nobres, assassínios, confiscações e coisas do género. No Oriente, Maximino realizou coisas piores, estando assim dois grandes males preenchendo tanto o Ocidente como o Oriente; ambos incentivavam a guerra contra os Cristãos.

Nesta altura, também os Romanos, para agraciarem a Constantino, elevaram Licínio a César, que era filho adotivo daquele através da irmã Constância, e que simulava a nossa piedade, sendo que Severo tinha falecido.

Nesse mesmo ano, Pedro, bispo de Alexandria, estando na prisão por ordem de Maximiano Galério e Maximino, seu filho, sofreu martírio de uma forma gloriosa, sendo decapitado: ele que fizera com que o diácono Ário, que era da mesma igreja, fosse excomungado. Este, após estas coisas, tendo-se tornado o líder de uma heresia de péssima fama, afastou muitos da piedade.

[22] χριστιανόφρονος: título que pretende indicar que o pai de Constantino se aproximara da fé cristã.
[23] θειότατος καὶ χριστιανικώτατος
[24] O verbo em questão é βασιλεύειν, que denota a condição de imperador. O sentido frásico também pode ser o seguinte: "Neste ano Constantino, o mais santo e mais cristão dos Romanos, reinou sobre os Romanos nas Gálias e na Britânia".

Sob estes tiranos, muitos outros foram coroados, pela sua defesa de Cristo, com a coroa do martírio, entre os quais se encontram Fíleas, bispo de Tmuis, no Egito; Peleu e Nilo, bispos do Egito; o bispo Ântimo, de Nicomédia; Tirânio, bispo de Tiro; Silvano, bispo de Emessa; e Silvano, bispo de Gaza; Luciano, presbítero de Antioquia; Zenóbio, presbítero de Sídon; Pânfilo, presbítero de Cesareia: e outros sem número.

Este Galério Maximiano era de tal forma louco por mulheres, que os que viviam sob ele procuravam esconder as suas esposas; estava ainda completamente derretido pelas imposturices de demónios enganadores, ao ponto de não ousar provar nada sem consulta prévia de oráculos. Ele ordenou que se desse a destruição completa dos Cristãos, não tanto por causa da sua impiedade, quanto pela confiscação dos bens daqueles. A justiça divina caiu sobre ele, em virtude da sua desmedida intemperança e da insuportável maldade sobre os Cristãos. Efetivamente, deu-se que uma ferida grave, tendo crescido ao longo do instrumento da sua intemperança, era mais forte do que todo o remédio humano, sendo que uma podridão, assim como vermes, se espalhou pelas partes corrompidas do corpo. Ele era, de facto, obeso.

Compreendendo que havia sido abatido por causa dos assassinatos injustos, escreveu ordens para todos os lugares acerca dos Cristãos, ordenando que tudo fosse feito de acordo com o pensamento de cada qual e que eles rezassem por ele. Tendo isto acontecido, imediatamente o mais terrível da doença, por obra das preces dos Cristãos, foi tratado para além da esperança. Porém, não estando ainda convalescido de todo da ferida, começou a fazer mais coisas doidas, agarrando-se a injustas práticas. Mas logo surgiram de novo guerras e revoltas, fomes e pestes e secas incessantes, ao ponto de os vivos não serem suficientes para sepultarem os mortos. Ocorreram trovões e coisas assustadoras, ao ponto de cada um pensar somente em si mesmo e a maior parte das ordens ficarem por cumprir.

A.M. 5802

Neste ano, Constantino, o beatíssimo[25], insurgiu-se para demitir os tiranos. Maxêncio, o ímpio[26], criou uma ponte através de navios sobre o rio que corre em Roma e avançou contra o grande Constantino. O grande Constantino, por seu turno, temia as feitiçarias de Maxêncio, que cortava recém-nascidos em injustas divinações. Estando ele em grande agonia, apareceu-lhe, à hora sexta do dia, a venerável Cruz envolta em luz, tendo como epígrafe: "Vence com isto!"[27]. Depois o Senhor apareceu-lhe numa visão noturna e disse-lhe: "Utiliza o que te foi revelado e vence!"[28]. Tendo então criado uma cruz dourada, que existe até agora, ordenou que ela fosse levada para a guerra. E tendo-se dado o recontro, os soldados de Maxêncio saíram derrotados, dos quais a maioria foi morta. Maxêncio, ao fugir com os restantes, tendo a ponte, por força divina[29], sido quebrada, atira-se para o rio, como outrora todo o exército do Faraó, ao ponto de o rio se encher com cavalos, juntamente com os cavaleiros afogados. Os cidadãos de Roma, que, tendo-lhe pedido que viesse em seu auxílio, estavam resgatados da tirania de Maxêncio, ornaram a cidade e receberam com alegria o vencedor Constantino, juntamente com a Cruz que traz a vitória[30], proclamando-o salvador.

A.M. 5803

Neste ano, tendo Constantino, o colaborador de Deus[31], tomado Roma, ordenou perante todos que as relíquias dos santos mártires fossem reunidas e depositadas num túmulo santo. E os Romanos realizaram uma festa que celebrava a vitória, louvando o Senhor e a Cruz Vivificadora[32] durante sete dias e engrandecendo Constantino o vencedor.

---

[25] θειότατος
[26] δυσσεβὴς
[27] ἐν τούτῳ νίκα.
[28] χρῆσαι τῷ δειχθέντι σοι, καὶ νίκα. Expressão mais conhecida em latim: *in hoc signo vinces* ("com este sinal vencerás").
[29] θείᾳ δυνάμει
[30] νικοποιῷ σταυρῷ
[31] θεοσυνέργητος
[32] τὸν ζωοποιὸν σταυρόν

A.M. 5805

Neste ano, Maximino, o filho de Galério, tendo irrompido e transferido para si o império, perde a vida, na Cilícia, de forma feia. Tendo ouvido Maximiniano, seu pai, que Maxêncio, o filho de Hercúleo, fora abatido, em Roma, por Constantino pela força da Cruz, parou por medo a perseguição aos Cristãos.

A.M. 5806

Neste ano, Constantino, o beatíssimo[33], levado por um zelo divino, marchou, juntamente com o César Licínio, contra Maximiano, filho de Galério, que governava o Oriente. Este último, contra-atacando, arremeteu contra eles com uma turba amorfa, obedecendo, tal como Maxêncio, a profecias de demónios e a feitiçarias enganadoras. Sendo a Cruz Vivificadora levada à frente do grande Constantino, o tirano é vertido em fuga em conjunto com a investida: desbaratado juntamente com a massa de soldados, libertou-se da vestimenta imperial e, revestindo-se com uma indumentária militar, começou a fugir com alguns dos seus escolhidos, escapando de aldeia em aldeia. Reuniu os sacerdotes dos ídolos, os feiticeiros, os que eram versados na magia e ainda os seus profetas e matou-os como a impostores.

A.M. 5807

Neste ano, a divina ira antecipou-se a Constantino, que estava para apanhar Galério Maximiano vivo, e tomou-o. De facto, uma chama, inflamando-o da profundez das vísceras e das medulas dos ossos com uma dor insuportável, prostrou-o no chão com dificuldades em respirar, ao ponto de lhe fazer sair ambos os olhos e deixar cego o ímpio. As carnes dele caíram-lhe dos ossos, estando pútridas por causa de uma excessiva inflamação. Assim, apodrecido, expeliu a alma inimiga de Deus.

A.M. 5808

Neste ano, Constantino, tendo delimitado uma parte da terra dos Romanos, outorgou-a a Licínio – que combateu com o santo Constantino e que fingia, de forma dolosa, ser cristão – elevando-o

[33] θειότατος

ao título de imperador. Exigiu-lhe em juramentos que nada faria contra os Cristãos. Desde então terminou, com a graça de Cristo, a perseguição feita pelos imperadores contra nós.

A.M. 5809

A.M. 5810

Neste ano o grande Constantino, sendo o único monarca de toda a terra dos Romanos, verteu toda a sua preocupação para as coisas divinas, levantando igrejas e enriquecendo-as honrosamente com o erário público. Em primeiro lugar, ele decretou uma lei pela qual os templos dos ídolos deveriam ser entregues aos que estavam consagrados a Cristo. Crispo, o seu filho, foi colegislador desta lei. Em segundo lugar, decretou uma lei pela qual somente os Cristãos podiam militar no exército e dirigir os povos e os exércitos, sendo que aqueles que, por outro lado, se mantivessem na idolatria, deveriam ser condenados à pena capital. Em terceiro lugar, decretou que as duas semanas da Páscoa deviam decorrer sem se trabalhar, tanto na semana antes da Ressurreição, como na semana após.

Estando estas coisas assim, uma profunda paz e tranquilidade se apoderou do orbe e uma grande alegria dos fiéis, sendo que todos os dias todos os povos corriam para a fé em Cristo, eram batizados e quebravam os ídolos que haviam herdado. Constantino legislou ainda que o cúbito da subida do Nilo, que corre pelo Egito, deveria ser levado para a Igreja, e não para Serapeu, como era costume dos gentios. Por outro lado, Licínio, antes de endoidecer completamente, tendo ido a Antioquia, trucidou o feiticeiro Teotecno, assim como aqueles que estavam com ele, após muitas torturas.

A.M. 5811

Neste ano, Licínio começou a mover uma perseguição contra os cristãos. Em primeiro lugar, perseguiu os cristãos no palácio, esquecendo-se da perdição dos tiranos que vieram antes dele, assim como dos pactos que fizera com Constantino. Não parou de ser um tresloucado por mulheres, de cometer injustiças e de matar cristãos. Tendo-lhe o santo Constantino ordenado, por cartas, para que

parasse com a loucura, não o convenceu. Ele fez com que Basileu, bispo de Amásia e, segundo dizem alguns, os santos Quarenta Mártires, e muitos outros, morressem através de torturas.

A.M. 5812

Neste ano, Ário, aquele cujo nome é loucura[34], tornou manifesta, em Alexandria, a sua própria heresia sobre a Igreja e criou um cisma, colaborando com ele o Inimigo, que não suportava olhar para a paz da Igreja. Ocorreu também um sismo em Alexandria, turbulentíssimo, ao ponto de muitas casas caírem e de muitas pessoas serem mortas.

A.M. 5813

Neste ano, tendo o grande Constantino sido informado acerca do dissídio de Ário, escreveu, profundamente perturbado, uma carta comum a Alexandre e a Ário, aconselhando que terminassem o infeliz dissídio e fizessem as pazes entre eles. Enviou ainda Ósio, o bispo de Córdova, para Alexandria, por causa de Ário, assim como para Oriente, para corrigir os orientais que celebravam a Páscoa de forma juidaizante, de acordo com a Antiga Aliança. Regressou de ambas as missões sem êxito.

Neste ano, também o grande Constantino nomeou Constante, o seu filho, com o título de César Constante, e enviou-o para as Gálias.

A.M. 5814

Neste ano, segundo dizem alguns, Constantino o Grande foi batizado em Roma por Silvestre, juntamente com o seu filho Crispo, de tal modo que os que até ao dia de hoje vivem na antiga Roma possuem a pia batismal como testemunho de que ele foi batizado em Roma por Silvestre, após a dissolução dos tiranos. Por outro lado, aqueles que estão no Oriente afirmam que ele foi batizado, na hora da morte, em Nicomédia, por Eusébio de Nicomédia, um ariano: aí também calhou de ele falecer. Ele diferia o batismo, segundo dizem, na esperança de ser batizado no rio Jordão.

[34] ὁ τῆς μανίας ἐπώνυμος

A mim parece-me ser mais verdadeiro que ele tenha sido batizado em Roma por Silvestre, e que os provedimentos para com Melquíades que carregam o nome dele são forjados pelos arianos. Eles desejam adquirir para si alguma fama com isto, ou então querem denegrir o piíssimo imperador, revelando-o como alguém por batizar, coisa que não faz sentido e é falsa. De facto, se ele não fora batizado durante o concílio de Niceia, de resto também não teria feito parte dos santos mistérios, nem rezaria juntamente com os santos Padres, coisa estranhíssima tanto de dizer como de pensar.

Outros Arianos e Gentios denigrem Constantino como se fosse ele um filho bastardo, mas também esses mentem. Pois a genealogia dele é imperial antes mesmo de Diocleciano. O pai dele, Constâncio, era neto do imperador Cláudio e gerou o grande Constantino da sua primeira mulher. Teve também outros filhos de Teodora, a filha de Maximiano Hercúleo, irmã do Maxêncio que governou tiranicamente Roma e que foi liquidado por Constantino junto à ponte Mílvia (quando também foi visto o sinal da Cruz no céu); e Teodora era também irmã de Fausta, mulher do grande Constantino. E que ninguém se admire se antes do batismo, sendo pagãos, o pai e o filho casaram com duas irmãs. As genealogias deles são assim, tal como se indica em baixo:

Constâncio, o Grande, gerou de Teodora, filha de Hercúleo:

- Constâncio, pai de Galo e de Juliano, o Transgressor[35];
- Anabaliano, o também chamado de Galo Dalmácio, do qual [nasceu] Dalmácio, o Jovem;
- Constância, mulher de Licínio;

Constâncio gerou de Helena somente Constantino o Grande.

Constâncio gerou de Fausta, filha de Hercúleo:

- Crispo;
- Constantino;
- Constâncio;
- Constança;
- e Helena, mulher de Juliano o Transgressor.

[35] παραβάτου

A.M. 5815

Neste ano, tendo o pio Constantino visto que Licínio estava a incutir uma perseguição de forma mais furiosa e que preparava uma insídia contra o seu benfeitor, arma-se contra ele, tanto por terra como por mar. E, estando a decorrer a guerra civil na Bitínia, Licínio é encontrado vivo em Crisópolis e entregue nas mãos de Constantino. Este, fazendo uso da sua habitual filantropia, dá-lhe a graça de viver e envia-o para Tessalónica, a ser vigiado. Não muito após isso, contratou bárbaros mercenários e estava ao ponto de criar uma revolta, se de antemão o gentilíssimo[36] Constantino, apercebendo-se disso, não ordenasse que o mesmo fosse morto à espada: e assim, finalmente, os assuntos do país dos Romanos usufruíram de uma tranquilidade absoluta, sendo que os tiranos saíram de cena pela força da Cruz Vivificadora e o poder Romano era manejado somente por Constantino, Coadjuvante de Deus[37].

Tendo elevado, então, os seus filhos à condição de Césares, consumou a paz. Era um homem em tudo distinto, pela força da alma, pela agudeza de espírito, pela cultura dos seus discursos, pela correção da sua justiça, por estar preparado para realizar obras de bem, pela intuição das coisas que deveriam ser feitas, pela coragem e bom sucesso na guerra, grande nos assuntos estrangeiros, invencível nos assuntos pátrios, firme e imperturbável na fé. Daí que tivesse obtido vitória, pela oração, contra todos os inimigos. Assim também criou igrejas ao longo das regiões, para a conversão dos povos, em honra de Deus.

Neste mesmo ano, também Martinho foi morto, tendo sido tirano durante três meses, e Liciniano, o filho de Licínio, foi deposto da condição de César por Constantino.

Neste mesmo ano, Narses, filho do imperador dos Persas, invadiu a Mesopotâmia e captura a cidade de Amida. O César Constâncio, filho de Constantino, guerreia contra este e, tendo laborado um pouco, por fim domina a batalha, ao ponto de aniquilar o próprio Narses.

[36] πρᾳότατος
[37] θεοσυνεργήτου

A.M. 5816

Neste ano, foram celebradas os vinte anos[38] do reinado de Constantino Augusto. E ocorreu o Santo e Ecuménico primeiro Concílio dos trezentos e oitenta Padres, muitos dos quais realizavam milagres e eram semelhantes aos anjos, carregando no corpo os estigmas de Cristo, das perseguições anteriores. Entre eles também estavam Pafnúcio, Espiridão, Macário e Jacob de Nísibis, homens taumaturgos, que levantaram mortos e fizeram muitas coisas paradoxais.

Realizando-se o Santo Concílio em Niceia, na Bitínia, presidiram-no Macário de Jerusalém e Alexandre de Alexandria; em nome do bispo de Roma estavam presentes Vito e Vicente. Estando vacante a Igreja de Antioquia, o Concílio nomeou Eustácio, bispo de Véria, na Síria. Já Alexandre, o bispo de Bizâncio, não esteve presente no Concílio em virtude da sua idade avançada e de uma profunda doença: presbíteros ocuparam o lugar dele. Na altura esteve também presente no Sínodo Paulo de Neocesareia, assim como uma multidão de santos homens, que se destacavam na vida e no discurso, sobre os quais Eusébio de Pânfilo escreveu grandes elogios, na terceira oração do livro dedicado ao imperador. O Cristianíssimo imperador fornecia a todos, de forma abundante, as coisas necessárias.

Este santo e ecuménico Concílio, com a colaboração da santa e consubstancial Trindade[39], destronou Ário e os que pensavam como ele: Eusébio de Nicomédia, Teógnis de Niceia e aqueles que estavam com eles, à exceção de Eusébio de Pânfilo, que concordou, na altura, com a palavra "Consubstancialidade". E o Concílio enviou-os para o exílio. Estando presente com eles o imperador Constantino, digno de muito louvor e colaborador em tudo com Deus[40], ordenou que outros fossem eleitos em vez daqueles, pondo a circular uma exposição da Fé que agora é recitada por toda a igreja dos ortodoxos.

[38] εἰκοσαετηρίς: trata-se da festa das *vicennalia*.
[39] συνεργίᾳ τῆς ἁγίας καὶ ὁμοουσίου τρίαδος
[40] τοῦ πανευφήμου βασιλέως Κωνσταντίνου καὶ συνεργοῦντος ἐν πᾶσι τοῖς κατὰ θεόν

Na altura estava também presente no Concílio Ário, o ímpio[41], a ser julgado. Eusébio de Nicomédia, Teógnis, Máris, Narciso, Teofanto e Patrófilo afirmaram-se por Ário, os quais, reunindo uma definição blasfema da Fé, a apresentaram ao Concílio. Quando esta foi rasgada, os que isto fizeram viraram-se para a posição inversa e condenaram Ário, à exceção de Segundo de Ptolemaida do Egito, e de Teonas, de Marmárica. Tendo estes sido expulsos e anatematizados juntamente com Ário, ditaram o santo Símbolo da Fé: todos o subscreveram, juntamente com o piíssimo imperador, e deram graças. E assim terminou o Concílio.

Neste mesmo ano, Crispo, o filho do imperador, faleceu, sendo cristão. Além disso, Bizâncio começou a ser fundada[42].

O primeiro santo e ecuménico Concílio, portanto, ocorreu na décima segunda indicção, no vigésimo ano do reinado de Constantino, o Grande, no dia vinte de maio. O concílio escreveu uma carta geral para Alexandria, para a Líbia e para a Pentápole, na qual revelava a expulsão de Ário, de Segundo e de Teonas. Falou também acerca de Melêncio, dizendo que o mesmo deveria manter uma vida privada na sua própria cidade e que aqueles que tivessem sido por ele consagrados deveriam ser confirmados por uma consagração mais mística[43]. Escreveu também acerca da Páscoa, que já não deveria ser celebrada segundo o costume judaico, mas sim de acordo com o rito da Igreja em Itália, aos domingos.

Da mesma forma, também o piíssimo imperador escreveu cartas para todo o lado, ordenando essas mesmas coisas e consolidando o que havia sido proclamado no santo Concílio, denunciando Ário juntamente com todos os que pensavam como ele, chamando-os Porfirianos e ordenando que se queimassem as suas obras, e que aqueles que isso não fizessem deveriam ser condenados à morte. Emitiu também uma lei imperial para que isto assim ocorresse.

---

[41] δυσσεβοῦς

[42] A palavra usada por Teófanes é Βυζάντιον, mas ele refere-se, naturalmente, a Constantinopla.

[43] Na leitura do texto, seguimos a interpretação de João Classeno (TEÓFANES CONFESSOR a, *Chronographia* CSHB 31-32), preferindo-a à leitura que Cyril Mango e Roger Scott fazem na sua tradução inglesa (MANGO & SCOTT 1997 36). Para estes últimos, μυστικωτέρᾳ χειροτονίᾳ refere uma ordenação secreta que Melêncio fizera, e que agora é confirmada. Nós, por outro lado, lemos o verbo ἐσήμανε a dar um sentido final a βεβαιοῦσθαι. Assim, e de acordo com a resolução histórica do cisma de Melêncio, as ordenações deste bispo precisaram de uma ordenação de confirmação.

Enquanto decorriam as festividades do vigésimo ano do seu reinado, chamou para si, com hospitalidade, os Padres, sentando-se em conjunto com eles e honrando-os com magnificência. Beijava os olhos perfurados e os membros mutilados de Pafnúcio e dos que com ele haviam sido confessores durante a perseguição, ao passo que recebia deles uma bênção. Recomendava a todos os bispos que vivessem em paz e que se afastassem das más línguas contra o vizinho. Atirou ao fogo os libretos que alguns haviam escrito uns contra os outros, certificando por juramento que, se eventualmente visse algum bispo a cometer adultério, de imediato o taparia com o seu manto purpúreo. Tendo feito várias ofertas a todas as igrejas, e ordenado aos governantes dos povos que honrassem os sacerdotes, reenviou a todos alegres.

Uma vez que o imperador havia sido reprovado por filósofos gentios em Bizâncio, porquanto não estivesse a agir de forma conveniente ao revolucionar, contra os costumes dos anteriores imperadores, a religião[44], pareceu-lhe correto enviar um dos filósofos ao bispo Alexandre, para que discutisse com ele. Alexandre era um homem divino, mas sem experiência nas Letras. Disse, todavia, a um filósofo dialético, enquanto ele falava abundantemente: "ordeno-te em nome de Jesus Cristo, filho do verdadeiro Deus, que te cales e que não fales mais." Assim que disse isto, o outro parou de falar e ficou mudo.

O imperador ordenou a Macário, o bispo de Jerusalém, que estava presente no Concílio, que, ao regressar, descobrisse o lugar da santa Ressurreição e o lugar do Gólgota, do Calvário, assim como o Madeiro Vivificante.

Nesse mesmo ano, ele coroou Helena, sua santa[45] mãe, e atribuiu-lhe, como a uma imperatriz, a capacidade de criar moeda. Ela, por seu turno, teve uma visão que lhe ordenou que fosse a Jerusalém e que pusesse a descoberto os lugares sagrados, que haviam sido cobertos pelos ímpios. Ela então pediu ao seu filho Constantino para que se cumprisse aquilo que lhe havia sido divinamente[46] ordenado. Ele, por seu turno, fez o que lhe foi pedido.

[44] θρησκείαν
[45] θεόφρονα
[46] θεόθεν

Movido por um sinal divino[47], o pio Constantino quis fundar uma cidade com o seu próprio nome na planície que está ante Troia, perto do túmulo de Ájax, onde os Gregos que guerreavam os Troianos tinham, segundo dizem, um porto. Deus, através de um sonho, ordenou-lhe que fundasse em Bizâncio a que agora é Constantinopla. A qual muniu de forma liberal com casas por todo o lado: transferiu dignatários de Roma, assim como de outros lugares, de acordo com o seu estatuto e, colocando-os em grandes casas e concedendo graças, fez com que a cidade fosse habitada.

Nesta altura, o imperador, amigo de Cristo[48], construiu a Igreja de Santa Irene, a dos Apóstolos, a de São Mócio e a do Arcanjo, em Ánaplo. Ordenou que os templos idólatras dos pagãos fossem destruídos e que fossem fundadas igrejas. Então se destruiu o templo de Asclépio, em Egas, assim como o de Afrodite, entre os Áfacos, tal como muitos outros. E presenteou as igrejas com os lucros destes lugares.

Por esta altura, muitos povos aproximaram-se do batismo por causa dos milagres[49] realizados pelos cativos de guerra que haviam sido capturados quando Galieno era imperador, e que eram sacerdotes. Vinham dos Godos, Celtas e Gálatas do Ocidente que dantes haviam irrompido contra os Romanos. E agora, na altura em que Constantino era vencedor, a maior parte dos gentios, iluminada, corria para Cristo. Os Indianos do interior acreditaram em Cristo, visto que o filósofo Merópio de Tiro, trazendo consigo os seus alunos Edésio e Frumêncio e entrando lá para conhecer os locais, lhes ensinou a Palavra de Deus. Atanásio elegeu Frumêncio como o primeiro bispo entre eles.

Da mesma forma, também os Iberos acreditaram Nele, ao verem as coisas espantosas[50] realizadas por uma mulher cristã, cativa de guerra. Isto após terem também visto uma cegueira a cair sobre o imperador deles, quando ele estava a caçar. Rufino dá conta disto, tendo-o ouvido do próprio imperador dos Iberos, Bacúrio. Por fim, também os Armenos, no tempo de Constantino, receberam a salvação, através de Tirídates, rei deles, e de Gregório, bispo deles.

[47] θείῳ νεύματι
[48] φιλόχριστος
[49] θαύμασι
[50] θαύματα

Então também floresceu Doroteu, bispo de Tiro, que muito sofreu sob Diocleciano e se sujeitou a exílios e torturas, deixando muitas obras em Latim e em Grego, em virtude de ser muito versado em ambas as línguas, assim como muito douto, graças à sua natural disposição. Também discorreu com exatidão acerca dos bispos de Bizâncio e de outros lugares. O próprio, regressando do exílio e encontrando-se no Concílio, tomou a sua própria paróquia e viveu até ao reinado de Juliano o Apóstata. E quando este desgraçado homem maltratava os Cristãos, não aberta, mas secretamente através dos seus governantes, de novo o beato Doroteu foi para Odissópolis, onde, preso pelos governantes de Juliano e tendo suportado muitos desconfortos, morreu de torturas na profunda velhice, por causa da sua confissão a Cristo, tendo ele cento e sete anos de idade.

A.M. 5817

Neste ano, os Judeus e os Persas, vendo o Cristianismo a florir ao longo da Pérsia, difamaram Simão, arcebispo de Ctesifonte, assim como Selêucias, a Sapor, o imperador dos Persas, como sendo eles amigos do imperador dos Romanos e espiões das coisas pérsicas: ao ponto de, tendo-se movido uma grande perseguição na Pérsia, a maioria ser adornada com o martírio a Cristo, entre os quais se encontra Ustaxades, pedagogo de Sapor, assim como Simão, o arcebispo. E também, para além de muitos outros, cem clérigos e bispos sofreram o martírio num dia, assim como inumeráveis multidões. De todos estes mártires contam-se dezoito mil nobres, que sofreram torturas terríveis e contrárias à natureza humana, sendo mortos por Sapor, o completamente afastado de Deus[51]. Então também o bispo Acépsimas, o presbítero Eitalas e Terbúlia, irmã do arcebispo Simão, sofreram o martírio juntamente com muitas outras mulheres. Já Constantino, o piíssimo imperador, exortou Sapor, por cartas, para que poupasse os Cristãos, pedindo que parasse com tal crueldade. Esta carta foi escrita de forma maravilhosa e divina: mas não convenceu o outro.

No mesmo ano, o divino Constantino enviou a beata Helena com fundos e soldados a Jerusalém, para que descobrisse a Cruz

[51] ἀθεωτάτου

Vivificante do Senhor. Macário, por outro lado, o patriarca de Jerusalém, tendo-se juntado à imperatriz com a devida honra, começou a procura, com ela, da desejada Cruz Vivificante, em tranquilidade[52], com orações intensas e jejum. Tendo ocorrido estas coisas, o lugar onde estava construído o templo e a estátua da impura e demoníaca Afrodite apareceu indicado, de forma imediata e com origem divina[53], ao mesmo Macário. O qual templo – outrora fundado por Adriano Élio com muitos fundos – a divinamente coroada[54] Helena, fazendo uso da autoridade imperial, logo destruiu até às fundações, por meio de um grande número de operários, escavando e eliminando os detritos. O sagrado monumento e o local do Crânio revelaram-se imediatamente e, perto deles, viradas para oriente, três cruzes cobertas em terra. Após terem feito buscas descobriram também os pregos. Desconhecendo todos eles qual das Cruzes seria a do Senhor, e estando a beata Helena profundamente perturbada, Macário, bispo com um nome correspondente[55], resolve a questão pela fé. Pois, aproximando cada uma das Cruzes a uma certa mulher de entre os nobres, que estava desesperada e quase a morrer, descobriu qual delas era a do Senhor. Bastou aproximar a sombra dela à debilitada, para que de súbito ela, que era de fraca respiração e não se mexia, se tivesse levantado, pela energia divina[56], e começado a louvar o Senhor em voz alta. A piíssima Helena, pegando com temor e muita alegria na Cruz Vivificante, conduziu uma parte da mesma para o seu filho, em conjunto com os pregos; a restante parte, colocada num recetáculo de prata, deu-a ao bispo Macário, para lembrança das gerações futuras.

Em seguida ordenou ainda que fossem fundadas igrejas nesse local sagrado, assim como no local do Crânio onde fora encontrada a Vivificante Cruz, sob o nome do seu filho, e ainda em Belém e no Monte das Oliveiras. E regressou para o muito digno de louvor[57] Constantino. Este, recebendo-a com grande alegria, colocou a parte da Cruz Vivificante numa teca de ouro, dando-a ao bispo para que a

[52] μεθ᾽ἡσυχίας. Em contexto cristão ortodoxo, ἡσυχία significa também profundidade espiritual e contemplativa.
[53] θεόθεν
[54] θεόστεπτος
[55] Macário, em grego (Μακάριος) significa "feliz", "bem-aventurado".
[56] θείᾳ δυνάμει
[57] πανεύφημον

guardasse. Quanto aos pregos, fundiu alguns deles dentro do seu próprio elmo, e misturou outros no freio do seu cavalo, para que se cumprisse o dito do profeta: "Naquele dia, aquilo que está sobre o freio do cavalo será santo ao Senhor Todo-Poderoso"[58].

O próprio Constantino, o digno de todo o louvor[59], escreveu a Macário, o do justo nome, para que acelerasse a sua empresa, e enviou um mestre de obras, com fundos abundantes, ordenando que edificasse os lugares sagrados, a fim de que não houvesse outros mais belos em todo o orbe. Escreveu também aos governantes da província para que acorressem vigorosamente para os trabalhos, com fundos do erário público. O imperador festejava com alegria e dava graças a Deus, ao feitor de tais coisas boas nos seus anos de vida.

Neste mesmo ano, também Macário, o de nome correspondente, patriarca de Jerusalém, faleceu em paz, e Máximo seguiu-lhe na sede patriarcal, homem gentil e distinto, que havia sofrido muitos tormentos por causa de Deus e que, na perseguição, havia perdido o olho direito.

Por essa mesma altura, também adormeceu no Senhor a feliz Helena, com oitenta anos de idade, recomendando muitas coisas a seu filho acerca da piedade em Cristo. Foi sepultada na Igreja dos Apóstolos, em Constantinopla, a qual Constantino, o filho dela, fundara com o fito de enterrar os imperadores Cristãos. A beata Helena foi a primeira a ser aí sepultada, sendo honrada com solenes ofícios e vigílias. As virgens consagradas, em Jerusalém, as quais Helena, a com o pensamento em Deus[60], havia servido à mesa a suas expensas, como criada, celebraram-na com ofícios divinos. O imperador ordenou a Eusébio de Pânfilo que preparasse livros sagrados para que fossem usados nas Igrejas de Constantinopla, fornecendo-lhe para isso fundos do erário público.

A.M. 5818

Neste ano, Constantino, vencedor piíssimo, militando contra Germanos, Sármatas e Godos, obtém uma vitória em virtude da

[58] Zac. 14, 20
[59] πανεύφημος
[60] θεόφρων

força do Madeiro[61] e, depois de os devastar, conduziu-os até à extrema servitude.

Neste mesmo ano, ele reconstruiu Drépana em honra do mártir de lá, Luciano, e chamou-a Helenópolis em honra de sua mãe.

Eusébio de Pânfilo dá testemunho de ortodoxia, ao escrever aos seus concidadãos, e interpretando de forma clara, as palavras do Símbolo da Fé exposto em Niceia pelo Padres. Além disso, Atanásio, na sua carta aos [bispos] africanos, dá testemunho de Pânfilo como tendo acolhido a expressão "Consubstancial". Já Teodoreto diz que Eusébio de Pânfilo era do partido dos Arianos, de Eusébio de Nicomédia e dos que com ele estavam: de onde ter ele concorrido para a deposição do santo Eustácio de Antioquia, com os quais convenceu com sucesso o imperador de que ele devia ser deposto e preparou o seu exílio para o Ilírico.

A.M. 5819

Neste ano, começou a ser construída a igreja octagonal em Antioquia.

A.M. 5820

Neste ano, o pio Constantino, depois de passar além do Danúbio, contruiu no mesmo uma ponde de pedra: e subjugou os Citas.

A.M. 5821

Neste ano, tendo o pio Constantino fundado Constantinopla, decretou que ela fosse chamada Nova Roma e ordenou que tivesse um senado, estabelecendo uma coluna púrpurea e uma estátua de si próprio no local onde ele começara a edificar a cidade, na parte ocidental da porta que vai em direção a Roma. Ornou a cidade e transportou para ela toda a obra bem construída, de estátua ou de mármore, de todas as províncias e cidades.

[61] τοῦ σταυροῦ δυνάμεως

A.M. 5822

Neste ano, o pio Constantino incitou à dissolução dos ídolos e dos seus templos, e eles foram eliminados em vários lugares. E deu os rendimentos deles às igrejas do Senhor.

A.M. 5823

Neste ano, a basílica em Nicomédia foi queimada por um fogo divino[62].

A.M. 5824

Neste ano, estando para começar a sétima indicção, surgiu uma fome no Oriente, com particular força, de tal modo que aldeias inteiras se reuniram umas com as outras, em grande multidão, e avançaram sobre a terra dos Antioquenos e de Ciro, umas contra as outras: e fizeram rapinas como se fosse em ataques noturnos. E, por fim, era já de dia que vinham pilhar os celeiros e os depósitos: arrebatavam as coisas e regressavam. De modo que o módio do pão custava quatrocentas peças de prata. O grande Constantino doou uma ração de comida às igrejas, em cada cidade, para sustentar as viúvas e os pobres que estavam em hospedagens, assim como os clérigos. A Igreja em Antioquia recebeu trinta e seis mil módios de trigo.

Neste mesmo ano, tendo-se dado um terrível sismo no Chipre, a cidade de Salamina caiu e matou um número considerável de pessoas.

A.M. 5825

Neste ano, Dalmácio é nomeado César. Por outro lado, Calócero, que governava tiranicamente na ilha de Chipre, não pôde resistir ao ataque dos Romanos. E, tendo sido derrotado, é morto, juntamente com os responsáveis, em Tarso, na Cilícia, queimado vivo pelo César Dalmácio.

Neste mesmo ano, também Ário, tendo sido chamado do exílio, em virtude de uma fingida penitência, e sido enviado para Alexandria, não foi recebido por Atanásio.

[62] πυρὶ θείῳ

A.M. 5826

Neste ano foram organizadas as festas dos trintas anos do reinado de Constantino[63], de forma bastante generosa. E apareceu um astro em Antioquia durante o dia, no céu, em direção a Oriente, fumegando bastante, como se viesse de uma fornalha, desde a terceira até à quinta hora.

Por outro lado, Ário, juntamente com Eusébio de Nicomédia e aqueles que pensavam como eles, trouxeram libretos que falavam da ortodoxia, dando-os, com juramentos, ao imperador, que desejava ardentemente a união dos que estavam afastados. E convenceram-no de que concordavam com os Padres de Niceia, mentindo. Confiando neles, o imperador encolerizou-se contra Atanásio por este não ter recebido Ário e Euzóio, que haviam sido depostos por Alexandre, sendo na altura Euzóio um diácono. Vendo Eusébio, assim como os seus, que as coisas estavam assim inclinadas, iniciaram uma luta contra Atanásio, como se ele fora inimigo da fé ortodoxa.

A.M. 5827

Neste ano, os que estavam em torno de Eusébio de Nicomédia, juntamente com os Melecianos, tendo encontrado um instrumento de maldade na ira do imperador, que se havia insurgido contra Atanásio por este não ter recebido Ário e Euzóio após o forjado retorno daqueles, prepararam insídias contra Atanásio. E, em primeiro lugar, atacaram a sua ordenação, ainda que Apolinário o Sírio testemunhasse muitas coisas acerca da ordenação de Atanásio. Em segundo lugar, atacaram a vestimenta de linho, que os inimigos acusavam o santo de vestir. Em terceiro lugar, atacararam-no por causa de Filomeno, ao qual – diziam mentindo – havia enviado muito ouro em conjura contra o imperador. O imperador chamou Atanásio e descobriu que tudo isto era falso, pelo que o enviou para Alexandria com cartas e grande louvor.

Neste mesmo ano, também um ataque foi esconjurado contra Atanásio, feito por Ísquiras, em Mareótis. Este Ísquiras, fingindo-se um sacerdote, andava de terra em terra celebrando os mistérios: quando disto se apercebeu, Atanásio impediu-o dessa ousadia

[63] τριακονταετηρίς, as *tricennalia*.

através do presbítero Macário. Ele, fugindo, dirigiu-se para Eusébio de Nicomédia, acusando Atanásio de ter arrebatado os vasos sagrados do altar na altura da celebração dos Mistérios, dizendo ainda que, com a ajuda de Macário, havia queimado livros sagrados. Por seu turno, eles mentiram acerca da famosa mão de Arsénio, dizendo que utilizava a mesma para atos mágicos: e assim caluniavam o santo desavergonhadamente.

O imperador, ao ser informado dos ataques contra Atanásio, passa primeiro a questão a Dalmácio, ao seu próprio sobrinho, que estava em Antioquia. Em seguida, e por causa de Eusébio de Pânfilo, muda o lugar de julgamento para Cesareia, em Tiro, onde Atanásio, sendo para lá transportado, é julgado pelos inimigos da verdade, por Eusébio de Nicomédia, digo, que enganou o imperador, dizendo que desejava ver os lugares sagrados já construídos e lá se encontrar aquando da sua consagração. O imperador enviou-o com grandes honrarias, ordenando que fossem dissolvidas as acusações contra Atanásio, e que assim ele estivesse presente, juntamente com Atanásio, nas festas da consagração.

Depois de todos se terem reunido, portanto, em Tiro, encontrou-se lá também Máximo de Jerusalém, que desconhecia as intrigas contra Atanásio. Tendo Atanásio entrado no sinédrio dos ímpios[64], dissolveu as invetivas dos ímpios, à maneira de uma aranha[65], ao ponto de eles, naquelas coisas em que foram revelados como mentirosos, ficarem completamente confundidos e gritarem: "Levem daqui esse que, por artes mágicas, faz com que todos se calem!" Já Dalmácio, sobrinho do imperador, salvou a custo Atanásio, que estava para ser por eles arrastado, com um punhado de soldados.

Na altura Arsénio também apareceu, de acordo com a providência de Deus[66], em Tiro e, tendo o forjamento relativo a ele sido exposto, os inimigos voltaram-se para a calúnia feita por Ísquiras. Atanásio, por seu turno, por causa dos ataques constantes

[64] κακοφρόνων

[65] ἀράχνης δίκην: tanto a tradução latina de João Classeno como a inglesa de Cyril Mango e Roger Scott associam esta imagem aos caluniadores, cujas insídias aracnídeas se dissolveriam perante Atanásio. A nós, porém, parece-nos referir-se ao próprio Atanásio que, hábil como uma aranha, consegue-se livrar do que lhe prepararam.

[66] κατὰ θεοῦ πρόνοιαν

feitos contra ele, saiu de Tiro. Tendo então formado um partido só com um lado, os Arianos depõem Atanásio, que estava longe, e, depois de elegerem Ário e Euzóio para Alexandria, para lá os mandaram. E assim regressaram com as mãos sangrentas para as festas da consagração. Eusébio Nicomedeu foi o intrutor de todos os males.

Uma estória verdadeira diz que o grande Atanásio, ao fugir de Tiro, entrou em Jerusalém: e, tendo rezado, ungido com o santo óleo e santificado as casas destinadas à oração antes da chegada dos ímpios, foi ter com o imperador e explicou-lhe tudo o que lhe acontecera. O digno de todo o louvor[67] Constantino, espantando-se com o mau feito dos ímpios, louvou-o com grande honra enviou-o, com cartas, para Alexandria.

Após ter chegado das consagrações, Eusébio de Nicomédia, estrangeiro a toda a verdade[68], assim como Teógnis e Ursácio e Patrófilo, tendo chegado a Bizâncio e calado as primeiras insídias cometidas contra Atanásio, trouxeram quatro falsas testemunhas que possuíam a consagração episcopal. Estes ousaram dizer, sob juramento, que haviam ouvido Atanásio a ameaçar impedir a transmissão do trigo que ia desde o Egito até Bizâncio. Daí enraiveceram o imperador amigo de Cristo e prepararam-se para exilarem o grande Atanásio para Tréveris, na Gália.

Com Atanásio mais uma vez exilado, de novo Ário perturbava o Egito. Sabendo disto o imperador, chamou-o e começou a perguntar-lhe se subscrevia os dogmas de Niceia acerca do Consubstancial: aquele, respondendo sob juramento que subscrevia, também nessa altura, como sempre, preparava um dolo. Efetivamente, reuniu dois panfletos, um a favor do Consubstancial, um outro contra ele. Ele escreveu este segundo texto, ao passo que copiou o primeiro de um outro autor. Convenceu depois o imperador, jurando que era pio, a ordenar que o recebessem na Igreja Católica. O santo Alexandre, quando o soube, lamentou-se a Deus na chamada Igreja da Paz. E, mais rápida que uma palavra, a divina justiça[69] atacou Ário, nos lugares dignos das águas túrpidas

[67] πανεύφημος
[68] ὁ πασῆς εὐσεβείας ἀλλότριος
[69] θεία δίκη

da sua língua, pois cortou-lhe a vida, neste tempo e no que há de vir, fazendo-lhe sair as vísceras na latrina, pela mesma hora em que estava prestes a subir, indignamente, aos santuários.

Estas coisas aconteceram no trigésimo primeiro ano do grande Constantino, sendo o divino Alexandre bispo de Constantinopla, e não como Eusébio diz, sozinho nesta matéria, que Eusébio de Nicomédia tomou o assento de Constantinopla quando se preparava contra Atanásio e entrava nas festas das consagrações. Efetivamente, demonstra-se que isto é falso pela completude dos anos, visto que Constantino governou os íntegros trinta e dois anos. Este, após a primeira década, no seu décimo terceiro ano, ao chegar a Bizâncio, encontra Metrófanes como bispo antes de Alexandre. Após isto, Alexandre foi bispo durante vinte e três anos. Assim, desde o começo do reinado do grande Constantino até ao falecimento de Alexandre decorreram trinta e sete anos, os quais anos Constantino não atingiu: e assim se demonstra pela completude do tempo não ter Eusébio governado o assento de Constantinopla no tempo de Constantino. O mesmo é demonstrado, a partir do que foi dito, em relação a Ário e a Atanásio, pois o exílio de Atanásio e a demissão de Ário aconteceram após o trigésimo ano de Constantino e após as celebrações em Jerusalém: o grande Constantino, então, ainda vivia.

A.M. 5828

Neste ano Eustácio, presbítero de Constantinopla, levando uma vida apostólica e tendo chegado ao pico da virtude, passou a ser conhecido, distinguindo-se. Assim também Zenóbio, arquiteto, que construíra o Martyrion em Jerusalém, por ordem de Constantino.

Neste mesmo ano, muitos dos Assírios, na Pérsia, eram vendidos, na Mesopotâmia, pelos Sarracenos; os Persas moveram guerra contra os Romanos e Constantino, o pio[70], subiu para a cidade dos Nicomedenos, preparou-se contra os Persas e, sentindo-se mal, faleceu em paz. Algumas pessoas, que pensam como os Arianos[71], dizem que ele foi considerado digno do santo batismo nesta altura, tendo o mesmo sido ministrado em Constantinopla por

[70] εὐσεβής
[71] ἀρειανόφρονες

Eusébio Nicomedeno: coisa que é falsa, como foi demonstrado. De facto, foi batizado em Roma por Silvestre, como dissemos de antemão.

Viveu, em toda a sua vida, sessenta e cinco anos, governando trinta e um anos e dez meses. Ao escrever o seu testamento, deixou o império aos seus três filhos, a Constantino, a Constante e a Constâncio, tendo usado do poder de forma piedosa e gentil, sendo o primeiro imperador cristão, por providência de Deus[72]. Lidando com muitos bárbaros, dominou desde a Bretanha até à Pérsia; tratou também dos tiranos do seu país, destruindo os inimigos pelo Sinal da Cruz Vivificadora.

Entregou o seu testamento a um certo presbítero Ariano, que ali havia sido introduzido de forma maliciosa por Constância, irmã dele, consignando que o mesmo não fosse entregue a mais ninguém a não ser a Constâncio, o imperador do Oriente. Ordenou ainda que Atanásio regressasse do exílio. Constâncio, quando chegou do Oriente, sepultou o corpo do pai na Igreja dos Apóstolos. Então o maléfico presbítero ariano, tendo dado a Constâncio o testamento, ficou com uma grande liberdade de expressão nos aposentos imperiais. Convenceu a própria imperatriz a praticar o arianismo[73], tendo como ajudante Eusébio, o principal dos eunucos, assim como Eusébio de Nicomédia e os Arianos que pensavam como eles.

A.M. 5829

Neste ano, estando em repouso Constantino, o grande e santo, os seus três filhos governam os Romanos, governando Constâncio o Oriente, Constante as Gálias e Constantino a Itália. Constâncio, chamando Atanásio do exílio com cartas confirmatórias, enviou-o para Alexandria: os Alexandrinos, e sobretudo o clero, receberam-no com muita alegria.

Por outro lado, Eusébio de Pânfilo, no primeiro tratado contra Marcelo, assim como no terceiro, acusa veementemente os que ousam dizer que o Filho de Deus é uma criatura[74], citando-o Sócrates ao defender Eusébio, procurando com entusiasmo mostrar

[72] θεοῦ προνοίᾳ
[73] ἀρειανίζειν
[74] κτίσμα

que ele não pensava como os Arianos. A verdade das coisas, todavia, revela que ele era inconstante no que concerne ao assunto, mudando de opinião consoante os tempos. Morreu logo após o grande Constantino, deixando o assento de Cesareia a Acácio, seu aluno e diácono: um homem eloquente, que também coligiu as *Miscelâneas*; muito ligado, porém, aos Arianos, numa manifesta concordância de opinião com o seu mestre.

Neste mesmo ano, Sapor, o imperador dos Persas, avança sobre a Mesopotâmia com o intuito de pilhar Nísibis, e cercou-a durante sessenta e três dias. E, não sendo capaz de a tomar, regressou. Já Jacob, bispo dos Nisibenos, mantendo-se no costume da religião[75], conseguiu facilmente, através de preces, aquilo que estava de acordo com o seu propósito: ele mesmo fez com que os Persas, que estavam com esperanças de tomar Nísibis, perdessem a esperança. De facto, começaram logo a afastar-se da cidade, perseguidos pelo espírito da prece[76] e, quando chegaram à sua terra, suportaram fome e peste, recebendo um pagamento pela impiedade que praticavam.

O César Dalmácio, imediatamente após a morte do grande Constantino, foi morto pelos soldados, sendo que nem Constâncio ordenou a morte, nem a impediu.

A.M. 5830

Neste ano, tendo Dalmácio, o Jovem, sido morto pelos soldados, Galo e Juliano, filhos de Constâncio, o irmão de Constantino o Grande, estavam também para serem mortos. Mas uma doença salvou Galo, e a Juliano a sua tenra idade: tinha, de facto, oito anos. Constâncio, tendo aceitado primeiro o "Consubstancial", mudou depois de posição por leveza de opinião e por artimanha do presbítero Ariano e de Eusébio, o principal dos eunucos, assim como de Eusébio de Nicomédia e dos que estavam com eles.

[75] ἐν τῷ τῆς θεοσεβείας ἤθει. Trata-se, aqui, de uma das raras ocasiões em que a fé cristã é referida como sendo uma religião – θεοσεβεία – e não como piedade – εὐσεβεία.
[76] τῷ τῆς εὐχῆς πνεύματι διωκόμενοι

A.M. 5831

Neste ano, Constantino, o filho do grande Constantino, tendo ido para as terras de Constante, seu próprio irmão, e tendo entrado em combate, foi morto pelos soldados. Constante governou sozinho toda a parte ocidental. Já Constâncio, governando o Oriente, entregou Galo e Juliano para serem educados na terra chamada Demacela, perto de Cesareia, na Capadócia. Estes dois irmãos tornaram-se leitores e desejaram edificar uma igreja ao santo mártir Mamede. Porém, a terra não recebeu nas suas fundações a parte de construção que coube a Juliano. Ele, todavia, tendo cortado os cabelos[77], fingiu viver uma vida ascética.

Constâncio e Constante legislaram que nenhum Judeu podia comprar um escravo, assim como que o mesmo fosse dado à praça pública[78]. Além disso, se ainda ousassem circuncisar um escravo, deviam ser mortos à espada e ter as suas propriedades confiscadas.

A.M. 5832

Neste ano, Constâncio fundou Amida, fortificando-a esplendorosamente. Fundou também Constância, antes chamada Antoniópolis, mudando-lhe o nome em função do seu próprio nome. Dista de Amida setecentos estádios, para sul.

A.M. 5833

Neste ano, realizou-se um Concílio em Antioquia, de cento e noventa bispos, presididos por Eusébio de Nicomédia. Eles nomearam Eusébio de Emesa como bispo de Alexandria. Não tendo ele sido aceite, apesar de ser Sabeliano, enviaram o Ariano Gregório, juntamente com um grande exército e um certo general sírio, para expulsarem Atanásio da sede de Alexandria, ou para o matarem. Então Atanásio, tendo deliberado de forma sábia, por inspiração divina[79], e tendo saído com os salmodistas da igreja, fugiu à morte

[77] ἀποκειράμενος: i.d., tendo-se tonsurado.

[78] ἐπεὶ ἀφαιρεῖσθαι αὐτὸν εἰς τὸν δημόσιον λόγον: não concordamos com a leitura de MANGO & SCOTT 1997 58, que interpretam a passagem como significando que os escravos que já fossem propriedade de um Judeu deveriam ser dados à praça pública. Ainda que fosse prática, até à modernidade, fazer reverter ao fisco um escravo na posse de proprietário considerado ilegítimo, a formulação, aqui, diz que se futuramente um judeu comprasse um escravo, este reverteria em favor da praça pública, sendo que não se pode concluir o mesmo em relação aos escravos já possuídos.

[79] θεόθεν σοφῶς

iminente. Não sendo Eusébio recebido pelos Alexandrinos […][80], eles próprios mudaram de fé, recebendo Ário abertamente após a morte. E, escrevendo um segundo símbolo da Fé, calaram-se acerca do "Consubstancial". Depois celebraram as festas da consagração da Igreja de Antioquia, que Constantino o Grande fundou.

Neste mesmo ano, Antioquia foi posta em perigo por grandes sismos, durante três dias. A igreja consagrada havia sido construída de forma esférica, em seis anos, com as suas fundações estabelecidas por Constantino o Grande, e consagrada e concluída por Constâncio.

A.M. 5834

Neste ano, Constâncio, tendo vencido os Assírios, celebrou um triunfo. Já Sapor, o imperador dos Persas, perseguiu, para além das suas restantes más ações, os Cristãos que estavam sob as suas mãos. No Ocidente, por seu turno, Constante devastou os Francos. Tendo ocorrido um grande sismo no Chipre, a maior parte da cidade de Salamina destruiu-se.

A.M. 5835

Neste ano, ocorrendo um grande sismo, a Neocesareia do Ponto caiu, excetuando-se a igreja e a casa episcopal, assim como os felizes homens que lá dentro se encontravam. Os Romanos iniciaram guerra com os Persas e mataram muitos deles.

Neste mesmo ano, Paulo, o Confessor, é eleito bispo de Constantinopla.

A.M. 5836

Neste ano, ocorrendo um grande sismo, a ilha de Rodes foi abalada. Já os Alexandrinos assassinaram Gregório, que piraticamente havia atacado Atanásio e tomado a sede de Alexandria durante seis anos. E Gregório Ariano, fera da Capadócia, é eleito pelos Arianos.

[80] Há aqui uma pequena falha no texto, que não impede, porém, a reconstrução do sentido da passagem.

A.M. 5837

Neste ano, Dirráquio, na Dalmácia, foi destruída por um sismo. E Roma esteve em perigo, por atividade sísmica, durante três dias. Doze cidades da Campânia foram destruídas.

Chegando Constâncio a Bizâncio, expulsou da sede Paulo, bispo de Constantinopla, e colocou em seu lugar, de forma pirática e sacrílega, o ímpio Eusébio de Nicomédia, esse receptáculo de males[81].

A.M. 5838

Neste ano, Constâncio construiu o porto que está em Selêucia, na Síria, cortando uma parte considerável de um monte e edificando de novo a cidade. Fundou também uma cidade na Fenícia, à qual chamou Constância, sendo que antes se chamava Antárado.

Sapor, por seu turno, o imperador dos Persas, regressando à Mesopotâmia, cercou Nísibis durante setenta e oito dias e, mais uma vez, envergonhado, regressou à sua terra.

Neste mesmo ano ocorreu um eclipse do sol, de tal modo que apareceram no céu as estrelas à hora terceira do dia seis do mês de Dáisio.

Atanásio e Paulo, por seu turno, e todos aqueles que foram expulsos por causa da fé ortodoxa, fugiram para Júlio, em Roma, e revelaram a Júlio o que sucedeu a cada um deles, sendo que ele restituiu cada um na sua própria igreja, através de cartas.

A.M. 5839

Neste ano, Atanásio, Paulo e os que estavam com eles, ganhando alento com as cartas de Júlio, papa de Roma[82], tomaram as suas próprias sedes. Constâncio, que estava em Antioquia, ao saber que Júlio havia devolvido as próprias sedes a Paulo e Atanásio através de cartas, ordenou-lhes, encolerizado, que se afastassem deles.

Neste mesmo ano, o sol de novo ficou muito ofuscado, na segunda hora de um dia de domingo.

[81] τὸ τῶν κακῶν καταγώγιον
[82] πάπα Ῥώμης

A.M. 5840

Neste ano, ocorrendo um grande sismo em Beirute, na Fenícia, a maior parte da cidade caiu, ao ponto de um grande número de gentios ter entrado na Igreja, professando ser cristãos de forma igual à nossa. Depois, alguns deles, fazendo inovações às normas da Igreja, dela saíram à maneira de ladrões. E, outorgando para si um local para a prece, nele receberam as multidões, imitando tudo o que é da Igreja. Tornaram-se parecidos connosco, tal como a heresia dos Samaritanos em relação aos Judeus, que vivem de uma forma pagã.

A.M. 5841

Neste ano Sapor, o imperador dos Persas, tendo cercado uma vez mais Nísibis, perturbava-a muito, pois conduzia um número grande de elefantes bem munidos para a guerra, assim como reis mercenários, instrumentos de arremesso e todas as coisas do género, com as quais, se os Romanos não quisessem sair da cidade, [os Persas] ameaçavam destruir a cidade completamente, até às fundações.

Os Nissibenos resistiram à rendição, pelo que o imperador decidiu inundar a cidade com o rio que para ela corria. Os homens, por seu turno, venciam os inimigos pelas preces, tendo Deus do seu lado. Efetivamente, estando as águas prestes a amolecer a estrutura das muralhas, fazendo-as cair, uma certa parte da cidade começou a ceder, e isto de acordo com o consentimento de Deus, como se demonstrará com o que depois aconteceu.

É que se deu que a cidade foi protegida, que os inimigos nadavam nas águas e que muitos foram destruídos por ela. Ainda que tivessem sofrido isto, tentaram entrar pela parte da muralha caída, trazendo consigo os elefantes armados e preparando a multidão para avançarem veementemente para a guerra, com armas de arremesso e restantes instrumentos. Os soldados que vigiavam a cidade alcançaram então a vitória por providência divina[83]: preencheram o lugar com todo o tipo de armas e catapultas e mataram a maior parte dos elefantes. Uns caíram na lama das fossas, outros viraram as costas após terem sido atacados: e morreu cerca de uma miríade de soldados deles. Aos restantes caiu uma trovoada

[83] θεοῦ προνοίᾳ

vinda do céu[84] e os sons de negras nuvens, de chuvas torrencias e de relâmpagos caíram sobre todos, de tal forma que a maioria morreu de medo.

Sapor, o novo Faraó, oprimido por todos os lados, foi vencido pelas ondas do medo[85]. Ele, fixando os olhos na parte da muralha que havia caído, vê um anjo erguido no topo, brilhantemente adornado e agarrando pela mão o imperador Constâncio. Ele, desde logo perturbado, ameaçou os Magos com a morte. Estes, ao saberem a causa, compreenderam a força da aparição e interpretaram-na ao imperador como sendo superior a eles. Daí, conhecendo a causa do perigo e ficando bastante assustado, ordenou que os instrumentos de cerco fossem queimados e fez com que fossem dissolvidas todas as coisas relativas à guerra. O próprio, junto com os seus, dirigiu-se para a sua pátria, em fuga, não sem eles terem sido, primeiro, acossados pela peste.

A.M. 5842

Neste ano, Constâncio Augusto, único imperador, elevou Galo, seu próprio sobrinho, à condição de César, que devia tomar parte, com ele, na administração do império. Deu-lhe o nome de Constâncio e enviou-o para Antioquia, no Oriente, visto que os Persas ainda faziam ameaças.

A.M. 5843

Neste ano, os Judeus rebelaram-se por toda a Palestina: e mataram muitos dos de outras nações, pagãos e samaritanos. Toda a sua nação foi desbaratada pelo exército Romano e foi eliminada a cidade deles de Diocesareia.

Neste mesmo ano, Constâncio, enraivecido com Libério, que lhe havia escrito em defesa do "Consubstancial" e do sacerdote Atanásio, exilou-o, enviando-o para a Beróia[86], na Trácia. Isto havia sido preparado por Eusébio, o primeiro dos eunucos e que pensava como os Arianos[87]. Elegeram Félix em vez dele, que era um diácono com a sua própria igreja e que aceitava o Concílio de Niceia,

[84] οὐρανόθεν
[85] τοῖς τοῦ φόβου κύμασιν
[86] Βέροιαν: o mesmo que Bereia ou Véria.
[87] Τοῦ Ἀρειανόφρονος

estando, todavia, em conjunto com os Arianos de uma forma absurda. Os que estavam em Roma não comungaram com ele, mas, em privado, celebravam de acordo com os seus ritos.

Por outro lado, de acordo com uma ordem de Constâncio, reuniu-se um Concílio em Milão, com trezentos bispos ocidentais e muito poucos bispos orientais. Foi dissolvido sem qualquer sucesso, sendo que os ocidentais não aceitaram, uma vez mais, as invetivas contra o santo Atanásio. Uma vez que os Romanos pediram ao imperador, este viu-se forçado a chamar Libério e a colocá-lo de novo na sede: Félix, tendo saído de Roma, não mais regressou.

A.M. 5846

Neste ano, o César Galo, que também era Constâncio, sendo bem-sucedido na guerra e não suportando bem[88] o bom sucesso das coisas, prepara uma tirania. Mata Domiciano, prefeito do Oriente, assim como o questor Magno, que haviam revelado a Constâncio os assuntos relativos à sua conjuração. Constâncio reenviou-o para a ilha de Talmon e ordenou que fosse assassinado, guardando, todavia, Juliano, o irmão dele, em custódia. Eusébia, a mulher de Constâncio, após requerimento, enviou-o para Atenas.

A.M. 5847

Neste ano, Acácio de Cesareia e Patrófilo de Citópolis, que eram Arianos, depuseram Máximo de Jerusalém e conduziram Cirilo para o seu lugar, julgando que o tinham como correligionário. Nesta altura, sendo Cirilo bispo de Jerusalém, apareceu o sinal da Cruz Vivificante no céu, no dia do Pentecostes. Ela brilhava, estendida desde o Gólgata, onde Cristo foi crucificado, até ao monte das oliveiras, onde foi elevado aos Céus. Havia um círculo à volta do sinal, com a forma de um arco-íris. E, nesse mesmo dia, o sinal também apareceu a Constâncio.

Uma carta de Cirilo ao imperador narra acerca disto, na qual ele lhe chama piíssimo[89]. Daí que alguns acusem o próprio Cirilo de ser como os Arianos, e que nas suas catequeses nada tenha dito sobre o "Consubstancial", as quais publicou para ajudar as gentes

[88] μὴ ἐνεγκών: não suportando bem, no sentido em que não se contentou com as suas vitórias.
[89] εὐσεβέστατον

ignorantes, que se aproximavam de Deus por causa do milagre da Cruz Vivificadora. Mas eles enganam-se e pecam. Era necessário, por motivos de economia, chamar ao imperador piíssimo, de forma simples, e não, de forma aberta, dizer que ele havia caído em heresia, pela falácia dos Arianos. Isto porque o paganismo ainda não havia caído completamente. Calava-se o termo do "Consubstancial" pois, na altura, ele perturbaria a maioria das pessoas e, pela oposição dos inimigos, iria prejudicar os que se batizavam; mas, todavia, através de locuções de igual poder deixava-se claro as coisas relativas ao "Consubstancial": coisa que o beato Cirilo também fez ao explicar a fé de Niceia nos seus discursos e ao anunciar o Deus verdadeiro, Filho de Deus verdadeiro, Pai.

A.M. 5849

Neste ano, Atanásio e Paulo, após a morte de Eusébio, que de forma ímpia possuía a sede de Constantinopla, regressaram de novo a Roma, junto ao papa Júlio e ao imperador Constante, irmão de Constâncio. Visto que Eusébio estava morto, o povo colocou Paulo na sede de Constantinopla; já os Arianos, por sua vez, nomearam Macedónio, ao ponto de daí se originar uma guerra civil. Quando disto soube Constâncio, que estava em Antioquia, ordena ao general Hermógenes, que havia sido enviado para a Trácia, que fizesse um desvio no seu trajeto e que expulsasse Paulo da igreja. Estando Hermógenes a tentar cumprir isto, o povo incendiou a sua casa, matou o próprio Hermógenes e lançou-o ao mar.

O imperador, ao saber disto em Antioquia, correu para a cidade imperial e, depois de expulsar Paulo da sede, entronizou Macedónio. Nesta altura, estando enfurecido por causa do assassínio de Hermógenes, castigou a cidade [retirando-lhe] quatro miríades de pão diário, das oitenta miríades de pão que haviam sido dadas pelo pai dele.

Nesta altura Paulo, como já foi dito, foi ter com Júlio de Roma e regressou com cartas dele para Constantinopla. Constâncio, que então estava em Antoquia, irritado por saber que Júlio havia colocado Paulo na sede, ordenou ao prefeito Filipe que perseguisse Paulo e que colocasse Macedónio na sede em seu lugar. O prefeito, com medo das coisas que aconteceram a Hermógenes por causa de

Paulo, chamou Paulo para as termas de Zeuxipo, deixou-o descer por uma janela e assim exilou-o para Tessalonica, de onde era natural. Apanhou então Macedónio na sua própria carruagem e entronizou-o piraticamente, como se ele fosse um tirano da igreja. Os ortodoxos rebelaram-se de tal forma que foram mortos três mil cento e cinquenta homens: e assim os Arianos apoderam-se da Igreja.

Por esta altura, também Constâncio ameaçou Atanásio de morte, o qual, temendo, de novo fugiu para Roma, e logo após também Paulo de Tessalónica: estes dois, aproximando-se de Constante, narraram-lhe o que lhes acontecera. Constante lamentou-se por causa dos santos e escreve ao irmão Constâncio, entristecido, para que ou repusesse Paulo e Atanásio nas próprias sedes, ou – em ameaça – que movimentaria guerra contra ele. Compeliu-o também a realizar um Concílio em Sérdica[90], no qual se reuniram trezentos bispos ocidentais e trinta e seis bispos orientais. Estes colidiram com os ocidentais, ao pedirem que fossem primeiro expulsos Atanásio e Paulo. Ósio, bispo de Córdova, e Protógenes, bispo de Sérdica, não consentiram que os santos Atanásio e Paulo não estivessem presentes. Então os orientais, reunidos em Filipópolis, anatematizaram desavergonhadamente o "Consubstancial".

Os ortodoxos de Sérdica, por seu turno, confirmaram a correta definição da fé de Niceia, declarando como anátema o "Não-Consubstancial"[91]: restituíram ainda as sedes a Atanásio, a Paulo e a Marcelo de Ancira, que concordava com o "Consubstancial" e que dizia, em sua defesa, que os seus escritos não haviam sido corretamente interpretados por aqueles que o atacavam. Assim, tendo terminado o Concílio em Sérdica[92] contra os orientais que se afastavam [da Fé], e que confirmara o "Consubstancial", Constâncio recebeu então, com dignidade, Atanásio e Paulo e restituiu-lhes as próprias sedes. E assim Atanásio foi para Alexandria e foi recebido com grande alegria, expulsando Jorge, o Ariano.

Tendo-se Magnêncio apoderado das Gálias de forma tirânica, e assassinado o pio Constante, Augusto Constâncio, que estava em

[90] ἐν Σερδικῇ: o mesmo que Sárdica.
[91] ἀνόμοιον
[92] ἐν Σερδικῇ: o mesmo que Sárdica.

Antioquia quando soube disto, de imediato exilou Paulo da cidade, para Cúcuso: ele foi aí morto pelos Arianos. E então Macedónio toma controlo da sede.

Por seu turno, Constâncio avançou contra Magnêncio, em Itália. O senado, em Roma, depois de ter investido Nepociano com poder, enviou-o contra Magnêncio. Este, lutando com Magnêncio em Roma, é por ele morto, após ter governado três meses. Antes de o imperador chegar a Roma, Constância, que também se chamava Helena, irmã de Constantino, nomeou Vetrânio[93] imperador, um homem honrado, e enviou-o para lutar contra Magnêncio. Quando Constâncio chegou a Roma, recebeu Vetrânio com muitas honras e ambos lutaram contra Magnêncio, perto de Mursa. E Magnêncio, tendo sido derrotado, fugiu para Itália. Acossado frequentemente pelos generais de Constâncio, ele juntou-se em batalha no monte Seleuco e, derrotado, fugiu para Lugduno. Após ter matado primeiro o seu próprio irmão e a própria mãe, trucida-se depois a si próprio: e o César Dicêncio, irmão dele, estrangulou-se por um laço. Nesta altura, também Silvano, que governara tiranicamente as Gálias, é morto pelos generais de Constâncio.

Quando Constâncio chegou a Roma, entrou lá com grande vã glória e aparato bélico, sendo denominado acima dos imperadores antes dele. Juntou-se-lhe sua mulher, Eusébia, e permaneceu em Roma catorze dias. Enquanto estava em Roma, entrou no Campo das Tribunas e, ficando em pé sobre um estrado, na presença do exército e de Vetrânio, fez um discurso, persuadindo o povo[94] de que era consequente que a autoridade do império existisse para aquele que o tivesse recebido dos anteriores imperadores; que era ainda benéfico à causa comum que as coisas públicas fossem administradas por uma só autoridade, e outras coisas consequentes a isto. Então, retirou o manto imperial a Vetrânio, que governara dez meses, na mesma altura em que se juntava com ele à mesa, como jeito de hospitalidade. E enviou-o, com toda a honra, guarda-costas e muitos favores, para Prusa, na Bitínia. Sendo ele cristão, dava o seu tempo à Igreja e praticou muito a caridade para com os pobres. Honrou também os sacerdotes até ao dia da sua morte.

[93] Βρετανίωνα: Bretânio, se quisermos uma tradução mais literal.
[94] λαόν

Já Constâncio, regressado a Bizâncio e exortado por Eusébia, a sua própria mulher, retirou Juliano, o irmão de Galo, do cativeiro. Elevou-o a César e enviou-o para a Gália, unindo-o em casamento à sua própria irmã, Helena, que também se chamava Constança.

Neste mesmo ano, faleceu Júlio, o papa em Roma, e Libério foi nomeado na vez dele, homem em tudo admirável e ortodoxo. Os Arianos, por seu turno, convenceram o imperador contra Atanásio de tal forma, que o condenaram à pena capital. Mas ainda então o santo, pela fuga, obteve para si a salvação.

A.M. 5850

Neste ano, ocorreu um grande sismo em Nicomédia, por volta da terceira hora, que tomou a cidade e matou um grande número de pessoas. Perdeu também a vida o bispo da cidade, Cecrópio.

A.M. 5852

Estando Macedónio ainda com posse da sede de Constantinopla de uma forma tirânica, transferiu o corpo de Constantino o Grande da Igreja dos Santos Apóstolos para a igreja de santo Acácio, dando como desculpa a queda do templo. Uma vez que o povo[95] impedia isso, originou-se uma grande matança, ao ponto de a cisterna ficar cheia de sangue, assim como a ala do Martírio e as praças adjacentes. Quando Constâncio soube disto, enfureceu-se contra Macedónio e, depois de ordenar que ele fosse morto, colocou em seu lugar Eudóxio, tendo corrigido um grande mal com um mal maior ainda.

Neste mesmo ano, os Persas tomaram uma fortaleza chamada Bedzabde. Por seu turno, Constâncio, quando soube que Juliano, atingindo boa reputação nas Gálias, havia sido eleito imperador pelo exército, abalou contra o tirano Juliano, sendo que ele estava em Antioquia por causa da guerra contra os Persas. E, ao chegar a Mampsucrenas, a primeira estação após Tarso, na Cilícia, morreu no terceiro dia do mês de Dío, tendo reconhecido muitas das suas faltas. Ele fora então batizado pelo Ariano Euxóio, em Antioquia, no ano universal de cinco mil oitocentos e cinquenta e dois, no fim do

[95] λαοῦ

décimo primeiro período de quinhentos e trinta e dois anos e no começo do décimo segundo.

Depois Juliano, tornando-se o único monarca, praticou o paganismo de forma desavergonhada, lavando com o sangue dos sacrifícios o santo batismo e fazendo todas as coisas com que os demónios são servidos.

A.M. 5853

Neste ano, Juliano, o Transgressor[96], governou por causa da multidão dos nossos pecados. Exaltado pela vitória contra os bárbaros, virou o poder para si mesmo e, colocando à sua volta um diadema antes da morte de Constâncio, voltou-se desavergonhadamente para o paganismo. Foi por causa disso que Constâncio se arrependeu da maioria das coisas: entregou a alma perante a morte da sua linhagem, a alteração da Fé e a proclamação do Apóstata.

Sendo Juliano o Apóstata, por divinos decretos[97], o único imperador, todo o tipo de iras celestiais[98] tomou a terra dos Romanos. Como desejava mostrar que Constâncio era injusto e desumano, e fingindo ser justo, o transgressor da lei[99] chamou os bispos que estavam em exílio: assassinou, porém, Eusébio, o primeiro dos eunucos imperiais, por alegada injustiça. Perseguiu ainda os outros eunucos do palácio, em virtude de se ter divorciado da mulher que Constâncio havia unido a ele, e que era a irmã do próprio.

Da mesma forma, perseguiu também os cozinheiros, em virtude da sobriedade da sua dieta, e até os barbeiros, porquanto, como dizia, um só era suficiente a muitos. Expulsou das cavalariças públicas os camelos, os burros, os bois e as mulas, concedendo que prestassem serviço somente os cavalos: isto por causa da grande avareza da qual era escravo, tal como o era da idolatria. Então, os pagãos que estavam pelo Oriente, exaltados em Alexandria, arrastaram o bispo Jorge, mataram-no, abusaram do seu cadáver de

[96] παραβάτης *i.d.* Juliano, o Apóstata.
[97] θείοις κρίμασι
[98] παντοδαποὶ θεήλατοι ὀργαί
[99] παράνομος

forma ateia[100], colocaram-no sobre um camelo e passearam com ele pela cidade e, depois de terem misturado o corpo dele aos ossos de animais mortos, queimaram-no e esquartejaram-no.

Então Atanásio, que estava escondido, durante muito tempo, junto a uma certa virgem, saiu e convocou um Concílio em Alexandria. Depois de ter confirmado os dogmas de Niceia recebeu de volta as igrejas. Já os Arianos, após Jorge, elegeram para si mesmos Lúcio e reuniram-se numa casa comum. Os pagãos crucificaram e mataram muitos outros cristãos. Quanto aos restos mortais do Santo Patrófilo, que era bispo em Citópolis, eles escavaram-nos, espalharam parte deles e, tendo pendurado de forma insolente o crânio, fizeram pouco dele.

Em Gaza e Ascalão, enquanto matavam presbíteros e mulheres consagradas, cortavam-lhes as vísceras e, enchendo-os de cevada, deram-nos aos porcos. Na Fenícia, os Heliopolitas mataram o diácono Cirilo, provando do seu fígado, visto ter ele destruído os ídolos deles no tempo do beato Constantino. Todavia, aquele que cortou o diácono e provou do seu fígado sofreu desta maneira: por um lado, a língua dele caiu, estando pútrida, por outro perdeu os dentes e os seus olhos ficaram incapacitados: e, assim torturado, morreu.

Juliano trouxe muitos males aos Cristãos em Cesareia, na Capadócia: privou-a dos direitos jurídicos de cidade e o poder chamar-se-lhe pelo nome de Cesareia, ordenando que ela fosse denominada, como antes, de Máxaca. Isto porque aí os cristãos, no tempo de Constantino, fizeram muitos males aos pagãos e queimaram o templo de Tique.

Em Aretusa, por seu turno, ele fez coisas assustadoras contra os cristãos, entre os quais a Marco, o santíssimo monge, que havia salvo Juliano e o havia escondido quando o exército estava a assassinar a linhagem de Constantino. Quando este estava vivo, as suas entranhas […][101] Em Emesa, [Juliano] estabeleceu um ídolo de Dionísio na Grande Igreja e demoliu a igreja antiga. Máris Calcedónio atirou à cara de Juliano muitos insultos, quando ele

[100] ἀθέως

[101] Quebra do texto, onde se relataria o martírio do monge Marco.

estava a fazer sacrifícios no templo de Tique. Ele, todavia, suportou essas provocações como um suposto filósofo.

A.M. 5854

Neste ano, o ímpio Juliano legislou para que os cristãos não pudessem fazer parte do ensino das Letras pagãs. Apolinário, por sua vez, fazendo uso, como matéria, da Escritura Sagrada, imitou a forma de escrever dos antigos e escreveu um discurso contra Juliano, que intitulou de "Sobre a Verdade" e foi de muito auxílio à Igreja. O imperador ordenou ainda que o grande Atanásio fosse expulso de Alexandria, visto que os gentios o provocavam fortemente contra ele. Ele, porém, ao sair, disse aos cristãos, que choravam por causa dele, para terem força, anunciando: "Sede fortes, é uma nuvenzinha que vai passar".

E Juliano escreveu aos bostrenses para que Tito, o santo bispo de Bostra, fosse expulso dessa cidade. E, no segundo ano do transgressor[102], os seus governantes, tendo encontrado Doroteu, o muito sofrido[103] bispo de Tiro, em Odissópolis, a viver uma vida privada – ele que escreveu muitas histórias eclesiásticas e se destacou nos seus discursos, que fora confessor no tempo de Diocleciano e de novo no tempo de Licínio, e que tinha atingido uma velhice extrema – eles, causando-lhe muitos desconfortos por causa da sua fé em Cristo, mataram-no, tendo ele cento e sete anos de idade.

Imitando as boas ações dos Cristãos, o imperador ordenou que se fornecessem aos estrangeiros e aos pobres consoante as suas necessidades, enganando as pessoas simples. O ímpio ordenou que se pintasse Zeus, Ares e Hermes, assim como os restantes demónios, com as imagens dele, e que fossem castigados como inimigos do imperador aqueles que rejeitassem o seu culto[104]. Ao dar o estipêndio ao exército, colocava ante ele uma chama e incenso, forçando o exército a queimar o incenso.

Em Cesareia de Filipe, que agora é Paneias, de onde veio a mulher hemorroíssa, estava estabelecida uma estátua do Senhor em

[102] τοῦ παραβάτου

[103] πολύαθλον: refere-se ao martírio em termos de provas físicas, semelhantes às experimentadas por atletas. Uma imagem recorrente na descrição do martírio cristão.

[104] προσκύνησιν

frente à casa dela, que ela havia elevado como uma ação de graças, de acordo com o costume pagão. O ímpio Juliano ordenou que esta fosse demolida: coisa que aconteceu, sem dúvida com os risos dos gentios que arrastavam a estátua e que, em seu lugar, levantavam uma imagem com o nome de Juliano. Os cristãos, pegando nessa estátua, colocaram-na numa igreja. Quanto à imagem do transgressor, um fogo vindo do céu consumiu-a. Da base da estátua crescia uma erva, que era um remédio para todas as doenças: foi ela que agitou o transgressor Juliano em inveja, levando-o a derrubar a estátua do Senhor.

Em Nicópolis, na Palestina, que dantes se chamava Emaús, existe uma fonte que fornece curas para todas as doenças, humanas e animais: diz-se que nelas o nosso Senhor e Deus Jesus Cristo molhou os pés, quando estava a caminhar. Juliano ordenou que ela fosse coberta.

Em Hermópolis da Tebaida está de pé um pessegueiro. Se alguém pegar numa folha ou num pedaço de madeira dela, terá uma cura para toda a doença humana. Dizem que, na altura em que o Senhor fugiu de Herodes para o Egito com a Mãe de Deus e José, estando naquele local por aquela altura, a árvore encurvou-se sobre a terra, cultuando[105]-O assim. Preserva até agora a forma desse culto[106].

Juliano, por seu turno, estando em Antioquia, ia repetidas vezes a Dafne e servia[107] ao ídolo de Apolo, mas não encontrou, como supunha, qualquer resposta. Como pensava que era por causa das relíquias do santo mártir Bafla, em Dafne, que o ídolo estava calado, enviou uma ordem para que todos os restos mortais das pessoas falecidas daquela região fossem transferidos, juntamente com os restos do mártir. E tendo isto acontecido, imediatamente, de noite, o templo foi queimado por uma força vinda do céu[108]. O ídolo ficou de tal forma combusto, que nem sequer apareceram vestígios dele (dizia-se que estava lá havia muitos anos). O templo, por seu turno, estava de tal forma destruído, que os que depois viam as suas

[105] προσεκύνησεν. O uso desta palavra revela que estamos perante uma fonte anterior à Querela das Imagens, porquanto a distinção entre προσκύνεσις e λατρεία não está aqui evidente.
[106] προσκυνήσεως
[107] θεραπεύων
[108] οὐρανόθεν

cinzas ficavam profundamente admirados, perante o paradoxo, com a forma como Deus faz paradoxos[109].

Juliano, muito admirado, e suspeitando que isto ocorrera através das insídias dos cristãos, avançava para a inquirição dos sacerdotes que lá estavam. Tendo-lhes incutido todo o tipo de torturas, ao ponto de seis deles morrerem, somente ouviu da parte deles que aquilo não fora feito nem pelos cristãos, nem por vontade humana, mas que um fogo vindo do céu queimara o templo e as estátuas, de modo que nessa noite parecera a algumas pessoas que o fogo estava a alastrar-se.

O imperador, irritado, e como que lutando contra Deus, fechou a Grande Igreja e confiscou todas as coisas sagradas. Tendo sido enviados dois *comites*[110] apóstatas, Félix e Juliano, para cumprirem estas ordens, diziam assim: "nós acreditávamos que havia uma certa força misteriosa que nos impediria, que nos obrigaria a parar". E Félix: "Vê com que género de utensílios é servido o filho de Maria!" E, passado pouco tempo, o sangue sobe de repente a Félix pela boca: assim torturado perdeu a vida. Já o *comes* Juliano caiu nesse mesmo dia perante uma doença dolorosíssima, ao ponto de também o seu interior começar a ser destruído e os excrementos começarem a sair pela boca: morre assim torturado.

A.M. 5855

Neste ano, algumas pessoas que se estavam a alistar no exército foram enganadas rumo à apostasia: uns, por um lado, através de anúncios de licenças e honras; outros, por outro, foram forçados pelos seus próprios superiores. E o presbítero Teótecno, a quem havia sido confiada uma igreja nos subúrbios de Antioquia, tendo sido enganado para faltar ao seu voto, logo se voltou para a idolatria: Deus castigou-o de imediato. Efetivamente, devorado por vermes, perdeu os olhos e morreu comendo a própria língua. Também se converteu voluntariamente à idolatria Heros, bispo de Tebas, a quem a Deus de imediato castigou desta forma, para

[109] ἐπὶ τῷ παραδόξῳ ἐκθαμβεῖσθαι τῆς τοῦ παραδοξοποιίας.

[110] κομήτων: palavra de origem latina (*comes*, "conde", *i.e.*, acompanhante, de onde "comitiva"), designando um cargo militar.

exemplo e temor de muitos: estando ele pútrido por uma doença que lhe fazia perder os membros um por um, e prostrado numa plateia, morreu perante os olhares de todos.

Mas nestas coisas distingiu-se, pela confissão em Cristo[111], Valentiniano, que era então tribuno de um *tagma*[112], num *numerus* chamado *Cornuti*. Ele não somente desprezou honrarias, mas também sofreu exílio: e depois disso foi proclamado imperador por Deus. Da mesma forma, também Joviano abdicou do cinto militar, gritando: "Eu sou cristão!" O exército[113] amava-o, sendo ele *magister militum*[114], e pediu ao imperador para que não o maltratasse: ele também foi proclamado imperador depois de Juliano.

Por outro lado, Artémio, general da diocese do Egito, em virtude de ter demonstrado, no tempo de Constantino, um grande zelo contra os ídolos, viu a sua propriedade confiscada e foi decapitado. Emiliano, de formação militar, foi também mártir, em Doróstolo, na Trácia, sendo entregue ao fogo por Capitolino. E muitos outros, por diversos lugares e espaços, distinguiram-se na confissão em Cristo[115].

Por seu turno, um certo Talássio, distinguido por comportamentos licenciosos e pela prodigalidade, que conduziu até a sua própria filha para uma conduta vergonhosa, era honrado pelo imperador como intérprete das vísceras de animais sacrificados. Habitava em Antioquia, perto do palácio: a casa caiu-lhe em cima, sendo somente ele morto juntamente com um eunuco, ao qual foi encontrado unido. Foram salvos, todavia, todos os que viviam com ele, que eram cristãos: a sua mulher e os que com ela estavam. Uma criança de cerca de sete anos foi encontrada e salva e, tendo-se-lhe perguntado como é que se salvou, disse ter sido transportada por um anjo.

Já Juliano, o de mau nome[116], com o intuito de refutar a revelação divina, ordenou que fosse construído o templo dos Judeus, colocando à frente dos trabalhos Alípio, um certo gentio que

[111] ὁμολογίᾳ τῇ εἰς Χριστὸν
[112] τάγματος, uso anacrónico da palavra τάγμα
[113] λαός
[114] στρατοπεδάρχην
[115] ἐν τῇ εἰς Χριστὸν ὁμολογίᾳ
[116] δυσώνυμος

era diligente contra os cristãos. Tendo ele escavado as partes ínfimas das fundações, um vento, que soprava violentamente, em tempestade furiosa, através da terra escavada, expeliu a cal já pronta, que era de vinte miríades de módios. Perseverando os Judeus para que se retomasse o trabalho, veio um fogo que os consumiu: e assim cessaram a ousadia.

O ímpio Juliano escreveu ainda uma refutação dos santos Evangelhos, que o grande Cirilo de Alexandria, num excecional tratado, refutou de forma brilhante. Já o desgraçado Porfírio, o que se enfureceu contra nós[117], era Tírio de nação e fora antes cristão: porém, tendo sido espancado por cristãos em Cesareia, na Palestina, converteu-se ao paganismo, em ira: e então o cão ousou escrever contra a Verdade.

Para além disto, a Cruz Divina foi vista no céu, brilhante e rodeada por uma coroa de luz, desde o Gólgata até ao santo Monte das Oliveiras, brilhando ainda mais intensamente do que no tempo de Constâncio: e apareceu espontaneamente em cima das roupagens, dos altares e dos livros. Noutras ocasiões, apareceu nas outras vestes das igrejas e nas roupas não só de Cristãos, mas também de Judeus. O sinal da Cruz apareceu não só em Jerusalém, mas também em Antioquia e noutras cidades: e os Judeus e gentios que, de forma abominável, não acreditavam nela encontraram as suas roupas repletas de cruzes: nalgumas elas também estavam negras.

Juliano enviou muitas pessoas para muitos lugares, em busca de profecias e oráculos, para saber se era conveniente, com a garantia dos demónios, fazer guerra contra os Persas. E, ainda que lhe tenham sido dados muitos oráculos de muitos mensageiros, mencionarei apenas um. Ele diz assim: "agora nós, todos os deuses, abalámos para um rio selvagem, para carregarmos os trunfos da vitória. Eu sou o general destes deuses, o impetuoso Ares, o que traz a guerra". Certificado com isto, prepara-se para a guerra contra os Persas, punindo os cristãos com muitas multas.

Enquanto estava em Antioquia, enraiveceu-se profundamente contra os antioquenos, tomando como pretexto a compra e venda [de aprovisionamento]. Foi quando ele escreveu, como defesa, a

[117] ὁ καθ᾽ ἡμῶν λυττήσας

obra antioquena "Misopogon"[118]. Além disso, maltratou de maneira amarga Teodoro, um certo jovem que fora o primeiro a levantar insultos contra ele.

Depois de ter feito muitas e más coisas contra os cristãos, e dando indicações de fazer ainda mais após a guerra Pérsica, concluiu nela, de forma feia, a sua abominável vida. De facto, foi morto além-fronteiras pela justiça divina[119]. Nesse mesmo ano, tendo reinado dois anos e nove meses, foi morto por Deus[120] durante a guerra na Pérsia, na sexta indicção, tendo trinta e um anos de idade. Ocorreu um prodígio quando ele estava na Pérsia, no mês de Dáisio: na casa de uma certa cristã, um recipiente cheio de água transformou-se em vinho, o qual fervia em mosto por volta da hora do entardecer. Nessa mesma hora, o vaso foi levado cheio para a igreja da aldeia. O presbítero do local, enchendo um pequeno copo dele, levou-o ao bispo de Augaro.

Em Carras encontrou-se uma mulher que se havia estrangulado com os seus cabelos. E também se encontraram muitos crânios de pessoas em Antioquia, com os quais o transgressor[121] fizera previsões relativas à guerra contra a Pérsia. Firmara-os com selos e grades nesses locais.

A.M. 5856

Neste ano, o *tribunus militum*[122] Joviano, um homem muito manso e um cristão ortodoxo, foi elevado a imperador dos Romanos por todo o exército, pelos generais e pelos cônsules, no mesmo local da terra dos Persas onde Juliano havia sido morto. E, após um só recontro militar, a paz, de forma harmoniosa e como que vinda de Deus[123], foi proclamada tanto pelos Romanos como pelos Persas, e ficou de pé durante trinta anos.

Ele, porém, recusou o império, asseverando que não era possível comandar um exército que fora, sob Juliano, pagão. Perante isto, todos, numa só voz, gritaram que eram cristãos. Joviano cedeu

[118] τὸν Μισοπώγωνα
[119] θείᾳ δίκῃ
[120] θεόκταντος γέγονε
[121] παραβάτης
[122] χιλίαρχος
[123] ὡς ἀπὸ θεοῦ

aos Persas a grande cidade de Nísibis em troca da segurança do exército que sobrevivera: e fez a paz. Emitiu também leis gerais relativas às igrejas em toda a terra dos Romanos, devolvendo à Igreja a honra e a posição que havia tido no tempo do grande Constantino. Chamou os bispos que estavam no exílio e escreveu uma carta ao santo Atanásio, para que significasse de forma precisa uma exposição irrepreensível da Fé: coisa que ele fez, tendo escrito a Joviano uma carta de completa ortodoxia. Com isto, ficando Joviano mais firme na ortodoxia, presenteou aqueles que proclamavam[124] o "Consubstancial", dando-lhes ainda muitas isenções de impostos.

Já Acácio, o péssimo Ariano de Cesareia, encontrou-se com outros bispos em Antioquia e coligiu um livreto que pretendia ser ortodoxo, concordando com o "Consubstancial" e com o Concílio de Niceia, por medo ao pio imperador, não de acordo com Deus.

O imperador Joviano subiu para a terra dos Antioquienses, no mês de Hiperbereteu. E uma criança, que era do sexo feminino, nasceu a um rústico jardineiro, ao sétimo mês de gestação, fora das portas da cidade, perto do chamado Trípilo: ela tinha duas cabeças separadas, sendo que cada uma tinha uma forma definida, com cada uma das cabeças a separar-se a partir do pescoço. Ela nasceu morta no mês de Dío, que é o de novembro.

Saiu Joviano da terra dos antioquienses para Constantinopla e, quando chegou a Ancira, na Galácia, avançou, na qualidade de cônsul, com o seu próprio filho Varoniano, e proclamou-o Ilustríssimo[125], sem o revestir com a púrpura.

Nesse mesmo ano, tendo reinado nove meses e quinze dias, Joviano, o cristianíssimo[126], estando em Dadástana, na província da Bitínia, morre. E Valentiano Augusto é elevado a imperador pelo exército, que teve o império durante onze anos, visto ter ele grande reputação como cristão confessor da Fé[127]. E logo partiu para Constantinopla: ao chegar lá, proclamou Valente, o seu próprio irmão, como igual do seu reinado: outorgou-lhe a parte oriental do mesmo e ficou ele com a parte ocidental.

---

[124] δοξάζουσιν
[125] ἐπιφανέντα
[126] χριστιανικώτατος
[127] ἐν ὁμολογίᾳ

A.M. 5857

Neste ano, Valentiniano, o Augusto, proclamou Graciano, o seu filho, como igual do seu reinado, ao mesmo tempo que cônsul, tendo também nomeado, antes disso, o irmão Valente como imperador, como foi antes dito. Este último era um ardente Ariano, que fora batizado por Eudóxio. Já os ortodoxos aproximaram-se de Valentiniano, através de Hipácio, bispo de Heracleia, suplicando que ele ordenasse um encontro para uma retificação do dogma do "Consubstancial". Aos quais respondeu Valentiniano: "Não me é lícito a mim, que me conto entre o povo[128], inquirir abundantemente acerca de tais assuntos. Tal como vos parecer, portanto, discerni com os sacerdotes". Reuniram-se então em Lâmpsaco e, tendo passado aí dois meses, por fim cancelaram as coisas feitas por Eudóxio e Acácio em Constantinopla e validaram a fé tal como definida em Selêucia.

O ímpio Valente, por seu turno, everteu as coisas feitas em Lâmpsaco. Enviou em exílio os bispos aí reunidos e entregou as igrejas de Constantinopla a Eudóxio, que pensava como ele. E os ortodoxos não tinham nem pastor nem igreja.

A.M. 5858

Neste ano Libério, bispo de Roma, Atanásio de Alexandria, Melécio de Antioquia e Eusébio dos Samósata, feitos regressar do exílio por Joviano, distinguiam-se na fé correta[129], assim como Cirilo de Jerusalém e outros bispos, combatentes pela ortodoxia. À frente dos Arianos estava Lúcio, em Alexandria, e, em Antioquia, Euzóio. Paulino, por outro lado, estava à frente de uma das partes dos ortodoxos (que se dividiam em dois partidos), estando Melécio à frente da outra parte.

A.M. 5859

Neste ano, Procópio rebelou-se em Constantinopla, no mês de setembro. Tendo saído para Nacólia e reunido a maior parte do exército, incutiu medo a Valente. Relaxou a guerra contra as igrejas durante algum tempo, até que Ágelo e Gomaris, os seus próprios generais, entregaram Procópio. E Valente, após ter pendurado o

[128] ἐμοὶ μετὰ λαοῦ τεταγμένῳ
[129] ἐν τῷ ὀρθῷ λόγῳ

próprio Procópio pelas pernas entre duas árvores próximas uma da outra, ordenou, enquanto ele lá pendia, que fossem soltas: elas, indo com violência para a posição original, quebraram o tirano. Ordenou, por seu turno, que fossem serrados os generais que haviam traído Procópio, Ágelo e Gomaris, coisa que os desgraçados sofreram, eles que se haviam mostrado benignos a uma pessoa indigna. Na altura ele também derrubou as muralhas da Calcedónia, por medo a Procópio.

Tendo matado Procópio, ele é de novo movido contra a Verdade. Na altura forçou Elêusio de Cízico a ser confessor do "Não-Consubstancial"[130]. Este Elêusio, porém, ao chegar a Cízico, anunciou a sua própria transgressão, disse que não era digno de ser sacerdote e compeliu um outro bispo a ser nomeado em Cízico. Tendo sabido disto, Eunómio, o de maus-pensamentos[131] colocou em vez dele Eunómio como bispo de Cízico.

Nesta mesma altura, o imperador Valente estava em Marcianópolis, na Mísia. Ocorreu então um grande sismo em toda a terra, na indicção oitava, durante a noite, de tal forma que em Alexandria os barcos que estavam ancorados junto à praia foram elevados às alturas e foram para além dos casarios e das muralhas. E as embarcações foram depositadas dentro dos edifícios e das casas. Quando o mar regressou, elas ficaram em solo seco.

O povo da cidade, fugindo da cidade por causa do terramoto, e vendo que os barcos estavam em terra seca, voltaram-se para a pilhagem dos mantimentos que estavam nos navios: e a água, ao regressar, afogou-os a todos. Também outros marinheiros relataram terem sido tomados àquela hora, quando estavam no meio do Adriático a navegar, sendo que de repente o navio ficou depositado no leito do mar. Passado algum tempo regressou a água, e assim voltaram a navegar.

A.M. 5860

Neste ano, Valentiniano o Grande casou de forma ilegal com Justina, ao mesmo tempo que era viva a sua mulher Severa, mãe de Graciano. Fê-lo por causa da beleza dela, de que Severa dera

[130] ἐτερούσιον
[131] κακόφρων

testemunho[132]. Dela teve três filhos: Valentiniano, dito o Jovem, que o exército nomeou general após a morte do pai, e três filhas: Justa, Grata e Gala, com quem casou Teodósio o Grande em segundas núpcias, e da qual lhe nasceu Placídia. Arcádio e Honório eram filhos de Teodósio por parte de Placila[133], que fora sua primeira mulher. Valentiniano escreveu ainda uma lei ilegal, segundo a qual aquele que quisesse ter duas mulheres não devia ser proibido.

Já Valente, o ímpio, teve duas filhas, Anastásia e Carossa, em nome das quais também fundou dois banhos públicos, assim como o aqueduto que ainda hoje se chama Valentiníaco. Dizem alguns que foi Domínica, a mulher de Valente, que o convenceu a ser Ariano de uma forma assim tão veemente. Outros narram que, depois de se tornar imperador, foi batizado por Eudóxio e que lhe assegurou, por juramento, no mesmo batismo, que ira pensar como Ário e que não iria aceitar o "Consubstancial". Assim, ambos os maléficos[134] incitaram miríades de perseguições contra os ortodoxos.

Enviam ainda Eustácio o Armeno, Silvano de Tarso e Teófilo de Castábala para Libério, o de Roma, assegurando, através deles, que haviam aceitado o "Consubstancial". Aqueles entregaram a Libério um libelo, um tratado sobre o "Consubstancial", confessando que se afastavam de toda a heresia contrária ao Concílio. Libério, recebendo-os, comungou com eles e escreveu para os orientais, dando-lhes testemunho da ortodoxia.

Por seu turno, estando Valente a guerrear contra os Godos em Marcianópolis, aí passou o inverno.

A.M. 5861

Neste ano, ocorreu um Concílio em Tiana, no qual se encontraram Eusébio, o de Cesareia (na Capadócia), Gregório de Nazianzo, o pai do Teólogo, Hótrio de Melitene e outros. Eles, rejubilados pelas cartas de Libério, significaram a todos os ortodoxos que deveriam estar presentes em Tarso para se certificarem acerca da fé correta. Coisa que Valente, assim que ouviu, proibiu que ocorresse. Eudóxio, uma vez mais, manobrou

[132] μαρτυρηθεῖσαν. Contexto curioso para a aplicação deste verbo.
[133] Πλακίλλης: o mesmo que Flacila.
[134] ἀνόσιοι

Valente para que este ordenasse a todos os governantes, em todo o lugar, que exilassem todos os bispos que haviam sido exilados por Constâncio e por Juliano, os quais haviam sido reconvocados por Joviano. Então Atanásio saiu de Alexandria de livre vontade, visto que o povo não consentia que o governante o expulsasse. Ele escondeu-se durante muito tempo no monumento sepulcral da sua família. Mais tarde, Valente, com medo de uma revolta dos Alexandrinos, escreveu para que Atanásio regressasse.

Eunómio afastou-se da comunhão com Eudóxio, visto que Eudóxio não comungava com Aécio, o mestre de Eunómio. Certo é que ambos pensavam da mesma forma, mas, por Aécio ser odiado por todos, Eudóxio expulsou-o, não se envergonhando, por certo, em afastar-se dos seus próprios dogmas como se eles fossem ímpios. É que Eudóxio havia-se tornado secretário do ateu[135] Aécio, aprendendo com ele literatura sofística, da qual depois se vangloriava, sendo completamente ignaro das Letras Sacras, como deixam claro os seus sete livros. Por seu turno, os Cizicenos perseguiram Eunómio como herético e blasfemo. Ele juntou-se depois a Eudóxio. Era terrivelmente blasfemo, ousando dizer: "Deus, acerca da sua própria natureza, não sabe mais do que nós." Aconteceram mais coisas aos ortodoxos sob os ímpios Valente e Eudóxio do que na perseguição gentia.

Por esta mesma altura, tendo Eudóxio morrido, os Arianos elegeram Demófilo como bispo. Já os ortodoxos elegeram um certo Evágrio: ordenou-o Eustácio, o santo de Antioquia, que vivia clandestinamente em Constantinopla, tendo regressado do exílio no tempo de Joviano: como não o encontrou vivo na cidade, manteve-se escondido. Ora, quando Valente, que estava em Marcianópolis, ouviu acerca da eleição de Evágrio, exilou o santo para Vize[136] e, expulsando Evágrio da cidade, entregou as igrejas a Demófilo, o Ariano.

A.M. 5862

Neste ano, os ortodoxos enviaram uma embaixada de oitenta sacerdotes a Valente, o ímpio, que tinha ido a Nicomédia. Teodoro,

[135] ἀθέου

[136] Βιζύην: Vize ou então Bísie.

Urbano e Menedemo conduziam-nos. Valente ordenou que todos eles fossem queimados com o navio: e todos pegaram fogo com o barco, sendo que o navio aguentou até Dacidiza.

A.M. 5863

Neste ano, o celerado[137] Valente deu uma amnistia aos gentios, permitindo que eles realizassem sacrifícios e festivais. Da mesma forma, também recebeu e honrou os Judeus, perseguindo somente de forma terrível os ortodoxos, que eram da igreja apostólica.

A.M. 5864

Neste ano, Valente, tendo chegado a Antioquia, na Síria, inferiu todo o tipo de atrocidades aos ortodoxos, matando muitos pela espada e afogando outros no rio Orontes, que por lá corre. Da mesma forma, quando chegou a Edessa, fez ainda pior, ordenando a Modesto, o prefeito, que reunisse uma multidão de ortodoxos no templo de São Tomé e que os matasse. Deu-se o caso, todavia, de uma mulher arrastar apressadamente o seu filho para a morte, o que fez com que Valente se envergonhasse e impedisse o sacrifício. Foi Deus, por certo, Quem administrou isto.

Todavia, exilou Eusébio de Samósata para a Trácia: então o santo causou ainda maior admiração ao sair espontaneamente da cidade e ao acompanhar os que o expulsavam, ainda que o povo[138] não o consentisse. Os Arianos colocaram em seu lugar um certo Eunómio, um ardente Ariano, com quem nenhum dos Samosatenses comungou. Quando este se foi lavar e insistiu para que o povo tomasse banho com ele, eles não consentiam em tomar banho, a não ser que se esvaziasse a água do recetáculo no qual Eunómio se lavava, e que o enchessem com outra, dizendo que a primeira havia sido conspurcada por Eunómio. Ele, ao saber disto, fugiu da cidade, implacavelmente odiado. Com este saído de cena, os Arianos colocaram em seu lugar Lúcio, um verdadeiro lobo[139].

Valente empenhou-se da mesma forma em entregar, na Capadócia, as igrejas aos Arianos, tendo-se deparado com a

[137] μιαρός

[138] λαοῦ

[139] A palavra `Lúcio` está escrita em grego (Λούκιον) de tal forma que é semelhante à palavra grega para lobo (λύκος): daí um jogo de palavras entre o homem e o animal.

oposição que na altura recebia do Grande Basílio, que, na altura, era presbítero da igreja de Cesareia e animava o bispo Eusébio para o zelo ortodoxo, para que não se submetesse à impiedade de Valente.

A.M. 5865

Neste ano, estando Valente em Antioquia, foram encontradas algumas pessoas que preparavam uma conspiração contra ele: e uma multidão de ímpios foi morta à espada. Efetivamente, haviam preparado a intriga através de divinações e sacrifícios.

Com a migração de Atanásio para junto do Senhor, o muito exercitado e que muito suportou[140], tendo ele sido bispo quarenta e seis anos, dos quais quarenta em perseguições e em perigos por causa da reta piedade[141], Pedro recebeu o episcopado, que os Arianos expulsaram por meio de um certo Magno, prefeito dos tesouros imperiais. Na altura colocaram Lúcio em seu lugar. Então muitos dos ortodoxos foram maltratados de forma ateia, homens e mulheres consagradas, muitos dos quais também morreram sob torturas. Já Pedro, fugindo para Roma, foi ter com Dâmaso, visto ser ele da mesma confissão. Foi quando escreveu, numa carta, as coisas horríveis ocorridas em Alexandria, feitas pelos arianos.

Nesse mesmo ano, Basílio de Cesareia foi bispo, sendo que Eusébio havia falecido de uma forma piedosa.

A.M. 5866

Neste ano, Ambrósio conduziu a igreja dos milanenses após Auxêncio, da seguinte maneira: estando o povo em revolta por causa da eleição do bispo, Ambrósio, a cumprir as suas funções de governador da região, foi enviado pelo imperador Valentiniano, que estava lá, para impedir a revolta; ele que, ainda que não estivesse batizado, se mostrou intensamente preocupado com a justiça e advertiu nobremente os seus superiores quando eles praticavam ações injustas.

Então o povo, tendo parado o tumulto, elegeu Ambrósio numa só voz: quando Valentiniano ouviu isto, ordenou que Ambrósio, uma vez iniciado nos sacramentos, fosse eleito bispo, dando graças a

[140] τοῦ δε πολυάθλου καὶ πολλὰ καμόντος Ἀθανασίου
[141] εὐσεβείας

Deus à vista de todos e dizendo: "Dou-te graças a Ti, Senhor Todo Poderoso, nosso Salvador, porque, a este homem que foi feito por mim comandante dos corpos, confiaste também as almas, e porque assim declaraste que as nossas decisões eram justas".

Já Lúcio, em Alexandria, realizou muitas coisas más juntamente com os Arianos. De facto, eles cantavam músicas de demónios, na igreja de Teona: entravam lá dançando, retirando as vestes às virgens e fazendo sons, em frenesim, com os narizes, conduzindo-as nuas pela cidade e abusando delas lascivamente. Mataram algumas delas, não dando sequer os corpos aos familiares, que gemiam muito, para serem enterrados. Conduziram também um rapaz depravado para um altar para que lá dentro fizesse obscenidades.

Uma vez que todo o Ocidente confessava a consubstancialidade da Trindade, pediram a Valentiniano e fizeram um Concílio no Ilírico e ratificaram a fé de Niceia. Valentiniano escreveu então um édito a todos os bispos que estavam na Ásia e na Frígia, assim como a todo o Oriente, recomendando que fossem firmes em relação aos decretos do Concílio realizado, adicionando também, como coautores, o irmão Valente e o filho Graciano.

Na altura também Gregório o Teólogo esteve à frente da igreja de Constantinopla, com ajuda de Basílio, Melécio e os restantes que lutavam pela piedade[142]. E se ele não estivesse lá a pregar à cidade, porventura toda ela se teria enchido com a ruína de Ário e Eunómio: de facto, eles tinham todas as igrejas, à exceção do oratório da mártir Anastásia. Era Demófilo quem era bispo dos Arianos.

Foi quando brilhavam Gregório de Nissa e Pedro, irmãos de Basílio, assim como Ótimo, na Pisídia, e Anfilóquio, em Icónio. Já Valente exilou, por serem lutadores pela ortodoxia, Barses, bispo de Edessa, e Pelágio de Laodiceia. Valentiniano repreendia o irmão Valente por ter uma fé errada[143], não lhe enviando auxílio contra os Godos quando ele lhe pedia, dizendo: "Não é legítimo ajudar uma pessoa que luta contra Deus."

[142] εὐσεβείας
[143] κακόδοξον

A.M. 5867

Neste ano, morreu Valentiniano o Grande, com oitenta e quatro anos, tendo governado onze anos, desta forma: os Saurómatas, um povo pequeno e menosprezável, revoltaram-se contra ele e foram derrotados em batalha, enviando então embaixadores pedindo paz. Tendo Valentiniano perguntado aos embaixadores, se todos os Saurómatas eram assim tão desprezíveis de corpo, a tendo eles respondido: "Aqui tens e vês os mais fortes de todos eles", gritou com violência e disse: "O temível império dos Romanos terminou com Valentiniano, se até estes Saurómatas se revoltam contra os Romanos!" Da tensão e do batimento das mãos abriu-se uma veia e, jorrando uma grande quantidade de sangue, morre numa certa fortificação das Gálias, no mês de Dío, dia décimo sétimo, na terceira indicção.

Visto que Graciano, o filho dele, não se encontrava por lá, e como Valente estava em Antioquia, o exército que estava no sítio em que faleceu Valentiniano o Grande elevou a Augusto, Valentiniano, filho dele, que tinha quatro anos de idade, estando lá também presente, na Panónia, a mãe dele, Justina. Graciano, ao saber disto, tomou o irmão como sendo imperador em simultâneo com ele, tendo castigado os que o elegeram de formas muito diversas, visto terem feito isto sem o seu assentimento.

Valente, por seu turno, envia contra os Godos o general Trajano, que, tendo sido derrotado, regressou sem honra. Enquanto era repreendido por Valente por causa da sua moleza, respondeu: "Não fui eu que saí derrotado, ó imperador, mas sim tu que, militando contra Deus, deste aos bárbaros a Sua fortuna." Valente, porém, matou muitos que, por causa de adivinhações, eram suspeitos de virem a reinar, em virtude de terem nomes começados pela letra "theta": entre os quais também um certo Teodoro, primeiro entre os patrícios.

Por esta mesma altura, alguns dos Novacianos, na Frígia, começaram a realizar a Páscoa com os Judeus, reunindo-se na aldeia de Pazo, e estabeleceram como lei que se deveria passar a Páscoa com os Judeus. Foi a partir destes que os chamados Sabacianos mais tarde floriram, de um certo Sabácio. E Apolinário, o Sírio, afastou-se manifestamente da Igreja, sendo que Dâmaso de Roma e Pedro de

Alexandria foram os primeiros a bani-lo. E Eunómio, o ímpio, ousou concluir o batismo com uma só imersão, dizendo: "É necessário batizar não numa Trindade, mas na morte de Cristo": e voltou a batizar aqueles que haviam sido batizados na Trindade.

Juliano, também chamado Sabas, um santo asceta[144] que chegara a Antioquia vindo de Edessa, deu ânimo, de uma forma clara, aos ortodoxos, que louvavam o "Consubstancial", anatematizando os Arianos. O divino Afraates, com grande liberdade, discursou cara a cara contra a impiedade de Valente, em Antioquia. Um dos eunucos, ao ir preparar o banho do imperador depois de ter caluniado e ameaçado ousadamente Afraates, abatido na mente, atirou-se a si próprio para a água a ferver, e morreu.

E distingiu-se Efrém, grande na ascese e nos divinos ensinamentos[145], fazendo muitos discursos ascéticos com muitos ensinamentos vindos do Espírito Santo. Forneceu ainda alguns dos seus poemas para serem cantados aos Sírios, atraindo os preguiçosos pela música. Dizem ter o santo, de facto um sábio[146], deixado trezentas miríades de versos.

A.M. 5868

Neste ano floresceu a heresia dos Messalianos, ou seja, a dos Euquitas, assim como a dos Entusiastas. Estes, quando cantam salmos, dançam e fazem barulho, debitando rápida e de forma estúpida os cânticos de David. Os heresiarcas desta heresia foram Dadóes, Sabas e Adélfio: e dizem alguns que também Eustácio de Sebaste. A estes antepuseram-se, nobremente, Anfilócio de Icónio, Letóio de Melitene e, mais tarde, também Flaviano de Antioquia.

Já Valente, tendo pilhado toda a Igreja, chegou a Cesareia vindo do Oriente, enraivecido contra o divino Basílio. Fez aquilo que Gregório o Grande escreveu no epitáfio de Basílio. Nessa altura, adoeceu invernosamente Gálata, o filho de Valente, e morreu: e também a mulher, Domínica, adoeceu com gravidade.

Por seu turno, tendo Demóstenes, um dos cozinheiros de Valente, acorrido a uma das sessões do divino Basílio com o

[144] ἱερὸς ἀσκητής
[145] ἀσκήσει καὶ θείᾳ διδασκαλίᾳ
[146] ὄντως θεόσοφον

imperador, e tendo perorado de forma bárbara, o mestre riu um pouco e disse: "Eis! Contemplámos que até Demóstenes é iletrado!". Valente, envergonhado, outorgou a Basílio muitas regiões, e belíssimas, aos leprosos que estavam a ser por ele tratados: porém, ao olhar para a firmeza e persistência de Basílio, decretou um exílio contra ele. Mas quando quis assinar a carta do exílio, não o conseguiu fazer, pois foram quebradas três canetas no processo e, por fim, também a mão dele enfraqueceu.

A.M. 5869

Neste ano, Mavia, imperatriz dos Sarracenos, após ter cometido muitos males aos Romanos, pediu a paz e, mais, que Moisés, um daqueles que fazem ascese pelo deserto, lhe fosse dado como bispo, para os que junto dela professavam o Cristianismo. O imperador fê-lo de livre vontade. Moisés não aceitou ser investido por Lúcio, que era Ariano, mas sim por um dos ortodoxos que estavam no exílio. Coisa que aconteceu.

Mavia tomou-o e fez muitos cristãos entre os Sarracenos. Dizem que também ela era cristã, Romana de nação, e que, tendo sido tomada como cativa de gerra, agradou, dada a sua beleza, ao imperador dos Sarracenos, e que assim tomou conta do império. Sozómeno narra muitas coisas acerca deste povo: onde começou, como se chama e de onde é que tomou esse nome, assim como por que motivo ele faz a circuncisão ao décimo terceiro ano.

Quanto aos Godos, assediados pelos Hunos, pedem ajuda a Valente através de Úlfila, o bispo deles, que pensava como os Arianos[147] e que convivera, no tempo de Constâncio, com os Arianos Eudóxio e Acácio. Ele ensinou os Godos a serem arianos[148]. Os Godos, por seu turno, estavam divididos em dois: uma das partes era liderada por Atanarico, a outra por Fritigerno. Este último, derrotado e tendo recebido auxílio de Valente, vence os que eram governados por Atanarico: e, para dar graças a Valente, ensinou os Godos a serem ainda mais arianos.

[147] ἀρειανόφρονος
[148] ἀρειανίζειν

A.M. 5870

Neste ano, os Godos, de novo unidos, avançaram sobre a terra dos Romanos e desolaram muitas províncias: a Cítia, a Mísia, a Trácia, a Macedónia, a Acaia e toda a Grécia: cerca de vinte províncias. Por essa altura foram vistos homens armados, no ar, desenhados nas nuvens. Aconteceu também que, em Antioquia, nasceu uma criança perfeitamente saudável nas restantes partes do corpo, mas que tinha só um olho no meio da testa, quatro mãos, quatro pés e uma barba.

Valente, estando em Antioquia, ao saber acerca dos Godos, foi para Constantinopla. Os Bizantinos, por seu turno, revoltaram-se contra ele por ser cobarde e fugir da guerra. Isácio[149], o santo monge, agarrou a estriba do cavalo de Valente quando ele saía, em último lugar, contra os Godos, e disse-lhe: "Para onde vais, ó imperador, que lutas contra Deus e tens Deus como adversário?". O outro, enervando-se contra ele, entrega-o a uma prisão, ameaçando que lhe daria morte, se regressasse, como outrora fizere Acab a Miqueias. Depois de ter saído da cidade, alguns dos que estavam com ele confessaram que, por sua decisão, se fizeram oráculos acerca do avanço para a guerra que estava perante ele.

Quando Valente entrou em combate com os Godos e foi derrotado, foge com alguns outros para um pequeno edifício. Os bárbaros apanharam-nos e queimaram todos os da casa sem saberem quem estava lá dentro. Dizem que o divino Isácio, na prisão, captou, por uma graça divina[150], o mau cheiro de Valente a ser queimado, e que, graças à pureza da alma, falou de antemão da morte dele aos que estavam com ele, antes mesmo de chegarem os mensageiros da guerra, anunciando o que acontecera.

Após a derrota e a morte de Valente pelo fogo, os Godos, excitados pela vitória, devastaram terrivelmente os subúrbios de Constantinopla. Mavia, no entanto, a imperatriz dos Sarracenos, enviou um exército Sarraceno, e Domínica, a mulher de Valente, conduziu o povo da cidade e perseguiu os bárbaros.

Com as coisas assim dispostas, Graciano, o Augusto, que havia chegado à Panónia para ajudar Valente, ao ser informado, investiu

[149] Ἰσαάκιος: o mesmo que Santo Isaac.
[150] θείῳ χαρίσματι

Teodósio como Augusto, nomeiou-o imperador e enviou-o para a guerra contra os Godos. Trajano, o Patrício, diz, na história que escreveu, que os Citas, na sua própria terra, são chamados Godos.

Já Doroteu, o que está entre os santos, sofreu martírio no tempo do ímpio Valente, sendo entregue às feras pelos Arianos no Cinégio[151].

A.M. 5871

Neste ano, o imperador Graciano elevou Teodósio para ser com ele imperador, que era Íbero Ocidental de nação, um sujeito nobre e admirável no que concerne aos assuntos bélicos. Ele venceu logo os Godos na Trácia pela força, sendo pio e ortodoxo.

Já Graciano e Valentiniano, através de uma lei, chamaram os bispos que estavam no exílio e perseguiram, por outro lado, os Arianos, com a ajuda de Dâmaso, papa de Roma. Então Pedro, bispo de Alexandria, após ter regressado e excomungado Lúcio, expulsou-o da sua sede: tendo vivido mais algum tempo, faleceu. Timóteo, o seu irmão, é ordenado em seu lugar como bispo da igreja dos ortodoxos de Alexandria.

Em Antioquia, na Síria, conquanto que os ortodoxos estavam divididos em dois grupos após as coisas ocorridas com a morte do divino Eustácio, um dos grupos tinha Paulino como bispo, ao passo que os outros tinham o santo Melécio. Esta separação ocorreu após a promoção de Euzóio, o bispo dos Arianos em Antioquia, que deles se havia afastado.

Os imperadores emitiram uma lei a favor dos ortodoxos e aplicaram-na através de um certo Sapor, general no Oriente. Este, ao chegar a Antioquia, encontrou a desavença de Paulino, que rivalizava na nomeação para o episcopado, estando também Apolinário a cobiçar o trono. Viu, por outro lado, que o santo Melécio estava em grande profundidade espiritual[152], sem entrar em conflitos, e ainda que Flaviano, que então era um presbítero, se opunha a Paulino e reprovava a conduta de Apolinário. Ele recomendou ao general Sapor que desse a sede a Melécio: e o outro,

[151] ἐν τῷ Κυνηγίῳ: *i.d.*, no Anfiteatro.
[152] ἡσυχάζοντα

tendo-o ratificado, regressou. Depois o grande Melécio nomeou Diodoro como bispo de Tarso.

Já Eusébio, o bispo dos Samosatenses, ao regressar do exílio nomeou muitos bispos em várias cidades. Chegou também a Dulíquio[153] para nomear Máris como bispo, mas é assassinado ao entrar na cidade, sendo que uma mulher Ariana, das alturas, atirou uma telha contra a pia cabeça do santo[154]. Deus permitiu isto pelos desígnios que Ele conhece. Acerca disto diz Gregório o Teólogo: "procuro para mim a vítima sacrifical que ontem era vossa, aquele velho descendente de Abraão."

Nesta altura Gregório o Teólogo ensinava em Constantinopla, com maior liberdade, no oratório de santa Anastácia, onde dizem que também se realizaram milagres espantosos através da aparição da muito Santa nossa Senhora, a Mãe de Deus[155].

A.M. 5874

Neste ano, o imperador Graciano foi morto por um dolo de Andragácio, general do tirano Máximo. Pois Andragácio chegou junto do imperador num carro, enquanto que dissimulava ser a mulher de Graciano: encontrando-o assim sem guardas, matou-o. Com a sua morte, Valentiniano apoderou-se do império dos Romanos.

Por esta mesma altura, o grande Teodósio, prostrado por uma doença, é batizado em Tessalónica pelo bispo Acólio, e escreveu uma lei, acerca do "Consubstancial", a favor dos ortodoxos, que enviou para Constantinopla. Tendo chegado a Constantinopla, revelou a Demófilo que ou ele se afastava do devaneio de Ário, ou que sairia depressa das igrejas. O outro, então, reuniu a multidão dos Arianos fora da cidade e constituiu uma igreja, tendo consigo Lúcio, o Ariano bispo de Alexandria. E assim, enfim, o divino Gregório, que se destacara por causa da fé ortodoxa, tomou todas as igrejas, sendo que os Arianos as tiveram por um pouco mais do que quarenta anos.

[153] No texto: ἐν Δολίχῃ.
[154] κατὰ τῆς ἱερᾶς τοῦ ἁγίου κεφαλῆς: "contra a santa cabeça do santo" seria uma tradução mais literal, mas ficaria, em português, repetitivo.
[155] τῆς παναγίας δεσποίνης ἡμῶν θεοτόκου

A.M. 5875

Neste ano, em Antioquia, nos subúrbios dos chamados Jobitas, uma mulher deu à luz, em simultâneo, quatro crianças do sexo masculino: sobreviveram dois meses e depois morreram as quatro, uma após a outra.

A.M. 5876

Neste ano, foi reunido, por Teodósio, o grande e ecuménico santo segundo Concílio, de cento e cinquenta bispos, em Constantinopla, para ratificação dos dogmas de Niceia. O sínodo convocou também trinta e seis bispos da heresia de Macedónio, que eram liderados por Elêusio. Estavam à frente dos cento e cinquenta Padres Timóteo de Alexandria, Melécio, o santíssimo bispo de Antioquia, Cirilo, o santíssimo bispo de Jerusalém, e o divino Gregório de Constantinopla. Os trinta e seis bispos que pensavam de acordo com Macedónio foram instados pelos Padres a receberem os dogmas de Niceia, tal como, no tempo de Valente, bispos a favor de Silvano foram enviados e reunidos em Roma e entregaram libretos a Libério. Eles, todavia, rejeitaram aderir à Verdade e retiraram-se, tendo sido motivo de riso para todos, porquanto pensavam umas coisas, mas apoiavam outras, enquanto reuniam de forma ardilosa as cartas de Libério que davam um testemunho ilusório de ortodoxia.

O Santo Concílio ratificou o episcopado a Gregório o Teólogo e estabeleceu-o na sua sede mesmo conquanto ele não o quisesse, visto ter suportado muito e ter libertado a cidade da desgraça dos heréticos. O sábio, porém, o felicíssimo em todas as coisas[156], ao saber que algumas pessoas do Egito guardavam o facto com ressentimento, abdicou de livre vontade da sede da cidade imperial, fazendo uma oração de abdicação. Tendo isto assim ocorrido, o imperador e o Concílio elegeram Nectário, que era Tarsense de nação, que exercia o cargo de pretor e que calhara, até à altura, de não ser batizado, sendo, todavia, digno, prudente e de bons costumes.

O santo e ecuménico Concílio ratificou o "Consubstancial", tendo também adicionado ao Símbolo a doutrina do Espírito Santo.

[156] ὁ τὰ πάντα σοφός καὶ μακαριώτατος

Introduziu também cânones, com os quais outorgou os privilégios de Nova Roma à sede de Constantinopla. Neste sínodo destacavam-se Gregório de Nissa, Pelágio de Laodiceia e ainda Eulógio de Edessa e Anfilóquio de Icónio, junto com o grande Gregório e aqueles anteriormente referidos.

Por seu turno, o santo Sínodo anatematizou Ário e Eusébio de Nicomédia, e ainda Euzóio e Acácio, Teógnis e Eufrónio, assim como os restantes. Para além disso, expeliu Macedónio, o que lutava contra o Espírito Santo[157], e Eudóxio, Aécio e Eunómio. O grande Melécio, após a conclusão do Concílio, faleceu em paz em Constantinopla. O seu santo corpo foi transportado para Antioquia e foi sepultado perto do sepulcro do santo mártir Babila. Flaviano de Antioquia foi então eleito como bispo, quando Paulino ainda estava vivo, ainda que tivessem sido feitos juramentos segundo os quais Flaviano nunca aceitaria a eleição para bispo. E assim, mais uma vez, uma perturbação possuiu a igreja de Antioquia, sendo que uns obedeciam a Paulino, outros a Flaviano. Nesta altura, o imperador conduziu o corpo de Paulo o Confessor para Constantinopla: sepultou-o na igreja que Macedónio construíra enquanto conjurava contra Paulo.

A.M. 5877

Neste ano, o Augusto Teodósio nomeou Honório, o seu filho, nascido da piíssima Placila[158], como Ilustríssimo e cônsul. Preparou-se em seguida para guerrear contra o tirano Máximo. E, estando a lutar contra ele nas partes ocidentais, e tendo chegado um boato que dizia que Máximo havia vencido, os Arianos, em furor, queimaram a casa de Nectário, bispo de Constantinopla.

A.M. 5878

Neste ano, em Antioquia, criou-se, na chamada porta Taurina, uma dependência que ia ao longo da ponte, estando esta coberta. Criou-se também uma pequena basílica perto da basílica grande, no lugar da antiga.

[157] πνευματομάχων
[158] Πλακίλλης: o mesmo que Flacila.

Já na Palestina, na aldeia de Emaús, nasceu uma criança que era perfeita até ao umbigo, mas que na parte de cima se dividia: tinha dois peitos e duas cabeças, e cada uma tinha a sua própria perceção. Uma das partes comia e bebia, a outra não comia: um deles dormia, o outro vigilava. Em certas alturas, eles também brincavam um com o outro, e choravam um com o outro, e batiam um no outro. Viveram pouco mais de dois anos. E, com a morte de um deles, o outro viveu mais quatro dias e morreu também.

Neste mesmo ano, o imperador Teodósio ergueu a coluna do Tauro.

A.M. 5879

Neste ano, tendo morrido Timóteo, bispo de Alexandria, no mês de Epifi, dia vinte e seis, foi eleito em seu lugar Teófilo.

A.M. 5880

Neste ano, Teodósio, o pio imperador, tendo vencido Máximo, matou o tirano no dia doze antes das calendas de Agosto, assim como Andragácio, o general dele, por ter assassinado, com um dolo, Graciano.

A.M. 5881

Neste ano, Teodósio chegou a Roma com Honório, o seu filho, e nela o colocou como imperador, a cinco dos idos de junho: e depois regressou a Constantinopla.

A.M. 5882

Neste ano, Eugénio, o que havia sido um professor de Letras e passara a ser um secretário, tornou-se tirano, revestindo-se das insígnias imperiais. Estava com ele também Argabasto, que vinha da pequena Galácia. Valentiniano o Jovem, o filho de Valentiniano o Grande e de Justa, ao ouvir isto, estrangulou-se a si mesmo com uma corda. E Teodósio, informado do assunto, armou-se para se ir vingar dele.

Teófilo, por outro lado, o bispo de Alexandria, pediu a Teodósio, o imperador, e purificou, em Alexandria, o templo dos gentios, transformando-o numa igreja. Trouxe também à luz os

rituais secretos dos gentios, assim como as suas estátuas de falos e o que quer que houvesse de licencioso e abominável. Foi então que uma multidão de Gentios, envergonhada, cometeu muitos assassínios. Teodósio, ao saber das mortes cometidas por eles, louvou, por um lado, os cristãos que foram mortos como mártires, por outro, anunciou publicamente aos gentios que estaria com eles, se eles se convertessem ao Cristianismo. Ordenou, enfim, que os templos deles fossem purificados e que os ídolos fossem derretidos e dados de acordo com as necessidades dos pobres.

Estando o templo de Serápis a ser limpo, em Alexandria, foram encontradas letras hieroglíficas, que tinham a forma[159] de uma cruz. Aqueles fiéis que haviam sido gentios, ao verem-nas, disseram que a cruz significava, de acordo com a significação das letras hieroglíficas, a vida que estava para vir.

A.M. 5883

Neste ano Marcelo, o bispo de Apameia, na Síria, movido por um zelo divino[160], destruiu os templos dos pagãos em Apameia e, por causa disso, foi morto pelos gentios. Nectário, bispo de Constantinopla, removeu o presbítero que ministrava as penitências, por causa de um pecado feito na igreja por um certo diácono contra uma mulher que aí estava meditando[161], em penitência. É isto, matéria muito cuidada, em Roma e em todo o ocidente, até aos dias de hoje: está estabelecido um local próprio para os penitentes.

Teodósio escreveu uma lei para que nenhuma mulher se tornasse diaconisa, a não ser que tenha mais do que sessenta anos, de acordo com o Apóstolo. Por outro lado, ele exilou Eunómio, que estava a fazer reuniões de forma ilegal e a enganar multidões: ele morreu em exílio.

Nesse mesmo ano faleceu Placila, a mulher de Teodósio, uma mulher piedosa e amiga dos pobres, que servia com as suas próprias mãos aos leprosos e aos doentes. Os Antioquenos derrubaram uma estátua dela e arrastaram-na, irritados, por causa dos impostos colocados sobre eles. O imperador, irritado profundamente com

[159] τύπον
[160] ζήλῳ θείῳ
[161] σχολάζουσαν

eles, e em saudade da piíssima Placila, estava para os matar a todos, se Flaviano, bispo de Antioquia, não tivesse chegado e suplicasse pelos Antioquinos. Também João Crisóstomo, que então era presbítero em Antioquia e estava lá presente, recitou orações espantosas para persuasão dos que haviam ousado atentar contra as estátuas imperiais.

A.M. 5884

Neste ano, estando Teodósio a militar contra Eugénio, o tirano, chegou a Tessalónica com o seu exército e, ao entrar na cidade, a cidade amotinou-se por causa do aquartelamento do exército, tomando ainda como pretexto um condutor de bigas e o filho do prefeito. Insultaram o imperador e mataram o prefeito. Aquele suportou a custo o sucedido durante algum tempo e, tendo sossegado o povo, ordenou que se iniciasse uma corrida de cavalos. Porém, quando as gentes e os povos[162] foram reunidos para verem a corrida, ordenou ao exército que os flechasse. Morreram quinze mil pessoas do povo.

Ao regressar a Milão, o bispo Ambrósio impediu-o de entrar na igreja. E na festa da Natividade do Salvador, Ambrósio repreendeu severamente o *magister* Rufino, que viera em súplica por ele. Após Teodósio ter emitido uma lei, por persuasão de Ambrósio, para que fosse feito um inquérito de trinta dias em relação às pessoas condenadas à morte ou à confiscação de propriedade, recebeu-o enfim na igreja, mas fora do altar, não dentro, como seria de acordo com o antigo costume. De onde ganhou força o belo costume, que perdura até hoje, de os imperadores se sentarem com o povo, fora do altar.

Neste mesmo ano, uma vez que o Nilo não transbordou, como de costume, os gentios alegraram-se, dizendo que a causa disso fora o ter-se probido sacrificar aos seus deuses. O pio imperador, ao saber isto, respondeu: "não aconteça jamais que um rio que se alegra com sacrifícios transborde a terra!". Deus, aceitando isto, de tal forma abençoou a subida do rio, que todos os que estavam no Egito ficaram aterrorizados, não fosse a cheia da água inundar a própria Alexandria.

[162] δήμων: palavra que também se poderá referir às fações de circo.

A.M. 5885

Neste ano Teodósio, o pio imperador, tendo lutado duramente com Eugénio nas portas dos Alpes, apanhou-o e matou-o. Argabasto escapou-se, mas matou-se a si mesmo.

Neste ano, as relíquias dos profetas Habacuc e Miqueias foram encontradas em duas regiões da cercania de Eleuterópolis, a partir de uma manifestação divina[163], por Zebeno, o bispo de Eleuterópolis da Palestina, que tivera uma revelação.

Os bispos aproximaram-se do imperador, quando este chegara a Roma, com uma moção de Inocêncio, bispo de Roma, contra Flaviano, bispo de Antioquia. O cristianíssimo imperador, exortando-os à paz, unificou-os, após dezassete anos, tendo ordenado que os bispos viessem do Oriente a Roma para o efeito, entre os quais foi enviado Acácio de Beróia.

Teodósio outorgou também muitos benefícios a Roma, acabando ainda com as coisas anormais que aconteciam nas padarias contra os estrangeiros, que nelas haviam caído e que ficavam presos, nos moinhos, até atingirem a velhice. Acabou por igual com o excesso das mulheres adúlteras nas casas de prostituição, não permitindo que estas se reunissem e que expusessem a sua atividade através de uma campainha.

A.M. 5886

Neste ano, após a execução do tirano Eugénio e a reforma dos assuntos [de Estado], o pio imperador Teodósio afastou-se de Roma e partiu para Constantinopla. Ao chegar a Milão, porém, não se sentiu bem e convocou Honório, o seu filho: ficou melhor ao vê-lo. Todavia, após ter assistido a uma corrida de cavalos, no fim do almoço, de repente sentiu-se mal, e estando sem forças durante a tarde, ordenou ao filho que terminasse a corrida. E na noite seguinte morreu no Senhor, tendo sessenta anos e governado dezasseis, deixando como imperadores os seus dois filhos, Arcádio, o mais velho, como imperador do Oriente, Honório como imperador do Ocidente. Arcádio mudou o seu corpo para Constantinopla e sepultou-o na Igreja dos Santos Apóstolos.

[163] θεόθεν

A.M. 5887

Neste ano, Arcádio, elevado a imperador, fundou o grande pórtico à frente do pretório.

A.M. 5890

Neste ano, as relíquias do santo Profeta João, o Percursor e Batista[164], foram transferidas para Alexandria, seis dias antes das calendas de julho, no segundo dia do mês de Pauni.

A.M. 5891

Neste ano, Anatólio, o Ilustríssimo, foi queimado em Alexandria. O imperador Acádio criou uma milícia própria em Constantinopla, a que chamou Arcádica.

A.M. 5892

Neste ano faleceu Nectário, o bispo de Constantinopla. Por seu turno, Teófilo, o bispo de Alexandria, que lá estava presente, esforçou-se por impedir a eleição de João, o Crisóstomo, testemunhando[165] que Isidoro, um certo presbítero seu, devia ser bispo da capital. Ele fora-lhe associado quando Teodósio guerreava contra Máximo, o tirano, tendo sido por ele nomeado através de cartas ambíguas e de presentes.

O imperador, por sua vez, assim como toda a cidade, aprovaram que João, que fora chamado de Antioquia por ele para esse fim, fosse ordenado. João era um dos ilustres de Antioquia, tendo Segundo por pai e Antusa por mãe. Ele era eloquentíssimo por graça sobretudo divina[166] e causava espanto aos mais temíveis sofistas dos gentios. Assim, quando Libânio, perto da morte, foi questionado sobre quem continuaria a ensinança após ele, disse: "eu diria João, se os Cristãos não no-lo tivessem roubado." O Crisóstomo, pois, aprendeu as letras divinas junto a Cartério, um certo hegúmeno de um mosteiro; por seu turno, aprendeu as matérias gerais junto do referido Libânio.

[164] προδρόμου καὶ βαπτιστοῦ
[165] μαρτυρῶν
[166] ἐκ θείας τὸ πλεῖστον χαρίτος

Neste mesmo ano, nasceu ao imperador Arcádio um filho de Eudóxia Augusta, Teodósio o Jovem, a quem João Crisóstomo recebeu no batismo.

A.M. 5893

No sétimo ano de Arcádio, nasceu-lhe um filho, Teodósio o Jovem, de Eudóxia[167].

A.M. 5894

Neste ano, Gainas tornou-se tirano contra Arcádio e trouxe muitas coisas más a Bizâncio. Tendo feito e recebido juramentos perante Arcádio no templo de santa Eufémia, na Calcedónia, ignorou-os e, tendo feito ainda mais coisas más, entrou na cidade, avançando para pilhagens e outras malfeitorias. Depois, tendo saído para o Quersoneso, na Trácia, construiu e preparou navios para que, navegando para a Ásia, se apoderasse das cidades orientais. Daí, tendo-lhe eclodido uma pesada guerra por terra e mar, morreu junto com o exército.

A.M. 5895

Neste ano, Honório incutiu muitas perturbações e revoltas. Efetivamente, afetado por pequenas coisas em relação aos cidadãos, e não aguentando a ira, muda-se para Ravena, uma cidade da Itália junto ao mar. Enviou um certo Gaulês, um dos que tinha mais influência junto a ele, bárbaro de nação, com uma multidão de exército, e ordenou-lhe que pirateasse e causasse dificuldades àqueles que lhe haviam feito mal. Esteve por pouco para que Roma, cercada, não fosse totalmente destruída por ele.

Já Alarico ofereceu-se a si mesmo aos senadores da cidade e, depois de tomar todo o dinheiro do palácio, assim como a irmã pela parte do pai de Honório, Placídia, que era uma pequena jovem, partiu para a sua própria nação, para as Gálias.

Então Constâncio, um certo *comes* que estava com Alarico, tendo-lhe sido confiada a jovem Placídia, raptou-a e fugiu, levando-a para o imperador Honório. Honório recebeu-o e fê-lo senador. Passado algum tempo, entregou-lhe a jovem como mulher e elevou-

[167] Teófanes repetira o mesmo acontecimento no A.M. anterior: esta entrada é a correta.

o a imperador: da qual teve um filho, a quem chamou Valentiniano o Jovem. E, uma vez que Constâncio lutou na companhia de Honório, eliminou os tiranos em Roma: confiscaram as casas deles e trouxeram paz à cidade.

Por outro lado, João, o grande Mestre, ilustrou não somente a igreja de Constantinopla, mas também a da Trácia, da Ásia e do Ponto, ao ponto de, antes do Santo Concílio na Calcedónia, o bispo de Constantinopla comandar estas igrejas.

Um certo Macedoniano, através dos ensinamentos do Padre, regressou à igreja: este, tendo exortado a sua mulher para regressar e comungar, conseguiu fazê-lo a custo. Ela, todavia, deu o sacramento dos Macedonianos à sua escrava privada e ordenou que ela ficasse consigo. E, tendo-se dirigido a Crisóstomo e recebido a comunhão das suas santas mãos, fingiu que a tinha tomado e, por fim, deu-a à escrava. Mas, quando recebeu a comunhão dos Macedonianos, aproximou-a da boca e descobriu que ela se tinha transformado numa pedra. E, tremendo de medo, foi, terrificada, aos pés de João, confessando-lhe a ousadia e aproximando-se sinceramente da Igreja. A pedra, por seu turno, foi depositada na sacristia, para ser guardada.

A carta de Crisóstomo a Teodoro de Mopsuéstia não foi dirigida para o primeiro [Teodoro], mas para o último.

Já Arsénio, que se tornou grande de acordo com o século, a tudo desprezou e seguiu a filosofia divina no Egito, distinguindo-se pela vida, pela palavra e pelos milagres, na ordem monástica.

Nesse mesmo ano, Arcádio estabelece a coluna de Xerólofos e funda Arcadiópolis, na Trácia.

A.M. 5896

Neste ano, João Crisóstomo era proeminente na vida e na palavra, ilustre por graças divinas[168] e certo perante toda a virtude. Todo o povo o amava, profundamente edificado com os seus ensinamentos. Aqueles, porém, que viviam de forma perdida afastavam-se dele, enquanto que outros armadilharam em conjunto uma guerra contra ele. Nisto ocorreram as coisas feitas pelo eunuco Eutrópio, e a contenda de Severiano de Gabala contra Serapião,

[168] θείοις χαρίσμασι

arquidiácono de João, e ainda o assunto dos Macros, que fugiram do Egito por causa de Teófilo, e ainda as cartas contra Epifánio vindas de Teófilo. Por todos estas coisas, João, o curador de Deus[169], era vítima de insídias.

Epifânio de Chipre, ao chegar ao Hébdomon, realizou ordenações e encontros contra a opinião de João. Por amor divino João não ligou a isso, estimulando antes a que Epifânio ficasse com ele na sede episcopal. Mas o outro não foi convencido, sendo que estava tomado de antemão pelas intrigas de Teófilo contra o beato João.

A.M. 5897

Neste ano, João Crisóstomo fez uma oração contra umas mulheres malvadas. Os ímpios e adversários da Verdade provocaram com ela Eudóxia, dizendo que o discurso tinha sido feito contra ela. Ela então diz a Arcádio ter sofrido coisas terríveis por parte de João, e manipulou-o para que chamasse Teófilo, que era um manifesto inimigo de João. Ele compareceu no Carvalho[170], nas agora chamadas Rufinianas, e preparou a insídia contra João: e expulsaram-no da cidade.

O povo, ao saber disto, criou uma grande revolta, não aceitando que se expulsasse João. Eudóxia, cercada pelas lamentações do povo, chamou Arcádio, o imperador, enviou o eunuco Brisão e chamou João desde Preneto.

Ele, porém, não admitiu entrar na cidade antes de um concílio onde se fizesse um escrutínio e passou o tempo num subúrbio perto de Anáplo. Então o povo, gritando contra os imperadores, forçou a que João entrasse na cidade, ao ponto de Teófilo e os que com ele estavam, temendo, fugirem da cidade. Então sessenta bispos, reunindo-se, ratificaram que todas as coisas contra João, feitas por Teófilo e pelos que com ele estavam, eram, com propriedade, inválidas.

[169] θεράπων τοῦ θεοῦ

[170] Δρυΐ: o Sínodo ficou precisamente conhecido como Sínodo do Carvalho, subúrbio de Calcedónia, e teve lugar na Vila de Rufino.

A.M. 5898

Neste ano, a imperatriz Eudóxia, tendo feito uma estátua de si própria em prata, colocou-a no lugar chamado "As Pitácias", perto da igreja de Santa Irene. O prefeito da cidade, um maniqueu com simpatia pelas coisas pagãs[171], perturbou João ao celebrar festas, danças e pantominas em frente à estátua, fazendo ainda muito barulho nem permitindo que ele celebrasse as Divinas Liturgias de forma pacífica: de facto, desassossegava muitas vezes os salmistas.

O santo João invetivou-o com palavras. Ele, por seu turno, manobrou Eudóxia contra João, como se ele estivera irritado por causa da honra dada à estátua dela. E, assim, de novo surgiu o ódio contra João, de novo a ira. Foi quando ele fez aquela oração cujo começo é: "De novo Herodes está desvairado". Então as inimizades da imperatriz foram levadas ao seu ponto máximo e movidas contra ele: e de novo vieram a deposição e o exílio. O povo queimou a igreja: muitos correram perigo de vida por causa de João. Ele, porém, foi expulso da cidade e exilado para Cúcuso, de onde foi mudado para Pitio. Quando estava em Comano, a caminho da Arménia, morreu no Senhor.

Tendo ele sido exilado, foi eleito Arsácio, o irmão de Nectário, que fora bispo antes de Crisóstomo. Inocêncio de Roma e Flaviano de Antioquia, por seu turno, não concordaram com a expulsão de João, mas, através de cartas, exortaram o clero da cidade e reprovaram as ousadias cometidas.

Epifânio, todavia, navegou para o Chipre, porque Deus, ao que parece, o advertiu de antemão acerca da sua morte. Dizem que também revelou a morte no exílio a João, e que João revelou a Epifánio a sua morte no barco. Epifânio disse aos que vinham ter com ele: "Eu vou com pressa: deixo-vos os livros, a cidade e a hipocrisia."

Nesse mesmo ano, também morreu Eudóxia. `

A.M. 5899

Neste ano, estando o imperador Arcádio em Cária, onde dizem que também o santo mártir Acácio sofreu, após ter rezado e saído do templo, de imediato caiu o grande edifício que estava em

[171] ἑλληνόφρων

Cária. A multidão, incólume, atribuiu a salvação à prece do imperador.

A.M. 5900

Neste ano, em Roma, a terra mugiu por sete dias. E Estilicão, o Ilustríssimo, foi morto em Ravena, assim como outros poderosos. Nesse mesmo ano, Arcádio morreu, no dia onze antes das calendas de setembro.

Arcádio, o pai, ao compreender que o jovem Teodósio era demasiado pequeno e não tinha qualquer proteção, e temendo que sofresse intrigas de alguém, elevou-o à condição de imperador e estabeleceu, no seu testamento, Isdigerdes, o imperador dos Persas, como seu protetor. Isdigerdes, então, recebeu o testamento de Arcádio e fez uso de uma profunda paz para com os Romanos, guardando o império para Teodósio. Após ter enviado Antíoco, um admirável, eloquente e destacado instrutor, escreve isto ao senado dos Romanos: "Visto que Arcádio faleceu e me estabeleceu a mim como protetor do filho, enviei aquele que irá preencher o meu lugar. Portanto, que ninguém avance para fazer insídias ao rapaz, para que eu não mova uma guerra interminável contra os Romanos". Depois Antíoco chegou e ficou com o imperador.

Teodósio era instruído junto ao divino Honório e de Pulquéria, irmã dele, acerca das coisas dos Cristãos. E houve paz entre os Romanos e os Persas, sobretudo porque Antíoco escrevia muitas coisas sobre os cristãos: e deste modo o Cristianismo dilatou-se na Pérsia, graças ao intermédio de Marútas, bispo da Mesopotâmia.

A.M. 5901

Neste ano, tendo morrido o imperador Arcádio, que governara, após a morte de Teodósio, catorze anos, três meses e catorze dias, sendo que governou juntamente com seu pai doze anos, deixou Teodósio, o seu filho, como imperador, com oito anos, que por sua vez governou seis anos com o pai Arcádio.

Após Teodósio se ter tornado imperador, Pulquéria, a sua irmã, uma jovem de quinze anos, conduziu bem o império,

juntamente com Deus[172]. Tinha ainda duas outras irmãs, Arcádia e Marina: e Pulquéria convenceu-as a fazerem votos de castidade. Ela, muito sábia e a quem calhara de possuir uma inteligência divina, educou o seu irmão. Educou-o perfeitamente, antes de tudo, na piedade em relação a Deus, depois também, à maneira imperial, nos costumes, no linguajar, na forma de andar, de rir, de se vestir, de se sentar e de estar em pé. Fundou muitas igrejas, edifícios para os pobres e para estrangeiros, assim como mosteiros: e a todos distribuiu subsídios apropriados, de uma forma majestosa. Sozómeno diz, sobre ela, que também era dignificada por visões divinas.

A.M. 5902

Neste ano, Ático, bispo de Constantinopla, tendo advertido um certo Judeu paralítico, converteu-o e batizou-o: ele levantou-se curado da fonte batismal. E diz-se que viveu segundo Deus.

A.M. 5903

Neste ano, Roma é tomada por Alarico, no dia nono antes das calendas de setembro. E, passados alguns dias, Constantino, o Ilustríssimo, foi morto, assim como muitos outros.

A.M. 5904

Neste ano foram mortos, nas Gálias, Joviano e Sebastião, Ilustríssimos. As cabeças deles vieram para Roma. Passados quinze dias, foram mortos Salústio e Heracliano.

A.M. 5905

Neste ano, os Judeus fizeram muitas coisas más aos cristãos, em Alexandria. Efetivamente, tendo estabelecido uns com os outros usar um anel de madeira de palmeira, prepararam-se para gritarem de noite e anunciarem que a igreja estava a arder: quando os cristãos se reuniram, os Judeus mataram-nos. Tendo o feito sido detetado, os prefeitos cristãos expulsaram-nos de Alexandria e confiscaram as suas propriedades.

[172] σὺν θεῷ

Neste mesmo ano, tendo Antíoco, o Persa, saído de cena, a beata Pulquéria tomou conta dos assuntos [de governação] por completo.

A.M. 5906

Neste ano, algumas pessoas mataram, com uma morte violenta, a filósofa Hipácia, filha do filósofo Teão.

Neste mesmo ano, Isdigerdes, o imperador dos Persas, obedecendo primeiro às exortações de Maruta, bispo da Mesopotâmia, assim como de Abdaas[173], o bispo da capital da Pérsia, elevou-se ao topo da piedade, ao ponto de estar quase a ser batizado, por causa dos feitos milagrosos de Marutas: e castigou os Magos como sendo impostores. Todavia, enganado pelos Magos no seu vigésimo ano, movimentou uma grande perseguição contra os cristãos na Pérsia. Faleceu no seu ano vigésimo primeiro.

A causa da perseguição foi esta: Abdaas, o bispo da cidade capital, na Pérsia, era movido por um zelo divino[174], mas não usava esse zelo de forma conveniente e queimou o templo de Piro[175]. Ao saber disto, o imperador dos Persas ordenou que as igrejas fossem destruídas e castigou Abdaas com muitos suplícios. Tendo a perseguição durado cinco anos, foram declarados muitos e inumeráveis mártires. Os Magos, de facto, por todas as cidades e aldeias, caçavam os que estavam escondidos. Outros, porém, entregavam-se de livre vontade, para que não parecessem, pelo silêncio, terem negado a Cristo. Estando os cristãos a ser mortos sem misericórdia, um grande número chegou mesmo a ser liquidado nos próprios aposentos imperiais. Muitos também se refugiram entre os Romanos.

A.M. 5907

Neste ano, faleceu Teófilo, bispo de Alexandria, e Cirilo, o seu sobrinho, foi eleito em seu lugar.

Neste mesmo ano, Hesíquio, presbítero de Jerusalém, floresceu nos ensinamentos.

---

[173] Ἀβδαᾶ: o mesmo que Abdias ou Audas.
[174] ζήλῳ μὲν θεοῦ
[175] τοῦ Πυρός: *i.d.*, "do Fogo"

A.M. 5908

Neste ano, os Judeus, em Immon, agarraram numa criança cristã e, aparentemente para também fazerem pouco dela e ridicularizarem a Cruz, penduraram o próprio rapaz na madeira e mataram-no com torturas. Ao saber disto, o imperador castigou os Judeus de uma forma apropriada.

A.M. 5909

A.M. 5910

A.M. 5911

Neste ano, Ático batizou a chamada Atenaide, filha do filósofo Leôncio, e mudou-lhe o nome para Eudócia. Ela, seguindo a opinião de Pulquéria, casou com Teodósio, distinguindo-se pela beleza do corpo, pela inteligência do espírito e pelas suas palavras.

Neste mesmo ano nasceu Valentiniano, filho de Constâncio e Gala Placídia, em Ravena.

A.M. 5912

Neste ano, o bispo Ático, vendo os Joanitas a congregarem-se fora da cidade, ordenou que o nome de João Crisóstomo fosse lembrado nos dípticos da Igreja: e juntou muitos à Igreja.

Neste mesmo ano, nasceu Valentiniano o Jovem, filho de Constâncio e primo de Teodósio, em Ravena.

A.M. 5913

Neste ano, Constâncio, o pai de Valentiniano, tornou-se imperador, no dia sexto antes dos idos de fevereiro. E foi morto no dia quarto, antes das nonas de setembro.

A.M. 5914

Neste ano, o augustal Calisto foi morto pelos seus próprios escravos, em Alexandria, no décimo dia do mês Thoth.

A.M. 5915

Neste ano, o imperador Honório morreu em Roma, no dia quinze de agosto. Isto foi revelado em Constantinopla e a cidade ficou fechada por sete dias. Com a sua morte, um certo João, secretário imperial, arrebata o império em Roma e envia uma embaixada a Teodósio, exigindo ser recebido como imperador. Teodósio, após ter prendido os embaixadores num cárcere, enviou o general Ardabúrio contra ele. O tirano, porém, surpreendeu-o e fechou-o em Ravena.

Ao saber disto, Teodósio enviou Áspar, o filho daquele, contra João e, pela prece do imperador, amigo de Deus[176], um anjo do Senhor apareceu nas vestes de um pastor e guiou Áspar e os que com ele estavam. Conduziu-os através da praia que fica junto a Ravena, que era inacessível: Deus tornou-a acessível como o fizera com os Israelitas. E, tendo avançado pela terra seca, encontraram as portas da cidade abertas: por um lado mataram o tirano, por outro, libertaram Ardabúrio da prisão.

Com a morte daquele, o imperador Teodósio nomeou Valentiniano, o filho de Constâncio e de Gala Placídia, como César, e enviou-o para Ocidente, juntamente com a própria mãe. Enviou com eles, como ajudante para o colocar no trono, Helião, o patrício: e reinou trinta e dois anos.

A.M. 5916

Neste ano, ocorreram muitos tumultos e assassinatos em Alexandria.

Neste mesmo ano, Teodósio enviou uma coroa imperial a Valentiniano, em Roma, através do patrício Helião. Já Marutas, o bispo da Mesopotâmia, curou o filho do imperador dos Persas, Isdigerdes, que estava possuído por um demónio, pela prece e pelo jejum. Isdigerdes atribuiu, por causa deste feito, muita fé ao Cristianismo.

A.M. 5917

[176] θεοφιλοῦς

A.M. 5918

Neste ano, tendo morrido Isdigerdes, Vararanes, o seu filho, recebeu, ao mesmo tempo que o império, a perseguição à piedade. E enviou embaixadores a Teodósio, pedindo-lhe os desertores. Teodósio, porém, o imperador dos Romanos, não aceitou entregá-los. Com as tréguas quebradas por causa deste feito, surgiu uma guerra terrível. E Teodósio envia o general Ardabúrio com uma força Romana; já Vararanes envia o general Narses com uma força Pérsica, possuindo muitas miríades de Sarracenos como ajuda.

Ardabúrio, tendo chegado à Pérsia e devastado a província chamada de Arzanene, avança para a Mesopotâmia. Da mesma forma, o general dos Persas chegou à Mesopotâmia, junto ao Eufrates: e, pensando que a força dos Romanos viria ter com eles, [os Persas] acobardaram-se por intervenção de Deus[177] e atiraram-se a eles próprios ao rio, armados: e assim dez miríades morreram afogados. Os Romanos, depois de se apropriarem dos restantes, mataram a todos: a miríade dos que são chamados, junto deles, de Imortais, assim como os seus generais. Cristo exerceu justiça sobre os Persas por eles terem morto injustamente muitos dos pios.

A.M. 5919

Neste ano foram encontradas as relíquias do profeta Zacarias, numa certa aldeia, nos subúrbios de Eleuterópolis. Da mesma forma, também foram encontradas as de Estevão, o protomártir, na aldeia de Capargamala, onde Gamaliel, o Mestre do apóstolo Paulo, enterrou o corpo do primeiro mártir juntamente com Abibo, seu filho.

A.M. 5920

Neste ano, o pio Teodósio, por imitação da beata Pulquéria, enviou muito dinheiro ao arcebispo de Jerusalém, para ser distribuído aos que tinham necessidade dele, assim como uma cruz dourada, com pedras preciosas, para ser colocada no Santo Calvário. Já o arcebispo, para retribuir a oferta, envia as relíquias da mão direita do primeiro mártir Estevão, por intermédio de Passarião, que está entre os santos. Quando este chegou à Calcedónia, a beata

[177] ἐκ θεοῦ

Pulquéria contempla num sonho, nessa mesma noite, o santo Estevão a dizer-lhe: "Vê! A tua prece foi atendida e o seu pedido realizou-se: vim para a Calcedónia". Ela então levantou-se, agarrou no irmão dela e saiu para se encontrar com as santas relíquias. Após as ter levado para o palácio, funda um edifício glorioso para o santo primeiro mártir, onde depositou as santas relíquias.

A.M. 5921

Neste ano, movido por uma grande bondade, o imperador Teodósio, ainda que tivesse vencido pela força os Persas, abraça a paz por consideração aos Cristãos que estavam na Pérsia e envia como embaixadores o patrício Helião, que tinha em grande consideração, e Anatólio, o general do Oriente, para tratarem da paz.

Vararanes, ao saber da sua derrota, recebeu a embaixada e dessa forma parou a perseguição contra os cristãos. Já o imperador Teodósio, dando graças a Deus pelo bom sucesso destas coisas, não parou de O honrar com hinos, tendo como companheiras no louvor as suas próprias irmãs, que cultivavam a virgindade para a vida toda[178].

Nesse mesmo ano, Sisínio, o bispo de Constantinopla, elege Proclo como bispo de Cízico. Os Cizicenos não o aceitaram e nomearam um certo monge contra a opinião de Sisínio, chamado Dalmácio. Proclo, sem a sua própria igreja, destacou-se em Constantinopla, por exortação de Sisínio, nos ensinamentos.

Neste mesmo ano, parou a perseguição contra os Cristãos, na Pérsia.

A.M. 5922

Neste ano, Filipe, presbítero de Side, que escreveu uma história cristã em trinta e seis livros, atacou muito Sisínio por ele, juntamente com Proclo, ter sido preferido para o episcopado em vez do próprio Filipe: e Sisínio morreu logo após isto.

[178] διὰ βίου τὴν παρθενίαν ἀσκούσας.

A.M. 5923

Neste ano, tendo falecido Sisínio, bispo de Constantinopla, Nestório, que era Germano de nação, recebe o episcopado. Assim que sobe ao trono, logo veio também a sua fé errada[179]: ele revelava um pensamento distorcido nos dogmas. Deu um discurso sobre a fé ao seu sincelo, ordenando-lhe que anunciasse isto à igreja: "Que ninguém chame a Maria mãe de Deus[180]: Maria, de facto, era um ser humano, e é impossível que Deus nasça de um ser humano." O primeiro a atacar isto foi um certo Eusébio, escolástico da basílica de Constantinopla. Foi então que muitos dos Bizantinos ficaram perturbados.

Nestório apressou-se a ratificar a sua asserção por todo o lado, expulsando o título de "Mãe de Deus" e dizendo que o Senhor era tão somente homem. Por seu turno, enquanto Nestório, num domingo, estava a presidir [a uma celebração], Proclo, compelido para discursar, diz uma homilia sobre a Mãe de Deus, cujo início é: "irmãos! Hoje é a festa da Virgem".

Então Nestório, por causa do seu orgulho e fé errada[181], tornou-se odiado por todos. Ele tinha consigo, de facto, um certo Anastácio, presbítero de Antioquia, a quem intensamente protegia por pensar como ele, um homem ousadíssimo, que blasfemava, na Igreja, acerca da Sempre Virgem Mãe de Deus[182]. Eusébio, o de Dorileia, foi o primeiro a falar contra este. E, ao fazer assim as coisas, suscitou muitos tumultos e perturbações.

Neste mesmo ano, também ocorreu o temível milagre dos sete santos meninos, em Éfeso, que se levantaram após cento e oitenta e quatro anos.

A.M. 5924

Neste ano, Cirilo, o bispo de Alexandria, ao saber das blasfémias de Nestório, escreveu-lhe, pedindo-lhe e aconselhando-o como a um irmão para que se afastasse dos dogmas por ele distorcidos e para que se agarrasse à fé correta. Nestório, por seu turno, retorquiu-lhe de forma enervada, ao mesmo tempo que

[179] κακοπιστία
[180] Θεοτόκον
[181] τῦφον καὶ κακοπιστίαν
[182] ἀειπάρθενον θεοτόκον

blasfemava. Então Cirilo descreve ao papa de Roma, Celestino, o assunto em torno de Nestório, e torna-lhe manifestas as coisas que lhe haviam sido escritas por Nestório. Celestino escreveu a Nestório, tendo estabelecido um prazo de dez dias para que parasse com as blasfémias e para que se arrependesse: e que, se ele se mantivesse na fé errada, não mais seria um sacerdote em comunhão [com a Igreja].

Celestino e Cirilo escreveram por igual a João, o arcebispo de Antioquia, e a Juvenal, o arcebispo de Jerusalém, acerca de Nestório e da sua heresia. João, por sua vez, escreveu a Nestório, aconselhando-o a abandonar a heresia e lembrando-lhe o dito apostólico: "Deus enviou o Filho Dele, nascido de uma mulher." Nestório, ao compreender, assim, que os patriarcas não deixariam passar o assunto em silêncio, visto estarem as igrejas perturbadas, manobrou o imperador para que ele escrevesse uma *sacra*[183] a Cirilo, cheia de censuras, parecendo-lhe que o outro ficaria assim diminuído: em vez disso, porém, estimulou-o.

De facto, ele insurgiu-se e escreveu ao imperador e às suas irmãs acerca da fé correta e sobre a fé errada de Nestório, pedindo ao mesmo tempo que se fizesse um Concílio ecuménico, com o objetivo de se discutir, de forma canónica, a questão de Nestório. Então Teodósio escreveu a todos os bispos que estavam sob ele para estarem presentes em Éfeso, sem qualquer tipo de atraso, após a Páscoa, estabelecendo que "aquele que não for encontrado, no dia do Pentecostes, no Concílio de Éfeso, não terá qualquer tipo de defesa nem perante Deus, nem perante nós". Já o bispo de Roma, Celestino, escreve a Cirilo de Alexandria para ocupar o seu lugar no Concílio, uma vez que não era capaz de estar presente por causa da tormenta marítima de inverno.

A.M. 5925

Neste ano, reuniu-se em Éfeso o santo e ecuménico terceiro Concílio, de duzentos Padres. Quando chegaram todos os [restantes] bispos, João de Antioquia e os orientais não se apresentaram na altura combinada e, ao décimo sexto dia após o estabelecido, não tendo João comparecido, Nestório veio, em grande pretensão.

[183] σάκραν

E, no vigésimo dia de junho, o Concílio foi iniciado. Presidiram-no Nestório, Cirilo e Juvenal, sendo que Cirilo preenchia o lugar de Roma. E enquanto estavam todos a discursar sobre os assuntos divinos[184], diz Nestório com grande pretensão: "Eu não chamaria Deus a quem tem só dois ou três meses de idade. Estou, por isso, purificado do vosso sangue: e a partir de agora não voltarei para vós." Tendo dito isto, saiu com seis bispos que seguiram a mesma opinião que ele. Os que estavam com Cirilo, reunidos no dia seguinte, enviaram três bispos para o chamarem, mas ele não obedeceu. Tendo sido da mesma forma chamado uma segunda, uma terceira e uma quarta vez pelo Concílio, não compareceu, mas ordenou que os que foram enviados fossem insultados e desonrados.

Então o santo e ecuménico Concílio, tendo recebido os bispos que haviam sido insultados e desonrados, declarou-se contra ele e demarcou-o estranho a toda a dignidade eclesiástica: e enviaram-lhe diretamente a sua destituição. Tendo isto sido assim realizado, chegou, após três dias, João, bispo de Antioquia, tendo consigo vinte e seis bispos: eles, ao saberem que Nestório tinha sido desposto, afastaram-se do santo sínodo e tomaram partido com Nestório. Depuseram, como pensavam, Cirilo e Mémnon Efésio.

De facto, Teodoreto, pensando atacar Cirilo, e tendo exposto de forma incorreta os Doze Capítulos, vomitou o veneno de Nestório. Já Cirilo, que está entre os santos, insurgiu-se nobremente e defendeu os mesmos Doze Capítulos, interpretando-os e revelando o tesouro eclesiástico que estava neles. E a todos deixou claro o seu santo objetivo.

João, o de Antioquia, tendo sido chamado pela terceira vez pelo santo Concílio, e não tendo obedecido à ordem de comparência, recebeu um veredito de exclusão, juntamente com os que estavam com ele, em como estavam alienados de toda a comunhão eclesiástica, até à altura em que, tendo vindo a si próprios, confessassem o erro comum. O santo Concílio determinou isto para que as coisas feitas sem fé e contra os cânones[185] pelos orientais, por

[184] θεολογούντων
[185] ἀθέσμως καὶ ἀκανονίστως

estarem irritados contra os santíssimos chefes da Igreja, Cirilo e Mémnon, não tivessem qualquer tipo de validade[186].

Quando tudo isto foi relatado ao imperador Teodósio por meio de um documento, os bispos de ambas as partes foram convocados para ir a Constantinopla e, tendo lá chegado, foram vencedores, com a ajuda de Deus[187], os do santo Concílio. E com a ratificação da expulsão de Nestório, Maximiano foi eleito bispo em Constantinopla, sendo ele presbítero da mesma igreja. Já os orientais tomaram Nestório e levaram-no consigo para o Oriente.

No quarto ano da expulsão de Nestório, João, o bispo de Antioquia, possuindo temor a Deus e vendo muitos dos mais influentes a ficarem convencidos por Nestório, escreve ao imperador, pedindo que aquele fosse expulso do Oriente. O imperador exilou Nestório para Oásis e envia ordens a Cirilo e a João para que imediatamente se unissem para removerem os desentendimentos de toda a Igreja. João obedeceu à ordem, e escreveu a Cirilo a sua própria fé e a sua concordância com os padres de Niceia, assim como com os cento e cinquenta em Constantinopla e ainda com as coisas realizadas em Éfeso. O divino Cirilo, após ter recebido isto, escreve a João e aos orientais uma carta, cujo início é: "Que se alegrem os céus, e que a terra exulte". E, reunidos na mesma confissão, as santas igrejas de cada um uniram-se em paz e concórdia.

Por esta altura, Nono, portador de Deus[188], pastoreou a igreja dos Edessenos, ele que consagrou a Deus a principal atriz de Antioquia, apresentando-a a Cristo como santa Pelágia, em vez da meretriz Margarito. Ele, portanto, que está entre os santos, regozijando com a concordância dos santos, escreve ao arcebispo João palavras de conselho e ensino, entre as quais também se encontram: "Limpa a Igreja, ó homem de Deus, do joio dos Nestorianos, assim como das coisas terríveis deles".

Já a justiça divina[189] tomou o ímpio e blasfemo Nestório no exílio: com a putrefação de todos os seus membros, sobretudo da

[186] Nesta passagem, seguimos a interpretação do texto dada pela tradução de João Classeno (TEÓFANES CONFESSOR a, *Chronographia* CSHB 140), que atribui a ὥστε um valor final, não consecutivo.
[187] τῇ συνεργίᾳ τοῦ θεοῦ
[188] θεοφόρος
[189] θεία δίκη

língua nefasta, caiu e foi tomado pela morte, antecipando para um outro sítio o seu chamamento de regresso de Oásis.

A.M. 5926

Neste ano Valentiniano, o filho de Gala Placídia e de Constâncio, veio de Roma para Constantinopla e casou com a filha do imperador Teodósio, Eudóxia, a que lhe havia nascido de Eudócia, e regressou a Roma.

Neste mesmo ano, Hesíquio, o presbítero de Jerusalém, faleceu. E a beata Melânia, neta de Melânia, a Velha, adormeceu em ascese, com a compleção da sua vida, em Jerusalém.

A.M. 5927

Neste ano, o imperador Teodósio enviou a sua mulher Eudóxia a Jerusalém, para dar hinos de ação de graças ao Senhor. Ela presenteou as igrejas com todo o tipo de coisas e, após ter cultuado[190] a Santa Cruz e os lugares sagrados, regressou aos aposentos imperiais.

A.M. 5928

Neste ano, deu-se um colapso no teatro de Alexandria e morreram quinhentas e setenta e duas pessoas, na festa noturna de Níloa.

A.M. 5929

A.M. 5930

Neste ano Proclo, o santíssimo bispo de Constantinopla, depois de pedir ao imperador Teodósio a relíquia de João Crisóstomo, transferiu-a de Comano para a cidade imperial. No ano seguinte, após trinta e três anos, carregando-a numa procissão pública, juntamente com o imperador e a beata Pulquéria, colocou-a na Igreja dos Apóstolos, e assim uniu aqueles que haviam sido separados por causa da sua deposição.

Pelos tempos do mesmo Proclo, que está entre os santos, ocorreram grandes sismos em Constantinopla durante quatro

[190] προσκυνήσασα

meses, de tal maneira que os Bizantinos, temendo, fugiram para fora da cidade, para o chamado Campo, e passavam os dias a cantar ladainhas, com súplicas a Deus. Num dos tremores de terra, estando todo o povo clamando zelosamente o cântico "Senhor, tende piedade[191]", por volta da hora terceira, de repente, enquanto todos viam, aconteceu que um pequeno rapaz foi levantado ao ar pela energia divina[192] e ouviu uma santa voz[193] que lhe dava a missão de anunciar ao bispo e ao povo que fizessem ladainhas desta forma: "Deus Santo, Deus forte, Deus imortal: tende piedade de nós[194]", sem que se lhe acrescentasse mais nada.

Proclo, o que está entre os santos, ao receber esta ordem, virou-se para o povo para que assim cantasse: e de súbito o sismo parou. A beata Pulquéria e o seu irmão, profundamente felizes com o milagre, decretaram que este santo hino fosse cantado em todo o mundo: e deste então todas as igrejas tomaram o costume de cantar isto ao Senhor, todos os dias.

A.M. 5931

Neste ano, Valentiniano não só não conseguiu preservar a Britânia, a Gália e a Espanha, mas nem sequer a Líbia ocidental, a chamada terra dos Africanos, perdendo-as desta forma: havia dois generais, Aécio e Bonifácio, que Teodósio, perante um pedido de Valentiniano, enviou para Roma. Tendo Bonifácio tomado o poder da Líbia ocidental, Aécio invejou-o e fez uma falsa acusação contra ele, como se ele procurasse insurgir-se e se esforçasse para tomar o controlo da Líbia.

Dizia isto a Placídia, a mãe de Valentiniano. Porém, escreve a Bonifácio: "se fores chamado, não queiras comparecer: foste caluniado e os imperadores querem subjugar-te através de um dolo." Bonifácio, ao receber isto, acreditou em Aécio como num amigo genuíno e não compareceu, ao ser chamado. Então os imperadores receberam Aécio como pessoa de bem.

Havia na altura muitos e grandes povos Godos para além do Danúbio, estabelecidos nas partes do Norte. São quatro os mais

[191] Κύριε ἐλέησον
[192] ὑπὸ θείας δυνάμεως
[193] θείας φωνῆς
[194] ἅγιος ὁ θεός, ἅγιος ἰσχυρός, ἅγιος ἀθάνατος, ἐλέησον ἡμᾶς

destacados destes: os Godos, os Visigodos, os Gépidas e os Vândalos, distintos entre si pelo nome e em nada mais, fazendo uso de um mesmo dialeto: todos subordinados à fé errada[195] de Ário. Eles, no tempo de Arcádio e Honório, passaram o Danúbio e foram estabelecidos na terra dos Romanos. Assim os Gépidas, que mais tarde se dividiram em Longobardos e Ávaros, habitaram as regiões perto de Singiduno e Sírmio. Os Visigodos, por seu turno, tendo pilhado Roma, migraram, depois de Alarico[196], para as Gálias e dominaram os de lá. Os Godos tomaram primeiro a Panónia; depois, no décimo nono ano do império de Teodósio o Jovem, que assim o permitiu, habitaram a região da Trácia: e, tendo vivido na Trácia cinquenta e oito anos, estando Teoderico[197] a conduzi-los, patrício e cônsul, apoderaram-se do império do ocidente, sendo que Zenão o permitiu. Já os Vândalos, tendo a si associados os Alanos e os Germanos que agora são chamados Francos, passaram o rio Reno, tendo por chefe Godigisclo, e habitaram a Hispânia, a primeira terra da Europa do lado do oceano ocidental.

Bonifácio então, em temor para com os imperadores dos Romanos, passou da Líbia para a Espanha e foi ter com os Vândalos. E como descobriu que Godigisclo estava morto, sendo que os filhos dele, Gunderico e Genserico, haviam tomado o poder, estimulou-os ao prometer-lhes dividir a Líbia ocidental em três partes, desde que cada um, com ele incluído, governasse uma terça parte, e que em conjunto se defendessem contra qualquer inimigo que houvesse. Com estas condições, os Vândalos passaram o canal e tomaram a Líbia, desde o Oceano até Trípoli, perte de Cirene. Os Visigodos então saíram da Gália e apoderaram-se também da Hispânia.

Alguns dos senadores dos Romanos, amigos de Bonifácio, anunciaram a Placídia a falsa acusação de Aécio, ao deixarem patente a carta de Aécio a Bonifácio, pois que Bonifácio lhes havia enviado a mesma. Placídia, chocada com isto, não fez nada de mal a Aécio, mas enviou uma carta de estímulo a Bonifácio, com juramentos.

---

[195] κακοπιστίας

[196] μετὰ Ἀλάριχον: preferimos optar pelo sentido clássico da preposição μετά seguida de acusativo, como significando "após/para além", ainda que as traduções de Cyril Mango e Roger Scott, assim como a de João Classeno, prefiram o significado de "sob/por".

[197] Θευδερίχου: o mesmo que Tedorico.

Tendo morrido Gunderico, Gizerico[198] tornou-se imperador[199] dos Vândalos. Bonifácio, portanto, recebeu a carta e moveu guerra contra os Vândalos, tendo-lhe vindo um grande exército de Roma e de Bizâncio, chefiado por Áspar. Tendo-se dado um recontro contra Gizerico, o exército dos Romanos foi derrotado: e então Bonifácio regressou a Roma com Áspar, dilui a desconfiança e revelou a verdade: África, porém, tinha ficado sob poder dos Vândalos.

Nessa altura também Marciano, um soldado que servia Áspar, que mais tarde foi imperador, foi capturado vivo por Gizerico.

A.M. 5932

Neste ano, a santa mártir Eufémia foi transladada para Alexandria, no sexto dia antes das calendas de outubro.

A.M. 5933

Neste ano, em Alexandria, concluiu-se a construção dos banhos de Cântaro.

Alguns monges, tendo ido a Constantinopla, importunavam o imperador contra Teodoro, que havia sido bispo de Mopsuéstia, insultando-o, após a morte, como sendo ele herético. O imperador virou-se para Proclo, para que escrevesse aos bispos do Oriente, a fim de que se fizesse uma inquirição e, caso estivessem a dizer a verdade, que se anatematizasse Teodoro. João de Antioquia, por seu turno, respondeu a Proclo e ao imperador com um concílio próprio, dando testemunho da ortodoxia de Teodoro.

A.M. 5934

Neste ano, a terra foi abalada e rangeu, no dia quinze antes das calendas de maio.

A.M. 5935

Neste ano, Carmosino, augustal em Alexandria, foi atacado no Cinégio e morreu no primeiro dia do mês de Epifi.

[198] Γιζέριχος: o mesmo que Genserico.

[199] αὐτοκράτωρ: esta palavra também ocorre para se referir ao soberano dos Romanos, sendo, portanto, equivalente a βασιλεύς.

A.M. 5936

Neste ano, o imperador Teodósio fez com que Antíoco, que era *praepositus* e patrício, e também seu *bajulus*, fosse sacerdote[200]. Confiscou a sua casa porquanto ele se tivesse exaltado contra ele e o tivesse desprezado. Por causa disso promulgou também uma lei para que nenhum eunuco entrasse na dignidade de patrício.

A. M. 5937

Neste ano, o imperador irritou-se contra Ciro, o prefeito da cidade e dos pretorianos, um homem sapientíssimo e capaz, que construíra as muralhas da cidade e salvaguardara toda a Constantinopla, e acerca de quem os Bizantinos exclamaram durante uma corrida de cavalos, estando presente e ouvindo o imperador: "Constantino fundou, Ciro restaurou". Enervou-se por isto ter sido dito acerca dele: e, dando como desculpa pensar ele como os pagãos[201], depô-lo do cargo e confiscou os seus bens. Este, porém, ao fugir para a igreja, tornou-se, ele próprio, sacerdote[202]. O imperador sentiu por ele misericórdia[203] e ordenou que ele se tornasse bispo de Esmirna, na Ásia.

Chegando antes das Santas Teofanias[204], os Esmirnenses, como suspeitavam que ele pensava como um pagão[205], queriam matá-lo. Mas ele, ao entrar na igreja e ao inclinar-se para falar ao povo, diz: "Homens irmãos, que o nascimento de Deus e do nosso Salvador Jesus Cristo seja honrado em silêncio, pois o Verbo de Deus foi colocado na santa Virgem somente pela audição. Glória para Ele para todo o sempre. Amém". O povo alegrou-se e honrou-o: e ele foi bispo em grande piedade[206].

A.M. 5938

Neste ano, um outro João, o chamado Vândalo, insurgiu-se como tirano contra Valentiniano, em Roma. Teodósio enviou-lhe

[200] παπᾶν
[201] ἑλληνόφρονα
[202] παπᾶς
[203] σπλαγχισθείς
[204] τῶν ἁγίων θεοφανίων: trata-se da grande festividade da Epifânia, em que se celebram três teofanias: A Estrela guia dos Magos, as Bodas de Caná e o Baptismo no Jordão.
[205] ἑλληνόφρονα
[206] εὐσεβῶς

uma força com os generais Áspar e Ardabúrio e, tendo-se dado um recontro, João foi derrotado e, após ter recebido uma palavra de honra, entregou-se vivo. Levam-no ao imperador Teodósio e preparam-no para que ele fosse recebido de forma digna. Crisáfio, porém, que era eunuco e que tinha muita força nos aposentos imperiais, enganou-o e matou-o. Mas a justiça não lhe tardou a chegar.

A.M. 5939

Neste ano, Cirilo de Alexandria e Proclo de Constantinopla faleceram piamente. E Flaviano, um presbítero e guardião da igreja de Constantinopla, homem santíssimo e virtuoso, sucedeu a Proclo. Já a Cirilo sucedeu Dióscoro, o ímpio[207], sem qualquer formação, um sujeito selvagem e indomesticável, sobretudo em relação aos familiares de Cirilo, de tal forma que até consagrou [como igreja] a casa deles, mesmo estando ela num sítio de grande altitude, com três andares.

A.M. 5940

Neste ano, Crisáfio, um eunuco com poder sobre o palácio e sobre o imperador Teodósio, e que invejava a eleição de Flaviano, sugeriu ao imperador, que era inocente e que estava em Calcedónia, que indicasse ao patriarca para enviar bençõe[208] a testemunhar a [sua] eleição. O patriarca enviou, como bênção, pães abençoados. Crisáfio, virando-se para ele, revelou que o imperador procurava bênçãos aúreas. O bispo respondeu não ter dinheiro para enviar, "a não ser que eu use alguma coisa dos vasos sagrados." Nasceu então um grande ressentimento entre eles, sendo que Pulquéria de nada sabia. E isto acontecia em Constantinopla.

Em Antioquia, por seu turno, Dióscoro ataca logo no início os familiares de Cirilo e destrói as propriedades deles: depôs, sem motivo, o sobrinho dele, Atanásio, que era um presbítero, tendo confiscado todos os seus bens. Fazia estas coisas enquanto agia de forma contrária à fé ortodoxa de Cirilo, sendo ele um herético que desde a pequena meninice meditava nas coisas de Orígenes.

[207] δυσσεβὴς
[208] εὐλογίας

Opunha-se também a Flaviano, por ele ter fornecido um pouco de auxílio aos familiares do beato Cirilo.

Então Crisáfio, sendo ímpio e não suportando ver a concórdia das igrejas, esforça-se por as perturbar. Estriba-se de toda a forma possível para que Flaviano seja expulso do episcopado, querendo que em seu lugar fosse eleito Êutiques, um certo arquimandrita que pensava como ele. E, depois de não o conseguir fazer em virtude de Pulquéria ter tomado conta dos assuntos, primeiro insinua-se sobre Eudócia, que não tinha experiência: provoca-lhe inveja contra a própria mãe e sugere-lhe que a calunie junto do imperador, a fim de que ela adquira o [cargo de] *praepositus*[209]. Isto porque Pulchéria tomava conta da administração das coisas e tinha consigo, necessariamente, o *praepositus*. O imperador, perturbado pela mulher, chama-a e diz-lhe: "Que isto não te irrite: efetivamente, não é possível que tenhas o *praepositus*: nem eu vou despachar a minha irmã, que administra bem as coisas, com experiência e piedade."

Falhando nisto, Crisáfio parte para uma outra insídia e sugere a Eudócia que perturbe o imperador para que ele se vire para o patriarca e para que este a nomeie diaconisa, uma vez que fizera votos de castidade. E uma vez que Eudócia o perturbou ainda mais, deitou mão da ingenuidade do imperador.

O beato Flaviano, instado pelo imperador a fazer isto, ficou profundamente afligido, vendo de antemão o aflorar dos escândalos que viriam com isso. Assim, ele tanto se comprometeu com o imperador como escreveu a Pulquéria a pedir-lhe para que ele não fosse recebido perante ela, "para que eu não me veja forçado a fazer algo triste que te cause transtorno". Ela percebeu pelas cartas o que estava para acontecer e entregou o *praepositus* a Eudócia: saiu depois para o Hébdomon e aí ficou em tranquilidade[210]. Por causa disto o imperador e Eudócia ficaram muito ressentidos contra Flaviano, como se ele tivesse revelado o segredo.

Estando Pulquéria em sossego[211] e Eudócia a governar o império, aconteceu uma coisa deste género: um certo Paulino, *magister*, era muito amado por Eudócia por ser doutíssimo e

[209] πραιπόσιτον
[210] ἡσύχασεν
[211] ἡσυχαζούσης

belíssimo: ela costumava juntar-se com ele em privado e com frequência. Deste modo, no dia das Santas Teofanias[212], alguém entregou ao imperador uma grande e admirável maçã. O imperador, impressionado, enviou-a a Eudócia, que por sua vez a enviou a Paulino. Paulino, passados dois dias, enviou-a ao imperador. O imperador, tendo-a reconhecido, escondeu-a. Afastou-se e disse à Augusta: "Pela minha salvação, onde está aquela maçã que te enviei?" Ela disse: "Bem! Pela tua salvação… eu comi-a!". Então o imperador, movido em ira, ordena que a maçã seja trazida e que Paulino seja exilado para a Capadócia, onde foi morto.

Eusébio, o escolástico, acima referido, o primeiro que se insurgiu contra Nestório, foi elevado ao episcopado de Dorileia. Ao conversar com Êutiques, o arquimandrita, acerca da fé, descobriu que ele não pensava de uma forma ortodoxa[213]. Após muito o ter exortado, não o conseguiu ajudar. Então Eusébio encaminhou estas coisas acerca dele ao bispo Flaviano que, tendo reunido um concílio de quarenta bispos, convocou Êutiques. Examinou-o de acordo com toda a sequência dos cânones eclesiásticos e descobriu que ele era herético e hostil, pelo que o depôs. Já Crisáfio, que pensava como ele[214] e tinha poder no palácio, escandece-se ainda mais em ira contra Flaviano ao saber disto e revela a Dióscoro de Alexandria que trabalharia com ele, como ele quisesse, se ele lutasse por Êutiques com acusações contra Flaviano e Eusébio. Inclina para isto a augusta Eudócia, ao recordar-lhe, contra Flaviano, as coisas dolorosas relativas a Pulquéria. E ambos manobram o imperador para que ele decrete que um segundo concílio fosse convocado em Éfeso. Depois entregam a Dióscoro a presidência do Concílio, tendo-lhe enviado um grande exército como ajuda.

A.M. 5941

Neste ano, foi convocado, por ordem do imperador Teodósio, o pirático e ilegal Concílio de Éfeso, para se decidir acerca de Flaviano e Êutiques, liderado pelo ímpio Dióscoro por sugestão do

[212] ἁγίων θεοφανίων: *i.e.* a Epifânia.
[213] οὐκ ὀρθὰ φρονοῦντα αὐτόν
[214] τούτου σύμφρων

eunuco Crisáfio, o cognominado Tzumas, que deitara mão da ingenuidade do imperador.

Depois de todos se terem reunido em Éfeso, Dióscoro, presidindo, não permitiu que um segundo notário estivesse presente no Concílio, mas fez com que somente os seus próprios notários escrevessem o ocorrido. Estando a decorrer a investigação, foi pedido a Êutiques que expressasse a sua própria opinião, ao que ele respondeu dizendo: "Professo que, antes da união[215], nosso Senhor constou de duas naturezas e, após a união, professo uma só natureza". Então Dióscoro disse: "e nós todos concordamos".

Os legados do papa Leão de Roma, ao verem o ataque de Dióscoro, e que ele não permitiu que fosse lida a carta do papa a Flaviano, nem mesmo no Concílio, fugiram e regressaram a Roma. Dióscoro, por seu turno, devolveu o sacerdócio a Êutiques, ao que depôs prontamente Eusébio de Dorileia e Flaviano de Constantinopla. Este último, perante a deposição, é expulso a soco e pontapé pelos que estavam sob Dióscoro, sendo que ao terceiro dia saiu desta vida. No dia seguinte, os bispos foram coagidos a assinar pela força dos soldados e das espadas. Domno, por seu turno, bispo dos Antioquienses, tendo assinado por coação, e vindo depois a si mesmo, opôs-se a Dióscoro e aos governantes, gritando contra as coisas realizadas. Chamou ímpio ao Concílio e procurou retirar a sua assinatura.

Ao saber disto, o papa Leão vai ter com o imperador Valentiniano e com as Augustas, em lágrimas, pedindo que fossem enviadas cartas ao imperador Teodósio para que ele fizesse uma retificação das coisas ocorridas de forma impiedosa e não canónica. Mas o outro escreve assim, em riposta, à filha Eudóxia: "Desejo que seja sabido a Sua Suavidade[216], que Flaviano foi expulso das igrejas por julgamento divino, como sendo responsável por muitas perturbações." Dióscoro depôs também Teodoreto, Ibas, André e Domno de Antioquia, assim com outros bispos orientais que não estavam presentes.

Teodósio era instável, levado por todo o vento, ao ponto de assinar várias vezes cartas sem as ter lido: entre estas está aquela

[215] ἑνώσεως

[216] τῇ σῇ γλυκύτητι: à letra: «a sua Doçura».

que a sapientíssima Pulquéria lhe submeteu, uma doação que não fora lida e que dava Eudócia, a sua própria mulher, para a escravidão. Ele assinou-a, tendo sido severamente repreendido por Pulquéria.

Neste mesmo ano, Giserico[217], tendo ficado forte com a multidão vândala, e chamando-se a si próprio rei[218], tomou controlo de muita terra, mar e de muitas ilhas tributárias dos Romanos. Ele perturbou Teodósio, que envia onze mil navios com uma força Romana, sendo generais Ânsila, Inobindo, Arinteu e Germano. Quando esta força atracou na Sicília, Giserico, estupefacto, envia embaixadores a Teodósio acerca de tréguas.

A.M. 5942

Neste ano, Teodósio, após ter reconsiderado e compreendido que havia sido enganado pela manha de Crisáfio, agitou-se por causa da impiedade cometida contra Flaviano e pela injustiça contra os restantes bispos. Primeiro, tendo-se encolerizado profundamente, exilou Crisáfio para uma certa ilha, depois cai de forma acerba sobre Eudócia, acusando-a de ser ela a causa de todos os males, por ter expulsado Pulquéria dos aposentos imperiais, reprovando-a ao mesmo tempo pelo ocorrido acerca de Paulino. Ela, desesperada, pediu para ser enviada para Jerusalém. E chegou a Jerusalém, tendo levado consigo o presbítero Severo e o diácono João.

O imperador, ao saber que eles já na própria cidade [de Constantinopla] se encontravam frequentemente com ela e que estavam com ela em Jerusalém, e que ela lhes dava muitas ofertas, enviou alguém que os decapitou. Em seguida o imperador, tendo chamado Pulquéria com muita insistência, conduziu-a para os aposentos imperiais: ela enviou logo alguém para trazer a relíquia do santo Flaviano para Éfeso. E, carregando-a, com guarda privada, ao longo da Mese[219], sepultou-o nos Santos Apóstolos. Então consagrou a igreja de Calcoprateio[220], que antes fora uma sinagoga dos Judeus, à santa Mãe de Deus.

[217] Γιζέριχος: o mesmo que Genserico.
[218] ῥῆγα
[219] διὰ τῆς Μέσης: artéria que ligava o Forum do Touro à Igreja dos Santos Apóstolos.
[220] Χαλκοπρατείων: traduzido à letra, "mercado de Bronze".

Estava uma armada, como dissemos, na Sicília, para receber os embaixadores de Gizerico e a ordem do imperador. Entretanto Átila, filho de Múndio, um Cita, tornando-se forte e arrogante, expulsou Bdelas[221], o seu irmão mais velho, e governa sozinho os Citas, aos quais também chamam Hunos. E irrompe pela Trácia.

Teódosio faz apressadamente as tréguas com Gizerico por causa disto e retira a frota da Sicília. Envia Áspar com a força que estava sob ele, assim como Areobindo e Argagisclo[222], contra Átila, que já tomara Raciária, Naíso, Filipópolis, Arcadiópolis, Constância e muitas outras cidades, e que agregara despojos imensos e com muitos cativos de guerra.

Tendo os generais sido completamente superados nas batalhas, Átila chegou até ambos os mares, o do Ponto e o que se estende até Galípolis e Sesto, escravizando toda a cidade e fortaleza à exceção de Adrianópolis e de Heracleia (que outrora se chamava Perinto) ao ponto de chegar até à própria fortaleza de Atra. Teodósio foi forçado, portanto, a enviar embaixadas a Átila e a fornecer seis mil libras de ouro para que ele regressasse à sua terra, cedendo ainda em dar-lhe um tributo anual, se ele ficasse em paz, de mil libras de ouro.

Pouco após o regresso da força Romana da guerra contra Átila, o imperador Teodósio morre, a vinte de julho da terceira indicção. A beata Pulquéria, antes de a morte do imperador ter sido conhecida de alguém, chamou Marciano, um homem distinto pela prudência e pela dignidade, idoso e bem capaz, e diz-lhe: "Uma vez que o imperador morreu, eu selecionei-te de todo o senado como pessoa virtuosa: dá-me garantias de que vais proteger a minha virgindade, que depositei em Deus, e nomear-te-ei imperador." Tendo ele concordado com isto, convoca o patriarca e o senado e nomeia-o imperador dos Romanos.

A.M. 5943

Neste ano, tendo o pio Marciano sido elevado a imperador por eleição divina[223], chamou todos os bispos que estavam no exílio. A

[221] Βδελλάν: o mesmo que Bleda.
[222] Ἀργαγίσκλον: o mesmo que Arnegisclo.
[223] θείᾳ ψήφῳ

beata Pulquéria entregou Crisáfio, o eunuco odiado por todos[224], a Jordanes, o filho de João, que exerceu tirania em Roma e depois se rendeu a Ardabúrio e a Áspar e que, ao ir a Bizâncio, foi recebido com honras, mas foi morto por Crisáfio através de um dolo. Jordanes apanhou este último e matou-o.

É digno de nota indicar ainda como é que a eleição de Marciano para o império veio do poder de Deus[225]. Nos anos anteriores, quando decorria a guerra Pérsica, Marciano, que era um mero soldado, saiu da Grécia com o seu contingente contra os Persas. Quando estava na Lícia sucumbiu a uma doença. Foi deixado na cidade de Sidema onde, enquanto lá passou o tempo, se junta a dois irmãos, chamados Júlio e Taciano. Eles receberam-no na sua própria casa e trataram dele.

Tendo, num certo dia, ido caçar, levaram Marciano com eles. Por volta do meio dia ficaram cansados e adormeceram. Taciano, porém, acordado do sono, vê Marciano estendido sobre o sol e uma águia enorme que viera ter com ele e que havia estendido as suas asas, fazendo com que a sua sombra caísse sobre ele. Ao contemplar isto, acorda o irmão e revela-lhe a coisa espantosa. Depois de admirarem durante muito tempo o manso serviço da criatura alada, acordam-no e dizem: "se fores imperador, com que nos vais agraciar?" O outro responde: "Mas quem sou eu, para que isso me aconteça?" Eles, por seu turno, interrogaram-no uma segunda vez. Diz então Marciano: "Se, por graça de Deus[226], isso se realizar, proclamar-vos-ei como pais[227]." Entregam-lhe então duzentos *nomismata,* dizendo: "Vai para Constantinopla e lembra-te de nós, quando Deus te eleger".

Ele, depois de se afastar, junta-se aos generais Ardabúrio e Áspar, que eram Arianos. Passou quinze anos com eles e tornou-se o *domesticus* deles: foi depois com Áspar para África, para militar contra Gizerico, sendo que foi capturado em batalha pelo mesmo Gizerico. Tendo este fechado no seu átrio particular aqueles que tinham sido capturados, inspeciona-os dos andares mais elevados. E, por volta do meio-dia, inclinou-se e vê Marciano a dormir e que

[224] παμμίσητον
[225] ἐξ ἀρχῆς θεοῦ
[226] ἐκ θεοῦ
[227] πατέρας: *i.e.* os senadores ou *patres conscripti.*

uma águia tinha vindo e estendido as asas, dando-lhe sombra. Ao ver isto, Gizerico calculou que tal era a economia divina[228]. Após ter chamado o homem e conhecido que ele era *domesticus* de Áspar, soube que ele seria elevado ao império. E não o quis matar, tendo considerado que ninguém pode impedir a vontade de Deus. Pediu-lhe, porém, em juramento, que, se fosse comprazível a Deus que ele fosse imperador, jamais faria guerra contra os Vândalos. E assim Marciano foi para Constantinopla, liberto e incólume. Após algum tempo, e tendo Teodósio falecido, foi elevado a imperador, como dissemos. Ele foi honesto para com todos os seus subordinados.

Átila insurgiu-se contra os imperadores, porque […][229] contra Valentiniano de Roma, por este não lhe ter dado como mulher a sua própria irmã Honória. Foi até à cidade de Aurélia, entrou em confronto com Aécio, o general dos Romanos, e foi derrotado, perdendo muitos do seu exército ao longo do rio Lige. Regressou desonrado.

Já Marciano, recordado do bom feito que lhe acontecera na Lícia, chamou Taciano e Júlio e proclamou-os como pais[230]. Fez de Taciano o perfeito da cidade, ao passo que confiou o governo dos Licianos a Júlio.

A beata Pulquéria construiu para Cristo muitas e variadas igrejas, em particular a igreja nas Blaquernas, de Nossa Senhora a Mãe de Deus, digna de todo o louvor[231], no começo do império do pio Macário.

Já Leão, o beato papa de Roma, escreveu a Marciano, pedindo que fossem perscrutadas num Concílio Ecuménico as ousadias feitas por Dióscoro e Êutiques, em Éfeso, contra o santo Flaviano. E o imperador ordenou que todos os bispos fossem convocados.

A.M. 5944

Neste ano, realizou-se na Calcedónia o quarto santo Concílio, no mês de outubro, na quinta indicção, um ano e dois meses após a proclamação de Marciano. Depois de se terem reunido todos os

[228] θείαν οἰκονομίαν
[229] Falha no texto
[230] πατέρας
[231] τῆς πανυμνήτου δεσποίνης ἡμῶν θεοτόκου

bispos e o senado na igreja[232] da mártir santa Eufémia, e tendo-se analisado as coisas feitas na primeira indicção contra Êutiques, assim como as inovações realizadas em Éfeso por Dióscoro, Dióscoro, acusado por causa destas coisas, procurou um subterfúgio dizendo ignorar as coisas realizadas. Não sendo capaz de se esquivar à confirmação do que foi feito, ficou sem saber como agir e a verdade ficou patente.

Uma vez que não tinha defesa ficou profundamente embaraçado. Os que haviam estado com ele no pirático Concílio expuseram-lhe a violência e a coação que tiveram de suportar da parte dele. Após terem pedido perdão, foram aceites. Um deles era Juvenal, bispo de Jerusalém.

Dióscoro, sem saber o que fazer, e não tendo defesa, não mais ousou aparecer no Concílio. Então o Concílio, na presença do imperador e em conjunto com o senado, fez um depoimento contra Dióscoro e Êutiques: e depuseram-nos. O imperador exilou Dióscoro para Gangra e louvou o Concílio dizendo: "Dou grandes graças a Deus nosso Senhor, pois, estando retirada a discórdia, ficámos unidos na mesma e uma só concórdia." E, tendo tratado amigavelmente os seiscentos e trinta santos Padres, reenviou cada um para a sua cidade, em paz.

Protério, por seu turno, foi ordenado bispo de Alexandria na vez de Dióscoro.

A.M. 5945

Neste ano, a beata e pia Pulquéria adormeceu no Senhor, tendo feito muitas ações boas e deixando todas as suas posses aos pobres. Marciano distribuiu prontamente estas coisas, que eram muitas. Ela também fundou muitos locais de oração, casas para os pobres e para os peregrinos, assim como locais de sepulcro para os estrangeiros, entre os quais também se encontra o templo do santo mártir Lourenço.

Após o exílio de Dióscoro e a colocação de Protério em seu lugar, os que pensavam como Dióscoro e Êutiques fizeram uma grande revolta, tendo ameaçado impedir a transmissão de trigo. Ao saber disto, Marciano ordenou que o trigo do Egito devia ser

[232] ἐν τῷ μαρτυρίῳ

trazido, pelo Nilo, para Pelúsio, e não para Alexandria, e que deste modo fosse transportado em embarcações para a cidade imperial. Os alexandrinos passaram fome como consequência disso e pediram a Protério para interceder por eles perante o imperador: e, deste modo, eles pararam de fazer tumultos.

Neste mesmo ano foram reparadas as termas de Diocleciano, em Alexandria. E Átila queimou a cidade de Aquileia.

Nesse mesmo ano, um certo monge Teodósio, um homem corrupto, chegou a Jerusalém a toda a velocidade, após o Concílio de Calcedónia. Após ter sabido que Eudócia, a Augusta, estava inclinada para Dióscoro, que havia sido deposto pelo Concílio, começou a clamar contra o Concílio como se este distorcesse a fé correta. Arrasta consigo a Augusta e os monges e, após ter cometido assassínios, apodera-se, de uma forma bárbara, da sede arquiepiscopal. Tendo como súbditos os homens da Augusta, ordena bispos por todas as cidades, quando os bispos estavam ainda no Concílio. Expulsou Severiano da cidade, o bispo de Citópolis, que não suportava a sua errada fé[233], e depois degola-o e levanta uma perseguição[234] contra os que não comungassem consigo. Torturou muitos, confiscou as propriedades a outros, e ainda entregou ao fogo as casas de outros, ao ponto de se pensar que a cidade fora tomada pelos bárbaros.

Cortou ainda a garganta a Atanásio, diácono da igreja da Santa Ressurreição, que reprovava e expunha o ateísmo dele e, tendo ostentado seu santo corpo ao longo da cidade, entregou-o aos cães. Já Domno, o bispo de Antioquia, fugiu para o deserto, assim como Juvenal de Jerusalém.

Após o corrupto Teodósio se ter apoderado do trono de Jerusalém por vinte meses, o imperador Marciano, ao saber disso, ordenou que ele fosse capturado: ele, fugindo, foi para o monte Sinai. Com a sua saída de cena, assim como dos que por ele haviam sido nomeados, de novo Juvenal tomou a sua sede.

[233] κακοδοξία
[234] διωγμόν

A.M. 5946

Neste ano, Valentiniano, imperador em Roma, suspeitando da força do patrício e general Aécio, mata-o através de um dolo, sendo que um certo Heráclio, um dos eunucos, o ajudou.

Átila, por seu turno, preparou-se para fazer guerra contra Marciano, que não consentia com o tributo que havia sido estabelecido dar-lhe por Teodósio. Entretanto, caído em amores por uma certa jovem muito bela, e tendo celebrado um casamento com ela, fica profundamente embriagado e caiu em sono: quando o sangue lhe fugiu em abundância pelo nariz e pela boca, termina a vida. Os filhos dele despedaçam a sua imensa dinastia, cobiçando-a e rebelando-se uns contra os outros.

Os Romanos do Oriente, sendo Marciano o imperador, usufruíam então de uma paz completa, assim como de justiça e alegria. Estes anos foram, de facto, áureos, graças à bondade do imperador, sendo que a tranquilidade havia jorrado sobre todas as coisas.

A.M. 5947

Neste ano Valentiniano, o imperador de Roma, aceitou os dogmas corretos da Igreja, mas fez uso de muitas coisas ilegais na sua vida privada. Pois, ainda que estivesse unido à honestíssima mulher Eudóxia, à filha do imperador Teodósio, frequentava outras mulheres, de uma forma diabólica, sendo que também vivia incessantemente na companhia daqueles que praticavam magia. Daqui que tenha sido entregue a uma feia morte.

De facto, o neto e homónimo de Máximo (daquele que no tempo de Teodósio o Grande havia sido tirano), sendo um dos patrícios de Roma, quando se encontrou dentro do palácio degolou Valentiniano, uniu-se pela força a Eudóxia e apoderou-se do império. Uma pessoa, pois, torna-se joguete daquelas coisas pelas quais peca.

Para além disso, Eudóxia, humilhada, e tendo calculado que não lhe viria qualquer tipo de ajuda de Bizâncio, uma vez que o pai Teodósio havia morrido, assim como Pulquéria, convoca Gizerico a Roma, tendo pedido para ser libertada da tirania de Máximo.

Gizerico navegou com uma grande frota para Roma, pelo que Máximo, temendo, recorreu à fuga: porém, os que estavam com ele mataram-no, tendo ele governado um ano. Já Gizerico, em virtude de não haver ninguém que se lhe opusesse, entrou em Roma ao terceiro dia do assassinato de Máximo e, levando todo o dinheiro e ornamentos da cidade, colocou-os nos navios. Entre eles estavam tesouros feitos de ouro puro e pedras preciosas eclesiásticas, assim como os vasos hebraicos, que Tito, o filho de Vespasiano, havia trazido para Roma após a destruição de Jerusalém. Juntamente com estas coisas levou também Eudóxia, a imperatriz, assim como as suas filhas: e partiu para África. Uniu Eudócia a Onorico, o seu filho primogénito, mas quando soube que Placídia tinha homem, o patrício Olíbrio, teve-a sob custódia, juntamente com a mãe Eudóxia.

Ao saber da morte de Máximo, Majorino[235] governou durante dois anos, e após dele Ávito apoderou-se do império de Roma também dois anos, e depois dele Severo durante três anos. Depois deles não há imperador, mas Recimiro passou a administrar os assuntos militares, investido com grande autoridade.

Neste mesmo ano faleceu Eudócia em Jerusalém, tendo ela deixado muitas coisas às igrejas.

A.M. 5948

Neste ano Ravena ardeu e, passados alguns dias, o patrício Ramito é morto em Classe. E após vinte e nove dias Amito[236] foi vencido por Remico[237] e foi para a cidade de Placência, na Gália.

A.M. 5949

Neste ano, o imperador Marciano morreu, um dia antes das calendas de maio. E foi imperador Leão, o Grande. Nesse mesmo ano foram renovados, em Alexandria, os banhos de Trajano, assim como a grande basílica no Stoicheion. Marciano foi muito prudente e temente a Deus: ia a pé às ladainhas no Campo, fazendo muitas coisas de bem aos carenciados. Foi então que o patriarca Anatólio,

[235] Μαιορῖνος: o mesmo que Majoriano.
[236] Ἄμιτος: decerto lapso por Ávito.
[237] ὑπὸ Ῥεμίκου: lapso por Recimiro.

vendo-o, também ele não mais foi transportado por uma liteira para ir às ladainhas, como de costume, mas passou a ir a pé.

Neste ano, Timóteo o Éluro, tendo feito uso de magia, entra de noite nas celas dos monges, chamando a cada um pelo nome. Quando alguém lhe respondia, dizia: "eu sou um anjo, e fui enviado para dizer a todos para vos afastardes da comunhão com Protério e com aqueles que estiveram no Concílio da Calcedónia: e que elejam Timóteo Éluro como bispo de Alexandria".

Neste mesmo ano, Eudóxia, a filha do imperador Teodósio, mulher do terceiro Valentiniano, regressou de África com a filha Placídia. Já Eudócia, unida a Onorico, filho de Gizerico, não regressou.

A.M. 5950

Neste ano Leão foi imperador, trácio de nação e tribuno pela dignidade, tendo sido coroado no mês de fevereiro, na indicção décima, pelo patriarca Anatólio.

Neste mesmo ano, tendo-se dado um sismo assustador em Antioquia, quase toda a cidade caiu. Uma girafa, um búfalo e outros animais selvagens vieram então para Alexandria. Com eles também Timóteo, o chamado Éluro, perturbou a cidade[238]. Comprou uma multidão de homens desordeiros e apoderou-se tiranicamente do trono episcopal de Alexandria. Uma vez que ele estava desposto, é ordenado por dois outros que também haviam sido depostos. Cresceu daqui todo o tipo de escândalos[239] em Alexandria.

Efetivamente, ainda que todos os bispos do orbe tivessem aceitado a Definição[240] do Concílio de Calcedónia, este corrupto enfureceu-se contra ele em terrível fúria e fez eleições de bispos sem ter sido ordenado, e celebarava batismos ainda sem ser presbítero. O beato Protério, por seu turno, apercebendo-se da insídia que estava a ser preparada contra ele pelo Éluro, dá lugar à ira e à angústia[241] e fugiu para um batistério no primeiro dia da Páscoa.

---

[238] Timóteo tinha o cognome de Éluro (Ἐλοῦρος, ou, em grego clássico, αἴλουρος). Esta palavra significa gato/felino. Assim o cronógrafo associa a chegada de animais selvagens a Alexandria a um animal figurado.

[239] σκάνδαλα

[240] ὅρος

[241] *cf*. Rom. 12: 19

O precursor do Anticristo[242] não tinha respeito nem pelo dia santo nem pelos lugares santos: enviou alguém e mata o inocente arcebispo, assim como outros seis que estavam com ele. Arrastaram com cordas os seus restos mortais e expulsaram-no do santo batistério. E, fazendo uma procissão dos mesmos ao longo de toda a cidade, maltratavam-no impiedosamente. Por fim queimaram-no e atiraram as cinzas para o ar.

Nesse mesmo ano, a relíquia de santa Anastácia foi levada de Sírmio e colocada no templo dela, no pórtico de Domnino. Timóteo o Éluro, tendo encontrado obras do grande Cirilo que não haviam sido publicadas, adulterou-as em vários lugares, tal como narra Pedro, presbítero de Alexandria.

A.M. 5951

Neste ano, o imperador Leão, ao saber da morte injusta de Protério e do sucesso injusto do Éluro, deu ordens e cortou a língua a Cesáreo, exilando-os a ambos, por serem conspiradores na morte de Protério[243]. Mas não atacou Timóteo, o ímpio[244], dizendo que o julgamento dele competia aos bispos.

Neste ano Zenão casou-se com Ariadne, a filha de Leão.

A.M. 5952

Neste ano, o imperador enviou cartas aos bispos de cada província, para que lhe indicassem a posição de cada um, se estavam agradados com as coisas definidas em Calcedónia e sobre o que dizer acerca da eleição do Éluro. Nisto enviou também cartas ao santo Simeão Estilita, ao monge Baradato e ao taumaturgo Jacob. Chama-os a testemunhar para darem o seu julgamento acerca das coisas que estavam em dúvida, como se o estivessem a dar ao Deus de todas as coisas.

Eles, com um só voto e uma só sentença, ratificam que o Concílio de Calcedónia é santo e aceitam a Definição dele saída. Acusam por seu turno Timóteo, a uma só voz, como sendo assassino e herético. Genádio também se apressou para que o imperador

[242] ὁ τοῦ Ἀντιχρίστου πρόδρομος

[243] Na tradução desta passagem, que contém uma ambiguidade no uso da palavra πέμψας, socorremo-nos da interpretação de MANGO & SCOTT 1997 171, n. 1.

[244] ἀνιέρῳ

punisse as ousadias. Opôs-se-lhe, todavia, Áspar, o Ariano. O pio imperador exilou o Éluro para Gangra, onde estava também Dióscoro, o seu Mestre.

Aí, ele próprio começou a fazer reuniões clandestinas e tumultos: o imperador, quando deles teve conhecimento, voltou a exilá-lo para Quérson. Um outro Timóteo, chamado Branco, e também Salofacíalo, um homem ortodoxo e bom, amado por todos, foi ordenado em vez dele para bispo de Alexandria.

A.M. 5953

Neste ano Juvenal, o santíssimo bispo de Jerusalém, morreu, e em seu lugar foi ordenado Anastácio. E pela mesma altura morreu também Simeão, o grande Estilita, o do espaço fechado[245]. Ele foi o primeiro que descobriu esta virtude, tornando-se um instrumento vivo de milagres[246].

A.M. 5954

Neste ano ocorreu um grande incêndio em Constantinopla, no segundo dia do mês de setembro, na décima quinta indicção, tendo começado a partir do Neório e tendo-se estendido até ao templo de S. Tomé de Amâncio. Então o *oikonomos* Marciano subiu até ao teto da igreja de Santa Anastácia, agarrou no Evangelho e preservou incólume o edifício com preces e lágrimas.

A.M. 5955

Neste ano, Majorino[247] foi morto em Tartiona pelo patrício Remício[248], e Severo, também chamado Serpêncio, foi elevado a imperador, nas nonas de julho.

Neste mesmo ano, apodreceu a mão a um certo pintor que ousara pintar o salvador à semelhança de Zeus: Genádio curou-o pela prece, após confissão do outro. Dizem alguns dos historiadores que o cabelo encaracolado e curto[249] é o mais apropriado para se representar o Salvador.

---

[245] μάνδρας
[246] σημειοφόρος
[247] Μαιορῖνος: o mesmo que Majoriano.
[248] Ῥεμικίου: o mesmo que Recimiro.
[249] οὖλον καὶ ὀλιγότριχον σχῆμα

Estando Genádio a rezar de noite dentro do Santuário, diz-se que viu o espetro de um demónio. Após o ter reprovado, ouviu-o a gritar, que ele faria uma concessão enquanto ele fosse vivo, mas que após a sua morte dominaria completamente a Igreja. Genádio temeu por causa disto e rogou muito a Deus.

No mesmo ano, também Estúdio fundou o templo do Percursor e nele colocou monges do mosteiro dos Vigilantes. O *praepositus* Gratíssimo fundou o templo de São Ciríaco, fora da Porta Dourada: e nele renunciou ao mundo.

A.M. 5956

Neste ano, o imperador Leão fez com que Zenão, seu cunhado, fosse general de todo o Oriente, e fez com que Basilisco, o irmão da augusta Verina, fosse general da Trácia.

Zenão, tendo ido a Antioquia, nela encontrou como bispo o santo Martírio. Pedro, o Cnafeu[250], que era sacerdote do templo da mártir Bassa, na Calcedónia, acompanhava Zenão. Ele tinha convencido Zenão a trabalhar com ele e a contratar algumas pessoas que eram da mesma fé que Apolinário. Ele levanta então inúmeras confusões contra a fé e contra o bispo Martírio. Anatematizou os que não dissessem que Deus tinha sido crucificado e dividiu o povo de Antioquia ao acrescentar "que foi crucificado por nossa causa" ao hino Triságio. Isto começou a ser dito pelos Teopasquitas desde então até aos dias de hoje.

Martírio, por seu turno, foi ter com o imperador Leão e foi recebido com grande honra e zelo por Genádio, bispo de Constantinopla. Regressado a Antioquia, encontrou os povos em revolta e Zenão a agir entre eles, pelo que renunciou ao episcopado em assembleia, dizendo: "Renuncio a um clero irregular, a um povo desobediente e a uma igreja poluída, reservando para mim mesmo a dignidade do sacerdócio." Tendo-se ele retirado, Pedro, o Cnafeu, assaltou a sede de Antioquia, tendo logo ordenado como bispo João de Atameia, que havia sido deposto. Genádio, ao saber disto, apresenta tudo ao imperador: e ordena que Pedro o Cnafeu seja banido. Assim que Pedro o ouviu, escapou ao exílio pela fuga: e por voto comum um certo Juliano foi eleito bispo de Antioquia.

[250] ὁ Κναφεὺς: *i.e.*, o "Pisoeiro".

Neste mesmo ano, o profeta Eliseu foi tresladado para o mosteiro de Paulo o Leproso, em Alexandria, no quinto dia antes dos idos de maio. Ele, de facto, curou um leproso e fez com que outra pessoa ficasse leprosa, e foi sepultado na igreja do Leproso.

A.M. 5957

Neste ano foi fundado o Peristilo de São João, em Alexandria, assim como o seu santuário. E foi restaurado nesta cidade o Heptabizos, o banho público.

Também por estes tempos Daniel o Estilita, homem admirável[251], subiu a uma coluna, em Ánaplo.

Já João, o cônsul, também chamado Vincómalo, após ter suplicado a São Bassiano, alistou-se junto a ele como monge. Ele, um dos senadores, ia sempre ao palácio e, quando saía da cidade era acompanhado por dignatários próprios a um cônsul até ao mosteiro de Bassiano. Todavia, uma vez dentro do mosteiro, logo se revestiu do hábito monástico, feito de pele de cabra: e ocupava-se dos serviços na cozinha, no estábulo e em coisas semelhantes.

Neste mesmo ano, Ântimo e Tímocles, os poetas dos tropários, passaram a ser conhecidos.

No mesmo ano, o imperador Leão, no seguimento de uma embaixada do senado, enviou Antímio como imperador em Roma. Ele era o cunhado de Marciano, que havia reinado antes dele, e um homem cristianíssimo e que guiou piamente o império durante seis anos.

A.M. 5958

Neste ano apareceu um sinal no céu, durante quarenta dias ao entardecer: uma nuvem com o aspeto de uma trombeta.

A.M. 5959

Neste ano Alexandria pôs a trabalhar três mil homens e fundou-se a Grande Cisterna no bairro de João, assim como dois banhos: a Higiene e a Cura. O rio foi escavado, em Alexandria, desde Querseu até Copreu.

[251] θαυμάσιος

A.M. 5960

Neste ano, o questor Isocásio, Antioqueno e filósofo, foi caluniado ao imperador como sendo pagão. O imperador ordenou que ele fosse inspecionado junto ao prefeito dos pretorianos, em Constantinopla. Quando ele foi trazido a Zeuxipo, aligado com as mãos atrás das costas, disse-lhe Puseu, o prefeito: "Vês, ó Isocásio, a que estado tu próprio chegaste?" O outro diz-lhe: "vejo, e não me surpreendo: sendo eu um homem caí em desgraças humanas: mas julga-me a mim, tal como julgavas na minha companhia". O povo, ao ouvir isto, apelou ao imperador. E sabendo disso o imperador alegrou-se e libertou-o para a sua terra.

A.M. 5961

Neste ano, o imperador Leão armou e enviou uma grande frota contra Gizerico, que dominava os Africanos. Gizerico, de facto, cometeu muitas coisas terríveis, após a morte de Marciano, nas terras submetidas ao império dos Romanos. Desvastou, fez muitos prisioneiros e queimou cidades.

Então o imperador, movido por zelo, tendo reunido de todo o mar oriental cem mil navios e tendo-os preenchido com soldados e armas, enviou-os contra Gizerico. Dizem ter ele consumido cento e trinta centenários de ouro nesta frota. Colocou Basilisco como general e líder da frota, o irmão da Augusta Verina, que já possuía a dignidade de cônsul e havia vencido várias vezes os Citas na Trácia. Ele, tendo reunida ainda à sua volta uma não despicienda força do ocidente, embateu várias vezes em combates navais com a frota de Gizerico […], entregando muitos navios ao fundo do mar, depois pôde enfim dominar a própria Cartago. Mais tarde, porém, seduzido por prendas e muito dinheiro vindos de Gizerico, cedeu e foi propositadamente derrotado, como narra Pérsico, o Trácio.

Dizem alguns que Áspar e Ardabúrio, que eram Arianos e que não conseguiam, por causa disso, ser imperadores, fizeram com que Leão fosse imperador e o *curator* deles, estando na expectativa de administrarem o império. Uma vez que o imperador não o permitiu, esforçaram-se para destruir aquilo que havia sido bem administrado por ele, e concordaram em dar o império a Basilisco, se ele

entregasse a frota e o exército[252] do imperador a Gizerico, que era Ariano e pensava como eles. E dizem que foi por causa disto que Basilisco cometeu traição.

Gizerico, assim, esquadrinhou um plano astuto e encheu navios de guerra com uma certa matéria incendiária. Após ter estabelecido a noite [como altura para a ação], quando os Romanos estavam a dormir sem guardas, lançou-as desde a terra seca, com um vento que vinha da terra, contra a frota dos Romanos. E muitas das embarcações arderam completamente, sendo que as restantes, fugindo ao perigo, regressaram à Sicília. Então, enfim, o dolo de Basilisco foi exposto, sem nada ficar latente ao exército.

Nesse mesmo ano, Patrício, o filho de Áspar, a quem Leão nomeou César por ter arrancado Áspar da fé ariana e ser favorável ao imperador, apareceu em Alexandria em grande ostentação, quando os banhos de Coreion foram restaurados.

A.M. 5962

Neste ano, o imperador Leão enviou Zenão, o general do Oriente e seu genro, para a Trácia, para uma certa necessidade bélica, tendo ordenado que lhe desse um contingente dos seus próprios soldados como reforços. Pouco faltou para que estes, com a instigação de Áspar, matassem Zenão, se este não se tivesse apercebido de antemão da insídia e se não se tivesse refugiado em Sérdica, uma cidade da Trácia. Por isto, Áspar passou a ser visto com desconfiança pelo imperador Leão.

A.M. 5963

Neste ano, o imperador Leão envia Heráclio de Edessa, filho do ex-cônsul Floro, assim como o Isauro Marso, homens audazes, contra Gizerico, tendo enviado também um exército do Egito, da Tebaida e do deserto.

Eles caíram de forma repentina sobre os Vândalos, retomaram Trípoli e muitas outras cidades da Líbia e causaram mais ansiedade a Gizerico do que a frota de Basilisco, ao ponto de ele preparar uma embaixada para tratar da paz com o imperador Leão. Aconteceu que Leão aceitou a paz, por estar então a precisar de Basilisco, de

[252] λαὸν

Heráclio e de Marso para uma insídia contra Áspar. De facto, tendo o imperador ficado desconfiado de Áspar, como disse, e como aquele estava revestido de uma grande força, é morto pelo imperador passado pouco tempo, através de um dolo, juntamente com os seus filhos, Ardabúrio e Patrício, que o imperador primeiro havia feito César para ganhar a boa-vontade de Áspar.

A.M. 5964

Neste ano, tendo Áspar, Ardabúrio e Patrício, os filhos do primeiro, sido mortos por Leão, Ostris, guarda de Áspar, e Teuderico, filho de Triário, irmão da mulher de Áspar, vieram com uma força à cidade para se vingarem dos assassínios. E se Basilisco não se tivesse antecipado no seu regresso da Sicília, e Zenão da Calcedónia, onde esperava o assassínio de Áspar, e não tivessem ajudado a cidade e dispersado os revoltosos, ter-se-ia originado uma grande perturbação com estas coisas.

O filho mais novo de Áspar, Armenarico, que havia sido iludido[253], foge por conselho de Zenão. Foi enviado para a Isáuria e aí é estabelecido como tutor do filho bastardo de Zenão. Ele, após a morte de Leão, regressou a Constantinopla e viveu de forma pacífica até ao fim da vida.

Já em Itália, o general Recimero[254], do qual já fiz menção, o genro de Antémio, do que piamente governava em Roma como imperador, revolta-se contra o seu próprio sogro. E com a guerra a tomar a terra, as forças do imperador passam de tal maneira fome, que cozinharam as peles dos animais e de outras carnes estranhas, e o próprio imperador Antémio foi morto tendo governado sete anos.

Por essa altura Leão, por causa dos tumultos que ainda existiam em Roma, envia Olíbrio, o marido de Placídia, e eleva-o à categoria de imperador. Já Recimero, após a morte de Antémio, tendo vivido somente mais três meses, morre de uma doença, seguindo-lhe Olíbrio com um desfalecimento do corpo. Com a morte destes, Majorino[255] recebeu o império, um homem de boa mente e com experiência de guerra. Este, ao encontrar as cidades

[253] ὑποκλαπείς

[254] Ῥεκίμερ: o mesmo que Recimiro.

[255] Μαιορῖνος: o mesmo que Majoriano

devastadas por Gizerico, abalou para […] para Liana, e quando chegou à Ligúria surgiu temível aos olhos dos Vândalos. Quando estava para se coroar com a vitória, no entretanto faleceu, tomado por uma doença de disenteria. O general […] tendo passado Patmos, foi preservado.

Estando as forças de Gizerico ocupadas com estas coisas, a jovem Eudócia, neta de Teodósio, tendo estado dezasseis anos em África com o seu marido Onorico, e tendo dado à luz um filho dele, Ilderico, suportava a custo o seu marido, por ser ele ariano. Encontrou uma oportunidade e fugiu: foi para Jerusalém. E tendo cultuado[256] os lugares sagrados e abraçado o túmulo de Eudócia[257], sua avó, morreu em paz na cidade santa passados alguns dias, deixando todos os seus bens na Igreja de Santa Ressurreição. Confiou Burco e seus filhos ao arcebispo de Jerusalém, por este lhe ter dado ajuda e confiança para fugir do ariano Onório, o seu marido.

A.M. 5965

Neste ano, o imperador Leão, após ter coroado o seu neto Leão, o filho de Zenão e de Ariadne, sua filha, elevou-o a imperador. Depois da morte de Olíbrio, de Recimero e de Majorino, Glicério é elevado a imperador da Itália, um homem não reprovável, que o Dálmata Nepociano expulsa do poder após ter governado cinco meses. Tornou-se ele próprio imperador durante algum tempo, até que um certo Orestes o expulsou. Seguiu-lhe o seu filho, Rómulo, chamado Augústulo: tendo governado somente dois meses enquanto imperador, depõe o império de Itália, mil trezentos e três anos depois do reinado de Rómulo, o fundador de Roma.

É de notar como o império do ocidente cresceu desde Rómulo, e como de novo, após tantos anos, parou sob um Rómulo. De resto, Odoacro, um godo de nação que cresceu em Itália, apoderou-se do poder com uma força [armada] bárbara. Ele, tendo-se outorgado o título de rei, fez uso de toda a autoridade sobre os Romanos de acordo com a lei herdada: esteve no poder dez anos. Vivia, todavia,

[256] προσκυνήσασα
[257] Εὐδοκίας: lapso, trata-se de Eudóxia

na cidade de Ravena, na Itália, uma cidade opulenta e bela junto ao mar.

A.M. 5966

Neste ano, caíram cinzas de nuvens que pareciam estar a arder, de tal forma que todos pensavam que chovia fogo. E todos, rezando ladainhas, tremiam. A cinza sepultou-se nos tetos com a espessura de um palmo. Todos diziam que era um fogo que se extinguira e se tornara cinza graças à bondade de Deus[258].

Neste mesmo ano, o imperador Leão sentiu-se desfalecido e morre em Bizâncio, tendo nomeado de antemão o neto Leão como imperador, o filho de Zenão e de Ariadne, que ainda era uma criança, no mês de janeiro da décima segunda indicção. E no mês de fevereiro coroou Zenão, o seu pai, no estrado do Hipódromo, estando Verino e Ariadne juntos com ele.

Leão, o Jovem, tendo governado somente dez meses com o próprio pai, morre de doença. Zenão governa sozinho durante dezassete anos e dois meses, sendo que se incluem nestes os doze meses em que Basilisco foi tirano. Zenão exerceu o poder de forma má, sendo que nos primeiros anos os Sarracenos caíram sobre a Mesopotâmia e os Hunos sobre a Trácia: causaram muitos danos, enquanto que o imperador passava o tempo em prazeres delicados e feitos injustos.

A.M. 5967

Neste ano, tendo Leão, o Jovem, governado em conjunto com o seu próprio pai somente dez meses, e tendo aparecido publicamente na qualidade de cônsul, morreu. Zenão apoderou-se sozinho do império. Já Basilisco, o irmão de Verina, da sogra de Zenão, estava em Heracleia, na Trácia, enquanto que Verina e algumas pessoas do senado trabalhavam com ele: e revoltou-se contra Zenão.

Zenão, temendo-o, foge para a Isaúria com a sua mulher Ariadne e uma quantia suficiente de dinheiro, para uma fortaleza chamada Urba: daí mudou-se para Sbide [durante dois anos[259]] com

[258] τῇ τοῦ θεοῦ φιλανθρωπίᾳ

[259] De acordo com uma reconstrução do texto: *cf*. MANGO & SCOTT 1997 187, n. 3.

a sua mulher Ariadne, sendo que Ilo e Trocundo, na altura do partido de Basilisco, estavam a cercá-lo.

Basilisco, por seu turno, foi nomeado imperador no Campo, fez de Marco, seu filho, César, e coroou a sua própria mulher, Zenódia, como Augusta. E logo se pôs em batalha contra a fé[260], sendo que sobretudo Zenódia o empurrava para isso. Chamou, através de um édito, Timóteo Érulo e Pedro Cnafeu, que estava escondido no mosteiro dos Vigilantes. E todos os que eram inimigos do santo Concílio da Calcedónia ganhavam poder de expressão contra a Verdade.

Já o Érulo, tendo reunido um número desordeiro de alexandrinos que viviam em Bizâncio, saiu do palácio para a igreja a cantar ladainhas, enquanto era transportado por um burro. Porém, chegado ao chamado Octágono, caiu e partiu o pé: regressou muito envergonhado. Basilisco enviou-o para Alexandria com éditos contra o Concílio e enviou Pedro Cnafeu para Antioquia, dando a ambos forças contra a Verdade.

Timóteo Salofacíalo, bispo de Alexandria, ao saber que Timóteo Érulo havia chegado, retirou-se para os mosteiros do Canopo, dos quais tomara parte enquanto asceta. O Éluro, tendo maltratado muitos, não conseguiu atingir Timóteo, visto ser ele amado por todos. Os apoiantes daquele exclamavam-lhe, enquanto o Éluro entrava em Alexandria, este feio dito: "alimentaste-te dos teus inimigos, ó papa!". O pérfido retorquiu: "Sim, na realidade alimentei-me." Este ímpio também anatematizou o Concílio da Calcedónia.

Por seu turno Juliano, o bispo de Antioquia, morreu por tristeza das coisas acontecidas. Pedro o Cnafeu obteve a sede e partiu para anátemas e tumultos. Foi quando se deram assassinatos e rapinas por causa da adição ao hino do Triságio. Basilisco, por um édito geral, destituiu o Concílio da Calcedónia e ordenou que Acácio de Constantinopla fizesse o mesmo. Mas toda a cidade, em conjunto com as mulheres e as crianças[261], reuniu-se na igreja contra Basilisco e não permitiu isso. Acácio, tendo coberto o trono e o altar de negro,

[260] πίστεως

[261] σὺν γυναιξὶ καὶ τέκνοις: trata-se de uma locução bíblica, presente, *e.g.*, em Act. 21, 5; Est. 3, 3; 1 Mac 5, 2; 13, 1; 2 Mac. 12, 3. Teófanes dela se socorre para outras passagens da *Cronografia*.

vestiu-se, ele próprio, de negro. Por seu turno, Daniel o Grande saiu da sua coluna em divino zelo[262] e esteve por um tempo com Acácio e com o povo[263], na igreja.

Perozes militou contra os Hunos Neftalitas e começou a persegui-los após ter feito com que eles recuassem. Eles, porém, fugindo por lugares estreitos em grupos pequenos, nos montes, escaparam pela direita e pela esquerda e apareceram atrás deles: mataram-nos quando eles estavam desprevenidos. Perozes, oprimido, pediu paz. O imperador[264] dos Hunos, porém, disse que não faria isso antes que o outro caísse, lhe fizesse uma vénia e garantisse com juramentos que não voltaria a militar contra os Neftalitas[265]. Ele, compelido à força, foi forçado a fazer isso: e regressou em grande desonra. Mas depois, não suportando a vergonha, de novo milita contra eles, cancelando os juramentos.

A.M. 5968

Neste ano, uma vez que o clero e os monges de Constantinopla estavam a lutar a favor do Concílio de Calcedónia, Acácio, temendo, fingiu que era da mesma opinião que a multidão: por isso, do alto do estrado, falava contra Basilisco e contra Zenão. Basilisco, ao saber disto, e temendo o fervilhar do povo, saiu da cidade, tendo ordenado ao senado que nada fizesse com Acácio: o povo, de facto, estava para queimar a cidade. Daniel, porém, o admirável Estilita, levou consigo os monges e os zelotas do povo, saiu da cidade, foi ter com Basilisco e dirigiu-lhe a palavra com grande liberdade: mas ele não os recebeu.

No mesmo ano, Perozes de novo militou contra os Hunos Brancos, os chamados Neftalitas, e morreu com todo o exército. Pois os Hunos escavaram uma fossa profunda e lá colocaram estacas, após o que puseram terra em cima e esperaram dentro. Tendo enviado alguns deles para enganar os inimigos e tendo-se virado, uma vez mais, para a fuga, passaram por cada um dos estreitos e escaparam juntamente com os outros. Já os Persas, que não

[262] δι᾽ἔνθειον ζῆλον
[263] τῷ λαῷ
[264] βασιλεὺς
[265] προσκυνήσῃ

suspeitaram nada de terrível, perseguiam-nos sem ordem, e todos, juntamente com Perozes e os filhos dele, caindo na fossa, morreram.

Perozes, quando se apercebeu do perigo, atirou uma pedra preciosa que ele tinha, branquíssima e grande, de elevadíssimo preço, tendo-a retirado da orelha direita. Fê-lo para que ninguém após ele a levasse, visto ser ela maravilhosamente digna de ser vista, qual nenhum imperador antes possuíra. Assim Perozes foi destruído com todo o exército. Os que não tinham militado com Perozes elevaram Cabades[266], o filho mais novo de Perozes, a imperador. Os bárbaros governaram os Persas durante dois anos, no pagamento de um tributo.

Cabades, usando do poder com maior violência, legislou que as mulheres deveriam ser tidas em comum: por isso, os Persas retiraram-no do poder, aligaram-no e colocaram-no num cárcere. Fizeram de Blases imperador, também chamado Valas, irmão de Perozes, visto não haver um outro filho de Perozes.

A mulher de Cabades cuidava dele no cárcere. Todavia, o governante da prisão começou a amar a mulher, que era muito bela. Cabades ordenou à mulher para se dar ao homem, se conseguisse, de alguma forma, fazer com que ele saísse da prisão. Tendo isto acontecido, a mulher passou a ir ter com Cabades de uma forma livre: e tratou dele.

Um certo amigo de Cabades, chamado Seoses, revelou a Cabades, através da mulher, que ele tinha, numa certa terra, cavalos e homens bens preparados. Então Cabades, quando chegou a noite, convence a mulher a dar-lhe a sua roupa, a levar ela a roupa dele e a ficar sentada na prisão. Desta maneira, portanto, Cabades saiu da prisão, escondeu-se dos guardas algures para além da prisão, subiu a um cavalo juntamente com Seoses e partiu para os Hunos Neftalitas. O imperador deles deu a este a sua filha como mulher, tendo-lhe dado ainda um grande exército: e enviou-o contra os Persas.

Por sua vez, os guardas da prisão, ao olharem para a mulher tapada com as roupas de Cabades, supunham que Cabades estava na prisão, durante alguns dias. Porém Cabades, juntamente com o exército dos Hunos, irrompeu pela Pérsia e tomou o poder sem

[266] Καβάδην: o mesmo que Covades.

qualquer dificuldade: cegou Blases, o Valas, colocou-o numa prisão e salvou prontamente a imperatriz. Ele era, de facto, lesto e eficaz. Governou, após estas coisas, onze anos.

A.M. 5969

Neste ano, Ilo e Trocundo, os que estavam a cercar Zenão, tornaram-se amigos de Zenão, visto que Basilisco não cumpriu o que lhes prometera e que o senado, suportando a custo o poder de Basilisco, por causa da depravidade dos costumes e da sua insensatez, lhes escrevia. Ilo e Trocundo tomaram-no e passaram a acompanhá-lo até à cidade imperial.

Basilisco, ao saber disto, envia Harmácio, o seu próprio sobrinho, que era general da Trácia, com todo o exército e as forças[267] de Constantinopla, contra Zenão, tendo feito com que prometesse, pelo seu batismo, que não o entregaria. Então Harmácio, ao encontrar-se em batalha com Zenão perto de Niceia, na Bitínia, abateu-o de tal maneira, que pouco faltou para que o outro batesse em retirada com todos os reforços da Isaúria. Mas ele, que estava muito cego por prendas dadas por Zenão, pela promessa de um cargo perpétuo de comando e de fazer do seu filho, Basilisco, César e colegial dele, virou-se com ele contra Basilisco.

Por seu turno, quando Zenão chegou à cidade imperial com Ariadne, foi recebido pelo povo e pelo senado. Já Basilisco entrou na igreja, tendo deposto a coroa imperial na mesa sagrada. Fugiu para o batistério com Zenódia, a sua mulher de errada fé[268]. Zenão chegou, foi à igreja e desta forma entrou nos aposentos imperiais. Enviou alguém à igreja, tomou Basilisco e deu-lhe palavra de que não o decapitaria, nem aos filhos dele. Enviou-o para Cúcuso, na Capadócia, e ordenou que ele fosse fechado numa torre com as mulheres e os filhos e que fossem mortos à fome. Dizem alguns que ele se matou enquanto era levado.

Então logo Zenão, tendo organizado uma corrida de cavalos, elevou Basilisco, o filho de Harmácio, a César, de acordo com a sua promessa. Ele sentou-se junto ao imperador no assento imperial e honrou os condutores de cavalos junto com o imperador. Zenão,

[267] λαοῦ
[268] κακοδόξῳ

porém, pensou para consigo mesmo: "Tal como Harmácio não preservou o juramento que tinha dado a Basilisco, também a mim não preservará: mas se o César, que é também filho dele, ganhar força, revoltar-se-á contra mim. Eu, todavia, concluí tudo aquilo que lhe havia proposto: fi-lo a ele um general supremo e ao filho dele César". Mandou matá-lo na qualidade de perjuro: foi morto na Cóclea[269] do palácio, enquanto subia para o hipódromo: e nomeou o filho dele, o César, como leitor: é que Ariadne salvou-o por ser seu parente. Após isto, ele foi um muito bom bispo[270] de Cízico.

Zenão afastou Pedro Cnafeu por ele ter colaborado com Basilisco. Foi deposto por voto de um Concílio oriental, e no seu lugar foi eleito João como bispo de Antioquia, que foi expulso passados três meses. Depois dele, foi eleito Estêvão, um homem piedoso. Pedro, enquanto estava a ser exilado para Pitíusa, enganou os que o conduziam e fugiu para [a igreja de] S. Teodoro Eucaíta. Entretanto Timóteo, o Érulo, morre, sendo que entra em vez dele Pedro o Mongo, um homem péssimo e inimigo da Verdade, que já havia sido deposto. Foi eleito por um bispo que já havia sido, ele próprio, deposto. Os monges, em zelo de Deus[271], foram ter com ele, que estava piraticamente no poder somente durante trinta e seis dias, expulsam-no do episcopado e colocam de novo no trono, com legitimidade, Timóteo Salofacíalo.

A.M. 5970

Neste ano ocorreu um sismo assustador em Constantinopla, no dia vinte e cinco do mês de setembro, na primeira indicção, e caíram muitas igrejas, casas e pórticos até às fundações, e foi enterrada uma multidão incalculável de homens: caiu também a esfera da estátua do Fórum e a estátua do grande Teodósio, aquela que estava na coluna do Tauro, e ainda uma boa parte da muralha interior. O sismo teve força durante muito tempo, ao ponto de a cidade começar a ficar fétida.

Estevão, elevado ao episcopado de Antioquia por um voto comum, foi acusado ao imperador, por aqueles que pensavam como

[269] εἰς τὸν κοχλίαν: *i.e.*, Escada de Caracol.
[270] ἐπισκόπησεν ἄριστα
[271] Κατὰ θεοῦ ζῆλον

Pedro Cnafeu, como sendo ele Nestoriano. Mas um concílio oriental, reunido em Laodiceia por ordem do imperador, colocou-o de novo no trono por ser inocente.

Neste mesmo ano, Teoderico, filho de Triário, também chamado Estrabão, sobrinho, pela parte do irmão, da mulher de Áspar, que foi morto por Leão, insurge-se contra Zenão com uma multidão de bárbaros, sendo ele um íntimo de Basilisco e tendo sido feito general por ele. Depois do regresso de Zenão, saiu para a Trácia e insurgiu-se lá, pilhando tudo nas redondezas de Bizâncio até à boca do Ponto. Depois, estando prestes a ser traído pelos seus, apercebeu-se do perigo, regressou e matou os que queriam fazer isso. Porém, ele próprio morre ao cair, de repente, sobre uma lança que estava esticada perante a sua tenda, enquanto subia para o cavalo.

A.M. 5971

Neste ano Marciano, filho de Antémio, que havia sido imperador em Roma, marido de Leôncia, que era filha de Verina e irmã da imperatriz Ariadne, revolta-se contra o imperador Zenão de Bizâncio, por Leôncia, a sua mulher, ter nascido após o reinado de Leão: Ariadne, de facto, havia nascido antes de ele ser imperador.

Tendo-se dado uma intensa batalha entre Zenão e Marciano, Marciano vence pela força, atirando todos os que estavam por Zenão para uma prisão do palácio imperial, sendo que Rómulo e Procópio, seus irmãos, lutavam com ele. E faltava pouco para tomar o poder. Porém, tendo subestimado as coisas realizadas e dando-se aos prazeres do sono e das refeições, perdeu muitos dos que lutavam com ele, sendo que o *magister* Ilo os subornou através de presentes. E, no dia seguinte, foi oprimido em batalha de tal forma, que se teve que refugiar no oratório dos santos Apóstolos e ser nomeado presbítero por Acácio, por ordem de Zenão: e é exilado para o castelo de Papírio, na Capadócia.

Próculo e Rómulo, os irmãos dele, estavam-se a lavar, de noite, em Zeuxipo, quando foram presos por Ilo: mas fugiram e foram para Roma.

A.M. 5972

Neste ano, o *magister* Ilo aconselhou o imperador Zenão sobre a forma de expulsar Verina da cidade, a sua sogra. E, tendo-a enviado, por um dolo, para Calcedónia, passando algum tempo mandou-a para o castelo de Papírio, para viver com Marciano e Leôncia, a sua filha. Ela, por seu turno, escreveu à sua própria filha Ariadne para a chamar do exílio: e a imperatriz solicitava isso a Zenão. Este, porém, disse-lhe: "pede por ela ao patrício Ilo." Ela, tendo-o chamado, pediu-lhe isso com lágrimas. Ele, no entanto, não ficou convencido, dizendo: "procuras fazer um outro imperador contra o teu marido." Ela então, irritada, disse ao imperador: "ou Ilo fica no palácio, ou fico eu". E disse-lhe o imperador: "Eu quero-te a ti. Se puderes fazer algo contra ele, faz!".

Ela então maquinou para que ele fosse morto, e ordena ao cubiculário Urbício que compelisse alguém para matar Ilo. E quando este subia a Cóclea do hipódromo, um *scholarius* chamado Espanício, devidamente instruído, levou uma espada contra a cabeça dele. Porém, o *spatharios* do *magister* estava-lhe próximo e recebeu o golpe no seu braço. A ponta da espada, de qualquer forma, cortou a orelha direita de Ilo.

Zenão mata o *scholarius*, convencendo o *magister* Ilo que não tinha conhecimento do acontecido, sendo que na realidade o fez porque o outro não atingira o seu objetivo. Curado do golpe, Ilo passou a vestir uma capa de proteção. E pediu ao imperador para ir para o Oriente para mudar de ares, visto que recobrava do golpe. O imperador, desejando satisfazê-lo, fê-lo general de todo o Oriente, dando-lhe ainda toda a autoridade para criar generais[272].

Ele, assim, levou consigo o patrício Leôncio, líder do exército da Trácia, que era sírio de nação, ótimo na educação e na guerra, líder do exército da Trácia. Com ele também estavam Marso e o senador Pamprépio, que era acusado de se dar à magia. E, estando rodeado, de uma forma clara, por uma grande força, chegou a Antioquia, na Síria, e mostrou claramente que estava a exercer uma tirania.

[272] δοῦκας: do latim *duces*

A.M. 5973

Neste ano, tendo morrido Estevão, o bispo de Antioquia, ordenaram, por ordem do imperador Zenão, um outro Estevão em vez dele. Os inimigos da fé[273], por benevolência para com o Cnafeu, degolaram-no com cálamos afiados, na pia batismal do santo mártir Barlaão: atiraram-no para o rio Orontes, armados com a amência do seu próprio furor.

Zenão, por causa destas ousadias contra Estevão, ordenou que Acácio, bispo de Constantinopla, elegesse o bispo de Antioquia: e ele ordenou Calândio. Os Antioquenos, todavia, haviam nomeado, em amência, João, o chamado Codonato: Calândio mudou-o para Tiro, que era a primeira sede [episcopal][274] de Antioquia.

Neste mesmo ano, também Timóteo Salofacíalo faleceu, em Alexandria, e foi nomeado João Tabenesiota, um homem santo e combatente pelos dogmas ortodoxos[275], que era um presbítero e *oekonomos* da Igreja de Alexandria.

Já o patrício Ilo, juntamente com Leôncio e os restantes, chega ao castelo de Papírio e, depois de ter retirado de lá a augusta Verina, fez com que ela coroasse como imperador o patrício Leôncio, em Tarso, na Cilícia, fora da cidade, na igreja de São Pedro. A déspota Verina escreveu uma *sacra* aos sírios Antioquenos, para que recebessem Leôncio como imperador, e escreveu *sacras* a todos os governantes do Oriente, do Egito e da Líbia, para que recebessem Leôncio como imperador e não se lhe opusessem.

A.M. 5974

Neste ano, chegaram e foram lidas as *sacrae* da déspota Verina, cujo conteúdo é o seguinte:

"Verina Augusta saúda os nossos governantes e os nossos povos[276] amantes a Cristo. Sabeis que o império é nosso e que, após a morte do meu marido Leão, havíamos nomeado imperador Trascalisseu, o chamado Zenão, para que o domínio[277] se tornasse

[273] οἱ ἐχθροὶ τῆς πίστεως
[274] πρωτόθρονον
[275] ὀρθῶν δογμάτων
[276] λαοῖς
[277] ὑπήκοον

melhor. Todavia, vendo agora que o governo[278] está virado do avesso por causa da sua ganância, concluímos ser forçoso coroar, para vocês, um imperador cristão ornado de piedade e de justiça, para que salvaguarde as coisas do governo e conduza em moderação[279] os assuntos da guerra. Coroámos, pois, Leôncio como piíssimo imperador dos Romanos, que a todos vos considerará com justiça e providência." Os outros receberam isto e aclamaram Leôncio como imperador.

A.M. 5975

Neste ano, Ilo e Leôncio libertaram Longino do castelo, o irmão de Zenão, assim como a mãe dele. Já Verina, tendo aí adoecido, morreu e, passado algum tempo, foi transferida para Bizâncio, por Ariadne.

A.M. 5976

Neste ano Leôncio entrou em Antioquia como imperador, no dia vinte e sete de junho da sétima indicção, e nomeou Liliano como prefeito dos pretorianos. Depois saiu e fez guerra contra Cálquida, a sua cidade. Zenão, por seu turno, enviou João, o Cita, contra Ilo e contra Leôncio, com uma enorme força, por terra e mar.

Após se ter dado um grande recontro, Ilo e Leôncio, derrotados, fugiram para o castelo de Papírio com o *magister* Pamprépio, o que, dizia-se, era mago. Então João apanhou Trocundo, o irmão de Ilo, e decapitou-o, enquanto ele se afastava para ir ter com um contingente de bárbaros. Ilo e Leôncio, cercados, esperaram-no durante quatro anos, enganados pelo *magister* Pamprépio, o mago. Todavia, quando souberam da sua morte, cortaram a cabeça a Pamprépio por ser traiçoeiro e atiraram-no pelas muralhas fora.

Neste ano, os apoiantes de Pedro Mongo convenceram Zenão, com dinheiro e artimanhas, para que João Tabenesiota, o bispo de Alexandria, fosse expulso, porquanto ele tivesse sido eleito contra a opinião dele, e a enviar de novo Pedro Mongo para Alexandria,

[278] πολιτείαν
[279] ἡσύχως

desde Eucaíta. Foi também então que Zenão publicou o Henótico e o enviou para todo o lado, ditado, como dizem alguns, por Acácio, bispo de Constantinopla.

Zenão, então, ordenou a Pedro Mongo, antes que regressasse a Alexandria, que comungasse com Simplício de Roma e com Acácio. Este Acácio também escreveu aos Alexandrinos para receberem Mongo e expulsarem João. Já João, ao ouvir que Pedro chegara, saiu sabiamente da cidade, sem causar perturbações, ao considerar as ousadias futuras preparadas por Pedro, ainda que o clero e o povo lhe suplicassem para que não saísse e que estariam prontos para morrerem por ele.

A.M. 5977

Neste ano, Teoderico Valamer, cuja fama é grande entre os bárbaros e os Romanos como homem corajoso e prudente, nem desconhecido das Letras, frequentou, tendo sido refém em Bizâncio, os melhores dos professores, sendo que o pai dele, Valamer, havia liderado os Godos durante o reinado de Leão, depois dos filhos de Átila. Zenão chamou-o da Trácia para Bizâncio, após o ter nomeado cônsul e comandante da Trácia, e enviou-o contra Ilo na companhia de João o Cita.

Ele, após a interceção de Ilo e de Leôncio para o castelo de Papírio, deixou João a cercá-los e foi ter com Zenão. Saiu para a Trácia, aí ficou aquartelado, e depois marcha contra Bizâncio. Tomado tão somente, segundo dizem, pela misericórdia em relação à cidade, regressa à Trácia e, compelido por Zenão, avança sobre a Itália. Após ter vencido Odoacro numa grande batalha, reveste-se com as insígnias de rei, em Ravena. Subjugou também muitos outros dos bárbaros. Dominou sobretudo os Visigodos, sem ter movido qualquer tipo de armas contra eles, uma vez que Gizerico havia morrido antes de aquele chegar a Roma: exerceu ainda poder sobre Roma e todo o Ocidente.

A.M. 5978

Neste ano, os bispos do Oriente escreveram censuras a Acácio por este ter recebido Mongo em comunhão. Ele, não lhes tendo

prestado atenção, forçou todos, desavergonhadamente, a comungar com Mongo. Por outro lado, os da cidade imperial e do Oriente suplicaram a Félix, após a morte de Simplício, bispo de Roma, indicando que Acácio era a causa dos males. Entre eles estava também João de Alexandria, que dizia as mesmas coisas quando chegou a Roma. Félix então, tendo feito um concílio no templo do apóstolo corifeu[280] Pedro, enviou dois bispos e um documento para Constantinopla, escrevendo a Zenão e a Acácio para que expulsassem Pedro Mongo de Alexandria como sendo herético.

A.M. 5979

Neste ano, tendo sido detidos em Abido os que haviam sido enviados de Roma, por sentença de Zenão e de Acácio, e tendo as cartas deles sido intercetadas e eles atirados para uma prisão, Zenão ameaçou-os de morte, se não comungassem com Acácio e Pedro Mongo.

A.M. 5980

Neste ano, Ilo e Leôncio, que estavam sob cerco no castelo de Papírio durante cerca de quatro anos, foram tomados, após muitas batalhas, por traição do irmão da mulher de Trocundo, que havia, por dolo, sido enviada por Zenão: e foram decapitados. As suas cabeças foram enviadas a Zenão e trazidas em estacas para o Hipódromo, de onde foram levadas para além de Sicas, em triunfo.

Já Zenão, por sugestão de Acácio, coagiu os bispos ocidentais para que eles assinassem o Henótico e comungassem com Pedro Mongo. Tratou dos apocrisiários de Félix de Roma, incitando-os com dinheiro, e convenceu-os a comungar com Acácio, para além do que lhes era lícito.

Foi então que os ortodoxos protestaram[281] por três vezes: primeiro colocaram uma corda num gancho e aí um deles pendurou

[280] κορυφαίου

[281] διαμαρτυραμένων: o verbo significa protestar, mas note-se como, na sua raiz, está presente μαρτυρεῖν.

[o Henótico?] na praça pública; depois colocaram-no num livro; e, em terceiro lugar, colocaram-no num cesto de hortaliça[282].

Félix, ao saber das coisas realizadas pelos seus apocrisiários, depô-los e escreveu a deposição de Acácio. Então o sujeito que trazia consigo a carta, tendo passado para além daqueles que estavam em Abido, entrou no mosteiro de Dío. Os monges de Dío, ao domingo, deram a carta a Acácio na igreja: os que eram por Acácio, porém, mataram alguns dos monges que haviam dado a carta e, após terem castigado outros, prenderam-nos. Acácio[283], então, não fez caso da deposição e arrancou o nome de Félix dos dísticos.

A.M. 5981

Neste ano, Calândio, bispo de Antioquia, conduziu os restos mortais de Eustácio, o Grande, desde Filipos, onde o santo adormecera exilado: e a cidade dos Antioquinos foi ao encontro delas a dez milhas de distância, com grande honra. Assim, os que se separaram da Igreja por causa do santo foram unidos cem anos após a sua morte.

Tendo Acácio morrido, Fravitas governou a igreja por três meses e escreveu a Félix, dizendo que comungava com ele e que não comungava com Pedro Mongo. Todavia, escreveu a Mongo, que comungava com ele, e que se afastava de Félix de Roma. Mas Félix recebeu as mesmas coisas que haviam sido enviadas a Mongo, intercetadas pelos ortodoxos. Deste modo, quando os apocrisiários de Fravitas chegaram com as cartas sinodais, Félix despachou-os sem honra.

Tendo Fravitas falecido, Eufémio, presbítero e curador dos pobres[284] de Nápoles, tomou poder sobre o episcopado de Constantinopla e de imediato arrancou, com as suas próprias mãos, o nome de Mongo dos dísticos. Assim se sentou no trono: e adicionou o nome de Félix de Roma.

---

[282] πρῶτον μὲν ἀγκίστρῳ περιθέντων σχοινίον, καὶ ἑνὸς αὐτῶν δημοσίᾳ ἐξαρτησάντων· δεύτερον δὲ τὴν βίβλον ἐνέβαλον· καὶ τρίτον κοφίνῳ λαχάνων ἐνέθηκαν: a passagem não é de compreensão clara. Não se entende o que é que é colocado no gancho, no livro e no cesto.

[283] No texto temos Ἀκάκοις, que emendamos para Ἀκάκιος.

[284] πτωχοτρόφος

A.M. 5982

Neste ano, Pedro Mongo morreu em Alexandria e Atanásio foi nomeado em seu lugar, o chamado Celites.

O imperador Zenão, libertado dos tiranos, expulsou Calândio da igreja dos Antioquianos e exilou-o para Oásis: e estabeleceu Pedro Cnafeu. Ordenou também que Nestor de Tarso, Ciro de Hierápolis, João de Cirestas[285], Romano de Calcedónia, Eusébio dos Samosatenses, Juliano de Mopsuéstia, Paulo de Constantina, Mano de Heméria e André de Teodosiópolis não fossem recebidos nas suas próprias igrejas, com a desculpa de terem sido benevolentes para com os tiranos, mas na realidade por causa do Henótico de Zenão.

Pedro Cnafeu, ao entrar em Antioquia, realizou muitas coisas más: anátemas contra o Concílio, expulsões de bispos irrepreensíveis, substituições e ordenações injustas e coisas semelhantes a estas. Antes, ele havia acrescentado ao Triságio: "ó Cristo imperador, que por nós foste crucificado". E agora Pedro, ao regressar de novo, retirou o "ó Cristo imperador".

Xenaias, o escravo de Satanás[286], ensinou que não se devia aceitar a imagem do Senhor e dos santos[287]. Ele, de facto, era Persa de nação e escravo por fortuna, que fugira do seu próprio senhor, no tempo de Calândio, para as aldeias perto de Antioquia. Ele insurgia-se contra a fé mesmo quando estava para se batizar: dizia ainda ser um clérigo. Calândio expulsou-o, Pedro Cnafeu nomeou-o bispo de Jerusalém, tendo-lhe mudado o nome para Filóxeno. Ao saber, mais tarde, que ele não havia sido batizado, disse-lhe que a eleição fazia as vezes de batismo.

Eufémio, por seu turno, o ortodoxíssimo, perseguiu o *silentiarius* Anastácio da igreja, esse mesmo que, depois disto, exerceu mal o cargo de imperador, [ele perseguiu-o] porquanto era herético e pensava como Êutiques. Tendo-o visto a causar distúrbios, derrubou-lhe a cátedra da igreja e ameaçou que, se não

[285] Ἰωάννην Κυρεστῶν: o mesmo que João de Cirrestas.
[286] ὁ δοῦλος τοῦ Σατανᾶ
[287] τὴν δεσποτικὴν εἰκόνα καὶ τῶν ἁγίων

parasse, lhe cortaria o cabelo e mostrá-lo-ia em pompa às multidões. Mas ele denunciou-o a Zenão e recebeu autoridade sobre ele.

Zenão perguntou então a Mauriano, o *comes* sapientíssimo (ele conhecia, de facto, algumas coisas místicas e advinhava-lhe algumas coisas): "Quem governará depois de mim?". Ele respondeu-lhe: "Um dos que foram *silentiarii* tomará não só o teu império como ainda a tua mulher". Zenão deteve então Pelágio, um patrício que fora um *silentiarius*, que se havia tornado um homem sábio, pio, inteligente e virtuoso. Confiscou-lhe os bens injustamente, atirou-o para uma prisão e ordenou que fosse morto pelos excubitores que o guardavam.

Tendo isto ocorrido, o prefeito Arcádio reprovou o imperador, e o imperador, ao ouvir isto, ordenou que ele entrasse no palácio para ser morto. O prefeito, quando o soube, refugiou-se na igreja. Salvou-se de uma morte terrível, ainda que o outro lhe confiscasse a casa.

A.M. 5983

Neste ano, Félix recebeu as cartas sinódicas de Eufémio e aceitou-o como a um ortodoxo: não o recebeu, todavia, enquanto bispo, por não ter ele retirado o nome de Acácio dos dísticos, nem o do que veio depois dele, Fravitas.

Neste mesmo ano, também Pedro Cnafeu morreu, e Paládio foi eleito bispo, um presbítero da igreja, na Selêucia, da santa protomártir Tecla. Com Paládio foram também eleitos João [filho] de Constantino e o *silentiarius* Anastácio, aquele que, depois disto, exerceu mal o cargo de imperador.

Então Zenão, exaltado pela aniquilação dos tiranos, avança para confiscações e assassínios injustos, acusando todo o homem como tendo lutado a favor daqueles, ou como tendo aconselhado a empresa [deles]. Mata também, estupidamente, Cotas, o qual, juntamente com João Cita, havia prevalecido no cerco de Ilo e Leôncio, assim como o patrício Pelágio, fantástico e digno de louvor pela sua poesia, por ser sábio e justo.

E com estas coisas Zenão morre, tomado por uma epilepsia, e soltando da boca, sem cessar, o nome de Pelágio, que foi por ele injustamente morto. Não tendo deixado filho, mas [deixou] sim o

irmão Longino, que havia sido duas vezes cônsul e líder de todo o senado, uma pessoa estúpida, difícil e licenciosa. Este, possuindo muitos Isaúrios em Bizâncio, assim como Longino, que era *magister* e seu amigo, neles confiou e acreditava que teria o império sem muito trabalho. Todavia, uma vez que Ariadne, o senado e todo o exército elevaram a imperador Anastácio, o *silentiarius*, Longino perdeu a esperança.

Tendo Anastácio, portanto, passado a governar, foi-lhe pedida uma confissão escrita pelo patriarca Eufémio, em como ele não agitaria nada da Igreja e da Fé, sendo que Eufémio o chamava indigno dos Cristãos e do império. Uma vez que a imperatriz Ariadne e o senado o coagiram, o patriarca ficou com a assinatura dele, em como ele recebia os dogmas do Concílio de Calcedónia como Definição[288] da Fé. E depois de ter sido por ele coroado, conduz Ariadne em casamento, que antes ainda não havia contraído matrimónio. Os Maniqueus e os Arianos alegravam-se sob Atanásio: os Maniqueus por a mãe do imperador ser uma zelota e amiga deles; já os Arianos por terem Clearco como seu correligionário, o tio dele, irmão de sua mãe, que pensava de forma ímpia[289].

Este ano, em que Zenão morreu e Anastácio governou como imperador, é o 5999 desde Adão, de acordo com os Romanos; de acordo, todavia, com o preciso e mais fidedigno cálculo dos Alexandrinos, é o 5983; 207 anos desde o governo de Diocleciano; 483 anos desde a Divina Incarnação, na décima quarta indicção. Anastácio foi coroado na já referida décima quarta indicção, no mês de abril, dia catorze, na Grande Quinta-feira da Páscoa, no *kathisma* do hipódromo.

A.M. 5984

Neste ano, tendo Anastácio de Dirráquio, o Dupla-Pupila[290], sido imperador, revoltou-se contra ele Longino, o irmão de Zenão. Anastácio, após o ter subjugado, envia-o como exilado para o Egito, em Alexandria, e ordenou que ele fosse ordenado presbítero. Tendo vivido mais sete anos ainda, morreu em Alexandria. Uma vez que

[288] εἰς ὅρον
[289] κακόφρονος
[290] τοῦ Δικόρου: cognome de Anastácio, que tinha uma pupila negra e outra azul.

também tinha desconfianças em relação ao *magister* Longino e aos Isauros que residiam na cidade, o imperador acaba com o título de *magister* para Longino.

Estando Pedro Cnafeu em Antioquia e afligindo-se em regressar do exílio para a sua própria sede, o imperador trouxe-o do exílio, mas não o deixou regressar a Antioquia, fazendo antes com que Paládio fosse eleito em Antioquia.

Já Eufémio de Constantinopla, após ter reunido os bispos aí residentes, ratificou o santo Concílio de Calcedónia.

João o Tabenesiota, que estava em Roma, ouviu que Anastácio era imperador e veio a Bizâncio, esperando, da parte dele, boas recompensas, em troca do facto de lhe ter feito serviços em Alexandria: chegou a recebê-lo nu de um naufrágio, e ajudou-o de tal maneira que fez com que fosse impercetível ter ele sofrido uma tragédia. Anastácio, todavia, ao ouvir que ele estava presente, ordenou, em grande ingratidão, que ele fosse exilado, não o tendo recebido de forma alguma. Ao saber disto de antemão, João salvou-se, fugindo para Roma.

A.M. 5985

Neste ano, o imperador Anastácio perseguiu, em Constantinopla, os Isauros, por causa de diversos distúrbios: eles então saíram e prepararam uma tirania. Longino, o que fora *magister*, tendo-os reunido, assim como a outra força de bárbaros e bandidos, cerca de cento e cinquenta miríades (sentia-se ainda motivado pela abundância de armas e dinheiro que haviam sido colocados na Isáuria por Zenão) vai para a região dos Isauros, tendo o imperador concedido a saída, ainda que suspeitando uma cilada.

Revolta-se imediatamente e avança até à Frígia e até Cotieu, pilhando muitas cidades, ainda que ele não liderasse o exército. Os líderes, de facto, eram Ninilinge, o governante da Isaúria, constituído no tempo de Zenão, um homem bastante arrojado, assim como Atenodoro, um simplório, um dos senadores, e ainda Conão, o bispo de Apameia, que abandonara o trono, tendo-se assim mudado de sacerdote para soldado e general.

A estes, Atanásio opõe um exército Romano, sendo general João Cita, o que havia destruído a tirania de Ilo e Leôncio; e ainda

João, o chamado Cirto, sendo ambos líderes do exército da Trácia; e ainda Diógenes (estes calhavam de ser os *comites* das *scholae*), assim como muitos outros homens destacados. Tendo ocorrido uma batalha perto de Cotieu, o general Ninilinge é morto e a maioria do exército Isáurico, por pouco completamente destruída, salvou-se a custo para a sua terra natal. E se aos Romanos não tivesse nascido um vagar em torno dos despojos de guerra, dominariam completamente a guerra. Mas com aqueles ocupados com estas coisas, os Isauros fortificaram uma certa fortaleza no topo do Tauro, onde se defenderam por três anos, em guerra, fortificados pela posição das cidades e das fortalezas sobre o Tauro.

A.M. 5986

Neste ano, tendo Claudiopólis, a cidade que está na planície entre os dois Tauros, sido tomada por Diógenes, os Isauros, não o suportando, desceram o Tauro e durante muito tempo cercaram Diógenes, ao ponto de o exército correr perigo de morrer de fome e de ser destruído. Mas João, o Cirto, subiu pelos estreitos do Tauro e capturou os guardas: opôs-se-lhes e destruiu o exército dos que estavam a cercar, enquanto Diógenes também saía da cidade. Então Conão, o bispo, foi ferido e morre passado pouco tempo. E esta foi, para os Romanos, a segunda grande vitória.

Neste mesmo ano, Zamasfes, o filho de Perozes, imperador dos Persas, após ter expulsado Cabades governou quatro anos, no meio do reinado do outro[291].

A.M. 5987

Neste ano, um certo Longino, chamado Selinúncio, que habitava a Antioquia da Isaúria, que por sua vez jaz sobre o monte alto, a sul do mar da região, trouxe alimentos vindos de toda a parte aos Isauros, tendo-os adquirido com muitas embarcações de toda a parte. Longino, o *magister*, e Atenodoro permaneceram nestes locais de difícil acesso.

O imperador, cansado da diuturnidade da guerra, confidenciou ao bispo Eufémio que desejava a paz. E ordenou que

[291] ἔτη δ᾽ἐκ τῶν αὐτοῦ τῆς βασιλείας τῶν Περσῶν: passagem confusa. *Vide* os comentários de MANGO & SCOTT 1997 213, n. 2.

ele reunisse os bispos que lá vivessem, para que deprecassem a favor dos Isauros. Eufémio, por seu turno, conta o segredo ao patrício João, que era sogro de Atenodoro, o líder da tirania. Este correu para o imperador e anunciou-lho: e por causa disto ele moveu o imperador Anastácio para uma inimizade irreconciliável contra Eufémio. Daí que ele tenha imputado a Eufémio as insídias dos Isauros.

Umas pessoas que estavam a armar ciladas contra Eufémio colocaram uma certa pessoa à frente do *Martyrium*, para que puxasse de uma espada contra a cabeça dele. Paulo, porém, o procurador da igreja[292], que era um homem truculento, recebeu o golpe contra a cabeça e correu perigo de vida: todavia, matou o insidiador com a chamada *seira*[293]. De novo fizeram uma emboscada, na reunião de um monte[294], para matarem Eufémio: mas ele salvou-se ao fugir com uma veste de civil. Por outro lado, o imperador Anastácio extorquiu com violência uma confissão de Eufémio.

A.M. 5988

Neste ano, João o Cita, que estava a fazer guerra de cerco, capturou Longino, o que fora *magister*, assim como Longino Selinúncio, Atenodoro e os restantes tiranos. Após os ter decapitado, enviou as suas cabeças para o imperador, em Bizâncio. Então Anastácio, depois de ter concluído uma corrida de cavalos, passeou em triunfo as cabeças dos tiranos e dos cativos que lhe haviam sido enviadas. Colocou-as em estacas em Sicas e tornou-as públicas a todos, sendo que transferiu a multidão de Isauros para a Trácia. Por outro lado, honrou com consulados e honrarias João, o Cita, e o outro João, o Cirto. Revelou ainda ao bispo Eufémio, através do *magister* Eusébio: "As tuas preces, ó grande, cobriram os teus amigos com fuligem."

Depois, após ter reunido os bispos lá presentes, o imperador começou a acusar Eufémio. Eles, para agraciarem o imperador, votaram pela excomunhão e expulsão do outro. Em seu lugar, o

[292] ὁ ἔκδικος τῆς ἐκκλησίας
[293] σειρᾷ: em torno do uso desta palavra, *vide* MANGO & SCOTT 1997 214, n. 3.
[294] ἐν τῇ συνάξει τοῦ ὄρους: para a localização, *vide* MANGO & SCOTT 1997 214, n. 4.

imperador elege Macedónio como bispo de Constantinopla, que então era um guardião da mesma igreja.

O povo[295], porém, revoltou-se por causa de Eufémio: acorreu ao Hipódromo cantando ladainhas, mas nada conseguiu alcançar, porquanto o imperador se apressou para os vencer de forma feia. Macedónio então, convencido de forma feia por Anastácio, subscreve o Henótico de Zenão.

A.M. 5989

Neste ano, Anastácio enviou Eufémio, exilado, para Eucaíta. Ele, por seu turno, pediu uma garantia, através de Macedónio, para que não sofresse insídias enquanto fosse levado. Macedónio, capacitado para dar essa garantia, vai ter com Eufémio no batistério: ordenou ao arquidiácono que retirasse de si próprio o pálio. Vestido assim à civil, aproximou-se de Eufémio e deu-lhe dinheiro emprestado, pelo que foi louvado por muitos por dois motivos[296]: ele era, de facto, um asceta e um sacerdote, como convinha a quem fora alimentado por Genádio, do qual também era sobrinho.

Neste mesmo ano, tendo morrido Atanásio, o bispo de Alexandria, foi ordenado na vez dele João Monge, presbítero e *oikonomos*, o chamado Hémula.

A.M. 5990

Neste ano, tendo ocorrido um ataque dos chamados Árabes Cenitas, na Eufratésia, em Bithrapsas, na chamada primeira região da Síria, sendo Eugénio o general destacado contra eles, um homem célere na palavra e na ação, dominou a batalha. Os vencidos eram súbditos dos Persas, da tribo do filarca Naaman.

Então também Romano, que governava o exército da Palestina, um homem excelente, subjuga em batalha, pela prudência e conhecimento militar, Ógaro, o filho de Aretas, o chamado filho de Talabanes, assim como um grande número de cativos. Desbaratou ainda, e fez com que batesse em retirada, antes dessa batalha, um outro Cenita, chamado Gabala, que havia atacado a Palestina antes de ele ter chegado ao local.

---

[295] λαός

[296] εἰς τοὺς δύο τρόπους: preferimos aqui a leitura de Cyrill Mango e de Roger Scott à de João Classeno.

Romano também libertou, em batalhas árduas, a ilha de Jotabe, que está no golfo do Mar Vermelho, que fornecia tributos não despiciendos ao imperador dos Romanos, e que, entretanto, havia caído na posse nos Árabes Cenitas. Deu-a de novo aos mercadores Romanos, para que de forma autónoma habitassem a ilha, para que comercializassem os alimentos vindos dos Indianos e para que pagassem ao imperador o tributo estabelecido.

A.M. 5991

Neste ano, Macedónio, por sentença do imperador, esforçou-se para unir os mosteiros da cidade imperial que estavam em cisma[297] por causa do Henótico. Faltando-lhe forças para o fazer, aconselhou o imperador para reunir os bispos aí residentes e ratificar por escrito os dogmas que haviam sido corretamente estabelecidos em Calcedónia: coisa que ocorreu através de um documento escrito. E compeliu os mosteiros para a união, sobretudo o mosteiro de Dío, de Basiano, dos Vigilantes e de Matrona, que eram os que mais se haviam distanciado[298] daqueles que haviam recebido o Henótico de Zenão e que prontamente haviam suportado exílios.

Uma vez que eles resistiram, Macedónio optou por deixá-los na escolha deles, em vez de levantar uma perseguição contra os mesmos. A santa Matrona, por seu turno, que ainda vivia e não comungava com as ascetas que estavam com ela por causa do Henótico de Zenão, revelou muitas coisas paradoxais[299], sendo que Crisáurio, o diácono da igreja, a oprimia. E uma outra, chamada Sofia, distinta entre as monjas, demonstrou uma grande resistência, tendo sofrido muito.

Teoderico o Afro tinha um diácono ortodoxo, por ele muito amado, mas que se converteu depois ao Arianismo para gratificar Teoderico, que também era ariano. Ele, porém, decapitou-o à espada, dizendo: "se não conservaste a fé a Deus, também não a conservarás a mim."

Tendo Paládio, bispo de Antioquia, falecido, o imperador elegeu o presbítero e aprocrisiário Flaviano, da igreja dos

[297] ἀποσχίζοντα
[298] ἀπέσχιζον
[299] παράδοξα πολλὰ ἐνεδείξατο

Antioquinos. Dizem que Flaviano se opunha aos dogmas de Calcedónia.

Já um certo Olímpio, Ariano, enquanto se lavava nos banhos das Helenianas, morreu de forma miserável na piscina, após ter blasfemado terrivelmente: coisa que foi registada numa imagem. Então um certo Eutiquiano, o primeiro dos *diaitarii*, convencido pelos Arianos com prendas, retirou a imagem de Olímpio que havia sido colocada: o seu corpo apodreceu terrivelmente desde aquele dia, e morreu.

A.M. 5992

Neste ano Festo, um senador de Roma, tendo sido enviado para Anastácio por causa de umas certas necessidades políticas, pediu para que os memoriais dos santos Pedro e Paulo fossem realizados com maior solenidade, coisa que até hoje vigora. Já Macedónio, tendo querido enviar através de Festo cartas sinódicas para Anastácio, o bispo de Roma, foi impedido pelo imperador.

A.M. 5993

Neste ano Festo, ao ir para Roma, combinou com o imperador Anastácio convencer Anastácio, o papa, a aceitar o Henótico de Zenão: não o encontrou, todavia, vivo. Tendo então corrompido muitos com dinheiro, elege, contra o costume dos Romanos, um certo Lourenço como bispo, que foi ordenado por uma só parte. Os mais ortodoxos, separados deles, nomearam Símaco, que era um dos diáconos.

A partir daqui, de resto, ocorreram muitas desordens, assassínios e pilhagens, durante três anos, até à altura em que Teoderico, o Afro, se apodera de Roma e, apesar de ser Ariano, forçou um concílio regional e ratificou Símaco como bispo de Roma. Ordenou ainda que Lourenço fosse bispo da cidade de Nucéria. Este, por sua vez, não ficou em paz[300], mas, porquanto movimentava revoltas, é detido por Símaco e enviado em exílio. E assim parou a rebelião.

[300] ἡσυχάσας

Neste mesmo ano Anastácio aboliu um imposto de prata e ouro[301], assim como as lutas com animais, e fez com que os cargos públicos, que dantes se vendiam, fossem gratuitos.

A.M. 5994

Neste ano, ocorreu de novo um ataque dos Sarracenos, na Fenícia, na Síria e na Palestina, após a morte de Onaro. Badicárimo, o irmão dele, irrompeu como uma trovoada sobre os locais e regressou com os despojos mais rapidamente do que quando havia atacado, ao ponto de Romano, que os perseguia, não ter apanhado os inimigos.

Neste mesmo ano, também os chamados Búlgaros atacaram a Ilíria e a Trácia: e regressaram antes de serem identificados.

A.M. 5995

Neste ano, Anastácio firmou um pacto com Aretas, o pai de Badicárimo e Ógaro, chamado Talabanes. Após isso, toda a Palestina, Arábia e Fenícia passaram a usufruir de muita paz e tranquilidade.

Em Neocesareia, estando um sismo prestes a começar, um soldado que estava a passar viu dois soldados a ir para a cidade[302] e um outro atrás a gritar: "Guardai a casa na qual está a sepultura de Gregório!" O terramoto então ocorreu e a maior parte da cidade caiu, à exceção da igreja de Gregório, o Taumaturgo.

A.M. 5996

Neste ano Cabades, o imperador dos Persas, exige dinheiro a Anastácio. Anastácio dizia para ele criar um texto escrito[303] se queria que o dinheiro fosse emprestado: se fosse de outra maneira, não o daria. O outro, então, quebrou a paz antes realizada com Teodósio o Novo e avança com uma grande multidão da Pérsia e outras terras: primeiro toma a Arménia e Teodosiópolis, sendo que Constantino, um homem que era senador e que comandava os *tagmata* ilírios[304], lha entregou. Depois foi para a Mesopotâmia e cercou Amida,

[301] χρυσάργυρον
[302] ἐπ᾽αὐτὴν
[303] ἔγγραφον ὁμολογίαν
[304] Ἰλλυρίων ἄρξαντος ταγμάτων

quando ainda não estava presente na região um exército Romano digno do nome e Alípio, sozinho, tinha pouca ajuda. Este era um homem louvado em toda a parte e um amante da filosofia, e que fora o principal responsável pelas diligências em torno da guarnição das cidades e da colocação dos alimentos. O próprio habitava, porém, em Constantina, quinhentos e sete estádios a ocidente de Nísibis, […] e à mesma distância, a norte, de Amida.

Mas tendo discorrido algum tempo, e tendo-se dado pequenas escaramuças entre os Persas e os Romanos em diversos locais, nas quais ora os Romanos saíam derrotados, ora eram mais fortes do que os pagãos[305], por fim Amida é entregue aos Persas, cercada para cima de três meses pelos bárbaros. Ela foi traída de noite por uma das torres que eram guardadas por monges. Os inimigos usaram escadas e assim apareceram dentro da cidade: destroem-na toda e levam muitas riquezas, sendo que o imperador Cabades veio à cidade sobre um elefante ao terceiro dia da traição. Levou muitas riquezas e deixou Glonen como guardião da cidade, enquanto que o próprio Cabades regressou a Nísibis. O poder pérsico ficou assim estendido entre Amida e Constância.

A.M. 5997

Neste ano, foi enviado um exército de Godos, de Bessos e de outras etnias trácias pelo imperador Anastácio, sendo Areobindo o general, que era também exarca do Oriente, filho de Dagalaifo, e que havia sido um cônsul ordinário (o avô deste pela parte do pai era Areobindo, aquele que se distinguira, no tempo de Teodósio o Novo, contra os Persas. Areobindo foi gerado a Dagalaifo por Godisteia, filha de Ardabúrio, filho de Áspar, acerca de quem fizemos atrás menção). Tinha assim um grande poder[306].

Foram ainda enviados muitos outros generais com Areobindo, dos quais os mais destacados eram Patrício, Hipácio – o filho de Secundino e da irmã do imperador Anastácio – Farismanes, o pai de Zunas, que de nação era Laze; o já referido Romano, que se juntara ao exército da Eufratésia; Justino, que foi imperador depois destas

[305] ἐθνῶν

[306] ἐπι δυναστείᾳ μεγάλῃ. Passagem que parece estar fora do seu contexto original. As restantes traduções que consultámos optaram por não a traduzir.

coisas; Zemarco e ainda outros, sendo que o exército se reuniu em Edessa, uma cidade da Osroena, e em Samósata, uma cidade da Eufratésia.

Os que estavam sob Hipácio e Patrício estavam ocupados em libertar Amida da guarnição pérsica, ao passo que Areobindo, aquartelado com Romano, o filarca Asuades e alguns outros, vence, com muitas batalhas, e contra o próprio Cabades, o exército persa. Expele Cabades de Nísibis e fez com ele recuasse para o interior, a grandes distâncias da região. Aniquilou também o maior general dos Persas num recontro, cuja espada e bracelete foram dados a Areobindo pelo Cita que o matou. Foi enviado ao imperador como um grande e claro sinal de vitória.

Tendo, portanto, a força Pérsica sido derrotada pelos generais Romanos, Cabades preparou-se e enviou um imenso exército contra os Romanos, ao ponto de Areobindo impelir os soldados que estavam sob o comando de Hipácio e Patrício, para que corressem em auxílio desde as regiões de Amida. Eles, porém, recusaram por inveja, pelo que Areobindo quis recuar e entrar em Bizâncio: só que parou-o no local, a custo, Ápio, o Egípcio, que era então prefeito do exército e que estava à frente das provisões e da inspeção geral.

Enquanto os generais discordavam entre si, Cabades, tendo vindo a Nísibis e tomado conhecimento da desavença dos generais, ele próprio, que tinha muitos soldados, dividindo o seu exército em muitas partes, avança, por assim dizer, por toda a Romênia e prosseguiu até às próprias Sírias. Entretanto enviou para Areobindo muitos embaixadores, dizendo ainda que a guerra se resolveria com dinheiro.

Avançou sobretudo sobre as regiões à volta de Edessa, ao longo das quais estava Areobindo: todavia, nada tendo feito aí corretamente, é derrotado, para além da expectativa, na luta com Areobindo. Além disso, ao saber que o guardião de Amida, Glones, seu general, estava pronto para ser morto [em batalha], regressa, afligido, por um outro caminho, tendo desconsiderado os reféns que havia dado a Areobindo como prova de paz.

Eles também ficaram, contrariamente às condições de paz, com Alípio, aquele ilustre, assim como Basílio Edesseno. [Isto deu-se] de tal forma que, após o regresso dele para a sua terra, os

generais dos Romanos se dividiram, uma vez que o inverno estava a chegar, por diferentes cidades da Eufratésia, de Osroena, da Mesopotâmia, das Sírias e das Arménias, acantonados para o período invernal.

Neste mesmo ano, deu-se, enquanto decorria uma corrida de cavalos, uma perturbação entre as duas fações [de circo]: e muitos morreram de ambas as partes. Entre eles estava também o filho do imperador Anastácio, que tivera de uma concubina. Anastácio, profundamente irritado, castigou muitas pessoas e enviou outras para o exílio.

A.M. 5998

Neste ano, o imperador confiou a direção de toda a guerra a Céler, o *magister*, enviado pelo imperador com uma grande força que estava com ele, e a quem havia sido entregue quase toda a autoridade, em conjunto com o general Areobindo. Por seu turno, chamou rapidamente a Bizâncio Ápio e Hipácio, não julgando que eles fossem necessários ao exército devido à inimizade para com o general Areobindo: colocou o general Caliópio a supervisionar as provisões.

Céler administrou toda a guerra de forma ótima, juntamente com Areobindo, Patrício, Bonoso, Timóstrato, Romano e os outros, por todos os lugares. O homem, de facto, estava bem munido da capacidade de pensar, de toda a boa educação e de uma grande graça de Deus[307], sendo ainda corajoso. Era Ilírio de nação, de onde também vinha Anastácio.

Após ter ocupado[308] muitas fortalezas da terra Pérsica […] algumas delas foram destruídas pelo fogo, outras por outras vias, ao ponto de faltar pouco para que Nísibis ficasse sob o poder dos Romanos. Efetivamente, por essa altura também uma fome se apoderava dos Persas: depois ainda se levantaram contra eles alguns dos seus povos, os chamados Cadúsios, assim como outras gentes. Deste modo, os Romanos dominam, de uma forma simples, os problemas pérsicos: de tal forma que Cabades enviou o general

[307] χάριτος πολλῆς θεοῦ

[308] ἐπιδρομάς: para completar o sentido do texto que está em falta, optámos por usar a variante de leitura ἐπιδραμών.

Aspécio para conversar com os Romanos acerca da paz de forma célere, para que ele lhes desse Amida, mesmo se trouxesse com isso pouco ou nada. Eles ainda a não tinham sido capazes de tomar aos Persas, mesmo com numerosos trabalhos e com a fome a tomar havia já muito os guardas, por causa da disposição do local e da indissolubilidade das muralhas.

Além disso, os generais, ao verem de novo o inverno a chegar, e tendo julgado preferível redimir o exército Romano, através de alguns talentos, das dificuldades climáticas dos locais onde se realizavam as conversações com Aspécio, deram três talentos e levaram consigo Basílio Edesseno, que ainda era refém dos Persas (o excelente Alípio, de facto, faleceu junto a eles, acossado por uma doença). E, tendo devolvido os reféns que possuíam, receberam Amida, reunidos nas zonas fronteiriças entre Amúdia e a fortaleza de Mardes. E certificaram estas coisas com documento.

E assim chegou ao fim a guerra Pérsica de Anastácio, no décimo quinto ano do seu reinado. Durou três anos e destrui a terra dos Persas mais do que as guerras anteriores, tendo chegado ao fim no décimo quinto ano do império de Anastácio.

Com a morte de João, bispo de Alexandria, João de Niceia foi ordenado em seu lugar.

Neste mesmo ano, Anastácio ordenou que fossem derretidos muitos monumentos de bronze que haviam sido edificados por Constantino o Grande. Fez deles uma estátua de si próprio, que ergueu na coluna do Tauro. Pois a que tinha sido erguida anteriormente, a de Teodósio o Grande, caíra por causa de um sismo e partira-se.

A.M. 5999

Neste ano Anastácio, livre de guerras, apressou-se em afastar o patriarca Macedónio da fé correta[309]. Muitos dos bispos, para agraciarem a Anastácio, contendiam com o Concílio de Calcedónia: o principal destes era Eleusínio de Sásima.

Anastácio apresentou um certo pintor Maniqueu, um Siro-persa de Cízico, com roupagens de presbítero. Ele ousou pintar

[309] τῆς ὀρθοδόξου πίστεως

outras coisas, inventadas[310], que não os santos eclesiásticos ícones[311], no palácio das Helenianas e na igreja de Santo Estevão das Aurelianas. Isto com o consentimento do imperador, que se alegrava com os Maniqueus: ocorreu uma grande revolta do povo[312] por causa disso. Então o imperador maquinou para que o prefeito o acompanhasse sempre nas reuniões e nas ladainhas. Temia, de facto, as sublevações dos ortodoxos: e isso tornou-se costume.

Anastácio conduziu para Bizâncio Xenaias, que pensava como os maniqueus[313], também chamado Filóxeno, porquanto pensava como ele. Macedónio, porém, não o achou digno, nem de comunhão nem de palavras, pelo que o clero, os monges e o povo[314] estavam tumultuados contra ele. Então Anastácio conduziu-o secretamente para fora da cidade.

Macedónio ordenou que um certo Acólio, que havia puxado de uma espada contra si, por sugestão dos que eram inimigos dele, recebesse um subsídio mensal, tendo sido louvado pela sua mansidão[315]. Fez também isso a uns pobres que haviam roubado a Igreja.

Neste mesmo ano, apareceu um alquimista temível, chamado João, em Antioquia, que era um impostor: ele entrava às escondidas nas lojas de ourivesaria de prata, mostrava aos artífices umas mãos douradas de estátuas, assim como pés e outras figuras, dizendo: "descobri um tesouro que está cheio destas coisas". Ludibriou e enganou muitos, levando muito dinheiro. Depois escondeu-se, fugiu e entrou em Constantinopla, onde também enganou muitos: ao ponto de o imperador, ao saber disso, ter que o apanhar. Então ele apresentou ao imperador um freio de cavalo de ouro puro, repleto de pedras preciosas. O imperador, depois de a ter aceitado, disse: "certamente que a mim não me enganas!" Exilou-o para Petra, a fortaleza da Ásia, e ele aí morreu.

[310] φασματώδη
[311] τῶν ἐκκλησιαστικῶν ἁγίων εἰκόνων
[312] λαοῦ
[313] μανιχαιόφρονα
[314] τοῦ λαοῦ
[315] πρᾳότητος

A.M. 6000

Neste ano, o imperador Anastácio fortificou a fortaleza de Dara, na Mesopotâmia, que era grande, firme e que jazia no meio das montanhas entre os Romanos e os Persas. Fez igrejas, celeiros para o trigo, cisternas para a água e ainda pórticos, tendo-lhe dado o nome de Adrianópolis. Fundou também dois banhos públicos e deu-lhe direitos de cidade.

A.M. 6001

Neste ano, o imperador Anastácio forçou Flaviano, o bispo de Antioquia, a assinar o Henótico de Zenão: ele, depois de ter feito um concílio dos bispos que estavam sob a sua jurisdição, escreveu uma carta muito longa, subscrevendo os concílios de Niceia, de Constantinopla e de Éfeso, mas tendo passado em silêncio o de Calcedónia. Condenou ainda Diodoro e Teodoro, tendo acrescentado quatro capítulos com os quais parecia não subscrever o Concílio da Calcedónia, sobretudo a expressão "em duas naturezas[316]". Dizem alguns, porém, que [estes quatro capítulos] eram de Acácio de Constantinopla.

Flaviano, porém, escreveu uma carta privada a Anastácio, na qual seguia a opinião deste: fez o mesmo Xenaias, o ímpio. Este arrogou para si tal autoridade que adicionou a estes capítulos um anátema contra o santíssimo Leão de Roma, o seu concílio e aqueles que pensavam como ele. Constantino, bispo de Selêucia, anatematizou o santo Concílio de Calcedónia, após ter escrito o mesmo que a Xenaias. Por seu turno, Flaviano escreveu ao imperador para os acusar, declarando estas coisas. Mas o imperador encolerizou-se contra ele, recebendo antes a Constantino e Xenaias.

Anastácio escreveu então a Elias, bispo de Jerusalém, ordenando-lhe que se declarasse contra o Concílio da Calcedónia. Elias, porém, escreveu de volta a Anastácio, anatematizando Nestório, Êutiques, Diodoro e Teodoro, aceitando o Concílio de Calcedónia.

Neste mesmo ano, ocorreu em Alexandria uma rixa entre o bispo João de Niceia e o *comes* Dagalaifo, por causa de Genádio Ficóptero. E houve um tumulto na cidade durante muitos dias. Os

[316] ἐν δύο φύσεσιν

soldados queimaram a casa do bispo João, sendo que a casa de Ficóptero foi queimada pelos cidadãos: e os Alexandrinos elevaram uma estátua do imperador no Anticântaro.

A.M. 6002

Neste ano, alguns monges heréticos – duzentos – vieram do Oriente para Bizâncio, juntamente com o ímpio Severo, e passaram a ocupar-se contra Macedónio e o Concílio. Anastácio recebeu-os com honras, por serem inimigos da Verdade, por haverem perturbado o Oriente e fazerem o mesmo ali.

João, por seu turno, o bispo de Alexandria, prometeu dar ao imperador duzentas litras[317] de ouro, se ele renegasse definitivamente o Concílio de Calcedónia. O imperador forçava assim Macedónio a comungar com os apocrisiários de João e a receber João, a ele que nem aceitava nem depunha o Concílio. Macedónio insurgiu-se, dizendo que não comungaria com eles, a não ser que reconhecessem o Concílio de Calcedónia como mãe e mestra[318].

Já Deutério, o bispo dos Arianos de Constantinopla, enquanto batizava um certo sujeito chamado Barbas, ousou dizer, contra a tradição domínica[319], isto: "Barbas é batizado em nome do Pai, por meio do Filho no Espírito Santo"[320]. E de imediato o batistério secou. Barbas, amedrontado, fugiu e revelou a todos o milagre.

Por seu turno, o imperador forçou Macedónio, bispo de Constantinopla, a anatematizar o Concílio de Calcedónia, tal como Elias de Jerusalém. Mas Macedónio dizia que lhe era impossível fazer isso sem um Concílio ecuménico que tivesse como presidente o bispo de Roma. Como tal, o imperador tornou-se inimigo dele e ordenou que aqueles que se haviam refugiado na igreja fossem retirados à força: e forneceu às igrejas dos heréticos direitos de asilo.

Todos os clérigos e leigos heréticos que calhavam de estar em Bizâncio ocupavam-se com afinco contra Macedónio, em conjunto com Severo e os monges heréticos. Mas os monges da Palestina

[317] λίτρας: antiga moeda grega

[318] μητέρα καὶ διδάσκαλον: a concordar com a palavra grega para sínodo/concílio (σύνοδος), que é do género feminino.

[319] δεσποτικὴν παράδοσιν

[320] βαπτίζεται Βάρβας εἰς ὄνομα πατρὸς δι᾽υἱοῦ ἐν ἁγίῳ πνεύματι

portadores de Deus[321], movidos por um zelo divino[322], foram para Bizâncio contra Severo e os monges que estavam com ele.

Doroteu, por seu turno, um monge Alexandrino, escreveu um longo livro em defesa do Concílio de Calcedónia, que deu a Magna, a cunhada de Anastácio por parte da irmã, que era ortodoxa. Esta entregou o livro a Anastácio, na esperança de que, através dele, ele mudasse de opinião. Mas ele, quando o leu e descobriu que era contra a sua opinião, exilou Doroteu para Oásis e desconsiderou-o, por ter inscrito: "Tragédia, ou profecia do atual estado das coisas", tal como dizem ter sido dito por Basílio o Grande contra Juliano.

Macedónio anatematizou Flaviano de Antioquia e todos os que ousavam dizer algo contra o Concílio. Anatematizou e perseguiu os apocrisiários de Flaviano que vieram ter com ele em virtude de certas necessidades.

A.M. 6003

Neste ano, Anastácio sancionou[323] a congregação de um concílio em Sídon. Efetivamente, Soterico, bispo de Cesareia, na Capadócia, eleito por Macedónio, confessou por escrito que aceitava os dogmas do Concílio da Calcedónia como a definição[324] da Fé. Após isto, porém, foi de tal maneira hostil que se dirigiu para o Oriente e passou a agir em comum com o ímpio Xenaias. Ambos pediram ao imperador que se realizasse um concílio para a abolição definitiva do Concílio de Calcedónia.

Este Concílio reuniu-se e dissolveu-se rapidamente, sendo que o imperador enviou para o mesmo o tribuno Eutrópio. Este, ao concluí-lo, tratou de fazer com que Flaviano de Antioquia e Elias de Jerusalém, conjuntamente com os bispos deles, escrevessem ao imperador de acordo com o gosto dele. Flaviano então escreveu que aceitava somente os três Concílios e o Henótico de Zenão, não fazendo menção do de Calcedónia. Elias de Jerusalém escreveu que rejeitava o Concílio de Calcedónia.

Todavia, Soterico de Cesareia e Xenaias escreveram ao imperador contra Flaviano e Elias, dizendo que eles, por não

[321] θεοφόροι
[322] ζήλῳ θείῳ
[323] ἐθέσπισεν
[324] ὅρον

quererem declarar-se peremptoriamente contra o Concílio de Calcedónia, não concordaram uns com os outros. Anastácio, assim, irado, dispôs de uns certos monges falsos[325] para se reunirem em Antioquia e criarem tumultos contra Flaviano, exigindo que ele anatematizasse o concílio de Calcedónia, assim como Diodoro, Teodoro, Ibas e Teodoreto. Flaviano fê-lo, tendo assim revelado fraqueza de espírito: e anatematizou-os em assembleia, juntamente com o Concílio.

Neste mesmo ano, também o imperador operou contra Macedónio. E os cismáticos[326], juntamente com muitas multidões compradas, enquanto cantavam salmos ao domingo na [igreja do] do Arcanjo, do palácio, e na Grande Igreja, acrescentavam ao Triságio: "que foi crucificado por nossa causa[327]", ao ponto de os ortodoxos, por força de necessidade, os terem expulsado com bastonadas. Então o imperador, de forma clara e através dos monges cismáticos, dos clérigos, de Juliano (que fora bispo de Cária, e que depois o foi de Halicarnasso) e do ímpio Severo, que ainda era monge, fazia guerra contra Macedónio, com insultos feios feitos em público.

As multidões, todavia, aglomeradas em conjunto com mulheres, crianças[328] e líderes dos monges ortodoxos, gritavam: "Cristãos! É a hora do martírio, não abandonemos o nosso pai!", enquanto chamavam ao imperador Maniqueu e indigno do poder. Ele, amedrontado, fechou as portas do palácio e preparou navios para fugir. Ainda que tivesse jurado que não voltaria a ver Macedónio, agora pedia para o ver, com medo das multidões. Quando este foi ter com ele, o povo[329] protestou aos líderes e monges, dizendo: "Temos junto de vós o nosso pai!". E os soldados das *scholae* aclamavam-no a ele, que passava. Entrou no palácio e expôs-lo [a Anastácio] como a um inimigo da Igreja. Ele, porém, fingiu, por aquela altura, que estava unido a ele.

[325] ψευδονύμοις
[326] ἀποχισταί
[327] ὁ σταυρωθεὶς δι᾽ ἡμᾶς
[328] σὺν γυναιξὶ καὶ τέκνοις: expressão bíblica: *vide supra*.
[329] λαός

A.M. 6004

Neste ano, o imperador enganou Macedónio através do *magister* Céler, tendo-lhe escrito um memorando no qual confessava receber o primeiro e segundo Concílios, mas onde preteria os de Éfeso e de Calcedónia. Por causa disto, ele trouxe a Macedónio uma grande censura. Ele também aceitou, através deste documento, o Henótico de Zenão, o qual já havia subscrito quando estava a ser eleito.

Macedónio saiu para o mosteiro de Dálmata e defendeu-se perante os monges e clérigos zelotas que estavam escandalizados por causa dele[330], com um discurso em que dizia aceitar o santo Concílio de Calcedónia e que eram heréticos aqueles que não o recebiam. E eles celebraram a Eucaristia com ele[331].

O imperador, por seu turno, convenceu, por presentes, os monges e clérigos que pensavam como ele a que nomeassem um outro bispo. Por causa disso, entristeceu profundamente Ariadne e os senadores: pois Macedónio era amado pela pureza da sua vida e pela ortodoxia dos dogmas, mesmo que tenha sido enganado. O imperador preparou duas pessoas de baixa condição para acusarem Macedónio de ser um pederasta e um herético, e a entregarem estas acusações por escrito ao prefeito e ao *magister*: e fez a mesma coisa contra presbíteros e diáconos ortodoxos.

Ordenou ao *magister* Céler para o arrastar do episcópio à força, enquanto Macedónio clamava que estava pronto a defender-se não só no pretório, como também no teatro. Muitos dos clérigos foram atirados para a prisão. Outros, tendo-se conseguido escapar, espalharam-se por Roma e pela Fenícia. Então o ímpio[332] imperador apressou-se a obter de Macedónio, através do *magister*, as Atas das coisas realizadas em Calcedónia, para as destruir. Mas Macedónio autenticou-as com um selo e colocou-as no altar. O eunuco Calopódio, todavia, *oikonomos* da grande igreja, furtou-as e entregou-as ao imperador.

Depois, durante uma noite, o imperador expulsou Macedónio, à força, para a Calcedónia e ordenou que daí fosse exilado para

[330] σκανδαλισθεῖσιν εἰς αὐτόν
[331] συνελειτούργησαν
[332] ἀσεβής

Eucaíta, sem ter tido coragem para se examinasse o que havia sido dito contra ele, pois temia as multidões. No dia seguinte, ele nomeou um certo Timóteo como bispo, presbítero e guardião da igreja, o chamado Litróbula e Celon[333], em virtude de algumas coisas feitas congruentes com estes nomes. Ele entrava nas igrejas e, em primeiro lugar, retirava as imagens de Macedónio: só depois realizava liturgias. Por outro lado, colocou João de Alexandria, o Niceiote, nos dísticos, e escreveu-lhe cartas sinódicas.

Anastácio, tendo considerado que havia exilado de forma conturbada Macedónio, sem uma deposição, enviou um *magistrianus* que o parou já além de Claudiópolis na Honória. Eles então, juízes, testemunhas e acusadores, destituem o que já havia sido expulso antes do julgamento, e que não estava presente: e enviam a destituição através de bispos e de um presbítero Ciziqueno. Macedónio, ao vê-los, e antes que eles dissessem algo, perguntou se aceitavam o Concílio da Calcedónia. Quando os outros disseram: "Mas quem és tu para assim agires?"[334], ele disse: "Se os Sabacianos ou os Macedonianos me trouxessem uma destituição, então seria forçoso que eu a aceitasse." E assim eles regressaram, sem nada terem realizado, e ele [Macedónio] foi para Eucaíta.

Em seguida o iníquo[335] imperador afincou-se em expulsar Flaviano da sede de Antioquia e em colocar em seu lugar Severo, o manifesto inimigo da Verdade[336]. Os acusadores insinuavam que ele havia anatematizado oralmente o Concílio, mas não com o coração. De resto, os governantes que haviam sido enviados pelo imperador aconselhavam-no a afastar-se durante algum tempo, por causa do tumulto. E mal ele saiu para Plátanos, logo ordenaram o ímpio Severo, que estava sozinho no mosteiro dos cismáticos, perto de Maiuma de Gaza. Exilaram Flaviano para Petra, assim como muitos outros bispos, clérigos e monges, atados com ferros.

Já Elias, bispo de Jerusalém, tendo sido forçado pelo imperador ou a comungar com Severo, ou a ser expulso do episcopado, estando os monges a fortalecê-lo, preferiu ser expulso do episcopado. Foi ordenado em sua vez João, que fora o guardião

[333] Λιτροβούλην καὶ Κήλωνα: *i.e.*, "mulherengo" e "comilão".
[334] τίς γὰρ εἴη τούτου;
[335] παράνομος
[336] τὸν προφανῆ τῆς ἀληθείας ἐχθρόν

da Cruz[337] e que havia concordado em fazer o que eles quisessem. Todavia, nada fez após ter sido eleito.

A.M. 6005

Neste ano, os ortodoxos da Cítia, da Mísia e das restantes terras exortavam Vitaliano, o filho de Patrícíolo, do *comes* dos *foederati*, para que se movesse contra o ímpio[338] Anastácio. Ele rebelou-se, matou muitas miríades do exército dos que lutavam por Anastácio e apoderou-se de muito ouro que era enviado para eles como salário, assim como de armas que vinham em reforço, armazenamentos e outras coisas. Dizem que num só recontro prostrou sessenta e cinco mil soldados imperiais, assim como Hipácio, que era o general deles, filho da irmã de Anastácio e do patrício Secundino. Capturou-o vivo e mantinha-o numa prisão.

Anastácio, por seu turno, o imperador iníquo[339], e Timóteo, o profanado[340] bispo de Constantinopla, infligiram muitas coisas más aos monges, clérigos e leigos que eram a favor de Macedónio e do Concílio: ao ponto de ter exilado muitos para Oásis, na Tebaida. Enviaram aos bispos de cada cidade as cartas sinódicas de Timóteo e a deposição de Macedónio, para ser assinada: os mais corajosos deles opuseram-se a ambos [os documentos], ao passo que aqueles que estavam dominados pelo medo ao imperador, a ambos subscreveram. Por fim, os que estavam numa posição intermédia não subscreveram a deposição de Macedónio, ainda que tenham subscrito as cartas sinódicas de Timóteo, coisa que valia pelo mesmo, ainda que lhes parecesse serem coisas diferentes.

Por seu turno, Timóteo, quando quis introduzir o nome de Severo nos dísticos e excluir o de Flaviano, foi impedido pelo povo[341]. Pois, de facto, todos os ortodoxos fugiram da comunhão com Severo, sobretudo os monges, que o sacrílego[342] castigou com uma multidão rústica: matou muitos, revirou altares e fundiu os vasos sagrados dos ortodoxos.

[337] ἀπὸ σταυροφυκάκων
[338] δυσσεβοῦς
[339] παράνομος
[340] ἀνίερος
[341] λαοῦ
[342] ἱερόσυλος

Juliana, todavia, a Ilustríssima, que fundara o templo sagrado da Mãe de Deus em Honoratos, apoiava-se no Concílio de Calcedónia intensamente, pelo que o imperador, mesmo tendo encontrado muitas formas de a torcer, não a conseguiu convencer a comungar com Timóteo. E o próprio Timóteo, tendo ido ter com ela várias vezes, não a conseguiu convencer.

O imperador humilhava muitas vezes, com diversas dificuldades, Pompeio, o seu sobrinho, assim como a mulher deste, que era bem educada e que se dedicava a muitas boas-ações, por serem zelotas do Concílio e por servirem a Macedónio no exílio com as coisas necessárias. Por seu turno, os enviados por Timóteo a João Niceiote, em Alexandria, anatematizaram, de cima de um púlpito, o santo Concílio de Calcedónia.

Com a morte do hegúmeno do mosteiro de Dío, veio Timóteo para escolher um outro líder. Aquele, porém, que estava para ser investido, disse que não receberia nenhuma bênção de um homem que rejeitasse o Concílio de Calcedónia. Então disse Timóteo: "Haja um anátema a todo o homem que não aceite o Concílio de Calcedónia!" E assim o líder aceitou que lhe fossem impostas as mãos do outro. João, todavia, o arquidiácono de Timóteo, que era Maniqueu, insultou Timóteo e revelou isto ao imperador. Então o imperador, tendo tratado Timóteo de forma desonrosa e dura, descobriu-o de novo a negar e a anatematizar, cara a cara, aqueles que recebiam o Concílio da Calcedónia.

João de Alexandria, o ímpio[343], não permitiu aos Egípcios que fossem para Jerusalém, para que não comungassem com o Concílio de Calcedónia no dia da exaltação da Santa Cruz. Então aconteceram coisas assustadoras em Jerusalém, feitas por endemoninhados.

Um certo Anastácio, desejando tornar-se *dux* da Palestina, prometeu ao imperador: "Se eu não convencer João, o bispo de Jerusalém depois de Elias, a comungar com Severo, dar-te-ei trezentas litras de ouro." Adquiriu assim o poder, veio a Jerusalém e atirou João, que não lhe obedecia, para a prisão. Por sua vez, um certo Zacarias, que era governante da Palestina, um homem amigo

[343] δυσσεβής

de Deus[344], sugeriu ao bispo, movido por zelo divino[345], que ele prometesse ao *dux* fazer o que ele quisesse, se fosse restabelecido na sua sede. O outro, assim, libertou-o e reinstalou-o, pelo que João reuniu os mosteiros no templo de santo Estevão, subiu ao púlpito e anatematizou Nestório, Êutiques, Severo e Soterico de Cesareia, tendo proclamado os santos e ecuménicos quatro concílios.

Estava presente também Hipácio, o sobrinho do imperador, que não comungava minimamente com Severo. Este, uma vez que na altura estava em comunhão com João, deu cem litras de ouro ao santo Teodósio, que era exarca dos mosteiros, para as distribuir entre os monges que zelavam pela fé correta e pelo concílio de Calcedónia.

O imperador, por seu turno, ordenou a alguns dos governantes que adicionassem, do púlpito do templo de São Teodoro de Esforácio, o aditamento ao Triságio: o que fez com que as multidões, irritadas, saíssem para o Triconco, no dia em que estava a decorrer uma ladainha por causa das cinzas[346]. Por essa altura, Timóteo ordenou a todas as igrejas da cidade, através de um memorando assinado, que o Triságio fosse lido nas ladainhas com o aditamento. Coisa que muitos fizeram porque ficaram assustados. Já os monges vieram cantando um outro cântico. Vendo-os, o povo clamou: "Os ortodoxos chegam bem-vindos!".

Gerou-se assim um grande tumulto, um incêndio de muitas casas e muitos assassínios, sendo que a multidão clamava contra Anastácio e pedia um outro imperador, enquanto todas aclamavam Vitaliano como monarca[347]: de tal forma que Anastácio fugiu e escondeu-se num distrito perto das Blaquernas, enquanto era insultado pela própria Ariadne como a causa de muitos males aos Cristãos.

Por seu turno Severo, o ímpio[348], enviou dois bispos a Alamundaro, o *phylarcha* dos Sarracenos, recentemente batizado, para que partilhasse com ele da sua lepra. Todavia, o homem foi

[344] θεοφιλής
[345] ζήλῳ θείῳ φερόμενος
[346] *cf*. A.M. 5966.
[347] αὐτοκράτορα
[348] δυσσεβὴς

batizado, graças à providência de Deus[349], pelos ortodoxos que aceitavam o Concílio. Ainda que os bispos de Severo tenham sido solícitos em afastarem o *phylarcha* do verdadeiro dogma, Alamundaro refutou-os espantosamente com a seguinte dramatização. Disse-lhes, pois: "Hoje recebi umas cartas que me informavam de que o arcanjo Miguel morreu." Quando os outros disseram que isso era impossível, o *phylarcha* respondeu: "Então como é que, de acordo com o que dizeis, Deus foi crucificado nu, sem que Cristo tenha duas naturezas, quando nem mesmo um anjo pode morrer?" E assim os bispos de Severo regressaram com vergonha.

Cabades partiu as pernas a alguns Cristãos da Pérsia, que, após isso, andaram.

A.M. 6006

Neste ano, Vitaliano tomou toda a Trácia, a Cítia e a Mísia, tendo consigo uma multidão de Hunos e de Búlgaros, e tomou Anquíalo e Odissópolis, tendo submetido Cirilo, o *magister militum* da Trácia. Veio a pilhar até Bizâncio. Poupando a cidade, estabeleceu o acampamento militar em Sosténio.

Anastácio, desesperado, enviou alguns dos senadores, pedindo para se fazer paz e jurando, com o Senado, que chamaria os bispos exilados […] em Heracleia, na Trácia. Vitaliano, por seu turno, acrescentou que os *principes* de cada *schola* deviam jurar sobre isso, e ainda que Macedónio e Flaviano, que haviam sido injustamente expulsos, deviam retomar as suas sedes, da mesma forma que todos os restantes bispos. E acrescentou que, estando um concílio assim reunido, ao qual tamvém viria o bispo de Roma e todos os bispos, se deveria julgar, em comum julgamento, as ousadias cometidas contra os ortodoxos. Depois de o imperador, o senado, os restantes governantes e ainda os povos[350] terem jurado e certificado que estas coisas assim ocorreriam, fez-se paz. E voltou para a vida privada.

O patrício Secundino, cunhado de Anastácio por parte da irmã, pai de Hipácio, tendo caído aos pés de Vitaliano com muitas

[349] θεοῦ προνοίᾳ
[350] λαῶν

lágrimas, recuperou vivo Hipácio, o seu próprio filho, das prisões da Mísia.

Já Hormisdas, o bispo de Roma, uma vez que estava perturbado por Teoderico, que agraciava Vitaliano, enviou o bispo Enódio e o arquidiácono Vitaliano para a reunião do Concílio, em Heracleia. Vieram cerca de duzentos bispos, de diversos lugares: eles foram ludibriados pelo ímpio[351] imperador e por Timóteo, bispo de Constantinopla, tendo regressado sem nada terem concluído. Efetivamente, o ímpio[352] imperador, ao transgredir o acordo, instruiu secretamente o papa de Roma para que não estivesse presente. Todavia, ele tinha enviado a Vitaliano uma *sacra* a ser reenviada a Roma, para que o papa estivesse presente na reunião do Concílio, em Heracleia. Todo o povo e o senado, em liberdade, invetivavam Anastácio como sendo ele perjuro. Mas o ímpio[353] dizia, desavergonhadamente, que havia uma lei que ordenava ao imperador, perante certas necessidades, a quebrar juramentos e a mentir. E assim o impiíssimo homem, que pensava como os Maniqueus[354], fez estas coisas.

A.M. 6007

Neste ano Vitaliano, tendo-se irritado contra Anastácio por este ter quebrado juramentos, cometeu muitos males aos soldados que militavam por Anastácio, assim como ao restante país, matando, pilhando e desarmando soldados. E por fim, como insulto, vendeu cada soldado por uma moeda.

A.M. 6008

Neste ano os Hunos, os chamados Saber[355], passaram além das portas do Cáspio, invadiram a Arménia, pilharam a Capadócia, a Galácia e o Ponto, ao ponto de por pouco não terem chegado a Eucaíta. Foi então que o santo Macedónio, ao fugir e correr perigo de vida, salvou-se a custo em Gangra. Quando Anastácio soube

[351] παρανόμου
[352] ἀσεβής
[353] παράνομος
[354] ὁ παρανομώτατος μανιχαιόφρων
[355] Σαβὴρ: o mesmo que Sabiritas.

disto, ordenou que ele fosse aí guardado de forma apertada, tendo enviado, segundo dizem, alguém para o matar.

Ao morrer em Gangra, foi sepultado no templo do santo mártir Calínico, tendo realizado muitas curas perto das relíquias deste. Dizem que Macedónio, ao jazer morto, fez o sinal da cruz com a mão. Um certo Teodoro, dos que estavam com ele, viu Macedónio num sonho, dizendo-lhe: "Toma isto[356]! Ao ires embora lê a Anastácio e diz-lhe: «eu vou ter com os meus pais, cuja fé vigiei. Não pararei de perturbar o Senhor até que cá venhas, e iremos a julgamento»".

Neste mesmo ano, em Alexandria, muitos homens, mulheres e crianças, possuídos de forma atroz por demónios, uivavam em conjunto: alguém viu, por intermédio de sonhos, uma pessoa assustadora a dizer que eles sofriam isto por causa dos anátemas do Concílio.

Neste mesmo ano também faleceu a imperatriz Ariadne.

Os monges do deserto, movidos por um zelo divino[357], reuniram quatro cartas de protesto, enviaram duas ao imperador, uma aos governantes da região e uma ao bispo João de Jerusalém, protestando solenemente[358] que nem abdicariam do santo Concílio de Calcedónia, nem que comungariam com o ímpio Severo, visto estarem preparados para morrer, queimando até os lugares sagrados.

Uma vez que o bispo de Tessalónica, por medo ao imperador, havia comungado com Timóteo, o bispo de Constantinopla, quarenta bispos do Ilírico e da Grécia, reunidos num só bloco, separaram-se do seu metropolita por uma confissão escrita. Enviaram para Roma uma carta com a qual se comprometiam a comungar com o bispo de Roma. O historiador Teodoro chama, de forma absurda, patriarca ao bispo de Tessalónica, sem saber o porquê.

[356] ἔκλαβε: seguimos aqui a leitura de MANGO & SCOTT 1997 246, n. 2.
[357] θείῳ ζήλῳ
[358] διαμαρτυρόμενοι

A.M. 6009

Neste ano, com a morte de João Niceiote, bispo herético de Alexandria, Dióscoro o Jovem, sobrinho de Timóteo Érulo, foi nomeado bispo de Alexandria. Quando ele veio a Bizâncio para uma embaixada a favor dos Alexandrinos, por causa do assassínio do filho do augustal Caliópio, era publicamente insultado, enquanto caminhava, pelos ortodoxos, que pensavam que ele tinha aparecido em público contra os retos dogmas. Concluiu então a sua delegação por causa do assassínio e regressou apressadamente.

A causa da morte foi esta: quando Dióscoro foi ordenado, as multidões dos clérigos retiraram-se dizendo: "nenhum bispo pode sentar-se no trono, a não ser tal como o estabelecem os cânones dos santos Apóstolos.". De facto, foram os governantes que o entronizaram. Dióscoro, por seu turno, foi para a igreja de São Marcos. Então os clérigos vieram, investiram-no novamente e de novo o ordenaram. Dirigiu-se com isto à igreja de São João e concluiu o serviço. Estava lá Teodósio, o filho do augustal Caliópio, assim como o *magister militum* Acácio, ao mesmo tempo que as multidões, perturbadas, começaram a insultar o augustal por ele louvar o imperador Anastácio. Crescia o ódio, até que alguns acometeram e tomaram o filho do augustal do trono e mataram-no. Já o *magister militum* Acácio matou quantos pôde submeter. E o imperador, ao ouvir isto, encolerizou-se contra eles. Dióscoro, por sua vez, tendo feito uma delegação, amansou-o.

Entre os Indianos e os Persas, há uma fortaleza chamada Tzundader, e Cabades, ao saber que lá havia muito dinheiro e pedras preciosas, procurou a forma de os tomar. Uns demónios, porém, haviam tomado o local e não permitiam que ele dele se apoderasse. Dispôs então da técnica dos magos que estavam com ele, e depois dos judeus e, uma vez que não atingira o seu objetivo, e como estava convencido pela prece ao Deus dos Cristãos que estes se apoderariam do lugar, pediu a um certo bispo dos Cristãos que estavam na Pérsia. Após ter celebrado um ofício, e tendo tomado parte dos Divinos Mistérios, ele foi para o local e expulsou os demónios que lá estavam. E entregou a Cabades a fortaleza, sem

qualquer dificuldade. Cabades, impressionado com este sinal[359], honrou o bispo dando-lhe o primeiro assento [do império], sendo que até à data eram os Maniqueus e os Judeus que o tomavam. Concedeu ainda uma amnistia àqueles que queriam ser batizados.

A.M. 6010

Neste ano, o imperador Anastácio viu, num sonho, um homem assustador carregando um códice. E, tendo-o desenrolado e descoberto lá o nome do imperador, disse-lhe: "Eis! Graças à tua má fé vou apagar catorze". E apagou-os. O outro acordou e chamou Amâncio, o *praepositus*, e contou-lhe o sonho. Ele disse: "Eu também vi nesta noite que, estando eu perante sua Majestade, um porco grande veio, arrastou-me o manto, fez-me cair para o chão e matou-me." Chamou então Próclo, o intérprete de sonhos, e narrou-lhe os sonhos. Ele disse-lhes: "Ambos ireis morrer não daqui a muito tempo."

Após a morte do bispo de Constantinopla, Timóteo, o imperador nomeou João Capadócio, presbítero e sincelo de Constantinopla, como bispo. Este, uma vez ordenado, vestiu a estola apostólica no terceiro dia da Páscoa. O povo, por seu turno, criou uma grande revolta para que João anatematizasse Severo.

Neste mesmo ano, na indicção décima primeira, no dia nove de abril, morreu Anastácio, o ímpio[360] imperador, tendo reinado vinte e sete anos e sete meses, no ducentésimo trigésimo quarto ano após Diocleciano. E em vez dele foi imperador Justino, o pio[361], um homem ancião e com grande experiência, que havia começado por ser um militar e que progrediu até ao senado, um Ilírio de nação.

Dizem alguns que Anastácio ficou senil, fulminado por um divino relâmpago[362].

A.M. 6011

Neste ano, Justino governou e revelou-se ótimo para com todos, sendo por um lado zelota e ardente da fé ortodoxa e, por outro, bem sucedido nas guerras, tendo como mulher uma senhora

[359] σημείῳ
[360] δυσσεβὴς
[361] εὐσεβὴς
[362] θείῳ σκηπτῷ

chamada Lupícia. O povo[363] chamou-lhe Eufémia quando estava a ser coroada Augusta.

O já referido Vitaliano, após a morte de Anastácio, ficou particularmente íntimo de Justino o Grande, ao ponto de receber dele a dignidade de *magister militum* e de ser cônsul quando veio a Bizâncio. Foi proclamado cônsul e *comes* dos *praesentes*, tendo tamanha liberdade perante o imperador, que ordenou que Severo fosse expulso e morto. Vitaliano, de facto, era bastante ortodoxo. Já Severo, ao ouvir isto, fugiu, assim como Juliano de Halicarnasso: afastaram-se para o Egito e perturbaram-no ao incutirem a questão acerca do corruptível e do incorruptível[364], quando Dióscoro era bispo de Alexandria.

Quando João Capadócio, bispo de Constantinopla, ainda estava vivo, alguns bispos e clérigos vieram de Roma, revestidos de autoridade por Hormisdas, bispo de Roma, e pela diligência de Vitaliano, e acrescentaram o santo Concílio de Calcedónia aos […] dísticos e aos outros três Concílios, nos santos dísticos.

Com o ímpio Severo saído de cena, Paulo, o curador dos peregrinos[365] de Êubulo, foi ordenado bispo de Antioquia. O imperador presenteou a cidade de Antioquia com mil litras de ouro: e forneceu às restantes cidades muitas benesses, tendo também proibido as agitações públicas.

O pio imperador Justino exilou ainda Xenaias Filóxeno, bispo de Hierapólis, que pensava como os Maniqueus[366], assim como Pedro de Apameia, em conjunto com todos os que participavam da lepra deles. Por seu turno matou, porquanto estivessem a preparar uma tirania, Amêncio, o *praepositus*, André, o cubiculário, e Teócrito, o *comes* de Amâncio, a quem queria fazer imperador. Efetivamente, o *praepositus* havia dado a Justino dinheiro para ser distribuído, por forma a que Teócrito fosse imperador. Mas o exército e o povo[367] não escolheram Teócrito para governar: e aclamaram Justino. Então estes, levando isto a mal, prepararam uma tirania e foram mortos.

---

[363] δῆμοι
[364] περὶ φθαρτοῦ καὶ ἀφθάρτου
[365] ξενοδόχος
[366] μανιχαιόφρονα
[367] ὁ δὲ στρατὸς καὶ οἱ δῆμοι

O imperador chamou todos os que haviam sido injustamente exilados por Anastácio, assim como o patrício Apião, que fora ordenado bispo à força em Niceia. Uma vez que ele era prudente, o imperador nomeou-o prefeito dos pretorianos. E fez de Diogeniano *magister militum* do Oriente.

Neste mesmo ano, apareceu um astro no Oriente, um cometa assombroso, que tinha uma cauda que se estendia para baixo. Os astrónomos chamavam-lhe "barbudo": e temiam.

A.M. 6012

Neste ano, Vitaliano foi morto a dolo pelos bizantinos, que estavam irritados com ele por ter matado muitas pessoas na sua sublevação contra Anastácio.

Após a morte de João Capadócio, bispo de Constantinopla, Epifânio, presbítero e sincelo da mesma igreja, foi ordenado no dia vinte e cinco de fevereiro. Da mesma forma, com a morte de Hormidas de Roma, seguiu-lhe João no episcopado.

Neste mesmo ano, a fação dos Azuis tumultuou-se[368], tendo levantado muitos distúrbios em todas as cidades e realizado apedrejamentos e muitos assassínios, tendo-se até virado contra os governantes. A maldade do tumulto começou em Antioquia e alastrou-se para todas as cidades: vigorou durante cinco anos. Matavam à espada os Verdes que encontrassem e assassinavam os que se escondiam em casa, sendo que os governantes não ousavam dar sentenças dos assassínios. Estas coisas duraram até ao sexto ano de Justino, o pio[369].

A.M. 6013

Neste ano, com a deflagração de uma guerra entre Romanos e Persas, Justino enviou embaixadores e presentes a Zilgbis, o rei dos Hunos. Ele concordou, com os juramentos da sua gente[370], em que se aliaria ao imperador contra os Persas. Porém Cabades também lhe enviou [uma embaixada], e também entrou em acordo com ele. Justino, ao saber disto, ficou profundamente agravado. Zilgbis

[368] ἐδημοκράτησε
[369] εὐσεβοῦς
[370] ὅρκων πατρίων

passou assim para os Persas com vinte mil soldados, para lutar contra os Romanos.

Justino então revelou a Cabades, o imperador dos Persas, as coisas relativas a Zilgbis, enquanto fazia uma embaixada acerca da paz, e como se estivesse a escrever sobre um outro assunto: que o outro havia feito juramentos com os Romanos, que havia recebido muitas prendas, que queria tornar-se um traidor dos Romanos, e ainda que "é necessário que nós, irmãos, sejamos amigos e não sejamos ludibriados por estes cães".

Cabades, por seu turno, perguntou em privado a Zilgbis, se havia recebido prendas dos Romanos para se precipitar contra os Persas. O outro respondeu: "Sim". E Cabades, enfurecido, matou-o, e de noite enviou uma grande multidão de Persas que matou também o exército[371] dele, suspeitando que tinham vindo ter com ele dolosamente. Aqueles que conseguiram fugir regressaram para as suas casas.

Por outro lado, Eufrásio, o bispo de Antioquia, retirou o Concílio da Calcedónia dos dísticos, assim como o nome de Hormisdas, papa de Roma. Após isto, todavia, proclamou, com medo, os quatro concílios.

Cabades, o imperador dos Persas, por seu turno, quis deixar o imperador dos Romanos como guardião da sua casa. Efetivamente, não queria que o seu filho mais velho [governasse], ele que pela lei dos Persas deveria reinar, nem o segundo mais velho, por lhe ter sido cortado um olho, mas sim Cósroes. Este nascera-lhe da irmã de Aspebedo, e o pai amava-o muito. Pareceu-lhe então bem fazer paz com os Romanos e dar o jovem ao imperador como filho adotivo: enviou embaixadas a Bizâncio, a Justino, acerca disto. O imperador, por sua vez, após ter chamado o Senado para uma decisão, não permitiu que isso se realizasse, pois eles [os senadores] diziam que isso era um dolo e uma traição dos Romanos. O questor Proclo, um homem inteligente e lesto, assim o havia corretamente aconselhado.

[371] λαόν

A.M. 6014

Neste ano Doráquio[372], uma cidade do novo Epiro, no Ilírio, sofreu da ira divina[373]. O imperador forneceu muito dinheiro para a recuperação da cidade. Da mesma forma, também Corinto, metrópole da Grécia, [sofreu uma calamidade] e também a esta ele em muito ajudou.

A.M. 6015

Neste ano, Tzátio, o imperador dos Lazes, revoltou-se contra o império dos Persas, sendo Cabades o imperador. Este gostava muito de Tzátio, ao ponto de o ter nomeado imperador dos Lazes. Veio ter com Justino, em Bizâncio, e pediu ao imperador para que se tornasse cristão e fosse por ele nomeado imperador dos Lazes.

O imperador recebeu-o com alegria, iluminou-o com o batismo[374] e proclamou-o filho. Casou também com uma mulher Romana, uma certa Valeriana, neta de Nomo, patrício e anterior *curopalates*: e levou-a para a sua terra, nomeado por Justino imperador dos Lazes. Trouxe uma coroa e uma clâmide imperial branca que tinha uma parte dourada, na qual estava disposta, em mosaicos, a imagem[375] do imperador Justino. E levou também uma túnica branca que continha um bordado de ouro e uma imagem[376] do imperador. Quanto aos sapatos dele, eram vermelhos e tinham pérolas com um ornamento pérsico. Da mesma forma, também o cinto dele era dourado, revestido de pérolas. Levou do imperador muitos presentes e regressou para a sua terra em alegria[377].

Cabades, o imperador dos Persas, ao saber disto, revelou ao imperador: "ainda que haja amizade e paz entre nós, realizas as coisas dos inimigos e apropriaste-te daqueles que há séculos estavam sob a autoridade dos Persas". O imperador, por seu turno, retorquiu-lhe: "Nós não nos apropriámos nem fizemos fugir ninguém que estivesse sujeito ao teu império. Mas, tendo Tzátio vindo ao nosso império, ajoelhando-se perante nós suplicou que

[372] τὸ Δοράχιον: o mesmo que Dirráquio.
[373] θεομηνίας
[374] ἐφώτισεν
[375] εἰκών
[376] εἰκόνα
[377] μετὰ χαρᾶς

fosse salvo do abominável e pagão dogma, dos ímpios sacrifícios e dos enganos dos demónios, que chegasse a Deus, demiurgo[378] de todas as coisas, e se tornasse cristão. Nós então batizámo-lo e libertámo-lo para a terra dele". Desde então originou-se uma inimizade entre Romanos e Persas.

Neste mesmo ano, foram realizadas, pelos Homeritas, as coisas em torno do santo Aretas e dos da cidade de Negra. Também se deu a guerra de Elésbaas, imperador dos Etíopes, contra os Homeritas, e a vitória dele.

A.M. 6016

Neste ano, Teoderico, que tinha o domínio sobre Roma e pensava como os Arianos[379], forçou o papa João a vir a Bizâncio ter com o Justino e a fazer uma embaixada a favor dos Arianos, para que não os obrigasse a abdicar da heresia deles: pois Teoderico ameaçava fazer isso contra os ortodoxos que estavam na Itália. Então João foi a Bizâncio e, impelido pelo patriarca Epifânio, não aceitou [conferenciar] até que o bispo de Roma se sentasse primeiro do que Epifânio. João comungou com todos os bispos: com Timóteo de Alexandria, todavia, não comungou.

Já Cabades, filho de Perozes e imperador dos Persas, matou muitas miríades de Maniqueus, juntamente com o bispo deles, Indázaro, num só dia, assim como muitos senadores persas que eram da mesma seita. De facto, os Maniqueus haviam educado o terceiro filho dele, o chamado Ftasuarsa, que lhe gerou Sambice, a sua filha, e fizeram com que ele seguisse a seita deles. Anunciaram-lhe isto: "o teu pai está velho, e se acontecer que ele morra, os arquimagos vão nomear imperador um dos teus irmãos, para darem força ao dogma deles. Mas nós podemos, através das nossas preces, convencer o teu pai a abdicar do império e a nomear-te a ti, para que por todo o lado dês força[380] ao dogma dos Maniqueus." Ele comprometeu-se a fazer isso, se reinasse.

Cabades, quando soube disto, ordenou que se realizasse um encontro para – dizia – fazer com que o seu filho Ftasuarsa fosse

[378] δημιουργῷ
[379] ἀρειανοφρονῶν
[380] κρατύνῃς

imperador, tendo ordenado que todos os Maniqueus, juntamente com o bispo deles, as mulheres e as crianças[381], estivessem presentes no encontro, assim como o arquimago Glonazes, os magos e Boazanes, o bispo dos Cristãos, amado por Cabades, por ser ele um grande médico. E, após ter chamado os Maniqueus, disse: "Alegro-me com o vosso dogma e quero dar, enquanto ainda vivo, o império ao meu filho Ftasuarsa, que pensa como vocês. Mas afastai-vos para que o recebam!". Eles, todos excitados e em grande licença, afastaram-se. Então Cabades virou-se para o seu exército, para que entrasse: esquartejaram a todos à espada, juntamente com o bispo deles, à vista do arquimago e do bispo dos Cristãos. E enviou *sacras* a toda a terra que estava sob ele, para que todo o Maniqueu que fosse descoberto fosse morto e queimado, que as propriedades deles fossem levadas para os cofres imperiais, e que os livros deles fossem queimados.

Já o pio[382] imperador Justino, administrando o império com toda a capacidade e coragem, enviou *sacras* para as cidades de todo o lado, para que fossem castigados todos os que causassem tumultos ou homicídios: sossegou os povos[383] em Constantinopla e incutiu um grande medo. Coroou também a mulher dele, Teodora, como Augusta, para reinar em conjunto com ele. E nomeou o patrício Hipácio, o filho de Secundino, *magister militum* do Oriente, para guardar as partes orientais, por causa dos Persas e das incursões dos Sarracenos. Ele fez também uma grande perseguição contra os Maniqueus: e castigou muitos.

A.M. 6017

Neste ano Anazarbo, metrópole da Segunda Cilícia, sofreu de um sismo muito assustador, sendo que o seu governante era Caliópio, filho de Ireneu. E toda a cidade sucumbiu. Justino elevou-a e nomeou-a Justinópolis.

Neste mesmo ano, Edessa, cidade grande e famosa, metrópole da província de Osroena, foi inundada pelas águas do seu rio,

[381] γυναιξὶ καὶ τέκνοις
[382] εὐσεβής
[383] εἰρήνευσε

graças à ira de Deus[384]. Efetivamente, o rio Cirto, que passa pelo meio dela, fornece-lhe muitas riquezas e alegrias. Por essa altura, todavia, encheu-se como se fosse um mar e afogou as suas casas juntamente com os seus habitantes, arrastando-os. Entre aqueles que sobreviveram existe um dito, que diz que o mesmo rio destruiu a cidade noutras ocasiões, mas não de tal forma. Após a paragem das águas, encontrou-se uma placa de pedra na margem do rio, escrita com letras hieroglíficas, que dizia isto: "O rio Cirto saltará maus saltos sobre os cidadãos"[385]. Já o imperador Justino forneceu muitas coisas a ambas as cidades, para serem restauradas.

Neste mesmo ano, surgiu uma certa mulher vinda da Cilícia, gigante, que era mais alta um cúbito do que qualquer homem adulto, e bastante larga. Circulava pelas cidades e tomava, por cada trabalho, um fólio.

A.M. 6018

Neste ano, no mês de outubro da quarta indicção, as primícias da ira divina[386] chegaram à cidade de Antioquia. Efetivamente, ocorreu um grande incêndio, de forma invisível, no meio da cidade, que alertou para futura ameaça de Deus. Pois o fogo subiu do *martyrium* de Santo Estêvão e flagrou até ao pretório do *magister militum*. Este foi o começo dos gemidos[387]. Os fogos duraram durante seis meses, muitas casas queimaram-se e muitas pessoas morreram. E ninguém conseguia saber onde o fogo tinha começado: pois tinha deflagrado a partir dos tetos dos edifícios de cinco andares. Pela intercessão do patriarca Eufrásio, o imperador ajudou a cidade com dois centenários[388] de ouro.

No dia vinte do mês de maio da mesma indicção, à sétima hora, sendo Olíbrio cônsul em Roma, a Grande Antioquia, na Síria, sofreu uma calamidade inexplicável por ira divina[389]. A ira de Deus[390] chegou sobre ela de tal forma, que quase toda a cidade caiu

[384] ὑπὸ θεομηνίας
[385] "Σκιρτὸς ποταμὸς σκιρτήσει κακὰ σκιρτήματα πολίταις" Trata-se de uma repetição do étimo da palavra "saltar". De notar que o nome do rio σκιρτός, significa justamente, em grego, "Saltador".
[386] προοίμια τῆς τοῦ θεοῦ ὀργῆς
[387] ἀρχὴ ὠδίνων: referências bíblicas: Mt. 24, 8; Mc. 13, 8.
[388] κεντηνάρια
[389] ὑπὸ θεομηνίας
[390] ὀργὴ τοῦ θεοῦ

e tornou-se um túmulo para os seus habitantes. E ainda um fogo, vindo da terra, consumiu algumas pessoas que haviam sido sepultadas vivas. E um outro fogo, vindo do ar, como cinza, caiu e consumiu tudo o que encontrava, como se fosse um relâmpago. E a terra abanou durante um ano.

A.M. 6019

Neste ano, estando o sismo a decorrer, Eufrásio, bispo de Antioquia, foi colhido pelo sismo e morreu. Toda a casa e igreja caíram: e a beleza da cidade apagou-se. Não ocorreu uma tal ira divina[391] numa outra cidade em todas as gerações.

Já o piíssimo[392] imperador Justino, ao saber estas coisas, sofreu grandemente da alma, ao ponto de ter retirado o diadema da sua cabeça e a púrpura e ter feito lamentações, em saco, durante muitos dias. De tal forma que, ao ir para uma igreja num dia feriado, não aceitou que se levasse a coroa ou a clâmide: mas avançava assim, de uma forma simples, vestido de um manto púrpura e gemendo perante todo o senado. E todos gemiam com ele, vestidos de luto.

O imperador logo enviou Carino, o *comes*, tendo-lhe dado cinco centenários[393] para as escavações, caso pudesse salvar algumas pessoas, e para salvar as coisas que tinham sucumbido a piratas e ladrões. E de novo enviou, após este, o patrício Focas, filho de Cratero, e o patrício Astério, o que fora prefeito, homens sábios, tendo-lhes dado uma grande quantia de dinheiro para a restauração da cidade.

No primeiro dia do mês de abril da mesma quinta indicção, durante a celebração da Páscoa, o imperador, tendo-se sentido mal, nomeou, enquanto ainda vivia, Justiniano, seu sobrinho, para ser imperador. Coroou-o e governou com ele durante quatro meses. No mês de agosto da mesma quinta indicção, morreu o piíssimo Justino, deixando como imperador Justiniano.

[391] θεομηνία
[392] εὐσεβέστατος
[393] κεντηνάρια

Com a morte de Eufrásio, bispo de Antioquia, foi eleito em seu lugar Efraim Amideno, que era *comes* do Oriente por aquela altura. Ele revelou um zelo divino[394] contra os cismáticos.

A.M. 6020

Neste ano, Justiniano, o Grande, após ter tomado sozinho o poder, nomeou Patrício, o Armeno, como *comes* do Oriente. Deu-lhe dinheiro e ordenou-lhe que partisse e restaurasse uma cidade da Fenícia Libanesa, que está na parte mais interior da fronteira, a chamada Palmira. Ordenou-lhe ainda que aí estabelecesse um *dux* […] e os lugares sagrados.

No primeiro dia de janeiro da mesma indicção, o imperador outorgou cargos com a dignidade de consulado, e deu tanto dinheiro, como nenhum outro imperador que tenha exercido a função de cônsul.

Neste mesmo ano, o imperador dos Persas fez guerra contra o Laze Tzátio por este ter ido para o lado dos Romanos. E, de resto, o imperador Justiniano enviou-lhe uma ajuda com um exército e três *magistri militum*: Belisário, Cérico e Ireneu. Quando estes entraram em batalha, foram derrotados. E o imperador irritou-se contra os generais, pois eles, tendo inveja uns para com os outros, haviam entregado a vitória [ao inimigo]. Após os ter dispensado, enviou Pedro, o seu notário, como general: e, após ter entrado em batalha com os Persas na companhia dos Lazes, eles venceram e mataram muitos dos Persas.

Neste mesmo ano, o imperador dos Éluros, chamado Gretes, passou para o lado dos Romanos: foi a Constantinopla com o seu povo[395] e pediu ao imperador para se tornar cristão. O imperador, após o ter batizado nas celebrações da Teofania[396], recebeu-o da pia batismal. E foram com ele batizados os senadores dele e doze dos seus familiares: regressou para a sua terra em grande alegria, anunciando que lutaria com ele naquilo que o outro quisesse.

O imperador nomeou Tzitas, um homem belicoso e bastante capaz, como *magister militum* da Arménia. Pois a Arménia não tinha

[394] ζῆλον θεῖον
[395] λαοῦ
[396] θεοφανίοις

um *magister militum*, mas *duces* e *comites*. Militava sob ele uma multidão de Armenos, porquanto fossem bons conhecedores das partes da Arménia. Deu-lhe também, do exército do Oriente, quatro *numeri*: e criou-se uma grande proteção e ajuda para os Romanos. Entregou-lhe também como mulher a irmã da Augusta Teodora, chamada Cometo.

Neste mesmo ano, uma certa mulher dos chamados Hunos Saber, uma bárbara chamada Boarex, e viúva, tendo consigo cem mil Hunos, passou para o lado dos Romanos. Ela havia governado as partes húnicas após a morte do seu próprio marido, Balac. Ela intercetou dois reis de uma outra etnia de Hunos do Interior, chamados Stirax e Glones, que haviam sido persuadidos por Cabades, imperador dos Persas, a lutarem com ele contra os Romanos. Tomou-os quando estavam a passar pela sua terra em direção às regiões pérsicas, com vinte mil soldados. Ela destruiu-os e, tomando um dos seus reis como prisioneiro, o chamado Stirax, enviou-o para Constantinopla. Degolou o outro, Glones, em batalha. Com isto tornou-se uma aliada, em paz com o imperador Justiniano.

Neste mesmo ano, também o rei dos Hunos que está perto do Bósforo, chamado Gordas, passou para o lado do imperador, tornou-se cristão e foi batizado[397]. O imperador recebeu-o e, após lhe ter dado muitas prendas, enviou-o para a sua terra para guardar as terras Romanas e a cidade do Bósforo. Esta foi assim denominada por pagar aos Romanos um tributo anual em gado em vez de em dinheiro. [É pois, um pagamento em bois. O imperador colocou aqui também um *numerus* de soldados][398] Romanos e um tribuno para guardar a cidade, por causa dos Hunos e para exigir o tributo em bois. Nesta cidade havia muitas transações entre os Romanos e o Hunos.

O rei dos Hunos, tornado cristão, foi para a sua terra, encontrou o seu próprio irmão, narrou-lhe o amor e a liberalidade do imperador e que se tinha tornado cristão. Pegou depois nas estátuas que os Hunos adoravam[399] e fundiu-as: eram, de facto, de prata e de âmbar. Os Hunos enraiveceram-se, conjuraram com o

[397] ἐφωτίσθη: traduzido à letra seria: "foi iluminado".
[398] Resconstituição do texto original: *cf*. MANGO & SCOTT 1997 268, n.16.
[399] ἐσέβοντο

irmão dele, foram ter com ele e mataram-no: e fizeram com que fosse rei o irmão, Muágeris. Depois temeram, não fossem os Romanos à procura do culpado, pelo que foram de súbito para a cidade do Bósforo e mataram o tribuno Dalmácio e os soldados.

Quando o imperador soube destas coisas, enviou João, que fora cônsul, que era neto de João Cita e filho do patrício Rufino, com um grande reforço militar Cita. Militou também contra eles, por terra, Godilas, a partir de Odissópolis. Enviou ainda o general Badúrio. Tendo ouvido isto, os Hunos fugiram e desapareceram. Houve então paz no Bósforo e os Romanos dominaram-na sem qualquer medo.

Já o imperador Justiniano expropriou todas as igrejas dos heréticos e deu-as aos ortodoxos, excetuando as dos Arianos Exacionitas. Promulgou também um édito acerca dos bispos, dos *oikonomoi*, dos cuidadores de órfãos e dos peregrinos[400], para que não pudessem deixar heranças, a não ser aquela que tinham antes de estarem naquela condição jurídica, para que a distribuíssem. Determinou-se que, após essa altura, essas pessoas não teriam direito a distribuir, mas que a instituição sacra[401] herdaria todas as coisas deles.

O mesmo imperador concluiu também os banhos públicos de Dagisteu, que o imperador Anastácio havia começado a construir, e criou uma grande cisterna no pátio interior da basílica de Ilo.

A.M. 6021

Neste ano, Isaías, bispo de Rodes, e Alexandre, bispo de Dióspolis, na Trácia, foram depostos por se ter descoberto que eram pederastas, e foram castigados de forma terrível pelo imperador, tendo sido castrados e sido expostos em procissão, enquanto que um mensageiro gritava: "Que aqueles que são bispos não insultem o precioso hábito[402]!". E o imperador promulgou leis violentas contra os que cometiam atos licenciosos: e muitos foram castigados. E houve um grande medo e segurança.

[400] ξενοδόχων
[401] εὐαγῆ οἶκον
[402] τίμιον σχῆμα

O pio[403] imperador renovou todas as leis antigas, tendo feito um só livro e dado-lhe o nome de "As novas disposições"[404]. Nestas, ele não permite que o governador adquira propriedade nos locais que governa, que funde uma casa, ou que herde de uma outra pessoa, a não ser que seja um seu familiar.

Neste mesmo ano, no dia vinte e nove de novembro, à hora terceira, na quarta semana da sétima indicção, Antioquia a Grande de novo sofreu da ira divina[405], dois anos depois da primeira calamidade. E durante uma hora ocorreu um grande sismo e houve um estrondo assustador vindo do céu. Todos os edifícios caíram até às fundações, assim como as muralhas, e caíram desta vez os edifícios que não haviam caído no primeiro sismo. E todo o trabalho de munificência que havia ficado na cidade das doações do imperador e que os cidadãos haviam construído a expensas privadas, tudo isso caiu. As cidades vizinhas, ao saber disto, começaram a cantar ladainhas com grande luto. Com este colapso morreram quatro mil oitocentos e setenta pessoas. Os sobreviventes fugiram para as outras cidades e para as montanhas, passando a viver em tendas. Verificou-se ainda um grande e muito pesado inverno: todos os que tinham ficado faziam ladainhas descalços, gritando "Senhor! Misericórdia!", chorando e atirando-se com as cabeças para o chão, na neve.

Por outro lado, foi revelado a um homem venerador de Deus[406], numa visão, que devia falar a todos os sobreviventes, para que escrevessem nos lintéis [das casas] deles: "Cristo está connosco! Sede firmes!" E tendo isto sido feito, a ira de Deus[407] parou. E de novo o imperador e a Augusta forneceram muito dinheiro para a recuperação e habitação da cidade dos Antioquienses: e mudou-lhe o nome para Teopólis.

No dia vinte e um de março da sétima indicção, Alamundaro Zécices, o régulo[408] dos Sarracenos, avançou e pilhou a Primeira Síria até aos montes de Antioquia, até ao chamado Litargo e até às

[403] εὐσεβὴς
[404] τὰς νεαρὰς διατάξεις
[405] θεομηνίας
[406] θεοσεβεῖ
[407] ὀργὴ τοῦ θεοῦ
[408] βασιλίσκος

propriedades de Escáfatas. Matou muitas pessoas, incendiou os arredores de Calcedónia, a povoação de Sérmio e a terra de Cinégia. Quando os exarcas dos Romanos ouviram isto, vieram contra ele. E os Sarracenos, ao terem conhecimento disso, tomaram, em conjunto com os Persas, os despojos e os cativos de guerra: e fugiram pela fronteira interior.

No mês de abril da mesma sétima indicção, veio um reforço do exército, enviado pelo imperador, assim como a infantaria da Frígia, os chamados Licocranitas: e nomeou Belisário como *magister militum* do Oriente, tendo substituído o patrício Hipácio, o filho de Secundino. E no dia doze de março, o *magister* Hermógenes, o Cita, chegou a Antioquia, um homem sábio que havia sido enviado como embaixador, pelo imperador Justiniano, ao imperador dos Persas, por causa da paz.

No mês de junho, os Samaritanos e os Judeus nomearam como imperador um certo Juliano e, tendo movido armas contra os Cristãos, cometeram pilhagens, homicídios e incêndios. Deus entregou-os às mãos de Justiniano, que os matou a todos e decapitou o tirano Juliano.

Por seu turno, Cósroes, o imperador dos Persas, ao receber o *magister* Hermógenes, que fazia uma embaixada acerca da paz com presentes, recebeu os presentes no mês de junho da mesma sétima indicção, mas não aceitou fazer a paz, convencido pelos Samaritanos que fugiram para ele e que lhe prometiam dar-lhe a sua terra – toda a Palestina – porquanto tivessem como aliados cinquenta mil Judeus e Samaritanos. Motivado por isto, Cósroes não escolheu a paz, querendo tomar, através deles, Jerusalém, a qual tinha um número incalculável de centenários[409] de ouro e muitas pedras preciosas.

Tomou como pretexto as minas de ouro que estavam nas montanhas da Arménia, em virtude de estas pagarem, anteriormente, um talento aos Romanos e aos Persas como tributo, ao passo que na altura somente aos Romanos pagavam tributo. E escreveu ao imperador outros assuntos como pretexto. A encenação dos Samaritanos, porém, foi descoberta, tendo eles sido capturados em Amádio, enquanto regressavam dos Persas. Eram cinco os Samaritanos, dos mais ricos entre eles: foram entregues ao *magister*

[409] κεντηνάρια

Belisário e, após terem sido examinados, confessaram todas as coisas.

Neste mesmo ano, o *dux* da Palestina criou uma inimizade com o filarca dos Sarracenos que estavam sob os Romanos. E o filarca, temendo, entrou no interior da fronteira. Quando Alamundaro soube disso, avançou, capturou-o e matou-o. Em seguida, capturou as mulheres e os filhos dele e regressou. E os *duces* da Fenícia, da Arábia e da Mesopotâmia, assim como o filarca, depois de terem sabido disto, foram atrás dele: Alamundaro fugiu, ao sabê-lo, para as partes índicas, nas quais ninguém dos Romanos alguma vez tinha entrado. [Os Romanos] capturaram então as tendas deles e trouxeram um grande número de cativos dos Sarracenos – homens, mulheres e crianças, assim como tudo o que encontraram de Romanos cativos, camelos, ovelhas, bois, seda e roupas. Queimaram ainda quatro fortalezas Persas e regressaram com uma grande vitória.

A.M. 6022

Neste ano, durante a oitava indicção, o imperador incutiu uma grande perseguição contra os gentios e toda a heresia: e confiscou as suas propriedades. Foi também acusado Macedónio, o que fora um *referendarius*, assim como Asclepiódoto, que fora prefeito: este, com medo, bebeu [veneno] e morreu. E também Pegásio Heliopolita, juntamente com os seus filhos, foi examinado em tribunal. Ainda Focas, o patrício de Cratero e o questor Tomé, entre outros, foram presos: e gerou-se um grande medo. O imperador sancionou ainda que os pagãos não poderiam tomar cargos públicos, nem os heréticos, mas somente os cristãos ortodoxos, tendo dado um período de três meses para que se convertessem.

No mês de março da mesma oitava indicção, em Antioquia, Hermógenes, o *magister* que fora cônsul, assim como Rufino, o patrício que fora *magister*, foram para as partes pérsicas como embaixadores e, quando chegaram a Daras, indicaram ao imperador dos Persas para que ele os recebesse. Enquanto estavam em Daras com Belisário, o *magister militum* do Oriente, e com os restantes exarcas Romanos, aquartelaram-se não muito longe da cidade.

Miranes[410], o principal general[411] do imperador dos Persas, soube disso, juntamente com o filho do imperador e os restantes generais da Pérsia. Estavam reunidos em Nísibis com uma grande força pérsica e, no mês de junho da indicção oitava, avançaram contra aqueles, tendo dividido a sua multidão [de soldados] em três partes[412].

Os generais Romanos, tendo-se informado acerca disto, militaram de forma eficiente juntamente com o *magister* e atacaram os Persas: deu-se uma grande batalha e um recontro assustador. Os Romanos destruíram os Persas e mataram-nos, tendo ainda capturado o estandarte deles[413]. Já Miranes e o filho do imperador dos Persas e alguns dos sobreviventes fugiram para Nísibis: e os Romanos obtiveram uma grande vitória. O imperador dos Persas, ao saber disto, indicou que o patrício Rufino viesse ter com ele, acompanhado somente do *comes* Alexandre. Ele foi ter com ele no mês de agosto e, após terem falado sobre muitas coisas e estabelecido pactos de paz, afastaram-se em paz.

A.M. 6023

Neste ano, no mês de setembro, indicção nona, apareceu um grande e assustador astro na parte ocidental, um cometa, que enviava para cima os seus próprios raios luminosos, ao qual chamavam Lampádia[414]. Manteve-se a brilhar durante vinte dias. E deram-se revoltas por todo o orbe[415], assim como homicídios.

Na conclusão do mês de novembro, o patrício Rufino regressou ao imperador Justiniano da embaixada dos Persas, tendo os pactos de paz firmados. O imperador, após os ter recebido, ficou profundamente feliz por causa da paz: recebeu com agrado os pactos que lhe haviam sido submetidos e houve paz nos assuntos de ambos [os impérios].

[410] Μηράμ: o mesmo que Miran ou Mirranes, de onde o nome dinástico de "mirânidas".
[411] πρωτοστράτηγος
[412] τάγματα
[413] βάνδον
[414] Λαμπαδίαν: *i.d.* a Tocha.
[415] κοσμικαὶ δημοκρατίαι

A.M. 6024

Neste ano, o quinto do império de Justiniano, no mês de janeiro da indicção décima, ocorreu o motim chamado de Nika[416]. Os representantes das fações de circo[417] coroaram Hipácio, um familiar do imperador Anastácio, para que fosse imperador: e uma grande porção da cidade ardeu, assim como a Grande Igreja, a Santa Irene, o hospício de Sampson, o Augusteu, o pórtico da Basílica e a Porta de Bronze do palácio.

Houve um grande medo: muitos dos que se encontravam no chamado Hípico[418] morreram com Hipácio – dizem que foram trinta e cinco mil. O motim de Nika ocorreu da seguinte forma. Tendo as fações[419] reunido no Hípico, os que eram dos Verdes gritaram: "Estão feitas as coisas!"[420] em relação a Calopódio, cubiculário e espatário.

Os Verdes: "Muitos anos para ti, ó Augusto Justiniano! Que venças[421]. Sou injustiçado, ó único bom, nem o aguento: bem o sabe Deus. Tenho medo de dizer nomes, não vá ele ter mais sorte e eu esteja para correr perigo."

Mandator: "Quem é? Eu não sei."

Os Verdes: "Aquele que me oprime, ó três vezes Augusto, encontra-se nas partes dos sapateiros."

Mandator: "Ninguém vos injustiça."

Os Verdes: "Um e um só me injustiça, ó Mãe de Deus, que não fique ele com a sua cabeça."

Mandator: "Quem é esse? Não sabemos."

Os Verdes: "Somente tu sabes, o três vezes Augusto, quem hoje me oprime."

Mandator: "Quem quer que seja, não o sabemos."

Os Verdes: "O espatário Calopódio injustiça-me, é senhor de todas as coisas."

Mandator: "Calopódio não causa problemas."

---

[416] Νίκα

[417] οἱ τῶν δήμων

[418] Τῷ λεγομένῳ ἱππικῷ: *i.d.* o Hipódromo.

[419] μέρη

[420] ἄκτα: *vide* comentário de MANGO & SCOTT 1997 281, n. 6.

[421] τούβικας: do latim *tu vincas*.

Os Verdes: "Quem quer que seja, ele faz as vezes de Judas. Deus depressa retribuirá àquele que me injustiça."

Mandator: "Vós não viestes para ver o espetáculo, mas assim para insultardes os governantes."

Os Verdes: "Se alguém me injustiça em alguma ocasião, ele tomará as partes de Judas."

Mandator: "Acalmai-vos! Ó Judeus, Maniqueus e Samaritanos!"

Os Verdes: "Chamas-nos Judeus e Samaritanos? A Mãe de Deus esteja com todos!"

Mandator: "Até quando vos amaldiçoareis a vós mesmos?"

Os Verdes: "Se alguém não disser que o nosso imperador tem fé de forma correta[422], haja para ele um anátema, como a Judas."

Mandator: "Eu vos digo: batizai-vos em um só[423]!"

Os Verdes então gritaram para cima uns dos outros e vociferaram, tal como Ântlas ordenou: "Batizo-me num só[424]".

Mandador: "Em boa verdade, se não vos acalmais, corto-vos a cabeça!"

Os Verdes: "Cada qual apressa-se para tomar o poder, de forma a que se salve: e se nós, oprimidos, dissermos eventualmente algo, não se irrite o teu poder. Efetivamente, o divino a todos sustém."

[…]

Os Verdes: "Nós temos uma lite, ó imperador, agora chamamos as coisas pelos seus nomes: nós não sabemos onde fica nem o palácio, ó três vezes Augusto, nem a administração do Estado. Venho para a cidade só uma vez, sentado numa mula: antes fosse que nem então, ó três vezes augusto!"

Mandator: "Cada homem livre pode ir para onde desejar sem perigo."

Os Verdes: "Eu apoio-me na liberdade e não me é concedido expressá-la. Se alguém for livre, mas tiver a mesma opinião que os Verdes, será claramente castigado."

---

[422] ὀρθῶς πιστεύει

[423] εἰς ἕνα: não fica claro, pelo contexto, se se apela a um batismo num só Deus ou numa só Pessoa.

[424] εἰς ἕνα

Mandator: "Ó homens prontos para morrer! Nem às vossas próprias almas poupais?"

Os Verdes: "Levante-se daqui esta cor e a justiça não funcionará. Consente[425] em sermos assassinados, permite sermos castigados! Eis aqui uma fonte a brotar: castiga quantos quiseres! Em boa verdade a natureza humana não permite estas duas coisas. Oxalá Sabácio[426] nunca tivesse nascido, para que não tivesse um filho assassino. Sem dúvida que é já o sexto assassinato[427] que ocorre no Zeugma. Ó senhor de todas as coisas, ele de manhã vê o espetáculo, ao final da tarde, mata."

Os Azuis: "São somente vossos os assassínios de todo o estádio!"

Os Verdes: "Quando tu matas, foges!"

Os Azuis: "Já tu matas e perturbas! São somente vossos os assassínios de todo o estádio!"

Os Verdes: "Senhor Justiniano! Eles assim pedem e ninguém os mata! Que quem queira entenda. Quem matou o madeireiro que estava no Zeugma, ó imperador?"

Mandator: "Vós o matastes!"

Os Verdes: "Quem matou o filho de Epágato, ó imperador?"

Mandator: "Também a ele vós matastes, e agora implicais os Azuis!"

Os Verdes: "De novo e de novo, Senhor, tem piedade! A verdade está a ser oprimida! Quereria eu opor-me aos que dizem que as coisas são administradas por Deus. De onde vem este infortúnio?"

Mandator: "Deus está isento de males."

Os Verdes: "Deus está isento de males? Então quem é que me injustiça? Se houver por aqui um filósofo ou um eremita, que faça a distinção de cada uma das coisas!"

Mandator: "Ó blasfemos e sujeitos à ira de Deus[428]! Até quando não vos apaziguareis?"

---

[425] ἄνες: Mango e Scott dão a esta palavra, o imperativo aoristo de ἀνίημι, o sentido de "parar/impedir". Achamos mais conveniente, na senda da leitura de João Classeno, traduzir por "consente/permitir".

[426] Σαββάτης: pai de Justiniano.

[427] ἕκτος φόνος: a leitura do manuscrito não é clara. Uma outra interpretação aponta para o número vinte e seis: *cf*. MANGO & SCOTT 1997 282, n. 21.

[428] θεοχόλωτοι

Os Verdes: "Se assim convém ao teu poder, abstenho-me, ainda que não o queira, ó três vezes Augusto! Conheço todas, todas as coisas, mas calo-me. Adeus, Justiça! Já não deliberas. Vou-me mudar e ser Judeu. É até melhor ser pagão do que ser dos Verdes: Deus o sabe."

Os Azuis: "Não quero olhar para aquilo que odeio! A tua inveja perturba-me!

Os Verdes: "Sejam escavados os ossos[429] dos espectadores!"

Estes então afastaram-se e deixaram o imperador e os Azuis como espectadores. E logo veio de uns certos oficiais uma desculpa para um tumulto público, da seguinte forma: após o prefeito ter tomado três dos populares que estavam a criar perturbações, enforcou-os. Um deles morreu imediatamente, ao passo que os outros dois caíram da forca. De novo foram suspensos, e de novo caíram. A multidão, que estava em pé a vê-los, gritou: "Com eles para a igreja!". Os monges de São Conão, assim que ouviram isto, colocaram-nos num pequeno barco e levaram-nos para a igreja de São Lourenço, por esta ter o privilégio segundo o qual ninguém deveria ser expulso do templo até que tenha sofrido o suficiente[430].

O prefeito, tendo ouvido isto, enviou soldados para os guardar: e quando a população o soube, foi para o pretório, pedindo ao prefeito que retirasse do templo de São Lourenço os soldados que estavam em guarda. Não houve dele resposta: e eles, enraivecidos, atiraram fogo ao pretório. Os pórticos arderam desde a Câmara do Fórum até à Porta de Bronze, sendo que os cofres de prata e todas as coisas do Lauso foram consumidos pelo fogo. E mataram sem piedade os soldados que vieram contra eles. Entrando nas casas, pilharam as suas riquezas, queimaram a entrada do palácio, a do teto de bronze, assim como o pórtico dos *Protectores* e a casa senhorial do Augusteu.

E o povo[431] foi para o porto de Juliano – o de Sofia, digo – para a casa de Probo, procurando armas e clamando: "Um outro imperador para a cidade!". Atiraram fogo à casa de Probo e a casa

[429] ἀνασκαφῇ τὰ ὀστέα: grito de rebelião e insurreição típico da sociedade bizantina.
[430] Passagem obscura: προνόμα εἶχε τοῦ μηδένα ἐκβλήσκεσθαι τοῦ ναοῦ, ἕως οὗ πάθῃ τὸ ἱκανόν.
[431] δῆμος

foi demolida. Regressaram, queimaram os banhos de Alexandre e o grande hospício de Sampson – e os doentes morreram – assim como a Grande Igreja com as suas duas colunas. Toda ela foi destruída, nas suas quatro partes.

Então o imperador, com medo, quis atirar o dinheiro para um barco e sair até Heracleia, na Trácia, depois de deixar a guardar o palácio o *magister militum* Mundo com o seu filho, três mil homens, Constancíolo e os cubiculários. A multidão arrastava os mortos e atirava-os para o mar, tendo ainda matado muitas mulheres. Surgiu entretanto o rumor que o imperador tomara a Augusta e fugira para a Trácia, pelo que proclamaram o patrício Hipácio como imperador. Sentado no Hipódromo, foi aclamado pela população[432] e ouvia vitupérios contra o imperador Justiniano. Vieram duzentos Verdes de Flacilianas, dos mais novos, armados, que procuravam abrir o palácio e introduzir lá Hipácio.

O imperador, porém, quando ouviu as coisas ousadas pelo povo[433] e por Hipácio, entrou no palácio e subiu para os chamados Púlpitos, atrás do *kathisma* do Hipódromo, para o triclínio que tem as portas de bronze. Tinha consigo Mundo, Constancíolo, Belisário, outros senadores, um manípulo de soldados armados, cubiculários e espatários. Então o cubiculário Narses saiu [do palácio], conglomerou algumas pessoas da facção dos Azuis, distribuindo-lhes dinheiro: e eles começaram a gritar: "Justiniano Augusto! Que tu venças[434]! Senhor, salva Justiniano, o imperador, e Teodora, a Augusta!".

Foi quando as multidões se dividiram e se atacaram umas às outras. Os que estavam no palácio saíram com o seu manípulo, alistaram algumas pessoas do povo[435] e avançaram sobre o Hipódromo. E Narses pelas portas, o filho de Mundo pelo Spendóne, outros pela passagem do *kathisma* para a arena, começaram a matar a população, uns atirando flechas, outros degolando, ao ponto de não se salvar nenhum dos cidadãos que se encontravam no Hipódromo, fossem eles dos Azuis ou dos Verdes.

---

[432] δήμων: não é claro aqui, como noutras passagens, se se trata da população civil em geral ou das facções de circo.
[433] δήμου
[434] τούβικας, *i.d.*, *tu vincas*
[435] δῆμου

Belisário, por seu turno, correu para dentro do *kathisma* do imperador com os espatários, apanhou Hipácio e conduziu-o ao imperador. Depois colocou-o na prisão.

Neste dia morreram trinta e cinco mil homens. Não mais se insurgiu popular algum, mas ouve acalmia nesse dia. No dia seguinte foram mortos Hipácio e Pompeio, o irmão dele: e atiraram ao mar os seus corpos. As suas casas foram confiscadas, juntamente com as de outros dezoito patrícios, *illustres*[436] e cônsules, confiscados na qualidade de apoiantes de Hipácio. Houve um grande medo e a cidade acalmou-se. Durante um tempo considerável não se realizaram corridas de cavalos.

No mesmo ano ocorreu também uma grande chuva de meteoritos, desde o entardecer até de madrugada, ao ponto de todos ficarem assustados e dizerem: "Os astros caem. Nunca vimos uma coisa deste género."

A.M. 6025

Neste ano Teodora, a piíssima[437] Augusta, foi para os banhos quentes de Pítios para se banhar. E juntaram-se-lhe o patrício e prefeito Menas, o pratrício Elias, *comes* das *largitiones*, outros patrícios, os cubiculários e os sátrapas, quatro mil […]. E ela liberalizou muitas coisas às igrejas, aos pobres e aos mosteiros.

A.M. 6026

Neste ano, o cônsul Prisco, que fora notário do imperador, após ter sido agravado pela imperatriz Teodora, teve a sua propriedade confiscada e foi ordenado, por ordem do imperador, diácono de Cízico.

Neste mesmo ano começaram as guerras Vândalas e Belisário apoderou-se de África. Tal como se narra para os anos anteriores, os Vândalos haviam tomado, com Godigisclo, o rei deles, a Hispânia, no tempo do imperador Arcádio e Honório. Partiram desta, passaram para a Líbia e tomaram-na. Com a morte de Godigisclo, Gontarico e Gizerico, os seus filhos, seguiram no poder. Depois, quando Gontarico abandonou a vida humana, Gizerico é nomeado

[436] ἰλλουστρίων
[437] εὐσεβεστάτη

imperador dos Vândalos, tendo governado a cidade de Cartago durante trinta e nove anos, chegando mesmo a tomar Roma.

Quando este faleceu, Onorico, o seu filho, seguiu-se-lhe no reinado[438]. Infligiu muitas coisas más aos Cristãos que estavam na Líbia, obrigando-os a ser arianos[439]: matou muitos e [a outros] retirou-lhes a língua da faringe. Estes, todavia, depois voltaram, pela graça de Deus[440], a falar. Os Mouros, porém, desprezavam-nos, moveram-lhes guerra e infligiram muitos males aos Vândalos. Onorico morre após ter governado oito anos, tendo perdido a Numídia e o Monte Aurásio, que deixaram de estar sob o poder dos Vândalos.

Então Gundamundo, o filho de Geezão, que era filho de Gizerico, seguiu-lhe no poder, tendo infligido ainda mais maldades aos Cristãos: faleceu após ter governado doze anos. Trasamundo seguiu-lhe, um homem de boa compleição, inteligente e magnânimo. Ele forçou os Cristãos a mudarem a fé que haviam herdado sem os maltratar, mas virando as costas àqueles que o recusavam.

Tendo falecido a mulher dele sem deixar filhos, deliberou de uma forma ótima: enviou [uma mensagem] a Teoderico, o imperador dos Godos, em Espanha, a pedir para tomar em casamento a sua irmã, Amalafrida, que estava viúva. O outro deu-lhe a irmã como mulher, assim como mil ilustres Godos, disciplinados e armados com lanças, juntamente com outros cinco mil homens belicosos, para os serviços deles. Teoderico deu ainda como presente à irmã um dos promontórios da Sicília, o chamado Lísio. E, com isto, Trasamundo parecia ser o melhor e mais forte de todos os que tinham governado nas Líbias. Tornou-se também amigo do imperador Anastácio.

Governou o reino[441] durante vinte e sete anos. Após a sua morte, governou Ilderico, o filho de Onorico, por sua vez filho de Gizerico, um homem manso e bom, que em nada se revelou mau para com os Cristãos. Porém, era demasiado mole nos assuntos da guerra, sendo que nem queria ouvir falar desse assunto. Amergos, o

[438] βασιλείαν
[439] ἀρειανίζειν
[440] τῇ τοῦ θεοῦ χάριτι
[441] βασιλείας

seu sobrinho, um homem bom nos assuntos bélicos, a quem também chamavam Aquiles, era general dos Vândalos. Já Ilderico era amigo de Justiniano, antes de ele ser imperador, no tempo de Justino, seu tio: enviava-lhe muito dinheiro e dele recebia também dinheiro, fortalecendo assim a amizade.

Havia, porém, um familiar deste, da família de Gizerico, chamado Gelimero, um homem feroz e de maus costumes, que sabia como aproveitar de revoluções e de dinheiro alheio. Ele iniciou uma tirania contra o seu próprio senhor Ilderico, que governara sete anos. Apanhou-o e colocou-o numa prisão com a mulher Amalafrida. Destruiu também todos os Godos e colocou Amer e o irmão dele, Evágees[442], numa prisão. Entusiasmado com a tirania, não conseguia viver com este estado de coisas.

Escreve então ao imperador Justiniano defendendo-se, em como o poder[443] lhe fora transmitido de uma forma legítima, visto que Ilderico não era capaz de o administrar. Justiniano, ao saber destas coisas, escreveu-lhe a dizer que não aceitava tal tirania. O outro, não aceitando bem o que lhe fora escrito, cegou, por um lado, Amer e, por outro, fechou Ilderico, juntamente com Evágees, numa prisão maior. Justiniano, quando soube destas coisas, declarou guerra contra a Líbia e, uma vez que já concluira a guerra Pérsica, chamou Belisário do oriente e deliberou acerca disto. O Senado viu isto pesadamente, tendo recordado a armada do imperador Leão que militara contra os Vândalos, sob Basilisco, e que se perdera, quantos soldados haviam morrido, e quanto dinheiro havia sido consumido. Temia também a enormidade do perigo, não fosse o imperador escolher aquele general[444] para tal exército.

O patrício João veio então para o meio do Senado e disse isto: "Nós, ó imperador, obedecemos às tuas ordens e não nos opomos. Mas é justo que consideres a vastidão do caminho e o espaço do mar, e ainda o intervalo do caminho que vai por terra seca durante cento e quarenta dias, assim como a incerteza da vitória, a dor da derrota e a insensatez do arrependimento". O imperador aprovou este discurso e parou com as preparações para a guerra. Porém, um

[442] Εὐαγέην: o mesmo que Evagete.
[443] βασιλεία
[444] *i.d.* αὐτὸν στρατηγὸν: na nossa leitura, está-se a referir a Belisário.

certo bispo do oriente incentivou o imperador, dizendo ter visto um sonho, vindo de Deus[445], que lhe ordenava ir ter com o imperador e pedir-lhe para libertar dos tiranos os Cristãos da Líbia. "Também Eu me juntarei a ele: estebelecê-lo-ei como senhor da Líbia."

Quando o imperador ouviu estas coisas, não mais pôde reter os seus pensamentos, mas armou um exército e os navios, preparou armas e mantimentos. E ordenou que Belisário se preparasse para militar na Líbia. Logo Pudêncio fez uma revolta, tomou Trípoli e escreveu a Justiniano para enviar um exército e a ocupar. Da mesma forma Godas, o Godo, revoltou-se contra o seu próprio senhor, tomou a ilha da Sardenha e escreveu a Justiniano para que lhe enviasse um exército, um general e que se apoderasse da ilha. Ele enviou Cirilo com quatrocentos homens para o ajudar. Gelimero, por seu turno, enviou o seu irmão com uma grande frota e com uma mão escolhida do exército dos Vândalos. Ocupou-a e matou Godas.

Belisário então tomou o exército, a frota, os governantes, designadamente o general Salomão, Doroteu, o da Arménia, Cipriano, Valeriano, Martino, Álfias, João, Marcelo e Cirilo, de quem atrás fizemos menção, e muitos outros dos que habitavam a Trácia. Seguiam-nos mil Éluros, dos quais era líder Faras, assim como Massagetas, dos quais eram líderes Sísinio e Balas, que eram archeiros montados a cavalo. Havia quinhentos navios, carregando cada um cinquenta mil *medimni*[446]. Havia trinta mil marinheiros Egípcios, Jónios e Cilicianos. Calónimo Alexandrino era o almirante das embarcações. Havia ainda noventa *dromones* para as batalhas navais. O imperador colocou Belisário como general e líder de todos eles. Belisário avançou da Germânia, que está entre as Trácias e as Ilírias. Levou consigo Antonina, a sua mulher.

Gelimero, por sua vez, enviou para a ilha de Sardo o seu próprio irmão Tzatzon, juntamente com cento e vinte navios e um exército escolhido, contra Godas[447].

---

[445] ἐκ θεοῦ

[446] ναῦς δὲ ὑπῆρχον φ᾽ ἀνὰ μυρίαδας πέντε μεδίμνων χωροῦσαι. Traduzida à letra, a frase diz que os navios carregavam, no total, cinquenta mil *medimni*. Mas seguimos MANGO & SCOTT 1997, n. 28, que por sua vez recorrem a Procópio, a presumível fonte de Teófanes. 50 000 mil *medimni* era a capacidade máxima de cada navio.

[447] Esta passagem foi aqui mal colocada por Teófanes. Ela deveria aparecer algumas linhas acima, antes da morte de Godas, o Godo.

Era o sétimo ano [do reinado] de Justiniano quando Belisário partiu para a ilha. Estava com ele o escritor Procópio. Ao afastar-se da cidade imperial, chegaram a Abido. Belisário preocupava-se com a frota, para que navegasse em conjunto e [todos] desembarcassem na mesma região. Após ter chegado à Sicília, enviou Procópio, o escritor, a Siracusa, a ver se encontraria alguém que os guiasse para a Líbia, que atracasse repentinamente na terra e que apeasse o exército, porquanto temia uma batalha naval. O próprio levantou a frota e avançou para a terra de Caucana, que distava de Siracusa duzentos estádios.

Procópio, por seu turno, entrou em Siracusa e comprou mantimentos a Amalasunta, a mulher de Teoderico, mãe de Atalarico, imperador da Itália, sendo que estes tinham amizade para com Justiniano. Deparou-se, de forma paradoxal[448], com um homem que era seu amigo, versado nos lugares da Líbia e no mar e que havia chegado havia três dias […] de Cartago. Ele certificava-lhe que eles podiam estar descansados e que ninguém desconfiava que militavam contra eles, de tal maneira que Gelimero estava estacionado somente a quatro dias dali. Procópio pegou nele e conduziu-o a Caucana, a Belisário.

Belisário, assim que soube destas coisas, avançou para a costa da Líbia ao terceiro dia, para a região a que chamam de Cabeça de Baixio[449]. Depois de terem desembarcado dos navios, de fazerem uma paliçada e uma profunda fossa, acamparam um só dia. No local a terra libertou um grande jorro de água quando a fossa estava a ser escavada. Dado que o [resto da] região estava desprovido de água, serviu para todas as necessidades dos animais e do exército.

No dia seguinte, o exército[450] saiu para pilhar. O general, porém, repreendeu-os com severidade, dizendo-lhes: "É injusto fazer uso da força e comer coisas alheias em qualquer altura, mas sobretudo quando se corre perigo. Já eu desembarquei-vos nesta terra fortalecido somente nesta ideia, a de que deveríamos cultivar a Deus com justiça e bondade e que persuadiríamos os Líbios para nós. Esta vossa fraqueza, porém, verter-se-á contra vós mesmos e

[448] παραδόξως
[449] Κεφαλὴν Βράχους
[450] λαὸς

preparará os Líbios para serem aliados dos Vândalos. Mas obedecei ao que digo: adquiri a comida comprando-a, não vos demonstreis injustos, nem transformeis em inimizade a amizade dos Líbios e reconciliai-vos[451] com Deus. Parai de vos apropriar das coisas alheias e expeli um lucro repleto de perigos."

Então Belisário enviou um exército sobre a cidade de Silecto, ocupando-a sem dificuldade. De facto, quando chegaram de noite, introduziram-se com as carroças dos agricultores, que estavam a entrar lá, e tomaram-na. Com a chegada da manhã, capturaram o sacerdote e os seus maiorais e enviaram-nos para o general. Nesse mesmo dia, o curador do *cursus publicus* desertou, entregando os cavalos públicos. Foi também capturado o estafeta que levava as mensagens do reino[452].

Depois Belisário dispôs o exército e foi para Cartago. Tendo dado a João, o Armeno, trezentos homens escolhidos, ordenou-lhe que o acompanhasse sempre e que nunca se afastasse muito do exército. Após ter chegado à cidade de Silecto, recuperou os cidadãos pela bondade e doçura do discurso, de tal forma que os restantes [soldados] passaram a fazer a viagem como se fosse na terra deles, nem havia quem se retirasse ou se escondesse. Montavam-lhes até mercado e subministravam as outras coisas aos soldados.

Completando oitenta estádios em cada dia, chegaram a Cartago. Assim, atingiram a região de Crase pela cidade de Léptis e de Adramuto, que dista de Cartago trezentos e oito estádios, onde estava uma sede do reino[453] dos Vândalos e onde havia belíssimos parques, límpidas fontes e uma multidão infinita de fruta de todo o género: ao ponto de cada um dos soldados montar tenda nas árvores de fruta e de não haver a perceção de que ela acabasse, uma vez que os frutos estavam maduros e que todos deles usufruíam.

Gelimero, por seu turno, ao ouvir que os Romanos estavam ali, escreve para Cartago, ao irmão Amatas, para que matasse Ilderico e todos os seus familiares que tivesse na prisão, e que ele próprio, os Vândalos e o que quer que houvesse de apto para a batalha na

[451] ἀναπαύσητε
[452] τὰς βασιλικὰς ἀποκρίσεις: traduzido à letra, "as mensagens/respostas imperiais".
[453] βασιλεία

cidade, se armassem para a guerra. Amatas realizou as coisas que lhe foram ordenadas.

Então Belisário deu ordens ao prefeito Arquelau e ao almirante Calónimo para que se aproximassem de Cartago e para que não a atacassem até à altura em que ele o ordenasse. O próprio foi para Décimo, que dista setenta estádios de Cartago. Gelimero, por sua vez, ordenou ao sobrinho Cibamundo para ir com dois mil homens para a parte da esquerda, de tal forma que Amatas em Cartago, Gelimero atrás deles e Cibamundo das regiões à esquerda, criariam um círculo à volta dos inimigos.

Belisário ordenara a João, como já disse, que fosse adiante e que os Massagetas estivessem na parte esquerda do exército. Amatas, porém, não chegou na altura necessária, mas deixou a multidão de Vândalos em Cartago. Foi ter o mais rapidamente possível a Décimo com alguns homens, que nem sequer eram dos escolhidos. Batalhou com João e esteve nas mãos dele: e é morto por João. Os que estavam com ele viraram costas, fugiram sem ordem e atemorizavam os que vinham de Cartago para Décimo, crendo que os perseguidores eram infindáveis. João e os que com ele estavam mataram […] tantos até às portas de Cartago, de tal forma que os que isto viam pensavam que era obra de vinte mil homens.

Cibamundo e os dois mil que estavam com ele, por seu turno, caídos perante a força dos Hunos, morreram todos. Belisário, que estava em Décimo e não sabia destas coisas, antes construiu uma outra paliçada, aquartelou-se e deixou aí a sua mulher e a infantaria. O próprio, após ter tomado a cavalaria e os generais, começou a ir para Cartago.

Uma vez que encontrou os [corpos] mortos caídos de Amatas e dos Vândalos, e tendo-se informado sobre o que acontecera, subiu para um certo monte e viu pó a vir do sul, assim como uma grande multidão de cavalaria dos Vândalos, sendo que o líder deles era Gelimero, que não sabia nem da morte de Cibamundo, nem da de Amatas. Assim que eles ficaram perto uns dos outros, os Vândalos anteciparam-se, tomam o monte e surgem temíveis aos adversários. Os Romanos, tendo virado as costas, chegaram a uma região que estava a sete estádios de Décimo.

Deus, porém, tendo-os alterado de forma paradoxal[454], incutiu-lhes cobardia. Efetivamente, se tivessem feito de imediato uma perseguição, eventualmente teriam destruído todos de forma completa, juntamente com Belisário – tamanha era a multidão dos Vândalos – e estariam prestes a dominar, sem qualquer trabalho, João, que estava a regressar de Cartago e que despojava os mortos. Gelimero, porém, ao descer do monte e ao encontrar o irmão morto, envolveu-se em lamentos e atenuou a vantagem da vitória.

Belisário, por conseguinte, ordenou que os fugitivos parassem, colocou todas as coisas em boa ordem, reprovou a cobardia e, sabendo ao mesmo tempo da morte dos adversários, assim como da vitória de João, avança contra Gelimero com ímpeto e coragem. Os bárbaros, que se encontravam desprevenidos, viraram-se para uma fuga completa, tendo perdido muitos enquanto iam para a Numídia. E abandonaram Cartago. Quando veio a noite, Belisário, João e os Massagetas, assim que chegaram a Décimo, alegravam-se ao saberem de todas as coisas que haviam ocorrido. No dia seguinte todos, juntamente com a infantaria e a mulher de Belisário, avançaram para Cartago. Os Cartagineses abriram as portas e foram ter ao encontro de Belisário, tendo acendido luzes com todo o povo[455]. Os Vândalos que lá estavam fugiram para as igrejas. Após a frota também ter chegado, soltaram as correntes do porto e receberam-nos.

A maior parte da frota, todavia, conservou as ordens de Belisário e não entrou no porto, mas ancorou fora. Calónimo, porém, agindo à revelia, entrou, pilhou as embarcações, arrebatou muito dinheiro, entrou nas oficinas e nas casas que estavam perto do porto e fez muitos cativos de guerra.

Uma vez que Belisário havia tomado Cartago sem esforço, exortou os seus soldados, dizendo: "Vede, quão boa fortuna nos ocorreu, após termos revelado moderação para com os Líbios. Vede! Preservai a ordem em Cartago, e que ninguém injustice a ninguém, ou arrebate algo de alguém. Pois, já que eles sofreram muitos males pelos Vândalos, homens bárbaros, o nosso imperador enviou-nos para os ajudar e para os gratificarmos com a liberdade."

[454] παραδόξως
[455] πανδημεί

Tendo assim discursado, entrou em Cartago. Subiu ao palácio e sentou-se no trono de Gelimero. Aproximaram-se dele os mercadores de Cartago e tantos quantos estavam perto do mar, lamentando que haviam sofrido uma pilhagem pela frota. Então Belisário obrigou Calónimo a jurar que reuniria e devolveria aos senhores legítimos todas as coisas que haviam sido arrebatadas. O outro, porém, apoderou-se de algumas das coisas deles e quebrou o juramento, pagando não muito depois o preço da justiça. Efetivamente, tendo ficado fora do juízo, morreu após ter comido a sua própria língua.

Belisário, por outro lado, recebia o povo[456] de forma majestosa: a criadagem de Gelimero estava junto a ele, jorrava-lhe o vinho e servia-lhe em todas as outras coisas. O general tinha a cidade de tal forma sem perturbações, que não movia insultos a nenhuma pessoa, nem aconteceu que alguém tivesse que fechar a sua casa no mercado: mas os soldados, quando iam ao mercado, comiam e alegravam-se. Ele extraiu os Vândalos que se haviam refugiado nas igrejas, dando-lhes palavra de honra. Tratou das muralhas da cidade, que dantes estavam negligenciadas. Diziam ainda que um velho provérbio que corria em Cartago, segundo o qual o gama perseguiria o beta, e que de novo o beta perseguiria o gama, se havia então cumprido. Pois primeiro Gizerico perseguiu Bonifácio, depois Belisário perseguiu Gelimero.

Gelimero esbanjava muito dinheiro com os agricultores das Líbias, pelo que os subordinou a si e ordenou-lhes que matassem os Romanos que estivessem a andar pelas terras. Os agricultores fizeram isto. Quando Belisário o soube, enviou Diógenes, um dos seus guarda-costas, para maltratar os agricultores. Então Diógenes, após ter entrado com os seus numa casa, adormeceu pensando que não havia lá nenhum inimigo. Soube-o Gelimero, que reuniu trezentos soldados escolhidos e os enviou contra ele. Ao chegarem lá, cercaram a casa, temendo entrar de noite. Os Romanos, apercebendo-se disso, levantaram-se, armaram-se e montaram os cavalos, sendo vinte de número. Abrem de súbito as portas, fortificados com escudos e defendendo-se com lanças, e fizeram com que os adversários virassem as costas.

[456] λαόν

Gelimero, que estava na Numídia, reuniu depois todos os Vândalos e todos aqueles dos Mouros que tinha como aliados: e avançou para a guerra. Enviou também cartas para a Sardenha, para Tzatzon, o seu irmão, revelando-lhe as coisas que haviam ocorrido. Este saiu logo da Sardenha para a costa da Líbia com todo o exército[457]: chegou ao terceiro dia e encontrou Gelimero. Eles entrelaçaram-se entre si pelo pescoço, nada dizendo um ao outro, mas choravam com as mãos apertadas: da mesma forma também o exército lamentava a calamidade.

Gelimero, assim, tomou ambos [os exércitos] e começou a avançar para Cartago. Tentava cercá-la, pensando que os que estavam em Cartago lhe entregariam a cidade, assim como os soldados Romanos seguidores da opinião de Ário[458]. Enviou também [uma mensagem] aos líderes dos Hunos, prometendo-lhes dar muitas coisas boas, se eles atacassem os Romanos com ele. Belisário, tendo sabido destas coisas por parte dos desertores, e tendo encontrado um certo Lourenço, que era traidor, em Cartago, empalou-o numa colina à frente da cidade. Após isto, aqueles que preparavam a entrega da cidade caíram num grande medo, ao ponto de os Massagetas confessarem as coisas que lhes haviam sido reveladas por Gelimero.

Belisário, após ter convertido todos a uma amizade para consigo com um discurso convincente e com juramentos, logo ordenou que João, o Armeno, pegasse em todos os cavaleiros, à exceção de quinhentos, e que, saindo contra os Vândalos, os fustigasse com projéteis. Ele, no dia seguinte, juntamente com toda a infantaria e os quinhentos cavaleiros, seguiu-o. Encontrou os Vândalos a acamparem em Tricamaro, pelo que ficaram junto uns aos outros durante a noite. Deu-se então um portento[459] ao exército Romano. Efetivamente, as pontas das lanças brilhavam num grande fogo. Vendo isto, ficaram profundamente espantados.

Prepararam-se ambos [os exércitos] de madrugada e avançaram para a batalha. João, após ter selecionado alguns dos que estavam sob ele, ultrapassou o rio e atacou os Vândalos. Então

[457] λαοῦ
[458] οἷς ἡ τοῦ Ἀρείου δόξα ἤσκητο
[459] τέρας

Tzatzon conseguiu ripostar[460] e perseguiu-o. Os Vândalos fizeram perseguição até chegarem ao rio. Em seguida, João de novo tomou a maior parte dos satélites de Belisário e apressou-se contra Tzaton com um grito e um grande estrondo. O combate torna-se violento: Tzaton, o irmão de Gelimero, cai. Nessa altura todo o exército dos Romanos, após ter passado o rio, avançou sobre os inimigos, fez com que eles virassem costas e [os soldados] perseguiram-nos até ao acampamento. Ao regressarem, espoliaram os mortos, sobretudo aqueles que tinham consigo ouro, e voltaram ao seu próprio acampamento. Nesta batalha morreram cinquenta Romanos e oitocentos Vândalos.

Belisário chegou com a infantaria ao final da tarde: avançou com todo o exército sobre o acampamento dos Vândalos a toda a velocidade com que podia. Gelimero, assim que soube que Belisário estava presente com a infantaria e todo o exército, montou a cavalo sem deixar nada organizado e fugiu desordenamente para a Numídia com alguns dos seus familiares e domésticos, aterrorizado. Quando os Vândalos souberam que ele tinha fugido, na altura em que os inimigos estavam já visíveis, os homens e as mulheres e as crianças[461] começaram a fazer muito barulho e a clamar. Não se preocupavam nem com o dinheiro nem se lamentavam pelos entes queridos, mas cada um fugia por onde podia.

Quando os Romanos chegaram, tomaram o acampamento e, perseguindo durante toda a noite, mataram tantos homens quantos encontraram, fazendo com que as mulheres e as crianças, por seu turno, passassem ao estado de servidão. E encontraram tamanha multidão de dinheiro, quanta nunca calhou de haver numa só região. De facto, eles haviam pilhado o império dos Romanos e transportado muito dinheiro para a Líbia: e, como esta terra é boa e fértil, haviam ainda surgido muitas formas de fazer dinheiro. Os Vândalos apoderaram-se da Líbia durante noventa e cinco anos e, tendo reunido muita riqueza, toda a sua multidão chegou às mãos dos Romanos naquele dia. Pois Belisário, tendo feito guerra em três meses, desde o mês de outubro até ao fim de dezembro, subjugou toda a Líbia.

[460] ὠθισμῷ χρησάμενος
[461] ἄνδρες καὶ αἱ γυναῖκες καὶ τὰ παιδία

Ele então enviou João, o Armeno, com duzentos homens escolhidos, para perseguir Gelimero até que o tomasse vivo ou morto. Ele intercetou-o, e estaria prester a tomar Gelimero, se não tivesse ocorrido esta coisa. Um certo Ulíaris, um dos satélites de Belisário, estava com João. Ele, embriagado com vinho, viu uma ave pousada numa árvore, esticou o arco e atirou contra ela: falhou na ave, mas acertou em João, de costas, na nuca. Este então, abatido por uma ferida mortal, morreu, deixando uma grande tristeza ao imperador Justiniano, a Belisário, a todos os Romanos e aos Cartagineses.

Desta forma Gelimero fugiu naquele dia e avançou para os Mouros. Já Belisário, tendo-o perseguido, cercou-o no monte Pápua, nas partes extremas da Numídia. Enquanto aí acampou[462] durante o inverno, dissiparam-se-lhe todos os bens necessários (pois não havia pão junto dos Mouros, nem vinho ou óleo, mas eles comem vegetais e sementes sem estarem tratados, como animais irracionais).

Gelimero, caído nestas condições, escreve a Faras, que Belisário deixara para o vigiar, para que lhe enviasse uma harpa, um pão e ainda uma esponja. Faras hesitou sobre o significado daquilo, até que aquele que trazia a carta disse que Gelimero desejava poder ver pão, uma vez que não o vira desde que subira [ao monte]; desejava uma esponja por os olhos estarem atormentados sem serem lavados, para que com a esponja os pudesse humedecer; queria ainda uma lira por ser ele um bom citarista, para que pudesse cantar e lamentar, com a cítara, a desgraça presente. Faras, quando ouviu isto, sentiu uma grande dor e lamentou a sorte humana: e fez consoante o que estava nas cartas, enviando a Gelimero as coisas de que precisava.

Com o inverno terminado, Gelimero, temendo o cerco dos Romanos e apiedando-se dos filhos dos seus familiares, que haviam contraído vermes naquelas dificuldades, amoleceu o seu pensamento e escreveu a Faras para que, após dar palavra de honra, ele e os que estavam com ele se apresentassem a Belisário. O outro cumpriu isso com um juramento, pegou em todos e foi para Cartago. Belisário recebeu-o com grande alegria: já Gelimero foi ter

[462] παρακαθίσας: para Mango e Scott, este particípio é relativo a Belisário, que cerca a montanha durante o inverno. Supõe-se uma interrupção no texto manuscrito para o ligarem à passagem seguinte.

com Belisário enquanto se ria. Alguns suspeitavam que ele, que havia sobrevivido com uma dor excessiva, para além da natureza humana, enlouquecera; os amigos dele, por outro lado, pensavam que ele, um homem perspicaz, conjeturava como ele, que era rei[463], de descendência régia[464], que tinha um poder firme e muito dinheiro, de repente estava em fuga […], suportara graves sofrimentos em Pápua e agora havia chegado ao estado de cativo de guerra, e que sabia que as coisas humanas não eram dignas de algo que não fosse muito riso. Belisário, por seu turno, não o guardava, com o conjunto de todos os governantes dos Vândalos, em desonra, para que o levasse ao imperador Justiniano, em Bizâncio.

Belisário enviou logo Cirilo, com a cabeça de Tzaton, para a ilha da Sardenha, que dantes se chamava Cirnos, e submeteu-a aos Romanos. Enviou um outro João para a Cesareia, na Mauritânia, que dista de Cartago trinta dias de caminho, e que jaz perto de Cádis e do pôr do sol; e enviou ainda um outro João, um dos satélites, para perto do estreito de Cádis e da segunda coluna de Hercúles, para tomar a fortaleza que aí estava, chamada Septo. Enviou Apolinário, um homem bom nos assuntos bélicos, para as ilhas que estão perto da entrada do Oceano, Maiorca e Minorca. Enviou ainda para a Sicília alguns dos Líbios e ordenou-lhes que tomassem uma fortaleza dos Vândalos. Os Godos que a guardavam revelaram isto à mãe de Atalarico. Ela então escreveu a Belisário para não a tomar de uma forma tirânica, até que o imperador Justiniano soubesse e fizesse o que lhe parecesse melhor. Com estas coisas a guerra Vandálica termina.

A inveja, porém, que adora aparecer nos momentos de boa fortuna, angustiou também a Belisário. Pois algumas pessoas acusaram-no junto ao imperador, como se estivesse a preparar uma tirania. O imperador, então, enviou Salomão para testar a posição de Belisário, a ver se ele iria a Bizâncio com Gelimero e os Vândalos, ou se os remeteria para lá enquanto que o próprio se manteria [em África]. Não lhe escapavam, no entanto, quais eram governantes que o acusavam de tirania[465].

[463] βασιλέα
[464] βασιλικοῦ γένους
[465] *Cf*. MANGO & SCOTT 1997 309, n. 60, em torno da apropriação, por parte de Teófanes, da sua fonte.

Belisário veio a Bizâncio, tendo deixado Salomão como general da Líbia. Quando Belisário chegou a Bizâncio com Gelimero e os Vândalos, foi premiado com enormes honras, daquelas com que os generais dos Romanos, nos tempos passados, eram agraciados nas grandes vitórias. Haviam transcorrido seiscentos anos[466] desde que alguém havia chegado a tamanha honra, com a exceção de Tito, de Trajano e de outros imperadores que haviam militado e vencido contra a etnia bárbara.

[Belisário] pompeava pelo meio da cidade enquanto expunha os despojos de guerra, assim como os cativos de guerra, naquilo que os Romanos chamam Triunfo, não de acordo com a forma antiga, mas caminhando a pé de sua casa até ao Hipódromo. Os despojos eram tão majestosos quanto se tomou por costume atribuir ao grau de imperador: tronos dourados, carroças onde as mulheres dos imperadores são transportadas, uma grande multidão de pedras preciosas, cálices dourados e as outras coisas que são necessárias para a refeição do imperador. Havia também prata que se estendia por muitas miríades de talentos, assim como tesouros imperiais de todo o tipo, coisas que Gizerico havia tomado ao pilhar o palácio em Roma. Entre estes também se encontravam os tesouros dos Judeus, que Tito, filho de Vespasiano, havia trazido para Roma após a destruição de Jerusalém.

O próprio Gelimero estava entre os cativos do triunfo, revestido por uma certa veste purpúrea em torno dos ombros. Estavam também todos os seus familiares e ainda quantos dos Vândalos eram mais altos e belos de corpo. Assim que Gelimero entrou no Hipódromo, viu o imperador sentado no estrado e o povo de pé em cada um dos lados, sendo que não parava de falar enquanto gritava: "Vaidade das vaidades! Tudo é vaidade!"[467]. Tendo-lhe sida retirada a púrpura, assim que chegou junto ao estrado do imperador, forçaram-no a cair com a cabeça para baixo e a honrar[468] o imperador.

O imperador e a Augusta deram bastante dinheiro aos filhos de Ilderico, a todos os netos e ainda aos familiares do imperador

[466] παρῳχηκότων
[467] Ecl. 1, 2.
[468] προσκυνῆσαι

Valentiniano, e concederam a Gelimero grandes e agradáveis terras na Galâcia, para aí habitar com todos os seus familiares. Todavia, não o elevou à condição de patrício, visto que ele não aceitou converter-se[469] da fé Ariana. Já Belisário, após o triunfo, foi cônsul, e o povo de Bizâncio usufruiu de todo o tipo de dinheiro por parte da vitória dele, tal como nunca antes.

Estando Salomão governar a Líbia, os Mouros moveram guerra conta os Líbios. Os Mouros provêm da etnia que Josué, o filho de Navé[470], expulsou da terra dos Fenícios, que eles habitavam, de Sídon até ao Egito. Estes, uma vez que, ao chegarem ao Egito, não foram por eles[471] bem aceites, tomaram a Líbia e habitaram-na. (Num período posterior os imperadores dos Romanos, após terem dominado a região, chamaram-lhe de Tigisis). Eles ergueram duas colunas sobre a grande fonte de pedras brancas, que tinham gravadas letras Fenícias que diziam: "Nós somos os que fogem da face de Josué, o bandido[472], filho de Navé". Dantes havia outras etnias autóctones da Líbia, que tinham um imperador, Anteu[473]. Este lutou em Clípea com Hércules, e aqueles que fundaram Cartago diziam ser Filho da Terra. Foram eles que fundaram Cartago.

Salomão então tomou os exércitos de Cartago e começou a avançar contra os Mouros. Quando chegou a Bizácio, na região de Rama, onde os Mouros haviam acampado fazendo um círculo com os camelos e colocando dentro do círculo as mulheres e as crianças, os Mouros avançaram contra ele. Ele desmontou do cavalo e, conduzindo quinhentos homens seletos, ordenou-lhes que caíssem sobre uma parte do círculo e que matassem os camelos. Após ter matado cerca de duzentos com o ataque, abalou para o centro do círculo, onde as mulheres estavam sentadas. Foi quando os bárbaros, terrificados, fugiram para a montanha em total desordem. Miríades de Mouros foram mortas nesse dia. Já todas as mulheres, juntamente com as crianças, passaram para a condição de escravas de guerra. E depois de terem tomado todos, em conjunto com os

[469] μεταστῆναι
[470] Ναυῆ: o mesmo que Num.
[471] *sc.* pelos Egípcios
[472] τοῦ λῃστοῦ
[473] Ἀνταῖον: nome utilizado em Procópio. Mas o nome original no manuscrito grego, tal como em Anastácio Bibliotecário, é Asclépio (Ἀσκληπέα).

camelos e toda a pilhagem, foram para Cartago e aí entraram, fazendo uma festa.

Os bárbaros, porém, reuniram-se todos de novo com as mulheres e as crianças, não deixando ninguém para trás. Lutaram contra os Romanos e começaram a pilhar as terras de Bizácio. Salomão, então, convocou com rapidez todo o exército e parte contra eles. Quando apareceu em Burgário, onde os inimigos tinham acampado, dispõe o exército como se estivesse pronto para a batalha. Os Mouros, por seu turno, permaneceram mais algum tempo na montanha dos Búrgaros, não querendo descer para a planície.

Salomão, então, enviou Teodoro, durante a noite, com mil soldados de infantaria e um porta-estandartes, para que subissem à montanha por detrás deles e para que, com o nascer do sol […] subissem os estandartes e atacassem os inimigos. De forma semelhante, também ele subiu de madrugada: e eles avançaram em conjunto sobre o inimigo. Os bárbaros, ao verem que estavam no meio dos Romanos, arremessaram-se para a fuga: atiraram-se a si próprios dos penedos e morreram. Na batallha pereceram cinco miríades de Mouros, e dos Romanos nem um sequer. Nem houve quem ficasse com uma ferida, mas todos obtiveram a vitória sãos e salvos. A maioria dos governantes deles entregaram-se aos Romanos.

Os Romanos adquiriram uma quantidade de mulheres e crianças de tal maneira grande, que uma criança Moura era dada a quem a quisesse comprar pelo preço de uma ovelha. Foi nessa altura que se concretizou um antigo dito de uma mulher profetisa, segundo o qual a população deles seria destruída por um homem imberbe. Pois Salomão era eunuco desde criança, contra a sua vontade: tinha perdido os genitais graças a uma doença. Ele, em seguida, tomou toda a pilhagem e regressou a Cartago.

Por esta mesma altura ocorreu um portento[474] no céu. Efetivamente, o sol, privado dos seus raios, emitiu luz como a Lua durante todo o ano. Na maior parte do tempo parecia que se eclipsava, mas sem brilhar de uma forma clara, como de costume.

[474] τέρας

Foi no décimo ano do reinado de Justiniano. Neste ano, nem guerra nem morte pararam de se impor aos homens.

Com a chegada da primavera, Belisário foi enviado por Justiniano para fazer com que a Sicília fosse tributária dos Romanos. Passou o inverno na Sicília e, quando chegaram as Celebrações da Páscoa, os Romanos que estavam na Líbia revoltaram-se contra Salomão, da seguinte maneira. Após terem tomado as mulheres dos Vândalos mortos, apoderaram-se dos seus campos como se fossem deles próprios, nem queriam pagar ao imperador os impostos que lhes competiam. Salomão, então, começou a exortá-los para não se insurgirem contra o imperador, mas para que lhe devolvessem aquilo que estava estabelecido.

Alguns deles, sobretudo os Godos, resvalaram para a opinião de Ário[475]. Os sacerdotes afastaram-nos das igrejas e nem queriam que as crianças deles fossem batizadas: daí que a revolta tenha ocorrido durante a Celebração. Os soldados deliberaram matar Salomão na igreja. Tendo saído da cidade, pilharam as suas terras, tratando os Líbios como se fossem inimigos. Salomão então, ao ouvir estas coisas, caiu numa grande perturbação, enquanto tentava convencer os soldados com um discurso convincente, para que parassem a revolta. Mas eles reuniram-se e começaram a insultar desavergonhadamente Salomão e os governantes. Foram para o palácio e elegeram Teodoro Capadócio como seu general. Depois pegaram em armas e mataram todos aqueles que encontraram, fosse Líbio ou Romano, que fosse conhecido de Salomão; roubaram dinheiro e, ao entrarem nas casas, arrebataram todas as coisas de valor.

Salomão, por seu turno, refugiou-se no templo do palácio, escondendo-se. Com a chegada da noite, saiu do palácio juntamente com Procópio, o escritor, e Martinho: entraram num navio e chegaram a Belisário, em Siracusa, na Sicília, após [Salomão] ter escrito a Teodoro para que se preocupasse com Cartago e os assuntos imperiais. Os soldados reuniram-se na planície de Bule, elegeram como tirano Estotzas[476], o guarda-costas de Martinho, um

[475] πρὸς τὴν Ἀρείου δόξαν

[476] Στότζαν: o mesmo que Estútias.

homem perturbado e enérgico, com a condição de que[477] expulsassem os governantes do imperador e se apoderassem da Líbia.

Estotzas, assim, foi para perto de Cartago e enviou [cartas] a ordenar a Teodoro que entregasse rapidamente a cidade, por forma a que eles ficassem afastados de males. Os Cartagineses e Teodoro, porém, concordavam em guardar Cartago para o imperador. Estotzas, ao ouvir isto, estabeleceu-se a cercar a cidade.

Já Belisário escolheu cem homens dos seus satélites e escudeiros […] que Salomão conduziu num só navio e navegou para Cartago pela altura em que se acendem as lucernas[478]. Depois, ao amanhecer, quando o tirano e os soldados souberam que Belisário havia chegado, puseram-se em fuga de forma torpe e sem qualquer tipo de ordem. Belisário pegou à volta de dois mil dos seus soldados e fez uma perseguição aos fugitivos. Apanhou-os na cidade de Membresa. Ao ver que eles tinham abandonado a disciplina e andavam por ali sem ordem, começou a avançar sobre eles. Eles então puseram-se em fuga para a Numídia e, tendo lá chegado, reagruparam-se. Morreram poucos nesta batalha, sendo que a maioria eram Vândalos. Belisário poupou os Romanos, mas pilhou o acampamento deles e encontrou muito dinheiro e mulheres, por causa das quais a guerra havia começado. Após ter realizado estas coisas, Belisário partiu para Cartago.

Veio então alguém da Sicília que lhe anunciou que se dera uma revolta no acampamento, que estava para perturbar o estado das coisas, caso ele não regressasse com celeridade. Ele dispôs as coisas da Líbia como pôde, entregando Cartago a Ildígero e a Teodoro, e foi para a Sicília. Justiniano, ao ouvir isto, enviou Germano, o seu sobrinho, um patrício, para a Líbia com alguns poucos, assim como com Domnico e Símaco, homens sábios.

Chegado a Cartago, Germano começou a contar os soldados e, após ter consultado os livros dos tabulários, nos quais se inscreviam os nomes dos soldados, descobriu que a terça parte do exército, em Cartago e nas outras cidades, estava pelo imperador; sendo que todos os restantes se alistaram a favor do tirano. Por causa disso,

[477] ἐφ᾽ᾧ

[478] περὶ λύχνων ἀφάς: *i.d.*, ao final do dia.

não partiu para a batalha, passando antes a preparar o exército. Proclamava que havia sido enviado pelo imperador para socorrer os soldados injustiçados e para castigar, por outro lado, os que haviam cometido injustiças contra eles. Os soldados, ao ouvirem estas palavras, aos poucos iam aproximando-se dele. Germano recebeu-os com grande amizade e, após lhes ter dado palavra de honra, teve-os em consideração e forneceu-lhes os honorários.

Após a fama destas coisas circular e chegar a todos, [os soldados] afastaram-se do tirano e foram para Cartago. Estotzas, tendo-se apercebido logo do perigo, animou os que haviam permanecido e abalou para Cartago. Então Germano pôs o exército em posição de combate e começa a avançar contra ele. O exército que estava com ele convencia o general que queria bem ao imperador, ao revelar um grande desejo [de combater]. Já os que estavam com Estotzas, ao verem-nos, foram tomados pela cobardia e regressaram para a Numídia. Germano chegou, não muito depois, com todo o exército, intercetou-os e descobriu que muitas miríades de bárbaros Mouros se haviam misturado com eles. Jaudas e Ortaias governavam-nos.

Juntaram-se em batalha e gerou-se uma luta acérrima, sendo que um dos inimigos matou o cavalo de Germano. Caído no chão, Germano correria perigo, se os guarda-costas, ao acudi-lo, não tivessem trazido rapidamente um cavalo e nele o tivessem montado. Os soldados [inimigos] viram assim as costas, e Estotzas, nesta confusão, conseguiu fugir com alguns. Já Germano, tendo animado os que estavam com ele, avançou logo sobre o acampamento dos inimigos e tomou-o em combate. Os soldados, uma vez lá dentro, arrebataram o dinheiro sem qualquer ordem e não cumpriram a ordem do general. Então Germano, temendo que os inimigos, apercebendo-se disso, viessem contra ele, permaneceu de lança em riste a lamentar-se e a chamá-los para a boa ordem.

Os Mouros, assim, ao verem a oportunidade, avançaram contra os que estavam em rebeldia e perseguiram-nos, assim como ao exército do imperador[479]. Estotzas, que tinha neles a sua força,

[479] ὥρμησαν καὶ τούτους ἐδίωκον σὺν τῷ τοῦ βασιλέως στρατῷ. Não fica claro, do ponto de vista gramatical, se os Mouros perseguiam os soldados rebeldes e os soldados leais, ou se perseguiam os soldados rebeldes na companhia dos soldados imperiais.

viu o que estava a ser feito por eles, verteu-se em fuga com cem homens e avançou para a parte interior da Mauritânia. E com estas coisas a revolta terminou.

Em seguida, o imperador convocou Germano para Bizâncio, juntamente com Domnico e Símaco, e entregou de novo os assuntos da Líbia a Salomão (este era o décimo terceiro ano do reinado de Justiniano). Entregou-lhe outros governantes, para além de Rufino, Leôncio e João, o filho de Sisínio. Salomão, após ter atracado em Cartago, começou a governar o povo[480] de forma equilibrada e a proteger a Líbia de forma firme, colocando também o exército em ordem. Se encontrasse alguém que lhe fosse suspeito, enviava-o para Bizâncio.

Belisário, por seu turno, após recuperar Sicília e Roma, que fora possuída por Vítio, assim como as cidades em redor, remeteu Vítio para Bizâncio, para Justiniano, com a mulher e os seus filhos. E o imperador enviou para Roma Narses, o cubiculário, com um exército, a fim de dominar os assuntos de lá. Salomão, por sua vez, visto que administrara corretamente as coisas em Cartago e na Líbia, militou contra os Mouros. Em primeiro lugar, enviou Gontarico, o seu satélite, um homem bom nos assuntos da guerra, com um exército. Este, quando chegou ao rio Bigas[481], acampou em Baugaís, uma cidade deserta. Ocorreu aí uma batalha: ele foi derrotado e recuou para a paliçada, oprimido pelo bloqueio dos Mouros.

Salomão, que estava próximo e foi informado destas coisas, partiu com celeridade. Os bárbaros, temendo, recuaram e acamparam no sopé do monte Aurásio. Então Salomão, após se ter juntado com eles em batalha, fez com que fugissem. Os Mouros fugiram pelo terreno acidentado do monte e foram ter à Mauritânia. Salomão pilhou as planícies de Mugade, incendiou toda a terra deles, transportou muito alimento e voltou para a fortaleza de Zerbule. Fora para aí que Jaudas havia fugido com duas miríades de Mouros. Jaudas, assim, abandonou a fortaleza e subiu para o pico do monte Aurásio, onde tomou fôlego[482]. Salomão assediou a

[480] τὸν λαόν
[481] εἰς Βίγαν: o mesmo que Abigas.
[482] ἡσύχαζεν

fortaleza de Zerbule durante três dias, pilhou todas as coisas dentro dela, estabeleceu lá guarnições e depois passou adiante.

Em seguida deliberou sobre como poderia aparecer no topo da montanha, que era um grande precipício, repleto de muitas dificuldades. Deus, todavia, criou um caminho nesta falta de caminho[483], da seguinte maneira. Um dos soldados de infantaria, que era um *optio*, chamado Genzon, seja porque ganhou coragem, seja porque algo de divino[484] o impeliu, subiu sozinho para os inimigos. Acompanhavam-no atrás dele alguns soldados, que estavam em grande assombro[485] com o sucedido; então três dos Mouros que estavam destacados para proteger a entrada, assim que viram o homem, começaram a ir de encontro a ele em ataque, pensando que ele subia contra eles. O outro, porém, matou um deles, que iam chegando em separado graças à estreiteza do lugar, e da mesma forma matou o segundo e o terceiro.

Os que iam atrás, ao verem isto, passaram a avançar contra os inimigos com muito barulho e tumulto. Assim que o exército dos Romanos ouviu e viu o acontecido, não esperaram pelo general nem pelas trombetas, nem preservaram a ordem, mas faziam uso de um grande berro e chamavam uns pelos outros enquanto corriam para o acampamento dos inimigos. Nesta altura, Rufino e também Leôncio manifestaram obras dignas de virtude contra os inimigos. Logo os bárbaros fugiram por onde cada um pôde. Já Jaudas, ferido por um dardo na coxa, fugiu e recuou para a Mauritânia.

Os Romanos pilharam o acampamento dos inimigos e não mais abandonaram o monte Aurásio mas, após lá terem construído fortalezas, protegem-no[486]. Havia uma certa pedra bastante precipitosa, na qual os Mouros haviam construído uma torre e feito dela, forte e inexpugnável, um firme refúgio. Foi aí que Jaudas calhou de colocar o seu dinheiro e as mulheres, após ter estabelecido um ancião como guardião do dinheiro. Efetivamente, não suspeitava que os inimigos conseguissem chegar a essa torre, nem que a pudessem destruir à força. Os Romanos, todavia, enquanto

[483] ὁ δὲ θεὸς πόρον ἐν τῇ ἀπορίᾳ οὕτως: trata-se de um trocadilho entre a palavra caminho (πόρος) e a palavra dificuldade (ἀπορία), que procuramos preservar na tradução.
[484] τι θεῖον
[485] ἐν θαύματι μεγάλῳ ποιούμενοι
[486] φυλάττουσιν: o Tempo Presente é do original grego

perscrutavam as estreitezas do Aurásio, lá chegaram. Um deles tentou, por brincadeira, subir para a torre. As mulheres, por seu turno, riam-se dele, juntamente com o ancião. O Romano, no entanto, após ter escalado com pés e mãos, ficou perto [da torre], desembainhou o gládio, saltou para dentro e, calhando de ficar perto da nuca do ancião, cortou-lhe a cabeça. Então os soldados, animados, apoiaram-se uns aos outros, subiram para a torre e, após terem tomado as mulheres e o dinheiro, que era muito, conduziram-nos para Salomão.

Salomão, por sua vez, colocou muralhas em torno das cidades da Líbia e, depois de os Mouros se terem retirado, vencidos, da Numídia, fez com que a região do Zabe, a Mauritânia e a metrópole Ítifis fossem tributárias dos Romanos. De facto, a primeira metrópole da Segunda Mauritânia é Cesareia. Foi esta que Belisário subjugou primeiro. Deste modo, todos os Líbios ficaram súbditos dos Romanos: e houve segurança. Após terem celebrado quatro anos desta paz, no décimo sétimo ano de Justiniano, Ciro e Sérgio, os filhos de Baco, irmão de Salomão, foram enviados por Justiniano para governarem a Líbia: Ciro a Pentapólis; Sérgio, por seu turno, a Trípoli.

Os Mouros enviaram a Sérgio os seus anciãos, para a cidade de Leptis Magna, a fim lhe darem presentes e firmarem a paz. Sérgio então, persuadido por Pudêncio, um homem Tripolitano, recebeu na cidade oitenta dos mais respeitáveis dos bárbaros, prometeu cumprir todas as coisas pedidas e confirmou com juramentos a paz: conduziu os restantes para fora, num subúrbio. Depois chamou-os para uma refeição e matou-os a todos. Um deles, porém, saiu clandestinamente e anunciou aos seus conterrâneos as coisas sucedidas. Eles, ao ouvirem isto, foram rapidamente para o seu acampamento e com todos os outros levantaram-se contra os Romanos.

Já Sérgio, juntamente com Pudêncio, foi ao encontro deles e, no decorrer da batalha, Pudêncio morre, após ter perdido muitos [soldados]. Sérgio, caído num imenso medo, navegou para junto de Salomão, o tio dele, em Cartago. Os Mouros, então, abandonaram toda a Trípoli. Os bárbaros pilharam todas as terras que aí estavam, escravizaram uma multidão de Romanos e começaram a dirigir-se

para a Pentápolis. Ciro, quando o soube, fugiu, navegando para Cartago. Foi quando os bárbaros, uma vez que não havia ninguém que se lhes opusesse, tomaram a cidade de Verónica e moveram armas contra Cartago. Tendo chegado a Bizácio, destruíram, com o seu ataque, a maior parte das terras dos que aí estavam.

Antalas, por seu turno, que tinha uma inimizade para com Salomão, por ele ter matado o seu irmão, junta-se aos bárbaros e conduziu-os contra Cartago e Salomão. Salomão, assim que ouviu estas coisas, tomou o exército e atacou-os. Quando chegou à cidade de Beste, que dista seis dias de caminho de Cartago, estavam com ele Ciro, Sérgio e Salomão o Novo, os filhos de Baco. Ao ver a multidão dos bárbaros, teve medo e enviou [cartas] aos seus governantes, censurando-os por terem movido armas contra eles quando eles haviam sido incluídos num tratado com os Romanos, e julgando digno firmar a paz e certificá-lo por juramentos. Mas os bárbaros fizeram pouco do que era dito e disseram: "Depois de Sérgio ter jurado sobre os Evangelhos e ter defendido corretamente os juramentos ao matar os oitenta [anciãos], como é que agora acreditaremos nas vossas promessas?".

Ocorreu, pois, uma batalha, e os Romanos voltam-se em fuga. Salomão é morto após o seu cavalo ter tombado, assim como os seus satélites: já Sérgio, seu sobrinho, foi nomeado pelo imperador para o governo da Líbia. Então João, filho de Sisiníolo, assim como os restantes governantes, ganharam um grande ódio contra Sérgio, ao ponto de ele nem querer pegar em armas contra os inimigos. E os bárbaros tudo pilhavam com facilidade. Antalas, assim, escreveu ao imperador Justiniano, dizendo: "Todos os Mouros escolhem a tua amizade e ser teus súbditos mas, não aguentando o ataque agressivo de Salomão e dos sobrinhos dele, levantaram-se em rebeldia: convoca estes, e vai firmar-se a paz entre os Romanos e os Mouros". O imperador, porém, não aceitou fazer isto.

Em seguida, Antalas e o exército dos Mouros reuniram-se de novo em Bizácio, e com eles estava Estotzas, que tinha alguns soldados e Vândalos. Os Líbios, por seu turno, pediam a João Sisiníolo que convocasse o exército e avançasse contra os inimigos

juntamente com Himério, o instrutor dos recrutas[487] em Bizácio. Ele pegou no exército e foi contra os inimigos, tendo ordenado a Himério que avançasse de antemão. Deu-se um recontro: os Romanos são derrotados. Os bárbaros capturam Himério vivo, em conjunto com o seu exército: colocam-no numa prisão e entregaram os soldados, que concordavam em lutar contra os Romanos, a Estotzas. Capturam então a cidade de Adrumeto[488], com um dolo, através de Himério. Alguns dos Líbios fugiram para a Sicília, enquanto que outros fugiram para outras ilhas e para Bizâncio.

Os Mouros[489] e Estotzas pilhavam toda a Líbia em grande liberdade. Por seu turno, os Líbios que entraram em Bizâncio imploraram ao imperador que enviasse para a Líbia um exército e o melhor general. O imperador [enviou] Areobindo com alguns soldados, um homem nobre e prudente, mas de modo algum experiente nos trabalhos militares. Com ele também enviou Atanásio e alguns Armenos, os quais eram liderados por Artabanes e João, os Arsácidas. Nem sequer convocou Sérgio, mas ordenou que ele fosse um dos generais da Líbia, juntamente com Areobindo e, por outro lado, que Sérgio administrasse a guerra contra os bárbaros da Numídia e que Areobindo lutasse contra os Mouros em Bizácio.

Areobindo, após ter chegado à Líbia e recolhido metade do exército, enviou João, o filho de Constancíolo, contra Estotzas e os bárbaros. João, ao ver a multidão dos inimigos, foi coagido a juntar-se a eles em batalha. Ele tinha uma grande inimizade para com Estotzas, ao ponto de cada um fazer votos para ser o assassino do outro e depois morrer. Ocorrendo a batalha, cada um se afastou dos seus acampamentos e foram ter um com o outro. Então João estendeu o arco e atingiu a virilha direita de Estotzas, que morreu passados alguns dias.

Os bárbaros, assim, avançaram contra os inimigos em grande ímpeto, sendo eles uma infindável multidão, e mataram João e todos os Romanos. Refere-se que o outro disse: "morro uma doce morte, uma vez que foi concretizada a minha prece em relação a Estotzas".

[487] καταλόγων
[488] Ἀδράμυτον: o mesmo que Adramito.
[489] Μαυρούσιοι: à letra, os Maurúsios.

E Estotzas, ao saber da morte de João, morreu em alegria. Morreu também João o Armeno. O imperador, ao saber destas coisas, ficou profundamente entristecido e convocou Sérgio após o ter desvinculado do poder: outorgou somente a Areobindo o poder da Líbia.

Passados dois meses, um certo Gontarico, prefeito dos recrutas[490] na Numídia, preparou um dolo contra Areobindo e revelou clandestinamente aos Mouros como poderiam avançar sobre Cartago. De imediato um exército de inimigos da Numídia e de Bizácio, conglomerados num só, começou a avançar apressadamente sobre Cartago. Cutzinas e Jaudas chefiavam os Númidas; Antalas liderava os Bizacenos. Juntou-se a eles também o tirano João, na vez de Estotzas, com os soldados. Areobindo, ao saber destas coisas, confiou em Gontarico como em um amigo: entregou-lhe o exército e enviou-o contra os inimigos juntamente com Artabanes e os Armenos.

Gontarico, então, enviou o seu próprio cozinheiro, que era Mouro, para os bárbaros, a Antalas, para lhe dizer que Gontarico queria partilhar com ele o poder da Líbia. Antalas, por um lado, ouviu a mensagem com agrado, mas respondeu, por outro, que tais coisas não se administravam corretamente através de um cozinheiro. Ao ouvir isto, Gontarico enviou a Antalas, Uliteu, o seu guarda-costas, como prova de fé, e pediu-lhe que se aproximasse de Cartago, por forma a que ele destruísse Areobindo. Uliteu, deste modo, encontrou-se com Antalas num local escondido: e combinaram que Antalas, por um lado, governaria Bizáquio e que tomaria metade do dinheiro de Areobindo, assim como mil e quinhentos soldados Romanos consigo, ao passo que Gontarico receberia o título de imperador[491] e o poder de Cartago. Após ter concluído isto, Uliteu regressou para junto de Gontarico.

Os bárbaros estavam a ir para Cartago em grande celeridade. Quando chegaram a Décimo aí montaram acampamento e, no dia seguinte, passaram a avançar sobre Cartago. Alguns soldados do exército dos Romanos, porém, foram de encontro a eles de forma inesperada e com eles entraram em combate: mataram muitos dos

[490] καταλόγων
[491] τὸ βασιλέως ἀξίωμα

Mouros. Gontarico repreendeu-os e fez pouco deles, como se eles tivessem sido ousados e feito perigar os assuntos dos Romanos.

Areobindo, por sua vez, enviou [um mensageiro] a Cutzinas: e pedia-lhe para que traísse os Mouros. Ele concordou em fazer isso. A raça dos Mouros, de facto, é infiel, seja para com os seus, seja para com todos. Areobindo confidenciou estas coisas a Gontarico. Ele, no entanto, começou a exortar Areobindo para que não confiasse em Cutzinas; enviou Uliteu a Antalas e revelou-lhe estas coisas. Gontarico cogitava em matar, às escondidas, Areobindo: convence-o a sair de Cartago e aparecer em batalha.

Areobindo, que não era experiente nos assuntos de guerra, adiou fazer isso, visto não ser capaz de se armar: e assim o tempo prorrogou-se até ao dia seguinte. Assim, tendo passado para o dia seguinte a linha de batalha, descansou[492]. Gontarico, tendo suspeitado que ele havia feito o adiamento de propósito, por se aperceber das coisas que estavam a ser realizadas, revoltou-se de forma aberta contra ele.

Areobindo, então, abandou rapidamente Cartago e deu-se à fuga: entrou num navio e estaria prestes a navegar para Bizâncio, se não o impedisse uma tempestade que entretanto se havia gerado. Por isso enviou Atanásio a Cartago e convocou algumas pessoas, entre as quais Artabanes. Este aconselhou vivamente Areobindo para que não se retirasse, que não se acobardasse nem temesse Gontarico, mas que fosse contra ele juntamente com todos os que o seguiam, antes que acontecesse mais algum mal. Gontarico, por seu turno, difamava Areobindo por entre os soldados, como não sendo ele um homem, mas um cobarde que não lhes quisesse dar salário.

Areobindo, juntamente com Artabanes e os seus seguidores, partiu contra Gontarico. E deu-se uma batalha, tanto nas ameias como nos portões. A maior parte dos soldados não sabia das coisas que haviam sido preparadas por Gontarico, sendo que eles se congregavam para lutarem contra ele. Areobindo, porém, ao ver pessoas a serem mortas, e uma vez que ele era estranho a esse tipo de visão, não suportou a sua cobardia e fugiu para o mosteiro que estava junto ao mar. Salomão havia-o construído e nele colocado muralhas como numa fortaleza segura. Aí se refugiou com a mulher

[492] ἡσύχασεν

e a irmã. Também Artabanes se deu à fuga. Gontarico, assim, tendo vencido pela força, tomou o palácio.

Convocou depois o arcebispo da cidade, assim como Atanásio, e ordenou que se desse imunidade a Areobindo e que o conduzissem ao palácio. Ameaçou que o cercaria se ele recusasse e que não mais lhe daria garantias de salvaguarda. O outro tomou as garantias por parte do bispo Remarato, veio à vista de Gontarico, caiu com a cabeça virada para o chão e jazeu como suplicante enquanto lhe estendia os Evangelhos, sobre os quais o sacerdote lhe havia dado a imunidade. Gontarico, então, levantou-o, tendo-lhe jurado perante toda a gente que não lhe faria nenhum mal, mas que no dia seguinte ele seria enviado com a mulher e as suas posses para Bizâncio. Após ter despachado o sacerdote, tomou Areobindo e Atanásio para que jantassem consigo no palácio. Honrou Areobindo, reclinou-o no primeiro assento e ordenou que ele, após jantar, se deitasse num quarto especial. Depois enviou Uliteu em conjunto com algumas outras pessoas e matou-o enquanto ele se lamentava e dava grandes gritos. Poupou, todavia, a Atanásio por causa da sua idade.

No dia seguinte, enviou a cabeça dele a Antalas, mas reteve o dinheiro nem lho deu, como de acordo com o pacto. Já Antalas, ao saber das coisas realizadas contra Areobindo e ao considerar os perjúrios de Gontarico, deu em querer passar para o lado do imperador Justiniano. Quanto a Artabanes, ele tomou as garantias de Gontarico, subiu para o palácio com os Armenos e confessou ser um súbdito do tirano, ainda que o quisesse matar clandestinamente.

Confessou o seu plano ao sobrinho Gregório e ao guarda-costas Artasério. Grégorio disse-lhe: "Agora somente tu, Artabanes, te podes cingir com a honra[493] de Belisário. Ele, de facto, tomou um exército e muito dinheiro do imperador, assim como governantes que o seguiam, e ainda uma frota, tal qual ninguém alguma vez ouvira, e com muito labor firmou a Líbia como tributária dos Romanos. Agora, visto que a Líbia se rebelou de novo para a sua condição anterior, somente em ti jaz a possibilidade de a jungires ao imperador e salvaguardares os assuntos. Considera a tua estirpe, pois és, por descendência, um Arsácida e, na qualidade de nobre, é

[493] καλλός

sempre conveniente que ajas de forma valente e passes por muitos trabalhos em nome da virtude. Pensa como, quando eras novo, mataste em batalha Acácio, o governante dos Armenos, assim como Tzitas, o general dos Romanos, e como lutaste com Cósroes, o imperador dos Persas. Sendo tu tamanha pessoa, não permitas que o poder dos Romanos seja dominado por um cão embriagado. Eu e Artasério estaremos ao teu serviço, enquanto estiveres no comando, em todas as coisas que pudermos".

Gontarico ordenou que Artabanes comandasse o exército e que avançasse sobre Antalas e os Mouros que estavam em Bizácio. Estava com ele também João, o líder dos revoltosos, assim como o guarda-costas Uliteu: seguiam-se-lhe os Mouros, comandados por Cutzinas. Tendo ido de encontro a Antalas e aos bárbaros, puseram-nos em fuga. Então Artabanes fez-se de fraco, mudou repentinamente o seu contingente[494] de posição e abalou para o acampamento. Uliteu, por seu turno, conjeturava matá-lo no acampamento.

Artabanes dizia temer que os bárbaros, vindos da cidade de Adramito, ajudassem os adversários e lhes[495] fizessem coisas fatais; que Gontarico deveria vir com todo o exército e que assim a todos tomaria. Ao ir para Cartago anunciou estas coisas ao tirano. O tirano, após ter consultado Pasífilo, decidiu pôr em armas todo o exército e lutar com ele, deixando na cidade somente os guardas. Gontarico, por suspeição, matava todos os dias muitos homens.

Saiu, pois, de Cartago para um subúrbio, no qual havia três triclínios antigos. Deitou-se neles com Artabanes, Atanásio e Pedro, o satélite de Salomão. Artabanes julgava que esse era o tempo ideal para o assassinato do tirano: confidenciou o assunto a Gregório, a Artasério e ainda a três satélites de confiança. Ordenou que os satélites ficassem dentro com os gládios. Efetivamente, era hábito que os satélites estivessem de pé atrás dos governantes enquanto estes se reclinavam. Ordenou que levassem a cabo o assunto de repente, quando lhes indicasse a altura ideal através de um sinal. Deu ordens para que Artasério fosse o primeiro a lançar mãos à

[494] βάνδος

[495] Εἰς ἡμᾶς: à letra deveria traduzir-se "para nós". Trata-se da inclusão de uma frase em discurso direto numa frase em discurso indireto.

obra, depois passou a instruir Gregório para que escolhesse muitos Armenos, dos mais audazes, para o palácio, armados somente de gládios, e para que nada lhes dissesse acerca do objetivo.

Enquanto estava a decorrer o período das bebidas, e estando Gontarico ensopado com vinho, Artasério sacou do gládio e começou a avançar contra o tirano. Um dos criados, ao ver o gládio nu, gritou e disse: "Que é isso, ó nobre?" Então Gontarico virou a cara e viu-o. Artasério caiu sobre ele com a espada e cortou-lhe a mão direita. Artabanes depois sacou de um punhal e fixou-o, até ao cabo, nas costelas do tirano, que se tinha levantado: e assim matou-o de uma forma repentina.

Artabanes, em seguida, ordenou a Atanásio que tratasse do dinheiro que estava no palácio, como o fizera no tempo de Areobindo. Assim que os guardas souberam da morte de Gontarico, proclamaram Justiniano como glorioso imperador. A partir daí, os partidários do imperador apressaram-se para as casas dos revoltosos e mataram-nos. Já João, juntamente com os Vândalos, refugiou-se na igreja. Artabanes retirou-os de lá, após ter-lhes dado garantias, e enviou-os para Bizâncio. O assassínio do tirano ocorreu trinta e seis dias após a sua revolta, sendo que Justiniano governava o seu décimo nono ano.

Artabanes circundou-se com uma grande fama perante todos os homens por causa disto. Periecta, por seu turno, a mulher de Areobindo, presenteou Artabanes com grandes prendas. Já o imperador fê-lo general de toda a Líbia. Artabanes, todavia, resignou passado não muito tempo e foi ter com o imperador a Bizâncio. O imperador colocou então João, o irmão de Papo, como general da Líbia.

João, quando chegou à Líbia, militou contra Antalas e os Mouros que estavam em Bizácio. Entrou em combate com eles, obteve uma vitória, matou muitos inimigos e capturou os estandartes que os bárbaros haviam tomado de Salomão. Enviou-os para o imperador, em Bizâncio. Perseguiu os restantes bárbaros para fora do poder Romano.

Passado algum tempo[496], os Levatas chegaram a Bizácio das terras em torno de Trípoli, com um grande exército, e uniram-se a Antalas. João encontrou-se com eles em batalha, foi derrotado, tendo perdido muitos, e regressou a Cartago. Então os bárbaros chegaram até Cartago enquanto pilhavam as suas regiões. Por fim, João levantou a moral dos soldados e fez uma aliança com outros Mouros e com aqueles que estavam sob Cutzinas. Entrou em batalha com eles e fê-los virar as costas. Fez-lhes uma grande perseguição e matou uma boa multidão: os restantes fugiram para as partes mais afastadas da Líbia. E assim calhou de haver uma paz duradoura nos assuntos da Líbia.

A.M. 6027

Neste ano Zamanarzos, o imperador dos Iberos, veio a Constantinopla para junto do piíssimo[497] imperador Justiniano, juntamente com a mulher e os seus senadores, pedindo-lhe para ser um aliado dos Romanos e um amigo genuíno. O imperador acolheu tal escolha e honrou-o com muitas coisas, assim como aos senadores dele. Da mesma forma, também a Augusta agraciou a mulher dele com todo o tipo de coisas belas, ornadas com pedras preciosas. E despachou-os para o reino deles em paz.

A.M. 6028

Neste ano, Pompeiópolis, na Mísia, sofreu da ira divina[498]. De facto, a terra foi aberta por um sismo e metade da cidade, juntamente com os habitantes, foi engolida. [As pessoas] estavam debaixo do solo e ouviam-se as suas vozes, que gritavam por misericórdia. O imperador forneceu muitas coisas para que se escavasse e se os ajudasse, e deu recompensas ao que os procuravam[499].

[496] χρόνῳ ὑστέρῳ
[497] εὐσεβέστατον
[498] θεομηνίας
[499] ζήσαντας: Mango e Scott traduzem este particípio por "sobreviventes". Optámos, todavia, por ler aqui ζητήσαντας, como na edição do *Corpus Scriptorum Historiae Byzantinae*.

Neste mesmo ano, Justiniano indicou para que se cantasse nas igrejas: "Filho Unigénito e Verbo de Deus"[500]. Edificou também o relógio do Milião.

A.M. 6029

Neste ano, após a morte de Epifânio, bispo de Constantinopla, que fora bispo dezasseis anos e três meses, a cinco de junho da décima quinta indicção, Ântimo, um herético, bispo de Trebizonda, foi transferido para Constantinopla. Porém, Agápeto[501], o bispo de Roma, veio nesse ano a Constantinopla e convocou um sínodo contra o ímpio Severo, Juliano de Halicarnasso e os restantes Teopasquitas. E nisto Ântimo, o bispo de Constantinopla, foi deposto porquanto pensava como eles[502] e foi expulso da cidade imperial, após ter sido bispo dez meses. E foi ordenado em seu lugar Menas, sacerdote e curador do hospício[503] de Sampson, por Agápeto, papa de Roma. Por seu turno Agápeto, bispo de Roma, faleceu quando estava em Bizâncio: e foi ordenado Silvério na vez dele, que viveu mais um ano.

A.M. 6030

Neste ano, no dia vinte e sete de dezembro da primeira indicção, ocorreu a primeira consagração da Grande Igreja. A procissão veio da igreja de Santa Anastácia, enquanto Menas, o patriarca, estava sentado na carruagem imperial e o imperador cantava ladainhas com o povo. A celebração ocorreu, portanto, cinco anos, onze meses e dez dias desde o dia do incêndio da Grande Igreja até à consagração.

A.M. 6031

Neste ano os Búlgaros – dois reis com uma multidão de Búlgaros e um contingente de cavalaria[504] – movimentaram guerra contra a Cítia e Mísia, sendo que o *magister militum* de Mísia era

[500] ὁ μονογενὴς υἱὸς καὶ λόγος θεοῦ
[501] Ἀγαπητὸς: o mesmo que Agapito.
[502] ὁμόφρων αὐτῶν
[503] ξενοδόχος
[504] δρούγγου: texto incerto: *vide* MANGO & SCOTT 1997 317, n.3.

Justino e o da Cítia Baudário[505]. Eles saíram contra os Búlgaros e entraram com eles em batalha, sendo que Justino, o *magister militum*, foi morto em batalha, e em seu lugar ficou Constantino, filho de Florêncio. E os Búlgaros vieram até às partes da Trácia.

O *magister militum* Constantino, assim como Godilas e Aco[506] o Huno, *magister militum* do Ilírico (a quem o imperador havia recebido da pia batismal), saíram contra eles. Atrairam os Búlgaros para o meio deles, atacaram-nos e mataram grandes multidões. Sacaram todos os despojos e venceram pela força, tendo assim matado os seus dois reis.

E, enquanto regressavam em alegria, vieram ter com eles outros Búlgaros, mas os *magistri militum* viraram-lhes as costas, visto estarem cansados. Os Búlgaros perseguiram-nos e prenderam com cordas Constantino, Aco e Godilas enquanto fugiam. Godilas, por um lado, escapou-se depois de ter cortado a corda com o seu punhal; Constantino, por outro, bem como Aco, foram capturados vivos. [Os Búlgaros] entregaram Constantino por mil moedas, e ele veio a Constantinopla: levaram, no entanto, Aco para a sua pátria, em conjunto com outros cativos de guerra.

Neste mesmo ano, Cósroes, o imperador dos Persas, tomou a grande Antioquia, na Síria, e entrou em Apameia e outras cidades.

A.M. 6032

Neste ano, Mundo passou para o lado dos Romanos. Ele vinha da raça dos Gépidas, sendo filho de Giesmo que, após a morte do seu pai, fora ter com Rega, seu tio da parte da mãe, que era rei de Sírmio. O rei[507] de Roma, Teoderico, ao saber isto, enviou-lhe [um mensageiro], e ele, convencido, foi ter com ele e foi seu aliado. Após a morte de Teoderico, ele foi para o rio Danúbio e pediu ao imperador Justiniano para ficar sob o império dele: e veio para Constantinopla.

O imperador honrou-o com muitas coisas, assim como ao seu filho, e despachou-os após ter feito dele *magister militum* do Ilírico. E enquanto ele vinha para o Ilírico, saiu uma grande multidão de

[505] Βαουδαρίου: o mesmo que Baduário.
[506] Ἀκοὺμ: o mesmo que Asco.
[507] ῥὴξ

Búlgaros. Avançou contra eles e a todos desbaratou. Enviou para Constantinopla o general deles com outros de entre os cativos de guerra: e pompearam-nos no Hipódromo. E houve uma paz profunda na Trácia, sendo que os Hunos não mais tentavam ultrapassar o Danúbio. O imperador enviou os cativos dos Búlgaros para a Arménia e para a Lázica, e estes foram enlistados nos *numeri*.

A.M. 6033

No décimo quarto ano de Justiniano, Cósroes, o imperador dos Persas, fez uma quarta incursão na terra dos Romanos. Tendo chegado à terra de Comagenas, começou a considerar em avançar contra a Palestina e Jerusalém, para pilhar os tesouros em Jerusalém. De facto, ouvia dizer que aquela terra era boa, com habitantes que tinham ouro.

Os Romanos, por sua vez, não tinham em mente antepor-se a estes de modo algum, mas refugiaram-se nas fortalezas, tal como cada um pôde: queriam guardá-las e salvar-se. Então Justiniano, ao saber disto, enviou de novo para eles Belisário, que havia chegado do ocidente. Este, cavalgando com cavalos públicos em grande celeridade, chegou à Eufratésia.

Justo, o sobrinho do imperador, justamente com Buza, o general do Oriente, calhava de estar em Hierápolis, refugiando-se. Ao ouvirem que Belisário havia chegado, escrevem para que ele venha ter com eles e para que ele defenda Hierápolis. Belisário, porém, censurou-os severamente, tendo-lhes escrito que não era justo preservar uma só cidade e deixar passar os inimigos sobre a terra dos Romanos para que caminhassem com liberdade e pilhassem as cidades imperiais. "Bem sabeis que é melhor perder a vida com virtude do que ser salvo sem dar luta. Isso [que pedis], de facto, não deverá ser designado por salvação, mas certamente por traição. Mas vinde rapidamente para a região de Êuropo, na qual, após ter reunido todo o exército, tenho esperança de tratar os inimigos como a Deus aprouver".

Ao ouvirem estas coisas, os governantes ficaram animados e deixaram Justo com alguns poucos a guardar Hierápolis: os restantes foram para Êuropo. Então Cósroes, assim que soube que Belisário aquartelava todo o exército dos Romanos em Êuropo,

parou de súbito: já não soube se deveria continuar a avançar, pelo que enviou a Belisário Abandanes, seu secretário[508], um homem inteligente, para espiar o general e o acampamento, com o pretexto, todavia, de se queixar que Justiniano não havia enviado embaixadores para a Pérsia para regularem a paz.

Belisário, quando soube que os embaixadores tinham chegado, ele próprio saiu, longe do exército, para ir caçar, tendo escolhido seis mil homens altos e bons de corpo. Ordenou, porém, que Diógenes, o satélite, e Adúlio, um varão Armeno, passassem o rio com mil cavaleiros, para vigiarem a passagem do rio. Já Belisário, após saber que o embaixador estava perto, trouxe a tenda para um lugar deserto, mostrando que chegara lá sem qualquer preparação. Pôs em ordem os soldados, sendo que em cada lado da tenda havia Trácios, Ilírios, Godos e Éluros. Após estes havia Vândalos e Mouros. Eles estendiam-se pela maior parte da planície: pois não estavam parados num só lugar, mas caminhavam em convolações como se estivessem a caçar, e olhavam de passagem, segundo parecia, para o embaixador de Cósroes. Caminhavam bem armados, com as caras alegres, enquanto carregavam machados e lanças.

Abandanes, quando esteve frente-a-frente a Belisário, começou a dizer que Cósroes estava entristecido por Justiniano não ter enviado embaixadores para ele acerca da paz, como era costume, e que forçou assim Cósroes a militar contra os Romanos. Belisário não fazia caso destas palavras, dizendo que o outro era a causa da guerra. Pois, se ele desejasse a paz, não a procuraria ao vir à terra dos Romanos, mas permaneceria na sua própria terra e receberia embaixadores. E, depois de ter dito estas coisas, despachou o embaixador.

Ele, ao chegar a Cósroes, disse ter visto Belisário qual general inteligente e extremamente corajoso, e que nunca vira outros soldados como aqueles: "Espantei-me com a boa ordem de soldados congregados de diferentes etnias". E aconselhou Cósroes a não se unir em batalha com eles, não fosse que, sendo derrotado, a totalidade do império dos Persas se dissolvesse numa terra que era dos Romanos e que não dava lugar à fuga. E que o preço da vitória não seria grande, se vencesse somente um general dos Romanos.

[508] γραμματέα

Com a exortação dele, Cósroes decidiu regressar logo para a sua terra. Temia, de facto, fazer a passagem do rio, visto que os Romanos a possuíam. E, após ter considerado muitas coisas, enviou a Belisário [um mensageiro], a pedir-lhe para retirar os que haviam passado o rio e que assim fornecesse uma passagem incólume. Belisário enviou-lhe de imediato embaixadores, louvou a decisão da retirada e certificou que chegariam sem demora embaixadores da parte do imperador, para que decidissem acerca da paz. Cósroes pedia a Belisário uma passagem incólume através da terra dos Romanos. Belisário, por seu turno, enviou a Cósroes João Edesseno, um homem ilustre, como refém, para que ele passasse sem perigo pelo território dos Romanos.

Os Romanos passaram a ter Belisário em grande estima com esta obra, considerando-o mais digno de glória do que quando conduzira os dois imperadores[509], Gelimero e Vitiges, para Bizâncio como prisioneiros. Foi, pois, verdadeiramente digno de fama e de louvor que, quando os Romanos estavam completamente petrificados e todos escondidos nas fortalezas, e quando Cósroes estava no meio do poder Romano com um grande exército, um só homem, vindo de Bizâncio em rápido curso, montasse acampamento, se opusesse ao imperador dos Persas, e que Cósroes, de forma inesperada, fosse enganado pela sua sabedoria e tivesse regressado à terra pátria sem nada ter alcançado.

Neste mesmo ano, após o falecimento de Timóteo, bispo de Alexandria, o ímpio Severo, bispo[510] adúltero de Antioquia, e Juliano de Halicarnasso, refugiados em Alexandria, discutiram um contra o outro acerca do Corruptível e do Incorruptível[511]. E tal um como o outro ficaram alienados da Verdade. Um, por um lado, nomeou Teodósio como bispo de Alexandria; o outro, porém, nomeou Gainas. Gainas, por sua vez, apoderou-se do episcopado durante um ano; Teodósio, dois anos. Justiniano, enviou [um mensageiro] e conduziu-os para Bizâncio: ordenou que eles fossem separados um do outro, e nomeou um certo Paulo, que parecia ser ortodoxo, como bispo de Alexandria. Este foi expulso pela ira do

[509] βασιλεῖς
[510] πρόεδρος
[511] περὶ φθαρτοῦ καὶ ἀφθάρτου διενεχθέντες

imperador, por ter celebrado a memória do ímpio Severo: foi para Jerusalém e lá passou o seu tempo.

A.M. 6034

Neste ano, no mês de outubro, na indicção quinta, ocorreu em Bizâncio a grande peste. E neste mesmo ano começou a ser celebrada em Bizâncio a Apresentação do Senhor[512], a dois do mês de fevereiro. E, no mês de agosto, no dia dezasseis da mesma quinta indicção, ocorreu um grande sismo em Constantinopla: caíram igrejas, casas e a muralha, sobretudo a parte junto à Porta Dourada. Caiu também a lança, que era segurada pela estátua que está de pé no Fórum de São Constantino, assim como a mão direita da estátua do Xerólofo. Muitos morreram: e houve um grande medo.

A.M. 6035

Neste ano deu-se que o imperador dos Indianos Axumitas e […] dos Judeus lutaram entre si, por este motivo. O imperador dos Axumitas vive no interior do Egito, […] praticando o Judaísmo[513]. Os mercadores dos Romanos entram pelo [território] Himiarita[514] para o Axumita e para as partes interiores das Índias e das Etiópias. Certo dia em que os mercadores entraram, como de costume, nas montanhas do [território] Himiarita, o imperador deles, Damiano, matou-os e arrebatou as suas suas coisas, dizendo: "Os Romanos fazem mal aos Judeus que estão na terra deles e matam-nos". Por causa disto, dissolveram a troca comercial com as Índias Interiores de Axum.

O imperador dos Axumitas, Adad, ficou irritado por causa disto, e revelou ao Himiarita: "incutiste dano ao meu império e à Índia interior, ao não permitires que os mercadores dos Romanos viessem ter connosco!" Surgiu assim uma grande inimizade e eles iniciaram uma guerra um contra o outro. E, quando estavam prestes a entrar em batalha, Adad, o imperador dos Axumitas, prescreveu[515] ao dizer assim: "Se eu vencer o Himiarita, tornar-me-ei cristão, visto

[512] ὑπαπαντὴ τοῦ κυρίου

[513] ἰουδαίζων: não é claro, do ponto de vista frásico, quem pratica o Judaísmo. Pelo contexto, porém, compreende-se que se refere ao imperador dos Himearitas ou Homeritas.

[514] Ὁμηρίτου: o mesmo que Homerita.

[515] ἐτάξατο

que luto pelos cristãos". E, com a colaboração de Deus[516], venceu pela força e tomou como cativo de guerra Damiano vivo, o imperador dos outros, assim como a terra deles e o seu império. Então Adad, o imperador dos Axumitas, tendo dado graças a Deus[517], enviou [um mensageiro] ao imperador Justiniano para que recebesse um bispo e clérigos, para que fosse ensinado e para que se tornasse cristão.

Justiniano alegrou-se muito com isto e ordenou que lhes fosse dado um bispo, aqueles que eles quisessem. Os mesmos embaixadores, após terem feito um sério escrutínio, escolheram o custódio[518] da igreja de São João de Alexandria, a Grande, um homem reverente e virgem, chamado João, de sessenta e dois anos. Pegaram nele e foram para a terra deles, para Adad, o seu imperador: e assim creram[519] em Cristo e todos foram iluminados pelo batismo[520].

A.M. 6036

Neste ano, no dia seis de setembro da sétima indicção, a um domingo, ocorreu em toda a terra um grande sismo, ao ponto de ter caído metade de Cízico. E, neste mesmo ano, foi concluída a grande coluna de bronze, a que está perto do palácio, a chamada Augusteu. E foi erguida uma estátua equestre do imperador Justiniano.

Neste mesmo ano, apareceu uma certa pessoa da região dos Italianos, um ambulante chamado André, que tinha consigo um cão amarelo e cego. Este, quando ordenado pelo outro, fazia coisas espantosas: [o dono] ficava de pé no centro da cidade com uma multidão de circunstantes e, às escondidas do cão, ficava com os anéis dourados, argênteos e férreos dos que estavam lá. Depois colocava-os no chão e tapava-os com terra. Ordenava em seguida ao cão: ele levantava-se e dava cada coisa a seu dono. Da mesma forma, também lhes entregava as moedas de diferentes imperadores, que estavam misturadas, de acordo com os seus nomes. Mas também, se estivesse uma multidão de homens e de mulheres, indicava, quando

[516] τῇ τοῦ θεοῦ συνεργίᾳ
[517] εὐχαριστήσας
[518] παραμονάριον
[519] ἐπίστευσαν
[520] ἐφωτίσθησαν

questionado, quais eram as que estavam grávidas, quem eram os prostitutos, os adúlteros, os miseráveis e os generosos: mostrava todas as coisas de acordo com a verdade. Daí que dissessem: "Tem o espírito de Píton".

A.M. 6037

Neste ano, o mar subiu sobre a Trácia até cerca de quatro milhas. Cobriu-a até às partes de Odisso e de Dionisópolis, assim como de Afrodísio. Muitos afogaram-se nas águas. E de novo, por ordem divina[521], o mesmo mar regressou para os seus devidos lugares.

A.M. 6038

Neste ano houve uma falta de trigo e de vinho, assim como muitas invernias. Ocorreu ainda um grande sismo em Bizâncio, assim como um erro de cálculo[522] em torno da Santa Páscoa. Os povos fizeram o jejum de carne[523] no dia quatro de fevereiro. O imperador, todavia, ordenou que se comesse carne mais uma semana. Todos os vendedores de carnes cortaram a carne e colocaram-na à venda: e ninguém a comprou, nem a comeu. A Páscoa ocorreu tal como o imperador ordenou e o povo[524] foi encontrado a fazer jejum uma semana para além do estipulado.

A.M. 6039

Neste ano Roma foi tomada por Godos. O papa Vigílio foi para Constantinopla e, após ter sido recebido pelo imperador com grande honra, prometeu realizar a união de toda a Igreja[525] e anatematizar os Três Capítulos. Foi de tal forma honrado pelo imperador que, exaltado, impôs a Menas, o bispo de Constantinopla, uma excomunhão de quatro meses, como castigo. Menas, por sua vez, atribuiu-lhe o mesmo castigo. O imperador enraiveceu-se contra Vigílio por causa do castigo e por estar a diferir

[521] τῇ τοῦ θεοῦ προστάγματι
[522] διαστροφή
[523] ἀποκρεώσιμον
[524] λαός
[525] καθολικῆς ἐκκλησίας

o cumprimento das coisas que pareciam necessárias à união das igrejas, e enviou [alguém] para o capturar.

Ele, então, com medo da ira do imperador, refugiou-se no altar do mártir Sérgio, no mosteiro de Hormisdas. Enquanto estava a ser arrastado desse local, agarrou-se às colunas que sustentavam o altar e quebrou-as, visto ter um corpo grande e pesado. Depois o imperador penitenciou-se e recebeu o papa Vigílio. E, após a Augusta Teodora ter pedido a Vigílio, ele recebeu Menas, o patriarca de Constantinopla, no dia vinte e nove do mês de junho, dos Santos Apóstolos.

Neste mesmo ano, no dia onze do mês de maio, no Sábado do Santo Pentecostes, enquanto se celebrava o aniversário dos jogos de cavalo, ocorreu uma luta das duas fações de circo. O imperador enviou os *excubitores* e soldados e eles, com gládios, mataram muitos deles: muitos foram estrangulados enquanto fugiam. Outros foram assassinados: e ocorreu uma grande mortandade.

A.M. 6040

Neste ano ocorreram sismos contínuos e grandes chuvas. Da mesma forma, também ocorreu um grande sismo no mês de fevereiro, ao ponto de todos estarem em pânico, ficarem num grande medo, fazerem ladainhas e suplicarem a Deus para serem salvos das ameaças iminentes.

Neste mesmo ano, no mês de junho, da indicção décima primeira, a imperatriz Teodora faleceu piedosamente.

A.M. 6041

Neste ano ocorreram trovoadas e relâmpagos muito assustadores, ao ponto de muitas pessoas, que estavam a dormir, serem atacadas por relâmpagos. E no dia de São João ocorreram trovoadas e relâmpagos muito assustadores, ao ponto de uma parte da coluna de Xerólofo, assim como a cabeça que estava esculpida na mesma coluna, terem caído como uma folha[526].

No mês de junho deu-se um recontro de ambas as fações do circo: a chamada casa de Pardo foi queimada. Muitas outras coisas

[526] ἀποπεταλωθῆναι

foram queimadas, designadamente desde as Quatro Portas de Bronze até à região chamada de Elêusia. E houve muitos assassínios.

Tendo-se dado a passagem[527] [do imperador] em Hébdomon, os *vestitores* perderam a coroa do imperador, que foi encontrada passados oito meses, no local onde também foi salva e encontrada uma das suas pedras preciosas, juntamente com o seu restante adorno.

A.M. 6042

Neste ano, no dia treze do mês de outubro, após a realização de uma corrida de cavalos, veio a Constantinopla um embaixador das Índias, que trazia um elefante: e ele entrou no Hipódromo.

No mês de janeiro, o nome de Menas, patriarca de Constantinopla, foi demovido do primeiro lugar dos dísticos, e o nome de Vigílio foi colocado em primeiro lugar.

No mês de março, o elefante saiu, de noite, do estábulo: matou muitos e feriu outros. Já no mês de abril, dia dezasseis, ocorreu um recontro das fações de circo umas contra as outras, ao final da tarde, enquanto se realizava uma corrida de cavalos. Muitos morreram de ambas as partes. [As pessoas] entravam nas oficinas e arrebatavam o que quer que encontrassem, sendo que o prefeito era João, o chamado Cocoróbio.

No mês de junho, dia vinte e oito, terça-feira, ocorreu a consagração da Igreja dos Santos Apóstolos e o depósito das santas relíquias dos Apóstolos André, Lucas e Timóteo. O bispo Menas veio com as santas relíquias, sentado numa carruagem imperial dourada e revestida de pedras preciosas, segurando os três relicários dos Santos Apóstolos nos seus joelhos: e assim fez a consagração.

A.M. 6043

Neste ano, no mês de abril, décima quarta indicção, o cubiculário Narses foi enviado para Roma para ajudar na guerra contra os Godos, que possuíam Roma. Pois, após Belisário a ter tomado, de novo os Godos se insurgiram e capturaram-na.

No mês de junho, dia nove, ocorreu um grande e temível sismo em toda a terra da Palestina, da Arábia, da Mesopotâmia, da

[527] προκένσου: aparentemente, do latim *processus*, indicando-se, assim, que se trata de um ato formal.

Síria e da Fenícia. Tiro, Sídon, Beirute, Trípoli e Biblos sofreram: e morreram nelas multidões de pessoas. Na cidade de Bótris, por seu turno, uma grande parte da montanha que está junto ao mar foi arrastada, entrou pelo mar e criou uma praia, ao ponto de muitas embarcações, grandes, poderem navegar nela. Antes disto, de facto, esta cidade não tinha porto. O imperador enviou dinheiro para serem levantadas as coisas caídas destas cidades. O mar fugiu para o oceano profundo cerca de uma milha: muitas embarcações foram destruídas. E de novo, por ordem de Deus[528], regressou para o seu próprio leito.

A.M. 6044

Neste ano, no mês de setembro, na décima quinta indicção, ocorreu a consagração da igreja de Santa Irene, em Sicas, do outro lado do porto[529]. As santas relíquias saíram da Grande Igreja com dois patriarcas, Menas de Constantinopla e Apolinário de Alexandria. Ambos se sentaram na carruagem imperial, tendo nos seus joelhos as santas relíquias. Foram até Pérama, passaram-na e o imperador encontrou-se com eles. E então inauguraram a igreja da Santa mártir Irene.

No mesmo ano o porto de Hébdomon foi limpo. E no mesmo ano faleceu Menas, o bispo de Constantinopla: em seu lugar, e no mesmo dia, enquanto os restos mortais de Menas ainda jaziam na igreja, ficou Eutíquio, o apocrisiário de Amásia, que era monge do mosteiro de Amásia e um sacerdote.

No mês de agosto vieram, de Roma, notícias acerca de uma vitória, por parte de Narses, cubiculário e exarca dos Romanos. De facto, após ter ingressado em batalha com Tótila, rei dos Godos, ele venceu pela força, capturou Roma, degolou Tótila e enviou para Constantinopla as suas roupas, tintas de sangue, com a sua capa ornada de jóias. E estas coisas foram atiradas aos pés do imperador, durante um *secretum*.

(É necessário que se acrescente um dos anos de Ântimo aos do patriarca Menas, para que se salvaguardem os dezasseis anos)

[528] τῇ τοῦ θεοῦ κελεύσει
[529] πέραν

A.M. 6045

Neste ano ocorreu o santo e ecuménico quinto Concílio contra Orígenes, o desprovido de razão[530], contra Dídimo, o que não via[531], contra Evágrio e contra o delírio paganizante destes[532] e, de novo, contra os acéfalos capítulos[533]. Vigílio, o bispo de Roma, não se juntou aos que se reuniram: foi demitido pelo imperador, após se terem dado muitas perturbações, e morreu no Ilírico, enquanto fazia o caminho de regresso para Roma.

A.M. 6046

Neste ano, no dia quinze de agosto, na segunda indicção, à meia-noite, enquanto surgia o dia de Domingo, ocorreu um sismo assustador, ao ponto de se danificarem muitas casas, banhos, igrejas e uma parte das muralhas de Constantinopla, sobretudo a parte da Porta Dourada: e muitos morreram. Caiu também uma parte considerável de Nicomédia. Este mesmo sismo vigorou durante quarenta dias.

Durante algum tempo as pessoas penitenciaram-se, ao cantarem ladainhas, correrem para as igrejas e nelas ficarem. E depois, mesmo tendo-se verificado a filantropia de Deus[534], eles fizeram ainda pior. A memória deste sismo ocorre todos os anos no Campo, quando o povo está em ladainha.

Os Lazes, por seu turno, após terem recusado os Romanos por causa da avareza e das injustiças de João, governante deles, e tendo resvalado para os Persas, neste ano juntaram-se de novo aos Romanos. Os Romanos tomaram a fortaleza de Petra e expulsaram os Persas.

A.M. 6047

Neste ano, no dia onze do mês de junho, na terceira indicção, na comemoração de Santa Eufémia da Definição, ocorreu um grande sismo. E no mesmo mês, dia dezanove, ocorreram trovoadas e

[530] παράφρονος
[531] ἀπὸ ὀμμάτων
[532] τῆς ἑλληνόφρονος αὐτῶν ληρῳδίας
[533] ἀκεφάλων κεφαλαίων: jogo de palavras entre o adjetivo para "sem-cabeça" e o étimo grego (e latino) da palavra para "capítulo" (κεφάλαιον, de κεφαλή/ *caput*, "cabeça").
[534] φιλανθρωπίας θεοῦ

relâmpagos. O vento Lips[535] tornou-se assustador, ao ponto de a Cruz que estava de pé, dentro da porta de Resão, ter caído.

A.M. 6048

Neste ano, no mês de junho, na quarta indicção, os Judeus e os Samaritanos revoltaram-se em Cesareia, na Palestina. Juntaram-se uns aos outros nas fações dos Verdes e dos Azuis[536], avançaram contra os Cristãos da mesma cidade, mataram muitos, queimaram igrejas e mataram Estêvão, o prefeito da mesma cidade, no pretório, e pilharam a sua propriedade. A mulher dele, porém, saiu da cidade e foi ter com o imperador: este ordenou a Amâncio, o *magister militum*, que fosse para a Palestina e investigasse a morte de Estêvão. Ele, após ter encontrado [os culpados], enforcou alguns, decapitou outros, mutilou uns e a outros confiscou as propriedades. E houve um grande medo em todas as partes do Oriente.

No mês de dezembro deu-se uma mortalidade[537] de pessoas em diferentes cidades, sobretudo de crianças. Da mesma forma, no mês de maio, ocorreu uma falta de trigo em Bizâncio. As pessoas ficaram angustiadas e começaram a bradar ao imperador: "Senhor! Haja abundância na cidade!" e vituperaram[538] o prefeito nas celebrações do seu aniversário, sendo que, no Hipódromo, também estavam embaixadores Persas. O imperador irritou-se e ordenou ao prefeito Musónio para que se apoderasse dos que fizeram isso: e eles foram castigados. Efetivamente, eles haviam enervado o imperador porque as pessoas estavam a gritar contra ele na presença de um embaixador dos Persas. Por outro lado, havia uma abundância de vinho e de carne salgada e de todas as outras coisas, ainda que houvesse uma carência de trigo e de cevada.

No mês de junho, dia treze, quinta-feira, ocorreram trovoadas e relâmpagos assustadores, ao ponto de muitos terem sido atingidos. Houve também uma grande chuva, ao ponto de a terra ter ficado encharcada, depois de uma prolongada seca.

---

[535] Λὶψ: vento do sodoeste

[536] πρασινοβενέτων

[537] θνῆσις: esta palavra costuma referir-se à peste.

[538] ἀνέσκαψαν: traduzido à letra: "escavaram". A expressão remete para o mote de revolta típico da sociedade bizantina ("escavem-lhe os ossos!")

A.M 6049

Neste ano, no mês de novembro, no dia da Comemoração das Cinzas[539], faleceu Timóteo, o exarca dos mosteiros e hegúmeno do mosteiro de Dálmato. Em sua vez veio Ântimo, um anacoreta[540] do mesmo mosteiro.

E apareceu um fogo no céu, com a forma de uma lança, do norte para o oeste. E, no mês de abril, dia dezasseis, segunda-feira, ocorreu um sismo assustador que não causou danos.

A.M. 6050

Neste ano, no mês de outubro, dia dezanove, uma sexta-feira, na sexta indicção, ocorreu um grande sismo, quando o sábado estava a terminar. E no mês de dezembro, dia catorze, ocorreu um outro sismo muito assustador, ao ponto de as duas muralhas de Constantinopla sofrerem estragos, a Constantiniana e a que fora fundada por Teodósio. Caíram sobretudo as igrejas e as construções para lá do Hébdomon, a igreja de São Samuel e a da santa Mãe-de-Deus[541] de Pétala, a igreja de São Vicente, muitos altares das igrejas e *ciboria*, desde a Porta Dourada até ao Resão. E não houve lugar ou subúrbio que não tenha caído por causa da assustadora ameaça do sismo. Régio esmoronou-se até às fundações de tal forma, que ficou irreconhecível. Caíram também até às fundações a igreja de São Estratónico e de Calínico, que estavam no Resão. E a coluna purpúrea, que estava em frente do palácio de Jucundianas, com a estátua no seu topo, caiu e partiu-se no chão ao longo de oito pés. Caiu ainda a coluna do imperador Arcádio, que estava na parte esquerda do Tauro, sendo que ficou de pé a que estava na parte direita.

Muitos morreram nos colapsos; outros, mesmo após dois ou três dias, foram salvos das ruínas em que tinham caído. Ouviu-se que isto também ocorrera noutras cidades. Nenhum homem na terra daquela geração se lembrava de um sismo assim tão grande e assustador. A terra permaneceu abalada durante dez dias, por amor

[539] εἰς τὴν μνήμην τῆς κόνεως

[540] ἔγκλειστος: à letra: "enclausurado", relativo ao tipo de ascetismo, de um rigorismo espacial, que era praticado.

[541] θεοτόκος

[de Deus] ao homem[542], e durante algum tempo as pessoas penitenciaram-se, fazendo ladainhas: deu-se então a filantropia [vinda de Deus][543], mas eles fizeram ainda pior.

O imperador, por seu turno, não usou a sua coroa por quarenta dias, mas no santo dia do nascimento de Cristo aproximou-se da igreja sem ela. De tal forma que parou com os banquetes que, por costume, se realizavam no salão dos Dezanove Cocheiros, e deu aos pobres os gastos destes.

Neste mesmo ano, entrou em Bizâncio um povo paradoxal[544], vindo dos chamados Ávaros, e toda a cidade se juntou para os ver, dado que nunca tinham visto tal etnia. Efetivamente, tinham os cabelos muito longos, atirados para trás, presos com laços e entrelaçados, sendo que a restante vestimenta era semelhante às dos outros Hunos. Estes, tendo fugido da sua própria terra, vieram para as partes da Cítia e da Mísia e enviaram embaixadores a Justiniano, pedindo para que fossem recebidos.

No mês de fevereiro ocorreu uma mortandade de homens por causa de bubos, sobretudo nos jovens, ao ponto de os vivos não terem capacidade para enterrarem os mortos. A mortandade durou desde o mês de fevereiro até ao mês de junho.

A.M. 6051

Neste ano, no dia sete do mês de maio, numa terça-feira, à quinta hora, estando a ser posta em boa ordem a abóbada[545] da Grande Igreja (pois ela havia sido danificada pelos sismos ocorridos), e estando os Isauros a trabalhar, a parte oriental da ala[546] do santo altar caiu e derrubou o *ciborium*, a santa mesa e o *ambo*. Os engenheiros passaram então a ser julgados porque, ao fugirem às despesas, não fizeram a suspensão pela parte de baixo, antes perfuraram o topo das colunas que seguravam a abóboda, e por causa disso não a seguraram. De resto, tendo o piíssimo

[542] μετὰ φιλανθωπίας: esta expressão surge aqui um pouco fora de contexto, mas parece querer-se dizer que mesmo este evento trágico ocorre de acordo com um plano salvífico por parte de Deus. Ou talvez a expressão tenha sido introduzida por prolepse, dado que é usada mais à frente na mesma frase.
[543] φιλανθρωπίας γενομένης
[544] παράδοξον
[545] τρούλλου
[546] προυποστολῆς

imperador[547] compreendido isto, ergueu outras colunas e sustentou a abóboda: e assim foi fundada, mais alta vinte pés na restauração do que na primeira fundação.

Neste mesmo ano, os Hunos e os Eslavos[548] insurgiram-se sobre a Trácia, em grandes multidões: fizeram guerra contra ela, mataram e fizeram muitos cativos. Subjugaram também Sérgio, o *magister militum*, o filho do sacerdote Baco, assim como Edermas, o general de Calopódio, o ilustríssimo cubiculário e prepósito. Depois de terem descoberto alguns lugares da muralha de Anastácio que haviam caído por causa dos sismos, entraram, fizeram cativos até Drípia, Ninfas e a aldeia de Quíton: e todos fugiram para a cidade com os seus haveres.

O imperador, ao saber disto, recrutou muitas pessoas e enviou-as para as grandes muralhas: e, tendo-se unido em batalha, morreram aí muitos dos Romanos e dos *scholarii*. De resto, o imperador ordenou e foram retirados os *ciboria* de prata e as santas mesas de prata que estavam fora da cidade. E as *scholae*, os *protectores*, os *numeri* e todo o Senado começaram a guardar todas as portas da muralha de Teodósio. O imperador então, ao saber que os bárbaros perseveravam, ordenou ao patrício Belisário que saísse contra eles com outros do Senado. Belisário tomou toda a cavalaria, a imperial e a do Hipódromo, assim como a das casas religiosas e de toda a pessoa, onde quer que houvesse cavalos. Armou o povo[549] e saiu até à aldeia de Quíton. Montou acampamento e começou a subjugar e a matar alguns deles. Ordenou ainda que se cortassem árvores e que elas fossem arrastadas atrás do exército: criou-se uma grande poeira por causa do vento, que caía em cima dos bárbaros. Estes, deste modo, pensaram que estava ali uma grande multidão, pelo que fugiram e foram para as partes de Santo Estratónico, em Décato.

Depois de saberem eles, através dos exploradores, que havia uma grande guarnição nas muralhas de Constantinopla, vieram até às partes de Tzurulo, de Arcadiopólis e de Santo Alexandre dos Zúparos e aí ficaram entrincheirados até à santa Páscoa. Após a

[547] εὐσεβέστατος βασιλεύς
[548] Σκλάβοι: em transliteração, Esclavos.
[549] λαόν

celebração da Páscoa, o imperador e toda a gente que estava com ele saíram da cidade para Selímbria, para edificarem a Grande Muralha, por onde os bárbaros haviam entrado. O imperador aí ficou até ao mês de agosto: de igual modo, também os bárbaros vadiaram fora da cidade até agosto. Por fim, o imperador ordenou que se construíssem embarcações de duas proas, para que fossem ao Danúbio, se encontrassem com os bárbaros que o passavam e guerreassem contra eles. Os bárbaros, ao saberem disto, pediram, através de um embaixador, que os deixassem passar incólumes o Danúbio. E [o imperador] enviou Justino, o seu sobrinho e *curopalates*, que os preservou.

A.M. 6052

Neste ano, o imperador começou a fundar a ponte do rio Sangário. Tendo conduzido o próprio rio para um outro caudal, nele colocou cinco câmaras imponentes e fez com que ele pudesse ser transposto. Dantes a ponte era de madeira.

A.M. 6053

Neste ano, no mês de setembro, dia nove, quinta-feira, indicção nona, correu um boato em Constantinopla, segundo o qual Justiniano teria morrido: ele, de facto, tinha vindo da Trácia e não tinha visto ninguém. Por isso as pessoas arrebataram os pães de repente das padarias e das lojas e, por volta da hora terceira, não se encontrou pão em toda a cidade: e, nesse mesmo dia, houve uma grande chuva. As oficinas fecharam e no palácio correu o rumor segundo o qual ninguém do Senado via o imperador por ter ele uma dor de cabeça. A partir disto começaram a acreditar que ele tinha morrido. Por volta da hora nona, o Senado fez uma reunião, enviou o exarca e fizeram com que fossem acesas luzes por toda a cidade, significando que o imperador estava bem. E desta maneira a cidade parou o tumulto.

Após o imperador ter recuperado, Eugénio, que fora prefeito, acusou Geórgio, o curador [do palácio de] de Marina, assim como Etério, o curador [do palácio] de Antioquia, como querendo eles fazer de Teodoro imperador, o filho de Pedro, o *magister*, com os

quais também conjuraria[550] Gerôncio, o prefeito da cidade. Inquiriu-se sobre este assunto e nada se encontrou, pelo que Eugénio foi vexado e a sua casa foi confiscada. O próprio, porém, refugiou-se na igreja e salvou-se.

No mês de dezembro ocorreu um grande incêndio no porto de Juliano: muitas casas arderam, assim como igrejas, desde o início do porto até às partes de Probo. Verificou-se também uma grande mortandade na Cilícia, em Anazarbo e na grande Antioquia, assim como sismos. Os ortodoxos e os Severianos atacaram-se uns aos outros, sendo que ocorreram muitos assassinatos. O imperador enviou Zemarco, o *comes* do Oriente, castigou os desordeiros, exilou muitos, confiscou-lhes as propriedades e infligiu-lhes castigos corporais.

A.M. 6054

Neste ano, no mês de outubro, dia doze, quarta-feira, décima indicção, ao entardecer, ocorreu um grande incêndio nas zonas de Cesário, até às chamadas Onfáceras. Todas as oficinas locais de compra arderam até à região [do Fórum] do Boi[551].

No mês de novembro, enquanto decorria uma corrida de cavalos, antes de aparecer o imperador, ocorreu um distúrbio entre as fações, pelos que os Verdes caíram sobre os Azuis. O imperador, ao saber disto, subiu para o *kathema* e, tendo visto a luta, ordenou a Marino, o *comes excubitorum*, que, juntamente com o curador [do palácio] de César, viesse e separasse as fações. Eles partiram, mas não os conseguiram separar. Muitos morreram de ambas as partes; muitos também ficaram feridos.

Os Azuis, depois de terem entrado nas bancadas dos Verdes, começaram a gritar: "Queima aqui! Queima acolá! Não haja aqui nenhum Verde!" E em resposta os Verdes começaram a clamar: "Ai! Ai! [Vinde] todos! Todos!". E foram para a Mese, para os bairros dos Azuis, e passaram a atirar pedras aos que encontravam enquanto gritavam: "Queima! Queima! Não haja aqui nenhum Azul!" E

[550] συνεφώνησε: ainda que este verbo esteja no aoristo indicativo, consideramos mais adequado traduzi-lo para o conjuntivo.
[551] τοῦ Βοός

entravam pelos bairros, enquanto o Domingo se levantava, e arrebatavam os bens.

O imperador ordenou que os Verdes fossem detidos: e eles foram castigados com muitas torturas. Já os Azuis refugiaram-se na igreja da Mãe de Deus[552] de Blaquernas. Quanto aos Verdes que haviam escapado, eles refugiaram-se na igreja de Santa Eufémia, em Calcedónia: o prefeito expulsou-os de lá e castigou-os. As mulheres e as mães deles começaram a bradar ao imperador nas igrejas, para que ele desse indulgências aos Verdes: foram perseguidas com bastões, e o imperador não se reconciliou com eles até à celebração do nascimento de Cristo.

No mês de fevereiro, o imperador ordenou que sete dos escolásticos[553] que estavam estabelecidos em Nicomédia, em Quíos, em Prusa, em Cízico, em Cotieu e em Dorileia partissem e se estabelecessem na Trácia, em Heracleia e nas cidades em seu redor.

No mês de março, por sua vez, as *scholae* insurgiram-se contra o seu *comes* por causa de certos pagamentos que eles recebiam e que lhes foram cortados. E caíram sobre ele. Estava lá Teodoro, o filho do *magister* Pedro, o *Condocheres*: ele recorreu a discursos ameaçadores e conseguiu sedá-los.

Neste mesmo ano Hobesiópolis […] foi tomada pelos Hunos. O imperador enviou Marcelo, o *magister militum* e seu sobrinho, com uma multidão de soldados, para salvar a cidade e […] a Pérsia. No mês de abril, Anastaciópolis, na Trácia, foi também tomada pelos mesmos Hunos. E no mês de maio, dia três, Zemarco, o curador [do palácio] de Placídia, foi acusado por Geórgio, curador dos de Marina, e por João, que fora cônsul – sendo ambos familiares da imperatriz Teodora – como tendo dito muitas e terríveis coisas contra o imperador.

A.M. 6055

Neste ano, no mês de outubro, ocorreu uma revolta popular nas Pitácias, e o imperador castigou muitas pessoas. No mês de outubro deu-se uma acentuada falta de precipitação e carência de água, ao ponto de terem ocorrido muitas lutas junto às fontes.

[552] τῆς θεοτόκου
[553] σχολαρίων

Soprou também um vento do norte desde o mês de agosto, e nenhum do sul, e as embarcações não eram capazes de vir para a cidade. De tal forma que Eutíquio, o patriarca, promulgou uma ladinha [para o bairro] de Jerusalém, designadamente a São Diómedes.

Neste mesmo mês, vieram de Roma notícias da vitória do patrício Narses, que indicavam que ele havia tomado duas cidades fortificadas dos Godos: Beróia e Bringas[554].

No dia vinte e cinco do mesmo mês, um dia de sábado, ao entardecer, algumas pessoas prepararam uma insídia para matarem o imperador, enquanto ele estivesse sentado no palácio. Eles eram Ablábio, que havia sido músico[555], Marcelo, o argentário, e Sérgio, o sobrinho do curador Etério. O plano deles era este: assim que o outro estivesse sentado no triclínio, de tarde, e antes do sinal para despachar [a sua companhia], acorreriam para ele e estrangulá-lo-iam. Eles tinham pessoas próprias que os ajudavam, uns Indianos que se escondiam no *Silentiarium*, na [capela] do Arcanjo e na Harma, para que, quando a insídia ocorresse, criassem um tumulto. O próprio Ablábio aceitou ouro por parte de Marcelo, o argentário, para que trabalhasse com ele: cinquenta libras.

E, com a permissão de Deus[556], Ablábio confiou em Eusébio, que fora cônsul e *comes foederatorum*, assim como em João, o *logothetes*, o filho de Domentzíolo[557], dizendo: "Queremos avançar sobre o imperador neste fim de tarde." Ele então [Eusébio], após ter denunciado isto ao imperador, capturou-os e encontrou-os a trazer gládios às escondidas. O argentário Marcelo, por um lado, uma vez que tinha falhado naquilo que pretendia, extraiu o gládio que portava, desferiu sobre si mesmo três golpes, quando foi preso no triclínio, e morreu. Sérgio, por outro lado, o sobrinho de Etério, correu e refugiou-se nas Blaquernas: retiraram-no depois da igreja e questionaram-no, tendo-o convencido a confessar que também Isácio, o argentário, e o próprio ilustríssimo patrício Belisário

[554] Βηρωΐαν καὶ Βρίγκας: talvez se trate de Verona e Bréscia, por confusão com Véria e por assonância com Bríxio.
[555] ἀπὸ μελιστῶν
[556] τοῦ θεοῦ εὐδοκήσαντος
[557] κατὰ Δομεντζίολον: seguimos aqui a nota dada por MANGO & SCOTT 1997 351, n. 11.

estavam incluídos na conspiração, para além de que Vito, o argentário, e Paulo, o curador do mesmo Belisário, sabiam do plano.

Depois de todos terem sido presos e entregues ao prefeito Procópio, delataram tudo e falaram contra o patrício Belisário. O imperador ficou de imediato extremamente colérico contra Belisário. Muitos, porém, recorreram à fuga. E, no dia cinco do mês de dezembro, o imperador fez um *silentium*, que contou também com a presença do santíssimo patriarca Eutíquio, e ordenou que fossem lidas as delações dos outros. Quando Belisário ouviu isto, ficou fortemente indignado e causou irritação ao imperador. O imperador, então, enviou [emissários], tomou todos os homens dele e estabeleceu-o na sua casa a ser vigiado.

No mês de dezembro, dia vinte e quatro, ocorreu a segunda consagração da Grande Igreja. A vigília da mesma consagração ocorreu na igreja de São Platão: o patriarca de Constantinopla, Eutíquio, saiu de lá com a ladainha, sendo que o imperador também estava presente. O patriarca estava sentado na carruagem, transportava a veste apostólica[558] e segurava o santo evangelho, enquanto todos cantavam o salmo: "Abri as vossas portas, ó governantes!"[559].

Nesse mesmo mês, algumas partes de África foram tomadas pelos Mouros, que se insurgiram sobre África deste modo. Um certo sujeito desta nação, chamado Cutzinas, líder dos Mouros, tinha por costume tomar um salário em ouro daquele que na altura governasse África. Todavia, tendo vindo para o receber, João, o governante de África, matou-o. Os filhos do próprio Cutzinas, então, rebelaram-se, em vingança do sangue paterno: insurgiram-se contra África e tomaram algumas das suas partes, tendo feito muitas pilhagens. O imperador, assim que soube disto, enviou Marciano, o seu sobrinho e *magister militum*, como auxílio de África, com um exército para apaziguar os Mouros. Eles passaram para o lado deles, e a África ficou em paz.

No mês de abril Procópio, o prefeito da cidade, foi deposto, e ficou em sua vez André, o que fora *logothetes*. E, enquanto ele estava

[558] ἀποστολικὸν σχῆμα
[559] Sl. 24, 7.

a sair do palácio da Porta de Bronze[560], sentado numa carruagem e em direção ao pretório, os Verdes foram ter com ele em Lauso: e começaram a insultá-lo e a atirar-lhe pedras. Originou-se uma grande desordem das duas fações na Mese. Entraram nas prisões, e a luta durou desde a hora décima. O imperador enviou Justino, o seu sobrinho e *couropalates*, e perseguiu-os. E de novo, por volta da hora décima segunda, juntaram-se em batalha, foram dominados e apresentados em pompa durante muitos dias. Cortaram ainda as mãos de tantos quantos lutaram com gládios.

E, no dia dezanove do mês de julho, o patrício Belisário foi recebido, sendo que retomou todas as suas dignidades. Veio também, da parte da Pérsia, o patrício Pedro, que havia feito pactos para dezassete anos de paz, no que concerne à Lázica e às partes do Oriente. No mesmo mês chegaram a Constantinopla embaixadores da parte de Ascelo, rei dos Hermiquiões[561], que habita para o interior do povo dos bárbaros que está perto do oceano.

No mês de agosto deu-se uma falta de água, ao ponto de se fecharem os banhos públicos e de ocorrerem muitos homicídios perto das fontes.

A.M. 6056

Neste ano, no mês de outubro, indicção décima segunda, o imperador dirigiu-se para os Miriângelos, isto é, para Gérmia, uma cidade da Galácia, por causa de uma prece. Em novembro entrou em Bizâncio Aretas, o patrício e guardião dos Sarracenos, para cumprir uma obrigação para com o imperador, indicando qual dos seus filhos estaria apto a possuir a sua filarquia após a sua morte. Queria ainda falar das coisas feitas por Ambro, o filho de Alamandaro, nas terras dele.

No mês de dezembro ocorreu um grande incêndio, e o hospício de Sampson foi completamente queimado, assim como as casas que estavam atrás da de Rufo, e o pátio interior, o que estava perto da Grande Igreja, o chamado Garsonostásio, como ainda os dois ascetérios que estavam perto da igreja de Santa Irene, junto ao seu pátio interior, e ainda parte do seu nártex.

[560] ἐκ τοῦ παλατίου τῆς Χαλκῆς

[561] Ἑρμηχιόνων: o mesmo que Quermiquiões.

A.M. 6057

Neste ano, no mês de maio, indicção décima terceira, o patrício Belisário faleceu em Bizâncio, e o seu património foi para a casa senhorial de Marina. Na mesma décima terceira indicção, no mês de abril, dia doze, o patriarca de Constantinopla foi deposto e exilado para Amásia por Justiniano. Em vez dele ficou João, o que fora escolástico, que era apocrisiário da Grande Antioquia e presbítero da mesma igreja.

Neste mesmo ano, Justiniano, o imperador, incutiu o dogma acerca do corruptível e do incorruptível, e enviou para todas as partes um édito contrário à piedade[562]. Mas Deus antecipou-se[563] e ele morreu no mês de novembro, dia catorze da seguinte indicção décima quarta, após ter reinado trinta e oito anos, sete meses e treze dias. O sucessor deste foi o seu sobrinho, Justino, o *kouropalates*.

Neste mesmo ano, os Teodosianos e os Gaianitas começaram a fazer reuniões clandestinas em Alexandria. Os Gaianitas, após se terem outorgado autoridade, nomearam um bispo para si mesmos, Elpídio, o seu arquidiácono. O imperador ordenou que ele fosse ter com ele amordaçado. Porém, enquanto estava a ir, morreu em Sigris. Os Teodosianos, por seu turno, elegeram para si mesmos como bispo, às escondidas e de noite, Doroteu. Depois, tanto os Gaianitas como os Teodosianos uniram-se num só corpo e colocaram no trono um bispo comum a ambos. Os Gaianitas, por outro lado, […] pensaram que João, um certo monge, havia feito um dolo, pelo que esfolaram a barba ao *abbas*, juntamente com a pele e a carne.

A.M. 6058

Neste ano, no mês de novembro, dia catorze, décima quarta indicção, Justino foi imperador, o sobrinho de Justiniano, coroado pelo patriarca João, que fora um escolástico. Ele era Trácio de nação, de grande alma, ativo para todas as coisas e amigo das obras públicas. Tinha uma mulher chamada Sofia, a qual também coroou Augusta.

[562] εὐσεβείας
[563] θεοῦ προφθάσαντος

Uma vez que ele era uma pessoa pia[564], adornou as igrejas que haviam sido fundadas por Justiniano, a Grande Igreja, a dos Santos Apóstolos e outras igrejas e mosteiros, gratificando-as com tesouros e todo o tipo de rendimentos. Era muito ortodoxo. E enviou o *abbas* Fotino, o enteado do patrício Belisário, tendo-lhe dado autoridade contra toda a pessoa e coisa, para pacificar todas as igrejas do Egito e de Alexandria.

A.M. 6059

Neste ano, Etério, Aúdio e o médico que estava com eles conjuraram contra o imperador Justino. Após terem sido apanhados, foram mortos à espada. [O imperador] criou um consulado e esbanjou muito dinheiro, ao ponto de muitos enriquecerem.

Neste mesmo ano, o *abbas* Ágato, irmão de Apolinário, bispo de Alexandria, após ter ido para Alexandria e investigado algumas coisas administrativas, prendeu o monge Eustóquio, que na altura era um importante *oikonomos* de Alexandria, por causa da sua tutela[565]. Ele fugiu pelo teto e foi para Bizâncio, sendo que na altura Macário estava a ser expulso por causa de uma intriga. E Eustóquio foi ordenado bispo de Jerusalém em vez dele.

A.M. 6060

Neste ano Sofia, a piíssima[566] augusta, convocou os argentários e banqueiros e ordenou que fossem entregues os comprovativos das dívidas e dos penhores. Quando se encontrou com eles, ficou com os penhores, entregou-os aos devedores e devolveu-os aos respetivos proprietários. E foi muito louvada por isto por toda a cidade.

Eustóquio, por seu turno, foi para Jerusalém e, por ódio para com Apolinário, Agáto e Macário, expulsou os monges da Nova Laura como se fossem origenistas. E por causa disso foi deposto: e de novo Macário foi restaurado na sua sede.

[564] εὐσεβής
[565] τῆς οἰκονομίας χάριν
[566] εὐσεβεστάτη

A.M. 6061

Neste ano, após o fim de uma corrida de cavalos, e estando as fações em luta uma contra a outra, o imperador enviou instruções mandatórias para ambas as partes, dizendo aos Azuis, por um lado: "o imperador Justiniano morreu de entre vós", e dizendo aos Verdes, por outro: "o imperador Justiniano vive entre vós". As fações, ao ouvirem isto, calaram-se e não mais causaram distúrbios.

Neste mesmo ano, [Justino] começou a construir o palácio das Sofianas, com o nome da sua própria mulher Sofia, com a desculpa de aí ter sido sepultado Justo, o seu filho, antes de ele próprio se ter tornado imperador e quando ainda era *couropalates*, na igreja do Arcanjo, que ali estava. Ele ornou-a com pedras preciosas de todo o tipo e preço.

A.M. 6062

Neste ano, o imperador Justino começou a construir o segundo palácio na propriedade que possuía antes de começar a governar. Construiu de forma igual também na ilha de Príncipo, onde estava, no porto, uma propriedade dele, [construindo ainda] a igreja dos santos Anárgiros, de Dário. Restaurou ainda os banhos públicos de Tarso e mudou-lhe o nome para Sofiana, em virtude da sua mulher Sofia.

Neste mesmo ano, Anastácio, o grande bispo de Antioquia, após ter invetivado, nos seus escritos, as cartas sinódicas de João de Constantinopla, que haviam ordenado João de Alexandria, foi expulso do seu próprio episcopado após a ordenação do outro. Isto deu-se por ira de Justino. Em seu lugar foi ordenado Gregório, monge e apocrisiário do mosteiro dos Bizantinos.

A.M. 6063

Neste ano Narses, o cubiculário e protospatário, o preferido do imperador Justino, a quem também difamou, fundou a casa de Narses e o mosteiro de Cátaros.

Já o imperador, após ter ouvido notícias acerca do seu próprio sobrinho, que tinha em Alexandria na qualidade de *augustalis*, que ele preparava uma intriga contra o imperador, enviou [um emissário] e decapitou-o.

A.M. 6064

Neste ano, Justino começou a edificar a igreja dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, no Orfanato, assim como a Igreja dos Santos Apóstolos em Triconco, que havia sido queimada no tempo do imperador Zenão. Adicionou ainda à igreja da Santa Mãe de Deus[567] de Blaquernas as duas ábsides, a do norte e a do sul, e criou ainda, na nave principal, uma estrutura cruciforme.

Neste mesmo ano, os Romanos e os Persas quebraram a paz, e de novo se renovou a guerra Pérsica, por terem os Indianos Homeritas enviado embaixadas aos Romanos e por o imperador ter enviado Juliano, o *magistrianus*, com *sacras* para Aretas, o imperador dos Etíopes, pelo rio Nilo, desde Alexandria, e pelo mar indiano. Este foi recebido pelo imperador Aretas com grande honra, porquanto desejava uma amizade para com o imperador dos Romanos. O próprio Juliano, quando regressou, narrava que, quando o recebeu, o imperador Aretas estava nu, e que tinha uma vestimenta de linho desde a sua cintura até às coxas: transportava junto ao estômago tiradas de pedras preciosas e, por cima dos braços, cinco braceletes e armilas douradas nas mãos. Na cabeça dele estava enrolada uma facha de linho dourado, que tinha quatro correntes de ambas as pregas. Trazia no seu pescoço um colar de ouro.

E estava de pé em cima de quatro elefantes, que por sua vez estavam em pé e arrastavam um jugo de quatro rodas. Em cima havia como que uma grande carruagem, muito ornada com lâminas douradas, tal como o são as carruagens dos governantes das províncias. E estava de pé enquanto carregava um pequeno escudo dourado com duas pequenas lanças de ouro. Todo o Senado dele cantava cânticos enquanto estava armado. O embaixador dos Romanos, assim, foi introduzido e, após se ter prostrado[568], foi ordenado pelo outro que se levantasse e que fosse trazido até ele. Recebeu então a *sacra* do imperador e beijou o selo que trazia o busto do imperador. Recebeu ainda os presentes e ficou muito feliz.

Depois de ter lido [a *sacra*], descobriu nela que ela abordava um avanço em armas contra o imperador dos Persas, para que

[567] τῆς ἁγίας θεοτόκου
[568] προσκυνήσας

devastasse a terra que fazia fronteira com os Persas e para que, de aí em diante, não mais fizesse pactos com os Persas, mas para que fizesse comércio pela terra dos Homeritas, indo até Alexandria através do rio Nilo. O imperador Aretas armou-se imediatamente, à vista do embaixador dos Romanos, e infligiu uma guerra contra os Persas, após ter enviado, de antemão, os Sarracenos que estavam sob ele. Ele próprio partiu para a terra Pérsica e pilhou-a por completo por aquelas partes. O imperador Aretas, enfim, depois de ter tomado a cabeça de Juliano, e tendo-lhe dado beijos de paz, demitiu-o com um grande cuidado e com muito dinheiro.

Houve ainda uma outra causa para perturbar Cósroes. Efetivamente, por essa altura os Hunos, que agora temos por costume chamar Turcos, enviaram embaixadas a Justino, tendo enviado [embaixadores] através da terra dos Alanos. Temendo isto, Cósroes arranjou como desculpa um levantamento feito contra ele por parte dos Armenos e uma passagem destes para Justino: e pediu-lhe os fugitivos. De facto, o imperador dos Romanos pagava, todos os anos, quinhentas litras de ouro para que os Persas guardassem as fortalezas da região, e para que outros povos não entrassem e destruíssem ambos os países. Assim, as fortalezas eram guardadas a expensas comuns.

Justino, então, dissolveu a paz, dizendo ser reprovável que os Persas recebessem tributo por parte dos Romanos. Foi por causa disto que teve lugar esta grande guerra entre Persas e Romanos. Justino nomeou Martinho, o patrício e seu familiar, como general do Oriente, e enviou-o contra os Persas.

A.M. 6065

Neste ano, no mês de outubro, dia seis, o imperador sentiu-se fraco e ficou perturbado com Baduário, o seu irmão, sendo que por fim o insultou, tendo dado ordens aos cubiculários para que ele fosse [por eles] retirado durante um *silentium* enquanto era esmurrado. Ele era *comes* dos estábulos imperiais.

Sofia, ao saber disto, entristeceu-se e acusou o imperador: ele então arrependeu-se, veio a si e entrou nos estábulos na companhia do prepósito dos cubiculários. Baduário, assim que viu o imperador, fugiu de cela em cela, com medo ao imperador. O imperador

gritava: "Juro-te por Deus, ó meu irmão, espera por mim!". Correu para ele, apanhou-o e, tendo-o abraçado, beijou-o e disse: "Ofendite, meu irmão: mas recebe-me como a um irmão mais velho e como a um imperador. Sei que isto aconteceu por influência demoníaca[569]". O outro, caído aos pés dele, disse enquanto bradava: "Em boa verdade, senhor, tu tens autoridade: mas desrespeitaste o teu servo perante o Senado: defende-me de novo, ó senhor, perante eles". E indicou-lhe os cavalos. O imperador pediu-lhe para jantar com ele e fizeram as pazes.

Neste mesmo ano, ocorreu uma grande batalha perto de Sargato, entre os Persas e os Romanos, e os Romanos venceram.

A.M. 6066

Neste ano, os Ávaros vieram para as partes do Danúbio e o imperador, quando o soube, enviou Tibério, o *comes excubitorum*, contra eles. Após se ter encontrado com eles em batalha, foi derrotado, atacado de súbito por eles: e regressou com muitas perdas.

Já Hormisdas, o imperador dos Persas, nomeou como general Ardamanes e enviou-o para que ele fosse além do Eufrates e pilhasse a terra dos Romanos. O próprio tomou para si os contingentes e estabeleceu-se contra os Romanos que assediavam Nísibis. Então Martinho, ao saber disto, abandonou Nísibis e regressou para as partes dos Romanos. Ardamanes, por seu turno, que estava perto de Antioquia e havia destruído os subúrbios da cidade, começou a avançar sobre a Celessíria[570]. Deste modo, Ardamanes capturou muitos cativos e regressou para a sua terra.

O imperador Justino, uma vez que sofria atrozmente por causa das coisas ocorridas, demitiu, por um lado, Martinho do cargo de general, e nomeou, por outro, Arquelau como general. Entretanto Ardamanes capturou Daras e regressou. E Justino, ao saber disso, e abatido pela grandeza da desgraçada, é cerceado por uma doença mental e pede a Hormisdas para se fazer paz. Este aceitou fazer paz durante um ano.

[569] ἐκ διαβολικῆς ἐνεργείας
[570] Κοίλην Συρίαν: o mesmo que Coelo-Síria.

A.M. 6067

Neste ano, o imperador Justino, tendo adotado Tibério, o *comes excubitorum*, proclamou-o César e fê-lo sentar-se junto a ele nas corridas de cavalos e nos dias sacros. O imperador, de facto, tinha os pés inchados e estava deitado durante a maior parte do tempo.

A.M. 6068

Neste ano, Justino reparou o grande aqueduto de Valente e transportou para a cidade água abundante.

A.M. 6069

Neste ano, o imperador Justino reclamou a sinagoga dos Hebreus que estava em Calcopatreia e transformou-a numa igreja dedicada a Nossa Senhora, a Santa Mãe de Deus[571], que está perto da Grande Igreja.

Neste mesmo ano, no mês de agosto, dia trinta e um, na indicção décima, faleceu João, o bispo de Constantinopla.

A.M. 6070

Neste ano, no mês de outubro, indicção décima primeira, Eutíquio toma de novo o trono de Constantinopla. Já o imperador, que estava doente, mas que recuperara um pouco da doença, chamou o arcebispo, o Senado, todos os sacerdotes e funcionários. Trouxe Tibério para a presença de todos e elevou-o a imperador, recorrendo a estas palavras: "Saibam que foi Deus Aquele que te engrandeceu, que te deu esta vestimenta[572], não fui eu. Honra-a, para que sejas por ela honrado. Honra a tua mãe, que então era a tua rainha. Sabes que primeiro foste servo dela, mas és agora um filho. Não te vanglories com sangue. Não tomes parte de assassinatos. Não faças maldades em troca de maldades. Não sejas igual a mim perante a inimizade: pois eu, como homem, pequei[573]. Eu, de facto, tornei-me um pecador[574] e recebi de acordo com o meu pecado[575]. Mas levarei a julgamento, sobre o tribunal de Cristo, aqueles que me

[571] τῆς δεσποίνης ἡμῶν τῆς ἁγίας θεοτόκου
[572] σχῆμα
[573] ἔπταισα
[574] πταιστός
[575] ἁμαρτίας

fizeram estas coisas. Não fiques excitado com esta vestimenta[576], tal como eu [fiquei]. Ajuda a todos como a ti mesmo. Compreende quem foste e quem és agora. Não sejas arrogante, e não pecarás. Sabes quem fui, em quem me tornei, e quem sou. Todos os outros são teus filhos e escravos. Sabes que te honrei [como se fosses] das minhas próprias vísceras[577]. Estes que vês são todos os que governam o império. Fica atento ao teu exército. Não tenhas os soldados como inimigos[578]. Que ninguém te diga que o teu predecessor fez de outra forma: digo-te isto por experiência própria. Aqueles que têm propriedades usufruam delas. Àqueles que nada têm, dá-lhes dotes."

E, depois de uma prece ter sido feita pelo patriarca, e depois de ter sido dito "Amén" por todos, o César caiu aos pés do imperador e o imperador disse-lhe: "Se quiseres, vivo; se não quiseres, não vivo. Deus, que fez o céu, a terra e todas as coisas, colocará no teu coração aquelas coisas que me esqueci de te dizer." Ao dizer isto, o imperador enchia de lágrimas os que estavam reunidos. Com o fim da reunião, Tibério distribuiu presentes aos servos, assim como as coisas que é costume distribuir nas proclamações imperiais.

A.M. 6071

Neste ano, no mês de outubro, indicção décima segunda, Tibério foi imperador, coroado pelo patriarca Eutíquio, tal como foi dito. Ele próprio era também Trácio de nação.

Depois de ele ter sido imperador, as fações do circo gritaram, durante uma corrida de cavalos: "Veja eu, veja eu a Augusta dos Romanos". Ele então enviou um mensageiro[579] dizendo: "como se chama a igreja que está em frente aos banhos públicos de Dagisteu? Tem o mesmo nome que a Augusta." E as fações gritaram: "Augusta Anastácia! Que tu venças[580]! Salva, ó Senhor, aqueles que ordenaste que governassem!". Ao ouvir isto, Sofia, a mulher de Justino, ficou

[576] σχῆμα
[577] σπλάγχνων
[578] O texto original é μὴ συκοφάντας δέξῃ "Não aceites delatores". A palavra συκοφάντας, porém, deverá ser emendada por στρατιώτας, tal aparece na tradução manuscrita e na tradução de Anastácio Bibliotecário. *Cf*. MANGO & SCOTT 1997 369, n. 3.
[579] μανδάτον
[580] τούβικας: do latim *Tu vincas*.

magoada na alma. Efetivamente, queria tomar Tibério [como marido] e continuar Augusta. Não sabia que ele tinha mulher. Algumas pessoas diziam que, quando Justino estava vivo, ela se tornara amante dele, e que convencera Justino a fazê-lo César. Já Tibério, após ter enviado [mensageiros], introduziu Anastásia [na corte], de quem tinha duas filhas, Cárito e Constantina. Coroou-a Augusta e liberalizou muitas largezas consulares.

A.M. 6072

Neste ano, o imperador Tibério fundou o palácio que está no porto de Juliano, e mudou-lhe o nome de acordo com o nome de Sofia, a mulher de Justino. Estabeleceu-a lá, tendo-lhe dado cubiculários para o serviço dela e tendo ordenado que ela fosse honrada como mãe deles. Criou um banho e todas as outras coisas para o tratamento dela.

Enviou, por outro lado, embaixadores para o imperador dos Persas, de acordo com o costume, dando notícias da sua elevação: mas o imperador dos Persas não aceitou a paz. Então Tibério reuniu grandes forças, gastou os tesouros imperais e criou um grande exército, tendo nomeado um certo Justiniano como general do Oriente. Este tomou as forças e foi para Daras.

Os Persas estavam acampados perto deles, liderados por Tamcósroes. Assim que as linhas de combate estavam dispostas, vieram a conversações e fizeram pactos uns com os outros, para que durante três anos os Romanos e os Persas não devastassem a terra do Oriente, mas que contendessem pela Arménia.

A.M. 6073

Neste ano, o imperador dos Persas pegou nas suas forças e avançou sobre a Arménia. O general dos Romanos, quando soube que o imperador dos Persas estava para liderar ele próprio a guerra, ficou abatido: é que um medo havia-se imiscuído pelo exército[581] dos Romanos. Por causa disso, Justiniano fez discursos às suas forças e fez cessar a cobardia nos contingentes.

[581] λαόν

Quando a batalha ocorreu, as setas dos Persas foram tantas, que cobriram os raios do sol: os Romanos começaram a avançar para a luta corpo-a-corpo enquanto defletiam com os escudos o ímpeto vindo das setas. A formação dos Romanos era densa, pelo que os Persas não a podiam suportar. A multidão dos Babilónicos, assim, vira-se em fuga: e foi morta uma grande multidão. Tomaram ainda o estandarte, a tenda imperial e todo o equipamento [dos Persas], que era precioso. Os Romanos apoderam-se também dos elefantes e enviam para Tibério tais notáveis e imperiais despojos. Então o imperador dos Persas, não suportando a vergonha, emite uma lei, segundo a qual não mais um imperador dos Persas deveria sair em batalha.

O exército Romano, então, aproveitou-se das desgraças pérsicas, avançou para as partes interiores da Pérsia e fez muitos cativos e pilhagens na Pérsia, tendo chegado até a meio do mar Hircânio. Quando chegou o inverno, os Romanos não regressaram para as suas terras, mas invernaram na Pérsia.

Neste mesmo ano, Tibério começou a construir o [banho] público das Blaquernas. Renovou ainda muitas igrejas, hospícios e lares. E ordenou que o seu nome deveria ser, nos documentos oficiais, Tibério Constantino.

A.M. 6074

Neste ano, no mês de abril, dia seis, indicção décima quinta, o patriarca Eutíquio faleceu, e foi ordenado, passados seis dias, João, diácono da Grande Igreja, o Jejuador[582].

O imperador, por seu turno, comprou um conjunto de gentios[583] e fundou um exército em nome próprio. Vestiu-os e armou-os, quinze miríadas, tendo-lhes dado como general Maurício, o *comes foederatorum*, e como sub-general Narses. E enviou-os contra os Persas.

Ocorreu então uma grande batalha: os Romanos vencem pela força e arrebataram dos Persas cidades e terras, que os outros haviam tomado no tempo de Justiniano e de Justino. Depois Maurício foi para Constantinopla e foi recebido pelo imperador em

[582] ὁ Νηστευτής
[583] σώματα ἐθνικῶν: traduzido à letra, "corpos de gentios"

grande honra. Tibério fez um triunfo das vitórias de Maurício e juntou-o como seu filho adotivo através de Constantina, a sua filha. Da mesma forma, também juntou a sua filha Cárito ao general Germano, fazendo de ambos Césares.

No mês de agosto, dia seis, indicção quinze, [Tibério] caiu em desfalecimento, após ter comido, ao pequeno-almoço, umas amoras deliciosas, mas corruptas. E, como estava prestes a morrer, chamou a si o patriarca João e o Senado, conjuntamente com os soldados, para o *tribunalium*. Foi transportado por uma liteira e, uma vez que não era capaz de falar, fez claras ao povo[584], através de um leitor público, as coisas que levaram a tal estado. E aclamou Maurício, o seu filho adotivo, como imperador. Todos proclamaram a pretensão do imperador e Maurício como imperador. Tibério, ao regressar, morreu no seu próprio leito, tendo governado três anos, dez meses e oito dias.

A.M. 6075

Neste ano Maurício foi imperador, tendo quarenta e três anos de idade. Passado algum tempo casou, quando Paulo, o seu pai, havido chegado a Bizâncio. Marites, o eunuco do palácio, que tinha muito poder, foi o padrinho.

No mês de abril ocorreu um incêncio no Fórum, que operou em sinergia com um redemoinho de ventos e destruiu muitas casas. A dia dez do mês de maio, ocorreu um grande sismo: e todos se refugiaram nas igrejas. E não foi celebrada a corrida de cavalos de aniversário.

Neste mesmo mês, os Ávaros enviaram uma embaixada para o imperador Maurício. Eles, algum tempo antes, haviam subjugado Sérmio, uma cidade venerável da Europa, pelo que consideravam que, às oitenta mil peças de ouro que recebiam anualmente dos Romanos, se deveriam adicionar outras vinte. O imperador, ansioso por paz, aceitou isto. [O Grão-cã, chefe dos Ávaros,] pediu ainda que um elefante, um animal indiano, lhe fosse enviado para que ele o pudesse contemplar. O imperador enviou-lhe o maior de todos: e, depois de o ter visto, enviou-o de novo para o imperador. Pediu, da mesma forma, que uma cama dourada lhe fosse enviada. O

[584] λαῷ

imperador também lhe enviou esta: o outro também a reenviou, após a ter menosprezado.

Então pediu, mais uma vez, que outras vinte peças de ouro fossem adicionadas às cem mil. Uma vez que o imperador não aceitou isto, o Grão-cã pegou em armas, destruiu a cidade de Singiduno e subjugou muitas outras cidades que faziam parte do Ilírico. Tomou também Anquíalo: e ameaçava ainda destruir as Grandes Muralhas. O imperador, depois, enviou o patrício Elpídio, com Comencíolo, para o Grão-cã, como embaixadores. E o bárbaro confessou sobre os juramentos dos pactos [feitos] que iria conservar a paz.

No oriente, por seu turno, o imperador fez de João, o Mistacão, general da Arménia: este, chegado ao rio Nínfio, onde ele se junta ao Tigre, encontra-se em batalha com Cardarigas, o general dos Persas, e os Romanos dominam os bárbaros (Cardarigas, todavia, não é um nome importante, mas sim uma dignidade muito grande entre os Persas). Todavia, Crus[585], o general adjunto, vira as costas, por sofrer de inveja e ciúmes. Os restantes Romanos, ao vê-lo, também fugiram e salvaram-se a custo, na paliçada. Quando se deu um segundo recontro, os Romanos são derrotados e muitos deles foram mortos.

A.M. 6076

Neste ano, no mês de dezembro, dia vinte e cinco, segunda indicção, o imperador foi aclamado cônsul e doou muitos tesouros à cidade. Nomeia ainda Filípico como *magister militum* do Oriente, tendo feito dele cunhado adotivo por intermédio de Górdia, a sua própria irmã. Então Filípico foi para as partes pérsicas e aproximou-se de Nísibis: atacou a Pérsia de repente e tomou muitos cativos.

Cardarigas, o general dos Persas, ao saber disto, fez uma emboscada, porquanto quis fazer uma cilada aos exércitos dos Romanos. Filípico, por sua vez, salvaguardou os seus cativos, chegou à terra dos Medos pelos montes, devastou muitas terras da Média e regressou para as partes Romanas.

O Grão-cã, por seu turno, apressou-se a quebrar, por um dolo, a paz. De facto, armou as etnias dos Eslavos contra a Trácia: estas foram até às Grandes Muralhas e fizeram muitos estragos. O

[585] Κροῦς: o mesmo que Curs ou Curso.

imperador, então, conduziu para fora da cidade os exércitos do palácio e ordenou que os populares[586] guardassem as Grandes Muralhas. Depois nomeou Comencíolo como general, armou-o e enviou-o contra os bárbaros. Ele caiu sobre os bárbaros de forma desprevenida, matou muitas multidões e expulsou-os. Quando chegou à cidade de Adrianópolis, encontrou-se com Ardagasto, que trazia multidões de Eslavos com seus cativos. Caiu sobre este, salvou os cativos e cingiu-se com uma grande vitória.

A.M. 6077

Neste ano, Filípico levantou os exércitos e avançou sobre a terra Pérsica. Quando chegou a Arzanena, apoderou-se de muitos cativos e começou a incutir muito medo aos exércitos Pérsicos. Todavia, Filípico sucumbiu a uma doença e foi para Martirópolis: nomeou Anépsique para conduzir os exércitos[587] e colocou Estêvão como líder das linhas de combate[588]. Cardarigas, por sua vez, assim que chegou a Martirópolis, queimou todos os seus subúrbios e regressou. Filípico chegou doente a Constantinopla e os exércitos regressaram de forma incólume a casa.

Neste mesmo ano, nasceu um filho ao imperador, e deram-lhe o nome de Teodósio.

A.M. 6078

Neste ano Filípico, saído da cidade imperial, acampou perto da cidade de Amida e, após ter congregado os soldados, passou a perguntar-lhes se estavam prontos para avançarem para a batalha. Uma vez que os Romanos o convenceram, através de juramentos, que iriam lutar com afinco, avançou para Arzamo. Cardarigas, ao saber disto, desconsiderou o que ouviu com uma risada, porquanto lhe parecia que o que lhe era dito era a invenção de um sonho. Chamou assim os magos e começou a perguntar-lhes quem seria o senhor da vitória. Os curadores dos demónios[589] diziam que a vitória seria dada aos Persas pelos deuses.

[586] δήμους: não é claro, pelo contexto, se se está a referir à população em geral ou às fações de circo.
[587] λαῶν
[588] προστησάμενος
[589] οἱ τῶν δαιμόνων θεραπευταί

Os Persas, agitados pelas promessas dos magos, saltam em alegria com estas coisas e passam logo a construir correntes de madeira e ferro, para as colocarem nos Romanos. O general, por outro lado, exorta os Romanos para não agredirem com trabalhos os agricultores, não fosse a justiça de Deus, que odeia a maldade[590], transferir para os bárbaros a vitória.

No dia seguinte, portanto, o general envia dois filarcas dos Sarracenos, que capturam alguns Persas vivos, pelos quais [os Romanos] são informados acerca das movimentações dos adversários. Eles disseram que, no dia de Domingo, os bárbaros queriam avançar sobre os Romanos. Então Filípico, de madrugada, colocou os Romanos em ordem de batalha, em três linhas, e passou a avançar para a guerra. Ele carregava a imagem teândrica[591], que os Romanos creem ser feitas sem mãos humanas[592], e percorria as linhas de batalha enquanto outorgava ao exército parte da energia divina[593]. Quando ficou hirto atrás da linha de combate, e enquanto segurava aquela arma[594], com muitas lágrimas começou a propiciar a divindade: e assim ele tomou as ordens celestiais como aliadas[595].

Quando se deu o recontro, Vitaliano, o taxiarca, movido de uma forma mais enérgica do que todos, irrompeu pela linha dos Persas e tomou o equipamento deles. Os Romanos, depois, começaram a ocupar-se dos despojos: e Filípico, quando foi visto isto, temeu que os restantes [soldados] fossem também para os despojos e se esquecessem da linha de batalha, e que os bárbaros, regressando, os destruíssem. Enviou Teodoro, o Ilibino, após lhe ter colocado o seu próprio capacete, para que abatesse à espada aqueles que estavam ocupados com os despojos. Os outros, ao vê-lo, pensaram que era Filípico, pelo que abandonaram os despojos e avançaram para a batalha.

Com a batalha a decorrer durante muitas horas, surge uma ordem por parte do general, para que se atacasse os cavalos dos Persas com as lanças. Tendo isto acontecido, o exército Persa virou

[590] μισοπόνηρος
[591] τὴν θεανδρικὴν μορφήν: trata-se de um ícone de Jesus Cristo. *Vide* MANGO & SCOTT 1997 379, n. 4.
[592] ἀχειροποίητον
[593] θείας δυνάμεως
[594] τοῦτο κατέχων τὸ ὅπλον: a arma em questão é o próprio ícone.
[595] ὅστις τὰς οὐρανίους τραξιαρχίας συμμάχους προσελάβετο.

as costas e os Romanos obtiveram uma grande vitória: mataram muitos e despojaram-nos. No dia seguinte, Cardarigas tomou as suas forças e de novo se arma para a batalha. Deu-se um segundo recontro: de novo vencem os Romanos, e muitos Persas são mortos. São subjugados vivos dois mil, que depois são enviados para Bizâncio. Quanto a Cardarigas, ele refugiou-se em Daras. Mas os Persas expulsaram-no com insultos.

Então Filípico enviou Heráclio, o pai do imperador Heráclio, que era general adjunto, para espiar os bárbaros. Reenviou também os que haviam recebido ferimentos para as cidades, para serem curados. Depois pegou no exército, avança sobre a Babilónia e cerca a fortaleza de Clómaron. Cardarigas, por seu turno, recruta pessoas comuns com as suas carruagens e, após os ter congregado, começou a vangloriar-se de que tinha um exército. E, através de locais firmes, numa noite de lua nova, aparece nas costas dos Romanos, sendo que de forma alguma estava entusiasmado para os atacar.

Sobreveio então um medo inoportuno a Filípico, que abandonou a fortaleza e recorreu a uma fuga ilógica. Os Romanos, quando souberam disto, passaram a volver-se em fuga, por entre lugares difíceis de atravessar, caindo em grandes perigos. Era, de facto, lua nova. Ao nascer do sol, escaparam da desgraça. Apanhando o general, começaram a blasfemar contra ele com insultos vergonhosos. Já os Persas, julgando que a fuga fora fictícia, não os ousaram perseguir. Heráclio, por seu turno, passou o Tigre, incendiou tantas terras de importância quantas havia na região da Média, e assim regressou para Filípico com muitos despojos.

A.M. 6079

Neste ano o Grão-cã dos Ávaros, após ter dissolvido a paz, atacou a Mísia e a Cítia, destruindo de forma atroz Ratiarna, Bonónia, Ácis, Doróstolo, Zárdapa e Marcianópolis. Então Comencíolo foi para Ancíalo e, tendo dividido o exército, separou os sem mérito dos melhores. E, por um lado, ordena que a força não preparada, quarenta mil, guardasse a paliçada; tomou, por outro lado, os eleitos, que eram seis mil, forneceu dois mil a Casto e dois mil a Martinho e, após ter tomado os dois outros mil, avança sobre os bárbaros.

Casto foi para Zárdapa e Haimo, encontrou os bárbaros negligentes, e matou muitos. Apoderou-se de muitos cativos e deu-os a um guarda-costas, para os vigiar. Já Martinho, quando estava na cidade de Tomis, caiu inesperadamente sobre o Grão-cã e matou muitos do exército dele, ao ponto de o outro se ver em trabalhos para se salvar pela fuga. Assim Martinho, tendo adquirido uma gloriosa vitória, regressou para o general, para o local onde fora anunciado que eles deveriam esperar. Comencíolo, por seu turno, tomado pela cobardia, regressou para Marcianópolis. Os outros, ainda que não o tivessem encontrado, puseram em marcha os seus próprios exércitos e acamparam perto das passagens estreitas do Haimo.

Martinho, quando viu o Grão-cã a passar o rio, regressou para o exército. Casto, todavia, passou o rio, aproximou-se da vanguarda dos Ávaros e venceu-os em batalha. Porém, graças aos conselhos de um demónio obscuro[596], não regressou para o general. No dia seguinte, o Grão-cã apoderou-se das passagens do rio e cercou-o. O exército[597], então, foi dividido, e cada um fugiu como pôde pela floresta. Alguns foram caçados pelos bárbaros e informaram onde se escondia Casto. Capturaram-no vivo e começaram a saltar de alegria e a regozijar-se.

O Grão-cã, ao meio-dia, pôs-se a caminho de Mesêmbria para sul: avançou contra a Trácia e chegou às Grandes Muralhas. Já Comencíolo, escondido nas florestas do Haimo, saiu de lá com Martinho. E apanhou o Grão-cã desprevenido, em virtude da multidão dos bárbaros que estava dispersa pela Trácia: na primeira vigília avança contra ele. E ter-lhe-ia sido grande o sucesso da sua empresa se, por uma certa fortuna, não se tivesse desviado do propósito. Efetivamente, um animal de carga deixou cair o seu peso, e alguém gritou, na língua pátria, ao dono do animal para que colocasse a carga no sítio correto: "Vira, vira, ó irmão!"[598] O dono da mula ficou sem se aperceber[599] da ordem, mas os soldados[600]

[596] σκαιοῦ δέ τινος δαίμονος ὑποθήκαις

[597] λαός

[598] τόρνα, τόρνα, φράτερ: corresponde ao latim *torna, torna, frater*, que era usado no exército como ordem de comando. A língua pátria (τῇ πατρῴᾳ φωνῇ), portanto, é o Latim.

[599] ᾐσθάνετο: dentro do contexto, este verbo poderia também traduzir-se por "compreendeu", indicando que o dono em questão não saberia latim e/ou que não compreendia o seu uso militar.

[600] λαοί

ouviram-na e pensaram que os inimigos estavam a vir sobre eles. Verteram-se em fuga, gritando a altas vozes "vira, vira!". O Grão-cã, de qualquer forma, cercado de uma grande cobardia, fugiu em desordem. E era possível ver os Ávaros e os Romanos a fugir uns dos outros, sendo que ninguém estava a perseguir ninguém.

O Grão-cã, depois, recuperou os seus exércitos e assediou a cidade de Apíria. Encontrou Busas, o engenheiro da cidade, e tentou matá-lo. Mas Busas prometeu dar-lhe bastante dinheiro, se tivesse em conta a vida dele. Assim, aqueles que o prendiam colocaram-no em frente da cidade. Ele procurava que os habitantes da cidade o comprassem, expondo tudo o que havia feito pela cidade. Um certo cidadão, todavia, começou a convencer as multidões para não o fazerem, sendo que havia o rumor de que ele estava envolvido com a mulher de Busas.

Foi então que Busas, depois de ter sido rejeitado, passou a prometer ao Grão-cã que lhe entregaria a cidade. Construiu o instrumento de cerco ao qual chamam aríete, e capturou a cidade. Os bárbaros, após terem aprendido esta técnica de construção, subjugaram muitas outras cidades e regressaram com muitos cativos de guerra.

Os Bizantinos, por seu turno, quando ouviram que Casto fora feito cativo de guerra pelos bárbaros, começaram a fazer uso de muitos enxovalhos contra Maurício e a blasfemá-lo em público. Por essa altura Heráclio, o pai de Heráclio, ataca uma fortaleza Persa e captura-a: da mesma forma também Teodoro toma a fortaleza de Mazaron. Depois ambos foram para Beiudes. Uma vez que esta fortaleza era resistente, um certo soldado, chamado Saferes, após ter construído umas estacas grandes e de as ter espetado ao longo das junções das pedras, criou um caminho. Assim que ele subiu ao cimo da muralha, um homem persa atirou-o para fora. Saferes cai, mas os Romanos apanham-no com os escudos. O outro, então, ousou de novo a obra, e mais uma vez é atirado da fortaleza: de novo os Romanos apanham-no com os escudos, e de novo o outro insiste no plano. Quando enfim chegou ao topo da muralha, decapitou o Persa: depois atirou a cabeça aos Romanos, qual troféu consular[601], e encheu-os de ânimo. Muitos imitaram o valente homem e subiram a

[601] ὑπατεύσας

muralha pelas estacas: a fortaleza é entregue aos Romanos, que ora mataram alguns dos Persas, ora fizeram cativos em conjunto com os equipamentos e entregaram […] a fortaleza.

Filípico, por seu turno, pôs-se de novo a caminho de Bizâncio, após ter deixado Heráclio como general dos Romanos. Quando entrou no Tarso descobriu que o imperador enviara Prisco, tendo-o nomeado general do Oriente. Escreve a Heráclio para deixar o exército[602] e para ir ter com Narses, na Arménia, e que o informasse acerca da presença de Prisco. O imperador, de facto, ordenou a Filípico que a quarta parte do salário deveria ser retirada ao exército. É que Maurício sofria de avareza. Filípico, com medo de que isso fosse o começo de uma revolta[603], não obedeceu ao imperador e, por causa disso, deixou de ser general.

Prisco, por sua vez, chegou a Antioquia e ordenou que os soldados se reunissem em Monocarto: chama também Germano, a quem estava confiado o governo dos Edessenos, em conjunto com o bispo: e com eles abalou para o acampamento, para celebrar com eles a festa da Páscoa. Os generais do exército, por seu turno, reuniram-se com ele, na companhia dos estandartes, a duas milhas do acampamento. Prisco, porém, não se apeou do cavalo, como de costume, nem fez uso dos cumprimentos habituais. E foi daqui que começou o ódio para com ele: pois as multidões ficam afetadas com os insultos públicos.

Após a celebração, [Prisco] revelou, de forma abrupta, as cartas do imperador. As multidões, então, incorrem sobre a tenda do general, umas carregando gládios, outras pedras, outras peças de madeira. Prisco ficou muito amedrontado, subiu ao cavalo e esquivou-se ao perigo pela fuga. Os outros irromperam pela tenda dele e arrebataram todas as suas coisas. Ele, quando chegou a Constância, foi tratado por médicos por causa das golpadas, das pedras e das feridas. E envia o bispo da cidade para fazer um discurso de defesa, no acampamento, prometendo convencer o imperador para nada lhes tirar do que estava estabelecido. O exército, porém, demitiu o bispo com contumélias e aclamou o

[602] γράφει Ἡρακλείῳ καταλιπόντι τὸ στράτευμα: uma tradução *ad litteram* deveria ser "a Heráclio, que havia abandonado o exército". A informação, todavia, contradiz o que havia sido dito imediatamente antes. Atribuímos assim ao particípio aoristo, por força do contexto, um sentido final.
[603] [τυραννίδος]

general Germano, que o não queria, tendo-o elevado sobre um escudo. Destruíram as estátuas imperais e eliminaram as imagens[604] dele [de Maurício]. E estariam prestes a avançar para uma tirania e para despojar as cidades, se Germano não os tivesse impedido com muita admoestação e exortação. Prisco, por seu turno, tornou estas coisas claras ao imperador. O imperador, uma vez mais, fez de Filípico general do Oriente: e Prisco regressou a Bizâncio.

O exército asseverou por juramentos que não seria governado por Maurício. Os bárbaros regozijavam-se com as desgraças Romanas. O imperador, então, enviou Aristóbulo, o curador das casas imperiais, para o exército, a fim de que se dissolvesse a tirania por meio de juramentos e ofertas: coisa que ele fez. Com a revolta terminada, ocorreu uma enorme batalha entre os Persas e os Romanos ao longo de Martirópolis.

Os Romanos abateram os Persas pela força e organização, sendo que o general dos Persas, Maruzas, é morto. São também capturados, vivos, três mil, entre os quais os chefes das linhas de batalha[605] dos Persas. Somente mil se conseguiram salvar, que regressaram à Pérsia por entre muitos perigos. Os Romanos enviam ao imperador muitos dos despojos dos Persas, assim como todos os cativos vivos, em conjunto com os estandartes.

Maurício fundou um pórtico nas Blaquernas, descrevendo aí, através de pintores, os seus feitos, desde que era rapaz até ao seu reinado: e concluiu também os banhos públicos de lá.

A.M. 6080

Neste ano, no mês de setembro, na sexta indicção, os Longobardos moveram guerra contra os Romanos, e as nações dos Mouros fizeram muitos distúrbios por toda a África.

Existe, na Pérsia, uma prisão chamada Lete[606]. O imperador dos Persas fechou nela muitas pessoas de diferentes nações, em conjunto com os cativos da cidade de Daras. Estes, desesperados, insurgiram-se contra os seus guardas: mataram Maruzas e, tendo

[604] εἰκόνας
[605] οἱ τῶν Περσικῶν ταγμάτων ταξίαρχοι
[606] Λήθη: palavra grega que traduzia o equivalente persa para “Esquecimento”.

pegado na cabeça dele, foram para Bizâncio. O imperador recebeu-os com grande alegria.

O exército, por seu turno, aceitou a custo Filípico como general. Tendo ocorrido uma batalha entre os Persas e os Romanos em Martirópolis, os Romanos são derrotados. Então o imperador substituiu de novo Filípico no cargo de general e enviou Comencíolo como general do Oriente. Quando Comencíolo estava perto de Nísibis, e os Persas perto de Sarbano, irromperam uns contra os outros. Então Heráclio, o pai de Heráclio, destacou-se em batalha e matou o general dos Persas. Com a morte de Afraates, os Persas viram costas e os Romanos perseguem-nos. Houve para estes um grande despojo, sendo que se apoderam também das linhas de manutenção e enviam muitos despojos para Bizâncio. O imperador, depois, ilustrou a cidade com jogos equestres e panegíricos e fez um triunfo por causa da vitória.

Hormisdas, porém, o imperador dos Persas, após ter nomeado Baram como general, envia-o, em conjunto com muitos contingentes, contra Suânia. Apareceu sobre ela de forma inesperada e, após os Turcos terem sido desbaratados pelos Persas, Hormisdas foi autorizado de tal forma, que pôde tomar quarenta mil [moedas] de ouro dos Turcos, como tributo, sendo que dantes era ele que pagava a mesma quantia aos Turcos. Uma vez que Baram se havia notabilizado em batalha, e estando ele a acampar no rio Arax, Maurício, quando o soube, nomeia Romano como general e envia-o para Suânia com um exército.

Quando Romano chegou a Lázica, e estando perto do rio Fásis, aquartela-se na Albânia. Baram, então, tendo ouvido que o exército dos Romanos havia chegado, ri-se do assunto: desejava experimentar a formação de batalha Romana. De facto, não tinha, antes disso, lutado contra os Romanos. Transpôs, portanto, o rio vizinho, e começou a avançar, como que atraindo os Romanos para as partes interiores da Pérsia. Romano, porém, dividiu a coluna Romana, tendo deixado os inexperientes junto ao equipamento de carga. Tomou dez mil soldados experientes e começou a avançar contra os bárbaros: ordena ainda que dois mil soldados avancem à frente do exército. Assim que estes se encontraram com a vanguarda dos Persas, fazem-nos virar costas e mataram-nos a todos. Pois

enquanto se fugia, aparece-lhes um precipício e morreram todos, aí interceptados.

Os Romanos, em seguida, foram até à paliçada dos bárbaros, de tal modo que petrificaram com isso Baram. Romano, ouvido isso, animou e exército e [os soldados] montam linha de batalha na planície da Albânia. Baram tentou roubar a batalha, mas falhou no propósito: é que Romano distinguia-se pela inteligência. Estando eles em choque uns contra os outros, e tendo morrido muitos bárbaros, verificou-se uma enorme vitória dos Romanos: os bárbaros foram despojados e, como não tinham sepulturas, tornaram-se alimento para as feras.

O imperador dos Persas, quando ouviu isto, não suportou a vergonha, pelo que enviou a Baram uma vestimenta de mulher e demitiu-o do cargo de general. É nesta altura que Baram se revolta e avança para uma tirania. Insultou de volta Hormisdas, escrevendo-lhe uma carta com a inscrição: "Baram envia esta carta a Hormisdas, a filha de Cósroes." Reuniu então os exércitos e passou a dizer que Hormisdas se enraivecia contra os soldados, visto terem eles sido derrotados pelos Romanos. Revelava-lhes ainda cartas forjadas, como se tivessem sido escritas por Hormisdas, relativas a uma diminuição dos salários dos soldados. Recorda-lhes a inurbanidade de Hormisdas e a sua crueldade, a sua avareza e violência, e como ele não se satisfazia com assassínios e se afastava da paz, como atirava os que se tornavam poderosos para as prisões, decapitando uns à espada e a outros afogando no Tigre, e como forçava os Persas a avançar para grandes batalhas, para que eles fossem destruídos e não se revoltassem contra ele. Tendo atirando com estas palavras aos soldados, incitou uma grande revolta contra Hormisdas. E concordam todos em destronar Hormisdas, após terem garantido Baram com juramentos.

Hormisdas armou Ferocanes, o seu *magister*[607], com um exército, e enviou-o contra Baram. Baram, no entanto, dizia a Ferocanes e aos soldados que não era necessário que Persas movessem armas contra Persas. Lembrou-lhes a aspereza de Hormisdas, a injustiça, como ele se alegrava com sangue e assassínios, como não era de confiança e como era de más intenções

[607] μάγιστρου

e violento. Os militares[608] em torno de Ferocanes, quando compreenderam que as coisas ditas eram verdadeiras, passaram para o lado de Baram, mataram Ferocanes, uniram-se a Baram e atacaram Ctesifonte.

Hormisdas tinha Bíndoes, pessoa de grande dignidade, numa prisão. Uma vez que as coisas estavam muito agitadas, Vestã, irmão de Bíndoes, correu para a prisão e retirou de lá Bíndoes, seu irmão. Eles depois congregaram multidões de rústicos e de pessoas da cidade e, à terceira hora do dia, avançam para a corte imperial. Encontraram Hormisdas sentado no trono de forma majestosa e atiram-no para o chão com muitas contumélias. Bíndoes apoderou-se de Hormisdas, arrancou-lhe o diadema da cabeça dele e remeteu-o para uma prisão. E passou a pedir que Cósroes fosse colocado no trono ancestral.

Hormisdas, no entanto, enviou um mensageiro da prisão aos Persas, pedindo para que ele pudesse falar das coisas que aconteciam na Pérsia. Isso ocorreu no dia seguinte. O Senado dos Persas reuniu-se nos locais imperiais juntamente com a multidão: depois trazem Hormisdas preso. Então Hormisdas recordou aos Persas como não se deveria pecar[609] assim em relação aos imperadores; recordou os troféus que ele fizera na qualidade de imperador e as coisas que fizera de bem aos Persas; como fizera com que os Turcos pagassem tributos aos Persas; como fizera os Romanos amar a paz e como tomara Martirópolis: e relatava as glórias dos seus antepassados. Achava digno que Cósroes fosse demovido do império, visto ser ele litigioso, insaciável, sanguinolento, arrogante e amante da guerra: mas como ele tinha um outro filho, pedia para que ele fosse eleito[610] para o império.

Bíndoes, por sua vez, retorquia a Hormisdas e, ao pôr em claro os erros dele, moveu todos contra Hormisdas. Trazem para o meio também a mulher de Hormisdas e o filho: e, […] cortaram-nos em dois na presença de Hormisdas. Depois cegaram Hormisdas e colocaram-no numa prisão. Cósroes tratou do pai na prisão durante algum tempo, fornecendo-lhe todas as comodidades. Hormisdas,

[608] λαοί
[609] ἐξαμαρτάνειν
[610] προχειρίσασθαι

porém, respondia-lhe com insultos, pisando as coisas enviadas pelo imperador. Cósroes, então, enfurecido, ordenou que ele morresse com bastonadas duras, percutido nas ilhargas. Isto entristeceu os Persas e criou um ódio contra Cósroes.

Cósroes, por sua vez, reuniu as suas forças, saiu dos aposentos imperiais contra Baram e foi para uma planície do rio Zabe, onde Baram tinha uma paliçada. Cósroes suspeitou que alguns dos governantes se prostravam[611] perante Baram, pelo que os matou. Como o exército ficou perturbado[612], Cósroes afasta-se com alguns poucos: e todos os que estavam em torno de Cósroes passaram para o lado de Baram. Por isso, Cósroes não sabia o que haveria de fazer, sendo que alguns o aconselhavam a ir para os Turcos, ao passo que outros que fosse para os Romanos. Cósroes subiu para o cavalo, soltou-lhe a rédea e ordena a todos que seguissem as movimentações do cavalo. O cavalo, então, avançou para as partes Romanas.

Ele vai assim para Cercésio e envia embaixadores aos Romanos, deixando claro que estava a chegar. Calhou de estar aí o patrício Probo, que o recebeu e que, através de cartas, informou o imperador acerca do que se passava com ele. Baram envia embaixadores a Maurício, pedindo para não se aliar a Cósroes. O imperador Maurício ordena ao general Comencíolo, em Hierápolis, para acolher Cósroes e o honrar com tratamentos imperiais.

Neste mesmo ano, o imperador Maurício estabeleceu que deveria haver uma ladainha em memória da Santa Mãe de Deus[613] nas Blaquernas, assim como que se deveria dizer um encómio à Senhora[614], tendo-lhe dado o nome de *Panegyris*[615].

A.M. 6081

Neste ano, o imperador Maurício, após ter adotado Cósroes, o imperador dos Persas, enviou-lhe Domiciano, bispo de Melitene, seu familiar, juntamente com Narses, tendo confiado a este a liderança

[611] πρόσκεινται
[612] λαοῦ
[613] θεοτόκου
[614] δεσποίνης
[615] Πανήγυριν

da guerra. Eles pegam em Cósroes e em todas as forças Romanas e atacam a Pérsia.

Baram, ao saber disto, tomou as forças que estavam em torno de si e acampou no lugar chamado Alexandrino, julgando que impediria os exércitos que vinham da Arménia de se unirem a Narses. Efetivamente, Maurício ordenara a João Mistacão, o *magister militum* da Arménia, para que reunisse os exércitos e se unisse a Narses, a fim de que em conjunto fizessem guerra contra Baram. Todas as forças Romanas, porém, uniram-se durante a noite e dispuseram-se em linha de batalha contra Baram.

Então Baram, tomado pela cobardia, acampou na montanha. Deu-se depois uma batalha medonha, sendo que Narses não fez caso das bestas índicas[616] e desbaratou a linha central dos bárbaros. Tendo isto ocorrido, também as restantes linhas de Baram esmoreceram: e deu-se uma grande fuga [das tropas] do tirano. Narses, perseguindo de forma descontrolada, matou os Persas e capturou vivos seis mil, que conduziu como prisioneiros para Cósroes. Cosroes matou-os a todos à lança. Quanto aos Turcos que calhou de encontrar, a esses enviou-os para o imperador em Bizâncio.

Os Turcos tinham, através de pontos negros, o sinal de Cruz[617] nas testas. Quando foram questionados pelo imperador por que motivo carregavam tal sinal, os Turcos responderam que havia muitos anos que houvera na Turquia uma praga e que alguns dos cristãos de entre eles os haviam aconselhado a fazer isso, sendo que desde aí a segurança viera para a terra.

O exército dos Romanos capturou a tenda e os mantimentos de Baram, em conjunto com os elefantes, e entregaram-nos a Cósroes. Já Baram fugiu para as partes interiores da Pérsia: e assim termina a guerra contra ele. Depois Cósroes, tendo adquirido uma grande vitória, retomou o seu próprio trono e deu aos Romanos um banquete de vitória. Narses, por sua vez, ao regressar para a sua terra, dizia a Cósroes: "Lembra-te, Cósroes, deste dia. Os Romanos agraciaram-te com o império!".

[616] τῶν Ἰνδικῶν θηρίων: *i.d.*, elefantes de guerra, que eram usados pelo exército de Baram.
[617] τὸν τύπον τοῦ σταυροῦ

Cósroes temia ser assassinado por dolo, pelo que procurava de Maurício mil Romanos para ter como seus guardas. Maurício, tendo adquirido para com o bárbaro um grande amor, concretizou o seu pedido. E assim terminou a guerra pérsica dos Romanos[618].

A.M. 6082

Neste ano, no mês de março, dia vinte e seis, oitava indicção, no dia da Santa Páscoa, Teodósio, o filho de Maurício, com quatro anos e meio, foi coroado por João, patriarca de Constantinopla. Neste mesmo ano, o imperador Maurício acabou de edificar a igreja dos Quarenta Santos, que Tibério havia começado a construir e que estava na Mese[619]. Dizem que neste local havia, dantes, um pretório.

Enquanto que uma paz profunda imperava no Oriente, a guerra Ávara veio como ondas[620] para a Europa. Foi por causa disso que o imperador Maurício transferiu as forças do Oriente para a Trácia.

A.M. 6083

Neste ano, com a chegada da Primavera, as linhas de batalha[621] estavam a chegar à Trácia. Maurício saiu com eles para ver as devastações causadas pelos bárbaros. A Augusta, o patriarca e o Senado pediam ao imperador para não tomar parte na batalha, mas para nomear um general para o efeito: ele, todavia, não o aceitou. E verificou-se, quando ele estava a sair para o Hebdomo, um eclipse do sol. Ocorreram também sopros de ventos do sul – uma ventosidade violenta.

Tendo chegado a Régio, consolou as multidões de pobres com prata. E quando o imperador saiu para caçar, um porco selvagem, imenso, atacou o César. O cavalo, com medo do que vira, procurou sacudir o César: todavia, ainda que estivesse instável durante muito tempo, não conseguiu atirar o César. O porco, por seu turno, não tendo sido ferido por ninguém, voltou para de onde viera.

[618] καὶ οὕτως ὁ Περσικὸς τῶν Ῥωμαίων κατεπέπαυτο πόλεμος.
[619] ἐν τῇ Μέσῃ: rua "central" de Constantinopla
[620] ἐκύμαινε
[621] ταγμάτων

Fazendo o caminho para Peirinto[622] por navio, verificaram-se ventos do sul e uma chuva torrencial, sendo que os marinheiros não sabiam o que fazer. O navio do imperador começou a ser transportado de tal maneira, que só foi salvo, de uma forma paradoxal[623], num lugar de nome Daónio. Nessa mesma noite uma mulher dava à luz, emitindo gritos dolorosos. Quando chegou a madrugada, o imperador enviou [alguém] para saber o que estava para ocorrer. E viram uma criança, nascida sem olhos e pálpebras, que não tinha nem mãos nem braços: nas coxas, porém, havia uma cauda semelhante à de um peixe. O imperador, ao ver isto, ordenou que a matassem. Nesse mesmo dia, o cavalo do imperador, que estava ornado com uma decoração de ouro, desfaleceu subitamente e caiu. O imperador, assim, tomando todas estas coisas como presságios, ficou muito abatido.

No dia seguinte três homens, Eslavos de nação, sem estarem armados com qualquer tipo de arma de ferro, mas que eram acompanhados somente de liras, foram dominados pelos Romanos. O imperador então perguntou-lhes de onde vinham e onde passavam o tempo. Eles disseram que haviam nascido, de raça, eslavos; que haviam habitado no fim do oceano do Ocidente; e que o Grão-cã havia enviado aos líderes gentílicos deles uma embaixada e presentes, para que fossem aliados dele contra os Romanos. Os taxiarcas[624] deles haviam-nos enviado para se defenderem do Grão-cã, dado não conseguirem, por causa da extensão do caminho, enviar-lhe reforços. Disseram ter feito um caminho de dezoito meses e que caíram assim nas mãos dos Romanos. Disseram ainda que traziam consigo liras por não saberem manejar quaisquer armas, sendo que a terra deles não conhecia o ferro. O imperador espantou-se com a juventude e a grandeza do corpo deles. Louvou-os e enviou-os para Heracleia. Quando chegou a Anquíalo, soube que haviam chegado a Bizâncio embaixadores dos Persas e dos Francos, pelo que regressou para a corte imperial.

[622] ἐπὶ τὴν Πείρινθον: o mesmo que Perinto.
[623] παραδόξως
[624] ταξίαρχοι

A.M. 6084

Neste ano, o Grão-cã começou a pedir que se fizessem adições ao que estava acordado: o imperador, porém, não aceitou as palavras do bárbaro. Por causa disso, o Grão-cã iniciou de novo a guerra: assedia Singiduno e acampa junto a Sírmio. O imperador, então, nomeia Prisco como general da Europa.

Prisco, por sua vez, fez de Salviano o general adjunto e ordenou que ele tomasse a dianteira. Depois de avançarem contra os bárbaros, juntam-se em batalha e os Romanos vencem. O Grão-cã, ao ouvir isto, pegou nas suas forças e passou a dirigir-se para a batalha. Salviano, ao ver as multidões, vai ter, abatido pelo terror, com Prisco. Quando soube da retirada dos Romanos, o Grão-cã avança para Anquíalo, isto é, para a igreja de Santo Alexandre: e entregou-a às devoradoras chamas.

Transferiu-se, em seguida, para Drizípera, e procura pilhar os edifícios da cidade, após ter construído armas de cerco. Os habitantes de Drizípera, porém, impuseram-se contra eles com uma fingida coragem. Efetivamente, abriram as portas [da cidade] e começaram a ameaçar fazer batalha contra os bárbaros, sendo que eles, na verdade, estavam com grande medo. Foi quando uma certa força divina[625] esteve com eles. Pois, a meio do dia, os bárbaros julgavam ver as forças dos Romanos a sair da cidade e a quererem juntar-se em batalha, pelo que, tomados pelo terror, fogem com grande urgência e vão para Peirinto.

Prisco, por sua vez, como nem sequer suportava contemplar as multidões dos bárbaros, entrou em Tzurulo e entricheirou-se na fortaleza. Já o bárbaro procurava sitiar Prisco. Maurício, tendo ouvido isto, ficou desesperado sobre o que fazer: por prudência, todavia, recorreu a um estratagema, para se esquivar de uma força imensa. Convence um dos excubitores, com grandes prendas e promessas, a cair sobre os bárbaros por vontade própria. E dá-lhe uma carta dirigida a Prisco, que continha estas palavras: "Ao ilustríssimo general Prisco. Não temas a ultrajante tentativa dos bárbaros, pois ela ocorre para a destruição deles. Compreende que o Grão-cã deve regressar com grande vergonha para a terra que lhe foi designada pelos Romanos. Por causa disso, que sua Ilustríssima

[625] θεῖά τις δύναμις

[pessoa] aguente pacientemente, fazendo com que eles vagueiem em Tzurulo. De facto, estamos a enviar pelo mar navios e estamos a tomar cativas as famílias deles. Ele será coagido, em vergonha e punição, a regressar para a sua terra."

O Grão-cã apoderou-se da carta, leu-a e ficou muito assustado: e, após ter estabelecido pactos com Prisco e de ter feito a paz com presentes pequenos e sem dignidade, regressou para a sua terra, em fuga apressada.

A.M. 6085

Neste ano, o imperador Maurício enviou Prisco, com todas as forças Romanas, para o rio Istro[626], para que impedisse que as etnias dos Eslavos o passassem. Indo este para Doróstolo, o Grão-cã, ao sabê-lo, enviou-lhe embaixadores e acusou os Romanos de darem um início à guerra. Prisco, por seu turno, dizia em sua defesa: "Não vim aqui para fazer guerra aos Ávaros, mas fui enviado pelo imperador contra as etnias dos Eslavos."

Prisco ouviu que Ardagasto havia espalhado as etnias dos Eslavos para a pilhagem, pelo que passou o Istro a meio da noite e atacou Ardagasto de forma imprevista. Então Ardagasto, apercebendo-se do perigo, monta um cavalo não equipado e salva-se a custo. Os Romanos mataram multidões de Eslavos e devastaram a terra em torno de Ardagasto. Fizeram cativos de guerra e enviaram muitos para Bizâncio, por intermédio de Tatímero. Tatímero, no entanto, fazia o caminho de forma relaxada e dava-se, em negligência, à embriaguez e à moleza. Ao terceiro dia, uma multidão de Eslavos cai sobre ele: e, tomado pela cobardia, foi em fuga para Bizâncio.

Os Romanos que estavam com ele, porém, lutaram fortemente contra os Eslavos e dominaram os bárbaros de forma paradoxal[627]. Depois conduzem para Bizâncio os cativos de guerra em segurança, para o imperador. O imperador, regozijado, avançou com hinos de louvor a Deus, em conjunto com toda a cidade. Então Prisco ganhou alento e começou a avançar para as partes interiores dos Eslavos.

[626] Ἴστρον: *i.d.*, o rio Danúbio
[627] παραδόξως

Um certo homem Gépida, que era da religião dos Cristãos[628], desertou para os Romanos e revelou a entrada [da terra deles] aos Romanos: e eles dominaram os bárbaros. Disse também que Musúcio, o rei dos bárbaros, estava situado a trinta milhas. [Prisco], assim, tendo passado o rio graças à traição do Gépida, encontra, a meio da noite, Musúcio possuído pela embriaguez. Efetivamente, havia celebrado o funeral do seu próprio irmão. Capturou-o vivo e infligiu muita mortandade aos bárbaros. [Os soldados] apoderaram-se de muitos cativos, mas entregaram-se à embriaguez e à moleza. Os bárbaros reuniram-se e investiram sobre os vencedores: e a retribuição teria porventura sido mais severa do que a anterior coragem, não tivesse Genzo, com a força de infantaria dos Romanos, prevenido as investidas dos bárbaros e não se tivesse oposto com uma luta feroz. Prisco, depois, empalou aqueles a quem havia confiado fazer a guarda.

Neste mesmo ano também Paulo, o pai do imperador, morreu em Constantinopla: e foi sepultado nos monumentos imperais. Da mesma forma, também a augusta Anastácia, a sogra de Maurício, mulher do imperador Tibério, [morreu e] foi sepultada com Tibério, o seu marido.

A.M. 6086

Neste ano, após Prisco ter chegado, uma vez mais, ao Istro[629], de ter pilhado as etnias dos Eslavos e de ter enviado muitos cativos ao imperador, o imperador enviou Tatímero a Prisco e indica-lhe que era a altura ideal para que os Romanos aí passassem o inverno. Os Romanos, porém, ao saberem disto, responderam que não era possível que isso ocorresse, em virtude da multidão dos bárbaros, do facto de a região ser inimiga e de o frio ser insuportável. Prisco, contudo, convenceu-os com discursos persuasivos a passarem aí o inverno e a cumprirem a ordem do imperador.

O imperador Maurício, ouvindo isto, fez com que Filípico, o seu próprio cunhado, que era general do Oriente, fosse *comes* dos *excubitores*. Ele confiava neste, visto ter-lhe dado em casamento a própria irmã. Filípico, então, começou a fundar em Crisópolis o

[628] θρησκείας τῶν Χριστιανῶν
[629] Ἴστρον: *i.d.* o rio Danúbio

mosteiro da muito Santa Nossa Senhora Mãe de Deus[630], assim como, nele, um palácio que era capaz de receber Maurício e os filhos dele. Aí criou lagos e parques para o uso dele. Fundou ainda, em Constantinopla, a casa chamada de Filípico.

A.M. 6087

Neste ano, nos subúrbios de Bizâncio, são dados à luz monstros[631]: uma criança de quatro pés e uma outra de duas cabeças. Os que escrevem a História com atenção[632] dizem que isto não significa coisa boa para as cidades em que há nascimentos deste género.

O imperador, de qualquer forma, dispensa Prisco do cargo de general, fazendo com que Pedro, o seu próprio irmão, fosse general das forças armadas. Prisco, todavia, tomou as forças para si, antes que Pedro chegasse, e passou o rio. O Grão-cã, quando ouviu acerca da passagem do exército Romano, ficou muito espantado e enviou [um mensageiro] a Prisco, procurando saber a causa, tomar parte dos despojos e, deste modo, penetrar no rio. Efetivamente, levava muito a mal os bons sucessos dos Romanos.

Prisco envia ao Grão-cã um embaixador acerca destas coisas: Teodoro, o médico, que era bem provido de astúcia e inteligência. Este, quando viu o Grão-cã a pensar em coisas grandes e a dar respostas de uma forma insolente (ameaçava, de facto, que ele seria o senhor de todas as etnias), amoleceu o bárbaro orgulho com uma estória antiga. Pois assim dizia: "Presta atenção, Grão-cã, a uma estória útil. Sesóstris, o imperador[633] dos Egípcios, ilustre e muito afortunado, distinto pela riqueza e invencível nas forças militares, escravizou muitas e grandes nações. Caído daí em insolência, construiu uma carruagem carregada de ouro, feita de pedras preciosas: sentou-se nela e juntou ao jugo quatro dos imperadores derrotados, para que arrastassem a carruagem. Enquanto isto ocorria numa festa importante, um dos quatro imperadores voltava frequentemente os olhos para trás e olhava para a roda a rodar. A Sesóstris que lhe perguntava: ´Por que é que tu viras os olhos para

[630] τῆς παναγίας δεσποίνης ἡμῶν θεοτόκου
[631] τέρατα
[632] οἱ τὰς ἱστορίας ἐπιμελῶς ἐγγράφοντες
[633] βασιλεύς

trás? ´, disse-lhe isto: ´Estou admirado com a roda, que nunca se cansa e se move de uma forma diferente de cada vez: assim ora humilha as partes superiores, ora faz elevar as partes baixas.´ Sesóstris compreendeu com sabedoria a metáfora e criou uma lei para que os imperadores não mais arrastassem carruagens."

O Grão-cã, ao ouvir isto, sorriu, disse que faria a paz e que dependeria da escolha de Prisco, se ele eventualmente quisesse honrar o Grão-cã com alguma das depredações. Prisco, então, devolveu os cativos ao Grão-cã em troca da passagem. Tomou todos os despojos sem perigo e ultrapassou o rio. Já o Grão-cã, quando recebeu isto, ficou muito satisfeito. Prisco foi para Bizâncio. Pedro, por seu turno, tomou o cargo militar.

A.M. 6088

Neste ano, o imperador ordenou a Pedro, o general, que os Romanos tomassem um terço do seu salário em ouro, um outro terço em armas e o último terço em vestimentas de vários géneros. Foi quando os Romanos, ao ouvirem isto, se viraram em revolta. O general, com medo, começou por se defender dos soldados, dizendo que isso não era verdade. E revelou ao exército uma outra carta que lhe ordenava para que os mais bravos, e que se salvaram de muitos perigos, descansassem nas cidades e aí recebessem uma reforma dos fundos públicos, e que os filhos dos soldados deveriam ser recrutados para o lugar dos seus pais. Acalmou o exército[634] com estes argumentos: e eles aclamaram o César.

Pedro, em seguida, informou o imperador acerca destas coisas. Ao chegar a Marcianópolis, envia mil soldados como vanguarda. Estes calharam de encontrar Eslavos que carregavam muita pilhagem Romana: e fazem-nos virar as costas. Já os bárbaros, depois de matarem os cativos […] e de se terem apoderado de muitos cativos, regressam para as partes Romanas.

Neste mesmo ano, o imperador fundou o solário circular da Magnaura: colocou na aula interior uma estátua de si próprio. Aí também colocou o armamento.

[634] λαόν

A.M. 6089

Neste ano, estando o general Pedro a caçar, e vindo de encontro a ele um porco selvagem, esmagou o seu pé contra uma árvore e, durante muito tempo, padeceu de dores insuportáveis. O imperador, então, com um carta reprobatória e calúnias insuportáveis, ataca-o, pois ouvira que as etnias Eslavas se estavam a movimentar contra Bizâncio. Pedro, pressionado, foi para Novas. Os soldados ilustres da cidade, juntamente com o bispo, foram ao encontro do general: assim que general os viu, e tendo ficado admirado com o armamento e coragem deles, ordena que eles abandonem a cidade e se juntem à massa Romana. Os soldados, porém, que estavam destacados para estarem junto à fortaleza da cidade, não aceitaram fazer isso.

Então o general, exacerbado, enviou Genzo com uma multidão de soldados. Os outros, quando o souberam, fugiram para a igreja e, tendo fechado as portas do templo, mantiveram-se lá dentro. Genzo, por sua vez, ali ficou [sem entrar] por reverência ao templo, ainda que assim nada realizasse. Mas Pedro, enfurecido, demite Genzo do cargo de general e envia um *scribon* para que lhe conduzisse o bispo de forma desonrosa. Todavia, todos os que eram da cidade reuniram-se e expulsaram indecorosamente da cidade o *scribon*. Após terem fechado as portas da cidade, começaram a aclamar, por um lado, o imperador Maurício, e a atacar com insultos, por outro lado, o general. E assim Pedro daí regressou, desonradamente.

Envia depois, de antemão, mil soldados para baterem terreno. Estes calharam de encontrar Búlgaros, em número de mil. Os Búlgaros, animados pela paz do Grão-cã, caminhavam sem preocupação. Então os Romanos começaram a fazer investidas contra os Búlgaros. Os Búlgaros, por seu turno, enviam sete homens, que exortavam a que não dissolvessem a paz. Os soldados da vanguarda ouviram-nos e reportaram estas coisas ao general. O general disse: "nem mesmo se o imperador estivesse presente eu os pouparia!". Ocorreu depois uma batalha: e os Romanos são postos em fuga. Os bárbaros, todavia, não os perseguiram, não fosse que, tendo vencido, caíssem em perigo. O general, em seguida, castigou severamente o taxiarca da vanguarda.

O Grão-cã, depois de saber isto, enviou embaixadores para Pedro, acusando-o de ter começado [uma guerra] e de os Romanos, sem uma causa justa, terem dissolvido a paz. Então Pedro recorreu a discursos enganadores e asseverou que não sabia nada da movimentação, e que daria de volta todos os despojos em duplicado. E assim os bárbaros preservam a paz, depois de terem pegado no dobro dos despojos que haviam perdido.

Depois Pedro avança contra Peragasto, o chefe dos Eslavos: já os bárbaros encontraram-se com eles na margem do rio, impedindo a passagem. Os Romanos lançaram flechas dos navios de transporte[635], fizeram-nos mudar de rumo e, enquanto eles estavam em retirada, Peragasto é ferido na virilha e morre. Os Romanos passam o rio, apoderaram-se de uma multidão de cativos e regressaram para a sua terra. Os guias, porém, desviaram-se do caminho e eles forem ter a uns lugares sem água, pelo que o exército periclitava. Caminharam durante a noite e depararam-se com o rio Helibácia. Havia um matagal na outra margem do rio, onde os bárbaros se haviam escondido: atiravam flechas dele aos que iam buscar água. Deste modo, infligiu-se um grande vexame aos exércitos Romanos, que cederam à fuga, desbaratados pelos bárbaros. Já Maurício, ao ouvir estas coisas, demitiu Pedro do cargo de general e enviou de novo Prisco como general da Trácia.

A.M. 6090

Neste ano, o general Prisco saiu para a Trácia, contou os soldados e descobriu que uma grande multidão deles havia sido eliminada. Pegou neles e foi para o rio Istro, em Novas. O Grão-cã, quando soube disto, enviou embaixadores, querendo saber a causa da sua vinda. Prisco deu como desculpa que havia chegado para caçar. O Grão-cã, então, diz: "Não é justo que se cace em terra alheia." Mas Prisco dizia que o local era dele e repreendeu o Grão-cã por ter saído do Oriente. O bárbaro, assim, quebrou as muralhas de Singiduno e começou a avançar para a terra dos Romanos.

Sabendo disto, Prisco foi para a ilha de Istro, tomou alguns *dromones* e foi ter com o Grão-cã em Constancíola, desejando conversar com ele. Prisco começou a dialogar com o Grão-cã, a

[635] ἀπὸ τῶν πορθμίων

partir do seu barco, quando este veio para a margem do rio. O Grão-cã, então, disse-lhe: "Que tens tu, ó Prisco, que ver com a minha terra? Queres também tirar-me esta das minhas mãos com uma mentira? Deus julgará entre mim e o imperador Maurício. Ele procurará, das Suas próprias mãos, o sangue do exército dos Romanos e do meu exército.[636]" Prisco respondeu-lhe: "Entrega a cidade de Singiduno aos Romanos!"; o outro disse: "tu procuras tomar de nós uma só cidade. Verás em breve cinquenta cidades Romanas escravizadas pelos Ávaros!".

Prisco aportou os navios em Singiduno através do rio: pilhou-a, expulsou dela os Búlgaros e concluiu[637] o estabelecimento da muralha. O Grão-cã, então, enviou-lhe mensageiros, jurou pelos falsos deuses dele[638] e acusou Prisco das coisas acontecidas. Depois veio o inverno e ambos regressaram para as suas partes.

Neste mesmo ano, Pedro, o irmão de Maurício, fundou a igreja da santa Mãe de Deus[639] de Areobindo, tendo-a ornado com mármores de diverso tipo. Da mesma forma também Ciríaco, o patriarca, [construiu] a igreja da Santa Mãe de Deus[640], em Diaconisa.

A.M. 6091

Neste ano, o Grão-cã congregou as suas forças e avançou sobre a Dalmácia. Tomou Balces e as quarenta cidades em torno dela: e pilhou-as a todas. Prisco, sabendo destas coisas, enviou Gudues para espiar o que estava a acontecer. Quando ele chegou aos bárbaros, caminhando por terras de difícil acesso, deparou-se com dois bárbaros atordoados pelo vinho. Gudues perguntou-lhes sobre as movimentações dos bárbaros. Eles disseram que o Grão-cã havia dado os cativos de guerra a dois mil soldados, para que os levassem para casa.

Gudues, informado acerca destas coisas, esconde-se numa pequena ravina, aparece-lhes nas costas de madrugada e de súbito

[636] *Cf.* 2 Sam, 4:11
[637] ἀπήρξατο: tanto a tradução de Cyrill e Mango, como a de João Casseno traduzem por "começou".
[638] τοὺς ψευδωνύμους ἑαυτοῦ θεοὺς διεμαρτύρατο: atente-se como é um pagão quem, poucas linhas antes, havia citado um Salmo: é um indício de uma estilização literária.
[639] τῆς ἁγίας θεοτόκου
[640] τῆς ἁγίας θεοτόκου

matou-os a todos. Depois tomou os cativos e conduziu-os para Prisco. O Grão-cã, ao saber do infortúnio, regressou para a terra dele. E Prisco também regressou para as suas partes.

A.M. 6092

Neste ano, na indicção terceira, no mês de março, Prisco levantou as suas forças e foi para Singiduno. Já o Grão-cã, após ter congregado o seu exército, impõe-se de súbito sobre a Mísia e procura tomar a cidade de Tomis. Por causa disto, Prisco abandonou Singiduno e aproximou-se dele.

Quando chegou a celebração da Páscoa, os Romanos estavam enfraquecidos pela fome, pelo que o Grão-cã, ao ouvir isto, deu sinal a Prisco para que lhe enviasse carruagens, a fim de que o próprio pudesse dar-lhes mantimentos e para que cumprissem com alegria a Celebração deles. Encheu então quatrocentas carroças e enviou-lhas: da mesma forma, também Prisco enviou, como retribuição, uns materiais indianos: pimenta, cravinho, gengibre, canela[641] e outras coisas que haviam sido pedidas, sendo que o Grão-cã estava estabelecido em Sírmio. E ficou muito agradado ao receber estas coisas. Os Romanos e os bárbaros interagiam uns com os outros até a celebração se concluir: e não havia medo algum em nenhum dos exércitos. Tendo a celebração sido concluída, os bárbaros afastam-se dos Romanos.

Então Maurício, sem dúvida[642] para ajudar Prisco, enviou Comencíolo com um esquadrão de infantaria. Quando soube disto, o Grão-cã marcha contra Comencíolo, sobre a Mísia, a cerca de trinta milhas dele. Comencíolo, desesperado, enviou um mensageiro para o Grão-cã. Dizem alguns que Maurício aconselhara Comencíolo a entregar o exército Romano aos inimigos, em virtude da sua rebeldia. Quando a noite estava a meio, ordenou que o exército se pusesse em armas, sem expor às multidões que elas estavam para se juntar em batalha. Eles, supondo que o outro lhes havia ordenado que pegassem em armas para um exercício, não se armaram como deveriam.

[641] πέπερί τε καὶ φύλλον Ἰνδικὸν καὶ κόστον καὶ κασσίαν

[642] δῆθεν: Mango e Scott supõem que esta palavra está a ser usada em sentido irónico. Nós preferimos, no entanto, a sua significação direta.

Quando veio o dia, os bárbaros estavam a chegar: um grande tumulto apoderou-se então do exército. Comencíolo perturbava as linhas de batalha e era a causa da instabilidade deles [dos soldados]. Assim os Romanos, por um lado, começam a pôr-se em fuga; os bárbaros, por outro, encontraram o exército[643] sem general e começam a matá-lo sem piedade. Comencíolo vai para Drizípera em torpe fuga: os da cidade, todavia, expulsam-no do local atirando-lhe insultos e pedras. Então os bárbaros vieram até Drizípera, pilharam a cidade e incendiaram o templo de Santo Alexandre. Encontraram o túmulo dele coberto de prata e despojaram-no de forma blasfema[644], fazendo também pouco do corpo do mártir. Fizeram ainda muitos cativos na Trácia: e celebravam banquetes às claras, exaltados contra os Romanos.

Quando Comencíolo chegou a Bizâncio, uma enorme perturbação e uma onda de pavor caíram sobre a cidade: ao ponto de, com medo, se querer abandonar a Europa e mudar-se para Calcedónia, na Ásia. O imperador, todavia, pegou na força dos excubitores, reuniu ainda uma multidão armada, e vigiou as Grandes Muralhas. As fações de circo[645], por seu turno, protegiam a cidade. E o Senado aconselhava o imperador a enviar uma embaixada ao Grão-cã.

Deus, porém, vingando o mártir Alexandre, enviou uma doença pestífera sobre os bárbaros. Matou, num dia, sete filhos do Grão-cã, através de febre e bubos, juntamente com muitas multidões: de tal forma que, em vez da alegria triunfal, dos cânticos de vitória e das canções, o bárbaro teve lamentos, lágrimas e sofrimentos inconsoláveis.

O Senado, de qualquer forma, pedia ao imperador para enviar embaixadas ao Grão-cã. O imperador enviou Harmatzon, com muitos presentes, para o Grão-cã, em Drizípera. Este, através de discursos gentis, começou a amolecer o bárbaro. Mas o bárbaro não queria aceitar as prendas, tomado por um sofrimento incontrolável por causa dos filhos. Dizia ao embaixador: "Deus julgará entre mim

[643] τὸν λαόν

[644] ἀνοσίως

[645] δῆμοι: podendo designar qualquer conjunto da população civil, o contexto leva-nos a preferir outra acepção que indica as facções do circo, sempre aguerridas embora pouco armadas.

e o imperador Maurício: pois ele é que dissolveu a paz. Eu devolvo-lhe os cativos de guerra, se levar dele uma moeda por cada alma."

Maurício, porém, não aceitou dá-los. E de novo o Grão-cã pediu para levar meia moeda por cada alma: e nem isso o imperador aceitou dar. Nem mesmo quatro *keratia* aceitou. Então o Grão-cã, enraivecido, matou-os a todos[646] e regressou para as suas partes, após ter adicionado cinquenta mil [peças] de ouro ao pacto com os Romanos. E eles concordaram em não ir além do rio Istro. Por causa disto, gerou-se um grande ódio contra o imperador Maurício: começaram a atirar-lhe contumélias. Da mesma forma, também o exército[647], na Trácia, se organizou para insultar o imperador.

O exército enviou delegados ao imperador contra Comencíolo, em como ele havia cometido traição durante a guerra. Entre eles estava Focas que, em conversações com o imperador, lhe respondeu de forma tão abrupta, no *silentium*[648], que um dos patrícios lhe deu chapadas e lhe puxou a barba. O imperador não aceitou a acusação do exército[649] contra Comencíolo, mas demitiu-os sem que eles tivessem concretizado coisa alguma. Foi por causa disto que começou a conspiração contra o imperador.

Por esta altura, no Egito, no rio Nilo, quando o prefeito Menas estava a viajar com o exército na zona designada por O Delta, e estando o sol a nascer, apareceram criaturas, no rio, com a aparência humana, um homem e uma mulher. O homem tinha um grande peito, terrível de ver, com os cabelos aloirados e meio acinzentados, nu até aos rins: e a todos revelava a sua nudez. A água escondia a restante parte do corpo. O prefeito pediu-lhe, com juramentos, para que a aparição não se afastasse antes que todos se enchessem com a contemplação do paradoxo daquela visão[650]. A mulher, por seu turno, tinha seios, uma cara suave e uma profusa cabeleira. E até à hora nona todo o exército[651] se admirava, vendo aquelas criaturas. À

[646] Subentende-se, pelo contexto, que as negociações orbitavam em torno do resgate de prisioneiros Romanos.
[647] λαός
[648] ἐν τῷ σελεντίῳ: o *silentium* correspondia ao Conselho do Imperador. Era uma assembleia solene convocada pelo imperador para se resolver um assunto de Estado de maior importância.
[649] τοῦ λαοῦ
[650] τῆς παραδόξου ταύτης ὁράσεως.
[651] λαός

hora nona imiscuíram-se no rio. Menas, depois, escreveu estas coisas ao imperador Maurício.

A.M. 6093

Neste ano, no mês de março, dia vinte e seis, indicção quarta, no dia da Santa Páscoa, a Augusta Sofia, mulher de Justino, juntamente com Constantina, mulher de Maurício, após terem construído uma bela coroa, conduziram-na ao imperador. O imperador, depois de a ter contemplado, afastou-se para a igreja, entregou-a a Deus e pendurou-a em cima do santo altar, através de uma tripla corrente de pedras preciosas e de ouro. As mulheres, quando souberam isto, ficaram profundamente entristecidas. Constantina fez a celebração [da Páscoa] zangada com o imperador.

O imperador, por seu turno, não prestava atenção às acusações dos soldados que estavam na Trácia contra Comencíolo. O próprio Comencíolo, após ter levantado a força de infantaria, vai para o Istro e une-se a Prisco, em Singidino. E a paz para com os Ávaros dissolve-se. Com a sua dissolução, eles vêm para Viminácio, que é uma grande ilha do Istro.

O Grão-cã, ao ouvir isto, reúne as suas forças e avança para as partes Romanas. Entregou outras forças aos seus quatro filhos, para que vigiassem as passagens do Istro. Já os Romanos construíram jangadas, ultrapassaram o rio e uniram-se em luta com os filhos do Grão-cã, sendo Prisco o general. Comencíolo, de facto, permaneceu na ilha de Viminácio, em virtude de se sentir enfraquecido.

A batalha decorreu durante muitas horas e, quando o sol caiu, havia trezentos Romanos mortos, sendo que quatro mil dos bárbaros foram aniquilados. De madrugada, os exércitos chocaram de novo e, tendo a batalha começado uma vez mais, de novo oito mil dos bárbaros foram mortos. Da mesma forma, também ao terceiro dia os Romanos, dispostos em linha de batalha, avançaram sobre os bárbaros vindo das terras mais elevadas: fizeram com que os outros virassem costas, compeliram-nos para as águas de um pântano e afogaram muitos deles. Entre estes afogaram-se também os filhos do Grão-cã. E os Romanos obtiveram uma ilustre vitória.

Em seguida, o Grão-cã congregou muitas forças e começou a avançar contra os Romanos. Enquanto decorria uma batalha, os

Romanos põem os bárbaros em fuga e adquirem a mais ilustre vitória de todas. Depois Prisco dispôs de quatro mil [soldados], ordenou-lhes que passassem o rio Tisso e que espiassem as movimentações dos bárbaros. Os bárbaros, por seu turno, não sabendo de nada do que havia ocorrido, banqueteavam-se enquanto concluíam uma celebração. Os Romanos caíram sobre estes às escondidas e levaram a cabo uma grande mortandade: efetivamente, mataram trinta mil dos Gépidas e de outros bárbaros. Depois de tomarem um enorme número de cativos, regressaram para junto de Prisco.

Então o Grão-cã reuniu mais uma vez as suas forças e foi para o rio Istro. Depois de se juntarem em batalha, os bárbaros são derrotados e afogam-se nos canais do rio. Morreram com eles também muitos Eslavos. Por outro lado, [os Romanos] apoderaram-se de três mil Ávaros vivos, oitocentos Eslavos, três mil e duzentos Gépidas e dois mil [outros] bárbaros. O Grão-cã enviou embaixadores ao imperador Maurício, procurando recuperar os que haviam sido tomados vivos. Mas Maurício ainda não sabia da ilustre vitória dos Romanos, pelo que escreve a Prisco para que ele desse ao Grão-cã tão somente os Ávaros.

Já Comencíolo, que havia sobrevivido a custo à sua doença, marcha para Novas, procurando guias que o levassem ao imperador através do caminho de Trajano. Um certo ancião conhecia-o, e disse que ele era difícil, sem acesso desde havia muitos anos e que, uma vez que eles estavam no inverno, estava revestido de elevadas montanhas e nevadas. Comencíolo, porém, não convencido pelas palavras do ancião, avança por este caminho. Verificou-se depois um frio extraordinário e uma grande geada: muitos dos Romanos foram destruídos, assim como a maioria das bestas de carga. E chegou a custo a Filipópolis. Os Romanos ficaram a invernar aí e Comencíolo vai a Bizâncio.

Neste mesmo ano, um certo homem, revestido com o hábito monástico[652] e ilustre na ascese[653], tendo desembainhado uma espada, correu desde o Fórum até à Porta de Bronze, com a espada na mão, e declarou a todos que o imperador estava para ser morto

[652] τὸ μοναχινὸν σχῆμα περιβεβλημένος
[653] ἐν ἀσκήσει

num assassínio à espada. Da mesma forma, também Herodiano anunciou ao imperador, de forma clara, as coisas que lhe aconteceriam.

Estando o imperador, numa noite, descalço e a rezar uma ladainha com toda a cidade, algumas pessoas da multidão, quando ele chegou a Carpiano, revoltam-se e começam a atirar pedras ao imperador, ao ponto de o imperador se salvar a custo, juntamente com Teodoro, o seu filho, e de ter concluído a sua prece nas Blaquernas.

As fações de circo[654], por sua vez, encontraram um homem semelhante a Maurício e colocaram sobre ele um manto negro. Jungiram-lhe uma coroa de alho, sentaram-no num burro e faziam troça dele, dizendo: "Ele descobriu uma tenra novilha e, tal como o galo novo, saltou-lhe em cima. Teve filhos com ela como sementes da madeira. Ninguém ousa dizer nada, mas ele a todos cala. Santo meu, ó meu assustador e poderoso santo, atinge-lhe o crânio, para que não se vanglorie. Que eu te conduza, como prece, este grande boi". O imperador apanhou e castigou muitos destes.

A.M. 6094

Neste ano, no mês de novembro, quinta indicção, o imperador Maurício uniu em casamento Teodósio, o seu filho, à filha do patrício Germano, sendo que Ciríaco, o patriarca de Constantinopla, os coroou.

No mês de janeiro, dia onze, Domiciano, o bispo de Melitene, que era familiar do imperador, morreu e foi sepultado pelo patriarca Ciríaco na Igreja dos Santos Apóstolos. O seu epitáfio foi honrado por todo o Senado.

O imperador, por seu turno, nomeou de novo Pedro, o seu irmão, como general da Trácia, e para lá o enviou. Efetivamente, ele havia ouvido que as multidões dos bárbaros se haviam reunido em torno das Cataratas, tendo Apsec como general. Pedro enviou um embaixador a Apsec para tratar da paz. Apsec, porém, tentou tomar as Cataratas dos Romanos. E o Grão-cã avançou sobre Constancíola.

[654] οἱ δῆμοι: mais uma vez, não há certezas de que tenham sido as fações de circo. A palavra poderá referir-se a um conjunto indiscriminado de populares.

Então os Romanos regressaram para a Trácia e chegaram até Adrianópolis.

O imperador, ao saber que o Grão-cã avançava contra Bizâncio, escreve a Pedro para regressar ao Istro, e envia Bonoso, o *scribon*, com uma força naval para que o exército[655] fizesse a passagem. Entretanto, Pedro enviou Gudues, o general adjunto, para além do Istro, e este apoderou-se de muitos cativos. O Grão-cã, ao saber disto, enviou Apsec com uma multidão [de homens armados], para que destruísse a etnia dos Antas, uma vez que ela era aliada dos Romanos. Quando isto ocorreu, uma porção dos bárbaros passou para o lado Romano.

Na altura Maurício, vindo a si e compreendendo que nada escapa a Deus, mas que Ele dá a todos consoante as suas obras, e reconhecendo o pecado que cometera sobre os cativos ao não resgatá-los, decidiu que era melhor redimir-se do pecado nesta vida do que na futura. Fez súplicas por escrito e enviou dinheiro, velas e incenso para todos os tronos patriarcais e para todas as cidades submetidas a ele, assim como aos mosteiros, tanto os do deserto e de Jerusalém, e às Lauras, para que rezassem por ele e para que ele pagasse aqui as suas dívidas, e não na vida futura. Estava também escandalizado[656] com Filípico, o seu cunhado, em virtude de o nome deste começar por "Fi"[657]. Filípico, porém, jurava abertamente ao imperador que era puro no seu serviço e que não tinha nenhum dolo contra ele.

Uma vez que Maurício suplicava a Deus para ter misericórdia da sua alma, aconteceu que numa [noite], enquanto dormia, teve uma visão, segundo a qual estava perante a imagem do Salvador[658], na Porta de Bronze do palácio, e uma massa do povo[659] estava com ele. E saiu uma voz da imagem do Grande Deus e nosso salvador Jesus Cristo[660], que dizia: "Entregai Maurício". Os ministros da justiça apoderaram-se dele e colocaram-no perante o umbílico de

[655] λαόν
[656] ἐσκανδαλίζετο
[657] Durante os eventos descritos no A.M. anterior, havia um vaticínio que dizia que o nome do sucessor de Maurício começaria por um Fi. Teófanes omitiu esta estória, que conhecemos doutras fontes.
[658] τῇ εἰκόνι τοῦ σωτῆρος
[659] λαὸν πλεῖστον
[660] τοῦ μεγάλου θεοῦ καὶ σωτῆρος ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ

púrpura[661] que lá se encontra. E a voz divina[662] disse-lhe: "Onde queres que te faça a retribuição? Aqui ou na vida futura?" O outro, ao ouvir, disse: "Senhor filantropo, justo juíz, prefiro aqui do que na vida futura." E a voz divina ordenou que Maurício e Constantina, a mulher dele, assim como os filhos e todos os seus familiares, fossem entregues ao soldado Focas.

Maurício, portanto, acordou, chamou o *parakoimomenos* e enviou-o para Filípico, o seu cunhado, para que o trouxesse apressadamente ao imperador. O *parakoimomenos* saiu e chamou-o. O outro, após se ter levantado e chamado a sua própria mulher, abraçou-a dizendo: "Adeus, não mais me verás." Ela, então, gritou com um lamento, em alta voz, dizendo para o *parakoimomenos*: "Peço-te por Deus, qual é a coisa que ele procura a esta hora?" Ele jurou não saber e disse: "o imperador ordenou-me [que fizesse isto] depois de se ter levantado de súbito do sono." Filípico, por seu turno, pediu para receber a comunhão: e assim foi ter com o imperador. A mulher dele, Górdia, jazia no chão, lamentando-se enquanto chorava e suplicava a Deus.

Quando Filípico entrou no aposento imperial atirou-se para os pés do imperador. O imperador, porém, diz-lhe: "Perdoa-me por Deus, pois pequei contra ti. De facto, até agora escandalizava-me[663] contra ti." Depois ordenou que o *parakoimomenos* saísse, levantou-se e caiu aos pés de Filípico, dizendo: "Perdoa-me: efetivamente, sei bem que em nada pecaste contra mim. Mas diz-me: conheces algum soldado dos nossos exércitos que se chame Focas?" Então Filípico, tendo considerado, diz-lhe: "Conheço um que foi enviado há algum tempo como legado do exército e que costumava falar contra o teu poder."

O imperador então disse: "Como é a personalidade dele?" Filípico disse: "É jovem[664], arrogante e cobarde". E retorquiu o imperador: "Se é cobarde também é assassino". E começou a explicar a Filípico a revelação do sonho. Nessa mesma noite, apareceu um astro no céu, o chamado Cometa. No dia seguinte chegou o *magistrianus* que havia sido enviado para os santos Padres

[661] τῷ πορφυρῷ ὀμφαλίῳ
[662] θεία φωνή
[663] ἐσκανδαλιζόμην
[664] νεώτερος: dentro do contexto, esta palavra também pode significar «rebelde».

no deserto, trazendo deles esta resposta, que "Deus aceitou a tua conversão. Ele salvou a tua alma e tem-te a ti e aos teus entre os santos. Perderás o império, porém, com desonra e perigo." Ao ouvir isto, Maurício louvou muito a Deus.

Quando chegou o período outonal, e tendo o imperador Maurício ordenado a Pedro que invernasse com o exército na terra dos Eslavos, os Romanos impuseram-se, não aceitando fazer isso em virtude do cansaço dos cavalos, de terem que transportar muitos despojos e das multidões de bárbaros que estavam espalhadas pela região: e prepararam uma revolta. O general, enervado contra o exército[665], atirou-os para o desespero. Foi quando caíram chuvas furiosas sobre o exército, assim como muito frio. Pedro passava o tempo a vinte milhas do exército. Já Maurício molestava Pedro, por cartas, para passar o Istro e para retirar da terra dos Eslavos os mantimentos invernais do exército, para que não fosse forçado a fornecer aos Romanos alimentos do erário público.

O general, então, convocou para si Gudues e disse: "As ordens do imperador, para que os Romanos passem o inverno numa terra estangeira, são-me muito pesadas: não só o desobedecer é difícil, como o obedecer é mais perigoso. A avareza não dá à luz nada de bom: é uma mãe que trouxe todos os males[666]. O imperador sofre disto e é para os Romanos a causa de males enormes." Convocou depois os taxiarcas do exército[667] e revelou-lhes o objetivo do imperador. Eles disseram que o exército não aceitaria isso. E o exército, ao ouvi-lo, revoltou-se. Os governantes de maior dignidade fugiram deles e foram ter com o general.

As multidões, congregadas, atiram para a frente o exarca Focas, o centurião: colocaram-no em cima de um escudo e aclamaram o exarca [como imperador]. E Pedro, ao ouvir estas coisas, verteu-se em fuga e tornou tudo claro ao imperador. O imperador, depois de ouvir estas coisas pesarosas, tentou escondê-las da população. Ao segundo dia concluiu uma corrida de cavalos ao mesmo tempo que escondia as coisas relativas à desgraça. Mas a fação dos Verdes gritou dizendo: "Ó senhor três vezes augusto dos

[665] λαοῦ
[666] 1 Tim. 6
[667] τοῦ λαοῦ

Romanos, Constantino e Domencíolo perturbam o teu servil povo para que Cruces seja administrador, por causa dos nossos pecados. Deus, porém, o Demiurgo de todas as coisas[668], subjugar-te-á todo o inimigo, civil e estrangeiro, sem sangue."

O imperador, por sua vez, revelava às fações de circo: "A indisciplina e a perturbação de soldados estúpidos não vos devem perturbar em nada". Os Azuis, por seu turno, disseram: "Deus, que ordenou que tu fosses imperador, subjugar-te-á todo aquele que lutar contra o teu império. Se for Romano aquele que te conduz injustamente para a servidão, [Deus] subjugar-to-á sem sangue." O imperador, então, depois de lhes dar armas e de os apaziguar com palavras gentis, ordenou-lhes que vigiassem as muralhas da cidade em conjunto com os demarcas.

Estando o filho do imperador, Teodósio, a caçar em Calicrateia com Germano, o seu sogro, os Romanos enviam uma carta para Teodósio, uma vez que julgavam digno serem por ele governados: se assim não fosse até elevariam Germano a imperador. Eles, de facto, não mais suportavam ser governados por Maurício.

Maurício, ao saber destas coisas, convoca para si o seu filho e ordena a Comencíolo para vigiar as muralhas. Por outro lado, começa a acusar Germano, juntamente com o filho Teodósio, de se ter tornado a causa das desgraças. Enquanto Germano se defendia, Maurício disse: "Ó Germano, são dois os testemunhos da minha suspeita: por um lado as cartas do exército[669] para ti; por outro, o facto de o exército ter poupado as manadas de cavalos que pastam pelos teus domínios. Efetivamente, eles destruíram tudo mas pouparam as tuas coisas. Poupa-te, ó Germano, de prolongares o teu discurso, pois não há coisa mais suave do que morrer pela espada!"

Germano, assim, refugiou-se no templo da Mãe de Deus[670] de Ciro. E o imperador, ao saber disto, enviou Estêvão, o eunuco, para retirar Germano da igreja. Estevão quis retirá-lo à força, mas os criados de Germano opuseram-se e expulsam Estevão. Pegaram depois em Germano e refugiaram-se na Grande Igreja. Então o imperador castigou à bastonada Teodósio, o seu filho. Pois dizia que

[668] ὸ τὰ πάντα δημιουργήσας
[669] λαοῦ
[670] θεομήτορος

era por causa dele que Germano havia fugido. E envia os excubitores para retirarem Germano da Grande Igreja.

A partir daqui um grande tumulto tomou a cidade. Germano quis sair e entregar-se: as multidões, todavia, não o permitiam, mas ameaçavam o imperador com grandes insultos, dizendo: "Que não fique com a sua pele aquele que gostar de ti, ó Maurício Marcianita!" Foi quando aqueles que guardavam as muralhas, ao saberem destas coisas, se desleixaram na vigia. Os da fação dos Verdes incendiaram a casa de Constantino, o chamado Lardo. E Maurício, a meio da noite, retirou o manto imperial e vestiu-se com uma roupagem de civil: entrou numa embarcação com a mulher, os seus filhos e com Constantino e foge.

Durante toda a noite, as multidões abusaram do imperador com insultos desonrosos, fazendo também pouco do patriarca Ciríaco. Deu-se ainda um grande furacão, sendo que Maurício se salva, por entre muitos perigos, no templo de Santo Autónomo. Nessa mesma noite, caiu ainda sobre ele uma doença de artrite, a que chamam podagra e quiralgia. Daí envia Teodósio, o seu filho, juntamente com Constantino, a Cósroes, o imperador dos Persas, para que ele se lembrasse das coisas que lhe haviam sido feitas por Maurício e para que garantisse a retribuição da boa ação [que ele fizera] ao filho dele.

Germano envia [um mensageiro] a Sérgio, demarca da fação dos Verdes, para que ele lutasse a fim de que ele fosse imperador, prometendo ainda honrar a fação dos Verdes e cercá-lo de grandes honras. Sérgio, assim, animou as pessoas mais influentes da fação [para o efeito]. Mas eles não o aceitaram, dizendo: "Nunca Germano se afastaria da sua adesão aos Azuis." Os Verdes, por isso, saíram para o Régio e começaram a honrar, com grandes aclamações, o tirano Focas: e convencem-no a ir para o Hebdomo.

É nesta altura que Focas envia Teodósio, o *assecretis*[671], que entrou na Grande Igreja e leu ao povo[672] que o patriarca, as fações de circo[673] e ainda o senado se deveriam reunir no Hebdomo. Tendo isso ocorrido, e tendo todos chegado ao Hebdomo, o patriarca

[671] ἀσηκρήτην
[672] λαῷ
[673] δῆμοι

Ciríaco exigiu ao tirano uma confissão acerca da fé ordotoxa e em como ele protegeria a Igreja sem perturbações. O tirano, por sua vez, parecia compelir Germano para que fosse ele o imperador. Germano, porém, simulou que não o queria ser e, uma vez que as fações de circo[674] estavam a aclamar o tirano, foi eleita a pior parte[675]: e o tirano é eleito senhor dos cetros[676]. A desgraça apoderase da felicidade e as grandes desgraças dos Romanos tomam assim o seu começo. A elevação do tirano ocorreu no templo de São João Batista.

Passaram-se dois dias nestas coisas, pelo que ao terceiro [dia] ele entrou nos palácios imperiais sentado numa carruagem imperial. Ao quinto dia coroou Leôncia, a sua mulher, como Augusta. Nesse mesmo dia, as fações de circo[677] revoltam-se umas contra as outras por causa da distribuição dos lugares. O tirano, então, enviou Alexandre, o seu colega de conspiração, para apaziguar as fações[678]. Alexandre lançou as mãos contra Cosme, o demarca dos Azuis: empurrou-o e insultou-o. Depois os Azuis, irritados, começaram a gritar: "Vai embora! Aprende a ordem das coisas! Maurício não morreu!" O tirano, tendo ouvido isto, movimenta-se para assassinar Maurício: após ter enviado soldados, trouxe-os para Calcedónia, para o porto de Eutrópio.

Em primeiro lugar, os filhos varões do imperador – cinco – são mortos diante dele, começando assim [Focas] a castigar o imperador com a morte dos filhos. Maurício, considerando o infortúnio de forma filosófica[679], invocava ao Deus de todas as coisas e clamava firmemente: "Tu és justo, Senhor, e as tuas decisões são corretas"[680]. A morte dos filhos tornou-se, desta maneira, um epitáfio do pai, que deixou uma clara virtude perante a grandeza da desgraça. Pois a aia havia escondido um dos filhos imperiais e havia dado o seu próprio filho à morte, mas Maurício não o aceitou, procurando antes o próprio filho. Dizem alguns que, quando este foi assassinado, escorreu leite juntamente com o sangue, ao ponto de todos os que o

[674] δήμων: alternativa: «a população»
[675] τὸ κακόν: literalmente, «a coisa má»
[676] κύριος τῶν σκήπρων
[677] τὰ μέρη
[678] τὰ μέρη
[679] φιλοσοφῶν
[680] Ps. 118 (119), 137

viam se lamentarem profundamente. O imperador, portanto, após ter ficado acima das leis da natureza, partiu desta vida.

Desde essa altura, infortúnios e portentos de todo o tipo não abandonaram o império dos Romanos. Efetivamente, Cósroes, o imperador dos Persas, dissolveu a paz e os Ávaros destruíram a Trácia. Ambos[681] os exércitos dos Romanos foram destruídos, de tal forma que, quando Heráclito foi imperador e fez uma contagem do exército, ele não encontrou, de toda a multidão que havia sido recenseada no tempo da tirania feita a Maurício por Focas, mais do que dois homens. De tal forma os que haviam estabelecido o imperador foram mortos pelo mesmo.

A.M. 6095

Neste ano, no mês de novembro, indicção sexta, Focas, o tirano, tornou-se imperador e assassinou, como referido, Maurício com os seus cinco filhos varões. E ordenou que as cabeças deles fossem colocadas no Campo do Tribunal durante alguns dias. Os da cidade saíam [de suas casas] e viam-nas, até que elas federam. Pedro, o irmão dele, foi também morto, assim como muitos outros. Diz-se ainda que Teodósio, filho dele, fugiu e se salvou.

Cósroes, o imperador dos Persas, aumentou este rumor, mentindo sobre coisas diferentes em diferentes ocasiões e dizendo que tinha este [Teodósio] consigo e que planeava recolocá-lo no império Romano. Ele, porém, tinha esperanças de se apoderar dolosamente do império dos Romanos, tal como se comprovou de diversas formas, sobretudo por ter logo iniciado guerras e por ter pilhado abundantemente o território Romano. Tendo-lhe Focas enviado um embaixador, Vílio[682], apoderou-se dele e colocou-o numa prisão, para que não regressasse para as partes Romanas, enquanto que respondia a Focas com cartas desrespeitosas. O tirano, por seu turno, colocou Constantina, a imperatriz, numa casa privada, a chamada "de Leão", juntamente com as três filhas.

Na cidade de Alexandria, um certo calígrafo, um homem piedoso, enquanto ia para casa após uma vigília noturna, vê, a meio

[681] ἄμφω: é possível que a palavra, aqui, tenha perdido o seu significado clássico, significando, em vez disso "todos".
[682] Βίλιον: o mesmo que Lílio.

da noite, as estátuas saídas dos seus postos e a dizerem, em alta voz, que Maurício tinha sido assassinado, tal como os seus filhos, assim como as coisas que haviam ocorrido em Bizâncio. O homem saiu de madrugada e narrou estas coisas ao augustal. Este exortou-o para que não as revelasse: assinalou o dia e esperou pelo resultado. Ao nono dia, chegou um mensageiro, noticiando o assassínio de Maurício. Então o augustal revelou ao povo[683] a predição dos demónios.

Narses, por seu turno, que era um general dos Romanos, opôs-se ao tirano e apoderou-se de Edessa. Nesta altura Focas escreve ao general Germano para sitiar a cidade. Narses, assim, escreve a Cósroes, o imperador dos Persas, para reunir forças e iniciar uma guerra contra os Romanos. Focas fez do seu próprio irmão, Domencíolo, *magister* e, de Prisco, *comes* dos excubitores.

A.M. 6096

Neste ano, no mês de dezembro, indicção sétima, Focas avançou para as celebrações e liberalizou muitas riquezas consulares. Já Cósroes, o imperador dos Persas, após ter congregado uma grande força, enviou-a contra os Romanos. Germano, ao ouvir isto, assustou-se e começou, coagido, a dar batalha. Após Germano ter sido ferido no recontro, os serviçais salvaguardaram-no até Constantina, enquanto que os Romanos são derrotados. Ao décimo primeiro dia, também Germano morreu.

Focas começou a transferir as forças da Europa para a Ásia, após ter aumentado os pactos para com o Grão-cã, pois julgava que a etnia dos Ávaros estaria tranquila. Dividiu-as [as suas forças armadas], enviou umas contra os Persas e as outras para o cerco da Edessa, contra Narses, juntamente com o eunuco Leôncio, que era um seu magnata[684]. Por seu turno Cósroes, depois de ter congregado o exército, vai para Daras. Então Narses saiu de Edessa e refugiou-se em Hierópolis. Cósroes encontra-se com os Romanos em Arxamo[685]: dispôs os elefantes como se fossem uma fortaleza, iniciou uma

[683] ἐπὶ λαοῦ ἐθριάμβευσεν
[684] μεγιστάνῳ
[685] Εἰς τὸ Ἀρξαμοῦν: o mesmo que Arzamo.

batallha e obteve uma grande vitória, tendo capturado vivos muitos Romanos, os quais decapitou.

Tendo estas coisas sido assim realizadas, Cósroes regressou para a sua terra, deixando as forças a Zóngoes. Focas, ao saber disto, enfurece-se contra Leôncio e trá-lo para Bizâncio com correntes de ferro nos pés, de forma desonrosa, e nomeia como general Domêncíolo, o seu próprio sobrinho, tendo feito dele também *couropalates*.

A.M. 6097

Neste ano, Cósroes enviou Cardarigas e Rusmiazan: e eles pilharam muitas cidades dos Romanos. Domencíolo, por seu turno, deu palavra a Narses e convenceu-o, com muitos juramentos, que não o submeteria a nenhuma injustiça por parte de Focas: e libertou-o para Focas. Focas, no entanto, não manteve a palavra e queimou-o. Os Romanos ficaram numa profunda tristeza, pois Narses incutia nos Persas muito medo, ao ponto de as crianças dos Persas tremerem ao ouvir o seu nome. Já os Persas regozijavam-se em grande alegria.

A.M. 6098

Neste ano, o eunuco Escolástico[686], um homem ilustre do palácio, pegou, a meio da noite, na imperatriz Constantina, juntamente com as suas três filhas, e refugiou-se na Grande Igreja, por decisão do patrício Germano, que se preocupava com o império[687]. Ocorre então na cidade uma grande revolta.

Os Verdes reuniram-se na Cóclea e começaram a dizer mal de Constantina. Germano, por sua vez, enviou ao demarca dos Verdes um talento de ouro, para ser do partido deles. Os cargos principais da fação, todavia, não aceitaram isso. Já o tirano enviou para a igreja [soldados], para que retirassem de lá as mulheres: mas o patriarca opôs-se ao tirano, não aceitando que as mulheres fossem retiradas do templo de uma forma tirânica. Todavia, depois de ter sido certificado, por parte de Focas, com juramentos, que não as

[686] σχολαστικὸς εὐνοῦχος: seguimos a lição de MANGO & SCOTT 1997 422, n. 1, segundo os quais σχολαστικὸς é um nome próprio.
[687] ὀρεγομένου τῆς βασιλείας: literalmente «que se esticava/estendia para o império».

injustiçaria, elas saem do templo sagrado e são fechadas num mosteiro. Por outro lado, fez a tonsura a Germano e estabeleceu-o nos cargos sacerdotais, passando a vigiá-lo na sua própria casa. Também Filípico fez a tonsura e assumiu a dignidade sacerdotal: passava depois o tempo em Crisópolis, no mosteiro que fundara.

Os Persas tomaram, neste ano, Daras e toda a Mesopotâmia, assim como a Síria, fazendo muitos cativos de guerra, dos quais não há número. Falecendo, por outro lado, o patriarca Ciríaco, Tomás, que era diácono e *sakellarios* da mesma igreja, é ordenado em seu lugar, no mês de outubro, dia onze.

A.M. 6099

Neste ano, Focas, o tirano, uniu [em casamento] a sua filha Domência com o patrício e *comes* dos excubitores, Prisco. O casamento ocorreu no palácio de Marina, sendo que ele ordenou que se realizasse uma corrida de cavalos. Os demarcas das duas fações de circo, nos arcos de quatro colunas, colocaram as representações[688] de Prisco e Domência em conjunto com as representações[689] dos imperadores. O imperador, ao ver isto, irritou-se: enviou [emissários] e trouxe os demarcas Teófanes e Pânfilo. Depois de os ter colocado nus no *stama*, ordenou que fossem decapitados. Enviou ainda o seu protocursor[690] para lhes perguntar por ordem de quem haviam feito aquilo. Os outros responderam que era costume os desenhadores[691] fazerem isso. Por outro lado, as fações e as multidões gritavam "muitos anos ao filantropo imperador!" Já os desenhadores, quando perguntados por que motivo haviam feito aquilo, disseram que "nós fizemos isso de nosso acordo, em virtude de eles terem sido chamados filhos do imperador por todos"[692]. Prisco estava esmagado pelo medo, pois receava a ira do imperador. Estando as multidões a gritar para que ele fosse filantropo para com eles, Focas perdoou-lhes: e, desde então, Prisco ficou rancoroso, não agindo com honestidade para com Focas.

---

[688] λαύρατα
[689] λαυράτων
[690] πρωτοκούρσορα, *i.d.* o mensageiro principal.
[691] οἱ γραμμισταὶ: apoiamo-nos aqui na versão de Atanásio Bibliotecário, que traduz por *lineatores*.
[692] τοῦ βασιλέως τέκνα ὀνομασθέντα ὑπὸ πάντων, ἡμεῖς ἀφ᾽ἑαυτῶν τοῦτο πεποιήκαμεν

Uma certa mulher, chamada Petrónia, estava junto à imperatriz Constantina, com a função de mensageira, levando as respostas de Constantina para Germano. Corria na altura a fama de que Teodósio, o filho de Maurício, estava vivo, pelo que Constantina e Germano tinham boas esperanças em torno disso. A ímpia[693] Petrónia, todavia, revelou estas coisas ao tirano. E o tirano entregou Constantina ao prefeito Teopempto, para ser torturada: ela, ao ser torturada, confessou que Romano, o patrício, conhecia o que se dizia nas conversações. Ele foi então capturado e questionado: admitiu que havia outros que trabalhavam com ele na insídia contra o tirano. Foi também capturado Teodoro, o prefeito do Oriente, a quem o tirano matou, chicoteando-o com açoites. Por outro lado, cortou as mãos e os pés de Elpídio e entregou-o ao fogo; decapitou ainda Romano e matou à espada Constantina, com as três filhas, no paredão de Eutrópio, onde também Maurício fora morto; matou Germano e a filha dele na ilha de Prote, à espada[694]; e fez da mesma forma também a João, a Tzitas, a Patrício, a Teodósio, o que tinha a dignidade de *subadiuva*, a André o Escombro e a David, o *chartophylax* de Hormisdas.

Neste mesmo ano, os Persas passaram o Eufrates e fizeram cativas toda a Síria, Palestina e Fenícia, tendo infligido muitos estragos aos Romanos.

A.M. 6100

Neste ano Prisco, não suportando ver os injustos assassínios e as coisas más realizadas por Focas, escreveu a Heráclio, o patrício e general de África, para que enviasse Heráclio, o seu filho, e Nicetas, o filho de Grégoras, que era patrício e seu general adjunto, a fim de virem contra o tirano Focas. Pois ele ouvia que se estava a preparar, em África, uma insurreição contra Focas. Foi por causa disso que neste ano as embarcações não partiram de África.

Por outro lado, Focas matou todos os familiares de Maurício e de Comencíolo, o general da Trácia, sem piedade, assim como muitos outros. Ocorreu também neste ano uma mortandade e uma carência de todo o tipo de coisas.

[693] ἀνοσία

[694] στόματι μαχαίρας: traduzido à letra: "à boca da espada".

Os Persas, por seu turno, vieram com Cardarigas, tomaram a Arménia e a Capadócia e, quando entraram em batalha, fizeram com que os exércitos dos Romanos virassem costas. Depois tomaram a Galácia e a Paflagónia. E vieram até Calcedónia, matando desavergonhadamente todas as gerações. Os Persas, por um lado, tiranizavam os Romanos fora da cidade; Focas, por outro, fazia coisas piores do que eles, assassinando e fazendo cativos.

A.M. 6101

Neste ano, os Hebreus Antioquinos, amotinados, fizeram uma revolta contra os Cristãos e degolaram Anastácio, o grande patriarca de Antioquia, tendo atirado os genitais dele para a sua boca. Depois disso arrastaram-no para a Mese. Mataram e queimaram ainda muitos dos proprietários.

Já Focas fez de Bonoso *comes* do Oriente e de Cotana *magister militum*, enviando-os contra eles: e não puderam parar a revolta. Todavia, depois de terem reunido soldados, foram ter com eles, mataram e mutilaram muitos e exilaram-nos da cidade.

Focas, por seu turno, realizou uma corrida de cavalos e os Verdes insultaram-no, dizendo: "de novo bebeste da taça, de novo perdeste a razão!" E Focas enviou Cosme, o prefeito da cidade, mutilou muitos e pendurou os membros deles no *Sphendon*; decapitou outros e afogou outros, atirando-os em sacos para o mar. Os Verdes, por sua vez, reuniram-se, atiraram fogo ao pretório e queimaram o *sekretum*, a *skrinia* e as prisões. E os que estavam na prisão saíram e fugiram. Focas, enraivecido, deu ordens para que os Verdes não mais fizessem parte das instituições da cidade[695].

Heráclio, o general de África, pressionado pelo Senado, armou o seu filho, Heráclio, para matar Focas, o tirano. Da mesma forma, também o seu general adjunto, Grégoras, enviou o seu filho, Nicetas, por terra, sendo que eles estabeleceram entre si que aquele que chegasse primeiro e vencesse o tirano seria imperador.

Neste mesmo ano deu-se um inverno muito forte, ao ponto de o mar ficar enregelado: entre outras coisas, muito peixe saiu para fora [da água].

[695] πολιτεύεσθαι

Focas ordenou que Macróbio, o *scribon*, fosse abatido à flecha no acampamento militar[696] e que morresse dependurado numa lança, na fortaleza dos Teodosianos, no Hebdomo – onde os recrutas se exercitam – porquanto soubesse da insídia contra ele. Pois, de facto, Teodoro Capadócio, o prefeito, e Elpídio, o que estava à frente do armamento, assim como outros de diferente condição, haviam tomado a decisão de matar Focas no Hipódromo. E Teodoro, o prefeito dos pretorianos, tendo dado uma refeição, começou a revelar-lhes o seu objetivo. Aconteceu, porém, que se encontrava lá Anastácio, *comes largitionum*.

Deste modo, enquanto a reunião ocorria e se estava a expor a insídia, Anastácio, que aí se encontrava, mudou de posição e não disse as coisas de acordo com o seu coração, mas calou-se[697]. Elpídio insistiu dizendo: "Não quereis que, enquanto ele se senta no trono durante a corrida de cavalos, eu o fira, lhe retire os olhos e assim o mate?" E prometeu dar-lhes armas. O assunto foi depois conhecido de Focas pela denúncia[698] de Anastácio, pelo que ele ordenou que o prefeito Elpídio e os governantes que sabiam da insídia fossem inquiridos com toda a minúcia. Enquanto eles eram interrogados, admitiram as coisas relativas à conjuração, e que queriam fazer de Teodoro imperador. Então Focas ordenou que Teodoro, Elpídio, Anastácio e todos os conhecedores da insídia contra ele fossem decapitados.

A.M. 6102

Neste ano, no mês de outubro, dia quatro, segunda-feira, décima quarta indicção, Heráclio chegou de África, trazendo embarcações fortificadas que tinham nos seus mastros relicários e imagens da Mãe de Deus[699], como diz Jorge Pisídio. Trouxe também um grande exército de África e da Mauritânia. Da mesma forma, também Nicetas, o filho do patrício Grégoras, tendo consigo um

[696] ἀγραρέαν

[697] μετεμελήθη Ἀναστάσιος εὑρεθεὶς ἐκεῖ καὶ οὐκ εἶπε τὰ τῆς καρδίας αὐτοῦ, ἀλλὰ ἐσιώπα. As palavras utilizadas podem ser vistas com tendo alguns contornos biblícos. Assim, μετεμελήθη, que no contexto significa "mudar de opinião/ de sentido", pode também significar "arrepender-se". A referência ao coração está também a par com a linguagem bíblica.

[698] ἐκ διαβολῆς: possível alusão ao Diabo. Assim, Anastácio teria feito a denúncia por instigação diabólica.

[699] κιβώτια καὶ εἰκόνας τῆς θεομήτορος

grande exército de infantaria[700], [chegou] de Alexandria e da Pentápolis.

Heráclito estava prometido em casamento a Eudócia, a filha de Rogas, o Afro. Esta, por aquela altura, estava em Constantinopla com Epifânia, a mãe de Heráclito. Ora, quando Focas ouviu que a mãe de Heráclito estava na cidade, assim como Eudócia, que lhe estava prometida, apoderou-se delas e vigiou-as no mosteiro imperial, o chamado do Novo Arrependimento.

Heráclito, por sua vez, chegou a Abido e encontrou Teodoro, o *comes* de Abido, e, depois de o ter interrogado, informou-se com ele das coisas que estavam a ser maquinadas em Constantinopla. Focas, por seu turno, enviou o seu irmão, o *magister* Domencíolo, para vigiar as Grandes Muralhas. Porém, quando o *magister* soube que Heráclito chegara a Abido, fugiu, abandonou as muralhas e entrou em Constantinopla.

Quanto a Heráclito, recebeu em Abido todos os governantes que haviam sido exilados – que Focas havia exilado – e foi com eles a Heracleia. Então Estevão, o metropolita de Cízico, pegou numa coroa da igreja da Santa Mãe de Deus de Artace e conduziu-a a Heráclio. Quando chegou a Constantinopla, avançou para o porto de Sofia: e, depois de ter ocorrido uma batalha, ele vence Focas com a graça de Cristo[701]. Então as fações de circo[702] apanharam-no, mataram-no e queimaram-no no [Forum do] Bovis.

Heráclio entrou nos palácios imperiais e foi coroado pelo patriarca Sérgio, no oratório de Santo Estevão, no palácio. Nesse mesmo dia, a sua noiva, Eudócia, foi também coroada como Augusta: e ambos receberam as coroas do casamento do patriarca Sérgio. Deste modo, ele é eleito, no mesmo dia, imperador e noivo.

No mês de maio, os Persas militaram contra a Síria e tomaram Apameia e Edessa e vieram até Antioquia. Os Romanos opuseram-se-lhes e travaram batalha: os Romanos foram derrotados e todo o exército dos Romanos foi destruído, ao ponto de muito poucos terem escapado.

[700] λαόν πολὺν πεζικόν
[701] τῇ χάριτι τοῦ Χριστοῦ
[702] δῆμοι

No mês de junho, no dia sete da mesma indicção, nasceu ao imperador Epifânia, filha de Eudócia, e, no mês de agosto, dia quinze, ela foi batizada nas Blaquernas pelo patriarca Sérgio.

A.M. 6103

Neste ano, os Persas tomaram Cesareia, na Capadócia, e fizeram nela muitas miríades de pessoas cativas. Heráclio, por seu turno, encontrou as coisas relativas ao governo dos Romanos negligenciadas. Os Ávaros, por um lado, devastaram a Europa, e os Persas, por outro, destruíram a Ásia, subjugaram as cidades e aniquilaram em batalhas o exército dos Romanos. Ao ver estas coisas ficou em apuros sobre o que fazer. Recenseou o exército, para a eventualidade se terem salvado os que haviam militado com Focas contra Maurício, no tempo da tirania daquele: em todos os temas[703] encontrou somente dois.

Neste mesmo ano, no mês de maio, dia três, indicção décima quinta, nasceu ao imperador um filho de Eudócia, Heráclio o Novo, também chamado Constantino o Novo. No dia catorze de agosto, faleceu a Augusta Eudócia, na mesma décima quinta indicção.

A.M. 6104

Neste ano, no mês de outubro, dia quatro, primeira indicção, Epifânia, a filha de Heráclio, foi coroada Augusta pelo patriarca Sérgio, no oratório de Santo Estêvão, no palácio. No mês de dezembro, dia vinte e cinco, na mesma primeira indicção, foi coroado Heráclio o Novo, filho de Heráclio, também chamado Constantino, pelo patriarca Sérgio.

Neste mesmo ano, os Sarracenos militaram contra a Síria e, após terem devastado muitas regiões, regressaram.

A.M. 6105

Neste ano, os Persas tomaram Damasco e fizeram cativas muitas pessoas[704]. Heráclio, então, enviou embaixadores para Cósroes, para se parar o derramamento violento do sangue das pessoas, para que se firmassem acordos e para que ele aceitasse

[703] θέμασιν
[704] λαὸν πολύν

tributos. O outro, todavia, demitiu os embaixadores sem que eles tivessem feito algo: não lhes dirigiu a palavra, pois esperava tomar por completo o governo dos Romanos.

Heráclio, neste mesmo ano, casou com Martina e elevou-a ao título de Augusta. Coroou-a no Augusteu, sendo que foi coroada pelo patriarca Sérgio[705].

A.M. 6106

Neste ano, os Persas tomaram o Jordão, a Palestina e, numa batalha, a Cidade Santa. Mataram muitas pessoas nela com o auxílio dos Judeus, como dizem alguns: noventa miríades. Eles, de facto, compravam os Cristãos e matavam-nos um por um, de acordo com a sua riqueza. Por outro lado, [os Persas] capturaram Zacarias, o patriarca de Jerusalém, assim como a Valiosa e Vivificante Cruz, e conduziram-na para a Pérsia, em conjunto com muitos cativos.

Neste mesmo ano, nasceu ao imperador, de Martina, um segundo Constantino, que foi batizado nas Blaquernas pelo patriarca Sérgio.

A.M. 6107

Neste ano, os Persas tomaram todo o Egito, Alexandria e a Líbia, até à Etiópia. Depois de tomarem muitos cativos, despojos de todo o tipo e dinheiro, regressaram. Não conseguiram, todavia, tomar Calcedónia, mas regressaram depois de terem deixado lá uma guarnição para a sitiar.

A.M. 6108

Neste ano, os Persas militaram contra Cartago e tomaram-na numa batalha. Neste mesmo ano, no mês de janeiro, dia um, na quinta indicção, Constantino o Novo foi cônsul, aquele que também se chamava Heráclio e que era filho de Heráclio. E ele nomeou Constantino, o seu pequeno irmão, que havia nascido de Heráclio e Martina, com o título de César.

[705] στέψας αὐτὴν εἰς τὸν Αὐγουστέα, στεφθεῖσαν ὑπὸ Σεργίου πατριάρχου: é em sentido figurado, portanto, que se diz que Heráclito faz a coroação.

A.M. 6109

Neste ano, Heráclio enviou de novo embaixadores para a Pérsia, a Cósroes, pedindo paz. Cósroes, porém, despediu-os uma vez mais, tendo dito: "Não vos pouparei até que renuncieis ao Crucificado, a quem chamais Deus, e vos ajoelhardes ao Sol!"

A.M. 6110

Neste ano, os Ávaros militaram contra a Trácia. Heráclio, depois de lhes ter enviado embaixadores, pedia a paz. Uma vez que o Grão-cã concordou em fazer isto, o imperador saiu das Grandes Muralhas com todo o serviço imperial e com muitos e grandes presentes, para receber o Grão-cã e tomar dele os juramentos, em como fariam uns para com os outros pactos de paz. Mas aquele bárbaro quebrou os pactos, assim como os juramentos, de uma forma tirânica, e avançou de súbito contra o imperador.

O imperador, abatido pela imprevisibilidade da coisa, regressou para a cidade, fugindo. O bárbaro tomou então a tenda imperial, o serviço imperial e tantos quantos pôde capturar: após o que regressou, depois de ter pilhado muitas regiões da Trácia, que haviam sido de súbito enganadas[706] com a esperança da paz.

A.M. 6111

Neste ano, Heráclio enviou embaixadores para o Grão-cã dos Ávaros. Acusava-o acerca das coisas por ele realizadas sem fidelidade e compelia-o para a paz. Efetivamente, ele queria fazer paz com o Grão-cã porquanto planeava militar contra os Persas. Já o Grão-cã, envergonhado perante o afeto do imperador, anunciou que se arrependia e prometeu fazer a paz. Fixaram então tributos: e os embaixadores regressaram em paz.

Neste ano, os Persas tomaram, em batalha, Ancira, na Galácia.

A.M. 6112

Neste ano, Cósroes pressionou o seu jugo sobre todos os homens, em desejo de sangue e de tributos. De facto, animado pela

[706] ἀπατηθέντας: seguimos a *lectio* que lê aqui ἀπατηθέντα, por forma a que o particípio concorde com χωρία. Caso contrário a palavra estaria em concordância com ὅσους, sendo que estaria afastada do referente e não corresponderia a uma construção habitual em Teófanes.

vitória, não mais se pôde contentar com o que estava estabelecido. Então Heráclio, tendo recebido um zelo de Deus[707], e tendo feito a paz, como julgava, com os Ávaros, transferiu os exércitos da Europa para a Ásia e pensava em avançar, com a ajuda de Deus[708], contra os Persas.

A.M. 6113

Neste ano, no mês de abril, dia três, décima indicção, o imperador, após ter concluído a celebração da Páscoa, moveu-se logo, na segunda feira de madrugada, contra a Pérsia. Tomou de empréstimo o dinheiro das casas religiosas, uma vez que estava em grande dificuldade. Tomou também os candelabros da Grande Igreja e outros vasos[709] da celebração: derreteu estas coisas em moedas de prata e ouro[710].

Deixou o seu próprio filho com o patriarca Sérgio, em Constantinopla, a administrar os assuntos com o patrício Bonoso, um homem prudente, inteligente em todas as coisas e bem experimentado. Escreveu também ao Grão-cã dos Ávaros, suplicando para que auxiliasse nos assuntos dos Romanos, visto ter firmado com ele uma amizade. Nomeou-o guardião do seu próprio filho.

Em seguida afastou-se da cidade imperial e saiu para os chamados Portões[711], fazendo a travessia de barco. Daí, após ter chegado às regiões dos *themata*, reuniu os soldados e adicionou-lhes um novo exército. Começou então a exercitá-los e a educá-los nos trabalhos militares. Efetivamente, dividiu o exército e ordenou que se opusessem e se atacassem uns aos outros, sem derramamento de sangue. Ensinou-lhes o clamor, os cantos de vitória, o grito bélico e a ficarem em alerta, a fim de que, mesmo na eventualidade de se encontrarem em batalha, não ficassem assustados, mas para que, animados, avançassem contra os inimigos como se de um jogo se tratasse.

[707] ζῆλον θεοῦ ἀναλαβών
[708] τῇ συνεργίᾳ τοῦ θεοῦ
[709] σκεύη
[710] νομίσματά τε καὶ μιλιαρίσια πάμπολλα: seguimos aqui a opção de tradução de Cyrill Mango e Roger Scott.
[711] Πύλας

O imperador, depois, segurou nas suas mãos a imagem teândrica, que não foi feita por mãos humanas, mas tal como a gerou o Verbo que faz e constrói tudo sem desenho, tal como Ele fora concebido sem semente[712]. E, confiando neste sinal pintado por Deus[713], começou com as lutas, tendo dado palavra de honra ao exército em como lutaria com eles até à morte e que estaria com eles como se fossem filhos próprios. De facto, ele queria ter autoridade, não através do medo, mas através do afeto. Assim, ao ter encontrado o exército num estado negligente, com muito medo, falta de disciplina e sem ordem, e disperso em diversas partes da terra, rapidamente agregou a todos num só. E todos, como de uma só voz, louvaram a força e a coragem do imperador. Ele, por seu turno, dava-lhes coragem com os seus discursos, e dizia: "Vede, irmãos e filhos, como os inimigos de Deus atropelaram a nossa terra, esvaziaram as cidades, incendiaram os altares e encheram as mesas dos sacrifícios incruentos com o sangue de assassinatos, e como profanam as nossas igrejas, que não admitem paixões, com prazeres passionais!"

Em seguida, armou de novo o exército[714] para um exercício militar, após ter criado duas linhas de batalha, com os trombeteiros e as falanges de escudos: e o exército[715] estava em pé e revestido de armadura. Assim que as linhas de batalha ficaram corretamente estabelecidas, ordenou que fossem uma contra a outra: havia altercações violentas e entrechoques de uns para com os outros, revelando-se uma semelhança de batalha. E era possível ver um cenário assustador, de medo, sem perigos, encontros assassinos sem sangue, e as formas da necessidade [bélica] antes da necessidade [bélica], de tal forma que cada um ficava mais preparado enquanto adquiria, sem perigo, a experiência da carnificina. Tendo assim instruído a todos, exortou a que se afastassem da injustiça e se agarrassem à piedade.

---

[712] τὴν θεανδρικὴν μορφήν, ἣν χεῖρες οὐκ ἔγραψαν, ἀλλ᾽οἵαν ἐν εἰκόνι ὁ πάντα μορφῶν καὶ διαπλάττων λόγος ἄνευ γραφῆς μόρφωσιν, ὥς ἄνευ σπορᾶς κύησιν ἤνεγκεν

[713] τούτῳ πεποιθὼς τῷ θεογράφῳ τύπῳ. A palavra θεογράφῳ também poderá ser traduzida por "pintura de Deus."

[714] λαόν

[715] λαός

Foi depois para as partes da Arménia e ordenou que uma mão escolhida avançasse à frente dos restantes, pois, uma vez que na altura os Sarracenos estavam sob o tributo dos Persas, uma multidão de cavalos procurava cair sobre o imperador, às escondidas. Os que estavam na vanguarda do imperador, porém, foram de encontro a eles, trouxeram o general deles preso para Heráclio, fizeram-nos virar costas e mataram muitos. Depois de o inverno ter chegado, quando o imperador se virou para a região do Ponto, pareceu conveniente aos bárbaros sitiá-lo enquanto aí invernava. Ele, tendo escapado clandestinamente aos Persas, mudou de direção e atacou a Pérsia.

Os bárbaros, ao saberem disto, ficaram prostrados perante o inesperado deste ataque. Já Sárbaro, o general dos Persas, tomou a sua própria força e foi para a Cilícia, para fazer com que, ao avançar sobre a Romênia, o outro virasse as costas. Com medo, todavia, que o imperador avançasse sobre a Pérsia pela Arménia e a perturbasse, não estava certo, nos seus pensamentos, sobre o que fazer. De qualquer forma, foi coagido a acompanhar de trás o exército Romano, ambicionando roubar a ocasião de batalha e avançar sobre eles, obscuramente, durante a noite.

A noite, todavia, era de Lua cheia, pelo que ele foi afastado do esquema: e passou a insultar a Lua, que dantes adorava. A Lua, por acaso, calhou de sofrer um eclipse ao longo daquela noite. Por isso Sárbaro temia atacar o imperador e foi para os montes, tal como os cervos. Viu, das alturas, a boa disciplina e sábia estratégia dos Romanos. Quanto ao imperador, ao saber da cobardia do outro, estava animado e deitava-se em locais onde havia muita tranquilidade[716], provocando-o para a batalha.

[Os Persas] desciam da montanha às escondidas e faziam muitas vezes escaramuças: e os Romanos venciam em todas elas. O exército ficou ainda com mais coragem, pois [os soldados] viam o imperador a avançar em todas elas e a combater corajosamente. Um certo Persa, que havia pouco tempo se tornara um fugitivo, estava alistado no exército do imperador. Este, fugindo, foi ter com os Persas, com esperanças de que eles destruiriam o exército dos Romanos. Porém, assim que viu a cobardia deles, veio ter com o

[716] ἐν τόποις […] ἀναπαύσεως πλήρεσιν: à letra, "em locais repletos de descanso".

imperador passados dez dias e contou ao imperador, de forma correta, toda a falta de coragem dos bárbaros.

Sárbaro, por sua vez, já não aguentava a estadia na montanha, pelo que foi coagido a avançar para a batalha. Dividiu o exército em três partes e desceu de súbito ao romper do dia, antes do nascer do Sol, preparado para a batalha. O imperador, porém, havia antevisto isto e dispôs o exército, da mesma forma, em três linhas de batalha: e avançou para a luta. Depois de o Sol se ter levantado, o imperador encontrou-se na parte do Oriente, pelo que os raios do sol, perante o qual os Persas se prostravam como a um deus, cegaram os Persas.

O imperador, assim, dispôs o seu exército[717] como se eles estivessem vertidos para a fuga: ou outros dissolveram as linhas de batalha sem organização, pensando que os perseguiriam. Os Romanos, pois, voltaram-se corajosamente, fizeram os outros virar as costas, mataram muitos e conduziram-nos para a montanha. Atiraram-nos para precipícios e para lugares de difícil acesso, sendo que os esmagaram a todos. Eles estavam presos nos precipícios como cabras selvagens. Muitos também foram caçados vivos. Tomaram ainda o acampamento deles e todo o seu equipamento.

Os Romanos, então, levantaram as mãos para as alturas e começaram a dar graças a Deus e a louvar o imperador que os havia governado bem. Efetivamente, eles, que dantes não haviam sequer ousado ver a poeira Pérsica, agora, tendo encontrado as tendas deles desprotegidas, pilharam-nas. Quem esperaria que a nação dos Persas, forte em batalha, daria assim as costas aos Romanos? O imperador, depois, deixou o exército com um general na Arménia e regressou a Bizâncio, para invernar.

A.M. 6114

Neste ano, no mês de março, dia quinze, décima primeira indicção, o imperador Heráclio afastou-se da cidade imperial e chegou rapidamente à Arménia. Já Cósroes, o imperador dos Persas, enviou Sarbarazas, em conjunto com o exército dele, para atacar a terra dos Romanos. Heráclio escrevia a Cósroes para que abraçasse a paz: caso contrário ele próprio, com o seu exército, atacaria a Pérsia.

[717] λαὸν

Cósroes, por sua vez, nem abraçou a paz, nem fez caso da possibilidade de que Heráclio ousaria aproximar-se da Pérsia.

O imperador, contudo, no dia vinte do mês de abril, avançou sobre a Pérsia. E Cósroes, ao saber disto, ordenou a Sarbarazas que regressasse. E, após ter reunido os seus exércitos, de toda a Pérsia, e de os ter dado a Saes, ordenou que estes fossem rapidamente unidos ao exército de Sarbarazas, e que assim se avançasse contra o imperador.

Já Heráclio, tendo convocado o seu exército, animou-os com discursos de exortação, dizendo: "Varões meus irmãos, tenhamos em nossas mentes o temor a Deus e lutemos para vingarmos o insulto a Deus. Mantenhamo-nos nobremente contra os inimigos que fizeram muitas coisas más aos Cristãos. Tenhamos pudor perante a soberania do poder dos Romanos e mantenhamo-nos contra os inimigos que se armam impiamente. Tomemos uma fé que assassine assassinos. Consideremos que estamos dentro da terra dos Persas e que a fuga traz um grande perigo. Punamos as violações das virgens e, quando virmos os membros mutilados dos nossos soldados, soframos com os nossos corações. O perigo não é sem recompensa, mas é o patrono da vida eterna[718]. Mantenhamo-nos corajosamente: e o Senhor Deus trabalhará[719] connosco e destruirá os nossos inimigos."

Tendo o imperador exortado o exército com estas e muitas outras palavras, respondeu-lhe um por todos: "Dilataste-nos os corações, ó senhor, ao abrires a tua boca em exortação. As tuas palavras desembainharam os nossos gládios e incutiram-lhes vida. Elevaste-nos através das tuas palavras. Erubescemos olhando para ti, que nos conduzes nas batalhas, e seguir-te-emos em todas os teus comandos." Então o imperador pegou no exército e avançou logo para o interior da Pérsia, destruindo pelo fogo as cidades e as aldeias. Ocorre aí um portento assustador[720]. Efetivamente, no solstício de verão, o ar tornou-se húmido e refrescou o exército dos Romanos, ao ponto de eles ficarem cheios de boas esperanças.

[718] αἰωνίου ζωῆς
[719] συνεργήσει
[720] θαῦμα φοβερόν

Depois Heráclio, ao ouvir que Cósroes estava na cidade de Gazaco com quarenta mil soldados, avançou contra ele. Enviou alguns dos Sarracenos que estavam sob ele para irem à frente e deparou-se com a vigia de Cósroes: depois de matarem alguns deles e subjugarem outros, juntamente com o general deles, conduzem-nos ao imperador. Cósroes, ao saber disto, recorreu à fuga, ao abandonar a cidade e o exército. Heráclio perseguiu-o e, quando atingiu alguns [dos Persas], matou-os: os restantes, fugindo, dispersaram-se.

E assim que o imperador chegou à cidade de Gazaco, voltou a reunir o seu exército nos seus subúrbios. Os Persas que haviam fugido para ele diziam que Cósroes, ao escapar, destruira pelo fogo todos os campos cultivados naqueles lugares, tendo ido para a cidade de Tebarmas, no oriente, onde estava o templo do Fogo e o dinheiro de Creso, imperador dos Lídios, assim como a imposturice do carvão[721]. [O imperador] tomou estas coisas e avançou sobre Dastaguerd.

O imperador, então, afastou-se de Gazaco e chegou a Tebarmas: entrou nela, destruiu a fogo o templo do Fogo, devastou toda a cidade a fogo e perseguiu nas costas Cósroes, nos desfiladeiros da região dos Medos. Cósroes, nestas zonas difíceis, passava de região em região. E Heráclio, ao persegui-lo, pilhou muitas cidades e terras. Tendo chegado o inverno, tomou conselho sobre onde deveria invernar com o seu exército. Alguns diziam [para ficarem] na Albânia, outros que deveriam atacar Cósroes. O imperador, então, ordenou que o exército se purificasse durante três dias e, ao abrir os evangelhos de Deus[722], descobriu que se devia virar para a Albânia para aí invernar. Voltou-se de imediato e avançou para a Albânia.

Entretanto, uma vez que havia muitos cativos Persas durante o caminho, recebeu não poucas investidas de soldados Persas. Mas ele, com a colaboração de Deus[723], alcançou vitória contra todos. Caiu sobre ele um inverno rigoroso, no caminho, assim como geada, pelo que, tendo chegado à Albânia com cinquenta mil cativos,

[721] ἡ πλάνη τῶν ἀνθράκων: o autor parece referir-se ao mito segundo o qual o fogo sacro da religião zoroastra não deixava cinzas.
[722] ἀνοίξας τὰ τοῦ θεοῦ εὐαγγέλια
[723] τῇ τοῦ θεοῦ συνεργίᾳ

apiedou-se e libertou-os das algemas, em virtude do seu coração simpatético. E dava-lhes tratamento e repouso: ao ponto de todos, com lágrimas, suplicarem para que ele também fosse o libertador da Pérsia, assassinando Cósroes, o assassino do universo[724].

A.M. 6115

Neste ano Cósroes, o imperador dos Persas, nomeou Sarabanglas como general, um homem estrénuo e elevado por um grande orgulho. Deu-lhe como exército os chamados Cosroegetas e os Perozitas, e enviou-o para a Albânia contra Heráclio. Atacaram pela fronteira da Albânia, mas não tiveram forças para se erguerem perante o imperador em batalha. Apoderaram-se antes das estradas estreitas que davam acesso à Pérsia, pensando que lhe fariam uma cilada.

Heráclio, porém, afastou-se da Albânia com a chegada da primavera, através de planícies amplas que também forneciam abundante alimento, e começou a fazer o caminho para a Pérsia, mesmo tendo em conta que realizava um grande caminho, de elevada longitude. Sarabanglas, por seu turno, avançou por um caminho estreito, por ser mais rápido, para se lhe antecipar [na chegada ao] território da Pérsia. Já Heráclio exortava o exército dizendo: "Saibamos, irmãos, como o exército dos Persas, ao vaguear pelos lugares mais difíceis, desgasta e debilita os seus cavalos. Quanto a nós, apressemo-nos a avançar contra Cósroes a grande velocidade para que, caindo sobre ele inesperadamente, o perturbemos."

O exército, todavia, não concordou em fazer isso, sobretudo os soldados aliados dos Lazes, dos Abasgos e dos Iberos. E por causa disso caíram em desgraças. Efetivamente, Sarbarazas chegou com o seu exército, que Cósroes havia armado com toda a força e enviado contra Heráclio através da Arménia. Sarabanglas, por outro lado, acompanhava-o pelas costas mas não o atacava, com o intuito de se unir a Sarbarazas e depois unir-se em a batalha.

Então os Romanos, ao saberem da aproximação de Sarbarazas, volveram-se em cobardia e caíram aos pés do imperador em

[724] τὸν κοσμόλεθρον

lágrimas, arrependidos[725] da desobediência que demonstravam, tendo consciência de como é mau que um escravo não siga as decisões do senhor. E diziam: "[Venha] a tua mão, senhor, antes que nós, que somos miseráveis, sejamos destruídos: pois nós obedecer-te-emos, no que quer que ordenes." O imperador, assim, apressou-se a entrar em batalha com Sarabanglas, antes da união com o exército de Sarbarazas: e, após ter feito muitas investidas contra ele de noite e de dia, pô-lo num estado de cobardia. Passou depois para as costas de ambos e abalou apressadamente contra Cósroes.

Dois dos Romanos, contudo, desertam para os Persas e convencem-nos de que os Romanos estavam a fugir por cobardia. Foi ter com ele também um outro rumor, o de que Saes, general dos Persas, vinha com um outro exército em auxílio. Sarabanglas e Sarbarazas, quando souberam disto, esforçaram-se por se unirem em batalha com Heráclio, antes que Saes chegasse e a fama da vitória passasse para ele. Confiaram também nos desertores e avançaram contra Heráclio: depois de se aproximarem dele acamparam, querendo atacar de madrugada.

Heráclio, porém, afastou-se ao entardecer e marchou durante toda a noite: assim que esteve muito afastado deles, encontrou uma planície verdejante e aí acampou. Já os bárbaros, por pensarem que ele havia fugido por cobardia, começaram a avançar sem ordem para o tomarem. Mas ele foi-lhes ao encontro e iniciou uma batalha contra eles. Ocupou uma certa colina com muitas árvores e, após ter reunido o seu exército[726], faz fugir os bárbaros com a ajuda de Deus[727]. Perseguiu-os pelas ravinas e matou uma grande multidão. Cai também Sarabanglas, ferido nas costas por uma espada.

Entretanto, enquanto os combates decorriam desta maneira, chegou Saes com o seu exército. O imperador derrotou-o, matou muitos deles e dispersou outros enquanto fugiam. Tomou também o equipamento deles. Já Sarbarazas, tendo-se unido a Saes, reuniu os bárbaros que se tinham salvado. E de novo consideravam avançar sobre Heráclio. O imperador, porém, abalou para a terra dos Hunos

[725] μετανοοῦντες
[726] λαὸν
[727] τῇ τοῦ θεοῦ συνεργίᾳ

e para as suas passagens árduas, por lugares ásperos e difíceis de passar. Os bárbaros seguiam-no pelas costas.

Então os Lazes, juntamente com os Abasgos, acobardaram-se, afastaram-se da aliança com os Romanos e regressaram para a sua terra. Saes, deliciado com isto com grande avidez[728], começou a avançar com Sárbaro contra Heráclio. O imperador reuniu o exército, animou-o com discursos, exortou-o e encorajou [os soldados] dizendo: "Que a multidão dos inimigos, irmãos, vos não perturbe! Querendo Deus, um perseguirá mil. Consagremo-nos nós mesmos, portanto, a Deus para salvação dos nossos irmãos. Tomemos a coroa dos mártires, para que também o tempo que há de vir nos louve: e Deus dará a recompensa!".

Depois de ter encorajado o exército com estas e muitas outras palavras, prepara-o, com a cara jovial, para a batalha. E estando eles afastados a pequena distância uns dos outros, desde madrugada até ao entardecer não chocaram uns contra os outros. Quando entardeceu, o imperador continuou o caminho. Os bárbaros avançavam de novo atrás dele. Tendo, entretanto, mudado de via por desejarem ultrapassá-lo, incorrem em lugares pantanosos, vagueiam e passaram por grande perigo. Quanto ao imperador, transcorreu as partes da Persarménia e continou.

Uma vez que aquela terra estava tomada pelos Persas, muitos juntavam-se a Sarbarazas e aumentavam o seu exército. Com a chegada do inverno, a multidão dispersou-se para os lugares próprios, para descansarem nas suas casas. Heráclio, ao saber disto, considera roubar uma batalha durante a noite. E, estando o inverno a lavrar, e não havendo nenhuma suspeita por parte Sárbaro, escolheu os cavaleiros mais fortes e os mais corajosos do exército, armou-os em dois grupos e ordenou que uns fossem à frente contra Sárbaro, ao passo que ele próprio, com os restantes, seguiria atrás deles.

Apressaram-se ao longo da noite e chegaram à vila de Salbanon, à hora nona da noite, sendo que os Persas que aí estavam souberam da investida, levantaram-se e atacaram-nos. Os Romanos, todavia, mataram-nos a todos, à exceção de um, que informou Sárbaro. Então Sárbaro levantou-se e subiu, nu e descalço, a um

[728] θυμῷ πολλῷ

cavalo: salvou-se por ter recorrido à fuga. Em seguida [Heráclio] capturou as mulheres daquele e toda a fina-flor Pérsica – os governantes, os sátrapas e os soldados preferidos. Eles haviam subido para os tetos das casas e iniciado uma batalha: tomou-os pelo fogo. Matou alguns deles, a outros queimou, e outros ainda foram presos em correntes: e pouco faltou para que ninguém, excepto Sárbaro, se salvasse.

Adquiriram também as armas de Sárbaro: um escudo dourado, uma espada, uma lança e um cinto dourado com pedras preciosas, assim como o calçado. [O imperador], após ter tomado todas estas coisas, avança contra os que estavam dispersos pelas aldeias. Estes, quando souberam da fuga de Sárbaro, fugiram desordenadamente. Ele perseguiu-os, matou muitos deles e fez de outros prisioneiros: e os restantes regressaram para a Pérsia em vergonha. Por fim o imperador, tendo reunido o seu exército com alegria, invernou nesses lugares.

A.M. 6116

Neste ano, no mês de março, dia um, o imperador reuniu o seu exército e tomou conselho acerca do caminho por que deveria avançar. Estavam perante ele, de facto, dois caminhos estreitos e difíceis de passar: um que levava até Taranta, um outro à terra dos Sírios. A que levava para Taranta era mais vantajosa, mas tinha uma carência de todo o tipo de alimentos; já a que levava para a terra dos Sírios fornecia, ao passar pelo Tauro, facilidade e abundância de alimentos. Todos concordaram com a primeira, ainda que mais precipitosa e tomada por muita neve. Atravessaram-na durante sete dias, com muita fatiga, até que chegam ao rio Tigre. Após o terem passado, chegam a Martirópolis e a Amida: e tanto os soldados como os cativos descansaram. Daí o imperador pôde enviar cartas para Bizâncio, revelar todas as coisas que ocorriam com ele e trazer à cidade muita alegria.

Sárbaro, por seu turno, tendo reunido o seu exército[729], que estava disperso, avançou contra ele. O imperador selecionou um contingente de soldados e enviou-os para guardarem os desfiladeiros que conduziam até ele. Quanto ao próprio, depois de

[729] λαὸν

se dirigir para as vias que dão para o Oriente, prosseguia rumo Sárbaro. Passou o rio Nínfio e chegou ao Eufrates, onde havia uma ponte feita de cordas e navios. Sárbaro soltara as cordas da ponte e mudara a ponte toda de uma bacia para outra. Quando o imperador chegou, não descobriu como passar através da ponte mas, depois de percorrer ao largo, encontrou um vau: e ultrapassou-o, de forma paradoxal[730] e sem perigo, no mês de março, e chegou a Samósata. Depois passou de novo o Tauro e chegou a Germanícia. Passou ainda Ádana e veio para o rio Saro.

Sárbaro, por sua vez, estendeu a ponte para o seu devido lugar, passou o rio Eufrates sem oposição e seguiu-o pelas costas. Já o imperador passou a ponte do Saro e encontrou um [lugar para o] pousio do exército e dos animais: acampou aí e fê-los descansar. Entretanto Sárbaro atinge a parte oposta. Tendo descoberto que a ponte e os seus propugnáculos tinham sido tomados pelos Romanos, aquartelou-se. Então muitos dos Romanos atacaram sem ordem pela ponte: atiravam-se aos Persas e faziam-lhes muitos golpes. O imperador, porém, impediu-os de avançarem desordenadamente, não fosse surgir uma via para que os adversários se reunissem na ponte e a passassem em conjunto. O exército[731], todavia, não obedecia ao imperador. Por isso, Sárbaro estabeleceu emboscadas e apresentou-se a si próprio como se estivesse a fugir: arrastou muitos Romanos, contra a ordem do imperador, para que passassem [o rio] em sua perseguição. Depois virou-se e fê-los virar as costas: e matou quantos estavam fora da ponte – matou como castigo dos que tinham desobedecido.

O imperador, porém, vendo que os bárbaros relaxavam a disciplina com a perseguição, e que muitos dos Romanos que estavam colocados nos propugnáculos estavam a ser mortos, marchou contra eles. Um certo varão, de proporção gigantesca, opôs-se no meio da ponte e atacou o imperador: mas o imperador acertou-lhe [com um golpe] e atirou-o para a corrente do rio. Tendo este caído, os bárbaros viraram-se em fuga e, devido à estreiteza da ponte, atiraram-se a si próprios para o rio como sapos, ao passo que outros eram mortos à espada. A multidão dos bárbaros, todavia,

[730] παραδόξως
[731] λαός

dispersa pelas margem do rio, flechava os Romanos e opunha-se-lhes, sem os deixar passar.

O imperador, contudo, fez a passagem corajosamente e contrapôs-se aos bárbaros, na companhia de alguns poucos dos seus colegas. Lutava com forças sobre-humanas[732], ao ponto de Sárbaro ficar impressionado e ter dito a um certo Cosme, que estava perto dele – um desertor e idólatra[733] dos Romanos: "Vês o César, ó Cosme, como ele se mantém corajoso na batalha, como se degladia sozinho contra tamanha multidão e como rejeita as investidas como uma bigorna?" Efetivamente, ele recebia muitos golpes por ser identificado pelo seu calçado típico[734], ainda que não tivesse havido nenhum [ferimento] de importância nesta batalha.

Após terem lutado, neste recontro, durante todo o dia, chegou o entardecer e eles afastaram-se uns dos outros. E Sárbaro, com medo, retirou-se durante a noite. O imperador, por seu turno, congregou o seu exército[735] e avançou para a cidade de Sebasteia[736]. Ultrapassou o rio Hális e passou todo o inverno nesta região.

Já Cósroes, perturbado, enviou [delegados] e apoderou-se de todos os tesouros das igrejas que estavam sob os Persas. E coagiu os Cristãos, para ferir o imperador, a aceitarem a religião de Nestório.

A.M. 6117

Neste ano Cósroes, o imperador dos Persas, criou para si um novo exército ao alistar estrangeiros, cidadãos e escravos, criando uma seleção de todo o tipo de nação. Entregou esta seleção de homens ao general Saes e, após ter retirado outros cinquenta mil homens das linhas de batalha de Sárbaro, adicionou-os àquela e denominou-os "Os de Lanças Douradas". E enviou-os contra o imperador. Por outro lado, enviou Sárbaro com o restante exército dele contra Constantinopla, para que, depois de entrar em acordo com os Hunos do Ocidente, aos quais chamam Ávaros, e ainda com os Búlgaros, os Eslavos e os Gépidas, eles avançassem contra a cidade e a sitiassem.

[732] ὑπὲρ ἄνθρωπον
[733] μαγαρίτην
[734] ἀληθινῶν τζαγγίων: tratava-se de botas de púrpura.
[735] λαὸν
[736] εἰς Σεβάστειαν: o mesmo que Sebaste.

O imperador, ao saber disto, dividiu em três o seu exército: enviou uns para protegerem a cidade, outros entregou a Teodoro, o seu próprio irmão, e ordenou que ele guerreasse contra Saes; o próprio tomou a terceira parte e começou a avançar contra a Lázica. Enquanto passava aí o tempo, convocou em aliança os Turcos do Oriente, aos quais chamam Cazares.

Já Saes, juntamente com o seu exército recém-formado, intercetou o irmão do imperador, Teodoro, e armou-se para a batalha. Deus colaborou através das intercessões da muito louvada Mãe de Deus[737] e, depois de a batalha ter ocorrido, caiu granizo sobre os bárbaros, de uma forma paradoxal[738], que derrubou muitos deles: a formação dos Romanos, por seu turno, avançou em tranquilidade. Os Romanos fazem com que os Persas virem costas e aniquilam uma grande multidão. Cósroes, quando soube disto, enfureceu-se contra Saes. Então Saes, caído numa doença por causa de um grande abatimento, morreu. O seu corpo, por ordem de Cósroes, foi trazido até si preservado em sal, sendo que lhe infligiu, depois de morto, muitos maus tratos.

Os Cazares, assim, depois de quebrarem as portas do Cáspio, atacam a Pérsia pela terra de Adraiga, juntamente com o general deles, Ziebel, que era o segundo do Grão-cã em dignidade. Eles tomavam os Persas como cativos nos locais por que passavam e entregavam às chamas as cidades e as aldeias. Também o imperador saiu de Lázica e juntou-se a eles. Já Ziebel, após o ter visto e corrido [para ele], beijou o seu pescoço e inclinou-se[739] perante ele, enquanto os Persas olhavam da cidade de Tifílio. Todo o exército[740] dos Turcos caiu na terra com a face para baixo: estendidos sobre a face, honravam o imperador com uma honra que é estranha entre os pagãos[741]. Da mesma forma, também os seus governantes, depois de terem subido para cima de pedras, caíram [sobre as faces], de igual modo. Ziebel trouxe-lhe ainda o seu próprio filho adolescente, aprazendo-se com as palavras dele e abalado pela sua majestade e

[737] τοῦ δὲ θεοῦ διὰ τῶν πρεσβειῶν τῆς πανυμνήτου θεοτόκου συνεργήσαντος
[738] παραδόξως
[739] προσεκύνησεν
[740] λαός
[741] τὸν βασιλέα ἐτίμων τιμὴν τὴν παρ᾽ ἔθνεσι ξένην

pensamento[742]. Depois Ziebel escolheu quarenta mil homens valentes e entregou-os ao imperador como aliados: o próprio regressou para a sua terra. O imperador tomou-os e começou a avançar contra Cósroes.

Sárbaro, por seu turno, correu sobre Calcedónia, ao mesmo tempos que os Ávaros se aproximaram da cidade [imperial] vindos da Trácia. Eles queriam destruí-la e movimentaram muitas máquinas contra ela. Além disso, ao forçarem uma multidão sem fim, superior a todo número, a vir do Istro em embarcações esculpidas, encheram o golfo do Corno[743]. Assediaram durante dez dias a cidade, por terra e mar: foram derrotados pela força de Deus e pela colaboração e intercessão da imaculada e virgem Mãe de Deus[744]. E, após terem perdido muitas multidões, tanto na terra como no mar, regressaram, com grande vergonha, para as suas terras.

Sárbaro, por sua vez, cercou Calcedónia e não mudou de posição: aí invernou, destruindo e pilhando as zonas costeiras e as suas cidades.

A.M. 6118

Neste ano, Heráclio invadiu, a partir do mês de setembro e de forma inesperada, por ser inverno, a Pérsia, juntamente com os Turcos. E atirou Cósroes para um estado de perturbação, quando ele soube disso. Os Turcos, por seu turno, ao verem o inverno e as intermináveis investidas dos Persas, não suportaram labutar com o imperador e começaram, passado algum tempo, a desertar. E todos se afastaram e regressaram [à terra deles]. O imperador, então, discursou para o seu exército, dizendo: "Sabei, irmãos, que ninguém deseja ser nosso aliado, mas tão somente Deus e a mãe que O deu à luz sem semente[745], para que Ele revele a sua força, pois a salvação não está na multidão dos exércitos ou das armas, mas Ele envia a ajuda Dele aos que esperam na misericórdia[746] Dele."

[742] τὴν τε θέαν καὶ τὴν φρόνησιν αὐτοῦ
[743] τὸν κόλπον τοῦ Κέρατος, *i.d.* o Corno de Ouro.
[744] τῇ τοῦ θεοῦ δυνάμει καὶ συνεργίᾳ καὶ ταῖς πρεσβείαις τῆς ἀχράντου καὶ θεομήτορος παρθένου
[745] ὁ θεὸς καὶ ἡ τοῦτον τεκοῦσα ἀσπόρως μήτηρ
[746] ἐλέει

Já Cósroes, após ter reunidos todos os seus exércitos, nomeia Razates como general deles, um homem belicosíssimo e corajoso, e enviou-o contra Heráclio. O imperador, entretanto, incendiava as cidades e as aldeias da Pérsia e matava à espada os Persas capturados. No dia nove de outubro da décima quinta indicção, chegou à região de Camaeta e fez com que o exército aí descansasse durante uma semana. Razates, por sua vez, foi a Gazaco e surgiu atrás dele, passando a acompanhá-lo, sendo que os Romanos consumiam as colheitas de antemão. Ele ia atrás como um cão faminto e alimentava-se, a custo, com as migalhas do outro. E, por não encontrar coisas para consumir, muitos dos animais dele foram mortos.

No primeiro dia do mês de dezembro, o imperador chegou ao grande rio Zabe e, após o ter transposto, acampou perto da cidade de Níneve[747]. Razates, por seu turno, também chegou ao ponto de passagem [do rio] enquanto fazia perseguição e, depois de se ter afastado três milhas, encontrou um outro ponto de passagem e atravessou. O imperador, então, enviou o general Baanes com alguns soldados escolhidos e encontrou um grupo de Persas: aniquilou o chefe[748] do grupo dele e trouxe a sua cabeça, assim como a sua espada, de ouro puro. E, tendo matado muitos, trouxe vinte e seis vivos, entre os quais estava o porta-espada[749] de Razates. Este anunciou ao imperador que Razates queria entrar em batalha com ele, tendo sido assim ordenado por Cósroes, e que este último lhe havia enviado três mil soldados armados, que ainda não haviam chegado ao destino.

O imperador, ao saber isto, enviou à frente o equipamento, sendo que ele próprio o acompanhava enquanto procurava encontrar um lugar onde fosse vantajoso lutar antes que os três mil se unissem [ao exército adversário]. Descobriu assim uma planície prestável para a batalha e, após ter discursado ao exército, dispôs as linhas de batalha. Razates chegou e também ele dispôs as linhas de batalha, em três formações, e avançou contra o imperador.

---

[747] Νινενὶ: o mesmo que Nívive.

[748] κόμητα: do latim *comes*. Aplica-se aqui um cargo militar romano-bizantino a um determinado líder militar persa.

[749] σπαθάριος: *vide* nota anterior

No dia doze do mês de dezembro, um sábado, a batalha teve lugar: o imperador avançou à frente de todos e caiu sobre o comandante dos Persas e, com a força de Deus e a ajuda da Mãe de Deus[750], abateu-o. Os que haviam avançado com ele viraram as costas. E de novo o imperador, após se ter deparado com um outro [inimigo], também o abateu. Veio ainda ter com ele um terceiro, que lhe acertou com uma lança no lábio e assim o feriu. O imperador, todavia, também a este matou. E, após os trombeteiros terem soado, ambas as partes chocaram uma com a outra e, com o decorrer de uma batalha intensa, o cavalo do imperador, Falbas[751], o chamado Dorco, foi ferido na sua coxa pela infantaria, tendo levado com uma lança. Levou também com muitas golpadas na fronte. Mas, como carregava uma armadura de cota rendilhada[752], não se feria, nem as golpadas tinham sucesso.

Razates cai em batalha, assim como os três dirigentes das linhas de batalha[753] dos Persas, tal como quase todos os governantes e a maior parte do exército deles. Foram mortos cinquenta dos Romanos, e um número considerável ficou ferido, mas estes não morreram, à exceção de outros dez. A batalha vingou desde madrugada até à hora décima primeira. Os Romanos levantaram vinte e oito estandartes dos Persas, para além dos que já haviam sido quebrados. Despojaram os mortos e capturaram os seus corseletes, assim como capacetes e todo o armamento. E ficaram distantes uns dos outros a dois tiros de arco. Efetivamente, não houve fuga.

Os exércitos[754] dos Romanos deram de beber de noite aos seus animais e deram-lhes alimento. Os cavaleiros Persas, em contraste, mantiveram-se hirtos até à hora sétima, sobre os cadáveres dos Persas que haviam sido mortos: e, à hora oitava da noite, mexeram-se e regressaram para o seu acampamento. Levantaram-no, afastaram-se e acamparam no sopé de uma montanha escarpada, tomados pelo medo.

---

[750] τῇ τοῦ θεοῦ δυνάμει καὶ τῇ βοηθείᾳ τῆς θεοτόκου

[751] φάλβας: Mango e Scott lêm aqui um adjetivo a significar "aloirado". Preferimos ler a palavra, seguindo João Classeno, como um nome próprio.

[752] κατάφρακτα νευρικά

[753] τουρμάρχαι

[754] λαοί

[Os Romanos] tomaram muitas espadas de ouro puro, cintos dourados, pedras preciosas e o escudo de Razates, de ouro puro, que tinha cento e vinte lâminas. Tomaram ainda a armadura dele, de ouro puro, e trouxeram o cafetã[755] dele juntamente com a sua cabeça, os seus braceletes e a sua sela, de ouro puro. Por outro lado, Barsamuses[756], o governante dos Iberos que estavam sob os Persas, foi capturado vivo. Ninguém se lembra de batalha semelhante ter ocorrido entre os Persas e os Romanos, visto que em todo o dia a batalha não teve nenhuma pausa. Os Romanos venceram: mas isso aconteceu somente por ajuda de Deus[757]. O imperador, depois, animou o exército e abalou contra Cósroes, para o amedrontar e para que enviasse alguém que chamasse Sárbaro de Bizâncio, de Calcedónia[758].

No dia vinte e um do mês de dezembro, o imperador soube que o exército de Razates que escapara da batalha se havia unido aos três mil enviados por Cósroes, e que ia atrás de si, sendo que chegara a Nínive. O imperador, após ter ultrapassado o Grande Zabe, envia Jorge, o *tourmaches*, com mil soldados, a fim de que partisse para se apoderar das pontes do Zabe Menor, antes que Cósroes soubesse disso. Jorge abalou por quarenta e oito milhas, de noite, tomou controlo das quatro pontes do Zabe Menor e, uma vez que encontrara alguns Persas nos propugnáculos, capturou-os vivos.

No dia vinte e três do mês de dezembro, o imperador chegou às pontes, passou-as e acampou nas casas de Jesdém[759]. Fez o exército e os animais descansar e fez a celebração do nascimento de Cristo naquele lugar. Cósroes, ao saber disso, que os Romanos se haviam apoderado das pontes do Zabe Menor, enviou [um mensageiro] para o exército[760] persa que estivera sob Razates, para que eles muito se apressassem, atacassem o imperador e a ele regressassem. Eles então apressaram-se, passaram o Zabe Menor

[755] σκαραμάγγιν: peça de vestuário, espécie de gibão.
[756] Βαρσαμούσης: o mesmo que Vararanes.
[757] τῇ τοῦ θεοῦ βοηθείᾳ
[758] ἐκ τοῦ Βυζαντίου [τῆς Χαλκηδόνος]. Esta localização geográfica não é clara. A versão de Anastácio Bibliotecário omite qualquer referência a Sárbaro.
[759] Ἰεσδέμ: o mesmo que Yazden.
[760] λαὸν

noutros lugares, foram para além do imperador e começaram a marchar à frente dele.

O imperador, após ter chegado a um palácio, o chamado Dezérida, destruiu-o e entregou-o ao fogo. Já os Persas, tendo passado a ponte do rio Tornas, aí acamparam. Depois o imperador chegou a um outro palácio de Cósroes, o chamado Rusa, e também o destruiu. Ele suspeitava que os inimigos estavam prestes a guerrear contra ele na ponte do rio Tornas. Mas, quando os outros o viram, abandonaram a ponte e fugiram. Então o imperador passou [a ponte] sem perigo e chegou a um outro palácio, o chamado Beclal: aí ele até criou um hipódromo, que depois destruiu[761].

Por sua vez, alguns dos Armenos que estavam com os Persas vieram ter com o imperador, de noite, dizendo: "Cósroes está acampado com os elefantes e com o seu exército a cinco milhas daqui, no palácio chamado Dastagerde[762], num lugar chamado Barasroth" e ainda que "ele revelou ao exército para aí se reunir e militar contra ti. É que há aí um rio difícil de atravessar, com uma ponte estreita e lugares apertados por entre os edifícios, e ainda correntes pútridas."

Então o imperador, após ter tomado conselho com os líderes militares e com o exército, deixou-se ficar no palácio Beclal. Efetivamente, havia encontrado nele, numa área enclausurada, trezentas avestruzes bem alimentadas e, num outro local, cerca de quinhentos cervos bem alimentados e, ainda num outro local, cem jumentos bem alimentados. E presentou o exército com tudo isto. Eles passaram aí o primeiro dia do mês de janeiro. Encontraram também ovelhas, porcos e bois, para os quais não havia número. E todo o exército descansou, usufruindo e louvando a Deus.

Depois de terem subjugado os pastores destes animais, souberam da parte deles, com exatidão, que Cósroes, informado desde o dia vinte e três de dezembro de que o imperador havia passado a ponte do Tornas, logo se havia movimentado do palácio

[761] ἐνταῦθα καὶ ἱπποδρομίαν ἔκτισε καὶ τοῦτο κατέστρεψεν. Mango e Scott parecem preferir a lição que lê «ἔτυχε» em vez de «ἔκτισε», segundo a qual o imperador teria encontrado um hipódromo já existente, que em seguida destruira. Isto talvez se deva à estanheza de se construir um espaço para a corrida de cavalos em plena guerra e em pleno território inimigo. Mas a palavra ἱπποδρομίαν talvez possa significar, aqui, um acampamento militar onde se guardavam os cavalos.

[762] Δασταγὲρδ: o mesmo que Discarta.

que estava em Dastagerde e abalado, a grande velocidade, para Ctesifonte, sendo que atirara todo o dinheiro que tinha no palácio para cima dos elefantes, dos camelos e dos jumentos que estavam ao seu serviço. Souberam ainda que ele escrevera ao exército[763] de Razates para que entrasse no mesmo palácio e nas casas dos governantes e que trouxesse o que quer que se encontrasse nelas.

O imperador, deste modo, enviou metade do exército para Dastagerde, ao passo que ele saiu por outro caminho para um outro palácio, o chamado Bebdarch. [Os soldados], após o terem destruído e entregado ao fogo, davam graças a Deus, que havia feito tamanhos milagres[764] através da intercessão da Mãe de Deus. Pois quem esperaria que Cósroes haveria de fugir, perante o imperador dos Romanos, dos palácios que eram dele em Dastagerde e que iria para Ctesifonte, sendo que havia vinte e quatro anos que não suportava ver Ctesifonte, mas que tinha os paços imperiais em Dastagerde?

Os exércitos[765] dos Romanos encontraram no palácio dele, em Dastagerde, trezentos estandartes dos Romanos, que haviam sido tomados em diferentes ocasiões. Encontraram ainda alguns bens ali estendidos, muito aloés e muita madeira de aloés, de setenta e oitenta litras, e ainda muito pano fino[766], pimenta e vestimentas de linho[767] – inúmeras, para além da conta. E também encontraram açúcar, gengibre e muitos outros bens. Alguns [dos soldados encontraram ainda] prata, roupas de seda pura, tapetes de lã e tapetes feitos à agulha, em grande quantidade e muito belos, sendo que eles queimaram isto tudo, dado o seu peso. Queimaram também todas as coisas de Cósroes, as tendas, os pórticos que havia feito quando se aquartelava num campo[768] e as muitas estátuas dele. Encontraram ainda, nestes palácios, avestruzes, cervos, jumentos, pavões e faisões, em número infinito, e, para a caça dele, leões e tigres, vivos e de enormes dimensões.

Por seu turno, fugiram para o imperador, dos cativos de guerra, muitos dos Edessinos e dos Alexandrinos, assim como uma

[763] λαῷ
[764] τοιαῦτα θαυμασία
[765] λαοὶ
[766] μέταξιν
[767] χαρβάσια καμίσια
[768] ἐν κάμπῳ

enorme multidão de outras cidades. O imperador fez também em Dastagerde a festa da Epifania[769], alegrando-se e recobrando tanto o exército[770] como os animais. Destruiu os palácios de Cósroes, que eram construções de valioso preço, admiráveis e surpreendentes: abalou-as até às fundações, para que Cósroes soubesse qual o sofrimento que os Romanos tiveram com as cidades desertificadas e atiradas por ele às chamas.

Além disso, foram capturados muitos dos que viviam no palácio. Ao serem questionados sobre quando o outro saíra de Dastagerde, disseram: "Ele foi informado acerca da vossa presença nove dias antes de vós chegardes, pelo que perfurou às escondidas a muralha da cidade que está perto do palácio. Deste modo, ele saiu com a mulher e os filhos, de uma forma muito despercebida, para que não houvesse confusão na cidade." E nem o exército dele, nem os governantes souberam [disso] antes que ele se tivesse afastado cinco milhas. Depois deu sinal para que eles o acompanhassem até Ctesifonte: e ele, que não era capaz de percorrer cinco milhas por dia, completou vinte e cinco milhas enquanto fugia. As mulheres e os filhos dele, que até então não se olhavam uns para os outros, fugiram em confusão, puxando-se uns aos outros. Com a chegada da noite, Cósroes entrou na casa de um agricultor insignificante para aí ficar, sendo que ele coube a custo na sua porta. Quando Heráclio depois a viu, ficou admirado.

Em três dias [Cósroes] chegou a Ctesifonte: e [isto ocorreu tal como lhe] fora vaticinado pelos feiticeiros e astrólogos vinte e quatro anos antes, quando sitiava Daras, no tempo de Focas, imperador dos Romanos – que ele morreria na altura em que viesse a Ctesifonte. Ainda que não suportasse aproximar-se uma milha daquela parte, desde Dastagerde, naquela altura partiu para lá, fugindo. Nem aí teve coragem para permanecer, mas passou a grande ponte do Tigre para a cidade que está do lado de lá, que entre nós é chamada Selêucia, Guedeser, entre os Persas. Depositou nela todo o dinheiro e permaneceu aí com Seirem[771], sua mulher, e com outras três mulheres que eram filhas dele. Enviou as suas restantes mulheres, e

[769] ἑορτὴν τῶν φώτων
[770] λαὸν
[771] Σειρέμ: o mesmo que Shirin.

as muitas crianças dele, para a parte mais oriental, a quarenta milhas, para um lugar fortificado.

Alguns dos Persas vituperavam Sárbaro junto de Cósroes, como estando ele em conluio com os Romanos e em conversações contra ele. E enviou um *spatharios*[772] com uma ordem sua para Cardarigas, que era general juntamente com Sárbaro na Calcedónia. Escreveu-lhe para que matasse Sárbaro, que em seguida tomasse o exército[773] dos Persas e se apressasse para a Pérsia em seu auxílio. Todavia, aquele que transportava a carta foi intercetado pelos Romanos, perto da Galácia. Os que o capturaram esconderam-se dos Persas, trouxeram-no para Bizâncio e entregaram-no ao filho do imperador.

O imperador[774], quando soube da verdade pelo legado, convoca imediatamente a si Sárbaro. Ele entrou, portanto, [no palácio], e ficou perante o imperador. O imperador deu-lhe a carta dirigida a Cardarigas e revelou-lhe aquele que fora enviado com ela. O outro leu a carta e, depois de se ter certificado de que era a verdade, mudou imediatamente de lado e fez um pacto com o filho do imperador e com o patriarca. Falsificou a carta de Cósroes juntamente com ele, adicionando-lhe quatrocentos outros sátrapas, governantes, tribunos e centuriões[775] a serem mortos. Colocou o selo de forma ardilosa e convocou os generais e o próprio Cardarigas. Depois de ter lido a carta disse a Cardarigas: "Estás decidido a fazer isto?" Então os governantes, repletos de raiva, começaram a renunciar publicamente a Cósroes e fizeram pactos de paz para com o imperador. Após terem tomado em conjunto uma decisão, pareceu-lhes melhor sair de Calcedónia e regressar às suas terras, sem nada pilharem.

Heráclio, então, escreveu a Cósroes: "Eu persigo e corro para a paz. Eu não vim cá para passar a Pérsia a fogo, mas por ter sido coagido por ti. Atiremos, pois, as nossas armas agora e abracemos a paz. Apaguemos o fogo antes que ele consuma tudo". Uma vez que

[772] σπαθάριον
[773] λαὸν
[774] ὁ δὲ βασιλεὺς: de notar que não se trata do Heráclio que estava na Pérsia, mas do seu filho, co-imperador.
[775] σατράπας καὶ ἄρχοντας καὶ χιλιάρχους καὶ ἑκατοντάρχους: uma vez mais, aplicam-se cargos militares romanos ao exército Persa.

o outro não aceitou isso, o ódio do povo[776] da Pérsia cresceu poderosamente contra ele. E Cósroes alistou todos os homens dos seus governantes e todos os servos, dele e das suas mulheres. Armou-os e enviou-os para se juntarem ao exército de Razates e se posicionarem no rio Narbas, a vinte milhas de Ctesifonte. E ordenou-lhes que, quando o imperador passasse o rio, quebrassem a ponte e a grande ponte[777].

O imperador, no sétimo dia do mês de janeiro, saiu de Dastagerde e, tendo marchado três dias, acampou a doze milhas do rio Narbas, onde estava o acampamento dos Persas, local onde eles tinham também duzentos elefantes. O imperador enviou Jorge, o *tourmarcha* dos Armeníacos[778], para se aproximar do rio e averiguar se o Narbas tinha algum ponto de passagem. Ele descobriu que o outro havia quebrado as pontes e que o Narbas não tinha ponto de passagem, pelo que regressou para junto do imperador. O imperador afastou-se e foi para Siazuro: e andava pelas terras e cidades, queimando-as durante todo o mês de fevereiro.

No mês de março, ele foi para uma vila chamada Barza: passou aí sete dias e enviou o general Mezézio para pilhar. E Gundabusa, que era oficial[779] do exército de Sárbaro, passou para o lado dele, com outros cinco, três capitães e dois dignitários[780]: conduziram-nos ao imperador. Este Gundabusa, então, começou a anunciar ao imperador coisas importantes, dizendo[781]: "Quando Cósroes fugiu de Dastagerde e veio para Ctesifonte e para Selêucia, sofreu de uma disenteria e quis coroar Mérdasan, o seu filho por parte de Seirem. Ele passou de novo o rio e trouxe consigo Mérdasan, Seirem e o outro filho dela, Saliar. Deixou o seu filho primogénito, Síroes, mais os seus irmãos e as suas mulheres, do outro lado do rio. E que quando Síroes soube que ele queria coroar Mérdasan, ficou perturbado e enviou Gundabusa, nascido do

[776] λαοῦ

[777] γέφυραν καὶ ποντογέφυραν

[778] τὸν τουρμάρχην τῶν Ἀρμενιάκων: discute-se se esta é ou não uma referência anacrónica aos *themata*, que serão mais tarde tão característicos da organização militar bizantina.

[779] χιλίαρχος

[780] τριῶν μὲν κομήτων, δύο δὲ ἀξιωματικῶν: mais uma vez, o texto original usa cargos militares romano-bizantinos para cargos do exército Persa.

[781] Todo o resto do parágrafo deve ser encarado como o discurso de Gundabusa. O texto grego intercala ocasionalmente marcas de discurso direto com marcas de discurso indireto, coisa que é possível graças ao emprego da conjugação ὅτι, mas que seriam de difícil tradução direta.

mesmo leite[782], revelando-lhe: ´Vem para além do rio, para que eu me encontre contigo. ´Gundabusa, então, temeu fazer a passagem, por causa de Cósroes, e diz-lhe: ´Se desejas alguma coisa, escreve-me através do teu colactâneo[783]´. E escreveu-lhe Síroes: ´Sabes como o governo dos Persas foi destruído pelo mau homem que é Cósroes, que ele deseja coroar Mérdasan e que me negligencia a mim, o filho primogénito. Se eventualmente disseres ao exército para me aceitarem, aumentarei o salário deles, farei paz com o imperador dos Romanos e com os Turcos e assim estaremos em prosperidade. Apressa-te com o teu exército[784], para que eu reine. Tenho a intenção de promover-vos a todos e de vos assistir: e a ti em particular.´ E eu revelei-lhe, através do irmão de leite[785] dele, que, se pudesse fazer alguma coisa, falaria com o exército e trabalharia com afinco. Falei com vinte e dois oficiais[786] e fiz valer a minha opinião também a outros governantes e a muitos soldados. Revelei isto a Síroes, que me disse para, no dia vinte e três de março, tomar os recrutas mais novos, me encontrar com ele na ponte grande do rio Tigre, mostrá-lo ao exército e movimentar uma guerra contra Cósroes. Além disso, estão com Síroes os dois filhos de Sarbarazas e o filho de Jesdém, assim como outros filhos dos governantes e o filho de Aram, todos eles distintos. Se conseguissem matar Cósroes, seria muito bom; se, todavia, falhassem, todos, juntamente com Síroes, passariam para o lado do imperador. E enviou-me para ti, ó senhor[787]: efetivamente, ele sente vergonha em relação ao império dos Romanos, que em tempos salvou Cósroes, sendo que, por causa dele, a terra dos Romanos sofreu muitos males. E, por causa da sua estupidez, o imperador nem em mim confiará."

O imperador enviou este de novo para Síroes e indicou-lhe que deveria abrir as prisões e tirar de lá os Romanos em elas retidos, que lhes devia dar armas e avançar assim contra Cósroes. Síroes obedeceu ao imperador: retirou os que estavam cativos e avançou sobre Cósroes, o seu pai parricida. Ele, porém, procurou fugir, mas

[782] συγγάλακτον, *i.d.*, um irmão adotivo.
[783] συγγάλακτον
[784] λαοῦ
[785] συγγάλακτον
[786] κόμητας
[787] δέσποτα

não conseguiu e foi capturado. Prenderam-no então, de forma firme, com correntes de ferro, com os braços atrás das costas. Impuseram ferros pesados nos seus pés e no seu pescoço e conduziram-no para a Casa da Escuridão[788], que o próprio havia fortalecido com uma nova fundação para depositar dinheiro. Deram-lhe pão de fraca qualidade e água, fazendo com que ele passasse fome. De facto, Síroes disse: "Que coma o ouro, que reuniu em vão, e por causa do qual fez muitos passar fome e desertificou o mundo."

Por outro lado, enviou-lhe os sátrapas para que o insultassem e lhe cuspissem. Depois trouxe Mérdasan, o filho que ele queria coroar, e matou-o à sua frente. Matou à frente dele todos os seus restantes filhos e enviou-lhe todos os seus inimigos para o insultarem, para lhe baterem e para lhe cuspirem. Tendo eles feito isto durante cinco dias, Síroes ordenou que ele fosse morto à flecha: entregou assim, aos poucos, a sua pesarosa alma em terríveis sofrimentos.

Síroes, depois, escreve a Heráclio, dando-lhe a boa nova do assassínio do abominável Cósroes. Fez com ele uma paz perpétua, entregou-lhe todos os Cristãos que estavam nas prisões, assim como os cativos de guerra que estavam em toda Pérsia, em conjunto com o patriarca Zacarias e a veneranda e vivificante Cruz[789], que havia sido retirada de Jerusalém por Sarbaraza, quando ele tomara Jerusalém.

A.M. 6119

Neste ano, realizou-se uma paz entre os Persas e os Romanos, e o imperador enviou Teodoro, o seu irmão, com cartas e homens de Síroes, o imperador dos Persas, para que os Persas que estavam em Edessa, na Palestina, em Jerusalém e nas restantes cidades dos Romanos voltassem para a Pérsia, em paz, e para que passassem de forma incólume pela terra dos Romanos.

O imperador, portanto, venceu os Persas numa guerra de seis anos, sendo que no sétimo ano fez a paz com grande alegria e regressou a Constantinopla. Completou, desta forma, uma certa visão mística[790]. Efetivamente, após Deus ter acabado toda a criação

[788] οἶκον τοῦ σκότους
[789] τοῖς τιμίοις καὶ ζωοποιοῖς ξύλοις
[790] μυστικήν τινα θεωρίαν ἐν τούτῳ πληρώσας

em seis dias, chamou ao sétimo dia o dia do descanso. Da mesma forma também ele, após ter completado muitos trabalhos em seis anos, regressou à cidade [imperial] no sétimo ano com paz e alegria: e descansou.

Por seu turno, o povo[791] da cidade, ao saber da sua chegada, veio todo, em incontrolável saudade, para Hiéria, ao seu encontro, juntamente com o patriarca e Constantino, imperador e filho dele, transportando ramos de oliveiras e lanternas e louvando-o com alegria e lágrimas. Então o seu filho aproximou-se dele, caiu aos seus pés e abraçou-o: ambos inundaram a terra com lágrimas. O povo[792], ao ver isto, começou, todo ele, a elevar hinos de louvor a Deus. Assim eles receberam o imperador: e entraram na cidade a dançar.

A.M. 6020

Neste ano, o imperador afastou-se da cidade imperial com a chegada da primavera e viajou para Jerusalém, levando a venerável e vivificante Cruz[793], para dar graças a Deus. Quando ele estava a chegar a Tiberíades, os Cristãos acusaram uma certa pessoa, de nome Benjamim, de lhes ter feito mal. Efetivamente, era muito rico e havia recebido o imperador e o exército dele. O imperador, porém, condenou-o dizendo: "Por que motivo fazes mal aos Cristãos?". O outro respondeu: "Por serem inimigos da minha fé." De facto, ele era judeu. O imperador advertiu-o, convenceu-o e batizou-o na casa de Eustácio o Neapolitano, que era um cristão que também recebera o imperador.

Quando o imperador entrou em Jerusalém, restaurou o patriarca Zacarias e a venerável e vivificante Cruz[794] no seu lugar e, após ter dado muitas graças a Deus, expulsou os Hebreus da santa cidade, tendo dado ordens para que eles não tivessem autoridade para se aproximarem até três milhas da santa cidade.

Quando chegou a Edessa, devolveu a igreja, tomada, desde [os tempos de] Cósroes, pelos Nestorianos, aos ortodoxos. E, após ter ido a Hierápolis, ouviu que Síroes, o imperador dos Persas, havia

[791] λαός
[792] λαός
[793] τὰ τίμια καὶ ζωοποιὰ ξυλά
[794] τὰ τίμια καὶ ζωοποιὰ ξύλα

falecido, e que Ádeser, o seu filho, havia recebido o império dos Persas. Este teve o poder durante sete meses, sendo que se lhe opôs Sarbarazas, que o derrubou e governou os Persas durante dois meses. Os Persas mataram-no e colocaram no império Borane, filha de Cósroes, que dominou o império dos Persas durante sete meses. A esta seguiu-se Hormisdas, expulso pelos Sarracenos: e então o império dos Persas ficou sob os Árabes até ao dia de hoje.

A.M. 6121

Neste ano, estando o imperador em Hierápolis, veio ter com ele Atanásio, o patriarca dos Jacobitas, um homem perigoso e mau, com a vilania que é ingénita aos Sírios. Ele dirigiu ao imperador alguns discursos sobre a Fé[795], pelo que Heráclio lhe prometeu que, se aceitasse o Concílio de Calcedónia, o faria patriarca de Antioquia. O outro fingiu, aceitou o Concílio e confessou as duas naturezas unidas em Cristo[796]. Perguntou então ao imperador acerca da *energeia* e das vontades[797], sobre como elas estariam em Cristo, se eram duplas ou uma só[798]. O imperador, desconcertado por esta linguagem estranha, escreve a Sérgio, o bispo de Constantinopla; por outro lado, chama para si Ciro, o bispo de Fásis. Depois de lhe perguntar, descobriu que ele era da mesma opinião que Sérgio, que havia uma só vontade e uma só *energeia*. Pois, uma vez que Sérgio era de descendência síria e nascido de pais jacobitas, confessava e escrevia que havia uma só vontade e uma só *energeia* em Cristo. O imperador concordou com a decisão de ambos e descobriu que também Atanásio pensava como eles. Este sabia, de facto, que onde se encontra uma só energia, aí se conhece, também, uma só natureza. O imperador, confirmado nisto, escreve para João, o papa[799] de Roma, a opinião de ambos: ele, porém, não aceitou a heresia daqueles.

Com a morte de Gregório de Alexandria, Ciro é enviado como bispo de Alexandria. Este, unido a Teodoro, bispo de Farã, fez

[795] περὶ πίστεως
[796] τὰς δύο ἐν Χριστῷ ἡνωμένας φύσεις
[797] περὶ τῆς ἐνεργείας καὶ τῶν θελημάτων: optamos pelo termo original. Ἐνέργεια, em gíria teológica, traduzir-se-ia por "operação".
[798] διπλᾶ ἢ μοναδικά
[799] πάπαν

aquela união como que escrita em água[800], ao escreverem que havia em Cristo uma única *energeia* natural[801]. Tendo estas coisas assim ocorrido, o Concílio de Calcedónia e a Igreja Católica caíram numa grande má fama. Efetivamente, os Jacobitas, assim como os Teodosianos, começaram a exultar, dizendo: "Nós não concordámos com Calcedónia, foi antes Calcedónia que concordou connosco, ao ter confessado a única[802] natureza de Cristo através de uma só energia." Entretanto, Sofrónio é ordenado bispo de Jerusalém. Ele convocou os bispos sob a sua jurisdição e anatematizou o dogma monotelita e enviou cartas sinodais a Sérgio de Constantinopla e a João de Roma.

Então Heráclio, ao ouvir estas coisas, ficou envergonhado. Por um lado, não quis abandonar as coisas que havia feito, por outro, não suportou a má fama. É então que, pensando que fazia uma coisa grande, promulga o chamado Édito[803], que dizia que não se devia confessar em Cristo nem uma, nem duas *energeiai*. Os que pensavam como Severo, ao lerem isto, começaram a difamar a Igreja por entre tabernas e banhos, dizendo: "Dantes os Calcedónios, que pensavam as coisas de Nestório, vieram a si e regressaram para a Verdade, unindo-se a nós através de uma só *energeia*, numa só natureza em Cristo. Agora, porém, desprezaram o que está bem e perderam ambas as partes, não confessando em Cristo nem uma, nem duas [*energeiai*]." Após a morte de Sérgio, seguiu-se-lhe no trono de Constantinopla, Pirro, que fortaleceu impiamente[804] as coisas que haviam sido dogmatizadas por Sérgio e Ciro.

Depois de Heráclio ter falecido, e tendo governado o seu filho Constantino, Pirro matou-o com um veneno, juntamente com Martina: e governa Heraclonas, o filho de Martina. O Senado e a cidade, porém, expulsaram-no por ser ímpio[805], em conjunto com Martina e o filho dela. E governa Constante, o filho de Constantino, e é ordenado bispo de Constantinopla, Paulo, sendo ele também um herético. Então João, o bispo de Roma, tendo convocado um concílio

[800] τὴν ὑδροβαφῆ ἐκείνην ἕνωσιν: *i.d.*, aquela coisa fugaz.
[801] φυσικὴν ἐνέργειαν
[802] μιᾶς
[803] ἴδικτον
[804] ἀσεβῶς
[805] ὡς ἀσεβῆ

de bispos, anatematizou a heresia dos Monotelitas. Da mesma forma, também em África, em Bizácio, na Numídia e na Mauritânia, diversos bispos, reunidos, anatematizaram os Monofisitas[806].

Com a morte de João de Roma, Teodoro é ordenado papa[807] em sua vez. Já Pirro, depois de ter chegado a África, tornou-se íntimo do santíssimo *abbas* Máximo, venerável pelos seus feitos monásticos, assim como dos santos bispos[808] de lá. Eles repreenderam-no, convenceram-no e enviaram-no para o papa Teodoro, em Roma. E, depois de ter dado ao papa um libelo [de declaração] de ortodoxia, foi por ele recebido. Ao afastar-se de Roma, porém, e tendo ido para Ravena, regressou como um cão ao seu próprio vómito[809].

O papa Teodoro, ao saber isto, convocou o pleroma da Igreja, foi ao túmulo do corifeu dos apóstolos[810], pediu o cálice divino, deixou cair gotas do vivificante sangue de Cristo[811] sobre a tinta e com a sua própria mão exarou a demissão de Pirro e dos que estavam em comunhão com ele. Quando Pirro chegou a Constantinopla, e uma vez que Paulo tinha morrido, os audazes heterodoxos colocaram de novo Pirro no trono de Constantinopla.

Com a morte do papa Teodoro, o santíssimo Martinho é ordenado em Roma. Chegou também a Roma, de África, Máximo, que inflamou o papa para um zelo[812] [religioso]. Eles congregaram um concílio de cento e cinquenta bispos e anatematizaram Sérgio e Pirro, assim como Ciro e Paulo. Deixaram claras, e proclamaram-nas, as duas vontades e operações[813] de Cristo, o nosso Deus[814], no oitavo ano do império de Constante, neto de Heráclio, na oitava indicção. Este, quando soube disto, e repleto de raiva, trouxe Martinho e Máximo para Constantinopla. Torturou-os e enviou-os para Quersoneso e para os *Klímata*[815]. Castigou também muitos dos

[806] Μονοφυσίτας
[807] πάπας
[808] ἐνθέοις ἱεράρχαις
[809] Referência bíblica: 2 Pe. 2, 22.
[810] κορυφαίου τῶν ἀποστόλων: *i.d.* de São Pedro.
[811] ἐκ τοῦ ζωοποιοῦ αἵματος
[812] ζῆλον
[813] ἐνεργείας
[814] τὰς δὲ δύο θελήσεις καὶ ἐνεργείας Χριστοῦ τοῦ θεου ἡμῶν
[815] τοῖς κλίμασιν: equivalente, em sentido geográfico, aos "paralelos" e às zonas por eles delimitadas. A palavra designa, por antonomásia, a península da Crimeia.

bispos do Ocidente. Após o exílio de Martinho, Ágato é ordenado papa de Roma. Movido pelo zelo de Deus[816], reuniu, também ele, um santo Concílio, renunciou à heresia dos Monotelitas e deixou claras as duas vontades e operações.

Enquanto a Igreja estava a ser assim perturbada por imperadores e por ímpios sacerdotes, surgiu o agrestíssimo Amalec[817], desbaratando-nos a nós, o povo de Cristo[818]. E dá-se a primeira terrível calamidade do exército Romano: refiro-me àquela carnificina que ocorreu ao longo de Gabita e Hiermuca e Datesmo. Após esta dá-se a perda da Palestina, de Cesareia e de Jerusalém. Depois a destruição egípcia e a tomada das regiões mediterrânicas e das ilhas, assim como a captura de toda a Romênia. E ainda a total destruição, na Fenícia, do exército e da frota Romanos, e a desertificação de todos os povos cristãos e lugares, que não parou até o perseguidor da Igreja[819] ter sido morto, de forma rude, na Sicília.

A.M. 6122

Neste ano morreu Maomé, o líder e pseudoprofeta dos Sarracenos[820], tendo ele nomeado Abubácaro, seu familiar, para a sua sucessão. Por esta mesma altura veio a fama dele: e todos temeram. Já os Hebreus, enganados, no início, pela sua chegada, pensaram que ele era o Cristo esperado por eles, de tal forma que alguns dos seus líderes foram ter com ele, receberam a sua religião e abdicaram da de Moisés, que viu a Deus[821]. Foram dez os que fizeram isto, que passaram a viver com ele até ao seu assassinato[822]. Porém, quando o viram a comer carne de camelo, compreenderam que ele não era quem pensavam e ficaram sem saber o que fazer. Como temiam abdicar da religião dele, os desgraçados começaram a ensinar-lhe coisas nefastas[823] contra nós, os Cristãos. E passavam o tempo com ele.

---

[816] ζύλῳ θεοῦ
[817] ἀνέστη ὁ ἐρημικώτατος Ἀμαλὴκ
[818] τύπτων ἡμᾶς τὸν λαὸν τοῦ Χριστοῦ
[819] ὁ τῆς ἐκκλησίας διώκτης
[820] ὁ τῶν Σαρακηνῶν ἀρχηγὸς καὶ ψευδοπροφήτης
[821] τὴν τοῦ θεόπτου Μωσέως
[822] *sic*: ἄχρι τῆς σφαγῆς αὐτοῦ
[823] ἀθέμιτα

Considero ser necessário dissertar acerca da sua origem. Ele descendia de uma das mais vastas tribos, de Ismael, filho de Abraão. Efetivamente, Nízaro, o descendente de Ismael, é referido como sendo o pai de todos eles. Este gerou dois filhos, Mudaro e Rabias. Mudaro gerou Curaso, Caiso, Temimes, Asade e outros desconhecidos. Todos estes habitavam no deserto Madianita e nele pastoreavam, vivendo em tendas. Há ainda uns [que vivem] mais no interior do que estes, mas que não são da mesma tribo, mas da de Jectan, os chamados Amanitas, isto é, os Homeritas. Alguns deles faziam comércio em camelos.

Uma vez que o acima referido Maomé era destituído de bens e um órfão, pareceu-lhe bem pôr-se ao serviço de uma certa mulher rica, que era sua familiar, chamada Cádiga[824], na qualidade de assalariado que trabalhasse com camelos e vendesse no Egito e na Palestina. Lentamente, ele ficou mais à vontade com a mulher, que era viúva, e, depois de se ter insinuado, tomou-a como mulher e ficou com os seus camelos e propriedade. Quando ia à Palestina, reunia-se com Judeus e Cristãos. Caçava[825] deles alguns escritos.

Teve também a doença da epilepsia. A mulher dele, ao ter conhecimento disto, ficou muito entristecida, uma vez que ela, uma mulher nobre, se unira àquele homem, que não só era pobre, como também epilético. Ele, então, procura atender-lhe, dizendo assim: "Costumo contemplar a visão de um anjo chamado Gabriel e, como não suporto a sua aparição, fico diminuído e caio". A outra tinha consigo um certo monge amigo dela que, por causa da sua má fé, havia sido exilado e ali vivia. Ela anunciou-lhe todas as coisas, assim como o nome do anjo. Aquele, desejando satisfazê-la, disse-lhe: "Ele disse a verdade: efetivamente, esse anjo é enviado a todos os profetas." Ela, assim, foi a primeira a aceitar a palavra do pseudo-*abbas*[826]: acreditou nele e anunciou a outras mulheres, da mesma nação que ela, que ele [Maomé] era um profeta.

E, deste modo, a fama veio das mulheres para os homens: primeiro a Abubácaro, que [Maomé] deixou como sucessor. E a

[824] Χαδίγαν: o mesmo que Cádija.
[825] ἐθηρᾶτο
[826] ψευδαββᾶ

heresia[827] dele apoderou-se das terras de Etribo, em última instância, pela guerra. Primeiro esteve dez anos às escondidas, depois outros dez em guerra, e, por fim, de uma forma aberta, durante nove anos. Ele ensinou aos seus súbditos que aquele que matasse um inimigo, ou que fosse morto por um inimigo, entraria no Paraíso. Dizia que o Paraíso [estava cheio] de comida e de bebida carnais e de relações com mulheres[828], e ainda que [havia lá] um rio de vinho, de mel e de leite, e que as mulheres não eram as que tinham cá, mas outras, e que as relações sexuais eram de muitos anos e que o prazer era duradouro. E [dizia] muitas outras coisas, cheias de prodigalidade e de estupidez. [Dizia] ainda que eles deviam ser simpatéticos uns para com os outros e que deviam ajudar os injustiçados.

Neste mesmo ano, na quarta indicção, no dia sete do mês de novembro, nasceu, no Oriente, a Heráclio, David, o filho dele: e neste mesmo dia também nasceu Heráclio, filho de Heráclio o Jovem, que também era Constantino, filho de Heráclio o Grande. Ele foi batizado nas Blaquernas pelo patriarca Sérgio, no dia três do mês de novembro, na quinta indicção.

A.M. 6123

Neste ano, os Persas opuseram-se uns aos outros, tendo feito guerra a si próprios. Nesta ocasião, o imperador dos Indianos envia a Heráclio presentes por causa da vitória dos Persas: pérolas e um número considerável de pedras preciosas.

Maomé, que já havia falecido, colocara quatro emires[829] para guerrearem os Cristãos de nação Árabe. Eles foram até uma aldeia chamada dos Muqueus, onde estava o vicário[830] Teodoro, sendo que eles desejavam atacar os Árabes no dia do sacrifício idolátrico deles. O vicário, ao saber disto por parte de um certo coraixita, chamado Cutabas, que se tornara um seu assalariado, reúne todos os soldados que estavam a guardar o deserto e, após se ter certificado pelo Sarraceno da hora e do dia em que os outros estavam prestes a atacar, ele próprio avançou sobre eles numa aldeia, chamada Motus.

[827] αἵρεσις
[828] τὸν δὲ παράδεισον σαρκικῆς βρώσεως καὶ πόσεως καὶ μίξεως γυναικῶν ἔλεγεν
[829] ἀμηραίους
[830] βικάριος

Mata três emires e a multidão do exército[831]. Conseguiu sair de lá um emir, Caledo[832], a quem chamam espada de Deus[833].

Alguns dos Árabes que estavam perto recebiam dos imperadores pequenos salários para guardarem as entradas do deserto. Veio, nessa altura, um certo eunuco para dar os salários dos soldados. Os Árabes vieram, de acordo com o costume, para receberem o seu salário, mas o eunuco expulsou-os, dizendo: "O imperador[834] mal consegue dar salários aos soldados, quanto mais a estes cães?". Então os Árabes, oprimidos, regressaram para os seus conterrâneos e conduziram-nos para a região de Gaza, uma entrada do deserto pela montanha do Sinai, e que era muito rica.

A.M. 6124

Neste ano, Abubácaro enviou quatro generais, que foram conduzidos, como disse, pelos Árabes. Eles vieram até Hera e tomaram toda a região de Gaza. Na altura Sérgio chegou, com dificuldade, da Cesareia, na Palestina, na companhia de alguns soldados. Entrou em combate e é o primeiro a ser morto, juntamente com os trezentos soldados. Os outros tomaram muitos cativos e muitos despojos e regressaram com uma clara vitória.

Neste mesmo ano, ocorreu um grande sismo na Palestina. E apareceu um sinal[835], virado para o sul, o chamado *dokites*, prenunciando a conquista dos Árabes. Permaneceu durante trinta dias, movendo-se do sul para o norte. Tinha a forma de uma espada.

A.M. 6125

Neste ano Abubácaro morre, tendo sido emir durante dois anos e meio, e Omar seguiu-se-lhe no poder. Este, após ter enviado um exército contra a Arábia, toma a cidade de Bostra, em conjunto com outras cidades. E depois eles avançaram até Gabita. Teodoro, o irmão do imperador, depois de se ter entrado com eles em batalha, foi derrotado e vai ter com o imperador, em Edessa. O imperador, por conseguinte, nomeia um outro general, de nome Baanes, e envia

[831] λαοῦ
[832] ὁ Χάλεδος: o mesmo que Calide
[833] μάχαιραν τοῦ θεοῦ
[834] ὁ δεσπότης
[835] σημεῖον

o *sakellarios* Teodoro com uma força Romana contra os Árabes. Este aparece em Emesa, encontra-se com uma multidão de Sarracenos e mata-os, assim como ao emir deles, expulsando os restantes até Damasco. Montou acampamento lá, junto ao rio Bardanésio. Já Heráclio, depois de ter abandonado a Síria por estar sem esperança, retirou a Venerável Cruz[836] de Jerusalém e foi para Constantinopla. Por outro lado, ele transfere Baanes de Damasco para Emesa, assim como o *sakellarios* Teodoro, que tinham quarenta mil soldados. E eles perseguem os Árabes desde Emesa até Damasco.

A.M. 6126

Neste ano, os Sarracenos abandonaram a Arábia e militaram contra as regiões de Damasco, sendo eles uma multidão infinita. Baanes, ao saber isto, enviou [um mensageiro] para o *sakellarios* imperial, para que viesse com o seu exército em seu auxílio, visto haver uma multidão de Árabes. O *sakellarios* veio ter com Baanes: ambos saíram de Emesa e foram ter com os Árabes. Dá-se um recontro e, no primeiro dia, que era uma terça-feira, dia vinte e três do mês de Lóos[837], os que estavam em torno do *sakellarios* são derrotados. Por seu turno, os que estavam em torno de Baanes, tendo-se revoltado, nomeiam Baanes como imperador e renunciaram a Heráclio.

Foi nesta altura que os que estavam em torno do *sakellarios* se retiraram e os Sarracenos, ao encontrarem uma oportunidade, iniciam uma batalha. O vento do sul soprou contra os Romanos, pelo que eles, por causa da poeira, não foram capazes de se opor aos inimigos e são derrotados. Atiraram-se a si próprios para as passagens estreitas do rio Hiermuctas, onde morreram todos. Havia quarenta mil soldados de ambos os generais. Os Sarracenos, tendo assim vencido de forma clara, avançam para Damasco e tomam-na, assim como as regiões da Fenícia: depois montam aí habitações e militam contra o Egito.

Ciro, o bispo de Alexandria, ao saber da investida destes, apressou-se a agir e, temendo a arrogância deles, firmou pactos e prometeu que o Egito lhes daria todos os anos duzentos mil

[836] τὰ τίμια ξύλα
[837] τοῦ Λώου: o mesmo que Lóio

denários. E enviou-lhes ouro de acordo com obrigações contraídas. Depois de ter fornecido isto, fez com que o Egito estivesse livre da destruição por três anos. Ciro, porém, é acusado, perante o imperador, de ter dado o ouro do Egito aos Sarracenos. E [o imperador], em fúria, enviou [um mensageiro] e convocou-o, após ter reenviado um certo Manuel, Armeno de nação, como augustal. Em seguida, com o final do ano, os coletores dos Sarracenos vieram para tomar o ouro. Manuel, porém, expulsou-os sem nada terem alcançado, dizendo: "Eu não sou Ciro, o sem-armas, para vos pagar impostos, mas eu estou armado!" Mal os outros se afastaram, de imediato os Sarracenos se armam contra o Egito e unem-se em batalha contra Manuel e o expulsam: o próprio refugia-se em Alexandria com alguns poucos. Foi nesta altura que os Sarracenos impuseram tributos sobre o Egito.

Heráclio, depois de ter ouvido as coisas ocorridas, envia Ciro para que ele os convencesse a retirarem-se do Egito, de acordo com o primeiro tratado. Ciro afastou-se para o acampamento dos Sarracenos e começou a defender-se, afirmando não ter sido o responsável pela transgressão e que, se eles quisessem, firmaria com juramentos o primeiro acordo. Os Sarracenos não ficaram convencidos com isto e dizem ao bispo: "Consegues engolir este imenso pilar?". O outro disse: "Não me é possível". Então disseram: "Nem a nós nos é possível sair agora do Egito."

A.M. 6127

Neste ano, Omar militou contra a Palestina e, após ter sitiado a cidade santa durante dois anos, tomou-a com palavra de honra[838]. Efetivamente, Sofrónio, o arcebispo de Jerusalém, tomou uma palavra de fidúcia para toda a Palestina.

Por seu turno, Omar entrou na cidade santa revestido de vestimentas feitas de pele sórdida de camelos[839]. Revelou uma feição satânica[840] e procurou o templo dos Judeus, que Salomão havia construído, a fim de fazer dele um oratório da sua blasfémia. Sofrónio, ao ver isto, disse: "Verdadeiramente esta é a abominação

[838] λόγῳ: *i.d.* por capitulação
[839] τριχίνοις ἐκ καμήλων ἐνδύμασιν ἠμφιεσμένος ἐρρυπωμένοις
[840] ὑπόκρισίν τε σατανικὴν ἐνδεικνύμενος

da desolação instalada num lugar sagrado, que foi revelada pelo profeta."[841] E o guerreiro da piedade[842] lamentou profundamente, com muitas lágrimas, o povo[843] dos Cristãos.

Uma vez que o outro lá estava, o patriarca pediu-lhe que aceitasse da parte dele um lençol[844], em conjunto com uma roupagem, para que os usasse. Mas ele não suportou vesti-los. A custo, porém, convenceu-o a vestir, até que as roupas dele ficassem limpas. Depois disso, ele voltou as enviá-las a Sofrónio e vestiu as suas próprias roupas.

Entretanto Sofrónio faleceu, ele que ornou a cidade de Jerusalém pela palavra e pela ação e que lutou contra a fé errada[845] de Heráclio e dos Monotelitas que estavam com ele, Sérgio e Pirro.

Neste mesmo ano, Omar enviou Jade para a Síria, que subjugou toda a Síria aos Sarracenos.

A.M. 6128

Neste ano João, o chamado Cataia, o procurador[846] de Osroena, foi ter com Jade, em Cálcis[847], e firmou, como pacto, que lhe daria anualmente dez miríades de moedas para que ele não passasse o Eufrates, nem pacifica nem belicamente, durante o tempo em que a quantia do ouro fosse entregue. Após estas coisas, João regressou a Edessa, levou a termo o pagamento anual e enviou-o para Jade. Já Heráclio, ao ouvir isto, julgou João como responsável, por ter ele feito isto sem o conhecimento imperial, pelo que o convocou e o condenou ao exílio. Em seu lugar envia um certo Ptolomeu, que era *magister militum*[848].

[841] Dn. 11, 31; Mt. 24, 15; Mc. 13, 14.
[842] τῆς εὐσεβείας ὁ πρόμαχος
[843] φῦλον: esta palavra é usada, em contexto anterior, para se referir aos Sarracenos, sendo que aí traduzimos a palavra por «tribo».
[844] σινδόνιον
[845] κακοδοξίας
[846] ἐπίτροπος
[847] εἰς Χαλκίδα: o mesmo que Cálcide
[848] στρατηλάτην

A.M. 6129

Neste ano os Árabes tomaram Antioquia. E Moáuia[849] foi enviado por Omar como general e emir de toda as províncias que estavam sob os Sarracenos, desde o Egito até ao Eufrates.

A.M. 6130

Neste ano Jade passou o Eufrates com todo o exército e chegou a Edessa. Os Edessinos, em conjunto com a província, o general e os Romanos que estavam com eles, abriram [os portões da cidade] e tomaram palavra de honra[850]. Depois [os Sarracenos] avançaram até Constância e, depois de a sitiarem, capturam-na pela luta e matam trezentos Romanos. Daí foram para Daras, que também tomaram em batalha: e mataram muitos nela. Assim Jade tomou toda a Mesopotâmia.

A.M. 6131

Neste ano, os Sarracenos militaram contra a Pérsia e uniram-se em batalha com eles. Venceram pela força e subjugaram todos os Persas. Hormisdas, por seu turno, o imperador dos Persas, recorreu à fuga, abandonou o palácio imperial e foi para as partes interiores da Pérsia. Os Sarracenos, por sua vez, fizeram cativas as filhas de Cósroes, com todo o apetrecho imperial: e tudo foi conduzido a Omar.

Por esta mesma altura, Omar ordenou que se fizesse um registo de todo o território que estava sob ele. Foi feito um registo de pessoas, de animais e de plantas.

A.M. 6132

Neste ano morreu o imperador Heráclito, no mês de março, décima quarta indicção, de hidropisia, tendo governado trinta anos e dez meses. Após ele governa Constantino, o seu filho, durante três meses, que, tendo sido envenenado por Martina, a sua madrasta, e pelo patriarca Pirro, morre. E governa Heraclonas, o filho de Martina, juntamente com a mãe Martina.

[849] Μαυΐας: o mesmo que Máuias (em latim, *Mavias*).
[850] λόγον

A.M. 6133

Neste ano, Moáuia toma Cesareia, na Palestina, após sete anos de cerco: e matou nela sete mil Romanos.

Neste ano, o Senado repudiou Heraclonas em conjunto com a mãe dele, Martina, e Valentino. Cortaram a língua a Martina e partiram o nariz a Heraclonas. Após os terem exilado, elevaram ao poder Constante, filho de Constantino, neto de Heráclio: este teve o poder durante vinte e sete anos.

Tendo Pirro sido expulso do episcopado, Paulo é eleito patriarca de Constantinopla, presbítero e *oikonomes* da Igreja, no mês de outubro, indicção décima quinta. Ele exerceu o episcopado durante doze anos.

A.M. 6134

Neste ano, tendo Constante sido imperador, começou a dizer ao Senado: "O pai Constantino, que me gerou, enquanto o seu pai, Heráclio, o meu avô, estava vivo, governou muito tempo juntamente com ele, mas muito pouco tempo após ele. Pois Martina, a sua madrasta, expulsou-o da vida, tendo-lhe cortado, à conta da inveja, as suas úteis esperanças: e isto por causa de Heraclonas, que havia sido ilicitamente gerado por ela e Heráclio. A vossa decisão, todavia, juntamente com Deus[851], expulsou-a do império com o seu filho, de forma justa, para que o império dos Romanos não visse uma grande ilicitude, como a vossa excelente dignidade o sabe. Por isso, peço-vos para vos ter como conselheiros e intérpretes da comum salvação dos súbditos." Tendo dito estas coisas, dispensou o Senado após lhe ter outorgado abundantes presentes.

A.M. 6135

Neste ano, Omar começou a construir o templo em Jerusalém. A sua estrutura, porém, não ficava firme, mas caía. Os Judeus, então, disseram-lhe, quando ele quis saber a causa: "O edifício não ficará firme até retirardes a Cruz que está por cima do templo do Monte das Oliveiras." A Cruz foi retirada de lá por causa deste

[851] σὺν θεῷ

conselho: e assim a edificação deles ficou firme. Este foi o motivo pelo qual os que odeiam a Cristo[852] abateram muitas cruzes.

A.M. 6136

Neste ano, o patrício Valentiniano revoltou-se contra Constante. O imperador, após ter enviado [um assassino], matou-o e transferiu o exército dele para a sua alçada. E ocorreu um eclipse do sol no mês de Dío, no dia cinco, sexta-feira, à hora nona.

A.M. 6137

Neste ano, Omar, o chefe dos Sarracenos, foi assassinado, no mês de Dío, no dia cinco, por um certo apóstata[853] Persa. Efetivamente, tendo-o encontrado em adoração[854], sacou da espada e perfurou-o no ventre. Expulsou-o assim da vida, tendo ele sido emir durante doze anos. Após ele é estabelecido Otomão[855], que era familiar dele e filho de Fão[856].

A.M. 6138

Neste ano, Gregório, o patrício de África, revoltou-se em conjunto com os Africanos.

A.M. 6139

Neste ano, verificou-se um vento violento sobre a terra, que arrancou muitas plantas, projetou árvores imensas pela raiz e derrubou muitas colunas de estilitas. Neste mesmo ano, os Sarracenos militaram contra África e, tendo-se encontrado em batalha com o tirano Gregório, fazem com que ele vire as costas, matam os que estavam com ele e expulsam-no de África. Regressaram após terem estabelecido tributos com os Africanos.

A.M. 6140

Neste ano Moáuia militou pelo mar contra o Chipre. Possuía mil e setecentas embarcações. Tomou Constância, com toda a ilha, e

[852] μισόχριστοι
[853] μαγαρίτου
[854] προσκυνοῦντα
[855] Οὐθμάν: no texto, Utmão.
[856] Φάν: o mesmo que Afão.

devastou-a. Porém, tendo ouvido que Cacorizo, o cubiculário, estava a vir contra ele com uma enorme força Romana, navegou para Arado[857] e, tendo ancorado a sua frota, tentou tomar a fortaleza da ilha, de nome Castelo, fazendo uso de vários mecanismos. Uma vez que não conseguiu alcançar nada, enviou-lhes um certo bispo, chamado Tomárico, amedrontando-os para que cedessem a cidade, se sujeitassem a termos e saíssem da ilha. Quando o bispo foi ter com eles, ficaram com ele lá dentro, mas não cederam a Moáuia. Uma vez que o cerco de Arado não dava resultados, regressou a Damasco, visto que chegara o inverno.

A.M. 6141

Neste ano, Moáuia militou contra Arado, armado de uma forma medonha. Tomou-a tendo dado palavra de fidúcia[858], pela qual os de lá poderiam habitar onde quisessem. Ele, porém, queimou a cidade, demoliu as muralhas e fez com que a ilha ficasse inabitada até hoje.

Neste mesmo ano, ocorreu em Roma um Concílio, [convocado] pelo papa Martinho, contra os Monotelitas.

A.M. 6142

Neste ano o comandante[859] Busur militou, em conjunto com os Árabes, contra a Isaúria. Após ter matado muitos, fez cativos e regressou com cinco mil prisioneiros. O imperador Constante, então, enviou um certo Procópio para Moáuia, para procurar paz. Coisa que aconteceu durante dois anos, sendo que Moáuia tomou Gregório, filho de Teodoro, como refém em Damasco.

A.M. 6143

Neste ano Pasagnates, o patrício dos Armenos, revoltou-se contra o imperador e, tendo feito pactos com Moáuia, deu-lhe também o seu próprio filho [como refém]. O imperador, ao ouvir isto, veio até Cesareia, na Capadócia, e, tendo ficado sem esperanças em relação à Arménia, regressou.

[857] Ἀράδου: o mesmo que Arruade.
[858] λόγῳ
[859] στρατοπεδάρχης

A.M. 6144

Neste ano Gregório, sobrinho de Heráclio, morreu em Heliópolis e, tendo sido coberto com mirra[860], foi conduzido para Constantinopla. Neste mesmo ano caíram cinzas do céu e um grande medo veio sobre os homens.

A.M. 6145

Neste ano, Moáuia chegou a Rodes e derrubou o colosso de Rodes, mil trezentos e sessenta anos após a sua fundação. Um certo mercador Judeu de Edessa, então, comprou-o e carregou o seu bronze em novecentos camelos.

Neste mesmo ano Abibo[861], general dos Árabes, militou contra a Arménia e, calhando de encontrar Mauriano, o general dos Romanos, perseguiu-o até às montanhas do Cáucaso e pilhou a região.

A.M. 6146

Neste ano, Moáuia ordenou que se preparasse um grande arsenal de embarcações, para que a sua frota viesse contra Constantinopla. Toda a preparação ocorreu em Trípoli, na Fenícia. Dois irmãos, filhos de Bucinatoro[862] e amigos de Cristo[863], ao verem isto enquanto estavam em Trípoli, avançaram, feridos pelo zelo de Deus[864], sobre a prisão da cidade – que tinha uma multidão de prisioneiros Romanos. Quebraram as portas, libertaram os prisioneiros e avançaram sobre o emir da cidade. Depois de o matarem, assim como aos que estavam com ele, consumiram a fogo todo o aparato [naval] e navegaram para a Romênia.

Porém, nem assim eles pararam com as preparações [para o cerco]. Por um lado, Moáuia militou contra a Cesareia, na Capadócia, e estabeleceu Abulatar, por outro, como chefe da construção das embarcações. Este foi para a chamada Fenícia da Lícia, onde estava o imperador Constante com a frota Romana, e

[860] σμυρνισθείς: Mango e Scott traduzem por "embalsamado" («embalmed»).
[861] Ἄβιβος: o mesmo que Habibe.
[862] Βουκινάτορος: nome que parece vir do latim *Vocinator*, indicando talvez uma profissão (assim Mango e Scott traduzem por "trumpeter"). Preferimos, no entanto, traduzir a palavra como um nome próprio.
[863] φιλόχριστοι
[864] ζήλῳ θεοῦ τρωθέντες

inicia uma luta naval contra ele. Quando o imperador estava prestes a entrar na batalha naval, vê, naquela noite, através de um sonho, que estava em Tessalónica. Ao acordar, narrou a sua visão a um certo intérprete de sonhos. O outro disse: "Ó imperador, antes fosse que não adormecesses, nem tivesses um sonho! Pois o facto de tu estares em Tessalónica interpreta-se como significando: ´Dá a outro a vitória´, isto é, que a vitória se verterá para o teu inimigo."

O imperador, assim, não fez nada para a organização da batalha naval e ordenou à frota Romana para avançar para a luta. E, tendo-se entrechocado uns com os outros, os Romanos são derrotados e o mar é tingido com o sangue dos Romanos. O imperador, por seu turno, vestiu um outro com a sua vestimenta. E o filho de Bucinatoro, acima referido, saltou para a embarcação imperial, arrebatou o imperador, mudou-o para uma outra embarcação e salvou-o de uma forma paradoxal[865]. O próprio, todavia, nobilíssimo, manteve-se corajosamente no navio imperial e matou muitos, entregando-se então à morte pelo imperador. Os inimigos, tendo-o cercado e colocado no meio deles, pensavam que ele era o imperador. Depois de ele ter morto muitos, os inimigos também o mataram a ele, assim como àquele que envergava a veste imperial. O imperador fugiu e salvou-se. Tendo abandonado a todos, navegou para Constantinopla.

A.M. 6147

Neste ano Otomão, o chefe dos Árabes, foi assassinado pelos habitantes de Etribo, tendo ele sido emir durante dez anos. Deu-se então um dissídio entre eles. Efetivamente, aqueles que estavam no deserto queriam Ali, o sobrinho de Ali, que era genro de Maomé; os que estavam pela Síria e pelo Egito, porém, queriam Moáuia: este venceu e tomou o poder durante vinte e quatro anos.

A.M. 6148

Neste ano Moáuia militou contra Ali. Ambos se reúnem no meio da planície de Barbalisso, em Cesário, perto do Eufrates. Os que eram de Moáuia, tendo ficado mais fortes, tomaram [o depósito de] água. Então os de Ali, quando ficaram com sede, começaram a

[865] παραδόξως

desertar. Moáuia não queria entrar em batalha, mas tomou a vitória sem trabalho.

A.M. 6149

Neste ano, o imperador militou contra a Esclavínia, fez cativos e subjugou muitos.

Neste mesmo ano ocorreram as coisas feitas pelo santo Máximo e pelos seus discípulos, a favor da fé correta[866], enquanto eles lutavam contra os Monotelitas. Constante, não conseguindo mudá-los para a sua doutrina errada[867], cortou a língua do santo, de uma sabedoria divina e de muita erudição [868], assim como a sua mão direita, por ter ele escrito muitas coisas – juntamente com os discípulos, os Anastácios – contra a impiedade[869] dele. Aqueles escreveram as obras em diálogo[870], tal como o sabem os amigos do saber.

A.M. 6150

Neste ano foi estabelecido entre os Romanos e os Árabes – sendo que Moáuia havia enviado uma embaixada por causa da insurreição – que os Árabes pagariam em tributo aos Romanos, por dia, mil *nomismata*, um cavalo e um escravo.

Ocorreu ainda um enorme sismo neste ano, assim como colapsos na Palestina e na Síria, no mês de Dáisio, na segunda indicção.

Neste mesmo ano, foi exilado Martinho, o santíssimo papa de Roma[871], após ele ter lutado valerosamente pela Verdade e se ter tornado um confessor[872]. Faleceu nos *Klímata* do Oriente.

A.M. 6151

Neste ano, Constante matou Teodósio, o seu próprio irmão.

Estando os Árabes em Safin[873], Ali, o da Pérsia, foi assassinado. Moáuia exerceu sozinho o poder e estabeleceu

[866] ὑπὲρ τῆς ὀρθῆς πίστεως
[867] κακοδοξίαν
[868] τὴν θεόσοφον καὶ πολυμαθεστάτην γλῶσσαν τοῦ ἁγίου
[869] δυσσεβείας
[870] κατ᾽ἔπος
[871] ὁ ἁγιώταταος πάπας Ῥώμης
[872] ὁμολογητής

residência, de forma imperial[874], em Damasco, onde colocou os tesouros de dinheiros[875].

A.M. 6152

Neste ano surgiu uma heresia[876] entre os Árabes, os chamados Carurgitas. Moáuia, depois de os subjugar, humilhou os que estavam na Pérsia, e exaltou, por seu turno, os que estavam na Síria. Aos primeiros chamou Isamitas, aos segundos Heraquitas. E elevou os salários dos Isamitas até aos duzentos *nomismata*: já os dos Heraquitas, reduziu-os até trinta *nomismata*.

A.M. 6153

Neste ano, o imperador deixou Constantinopla e mudou-se para Siracusa, na Sicília, tendo o intuito de transferir a cidade imperial para Roma. E enviou [um mensageiro] para trazer a sua mulher, assim como os seus três filhos, Constantino, Heráclio e Tibério. Os Bizantinos, porém, não os soltaram.

A.M. 6154

Neste ano, os Árabes militaram contra a Romania, fizeram muitos cativos e desertificaram ainda muitos lugares.

A.M. 6155

Neste ano, parte da Sicília foi tomada como cativa e, por vontade deles [dos cativos], eles mudaram residência para Damasco.

A.M. 6156

Neste ano, ocorreu um erro [no cálculo] da Quaresma. E Abederramão[877], o filho de Calede, militou contra a Romania, nela invernou e desvastou muitas terras. Já os Eslavos, tendo passado para o lado dele, vieram com ele para a Síria – cinco mil – e estabeleceram-se na terra dos Apameios, na aldeia de Seleucóbolo.

---

[873] Σαπφίν: o mesmo que Siffin.
[874] βασιλικῶς
[875] τοὺς θησαύρους ἐκεῖ ἀποθέμενος τῶν χρημάτων.
[876] αἵρεσις
[877] Ἀβδεραχμάν: em transliteração, ficaria Abderacmão.

A.M. 6157

Neste ano, Busur moveu armas contra a Romania. Morreu Tomarico, o bispo de Apameia: e o bispo de Emesa foi queimado.

A.M. 6158

Neste ano, Busur moveu de novo armas contra a Romania e desvastou as regiões de Hexápolis. E Fadalas aí invernou.

A.M. 6159

Neste ano, o general dos Armeníacos[878], Sabónio, de origem Persa, revoltou-se contra o imperador Constante e enviou para Moáuia o general Sérgio, prometendo a Moáuia que subjugaria a Romania, se lutasse com ele contra o imperador. Constantino, o filho do imperador, ao saber disto, envia também ele para Moáuia o cubiculário André, com presentes, para que não ajudasse o rebelde.

Quando André chegou a Damasco, encontrou Sérgio chegado de antemão. Moáuia, por seu turno, simulava que era simpatético ao imperador. Sérgio estava sentado, virado para Moáuia, e, ao entrar André, Sérgio viu-o e levantou-se. Então Moáuia censurou Sérgio, dizendo: "De que tens medo?". Sérgio defendeu-se dizendo ter feito aquilo por hábito. Depois Moáuia vira-se para André e diz: "O que procuras?" O outro diz: "Que forneças auxílio contra o rebelde." O outro disse: "Ambos sois inimigos: darei ao que fornecer mais." Disse-lhe então André: "Não duvides, emir, que poucas coisas vindas de um imperador são melhores do que muitas vindas de um rebelde: seja como for, faz como for do teu agrado." E tendo disto isto calou-se. Moáuia, em seguida, disse: "Delibero acerca disso." E ordenou que ambos saíssem. Em seguida Moáuia chamou Sérgio em privado e diz-lhe: "Não mais te vais reclinar[879] perante André, visto que nada alcançarás."

No dia seguinte, Sérgio, tendo-se antecipado a André, sentou-se perante Moáuia. Quando André entrou, o outro não se levantou como no dia anterior. André, porém, olhou em redor e insultou e ameaçou Sérgio de forma terrível, dizendo: "Se eu viver, mostrar-te-ei quem sou!". Já Sérgio disse: "Não me levanto perante ti, pois não

[878] τῶν Ἀρμενιάκων: trata-se de um dos *thema* do império.
[879] προσκυνήσης

és um homem, nem uma mulher." Moáuia parou-os a ambos e disse a André: "Concordas em dar tanto quando dá Sérgio!", "E quanto é?" disse André. Então Moáuia disse: "Dar aos Árabes a colheita dos impostos". E André respondeu: "Ai de ti, Moáuia, que me aconselhas a dar o corpo e a preservar a sombra. Firma pactos com Sérgio, como queres: pois eu não faço isso. Para além do mais, ao negligenciarmos-te, refugiamo-nos em Deus, que é mais poderoso do que tu para proteger os Romanos. Depositaremos Nele as esperanças". E, tendo dito estas coisas, diz a Moáuia: "Fica bem!"

E ele saiu de Damasco em direção a Melitene, uma vez que o tirano estava naquelas partes, por onde Sérgio também costumava viajar. Assim que chegou a Arabisso, vai ao encontro do guardião da passagem[880]. Este, de facto, não se havia juntado ao rebelde. Então ele ordenou-lhe que observasse cuidadosamente Sérgio, quando ele estivesse a vir, para que o conduzisse até ele. Ele próprio, porém, viajou para a Amnésia, a fim de aí receber Sérgio, e revelou as coisas ocorridas ao imperador.

Já Sérgio, após ter firmado, em pactos, as coisas que lhe pareciam boas, pegou em Fadalas, um general dos Árabes, para lutar em conjunto com Sabório com um auxílio de forças bárbaras. Sérgio, depois, avançou muito contente à frente de Fadalas, em direção a Sabório. Ao afastar-se cai nos desfiladeiros, que eram emboscadas de André. [Os soldados] apoderaram-se dele e conduzem-no prisioneiro a André. Sérgio então, ao ver André, atira-se a si próprio para os pés dele, implorando que tivesse piedade dele. O outro, todavia, disse-lhe: "Tu és o Sérgio que se orgulhou perante Moáuia nas suas zonas púbicas[881], chamando-me efeminado. Eis! A partir de agora as tuas zonas púbicas[882] já não te ajudarão, mas condenar-te-ão à morte!" Tendo dito isto, ordenou que lhe fossem cortadas as partes íntimas: e pendurou-o numa estaca.

Já Constantino, ao ouvir acerca da chegada de Fadalas como auxílio de Sabório, envia o patrício Nicéforo, com uma força Romana, para se opor a Sabório. Sabório estava em Adrianópolis e,

[880] κλεισουροφύλακι
[881] ἐν τοῖς αἰδοίοις
[882] τὰ αἰδοῖά σου

mal soube que Nicéforo vinha ter com ele, preparou-se para a batalha. Aconteceu, porém, que, num dos dias, de acordo com o costume, ele saiu da cidade montado a cavalo. Assim que se aproximou dos portões da cidade, golpeia o cavalo com um açoite. Este, porém, recusou obedecer-lhe e atirou a cabeça dele contra a porta, expulsando-o assim, de forma atroz, da vida. E assim Deus presenteou o imperador com a vitória.

Fadalas, portanto, tendo vindo a Hexápolis e conhecido todas as coisas, ficou sem saber o que fazer, pelo que enviou [um mensageiro] a Moáuia a pedir reforços, visto que os Romanos estavam unidos. Moáuia envia-lhe o seu filho, Izid, após o ter armado com uma multidão de bárbaros. Vieram ambos para Calcedónia e fizeram muitos cativos. Tomaram também Amório, na Frígia, tendo deixado cinco mil homens armados para a guardarem: e regressaram à Síria.

Com a chegada do inverno, o imperador envia o mesmo André, o cubiculário, e, ainda que houvesse muita neve, este chegou [a Amório] de noite. E [os soldados dele] sobem, através de madeiras, até à muralha, e entram em Amório: matam todos os Árabes, os cinco mil, sendo que não sobrou nem um deles.

Nesse mesmo inverno, ocorreu em Edessa uma enchente de água e muitos morreram: apareceu também um sinal no céu.

A.M. 6160

Neste ano, o imperador Constante foi morto por dolo na Sicília, em Siracusa, nos banhos que têm o nome de Dafne. A causa foi esta: após o assassinato de Teodósio, o irmão dele, ele foi odiado pelos Bizantinos, sobretudo por ter conduzido de forma desrespeitosa Martinho, o santíssimo papa de Roma[883], para Constantinopla, e de o ter exilado para os *Klímata*, no Quersoneso. Mas também por ter cortado a língua e a mão ao sapientíssimo confessor[884] Máximo, e ainda por ter castigado muitos dos ortodoxos com torturas, exílios e confiscações, por não terem eles seguido a sua heresia. Também porque entregou a exílios e torturas os dois

[883] τὸν ἁγιώτατον πάπαν Ῥώμης
[884] σοφώτατον καὶ ὁμολογητὴν

Anastásios, que eram discípulos do Confessor e mártir[885] Máximo. Por estas coisas era intensamente odiado por todos. Por outro lado, ele acobardou-se e quis mudar a sede imperial[886] para Roma. Na altura, ele desejou trazer a imperatriz e os seus três filhos, mas André, o cubiculário, e Teodósio de Coloneia impediram o seu desígnio. Esteve na Sicília seis anos.

Então um certo André, filho de Troilo, seu administrador, foi ter com ele, quando ele estava a entrar no referido banho. Assim que começou a lavar-se com sabão, André pegou num balde, acertou na cabeça do imperador e fugiu logo. Após o imperador ter passado algum tempo no banho, os que estavam foram apressam-se para dentro e encontram o imperador morto. Depois de o sepultarem, fazem, por coação, com que um certo Mecécio[887], um Armeno, fosse imperador: ele era, de facto, uma pessoa muito decente e formosíssima. Constantino, por seu turno, ao ouvir acerca da morte do pai, abala para a Sicília com uma enorme força naval e, tendo subjugado Mecécio, mata-o em conjunto com os assassinos do próprio pai. Dominou o Ocidente e abalou para Constantinopla. Foi imperador dos Romanos juntamente com Tibério e Heráclio, os seus próprios irmãos.

A.M. 6161

Neste ano, Constantino foi imperador com os seus irmãos. E os Sarracenos militaram contra África e fizeram cativas oitenta mil pessoas, segundo dizem. Por seu turno, os que eram do *thema* oriental vieram a Crisópolis, dizendo: "Cremos na Trindade: coroemos três [imperadores][888]". Constantino ficou perturbado, uma vez que somente ele é que havia sido coroado, sendo que os seus irmãos não possuíam qualquer tipo de dignidade.

Enviou-lhes, porém, o patrício Teodoro, o de Coloneia, que fez com que eles mudassem de opinião ao louvá-los. Conduziu os chefes deles a fim de que entrassem na cidade, deliberassem com o Senado e realizassem o desejo deles. Mas o imperador enforcou-os de imediato na outra margem [do Bósforo], em Sicas. Os outros, ao

[885] ὁμολογητοῦ
[886] βασίλειον
[887] Μιζίζιον: em transliteração, Mizízio; o mesmo que Mezézio.
[888] εἰς τρίαδα πιστεύομεν· τοὺς τρεῖς στέψωμεν

verem isto, profundamente embaraçados, regressaram para as terras deles, em luto. O imperador, por sua vez, partiu o nariz aos seus irmãos.

A.M. 6162

Neste ano, houve uma grande invernia. Muitos homens e animais passaram perigo. E Fadalas invernou em Cízico.

A.M. 6163

Neste ano, Busur militou, fez muito cativos e regressou.

A.M. 6164

Neste ano, apareceu um arco-íris no céu, no mês de março, Distro, e toda a carne[889] se arrepiou, ao ponto de todos dizerem que era o fim do mundo[890].

Neste mesmo ano, os que negam a Cristo[891], após terem construído uma grande frota, navegaram para além da Cilícia. Moamé[892], o filho de Ábdelas[893], invernou em Esmirna, sendo que Caiso o fez na Cilícia e na Lícia. E ocorreu uma praga no Egito. Então o emir Calé foi enviado[894], com uma segunda frota, como auxílio deles, por ser bastante capaz e ousado em batalha.

O acima mencionado Constantino, tendo tido conhecimento de tamanha movimentação em direção a Constantinopla por parte dos que lutam contra Deus[895], preparou ele próprio navios que carregavam caldeirões de fogo[896], muito largos e com duas linhas de remos, assim como *dromones* que transportavam sifões. Ordenou ainda que estes avançassem para o porto Proclianésio, em Cesário.

[889] πᾶσα σάρξ
[890] συντέλεια ἐστιν
[891] ἀρνηταὶ τοῦ Χριστοῦ
[892] Μουάμεδ: em transliteração, Muamed.
[893] Ἀβδελᾶ: o mesmo que Abedalá.
[894] ἀπέστειλε: o verbo grego encontra-se na voz ativa, e Χαλὲ τὸν ἀμηραῖον no acusativo. Não se refere, porém, quem é o sujeito frásico.
[895] τῶν θεομάχων
[896] κακκαβοπυρφόρους: trata-se do famoso fogo grego.

A.M. 6165

Neste ano, a acima mencionada frota dos que lutam contra Deus[897] abalou e atacou as regiões das Trácias, desde o promontório do Hebdomo, virado para ocidente, o que é chamado Magnaura, até ao promontório virado para oriente, o chamado Ciclóbio. Portanto, todos os dias houve um recontro militar, desde madrugada até ao anoitecer, desde o *brachialion* do Portão Dourado até ao Ciclóbio, com ataques e contra-ataques. Distenderam o tempo nestas coisas desde o mês de abril até ao de setembro. Depois regressaram e foram para Cízico: tomaram-na e aí invernaram.

Com a primavera retomaram a mesma forma de batalha contra os Cristãos, pelo mar. Realizaram estas coisas durante sete anos e, tendo sido envergonhados pela ajuda de Deus e da Mãe de Deus[898], perderam uma multidão de homens valentes e, tendo eles recebido muitos ferimentos, regressaram com grande dor. Então a frota, que havia de ser afundada por Deus[899], navegou daí, foi tomada por uma tempestade veemente e por um vento intenso e destruiu-se, destroçada nas regiões de Sileu[900].

Por seu turno, Sufiane, o segundo filho de Aufe, entrou em batalha com Floro, Petronas e Cipriano, que tinham uma força Romana: e trinta mil Árabes são mortos. Nesta altura, o arquiteto Calínico fugiu de Heliópolis, na Síria, para os Romanos: preparou um fogo marítimo[901] e queimou as embarcações dos Árabes e suas tripulações. E assim os Romanos regressaram com uma vitória: e descobriram o fogo marítimo.

A.M. 6166

Neste ano, Ábdelas, filho de Cais, e Fadalas invernaram em Creta.

A.M. 6167

Neste ano, foi visto um sinal no céu, num dia de sábado.

---

[897] θεομάχων

[898] τῇ τοῦ θεοῦ βοηθείᾳ καὶ τῆς θεομήτορος

[899] θεοβύθιστος

[900] Συλλαίου: o mesmo que Syllaion ou Syllaeum.

[901] πῦρ θαλάσσιον: *i.d.*: o fogo líquido, ou fogo grego.

A.M. 6168

Neste ano, ocorreu uma grande praga de gafanhotos por toda a Síria e Mesopotâmia.

A.M. 6169

Neste ano, os Mardaítas entraram no Líbano e dominaram desde o monte Mauro[902] até à cidade santa, subjugando também os cumes do Líbano. Muitos escravos, cativos e pessoas autóctones fugiram para eles, ao ponto de, após algum tempo, formarem muitos milhares. Moáuia e os que com ele decidiam, ao saberem disto, muito se amedrontaram, inferindo que o império dos Romanos era guardado por Deus[903]. E envia embaixadores para o monarca Constantino, procurando a paz e prometendo dar tributos anuais ao imperador.

O imperador, por seu turno, recebeu estes embaixadores e, após ter ouvido o pedido deles, enviou o patrício João, o chamado João Pitzigáudio, com eles, para a Síria, visto ser ele de origem nobre ao serviço do Estado[904], de ter muita experiência e de possuir um grande julgamento, para que falasse aos Árabes de forma adequada e concordasse com as coisas relativas à paz. Tendo este chegado à Síria, Moáuia, tendo reunido um número significativo de emires e de Corasenos, recebeu-o com grande honra. Foram ditas, deste modo, muitas palavras pacíficas entre eles, tendo-se concordado de ambas as partes que se devia fazer um escrito de paz, após a pronúncia de um juramento, sobre um tributo anual, que devia ser dado ao Estado Romano pelos Agarenos, de três mil [peças] de ouro, cinquenta cativos e cinquenta cavalos de bom porte. Estas coisas foram firmadas entre as duas partes, estabelecendo-se que deveria ser observada uma profunda paz entre os Romanos e os Árabes por trinta anos. Então foram escritos dois textos públicos para ambos os lados, submetidos a juramento, e dados a cada um. Depois o varão acima mencionado, ilustre em muitas coisas, regressou para junto do imperador, também com muitos presentes.

[902] μαύρου ὄρους: traduzido à letra: "Montanha negra".
[903] ὑπὸ θεοῦ φρουρεῖται
[904] ἀρχαιογενῆ τῆς πολιτείας

Os que habitavam as partes ocidentais – o Grão-cã dos Ávaros, os reis, os chefes tribais[905], os *castaldi*[906] e as pessoas mais eminentes dos povos do Ocidente – ao saberem disto, enviaram presentes ao imperador através de embaixadores, pedindo-lhe para lhes confirmar a benevolência de paz para com eles[907]. O imperador aceitou os pedidos deles e ratificou-lhes uma paz imperial. E houve uma grande segurança, tanto no Oriente como no Ocidente.

A.M. 6170

Neste ano, ocorreu um grande sismo por toda a Mesopotâmia, no qual caiu Batnai e a cúpula da igreja de Edessa. Moáuia, por iniciativa dos Cristãos, volta a edificá-la.

A.M. 6171

Neste ano faleceu Moáuia, o califa[908] dos Sarracenos, no mês de Artemísio, dia seis, primeira indicção. Ele foi general durante vinte anos e emir durante vinte e quatro anos. Depois governou Iázide[909], o filho dele.

Neste mesmo ano, a etnia dos Búlgaros avançou sobre a Trácia. Torna-se forçoso, assim, falar também da origem dos Búlgaros Unogunduros e dos Cótragos. Nas distantes partes setentrionais do Ponto Euxino, no chamado lago Meótis, no qual desagua um enorme rio que avança desde o oceano pela terra dos Sármatas, chamado Atel, e para o qual rio aflui o chamado rio Tánais, que também sai das Portas Iberas que estão nas montanhas do Cáucaso, na região onde se misturam o Tánais e o Atel (é acima do referido lago Meótis que o Atel se separa): daí vem o chamado rio Cufis, que desagua no fim do mar Pôntico, perto de Necrópela, no promontório chamado Cara de Crio[910].

Vindo da costa acima referida existe um mar semelhante a um rio e que entra no mar do Ponto Euxino pela terra do Bósforo e da Ciméria. Neste rio apanha-se o chamado *mourzulin* e os peixes

[905] ἔξαρχοί: palavra que noutro contexto significaria "prefeito".
[906] κάσταλδοι: palavra de origem lombarda, indicando um governador.
[907] εἰρηνικὴν πρὸς αὐτοὺς ἀγάπην
[908] πρωτοσύμβουλος
[909] Ἰζίδ: em transliteração, Izid.
[910] Κριοῦ Πρόσωπον: traduzido à letra, "Cara de Carneiro".

semelhantes a este[911] e, na parte virada para o oriente da costa que lhe está subjacente, virados para a Fanagúria e para os Hebreus que aí vivem, jazem muitos povos. Desde essa costa até ao chamado rio Cufis, onde se encontra o peixe seco bulgárico[912], está a grande e antiga Bulgária, assim como os chamados Cótragos, que calham de ser da mesma etnia que eles.

Pelos tempos de Constantino, que esteve no ocidente, Crobato, o senhor da referida Bulgária e dos Cótragos, migrou desta vida e deixou cinco filhos. Ele determinara que de forma alguma eles se deviam afastar da vida que tinham em relação uns aos outros, de maneira que seriam senhores em todas as circunstâncias e não seriam escravizados por nenhum outro povo. Todavia, passado pouco tempo após a morte daquele, chegou a discórdia e os seus cinco filhos afastaram-se uns dos outros, juntamente com o povo que estava sujeito a cada um deles.

O primeiro filho, chamado Batbaia, preservou as ordens do próprio pai e permaneceu na terra que lhe fora designada até ao dia de hoje. Já o segundo irmão, chamado Cótrago, transpôs o rio Tánais e habitou do lado oposto ao primeiro irmão. O quarto e o quinto irmãos, passaram o Istro (também chamado Danúbio), tendo um deles sido feito súbdito do Grão-cã dos Ávaros, na Panónia ávara – onde permaneceu com a sua força – e o outro chegado a Pentápolis, para os lados de Ravena, onde ficou sob o império dos Cristãos. Depois, o terceiro destes, chamado Asparuque, passou o Danapre[913] e o Danastre e chegou ao Oglo, rios mais a norte do que o Danúbio, e habitou entre eles, supondo que o local era bom e difícil de conquistar de cada um dos lados. Efetivamente, o [lado] mais chegado é pantanoso, e o mais afastado é coroado pelos rios, fornecendo muito relaxamento a um povo humilhado pelas partições dos inimigos.

Estando estes assim divididos em cinco partes, e chegados a um estado de menoridade, a grande etnia dos Cazares saiu das profundezas interiores de Berzília, da primera Sarmácia, e apoderou-se de toda a terra interior até ao mar do Ponto. Fez com

[911] τὸ λεγόμενον μουρζοῦλιν καὶ τὰ τούτου ὅμοια: o *mourzulo* é um tipo de peixe.
[912] ξυστόν ἀγρεύεται Βουλγαρικὸν ὀψάριν
[913] Δάναπριν: atual Dniepre.

que o primeiro irmão, Batbaia, governante da primeira Bulgária, fosse súbdito, sendo que recebe até hoje tributos dele. O imperador Constantino, por seu turno, tendo tido conhecimento de que um povo sujo e impuro acampara do outro lado do Danúbio, no Oglo, e que desbaratava e pilhava as partes mais próximas do Danúbio, isto é, a terra que agora é possuída por eles, e que então era possuída por Cristãos, ficou muito vexado. E ordenou que todos os *themata* passassem para a Trácia. Armou uma frota e iniciou uma guerra contra eles, por terra e mar, tentando expulsá-los. Colocou a infantaria ao longo da terra que está face ao dito Oglo e ao Danúbio e ancorou os navios na costa vizinha.

Os Búlgaros, ao verem uma linha de batalha súbita e enorme[914], desesperam da sua própria salvação e refugiam-se na fortaleza já referida[915]: e protegem-se a si próprios. Não ousaram sair desta fortaleza durante três ou quatro dias, sendo que os Romanos não iniciavam batalha por causa do impedimento dos pântanos que jaziam perante eles. A desgraçada etnia, apercebendo-se da lassidão dos Romanos, recuperou forças e ficou mais audaz.

O imperador, porém, havia padecido de uma grande podalgia e foi forçado a regressar, em conjunto com cindo *dromones* e os seus homens privados, a Mesêmbria, para fazer uso de banhos. Deixou os generais e o exército[916], tendo ordenado que fizessem escaramuças, que os arrastassem da fortaleza e travassem batalha com eles, se acontecesse que eles saíssem. Se não, que os sitiassem e vigiassem nas guarnições. Todavia, os militares da cavalaria espalharam o rumor de que o imperador tinha fugido e, tomados pelo medo, recorreram por igual à fuga, ainda que ninguém os perseguisse.

Então os Búlgaros, ao verem isto, começaram a persegui-los pelas costas: mataram a maioria à espada e feriram ainda muitos. Perseguiram-nos até ao rio Danúbio, passaram-no e foram até à chamada Varna, perto de Odisso e do território do interior que está lá perto. Compreenderam que o local jazia em grande segurança, na parte de trás através do rio Danúbio, na parte dianteira por passagens estreitas e pelo Mar Pôntico. Por outro lado, eles também

[914] τὸ ἀθρόον καὶ παμπληθὲς τῆς παρατάξεως οἱ Βούλγαροι θεασάμενοι: à letra, "tendo contemplado o imprevisto e a imensidão da linha de batalha."
[915] *i.d.* o local do terceiro filho, entre um pântano e vários rios.
[916] τὸν λαόν

se haviam assenhoreado das etnias eslavas vizinhas, as chamadas Sete Tribos. Estabeleceram os Severianos[917] desde a passagem de Beregaba até às partes viradas para o Oriente, e as restantes seis[918] tribos que lhes eram tributárias [foram estabelecidas] nas partes viradas para o Sul e Ocidente, até à Avária.

Eles estenderam-se, portanto, por estas regiões. Vangloriaram-se e começaram a atacar as fortificações e terras sujeitas ao governo Romano, fazendo também cativos. Estando deste modo coagido, o imperador fez paz com eles, tendo concordado em dar-lhes um tributo anual, para vergonha dos Romanos, e por causa da multidão dos [nossos] pecados[919]. Efetivamente, era espantoso ouvir, tanto aos que eram de longe como aos que eram de perto, que aquele [Constantino] que havia colocado todos como súbditos a si, os do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, havia sido derrotado por tal povo abominável e recente.

Mas ele acreditava que isto havia acontecido aos Cristãos por providência de Deus[920] e fez a paz pensando de uma forma evangélica[921]. E até ao fim dos dias ele esteve despojado[922] de todos os inimigos, tendo como preocupação bem enérgica a união das santas igrejas de Deus, por todo o lado divididas desde os tempos do imperador Heráclio, do bisavô dele, de Sérgio, o de mau pensamento[923], e de Pirro, que haviam indignamente governado a sede de Constantinopla e dogmatizado que há uma [só] vontade e uma [só] *energeia* [ou operação] no Senhor e Deus e Salvador Nosso Jesus Cristo[924]. O próprio cristianíssimo imperador, movido para anular as crenças erradas[925] deles, reuniu um Concílio Ecuménico, de duzentos e oitenta e nove bispos, em Constantinopla. Ele ratificou os dogmas[926] que haviam sido proclamados nos anteriores

[917] Σέβερεις: o mesmo que Sevéreis.
[918] O texto original tem ἑπτά (sete) não ἕξ (seis), mas achamos conveniente emendar este número, como o fazem Mango e Scott, uma vez que umas das tribos já havia sido referida.
[919] διὰ πλῆθος πταισμάτων
[920] προνοίας θεοῦ
[921] εὐαγγελικῶς διανοησάμενος
[922] ἠρεμῶν
[923] κακόφρονος
[924] ἐπὶ τοῦ κυρίου καὶ θεοῦ καὶ σωτῆρος ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ
[925] κακοδοξίας
[926] ἐπεβεβαίωσε δόγματα

e santos cinco concílios. Também promulgou[927] a sanção[928] do pio dogma das duas vontades e duas operações, de acordo com o mesmo santo e corretíssimo sexto Concílio Ecuménico, do qual foi presidente o próprio muito pio[929] imperador Constantino e os pios bispos.

A.M. 6172

Neste ano, reuniu-se o santo e ecuménico Sexto Concílio, em Constantinopla, de duzentos e oitenta e nove bispos e Padres, por iniciativa do pio imperador Constantino.

A.M. 6173

Neste ano, Constantino afastou os seus irmãos do império, Heráclio e Tibério, e foi imperador sozinho, juntamente com Justiniano, o filho dele.

A.M. 6174

Neste ano, Muquetar, o impostor[930], tornou-se tirano e fez-se senhor da Pérsia, chamando-se a si próprio de profeta. Os Árabes ficaram perturbados.

A.M. 6175

Neste ano faleceu Iázide. Os Árabes de Etribo, perturbados, reuniram-se e estabeleceram como líder deles próprios um certo Ábdelas, filho de Zuber[931]. E os Fenícios e os Palestinianos reuniram-se e avançaram sobre Damasco e até Gabita, rumo a Assan, emir da Palestina. Estendem as mãos sobre Maruane e estabelecem-no como líder. Este foi emir durante nove meses. E tendo ele falecido, Abimeleque, o seu filho, segue-se-lhe no poder, sendo emir vinte e um anos e meio. Ele subjuga os tiranos e mata Ábdelas, filho de Zuber, assim como Dádaco.

[927] συνεψηφίσατο
[928] θεσπισθῆναι
[929] πανευσεβής
[930] ψεύστης
[931] Ζούβέρ: o mesmo que Zobair.

A.M. 6176

Neste ano, ocorreu uma fome e uma grande peste na Síria, e Abimeleque apoderou-se do povo. Uma vez que os Mardaítas investiam sobre as terras do Líbano, e que a peste vigorava com força, o próprio Abimeleque pede a paz que havia sido procurada por Moáuia, enviando embaixadores para o imperador e concordando em pagar as mesmas trezentas e sessenta e cinco peças de ouro, os mesmos trezentos e sessenta e cinco escravos e, da mesma forma, os trezentos e sessenta e cinco cavalos de bom porte.

A.M. 6177

Neste ano faleceu o pio imperador Constantino, após ter estado no poder dezassete anos. E foi imperador Justiniano, o filho dele.

Deve-se notar, ainda, que certas pessoas dizem, sem razão, ninharias, por referirem que as Atas do sexto Concílio, que lhes são muito caras[932], ocorreram passados quatro anos. Pois tal como são refutados como mentirosos em todas as coisas, revelam, também nestas, que não dizem nenhuma verdade. De facto, a notação cronológica correta diz que o santo ecuménico sexto Concílio, contra os Monotelitas, ocorreu no décimo segundo ano do império de Constantino, descendente de Heráclio, no ano seis mil cento e setenta e dois desde a criação do mundo. E que, após isso, governou o próprio Constantino cinco anos e que, tendo ele falecido, governou sozinho Justiniano, o filho dele, durante dez anos; tendo Justiniano sido expulso, Leôncio tomou o poder três anos e, depois de Leôncio, Tibério, também chamado Apsímaro, durante sete anos, e de novo Justiniano, que havia sido expulso, durante seis anos. Como se verifica na edição das próprias Atas, elas foram publicadas no segundo ano do último reinado do mesmo Justiniano, o do nariz cortado, sendo que as Atas contêm, na terceira Definição, estas frases: "Declaramos que aqueles que se implicaram em dois casamentos e que estiveram escravizados pelo pecado até ao dia quinze de janeiro da passada quarta indicção, do ano seis mil cento e noventa e nove, e que desse [pecado] não ficaram sóbrios, devem ser

[932] παρ᾽αὐτοῖς φημιζομένοις: passagem de difícil tradução, dado o contexto: *cf*. MANGO & SCOTT 1997 505, n. 3.

sujeitos a uma deposição canónica". E, depois de outras [frases]: "aqueles que, após a imposição de mãos[933], se uniram de forma ilegal em matrimónio – isto é, os presbíteros e diáconos e subdiáconos – e que já tenham estado algum tempo afastados da Santa Liturgia e que tenham sido repreendidos, esses devem de novo ser colocados nos próprios assentos [hierárquicos], não podendo todavia evoluir para um outro assento maior, sendo que o casamento ilícito, naturalmente, já lhes foi dissolvido."

Desta datação surge, de forma clara, que desde as coisas realizadas no santo Sexto Concílio Ecuménico até à publicação das Atas se passaram vinte e sete anos, sendo patriarca no santo Concílio de Constantinopla Jorge, que passava pelo terceiro ano do patriarcado, e que depois do Concílio foi patriarca outros três anos. Após este foi Teodoro durante três anos, depois Paulo sete anos, em seguida Calínico doze anos, e depois Ciro dois anos. De tal forma que se podem coligir, destes patriarcas, vinte e sete anos. Por outro lado, decorreram cinco anos desde a publicação das Atas até ao primeiro ano de Filípico: e no mesmo primeiro ano do império de Filípico ocorreu o tresloucado Concílio[934] contra o santo Sexto Concílio Ecuménico. E, tendo Ciro sido expulso no sexto ano do seu patriarcado, João tornou-se patriarca de Constantinopla, André metropolita de Creta e Germano metropolita de Cízico, tendo estes subscrito e anatematizado, de uma forma clara, juntamente com todos os que viviam nesses anos, o referido santo Sexto Concílio Ecuménico contra os Monotelitas.

Após três anos, tendo João falecido, Germano é transferido de Cízico e fica a ser patriarca de Constantinopla, sendo que é exilado no décimo terceiro ano do império de Leão, tornando-se patriarca Anastásio, que exerceu o cargo vinte e quatro anos. E após ele exerceu [o patriarcado] Constantino doze anos, Nicetas catorze anos, Paulo cinco anos, Tarásio vinte e um anos, Nicéforo oito anos, Teódoto seis anos, António dezasseis anos e João, o Lecanómantis[935], seis anos e um mês.

[933] χειροτονίαν
[934] ἐμμανῆ σύνοδον
[935] Λεκανόμαντιν: traduzindo à letra: "O que adivinha através de uma bacia".

A.M. 6178

Neste ano, Abimeleque enviou [uma embaixada] a Justiniano para ratificar a paz, e a paz foi estabelecida deste modo: o imperador deveria parar com o *thagma* dos Mardaítas [e enviá-lo] para fora do Líbano e impedir as suas investidas; e Abimeleque deveria dar aos Romanos, por cada dia, mil moedas, um cavalo e um escravo; eles deveriam ter em comum, em igualdade de partes, os tributos do Chipre, da Arménia e da Ibéria. E o imperador enviou Paulo, o *magistrianus*, a Abimeleque, para assegurar as coisas firmadas. Houve uma garantia escrita, com testemunhas. O *magistrianus*, após ter sido tratado com honras, regressou.

E o imperador, após ter enviado [emissários], retirou [da Líbia] doze mil Mardaítas, amputando assim o poder Romano. Efetivamente, todas as cidades que agora são habitadas pelos Árabes, nos topos das montanhas, desde Mopsuéstia até à quarta Arménia, calhavam de estar então débeis e desprovidas de habitantes, em virtude do ataque dos Mardaítas. Tendo estes sido refreados, a România sofreu todo o tipo de maldades pelos Árabes, até hoje.

Neste mesmo ano, Abimeleque envia Ziado[936], o irmão de Moáuia, para a Pérsia, contra Muquetar, o impostor e tirano. Ziado foi morto por Muquetar. E Abimeleque, ao ouvir isto, vai para a Mesopotâmia e sofre de uma revolta por parte de Saido[937]. Ao regressar, convenceu-o a ele, através de um acordo, a abrir as portas de Damasco, que havia sido por ele ocupada: mas após isso mata-o.

Já Justiniano, em virtude de ser jovem, com cerca de dezasseis anos de idade, e de administrar as suas coisas sem discernimento, envia o general Leôncio sobre a Arménia, com uma força Romana. Este, após ter matado os Sarracenos de lá, subjuga-a aos Romanos. Faz o mesmo com a Ibéria, a Albânia, a Bucânia e a Média. E, tendo imposto tributos às regiões, enviou ao imperador uma grande quantidade de dinheiro. Abimeleque, depois de ter conhecimento destas coisas, toma Cercésio e subjuga Teópolis.

[936] Ζίαδον: o mesmo que Ziade.
[937] ὑπὸ Σαΐδου: o mesmo que Saíde.

A.M. 6179

Neste ano verificou-se uma fome na Síria: e muitos entraram na Romênia. O imperador foi à Arménia e aí recebeu os Mardaítas que estavam no Líbano, tendo destruído uma muralha de bronze[938]. Desfez também a paz firmada com os Búlgaros ao baralhar os acordos realizados pelo próprio pai: e ordenou que os *themata* de cavalaria passassem para a Trácia, desejando fazer dos Búlgaros e dos Esclavenos cativos de guerra.

A.M. 6180

Neste ano, Justiniano militou contra a Esclavínia e a Bulgária. Expeliu, ao princípio, os Búlgaros que lhe vieram ao caminho. Depois correu até Tessalónica e tomou enormes multidões de Eslavos, seja por guerra, seja porque passaram para o lado dele. Estabeleceu-as nas regiões de Opsício, após ter passado por Abido. Todavia, enquanto estava a regressar, foi surpreendido pelo Búlgaros nas clausuras dos desfiladeiros, tendo-se conseguido esquivar, a custo, com grande perda do seu próprio exército[939] e com muitos ferimentos.

Neste mesmo ano, também Ábdelas, o Zuber, envia Musabos, o seu próprio irmão, contra Muquetar. Depois de se ter encontrado com ele em batalha, Muquetar é derrotado e foge para a Síria: depois apanha-o e mata-o. Por outro lado, Abimeleque milita contra Musaro e, tendo vencido, mata-o e subjuga toda a Pérsia.

A.M. 6181

Neste ano, Abimeleque enviou o Grão-cã para Meca, contra Zubeir, e aí o Grão-cã mata-o. Após ter subjugado a região para Abimeleque, que era inimigo do Grão-cã, queimou a casa do ídolo deles, em conjunto com o ídolo do seu culto[940]: por causa disto ele nomeou o Grão-cã como general da Pérsia. E depois a Pérsia, a Mesopotâmia e a Grande Arábia do Etribo foram submetidas a Abimeleque: e as guerras civis deles pararam.

[938] χάλκεον τεῖχος: *i.d.*, os Mardaítas seriam a muralha de bronze que impedia o avanço muçulmano.
[939] οἰκείου λαοῦ
[940] σεβασμιότητος

A.M. 6182

Neste ano, o poder dos Árabes encontrou um fim derradeiro para toda a guerra: e Abimeleque fez a paz, tendo a todos subjugado.

A.M. 6183

Neste ano Justiniano, por estupidez, terminou a paz em relação a Abimeleque. De facto, apressou-se, sem motivo, em transplantar [os habitantes] da ilha dos Cipriotas e não aceitou as moedas cunhadas[941] enviadas por Abimeleque, por serem novas nem terem sido antes criadas. Uma multidão de Cipriotas, ao migrarem, foi submergida e parte morreu de doença: e os restantes regressaram a Chipre.

Já Abimeleque, ao ouvir isto, dissimulou de forma satânica[942] e começou a pedir para que a paz não fosse quebrada, mas que a moeda dele fosse recebida, visto que os Árabes não aceitavam a cunhagem dos Romanos nas suas próprias moedas, que o peso era dado em ouro e que não havia nenhum problema para os Romanos com o facto de os Árabes cunharem nova moeda. O outro, então, pensou que o pedido era motivado pelo medo, não tendo considerado que o que eles mais desejavam era parar a invasão dos Mardaítas e assim, com um pretexto que parecesse de louvar, quebrar a paz: coisa que, de facto, aconteceu.

E Abimeleque enviou [instruções] para construírem o templo de Meca. E quis retirar as colunas da igreja do santo Getsémani[943]. Mas um certo Sérgio, um homem cristianíssimo[944], o filho de Mansur, que era *logothetes* e muito próximo do próprio Abimeleque, assim como Patrício, o chamado Cláusis, que era colega dele e um dos Cristãos destacados da Palestina, pediram-lhe para que isso se não realizasse, mas que, graças às súplicas deles, Justiniano fosse convencido a enviar outras [colunas] em vez daquelas: coisa que ocorreu.

[941] σταλὲν χάραγμα
[942] ὑποκριθεὶς σατανικῶς
[943] τῆς ἁγίας Γεθσημανῆ: *i.e.*, do Horto das Oliveiras (*cf*. Mc. 14, 32).
[944] τις ἀνὴρ χριστιανικώτατος

A.M. 6184

Neste ano, Justiniano selecionou trinta mil dos Eslavos que haviam sido por ele transplantados, alistou-os e, depois de lhes ter dado armas, denominou-os "povo eleito"[945], sendo general deles uma pessoa de nome Nébolo. Estando animado com eles, escreveu aos Árabes que ele não se manteria na paz que havia sido estabelecida por acordo escrito. Tomou então o "Exército escolhido" e todos os *themata* da cavalaria e viajou para Sebastópolis, a que está junto ao mar.

Os Árabes fingiam que não queriam quebrar a paz, mas que estavam forçados a fazer isso pela culpa e impetuosidade imperial, pelo que também se armaram e apareceram em Sebastópolis. Expuseram previamente ao imperador que as coisas que haviam sido acordadas entre eles, com juramentos, não deviam ser distorcidas: de outra forma Deus seria o vingador e o juiz das injustiças. O imperador não suportou sequer ouvir estas coisas, mas preferiu apressar-se para a batalha, pelos que eles desenrolaram o acordo de paz escrito e colocaram-no numa grande haste, nas vezes de estandarte. Atacaram os Romanos, tendo como general Maomé, e encontraram-se em batalha.

Primeiro, os Árabes foram derrotados. Depois, todavia, Maomé imiscuiu-se sobre o general dos Eslavos, que era aliado dos Romanos, e envia-lhe uma saca cheia de moedas. E, tendo-o persuadido com muitas promessas, convence-o a desertar para eles com vinte mil Eslavos: e assim fez com que os Romanos se virassem para a fuga. Então Justiniano matou o resto deles, em conjunto com as mulheres e as crianças, junto ao chamado Leucate, um lugar precipitoso e perto do mar, que jaz ao longo do golfo de Nicomédia.

A.M. 6185

Neste ano, Sabácio, o patrício da Arménia, ao saber da derrota dos Romanos, entregou a Arménia aos Árabes. A Pérsia Exterior também lhes foi submetida, o chamado Corasão. Aí cresceu um

[945] λαόν περιούσιον: trata-se de uma expressão consagrada na Septuaginta para designar o "povo eleito" (*cf*. Dt 7, 6). Mas, em segunda acepção, λαός também designa as tropas, de onde a semântica secundária de "exército escolhido".

revolucionário[946] chamado Sabino, que matou muitos dos Árabes e que fez com que o próprio Grão-cã fosse quase totalmente afogado num rio. Desde essa altura os Agarenos ganharam coragem e pilharam a Romania.

A.M. 6186

Neste ano, ocorreu um eclipse do sol, no mês de Hiperbereteu, no dia cinco, num domingo, à hora terceira, ao ponto de alguns astros brilhantes serem visíveis.

Maomé militou contra a Romania, tendo consigo os Eslavos desertores na qualidade de guias da Romania: e fez muitos cativos. Ocorreu também uma grande matança de porcos na Síria.

Justiniano, por seu turno, preocupava-se com as construções do palácio. Fundou o chamado triclínio de Justiniano e o circuito amuralhado do palácio: e estabeleceu como chefe de obras Estêvão, o Persa, que era seu *sakellarios* e o primeiro dos eunucos, o [verdadeiro] senhor e o primeiro em autoridade, muito sedento de sangue e cruel. Ele não ficou contente em maltratar os operários sem misericórdia, mas também os matou à pedrada, assim como aos prefeitos das obras. Por outro lado, numa certa altura em que o imperador esteve afastado, esta besta selvagem ousou também castigar a mãe dele, Anastácia, a Augusta, mediante vergastadas, como se ela fosse uma criança.

Além disso, ele incutiu muitas coisas más à multidão dos cidadãos[947], pelo que fez com que o imperador fosse odiado. Da mesma forma, colocou também na administração do *Logothesion* Geral[948] um certo *abbas* chamado Teodoro, que antes fora um eremita enclausurado[949] nas partes da Trácia, no Estreito[950]. Este era também terrível e selvagem, e fez exigências, imposições e confiscações, sem motivo, aleatoriamente e sem qualquer tipo de justificação, a muitos dos governantes e homens ilustres do governo, não só aos administradores, mas também aos habitantes da cidade, tendo-os enforcado com cordas e colocado sob palha fumegante. Até

[946] παράβουλος
[947] τὸ πολιτικὸν πλῆθος
[948] τοῦ γενικοῦ λογοθεσίου: corresponde ao tesoureiro imperial.
[949] ἔγκλειστον
[950] Στενοῦ: *scilicet*, o estreito do Bósforo.

mesmo o prefeito, por ordem imperial, fechou muitos homens em prisões e fez com que fossem vigiados durante anos. Todas estas coisas fizeram aumentar ódio do povo[951] em relação ao imperador.

O imperador, porém, exigia que Calínico, o patriarca, fizesse uma oração, para dissolver a igreja da Santa Mãe de Deus[952] *tôn metropolitou*, que está junto ao palácio, desejando estabelecer no lugar uma fonte e fundar um pedestal para a fação dos Azuis, para que aí eles recebessem o imperador. O patriarca, todavia, dizia: "Temos uma oração para a fundação de uma igreja, para a sua dissolução, todavia, não recebemos [nada da Tradição]." Estando o imperador a coagi-lo e a exigir, de toda a forma, uma oração, o patriarca disse: "Glória a Deus que sofre todas as coisas, agora e sempre para os séculos dos séculos. Amém." E eles, ao ouvirem isto, destruíram a igreja e fizeram a fonte. E construíram a igreja *tôn metropolitou* no [bairro] Pétrio.

A.M. 6187

Neste ano Maomé militou contra a Quarta Arménia e, após ter feito muitos cativos, regressou.

Neste mesmo ano, Justiniano foi expulso do império, desta forma: ele ordenou ao patrício e general Estevão, o chamado Rúsio, para que, de noite, matasse a população[953] de Constantinopla, começando, porém, pelo patriarca. O patrício Leôncio, porém, que era também general dos Anatólicos e se havia destacado nos assuntos bélicos, e que havia estado na prisão três anos na sequência de uma acusação[954], foi de súbito libertado e nomeado general da Grécia. Foi ordenado que entrasse em três *dromones* e que se dirigisse, no mesmo dia, para fora a cidade. Nessa mesma noite, no porto Julianésio, [na região] de Sofia, perto da de Mauro, enquanto se preparava para sair da cidade, reuniu-se com os amigos que vinham ter com ele, entre os quais também apareceram os seus amigos íntimos: Paulo, um monge de Calístrato, que também era astrónomo; Gregório o Capadócio, que também se tornou *kleisouriarches*, depois monge e hegúmeno do [mosteiro] de Floro.

[951] τοῦ λαοῦ
[952] θεοτόκου
[953] δῆμον
[954] κατηγορηθεὶς: seguimos aqui a leitura de MANGO & SCOTT 1997 515, n. 1.

Estes haviam-no supervisionado frequentemente na prisão, assegurando-lhe que ele seria imperador dos Romanos.

Leôncio, assim, disse-lhes: "Vós certificastes-me, na prisão, acerca do império: e agora a minha vida vai terminar em condições más. Efetivamente, a toda a hora, estarei para receber, atrás de mim, a morte!" Os outros, porém, disseram: "Tu não hesites, pois aquilo cumprir-se-á em breve. Presta somente atenção a nós, e segue-nos!" Então Leôncio pegou nos seus homens, assim como nas armas que tinha, e regressou ao pretório, em grande silêncio. Eles bateram à porta e alegaram que o imperador estava ali para dispo acerca de algumas pessoas que lá se encontravam. O prefeito da altura, ao ser informado disto, veio de imediato, abriu as portas e foi subjugado por Leôncio, tendo sido atado pelas mãos e pelos pés.

Depois Leôncio entrou e abriu as prisões. Libertou muitos dos prisioneiros, assim como nobres, que estavam presos havia seis ou oito anos, sendo a maioria deles soldados. Ele armou-os e abalou para o Fórum, gritando com eles: "Para Santa Sofia, todos os que forem Cristãos!". E, tendo enviado [mensageiros] para cada bairro, ordenou que se gritasse esta palavra de ordem. A multidão da cidade, por seu turno, criou um tumulto e reuniu-se, com pressa, no átrio da igreja. O próprio [Leôncio], juntamente com dois monges, os amigos dele e ainda alguns dos homens mais ilustres que haviam sido retirados da prisão, regressou ao patriarcado, para irem ter com o patriarca.

Encontrou-o a ele também perturbado, em virtude das coisas ordenadas ao patrício Estevão, o Rúsio, pelo que o convence a vir para o átrio e a dizer assim: "Este é o dia que o Senhor fez."[955] Então toda a multidão levantou este clamor: "Sejam escavados os ossos de Justiniano!" E assim todo o povo correu para o Hipódromo. Com a chegada da manhã, conduzem Justiniano para o Hipódromo, pelo Espendão, e, depois de lhe cortarem o nariz e a língua ao mesmo tempo, exilaram-no para o Quersoneso. Em seguida, a multidão apanhou o monge Teodoro, que era *logothetes* geral, assim como Estevão, o *sakellarios* Persa: prenderam-nos com cordas pelos pés, arrastaram-nos pelo meio da via pública, conduziram-nos até ao

[955] Ps. 117 (118), 24

[Fórum do] Boi e queimaram-nos. E assim proclamaram Leôncio como imperador.

A.M. 6188

Neste ano, Leôncio tornou-se imperador e preservou tudo de forma pacífica.

A.M. 6189

Neste ano, Alido militou contra a Romania e, tendo feito muitos cativos, regressou. Sérgio, o patrício de Lázica, filho de Barnúcio, revoltou-se e submeteu-a aos Árabes.

A.M. 6190

Neste ano, os Árabes militaram contra África, tomaram-na e instalaram nela uma guarnição do [seu] próprio exército. Leôncio, ao saber disto, envia o patrício João, um homem capaz, com todas as embarcações Romanas. Quando ele chegou a Cartago, abriu, pelas armas, o cadeado do porto que estava lá. Fez com que os inimigos virassem costas, perseguiu-os e libertou todas as fortificações de África. Depois deixou lá uma guarnição própria, referiu estas coisas ao imperador e aí invernou, aguardando ordens dele.

O califa[956], ao saber destas coisas, envia contra eles uma armada mais forte e maior e persegue o referido João, em conjunto com a frota dele, em batalha, para fora do porto. E, [embora] tendo entrado lá, aquartelou-se fora dele[957].

O referido [João] regressou à Romania, querendo ser acompanhado por uma maior força por parte do imperador. Foi até Creta, para ir ter com o imperador. Mas o exército, arrastado pelos próprios oficiais, e não querendo regressar para junto do imperador (efetivamente, o medo e a vergonha possuíam-nos), virou-se para uma posição errada[958]. Repudiaram-no e nomearam como imperador Apsímaro, *drungarios* dos Cibireotas[959], no [esquadrão] dos Curiciotas, e mudaram-lhe o nome para Tibério.

[956] πρωτοσύμβολος

[957] καὶ εἰς περίδρομον λιτὸν ἔνδον παραλαβὼν ἔξωθεν φωσατικῶς ἠπλήκευσεν: passagem obscura, de difícil tradução.

[958] εἰς βουλὴν πονηρὰν

[959] τῶν Κιβυραιωτῶν: tratava-se de um *thema* naval.

Enquanto Leôncio estava a limpar, em Constantinopla, o porto Neório, a peste bubónica caiu sobre a cidade e uma multidão do povo[960] foi aniquilada em quatro meses.

Chegou então Apsímaro, juntamente com a frota que estava com ele, e ancorou na parte oposta da cidade, nas Sicas. Durante algum tempo a cidade não quis entregar Leôncio, mas verificou-se uma traição através da muralha única das Blaquernas, feita pelos governantes dos soldados estrangeiros[961], aos quais haviam sido confiadas as chaves da Muralha Terrestre, com um juramento terrível[962] feito sobre o santo altar. Foram estes que, através de uma insídia, entregaram a cidade. Depois, os soldados das embarcações entraram nas casas dos cidadãos e despiram os seus habitantes. Apsímaro cortou o nariz a Leôncio e determinou que ele fosse para o mosteiro de Délmato, sob vigia. Por outro lado, após ter agredido e confiscado os governantes e amigos dele, como sendo coadjuvantes, exilou-os. Por seu turno, elegeu Heráclio, o seu irmão de sangue, como único general de todos os *themata* de cavalaria que estavam fora [de Constantinopla], dado ser ele era bastante capaz, e enviou-o para percorrer as regiões da Capadócia e os desfiladeiros, e ainda para se preocupar com os inimigos e administrar as coisas.

A.M. 6191

Neste ano, Apsímaro apoderou-se do império. Abederramão revoltou-se na Pérsia, assenhoreou-se dela e perseguiu o Grão-cã para fora dela.

A.M. 6192

Neste ano, ocorreu uma grande mortandade. E Maomé militou, juntamente com a multidão dos Árabes, contra Abederramão. Quando ele chegou à Pérsia, uniu-se ao Grão-cã. Eles, depois de fazerem guerra contra Abederramão, matam-no e de novo submetem a Pérsia ao Grão-cã.

Os Romanos, por seu turno, avançaram sobre a Síria e chegaram até Samósata. Pilharam a região em torno e mataram

[960] λαοῦ

[961] ἐξωτικῶν ἀρχόντων: a expressão também se poderá referir a tropas provincianas, que não fossem naturais de Constantinopla.

[962] μεθ᾽ ὅρκου φρικτοῦ

muitos – segundo dizem, duzentos mil dos Árabes. Em seguida, pegaram em muitos despojos e muitos cativos dos Árabes e regressaram, tendo-lhes incutido um grande medo.

A.M. 6193

Neste ano, Ábdelas militou contra a România e, após ter cercado Taranto e nada ter alcançado, regressou, reconstruiu Mopsuéstia e lá colocou guarnições.

A.M. 6194

Neste ano Baanes, o chamado *Heptadaimon*[963], submeteu a quarta Arménia aos Árabes. Apsímaro, por seu turno, exilou Filípico, o filho do patrício Nicéforo, para Cefalónia, uma vez que ele costumava sonhar que seria imperador. Efetivamente, dizia que lhe tinha sido revelado, por um sonho, que a sua cabeça recebia a sombra de uma águia. O imperador, ao ouvir isto, exilou-o de imediato.

A.M. 6195

Neste ano, os governantes da Arménia revoltaram-se contra os Sarracenos e mataram os Sarracenos que estavam na Arménia. E logo enviam [uma embaixada] a Apsímaro e trazem Romanos para a terra deles. Já Maomé, ao guerrear contra eles, mata muitos e subjuga para os Árabes a Arménia. Ele congregou num só lugar os mais poderosos dos Armenos e fez com que fossem queimados vivos.

Pelo mesmo ano, Azar militou contra a Cilícia, com dez mil [soldados]; Heráclio, o irmão do imperador, foi ter com ele, matou a maioria [deles] e enviou os restantes para o imperador como prisioneiros.

A.M. 6196

Neste ano, Iázide[964], filho de Cunei, militou contra a Cilícia. Depois de ter feito um cerco à fortaleza de Sísio, o irmão do

[963] Ἑπταδαίμων: "o sete demónios"
[964] Ἄζιδος: em transliteração, Azido.

imperador, Heráclio, apanhou-o e, tendo-lhe dado batalha, matou doze mil dos Árabes.

Estando Justiniano a passar o tempo no Quersoneso, e a anunciar publicamente que ele estava prestes a ser de novo imperador, os habitantes de lá, temendo o perigo vindo do império, determinaram matá-lo, ou então remetê-lo para o imperador. O outro, porém, tendo-se apercebido disso, conseguiu fugir e correu para Daras, pedindo ao Grão-cã dos Cazares para ser ouvido. Este, ao saber disso, recebeu-o com grande honra e entregou-lhe como mulher Teodora, a sua irmã de sangue. Passado algum tempo, tendo pedido ao Grão-cã para ir para Fanagúria, aí passou o tempo com Teodora.

Apsímaro, ao ouvir acerca destas coisas, envia [um emissário] para o Grão-cã, prometendo dar-lhes muitos presentes, se lhe enviasse Justiniano vivo: se não, pelo menos a cabeça dele. O Grão-cã cedeu a este pedido e enviou-lhe [a Justiniano] uma guarnição, a pretexto de que não viesse a sofrer insídias pelos seus próprios conterrâneos. Ordenou a Papatzis, que era o seu legado junto dele, e a Balgitzis, o comandante do Bósforo, para que, perante um sinal dele, matassem Justiniano. Tendo estas coisas sido reveladas a Teodora por um serviçal do Grão-cã, e sido conhecidas a Justiniano, este convocou o referido Papatzis em privado para conversar, estrangulando-o depois com uma corda. Fez da mesma forma com o governante Balgitzis.

De imediato [Justiniano] envia Teodora para a Cazária, sendo que o próprio, fugindo de Fanagúria a correr, às escondidas, foi para Tómis. Encontrou um barco de pesca equipado e embarcou nele. Navegou por Assas e veio até Símbolo, perto do Quersoneso. Depois enviou, às escondidas, [um legado] para o Quersoneso, tomou consigo Barasbacúrio, o irmão deste, Saliba, Estevão, e ainda Moropaulo, em conjunto com Teófilo. Navegou com eles e passou para além do farol do Quersoneso. Navegou desta maneira por Necrópela, a boca do Danapre e do Danastre, sendo que então se deu uma tempestade e todos desesperaram da sua própria salvação. Então Miaces, o serviçal dele, disse-lhe: "Eis! Morremos, senhor: faz votos a Deus pela tua salvação, para que, caso Deus te entregue o teu império, não faças nenhuma retaliação contra os teus inimigos!"

O outro, porém, respondeu com raiva, dizendo: "Se eu poupar a um só deles, que Deus aqui me afoge!" Saiu sem perigo daquela procela e entrou no rio Danúbio.

Em seguida, ele enviou Estevão para Tervel[965], o senhor da Bulgária, com o objetivo de que este lhe desse assistência para se apoderar do seu império ancestral. Prometeu-lhe dar muitos presentes, assim como a sua própria filha como mulher. O outro, então, prometeu, em juramentos, obedecer em tudo e agir com ele. Após o ter recebido com honra, congrega todo o exército[966] dos Búlgaros e dos Eslavos que lhe era súbdito. No ano seguinte, apareceram armados na cidade imperial.

A.M. 6197

Neste ano faleceu Abimeleque, o chefe dos Árabes, e Ualide, o filho dele, tomou o poder.

Neste mesmo ano, Justiniano chegou à cidade imperial com Tervel e os Búlgaros que estavam com ele. Eles acamparam desde a porta de Cársio até às Blaquernas. Ainda que eles falassem, durante três dias, aos que estavam na cidade, eram por eles insultados e [os cidadãos] não aceitaram qualquer condição de paz. Justiniano, por sua vez, entrou [na cidade] pelo aqueduto com alguns conterrâneos, sem batalha. Depois atirou o grito do desenterra[967], tomou a cidade e, passado algum tempo, estabeleceu-se no palácio das Blaquernas.

A.M. 6198

Neste ano, Justiniano recuperou o império e, após ter dado muitos presentes e vasos imperiais a Tervel, despediu-o em paz. Apsímaro, por seu turno, abandonou a cidade e fugiu para Apolónia: todavia, foi perseguido, apanhado e conduzido a Justiniano. Também Heráclio foi conduzido, amordaçado, da Trácia, em conjunto com todos os governantes que o apoiavam. Ele empalou-os a todos nas muralhas. Enviou também [legados] para o interior [do império] e, depois de encontrar muitos deles, matou-os, tanto aos colaboradores como aos não colaboradores.

[965] Τέρβελιν: em transliteração, Terbelis.

[966] λαόν

[967] θόρυβον ἀνασκαφῆς βαλών: designadamente, a palavra de ordem "Escavem-lhe os ossos", que costumava iniciar uma revolta contra um dado imperador.

Por seu turno, fez com que Apsímaro e Leôncio fossem pompeados por toda a cidade, presos por correntes: e, enquanto decorriam as corridas de cavalos, e estando ele sentado no trono, foram publicamente arrastados e atirados aos seus pés. Ele então pisou os pescoços deles até ao fim da primeira corrida, enquanto que o povo gritava: "Subiste sobre uma serpente e um basilisco, e derrubaste um leão e um dragão"[968]. Em seguida, enviou-os para o Cinégio e decapitou-os. Por outro lado, ele cegou o patriarca Calínico e exilou-o para Roma: e em vez dele nomeou Ciro, que era um monge enclausurado[969] na ilha de Amastre, em virtude de este lhe ter prenunciado a restituição para um segundo império. Matou ainda uma multidão sem número, tanto da esfera política como militar. Fazia com que morressem miseravelmente ao atirá-los em sacos para o mar. A outros convidava para almoçar e, ao levantarem-se, eram enforcados ou mutilados. Daí que um grande medo prostrasse a todos.

Enviou ainda uma frota para trazer da Cazária a sua própria mulher: e muitas embarcações naufragaram juntamente com a tripulação. O Grão-cã, ao ouvir isto, revela-lhe: "Ó estúpido, não te era conveniente tomar a tua mulher através de duas ou três embarcações, e que não se matasse uma multidão tão grande? Ou parece-te mais adequado tomá-la pela guerra? Eis, nasceu-te um filho: envia [emissários] e toma-os!" O outro, assim, enviou Teofilacto, o cubiculário, trouxe Teodora e Tibério, o filho dela, e coroou-os: e foram imperadores com ele.

A.M. 6199

Neste ano Ualide, o nocivo[970], arrebatou a católica e santíssima igreja de Damasco, por inveja em relação aos cristãos, dada a enorme beleza de tal templo. E proibiu que se escrevessem em grego os códices públicos dos *logothetas*, mas [determinou] que eles deveriam ser registados em árabe, à exceção das contagens, visto ser impossível escrever-se, na língua deles, uma unidade, ou um par, ou

[968] Ps. 90 (91), 13
[969] ἔγκλειστον
[970] ἀλιτήριος

uma tríade, ou oito e meio ou um terço[971]. Por isso há entre eles, até aos dias de hoje, notários cristãos.

A.M. 6200

Neste ano, Justiniano acabou com a paz entre Romanos e Búlgaros e, depois de passar os *themata* da cavalaria para a Trácia e de armar uma frota, avançou contra os Búlgaros e contra Tervel. Quando chegou a Ancíalo, ancorou a frota à frente da fortaleza e ordenou à cavalaria, por seu turno, que acampasse nos campos mais acima, de uma forma desprotegida e sem qualquer suspeita.

Uma vez que o exército[972] esteve a dispersar-se como as ovelhas pelos campos para recolher alimento, os espiões dos Búlgaros viram, das montanhas, a vã administração dos Romanos. Reuniram-se como feras e, de súbito, caíram e destruíram grandemente o rebanho dos Romanos, tomando muitos cativos, cavalos e armas, para além dos que haviam sido mortos.

Justiniano refugiou-se no acampamento, juntamente com os que tinham sobrevivido, e manteve as portas fechadas durante três dias. Vendo, por seu turno, a persistência dos Búlgaros, foi o primeiro a cortar os tendões do seu cavalo, ordenando a todos que fizessem o mesmo. Depois de ter colocado troféus sobre as muralhas, subiu para as embarcações durante a noite, clandestinamente, e navegou de regresso. Apareceu na cidade em vergonha.

A.M. 6201

Neste ano, Maslama[973] e Abbas militaram contra Tiana, por causa do transtorno causado pela eliminação, por Mariano, do exército que estava com Maiuma. Sitiaram-na e aí invernaram. O imperador enviou-lhes dois generais, Teodoro o Carteruca e Teofilacto o Saliba, com um exército e a ajuda rústica de um povo de agricultores[974], para guerrearem contra eles e os perseguirem.

Eles, porém, ficaram em discórdia uns para com os outros e, tendo-se encontrado em batalha com os inimigos de uma forma

[971] ἢ τρία: seguimos aqui a correção e leitura propostas por MANGO & SCOTT 1997 525, n. 4.
[972] λαοῦ
[973] Μασαλμᾶς: em transliteração, Masalmas.
[974] γεωργικοῦ λαοῦ χωρικοβοηθείας

desorganizada, são postos em fuga. Muitas miríades foram mortas e muitos foram feitos cativos. [Os Árabes] tomaram o equipamento militar, assim como os mantimentos, e lá se mantiveram até que tomaram a cidade. Pois eles tinham falta de mantimentos e estavam prestes a regressar.

Por seu turno, os da cidade de Tiana, tendo visto estas coisas, e sem saberem o que fazer, aceitaram os termos para uma imunidade dos próprios[975] e saíram para irem ter com eles. Deixaram a cidade deserta até hoje. Os outros, todavia, não mantiveram a palavra, mas expulsaram-nos para o deserto e apoderaram-se de muitos escravos.

A.M. 6202

Neste ano, Abbas militou contra a România e, após ter feito muitos cativos, regressou. E começou a construir Garis, na região de Heliopólis.

A.M. 6203

Neste ano, Otomão militou contra a Cilícia e, mediante acordo, tomou muitas fortificações. Foi-lhes entregue também Cámaco, em conjunto com os lugares adjacentes.

Justiniano, por seu turno, enviou o patrício Mauro ao Quersoneso, por causa de uma lembrança rancorosa[976], em conjunto com o patrício Estêvão, o chamado Asmicto, após ter montado uma grande armada. Isto porque se lembrava da insídia que fora feita contra ele pelos Quersonitas, pelos Bosforianos e pelos restantes *Klímata*: estavam lá todo o navio de *dromones*, trirremes, embarcações de transporte, barcos de pesca e até *chelandia*, vindos dos fundos dos senadores que habitavam na cidade, dos trabalhadores, dos cidadãos vulgares e de todo o tipo de ofício[977].

E, ao enviá-los, indicou que todos os habitantes daquelas fortificações deveriam ser mortos à espada, e que nem um só deveria sobreviver. Entregou-lhes o *spatharios* Elias, a ser estabelecido como governante do Quersoneso. Eles então, quando chegaram ao Quersoneso, e como não havia ninguém que se lhes

[975] λόγον τῆς ἑαυτῶν ἀπαθείας
[976] διὰ μνησικακίαν
[977] ὀφφικίου: do latim *officium*

opusesse, tomaram as fortificações e mataram todos à espada, à exceção das crianças, às quais pouparam por serem desprovidas de razão e que colocaram na condição de escravos. Enviaram para o imperador, Tuduno, o governante do Quersoneso, porquanto fosse o representante do Grão-cã, assim como Zoilo, que era o primeiro cidadão por linhagem e por família, assim como outros quarenta ilustres e primeiras figuras do Quersoneso, em conjunto com os seus familiares, presos. Por outro lado, ataram outros sete dos principais cidadãos do Quersoneso a varas de madeira e assaram-nos sobre o fogo. Ataram outros vinte com as mãos presas atrás das costas e, depois de os fixarem aos arcos[978] de uma embarcação, encheram-na com pedras e atiraram-nos para o fundo do mar. Já Justiniano, ao saber disto, ficou furibundo por as crianças terem sido salvas: e ordenou que eles viessem de imediato ter consigo.

A frota deu à vela no mês de outubro e, quando chegou ao alto mar, na subida do astro chamado Taurura, pouco faltou para que toda a frota submergisse. E os que morreram no naufrágio contaram-se entre os setenta e três mil. Quando Justiniano soube disto, não se entristeceu, tendo ficado antes cheio de alegria. E, no cume do seu desvario, ameaçava com grandes gritos que enviaria uma outra frota e que escavaria[979] e abateria toda a gente até àquele que urinasse sobre as muralhas. Os que estavam naquelas fortificações ouviram isto, fortaleceram-se a eles mesmos e, coagidos a agir contra o imperador, enviaram [emissários] para o Grão-cã, na Cazária, pedindo-lhes um exército[980] para a sua proteção.

Entretanto, também Elias, o *spatharios*, e Vardanes, o exilado, que na altura havia sido chamado de Cefalónia[981] e que estava com a frota no Quersoneso, insurgem-se. Justiniano, tendo conhecimento disto, enviou o patrício Jorge, o chamado Siro, que era *logothetes* geral, com algums *dromones*, assim como o prefeito João e Cristóforo, *tourmarcha* dos Tracesianos, com trezentos homens armados. Deu-lhes Tuduno e Zoilo a serem indigitados no Quersoneso, nas suas posições originais, e para que, através de um apocrisiário, se

[978] λώρους: temos alguma dificuldade em identificar a que parte da embarcação esta palavra se referirá. Mango e Scott traduzem por "oar-straps".
[979] ἀροτριᾶν
[980] λαόν
[981] ἀπὸ Κεφαληνίας: em transliteração, "Cefalénia".

desculpassem perante o Grão-cã e lhe conduzissem Elias e Vardanes.

Tendo eles passado para o Quersoneso, os da cidade de Quersoneso não lhes deram audiência. No dia seguinte, porém, os da cidade viraram-se somente para aqueles [os chefes], para que entrassem: depois fecharam as portas e mataram à espada o *logothetes* geral, juntamento com o prefeito; por outro lado, entregaram Tuduno aos Cazares, em conjunto com o referido *tourmarcha* e os trezentos soldados, e enviaram-nos para o Grão-cã. Uma vez que Tuduno morreu a caminho, os Cazares, em honra fúnebre, mataram o *tourmarcha*, em conjunto com os trezentos soldados.

Foi nesta altura que os habitantes do Quersoneso e das restantes fortificações gritaram o grito do "Desenterra!"[982] a Justiniano, sendo que aclamaram imperador Filípico Vardanes, aí exilado. Ao saber destas coisas, Justiniano ficou ainda mais enfurecido e degolou os filhos do *spatharios* Elias ao colo da mãe, forçando-a unir-se[983] ao cozinheiro dela, que era Indiano. Depois, tendo preparado uma outra frota, envia o patrício Mauro, o Besso, tendo-lhe dado, para uma guerra de cerco, um aríete, catapultas e todo o tipo de instrumento de cerco. Ordenou-lhe, por um lado, que derrubasse até aos fundamentos as muralhas do Quersoneso e, por outro, que destruísse toda a cidade, não preservando nenhuma alma dela, e que lhe provasse, com frequência e por despachos, aquilo que ele fizesse.

Ele, então, atravessou [o mar] e, graças ao aríete, tomou a torre chamada Centenarésia, assim como a que estava perto dela, chamada Suína[984]. Entretanto chegaram os Cazares, pelo que se fez um armistício de guerra. Vardanes, por sua vez, fugiu e foi ter com o Grão-cã. Dado que a frota ficou sem nada alcançar, não ousou regressar para junto do imperador, mas gritaram o grito do "Desenterra!"[985] a Justiniano, ao mesmo tempo que eles próprios aclamaram Vardanes como imperador. Pediram ainda ao Grão-cã

[982] ἀνέσκαψαν: à letra «escavaram», «extirparam». Referência ao mote com que se iniciavam revoltas contra os imperadores.
[983] ζευχθῆναι: não é explícito se se refere a um casamento forçado ou a uma violação.
[984] Σύαργον
[985] ἀνέσκαψαν

para lhes dar Filípico. Mas o Grão-cã insistiu em ter deles uma palavra de honra, em como não seria enganado por eles e em como lhe seria entregue uma moeda por cada homem. Os outros deram-lhe isso de imediato e receberam Filípico como imperador.

Enquanto a frota se demorava, e como não recebia notificações, Justiniano calculou a causa, pelo que levou consigo os [soldados do *thema*] de Opsício e parte dos [do *thema*] dos Tracesianos e subiu até Sínope para discernir acerca das coisas que se passavam no Quersoneso. Enquanto ele estava a supervisionar as regiões marítimas, vê a frota a navegar para a cidade, pelo que rosnou como um leão e ele próprio avançou para a cidade. Filípico antecedeu-se-lhe e apoderou-se da cidade, pelo que ele foi para Damatris e aí acampou, juntamente com os que estavam com ele.

Fílipico envia imediatamente, contra Tibério, o patrício Mauro, juntamente com o *spatharios* João, o chamado Estruto. Da mesma forma, também envia Elias, com um grupo armado, contra Justiniano, em Damatris. E enviou ainda um outro [homem] contra Barisbacúrio, que entretanto havia recorrido à fuga. E Mauro, em conjunto com o referido Estruto, avançou até às Blaquernas, onde encontrou Tibério a agarrar-se, com uma só mão, à coluneta da santa mesa do altar da Mãe de Deus[986] e, com a outra mão, o Madeiro Vivificante, sendo que tinha filactérias ao pescoço enquanto que Anastásia, a mãe do pai dele, estava sentada fora do *bema*. Ela curvou-se aos pés de Mauro e começou a pedir-lhe para que não matasse o seu neto, Tibério, visto não ter ele feito nada de extraordinário. Ainda que ela se agarrasse aos pés e lhe suplicasse com lágrimas, Estruto entrou no *bema* e agarrou-o à força. Arrebatou-lhe o Madeiro Vivificante e colocou-o sobre o altar sagrado, sendo que pôs as filactérias no seu próprio pescoço. Depois eles pegaram no rapaz e levaram-no para o pretório que está acima do bairro da Calínica: arrancaram-lhe as vestes, esticaram-no sobre um umbral e degolaram-no à maneira de uma ovelha. Em seguida ordenaram que ele fosse sepultado no templo dos Santos Incorruptíveis, dito de Paulina.

Assim que também Barisbacúrio, o primeiro patrício e *comes* de Opsício, foi subjugado, foi igualmente morto. Já Elias, juntamente

[986] θεομήτορος

com o exército[987] que estava com ele, chegou a Damatris e entrou em conversações com o exército que estava lá. Após ter sido dada palavra de imunidade ao exército[988] que estava com Justiniano, todos se dispersaram e fugiram de Justininano, deixando-o sozinho e desertando para o lado de Filípico. Foi quando o referido Elias, *spatharios*, correu em raiva, agarrou o pescoço dele [de Justiniano] e cortou-lhe a cabeça com o punhal com que estava cingido. Depois enviou-a para Filípico, através de um *spatharios* Romano[989]. Filípico enviou-a para as regiões ocidentais, até Roma, pelo mesmo *spatharios*.

Antes de ele se tornar imperador, havia, no mosteiro de Calístrato, um monge enclausurado[990], vidente e herético, que uma vez disse a Filípico quando ele entrava [para a sua cela]: "será teu o império." O outro perturbou-se, e disse o enclausurado: "Se Deus ordena, em que é que te vais opor? Digo-te eu isto: que o sexto Concílio ocorreu erradamente: portanto, se tu fores imperador, atira com ele fora e o império ser-te-á forte e de muitos anos." Então o outro concordou, sob juramento, em fazer isso. Quando Leôncio sucedeu a Justiniano, Filípico foi ter com o enclausurado. Este disse-lhe: "Não te apresses: ainda se realizará." Tendo sido imperador Apsímaro, de novo foi ter com ele, e de novo lhe disse: "Não te apresses, aquilo espera-te." Filípico segredou isto a um dos seus amigos, que informou Apsímaro. Este, então, tendo-o açoitado, cortado o cabelo e colocado sob ferros, exila-o para Cefalónia. Depois Justiniano foi [de novo] imperador e de novo o chama. Por sua vez, quando este [Filípico] foi imperador, fez um pseudo-Concílio de bispos, de acordo com a palavra do pseudo-*abbas* e enclausurado, e atirou fora com o santo e ecuménico Sexto Concílio. E nesse mesmo ano o vão homem[991] foi cegado. Ele passava a vida no palácio em grande negligência, tendo aí encontrado um monte de dinheiro e de coisas luxuosas, que haviam sido reunidas durante muitos anos pelos que haviam sido imperadores antes dele, graças a

[987] λαῷ
[988] λαῷ
[989] διὰ Ῥωμανοῦ σπαθαρίου: pelo contexto não se entende se se trata de um *spatharios* de nome Romano, ou se se trata de um *spatharios* com origem na cidade de Roma.
[990] ἔγλειστος
[991] ὁ μάταιος

confiscações e diversos outros pretextos: feitas sobretudo pelo referido Justiniano. Desbaratou-as em vão, sem razão e sem qualquer labor. Enquanto que, por um lado, discursava como se fosse culto e prudente nas suas conversações, nos seus atos, porém, passando pela vida de forma ignóbil e incapaz, revelava-se insatisfatório em tudo. Era ainda herético e adúltero. Expulsou o patriarca Ciro da igreja e nomeou João, que era da mesma seita e herético com ele.

A.M. 6204

Neste ano Filípico, após ter expulsado os Armenos da terra dele, forçou-os a habitar Melitene e a quarta Arménia. Maslama ocupou, por seu turno, Amásia, juntamente com outras fortalezas e muitos cativos. Jorge, o bispo de Apameia, foi transferido para Martirópolis.

Então Filípico não se envergonhou de se movimentar, de uma forma louca[992], contra o santo e ecuménico Sexto Concílio, apressando-se em anular os divinos dogmas[993] por ele firmados. Encontrou a pensar como ele João, a quem fez bispo de Constantinopla, tendo deposto Ciro, que era patriarca[994] da cidade, e fechado no mosteiro de Cora; e encontrou ainda Germano que, após estas coisas, tomou o trono de Constantinopla, sendo que na altura era bispo de Cízico; e encontrou ainda André, que era bispo de Creta; e ainda Nicolau, que foi sofista da arte médica, tendo sido antes um criado que serviu como copeiro[995] e que, na altura, era questor; e encontrou ainda Elpídio, diácono da Grande Igreja; e ainda Antíoco, *chartofylax*, e outros que eram do mesmo nível destes, que anatematizaram por escrito o santo Sexto Concílio.

Por seu turno, os Búlgaros investiram por Fileia, clandestinamente, sobre o Estreito[996] e, depois de cometerem uma grande chacina, correram até à cidade e encontraram muitas pessoas que haviam passado o estreito do mar [para celebrarem] muitos casamentos opulentos e abundantes refeições, com prata de todo o

[992] ἐκμανῶς
[993] θεῖα δόγματα
[994] πρόεδρον: à letra "presidente".
[995] καυκοδιακόνων
[996] Στένον: *i.d.*, do Bósforo.

tipo e o restante aparato. Penetraram até à Porta Dourada e fizeram cativos por toda a Trácia, sendo que regressaram incólumes para a terra deles, com gado inumerável. Da mesma forma, os Árabes tomaram Misteia e outras fortalezas, causando a captura de muitas famílias e rebanhos sem número.

A.M. 6205

Neste ano Abbas militou contra a Romênia, tomou Antioquia, na Pisídia, e regressou com muitos cativos.

Ocorreu ainda um grande sismo por toda a Síria, no mês de Perítio, dia vinte e oito.

Entretanto, sendo o segundo ano do império de Filípico e estando a realizar-se as corridas de celebração do aniversário [do imperador][997], os Verdes venceram, pelo que pareceu bem ao imperador, a um sábado de Pentecostes, entrar a cavalo, com grande aparato e instrumentos, nos banhos públicos de Zeuxipo e almoçar com os cidadãos de linhagem antiga. Porém, enquanto ele estava a fazer uma sesta, veio de súbito ter com ele, pela Porta Dourada, Rufo, o *protostrator* do Opsício, a mando de Jorge, patrício e *comes* de Opsício, chamado Burafo, e do patrício Teodoro, o Miaces. Estavam com os soldados alistados do *thema* que ele tinha na Trácia. Correu para o palácio, encontrou Filípico a fazer a sesta, arrebatou-o e conduziu-o para o *ornatorion* dos Verdes. Cegou-o aí, sendo que ninguém se apercebeu disso. No dia seguinte – portanto, no dia de Pentecostes – o povo[998] reuniu-se na Grande Igreja e Artémio, o *protoasekretes*, é coroado, sendo-lhe mudado o nome para Anastásio. No sábado, após o Pentecostes, Teodóro o Miaces foi cegado e, no segundo sábado, foi cegado Jorge Burafo. E eles foram exilados para Tessalónica.

A.M. 6206

Neste ano Maslama pilhou a Romênia e, depois de perturbar a Galácia, regressou com cativos e muitos despojos.

[997] τοῦ γενεθλίου ἱππικοῦ: não é impossível que se trate aqui, como o supõem Mango e Scott, do dia de aniversário da própria cidade de Constantinopla (a 11 de maio).
[998] λαοῦ

Artémio, por seu turno, nomeou generais muito competentes para os *themata* de cavalaria, assim como muitos outros bem formados para os assuntos de guerra, permanecendo em segurança.

Uma vez que os Árabes se estavam a armar contra a România, tanto pela terra como pelo mar, o imperador enviou governantes para Ualide, na Síria, a pretexto de se falar da paz, [entre os quais] Daniel, o Sinopita, patrício e prefeito da cidade, ordenando-lhe que reportasse com exatidão as movimentações contra a România e a força deles. Ele foi e regressou, anunciando ao imperador o grande aparato bélico deles contra a cidade imperial, tanto pela terra como pelo mar. […]. [O imperador então ordenou que] cada pessoa deveria preocupar-se em ter provisões para si até três anos. Aquele que não as tivesse deveria afastar-se da cidade. Por outro lado, estabeleceu supervisores e começou a construir *dromones* e navios birremes que carregavam fogo, e ainda enormes trirremes. Renovou também as muralhas junto ao mar, assim como as que estavam junto à terra firme, tendo colocado nas torres instrumentos para lançar dardos e catapultas. Tendo fortificado a cidade de acordo com o que lhe foi possível, depositou muitas reservas nos depósitos imperiais e guarneceu-se a si próprio.

A.M. 6207

Neste ano faleceu Ualide e Solimão sucedeu-lhe no poder. No mesmo segundo ano do reinado de Artémio, que também foi chamado Anastácio, na décima terceira indicção do dia onze de agosto, Germano foi transferido da metrópole de Cízico para Constantinopla. Por esta ocasião foi promulgada a missiva de transladação: "Por escolha e escrutínio dos religiosíssimos[999] presbíteros e diáconos, e de todo o santo clero, do santo Senado, do povo amigo de Cristo[1000] e de toda a cidade imperial guardada por Deus[1001], a Graça Divina[1002], a que trata de todas as fraquezas e que preenche todas as restantes, transfere Germano, o santíssimo presidente da metrópole dos Cizicenos, para o episcopado de toda a cidade imperial, guardada por Deus. A presente transladação

[999] θεοσεβεστάτων
[1000] τοῦ φιλοχρίστου λαοῦ
[1001] θεοφυλάκτου
[1002] ἡ θεία χάρις

ocorreu na presença de Miguel, o santíssimo presbítero e apocrisiário do trono apostólico, e dos restantes sacerdotes e bispos, no reinado do imperador Artémio."

Artémio, ao saber que uma frota dos Sarracenos viera de Alexandria para Fénix para cortar madeira de cipreste, escolheu as embarcações mais céleres da sua própria frota, colocou nelas homens alistados do *thema* de Opsício e ordenou que todos se deveriam reunir em Rodes. Nomeou como general e cabeça deles o diácono João da Grande Igreja, o chamado papa Joannacis, que na altura era o *logothetes* geral.

Quando ele chegou a Rodes, e quando as embarcações estavam reunidas, começou a conversar com os oficiais acerca das movimentações deles, para que saíssem para Fénix e queimassem a madeira e o equipamento dos Agarenos que encontrassem. Todos concordaram de imediato, [à exceção] dos soldados do Opsício, que não aceitaram. Eles, por um lado, gritaram o mote do "Desenterra!"[1003] ao imperador e, por outro, mataram o diácono João à espada. A frota, então, dispersou-se e cada qual regressou aos seus lugares de origem. Mas aqueles homens maus[1004] avançaram contra a cidade imperial.

Quando eles chegaram a Adramítio, e uma vez que estavam sem líder, descobriram um homem natural de lá, chamado Teodósio, que era coletor de impostos, sem parte nos assuntos públicos e um cidadão privado. E viraram-se para ele para o elegerem imperador. Ele, porém, recorreu à fuga e escondeu-se numa montanha. Os outros encontraram-no e aclamaram-no, por coação, imperador. Já Artémio, ao saber destas coisas, estabeleceu na cidade homens que lhe eram serviçais como governantes, em conjunto com a frota que havia sido por ele preparada. E, depois de os ter armado, ele próprio entrou na cidade de Niceia, onde se guarneceu.

Os rebeldes, então, regressaram e incitaram todo o *thema* de Opsício, assim como os Gotogregos. Apoderaram-se de muitas embarcações comerciais, pequenas e grandes, e avançaram sobre Crisópolis, tanto pela terra como pelo mar. Estando a frota da

[1003] ἀνέσκαψαν
[1004] κακοῦργοι

cidade ancorada no porto de São Mamede, guerrearam-se uns contra os outros durante seis meses, todos os dias.

Todavia, tendo a frota da cidade mudado o seu local de ancoragem para o porto urbano de Neório, Teodósio passou para o outro lado e ocupou as regiões Trácias. Ocorreu depois uma traição e eles apoderaram-se da cidade através do portão da única linha de muralha das Blaquernas. Os soldados sediciosos do Opsício, em conjunto com os Gotogregos, irromperam, de noite, sobre as casas dos cidadãos e realizaram uma enorme pilhagem, não tendo poupado a ninguém. Por seu turno, reuniram os governantes de Artémio que estavam na cidade, tal como Germano, patriarca de Constantinopla, e conduziram-nos a Niceia, como provas para Artémio e para aqueles que estavam com ele. Artémio, ao vê-los, ficou desesperado e entregou-se a si próprio após ter recebido uma palavra de imunidade[1005]. E revestiu-se com o hábito monástico[1006]. Teodósio manteve-o sem perigo e exilou-o para Tessalónica.

Filípico, assim, foi imperador durante dois anos e nove meses; Artémio foi-o durante um ano e três meses. Já Leão, que era general dos Anatólicos, lutava por Artémio e não se submeteu a Teodósio. Ele tinha, como partidário e auxiliador, Artabasdo Armeno, o general dos Armeníacos[1007]. A este ele também prometeu dar a sua própria filha como mulher: coisa que fez.

A.M. 6208

Neste ano, Maslama militou contra Constantinopla e enviou de antemão Solimão com um exército por terra e Omar por mar. O próprio, porém, veio atrás deles com um grande aparato bélico. Quando Solimão e Bácaro chegaram a Amório, escrevem a Leão, o general dos Anatólicos: "Sabemos que o império dos Romanos condiz bem contigo: vem, pois, para nós e conversemos sobre as coisas relativas à paz".

Solimão, pois, ao ver como Amório não tinha um exército e como [a cidade] estava em ódio para com o general, em virtude da sua aliança com Artémio, cercou-o, querendo receber aí Maslama.

[1005] λόγον τε ἀπαθείας αἰτησάμενος
[1006] μοναδικὸν περιεβάλετο σχῆμα
[1007] Ἀρμενιάκων: trata-se de um *thema*.

Assim que ele se aproximou da cidade, os Sarracenos começaram a aclamar o general Leão como imperador, pedindo aos que estavam dentro para fazerem o mesmo. Os de Amório, por seu turno, ao verem que os Sarracenos o aclamavam com entusiasmo, também eles o aclamaram. O general, no entanto, como sabia que não havia soldados alistados, nem governantes, e que por isso Amório estava prestes a perder-se, revela a Solimão: "Se quiseres que eu vá ter contigo e falemos das coisas relativas à paz, por que motivo cercas a cidade?" O outro para ele: "Vem, que eu retiro-me." O general, depois, recebeu palavra [de imunidade] da parte dele e apareceu com trezentos cavaleiros junto a ele.

Os Agarenos, quando o viram, pegaram nos seus corseletes e nas suas coberturas de malhas e foram ter com ele. Ele acampou a meia milha do acampamento dos outros. Durante três dias, ele vinha ter com eles e começavam a conversar acerca da paz e sobre a sua retirada da cidade. Os outros, porém, diziam: "Firma a paz, e depois nos retiraremos." Mas o general apercebeu-se de que eles queriam apoderar-se dele, pelo que chamou muitos dos mais ilustres dos Sarracenos para uma refeição. Enquanto eles comiam, Solimão enviou três mil sarracenos com armadura para o cercarem e protegerem, a fim de que não se escapasse. Porém, a vigia[1008] dele, ao saber disto, revelou-lhe: "uma multidão de Sarracenos cavaleiros está em círculo em torno de nós!"

Veio assim um cavaleiro deles, chamado Zuber, que ficou listo em frente [à tenda], dizendo: "um escravo fugiu, tendo roubado muito dinheiro: viemos em formação de cavalaria por causa dele." O general conhecia a técnica do engano deles, pelo que lhes disse: "Não vos vexeis. Efetivamente, para onde quer que ele vá, nas minhas fortalezas, encontrá-lo-emos". Em seguida, perturbado, conseguiu, clandestinamente, através de um homem seu, revelar aos cidadãos de Amório: "Temei a Deus e não vos entregueis a vós mesmos! Eis que, de facto, Maslama se aproxima!". Depois o bispo vai ter com ele, e diz-lhe estas mesmas coisas.

[1008] βίγλα

Então Solimão, ao saber que o bispo tinha ido ter com ele, envia[1009] [um mensageiro] para o general, [que disse]: "Dá-nos o bispo." Mas o outro, assim cercado, escondeu-o e disse a um dos seus homens: "Enquanto nós conversamos, veste-lhe uma outra roupagem e envia-o para as montanhas, a pretexto de ir buscar madeira ou água." Os Sarracenos insistiram por causa do bispo, ao que o general diz: "Não está aqui. Porém, ide vós ter com o emir, que eu próprio também irei, e falaremos sobre todas as coisas." Os outros consideraram que, quando ele se encontrasse com o emir e estivesse no meio deles, se apoderariam dele, pelo que o libertaram.

Depois ele cavalgou com duzentos homens seus, como se fosse para ir caçar, e indicaram que iam virar à esquerda. Os Sarracenos que estavam com ele dizem-lhe: "Para onde vais?" O outro responde: "Desejo mudar o acampamento para as pequenas fontes". Os outros disseram: "a tua decisão não é boa: e não iremos contigo." Então o general diz aos seus soldados: "Eles deram-nos palavra de imunidade, mas desejaram apoderar-se de nós e, através de nós, destruir os Cristãos: não se apoderarão de nenhum dos nossos homens ou dos animais que restam!". E, tendo avançado dez milhas, aí acampou.

No dia seguinte, envia o *domesticus* dos moços de serviço[1010] e revela-lhes: "Destes-me palavra e desejastes apoderar-vos de mim com um dolo. Por causa disso regressei." Por essa altura, porém, Maslama havia passado os desfiladeiros, sendo que Solimão não sabia disso. Os emires, assim, revoltaram-se contra Solimão, tal como o exército[1011]: "Por que motivo cercamos as muralhas e não fazemos pilhagens?". Arrumaram as tendas e regressaram. O general[1012], entretanto, introduziu o *tourmarcha* Niceias em Armório com oitocentos soldados, expulsando a maior parte das mulheres e crianças. E o próprio partiu para a Pisídia.

Quando Maslama foi para a Capadócia, os Capadócios, desesperados, saíram para ir ter com ele e pediram para que ele os tomasse. Maslama, porém, tendo ouvido acerca da inimizade que o

[1009] πέμπουσι: o verbo está no plural ainda que haja somente um sujeito. Possível erro de transcrição ou abreviação de duas passagens diferentes de uma mesma fonte.
[1010] δομέστικον στρατόρων
[1011] λαός
[1012] στρατηγὸς: *i.d.*, Leão

imperador Teodósio tinha para com o general, desejou atiçá-lo, fazer as pazes com ele e, através dele, subjugar a România. E diz-lhes: "Não sois do general?" Os outros disseram: "Sim", "Fazeis o que ele próprio fizer?" os outros: "Sim". Então diz-lhes: "Regressai às vossas fortalezas e não temais ninguém." E alertou o seu exército[1013] para não fazer qualquer tipo de saque em nenhuma das províncias do general.

O general, ao saber disto, compreendeu que Solimão revelaria a Maslama que ele se afastara dele e que regressara, pelo que enviou uma carta a Maslama: "Quis ir para junto de ti, mas Solimão, quando eu fui ter com ele, quis apoderar-se de mim e agora temo aproximar-me de ti." Então Maslama diz ao homem [representante] do general: "Sei que o general me está a ludibriar, a fim de que eu não pilhe, de modo algum, as províncias dele." Diz-lhe a ele o homem do general: "Não é assim: mas ele escreve-te a verdade." Então pergunta: "Como está Amório em relação a ele?" Disse o outro: "Está bem, e submetida a ele." Então o outro, provocado, insultou-o dizendo: "Por que mentes?". Aquele disse: "É assim como disse: ele colocou homens alistados, com um *tourmarcha*, nela: expulsou as famílias que eram supérfluas." Maslama sentiu um grande aperto por causa disso e, enfurecido, expulsou-o. Efetivamente, tinha a intenção de tomar [a cidade de Amório] com o bom tempo[1014], receber a armada, avançar depois para a Ásia e aí invernar.

Por isso, procurou, uma vez mais, o homem do general e interrogou-o. O outro disse-lhe por juramento: "Tudo o que te digo é verdade. Mil homens alistados ali entraram com um *tourmarcha*: e ele conduziu para fora de lá toda a propriedade, assim como todas as famílias pobres." Tendo ouvido isto, [Maslama] escreve ao general: "Vem para perto de mim: firmarei a paz contigo e farei tudo como desejas." Então o general, vendo que o outro se aproximara de Masalaio e que com outros cincos dias estaria nas suas províncias, envia para ele dois cônsules e revela-lhe: "Recebi a tua carta e aceitei a tua decisão. Eis que vou ter contigo: mas, como sabes, sou um general, e devo acompanhar-me de dinheiro, prata e

[1013] λαὸν

[1014] καλοκαιρίου: provavelmente o verão.

um exército[1015]. Dá-me palavra [de imunidade] para cada uma destas coisas. Se, por um lado, isto me for realizado tal como espero de ti, será belo e bom; se assim não for, regressarei com dignidade e sem ser oprimido".

Quando os cônsules o encontraram em Teodosiana, Maslama disse-lhes: "Sei bem que o vosso general brinca comigo." Os outros disseram-lhe: "Que assim não seja." Foi então que lhes deu a palavra que haviam procurado: e demitiu-os. Enquanto os cônsules partiam para o general com a palavra assinada, Maslama, em virtude de ter consigo muitas multidões e de não ser capaz, de forma alguma, de parar, vai para Acroino. O general, por seu turno, ao ver que ele havia passado as suas províncias, afasta-se para Nicomédia. Calhou de encontrar o filho de Teodósio, subjugando-o em conjunto com todo o aparato imperial e com os homens do palácio que estavam no poder. Já Maslama, tendo chegado à Ásia, aí invernou. Omar fez o mesmo na Cilícia.

O general, então, pegou no filho do imperador, tomou conselho com os que estavam com ele e vai para Crisópolis. Teodósio, por seu turno, ao saber das coisas ocorridas, deliberou com o patriarca Germano e com o Senado, recebeu uma palavra [de honra] através do mesmo patriarca, da parte de Leão, em relação à sua própria segurança e de como guardaria a Igreja sem perturbação: e deste modo passou o império para a mão dele. Já Teodósio tornou-se um clérigo juntamente com o seu filho, sendo que eles passaram o resto das suas vidas em paz.

Por sua vez, Maslama veio para Pérgamo, cercou-a e, por concessão de Deus[1016], tomou-a graças a uma força diabólica[1017]. Efetivamente, os cidadãos da cidade trouxeram uma mulher grávida, que estava prestes a dar à luz, por instrução de um certo feiticeiro, e cortaram-na. Depois pegaram no feto e ferveram-no num caldeirão. Todos os que queriam guerrear mergulharam a manga da mão direita deles neste sacrifício abominável a Deus: e por causa disso foram entregues aos inimigos.

[1015] λαός
[1016] παραχωρήσει θεοῦ
[1017] ἐκ διαβολικῆς ἐνεργείας

A.M. 6209

Neste ano Leão, oriundo de Germanícia, mas na realidade da Isáuria, foi imperador. Ele fora transferido, juntamente com os pais, para Mesêmbria, na Trácia, pelo imperador Justiniano, no primeiro reinado dele. No segundo reinado, porém, quando ele vinha com os Búlgaros, encontrou-se com ele [com Justiniano] com uma prenda de quinhentas ovelhas. Assim tratado, Justiniano fê-lo de imediato *spatharios* e teve-o como amigo íntimo. Alguns, porém, movidos pela inveja, difamaram-no, dizendo que ele almejava alcançar o império. Mas, tendo-se feito um inquérito sobre isso, eles foram desonrados como sendo delatores. Todavia, tal rumor começou a ser espalhado por muitos.

Ainda que Justiniano não quisesse magoá-lo às claras, uma certa fúria contra ele ficou-lhe fixa, pelo que o enviou para Alânia com dinheiro, para que movimentasse os Alanos contra a Abásgia, sendo que os Sarracenos dominavam tanto a Abásgia, como a Lázica, como a Ibéria. Ele então partiu para para a Lázica, depositou o dinheiro em Fásis, pegou em algumas pessoas da região e partiu para Apsília. Chegou à Alânia após ter passado as montanhas Caúcasas.

Depois Justiniano, querendo perdê-lo, enviou [um legado] e levantou o dinheiro de Fásis. Os Alanos, contudo, tendo recebido o *spatharios* com toda a honra, obedeceram às palavras dele, entraram na Abásgia e capturaram-na. O senhor dos Abasgos, por seu turno, revelou aos Alanos: "Vejo que Justiniano não tinha um outro mentiroso que pudesse ajudar a perder-vos e a movimentar-vos contra nós, que somos vossos vizinhos, a não ser esta pessoa. Efetivamente, ele até vos enganou com a promessa de dinheiro. Pois Justiniano enviou [um legado] e levantou-o. Mas dai-me [o *spatharios*] a mim, e dar-vos-emos três mil moedas. E que não se dilua a nossa amizade, que vem desde os tempos antigos." Os Alanos então disseram: "Nós não lhe obedecemos por causa do dinheiro, mas por amor[1018] ao imperador". De novo os Abasgos enviam-lhes [um mensageiro], dizendo: "Dai-nos o homem e dar-vos-emos seis mil moedas".

[1018] ἀγάπην

Os Alanos, assim, desejando conhecer bem a terra dos Abasgos, concordaram em receber as seis mil moedas e em entregar o *spatharios*. Os Alanos segredaram todas estas coisas ao *spatharios* e dizem-lhe: "Como vês, o caminho que conduz à Romania está fechado e não tens como regressar: mas que, em vez disso, nós os baralhemos e nos alistemos com eles, ao entregar-te a ti! Vamos enviar-te com alguns homens [a fim de] tomar conhecimento dos estreitos deles, pilhar e despojar a terra deles e pô-la ao vosso serviço."

Quando os apocrisiários dos Alanos partiram para a Abásgia e concordaram em entregar o *spatharios*, receberam deles uma grande quantidade de presentes. Depois os outros enviam, uma vez mais, outros apocrisiários, com a quantia de ouro [estabelecida] para tomarem o *spatharios*. Os Alanos, então, dizem ao *spatharios*: "Estes homens, tal como havíamos dito, apareceram cá para vos tomarem. A Abásgia espera-vos. Assim que nos aproximarmos deles, não haverá falta de mercadores que estejam a partir para eles. De resto, para que o nosso objetivo não seja declarado, vamos entregar-vos às claras. Enquanto vos estiverdes a afastar-vos, abalaremos, secretamente, pelas costas. Vamos matar aqueles [os apocrisiários dos Abasgos], mas, por outro lado, vamos esconder-vos até que o nosso exército[1019] venha e entremos obscuramente na terra deles." Coisa que ocorreu.

De facto, os apocrisiários dos Abasgos tomaram o *spatharios* em conjunto com os homens dele e, após os terem atado, partiram: os Alanos chegaram depois pelas costas, juntamente com Vitaxa[1020], o senhor deles, matam os Abasgos e escondem o *spatharios*. Depois [Vitaxa], montado à frente do exército, marchou contra a Abásgia e entrou, de forma inesperada, nos estreitos, incutindo nos Abasgos um grande número de cativos e de destruição.

Justiniano, após ter ouvido estas coisas, e que mesmo sem dinheiro a sua ordem foi cumprida, envia uma carta para os Abasgos: "Se preservardes o nosso *spatharios* e permitirdes que ele venha incólume através de vós, perdoaremos todos os vossos erros." Os outros receberam estas coisas com alegria e enviaram-no de novo

[1019] λαός
[1020] Ἰταξῆ: em transliteração, "Itaxes"

para Alânia, dizendo: "Damos-vos como reféns as nossas crianças. Dai-nos em troca o *spatharios* para o enviarmos para Justiniano". Mas o *spatharios* não aceitou isto e disse: "Deus pode abrir uma porta para que eu saia [desta situação], pois não é pela Abásgia que eu sairei".

Passado algum tempo, tendo os Romanos e os Armenos introduzido um exército na Lázica e começado a cercar Arqueópolis, e tendo ouvido acerca da chegada dos Sarracenos, regressaram. Afastaram-se [do exército] até duzentos homens, que vieram para as partes de Apsília, pilhando os Cáucasos. Quando os Sarracenos chegaram à Lázica, o exército[1021] dos Romanos e dos Armenos recorreu à fuga e recuou para Fásis. Os duzentos, todavia, mantiveram-se nas montanhas do Cáucaso e, tendo ficado desesperados, estabeleceram-se como salteadores.

Os Alanos, ao saberem disto, supuseram que estava no Cáucaso uma multidão de Romanos e, alegrando-se, disseram ao *spatharios*: "Os Romanos aproximaram-se, vai ter com eles!" O *spatharios* pegou, então, em cinquenta Alanos e passou as neves do Cáucaso, no mês de maio, com calçado próprio para a neve. Encontrou [os salteadores] e, vertido em grande alegria, começou a perguntar: "Onde está o exército[1022]?" Os outros disseram: "Quando os Sarracenos investiram, [os soldados] regressaram para a Romania. Já nós, uma vez que não fomos capazes de regressar para a Romania, viemos para a Alânia." E disse-lhes: "Que fazemos agora?" Os outros disseram: "É-nos impossível passar por este território." O *spatharios* disse: "Não é possível sair por outro caminho."

De qualquer forma, existia lá uma fortaleza, chamada Sídero, na qual havia um guardião, de nome Farasmânio, que calhava de estar sob os Sarracenos e que tinha [um pacto de] paz com os Armenos. O *spatharios* enviou [um mensageiro] e revela-lhe: "Visto que tens paz com os Armenos, faz também paz para comigo. Torna-te sujeito ao império e dá-nos assistência para chegarmos ao mar e passarmos para Trebizonda[1023]." O outro, todavia, optou por não

[1021] λαός
[1022] λαός
[1023] εἰς Τραπεζοῦντα: em transliteração, "Trapezunte".

fazer isso, pelo que o *spatharios* envia [soldados], entre os quais também havia Armenos, após lhes ter dito para fazerem uma emboscada, [dizendo]: "E, quando eles saírem da fortaleza para o campo, subjugai quantos puderdes de entre eles e dominai os portões pela parte de fora até que também nós cheguemos." Eles partiram e fizeram a emboscada. Quando o povo[1024] saiu para o campo, eles atacaram repentinamente, apoderaram-se do portão e capturaram muitos. Farasmânio permanece na fortaleza com alguns poucos. Mais tarde chegou o *spatharios* e falou com Farasmânio, para que ele abrisse os portões em paz. O outro não o desejou, mas iniciou uma batalha.

Uma vez que a fortaleza era firme, não a conseguiram tomar. Marino, porém, o primeiro dos Apsilianos[1025], ao saber que a fortaleza estava a ser cercada, foi tomado pelo medo, pensando que havia um grande exército[1026] com o *spatharios*. Pegou então em trezentos [soldados] e foi ter com o *spatharios*, dizendo: "Eu escorto-te até junto ao mar". Já Farasmânio, ao compreender a sua posição difícil, disse ao *spatharios*: "Toma o meu filho como refém e professar-me-ei servo do império." O outro tomou o filho dele e disse: "Que tipo de servo do império te chamas a ti mesmo, visto que nos falas enclausurado? Ser-nos-á impossível regressar, até que tomemos a fortaleza." Então Farasmânio disse: "Dá-me palavra [de imunidade]." O *spatharios* deu-lhe palavra em como em nada o injustiçaria, em como somente entraria com trinta pessoas no castro.

O outro, todavia, não preservou na palavra[1027], pelo que [o *spatharios*] anunciou aos trinta que estavam a entrar com ele: "Enquanto estivermos a entrar, apoderai-vos das portas: e todos os outros entrarão." E, depois de isto ter ocorrido, ordenou que se atirasse fogo para a fortaleza. Deu-se assim um grande incêndio: as famílias saíram, arrebatando o que quer que conseguissem transportar das suas propriedades. Depois de passar ali outros três dias, ele destruiu as muralhas até à terra e, tendo-se afastado, desceu

[1024] λαοῦ

[1025] Τῶν Ἀψιλῶν: em transliteração, "Apsilos".

[1026] λαόν

[1027] τούτου δὲ τὸν λόγον μὴ φυλάξαντος: não é claro, do ponto de vista gramatical, quem não preservou a palavra, se o futuro imperador Leão, se Farasmânio. Todavia, uma vez que a fonte em questão parece ser simpatética para com Leão, diríamos que a ação se refere a Farasmânio.

para Apsília com Marino, o primeiro deles, sendo recebido pelos Apsilianos com grande honra. Veio daí até junto ao mar, passou-o e foi ter com Justiniano.

Com a morte de Justiniano, e tendo Filípico sido cegado, Artémio é imperador e nomeia-o como general dos Anatólicos. Enquanto Teodósio reinava, e tendo Artémio sido expulso, e estando o país dos Romanos esmagado pelo ataque dos bárbaros, pela sede de sangue de Justiniano e pelas coisas ímpias de Filípico, este referido Leão lutou a favor de Artémio, opondo-se a Teodósio. Tinha, como partidário e auxiliador, Artabasdo, o general dos Armeníacos[1028], a quem fez seu familiar, quando ele foi imperador, através de Ana, a sua filha, nomeando-o também como *couropalates*.

Maslama, por seu turno, invernou na Ásia e esperava pelas promessas de Leão. E, uma vez que nada recebeu da parte de Leão, e ao saber que fora ludibriado por este, foi até Abido, passou, com um exército forte[1029], para a Trácia e abalou para a cidade imperial, tendo também escrito a Solimão, o Califa[1030], para vir com a armada que já havia sido preparada.

Então, no dia quinze do mês de agosto, Maslama cercou a cidade, tendo pilhado também as fortificações trácias. Eles colocaram paliçadas em torno das muralhas terrestres, escavaram uma grande fossa e construíram uma muralha com parapeito, sobre ela, de pedra seca. No primeiro dia do mês de setembro da primeira indicção, veio enfim Solimão, o que lutava contra Cristo[1031], com a frota e os seus emires, possuindo navios enormes, embarcações de transporte de soldados e *dromones*, em número de mil e oitocentos. E ancorou desde a Magnaura até Ciclóbio.

Passados dois dias, tendo soprado um vento do sul, eles saíram dali e navegaram para além da cidade. Alguns tentaram passar para as partes do Eutrópio e de Antémio; outros, por outro lado, avançaram para as partes da Trácia, desde o castelo de Gálata até ao Cleidion. As grandes embarcações eram muito pesadas e moviam-se muito lentamente por causa da carga, de maneira que alguns navios – até ao número de vinte – permaneciam a proteger a

[1028] Ἀρμενιάκων: *i.d.* do *thema* dos Armenos.
[1029] λαὸν ἱκανόν
[1030] πρωτοσύμβουλον
[1031] ὁ χριστομάχος

retaguarda, possuindo [cada navio] cerca de cem homens com armadura para sua proteção. Um tempo propício veio ter com elas, na corrente, e quando a brisa[1032] soprou um pouco, empurrou os navios para jusante.

O pio[1033] imperador enviou de imediato os navios ígnios contra elas, desde o topo da cidade[1034], e, com auxílio divino[1035], fez com que elas sucumbissem ao fogo. Algumas foram jogadas fora enquanto ardiam junto às muralhas marítimas; outras, por seu turno, mergulharam para o fundo, juntamente com a tripulação; já outras foram arrastadas até às ilhas de Oxeia e Plateia enquanto ardiam. Os da cidade, portanto, ganharam ânimo com isto, ao passo que os inimigos muito se acobardaram, tendo conhecido a energia eficassísima do fogo líquido: efetivamente, eles queriam, nessa mesma tarde, atracar nas muralhas marítimas e colocar os seus cadeados[1036] nos parapeitos. Mas Deus anulou a vontade deles graças à intercessão da totalmente pura Mãe de Deus[1037]. Nessa mesma noite, o imperador puxou, secretamente[1038], o cadeado de Gálata. Os inimigos então pensaram que o imperador o tinha puxado por querer incitá-los, pelo que não ousaram entrar e ancorar em Gálata, mas navegaram para o golfo de Sosténio e aí puseram a salvo a sua própria frota.

No dia oito do mês de outubro, Solimão, o chefe deles, faleceu, e Omar foi emir. Ocorre então um inverno rigoroso na Trácia, ao ponto de não se ver a terra durante cem dias por causa da neve congelada. Morreu uma multidão de cavalos, de camelos e dos restantes animais dos inimigos. Na altura primaveril, porém, chegou Sufiane com a frota que havia sido criada no Egito, possuindo quatrocentos navios com alimentos, assim como *dromones*. Ele, ao saber da força do fogo Romano, passou pela Bitínia, transpôs-se para o lado oposto e ancorou no porto do Belo Campo. Passado não

[1032] Στενοῦ
[1033] εὐσεβὴς
[1034] ἀπὸ τῆς ἀκροπόλεως
[1035] τῇ θείᾳ συμμαχίᾳ
[1036] αὐχένας: traduzido à letra, "os pescoços". A passagem refere-se a uma parte dos navios que serviria para avançar sobre a cidade: talvez ganchos ou mesmo torres construídas sobre os navios. A tradução latina de Anastácio Bibliotecário tem *temones*.
[1037] τῆς πανάγνου θεοτόκου
[1038] μυστικῶς

muito tempo, chegou também Iázide com uma outra frota criada em África, tendo também ele trezentos e sessenta navios de transporte, com armamento e provisões. Da mesma forma, também ele, tendo tido conhecimento acerca do fogo líquido, ancorou em Sátiro e Bria, até Cartalimeno.

Todavia, os egípcios destas duas frotas deliberaram entre si e, durante a noite, pegaram nos esquifes dos navios de transporte e refugiaram-se na cidade, aclamando o imperador. De tal forma que, desde Hiéria até à cidade, o mar parecia uma unidade de madeira. Já o imperador, ao saber, através deles, das duas frotas que estavam escondidas no golfo, preparou sifões que carregavam fogo, colocou-os em *dromones* e em navios birremes e atirou-os contra as duas frotas. Assim, com a colaboração de Deus, graças à intercessão da totalmente pura Mãe de Deus[1039], os inimigos foram submergidos nesse mesmo lugar. Os nossos tomaram os despojos e as provisões deles e regressaram com alegria e com uma vitória.

Além disso, enquanto Mardasan penetrava desde as Portas [de Constantinopla] até Niceia e Nicomédia com o exército dos Árabes, os governantes imperiais que estavam escondidos em Libo e Sófon com os soldados de infantaria, à maneira dos Mardaítas, caíram subitamente sobre eles, despedaçaram-nos e fizeram com que eles fugissem dali. Verificou-se assim uma pequena trégua no outro lado da margem: e saíram da cidade muitos navios que começaram a transportar muitas provisões. Da mesma forma, as embarcações pesqueiras não foram impedidas de pescar nas ilhas e nas cidades em torno.

Por outro lado, houve uma grande fome entre os Árabes, ao que eles devoraram todos os seus animais que tinham morrido – cavalos, burros e camelos. Alguns dizem que eles também comiam homens mortos, assim como os seus próprios excrementos, atirando-os para fornos e fermentando-os. Caiu também sobre eles uma doença pestilenta: e multidões incontáveis deles pereceram. A etnia dos Búlgaros deu-lhes batalha e, como dizem os que sabem isso com clareza, degolaram vinte e dois mil dos Árabes. Ocorreram-lhes ainda muitas coisas horríveis por aquela altura, para que eles soubessem, por experiência, que Deus e a Muito Santa Virgem e

[1039] τοῦ δε θεοῦ συνεργήσαντος διὰ τῶν πρεσβειῶν τῆς παναχράντου θεοτόκου

Mãe de Deus[1040] vigiam esta cidade, assim como o império dos Cristãos, e que não há um abandono completo de Deus para aqueles que O chamam em verdade[1041], ainda que nós sejamos ludibriados durante algum tempo por causa dos nossos pecados.

A.M. 6210

Neste ano, Sérgio, o *protospatharios* e general da Sicília, tendo ouvido que os Sarracenos estavam a cercar a cidade imperial, coroou aí o seu próprio imperador de entre os homens dele, chamado Basílio, um constantinopolitano, filho de Gregório, o Onomágulo, tendo-lhe mudado o nome para Tibério. Este criou os seus próprios guardas e governantes, a conselho do referido Sérgio.

Já o imperador, ao ouvir estas coisas, envia Paulo, o seu *chartolarius* privado, após o ter nomeado patrício e general da Sicília e de lhe ter dado dois *spatharioi* para o apoiarem e alguns homens para o servirem, assim como ordens para os governantes das partes ocidentais e uma *sacra* para o exército[1042]. Eles entraram de noite num *dromon* mais célere[1043] e saíram para as partes de Cízico. Fizeram a viagem de lugar em lugar, por terra e mar, e chegaram de repente à Sicília.

Depois de Sérgio ter ouvido que eles haviam entrado na Sicília, ficou abalado. Reconheceu a sua própria culpa e fugiu para os Longobardos que estavam perto dele, na Calábria. Então o exército[1044] reuniu-se e, tendo a *sacra* sido lida, acreditaram que o império estava de pé e que a cidade era audaz contra os inimigos, sendo que ainda lhes foram narradas as coisas relativas às duas frotas. De imediato aclamaram, por um lado, Leão como imperador e, por outro, entregaram ao general, presos, Basílio, o Onomágulo, e os governantes que haviam sido por ele eleitos. O próprio, por sua vez, decapitou Basílio juntamente com seu *monostrategos* e envia as suas cabeças envinagradas ao imperador, através dos *spatharioi*. Açoitou e cortou o cabelo aos restantes[1045], partindo também o nariz

[1040] ἡ παναγία παρθένος καὶ θεομήτωρ
[1041] ἐγκατάλειψις τελεία θεοῦ ἐν τοῖς ἐπικαλουμένοις αὐτὸν ἐν ἀληθείᾳ
[1042] λαόν
[1043] ἐξελαστικὸν δρόμωνα
[1044] λαοῦ
[1045] κουρεύσας: *i.d.*, tonsurou-os, obrigando-os a assumir o hábito monástico.

a alguns: e exilou-os. Daí, portanto, ocorreu nas regiões do ocidente uma grande restauração. O referido Sérgio pediu ao general palavra de imunidade e, depois de a receber, foi ter com ele: e todas as partes ocidentais ficaram pacificadas.

Omar, por seu turno, depois de assumir o poder sobre os Árabes, ordenou a Maslama que recuasse. Os Agarenos retiraram-se, assim, em grande vergonha, no dia quinze de agosto. E de facto, enquanto a frota deles estava a partir, uma grande tempestade, vinda de Deus graças à intercessão da Mãe de Deus[1046], caiu sobre eles e espalhou-os. Afundou uns no Proconeso e nas restantes ilhas, outros nas Apóstrofa e nos restantes promontórios. Os sobreviventes começaram a passar pelo mar Egeu, sendo que caíram sobre eles terríveis iras divinas[1047]: pois um granito ígneo desceu sobre eles e fez com que a água do mar efervescesse. A resina [das embarcações] ficou dissolvida, pelos que os navios foram submergidos para o fundo juntamente com a tripulação. Somente dez delas – e essas pela providência de Deus[1048] – foram salvas, para que testemunhassem, a nós e aos Árabes, as grandes coisas realizadas por Deus contra eles. Os nossos calharam de intercetar cinco destas, sendo que as outras cinco se salvaram na Síria, dando testemunho do poder de Deus.

Neste mesmo ano, após ter ocorrido um grande sismo na Síria, Omar impediu o uso de vinho nas cidades[1049] e coagiu os cristãos a converterem-se. Por outro lado, fez com que os convertidos não pagassem impostos, matando, por outro, os que não se convertessem. Fez assim muitos mártires. Sancionou também que não se deveria aceitar o testemunho de um cristão contra um sarraceno. Escreveu uma carta com os seus dogmas[1050] ao imperador Leão, acreditando que o convenceria a converter-se.

[1046] ἐκ θεοῦ διὰ τῶν πρεσβειῶν τῆς θεομήτορος
[1047] θεομηνία φοβερά
[1048] προνοίᾳ θεοῦ
[1049] ἐκώλυσεν Οὔμαρ τὸν οἶνον ἀπὸ τῶν πόλεων
[1050] ἐπιστολὴν δογματικὴν

A.M. 6211

Neste ano, nasceu ao ímpio imperador Leão o filho mais ímpio do que ele[1051], Constantino, precursor do Anticristo[1052]. No dia vinte e cinco do mês de dezembro, Maria, a mulher de Leão, foi coroada no triclínio do Augusteu e avançou, empossada e sozinha, para a Grande Igreja, sem o marido. Rezou em frente à entrada do altar e entrou no grande batistério, sendo que o homem dela tinha lá entrado anteriormente, com alguns seus homens privados. Após o arcebispo Germano ter lá batizado o sucessor do mau império deles, Constantino, um terrível e fétido presságio faz-se significar de antemão desde a meninice: pois ele defecou na santa pia batismal, como dizem os que o testemunharam com clareza. De tal forma que Germano, o santíssimo patriarca, disse profeticamente: "Isto traz o sinal de um grande mal, que através dele está prestes a ocorrer aos Cristãos e à Igreja." Os líderes dos *themata* e do Senado, depois, receberam-no batizado. Após a Divina Liturgia, a Augusta Maria, empossada, regressou com o filho batizado, distribuindo larguezas consulares, desde a igreja até à Porta de Bronze do palácio.

Neste mesmo ano, Nicetas, o Xilinita, escreve a Artémio, em Tessalónica, para que ele viesse a Tervel, de forma a que atacasse Leão com um apoio búlgaro. O outro obedeceu, veio e deu-lhe um exército, assim como cinquenta centenários de ouro. Ele tomou-os e avançou para Constantinopla. Porém, uma vez que a cidade não o acolheu, os Búlgaros entregam-no a Leão e, tratados amigavelmente por ele, regressaram. O imperador, então, mata-o juntamente com o Xilinita, tendo ainda confiscado a propriedade de Xilinita, que era seu *magister* e tinha muitas propriedades. Da mesma forma, também os Búlgaros cortaram a cabeça ao patrício Sisínio, o chamado Rendacis, por colaborar com Artémio, e entregaram ao imperador o arcebispo de Tessalónica, que foi decapitado juntamente com Artémio. De igual modo, ele também matou Ísoes, patrício e *comes* de Opsício, assim como Teoctisto *protoasekretes*, e ainda Nicetas o Ántrax, comandante da muralha, por serem estes amigos e colaboradores do outro. Cortou o nariz aos restantes e, tendo-lhes confiscado as propriedades, exilou-os.

[1051] ἐτέχθη τῷ δυσσεβεῖ βασιλεῖ Λέοντι ὁ δυσσεβέστερος αὐτοῦ υἱὸς
[1052] τοῦ Ἀντιχρίστου πρόδρομος

A.M. 6212

Neste ano, na indicção terceira, no dia de Páscoa, Constantino foi coroado por Leão, o pai dele, no Tribunal dos Dezanove *Acubitores*, sendo que o beato Germano, patriarca, fez as orações, de acordo com o costume.

Neste mesmo ano, faleceu Omar, que foi emir dos Árabes durante dois anos e quatro meses. E Iázide torna-se emir. A este surge, na Pérsia, um tirano, de nome, também ele, Iázide Mualabe: e muitos [homens] da Pérsia passaram para o lado dele. Porém, Iázide envia Maslama, mata-o e subjuga a Pérsia.

A.M. 6213

Neste ano, apareceu um certo Sírio, pseudo-Cristo[1053], e enganou os Hebreus, dizendo ser ele o Cristo, o Filho de Deus.

A.M. 6214

Neste ano, o imperador forçou os Hebreus e os Montanistas a serem batizados. Os Judeus, porém, batizados sem o desejarem, escorreram para fora do batismo. E comungaram o santo Dom[1054] depois de terem comido, conspurcando assim a Fé. Os Montanistas, por seu turno, depois de terem feito profecias para eles mesmos e de terem fixado um dia, entraram nas casas dedicadas à loucura deles e queimaram-se a si mesmos.

A.M. 6215

Neste ano, um certo Judeu, oriundo de Laodiceia, na Fenícia Marítima, um feiticeiro, foi ter com Iázide e anunciou-lhe que tomaria o controlo sobre o poder dos Árabes durante quarenta anos, se destruísse as cultuadas e augustas imagens[1055] que estavam nas igrejas dos Cristãos, em todo o seu domínio. O estúpido Iázide acreditou nele e sancionou uma lei universal[1056] contra as santas imagens. Mas, por graça do Nosso Senhor Jesus Cristo, e por obra da intercessão da não corrupta mãe Dele e de todos os santos[1057],

[1053] ψευδόχριστος
[1054] τὴν ἁγίαν δωρεὰν: *i.d.*, o Corpo de Cristo.
[1055] τιμωμένας σεπτὰς εἰκόνας
[1056] δόγμα καθολικὸν
[1057] ταῖς πρεσβείαις τῆς ἀφθόρου μητρὸς αὐτοῦ καὶ πάντων τῶν ἁγίων

Iázide morreu nesse mesmo ano, sendo que a lei satânica[1058] dele não chegou à maioria das pessoas.

Porém, o imperador Leão, ao partilhar desta aguda e ímpia fé errada[1059], transformou-se para nós na causa de muitos males. Ele encontrou um certo sujeito de nome Beser como correligiário desta falta de uma educação[1060], que fora cristão e cativo na Síria e que havia apostatatado da fé em Cristo e sido imbutido com os dogmas dos Árabes. Fora libertado da servidão deles havia pouco tempo, tendo chegado ao país dos Romanos. Em virtude da força do corpo e da comunhão da fé errada[1061], foi honrado pelo mesmo Leão. Este tornou-se o camarada do grande mal do outro. Também conspirava com ele, de forma má, o bispo de Nacoleia, que fervia completamente em toda a impuridade e era alimentado pela falta de uma educação[1062].

A.M. 6216

Começarei a contar as coisas relativas ao beato Estêvão, papa de Roma, tal como ele fugiu para a França[1063] e foi salvo.

Este famoso Estêvão foi submetido a muitas coisas más por Astolfo, o rei dos Longobardos. Refugiou-se por isso entre os Francos pelo tempo de Pepino, gerente[1064] e prefeito da administração de todas as coisas e ainda do povo Franco. Efetivamente, eles tinham por costume que o senhor deles, que também era rei, governasse de acordo com a linhagem e que nada fizesse ou administrasse, a não ser comer, beber sem sentido e passar o tempo em casa. Devia também, no dia um do mês de maio, sentar-se à frente de toda a nação, honrá-la e ser por ela honrado[1065], ser agraciado com presentes e dar presentes em troca, de acordo com o costume. E até ao maio seguinte devia passar o tempo em vida privada. Por outro lado, ele tem o chamado administrador[1066]

[1058] τοῦ σατανικοῦ αὐτοῦ δόγματος
[1059] κακοδοξίας
[1060] τῆς ἀπαιδευσίας
[1061] τῆς κακοδοξίας
[1062] ἀπαιδευσίᾳ
[1063] Ἐν Φραγγικῇ: em transliteração, teríamos algo como “Frância”.
[1064] προοίκου
[1065] καὶ προσκυνεῖν αὐτοὺς καὶ προσκυνεῖσθαι
[1066] πρόοικον

para que, com o seu próprio parecer e o do povo, administre todas as coisas. Os que descendiam daquela linhagem eram chamados Crístatas, que se traduz por "Os de costas peludas"[1067]: pois eles tinham cabelos a crescer pelas costas, como porcos.

O referido Estêvão, então, forçado pela crueldade e pela indecisão de Astolfo, obteve dele uma permissão para ir para a França e fazer o que pudesse. Ele foi e investiu[1068] Pepino, um varão que na altura era muito destacado, colocado pelo rei à frente de todas as coisas, e que fazia guerra defensiva contra os Árabes que haviam passado de África para a Espanha. É que aqueles também dominaram, até hoje, a Espanha, e tentaram mover-se em guerra contra os Francos. O próprio Pepino opôs-se-lhes em conjunto com a sua multidão: por um lado, matou o próprio líder do povo [Árabe], Abderramão, destruindo completamente, por outro lado, uma multidão não fácil de contar junto ao rio Erídano[1069]. Causou espanto e foi amado pelo povo, não só por causa disto, como também por causa de outros feitos.

Ele lidera então o [seu] povo, sendo o primeiro da etnia [a fazê-lo] sem ser pela linhagem, porquanto o mesmo Estêvão o libertou do falso juramento[1070] para com o rei, tendo também tonsurado o que fora rei antes dele removendo-o para um mosteiro, em honra e paz. Este mesmo Pepino teve dois filhos, Carlos e Carlos Magno, irmão dele.

Nesse mesmo ano faleceu Iázide, que foi emir[1071] dos Árabes durante quatro anos. E foi emir[1072] Isam, o irmão dele, que começou a fundar palácios por todas as regiões e cidades, a fazer plantações, a construir parques e a extrair água. Militou também contra a Romania e, após ter perdido muitos dos que estavam com ele, regressou.

Já Estêvão, o papa de Roma, fugiu para os Francos.

[1067] τριχοραχάται

[1068] χειροτονεῖ: em contexto religioso, esta palavra poderia ser traduzida por "ordenar". Uma vez que é aplicada a um leigo, também poderia ser traduzida por "eleger" ou "investir". Este último sentido será aquele que será prevalecente, mais tarde, no Ocidente Latino.

[1069] Ἠριδανὸν: trata-se do rio Ródano.

[1070] ἐπιορκίας

[1071] ἀμηρεύσας: na realidade foi Califa, mas para esta última palavra Teófanes costuma usar a palavra πρωτοσύμβουλος.

[1072] ἀμηρεύει: ver nota anterior.

A.M. 6217

Neste ano, o ímpio[1073] imperador Leão começou a falar acerca da destruição dos santos e augustos ícones[1074]. Gregório, o papa de Roma, ao saber isto, impediu [o pagamento dos] tributos de Itália e de Roma, tendo escrito para Leão uma carta dogmática[1075], segundo a qual o imperador não devia fazer discursos sobre a Fé e fazer inovações nos dogmas antigos da Igreja, que haviam sido dogmatizados pelos santos Padres.

Nesse mesmo ano, também uma torrente invernal criou uma enchente, entrou na cidade de Edessa e enterrou muitos.

A.M. 6218

Neste ano, Maslama militou contra Cesareia, na Capadócia, e ocupou-a. E ocorreu uma mortandade[1076] na Síria. Os camelos do Califa foram queimados em Santo Elias. Moáuia, filho de Isam, por seu turno, militou contra a România e, depois de ter marchado por ela, regressou.

Neste mesmo ano, na indicção nona, na época do verão, um vapor, como que vindo de um forno de fogo, ferveu entre as ilhas de Tera e de Terásia, do fundo do mar, durante alguns dias. Começou a ficar, gradualmente, espesso e sólido, por causa da inflamação do material ígneo, pelo que todo o fumo surgia semelhante ao fogo. Então, por causa da densidade da substância térrea, projetou leitos de pedra-pomes, grandes como colinas, contra toda a Ásia Menor, Lesbos, Abido e a Macedónia Marítima, de tal forma que encheu toda a face daquele mar com pedras-pomes flutuantes. No meio de um tal fogo, criou-se uma ilha, que dantes não existia e que se juntou à chamada Ilha Sagrada. Tal como as ilhas anteriormente referidas – Tera e Terásia – foram em tempos projetadas, assim também [aconteceu com] esta, nos anos de Leão, que lutava contra Deus[1077].

[1073] δυσσεβὴς

[1074] τῆς κατὰ τῶν ἁγίων καὶ σεπτῶν εἰκόνων καθαιρέσεως λόγον ποιεῖσθαι: não é claro se esta passagem se refere a meras conversações sobre a destruição dos ícones, se a discursos públicos, ou mesmo a pequenas obras panfletárias iconoclastas.

[1075] ἐπιστολὴν δογματικήν

[1076] θανατικὸν: *i.d.*, peste.

[1077] θεομάχου

Este julgou que a ira divina[1078] – que estava contra ele – estava por ele, ao que levantou uma guerra mais implacável contra os santos e augustos ícones[1079], tendo como colega de guerra Beser, o renegado e rival da mesma sem-razão. Efetivamente, ambos eram repletos de uma falta de educação[1080] e de todo o tipo de conhecimento, da qual vêm muitos dos males. Por seu turno, as multidões estavam muito conturbadas por toda a cidade imperial, por causa dos seus vãos ensinamentos, sendo que se preparavam para ir ter com ele. Também mataram alguns homens imperiais[1081] que estavam a retirar o ícone do Senhor[1082] que estava em cima da Grande Porta de Bronze, ao ponto de muitos deles terem sido castigados, por causa da sua piedade[1083], com a mutilação de membros e com bastonadas e exílios e penas, sobretudo aqueles que se destacavam pela nobreza e pelo discurso: de tal forma que as escolas[1084] foram extintas, assim como a pia educação, que vigorara desde Constantino o Grande, que está entre os santos, até agora. Para esta, assim, como para muitas outras coisas belas, Leão, o que pensava como os Sarracenos[1085], foi um destruidor.

Entretanto, [os soldados] Heládicos[1086], assim como os das ilhas Cíclades, após terem entrado em acordo entre si, e movidos por um zelo divino[1087], revoltam-se contra ele, em grande luta naval. Tinham um certo Cosme como candidato à coroa, sendo que Agaliano, *tourmarcha* dos Heládicos, liderava o exército, tal como Estêvão. Estes aproximaram-se da cidade imperial no dia dezoito de abril da décima indicção e encontraram-se em batalha com os Bizantinos. São derrotados em virtude de os outros terem queimado as naves com o fogo artificial. Então alguns afundaram-se junto à Cisterna, entre os quais o próprio Agaliano, que se submergiu armado; os sobreviventes, por seu turno, passaram para o lado do vencedor. E cortaram as cabeças de Cosme e de Estêvão. Assim

[1078] θείαν ὀργὴν
[1079] κατὰ τῶν ἁγίων καὶ σεπτῶν εἰκόνων
[1080] ἀπαιδευσίας ἦσαν ἔμπλεοι
[1081] βασιλικοὺς ἀνθρώπους
[1082] τὴν τοῦ κυρίου εἰκόνα
[1083] εὐσεβείας
[1084] παιδευτήρια
[1085] σαρακηνόφρων
[1086] Ἑλλαδικοί: *i.d.*, os soldados do *thema* heládico.
[1087] θείῳ κινούμενοι ζήλῳ

Leão, o ímpio[1088], cresce em maldade, tal como os seus colaboradores, esticando a perseguição contra a Fé[1089] .

Por volta do solstício de verão dessa mesma décima indicção, após a má vitória dos [nossos] conterrâneos, um grupo [liderado por] dois Sarracenos dispõe-se contra Niceia, na Bitínia. Amer avançava à frente com quinze mil batedores e circundou a cidade, que não estava preparada; Moáuia seguiu-o com outros oitenta e cinco mil. Estes, após um grande cerco e a destruição parcial das muralhas, não conseguiram tomá-la, graças ao templo, que lá está, dos honrados santos Padres, [designadamente] através das aceitáveis súplicas dirigidas a Deus, lá onde as suas reverendas imagens[1090] estão colocadas até agora e cultuadas[1091] pelos que acreditavam como eles[1092].

Por outro lado, Constantino, um certo *strator* de Artabasdo, ao ver colocada [para culto] uma imagem da Mãe de Deus[1093], pegou numa pedra, atirou-a contra ela, esmagou-a e, quando ela estava caída, pisou-a. Depois ele contemplou, num sonho, a Senhora hirta perante ele, dizendo-lhe: "Vês que coisa nobre fizeste contra mim? Assim o fizeste contra a tua própria cabeça!" No dia seguinte, estando os Sarracenos a investir contra a muralha, e tendo-se dado batalha, aquele desgraçado correu para a muralha como um soldado nobre e foi acertado por uma pedra lançada por uma catapulta, que lhe esmaga a cabeça e a face: uma retribuição digna da impiedade que ele próprio carregava. [Os Árabes], depois, após terem feito muitos cativos e reunido muitos despojos, regressaram. Deus monstrou assim ao ímpio[1094] que não foi por causa da sua piedade que ele prevalecera sobre os conterrâneos, como se vangloriava, mas por causa de uma certa causa divina e de uma resolução secreta. Pois a cidade dos Santos Padres afastou tamanha força Árabe pelas preces intercessórias destes, por intermédio dos muito exatos ícones

[1088] ὁ δυσσεβὴς
[1089] κατὰ τῆς εὐσεβείας διωγμόν
[1090] σεβάσμοι αὐτῶν χαρακτῆρες
[1091] τιμώμενοι
[1092] ὁμοφρόνων
[1093] ἰδὼν εἰκόνα τῆς θεοτόκου ἑστῶσαν
[1094] τῷ ἀσεβεῖ: *i.d.*, a Leão III

cultuados nela[1095], para refutação, contestação e julgamento sem defesa do tirano, assim como para confirmação dos que eram pios.

Efetivamente, o ímpio não somente estava em erro no que concerne ao culto relativo dos augustos ícones[1096], como também em relação às preces de interceção da Completamente Santa Mãe de Deus e de todos os santos[1097]. O desgraçado[1098] até abominava as relíquias deles, tal como os seus mestres Árabes. A partir desta altura, ele começou a afligir de forma desavergonhada o beato Germano, o patriarca de Constantinopla, censurando todos os imperadores antes dele e arcebispos dos povos Cristãos, como sendo idólatras relativamente ao culto dos santos e augustos ícones[1099]. Ele não era capaz de compreender, por causa da falta de fé e de educação, o argumento da veneração relativa.

A.M. 6219

Neste ano, Moáuia tomou a fortaleza de Ateos e regressou.

A.M. 6220

Neste ano o filho do Grão-cã, do senhor da Cazária, militou contra a Média e contra a Arménia. Encontrou Gáraco, o general dos Árabes, e matou-o na Arménia, em conjunto com a multidão que estava com ele. Depois de ter pilhado a terra dos Armenos e dos Medos, regressou, tendo incutido um grande medo aos Árabes.

A.M. 6221

Neste ano, Maslama militou contra a terra dos Turcos e, depois de eles se encontrarem uns contra os outros em batalha, caem [muitos soldados] de ambas as partes. Maslama, então, acobardou-se e recorreu à fuga. Regressou pelas montanhas da Cazária.

[1095] διὰ τῶν ἐν αὐτῇ τιμωμένων ἀκριβεστάτων αὐτῶν χαρακτήρων

[1096] περὶ τὴν σχετικὴν τῶν σεπτῶν εἰκόνων […] προσκύνησιν: o conceito de «veneração relativa» (σχετικὴ προσκύνησις) reporta-se à terminologia teológica que vai começar a surgir por esta altura. A veneração é relativa no sentido em que ela não remete para o material que constitui o ícone, mas sim para o protótipo nela representado.

[1097] περὶ τῶν πρεσβειῶν τῆς πανάγνου θεοτόκου καὶ πάντων τῶν ἁγίων

[1098] ὁ παμμίαρος

[1099] ὡς εἰδωλολατρήσαντας ἐπὶ τῇ προσκυνήσει τῶν ἁγίων καὶ σεπτῶν εἰκόνων

Nesse mesmo ano, Leão, o ilegítimo imperador[1100], enervado contra a fé correta, conduziu [para si] o beato Germano e começou a seduzi-lo com palavras lisonjeiras. O beato arcebispo, porém, disse-lhe: "Ouvimos que está para ocorrer a destruição dos santos e augustos ícones, mas não durante o teu reinado." O outro, compelido, disse: "[Então] durante o reinado de quem?" Respondeu: "De Conão" O outro disse: "O meu nome batismal é, na realidade, Conão." O patriarca disse: "Não se concretize tal mal, ó imperador[1101], através do teu império! De facto, aquele que isso fizer é o percursor do Anticristo e o destruidor da Encarnada Economia Divina[1102]!" O tirano levou a mal estas coisas e atacou o beato, tal como Herodes, outrora, atacara o Precursor[1103]. O patriarca, porém, recordou-lhe também os acordos feitos antes do império dele, pelos quais ele fez um acordo ajuramentado[1104] em como em nada causaria a vacilação da Igreja de Deus, dos seus apostólicos rituais dados por Deus[1105].

Mas o desgraçado[1106] nem assim se envergonhou. Esforçou-se por espiar e enviesar alguns discursos dele, a ver se eventualmente o encontraria a fazer algo contra o império, para que o depusesse do trono como traidor e não como confessor. Para o efeito, tinha como colaborador e partidário Anastásio, aluno e sincelo dele, preparando para este, em virtude de ter um igual pensamento no que concerne à impiedade[1107], uma adúltera sucessão do trono [patriarcal]. O beato não desconhecia que isto estava enviesadamente disposto desta maneira: imitou, porém, o seu próprio Senhor[1108], recordando sábia e mansamente as coisas relativas à traição, como que para com outro Iscariotes. Mas depois de ver que o outro errava sem se poder converter, a certa altura virou-se para ele – que lhe calcara a orla posterior do seu manto, quando estava a ir ter com o imperador – e

[1100] ὁ παράνομος βασιλεύς
[1101] δέσποτα
[1102] Ἀντιχρίστου γάρ ἐστι πρόδρομος ὁ τοῦτο πληρῶν καὶ τῆς ἐνσάρκου θείας οἰκονομίας ἀνατροπεύς
[1103] τῷ προδρόμῳ: *i.d.*, S. João Batista.
[1104] θεὸν ἐγγυητήν: à letra, «uma segurança divina»
[1105] τῶν αὐτῆς ἀποστολικῶν καὶ θεοπαραδότων θεσμῶν
[1106] ὁ ἄθλιος
[1107] ὡς τῆς ἀσεβείας ὁμόφρονι
[1108] δεσπότην

disse: "Não te apresses: em boa hora chegarás a entrar pelo *Diippion*[1109]!".

Ele [Anastásio] ficou perturbado por causa desta frase, juntamente com outros que a ouviram, e não compreendeu a previsão. Esta encontrou uma ocasião [de se manifestar] passados quinze anos, no terceiro ano de Constantino o Perseguidor[1110], na indicção décima segunda, convencendo a todos que ela fora vaticinada ao desgraçado por uma graça divina[1111]. Efetivamente, Constantino, após a revolta do seu cunhado Artabasdo, apoderou-se do império e açoitou este Anastásio, em conjunto com outros inimigos, e pompeou-o nu durante uma corrida de cavalos, através do *Diippion*, sentado em cima de um burro e virado para trás, por ele lhe ter dado o grito do "Desenterra!"[1112] frente aos seus inimigos, e por ter ele coroado Artabasdo, tal como será narrado no seu devido lugar.

Em Bizâncio, este santo e providencial Germano floresceu como um guerreiro dos dogmas a favor da piedade[1113], lutando uma luta selvagem contra Leão, que tinha um nome correspondente, assim como contra os correligionários dele. Na Roma mais velha, por outro lado, Gregório, o muito santo homem apostólico com o mesmo trono que Pedro, o corifeu[1114], distinguiu-se pela palavra e pela ação e afastou Roma, a Itália e todo o Ocidente da submissão cívica e eclesiástica a Leão e ao império sob ele. Por sua vez, em Damasco, na Síria, João *Chrysorrhoas*[1115], presbítero e monge, o filho de Mansur, um ótimo mestre, ilustrou-se na vida e na palavra. Mas [Leão] expulsa Germano do trono, como se ele estivesse sob a jurisdição dele[1116]. Já Gregório, através de cartas conhecidas da

[1109] εἰς τὸ διίππιν: o *Diippion* correspondia à entrada do Hipódromo. Alude-se assim à morte violenta de Anastácio, no tempo de Constantino V.
[1110] διώκτου
[1111] ἐκ θείας χάριτος
[1112] συνανασκάψαντα
[1113] πρόμαχος τῶν ὑπὲρ εὐσεβείας δογμάτων ὁ ἱερὸς οὗτος καὶ θεσπέσιος
[1114] ὁ πανίερος ἀποστολικὸς ἀνὴρ καὶ Πέτρου τοῦ κορυφαίου σύνθρονος
[1115] ὁ Χρυσορρόας: *i.e.*, "que escorre oiro", em alusão à sabedoria das suas palavras, mais conhecido por S. João Damasceno.
[1116] ὡς ὑπ᾽αὐτὸν ὄντα: expressão que também poderá ser traduzida por «por estar sob a jurisdição dele». É este o sentido das traduções de Mango e Scott e de João Classeno. É uma opção que dá à partícula ὡς um valor causal, sendo este um uso que também se verifica noutras passagens da *Cronografia*. Todavia, neste contexto em particular, e dada a forma como a passagem põe a nu as

maioria, reprova-o de forma manifesta. E João, juntamente com os bispos do Oriente, depõem o ímpio com anátemas.

Depois, no dia sete de janeiro da décima terceira indicção, numa terça-feira, o ímpio Leão reuniu avulsamente[1117] um *silentium* contra os santos e augustos ícones, no tribunal dos dezanove Acubitários, tendo convocado também o santíssimo patriarca Germano, pois acreditava que o convenceria a subscrever contra os santos ícones. Porém, o nobre servo de Cristo, de forma alguma convencido pela execrável má piedade dele, disse de forma reta a doutrina da Verdade e afastou-se do arcebispado. Entregou o omofório e disse, após muitas palavras de ensinamento: "Se eventualmente eu for Jonas, atirai-me para o mar. Pois, na ausência de um concílio ecuménico, é-me impossível fazer inovações na Fé, ó imperador!". Afastou-se para o chamado Platânio, para a sua casa ancestral, e repousou[1118], tendo sido arcebispo catorze anos, cinco meses e sete dias. No dia vinte e dois do mesmo mês de janeiro, [os outros] nomeiam Anastásio, o falso aluno e sincelo do mesmo beato Germano, que estava de acordo com a impiedade de Leão, tendo sido eleito pseudobispo de Constantinopla em virtude de uma sede pelo poder secular[1119].

Gregório, por sua vez, o sacerdote que presidia em Roma[1120], tal como foi dito, renegou Anastásio, em conjunto com os libelos [da sua ordenação] e repreendeu Leão como estando a ser ímpio, através de cartas. Afastou Roma, com toda a Itália, do império dele. O tirano, então, perdendo a cabeça, esticou a perseguição contra os santos ícones[1121]. Muitos clérigos, monges e reverendos leigos correram perigo por causa da fé ortodoxa, tendo-se cingido com a coroa do martírio.

---

relações entre imperador e Igreja, optamos por ler neste ὡς uma partícula comparativa que expressa condicionalidade.

[1117] ἐκρότησε

[1118] ἡσύχασεν

[1119] διὰ φιλαρχίαν κοσμικήν

[1120] ὁ ἱερὸς πρόεδρος Ῥώμης

[1121] ἐπέτεινε τὸν κατὰ τῶν ἁγίων εἰκόνων διωγμόν

A.M. 6222

Neste ano, Maslama militou contra a România e, quando chegou à Capadócia, tomou, através de um dolo, a fortaleza de Carsiano.

A.M. 6223

Neste ano, Maslama militou contra a Turquia e, tendo chegado às portas Cáspias, regressou amedrontado.

A.M. 6224

Neste ano, o imperador Leão casou a filha do Grão-cã, senhor dos Citas, com o seu filho Constantino, fazendo dela cristã e chamando-lhe Irene. Ela, depois de ter aprendido bem as Letras Sacras[1122], foi proeminente em piedade, repreendendo a impiedade daqueles outros.

Já Moáuia, o filho de Isam, militou contra a România e, tendo chegado até à Paflagónia, regressou com muitos cativos.

O imperador estava furibundo contra o papa e contra a secessão de Roma e da Itália e, depois de armar uma grande armada, envia contra eles Manes, o general dos Cibireotas, fazendo-o chefe deles. O vão homem, porém, foi envergonhado quando a frota sofreu um naufrágio no mar Adriático. Então o que lutava contra Deus[1123] enfureceu-se ainda mais e, possuído pela sua compreensão arábica, impôs impostos *per capita* à terceira parte do povo da Sicília e da Calábria. Ordenou, por outro lado, que os chamados Patrimónios dos santos e corifeus Apóstolos, que são honrados na Roma mais antiga, fossem entregues ao tesouro público – eles, que outrora pagavam às igrejas três talentos e meio de ouro. Determinou ainda que se vigiassem e se registassem os bebés machos recém-nascidos, tal como o Faraó fez outrora aos dos Hebreus: coisa que nem os mestres Árabes dele alguma vez fizeram em relação aos Cristãos que estão pelo Oriente.

[1122] τὰ ἱερὰ γράμματα
[1123] θεομάχος

A.M. 6225

Neste ano, ocorreu uma mortandade na Síria: e muitos morreram.

A.M. 6226

Neste ano Teodoro, o filho de Mansur, foi exilado para as partes do deserto. E verificou-se um sinal no céu que brilhava como o fogo. E Moáuia pilhou a Ásia.

A.M. 6227

Neste ano Solimão, o filho de Isam, militou contra a terra dos Armenos e nada alcançou.

A.M. 6228

Neste ano, Moáuia militou contra a Romênia e, passados não muitos dias depois de ter regressado, caiu do cavalo e faleceu.

A.M. 6229

Neste ano Solimão, o filho de Isam, após ter feito muitos cativos na Ásia, fez também cativo um certo Pergameno, que dizia ser Tibério, filho de Justiniano. Isam, então, envia-o para Jerusalém, para honrar o seu próprio filho e amedrontar os imperadores, com um aparato imperial correspondente: soldados, grupos de soldados e cetros. E ordenou que andasse por toda a Síria, com grande honra, para espanto e consternação de todos.

A.M. 6230

Neste ano, Solimão, o filho de Isam, militou contra a Romênia. Pilhou a chamada fortaleza de Sídero e tomou como cativo Eustácio, o filho do patrício Mariano.

A.M. 6231

Neste ano, no mês de maio, indicção oitava, Solimão militou contra a Romênia com noventa mil homens e quatro generais. Um deles, Gamer, liderava, em emboscada, milhares de batedores nas partes da terra asiática. Seguiam-lhe Melique e Batal com vinte mil

cavaleiros, perto de Acroino: e após eles Solimão com sessenta mil, perto de Tiana, na Capadócia.

Os soldados, tendo feito uma grande captura de homens, mulheres e animais por toda a Ásia e Capadócia, regressaram incólumes; já os que estavam em torno de Melique e Batal, em Acroino, foram atacados por Leão e Constantino e foram derrotados. A maioria morreu em combate, juntamente com os dois chefes: porém, oitocentos guerreiros deles resistiram contra seis mil soldados[1124] e refugiaram-se em Sinada. Salvaguardados, juntaram-se a Solimão e regressaram à Síria.

Neste mesmo ano, também muitos foram mortos por eles[1125] por toda a África, juntamente com o general, chamado Damasceno.

A.M. 6232

Neste ano, o vigésimo quarto do império do tirano e celeradíssimo Sírio, Leão, os mercados em Damasco foram queimados pelos Heracitas, que foram depois enforcados. E a torrente [do rio] entrou por Edessa no mês de Perítio, dia vinte e oito.

Neste mesmo ano também ocorreu um grande e assustador sismo em Constantinopla, no mês de outubro, dia vinte e seis, na indicção nona, a uma quarta-feira, na hora oitava: caíram igrejas e mosteiros, e morreu ainda muito povo[1126]. Caiu também a estátua que estava sobre a porta de Átalo, do grande Constantino, juntamente com [a estátua do] mesmo Átalo, assim como a estátua de Arcádio, a que estava em cima da coluna de Xerólófo. Caíram ainda a estátua do grande Teodósio, que estava sobre a Porta Dourada, as muralhas terrestres da cidade e as cidades e as vilas da Trácia, e ainda Nicomédia, na Bitínia, e Preneto e Niceia, na qual uma só igreja se salvou. Além disso, o mar afastou-se do seu lugar próprio em alguns sítios: e o sismo teve força durante doze meses.

O imperador, portanto, ao ver as muralhas da cidade caídas, falou para o povo, dizendo: "Vós não podeis construir as muralhas,

[1124] ὀκτακόσιοι δέ που μαχηταὶ ἐξ αὐτῶν πρὸς ἓξ χιλιάδας ἐνστάντες: passagem pouco clara, que também pode ser traduzida por "seis mil et oitocentos deles resistiram".
[1125] παρ᾽αυτῶν: não é claro quem sejam "eles", neste contexto.
[1126] λαὸς τε πολὺς

mas nós encomendámos a obra aos administradores[1127] e eles exigem, por cada pedaço de ouro, um miliarésio a mais do que está estabelecido. O império vai tomar esta quantia e reconstruir as muralhas." Foi assim, pois, que começou a ter força o costume de se dar duas *dikerata* aos administradores. Foi no ano 6248 desde a criação do universo, isto é, desde Adão, de acordo com os Romanos; foi no ano 6232 de acordo com Egípcios, ou seja, de acordo os Alexandrinos; foi no ano 1063 desde Filipe, de acordo com os Macedónios. Leão, pois, foi imperador desde o dia vinte e cinco de março da décima quinta indicção até ao mês de junho, dia dezoito, da nona indicção, tendo reinado vinte e quatro anos, dois meses e vinte e cinco dias. Da mesma forma também Constantino, o filho dele, e sucessor tanto da impiedade como do império dele, [foi imperador] desde o dia dezoito de junho da nona indicção até ao dia catorze de setembro da décima quarta indicção, reinando também ele, com a permissão de Deus[1128], trinta e quatro anos, três meses e dois dias.

Assim, portanto, tal como dissemos, no mesmo ano da nona indicção, no mês de junho, dia dezoito, Leão morreu a morte [corporal] em conjunto com a morte espiritual[1129], e foi imperador, Constantino, o filho dele. E tanto quanto de mau aconteceu aos cristãos sob o ímpio Leão em torno da fé ortodoxa e em torno da administração das coisas políticas, por causa dos pensamentos de um feio lucro e da avareza, por toda a Sicília, Calábria e Creta, e ainda a apostasia da Itália por causa da sua má piedade, e ainda os sismos, as fomes, as pestes e revoltas de povos – para que cale parte das coisas – tudo isso foi revelado nos capítulos anteriores.

De resto, é digno também narrar, por ordem, e fazê-lo de uma forma clara - os feitos sem-lei do impiíssimo e desgraçado filho dele, que foram ainda mais ímpios e abomináveis a Deus, mas de uma forma amorosa[1130], visto que Deus Omnipresente nos vê, para ajudar aqueles que depois e agora, miseráveis e malvados desgraçados, vagueiam pela abominável má piedade do celeradíssimo[1131]:

[1127] διοικηταῖς: Mango e Scott traduzem por "tax-collectors".
[1128] παραχωρήσαντος
[1129] σὺν τῷ ψυχικῷ καὶ τὸν σωματικὸν θάνατον
[1130] φιλαλήθως
[1131] παρανομωτάτου, *i.d.*, de Constantino V. Referência aos iconoclastas do seu próprio tempo.

contando as coisas realizadas impiamente desde a décima indicção, primeiro ano do império dele, até à indicção décima quarta, ano da sua morte.

De facto, esta destrutiva e estupidificada fera sedenta de sangue e de ouro, fazendo uso do poder de forma tirânica e não legal, em primeiro lugar afastou-se do nosso Deus e Senhor Jesus Cristo e da pura e muito santa Mãe Dele, e de todos os santos, enganado por magias e licenciosidades e sacrifícios de cavalos[1132] e ainda por excrementos e urina, alegrando-se também com delicadezas[1133] e súplicas a demónios. Desde a tenra idade que ele se imiscuía facilmente em todos os costumes destruidores do espírito.

Após ter recebido o poder pátrio em conjunto com a maldade, será necessário dizer como desde o início o abominável[1134] gerou maldade e como acendeu às claras uma chama para o ar? De facto, um desfalecimento de ânimo não pequeno tomou os Cristãos que a viam [à chama], ao ponto de todos o odiarem logo desde o início, por causa da sua insolência, e de aceitarem Artabades, *couropalates* e *comes* de Opsício, que era familiar dele por parte da irmã Ana, e de lhe entregarem o império como a um ortodoxo[1135].

Nesse mesmo ano Isam, o líder dos Árabes, matou os cristãos cativos em todas as cidades sob o seu poder, entre os quais também Eustácio, o beato filho de Mariano, patrício destacado, que sofreu muitas coisas sem ter renunciado à sua pura fé. Revelou-se como um verdadeiro mártir em Harran, uma cidade distinta da Mesopotâmia, onde também as suas veneráveis e santas relíquias, pela graça divina[1136], realizam curas de todo o tipo. E muitos outros foram mortos em Cristo, pelo martírio e pelo sangue.

A.M. 6233

Neste ano Constantino, o perseguidor dos rituais transmitidos pelos Padres[1137], foi imperador, por decisões divinas e em virtude da multidão dos nossos pecados[1138]. Então, no dia vinte e sete do mês

[1132] αἱμοθυσίαις καβαλλίαις
[1133] μαλακίαις
[1134] παμμίαρος
[1135] ὡς ὀρθοδόξῳ: a passagem também poderá ser traduzida por "por ser ele ortodoxo".
[1136] θείᾳ χάριτι
[1137] διώκτης τῶν πατροπαραδότων θεσμῶν
[1138] θείοις κρίμασι καὶ πλήθει πταισμάτων ἡμῶν

de junho, na seguinte décima indicção, ele saiu para as regiões do Opsício e avançou contra os Árabes, no chamado Craso. Estando o referido Artabasdo em Dorileu com o exército[1139] do Opsício, eles começaram a olhar um para o outro com suspeitas. Constantino, porém, após lher ter enviado [um mensageiro], começou a pedir que lhe enviasse os seus filhos, por ter saudades dos seus sobrinhos. Era seu objetivo, porém, tomá-los e vigiá-los. O outro compreendeu o dolo e, desesperado de si, pois sabia da maldade sem termo dele, falou com o exército[1140] e convenceu-o, pelo que avançou contra ele juntamente com toda a multidão.

Matou à espada, por um lado, Beser, o que pensava como os Sarracenos[1141] e que tinha saído de antemão ao seu encontro; Constantino, por outro lado, tendo encontrado um boleeiro montado, subiu para ele e fugiu para Amório. Correu depois para o *thema* dos Anatólicos, que era então liderado por Lancino, e é salvo pelos soldados de lá, sendo que depois os honrou com grandes promessas. E logo envia [um mensageiro] a Sisinácio, que era general, na altura, do *thema* das Trácias, e convence-os [aos soldados do *thema*] a militar por ele. Daqui advêm aos súbditos [do império] batalhas muito terríveis e conflitos, sendo que ambos eram aclamados como imperadores.

Artabasdo, por seu turno, escreve ao patrício e *magister* Teófanes, o responsável na cidade [imperial], através do *silentiarius* Atanásio, as coisas ocorridas. O referido Teófanes, então, tendo-se inclinado favoravelmente para Artabasdo, congregou o povo[1142] nas galerias da Grande Igreja e, através da carta e do referido Atanásio, convence-os de que o imperador tinha morrido e de que, por sua vez, Artabasdo havia sido aclamado imperador pelos *themata*. Assim todo o povo[1143], juntamente com Anastásio, o falso patriarca[1144], o expulsa com um anátema e com o grito do "Desenterra!"[1145], como sendo ele miserável e contrário a Deus. Receberam graciosamente a sua morte, por se verem livres de um grande mal, e começaram a

[1139] λαοῦ
[1140] λαῷ
[1141] τὸν σαρακηνόφρονα
[1142] λαόν
[1143] λαός
[1144] ψευδωνύμῳ πατριάρχῃ
[1145] ἀνασκαφῇ

aclamar Artabasdo como imperador, como sendo ele ortodoxo e lutasse pelos divinos dogmas[1146].

Depois [Teófanes] o Monotes logo envia [uma mensagem] para as regiões trácias, para Nicéforo, o seu próprio filho, que era general da Trácia, a fim de que ele reunisse o exército de lá para vigia da cidade. Fechou, deste modo, os portões da cidade e estabeleceu vigias. Subjugou, por outro lado, os filhos de Constantino e, depois de os açoitar e tonsurar, colocou-os em prisões. Em contrapartida, estando Artabasdo a entrar na cidade com o exército[1147] do Opsício, também Constantino chegou à Porta Dourada com os dois *themata*, o das Trácias, digo, e o dos Anatólicos: e, nada tendo alcançado, regressou e invernou em Amório. Por sua vez, Artabasdo voltou a colocar as santas imagens por toda a cidade.

Já os Árabes, apercebendo-se da luta destes uns contra os outros, fizeram muitos cativos na Romania, sendo que Solimão os comandava. Entretanto Anastásio, o falso patriarca[1148], apoderou-se da Venerável e Vivificante Cruz[1149] e jurou perante o povo: "[Juro], por Aquele que foi pregado nesta [Cruz], que assim me disse o imperador Constantino: ´Não julgues que aquele a quem Maria deu à luz era o Filho de Deus, o chamado Cristo, mas sim um simples homem. Efetivamente, Maria deu-O à luz tal como a minha mãe Maria me deu a mim à luz.´" E a população[1150], ao ouvir isto, deu-lhe o grito do "Desenterra!"[1151].

A.M. 6234

Neste ano faleceu Isam, o líder dos Árabes. Este, uma vez que a santíssima Igreja de Antioquia estava com sede vacante havia

[1146] ὡς ὀρθόδοξον καὶ θείων δογμάτων ὑπέρμαχον: mais uma vez, o uso da partícula ὡς poderá permitir a tradução: "por ser ele ortodoxo e por lutar pelos dogmas ortodoxos." A nosso ver, dado que não há referências explícitas à ortodoxia de Artabasdo (através de epítetos, por exemplo), achamos que o valor condicional é o mais adequado.
[1147] λαοῦ
[1148] ψευδώνυμος πατριάρχης
[1149] τὰ τίμια καὶ ζωοποιά ξύλα
[1150] οἱ λαοί
[1151] ἀνέσκαψαν

quarenta anos[1152], sendo que os Árabes proibiam que se nomeasse nela um patriarca, tinha como amigo um certo Sírio que vivia uma vida solitária[1153]. Ele, Estêvão de nome, era, por um lado, rusticíssimo, mas, por outro, reverente. Isam permitiu aos cristãos do Oriente, caso quisessem que lhes fosse permitido ter um patriarca, que elegessem o mesmo Estêvão. Eles pensaram que isto ocorria por obra divina[1154], pelo que o elegeram para o trono de Teópolis. Esta permissão[1155] vigora desde então até agora.

Neste ano Ualide, filho de Isam, tomou o poder dos Árabes. Constantino envia-lhe André, o *spatharios*, ao passo que Artabasdo envia Gregório, o *logothetes*, procurando ambos um auxílio militar. Houve também uma grande seca e um sismo nalguns lugares, de tal modo que as montanhas se uniram umas às outras pelo deserto de Saba e aldeias foram engolidas debaixo do solo.

Nesse mesmo ano, Cosme, o patriarca de Alexandria, passou para a fé ortodoxa[1156] em conjunto com a sua cidade, saindo da má piedade[1157] dos Monotelistas, que havia vigorado desde Cirro, o bispo de Alexandria, no tempo de Heráclio.

Por seu turno, Gamer militou contra a Romania com uma multidão de Árabes e, tendo feitos muitos cativos, regressou. Apareceu ainda um sinal no céu, para o norte, no mês de junho.

Já Ualide ordenou que se cortasse a língua a Pedro, o santíssimo metropolita de Damasco, como tendo ele reprovado aos olhos de todos a fé errada[1158] dos Árabes e dos Maniqueus. Exilou-o para a Arábia Feliz, onde também morre, após ter demonstrado um martírio[1159] por Cristo e de ter cantado a Divina Liturgia de uma forma clara[1160], tal como dizem que ocorreu aqueles que o narraram, tendo-o ouvido com os seus próprios ouvidos.

[1152] οὗτος τὴν ἁγιωτάτην ἐκκλησίαν τῆς Ἀντιοχείας ἐπὶ μ᾽ χρόνους χηρεύουσαν: a construção frásica desta passagem é irregular, sendo que não há um verbo para a primeira oração. O sentido semântico, porém, é fácil de intuir.
[1153] μονάζοντα
[1154] θεόθεν
[1155] ἀκώλυτον
[1156] ὠρθοδόξησε
[1157] κακοδοξίας
[1158] δυσσέβειαν
[1159] μαρτυρήσας
[1160] τρανῶς θείαν λειτουργίαν

Pedro de Maiuma, imitador e homónimo deste, foi proclamado, nesses mesmos anos, mártir voluntário por Cristo[1161]. De facto, detido por uma doença, chamou os mais destacados dos Árabes, que tinham o costume de estar com ele, por ser ele cartulário dos impostos públicos, e diz-lhes: "Que possais receber um salário, vindo de Deus, por me visitardes, mesmo se calhais de ser amigos sem fé[1162]. Desejo, porém, que vocês sejam testemunhas do meu testamento, que é este: ´todo aquele que não acreditar no Pai, no Filho e no Espírito Santo, no Consubstancial e na Trindade na Unidade, fonte da vida, mutilou-se na alma e é digno do castigo eterno. Tal é também Maomé, o vosso pseudoprofeta, e percursor do Anticristo[1163]: apostatai pois da fantasiosa religião dele[1164], se confiais em mim, que vos testemunho hoje pelo céu e pela terra (pois sou bem inclinado para vós), para não serdes castigados com aquele.´. Os outros, depois de o ouvirem a dizer estas e muitas outras coisas acerca de Deus, foram tomados pelo espanto e por uma perturbação, mas acharam por bem serem pacientes, visto julgarem que ele estava enlouquecido por causa da doença.

Depois de ele ter recobrado da doença, começou a gritar com uma voz ainda maior: "Anátema para Maomé, para as fábulas[1165] dele e para todos os que lhes dão fé!" Então foi eleito mártir[1166], submetido ao castigo da espada. O nosso santo Padre João honrou-o com elogios, o mesmo que é justamente chamado "o do Discurso de Ouro"[1167], em virtude da graça dourada que lhe floresceu do Espírito, tanto na palavra como na vida. Constantino, o ímpio imperador, atirou-lhe com um anátema anual, por causa da ortodoxia que nele se excedia e, em vez do nome pátrio dele, Mansur, que se traduz por Redimido[1168], mudou o nome do novo doutor da Igreja, com uma disposição judaica, para Manzero.

Nesse mesmo ano, Ualide transferiu os Cipriotas para a Síria. Artabasdo, por seu turno, nomeou Nicetas, o seu filho, como

[1161] μάρτυς ὑπὲρ Χριστοῦ αὐτόμολος
[1162] ἄπιστοι
[1163] ὁ ψευδοπορφήτης ὑμῶν, καὶ τοῦ Ἀντιχρίστου πρόδρομος
[1164] τῆς ἐκείνου μυθολογίας: traduzido à letra: «da mitologia daquele»
[1165] μυθογραφία
[1166] μάρτυς ἀνεδείχθη
[1167] Χρυσορρόας: *i.e.*, João Damasceno, "o que escorre oiro".
[1168] λελυτρωμένος

monostrategos e enviou-o para o *thema* dos Armeníacos. De igual modo, coroou Nicéforo, o seu próprio filho, através do patriarca Anastásio.

Nesse mesmo ano, no mês de maio, Artabasdo saiu para as partes do Opsício, chegou à Ásia depois de ter montado um exército e pilhou-a. Então Constantino, ao saber disto, movimentou-se contra ele. Apanhou-o nas partes de Sardes, quando ele vinha de Celbiano, e, após ter entrado com ele em batalha, verte-o em fuga e persegue-o até Cízico. Artabasdo, após ter chegado a Cízico e entrado num *dromon*, refugia-se na cidade [imperial]. No mês de agosto da mesma décima primeira indicção, Nicetas, o *monostrategos*, filho de Artabasdo, após se ter reunido com Constantino em batalha, perto de Modrina, virou as costas e fugiu. [Os seus adversários] mataram o patrício Tirídates, o Armeno, que era então um destacado soldado e primo de Artabasdo, juntamente com outros proeminentes governantes. Ocorreu uma não pequena chacina de ambas as partes, tendo os Armenos e os Armeníacos[1169] lutado contra os Anatólicos e os Tracesianos, que lutavam por Constantino.

O Diabo, princípio do Mal[1170], conduziu tal ferida e mortandade recíproca contra os Cristãos nesses anos que os filhos se movimentavam contra os pais para a carnificina, sem misericódia, e os irmãos contra os irmãos, e eles incendiavam sem piedade as propriedades e casas uns dos outros.

A.M. 6235

Neste ano apareceu um sinal para o norte e uma poeira caiu sobre alguns lugares. Deu-se também um sismo nas Portas Cáspias.

Ualide foi assassinado pelos Árabes no mês de abril, dia dezasseis, numa quinta-feira, tendo governado um ano. E Iázide, o Enganador[1171], toma o poder. Este, após ter esbanjado muito dinheiro, tomou posse de Damasco e ficou com garantias de que governaria os Árabes em Damasco, na Pérsia e no Egito. Maruane, filho de Maomé, que governava a Arménia, ao ouvir estas coisas, chega à Mesopotâmia, a lutar, como parecia, pelos filhos de Ualide e

[1169] Ἀρμενίων τε καὶ Ἀρμενιάκων: os primeiros são os soldados de nação Armena; os segundos são os soldados romanos do *thema* Armeno, ou Armeníaco.
[1170] ἀρχέκακος διάβολος
[1171] Λειψός

opondo-se a Iázide. E, após cinco meses, Iázide morre, deixando Abraím, o irmão dele, como sucessor em Damasco. Maruane opôs-se a este e, tendo do seu lado os soldados da Mesopotâmia, vai para Edessa e daí para as partes de Damasco e do Antilíbano, para um campo chamado Gáris. Ele encontrou-se aí em batalha com Solimão, no rio Litas – que quer dizer o Mau – fá-lo virar costas e elimina vinte mil. Solimão fugiu sozinho com alguns e salvaguardou-se em Damasco. Ao entrar nela, matou os filhos de Ualide, pelos quais Maruane parecia estar a lutar, e saiu de Damasco depois de se ter apropriado de uma quantia considerável de dinheiro. Quando também Maruane chegou a Damasco, matou muitas pessoas proeminentes, assim como os que trabalharam para o assassínio de Uliade e dos seus filhos. Mutilou também muitos. Por outro lado, transferiu o dinheiro e todos os tesouros para Harran, cidade da Mesopotâmia.

No mês de setembro, indicção décima segunda, Constantino chegou até às partes de Calcedónia e passou para as partes da Trácia, ao passo que Sisínio, o general dos Tracesianos, a havia atravessado através de Abido e havia sitiado a muralha terrestre. E, depois de atingir o portão de Cársia, percorreu-o até à Porta Dourada, mostrando-se a si mesmo às multidões. Depois regressou e aquartelou-se em São Mamede.

Os da cidade, por seu turno, começaram a ficar com poucas provisões, pelo que enviaram Atanásio, o *assecretis*, assim como Artabasdo, o *domesticus* dele, para que trouxessem provisões através de embarcações. A frota dos Cibireotas encontrou-os fora de Abido, capturou-os e reconduziu-os para o imperador. [Ele], por um lado, presenteou os seus próprios exércitos[1172] com a comida, cegando de imediato, por outro lado, Atanásio e Artabasdos.

Após estas coisas, pareceu bem a Artabasdo abrir os portões da muralha terrestre e entrar batalha com Constantino. E, tendo ocorrido o recontro, os de Artabasdo viraram as costas: e muitos morreram, entre os quais também Monotes. Por seu turno, uma vez que Artabasdo havia preparado birremes que carregavam o fogo líquido[1173], envia-as para São Mamede, contra a frota dos Cibireotas.

[1172] λαοῖς
[1173] κακκαβοπυρφόρους

Mas, enquanto se afastavam, os dos Cibireotas saíram contra eles e expulsaram-nos.

Deu-se ainda uma forte fome na cidade, ao ponto de o módio de cereal ser vendido por doze moedas, o de legumes por dezanove, o de milho e de tremoços por oito, o de azeite por cinco mensuras de um *nomisma* e o *sextarius* de vinho por um *semissis*. Então, visto que o povo[1174] estava a morrer, Artabasdo foi coagido a libertá-los para que saíssem da cidade. Impediu, porém, alguns [de saírem] e vigiou-os. Foi quando algumas pessoas esconderam as suas próprias caras, revestindo-se com vestes femininas[1175], ao passo que outros o fizeram com o hábito monástico e com uma peruca[1176]: e assim conseguiram esconder-se e sair.

Por seu turno, Nicetas, o *monostrategos*, congregou o seu próprio exército[1177] – aquele que havia sido desintegrado em Modrina – e veio até Crisopólis. Enquanto ele regressava, o imperador passou [os canais] e perseguiu-o pelas costas. Apanhou-o em Nicomédia e subjugou-o em conjunto com o *kourator* Marcelino, que havia sido bispo, a quem de imediato ordenou que fosse decapitado. Por outro lado, após ter aprisionado o *monostrategos*, expô-lo ao pai através da muralha.

Depois, no dia dois do mês de novembro, ele montou repentinamente as linhas de batalha ao entardecer e tomou a cidade pela muralha terrestre. Artabasdo, por seu turno, entrou numa embarcação na companhia do patrício Bactângio e foi para o Opsício durante algum tempo. Em seguida, saiu para a fortaleza de Puzane e aí se fechou. O imperador subjugou-os, tendo cegado Artabasdo em conjunto com os dois filhos, e decapitado, por outro lado, Bactângio no Cinégio, sendo que pendurou a cabeça deste no Milião durante três dias.

Passados trinta anos, o malicioso e sem compaixão imperador[1178] ordenou que a mulher dele fosse para o mosteiro de Cora – pois era lá que ele [Artabasdo] estava sepultado – e que os

[1174] λαοῦ

[1175] ἐκώλυσαν τὰ ἑαυτῶν πρόσωπα: uma outra leitura tem «ἐκαλλώπισαν» em vez de «ἐκώλυσαν», implicando algo como "embelezaram as suas caras", i.d. "pintaram". A tradução de Anastásio Bibliotecário usa o verbo *emundaverunt*, que parece corroborar esta última hipótese.

[1176] τριχίνης στολήν

[1177] τὸν ἴδιον λαόν

[1178] μνησίκακος καὶ ἄσπλαγχνος βασιλεύς

ossos dele fossem escavados, transportados pelo pálio dela e atirados para as sepulturas chamadas de Pelágio, na companhia dos que haviam sido condenados à morte. Que desumanidade! É que ele também matou muitos dos mais destacados que haviam lutado ao lado de Artabasdo, cegando ainda um número incontável de outros. E a outros cortou as mãos e as pernas. Por outro lado, condescendeu em que os oficiais das províncias[1179] que se introduziram com ele na cidade entrassem nas casas e pilhassem as propriedades dos cidadãos. E infligiu à cidade muitas outras coisas más, incalculáveis.

Além disso, ele fez uma corrida de cavalos e trouxe Artabasdo em conjunto com os filhos e os amigos dele, presos, através do *Diippion*, ao mesmo tempo que Anastásio, o falso patriarca[1180]. Este havia sido publicamente espancado e sentado em cima de um burro, virado de costas: conduziu-o assim para a corrida de cavalos e pompeou-o. E, tendo-o aterrorizado e escravizado, colocou-o de novo no trono do sacerdócio, por ser uma pessoa da mesma crença[1181]. Por outro lado, passados quarenta dias, cegou Sisínio, por juízo de Deus[1182], o patrício e general dos Tracesianos, que havia feito muito com ele e que havia lutado com ele, e que ainda por cima era seu primo, através da justa decisão de Deus. Efetivamente, aquele que ajuda ao ímpio cairá nas mãos dele, de acordo com o que está escrito[1183].

A.M. 6236

Neste ano apareceu um grande cometa na Síria. E Tabite[1184] revoltou-se contra Maruane, assim como Daaque[1185], o Arurita. Maruane subjugou-os e matou-os nas montanhas de Emesa, com uma multidão de guerreiros, em número de doze mil.

Neste mesmo ano, a pedido dos Cristãos do Oriente, ele concordou com que Teofilacto, um presbítero edesseno, fosse eleito patriarca de Antioquia, após o falecimento de Estêvão. E ordenou, em despachos públicos, que ele fosse honrado pelos Árabes.

[1179] ἐξωτιοκοῖς ἄρχουσιν
[1180] ψευδωνύμῳ πατριάρχῃ
[1181] ὡς ὀμόφρονα
[1182] τῇ τοῦ θεοῦ δικαίᾳ
[1183] Ecl. 8, 1.
[1184] Θεβὶτ: em transliteração "Thebit".
[1185] Δαχὰκ: em transliteração seria "Dachak"; o mesmo que Dádaco.

Efetivamente, ele era ornado com graças espirituais e, sobretudo, pela prudência[1186].

Por outro lado, ele empalou, em Emesa, cento e vinte Calbenos, e matou na prisão Abbas, aquele que fez correr muito sangue de Cristãos, que pilhara muitos lugares e fizera muitos cativos. De facto, foi-lhe enviado por Maruane um certo Etíope, que encheu um saco com cal viva e, ao colocá-la sobre a cabeleira e as narinas dele, asfixiou-o, incutindo assim uma justa pena a um mágico. Pois ele conjurara, através de magias e invocações de demónios, muitas coisas más aos Cristãos. Ele também tomara parte no sangue de Ualide.

A.M. 6237

Neste ano Solimão, após ter reunido os seus exércitos, entrou de novo em batalha com Maruane. E é derrotado, tendo perdido sete mil homens do exército[1187]. Fugindo refugia-se em Palmira, e daí [foi para] a Pérsia.

Os Emessenos, os Heliopolitas e os Damascenos também se revoltaram, fechando as cidades a Maruane. O qual, tendo enviado o seu próprio filho com uma força contra Daaque, se dirigiu para Emesa, que tomou em quatro meses. Daaque estava a vir da Pérsia com uma grande força. Então Maruane, depois de se ter encontrado com ele em batalha na Mesopotâmia, mata-o num recontro, quando muitos dos que estavam com ele já tinham sido mortos.

Entretanto Constantino tomou Germanícia, tendo militado contra a Síria e a Dolíquio. Encontrou o caminho facilitado por causa da luta dos Árabes uns contra os outros. Tomou pela palavra os Árabes que nelas estavam, libertando-os em seguida desarmados. E transferiu para Bizâncio os consaguíneos pela parte da mãe, em conjunto com muitos Sírios monofisitas heréticos, cuja maioria, que habita na Trácia até agora, continua a crucificar a Trindade no Triságio[1188], em conformidade com Pedro Cnafeu.

[1186] τῇ σωφροσύνῃ: palavra que também poderá ser traduzida por "castidade".
[1187] τοῦ λαοῦ
[1188] ἐν τῷ τρισαγίῳ τὴν τρίαδα σταυροῦντες: *i.d.*, continuam a cantar o hino do Triságio com a adição monofisita: "Que foi crucificado por nós".

Do décimo dia do mês de agosto até ao dia décimo quinto verificou-se uma penumbra nebulosa[1189]. Foi quando Maruane, tendo vencido e tomado Emesa, matou todos os consanguíneos e libertos de Isam: destruiu também as muralhas de Heliópolis, de Damasco e de Jerusalém, matando muitos poderosos e cortando as mãos e os pés[1190] aos que haviam sido deixados nessas cidades.

A.M. 6238

Neste ano, ocorreu um grande sismo na Palestina, no Jordão e em toda a Síria, no mês de janeiro, no dia dezoito, hora quarta: e incontáveis miríades de pessoas morreram. Caíram ainda igrejas e mosteiros, sobretudo no deserto da Cidade Santa.

Neste mesmo ano uma mortandade pestilenta[1191] começou na Sicília e na Calábria, semelhante a um fogo bravo, e veio sobre a Monobásia, a Grécia[1192] e as ilhas adjacentes, durante toda a décima quarta indicção, castigando com antecedência o ímpio Constantino e reprimindo a loucura contra as santas igrejas e os augustos ícones[1193], ainda que ele tenha permanecido sem ser corrigido, como outrora o Faraó.

Esta doença pestilenta de bubos caiu, por contágio[1194], sobre a cidade imperial, na décima quinta indicção. Começaram a formar-se muitas pequenas cruzes oleosas nas roupas das pessoas, assim como nas vestimentas sacras das igrejas e ainda nos reposteiros[1195], de repente e de forma invisível. Veio daí uma aflição e grande fraqueza às pessoas, dada a estranheza de tal sinal. Além disso, uma vingança divina[1196] grassou sem poupar ninguém, destruindo não só os que estavam na cidade, mas também os que estavam em toda a sua cercania. Ocorreram também alucinações a muitas pessoas, sendo que estas ficavam em êxtase e pensavam que estavam na companhia, segundo lhes parecia, de umas pessoas estranhas, de caras bem vincadas, que se dirigiam aos que se encontravam com

[1189] σκότος ὁμιχλῶδες
[1190] ἀκρωτηριάσας: verbo que também poderá ser traduzido por "mutilar".
[1191] λοιμώδης θάνατος: *i.d.* peste
[1192] Ἑλλαδα: à letra, "Hélade".
[1193] κατὰ τῶν ἁγίων ἐκκλησιῶν καὶ τῶν σεπτῶν εἰκόνων μανίας
[1194] ἐπινεμήσει
[1195] βῆλα
[1196] θεομηνία

eles, aparentemente, como se fossem amigos, conversando com eles. Eles registavam as coisas conversadas e, por fim, contavam-nas. Viam até esses homens a entrarem em casas, matando algumas pessoas da casa e ferindo outros à espada. Aconteceu que a maioria das coisas que eram referidas por eles [depois] ocorreram assim, tal como eles as viram.

Na altura da primavera da mesma primeira indicção, [a peste] grassou ainda mais e, no período do verão, inflamou-se de uma só vez, de tal forma que casas todas inteiras foram completamente fechadas e não havia pessoas para ajudar a enterrar os mortos. Decidiu-se, então, dado que a situação era muito difícil, colocar placas com quatro cestos grandes em animais equipados[1197], e assim transportar os mortos para fora [da cidade], ou colocá-los nas carroças, uns em cima dos outros. Todos os sepulcros dentro e nas periferias da cidade ficaram cheios, as cisternas e as fossas ficaram vazias e a maioria das vinhas, e até mesmo os jardins dentro das muralhas dos palácios, foram escavados para que se continuassem a enterrar os corpos dos homens. E assim, a custo, satisfez-se tal necessidade.

Uma vez que todas as casas foram destruídas por tal desgraça, por causa da abrogação[1198] impiamente realizada contra os santos ícones pelos que estavam no poder, logo a frota dos Agarenos chegou, vinda de Alexandria, ao Chipre, onde estava a frota Romana. O general dos Ciberiotas caiu sobre eles inesperadamente no porto de Cerameia e dominou a entrada do porto. Dizem que somente três de mil *dromones* conseguiram sair.

A.M. 6239

Neste ano Gregório é morto pelos Aruritas e Maruane, o líder dos Árabes, saiu vitorioso, tal como referi.

A.M. 6240

Neste ano, os povos[1199] chamados de Corosanitas Mauróforos movimentaram-se, das partes mais orientais da Pérsia, contra

[1197] διὰ ζώων σαγματουμένων ὑποτετρακανθήλους σανίδας ἐπιτίθειν
[1198] κατένεξιν
[1199] λαοί

Maruane e contra toda a linhagem[1200] dos que antes haviam governado desde Maomé, o pseudo-profeta, até ao próprio Maruane, isto é, contra o chamado filho de Umaia. Efetivamente, enquanto [os Árabes] guerreavam e faziam cativos uns aos outros após o assassínio de Ualide, os chamados filhos de Equim[1201] e de Ali, que calhavam de ser familiares, eles mesmos, do pseudo-profeta, estavam escondidos e refugiados na Arábia Menor. Eles, depois de se reunirem, tendo Ibraim como primeiro entre eles, enviam um certo liberto, chamado Abu Muslim, a Corasão, para irem ao encontro de uns homens proeminente de lá, pedindo que lutassem com eles contra Maruane.

Eles, por seu turno, tendo-se reunido em torno de um certo Cataba[1202], tomaram uma decisão e fizeram com que os escravos se insurgissem contra os seus próprios senhores: e mataram muitos numa só noite. Armados com armas, cavalos e dinheiro deles, ficaram poderosos. Dividem-se, porém, em duas tribos[1203]: os Caisinos e os Imanitas. Abu Muslim, ao ver que, destes, os Imanitas eram os mais fortes, levou-os a insurgirem-se contra os Caisinos. Depois de os matar vai para a Pérsia, na companhia de Cataba e, tendo entrado em batalha contra Ibindara, apodera-se de todos, cerca de cem mil, com uma vitória [militar]. Depois dirige-se para Ibn Hubaira[1204], que estava acampado com duzentos mil homens, e também a este o desfez. Em seguida apanhou Maruane no rio Zabe, com trezentos mil homens, faz batalha com ele e mata uma multidão inumerável deles. E então foi possível ver, tal como diz a Escritura, um a perseguir milhares, e dois a conduzir miríades[1205]. Maruane, vendo-os a vencer de tal forma pela força, vai para Harran e, depois de passar o rio, destrói a ponte, que era feita de embarcações. E, tendo reunido todo o dinheiro e a sua casa, foge para o Egito na companhia de três mil homens seus serviçais.

[1200] συγγενείας
[1201] τοῦ Ἐχὶμ: em transliteração, “Echim”.
[1202] Χακταβάν: em transliteração, “Chaktaban”.
[1203] φυλὰς
[1204] Ἰβινουβεηρᾶ: em transliteração, “Ibinubeira”.
[1205] Dt. 32, 30

A.M. 6241

Neste ano, Maruane é perseguido pelos Mauróforos e, uma vez por eles apanhado, é morto, após uma batalha intensa. Liderava-os Sale, filho de Ali, um dos referidos fugitivos que haviam enviado Abu Muslim.

Já os restantes, reunidos na Samaria e na região da Traconítide, atribuem o poder, tirando à sorte, a Abulabás. Após este atribuem-no ao irmão dele, Abedalá, e após este a Issa Ibne Muça[1206]: e determinaram que Abedalá, o filho de Ali e irmão de Sale, deveria ser líder militar na Síria; que o próprio Sale governaria o Egito; e determinaram que Abedalá, o irmão de Abulabás, que dele recebera o mandato[1207], teria o poder sobre a Mesopotâmia. Já o próprio Abulabás, o líder de todos eles, estabeleceu-se na Pérsia, sendo que todo o poder havia sido transferido de Damasco por ele e pelos Persas que lutaram com ele, tendo também sido lá reunidos todos os tesouros que Maruane havia transportado.

Os filhos e os familiares de Maruane que haviam sobrevivido foram do Egito para África e, depois de aí passarem a fronteira entre a Líbia e a Europa [pelo] mar estreito que está virado para o Oceano, a chamada Septa[1208], habitaram a Espanha, na Europa, até este dia. Eles tinham umas certas pessoas que aí haviam habitado antes deles e que eram descendentes de Moáuia, que haviam sido atirados para lá graças a um naufrágio e que eram seus consaguíneos e da mesma religião[1209]. A destruição, no tempo de Maruane, durou seis anos, durante os quais todas as cidades ilustres da Síria foram destituídas de muralhas, à exceção de Antioquia, dado que ele se preparava para fazer dela um refúgio. Um número incontável de Árabes foi por ele morto, pois ele era muito astuto no que concerne aos assuntos bélicos[1210]. Ele calhou também de tomar parte da heresia[1211] dos Epicuristas, isto é, a dos Automatistas, tendo recebido a impiedade[1212] dos pagãos que viviam em Harran.

[1206] Ἰσὲ Ἰβινμουσέ: em transliteração, "Ise Ibinmouse" (*i.e.*, "Jesus filho de Moisés")
[1207] κλῆρον
[1208] Σέπται: em transliteração, "Septai" (a atual Ceuta).
[1209] θρησκείας
[1210] περὶ τὰ πολεμικά: a tradução latina de Anastácio Bibliotecário tem *circa civilia*, o que parece dar à locução um sentido oposto.
[1211] αἱρέσεως
[1212] ἀσέβειαν

No dia vinte e cinco do mês de janeiro da mesma terceira indicção, nasceu um filho ao imperador Constantino, da filha do Grão-cã da Cazária, a quem ele chamou Leão. No mesmo ano ocorreu um sismo na Síria e um grande e assustador derrubamento: por causa disso algumas das cidades foram completamente destruídas, outras pela metade, ao passo que outras foram completamente transferidas, na sua totalidade e em segurança, das montanhas para as planícies, em conjunto com as muralhas e os edifícios, cerca de seis milhas ou um pouco mais. Os que viram isso no local disseram que a terra da Mesopotâmia se quebrara em duas milhas e que se elevara uma outra terra das profundezas, mais branca e arenosa, de cujo interior, segundo dizem, surgiu um animal do género de uma mula, sem manchas, a falar com uma voz humana e a profetizar a incursão de um povo vindo do deserto contra os Árabes: coisa que aconteceu.

No ano seguinte da mesma quarta indicção, na festa do Santo Pentecostes, Constantino, o ímpio imperador, coroou o seu próprio filho Leão como imperador, através de Anastásio, o falso patriarca que pensava como ele[1213].

A.M. 6242

Neste ano, os moradores de Cálcis revoltaram-se contra os Persas Mauróforos: e foram por eles mortos nas montanhas de Emesa, em número de quatro mil. Ocorreu o mesmo também na Arábia, com os Caisinos, pelos mesmos Persas. Mas quando a cabeça de Maruane chegou embebida em mirra[1214], a maioria deles parou com as revoltas. E nesse mesmo ano faleceu o santíssimo patriarca de Antioquia, Teofilacto, no mês de Dáisio, no dia vinte e nove.

A.M. 6243

Neste ano, aqueles que haviam detido recentemente o poder mataram muitos dos Cristãos, como sendo eles familiares dos que antes haviam governado, tendo-os subjugado por um dolo em Antipátrida, na Palestina. No mesmo ano, Constantino tomou

[1213] τοῦ ψευδωνύμου πατριάρχου καὶ σύμφρονος αὐτοῦ
[1214] ἐσμυρνεσμένης: *i.d.*: embalsamada

Teodosiópolis, em conjunto com Melitene, e fez dos Armenos cativos. Já Teodoro, o filho de Vicário, oriundo da Arábia Menor, foi eleito patriarca de Antioquia.

A.M. 6244

Neste ano, Constantino, o impío, assoberbado no seu pensamento[1215], preparava muitas coisas más contra a Igreja e a fé ortodoxa, fazendo *silentia*[1216] todos os dias[1217]. Convencia o povo[1218], dolosamente, a seguir o seu próprio entendimento, preparando assim o caminho para a sua futura e completa impiedade.

A.M. 6245

Neste ano, Anastásio, o que impuramente guiou o trono de Constantinopla[1219], morreu, com a sua alma e corpo, por uma doença lamentável, a chamada *chordapso*[1220], sendo que vomitou excremento pela boca: pagou um justo preço pela ousadia contra Deus e o seu Doutor[1221].

Nesse mesmo ano também Constantino, o ímpio, reuniu um concílio ilegal contra os santos e augustos ícones[1222], de trezentos e trinta e oito bispos, no palácio de Hiéria. Teodósio, o de Éfeso, filho de Apsímaro, presidia-os, assim como Pastilas de Perga. Eles, dogmatizando *motu proprio*, visto que não estava presente ninguém das sedes católicas – de Roma, digo, de Alexandria, de Antioquia ou de Jerusalém – começaram no dia dez de fevereiro e prolongaram-se até ao dia oito de agosto da mesma sétima indicção. Neste último dia, os inimigos da Mãe de Deus[1223] foram para as Blaquernas e Constantino subiu para o *ambo*, tendo consigo o monge Constantino, que se havia tornado bispo de Sileu, e, depois de rezar, disse em

[1215] ἀρθεὶς τῷ φρονήματι
[1216] σιλέντια: esta palavra, normalmente, refere-se a reuniões secretas que eram tidas no palácio imperial. Aqui, porém, elas parecem ter um caráter público.
[1217] καθ᾽ἑκάστην: subentende-se a palavra ἡμέραν, de resto facultada pela tradução de Anastácio Bibliotecário: *per singulos dies*.
[1218] λαόν
[1219] ὁ ἀνιέρως τοῦ θρόνου Κωνσταντινουπόλεως ἡγησάμενος
[1220] χορδαψῷ: a palavra remete para uma doença nas entranhas.
[1221] τῆς κατὰ θεοῦ καὶ τοῦ διδασκάλου: não é claro que a palavra διδάσκαλος (professor/mestre) se refira aqui a Cristo: poderá ser uma alusão a um Padre da Igreja (S. João Damasceno?).
[1222] κατὰ τῶν ἁγίων καὶ σεπτῶν εἰκόνων παράνομον συνέδριον
[1223] οἱ τῆς θεοτόκου πολέμιοι

grande voz: "Muitos anos a Constantino, patriarca ecuménico!". E, no dia vinte e sete do mesmo mês, o imperador subiu para o Fórum, na companhia de Constantino, o impuro presidente[1224], e dos restantes bispos: e eles proclamaram a sua errada heresia[1225] à frente de todo o povo[1226], tendo anatematizado o santíssimo Germano, Jorge Cíprio e João Damasceno, o de Mansur, do Discurso de Ouro, homens santos e doutores respeitáveis[1227].

A.M. 6246

Neste ano Maomé, também chamado Abulabás, morreu, depois de estar cinco anos no poder. Abedalá, o irmão dele, estava no lugar da blasfémia deles, em Meca. Escreve então para Abu Muslim, que estava na Pérsia, para lhe proteger o assento do poder, tal como lhe fora designado. Ele, porém, ao saber que Abedalá, filho de Ali, irmão de Sale, o chefe supremo[1228] da Síria, estava a tomar o poder para si, e que estava a vir para se apoderar da Pérsia, ao mesmo tempo que se opunha aos Persas e estava do lado dos [soldados] da Síria, que também lutavam com ele – levantou o exército que tinha consigo e encontra-se com ele em batalha, em Nísibis. E Abu Muslim, depois de o vencer, matou muitos. Efetivamente, a maioria eram Eslavos e Antioquenos.

Depois Abedalá, que sobreviveu sozinho, passados alguns dias procurava receber uma palavra [de imunidade] do outro Abedalá, irmão de Maomé, que chegava à Pérsia em grande pressa, de Meca. Este fechou-o num pequeno edifício devoluto e ordenou que as fundações fossem clandestinamente escavadas, matando-o. Por outro lado, ele proibiu [de agir] Abu Muslim, que estava furioso contra os Árabes da Síria por eles se terem revoltado contra os Mauróforos e e terem tomado como cativos muitas pessoas da Palestina, de Emesa e da região junto ao mar, e que se preparava para marchar contra eles com os seus exércitos.

Este, pois, enervado com Abedalá, abalou para o interior da Pérsia com a sua multidão [de soldados]. Uma vez que Abedalá o

[1224] τῷ ἀνιέρῳ προέδρῳ
[1225] κακόδοξον αἵρεσιν
[1226] λαοῦ
[1227] ἄνδρας ἁγίους καὶ αἰδεσίμους διδασκάλους
[1228] τὸν μονοστράτηγον

temia muito, fá-lo ir para trás através de discursos convincentes, de súplicas e dos abomináveis símbolos[1229] da autoridade deles – refiro-me à vara e às sandálias do pseudoprofeta Maomé – pedindo que se afastasse um dia de viagem na sua direção, por forma a que lhe pudesse outorgar a graça conveniente a um pai. O outro, enganado, aparece com cem mil cavaleiros e, quando se encontrou com ele, é morto por este com as próprias mãos. As multidões, então, espalharam-se e partiram nesse mesmo dia, tendo recebido benesses não fáceis de contar. E assim ficou estabelecido o poder de Abedalá.

A.M. 6247

Neste ano, Nicetas de Heliópolis foi anatematizado por toda a Igreja.

O imperador Constantino, por seu turno, transferiu Sírios e Armenos para a Trácia, que ele havia trazido de Teodosiópolis e de Melitene. A heresia dos Paulicianos também se propagou através destes. Da mesma forma, ele também conduziu famílias das ilhas, da Grécia e das partes do sul para a cidade, uma vez que os seus habitantes tinham diminuído por causa da peste. Fez com que eles habitassem a cidade e a aumentassem.

Nesse mesmo ano, os Búlgaros pediram tributos por causa das fortalezas contruídas. O imperador tratou o apocrisiário deles com desrespeito, pelo que saíram em formação militar e chegaram até às Grandes Muralhas, fazendo uma investida contra a cidade imperial. Depois de infligirem uma grande destruição e de tomarem cativos, regressaram incólumes para as terras deles.

A.M. 6248

Neste ano ocorreu um sismo não pequeno na Palestina, na Síria, no mês de maio, dia nove. E Teodoro, o patriarca de Antioquia, foi exilado, submetido à inveja dos Árabes por revelar frequentemente ao imperador, através de cartas, informações sobre os Árabes. De resto, o próprio Sale coloca-o fora de fronteiras, na região Moabita, pátria dele. E o mesmo Sale ordenou que não fossem construídas novas igrejas, que nenhuma cruz deveria

[1229] τοῖς μυσαροῖς συμβόλοις

aparecer [em público] e que nenhum Cristão deveria dogmatizar[1230] com Árabes acerca da fé. Por outro lado, militou contra a România, em conjunto com oitenta mil e, tendo ido para a Capadócia, ouviu que Constantino estava armado contra ele. Temendo, regressou sem nada ter realizado, mesmo sem ter pilhado. Tomou somente alguns Armenos que tinham ido para o seu lado e regressou.

A.M. 6249

Neste ano, Abedalá aumentou os impostos aos Cristãos, ao ponto de todos os monges, enclausurados e estilitas, que viviam para agradarem a Deus, terem que pagar impostos. Por outro lado, selou os antigos tesouros das igrejas e trouxe Hebreus para os venderem: e os libertos compraram-nas.

A.M. 6250

Neste ano, Constantino tornou cativa as Esclavínias, na Macedónia, e fez com que as restantes pessoas fossem súbditas [do império].

Nesse mesmo ano, alguns dos Persas Mauróforos, que eram da religião mágica[1231], possuídos pelo engano do Diabo, venderam as suas propriedades, avançaram, nus, para as muralhas e começaram a atirar-se delas abaixo, a fim de que, como pensavam, voassem para o céu. Porém, como não tinham nada de digno da herança de lá [do Céu], regressavam à terra, partindo os membros. Abedalá matou, através de Sale, os cabecilhas deste erro[1232], que estavam em Beróia e em Cálcis, em número de dezasseis.

A.M. 6251

Neste ano os Árabes, por inveja, proibiram os Cristãos de participarem nos notários públicos, durante algum tempo. Depois voltam a utilizá-los para os mesmos fins, coagidos, uma vez que não eram capazes de escrever as contagens[1233].

E eles militaram contra a România e fizeram muitos cativos. Deram batalha a Paulo, o general dos Armenos, e matam-no junto

[1230] δογματίσαι
[1231] τῆς μαγικῆς ὄντες θρησκείας: *i.d.* da religião zoroastra.
[1232] πλάνης
[1233] ψήφους

ao Mela, com uma multidão de exército. E trouxeram quarenta e dois homens destacados, assim como muitos oficiais[1234].

O imperador, por seu turno, militou contra a Bulgária e, quando chegou ao desfiladeiro de Veregaba, os Búlgaros vieram contra ele e mataram muitos, entre os quais Leão, patrício e general dos Tracesianos, e um outro Leão, *logotheta* da Corrida, e ainda muito exército[1235]. Depois tomaram as armas deles. [O imperador], assim, regressou sem glória.

A.M. 6252

Neste ano ocorreu um erro no cálculo da Páscoa. Os ortodoxos, em todo o Oriente, celebraram a Páscoa no dia seis de abril, ao passo que os heréticos[1236], em erro, celebraram no dia treze.

Neste mesmo ano, a cabeça de São João, o Percursor e Batista, foi transferida do mosteiro da Gruta para o templo dele, na cidade dos Emessenos, que era muito ilustre[1237]. E foi construída uma cripta, onde ela é, até hoje, cultuada[1238] pelos fiéis e é honrada com uma fragância somática e pneumática[1239], segregando remédios a todos os que se aproximam com fé.

E, nesse mesmo ano, apareceu um cometa muito brilhante no Oriente, durante dez dias, e de novo no Ocidente, durante vinte e um dias.

Por seu turno, um certo Sírio libanês[1240], de nome Teodoro, insurgiu-se contra os Árabes na província de Heliópolis, que está virada para o Líbano. Encontrou-se com eles em batalha e caíram muitos de ambas as partes. Por fim, virou as costas e fugiu, e todos os libaneses que estavam com ele foram assassinados.

Por outro lado, verificaram-se em África muitos tumultos e lutas, na sequência de um eclipse solar ocorrido no mês de agosto, dia quinze, a um sábado, na hora décima. Além disso, alguns Mauróforos insurgiram-se em Dabique, dizendo que o filho do

[1234] κεφαλὰς πολλάς: traduzido à letra, "muitas cabeça".
[1235] λαὸν πολύν
[1236] αἱρετικοί
[1237] περιφανῆ: não é claro se este adjetivo se aplica à cidade de Emesa (πόλιν) ou ao templo (ναὸν) de S. João Batista.
[1238] προσκυνουμένη
[1239] εὐωδίᾳ σωματικῇ τε καὶ πνευματικῇ: "pneumática", aqui, com o significado de "espiritual".
[1240] Λιβανίτης: "Libanita".

Califa era Deus, em virtude de ser ele quem os alimentava[1241]: e expuseram isso como dogma. Os Mauróforos entraram na casa do erro deles[1242] e mataram os guarda-costas, em número de sessenta. Alguns saíram para Basra[1243], fizeram muitos cativos e pegaram também em muito dinheiro.

A.M. 6253

Neste ano, os Casiotas revoltaram-se contra os Mauróforos por causa de algumas mulheres. Efetivamente, alguns deles [dos Mauróforos] estavam numa casa onde também viviam três irmãos, e [os Mauróforos] queriam afogar as mulheres deles. Os três irmãos, assim, insurgiram-se, mataram-nos e enterraram-nos. Os outros [Casiotas], depois de se reunirem, mataram também os restantes. E Sélico enviou o seu exército e caiu sobre eles através de um dolo. Os soldados então esmagaram-nos, enforcaram os três irmãos e mataram muitas pessoas.

No dia de Páscoa, [Sélico] entrou na santa congregação durante a celebração universal[1244] e, estando o metropolita de pé e a clamar: "O teu povo[1245] e a tua Igreja suplicam-te", [os homens dele] arrastaram-no e fecharam-no numa prisão, sendo que outra pessoa concluiu a santa liturgia[1246]. Houve um grande medo. E se o patriarca não o tivesse amansado com tratos delicados e palavras humildes, um mal maior ter-se-ia cumprido naquela hora. Era o beatíssimo Anastásio.

Nesse mesmo ano, Constantino, o perseguidor[1247], matou à chicotada André, o famoso monge, o chamado Calibita, nas Blaquernas, no hipódromo de São Mamede. Ele punha a nu a impiedade do outro e chamava-o Novo Valente e Novo Juliano. Ordenou ainda que ele fosse atirado para a corrente[1248], [coisa que teria ocorrido] se as irmãs dele não o apanhassem e o sepultassem no mercado de Leucádio.

[1241] λέγοντες τὸν υἱὸν τοῦ πρωτοσυμβούλου θεὸν ὡς τροφέα αὐτῶν
[1242] εἰς τὸν οἶκον τῆς πλάνης αὐτῶν
[1243] ἐπὶ τὸ Βασρασὸν: em transliteração "Basrason".
[1244] εἰς τὴν καθολικήν
[1245] λαός
[1246] τὴν ἁγίαν σύναξιν
[1247] διώκτης
[1248] ῥεύματι: *i.d.*, para o Bósforo.

A.M. 6254

Neste ano apareceu um cometa no Oriente: e o filho de Fátima foi morto.

Os Búlgaros, por seu turno, insurgiram-se e mataram os seus senhores – aqueles que herdavam o poder – e estabeleceram um homem maldoso, de nome Teletzes, que tinha trinta anos. Muitos Eslavos fugiram e passaram para o lado do imperador, que os colocou junto ao [rio] Artanas. Então, no dia dezasseis do mês de junho, o imperador avançou sobre a Trácia, tendo enviado também uma frota através do Ponto Êuxino, até cerca de oitocentas *chelandia*, sendo que cada uma carregava doze cavalos.

Já Teletzes, ao ouvir acerca da movimentação dele tanto por terra como por mar contra si, tomou vinte mil homens das etnias adjacentes como aliados e colocou-os nas fortalezas, protegendo-se a si próprio. O imperador, por seu turno, acampou no campo de Anquíalo: e, no dia trinta do mês de junho da primeira indicção, quinta-feira, Teletzes apareceu, vindo com uma multidão de etnias. Eles encontram-se em batalha e golpeiam-se uns aos outros durante muito tempo. Depois Teletzes virou costas e fugiu. A luta vingou desde a hora quinta até ao entardecer. Muitas multidões de Búlgaros foram destruídas, muitos foram subjugados e outros desertaram.

O imperador, assoberbado por tal vitória, fez um triunfo na cidade, entrando armado com o exército enquanto era aclamado pelas fações[1249] e arrastava os Búlgaros subjugados com correntes de madeira, sendo que ordenou que fossem decapitados pelos cidadãos fora da Porta Dourada. Os Búlgaros, por seu turno, revoltaram-se e mataram Teletzes, em conjunto com os governantes dele, e estabeleceram Sabino, que era cunhado de Cormésio, o que outrora fora senhor deles.

Sabino enviou logo [um mensageiro] para o imperador e procurou fazer paz. Mas os Búlgaros fizeram uma assembleia e opuseram-se ferozmente a Sabino, dizendo: "Através de ti a Bulgária está para se tornar escrava dos Romanos!". Dá-se então uma revolta: Sabino foge para a fortaleza de Mesêmbria e deserta para o imperador. Os Búlgaros estabeleceram um outro senhor para eles, de nome Pagano.

[1249] δήμων

A.M. 6255

Neste ano, as pessoas do deserto e de Basra[1250] revoltaram-se contra Abedalá, [liderados por] dois irmãos. [Abedalá] enviou contra eles [um exército] e matou-os, em conjunto com oitenta mil soldados.

Nesse mesmo ano, os Turcos saíram das Portas Cáspias, mataram muitos na Arménia e tomaram um grande número de cativos: depois regressaram.

Por outro lado, um certo Cosme, bispo de Epifânia, na Apameia da Síria, chamado também Comanita, afastou-se da fé ortodoxa e tornou-se correligiário da heresisa de Constantino contra os santos ícones, na sequência de os cidadãos de Epifânia terem feito uma denúncia a Teodoro, o patriarca de Antioquia, contra o mesmo Cosme, acerca da alienação de objetos consagrados[1251], e de ele não ter sido capaz de refutar tais coisas. Teodoro, o patriarca de Antioquia, Teodoro de Jerusalém e Cosme de Alexandria, juntamente com os bispos que estavam sob eles, anatematizaram-no com uma sentença comum e uma só voz no dia do Santo Pentecostes, após a leitura do Santo Evangelho, na cidade de cada qual.

Nesse mesmo ano, deu-se, desde o começo do mês de outubro, uma grande e intensa geada, não somente pela nossa terra, mas sobretudo por todo o Oriente, o Norte e o Ocidente, ao ponto de a região nortenha junto ao Ponto ficar com o mar congelado, por causa do frio, numa extensão de cem milhas e até à profundidade de trinta cúbitos. Sofreu-se de coisas semelhantes desde Zíquia[1252] até ao Danúbio, [incluindo] o rio Cufis, o Danastre, Danapre, Necrópela e o resto da costa até Mesêmbria e Medeia. Tal geada solidificou-se e aumentou ainda mais vinte cúbitos, de tal forma que o mar adquiriu a mesma forma que a terra, e foi possível tanto a homens selvagens[1253] como a animais domesticados caminhar sobre o gelo desde a Cazária, a Bulgária e as restantes nações adjacentes.

[1250] τοῦ Βασραθὼν: em transliteração “Basrathon”.
[1251] περὶ μειώσεως ἱερῶν
[1252] ἀπὸ Ζιγχίας: em transliteração, “Zigchia”; o mesmo que Zekchia.
[1253] ἀνθρώπων ἀγρίων

No mês de fevereiro da mesma segunda indicção, esta geada partiu-se, de acordo com ordem de Deus[1254], em muitos e diferentes pedaços semelhantes a montanhas, que foram arrastados para Dafnúsia e para Hierão pela força dos ventos. Chegaram assim à cidade [imperial] pelo Estreito[1255], até à Propôntide, às ilhas e Abido, sendo que ocuparam toda a costa. Também nós nos tornámos testemunha delas, que subimos para uma com trinta outros da nossa idade, brincando em cima dela. [Os icebergues] tinham ainda animais selvagens e animais domesticados mortos[1256]. Todo aquele que quisesse caminhava sem perigo pelo sólido, desde as Sofianas até à cidade, e desde Crisópolis até São Mamede e ao Gálata. Um deles [dos icebergues] chocou contra o cais da Acrópole e quebrou-o. Um outro, enorme, colidou contra a muralha e abalou-a de tal forma que as casas que estavam dentro tomaram parte do abalo. Chocou então contra a cidade e partiu-se em três partes, desde Mangana até ao Bósforo, sendo que o seu topo estava acima das muralhas. Todos os homens, mulheres e crianças da cidade viam, incessantemente, este espetáculo e regressavam a casa com lamentos e lágrimas, sem saberem o que dizer acerca daquilo.

Nesse mesmo ano, no mês de março, foram vistos astros a cair em simultâneo do céu, ao ponto de os que viram isto suporem que era o fim do tempo presente[1257]. Ocorreu também uma grande falta de água, que fez as fontes secarem.

O imperador, entretanto, trouxe o patriarca e disse-lhe: "Diz-me de novo que mal haverá se passarmos a chamar à Mãe de Deus Mãe de Cristo[1258]?". O outro abraçou-o e disse-lhe: "Tem piedade, ó

[1254] κατὰ θεοῦ κέλευσιν

[1255] Στενοῦ: portanto, o Bósforo.

[1256] εἶχον δὲ καὶ ζῶα ἄγριά τε καὶ ἥμερα τεθνεῶτα. A primeira palavra da frase, εἶχον, é o pretérito imperfeito do verbo ἔχειν, sendo que tanto se pode tratar da primeira pessoa do singular (a traduzir, então, por "eu tinha") como da terceira pessoa do plural, como aqui traduzimos. Para Mango e Scott o verbo está na primeira pessoa, reportando-se assim à meninice do autor original da passagem (que para eles é Jorge Sincelo: *cf*. MANGO & SCOTT 1997 LVIII). Dois dados, no entanto, levam-nos a escolher a terceira pessoa do plural: efetivamente, nas linhas imediatamente anteriores o autor refere-se a si próprio com o plural majestático (ἡμεῖς γεγόναμεν ἐπιβάντες), que deveria ser de novo usado para o verbo ἔχειν. Além disso, o partícipio utilizado para se referir à morte dos animais – τεθνεῶτα – é um particípio perfeito, indicando que, quando Teófanes ou Jorge subiram para o icebergue com os seus amigos de infância, os animais já lá estavam mortos (ao passo que, na leitura e tradução de Mango e Scott, eles morrem na sequência de os animais subirem com as crianças).

[1257] τὴν τοῦ παρόντος αἰῶνος ὑπολαμβάνειν εἶναι συντέλειαν

[1258] ἐὰν λέγωμεν τὴν θεοτόκον χριστοτόκον;

senhor. Que tal raciocínio não entre na tua mente! Não vês como Nestório é publicamente repudiado e anatematizado por toda a Igreja?" E o imperador disse respondendo: "Se eu perguntei é porque desejava saber! Que fique contigo o teu raciocínio!".

A.M. 6256

Neste ano, os Turcos saíram de novo contra as Portas Cáspias e a Ibéria e, após guerrearem contra os Árabes, morreram muitos de cada um dos lados.

Abedalá, por seu turno, expulsou Issa Ibn Muça – sobre o qual recaíra, como em cima se disse, a terceira parte da governação do poder – com a seguinte artimanha. Ao vê-lo com uma dor de cabeça numa das metades do crânio e a ser possuído por uma dor vertiginosa, convence-o de que ficaria curado se insuflasse nas narinas uma certa substância preparada pelo seu próprio médico, um certo sujeito de nome Moisés, que era diácono da igreja de Antioquia. Abedalá já havia persuadido este médico, com presentes, a preparar um fármaco pungente que fosse também um poderoso narcótico. Issa, ele próprio, foi convencido por Abedalá, ainda que estivesse prevenido para não comer com ele, por causa de insídias, e recebeu o fármaco de ingestão nasal.

Depois de todas as partes da cabeça estarem preenchidas [com o medicamento] e de todos os órgãos dos sentidos e os órgãos vitais deixarem de funcionar, ele ficou estendido sem falar. Abedalá, então, chamou os chefes e os homens mais destacados da raça, e disse: "Que vos parece acerca do vosso pretendente a imperador[1259]?" Os outros repudiaram-no a uma só voz e deram a mão direita[1260] ao filho do mesmo Abedalá, Maomé, o chamado Mádi. Levaram Issa, incapaz de perceber, para casa. Abedalá desculpou-se perante ele, quando ele recobrou após o terceiro dia, com justificações forjadas, tendo-lhe pago, pelo ataque, cem talentos de ouro.

No mesmo ano, Pagano, o senhor dos Búlgaros, enviou [um mensageiro] para o imperador, pedindo para se encontrar com ele. E, depois de tomar uma palavra de imunidade, veio ter com ele na

[1259] μελλοβασιλέως
[1260] δεξιὰς ἔδωκαν: *i.d.*: passaram autoridade.

companhia dos seus boiardos. O imperador, sentado e com Sabino ao lado dele, recebeu-os e reprovou a sua falta de ordem e o ódio contra Sabino. E fizeram, aparentemente, a paz.

O imperador, porém, enviou [uma força], clandestinamente, para a Bulgária e subjugou Esclavuno, o governante dos Severianos[1261], que havia feito muitas coisas más na Trácia. Foi também tomado um Cristiano, um renegado que fora cristão e que era o chefe dos Escamaros. Cortaram-lhe as mãos e os pés no cais de São Tomé e, depois de trazerem médicos, dissecaram-no, enquanto estava vivo, desde os genitais até ao tórax, para que se estudasse a constituição do homem: e depois entregaram-no às chamas.

O imperador, então, saiu de repente da cidade e descobriu que os desfiladeiros estavam sem guardas por causa da paz ilusória, pelo que entra na Bulgária até ao Tundza. Tendo ateado fogo às cabanas[1262] que encontrou, regressou com medo, não tendo feito nada de nobre.

A.M. 6257

Neste ano, no dia vinte do mês de novembro da quarta indicção, o ímpio e impuro imperador[1263] perdeu a cabeça contra todos os que temiam a Deus e ordenou que Estêvão, o novo protomártir[1264], que era um monge enclausurado[1265] em Santo Auxêncio, na montanha perto de Damatris, fosse arrastado [pelas ruas]. Os inimigos que tomavam parte na falta de educação[1266] do imperador, assim como os *scholarii* que se tornaram correligiários dele e [os representantes] dos restantes *tagmata*, tendo pegado nele, ataram o seu pé a uma corda e arrastaram-no desde o pretório até ao Pelágio, onde o espancaram e atiraram as suas veneráveis relíquias[1267] para o lago dos condenados à morte, por ter ele incutido em muitos a vida monástica e por tê-los convencido a desprezar as dignidades e o dinheiro imperiais. De facto, o homem era venerável

[1261] Σεβέρων: em transliteração, seria "Sevéreis".
[1262] αὐλὰς: não é claro a que se refere esta palavra.
[1263] ὁ δυσσεβὴς καὶ ἀνόσιος βασιλεὺς
[1264] τὸν νέον πρωτομάρτυρα
[1265] ἔγκλειστον ὄντα
[1266] τῆς ἀπαιδευσίας αὐτοῦ
[1267] τὰ τίμια αὐτοῦ λείψανα

para todos, em virtude de ter passado cerca de seis anos em clausura[1268] e por se destacar em muitas virtudes.

Além disso, uma vez que existiam muitos governantes e soldados que eram caluniados por cultuarem ícones[1269], [o imperador] entregou-os a diferentes castigos e a torturas acerbas. Por outro lado, exigiu um juramento de todos os que estavam sob o seu império para não cultuarem[1270] um só ícone que fosse. Depois disto, até fez com que Constantino, o falso patriarca[1271], viesse para cima do *ambo*, elevasse a Venerável e Vivificante Cruz[1272] e jurasse em como não era um dos que cultuavam[1273] ícones. E imediatamente o convenceu a usar uma coroa clerical em vez da monástica[1274], a comer carne e a ir para a mesa imperial ao som de música de cordas. Mas não muito após isto a justiça entregou-o às mãos do assassino.

No dia vinte e um do mês de junho da quarta indicção, [o imperador] movimentou-se contra os Búlgaros e enviou para Ancíalo duas mil e seiscentas *chelandia*, depois de as armar com soldados de todos os *themata*. Quando estas ancoraram nas partes costeiras, o vento do Norte soprou e pouco faltou para que todas se destruíssem. Muito do exército foi estrangulado, ao ponto de o imperador ter ordenado que se esticassem redes de pesca para reunir e sepultar os mortos. E regressou à cidade sem glória no dia dezassete.

E, no dia vinte e um do mês de agosto da mesma quarta indicção, ele humilhou publicamente e desonrou o hábito dos monges no Hipódromo, ordenando que cada um dos *abbas* tomasse uma mulher pela mão e que assim viessem ao Hipódromo, enquanto eram cuspidos e caluniados por todo o povo[1275]. Da mesma forma, no dia vinte e cinco do mesmo mês, noventa destacados governantes foram trazidos para o Hipódromo e pompeados como se tivessem conjurado coisas graves contra o

[1268] ἐγκλείστρᾳ
[1269] προσκυνεῖν εἰκόνας
[1270] προσκυνῆσαί
[1271] τὸν ψευδώνυμον
[1272] τὰ τίμια καὶ ζωοποιὰ ξύλα
[1273] προσκυνούντων
[1274] στεφανίτην ἀντὶ μοναχοῦ: "coroa" designa aqui, tal como em português, o efeito da tonsura clerical, por oposição a uma monástica. Constantino, de facto, havia sido monge.
[1275] λαοῦ

imperador. Eles não foram denunciados com propriedade, mas sim por inveja, pois eram bem constituídos, robustos e louvados por todos. Alguns deles foram denunciados por causa da sua piedade[1276], educação e por costumarem dirigir-se ao referido enclausurado, proclamando os sofrimentos dele. Ele matou-os, sendo que os primazes deles eram: Constantino, patrício e *logothetes* do *dromo*, a quem ele chamou Pés-de-Caranguejo; o irmão dele, o *spatharios* e *domesticus* dos excubitores, Estratégio; Antíoco, *logothetes* do *dromo* e general da Sicília; David, o *spatharios* de Beser e *comes* do Opsício; Teofilacto Iconiates, *protospatharios* e general da Trácia; Cristóforo, o *spatharios* do patrício Himério; Constantino, *spatharios* e *protostrator* imperial, filho do patrício Bardano; Teofilacto, o *candidatus* de Marinaces; entre outros. Expôs-los no Hipódromo, fez com que fossem cuspidos por todo o povo[1277] e sujeitos ao grito do "Escava!"[1278], sendo que depois deu o seu veredito. Por um lado, decapitou os dois irmãos – Constantino e Estratégio, digo eu – no Cinégio, tendo havido um grande lamento sobre eles vindo de todo o povo[1279]: de tal forma que o imperador, quando o soube, irritou-se, espancou o prefeito Procópio e fez com que fosse demitido por ter permitido tal coisa. Por outro lado, depois de cegar os restantes, exilou-os. E esse sujeito, repleto de loucura[1280], enviava todos os anos [delegados] para os locais onde eles estavam, ordenando que fossem golpeados com cem cichotadas.

No dia trinta do mesmo mês de agosto, da mesma quarta indicção, o de mau-nome[1281] enfureceu-se contra o patriarca, que era seu correligiário e ajudante. E, depois de encontrar alguns clérigos, monges, leigos e amigos dele, trabalhou-os para que dissessem: "Ouvimos o patriarca a falar com o Pés-de-Caranguejo contra o imperador." E enviou-os para o patriarca, no Patriarcado, a fim de que eles o examinassem. Enquanto ele negava [as acusações], o imperador fez com que eles confessassem, sobre a Venerável Cruz[1282]: "Ouvimos estas calúnias da parte do patriarca." Deste

[1276] εὐλάβειαν
[1277] ὑπὸ παντὸς λαοῦ
[1278] ἀνασκαφφῆναι
[1279] παντὶ τῷ λαῷ
[1280] ὁ ἀπονοίας ἀνέμεστος
[1281] δυσώνυμος
[1282] εἰς τὰ τίμια ξύλα

modo, ele enviou [um delegado] e colocou o Patriarcado sob o selo imperial[1283]: exilou-o para Hiéria e depois para Príncipo.

A.M. 6258

Neste ano faleceu Ábdelas Ibn Ali[1284], após ter caído sobre ele a torre em que estava preso. Abedalá, enquanto foi emir, infligiu muitas maldades aos Cristãos que estavam sob o seu poder. Efetivamente, retirou as cruzes das igrejas, proibiu que se fizessem vigílias e que eles estudassem a sua própria literatura.

Por seu turno, aqueles que entre eles são chamados Aruritas – palavra que se traduz por zelotas – revoltaram-se no deserto de Palmira. Mas a maldade destes para com as igrejas de Deus é manifesta, visto que são infiéis[1285]. Por outro lado, aquele que era imperador dos Cristãos, talvez pelos inefáveis juízos de Deus, tal como aconteceu com Acabe, o tresvariado [rei] de Israel, infligiu uma loucura muito pior do que a dos Árabes aos ortodoxos que estavam sob o seu império: aos bispos, monges, leigos, governantes e dignatários inferiores[1286], banindo em toda a parte as preces de intercessão[1287] da Virgem Santa e Mãe de Deus e de todos os santos – das quais nos jorra toda a ajuda – como sendo elas sem utilidade, quer fossem escritas, quer não fossem escritas.

Ele até enterrava e fazia com que desaparecessem as santas relíquias deles, se eventualmente ouvisse que havia alguma, de uma pessoa ilustre[1288], que jazesse para a salvação das almas e dos corpos e que, como é costume, fosse honrada pelos fiéis. Logo a morte ameaçava cair sobre essas pessoas como se fossem ímpias: e ainda confiscações, exílios e torturas, sendo que a relíquia agraciada por Deus[1289], que era um tesouro para os que a tinham, era retirada e desaparecia daí em diante.

E assim o desgraçado imperador infligiu uma coisa deste género à muito honrada relíquia da muito célebre mártir Eufémia, tendo-a afundado em conjunto com a sua urna, pois não suportava

[1283] ἐβούλλωσε τὸ πατριαρχεῖον
[1284] Ἀβδελᾶς Ἰβιναλὶμ: em transliteração, "Abdelas Ibinalim"
[1285] ἀπίστων
[1286] ἀρχομένοις: não é claro o que significa esta palavra, neste contexto em específico.
[1287] πρεσβείας
[1288] ἐπισήμου
[1289] θεοχαρίτωτον

vê-la a exudar mirra[1290] sobre todo o povo e a reprovar-lhe [tacitamente] as suas futilidades no que concerne às intercessões dos santos. Mas Deus, que guarda os ossos daqueles que Lhe agradam, como diz a Escritura[1291], protegeu-a sem dano e expôs-la de novo na ilha de Lemnos. De facto, graças a uma visão noturna, ordenou que ela, que jazia [escondida], fosse levantada e guardada. Nos tempos de Constantino e de Irene, os pios imperadores[1292], na indicção quarta, ela regressou com a devida honra para o seu templo, que ele, como inimigo das igrejas, havia profanado e transformado num armamento e numa estrumeira. Mas eles purificaram-no e de novo o consagraram, para refutação do ateísmo[1293] do outro e para demonstração da sua religião[1294]. Nós contemplámos este admirável e digno de ser escrito feito[1295], vinte e dois anos após a morte do ímpio[1296], na companhia dos piíssimos imperadores e de Tarásio, o santíssimo patriarca, e, juntamente com eles, beijámo-la como indignos, tendo sido dignificados com uma grande graça.

Já no dia dezasseis do mês de novembro da mesma quinta indicção, por decisão do imperador, Nicetas, o eunuco descendente de Eslavos, é ilegalmente[1297] eleito patriarca de Constantinopla. E deu-se uma seca, ao ponto de nem sequer orvalho cair do céu: a água desapareceu completamente da cidade. As cisternas e os banhos cessaram as suas funções: até mesmos as águas das fontes, que dantes corriam continuamente. Então o imperador, ao ver isto, começou a renovar o aqueduto de Valentiniano, que havia funcionado até Heráclio e que fora destruído pelos Ávaros. Após ter recolhido operários de diversos lugares, trouxe mil construtores e duzentos argamasseiros da Ásia e do Ponto; da Grécia e das ilhas, trouxe quinhentos trabalhadores de barro; da própria Trácia, trouxe cinco mil operários e duzentos tijoleiros. Estabeleceu sobre eles mestres de obras e um patrício. Depois de o trabalho ter sido concluído deste modo, a água entrou na cidade.

[1290] μυροδοτοῦσαν
[1291] Ps. 33 (34); 21 (20).
[1292] τῶν εὐσεβῶν βασιλέων
[1293] ἀθεότητος
[1294] θεοσεβείας
[1295] θαῦμα
[1296] τοῦ παρανόμου
[1297] ἀθέσμως

Na mesma quinta indicção, [o imperador] nomeou generais que eram seus correligiários e dignos operários da sua maldade, designadamente Miguel o Melisseno, para o *thema* dos Anatólicos, e Miguel o Lacanódraco, para o dos Tracesianos; para os Bucelários nomeou Manes, homónimo da maldade[1298]. E quem será capaz de narrar as coisas impiedadosas deles, que descreveremos em parte nos seus respetivos lugares? Efetivamente, para se narrar todas as coisas feitas por eles, ao serviço daquele que detinha o poder, creio que se poderá dizer, evangelicamente[1299], que nem o próprio universo seria capaz de conter os livros a escrever[1300].

A.M. 6259

Neste ano, no mês de outubro, dia seis, indicção sexta, Constantino, o falso patriarca[1301], foi trazido desde a ilha de Príncipo: e o tirano Constantino flagelou-o, ao ponto de ele não conseguir caminhar. Ordenou, em seguida, que ele fosse transportado numa liteira e que, uma vez afastado, fosse colocado na *solea* da Grande Igreja. Estava com ele um *assecretis* que transportava um tomo feito de papiro[1302], no qual estavam escritas as acusações dele. Todo o povo[1303] da cidade estava ali reunido por ordem imperial e a assistir. O papiro foi lido para que todo o povo[1304] o ouvisse. E, à medida que cada um dos capítulos [da acusação] eram lidos, o *assecretis* batia-lhe na cabeça, sendo que o patriarca Nicetas estava sentado no *synthrono* e a observar. Após isto, eles subiram-no para o *ambo* e colocaram-no de pé: Nicetas tomou o papiro e, depois de mandar bispos tirar-lhe o omofório, anatematizou-o. Mudou-lhe o nome para Face-Escura e depois eles expulsaram-no da igreja, de costas viradas.

No dia seguinte, sendo dia de corrida de cavalos, tiraram-lhe a roupa[1305] e cortaram-lhe a barba, os cabelos da cabeça e das

[1298] O nome do general, Μάνης, é assim aproximado a Μανία, «loucura/ insânia».
[1299] εὐαγγελικῶς
[1300] Jo. 21, 25.
[1301] ψευδώνυμος
[1302] τόμον χάρτου
[1303] λαοῦ
[1304] λαοῦ
[1305] ἐψίλωσαν αὐτοῦ τὴν ὄψιν: não é claro o que, neste contexto, significa ὄψιν. Poderá referir-se ao hábito episcopal ou monacal.

sobrancelhas. Vestiram-no com um pequeno vestido de seda sem mangas[1306] e sentaram-no em cima de um burro com sela, de costas viradas, enquanto segurava a cauda dele. Conduziram-no, pelo *Diippion*, para o Hipódromo, sendo que todo o povo e toda a fação gritava o grito do "Escava!"[1307] e lhe cuspia. Constantino, o sobrinho dele, que tinha o nariz cortado, conduzia o burro. Então, quando ele chegou ao sítio onde estavam as fações, elas desceram, cuspiram e começaram a atirar-lhe terra. Em seguida, trouxeram-no para o *stama*, atiraram-no do burro e pisaram a sua garganta. Depois de o sentarem do lado oposto ao das fações, ouvia da parte deles ludíbrios até ao fim da corrida de cavalos.

E, no dia quinze do mesmo mês de agosto, [o imperador] envia para ele os patrícios e revela-lhe: "Que dizes acerca da nossa fé e do Concílio que fizemos?" O outro, tornado vão da cabeça[1308], respondeu: "Não só acreditas de uma forma correta como fizeste bem o Concílio", julgando que assim lhe seria favorável uma vez mais. Os outros, todavia, respondendo-lhe diretamente, disseram: "Nós queríamos ouvir isso da tua nefasta boca: a partir de agora vai para a penumbra e para o anátema!". Recebeu assim esta resposta e foi decapitado no Cinégio. Ataram a cabeça dele pelas orelhas e penduraram-na durante três dias, para disposição do povo. Quanto ao seu corpo, ataram o pé a uma corda e arrastaram-no pela Mese, até ao Pelágio, atirando-o na companhia dos condenados à morte. De igual modo, também atiraram a cabeça dele, levando-a para aí passados três dias. Ó! Que estupidez, crueldade e que falta de piedade daquela besta selvagem[1309]! O vencedor não teve respeito pela santa pia batismal? De facto, dois dos filhos dele, da terceira mulher, haviam sido recebidos nos braços daquele! Ele era, pois, sempre ferino na maneira de ser, e por domar.

A partir dessa altura, ele fez uso de uma maior loucura contra as santas igrejas. Efetivamente, enviou [um emissário] e retirou Pedro, o famoso estilita, da pedra [em que vivia] e, uma vez que ele não se submeteu aos seus dogmas, atou-o pelos pés e ordenou que ele, arrastado vivo pela Mese, fosse atirado para o Pelágio. Prendeu

[1306] σηρικὸν καὶ ἀμανίκωτον κονδὸν
[1307] ἀνασκάπτοντος
[1308] ματαιωθεὶς τὰς φρένας
[1309] τοῦ ἀνημέρου θηρός

outros em sacos que havia enchido com pedras e ordenou que fossem atirados para o oceano. Cegou, cortou o nariz, lacerou à bastonada e esconjurou todo o género de castigos contra os pios. Na cidade realizava estas coisas por *motu proprio* e dos seus correligionários – de António, digo eu, o patrício e *domesticus* das *scholae*; de Pedro, *magister*; e do exército[1310] dos *tagmata* que fora educado por eles – já nos *themata* exteriores, agia através dos atrás-mencionados generais.

O próprio, por seu turno, alegrava-se com músicas e com banquetes, ensinando os que estavam com ele através de obscenidades e de danças. E se eventualmente alguém, ao cair ou ao adoecer, dissesse a frase, costumeira aos Cristãos, "Mãe de Deus, ajuda-me"[1311], ou se fosse detetado a fazer vigílias noturnas, ou se servisse às igrejas ou se vivesse em reverência, ou se não usasse constantemente juramentos, era castigado como inimigo do imperador e passavam a chamar-lhe "imencionável". Por outro lado, estabeleceu os mosteiros, refúgios para a glória de Deus e dos que estão a ser salvos[1312], como casas comuns dos soldados que lhe eram correligiários. Deu, assim, a casa primaz dos *koinobion* de Bizâncio, a de Dalmácio, aos soldados, como habitação, ao passo que destruiu desde as fundações os mosteiros chamados de Calístrato, o mosteiro de Dio e os de Maximino, e ainda outras casas sagradas de monges e lugares consagrados a virgens.

Atirou para a morte os homens mais proeminentes, seja no exército, seja na governação, que haviam procurado seguir a vida monástica, sobretudo aqueles que eram próximos dele e que haviam tomado parte das suas licenciosidades e coisas indizíveis, pois pensava na vergonha que surgiria para ele das suas confissões. Foi por causa disso, pois, que ele matou Estratégio, o irmão do Pés-de-Caranguejo, a quem antes havia acolhido e que tinha uma aparência elegante (pois gostava de se associar a pessoas desse tipo, através das suas indecências). Ao aperceber-se de que este estava averso à sua ilícita homosexualidade e que a confessava ao beato Estêvão, o enclausurado de Santo Auxêncio, sendo que assim recebia ajuda e

[1310] λαοῦ
[1311] θεοτόκε βοήθει
[1312] μοναστήρια δὲ τὰ εἰς δόξαν θεοῦ καὶ τῶν σωζομένων καταφύγια

remédio, difamou-o como conspirador em conjunto, como referido, com o enclausurado.

Por outro lado, fez com que, nesse ano, as mercadorias florescessem[1313] na cidade. De facto, feito um novo Midas, acumulou ouro e despiu os agricultores e, por causa da exigência dos impostos, os homens foram forçados a vender barato as recompensas de Deus.

Nesse mesmo ano Nicetas, o falso patriarca[1314], raspou[1315] os ícones do Pequeno *Secretum*, que estavam no Patriarcado, [dispostos] em mosaico; e abateu[1316] os que estavam na entrada do Grande *Secretum*, que estavam pintados em madeira. Besuntou[1317] as caras dos restantes ícones. Fez a mesma coisa no *Abramiaion*.

A.M. 6260

Neste ano, o imperador, o que se casou três vezes[1318], coroou a sua mulher, Eudócia, como terceira Augusta, no tribunal dos Dezanove *Accubita*, no dia um do mês de abril, na sétima indicção, um dia de sábado. E nomeou como Césares os dois filhos que teve dela, Cristóforo e Nicéforo, no dia seguinte, que foi o dois do mês de abril, no dia do Senhor da Santa Páscoa, no mesmo tribunal, sendo que o patriarca fez a prece e o imperador lhes colocou os mantos e as coroas cesáreas. Da mesma maneira, colocou sobre Nicetas, o irmão mais novo deles, um manto de ouro e uma coroa, fazendo-o *nobilissimus*. Os imperadores avançaram assim até à Grande Igreja, enquanto dispensavam muitas largezas consulares através das recém-cunhadas *tremisses, semisses* e *nomismata*.

A.M. 6261

Neste ano ocorreu uma troca [de prisioneiros] na Síria: um homem por um homem, uma mulher por uma mulher e, de igual modo, um menino por um menino. E Abedalá ordenou que as

[1313] εὐθηνῆσαι: significando-se com isto que a oferta aumentou, por causa da diminuição de preços.
[1314] ψευδώνυμος
[1315] ἔξεσεν
[1316] κατήνεγκεν
[1317] ἔχρισεν
[1318] ὁ τρίγαμος

barbas[1319] deles fossem cortadas e que se fizessem chapéus de um cúbito e meio. Por outro lado, Abedalá cercou Cámaco com oitenta mil homens durante todo o verão e, nada tendo alcançado, regressou embaraçado.

Já no dia um do mês de novembro, da oitava indicção, Irene entrou [em Constantinopla], vinda de Atenas. Ela veio de Hiéria para a cidade imperial, sendo que inúmeros *dromones* e *chelandia* a adornavam com vestimentas de seda. Os principais da cidade, com as suas mulheres, foram ao encontro dela e trouxeram-na. E, no dia três do mesmo mês de novembro, tendo o patriarca ido ao palácio, para a igreja do Farol, ocorreram os esponsais do imperador Leão com a mesma Irene. E, no dia dezassete de dezembro, ela foi coroada no triclínio de Augusteu como imperatriz Irene. Depois afastou-se para o oratório de Santo Estêvão, em Dafne, e tomou as coroas do casamento, juntamente com o filho de Constantino, o imperador Leão.

A.M. 6262

Neste ano, Banacas militou contra a Romênia e fez muitos cativos. Os Romanos entraram na Quarta Arménia e pilharam-na. Por outro lado, faleceu Sale, e a Germanícia foi transferida para a Palestina.

Neste mesmo ano, Lacanódraco, em imitação do seu mestre, reuniu em Éfeso todos os monges e monjas que estavam sob o *thema* dos Tracesianos, e, depois de os conduzir para a planície chamada de Tzucanisteris, disse-lhes: "Aquele que quiser obedecer ao imperador e a nós, que vista uma veste branca e que tome uma mulher agora mesmo! Aqueles que não o fizerem serão cegados e exilados para o Chipre". E fez o trabalho de acordo com a promessa. Naquele dia muitos foram elevados à condição de mártires; muitos também morreram [para a vida celeste], tendo desertado. O Dragão[1320] passou a ser amigo destes.

[1319] Τοὺς πώγωνας: o termo, neste contexto, poderá eventualmente significar "cabelos", que não somente «barba». Mas a ordem de Adebdalá, de usar rosto glabro e chapéu específico como traço de identificação, incidiria somente sobre os homens.
[1320] Δράκων: jogo de palavras com o nome Λαχανοδράκων.

Nessa mesma indicção nona, no dia catorze de janeiro, nasceu ao imperador Leão e a Irene um filho, que foi chamado Constantino. O avô dele, Constantino, ainda vivia.

A.M. 6263

Neste ano, Banacas militou contra a Romênia e, tendo vindo da Isaúria para a fortaleza de Sica[1321], cercou-a. O imperador, por seu turno, ao ouvir isto, escreveu para Miguel, o general dos Anatólicos, para Manes, o dos Bucelários, e para Bardanes, o dos Armeníacos. Estes vieram e apoderaram-se da saída dos outros, que era um desfiladeiro muito angusto.

Por outro lado, a frota dos Ciberiotas chegou na companhia de Petronas, o *protospatharios* e general deles, e atacou o porto da fortaleza. Banacas, ao ver isto, e desesperando de si, dá ânimo e encoraja os seus soldados. Avançou para os *themata* de cavalaria, elevou o grito de guerra e fê-los virar costas. E, tendo matado muitos e cativado toda aquela região, regressou com muitos despojos.

Neste mesmo ano, o general dos Tracesianos, Miguel o Lacanódraco, enviou Leão, o seu *notarius*, o chamado Culuces, e Leão, o que fora abade, o Cutzodáctilo, e vendeu todos os mosteiros masculinos e femininos, assim como todos os vasos sagrados, livros, rebanhos e tudo o que fosse propriedade deles. Depois transferiu para o imperador o valor destas coisas. Destruiu pelo fogo tantos livros monásticos e patrísticos quantos encontrou[1322]. E se eventualmente parecesse que alguém tivesse a relíquia de um santo como filactéria, também a esta a entregava às chamas, castigando o que a tinha como sendo ímpio. Matou muitos monges através de açoites, outros à espada, tendo ainda cegado um número incontável. Além disso, após untar com óleo de cera os cabelos de outros, ateou-lhes fogo e assim queimou-lhes as caras e as cabeças; entregou outros a exílios após muitas torturas. E, por fim, não permitiu que uma só pessoa do *thema* que estava sob ele usasse o hábito monástico. O pérfido[1323] imperador, ao saber disto, escreveu-lhe

[1321] Συκῆς: em transliteração, “Syca”.
[1322] μονακικὰ καὶ πατερικὰ βιβλία
[1323] μισάγαθος

dando-lhe graças, dizendo "Encontro-te como a um homem de acordo com o meu coração, que fazes todos os meus desejos". Assim, os restantes [generais], ao imitarem-no, começaram a realizar coisas semelhantes.

A.M. 6264

Neste ano Ábdelas enviou o Mualabita[1324] com um grande exército para África, e o Alfadl Ibne Dinar[1325] entrou na Romania e tomou quinhentos cativos. Os Mopsuestienses, porém, opuseram-se-lhes e batalharam com eles, matando mil Árabes. Por seu turno, Abedalá afastou-se para Jerusalém, jejuou e ordenou que os Cristãos e os Judeus fossem marcados nas mãos. Muitos Cristãos fugiram pelo mar para a Romania. Por outro lado, o Cúrico Sérgio foi capturado fora de Sica, assim como o Laquérbafo[1326] Sérgio, no Chipre, sendo este o representante dos de lá.

A.M. 6265

Neste ano, no mês de maio, indicção doze, Constantino movimentou uma frota de duas mil *chelandia* contra a Bulgária e, tendo entrado ele próprio nos *chelandia* vermelhos, deu sinal para entrar no rio Danúbio. Deixou os generais dos *themata* dos cavaleiros fora dos desfiladeiros, para a eventualidade de eles conseguirem entrar na Bulgária, caso os Búlgaros se ocupassem com ele. Todavia, quando ele chegou a Varna, acobardou-se e começou a considerar regressar. Os Búlgaros, ao verem isto, acobardaram-se também e enviaram um boiardo e um *tzigatos*, pedindo para se realizar paz. O imperador, tendo-os visto, ficou muito alegre e fez a paz: e juraram uns com os outros, que nem os Búlgaros sairiam contra a Romania, nem o imperador procuraria entrar na Bulgária. E fizeram acordos por escrito, uns aos outros, sobre isso. O imperador, assim, regressou e entrou na cidade, após ter demitido os soldados alistados de todos os *themata* para as fortalezas que havia construído.

[1324] τὸν Μουαλάβιτον: *i.e.*, da tribo de Muhallab.
[1325] ὁ Ἀλφαδὰλ Βαδινὰρ: no texto, "Alfadal Badinar".
[1326] Λαχέρβαφος: em transliteração, "Lacherbaphos"

No mês de outubro da décima primeira indicção, o imperador recebeu um *mandatum* vindo da Bulgária, dos seus amigos secretos[1327], [dizendo] que o senhor da Bulgária enviava um exército[1328] de doze mil e uns boiardos para tomar a Berzítia e transferir os habitantes para a Bulgária. Então ele, a fim de que não se soubesse que marchava contra os Bulgáros – efetivamente, havia apocrisiários do senhor da Bulgária que tinham vindo ter com ele e que ainda estavam na cidade – deu a entender intenções de se movimentar contra os Árabes. E [os soldados] passaram os estandartes e o equipamento militar [para lá do Bósforo]. Depois despediu os apocrisiários e, tendo sido informado, através de espiões, da partida deles, levantou o exército e movimentou-o apressadamente. Reuniu os soldados alistados dos *themata* e dos Tracesianos e, após ter juntado os *Optimati* às linhas de batalha, fez com que fossem oitenta mil. Em seguida, avançou para um local chamado Litosória[1329], caiu sobre eles sem soar a trompeta e, tendo feito com que virassem costas, obteve uma grande vitória. Regressou com muitos despojos e cativos, fazendo um triunfo na cidade. Entrou nela de forma empossada e denominou esta batalha de nobre, visto que ninguém se lhe opôs e que não ocorreu nenhuma chacina ou efusão de sangue Cristão.

A.M. 6266

Neste ano, duzentas e oitenta cabeças [de rebeldes] entraram na Síria, vindas de África: e depois foram pompeadas.

O imperador, por sua vez, de novo armou uma grande armada, visto que quebrara a paz com os Búlgaros. Trouxe para ela doze mil cavaleiros e enviou todos os generais das embarcações. O próprio, todavia, ficou com medo e permaneceu com a cavalaria. Quando eles chegaram a Mesêmbria, pouco faltou, visto que havia um vento a soprar violentamente, para tudo se afundar: muitos morreram. E ele regressou sem nada ter feito.

Já Telérigo, o senhor da Bulgária, tendo tido conhecimento de que o imperador conhecia as decisões dele graças aos seus serviçais,

[1327] ἐκ τῶν κρυπτῶν φίλων: *i.d.*, de espiões
[1328] λαὸν
[1329] τὰ Λιθοσώρια: no texto, “Lithosoria”.

escreveu-lhe dizendo: "É meu desejo fugir e ir ter contigo. Mas dá-me palavra de imunidade e diz-me que amigos tens tu aqui, para que eu os encoraje e para que me ajudem." Escreveu-lhe, assim, ingenuamente: e o outro, ao saber disso, matou-os a todos. Quando Constantino ouviu isto, arrancou muitos dos seus cabelos cinzentos.

A.M. 6267

Neste ano, na indicção treze, no mês de agosto, o imperador Constantino saiu contra os Búlgaros. Porém, foi queimado por carbúnculos de uma forma atroz, ao longo das pernas, por golpe divino[1330]. Depois foi tolhido por uma febre muito intensa que era desconhecida dos médicos. Por causa da inflamação que o dominava, regressou a Arcadiópolis, transportado nos ombros pelos serviçais, numa liteira. Foi até Selímbria e embarcou [num navio], no dia catorze do mês de setembro da décima quarta indicção, tendo chegado ao castelo [chamado] Estrôngulo[1331]. Morreu de forma lamentável, no *chelandion*, gritando e dizendo: "Fui atirado vivo para um fogo inextinguível!", pedindo, o implacável inimigo dela, que a Santa Virgem e Mãe de Deus fosse honrada com hinos. O imperador governou, após a morte do seu pai, trinta e quatro anos, dois meses e vinte e seis dias. E assim perdeu a vida, contaminado com o sangue de muitos Cristãos e com as invocações de demónios, sacrifícios e perseguições das santas igrejas e da reta e imaculada fé[1332]: e ainda pelos assassinatos de monges e pelas partilhas de mosteiros e por ter lutado a favor de maldades de todo o tipo, não menos do que Diocleciano e dos que outrora foram tiranos.

Nesse mesmo mês faleceu também Abedalá, o chefe dos Árabes. Estas duas potentíssimas feras, que dividiam em simultâneo o género humano entre si, morrem pela providência[1333] de Deus: e tomam o poder Leão e Mádi, os filhos deles. Nesse mesmo ano, também Teódoto, o rei dos Longobardos, chegado à cidade imperial, refugiou-se no imperador.

[1330] θεηλάτῳ πληγῇ
[1331] Στρογγύλῳ: *i.e.*, "forte", "resistente"; neste caso, "redondo".
[1332] τῆς ὀρθῆς τε καὶ ἀμωμήτου πίστεως
[1333] προνοίᾳ

A.M. 6268

Neste ano, Mádi enviou Abbas Ibne All[1334] contra a România com uma grande força, abriu a gruta chamada de Cásin, através de fumo, e, depois de tomar os cativos que lá se encontraram, regressou.

O imperador Leão, por seu turno, começou a liberalizar o dinheiro que lhe havia sido deixado pelo pai. Tornou propícios o exército[1335] e os que estavam na cidade. E durante algum tempo pareceu ser pio e amigo da Santa Mãe de Deus e dos monges: foi quando também nomeou, para as principais sedes, metropolitas de entre os *abbas*. Criou, por outro lado, muitos contingentes por cada *thema* e aumentou os *tagmata*. Por causa disso, os generais dos *tagmata* marcharam todos e entraram [em Constantinopla], em conjunto com grande multidão do exército, a pedir que Constantino, o filho dele, fosse imperador. Ele então, como é costume aos que estão a reinar, revelou-lhes: "O meu filho é unigénito, pelo que temo fazer isso, não me vá calhar a humana condição [da morte] de tal forma que, sendo ele ainda uma criança, o mateis e a outro nomeeis." Os outros, assim, começaram a confessar que lhe certificariam, com juramentos, que só seriam governados pelo filho dele, mesmo se Deus quisesse que ele morresse.

O exército[1336] estava tumultuado desde o Domingo de Ramos até Quinta-feira Santa, apinhando-se no Hipódromo e a pedir isto, pelo que, no dia da Santa Preparação[1337], ordenou que eles fizessem o juramento. Todo o povo[1338] – os homens dos *themata* e do senado, dos *tagmata* interiores[1339] e de todos os cidadãos e de todas as profissões – jurou sobre a Venerável e Vivificante Cruz[1340] para que não fosse recebido nenhum outro imperador que não Leão e Constantino e a descendência deles. E fizeram documentos escritos de acordo com o que juraram, [assinados] com as suas próprias mãos.

[1334] Ἀβασβαλὶ: em transliteração, "Abbasbali".
[1335] λαόν
[1336] λαοῦ
[1337] τῇ ἁγίᾳ παρασκευῇ: *i.d.* Sexta-feira Santa.
[1338] πᾶς ὁ λαός
[1339] τῶν ἔσω ταγμάτων: relativo, provavelmente, aos soldados da própria Constantinopla.
[1340] εἰς τὰ τίμια καὶ ζωοποιὰ

No dia seguinte, que era o dia de Santo Sábado, o imperador saiu para o Tribunal dos Dezanove *Accubita* e nomeou Eudócimo, o seu irmão, como *nobilissimus*. Efetivamente, o pai dele havia nomeado, enquanto vivia, Ântimo. O imperador, depois, chegou à Grande Igreja juntamente com os dois Césares, os três *nobilissimi* e com Constantino o Novo. Trocou a roupa do altar[1341], como é costume dos imperadores, e subiu para o *ambo* juntamente com o filho dele e com o patriarca. Todo o povo[1342] entrou [na igreja] e [representantes] colocaram os escritos deles na santa Mesa. O imperador falou-lhes assim: "Vede, irmãos: cumpro o vosso pedido e presenteio-vos o meu filho como imperador. Vede! Tomai-o da igreja e das mãos de Cristo!" Os outros, então, gritaram numa grande voz, dizendo: "Responde-nos, ó Filho de Deus, visto que é da Tua mão que recebemos o senhor Constantino como imperador, para que o protejamos e morramos com ele."

No dia seguinte, que era o Grande Domingo de Páscoa, dia vinte e quatro do mês de abril, na indicção décima quarta, de madrugada, o imperador saiu juntamente com o patriarca para o Hipódromo e, tendo sido trazido um altar portátil, o patriarca fez a prece, enquanto todo o povo[1343] estava a olhar, e o imperador coroou o seu filho. Em seguida, os dois imperadores avançaram para a Grande Igreja juntamente com os dois Césares e os três *nobilissimi*. Avançou também a imperatriz Irene, depois de eles terem ido, escortada pelos cetros, e subiu, pelas escadas de Bronze[1344], para as galerias da igreja, sem ter entrado pela colunata da Mese.

No mês de maio da mesma indicção, Nicéforo, o César e irmão do imperador, foi acusado perante o imperador como preparador de uma conspiração contra ele, com uns certos *spatharioi*, *stratores* e outros homens imperiais. O imperador fez um *silentium* na Magnaura e comunicou ao povo[1345] as coisas que corriam acerca dele. Os outros, de uma só voz, gritaram para que todos[1346] fossem retirados do meio [da vida pública], sendo que eles, eternos

[1341] ὑπαλλάξας τὴν ἐνδυτήν, ὡς ἔθος ἐστὶ τοῖς βασιλεῦσιν: este rito é tradicionalmente feito no dia de Sábado Santo.
[1342] λαός
[1343] λαοῦ
[1344] Χαλκῆς
[1345] τῷ λαῷ
[1346] ἀμφοτέρους: traduzido à letra, a palavra significa "ambos".

perjuradores, não se recordavam do que haviam jurado ao pai deles, que não permitiriam, após a morte dele, que os seus filhos fossem injustiçados. O imperador, depois de açoitar e tonsurar os que se tinham revoltado, exilou-os para o Quersoneso e para os *Klímata*, sob vigilância.

A.M. 6269

Neste ano Tumama[1347], filho de Baca, entrou pela România e, tendo tomado cativos, regressou. E Telérigo, o senhor dos Búlgaros, refugiou-se no imperador: e [o imperador] fez dele patrício, juntando-o ainda em casamento a uma prima da sua mulher, Irene. Após o ter recebido batizado da santa pia[1348], honrou-o e amou-o muito.

A.M. 6270

Neste ano, Tumama estabeleceu-se em Dábeco e revoltou-se. Leão, o imperador, enviou os exércitos dos Romanos e [eles] entraram na Síria, cem mil. Chefiavam-nos, Miguel o Lacanódraco, [general] dos Tracesianos; Artabasdo, o Armeno, [general] dos Anatólicos; Tatzates, [general] dos Bucelários; Caristerótzes, dos Armeníacos[1349], e Gregório, filho de Musulácio, dos Opsicianos: e circundaram a Germanícia. Estava lá Isa Ibne All[1350], tio de Mádi, e eles tomaram todos os camelos deste. Estavam também para capturar a Germanícia, se Isa Ibne All não tivesse convencido o Lacanódraco através de presentes. Este retirou-se da fortaleza e saiu para pilhar a região e, após ter feito cativos os Sírios heréticos Jacobitas, regressou de novo para a fortaleza.

Tumama enviou um exército e alguns emires de Dábeco, que fizeram batalha com os Romanos. Caíram cinco emires e dois mil Árabes, segundo dizem. Eles regressaram numa quinta-feira, tendo chegado a um domingo. O imperador fez a festa de Maiuman[1351] nas Sofianas, sentado no trono com o seu filho: e assim os generais

[1347] Θουμάμας: em transliteração, "Thoumamas". O mesmo que Utthmas.
[1348] δεξάμενος δὲ αὐτὸν βαπτισθέντα ἐκ τῆς ἁγίας κολυμβήθρας
[1349] Ἀρμενιάκων: *i.d.*, o *thema* dos Armenos
[1350] Ἰσβααλί: no texto, "Isbaal".
[1351] ποιήσας Μαιουμᾶν: a festa de Maiuman, de origem siríaca, que foi várias vezes proibida por excessos.

fizeram um triunfo da sua vitória. Além disso, transferiu os Sírios heréticos para a Trácia e fê-los montar aí habitação.

A.M. 6271

Neste ano, Mádi, o chefe dos Árabes, enfurecido, envia Haçane[1352] com uma grande força de Mauróforos e de soldados da Síria e da Mesopotâmia, chegando até Dorileu. O imperador, por sua vez, deu ordens aos generais para que não guerreassem com ele em batalha aberta, mas que as fortalezas fossem asseguradas e que o exército[1353] fosse lá introduzido para defesa delas. Enviou também gandes generais para cada fortaleza, para que eles escolhessem uma tropa selecta, cerca de três mil, e seguissem os inimigos, não fossem eles desagregar-se em grupos de pilhagem e ateassem fogo às pastagens do gado e a onde quer que se encontrasse mantimento.

Estando eles [os Árabes] estacionados em Dorileu durante cinquenta dias, e tendo sido deixados falhos das necessidades, também os animais deles passaram fome, dos quais houve uma grande perda. Depois regressaram e sitiaram Amório durante um dia. Vendo como ela era fortificada e possuía muita guarnição, regressaram sem nada terem concretizado.

A.M. 6272

Neste ano, Mádi, o chefe dos Árabes, vai até Dábeco com uma grande força e armamento: e envia o seu filho, Aarão, sobre a Romania, sendo que ele próprio regressa à Cidade Santa. Envia ainda Muquésias, chamado Zelota, e passou a outorgar-lhe autoridade para fazer com que os escravos dos Cristãos apostatassem e desertificassem as santas igrejas. E ele vai até Emesa e anuncia que ninguém era forçado a converter-se que não aqueles que haviam sido infiéis, [e fê-lo] até que se tivessem manisfestado os Hebreus e os Cristãos. E logo começou, sem piedade[1354], a torturar, de uma maneira tal que nem outrora Lísias e Agricolau: e matou muitos. Umas mulheres, porém, recentemente batizadas[1355],

[1352] τὸν Ἄσαν: em transliteração, “Asan”.
[1353] λαὸν
[1354] ἀθέως
[1355] νουβίτισσαι

venceram sobre a loucura dele, pela graça de Cristo, nosso Deus[1356]: a mulher do arquidiácono de Emesa e a mulher do filho de Isaías, sendo que elas foram muito torturadas sem se terem submetido à impiedade. Efetivamente, receberam mil chichotadas e foram tentadas por muitos outros castigos, mas adquiriram para si, de Cristo, a coroa da vitória. [Muquésias] chegou até Damasco e esvaziou muitas igrejas, não tendo prestado atenção à palavra que havia sido dada aos Cristãos pelos Árabes.

Então, no dia seis do mês de fevereiro da terceira indicção, no dia de domingo de Tirofagia[1357], Nicetas, o eunuco de descendência eslava e patriarca de Constantinopla, faleceu. E, no segundo domingo da Quaresma, Paulo, o venerável[1358], que era leitor e de nação Cipriota, destacado tanto pela palavra como pela obra, é eleito, após muito ter recusado por causa da heresia que estava em vigor, e com grande violência, patriarca de Constantinopla.

A meio da semana da Quaresma, Jacob, o *protospatharios*, assim como Papias, Estratégio e Teófanes, cubiculários e *parakoimomenoi,* e ainda Leão e Tomé, que também eram cubiculários, são presos juntamente com outros homens respeitáveis, como sendo cultuadores das santas e dignas imagens[1359]. Então Leão, o filho do perseguidor, revelando a sua maldade escondida, açoitou-os e tonsurou-os, tendo ainda feito com que eles fossem pompeados, presos, ao longo da Mese. Fechou-os no Pretório, onde o referido Teófanes morreu, tornado assim confessor e portador da coroa do martírio[1360]. Todos os outros, após a sua morte, revelaram-se monges ilustres.

Já Aarão, depois de entrar no *thema* dos Armeníacos, sitiou a fortaleza de Semalvo durante todo o verão e, no mês de setembro, tomou-a através de uma palavra [de imunidade]. Ele havia enviado Tumama sobre a Ásia com cinquenta mil homens. Miguel Lacanódraco encontrou-se com ele com uma pequena força, trava com ele batalha e mata o irmão de Tumama.

[1356] χάριτι Χριστοῦ τοῦ θεοῦ ἡμῶν
[1357] τῆς Τυροφάγου: *i.e.*, abstinência de carne.
[1358] ὁ τίμιος
[1359] ὡς προσκυνοῦντες τὰς [ἁγίας καὶ] σεπτὰς εἰκόνας
[1360] ὁμολογητὴς γενόμενος καὶ τὸν στέφανον τοῦ μαρτυρίου κομισάμενος

No dia oito do mês de setembro da quarta indicção faleceu Leão, o filho de Constantino, desta forma: sendo ele obcecado por pedras preciosas, amou em excesso a coroa da Grande Igreja e, depois de se apropriar dela, passou a andar com ela. Vieram depois carbúnculos para a cabeça dele e, tomado por uma intensa febre, morreu, tendo governado cinco anos menos seis dias.

A.M. 6273

Neste ano Irene, a piíssima[1361], juntamente com o seu filho, Constantino, toma as rédeas do império, de forma paradoxal e divina[1362], no dia oito do mês de setembro da quarta indicção, para que Deus também nisto fosse glorificado, através de uma mulher e de uma criança órfã. Ele quis purificar a excessiva impiedade contra Ele e os serviçais d'Ele e a tirania contra todas as igrejas de Constantino, que lutava contra Deus[1363], como outrora aconteceu com o Diabo, através da fraqueza de pescadores e analfabetos.

Assim, passados quarenta dias de ela ter sido empossada, quando o filho dela tinha dez anos de idade, algumas pessoas que estavam no poder fizeram um *symboulium* e queriam conduzir Nicéforo, o que fora César, para o coroarem imperador. Porém, quando a decisão foi revelada, foram capturados Gregório, o *logothetes* do dromo; Bardas, que fora general dos Armeníacos; Constantino, filho de Vicário, *spatharios* e *domesticus* dos *excubitores*; Teofilacto, o filho de Rangabe, *droungarius* do Dodecaneso; e muitos outros. Ela açoitou-os, tonsurou-os e depois exilou-os para diversos lugares. Por outro lado, cortou[1364] o cabelo aos cunhados dela, que eram Césares e *nobilissimi*, e fez com que eles fossem sacerdotes e administrassem a Comunhão ao povo[1365] na Festa da Natividade de Cristo. Durante a mesma, ela avançou para a praça pública com o filho de uma forma imperial e trouxe a coroa arrancada pelo marido, adornada com pedras preciosas, para a igreja.

Por outro lado, nomeou o patrício Elpídio como general da Sicília, em virtude de ele já ter sido general dos soldados de lá: e

[1361] ἡ εὐσεβεστάτη
[1362] παραδόξως θεόθεν
[1363] τοῦ θεομάχου
[1364] ἀποκείρασα: *i.d.* tonsurou-os.
[1365] τῷ λαῷ

enviou-o no mês de fevereiro. No mês de abril, no entanto, dia quinze, o mesmo Elpídio foi acusado como sendo partidário dos Césares, pelo que ela enviou Teófilo, o *spatharios*, e ordenou que ele fosse imediatamente capturado e trazido até ela. Mas quando este foi para lá os Sículos não entregaram o outro. Ela, então, açoitou a mulher dele e tonsurou-a, juntamente com os filhos. E enviou-os para o Pretório para serem vigiados.

No mês de junho ela enviou todos os *themata* asiáticos[1366] para guardarem os desfiladeiros e vigiarem a investida dos Árabes, após ter estabelecido João o *sacellarios*, que era eunuco e serviçal dela, como chefe deles. Mádi, por sua vez, envia Alquibir[1367] com uma grande força. Eles depararam-se uns com os outros num local chamado Mélon. E, depois de se ter dado um recontro, os Árabes são derrotados e muitos deles são mortos: e regressaram com vergonha. As pessoas pias[1368], então, começaram a falar livremente, a Palavra de Deus a ser exposta, os que queriam ser salvos a retirar-se [do mundo] sem perigo, a doxologia de Deus a ser elevada, os mosteiros a ser restabelecidos: e a surgir tudo o que é de bom.

Neste ano, assim, um certo homem, ao escavar nas Grandes Muralhas da Trácia, encontrou um caixão e, depois de o limpar e de retirar a tampa, encontrou um homem deitado e letras gravadas no caixão, que continham isto: "Cristo está para nascer da Virgem Maria e eu tenho fé Nele. Quando Constantino e Irene forem imperadores, então, ó sol, de novo me verás."

A.M. 6274

Neste ano, Irene enviou Constante, o *sacellarios*, e Mâmalo, o *primicerios*, para Carlos, o rei dos Francos, para que a filha dele, chamada Rotrude[1369], fosse dada em casamento ao imperador Constantino, o seu filho. Fez-se um acordo entre eles e fizeram-se juramentos. Eles deixaram Eliseu, o eunuco e *notarius*, para lhe ensinar as letras e a língua dos Gregos[1370] e para a educar nos costumes do império dos Romanos.

[1366] τὰ περατικά θέματα
[1367] Κεβὴρ: em transliteração, "Kebêr".
[1368] οἱ εὐσεβεῖς
[1369] Ἐρυθρὼ
[1370] τὰ τε τῶν Γραικῶν γράμματα καὶ τὴν γλώσσαν

Por outro lado, [Irene] montou uma grande armada, um exército[1371] selecionado a partir dos *themata* e muitos governantes. Nomeou Teodoro, patrício e eunuco, um homem eficaz, [como general] e envia-o para a Sicília contra Elpídio. Ocorreram depois muitas batalhas, sendo que os que estavam em torno de Teodoro venceram. Então Elpídio, ao ver isto, e temendo, pegou em quanto dinheiro tinha, assim como no *dux* Nicéforo, e passou para África. E, após ter recebido uma palavra de imunidade, passou para o lado dos Árabes. Eles receberam-no e passaram a ficar com ele como se fosse imperador dos Romanos, tendo-o coroado em vão e colocado nele botinas vermelhas[1372] e uma coroa.

Enquanto o exército[1373] romano estava ocupado com estas coisas, Aarão, o filho de Mádi, avança com uma força e um armamento enorme, de Mauróforos, de toda a Síria e Mesopotâmia e do deserto, e chega até Crisópolis, após ter deixado Arrabi Ibne Iunus[1374] a sitiar Nacoleia e a vigiar a sua retaguarda. Enviou ainda para a Ásia, com trinta mil [soldados], Barmakl[1375], que entrou em batalha com Lacanódraco, juntamente com o *thema* dos Tracesianos, num lugar chamado Dareno. Eles eram trinta mil, sendo que ele matou quinze mil. Então a imperatriz enviou António, o *domesticus*, na companhia dos *tagmata*, que se apoderou de Banes e cercou os Árabes. Tatzates[1376], porém, o general dos Bucelários, fugiu para o lado deles, por causa do ódio para com Estaurácio, o patrício e *logothetes* do dromo, o eunuco, que na altura era o primaz e que administrava todas as coisas. Este aconselhou-os e [os Árabes] pediram paz.

Todavia, quando Estaurácio, Pedro, o *magister*, e António, *domesticus,* saíram para esse efeito, não foram escrupulosos ao ponto de tomarem palavra de imunidade e os filhos dos primazes [como reféns]. Pelo contrário, tendo saído sem objetivo, foram capturados e atados por eles: como consequência ambas as partes foram forçadas a fazer a paz. Depois a Augusta e Aarão presentearam-se

[1371] λαόν
[1372] τζαγγίον
[1373] λαοῦ
[1374] τὸν Βούνουσον: em transliteração, "Bounouson".
[1375] Βουρνιχὲ: em transliteração, "Bournichê".
[1376] Τατζάτιος: no texto, "Tatzátios"

mutuamente com muitas hospitalidades e estabeleceram tributos que deviam ser pagos a alturas determinadas. E, tendo havido paz, regressaram, tendo abandonado a fortaleza de Nacoleia. Tatzates, por sua vez, tomou a sua mulher e toda a sua propriedade.

A.M. 6275

Neste ano Irene, após ter feito paz com os Árabes e ter encontrado alguma tranquilidade, envia Estaurácio, o patrício e *logothetes* do Dromo Agudo[1377], com uma grande força, contra as etnias dos Eslavos. Quando ele chegou até Tessalónica e à Grécia, subjugou a todos e fê-los súbditos do império. Entrou também no Peloponeso e trouxe muito cativos e despojos para o império dos Romanos.

A.M. 6276

Neste ano, no mês de janeiro, na indicção sétima, o acima referido Estaurácio regressou dos Esclavenos[1378] e fez um triunfo de vitória no Hipódromo. Já no mês de maio, da mesma sétima indicção, a imperatriz Irene, juntamente com o filho dela e de uma grande força, levou para a Trácia muitos órgãos e instrumentos musicais[1379] e saiu até Beróia. Ordenou, então, que a cidade fosse reedificada e mudou-lhe o nome para Irenópolis. Chegou até Filipópolis, com toda a imunidade, e regressou em paz, tendo também reconstruído Anquíalo.

Nesse mesmo ano o líder dos Árabes, Mádi, também chamado Maomé, morreu: e o filho dele, Muça, tomou o poder.

Por outro lado, no dia trinta e um de agosto da mesma sétima indicção, Paulo, o sacro e santíssimo patriarca, após se ter sentido desfalecido, abandonou o trono e, tendo ido para o mosteiro de Floro, tomou o hábito monástico sem o conhecimento da imperatriz. A imperatriz, quando soube disso, foi ter com ele na companhia do filho, entristecida, e começou a clamar para ele: "Por que motivo fizeste isto?" O outro, com muitos lamentos, disse-lhe: "Antes fosse que jamais me tivesse sentado no trono do sacerdócio enquanto a

[1377] τοῦ ὀξέος δρόμου, *i.e.*, "veloz".
[1378] ἐκ τῶν Σκλαυινῶν.
[1379] ὄργανα καὶ μουσικά

Igreja de Deus sofre de uma tirania e está a ser separada[1380] das restantes sedes católicas e a ser anatematizada". Ela, assim, convocou patrícios e pessoas seletas do Senado e enviou-os para que fossem ouvidas as coisas que ele dizia. Ele, então, disse-lhes: "Se não ocorrer um concílio ecuménico, e se o erro[1381] que existe no meio de vós não for corrigido, não tereis salvação." Os outros, então, disseram-lhe: "Então para que é que tu assinaste, quando foste eleito, que não se devia cultuar[1382] ícones?". Ele respondeu: "É por causa disso que me penitencio[1383] e fujo para o arrependimento, temendo a Deus, para que Ele não me castigue na qualidade de sacerdote que se calou até agora e que não anuncia a Verdade, com medo da vossa loucura." Entretanto faleceu em paz, tendo deixado um grande lamento sobre o império e sobre os pios homens do país[1384]. O homem, efetivamente, era venerável e misericordioso para além do normal, e digno de toda a reverência. O país[1385] e o império fizeram uso de uma grande fé para com ele. Foi então, de resto, que o discurso acerca dos santos e augustos ícones começou a ser falado e a ser posto em dúvida por todos, com liberdade.

A.M. 6277

Neste ano, a imperatriz Irene, depois de ter congregado todo o povo[1386] na Magnaura, disse-lhes: "Sabeis, irmãos, o que fez o patriarca Paulo: e se vivesse, não teríamos permitido que ele depusesse o trono do Patriarcado, mesmo se se revestiu do hábito monástico. Porém, visto que ele era agradável a Deus e migrou desta vida, preocupemo-nos [em encontrar] um homem que nos possa pastorear e fortalecer a Igreja de Deus com palavras de ensino". Então todos, de uma só voz, disseram que não havia outro que não Tarásio, o *assecretis*. Ela disse-lhes: "Também nós o escolhemos, mas ele desobedece. Que diga, pois, por que motivo não aceita a escolha do império e de todo o povo!" Ele, assim, defendeu-se em frente ao povo dizendo:

[1380] ἐσχισμένης: *i.d.* a sofrer um cisma
[1381] σφάλμα
[1382] προσκυνεῖν
[1383] θρηνῶ
[1384] τῆς πολιτείας
[1385] πολιτεία
[1386] πάντα τὸν λαόν

"Os guardiães da nossa irrepreensível fé de Cristãos, zelosos das coisas que ocorrem para a glória de Deus – os nossos fiéis imperadores – eles estão preocupados com tudo o que é do agrado d'Ele e que serve para nossa ajuda, sobretudo com as coisas eclesiásticas, pelo que também agora se preocuparam atentamente e reflectiram sobre a eleição do patriarca nesta sua cidade imperial. Elevaram-me a mim sobre o seu pio discernimento e ordenaram-me a mim que lhes declarasse abertamente a deliberação. Todavia, uma vez que eu me declarei indigno disso e não dei nenhuma aprovação, visto que não sou capaz de carregar ou transportar o jugo da carga, ordenaram-me que viesse perante a vossa presença, visto que vós também fostes co-eleitores nesta decisão. E agora, ó varões tementes a Deus e que O tendes sempre nos vossos corações, que sois designados pela invocação de Cristo, do nosso Verdadeiro Deus – os Cristãos, digo eu – ouvi um pequeno discurso de defesa por parte da nossa simplicidade e exiguidade. Pois eu, se defendi algo perante os nossos pios imperadores em tudo ortodoxos[1387], e se sinto necessidade de vos falar agora, sou tomado pelo medo de me conformar com essa eleição e corro risco, perante a face de Deus, de me apressar de forma inconsiderada, como é o caso, não vá acontecer que eu sucumba a um temível castigo. Efetivamente, se Paulo, o divino apóstolo[1388], que obedeceu às palavras divinas, que possuía uma educação celestial[1389], que se tornou um contemplador do Paraíso, ouviu palavras secretas e elevou o nome de Deus perante os povos e os imperadores – se ele dizia, escrevendo aos Coríntios: "Para que, apregoando aos outros eu próprio me torne reprovável[1390]", então como é que eu, que estou associado ao século, e que sou contado entre os leigos e milito nos serviços imperiais, poderei saltar, assim, sem disputa e consideração, para a grandeza do sacerdócio? A tentativa é assustadora para a minha baixeza, a empresa, arrojada.

Por outro lado, a causa do medo e da minha recusa é esta. Vejo e reparo que a Igreja firmemente fundada sobre a pedra que é

[1387] τοῖς εὐσεβέσιν ἡμῶν βασιλεῦσι καὶ κατὰ πάντα ὀρθοδόξοις
[1388] ὁ θεῖος ἀπόστολος
[1389] οὐρανόν τε ἐσχηκὼς παιδευτήριον
[1390] 1 Cor. 9, 27

Cristo, o nosso Deus[1391], está agora dividida e quebrada, e que nós dizemos coisas diferentes em alturas diferentes, e que os Cristãos do Oriente, da mesma fé que nós, falam de outra forma, e que concordam com eles os do Ocidente, sendo que nós temos opinião diferente da de todos aqueles e somos todos os dias por eles anatematizados. O anátema é terrível: atira para longe de Deus e expulsa do Império dos Céus, conduzindo para a sombra que está no exterior[1392]. A Definição e a Lei da Igreja[1393] não conhecem desavença ou disputa, mas, tal como sabem confessar num só batismo e numa fé, assim também sobre uma concordância em relação a todos os assuntos eclesiásticos. Pois nada é aceitável e amável perante Deus como a nossa união e o sermos uma só e universal Igreja, de acordo com o que confessamos no Símbolo da nossa pura Fé. E pedimos, ó irmãos – e creio que vós também, visto que sei que o temor a Deus também vos possui – que se congrege um Concílio Ecuménico por parte dos nossos piíssimos e ortodoxos imperadores, para que nós, os [filhos] do único Deus, nos tornemos um só, e para que aqueles que estão unidos à Trindade, com o mesmo espírito e com o mesmo valor, que são o corpo único da nossa cabeça que é Cristo, sejam trazidos em conjunto; para que os [seguidores] do Espírito Santo não estejam uns contra os outros, mas uns com os outros; que os da Verdade pensem e digam as mesmas coisas e que não haja discórdia e dissensão entre nós; para que a paz de Deus, que excede todo o intelecto, nos vigie a todos.

E se, por um lado, os nossos imperadores, que lutam pela ortodoxia[1394], ordenarem que se concretize o meu pedido, também eu me conformarei e cumprirei a ordem deles e abraçarei a vossa decisão. Se, porém, assim não for, tenho por impossível fazer isso, para que não me submeta ao anátema e seja encontrado como condenado no dia do nosso Senhor e Juiz da Justiça, quando nem imperador, nem sacerdotes, nem governadores, nem uma multidão de homens me poderão ajudar. E se há algo de agradável em vós, ó irmãos, dai uma resposta à minha defesa, ou antes, atendei a este pedido."

[1391] 1 Cor. 10, 4
[1392] Mt. 8, 12; 22, 13; 25, 30
[1393] ὁ τῆς ἐκκλησίας ὅρος καὶ νόμος
[1394] οἱ τῆς ὀρθοδοξίας πρόμαχοι βασιλεῖς

Todos ouviram com agrado as coisas ditas e concordaram que se deveria realizar um Concílio. Então Tarásio falou de novo ao povo[1395] e disse: "O imperador Leão abateu as imagens e o Concílio [de Hiéria], quando ocorreu, encontrou-as abatidas. E, em virtude de terem sido abatidas pela mão imperial, o Capítulo[1396] de novo pede uma inquirição, pois eles ousaram apagar como lhes aprouve um antigo costume confiado à Igreja. Mas `a Verdade de Deus`, para que fale à maneira do Apóstolo, `não é acorrentada[1397]`."

Deste modo, no dia vinte e cinco de dezembro da mesma oitava indicção, o nosso santo padre Tarásio foi eleito patriarca de Constantinopla. Ele enviou para Roma as cartas sinodais dele e a sua declaração de fé, tendo sido reconhecido pelo papa Adriano. Por outro lado, a imperatriz enviou [um legado] para o mesmo papa e pediu-lhe que fossem enviadas cartas dele, assim como homens para se encontrarem no Concílio. Ele enviou Pedro, o *oikonomes* da sua igreja, e Pedro, o hegúmeno de São Sabas: homens veneráveis e ornados com toda a virtude. Por seu turno, tanto a imperatriz como o patriarca enviaram [legados] a Antioquia e Alexandria: efetivamente, a paz para com os Árabes ainda não havia sido desfeita. Trouxeram, assim, João o Grande de Antioquia, famoso tanto pela palavra como pela obra, participante da santidade, que se havia tornado sincelo do patriarca de Antioquia; e de Alexandria trouxeram Tomé, um homem zeloso e muito venerável, que também se ilustrou quando se tornou arcebispo da grande cidade de Tessalónica, no Ilírico.

A.M. 6278

Neste ano Muça, o chefe dos Árabes, morreu, e Aarão, o irmão dele, tomou o poder em sua vez. Este também infligiu muitos males aos Cristãos.

Neste mesmo ano, os imperadores enviaram [mensageiros] e convocaram todos os bispos que estavam sob a sua autoridade, sendo que também haviam chegado os homens e as cartas enviadas de Roma pelo papa Adriano, como referimos, assim como os

[1395] λαόν
[1396] τὸ κεφάλαιον
[1397] 2 Tim. 2, 9

[representantes] de Antioquia e Alexandria. E, no dia sete do mês de agosto da nona indicção, eles sentaram-se no templo dos Santos Apóstolos, na cidade imperial, e começaram a ler as Santas Escrituras e a discutir uns com os outros, enquanto os imperadores estavam a observar no lugar dos catecúmenos[1398].

No entanto, o exército[1399] dos *scholarii*, dos excubitores e dos restantes *tagmata*, subornados[1400] pelos seus próprios governantes, e possuindo também eles o ensinamento do malvado mestre deles, desembainharam as espadas e saíram sobre eles, ameaçando de morte o patriarca, os bispos ortodoxos e os hegúmenos. A imperatriz tentou afastá-los através dos serviçais que estavam junto a ela, mas eles não foram persuadidos, tendo antes ficado mais insolentes. Uma vez que o patriarca se levantou e entrou no *bema* na companhia dos bispos ortodoxos e dos monges, os bispos que tinham o mesmo malvado pensamento deles[1401] foram ter com eles gritando: "Vencemos!". E graças a Deus[1402] aqueles loucos e desumanos não magoaram ninguém. O Concílio foi assim desfeito e cada um regressou para as partes privadas.

A.M. 6279

Neste ano, a imperatriz enviou Estaurácio, o patrício e *logothetes*, para a Trácia, no mês de setembro, no início da décima indicção, para os *themata* asiáticos[1403] que lá estavam na altura. E convenceu-os a trabalharem com ela e a expulsarem da cidade [imperial] o povo ímpio[1404], que o celerado Constantino havia alistado e educado. Fingindo que estava prestes a partir em expedição para as regiões orientais, como se os Árabes tivessem atacado, todo o aparato imperial e corte vieram até Malagina. Depois os soldados dos *themata* exteriores entraram e apoderaram-se da cidade. Ela enviou-lhes então [um mensageiro] e revela-lhes: "Enviai-me as vossas armas: pois não tenho necessidade de vós."

[1398] ἐν τοῖς κατηχουμένοις
[1399] λαός
[1400] ὑποβληθείς
[1401] οἱ τοῦ πονηροῦ φρονήματος αὐτῶν ὄντες ἐπίσκοποι
[1402] τοῦ θεοῦ τῇ χάριτι
[1403] περατικά
[1404] τὸν δυσσεβῆ λαόν

Eles, estupidificados por Deus[1405], entregaram-nas. Em seguida, ela atirou as famílias deles para embarcações e exilou-os da cidade, tendo ordenado que cada um fosse para a terra onde nascera. E, depois de ter criado um exército pessoal e oficiais que lhe obedeciam, no mês de maio de novo enviou [mensageiros] para todo o lugar e convocou os bispos para estarem presentes na cidade de Niceia, na Bitínia, a fim de que aí se realizasse o Concílio. E, graças ao tempo oportuno[1406], todos foram reunidos em Niceia. Por seu turno, ela não havia demitido da sua presença os representantes de Roma e do Oriente, mas tinha-os consigo. E assim, no dia nove de setembro da indicção décima primeira, a um domingo, ocorreu um enorme eclipse do sol, na hora quinta do dia, enquanto a Santa Liturgia estava a ser concluída.

A.M. 6280

Neste ano Tarásio, o santíssimo arcebispo de Constantinopla, saiu para a cidade de Niceia: e teve lugar o santo e ecuménico Sétimo Concílio, de trezentos e cinquenta bispos. A Igreja Católica retomou a sua ordem antiga sem ter dogmatizado nada de novo, mas tendo defendido os inabaláveis dogmas dos santos e beatos Padres e tendo renunciado à nova heresia, anatematizando ainda os três falsos patriarcas[1407], Anastácio, digo eu, Constantino e Nicetas e todos os correligiários deles.

A primeira reunião e sessão dos bispos ocorreu na Católica Santa Sofia de Niceia, no dia onze de outubro da décima primeira indicção. E, no mês de novembro, todos entraram na cidade imperial: os imperadores sentaram-se juntamente com os bispos na Magnaura, o decreto[1408] foi lido e o imperador e a sua mãe assinaram, ratificando a piedade e os dogmas antigos dos Santos Padres. Então, após terem honrado os sacerdotes, despediram-nos. E a Igreja de Deus ficou em paz, ainda que o Inimigo não pare de espalhar o seu joio nos trabalhadores dela: mas a Igreja de Deus, mesmo guerrada por todos os lados, vence.

[1405] ὑπὸ θεοῦ ματαιωθέντες
[1406] διὰ τοῦ καλοκαιρίου ὅλου
[1407] ψευδωνύμους
[1408] τόμος

A.M. 6281

Neste ano, uma incursão de Árabes saiu contra a Romênia, no mês de setembro, e entrou no *thema* dos Anatólicos, num lugar chamado Copidnado. Os generais dos Romanos reuniram-se, travaram batalha contra eles e foram derrotados. Muitos morreram: até mesmo não poucos dos *scholarii* que haviam sido exilados. Caiu também Diógenes, um capaz *tourmarcha* dos Anatólicos, assim como alguns oficiais do Opsício.

A imperatriz Irene, por sua vez, dissolveu as conversações com os Francos, enviou Teófanes, o *protospatharios*, e conduziu uma jovem dos Armeníacos[1409], de nome Maria, de Âmnia. Uniu-a em casamento ao imperador e filho dela Constantino, ainda que ele estivesse muito perturbado e não a desejasse, em virtude do compromisso para com a filha de Carlos, rei dos Francos, à qual estava prometido. O casamento dele foi concluído no mês de novembro, indicção doze.

Já Fileto, o general da Trácia, foi para o [rio] Estrimão e aquartelou-se sem se prevenir, pelo que os Búlgaros caíram sobre ele e foi por eles morto, juntamente com muitos outros. Então Irene enviou João, o *sacelarius* e *logothetes* do exército, para a Lombardia[1410], na companhia de Teódoto, que fora rei da Grande Lombardia, para ver se conseguia limitar Carlos e afastar algumas pessoas do serviço dele. Eles partiram com Teodoro, patrício e general da Sicília. Ocorreu uma batalha e este mesmo João foi dominado pelos Francos e atrozmente morto.

A.M. 6282

Neste ano, o Diabo pôs em movimento, por inveja para com a piedade dos imperadores[1411], homens malvados e atirou a mãe contra o filho e o filho contra a mãe. Efetivamente, eles convenceram-na, como se tivessem sido certificados por presságios[1412]: "Não está estabelecido por Deus que o teu filho se apodere do império, visto que este é teu e e te é dado por Deus." Ela, enganada por ser uma mulher, e em virtude de ser também

[1409] Ἀρμενιάκων: portanto, do *thema* dos Armenos.
[1410] Εἰς Λογγιβαρδίαν: em transliteração, teríamos "Longibardia".
[1411] φθόνῳ τῆς εὐσεβείας τῶν βασιλέων
[1412] ὡς ἐκ προγνωστικῶν πληροφορηθέντες

ambiciosa, ficou assim satisfeita e não pensou que eles haviam dado esta desculpa por quererem administrar as coisas.

O imperador tinha na altura vinte anos e era forte e bastante capaz, mas viu-se a si próprio sem qualquer tipo de autoridade. Ficou perturbado ao ver que Estaurácio, o patrício e *logothetes*, controlava todas as coisas, e que todos iam ter com ele, não havendo ninguém que ousasse frequentar o imperador. Tomou então conselho com os seus homens privados, que eram muito poucos, com o *magister* Pedro, com o patrício Teodoro, o Camuliano, e com o patrício Damiano: e determinou que submeteria Estaurácio, que o exilaria para a Sicília e que tomaria o império na companhia da sua mãe.

Então, no dia nove do mês de fevereiro da décima terceira indicção, ocorreu um sismo muito assustador, de tal forma que algumas pessoas não ousaram dormir em casa, mas foram todas para os jardins e para os descampados e aí transcorreram o tempo, após terem construído tendas. Já a imperatriz, juntamente com o seu filho, saiu para São Mamede. Por outro lado, quando Estaurácio foi informado desta oportunidade, maquinou a Augusta contra o seu filho. Ela subjugou os homens do imperador, tendo-os açoitado e tonsurado a todos, juntamente com João, o *protospatharios* e *baiulus*[1413] dele, o chamado Picrídio. E exilou-o para as partes do sul, até à Sicília. Por outro lado, desonrou o *magister* Pedro e colocou-o na casa dele. Agiu da mesma forma com o Patrício Teodoro, o Camuliano. Quanto ao patrício Damiano, exilou-o para a fortaleza de Apolónia, depois de o ter açoitado e tonsurado. Feriu também o filho e repreendeu-o severamente, fazendo com que ele não aparecesse em público durante dias. Em seguida começou a fazer com que o exército jurasse: "Enquanto viveres, não permitiremos que o teu filho tome o poder." E todos assim cantavam, não havendo ninguém que ousasse falar contra isto de maneira alguma.

Entretanto, uma frota Árabe saiu sobre o Chipre. A imperatriz, tendo sabido disso de antemão, congregou também ela todas as embarcações Romanas e enviou-as contra eles. Quando eles

[1413] βαγύλῳ

chegaram até Mira, todos[1414] os generais dobraram o cabo Quelidónio e entraram no golfo de Atália. Já os Árabes, tendo abalado desde o Chipre, e tendo-os tomado o bom tempo, foram transportados para o oceano. Quando atingiram a terra, os generais viram-nos e, tendo-se armado em linha de combate, prepararam-se para batalhar. Teófilo, todavia, o general dos Ciberiotas, um varão vigoroso e bastante capaz, ganhou ânimo e avançou primeiro que todos. Encontrou-se com eles em batalha e foi por eles capturado. Conduziram-no a Aarão e, depois de ter sido visto por ele, foi tentado a tornar-se um traidor e a receber prendas temporárias. Uma vez, porém, que ele não aceitou isso nem se submeteu, mesmo tendo sido coagido mais intensamente, suportou o castigo pela espada e foi elevado à condição de um admirável mártir[1415].

A.M. 6283

Neste ano, no mês de setembro, na indicção décima quarta, os [oficiais] reponsáveis pelos juramentos[1416] chegaram ao *thema* dos Armeníacos. Estes, todavia, não aceitaram confirmar o juramento: "Não seremos governados pelo teu filho durante a tua vida" [acrescentando][1417]: "Nem substituiremos o nome de Irene pelo de Constantino, mas [afirmaremos] o de Constantino e Irene, tal como fizemos desde o início". Ela depois enviou, uma vez mais, Aleixo, o *spatharios* e *drungarios* da *bigla*, o chamado Mosele[1418], para os submeter. Mas eles apoderaram-se deste e nomearam-no para os chefiar, sendo que aprisionaram o seu patrício e general, Nicéforo: e aclamaram Constantino como único imperador. Os exércitos[1419] dos restantes *themata*, ao saberem disto, perseguiram os seus próprios generais e também eles aclamaram Constantino como único imperador.

Ó! Que vileza a do malvado Diabo! Como se apressa ele a fazer perder o género humano através de muitas artimanhas! Efetivamente, os que quinze anos antes haviam feito esse assustador

[1414] ἀμφότεροι: à letra «ambos». Nas fontes, todavia, esta palavra costuma aparecer com o sentido de "todos".
[1415] μάρτυς ἄριστος ἀνεδείχθη
[1416] ὁρκίζοντες
[1417] Seguimos aqui as notas de leitura propostas por MANGO & SCOTT 1997 641, n. 2.
[1418] Μουσουλέμ: no texto, "Mousoulem".
[1419] λαοί

juramento e haviam assinado um documento, tendo-o colocado no santo altar, e que depois haviam jurado a Irene que não seriam governados pelo filho dela enquanto ela vivesse, eles, de novo esquecidos disso, começaram a aclamar Constantino como imperador, sendo que os desgraçados não consideravam que não deviam ter feito votos contrários. Pois é forçoso que todo o perjúrio brote de votos contrários: e o perjuro é uma negação de Deus.

Assim, os soldados dos *themata* reuniram-se, no mês de outubro da décima quarta indicção, em Atroa. Todos procuraram, de comum acordo, o imperador Constantino, que na altura tinha vinte anos. Então Irene, temendo o impulso do exército[1420], enviou-o. Eles, por um lado, ratificaram-no como imperador e, por outro, renunciaram à mãe dele. Imediatamente o imperador envia Miguel, o Lacanódraco, e João, seu *baiulus* e *protospatharios*, e fazem com que [os soldados do *thema* dos] Armeníacos jurassem não receber Irene, a mãe dele, como imperatriz: por outro lado, ratificou Aleixo como general deles.

O imperador regressou à cidade no mês de dezembro. Depois de açoitar e tonsurar Estaurácio, exilou-o para o *thema* dos Armeníacos, para satisfação deles. Exilou também Aécio, o eunuco, *protospatharios* e apoiante dela [de Irene], assim como todos os seus eunucos serviçais. Quanto a ela, estabeleceu-a, com toda a imunidade, no palácio de Eleutério, que ela havia construído e no qual também havia escondido muito dinheiro.

Nesse mesmo ano deu-se também um incêndio. O triclínio[1421] do Patriarcado ardeu, o chamado *Thômaítes*[1422], assim como o *Quaestorium*[1423] e muitas outras casas até ao Milião. Já no mês de abril Constantino militou contra os Búlgaros e foi para a chamada fortaleza da Ovelha[1424], até à fonte de São Jorge. Depois de se encontrar com Cárdamo, o senhor da Bulgária, ocorreu uma pequena batalha ao entardecer: os Romanos acobardaram-se, fugiram de noite e regressaram sem glória. Mas também os Búlgaros, temendo, regressaram.

[1420] λαοῦ
[1421] τρίκλινος
[1422] Θωμαΐτης: *i.e.*, edificado pelo Patriarca Thomas.
[1423] κυαιστώριον
[1424] Προβάτου

A.M. 6284

Neste ano, no mês de setembro, o imperador militou contra os Árabes e, depois de sair de Amório, começou a avançar para Tarso, na Cilícia. Depois foi para as Torres Secas[1425] e de novo regressou, sem nada ter alcançado, no mês de outubro, na indicção décima quinta.

No dia quinze do mês de janeiro, o imperador foi convocado pela própria mãe e por muitos dos que estavam no poder: e de novo a nomeia imperatriz. Ela é então aclamada com ele como de início – Constantino e Irene. Todos assentiram: o *thema* dos Armeníacos, porém, tendo resistido, revoltou-se e procurou Aleixo, que pouco tempo antes havia sido general deles, sendo que na altura o imperador o havia chamado, com uma palavra de segurança[1426], e o havia honrado com a dignidade de patrício, tendo-o junto a si. [O imperador], deste modo, por causa desse pedido e de alguns discursos que corriam[1427] acerca deste, segundo os quais ele estaria para ser imperador, açoitou-o-o e tonsurou-o, colocando-o no Pretório.

No mês de julho, ele militou contra os Búlgaros e fundou a fortaleza de Marcelas. No dia vinte do mês de julho, Cárdamo, o senhor da Bulgária, saiu com toda a sua força e estabeleceu-se nas fortalezas. Já o imperador, fervilhando e convencido por falsos profetas de que a vitória seria dele, deu batalha, sem propósito nem preparação, e é pesadamente derrotado. Fugiu e regressou à cidade após ter perdido muitos soldados, não somente do exército geral[1428], mas também dos que estavam no poder, entre os quais o *magister* Miguel, Lacanódraco, o patrício Barda, o *protospatharios* Estêvão o *Chameas*, Nicetas e ainda Teognosto, que eram generais. Perdeu também não poucos homens imperiais e Pancrácio, o falso profeta e astrónomo, que profetizara que ele venceria. [Os Búlgaros] tomaram também o equipamento, os cavalos e a corte[1429], com toda a propriedade imperial.

[1425] Ἀνύδρους πύργους
[1426] μετὰ λόγου
[1427] ῥεσκομένους
[1428] τοῦ κοινοῦ λαοῦ
[1429] κόρτην

Os *tagmata*, assim, reuniram-se na cidade e decidiram trazer Nicéforo, o que fora César, e estabelecê-lo como imperador. Constantino, ao saber disto, enviou [emissários] e trouxe todos[1430] os filhos de Constantino, o seu avô, para São Mamede: e, por um lado, cegou Nicéforo, por outro, cortou a língua a Cristóforo e a Nicetas, a Ântimo e a Eudócimo. Com eles também cegou Aleixo, o referido patrício, convencido pelos conselhos maternos e de Estaurácio – aquele referido patrício, que, se o não cegasse, os outros o nomeariam como imperador. O castigo destes ocorreu no mês de agosto, a um dia de sábado, na indicção décima quinta, à hora nona. Mas a justiça de Deus não permitiu que este feito injusto estivesse muito tempo sem punição. De facto, passados cinco anos, no mesmo mês e no mesmo dia de sábado, o mesmo Constantino é cegado pela sua própria mãe.

A.M. 6285

Neste ano, os Armeníacos[1431], ao ouvirem acerca do patrício Aleixo, que havia sido cegado, atiraram para a prisão o general e patrício deles, Teodoro o Camuliano. O imperador, quando soube disto, enviou o *protospatharios* Constantino, o Artaser, e Crisóqueres, general dos Bucelários, com um exército[1432] dos restantes *themata*, para os subjugar. Eles, assim, iniciaram batalha com os outros, subjugaram ambos os generais e cegaram-nos. Foram mortos muitos de ambas as partes, no mês de novembro da primeira indicção.

No mês de dezembro, dia vinte e cinco, à segunda hora, na sequência de uma trovoada e relâmpagos noturnos, parte da fábrica imperial dos ourives pegou fogo, em Crísio.

Por outro lado, após a Santa Páscoa, o imperador militou, na companhia de todos os restantes *themata*, contra os Armeníacos[1433]. E, no dia vinte e seis do mês de maio da primeira indicção, no domingo de Pentecostes, houve uma batalha e ele venceu graças a um dolo dos Armeníacos que estavam com eles, que os traíram. Ele tomou-os e matou Andrónico, *spatharios* e *tourmarcha* deles, assim como Teófilo, *tourmarcha*, e Gregório, bispo de Sínope, tendo

[1430] ἀμφοτέρους
[1431] Ἀρμενιάκοι
[1432] λαοῦ
[1433] Ἀρμενιάκων

imposto aos restantes castigos e confiscações. Retirou mil soldados da fortaleza deles e prendeu-os na cidade, conduzindo-os através da porta das Blaquernas, no mês de junho, dia vinte e quatro, uma segunda-feira, após ter inscrito nas suas faces, com um bordado preto[1434]: "Traidor armeníaco [1435]". Depois dispersou-os pela Sicília e restantes ilhas. Quanto aos Armenos traidores, estes entregaram aos Árabes a fortaleza de Cámaco, uma vez que em nada foram recompensados pelo imperador.

A.M. 6286

Neste ano, no mês de outubro da segunda indicção, os Árabes tomaram a fortaleza de Tebasa, perante palavra [de imunidade]. Por isso também demitiram os governantes, para que fossem para suas casas.

A.M. 6287

Neste ano, o imperador, que tinha ódio para com a sua mulher, Maria – através da influência de sua mãe, que ambicionava o poder de forma a que ele fosse reprovado por todos – forçou-a a tornar-se monja e, depois de a ter convencido, tonsurou-a no mês de janeiro da terceira indicção.

E, no mês de abril, militou contra os Árabes. No dia oito do mês de maio, tendo batalhado com uma incursão deles no lugar chamado Anusa, venceu e fez com que os outros virassem costas, afastando-os até ao rio. Depois foi até Éfeso, rezou no templo do Teólogo[1436] e pagou o valor[1437] da festa [de São João], que era de cem litras de ouro, para o santo Apóstolo e Evangelista João o favorecer[1438].

No mês de agosto, o imperador coroou Teódota, a cubiculária, como Augusta e casou-se com ela ilegalmente[1439].

[1434] ἐπιγράψας τὰ πρόσωπα μέλανι κεντητῷ: *i.d.* tatuou-os.
[1435] Ἀρμενιάκος
[1436] εἰς τὸν Θεολόγον: *i.e.*, numa igreja dedicada a S. João Evangelista.
[1437] τὸ κωμέρκιν […] ἐκούφισε: a designação exata destas palavras é difícil de precisar: *cf.* MANGO & SCOTT 1997 645, n. 3.
[1438] θεραπείαν
[1439] παρανόμως

A.M. 6288

Neste ano, no mês de setembro da quarta indicção, o imperador casou-se com Teódota no palácio de São Mamede, [celebrando] durante quarenta dias. No mês de abril da mesma quarta indicção, a um sábado, à hora noturna, ocorreu um sismo na ilha de Creta, muito assustador. Deu-se também um outro [sismo] assustador em Constantinopla, no mês de maio, dia quatro.

Já Cárdamo, o senhor da Bulgária, revelou ao imperador: "Ou me pagas os tributos, ou irei até à Porta Dourada e farei da Trácia um deserto." O imperador, então, atirou excrementos de cavalo para dentro de um lenço e enviou-lho, dizendo: "Enviei-te os tributos que te convêm. Tu és velho e eu não quero que te desgastes até aqui. Pelo contrário, eu irei até Marcelas: sai também! E que decida Deus!". O imperador, depois, enviou [uma mensagem] para os *themata* asiáticos[1440], congregou o seu exército[1441] e foi até Versinícia. Cárdamo foi até à floresta de Avroleva e, tendo-se acorbardado, permaneceu no arvoredo.

Então o imperador animou o seu exército e foi até à parte a descoberto de Avroleva, chamando-o durante dezassete dias. O outro não ousou [sair], mas fugiu e regressou para casa. Neste mesmo ano, também os Árabes foram até Amório e, uma vez que não alcançaram nada, regressaram, tendo feito cativos de guerra nas regiões em redor.

Neste mesmo ano Platão, o hegúmeno de Sacúdio, afastou-se da comunhão com o patriarca Tarásio, por ter este recebido em comunhão o imperador e por ter ordenado ao [seu] catequista que tonsurasse a mulher dele, Maria, e por ter ordenado ao *abbas* José, o hegúmeno de Cátara, que o coroasse [com a coroa matrimonial] na companhia de Teódota. O imperador, quando soube disto, enviou Bardânio, o patrício e *domesticus* das *scholae*, e João, o *comes* do Opsício: introduziu Platão na cidade e fechou-o numa clausura, no templo do Arcanjo do palácio. Por outro lado, puniu os restantes monges, juntamente com os sobrinhos dele [de Platão], e exilou-os para Tessalónica. A mãe do imperador defendeu-os, visto que eles se opunham ao filho dela e que o envergonharam.

[1440] περατικά
[1441] λαόν

A.M. 6289

Neste ano, no mês de setembro, o imperador saiu juntamente com sua mãe para irem aos banhos de Prusa. E, no dia sete do mês de outubro da quinta indicção, nasceu ao imperador um filho, a quem ele deu o nome de Leão. O imperador, quando o soube, abandonou a mãe dele nas termas, com todo o aparato imperial e os governantes, e regressou, à pressa, para a cidade. Assim a mãe dele, tendo encontrado um tempo oportuno, conversou com os governantes dos *tagmata*, iludiu-os com presentes e promessas para que depusessem o filho dela e para que ela fosse a única reinar. Ela lisonjeou uns por ela mesma, ao passo que outros o foram através dos seus homens: e a todos arrastou para si e esperou por encontrar um dia apto.

Em Roma, por sua vez, após o falecimento do papa Adriano, é eleito Leão, um homem venerabilíssimo e respeitável em todas as coisas[1442].

No mês de março, o imperador saiu contra os Árabes, tendo consigo o patrício Estaurácio, os restantes amigos de sua mãe e um grupo de soldados ligeiros, escolhidos de todos[1443] os *themata* – vinte mil. Os que estavam em torno de Estaurácio, ao verem a coragem do exército[1444] e do imperador, temeram, não fosse ele entrar em batalha e vencer, fazendo com que os próprios falhassem na insídia contra ele. Assim, deram presentes aos soldados da *bigla* e convenceram-nos a mentir, dizendo que os Sarracenos haviam fugido. O imperador, então, muito entristecido, entrou na cidade sem nada ter realizado.

E, no primeiro dia do mês de maio, faleceu o filho dele, Leão, e ele chorou-o profundamente. No dia dezassete do mês de julho, na indicção quinta, uma quinta-feira, tendo o imperador passado para São Mamede, [vindo] de uma corrida de cavalos, os [representantes] dos *tagmata* que estavam conversados contra ele avançaram para o submeterem. Ele, porém, tendo-se apercebido disto, entrou no seu *chelandion* e passou para Pilas, desejando refugiar-se no *thema* dos Anatólicos. Estavam com ele os amigos da sua mãe, sem o seu

[1442] ἀνὴρ τιμιώτατος καὶ κατὰ πάντα αἰδέσιμος
[1443] ἀμφοτέρων
[1444] λαοῦ

conhecimento. Também a mulher dele veio até Tritão. Então os amigos da sua mãe, que estavam com ele, reuniram-se e disseram para si próprios: "Se for reunido um exército[1445] perante ele, já não será dominado: não nos poderemos esconder dele e ele destruir-nos-á."

A mãe dele, por seu turno, após ter congregado no [palácio] Eleutério os soldados dos *tagmata* que haviam conjurado com ela, entrou no palácio e, tendo sido informada da passagem do exército[1446] para o imperador, teve muito medo e considerou em enviar-lhe bispos, a fim de receber palavra [de imunidade] e ficar a um canto. Porém, escreveu clandestinamente aos amigos dela, que estavam com ele: "Se não fizerdes alguma coisa e o não entregardes, tenho intenções de revelar ao imperador as conversações que tendes comigo." Eles apoquentaram-se e apanharam-no graças a um pedido[1447]: introduziram-no num *chelandion*, a um sábado de madrugada, e chegaram à cidade no dia quinze do mês de agosto. Depois fecharam-no na [sala] Pórfira, onde havia nascido. E, por volta da hora nona, cegaram-no terrivelmente e de forma incorrigível, para que ele morresse, com o consentimento da sua mãe e dos que decidiam com ela. O sol, então, enegreceu-se durante dezassete dias e não entregou os seus raios, ao ponto de as embarcações vaguearem e serem arrastadas e de todos dizerem e concordarem que o sol havia posto de parte os seus raios por causa do cegamento do imperador. E assim Irene, a mãe dele, tomou o poder.

Neste mesmo ano, também os familiares do beato papa Adriano de Roma movimentaram o exército[1448] e revoltaram-se contra o papa Leão. Eles tomaram o poder e cegaram-no: mas não consegiram extinguir completamente a sua visão, pois aqueles que o cegaram eram filantropos[1449] e pouparam-no. Ele, então, fugiu para Carlos, o rei dos Francos: [este] defendeu-o acerbamente dos inimigos dele e colocou-o de novo no seu próprio trono. A partir

[1445] λαός
[1446] λαοῦ
[1447] ἐκράτησαν αὐτὸν εἰς παράκλησιν: o sentido frásico não é claro.
[1448] τὸν λαόν
[1449] φιλανθρώπων

dessa altura[1450] Roma ficou sob a autoridade dos Francos. Ele, retribuindo a Carlos, coroou-o como imperador dos Romanos no templo do Santo Apóstolo Pedro, tendo-o ungido com óleo desde a cabeça até aos pés e tendo-lhe colocado uma roupagem imperial e uma coroa, no mês de dezembro, dia vinte e cinco da nona indicção.

A.M. 6290

Neste ano Irene, depois de ter tomado o império, logo envia Doroteu, o hegúmeno de Crisópolis, e Constantino, *chartofylax* da Grande Igreja, para Abimeleque, que estava a pilhar as regiões da Capadócia e da Galácia, mandando embaixadas acerca da paz. Esta, todavia, não se realizou.

E, no mês de outubro, alguns revoltosos convencem os filhos de Constantino, o que lutara contra Deus[1451], e que estavam presos no palácio de Terapeia, a refugiar-se na Grande Igreja, com o pretexto de pedirem imunidade para a futura segurança deles, a fim de que, através desta desculpa, um deles fosse proclamado imperador. Concorreu então muito povo[1452] para a igreja, pelo que Aécio, o eunuco patrício, ao entrar, retirou-os [de lá] graças a uma palavra [de segurança], enquanto ninguém estava a prestar atenção. E exilou-os para Atenas. Os dois patrícios, depois, Estaurácio e Aécio, íntimos da imperatriz, viram-se um contra o outro, ao ponto de a inimizade aparecer claramente. Ambos tinham o objetivo de aproximar o império para os seus próprios familiares, após a morte dela.

A.M. 6291

Neste ano, Abimeleque saiu contra a România e, após ter enviado uma excursão de soldados ligeiros, chegou até Malagina. Chegou até aos estábulos de Estaurácio, capturou os cavalos e o gado imperial e regressou incólume. Os restantes vieram até à Lídia e tomaram muitos cativos. Em seguida saiu uma outra investida deles e caiu sobre Paulo, patrício e *comes* do Opsício, juntamente com todo o *thema* dele e os *optimates*, fazendo neles um grande

[1450] ἀπ᾽ἐκείνου καιροῦ
[1451] τοῦ θεομάχου
[1452] πολλοῦ λαοῦ

massacre. Depois de capturarem o equipamento deles, também regressaram.

No mês de março da sétima indicção, Acâmero, o chefe dos Esclavenos de Velzécia[1453], quis, pungido pelos Heládicos, trazer os filhos de Constantino e fazer com que um deles fosse nomeado imperador. A imperatriz Irene, ao ter conhecimento disto, envia ao patrício Constantino, o Serantapeco, o filho dele, Teofilacto, que era *spatharios* e sobrinho dela. A todos cegou e dissipou a insídia deles contra ela.

Na segunda-feira da santa Páscoa, a imperatriz veio [da igreja] dos Santos Apóstolos transportada por uma carruagem de ouro, jungida por quatro cavalos brancos e conduzida por quatro patrícios – por Bardano, digo, general dos Tracesianos; Sisínio, general da Trácia; Nicetas, *domesticus* das *scholae*; e Constantino Boilas – enquanto que ela liberalizava larguezas consulares em abundância.

No mês de maio, por seu turno, a imperatriz adoeceu, aproximando-se da morte: e a discórdia dos eunucos intensificou-se. Aécio ganhou para si Nicetas, o patrício e *domesticus* das *scholae*, e eles opuseram-se ferozmente a Estaurácio, convencendo também a imperatriz de que este se lançava ao poder. Ela, assim, terrivelmente enfurecida, atacou-o severamente no palácio de Hiéria, ao dizer que ele era um maquinador de insídias e de revoltas e que havia preparado para si mesmo uma rápida destruição. Ele, por sua vez, defendeu-se perante ela e começou a proteger-se a si mesmo, enquanto estava enfurecido contra Aécio e Nicetas, os referidos patrícios.

A.M. 6292

Neste ano, no mês de fevereiro, indicção oitava, o referido Estaurácio preparou uma tirania e uma revolta na cidade imperial, acariciando, com dinheiro e presentes, os *scholarii* e os *excubitores* que estavam nela, em conjunto com os seus oficiais. Já Irene, a pia[1454], fez um *silentium* no *Triclinium* de Justiniano e impediu todo aquele que estivesse com funções militares de se aproximar de Estaurácio. Deste modo, as coisas encontraram uma breve ordem.

[1453] τῆς Βελζητίας: em transliteração "Belzetia".
[1454] εὐσεβής

Então os referidos Aécio e Nicetas, juntamente com alguns outros, começaram a atacar Estaurácio. Este foi atingido no coração e expeliu sangue espumoso pela boca, oriundo dos órgãos do peito e dos pulmões. Os médicos, quando viram isto, revelaram que era mortal. Mas os outros, bajuladores e estúpidos, não somente médicos, mas até alguns falsos monges[1455] e feiticeiros, persuadiam-no com juramentos, até ao dia da sua morte, que ocorreu no mês de junho da mesma oitava indicção, de que ele viveria e seria imperador. Confiado nestes, ele preparou uma revolta nas Capadócias contra Aécio, acerca da qual não foi digno de ouvir enquanto vivia: de facto, foi dois dias após a sua morte que chegou a notícia acerca disso. E os revoltosos, uma vez reunidos, sofreram exílios e castigos.

A.M. 6293

Neste ano, no mês de dezembro, dia vinte e cinco, indicção nona, Carlos, o rei dos Francos, foi coroado por Leão, o papa. Ele decidira militar contra a Sicília com uma frota, mas mudou de opinião e quis, em vez disso, casar-se com Irene. Enviou embaixadores para o efeito no ano seguinte, na indicção décima.

No mês de março da nona indicção, Irene, a pia[1456], retribuiu aos Bizantinos os impostos políticos e retirou os chamados *commercia* de Abido e de Hierão, sendo muito agraciada por causa disto e de muitas outras coisas.

A.M. 6294

Neste ano, o patrício Aécio, livre de Estaurácio e estando descansado, apressou-se a transferir o poder para o seu próprio irmão, a quem também nomeou *monostrategos* da Trácia e da Macedónia, sendo que ele controlava os *themata* asiáticos[1457], [designadamente] os anatólicos e os do Opsício. Estava, portanto, cheio de elevação, pelo que desonrou os governantes que estavam no poder, julgando que de nada valiam. Eles, muito irritados contra ele, prepararam uma revolta contra a imperatriz e puseram mãos à

[1455] ἀμόναχοι μοναχοί: jogo de palavras: «monges que não são monges».
[1456] ἡ εὐσεβὴς
[1457] περατικὰ θέματα

obra. Chegaram também os aprocisiários que haviam sido enviados por Carlos e pelo papa Leão para a piíssima[1458] Irene, pedindo para que ela se unisse em casamento a Carlos e assim unisse o Oriente e o Ocidente. Ela teria assentido, se este Aécio, que foi várias vezes mencionado, e que era influente junto dela, não o tivesse proibido e estivesse a usurpar o poder para o seu próprio irmão.

A.M. 6295

Neste ano, no mês de outubro, dia trinta e um da indicção décima primeira, na hora quarta da noite, enquanto a segunda feira começava, Nicéforo, o patrício e *logothetes* geral, tomou tiranicamente o poder contra a imperatriz Irene, sendo que Deus o permitiu por inefáveis juízos, graças à multidão dos nossos pecados[1459]. Trabalhava com ele Nicetas, patrício e *domesticus* das *scholae*, e Sisínio, patrício e irmão dele, os perjuros e dolosos Trifílios. Estavam com eles também o patrício Leão, o Serantapeco, Gregório o patrício, filho de Musulácio, Teoctisto, patrício e questor, e ainda Pedro patrício, que por sua vez seduziram alguns dos oficiais do exército[1460] dos *tagmata*.

Quando eles chegaram à chamada [Porta de] Bronze, iludiram rapidamente os guardas e convenceram-nos de que haviam sido enviados por ela [Irene] para aclamarem como imperador o mesmo Nicéforo, visto o patrício Aécio tê-la coagido a aclamar como imperador o irmão dele, Leão. Eles acreditaram em tamanha mentira e aclamaram com eles o tirano como imperador. Estes mesmos patrícios, assim, avançaram sobre o grande palácio, entraram nele e, após terem enviado de lá [como pregoeiros], para toda a cidade, algumas pessoas ignóbeis e escravos, fizeram a aclamação antes da meia noite e estabeleceram guardas no palácio de Eleutério, onde ela calhava de estar. Com o nascer do sol, convocaram-na e fecharam-na no grande palácio. E assim avançaram para a Grande Igreja, para coroarem o pecador[1461].

Estava presente toda a multidão da cidade. Todos estavam desagradados com as coisas que estavam a ocorrer, amaldiçoando o

[1458] τὴν εὐσεβεστάτην
[1459] θεοῦ μὲν συγχωρήσαντος ἀφάτοις κρίμασι διὰ πλῆθος ἁρμαρτινῶν ἡμῶν
[1460] λαοῦ
[1461] τὸν ἀλιτήριον

coroador e o coroado e os que concordavam com eles. Os que viviam em piedade e na palavra admiravam-se com a decisão divina[1462], como permitira que aquela que havia competido, como uma mártir, pela fé correta[1463], fosse deposta por um criador de porcos, enquanto que os mais íntimos dela passavam para o lado dele por causa da avareza: falo de Leão, eunuco, patrício e *sakellarius* de Sínope; dos Trifílios, detestados por Deus, e dos patrícios acima referidos, que haviam enriquecido à custa dela com muitos presentes e que, muitas vezes, haviam tomado refeição com ela e a convenciam, com bajulações e juramentos terríveis, que a boa ordem para com ela era mais necessária do que todas as coisas no mundo.

Já outros, como que num êxtase, não compreendiam a realidade do que estava a ocorrer, pelo que pensavam que estavam a ter um sonho. Outros, que sabiam bem o que estava a preparar-se, alegravam-se com a prosperidade que tinha passado e lamentavam as dificuldades que estavam para vir através da tirania, sobretudo aqueles que já tinham tido experiência da malvada orientação do tirano. Uma negrura e uma fraqueza inconsolável a todos tomou – isto para que não estenda a descrição, nas suas partes, ao escrever as desencantadas estórias daquele dia miserando. Efetivamente, até a condição do ar calhou de estar nesse dia, de súbito e contra a natureza, enegrecida, sem luz e cheia de um frio incorrigível, no tempo de outono, revelando claramente a irritação que estava para vir e a opressão insuportável, sobretudo aos que elegeram [o tirano].

Depois, no dia seguinte, [Nicéforo] tomou alguns dos patrícios e subiu para ir ter com a imperatriz enclausurada, fingindo, como lhe era comum, uma falsa bondade, pela qual também aliciou muitos. Defendeu-se perante ela, como tendo ascendido ao poder involuntariamente, e como que não o desejando, amaldiçoando os que o haviam empurrado e que haviam feito uma conspiração contra ela, tal como Judas [fizera] ao Senhor após ter ceado com Ele, dizendo que eles imitavam aquele em tudo. Revelou-lhe as botinas negras e assegurou que gostaria de as usar contra o costume imperial. Aconselhou-a ainda, dolosamente e com juramentos, a animar-se em relação a todo o conforto corporal que convém a uma

[1462] οἱ μὲν εὐλαβείᾳ καὶ λόγῳ συζῶντες τὴν θείαν κρίσιν ἐθαύμαζον
[1463] ὑπὲρ τῆς ὀρθῆς πίστεως μαρτυρικῶς ἀθλήσασαν

senhora, dado por um seu escravo, e que nenhuma desgraça seguiria a destituição dela. Exortou-a também a não lhe esconder os tesouros imperiais: e condenou a perturbação da avareza, que ele não conseguia conter. Pois aquele voraz[1464] sofria disso de uma forma terrível, tendo colocado todas as esperanças no ouro. Por outro lado, a sábia Irene, que amava a Deus[1465], ainda que estivesse constrangida pelo sofrimento causado por esta súbita alteração [da fortuna], visto que até era uma mulher, disse valorosamente, e com um pensamento prudente, àquele que no dia anterior fora um escravo perjuro, e que naquele dia era um desgraçado, rebelde e desavergonhado tirano:

"Eu, ó homem, tenho Deus em consideração [como ajudante e vingador][1466], que me elevou a mim, que já antes havia sido deixada órfã, e que me fez subir a mim, indigna, ao trono do império. Imputo a mim mesma a causa da destituição, a mim e aos meus pecados, ´proclamando em todas as coisas e por todos os lugares que o nome do Senhor é abençoado´[1467], sendo somente ele o ´Imperador dos imperadores e o Senhor dos senhores´[1468]. Por outro lado, atribuo ao Senhor, sem o Qual não creio que nada se realize, a forma da tua promoção. Não desconheces os rumores contra ti que me foram muitas vezes referidos, acerca da dignidade que agora te cai (verdadeiras, como o fim das coisas revela). Movida por estas coisas[1469], eu poderia ter-te matado sem ser afetada. Mas, em parte acreditando nos teus juramentos, em parte por misericórdia para contigo, desconsiderei muitos dos que me estavam bem dispostos, sendo que também nessa altura remetia a Deus as coisas que me ocorriam. ´É através d'Ele que os imperadores governam e que os poderosos se assenhoreiam da terra´[1470]. Agora inclino-me[1471] perante ti como a um imperador, como sendo tu pio e por Ele escolhido[1472], e peço-te que poupes a minha fraqueza e que

[1464] ὁ παμφάγος
[1465] ἡ δὲ σοφὴ καὶ θεοφιλὴς
[1466] Palavras que não se encontram no texto que chegou até nós. Seguimos a reconstrução dada por MANGO & SCOTT 1997 658, n.7.
[1467] Sl. 33, 2
[1468] Ap. 19, 6
[1469] Gl. 2, 13; 2 Pe. 3, 17
[1470] Pv. 8, 14
[1471] προσκυνῶ
[1472] ὡς εὐσεβεῖ σοι καὶ ἐξ αὐτοῦ προβληθέντι

concordes em [dar-me] a casa de Eleutério, por mim fundada, como gratificação para a minha incomparável desgraça." O outro disse: "Se quiseres que isto se realize, jura por toda a força divina[1473] que nada esconderás acerca dos tesouros do império. Assim cumpro o teu pedido e faço-te todo o tratamento e repouso." A outra jurou-lho sobre a Venerável e Vivificante Cruz[1474]: "Não te esconderei: até ao [último] cêntimo." Coisa que fez. O outro, porém, tendo obtido o que desejava, de imediato a exilou para a ilha de Príncipo, para o mosteiro que ela havia construído. Isto enquanto os apocrisiários de Carlos estavam na cidade e a ver o que se passava.

Deste modo este voraz, após tomar o poder, não conseguiu esconder, nem mesmo por um breve tempo, pela hipocrisia, a sua maldade ingénita e avareza: mas, aparentemente para cortar com a injustiça, estabeleceu o malvado e injusto tribunal na Magnaura. O objetivo do tirano não era o de retribuir a justiça aos pobres, como as coisas revelaram, mas que, através dele, desonrasse e cativasse todos os que estavam no poder e transferisse para si tudo: coisa que realizou. Por outro lado, ao ver todos entristecidos contra si, e alarmado, não fossem eles, recordados das boas obras da pia[1475] Irene, chamá-la para que de novo estivesse no poder, no mês de novembro, enquanto decorria o inverno, este sem-misericórdia[1476] não a poupou, mas enviou-a para a ilha de Lesbos, ordenando que fosse vigiada firmemente e que, de uma forma geral, não fosse vista por ninguém.

No dia trinta do mês de abril morreu Nicetas, o Trifílio, assassinado por Nicéforo com um veneno, segundo dizem. E, no dia quatro do mês de maio, quinta-feira, Nicéforo saiu para Calcedónia, para um subúrbio. Subiu para um cavalo bem domesticado e manso, mas, por decisão divina[1477], foi arremessado[1478] e esmagou o pé direito.

Já no dia dezanove do mês de julho, numa quarta-feira, à hora primeira, Bardanes, o patrício e general dos Anatólicos, o chamado

[1473] εἰς πᾶσαν θείαν δύναμιν
[1474] εἰς τὰ τίμια καὶ ζωοποιὰ ξύλα
[1475] τῆς εὐσεβοῦς
[1476] ἄσπλαγχος
[1477] ἐκ θείας προνοίας
[1478] τοῦτον καταβαλών: para dar à passagem concordância gramatical, tivemos que ler este verbo como se fosse passivo, no seguimento da leitura de Mango e Scott.

Turco, foi aclamado como imperador pelos *themata* asiáticos[1479]. Este, depois de se ter escusado com muitas coisas, não conseguiu esquivar-se deles. Foi então até Crisópolis e vagueou durante oito dias. Uma vez que não foi recebido pela cidade, regressou até Malagina. Por outro lado, temendo a Deus, e tendo decidido que de forma alguma se realizaria, graças a ele, uma carnificina de Cristãos, enviou [um mensageiro] para Nicéforo e recebeu palavra de imunidade, escrita pela sua própria mão, que também era assinada por Tarásio, o santíssimo patriarca, e por todos os patrícios, segundo a qual ele seria mantido incólume e sem castigo, assim como todos os que estavam com ele.

No dia oito do mês de setembro, à hora da meia-noite, fugiu clandestinamente e veio até Quio, na Bitínia, para o mosteiro de Heráclio. Encontrou o *chelandion* do imperador que fora enviado para ali. Foi tonsurado, vestiu uma roupagem monástica, entrou nele e veio para uma ilha chamada Prote, na qual havia construído um mosteiro, julgando que Nicéforo, o perjuro[1480], teria reverência pela palavra terrível[1481] que lhe havia dado e que não o magoaria em nada. O outro, porém, denuda-o, em primeiro lugar, da sua propriedade; depois, agarrando-se a uma desculpa, cativou todos os governantes e proprietários dos *themata* [que o haviam apoiado], e ainda alguns da cidade imperial, deixando o exército sem pagamento. E que palavra poderá explicar com justeza as coisas realizadas nesses dias, com o assentimento de Deus e por causa dos nossos pecados[1482]?

Então, no dia nove de agosto da indicção décima primeira, faleceu a imperatriz Irene, no exílio da ilha de Lesbos. O corpo dela foi transportado para a ilha de Príncipo, no mosteiro que ela fundou.

A.M. 6296

Neste ano, no mês de dezembro da décima segunda indicção, Nicéforo coroou o seu filho como imperador, Estaurácio, através de Tarásio, o santíssimo patriarca, no *ambo* da Grande Igreja. Ele não

[1479] περατικῶν θεμάτων
[1480] παραλογιστής
[1481] φοβερόν: relativo ao juramento
[1482] κατὰ θεοῦ παραχώρησιν διὰ τὰς ἁμαρτίας ἡμῶν;

era em nenhuma coisa adequado para tal dignidade, seja na aparência, seja na força, seja no julgamento. Já aquele que em nada alguma vez defendeu a verdade[1483], Nicéforo, enviou uns certos Licaónios, ou lobisomens[1484] , que pensavam como ele e eram seus correligionários, para que de noite subissem para a ilha [de Prote] e cegassem o acima mencionado Bardânio e – para tudo parecer sem o conhecimento de si próprio – que após o feito se refugiassem na igreja.

Tendo isto ocorrido, o patriarca e o Senado sofreram terrivelmente, assim como todos os que temiam a Deus. Então o muito ilegal[1485] imperador Nicéforo procurava matar, segundo parecia sob juramentos [de inocência], os Licaónios[1486] que estavam no poder, afirmando que vingava [Bardânio], ele, que fazia todas as coisas para exibição e nunca para acordo com Deus. De facto, ele tinha esta destacada característica da mente, em conjunto com todos os restantes atributos ilegais[1487], com a qual enganou a muitos antes de ter o império. De resto, ele foi muito risível àqueles que sabiam com propriedade do assunto, que levou a que aquela desgraçada cara, semper enegrecida em grande despudor, nesta altura ficasse confinada durante sete dias no quarto imperial, a chorar de forma manhosa, visto que também lhe caíam naturalmente lágrimas femininas, como caem a muitas pessoas vulgares e falsamente benignas. Mas ele não enganou a maioria das pessoas.

Já no mês de agosto, tendo saído contra os Árabes, encontrou-se com eles em Craso, na Frígia. Depois de ocorrer uma batalha, é derrotado: e, tendo perdido muitos, pouco faltou para que ele próprio estivesse para ser tomado, não tivessem alguns dos comandantes, mais corajosos, conseguido salvá-lo, a custo, do apuro.

A.M. 6297

Neste ano ocorreu uma revolta por toda a Pérsia, pelo que o chefe dos Árabes foi lá para fazer paz com eles. Então Nicéforo, ao

[1483] ὁ δὲ μηδέποτε ἐν μηδενὶ φυλάξας ἀλήθειαν
[1484] λυκανθρώπους: quiçá uma referência à sua agressividade, como que lupina.
[1485] παρανομώτατος
[1486] Λυκάονας: em transliteração, teríamos “Lykaonas”.
[1487] παρανομιῶν

encontrar este período de tranquilidade, refundou Ancira, na Galácia, e Tebasa e Andrasos. Enviou também uma excursão à Síria e, nada tendo alcançado, eles regressaram, sendo que em vez disso muitos foram perdidos.

A.M. 6298

Neste ano, no mês de fevereiro, dia vinte e cinco de fevereiro da décima quarta indicção, Tarásio, o santíssimo patriarca de Constantinopla, faleceu gloriosamente. As suas relíquias foram transportadas para o Estreito do Ponto[1488], e enterradas no mosteiro por ele fundado, na quarta-feira da primeira semana da Quaresma. E, no dia doze do mês de abril, no Grande Domingo de Páscoa, Nicéforo, que fora *assecretis*, foi nomeado santíssimo patriarca, por eleição de todo o povo[1489] e sacerdotes, e ainda dos imperadores.

Porém, Platão e Teodoro, hegúmenos do mosteiro de Estúdio, não aprovaram a eleição de Nicéforo, mas opuseram-se de forma estrénua, tendo preparado um cisma. Tinham como causa aparentemente louvável que uma pessoa que tivesse sido leiga não devia correr logo para o episcopado. O imperador Nicéforo, querendo expulsá-los da cidade, foi impedido, pois algumas pessoas que tomavam conselho com ele decidiram que a eleição do patriarca não seria de louvar, se ocorresse sobre a deposição dos referidos hegúmenos e sobre a destruição de tamanho mosteiro, sendo que havia setecentos monges chefiados por Teodoro. Disseram ainda que o assunto não era estranho à igreja nem pensado havia pouco tempo, mas que muitos outros foram bispos tendo sido leigos, sendo sacerdotes dedicados a Deus de uma forma digna do cargo.

Neste mesmo ano Aarão, o chefe dos Árabes, militou contra a România, com uma força elevada de Mauróforos e de soldados da Síria, da Palestina e da Líbia – trezentos mil. Depois de ir até Tiana, construiu uma casa da blasfémia dele[1490]. E, após ter feito um cerco, tomou a fortaleza de Hércules[1491], que era muito bem fortificada, assim como Tebasa, Malacopeia, Siderópalo e Andrasos. Enviou ainda uma força expedicionária de sessenta mil homens e chegou

[1488] Στενῷ τοῦ Πόντου: para o Bósforo, portanto.
[1489] λαοῦ
[1490] οἶκον τῆς βλασφημίας αὐτοῦ: *i.d.*, uma mesquita.
[1491] Ἡρακλέως: no texto, "Herakles".

até Ancira: depois de a examinar, regressou. O imperador Nicéforo, assim, tomado pelo medo e pela dificuldade, saiu também ele em desespero, demostrando as coisas valorosas que surgem da adversidade. Fez muitos troféus e enviou para Aarão o metropolita de Sínada, Pedro, hegúmeno de Guleu[1492], e Gregório, o *oikonomes* de Amastre, pedindo para se realizar a paz.

Eles conversaram então sobre muitas coisas e firmaram a paz, de tal forma que lhes deviam ser pagas [aos Árabes], anualmente, cerca de trinta mil moedas e três moedas em taxa de capitação[1493] pelo mesmo imperador, assim como outras três pelo filho dele. Aarão, ao receber estas coisas, alegrou-se mais do que se tivesse recebido dez mil talentos, visto ter ele submetido o império dos Romanos. Estabeleceram ainda que as fortalezas capturadas não deveriam ser reconstruídas. Porém, quando os Árabes regressaram, de imediato ele reconstruiu as mesmas fortalezas e fortificou-as. E Aarão, ao saber disso, enviou de novo [um exército] e capturou Tebasa. Enviou ainda uma frota para o Chipre: destruiu as igrejas, transferiu os Cipriotas e, após ter causado muita destruição, quebrou a paz.

A.M. 6299

Neste ano, Nicéforo militou contra os Búlgaros e, quando chegou a Adrianópolis, apercebeu-se de que estava a ser preparada uma revolta contra ele pelos homens imperiais e pelos *tagmata*, pelo que regressou sem nada ter feito nem conseguido, para além de castigar alguns dos seus conterrâneos, submetendo muitos a açoites, exílios e consfiscações. Por outro lado, enviou Bardânio, o *spatharios*, o chamado Anemas, e capturou todo o refugiado e estrangeiro e transferiu-os para a Trácia, julgando – ele, que fazia todas as coisas por causa do ouro por ele muito amado, e não por causa de Cristo – que uma não pequena quantia de ouro viria deles, oriunda de impostos anuais.

[1492] τοῦ Γουλαίου: em transliteração “Goulaion”.
[1493] τρία νομίσματα κεφαλιτιῶν

A.M. 6300

Neste ano, no mês de setembro da primeira indicção, Aarão, o chefe dos Árabes, enviou Humaide[1494] com uma armada contra Rodes. Este navegou logo para Rodes e, quando chegou, fez nela muita devastação, sendo que o forte que lá estava a ser vigiado permaneceu incólume. Enquanto ele regressava foi desbaratado às claras pelo santo e taumaturgo[1495] Nicolau. De facto, quando chegou a Mira, tentou destruir a santa urna dele, mas partiu em vez dela uma outra urna, que jazia perto. E logo uma grande anomalia de ventos, de ondas marítimas, de trovoadas e de luzes tomou a frota, ao ponto de um número considerável de embarcações se ter afundado e de o próprio Humaide, que lutava com Deus[1496], ter reconhecido a força do santo e ter fugido inesperadamente ao perigo.

Já no dia vinte do mês de dezembro, Nicéforo, após uma grande seleção de virgens, oriundas de toda a terra sob a sua autoridade, escolheu, para o casamento com Estaurácio, seu filho, Teófano a Ateniense, familiar da beata Irene, ainda que ela estivesse prometida a um homem e se tivesse deitado várias vezes com ele. O outro separou-a dele e casou-a com o miserável Estaurácio, transgredindo a lei, nisto como em tudo, desavergonhada e ilegalmente. Além disso, depois de escolher duas outras, mais belas do que aquela, violou-as abertamente durante os mesmos dias do casamento, enquanto que esse desgraçado era gozado por todos.

No mês de fevereiro, tendo muitos dos que estavam no poder meditado uma revolta contra ele, elegeram Arsaber, o *quaestor* e patrício, um homem pio e muito sábio. Então o ardiloso[1497] Nicéforo, ao saber disto, chicoteou-o e tonsurou-o, fazendo dele um monge. Exilou-o para a Bitínia, sendo que puniu os outros com açoites, exílios e confiscações, não somente os que governavam no século, mas também os santos bispos, os monges e [os clérigos] da Grande Igreja – o sincelo, o *sacellarius* e o *chartofyllax*, homens louváveis e dignos de reverência.

[1494] Χουμεϊδ: em transliteração, "Choumeid".
[1495] τοῦ ἁγίου καὶ θαυματουργοῦ
[1496] θεομάχον
[1497] ὁ πολυμήχανος

A.M. 6301

Neste ano Aarão, o chefe dos Árabes, morreu na Pérsia interior, no chamado Corasão, no mês de março da segunda indicção. E seguiu-se-lhe no poder Maomé, o seu filho, que era incapaz em tudo. Abedalá, o seu irmão, revoltou-se contra ele, na mesma região de Corasão, juntamente com as forças do pai, e tornou-se a causa de uma guerra civil para o povo deles. Por isto, as pessoas que estavam por toda a Síria, Egito e Líbia, submetidas a diferentes poderes, viraram-se contra as coisas públicas e uns contra os outros, fazendo uso de assassínios, de rapinas e de todo o tipo de coisas desnaturadas, seja uns para com os outros, seja para com os Cristãos que estavam sob eles. Daqui que também as igrejas, na cidade de Cristo nosso Deus, se tenham esvaziado, assim como os mosteiros das duas grandes Lauras, a de Caritão e de Ciríaco, que estão entre os santos, e a do santo Sabas, assim como os restantes *koinobia* dos santos Eutímio e Teodósio. A sede de sangue desta anarquia apoderou-se deles, uns contra os outros e contra nós, durante cinco anos.

Teodósio, por seu turno, o hegúmeno de Estúdio, e José, o irmão dele e arcebispo de Tessalónica, juntamente com o enclausurado[1498] Platão e os restantes seus monges, afastaram-se da comunhão com Nicéforo, o santíssimo patriarca, e insurgiram-se por causa de José, o *oikonomos*, por ter ele coroado ilegalmente[1499] Constantino e Teódota. Então o imperador Nicéforo, depois de se agarrar a esta oportunidade e de reunir muitos bispos e hegúmenos, ordenou que se estabelecesse um Concílio contra eles, através do qual foram expulsos do mosteiro e da cidade, enviados para o exílio no mês de janeiro da segunda indicção.

Neste mesmo ano, enquanto se estava a dar o salário ao exército[1500] de Estrimão, os Búlgaros caíram sobre ele, capturaram mil e cem litras de ouro e mataram muito do exército, juntamente com o general e os oficiais. Efetivamente, estavam lá estabelecidos não poucos oficiais dos restantes *themata*: e todos aí morreram. [Os Búlgaros] tomaram também todo o equipamento e regressaram.

[1498] ἐγκλείστῳ
[1499] ὡς παρανόμως
[1500] λαῷ

Nesse mesmo ano, antes da festa da Páscoa, Crum[1501], o líder dos Búlgaros, dispôs de um exército contra Sérdica e tomou-a por palavra e dolo, tendo destruído os exércitos Romanos, seis mil [soldados], sem contar com a multidão de cidadãos privados. Nicéforo, depois, aparentou ter saído contra ele, na terça-feira da semana da Paixão do Senhor, mas não fez nada de digno; por outro lado, considerou indigno que os oficiais que haviam escapado ao massacre pedissem uma palavra de imunidade, pelo que os forçou a refugiar-se no inimigo, entre os quais se encontrava Eumácio, o *spatharios*, um engenheiro experiente.

Nicéforo, para ajuntar à desonra, também se esforçou por convencer a cidade imperial, com *sacras* ajuramentadas, que havia celebrado a festa da Páscoa na corte do Crum. Por outro lado, desejando reedificar Sérdica, que havia sido capturada, mas temendo as multidões que se opunham, sugeriu, através dos generais e dos oficiais, que se convencessem as multidões [de soldados] a pedir ao imperador a reconstrução. Estes, porém, compreenderam a artimanha, designadamente que havia sido sugerida pela mal-feitoria do outro, pelo que se revoltaram contra ele e os seus próprios oficiais, à hora sexta. Foram até às tendas deles e partiram-nas. Depois dirigiram-se para a [tenda] imperial e atiraram-se-lhe com muitos insultos e imprecações, jurando que não mais suportariam a sua desmedida avareza e a sua má orientação.

O outro, profundamente atemorizado pela imediatez da revolta, levantou-se da mesa e, em primeiro lugar, tentou apaziguar o exército, através de Nicéforo e Pedro, patrícios, com juramentos e orações convincentes. Em seguida, os três desgraçados pararam um pouco e tomaram uma certa colina, esquecendo-se do feito que tinham entre mãos, enquanto gritavam "Senhor Misericórida" como se estivessem num sismo ou numa seca. Assim ele, que estava preparado para toda a má obra[1502], enganou a maioria dos oficiais com presentes escondidos, de noite. No dia seguinte ele mesmo, vindo por si próprio para o meio [dos soldados], falou para as multidões, tendo-os assegurado, com juramentos terríveis, acerca de

[1501] Κροῦμμος: em transliteração, "Kroummos".
[1502] ὁ δὲ πρὸς πᾶσαν κακουργίαν ἕτοιμος

toda a benesse e do igual amor para com os seus filhos[1503]. E logo abalou para a cidade imperial, após ter ordenado a Teodósio, patrício e *promoskrinion*, o chamado Salibaras, que se informasse acerca de quem eram os revoltosos, através do que diziam uns para os outros[1504]. Enquanto as multidões regressavam, avançou para lhes dar o pagamento, em São Mamede, mas castigou a maioria com chicotadas, mutilações e exílios. Deportou os restantes para Crisópolis, tendo assim pisado aqueles tamanhos e terríveis juramentos. Eles, deste modo, apelidaram o local de passagem[1505] rio ígneo, por causa da desgraça.

A.M. 6302

Neste ano Nicéforo, após os castigos ateus[1506] [que impusera], procurando humilhar os soldados por todos os meios, afastou os Cristãos de todo o *thema*, ordenou que fossem para as Esclavínias e que as propriedades deles fossem vendidas. E este feito não foi menor que uma cativação, sendo que muitos, num estado de loucura, blasfemavam e pediam que viessem ataques de inimigos. Outros, por sua vez, lamentavam-se junto às sepulturas ancestrais e felicitavam os que haviam falecido: houve também quem recorresse a cordas para libertação dos seus trabalhos[1507]. De facto, eles não podiam transferir as suas posses, que eram difíceis de carregar, e viam destruída a propriedade herdada dos lavores dos antepassados. Toda uma aflição a todos tomava, tanto aos pobres, nestas coisas e nas que serão contadas de seguida, como aos que tinham propriedades, que sofriam com os outros e que não eram capazes de os ajudar enquanto esperavam por desgraças mais profundas. Estas coisas começaram a partir do mês de setembro e foram concluídas na Santa Páscoa.

Com esta, ele ordenou [que se realizasse] uma segunda opressão: que os pobres fossem soldados e que fossem armados pelos vizinhos, fornecendo ao tesouro público cerca de dezoito

[1503] καὶ τὰ τῆς ἴσης πρὸς τὰ τέκνα στοργῆς
[1504] δι᾽ἀλλήλων
[1505] τὸ Πέραμα: designadamente a passagem de Gálata para Constantinopla, no Corno de Ouro: cf. MANGO & SCOTT 1997 667, n. 17.
[1506] μετὰ τὰς ἀθέους ὑπεξελεύσεις
[1507] *i.d.*: enforcaram-se

nomismata e meio e juros por responsabilidade mútua[1508]. Uma terceira maldade: que todos fossem recenseados e que os seus impostos fossem aumentados, entregando ainda dois *keratia* por causa dos tabulários. Como quarta, ordenou que todas as remissões fossem aumentadas. Quinta, que se exigisse o imposto do *kapnikon* aos *paroikoi* das casas santas, do Orfanato, dos Hospícios, das casas para idosos e ainda de igrejas e mosteiros imperiais, a contar desde o primeiro ano da tirania dele. Ordenou ainda que as porções mais importantes das propriedades deviam ser arrastadas para a Curadoria imperial, de tal forma que os rendimentos delas deveriam reverter para as propriedades e para os *paroikoi* que lá permanecessem, nas mesmas casas santas. Isto para que os impostos de muitos fossem duplicados, ao mesmo tempo que as propriedades e terras deles eram diminuídas. Sexta, que aqueles que tivessem recuperado rapidamente da pobreza deviam ser vigiados pelos generais, e que lhes devia ser exigido dinheiro como se eles tivessem encontrado tesouros. Sétima, que aqueles que tivessem encontrado, desde vinte anos atrás até ao presente, um jarro ou um cofre, que esse dinheiro também lhes devia ser retirado. Oitava, que aqueles que haviam recebido heranças divididas de avós ou de pais, e que eram pobres, deviam entregar impostos ao Tesouro Público durante vinte anos; e ordenou que aqueles que haviam comprado escravos domésticos[1509] fora de Abido, e sobretudo no Dodecaneso, deviam pagar um imposto de dois *nomismata*. Nona: que aqueles que viviam junto ao mar, sobretudo na Ásia Menor, que eram proprietários de navios e que nunca haviam trabalhado no campo, deviam comprar, ainda que o não quisessem, as propriedades que haviam sido por ele apropriadas, para que lhe dessem lucro[1510]. Décima: após ter reunido os proprietários de navios mais destacados de Constantinopla, deu-lhes um imposto de doze litras de ouro com a taxa de um *nomisma* por quatro *keratia*, para além dos impostos usuais.

Estas coisas, entre muitas outras, são brevemente escritas por mim, que revelo a forma da avareza dele, que era ardilosa. De facto, estão para além da escrita as coisas praticadas na cidade imperial

[1508] ἀλληλεγγύως
[1509] σώματα οἰκετικά: traduzido à letra, «corpos domésticos».
[1510] ὡς ἄν ἐκτιμηθῶσι παρ᾽αὐτῷ: construção ambígua.

aos que estavam no governo, aos que estavam no meio e aos pobres, terríveis. Ele procurava saber como é que alguns viviam em casa e, subornando os serviçais que eram míseros, atacava os senhores; no início parecia hesitar sobre as coisas relatadas, mas depois certificava as falsas acusações. Da mesma forma, também recorreu a pessoas indignas contra pessoas dignas, honrando com dignidades aqueles que delatavam com precisão. Arruinou muitos dos habitantes das casas, desde a primeira até à terceira geração, na esperança de os fazer cair rapidamente e de ser o seu herdeiro.

Isto é digno de se recordar, por servir de entretenimento e de exemplo. Um certo vendedor de velas estava no Fórum, sendo que vivia sem dificuldades à conta do seu trabalho. O voraz[1511], depois de o convocar, diz: "Coloca a tua mão na minha cabeça e jura-me quanto ouro é que tens." Durante algum tempo o outro recusou, como sendo ele indigno, até que foi coagido por ele a fazer isso. E disse que tinha cem litras de ouro. [O imperador] ordenou, naquele instante, que essa soma fosse trazida, dizendo: "Que necessidade tens tu de tamanha preocupação? Vem jantar comigo, pega em dez *nomismata* e vai embora satisfeito."

A.M. 6303

Neste ano Nicéforo esticou os seus desígnios contra os Cristãos, designadamente através de inspeções ateias[1512] sobre a compra de todo o tipo de animais, gado e produtos; através de injustas confiscações e castigos sobre os que estavam no poder; e através de práticas de usura sobre embarcações – ele, que legislou para todos que não se deveria praticar usura! Pensou em muitas outras miríades de males, mas a história delas, em todos os detalhes, seria tediosa àquele que procurasse saber as coisas de uma forma sucinta.

Assim, no dia um do mês de outubro, numa terça-feira, uma certa pessoa desconhecida, com o hábito de um monge, apropriou-se de uma espada de um dos generais e entrou a correr no palácio, procurando matar Nicéforo. Dois dos [soldados] que estavam em guarda correram para ele, tendo sido terrivelmente feridos por

[1511] ὁ παμφάγος
[1512] ἐποψίας ἀθέους

aquele. Por seu turno, quando foi capturado e muito castigado, indicou, como pretexto, que estava endemoinhado, sem que tivesse delatado alguém. O imperador, então, prendeu-o a um cepo em conjunto com os que sofrem [de doenças mentais]. Muitos pressagiaram, a partir disto, que aquilo era o sinal de um grande mal para aqueles que detinham o poder e para aqueles que estavam sob a mão dele, tal como havia ocorrido sobre o ímpio Nestório.

Ele era um amigo ardente dos Maniqueus, que agora se chamam Paulicianos, assim como dos vizinhos destes, os Atínganos da Frígia e da Licaónia, alegrando-se com os oráculos e iniciações deles. Entre outras coisas, ele chamou-os quando Bardânio, o patrício, se lhe opôs, e submeteu-o através das magias deles. Com efeito atou um touro, numa espécie de cisterna[1513], a uma vara de ferro, pelos cornos, inclinado para o chão, e fez com que ele fosse abatido assim, rebaixado e gatinhando: depois moeu a veste dele[1514] num moinho que se movia na direção contrária e, depois de ter recorrido a encantações, tomou uma vitória[1515]. Deus permitiu-o graças à multidão dos nossos pecados[1516]. Aqueles sobreditos tiveram permissão, durante seu reinado, para fazerem parte do governo do país[1517] sem medo. E muitos dos mais levianos foram corrompidos pelas suas opinões ilícitas[1518].

Por outro lado, havia, no Hexaciónio, um certo pseudo-eremita, de nome Nicolau, e outras pessoas que estavam com ele, que estavam contra a fé correta e que blasfemavam contra os augustos ícones[1519]. Nicéforo apoiava-os, fazendo entristecer o patriarca e todos os que viviam de acordo com Deus. Efetivamente, ele irritou-se[1520] várias vezes contra estes, que acusavam aqueles,

---

[1513] ἔν τινι λάκκῳ: não é claro a que é que se refere a palavra λάκκος, neste contexto.

[1514] τούτου: de Bardánio, presumivelmente

[1515] νίκην ἤρατο: não é claro a que se refere esta vitória. Quiçá uma vitória militar, ou contra uma possível usurpação.

[1516] παραχωρήσαντος τοῦ θεοῦ διὰ πλῆθος ἁμαρτιῶν ἡμῶν

[1517] πολιτεύεσθαι

[1518] ταῖς ἀθεμίτοις […] δόξαις

[1519] κατὰ τοῦ ὀρθοῦ λόγου καὶ τῶν σεπτῶν εἰκόνων ἐβλασφήμουν

[1520] ἠγανακτήθη: ainda que este verbo esteja na voz passiva, lemos a passagem atribuindo-lhe um sentido médio, como ocorre noutras passagens da *Cronografia*. Seguimos a leitura de João Classeno, que achamos leitura preferível àquela de Mango e Scott, que preferem subentender que Nicéforo teria sido repreendido pelo patriarca Nicéforo. Essa opção, cremos, leva a erros de concordância com os particípios presentes da mesma frase, que estão no nominativo e que se reportam, indubitavelmente, ao imperador.

muito se regozijando, por sua vez, com as inimizades de uns para os outros e fazendo pouco de todo o Cristão que amava o próximo, visto ser ele um destruidor dos mandamentos divinos. Ele preocupava-se em movimentar processos, justos e injustos, a todo o Cristão, no *kolasterio* da Magnaura, para que ninguém pudesse reflectir contra as impiedades dele. Ordenou que os oficiais militares utilizassem os bispos e os clérigos como se fossem escravos, que se estabelecessem oficialmente nos episcopados e nos mosteiros e que abusassem das coisas deles. Censurou aqueles que outrora haviam consagrado vasos de ouro e de prata a Deus, e dogmatizou que era digno usar os objetos sagrados das igrejas para uso público, tal como Judas fez com a unção do Senhor[1521]. Culpou todos os que haviam governado antes dele como sendo incapazes de conduzir [os assuntos públicos] e, de uma forma geral, rescindiu da Providência, dizendo que ninguém era mais forte do aquele que detinha o poder, se o que governasse tivesse o poder com habilidade. Mas ele, que estava para ser morto por Deus[1522], enlouquecia nos seus desígnios[1523].

Então, no mês de fevereiro da mesma quarta indicção, no primeiro sábado da Quaresma, em Eucaíta, os Sarracenos caíram sobre Leão, general dos Armeníacos[1524], assim como sobre os salários do *thema*, e arrebataram-nos, juntamente com uma grande multidão do exército[1525]. Havia treze talentos de ouro, que é o mesmo que mil e trezentas litras. E nem assim [Nicéforo] se conformou em parar com a sua avareza. O novo Acabe, pois, sem ter sido educado por tais sinais, mais insaciável do que Fálaris e Midas, preparou-se com Estaurácio, o seu filho, contra os Búlgaros. A […] do mês de maio, ele saiu da cidade imperial e ordenou a Nicetas, patrício e *logothetes* geral, que os impostos das igrejas e dos mosteiros fossem coletados e que fossem exigidos oito anos de impostos atrasados às casas dos governantes. E houve um grande lamento. Foi repreendido, porém, por um certo serviçal íntimo, por Teodósio digo, o Salibaras, que era patrício, dizendo: "Todos nos

[1521] τὸ δεσποτικὸν μῦρον: *cf*. Jo 12, 5.
[1522] θεόκταντος
[1523] Rm. 1, 21.
[1524] Ἀρμενιάκων
[1525] λαοῦ

gritam, ó senhor, e, num momento tentador, todos se regojizarão com a nossa queda." Ele diz-lhe: "Se Deus, ao endurecer, endureceu o meu coração, como ao do Faraó[1526], que haverá de bom aos que estão sob mim? Vindo de Nicéforo, ó Teodósio, não esperes outras coisas que não as que estão a ser vistas por ti!" Estas coisas, Deus o sabe, eu próprio, o que escrevo, as ouvi da viva voz de Teodósio.

Reuniu assim os exércitos, não somente os da Trácia, mas também os *themata* asiáticos[1527] e ainda muitos pobres, armados com fundas e bastões dos seus próprios salários, que blasfemavam [contra ele] juntamente com os soldados: e abalou contra os Búlgaros. Por seu turno, Crum, temendo as multidões, que estavam nas Marcelas, começou a pedir a paz. O outro, no entanto, impedido pelos seus próprios maus conselhos e pelas propostas dos correligionários que decidiam com ele, recusou-a. E, após muitas circunvalações por lugares inacessíveis, o impudente entrou negligentemente na Bulgária, no dia vinte do mês de julho. Foi a ascensão desastrosa de um cão. Ele cantava frequentemente o "Quem avançará e enganará Acabe?[1528]", dizendo: "pois tanto Deus como o Adversário o arrastam contra a vontade".

Antes de ele entrar [na Bulgária], o serviçal mais próximo dele, [de nome] Bizâncio, fugiu das Marcelas para Crum, tendo arrebatado consigo uma veste imperial e cem litras de ouro. Muitos pressagiaram que a fuga daquele era má para Nicéforo. Durante três dias, após os primeiros recontros, ele não atribuiu a glória que lhe parecia ser próspera a Deus, que outorga as vitórias[1529], mas somente proclamava o sucesso e o bom desígnio de Estaurácio: e passou a ameaçar os que haviam obstado ao ataque. Por outro lado, ordenou que os animais de carga, os rebentos e as pessoas de todas as idades fossem mortos sem misericórdia. Deixou os corpos mortos dos seus correligionários sem sepultura, preocupando-se somente com a coleta dos despojos. Impôs barras e marcas nos tesouros de Crum, como se estivesse a assegurar as suas coisas. Depois cortou as orelhas e outros membros dos Cristãos que tocassem nos despojos e

[1526] Ex. 7, 3; 7, 22.
[1527] περατικῶν
[1528] 1 Rs. 22, 20-21. No "espírito da mentira" do versículo 21, o imperador Iê Satanás, o Adversário de Deus.
[1529] τῷ κατευοδοῦντι θεῷ τὰ τῆς νίκης

queimou a chamada corte[1530] de Crum. Este foi severamente humilhado, de tal modo que revelou: "Eis, venceste. Pega no que quer que te seja agradável e parte em paz!" Porém, o inimigo da paz não a aceitou.

Ele [Crum] ficou irritado à conta disto, pelo que enviou [soldados] e apoderou-se das entradas e saídas da região, bloqueadas com paliçadas de madeira. Nicéforo, ao saber disto, ficou logo como que estupidificado sobre o que devia fazer: e deambulou sem saber como agir. E falava da perdição aos que estavam com ele: "Mesmo se tivéssemos asas, que ninguém espere que fugiríamos à morte!". Estas maquinações duraram dois dias, quinta e sexta-feira: e, na noite de sábado, também os tumultos de multidões armadas a todos enervavam, ouvidos em torno de Nicéforo e dos que estavam com ele. Depois, antes do nascer do dia, os bárbaros avançaram contra a tenda de Nicéforo e dos potentados que estavam com ele e mataram-no de forma lamentável. Entre os mortos também se encontravam Aécio, o patrício; Pedro, o patrício; Sisínio Trífílio, patrício; Teodósio patrício, o Salibaras, o que muito havia perturbado a beata Irene e lhe havia infligido muitas coisas más; o prefeito patrício; Romano, patrício e general dos Anatólicos; muitos outros *protospatharioi* e *spatharioi*; os generais dos *tagmata*; o *domesticus excubitum*; o *drungarios* da *bigla* imperial; o general da Trácia; muitos oficiais dos *themata*, juntamente com contingentes inumeráveis; e foi ainda destruída toda a fina flor dos Cristãos. Todas as armas foram perdidas, assim como o aparato do império. Que não aconteça que os Cristãos conheçam de novo o que é descrito pelas desencantadas palavras deste dia, visto estarem além de todo o lamento! Estas coisas aconteceram no dia vinte e seis do mês de junho, da quarta indicção. Crum, por sua vez, cortou a cabeça de Nicéforo e dependurou-a numa estaca durante muitos dias, para a exibir aos povos[1531] que vinham ter com ele e para nos envergonhar. Após isto, pegou nela, desnudou-a, revestiu o osso com prata pela parte de fora e fez com que os chefes dos Esclavenos bebessem dela, enquanto se vangloriava.

[1530] τὴν λεγομένην αὐλὴν
[1531] ἐθνῶν: significando, provavelmente, tribos.

Num só dia surgiram assim muitas viúvas e órfãos. Houve um lamento incontrolável, ainda que a matança daquele [de Nicéforo] aparecesse como o consolo de muitos. Nenhum dos que se salvaram descreveu detalhadamente a forma da matança dele: pois dizem algumas pessoas que uns Cristãos o mataram à pedrada, assim que ele caiu. Quanto aos serviçais efeminados dele, com os quais tinha relações [sexuais], alguns morreram no fogo da trincheira, ao passo que outros morreram à espada com ele. Nunca havia calhado aos Cristãos, em nenhuma altura, [um jugo] tão pesado como o dele. Efetivamente, ultrapassou todos os que haviam governado antes de si em avareza, em intemperança e em bárbaras crueldades. Dissertar em detalhe acerca disto será difícil de acreditar aos que vieram depois e é-nos difícil de fazer. Para além de que, de acordo com o provérbio, o tecido é revelado pela bainha[1532].

Estaurácio, o seu filho, foi também ferido, de forma mortal, no lado direito da espinha. Saiu da batalha a custo com vida e chegou a Adrianópolis, terrivelmente abatido pelo golpe. Já Estevão, o patrício e *domesticus* das *scholae*, enquanto também estava presente o *magister* Teoctisto, aclamou Estaurácio como imperador e [este] falou com o exército[1533] que se tinha salvo contra o seu próprio pai: e eles ficaram muito agradados. Miguel, o *couropalates*, que se salvou incólume, foi muito solicitado pelos amigos para ser aclamado imperador: mas não o aceitou por causa dos juramentos para com Nicéforo e Estaurácio. Estêvão, o *domesticus*, falou contra este, com a esperança de que Estauráquio viveria. Já o *magister* Teoctisto apoiava que Miguel fosse imperador. Então Estauráquio, após uma violenta hemorragia que veio da urina, ficou com as coxas e as pernas completamente murchas, pelo que ele teve que ir de liteira para Bizâncio.

O patriarca Nicéforo, que era muito íntimo dele, aconselhou-o a propiciar a Deus e a retificar os que haviam sido defraudados pelo seu pai. Ele, legítimo herdeiro do caráter paterno, dizia-lhe que não podia devolver mais do que três talentos. Isto era uma pequena porção das injustiças do outro. Além disso, ele hesitava mesmo em torno desta quantia, porque estava a ver se viveria. Por outro lado,

[1532] πλὴν ἐκ τοῦ κρασπέδου τὸ ὕφασμα πρόδηλον
[1533] λαῷ

uma vez que possuía o implacável caráter paterno, ele desonrava de uma forma contínua o *magister* Teoctisto, Estêvão, o *domesticus,* e Miguel, *couropalates*. Também se afastava, em todas as coisas, de Procópia, a sua própria irmã, como tendo ela armado insídias contra ele, pelas admonições da Augusta Teófano. De facto, a desgraçada[1534], em imitação da beata Irene, esperou poder ter de imediato o império, ainda que não tivesse filhos. Estaurácio, depois, ao ver-se a si próprio prostrado de uma forma incurável, apressou-se a preservar o império para a sua mulher, em vez de incutir uma revolta[1535] aos Cristãos por cima dos males que haviam ocorrido.

Alarmardos com isto, o patriarca Nicéforo, o *magister* Teoctistos, o *domesticus* Estêvão e Miguel o *courolopates* saíram de uma grande inimizade de uns para com os outros para entrarem numa amizade, pelos finais do mês de setembro, quinta indicção. Então, ao entardecer do primeiro dia do mês de outubro, Estaurácio chamou Estêvão, o *domesticus*, e começou a perguntar-lhe como poderia ele trazer Miguel, o seu cunhado, da casa dele, a fim de que o cegasse. Quando o outro lhe disse que isso seria impossível àquela hora por causa da guarnição em torno dele e por causa da segurança do lugar e da casa, passou a pedir-lhe para não revelar a ninguém as coisas ditas.

Em seguida, após o ter convencido com palavras apropriadas a estar ocioso durante toda a noite, Estêvão congregou os exércitos dos *tagmata* que haviam sobrado, no hipódromo coberto, com os seus próprios oficiais, para aclamarem Miguel como imperador. E, quando todo o Senado veio, com o nascer do sol, para o palácio, aclamaram-no como imperador, como será revelado mais à frente. Nicéforo, o patriarca, exigiu um escrito da mão de Miguel acerca da fé correta e em como protegeria as suas mãos sem as sujar com sangue de Cristãos. Pediu também garantias acerca dos homens sacerdotais ou monacais e de toda a ordem eclesiástica, para que não fossem por ele agredidos.

[1534] ἡ τάλαινα
[1535] δημοκρατίαν

A.M. 6304

Neste ano, no dia dois do mês de outubro da quinta indicção, quinta-feira, na primeira hora, o piíssimo[1536] *couropalates* Miguel foi aclamado como imperador dos Romanos no Hipódromo, por todo o Senado e pelos *tagmata*. Já Estaurácio, ao ouvir acerca da aclamação dele, tonsurou imediatamente o cabelo e revestiu-se de roupagens monásticas, por intermédio do monge Simão, seu familiar, enquanto muito clamava pelo patriarca. Este, quando chegou ao palácio, pedia muito a Estaurácio, juntamente com o imperador Miguel e a irmã, que não se perturbasse com o acontecido: pois [a coroação havia ocorrido] não por uma conspiração, mas por causa do desespero em torno da vida dele. O outro, porém, enfurecido com a maldade que era do seu pai[1537], não condescendeu, dizendo-lhe: "não encontrarás um amigo melhor do que eu![1538]".

Depois, à hora quarta do dia, Miguel foi coroado pelo patriarca Nicéforo no *ambo* da Grande Igreja, havendo uma grande alegria por causa disto. Ele presenteou o patriarca com cinquenta litras de ouro e o clero com vinte e cinco. De facto, sendo de elevado espírito e liberal, deu alento a todos os que haviam sido injustiçados pela avareza de Nicéforo e restabeleceu o Senado e os exércitos com presentes. Então, no dia doze do mesmo mês, Procópia foi coroada como Augusta no *triclinium* do Augusteu: e ela[1539] honrou o Senado com muitos presentes. Por seu turno, presentou com cinco talentos de ouro as mulheres dos soldados dos *themata* que haviam sido mortos na Bulgária. Enriqueceu também Teófano, a mulher de Estaurácio, que se havia tornado monja, assim como os familiares dela, que haviam vivido miseravelmente sob Nicéforo: entregou-lhes, entre outras coisas, uma distinta casa a ser convertida em mosteiro, chamada "As Hebraicas", onde Estaurácio foi enterrado. Por outro lado, enriqueceu todos os patrícios, senadores, arcebispos, sacerdotes, monges, soldados e pobres, os que estavam na cidade

[1536] ὁ εὐσεβέστατος

[1537] πατρικῇ πονηρίᾳ

[1538] φίλον αὐτοῦ κρείττονα οὐχ εὑρήσεις: a tradução da frase grega corresponderia a «Não encontrarás um amigo mais forte do que ele!», o que não parece fazer sentido dentro do contexto (a não ser que consideremos que é sarcasticamente dita). A versão latina para esta passagem, que aqui seguimos, tem *amicum meliorem me non habebis*.

[1539] Este pronome pessoal não está explícito no texto grego. Pressupomos, pelo contexto, que o sujeito deve ser a augusta Procópia e não o imperador Miguel.

imperial e os dos *themata*, de tal forma que em poucos dias a imensurável avareza de Nicéforo, por causa da qual também morreu terrivelmente, foi eliminada.

Para além destas muitas e belíssimas características dele, sendo pio e ortodoxíssimo[1540], perturbava-se por causa das pessoas que entravam em cisma[1541] com a Santa Igreja sobre qualquer tipo de causa, justa ou injusta, e não parou de pedir ao santíssimo patriarca e aos poderosos que trabalhassem em conjunto para a paz comum. Entre outras coisas, ele também se apressou para que Teodoro, hegúmeno de Estúdio, se unisse a Platão e a José, arcebispo de Tessalónica, irmão de Teodoro, que estavam constrangidos a lamentáveis prisões com outras pessoas destacadas do mosteiro deles: coisa que fez. Enviou ainda [uma embaixada] para Carlos, imperador dos Francos[1542], acerca da paz e de um casamento com Teofilacto, o seu filho. E Nicéforo, o santíssimo patriarca, enviou uma carta sinodal para Leão, o santíssimo papa de Roma: de facto, antes disso fora impedido de o fazer por Nicéforo.

Depois, no dia vinte e cinco do mês de dezembro da quinta indicção, Miguel, o sereníssimo[1543], coroou Teofilacto, o seu filho, como imperador, através do patriarca Nicéforo, no *ambo* da Grande Igreja, a uma quinta-feira. E levou um ornamento de elevado preço ao santo altar – vasos de ouro com pedras [preciosas] e quatro tiras antigas de ouro e púrpura, brilhantemente compostas e com admiráveis imagens santas muito bem ordenadas. Presenteou ainda o patriarca com vinte e cindo litras de ouro e deu cem litras ao santo clero[1544], tendo abrilhantado a Santa Festa e a proclamação do filho.

Movido por um grande zelo vindo de Deus, o santíssimo imperador[1545] declarou a pena capital contra os Maniqueus, os que agora se chamam Paulicianos, e contra os Atínganos que estavam na Frígia e na Licaónia, graças aos conselhos de Nicéforo, o santíssimo patriarca, e de outras pessoas pias. Todavia, recuou por causa de uns outros maus conselheiros, que usavam a desculpa do

[1540] εὐσεβὴς καὶ ὀρθοδοξότατος ὤν
[1541] ἐπὶ τοῖς ἀποσχίζουσιν
[1542] βασιλέα τῶν Φράγγων
[1543] γαληνότατος
[1544] τῷ εὐαγεῖ κλήρῳ
[1545] ζήλῳ δὲ θεοῦ πολλῷ ὁ εὐσεβέστατος βασιλεὺς

arrependimento [dos heréticos], ainda que fosse impossível aos que fossem apanhados em tal erro arrependerem-se. Por outro lado, eles dogmatizavam, sem conhecimento, que não era possível aos sacerdotes impor a morte contra os ímpios, estando completamente em contradição com as santas Escrituras acerca disto. Efetivamente, se Pedro, o corifeu[1546], condenou à morte Ananias e Safira somente por uma mentira[1547]; se Paulo, por seu turno, o Grande, grita dizendo: "os que fazem estas coisas são dignos de morte"[1548] – e isto somente acerca do pecado corporal – então como é que não estão em contradição com estes os que retiram da espada aqueles que estão cheios de toda a impureza espiritual, corporal e das adorações de demónios? Mas, mesmo assim, o pio imperador Miguel matou não poucos destes.

Estaurácio estava, à conta do golpe mortal, ulcerado nas partes inferiores: de tal maneira que ninguém se conseguia aproximar dele por causa do mau cheiro. Morreu no dia onze do mês de janeiro da quinta indicção, tendo reinado, nominalmente, dois meses e seis dias.

No dia catorze do mês de maio, uma quinta-feira, ocorreu um grande eclipse solar, durante três horas e meia, desde a oitava hora até à hora décima primeira. E, no dia sete do mês de junho, Miguel saiu contra os Búlgaros, sendo que Procópia saiu com ele até Tzurulo. Crum, o líder dos Búlgaros, havia tomado Develtos com um cerco e transferido os que lá estavam juntamente com o bispo, que por sua vez tinham passado para o lado dele. Graças à péssima deliberação daqueles que aconselhavam o imperador, as tropas[1549] verteram-se para uma insídia, com insultos, sobretudo os [contingentes] do Opsício e dos Tracesianos. Miguel silenciou-os, tendo-os apaziguado com presentes e exortações.

Já os Búlgaros, ao saberem das coisas relativas à insurreição dos soldados e que eles, terrificados pela guerra, estavam indisciplinados para com os seus deveres, apoderaram-se ainda mais da Trácia e da Macedónia. Foi quando os Cristãos abandonaram Anquíalo e Beróia e fugiram, ainda que ninguém os

[1546] ὁ κορυφαῖος
[1547] Act. 5, 1-10
[1548] Rm. 1, 32
[1549] τὰ πλήθη: à letra, «as multidões»

estivesse a perseguir. Abandonaram igualmente Niceia, a fortaleza da Ovelha[1550] e outros fortes muito bem munidos, assim como Filipópolis e Filipos. Depois, os habitantes do Estrimão aproveitaram esta oportunidade e regressaram para as suas casas, fugindo. Isto foi a vingança divina[1551] a acusar a loucura de Nicéforo: à conta dela, os feitos dele, que pareciam ter tido um bom sucesso, e sobre os quais se vangloriava, caíram rapidamente.

Então aqueles que se escusavam de acusar as más opiniões de muitos, as heresias que se propagavam daqueles que combatiam contra Deus[1552], os Paulicianos, os Atínganos, os Iconoclastas e os Tetraditas (demito-me de referir os adultérios e as prostituições, as licenciosidades e os perjuros, o ódio aos irmãos, as avarezas e restantes transgressões da lei), começaram a movimentar as línguas contra os divinos e augustos ícones e contra o hábito monástico[1553], alegrando-se com Constantino, o abominável a Deus e três vezes desgraçado[1554], por ter ele surgido superior contra os Búlgaros graças – como aqueles desgraçados diziam impiamente – à piedade que ele tinha.

Os que estavam na cidade imperial armaram-se para desfazerem a fé ortodoxa, [mesmo] após o Concílio Ecuménico. Eles queriam, afetados nas suas almas, que os cegos fossem imperadores. Quiseram esconder durante a noite e trazer para o exército os filhos de Constantino, o que lutava contra Deus[1555], que estavam guardados na ilha de Panormo. Mas o Senhor envergonhou-os, ao levantar o piíssimo[1556] Miguel como juiz da verdade. Efetivamente, falou aos exércitos[1557] com verossimilhança acerca da fé, sem hipocrisia. Depois regressou para a cidade imperial e assustou a maioria dos revoltosos através de alguns golpes, após ter pensado num sábio estratagema. Exilou também os filhos cegos de Constantino para Afúsia. Por outro lado, cortou a língua a um pseudoeremita que por lá andava, co-mágico de Nicolau o

[1550] Προβάτου
[1551] θεομηνία
[1552] τὰς θεομάχους αἱρέσεις πλεοναζούσας
[1553] κατὰ τῶν θείων καὶ σεπτῶν εἰκόνων καὶ τοῦ μοναδικοῦ σχήματος
[1554] θεοβδέλυκτον καὶ τρισάθλιον
[1555] τοῦ θεομάχου
[1556] τὸν εὐσεβέστατον
[1557] τοῖς λαοῖς

Hexaciónio, que havia esgravatado[1558] e desonrado[1559] uma imagem da completamente santa Mãe de Deus[1560]. Este morreu juntamente na alma e no corpo. Por outro lado, expôs em público[1561] o que pensava como este, Nicolau, que anunciava que renunciava a todas as coisas, confessando os seus maus feitos. E entregou-o a um mosteiro, para que não vivesse de forma independente. Então falou à população[1562] através de um *silentium*, a partir da Magnaura, e revelou os dogmas da sua pia opinião, concordantes com Deus[1563]. Depois de ter confiscado [as propriedades dos] Atínganos, entregou-os ao exílio através de Leão, o general dos Anatólicos.

Em seguida, no mês de agosto da quinta indicção, Tabite militou contra os Cristãos. Leão, o general dos Anatólicos, encontrou-se com ele em batalha e destacou-se, após ter matado dois mil, levando cavalos e armas. Já Maomé, o filho primogénito de Aarão, tomou conta do poder da raça [Árabe] e, depois de se encontrar em batalha com o irmão dele, Abedalá, na Pérsia interior, foi derrotado. Refugiou-se em Bagdade e apropriou-se dela. Um outro tirano apoderou-se de Damasco e dois outros dividiram o Egito e a África. E um outro pilhou, piraticamente, a Palestina.

A.M. 6305

Neste ano Crum, o chefe dos Búlgaros, enviou de novo uma embaixada ao imperador Miguel acerca da paz, por intermédio de Dargamero, pedindo os termos de paz que haviam sido firmados no tempo de Teodósio de Adramítio e do patriarca Germano para com Cormésio, que naquele tempo era o senhor da Bulgária. Estes termos delimitavam [as fronteiras] a partir das montanhas desde Meleones[1564], na Trácia, [assim como um tributo] de roupas e peles vermelhas até ao valor de trinta litras de ouro. E, para além disso, determinavam que os fugitivos de cada um dos lados deviam regressar para cada parte, mesmo se tivessem feito insídias contra os seus soberanos, e que aqueles que viajassem para cada uma das

[1558] ξέσαντα
[1559] ἀτιμάσαντα
[1560] τῆς παναγίας θεοτόκου
[1561] ἐθριάμβευσεν
[1562] τοῖς λαοῖς
[1563] τὰ τῆς κατὰ θεὸν αὐτοῦ εὐσεβοῦς γνώμης ἐφανέρωσε δόγματα
[1564] ἀπὸ Μηλέωνων: *i.e.*, "Pomares de Macieiras".

terras deviam estar autorizados com selos e diplomas, sendo que se deveria retirar as propriedades àqueles que não tivessem diplomas, as quais deviam ser transportadas para o tesouro público. Escreveu ainda algumas ameaças ao imperador: "Se não te apressares a fazer a paz eu vou, por tua culpa, montar armas contra Mesêmbria."

O imperador, ao receber estas coisas, não aceitou fazer paz, graças às instigações dos que mal o aconselhavam. De facto, pela aparência de uma falsa piedade, mas na realidade pelo pecado e pela destruição do bem comum[1565], os que decidiam com ele diziam que não se devia devolver aqueles que haviam fugido, pronunciando como testemunho também o dito evangélico do Senhor: "Àquele que vier a mim, de modo algum o lançarei fora.[1566]"

Assim, a meio do mês de outubro, Crum dispôs-se contra a Mesêmbria com armas de assédio, catapultas e engenhos de cerco, [a construção das] quais aprendeu à conta de Nicéforo, o destruidor dos Cristãos[1567]. De facto, quando ele militara em Adrianópolis, tomou um certo Árabe muito experiente em mecânica que se aproximara do batismo, sendo que não lhe deu nenhum socorro ou benesse que estivesse de acordo com a sua dignidade. Pelo contrário, diminuiu-lhe o salário e bateu-lhe muito severamente, quando ele murmurou. Ficou tão desesperado com o assunto que fugiu para os Búlgaros e ensinou-lhes toda a técnica de armas de cerco. [Crum], com estas coisas, estabeleceu-se e, como não havia ninguém que se lhe opusesse, na sequência de muita estupidez, tomou Mesêmbria durante esse mês.

No dia um do mês de novembro, o imperador chamou o patriarca, oprimido, para se aconselhar acerca da paz. Estavam também presentes alguns metropolitas, designadamente os de Niceia e de Cízico, sendo que os maus conselheiros também estavam presentes, com Teodoro, o hegúmeno de Estúdio. O patriarca e os metropolitas, por um lado, juntamente com o imperador, abraçaram a paz; os maus conselheiros, por outro, juntamente com Teodoro, o hegúmeno de Estúdio, rejeitaram-na, dizendo: "Não se deve abraçar a paz por cima da destruição de um

[1565] εὐσεβείας γὰρ δῆθεν ψευδοῦς, μᾶλλον δὲ ἀμαρθίας καὶ περὶ τὸ κοινὸν ἀπωλείας
[1566] Jo. 6, 37
[1567] καταλύτου τῶν Χριστιανῶν

comando divino. Efetivamente, ´àquele que vier a mim, não o lançarei fora´, disse o Senhor". Não sabiam nem o que diziam nem sobre as coisas que asseguravam. Em primeiro lugar porque, como não havia ninguém a fugir deles para nós, nós estaríamos a trair os que estavam dentro do acampamento[1568] [dos Búlgaros], sendo que os poderíamos ter salvo ao fazer a paz. Em segundo lugar, mesmo se alguns, raros, fugiram para nós, era sobretudo necessário tratar da salvação da maioria dos conterrâneos, em vez de nos enriquecermos com umas pessoas insignificantes e de pouco destaque. De facto, é agradável a Deus que sejam salvos muitos em vez de poucos. E é um lucro, de uma estupidez consumada, ser castigado em muitas coisas para ganhar uma pequena parte. Além disso, aquele que dispõe as coisas da sua própria casa de uma forma imprudente recusa a fé, de acordo com Paulo, e é julgado como pior do que um infiel[1569]. E ainda existe a passagem: "Estive pacificamente com aqueles que odiaram a paz"[1570]. São acaso eles mais sábios do que Paulo e David? Quem é agora mais sábio do que Germano, o três vezes beato[1571], a não ser talvez aqueles maus conselheiros em sua opinião que destrói a alma[1572], e que obstam à paz?

Estas coisas ocorreram no primeiro dia do mês de novembro, como é dito. Depois, no dia quatro do mesmo mês, um cometa foi visto com a forma de duas luas crescentes, a brilhar, e de novo a decrescer em formas diferentes, ao ponto de terem desenhado a disposição de um homem sem cabeça. E, no dia seguinte, chegou a notícia lamentável acerca da captura de Mesêmbria, a todos amedrontando por ser um anúncio de males maiores. Efetivamente, os inimigos, tendo-a encontrado preenchida com as todas as coisas úteis para a habitação de homens, apoderaram-se dela, em conjunto com Develtos, e encontraram nela trinta e seis sifões de cobre e uma não pequena quantida do fogo líquido que é emitido através deles. Encontraram ainda uma multidão de ouro e de prata.

[1568] τῆς αὐλῆς: esta palavra, quando aplicada aos Búlgaros, costuma referir-se ao seu acampamento militar.
[1569] 1 Tm. 5, 8
[1570] Ps. 119 (120), 7
[1571] τρισμάκαρος
[1572] κατὰ τὴν ψυχόλεθρον

Nesse mesmo ano, chegaram até ao Chipre muitos monges e leigos dos Cristãos que estavam na Palestina, assim como de toda a Síria, que fugiam à excessiva maldade dos Árabes. Pois, em virtude de uma anarquia universal que estava a grassar na Síria, no Egito, em África e em toda a terra que está sob eles [dos Árabes], eram cometidos, pela amaldiçoada nação deles[1573], assassínios, pilhagens, adultérios, licenciosidades e todas as ações odiadas por Deus. E os veneráveis lugares da santa cidade de Cristo nosso Deus – o da Ressureição, do Calvário e os restantes – foram profanados. Da mesma forma, também as famosas Lavras do deserto, de São Caritão e de São Sabas, assim como os restantes mosteiros e igrejas, foram esvaziados. Alguns [Cristãos], por um lado, foram assassinados como mártires; outros chegaram ao Chipre e, daí, a Bizâncio. Miguel, o pio imperador, e Nicéforo, santíssimo patriarca, receberam-nos amigavelmente. [O imperador] presenteou os que vinham para a cidade com um distinto mosteiro; por outro lado, enviou um talento de ouro aos monges e leigos que haviam permanecido no Chipre: e tratou deles de todas as maneiras. Pois Miguel era bom e adequado para com todos, ainda que fosse incapaz no que concerne à administração, escravo do *magister* Teoctisto e dos restantes governantes.

No mês de fevereiro, dois dos Cristãos que haviam fugido da Bulgária revelaram ao imperador que Crum se apressava para fazer uma emboscada repentina àqueles que estavam na Trácia. E, no dia quinze do mês, o imperador saiu da cidade e, pela providência de Deus[1574], Crum regressou sem nada realizar, depois de ter perdido não poucos [soldados]. O imperador, por seu turno, depois de ter chegado a Adrianópolis, e tendo posto em ordem as coisas dela, regressou com alegria. Quando chegou ao mosteiro de São Tarásio, do patriarca, celebrou os memoriais dele juntamente com a Augusta Procópia e cobriu o seu santo túmulo com folha de prata, de noventa e cinco litras.

Após a captura de Mesêmbria, o imperador recusou a paz proposta por Crum. Retirou soldados de todos os *themata* e ordenou que se passasse para a Trácia antes da primavera: como

[1573] θεολέστου ἔθνους, subentende-se que sejam os Árabes
[1574] θεοῦ προνοίᾳ

consequência, todos levaram a mal, sobretudo os Capadócios e os Armeníacos[1575]. Depois o imperador saiu, com os *tagmata*, no mês de maio, e de novo a Augusta Procópia saiu com ele até Aqueducto, perto de Heracleia. Por seu turno, as multidões [de soldados], irritadas por causa disso, começaram a difamar e a reprovar Miguel. Então, no dia quatro do mês de maio, ocorreu um eclipse do sol, no décimo quarto grau do Tauro, de acordo com o horóscopo[1576], quando o sol estava a nascer: e caiu um grande medo sobre as multidões. O imperador andava por volta da Trácia, juntamente com os generais e os soldados, sem avançar contra Mesêmbria nem fazer algo de útil para a subjugação dos inimigos, mas obedecendo somente às palavras vãs dos seus conselheiros, que não haviam experimentado a guerra e que diziam que o inimigo não ousaria vir ter com ele se ele estivesse na sua própria terra. E a multidão de concidadãos afastados dos bens necessários, e que pilhavam as pessoas da região em rapinas e coações, foi mais violenta do que um ataque bárbaro.

Depois, pelos inícios do mês de junho, Crum, o chefe dos Búlgaros, saiu juntamente com os seus próprios soldados, muito suspeitoso dos números dos Cristãos. Assim, acampou em Versinícia, a cerca de trinta milhas do acampamento militar. Leão, o patrício e general dos Anatólicos, e João, patrício e general da Macedónia, o Aplaces, estavando muito entusiasmados para batalhar, mas foram impedidos pelo imperador, graças aos maus conselheiros.

Enquanto que a cidade estava a rezar ladainhas com o arcebispo no templo dos Santos Apóstolos, alguns dos ímpios da impura heresia de Constantino, o detestado por Deus[1577], trancaram a porta dos sepulcros imperiais, uma vez que ninguém estava a prestar atenção por causa da concentração da multidão, e fizeram com que ela se abrisse de uma só vez com um certo estrondo, como se de uma certa manifestação divina[1578] se tratasse. Apressaram-se para dentro e caíram sobre a tumba do impostor[1579], invocando-o a

[1575] Ἀρμενιάκους
[1576] ὡροσκόπον: a palavra poderá designar, neste contexto, "cartas astronómicas".
[1577] τινὲς τῶν δυσσεβῶν τῆς μιαρᾶς αἱρέσεως τοῦ θεοστυγοῦς Κωνσταντίνου
[1578] ὡς ἐκ θείας τινὸς τερατουργίας
[1579] τοῦ πλάνου, *i.d.* de Constantino V

ele e não a Deus enquanto diziam: "Levanta-te e ajuda o país que está a ser destruído!" Depois espalharam rumores, segundo os quais ele havia surgido sobre um cavalo e avançava para lutar contra os Búlgaros: ele, que vive no Inferno com os demónios[1580]! Quando o prefeito da cidade os reuniu, em primeiro lugar começaram a mentir, dizendo que as portas dos sepulcros haviam sido abertas repentinamente, por força divina[1581]. Por outro lado, ao estarem perante o *bema* da Prefeitura, não foram capazes de dar um testemunho, pelo que confirmaram o embuste em torno da tranca da porta antes de lhes ser aplicado qualquer castigo. [O prefeito] colocou-lhes, com propriedade, uma tranca e atirou-os para uma pompa pública, enquanto eles gritavam a razão do castigo. Assim o Diabo, inventor da maldade[1582], educou[1583] os militares para que eles não acussassem os seus próprios pecados, mas sim a fé ortodoxa, herdada dos pais, assim como o santo hábito dos monges, que é a escola da filosofia concordante com Deus[1584]. Por outro lado, a maioria dos que blasfemavam estas coisas eram Cristãos somente na aparência, pois na realidade eram Paulicianos. Estes, sendo incapazes de expor os seus conspurcados dogmas[1585], corrompiam com esta desculpa os não-educados, alegrando-se com Constantino, o que pensava como um Judeu[1586], como sendo ele um profeta e um vencedor. E abraçavam a errada fé[1587] para destruírem a Economia da Encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Então, no dia vinte e dois do mês de junho, depois de os Cristãos e os Búlgaros terem disposto os exércitos não muito longe de Adrianópolis, os Cristãos tombam em grande número, terrivelmente, durante a batalha, sendo que os inimigos dominam de tal forma a luta que a maioria dos Cristãos recorreu a uma fuga total, mesmo sem sequer ter visto a primeira investida. De tal maneira que Crum, admirado, pensava que o que estava a acontecer era uma certa emboscada, e durante algum tempo impediu os

[1580] ὁ τάρταρον οἰκῶν μετὰ δαιμόνων
[1581] θεόθεν
[1582] ὁ τῆς κακίας εὑρετὴς διάβολος
[1583] ἐξεπαίδευσεν
[1584] τὸ τῆς κατὰ θεὸν φιλοσοφίας γυμνάσιον
[1585] τὰ ἑαυτῶν μυσαρὰ δόγματα
[1586] Ἰουδαιόφρονα
[1587] τὴν κακοδοξίαν

soldados dele de os perseguirem. Porém, depois de os ter visto a fugir sem ordem, perseguiu-os e matou muitas multidões, sendo que eles tomaram também o equipamento e o pilharam.

O imperador, fugindo, regressou para a cidade, insultando as multidões [de soldados] e os seus oficias, jurando ainda que resignaria do império. Entretanto, falou a Leão, patrício e general dos Anatólicos, em torno da possibilidade de este se apoderar do império, porquanto fosse pio, corajosíssimo e experimentado em todas as coisas. Uma vez, porém, que o outro recusou, permitiu que ficasse à frente dos *themata*, ao passo que o próprio chegou à cidade imperial no dia vinte e quatro do mês de junho, desejando abdicar do poder e nomear um outro. A sua mulher e os poderosos, porém, não concordaram com isto. Já Nicéforo, o santíssimo patriarca[1588], consentia nisso, pois se uma outra pessoa fosse eleita [como imperador], ele [o imperador Nicéforo] e os seus filhos estariam a salvo.

Os generais e as multidões [de soldados], ao saberem que o imperador havia fugido para a cidade imperial, perderam a esperança de ainda serem governados por ele e, decidindo entre eles, intimaram Leão, o patrício e general dos Anatólicos, para ajudar a causa comum e para proteger o país dos Cristãos. Durante algum tempo, este começou por recusar com muita insistência, tendo em conta a dificuldade do momento e o ataque insuportável dos bárbaros. Vigiava-se a si próprio para ser correto e sem dolos para os que estavam a governar. Porém, após ter visto o inimigo a sair contra a cidade, escreve a Nicéforo, o patriarca, certificando-o da sua ortodoxia e pedindo, com a prece e o assentimento dele, que fosse colocado no poder.

Depois veio para o Tribunal, diante da cidade, juntamente com os generais e com os soldados: e foi nomeado imperador dos Romanos com toda a legitimidade. Entrou em Constantinopla a meio do dia, pela Porta Dourada, e chegou ao palácio imperial. Miguel, por seu turno, ao ouvir a aclamação dele, refugiou-se, juntamente com Procópia e os seus filhos, no oratório do Farol: eles cortaram os cabelos e revestiram-se com os hábitos monásticos no dia onze de julho da sexta indicção, segunda-feira. No dia seguinte,

[1588] ὁ ἁγιώτατος πατριάρχης

[Leão], coroado pelo patriarca Nicéforo no *ambo* da Grande Igreja, ordenou que se fizessem preparações na cidade, sendo que ele, de *motu proprio*, andava pelas muralhas, de noite e de dia, a animar a todos com boas esperanças e a exortar que Deus fazia paradoxos[1589] rapidamente através das intercessões da completamente pura Mãe de Deus e de todos os santos[1590], não permitindo que fossemos completamente envergonhados à conta da multidão das nossas faltas[1591].

Por outro lado, Crum, o novo Senaqueribe, elevado pela vitória, depois de deixar o seu próprio irmão com uma força própria para sitiar Adrianópolis, veio com forças e cavalos sobre a cidade imperial, seis dias após Leão ser imperador. Andava em frente às muralhas, desde as Blaquernas até à Porta Dourada, ostentando a sua força. Após ter completado abomináveis e demoníacos sacrifícios na corrente virada para o mar da Porta Dourada, pediu ao imperador que impusesse a sua lança contra a própria Porta Dourada. Quando o outro não aceitou fazer isso, regressou para a sua tenda pessoal. Por outro lado, admirado com as muralhas da cidade e a organização disciplinada do imperador, e desesperando do cerco que tinha previsto, virou-se para as negociações e começou a tentar algumas palavras acerca da paz. O imperador agarrou esta oportunidade e tentou armar-lhe uma emboscada: mas foi impedido de levar isso a bom termo graças à multidão dos nossos pecados[1592], designadamente pela falta de capacidade dos que tinham este encargo, que o feriram, mas não lhe infligiram um golpe mortal. Aquele espírito vingativo, então, enlouquecido com isso, enviou uma incursão para São Mamede, queimou o palácio que lá estava e regressou, tendo carregado em carroças o leão de bronze do hipódromo, em conjunto com o urso e o dragão da fonte, e ainda mármores destacados. Isto após ter sitiado e tomado Adrianópolis.

[1589] παραδοξοποιήσαντος
[1590] τῆς παναχράντου θεοτόκου καὶ πάντων τῶν ἁγίων
[1591] διὰ πλῆθος πταισμάτων ἡμῶν
[1592] ὑπὸ τοῦ πλήθους τῶν ἡμετέρων ἁμαρτιῶν